ENCICLOPÉDIA do Cão

Royal Canin

ANIWA PUBLISHING

ROYAL CANIN

Diana caçadora
Escola de Fontainebleau (França) Paris, Museu do Louvre. Col.Giraudon, Paris.

1ª parte

De ontem a hoje
As raças caninas

Origens e evolução do cão

Se admitirmos que as origens da Terra remontam a cerca de 4 bilhões e meio de anos, as dos primeiros mamíferos (100 milhões de anos), dos primeiros canídeos (50 milhões de anos) e depois dos primeiros hominídeos (3 milhões de anos) parecem extremamente recentes. Com efeito, se compararmos a história da Terra a um percurso com a extensão de um quilômetro, a vida dos mamíferos representaria apenas os últimos metros e, a dos canídeos, os últimos centímetros!

Origem dos Canídeos

Os canídeos são mamíferos caracterizados por dentes caninos pontiagudos, uma dentição para um regime onívoro e um esqueleto dimensionado para uma locomoção digitígrada. Pertencem à ordem dos carnívoros, cujo desenvolvimento data do início da era terciária, nos nichos ecológicos abandonados pelos grandes répteis, eles mesmos desaparecidos no final da era secundária. Começaram a evoluir e a diversificar-se nessa época, no continente norte-americano, com o aparecimento de uma família de carnívoros parecendo-se com o nosso atual pequeno mustelídeo tipo das lontras: os miacídeos. Essa família prosperava no continente há 40 milhões de anos e abrangia 42 gêneros diferentes, enquanto só conta com 16 em nossos dias. A família dos canídeos atuais abrange três subfamílias: os cuonídeos (licaon), os otocinonídeos (otocion) da África do Sul e os canídeos (cão, lobo, raposa, chacal, coiote).

Evolução dos canídeos

Os canídeos substituíram progressivamente os miacídeos com o aparecimento do gênero hesperocion, muito difundido há cerca de 35 milhões de anos. O seu crânio e seus dedos já apresentavam analogias ósseas e dentárias como às dos lobos, dos cães e das raposas atuais, para poderem se apresentar na origem dessas linhagens.

O mioceno vê o aparecimento do gênero flacion, que devia parecer-se a um rato lavador mas, principalmente, do gênero Mesocion, cuja arcada dentária era comparável à do nosso cão atual. O perfil dos canídeos evolui, então, progressivamente com os gêneros Cynodesmus (parecendo-se ao coiote), em seguida Tomarctus e Leptocyon, para aproximar-se cada vez mais do nosso lobo atual ou mesmo do cão tipo Spitz, graças à redução e enrolamento do rabo, o alongamento dos membros e de suas extremidades - notadamente com a redução do dedo chamado polegar - que traduzem uma adaptação para a corrida.

Aparecimento do gênero Canis

Os canídeos do gênero Canis só aparecem no final da era terciária, para ganhar a Europa no eoceno superior pelo estreito de Bering daquela época, mas de onde parecem desaparecer no oligoceno inferior, sendo substituídos pelos ursídeos. O mioceno superior os vê voltar com a imigração, sempre com procedência da América do Norte, de Canis lepophagus, que já era parecido ao cão atual, se bem que seu tamanho era mais próximo ao do coiote.

Esses canídeos migram então, progressivamente para a Ásia e para a África, no plioceno. Paradoxalmente, parecem só ter conquistado a América do Sul mais tarde, no pleistoceno inferior. Enfim, é realmente o homem que está na origem de sua introdução no continente australiano, há cerca de 500 000 anos, no pleistoceno superior, mas nada prova que ele esteja na origem dos dingos, esses cães selvagens que povoam atualmente esse continente e que foram, há somente de 15 000 a 20 000 anos, importados pelo homem.

O ancestral do lobo, do chacal e do coiote

Canis etruscus, o cão etrusco, datando de cerca de 1 a 2 milhões de anos é atualmente considerado, apesar do seu pequeno tamanho, como o ancestral do lobo na Europa, enquanto Canis Cypio, que habitava na região dos Pireneus há cerca de 8 milhões de anos, parece ter sido a origem do chacal e coiote atuais.

Sobre a importância dos sítios arqueológicos da Europa e da China

Distinguimos nos sítios arqueológicos da Europa vários tipos de cães: os maiores teriam se originado dos grandes lobos do Norte (tinham o tamanho, na cernelha, dos atuais Dogues alemães) e teriam dado origem aos cães nórdicos e aos grandes cães pastores. Os menores, morfologicamente perto dos dingos selvagens atuais, achariam suas origens nos lobos menores da Índia ou do Oriente Próximo.

O cão tem a sua origem no lobo?

Os mais antigos esqueletos de cães descobertos datam de cerca de 30 000 anos depois do aparecimento do homem de Cro-Magnon (Homo sapiens sapiens). Eles sempre foram exumados em associação com o resto das ossadas humanas e é a razão pela qual mereceram, em seguida, a denominação de Canis familiaris (-10 000 anos). Parece lógico pensar que o cão doméstico descende de um canídio selvagem pré-existente. Entre estes ascendentes em potencial figuram o lobo (Canis lupus), o chacal (Canis aurus) e o coiote (Canis patrans).

Por outro lado, é na China que os antigos vestígios dos cães foram descobertos, enquanto que, nem o chacal, nem o coiote, foram identificados nestas regiões. Na China também foram encontradas as primeiras associações entre o homem e uma variedade de lobos de tamanho pequeno (Canis lupus variabilis) que remonta a 150 000 anos. A coexistência dessas duas espécies, num estágio precoce de sua evolução, parece confirmar a teoria do lobo como ancestral do cão.

Essa hipótese foi reforçada recentemente por várias descobertas, notadamente: o aparecimento de certas raças de cães nórdicos diretamente originados do lobo; o resultado de trabalhos genéticos comparando o DNA mitocondrial destas espécies, revelando uma semelhança superior a 99,8% entre o cão e o lobo enquanto ela não ultrapassa 96 % entre o cão e o coiote; a existência de mais de 45 subespécies de lobos que poderiam estar na origem da diversidade racial observada nos cães; a semelhança e compreensão recíproca da linguagem postural e da linguagem vocal entre essas duas espécies.

Semelhanças entre o cão e o lobo: uma análise difícil

Estas semelhanças entre cães e lobos complicam o trabalho dos arqueólogos para fazer uma distinção precisa entre os vestígios do lobo e do cão, quando estes são incompletos ou quando o contexto arqueológico torna a coabitação pouco provável. Com efeito, o cão primitivo só se diferencia do seu ancestral por alguns detalhes pouco fiáveis, como o comprimento do focinho, a angulação do stop ou ainda a distância entre os molares cortantes e os tubérculos superiores.

O número de canídeos predadores certamente foi muito inferior ao de suas presas, o que diminui as chances de se descobrir os seus fósseis. Todas essas dificuldades, às quais se juntam as pos-sibilidades de hibridação cão-lobo, permitem entender porque os numerosos elos sobre as origens do cão restam ainda a serem descobertos e, notadamente, as formas de transição entre Canis lupus variabilis e Canis familiaris que talvez permitirão, algum dia, encontrar uma resposta entre as diferentes teorias.

Observemos, no entanto, que toda teoria "de difusão" que atribui às migrações humanas as responsabilidades de adaptações do cão primitivo, não exclui a teoria "evolucionista" que sustenta que as variedades de cães provém de diferentes centros de domesticação do lobo.

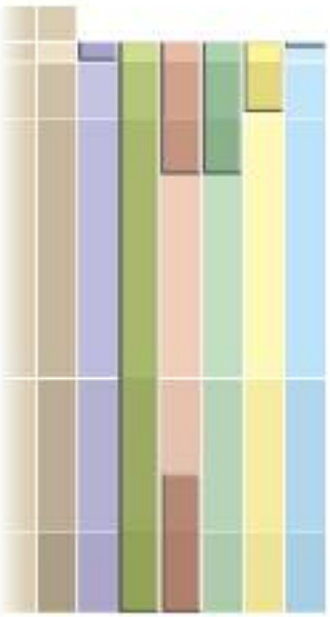
A BATALHA DAS TEORIAS

Numerosas teorias fundadas em analogias ósseas e dentárias, há muito tempo se enfrentaram para atribuir a uma ou outra dessas espécies que são o lobo, o chacal e o coiote, a qualidade de antepassado do cão. Outras lançaram a hipótese segundo a qual as raças de cães, tão diferentes quanto à do Chow-Chow ou a do Galgo, poderiam descender de espécies diferentes do mesmo gênero Canis.

Fiennes, em 1968, atribuía mesmo às quatro subespécies distintas de lobos (lobo europeu, lobo chinês, lobo indiano e lobo norte-americano) a origem dos quatro grandes grupos de raças de cães atuais.

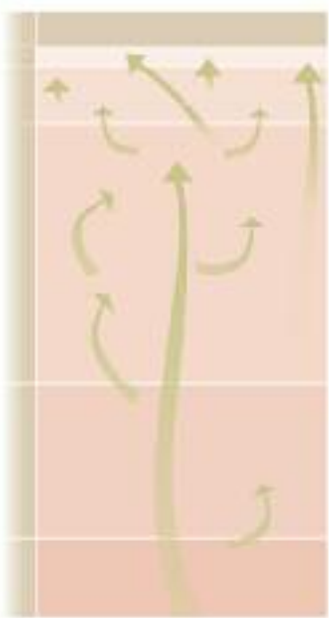
Alguns, enfim, supuseram que cruzamentos entre essas espécies poderiam estar na origem da espécie canina, argumentando o fato de que os acasalamentos lobo-coiote, lobo-chacal ou ainda chacal-coiote são férteis e podem produzir híbridos férteis, apresentando todos 39 pares de cromossomos. Esta última teoria de hibridação, parece agora inválida pelo conhecimento das barreiras ecológicas que separavam essas diferentes espécies na época do aparecimento do cão e tornavam notadamente impossíveis os encontros entre coiotes e chacais.

Os lobos, quanto a eles, estavam onipresentes, mas as diferenças de comportamento e de tamanho com as outras duas espécies tornavam os acasalamentos interespecíficos altamente improváveis, o que refutava, entre outras, a hipótese atribuindo a "paternidade" do cão a uma hibridação entre o chacal (Canis aureus) e o lobo cinzento (Canis lupus).



DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS CANÍDEOS NO DECURSO DAS ERAS
(Segundo F. Duranthon, SFC 1994)

Segundo pesquisas recentes, americanas e suecas, o cão teria aparecido na terra há cerca de 135 000 anos, ou seja, 100 000 anos mais cedo do que a data suposta atualmente. Com efeito, misturados com ossadas humanas, restos de canídeos de morfologia próxima à do lobo foram encontrados em sítios datados de mais de 100 000 anos.



OS FÓSSEIS DA LINHAGEM DO GÊNERO CANIS *(segundo M. Thérin)*

A domesticação do lobo

A descoberta de pegadas e ossadas de lobo nos territórios ocupados pelo homem na Europa remonta a 40 000 anos, se bem que, sua real utilização não esteja ainda autenticada pelo Homo sapiens nos afrescos pré-históricos.

Nesta época, o homem ainda não era sedentário e se alimentava de produtos de sua caça cujas migrações ele seguia. As mudanças climáticas – final de um período glacial e aquecimento brutal da atmosfera- que ocorreram há cerca de 10 000 anos na passagem do pleistoceno para o holoceno, conduziram à substituição das tundras pelas florestas e, como resultado, à diminuição dos mamutes e dos bisões em substituição pelos cervos e javalis. Essa diminuição da caça tradicional impulsionou o homem a inventar armas novas e a adaptar suas técnicas de caça. Estavam então concorrendo com os lobos que se alimentavam da mesma caça e utilizavam as mesmas técnicas de caça em matilha, lançando mão de "abatedores".

O homem teve que, então, naturalmente, tornar o lobo o seu aliado para a caça, procurando, pela primeira vez, domesticar um animal antes de torná-lo sedentário por si próprio e cuidar do seu gado. Assim, o cão primitivo era, indiscutivelmente, um cão de caça e não um cão pastor.

Da familiarização do lobo à sua domesticação

A domesticação do lobo acompanha a passagem do homem do período de "predação" ao período de "produção". Ela certamente começou pela familiarização de alguns indivíduos. Mesmo se esse trabalho de familiarização deve ser retomado na base por ocasião da morte de cada indivíduo, ele constitui a primeira etapa indispensável para conduzir à domesticação de uma espécie, incluindo uma segunda etapa: o domínio de sua reprodução.

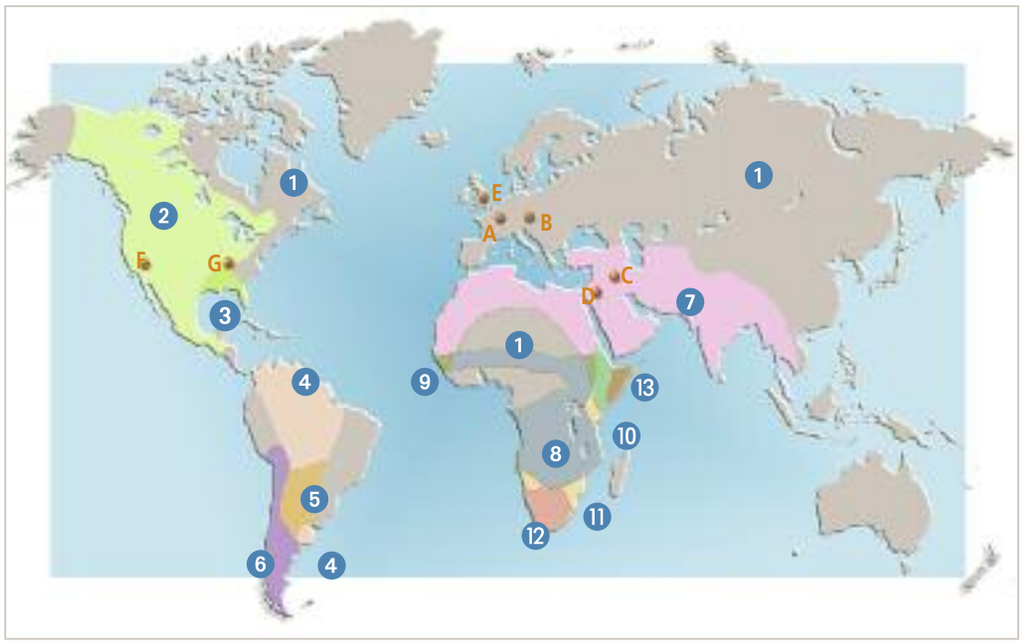
A domesticação do lobo começou sem dúvida no oriente, mas não se realizou num único lugar, nem do dia para a noite, se referirmos aos numerosos centros de domesticação descobertos nos sítios arqueológicos.

Varias tentativas tiveram de ser conduzidas em diferentes pontos do globo sobre jovens lobos originados de varios grupos e levados a uma impregnação irreversível ao homem, durante seu período neonatal, em seguida à rejeição dos seus congêneres, que caracterizam a domesticação. Esse sucesso foi sem dúvida favorecido pela aptidão natural dos jovens lobos a se submeterem às regras hierarquizadas de uma matilha. Mesmo se algumas fêmeas, quando se tornaram adultas, puderam, de vez em quando, ser fecundadas por lobos selvagens, os produtos desses acasalamentos, criados na proximidade do homem, também foram sujeitos a esta impregnação interespecífica, limitando as possibilidades de voltar ao estado selvagem.

Do lobo ao cão

Como em toda domesticação, o processo de familiarização do lobo se fez acompanhar de várias modificações morfológicas e comportamentais em função de nossa própria evolução. Assim, as mudanças observadas nos esqueletos demonstram um tipo de regressão juvenil denominada "pedomorfose" , como se os animais, quando se tornavam adultos, tivessem guardado, com o passar das gerações, características e certos componentes imaturos: redução do tamanho, diminuição da cana nasal, pronunciamento do stop, latidos, gemidos, atitudes lúdicas... que fazem certos arqueozoólogos afirmarem que o cão é um animal que permaneceu no estágio de adolescência, cuja sobrevivência depende estritamente do homem.

Paradoxalmente, este fenômeno é acompanhado de uma redução do período de crescimento, levando a um avanço do período de puberdade e permitindo, assim, um acesso à reprodução mais precoce, que explica porque, nos dias de hoje, a puberdade é mais precoce nas raças de cães de pequeno porte do que nas raças grandes, em todos os casos mais precoces do que nos lobos (cerca de dois anos).



ÁREAS GEOGRÁFICAS DO GÊNERO CANIS E DAS RAPOSAS SUL AMERICANAS

Segundo Y. Lignereux e I. Carrière : SFC 1994, A Pesquisa 1996.

1 *Canis lupis*
2 *Canis latrans*
3 *Canis rufus*
4 *Cerdocyon*
5 *Dusicyon (Pseudalopex) Cerdocyon*
6 *Dusicyon (Pseudalopex)*
7 *Canis avreus*
8 *Canis adustis*
9 *Canis adustis / Canis avreus*
J *Canis mesomelis / C. adustus / C. avreus*
K *Canis mesomelas / Canis adustus*
L *Canis mesomelas*
M *Canis mesomelas / Canis avreus*

TRAÇOS DOS PRIMEIROS CÃES

A Bonn-Oberkassel: -14 000
B Dobritzgniegrotte: -13 000
C Palagawra Cave: -12 000
D Matlaha (e vários outros): -11 000 / -12 000
E Starr car / Seamen car: -9 000 / -10 000
F Danger Cave: -9 000 / -10 000
G Koster: -8 500

Paralelamente, a dentição adapta-se a um regime mais onívoro do que carnívoro, pois os cães domésticos "contentavam-se" com os restos alimentares dos homens sem ter que caçar para sua subsistência.

Este tipo de "degenerescência" que acompanha a domesticação encontra-se igualmente na maioria das espécies, como na espécie porcina (encurtamento do focinho) ou mesmo nas raposas de criação, que podem adotar, em apenas cerca de vinte gerações, um comportamento similar aos dos cães de pequeno porte. A relação doméstica, então, parece ir de encontro à evolução natural – a menos que se considere o homem como uma parte integrante da natureza para aparentar-se a uma técnica de seleção.

Os resultados da seleção pelo homem

Embora se encontre a descrição de "galgos" na paleontologia egípcia ou de "molossos" na história assíria, estes eram apenas, na realidade, subespécies de Canis familiaris, variedades ou tipos de clãs, -o aparecimento de raças caninas tais como as que conhecemos hoje em dia é um fenômeno bem mais recente do que a domesticação, porque ela data desde a Antiguidade.

Fora algumas raças caninas, como o Bichon maltês, cuja identificação racial pôde ser mantida num território limitado, a maioria das raças de cães são produtos da seleção exercida pelas nossas civilizações, da ação permitida pela domesticação e da orientação dos acasalamentos.

As tentativas de domesticação que falharam não são raras no curso da história do homem. Assim, as tentativas de domesticação realizadas pelos antigos egípcios com hienas, gazelas, felídeos selvagens ou raposas só tiveram êxito em alguns casos. Mais recentemente, as mesmas tentativas levadas a efeito com dingos selvagens também falharam. Da mesma forma, a domesticação do gato pode, às vezes, sob vários aspectos, parecer inacabada.

Sobre a adaptação da espécie canina no decorrer das civilizações

Assim, ao contrário de outras espécies domesticadas, como os Crocodilianos que não evoluíram desde 200 milhões de anos (20 metros do caminho), a espécie canina adaptou-se ou foi adaptada em um tempo recorde a todos os climas, civilizações e zonas geográficas que conhecemos para ela atualmente. Do Husky da Sibéria ao Cão nu do México, do Pequinês ao Dogue alemão passando pelo Boxer ou o Teckel, as 400 raças atualmente homologadas pela Federação cinológica internacional (FCI) pertencem todas, a despeito de sua diversidade, ao gênero Canis familiaris mas destacam, curiosamente, a independência de transformações morfológicas da cabeça, dos membros e da coluna vertebral, no decurso da evolução do cão.

Essa diversificação iniciou igualmente com o sedentarismo do homem ao passar, no neolítico, do estágio de consumidor ao de produtor. Nessa época, o cão devia, sem dúvida, ser de um porte médio e ser semelhante ao "Lulú de turfeiras" descrito por Van den Driesch, na Inglaterra, ou seja, próximo do tipo Spitz atual.

A pressão de seleção exercida pelo homem pode ser considerável quando se sabe, por exemplo, que bastou um século para se obter, na Argentina, a partir de cavalos pradrão, cavalos anões de 40 centímetros na cernelha e que a seleção, na espécie canina, pode ser ainda mais rápida devido à sua prolificidade e da curta duração de sua gestação

O aparecimento de diferentes tipos de cães

Surgidos no terceiro milênio, na Mesopotâmia, delineiam-se os grandes tipos de cães representados pelos molossóides, encarregados da proteção dos rebanhos contra os predadores (urso e, ironia da sorte, seu ancestral, o lobo!) e o tipo "galgo" adaptado à corrida e às regiões desérticas, que demonstrou ser um auxiliar precioso do homem para a caça.

Ao lado desses dois tipos básicos, já se encontravam, sem dúvida, os tipos de cães que correspondem atualmente aos principais grupos compilados pela Sociedade Central Canina...

Sobre a presença cada vez maior do cão junto ao homem

Desde a Antiguidade, o cão exerce numerosas funções e participa de atividades tão variadas quanto às de combate, da produção de carne, da tração de trenó nas regiões polares e dos ritos sagrados da mitologia. Mais tarde, o Império romano torna-se o pioneiro da criação canina e orgulha-se do título de "pátria dos mil cães", prefigurando a diversidade das variedades de cães cujas atribuições principais abrangiam a companhia, a guarda de fazendas e rebanhos, e da caça.

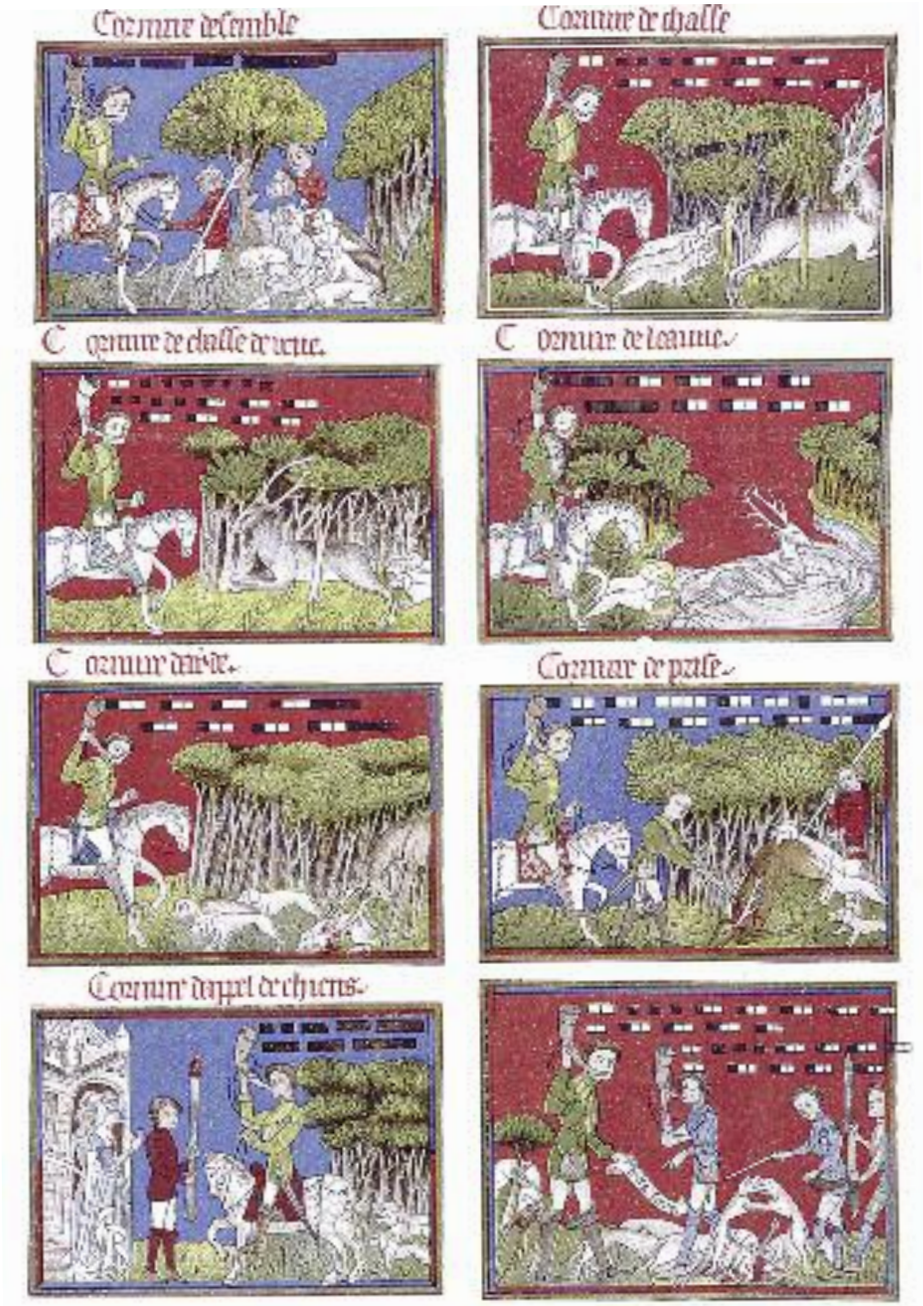
Torna-se, desde então, fácil de imaginar como essa diversificação se enriqueceu no decorrer dos séculos em função das trocas entre povoados, das mutações genéticas (provavelmente na origem do nanismo condrodistrófico dos Bassets atuais), das seleções e eliminações naturais ou voluntárias para ver surgir raças hiper-tipificadas, como a do Bulldog,cão inicialmente selecionado para combater os touros, ou ainda a dos Pequineses, que faziam companhia para as imperatrizes chinesas.

Cão de caça e primeiro padrão

Na Idade Média, as diferentes variedades de cães são selecionadas de acordo com suas aptidões às diferentes técnicas de caça. Os Limiers e os Cães bracos são utilizados para apontar a caça sem latir, os corredores para cansar os cervos e os cães de caça aos pássaros para apontar a caça de penas. Descrevem-se igualmente cães que latem para a perseguição das presas e até bassets para a caça de animais de toca. No entanto, mesmo que seja atualmente impossível identificar com certeza uma raça a partir de um esqueleto, algumas certamente desapareceram.

A "fixação" dos caráteres, indissociável da noção de padrão, realmente só apareceu a partir do século XVI para os cães de caça. Ela prosseguiu, nos séculos XVII e XVIII, com um ensaio sobre a árvore genealógica das Raças de Buffon e, principalmente, no século XIX, com o progresso da cinofilia, dirigida às primeiras exposições caninas de Londres em 1861 e depois de Paris, em 1863.

Dedica-se, desde então, a criar novos tipos morfológicos a partir de raças preexistentes,e cada clube de raça pode reencontrar, no seu histórico, a data precisa da exposição que oficializou o reagrupamento, no seio de uma "raça", de indivíduos que só formavam, previamente, uma única "variedade".



Cenas de caça. Miniatura do tesouro da Arte de caçar com matilha de cães,Segundo manuscrito de Harduin de Fontaines-Garin.Selva. Paris.

O cão atual

Desde a Antiguidade romana, os cães eram classificados em função de suas aptidões. Distinguiam-se, então, os "cães pastores", "cães de caça" e "cães do lar". Aristóteles recenseava sete raças de cães, não levando em conta os "Galgos" que já existiam no Egito há muito tempo. No século XVIII, Buffon tenta uma classificação dos cães segundo a forma de suas orelhas: ele os dividia em trinta raças de orelhas retas, caídas e semicaídas, enquanto que Cuvier propunha dividir a espécie canina em "mastins" "dogues" ou "spaniels" em função da forma de crânio dos indivíduos. Em 1885, a criação do Livro das origens em francês permitiu dividir a espécie canina em 29 seções distintas, reunidas em onze grupos no início do século XX, depois repartidas, em 1950, entre os dez grupos comuns atualmente

Noção de raça, de variedade e de padrão

Foi em 1984 que, com base numa proposta do professor R.Triquet, uma definição zootécnica da noção de grupo, de raça e variedade caninas, foi definitivamente aprovada pela Federação Cinológica Internacional.

Espécie e raça

A raça é, segundo o Prof. R. Triquet, como um conjunto de indivíduos apresentando características comuns que os distinguem dos outros representantes de sua espécie e que são geneticamente transmissíveis. Segundo ele, "a espécie provém da natureza ao passo que a raça provém da cultura do quadro da cinofilia". Com efeito, a conduta da seleção dos acasalamentos de reprodutores pela intervenção humana pode levar ao surgimento de uma nova raça, mas não permite, em nenhum caso, a criação de uma nova espécie.

Assim, a raça dos "Jack Russel Terriers" provém do cruzamento entre diferentes terriers levado a efeito pelo reverendo do mesmo nome a fim de melhorar suas aptidões para a caça. Inversamente, certos cães como os "Pastores de Languedoc" nunca puderam atingir o status de raça reconhecida. Outras, como o Chambray, o Lévesque ou ainda o Normando-Poitevin se apagaram progressivamente por causa de seu pequeno número ou da falta de interesse que suscitaram e foram definitivamente suprimidas pela FCI. Hoje em dia, raças como o Braco belga ou o Bouvier das Ardenas estão em via de suspensão, enquanto que o Spaniel de Saint-Usuge ou o Bulldog Americano estão se candidatando a um reconhecimento oficial. Assim, nestes últimos 50 anos, o número de raças reconhecidas pela FCI praticamente triplicou, respondendo às exigências cada vez maiores ou, algumas vezes, simplesmente à procura de originalidade!

Grupo, raça e variedade

O grupo é definido como "um conjunto de raças tendo em comum um certo número de características instintivas transmissíveis". Assim, por exemplo, os indivíduos pertencentes ao primeiro grupo (cães pastores), apesar de suas diferenças morfológicas, apresentam todo o instinto original de guardiões de rebanhos.
A variedade em si é, segundo uma definição do cinólogo Raymond Triquet, como "uma subdivisão no interior de uma raça em que todos os indivíduos possuem a mais uma característica comum transmissível que os distingue dos outros indivíduos de sua raça".

Assim, o pastor alemão de pêlo longo representa uma variedade da raça "Pastor Alemão", se bem que seja possível não achar nenhum pêlo curto na sua descendência (caráter "pêlo longo" transmissível de forma recessiva). Igualmente, inúmeras raças admitem muitas variedades de cores ou de texturas de pelagem, ainda podendo ser vistos vários portes de orelha no seu padrão. Por exemplo, a raça Teckel admite três variedades : de pêlo curto, de pêlo duro ou de pêlo longo.

Cada raça tem seu padrão

O padrão é definido como "o conjunto de características próprias de uma raça". Ele serve de referência, no exame de confirmação (próprio da cinologia francesa), para julgar a conformidade de um cão quanto às características morfológicas e comportamentais de sua raça.

Cada raça possui um padrão, estabelecido pela associação de raças de seu país de origem, que é a única habilitada para modificar o seu conteúdo. Assim, o padrão estabelecido pelo berço da raça permanece o único reconhecido pela FCI, mesmo se alguns países tentam, às vezes, impor suas próprias variedades. Por exemplo, variedades inglesas, americanas ou canadenses da raça Akita Inu foram propostas sem sucesso de reconhecimento pela FCI. Outras só são reconhecidas pelas instâncias genealógicas nacionais.

Algumas, como os Poodles Toys e Abricot, foram finalmente reconhecidas pelos países de origem como pertencendo oficialmente à raça dos Poodles.

Padrão de beleza e morfologia esportiva

Certas raças de cães são difíceis de classificar nos grupos existentes, pois podem ser progressivamente desviadas de sua vocação primitiva. Para manter a originalidade das raças, certas associações de raças impuseram testes de aptidões naturais, provas de desempenho, como o field-trial para os cães de aponte, permitindo julgar um cão com base em suas aptidões comportamentais e não unicamente em seu aspecto externo e fenótipo.

Sobre a utilidade das alianças intervariedades

As manifestações caninas, tais como concursos, exposições e campeonatos, permitem aos juízes e especialistas atestadores promover a reprodução dos cães julgados "melhoradores" de sua raça, pelas suas qualidades de beleza ou de desempenho. Essa prática de julgamento orienta a seleção para as metas dos clubes de raças, mas corre o risco de acabar em indivíduos muito tipificados, por vezes muito afastados do padrão de origem, e mesmo de ver surgir, progressivamente, diferentes variedades quando as qualidades de desempenho forem pouco compatíveis com os critérios de beleza. Para se evitar o afastamento dessas variedades, que ameaçam a integridade da raça e de seu padrão, con-vém cruzar regularmente os melhores indiví-duos de cada variedade a fim de conservar, simultaneamente, as qualidades de desem-penho e de beleza próprios da raça. O caso do Pastor belga, que abrange quatro variedades distintas, é bastante eloqüente. Alianças entre intervariedades como:

Certas raças são desviadas das suas vocações. Assim por exemplo, poucos Yorkshire Terriers são atualmente utilizados para a caça de animais de toca e a maior parte dessa raça está agora reservada para a utilização de companhia. Igualmente, os Labradores Retrievers que eram, inicialmente, destinados a caçar em associação com os cães de aponte, não são mais selecionados com freqüência devido às suas aptidões para o trabalho

Groenendaels e Tervuerens - são efetuadas regularmente e mantêm uma certa homogeneidade racial enquanto que cruzamentos entre Malteses e outras raças, efetuados com a finalidade de melhorar as aptidões de desempenho (mordedura, indiferença aos tiros), arriscariam ameaçar a integridade dessa variedade. Uma seleção intra-racial orientada unicamente sobre aptidões de desempenho assume o risco, então, de acabar na criação de um tipo fora do padrão (como foi o caso para o Setter inglês) ainda mais que os caráteres morfológicos se perdem muito mais rapidamente do que adquirem as qualidades de desempenho!

Origem, linhagem, família

Cada raça acha sua origem numa fonte cuja dispersão dos produtos, em várias criações selvagens, geram diferentes linhagens.

Mesmo que as participações genéticas do pai e da mãe sejam idênticas nos filhotes de primeira geração, fala-se em "origem materna" e "linhagem paterna" no estudo sobre um pedigree no decorrer de várias gerações.

Com efeito, os descendentes de um padrão de elite denominados de "raçadores" são sempre mais numerosos do que os de uma cadela de caça campeã, fisiologicamente limitada a duas ninhadas por ano.

A confirmação e a recomendação de um macho reprodutor acarretam sempre mais conseqüências do que as de uma fêmea!

Família e consangüinidade

O exame do pedigree de um cão permite remontar às suas origens e se fazer uma idéia sobre o grau de consangüinidade que o liga aos seus ancestrais. Ele mostra que a criação em paralelo de várias linhagens consangüíneas (ou correntes de sangue) é o método de seleção mais freqüentemente aplica-do em criação canina.
Acaba, no final de várias gerações, por fixar as caraterísticas pesquisadas pelo criador, que consti-tui assim sua própria "família", reconhecível por um cinófilo experiente.

Sobre a necessidade do aperfeiçoamento

O excesso de consangüinidade no seio de uma mesma família pode, todavia, conduzir a uma queda de prolificidade e da variabilidade dos caráteres, denominada "impasse genético". O criador tem, então, recurso no "aperfeiçoamento" com uma outra corrente de sangue. É mesmo possível, agora, conservar a semente e, portanto, o patrimônio genético de certos padrões cujas qualidades possibilitariam "um retorno".

Qual é o lugar ocupado pelo cão de raça indeterminada?

Contrariamente ao "vira-lata", definido como o produto de uma ligação entre dois cães de raças diferentes ou provindo do cruzamento de um cão de raça e de um outro de origem indeterminada, o cão de raça indeterminada é impossível de descrever de maneira precisa, pois é fruto do acaso, resultando de um cruzamento entre dois reprodutores de raças indeterminadas. Esses cães são difíceis de recensear na França; estima-se que esses cães de raça indetermnada e os vira-latas formam cerca de 60% dos cães presentes nos canis francêses

Sobre as qualidades de desempenho e rusticidade

Os cães de raças indeterminada, por não constituírem um padrão de beleza, apresentam qualidades de desempenho e rusticidade muito apreciadas pelos seus proprietários.
Se o cão de raça indeterminada possui geralmente a cor selvagem – sua pelagem é muitas vezes dominada pelo cinzento ou ruivo – é também munido de um porte médio e, a exemplo do cão "o vagabundo" (a dama e o vagabundo) de Walt Disney, possui um instinto para sair de apuros que lhe permite exercer seus talentos de caçador, levando ainda em conta que sua cor neutra lhe assegura uma excelente camu-flagem (apenas 10% dos cães de caça têm um pedigree na França). Originado de diversos cruzamentos, ele apresenta a vantagem de dispor de um patrimônio genético extremamente rico, os genes desfa-voráveis (muitas vezes recessivos), tendo grandes chances de ser dominados por genes favoráveis.

As eventualidades da diversidade genética

O principal inconveniente dessa diversificação genética surge da ausência de garantia da transmissão de caráter no decorrer das gerações seguintes e é muito difícil prever as qualidades morfológicas e psicológicas dos filhotes provenientes de pais de cão de raça indeterminada, mesmo se estes apresentam qualidades inegáveis.
Mesmo quando ouvimos muitas vezes dizer que os cães de raças indeterminada são vivos, inteligentes, resistentes e voluntários, é impossível estabelecer-se uma generalização, pois as eventualidades da genética, muitas vezes, só permitem aos com mais sorte ou mais dotados, encontrar um lugar na nossa sociedade e ainda pode-se constatar que formam o maior número nos refúgios e carrocinhas.

Vimos que os caráteres quantitativos, como a aptidão para o trabalho, que dependem da ação de numerosos genes, eram menos transmissíveis do que os caráteres morfológicos, como a cor ou a textura da pelagem, que dependem de um número mais restrito de genes. Os incondicionais dos cães de raças indeterminada são, com freqüêntemente,os caçadores, e eles mesmos atestam ser difícil criar cães desse tipo com a esperança de fixar suas qualidades. Em compensação, seu valor de mercado sendo nulo e seus efetivos importantes, os caçadores, muitas vezes, não têm problemas para renovar seu arrendamento.

No que diz respeito aos Dingos da Austrália, os cientistas sabem que eles chegaram ao continente australiano junto com o homem, há cerca de 15 000 a 20 000 anos enquanto a passagem pela terra firme ainda era possível, mas eles não sabem ainda se trata de um cão doméstico que voltou ao estado selvagem ou de uma espécie à parte. No primeiro caso o chamaríamos de Canis familiaris dingo e, no segundo, de Canis dingo. Enquanto a dúvida persistir, esse animal viverá sem denominação científica.

Ainda restam cães selvagens na terra?

Hoje em dia, ainda é difícil classificar certos Canídeos como o lobo da Abissínia - Canis simensis - (500 indivíduos subsistem ainda na Etiópia) entre os lobos, as raposas ou os cães selvagens!

Assim sendo, se excluírmos os lobos do grupo dos cães selvagens, ainda encontramos hoje alguns tipos de cães selvagens : os cães can-tantes da Nova –Guiné, os cães Pariahs da Índia e África, o Basenji do Congo (dos quais muitos são atualmente domesticados e mesmo reco-nhecidos pela FCI), os cães de Caroline e os Dingos da Austrália. Todos os cães selvagens apresentam uma certa homogeneidade mor-fológica.

Sabendo-se que o lobo é o ancestral do cão, o cão deixado no estado selvagem pode tornar-se lobo?

Partindo-se do princípio que a evolução nunca volta para trás, pesquisadores da universidade de Roma estudaram colônias de cães selvagens vivendo nos Abruzzes, na Itália central. Constataram que os cães das florestas viviam como lobos, ou seja, em matilha com territórios bem definidos, contrariamente aos cães errantes dos vilarejos que lutam geralmente por sua própria conta.

No entanto, os cães selvagens não se parecem tanto com lobos. Eles são menores, de cor âmbar castanho, o que indica uma perda definitiva de genes alelos, sem dúvi-da após um episódio de domesticação ao longo de sua história.

O cão do futuro

As estatísticas anuais da Sociedade Central Canina permitem conhecer as tendências raciais atuais e tentar extrapolar sobre o perfil do tipo do cão do futuro. Os nascimentos declarados, raça por raça, mostram uma tendência para o retrocesso das raças mais conhecidas em proveito da emergência de raças cada vez mais originais.

Os hipertipos

Esta pesquisa de originalidade e extremo é uma técnica de seleção desenvolvida principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. Ela culminou naquilo que chamamos de "hipertipos" como, por exemplo, certos Bulldogs cujo foci-

nho ficou tão achatado que só podiam nas-cer por cesariana e respirar com a boca aberta. Do mesmo modo, os Labradores têm uma tendência nítida à obesidade, os Teckels ao alongamento, os Shar-Peï ao enrugamento da pele e os Pastores ale-mães ao rebaixamento da anca...

Os cães de raça pequena apresentam o seu tamanho em redução constante, sendo assim denominados "toy" ou "miniatura", contrariamente aos cães de raça grande que tendem para o gigantismo e deixam para os vira-latas todas as qualificações médias. A tendência atinge uma divisão da média em favor de dois extremos!

Influência da genética para um cão sob medida

A técnica do "morphing" é uma ferramenta da informática que leva em conta, ao mesmo tempo, esta tendência e a evolução do nosso modo de vida e dos progressos da genética. A evolução do modo de vida segue o desenvolvimento da urbanização. A diminuição da população dos cães de fazenda é previsível em proveito do aumento dos cães de companhia, ligado ao desenvolvimento do trabalho no domicílio e à cibernética. No entanto, o perfil dos cães de companhia muda muito em função do fenômeno da moda.

Se as tendências atuais persistissem, poderíamos prever um aumento da diversidade racial. O cão do futuro será portanto tudo, menos um cão médio! A genética da cor e da textura da pelagem pro-gredindo a grandes passos, ele poderá, sem dúvida, ser "geneticamente colorido". Os mecanismos genéticos íntimos da transmissão dos caráteres serão mais precisamente conhecidos com o estabelecimento do mapa do genoma canino daqui a uns vinte anos. Será, sem dúvida, possível eliminar defeitos hereditários e também diminuir o elemento probabilístico, atendendo, assim, a uma demanda cada vez mais original.

O desenvolvimento das técnicas de inseminação com sêmen refrigerado ou congelado abolirá as distâncias, as fronteiras e as quarentenas para autorizar a reprodução de dois parceiros selecionados num "catálogo Internet" e até a utilização do sêmen de padrões que desapareceram.

Talvez haja menos abandono, mas o cão do futuro, "um cão sob medida, se distanciará cada vez mais do perfil do cão selvagem que ele certamente nem mais reconhecerá!

A Federação cinológica internacional (FCI)

**Embora a FCI seja uma emanação da Sociedade Central Canina da França e da Sociedade real Saint-Hubert da Bélgica,
estas não têm mais vínculos de subordinação com ela.
A FCI é uma instituição internacional com sede em Thuin, na Bélgica, atualmente encarregada de:**

- determinar as condições de reconhecimento dos livros genealógicos dos diferentes países membros (mais de 50 até hoje, abrangendo a maioria dos países da Europa assim como numerosos países da Ásia, da América Latina e da África);
- harmonizar os regulamentos das manifestações caninas internacionais (organização, julgamentos, títulos de campeonatos internacionais de desempenho ou de beleza);
- promover a difusão dos padrões das raças estabelecidas pelos países de origem e que são publicados regularmente na revista oficial da cinofilia francesa;
- zelar para que cada país membro organize pelo menos quatro campeonatos internacionais por ano.

A cinofilia no mundo

**Três órgãos trabalham em conjunto com a FCI, sem possuírem vínculos de subordinação com ela:
O Kennel Clube (KC) no Reino Unido, o American Kennel Club (AKC) nos Estados Unidos e o Canadian Kennel Club (CKC) no Canadá.**

Veja abaixo a lista de outros órgãos existentes:

O Kennel Club

Criado antes da SCC em 1873, o Kennel Club é a mais antiga instituição consagrada aos cães de raça. Na origem, apenas os homens podiam ser sócios e somente 100 anos mais tarde, em 1979, as mulheres foram admitidas!

Suas atribuições são comparáveis às da SCC. O KC organiza cerca de 6 000 eventos caninos por ano, sendo a mais renomada e prestigiosa, no plano internacional, a de "Crufts", reunindo mais de 26 000 cães em quatro dias.

A cinofilia oficial

Cartaz E.E. Doisneau (1902)
Col. Kharbine-Tapabor, Paris.

O American Kennel Club

A criação do AKC é contemporânea à da SCC. Essa instituição, que data de 1884, é igualmente formada por clubes e associações de raças, mas admite também clubes multi-raças. Os assalariados desta grande associação se dividem entre a Carolina do Norte e o estado de Nova Iorque.

O AKC organiza mais de 13 000 eventos caninos por ano e inova também em numerosos domínios, como a criação de um instituto de formação para juízes caninos ou de uma fundação para a pesquisa de saúde canina.

Bermuda Kennel Club

Última federação criada, o BKC, criado em 1955, permanece, contudo, afiliado a FCI. Ele organiza duas exposições anuais, uma no outono e a outra na primavera.

Australian National Kennel Council (ANKC)

O ANKC, criado em 1911, como membro afiliado a FCI, aceita os mesmos padrões mas se permitem julgamentos um pouco diferentes para as 153 raças que reconhece. Seu comitê é composto por dois delegados para cada um dos oito Estados membros que se reúnem, duas vezes por ano, em um meeting de quatro dias.

Os juízes são escolhidos pelo Conselho Geral de cada Estado entre candidatos que devem ter uma experiência cinófila de pelo menos dez anos. A Austrália conta atualmente com 876 juízes entre os quais 223 estão habilitados para julgar todas as raças.

Canadian Kennel Club

O CKC, criado em 1888, cuja sede está situada em Toronto, conta cerca de 25 000 sócios com títulos individuais, representados por 12 delegados eleitos pelas diferentes regiões. Em 1995, organizou 1961 manifestações caninas e parece registrar um aumento do número de cães inscritos.

As raças caninas

Cada organização internacional admite diferentes grupos para classificar as raças que reconhece. Assim, a Sociedade Central Canina, (S.C.C.), na França, e a F.C.I. reconhecem dez grupos; o Kennel Club, seis; o American Kennel club, sete; o Svenska Fennel Klubben (Suécia), oito; a Real Sociedad Canina de España, cinco; o Australian National Kennel Council, seis; o Bermuda Kennel club, seis. A nomenclatura das raças caninas observadas neste livro é aquela proposta pela F.C.I., aprovada pela assembléia geral da F.C.I. em Jerusalém, a 23 e 24 de Junho de 1987, e atualizada em Março de 1999

Temos que notar algumas divergências entre a FCI e a SCC quanto à classificação de algumas raças caninas. Assim o Dálmata foi deslocado pela FCI do 9º para o 6º grupo. Para o R. Triquet, este poderia se encontrar no 7º grupo... O Terrier preto da Rússia se encontra no 3º grupo para a SCC e no 2º grupo para a FCI.

Os diferentes grupos

Por uma questão de maior comodidade, as raças de cães são apresentadas por grupo e por seção e no interior de cada seção, por ordem alfabética do nome português principalmente e não por país.
Os grupos e seções (numeração romana) correspondem à classificação seguinte:

1° grupo: os cães de Pastoreio (I) e de Boiadeiro (I1), exceto os Boiadeiros Suíços.
2° grupo: os cães de tipo Pinscher e Schnauzer (I), Molossóides (II), Cães de Boiadeiro Suíços (III).
3° grupo: os Terriers. Os Terriers de grande e médio porte (I), Terriers de pequeno porte (II), Terriers de tipo Bull (III), Terriers de companhia (IV).
4°grupo: os Dachshunds.
5°grupo: os cães de tipo Spitz e de tipo Primitivo: os cães nórdicos de Trenó (seção I), cães nórdicos de Caça (II), cães nórdicos de Guarda e Pastoreio (III), Spitz europeus (IV), Spitz asiáticos e assemelhados (V), cão de tipo Primitivo (VI), cão de tipo Primitivo de caça (VII), cães de tipo Primitivo de Caça de Crista Dorsal (VIII).
6°grupo: Sabujos (I) e cães de Pista de Sangue (II), raças assemelhadas (III).
7°grupo: os cães de Aponte continentais (I) e os cães de Aponte das ilhas Britânicas (II).
8°grupo: os cães Recolhedores de Caça (I), e Levantadores de Caça (II), e os cães d'Água (III).
9°grupo: os cães de Companhia incluem onze seções: os Bichons e raças semelhantes (I), os Poodles (II), os cães belgas de pequeno porte (III), os cães pelados (IV), os cães do Tibet (V), os Chihuahuas (VI), os Spaniels ingleses de companhia (VII), os Spaniels Japonês e Pequinês (VIII), Spaniel anão continental (IX) o Kromforhländer (X), os molossos de pequeno porte (XI).
10°grupo: os Lebréis e raças semelhantes. Lebréis de pêlo longo (I), Lebréis de pêlo duro (II) e Lebréis de pelo curto (III).
No final de cada capítulo, são mencionadas as principais raças de cães não homologadas ou que se tornaram muito confidenciais.

Os Padrões

Para cada raça citada, são mencionados: a classificação na FCI, o nome de origem do cão, seus outros nomes usuais eventuais e as variedades, caso existam. Também são dadas informações sobre seu comportamento, seu temperamento, sua educação e sua utilização e sobre o essencial de seu padrão.

Com efeito, o padrão menciona a origem da raça, as diferentes variedades admitidas, a aparência geral, o aspecto que a cabeça, o pescoço, o corpo, os membros e a cauda devem revestir, e termina com as faltas eliminatórias. Essas faltas, quando são evidenciadas num candidato à confirmação, indicam que não é desejável para a manutenção da raça e até para o melhoramento da raça que esse genitor reproduza, de modo a limitar os riscos de propagação de uma tara presumida hereditária. Pelo contrário, se o candidato estiver conforme ao padrão de sua raça, a confirmação permitirá transformar seu registro de nascimento atestando suas origens em pedigree definitivo, o que lhe dará acesso à reprodução com os indivíduos mais bonitos de sua raça.

Por vezes os padrões evoluem ao longo dos anos. Assim, alguns deles estabelecidos no início do século foram modificados em conformidade com a evolução da raça. Por este motivo, as datas dadas neste livro para os padrões correspondem ou à data de criação do padrão, ou a sua última atualização

O vocabulário

As descrições das raças e dos padrões recorrem a um vocabulário especializado para o qual o leitor encontrará abaixo o essencial das definições (retirado de M. LUQUET, R. TRIQUET).

Abobadado: diz-se de uma região do corpo que apresenta um perfil convexo.

Acaju: diz-se de uma pelagem vermelha intensa.

Achatado: nariz curto, plano, de perfil côncavo.

Afixo(prefixo ou sufixo): denominação que se acrescenta ao nome do cão e que indica o canil de criação de onde o cão provém.

Agressivo: tendência para atacar sem ser provocado. Este comportamento não entra em qualquer padrão.

Alano: cão de grande porte utilizado na Idade Média para a caça de animais como o urso, o lobo, ou o javali. No século XVII Furetière distinguiu o Alano gentil, próximo do Lebrel, o Alano vautre, espécie de Mastim e o Alano de açougue, cão de guarda e de Boiadeiro.

Almofadas plantares ou tubérculos dérmicos: situados por baixo e por trás dos dígitos, almofadas amortecedoras do pé. São revestidos de uma epiderme córnea, dura, rugosa, irregular e muito pigmentada.

Andadura: diversos modos de locomoção: andaduras naturais (o passo, o trote, o galope), andaduras fluentes (facilidade e vivacidade dos movimentos), andaduras fáceis, (realizadas sem esforço aparente), andaduras regulares, juntas (de velocidade uniforme e de passos iguais).

Aprumo: andadura na qual os membros anteriores e posteriores de um mesmo lado se pousam e se levantam ao mesmo tempo.

Arame: pêlo muito duro, muito áspero ao tato.

Área: zona delimitada do corpo, colorida ou branca.

Areia (ou sable): amarelo muito claro, resultando da diluição do fulvo.

Arlequim: pelagens matizadas apresentando manchas irregulares ou "salpicadas" sobre um fundo cinza ou azul ou manchas pretas sobre um fundo branco (branco matizado com preto como no Dogue alemão arlequim).

Arqueado: que apresenta uma forma convexa.

Arqueamento: curvatura em arco.

Arrebitado: nariz ou focinho curto, levantado.

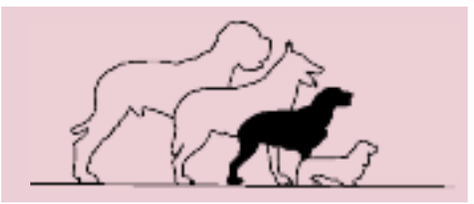
Áspero: pêlo duro, bastante grosso, resistente às intempéries.

Assentado: diz-se do pêlo reto que se mantém aplicado sobre a pele, deitado horizontalmente.
Ativo: cão sempre atento, em ação, em movimento, na guarda, na caça.

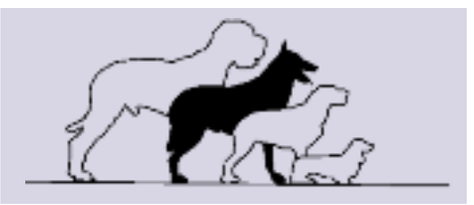
Azul: resultado da diluição do preto.

Bamboleado: movimento transversal do corpo a cada passo. O cão "bamboleia" em suas andaduras.

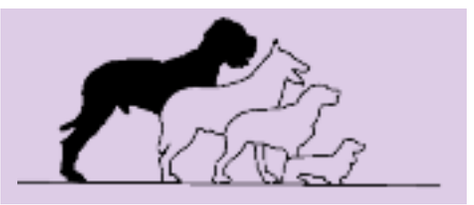
Raças pequenas: menos de 10 kg



Raças médias: 10 a 25 kg



Raças grandes: 25 a 45 kg



Raças gigantes: 45 a 90 kg

Os pictogramas acima indicam a categoria a que cada raça pertence. Isto permite situar a mesma ao longo deste livro, particularmente nos capítulos sobre a saúde e a nutrição.

RAÇAS PEQUENAS, RAÇAS MÉDIAS, RAÇAS GRANDES E RAÇAS GIGANTES

A extensão da escala dos pesos e dos tamanhos entre as diferentes raças caninas é uma das mais amplas do reino animal, vai do Chihuahua de 1 kg ao Dogue alemão que pode ultrapassar os 100 kg. É preciso opor essa relação à de 2 a 2.5 no homem ou na espécie felina. Essa amplitude causa diferenças morfológicas, fisiológicas, metabólicas e de comportamento que têm consequências maiores na saúde, na alimentação e nas relações de harmonia que devem prevalecer entre o homem e o cão. Em função do tamanho e do peso, podem-se distinguir 4 grandes grupos de cães na idade adulta: as raças pequenas, as raças médias, as raças grandes e raças gigantes

Braco

Brevilíneo

Concavilíneo

Convexilíneo

Barbelas: dobra da pele na parte inferior do pescoço, ao nível da garganta, podendo se estender até ao antepeito.

Basset: tipo de cão que possui corpo semelhante ao de outro cão maior do qual deriva, suportado por membros encurtados. São brevilíneos compactos.

Belton: pelagem branca salpicada de manchas finas (laranja, limão) ou de mosqueados.

Bichon: palavra francesa, abreviação de "Barbichon", descendente do "Barbet". Cão pequeno de companhia de pêlo longo ou curto, frisado ou liso.

Bicolor: diz-se de uma pelagem de duas cores distintas.

Blenheim: diz-se de uma pelagem caracterizada pela ausência de pigmento no pêlo.

Boieiro (ou Boiadeiro): cão utilizado para conduzir os bovinos.

Brachet: palavra francesa, que na Idade Média designava um cão sabujo de tamanho e médio e de pêlo raso.

Braco: cão de aponte de pêlo curto.

Bragadas (ou calção): pêlo abundante nas coxas, descendo mais abaixo que a culote. Pêlo deixado nos membros por ocasião da "toilette"(tratamento de beleza) "em leão" dos poodles.

Branco: diz-se de uma pelagem caracterizada pela ausência de pigmento no pêlo.

Braquicéfalo: cão cuja cabeça é curta, larga e redonda (Buldogue, Carlin).

Braquiúro: cão cuja cauda é naturalmente curta.

Brevilíneo: cão no qual os elementos de largura e de espessura ultrapassam os elementos de comprimento. As proporções são atarracadas e as formas comprimidas. O buldogue é um ultrabrevilíneo.

Briquet: palavra francesa que designa um cão sabujo de tamanho médio, resultando da redução harmoniosa de um tipo maior do qual deriva e que se situa, em matéria de porte, entre o cão de origem e o Basset.

Buliçoso: cão vivo, irrequieto, muito ativo.

Busca: ação do cão que busca a caça.

Cachorrinho-de-mato (ou Furão): cão que caça no mato. Cão que afugenta a caça, mas que não a pára nem a persegue (sinônimo de levantador).

Camalha: pêlos longos e abundantes recobrindo o pescoço e os ombros.

Cana nasal (ou sulco nasal): parte superior do focinho.

Cão d'Água: cão de caça que trabalha nos pântanos para a caça na água. É sobretudo um recolhedor de caça (8º grupo da nomenclatura das raças caninas).

Cão de aponte: que se imobiliza quando sente a proximidade de uma caça . "Aponta" (pára) a caça (7ºgrupo da nomenclatura das raças caninas).

Cão de ordem: cão sabujo, mais particularmente de grande montaria, caçando em matilha, em "boa ordem".

Cão de pista de sangue: cão de caça especializado na busca da caça grossa ferida, também chamada "busca de sangue", porque este segue a pista do sangue (6º grupo da nomenclatura das raças caninas).

Cão rastreador: cão de aponte adestrado na caça com redes, as quais eram estendidas ao mesmo tempo no cão deitado e nos pássaros.

Cão sabujo: cão de orelhas pendentes, que lança, persegue, dando voz e que eventualmente corre atrás do animal caçado. (6ºgrupo da nomenclatura das raças caninas).

Capa interna: subpêlo

Carbonada: pelagem de fundo mais ou menos claro (fulvo, areia) sombreada de preto, castanho ou azul.

Castanho: fulvo avermelhado ou alaranjado.

Cauda chicote: cauda do cão, e mais particularmente do cão de caça. Extremidade da cauda do cão.

Cauda em espiga: cauda ou extremidade da cauda cujos pêlos se abrem como as espigas do trigo.

Cauda: o ponto de referência para o comprimento da cauda é o jarrete. A cauda é de comprimento médio se alcançar o jarrete, curta se cair acima do jarrete e longa se cair abaixo. Pode ser portada acima da horizontal em sabre, "alegremente" (empinada), em foice, em cimitarra. Pode estar estreitamente enrolada (Shar Peï), formar um arco duplo (Carlin), enrolada sobre o dorso (Akita) ou amputada de metade (Braco alemão)

Cepa: antepassado do qual uma família provém. Conjunto dos animais de mesma raça que se reproduzem entre si, sem introdução de sangue alheio, durante várias gerações.

Cernelha: região situada entre o pescoço e o dorso. A altura da cernelha corresponde ao tamanho do cão.

Cerrado: pêlo muito denso.

Cervo (ou veado): vermelho cervo: pelagem fulva avermelhada ou ruiva.

Chama: faixa branca estreita, adelgaçada, encontrada às vezes na testa.

Chocolate: marrom avermelhado escuro. Uma pelagem chocolate ou fígado é marrom.

Cinzelado : diz-se de uma cabeça ou de um focinho de linhas puras, com contornos precisos e nítidos e com relevos bem desenhados (Sinônimo: esculpido).

Cob: cão compacto, atarracado, com membros relativamente curtos, fortes e de formas arredondadas. O Carlin é um cob.

Codorna: pelagem de fundo branco com manchas rajadas(Bouledogue francês).

Colar: marca branca ao redor do pescoço. Pêlos ao redor do pescoço.

Concavilíneo: cão apresentando um perfil côncavo, um osso frontal deprimido, uma face achatada, um dorso recolhido. O cão com este perfil é moderadamente brevilíneo (Basset, Bouledogue, Boxer, Carlin).

Convexilíneo: cão cujo perfil é convexo e o osso frontal arqueado (Colley, Bedlington Terrier). Os convexilíneos costumam ser longilíneos.

Cor de pulga: marrom escuro, marrom.

Corço: fulvo carbonado.

Costela: nitidamente arredondada, em arco, redonda ou bem arqueada nos brevilíneos. Chata, em ogiva nos longilíneos.

Cruzamento: modo de reprodução entre animais de raças diferentes.

Culote: pêlo longo e abundante recobrindo as coxas. Designa às vezes as franjas da parte posterior das coxas.

Cuneiforme: que tem o formato de uma cunha, que vai afinando-se, adelgaçando-se.

Desbotado: diz-se de uma cor muito atenuada como se estivesse acrescentada com água (muito diluída).

Dogue: cão de guarda, atarracado, de cabeça larga, com maxilares fortes. Os Molossos de pêlo curto são Dogues.

Dolicocéfalo: cão cuja cabeça é longa, estreita. (Lebrel).

Empenachada: pelagem caraterizada pela presença de áreas brancas sobre um fundo unicolor.

Epagneul: cão de caça de pêlo longo ou semi-longo, de textura geralmente sedosa, eumétrico, retilíneo, mediolíneo. Os Epagneuls continentais são cães de aponte. Os Epagneuls britânicos são cães que caçam nos matos (cachorrinhos-de-mato).

Esbelto: delgado, elegante, leve.

Escova(ou brocha ou pincel): cauda do cão parecida com a da raposa.

Esgalgado: diz-se de um ventre muito recolhido, semelhante ao do lebrel.

Estrela: marca branca na testa ou no antepeito com contornos mais ou menos irregulares.

Eumétrico: diz-se de um cão cujo porte é médio.
Farto (ou cheio): diz-se de um pêlo abundante.
Fígado: cor marrom.

Focinho: conjunto da região facial incluindo a cana nasal, a trufa, os maxilares. A cana nasal é apenas a parte dorsal.

Fogo: diz-se das marcas fulvas ou areia dos cães fogo e preto.

Fole: peito, caixa torácica.

Franja: pêlos longos formando uma faixa nos contornos das conchas das orelhas, na parte posterior dos membros, na cauda e no ventre

Fulvo: cor amarela (do amarelo ao vermelho). As marcas chamadas "fogo" são fulvas. O fulvo diluído dá a cor areia.
fulvos e também uma mistura de três cores (branco, vermelho, preto ou marrom).

Garupa: região tendo a bacia como base óssea. Quando é muito inclinada, diz-se que é caída.

Gázeo: olho despigmentado. A parte despigmentada do olho gázeo é cinza azul claro, cinza azulado, às vezes esbranquiçado. A anomalia pode alcançar um único olho ou os dois. Tolera-se para algumas raças . N.B.: não confundir com a heterocromia, na qual os dois olhos possuem uma cor diferente.

Grifo: cão de aponte ou cão sabujo de pêlo longo ou semi-longo, eriçado, desgrenhado ou hirsuto.

Harmonioso: cão bem proporcionado, cujas partes do corpo estão em harmonia com o conjunto, que dá uma impressão de belo equilíbrio das formas.

Hipermétrico: diz-se de um cão cujo porte é superior à média (Dogue alemão).

Introdução de sangue novo: cruzamento com um cão de outra raça durante uma geração, para evitar a consangüinidade. Cruzamento de cães de raça idêntica mas de linhagens diferentes.

Isabel: fulvo muito pálido, areia.

Juba em forma de gravata: pêlos longos, mais ou menos levantados, em redor do pescoço.

Lepra: presença de áreas despigmentadas.

Levantador: cão que levanta a caça, como os Spaniels, isto é, que a afugenta sem a perseguir como um cão sabujo e sem a parar como um cão de aponte.

Lilás: resultado da diluição do marrom, variante do bege.

Limão: amarelo claro, fulvo claro
.
Linhagem: conjunto dos descendentes de um mesmo genitor, o que implica a consangüinidade.

Lista: faixa branca situada na cana nasal e que geralmente se prolonga até à testa.

Lobeiro (ou cor de lobo): pêlo fulvo carbonado ou areia carbonada.

Lombo: região lombar, que vem a seguir ao dorso e que precede a garupa.

Longilíneo: cão cujos elementos de comprimento são superiores à largura e à espessura. As formas são alongadas, esbeltas. Este tipo alongado é representado pelos Lebréis, o Bedlington Terrier.

Luvas: marca branca na extremidade dos membros

Mancha: qualquer superfície de cor diferente da cor do fundo da pelagem. A mancha pode ser branca ou colorida. Distinguem-se por ordem de mancha: a mancha pequena (pinta ou salpico), a mancha média ou grande (placa). Se houver justaposição de manchas coloridas, tratam-se de pelagens multicolores.

Grifo

Longilíneo

Mediolíneo

Molosso

Quatro olhos

As formas de patas:

Pata normal *Pata de gato* *Pata de lebre*

Manto: cor escura do pêlo do dorso diferente da cor do resto do corpo.

Marca: mancha branca ou de outras cores.

Marrom: a cor chocolate ou fígado é marrom. O bege ou o cinzento rato se obtêm pela diluição da cor marrom.

Máscara: coloração escura das faces.

Mastim: qualquer grande cão de guarda, de pastoreio ou de caça.

Matizado: pelagem apresentando manchas de contornos irregulares de um pigmento não diluído sobre um fundo claro constituído pela diluição do mesmo pigmento. Exemplo: pelagem branca matizada com manchas pretas.

Mediolíneo: cão cujas proporções são médias (sinônimo: mesomorfo). Os Setters, os Pointers e os Pastores franceses e belgas são cães mediolíneos.
Membros arqueados : diz-se das patas com desvio e com um pé virado para fora.

Merle: pelagem com manchas escuras, irregulares, sobre um fundo mais claro, muitas vezes cinza. Os cães franceses com esta pelagem são chamados arlequins, os cães britânicos são azul merle.

Molosso: grande cão de guarda de cabeça larga, de corpo muito poderoso e de músculos espessos. Os Dogues são Molossos.

Mordedor: qualidade de um cão que não teme nada e que morde.

Mosaico: conjunto das manchas brancas que invadem a partir das extremidades uma pelagem colorida. É o branco que invade o fundo colorido.

Mosqueada: diz-se de uma pelagem empenachada que apresenta pequenos salpicos (pequenas manchas escuras sobre um fundo branco).

Mudo: cão silencioso, que não late durante sua busca.

Multicolor: pelagem de várias cores. Justaposição de manchas ou de áreas coloridas.

N.B.: o olho amendoado, ou seja, com a abertura das pálpebras mais comprida que larga, como é evidente, é sempre redondo.

Nanismo: diminuição harmoniosa de todas as dimensões corporais de um indivíduo normal.

Nuance: grau de intensidade que uma cor pode ter.
Numular: que tem o formato de uma moeda, se referindo às manchas da pelagem do Dálmata.

Olho: é oval nos retilíneos (Spaniel), redondo nos concavilíneos (Bouledogue), amendoado nos convexilíneos (Lebréis).

Orelha: dependendo das raças, podem ser eretas ou retas, pendentes, ou semi-eretas. A orelha em rosa: o bordo anterior da orelha dobra-se para o exterior e para trás, descobrindo em parte o interior do conduto auditivo. A orelha em botão: apenas ereta, cai para a frente sobre o crânio.

Ossatura: conjunto dos ossos e dos membros do corpo.

Padrão: descrição do modelo ideal. O primeiro padrão canino foi o do Buldog, redigido em 1876. Os padrões muitas vezes são imprecisos.

Parte dianteira ou Anteriores: região incluindo os membros anteriores e o tronco.

Parte traseira ou Posteriores: região incluindo a garupa e os membros posteriores .

Particolor: pelagem cujas cores (duas ou mais) são bem distintas.

Pastilha: mancha arredondada de cor castanha situada na testa do King Charles, do Cavalier King Charles. Marca fulva (fogo) por cima dos olhos dos cães preto e fogo.

Pé de gato: redondo

Pé de lebre: alongado, estreito.

Pega: pelagem que apresenta uma mistura por placas de branco e de outra cor. Exemplo: pega-preto (o branco domina); preto-pega (o preto domina).

Peito: profundidade ou comprimento: "peito longo, profundo", medido horizontalmente do antepeito à última costela. Altura: "peito alto", bem descido, quando a parte inferior desce ligeiramente abaixo da ponta dos cotovelos.

Pelagem: inclui o pêlo e a cor do pêlo, ou simplesmente a cor do pêlo.

Penacho: pêlos da cauda que se erguem e se afastam com profusão.

Pernas curtas(ou baixotes): cão cujos membros são relativamente curtos e cujo peito é muito descido. (Teckel).

Pigmentado: colorido com pigmentos.

Piriforme: em forma de pêra.

Pista: sucessão das pegadas, sucessão dos rastos (marcas que o pé deixa ao apoiar-se no solo).

Placa: mancha de cor cobrindo uma superfície importante sobre um fundo branco.

Plastrão: antepeito

Pointer: cão de aponte de pêlo raso, que pára e aponta com o nariz em direção à caça.

Ponteado: pêlo mesclado com pintas ou mosqueados.

Ponto: ação ou posição do cão que pára as caças, imobilizando-se para indicar a presença das caças.
Preto e fogo: cão preto com marcas fulvas ou areia (Black and Tan).

Primitivo: relativo aos cães mais antigos, mais próximos do ancestral lobo (cães nórdicos).

Prognatismo: este termo se aplica geralmente quando a mandíbula é proeminente "para a frente". Pode tratar-se de um defeito ou de uma característica de uma raça.

Proporções: relações entre as partes do corpo. São independentes do porte. O estudo destas permite distinguir um tipo médio (mediolíneo), um tipo alongado (longilíneo) e um tipo compacto (brevilíneo).
Quadrado: cão cuja construção corpórea se inscre-

ve ou é inscritível em um quadrado, cujo talhe (altura da cernelha) é igual ao comprimento (da ponta do ombro à ponta da coxa).

Quatro olhos: cão que tem marcas fogo (fulvas) por cima dos olhos, dando a impressão que tem quatro olhos. É o padrão típico do cão preto e fogo.

Rajado (ou Tigrado): pelagem com riscas escuras mais ou menos verticais, sobre um fundo branco.

Raso: pêlo muito curto, aplicado sobre o corpo. Alguns pêlos rasos são chamados curtos nos padrões.

Rasto: pista, caminho seguido por um animal, marcas ou cheiro que deixa em sua passagem.

Recolhido: diz-se de um cão curto, atarracado, compacto.

Retangular: cão que pode ser inserido em um retângulo, cujo comprimento geralmente é horizontal.

Retilíneo: diz-se de um animal cujo perfil é reto e no qual todas as linhas são retas. O osso frontal é chato. São cães mediolíneos. Os Bracos, os Setters e o Pointer fazem parte desta categoria.

Retriever: Cão de caça destinado a encontrar e a recolher a caça ferida ou morta (cão recolhedor).

Robusto: cão forte, resistente, de ossatura sólida

Ruana (ou oveira): pelagem cujas placas brancas apresentam uma mistura íntima de pêlos brancos e de pêlos

Ruão: pelagem resultando de uma mescla uniforme de pêlos brancos com pêlos vermelhos ou fulvos.

Rubi: vermelho intenso (Ruby).

Rubican: presença de pêlos brancos em uma pelagem que não é branca (Grifo Khortals).

Ruivo: cor entre o amarelo e o vermelho, na gama do fulvo.

Rústico: cão que suporta as intempéries, que foi feito para a vida no exterior, que não requer cuidados especiais.

Sabujo de trela: cão com o faro extremamente desenvolvido que busca preso a uma guia, em silêncio.

Salpicada: pelagem branca onde aparecem alguns pêlos de cor. Pelagem colorida onde aparecem alguns pêlos brancos.

Salpico: pequena mancha clara (fulva) sobre um fundo branco.

Sangue: raça. Introduzir sangue significa cruzar um cão com outra raça.

Sarapintada: pelagem com pequenas manchas, incluindo a pelagem mosqueada e a pelagem ponteada.

Seco: cabeça seca: finamente ciselada, pele estreitamente colada ao osso, músculos chatos. Articulação seca: contornos "vigorosos", não amolecidos por um tecido espesso, abundante. Lábios secos: finos, bem firmes.

Sela: manto de dimensões reduzidas.

Setter: cão de aponte das ilhas Britânicas. Como o antigo cão de rastejo, aponta rastejando ou semi rastejando.

Sola: termo impróprio designando a superfície das almofadas plantares.

Sombreado: pelagem clara com partes escuras.
Spaniel: palavra francesa (espaigneul) tornada inglesa, designando os Spaniels de origem britânica, irlandesa, americana.

Stop: depressão craniofacial, rotura frontonasal, situada entre a região frontal e a região nasal, formada pelo osso frontal que desce e os ossos nasais que se levantam. O stop é pronunciado nos concavilíneos ou brevilíneos (Bulldog), apagado nos convexilíneos ou longilíneos (Lebrel), marcado nos retilíneos ou mediolíneos (Braco).

Subpêlo: pêlo fino, penugento, lanoso, situado sob o próprio pêlo, ou pêlo de cobertura.

Tamanho: altura do corpo medida pelo comprimento do ponto mais alto da cernelha até ao solo, o animal estando em posição vertical, em postura livre. Pode variar de 0.2 a 1 metro.

Terrier: cão que caça os animais refugiados em tocas, que caça "debaixo de terra".

Tipos morfológicos: P. Megnin (1932) classificou as raças caninas em 4 tipos morfológicos principais:
Toy: cão de companhia de tamanho muito pequeno (poddle Toy).

Variedade: subdivisão da raça. Conjunto dos indivíduos que, possuindo os caracteres distintivos de uma raça, têm ainda ao menos um caráter transmissível comum que os distingue (tamanho, textura e comprimento do pêlo, cor da pelagem e porte das orelhas).

Vermelho: tom extremo da gama do fulvo (do amarelo ao vermelho).

Voz: os cães sabujos utilizam sua voz, "dão voz", não latem.

Zaino: pelagem uniformemente colorida, sem mancha branca, sem pêlos brancos

- **Os Bracóides:** focinho bastante largo. Stop pronunciado. Orelhas pendentes. Os Bracos, os Spanieis, os Setters e os Dálmatas pertencem a esse tipo.

- **Os Graióides:** longilíneos de cabeça cônica alongada. Crânio estreito. Orelhas pequenas. Focinho longo. Stop apagado. Lábios finos, juntos. O corpo é esbelto, os membros são magros, o ventre é muito esgalgado. O Lebrel faz parte deste tipo.

- **Os Lupóides:** assemelham-se ao lobo. Cabeça com orelhas eretas, focinho alongado, lábios curtos e juntos. São retilíneos. Os Pastores belgas pertencem a este tipo.

- **Os Molossóides:** cabeça maciça e redonda. Stop pronunciado. Focinho curto e poderoso. Orelhas pendentes. Lábios espessos. Corpo maciço brevilíneo, compacto. Pele solta. Ossatura forte.

Jack Russel Terrier

Poitevin

São Bernardo

Cocker Spaniel

Referências para uma boa compreensão de todas

-

Histórico e apresentação da raça

Nome completo da raça

Cão de perfil (1)

Cor do grupo (2)

Número do grupo (3)

Número da seção (4)

Cor da seção (5)

Padrão da FCI

Pastor alemão

No final do século XIX, foi realizada uma seleção metódica, nomeada pelo capitão Von Stephanitz, a partir das variedades dos Cães pastores alemães do Centro e do Sul da Alemanha, com o objetivo de criar um cão de utilidade altamente qualificado. Um cruzamento com o Pastor escocês também foi praticado. O Pastor alemão apareceu pela primeira vez na Exposição de "Hanôver" de 1892. O Clube alemão criado em 1899 se tornou o clube de raça mais importante do mundo. Durante a Primeira Guerra Mundial, o Pastor alemão mostrou logo seus talentos: detecção dos gases de combate, sentinela, auxílio na prestação de socorro. O Pastor alemão se tornou o arquétipo do cão de utilidade, e também graças a sua estética e a sua adaptabilidade, o número 1 da cinofilia mundial.

Força e elegância: trotador (movimentos de grande amplitude rentes ao solo).

1

1

Cães Pastores

País de origem
Alemanha

Nome de origem
Deutscher Schäferhund

Outros nomes
Pastor da Alsácia ,
Cão lobo,
Lobo de Alsácia

Raças grandes de 25 a 45 kg

culotes. O pêlo longo é uma falta eliminatória.

Pelagem
Preta com marcas marrons avermelhadas, marrons ou amarelas, até o cinza claro. Preta e cinza uniforme, sobre o cinza encarvoado (sombreado). Manto e máscara pretos. Pequenas e discretas marcas brancas no antepeito são admitidas. O subpêlo é cinza claro.

Tamanho
Macho: de 60 a 65 cm
Fêmea: de 55 a 60 cm.

Peso
Macho: de 30 a 40 kg
Fêmea: de 22 a 32 kg.

musculoso. Ossatura seca. Pescoço robusto, bem musculoso sem barbelas. Peito profundo. Dorso musculoso, ligeiramente inclinado para trás, lombo largo, fortemente desenvolvido. Garupa longa ligeiramente oblíqua.

Cabeça
Cuneiforme, bem proporcionada ao Focinho coniforme. Chanfro nasal retilíneo. Dentadura robusta. Lábios secos.

Olhos
Amendoados, levemente oblíquos, não proeminentes. A cor é a mais escura possível, de expressão viva

Orelhas
Firmes, de tamanho médio, portadas e retas, simétricas, as conchas voltadas para frente, com as extremidades pontiagudas.

Corpo
De tamanho médio, levemente mais comprido que alto, de construção sólida, bem

Membros
Membros anteriores retos, paralelos e secos. Membros posteriores ligeiramente inclinados para trás. Patas com dígitos bem juntos.

Cauda
Tufosa atinge pelo menos o jarrete, portada caída, descrevendo uma ligeira curva.

Pêlo
Pêlo duplo com subpêlo. Pêlo de cobertura denso, reto, áspero, bem assentado. Curto na cabeça, na face anterior dos membros e nas patas. Um pouco mais longo e farto no pescoço. Alonga-se na face posterior dos membros, formando

Temperamento, aptidões, educação
Deve ser ponderado, bem equilibrado, autoconfiante, vigilante, dócil, corajoso, ter um caráter bem equilibrado e possuir instinto de luta. É obediente, perfeitamente fiel, possui um dos melhores faros. Vivo, alegre, leal, possui uma real capacidade de aprendizagem por gostar muito de obedecer.

Conselhos
Importância da educação que condicionará o comportamento futuro do animal. Cão esportivo que necessita de espaço, mas que vive bem na cidade e em apartamentos desde que possa beneficiar de passeios diários. Suporta mal a solidão e não pode ficar fechado durante o dia todo. Duas escovações por semana. Numa ninhada não escolher o filhote que demonstrar excitação ou medo porque poderia se tornar agressivo.

Utilizações
Cão de trabalho antes de tudo: pastoreio, guerra, resgate, defesa, guia para cegos, farejador, etc. Cão de companhia fiel e afetuoso.

26

Pictogramas com fundo de cor identificando o tamanho/peso: Raças pequenas, médias, grandes e gigantes

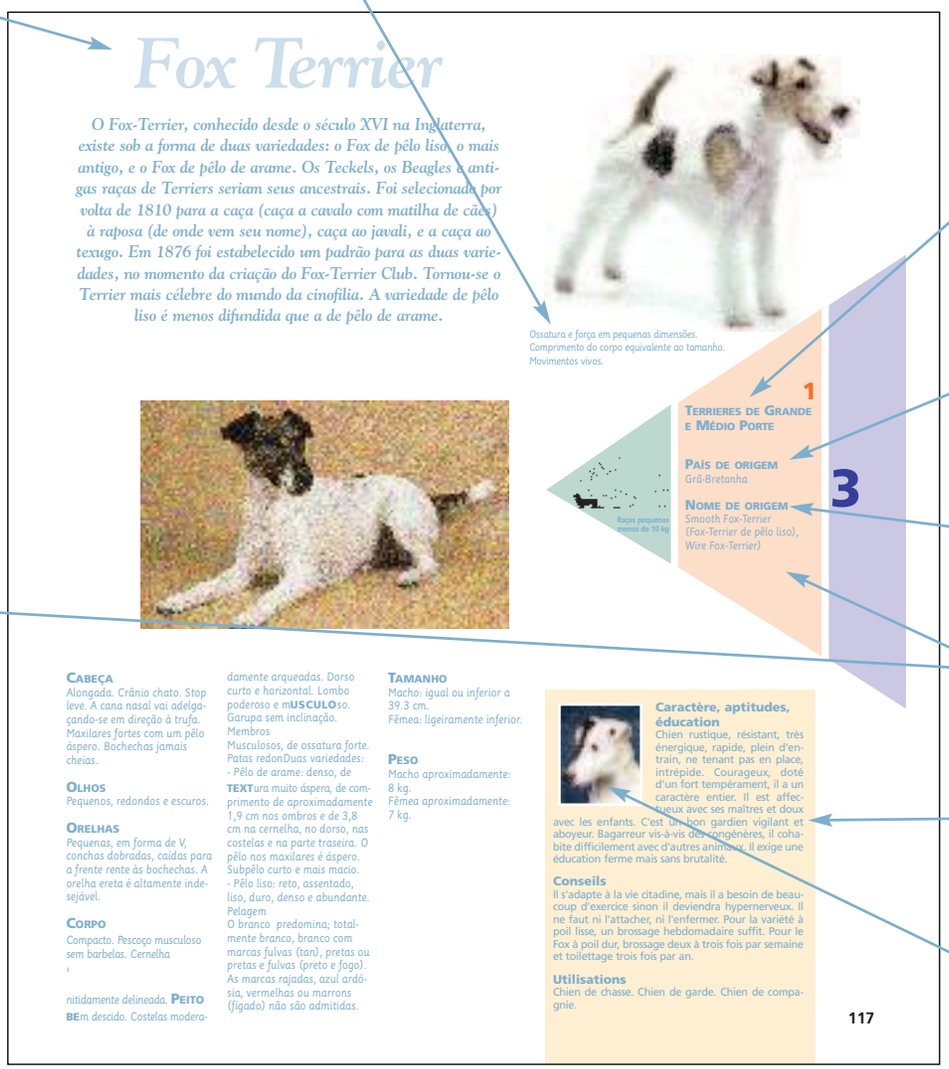
(1) na medida do possível, escolhemos os cães na postura mais próxima do padrão.

(2) (3) os dez grupos definidos pela FCI, se distinguem por uma cor diferente (fundo e número).

(4) (5) as seções definidas pela FCI, também se distinguem claramente por uma cor diferente (fundo e número

as indicações apresentadas para cada raça

Aspecto geral da raça



Fox Terrier

O Fox-Terrier, conhecido desde o século XVI na Inglaterra, existe sob a forma de duas variedades: o Fox de pêlo liso, o mais antigo, e o Fox de pêlo de arame. Os Teckels, os Beagles e antigas raças de Terriers seriam seus ancestrais. Foi selecionado por volta de 1810 para a caça (caça a cavalo com matilha de cães) à raposa (de onde vem seu nome), caça ao javali, e a caça ao texugo. Em 1876 foi estabelecido um padrão para as duas variedades, no momento da criação do Fox-Terrier Club. Tornou-se o Terrier mais célebre do mundo da cinofilia. A variedade de pêlo liso é menos difundida que a de pêlo de arame.

Ossatura e força em pequenas dimensões. Comprimento do corpo equivalente ao tamanho. Movimentos vivos.

1

TERRIERES DE GRANDE E MÉDIO PORTE

PAÍS DE ORIGEM
Grã-Bretanha

NOME DE ORIGEM
Smooth Fox-Terrier (Fox-Terrier de pêlo liso), Wire Fox-Terrier)

3

Raças pequenas menos de 10 kg

CABEÇA
Alongada. Crânio chato. Stop leve. A cana nasal vai adelgaçando-se em direção à trufa. Maxilares fortes com um pêlo áspero. Bochechas jamais cheias.

OLHOS
Pequenos, redondos e escuros.

ORELHAS
Pequenas, em forma de V, conchas dobradas, caídas para a frente rente às bochechas. A orelha ereta é altamente indesejável.

CORPO
Compacto. Pescoço musculoso sem barbelas. Cernelha
›
nitidamente delineada. PEITO
BEm descido. Costelas moderadamente arqueadas. Dorso curto e horizontal. Lombo poderoso e mUSCULOso. Garupa sem inclinação. Membros
Musculosos, de ossatura forte. Patas redonDuas variedades:
- Pêlo de arame: denso, de
TEXTura muito áspera, de comprimento de aproximadamente 1,9 cm nos ombros e de 3,8 cm na cernelha, no dorso, nas costelas e na parte traseira. O pêlo nos maxilares é áspero. Subpêlo curto e mais macio.
- Pêlo liso: reto, assentado, liso, duro, denso e abundante.
Pelagem
O branco predomina; totalmente branco, branco com marcas fulvas (tan), pretas ou pretas e fulvas (preto e fogo). As marcas rajadas, azul ardósia, vermelhas ou marrons (fígado) não são admitidas.

TAMANHO
Macho: igual ou inferior a 39.3 cm.
Fêmea: ligeiramente inferior.

PESO
Macho aproximadamente: 8 kg.
Fêmea aproximadamente: 7 kg.

Caractère, aptitudes, éducation
Chien rustique, résistant, très énergique, rapide, plein d'entrain, ne tenant pas en place, intrépide. Courageux, doté d'un fort tempérament, il a un caractère entier. Il est affectueux avec ses maîtres et doux avec les enfants. C'est un bon gardien vigilant et aboyeur. Bagarreur vis-à-vis des congénères, il cohabite difficilement avec d'autres animaux. Il exige une éducation ferme mais sans brutalité.

Conseils
Il s'adapte à la vie citadine, mais il a besoin de beaucoup d'exercice sinon il deviendra hypernerveux. Il ne faut ni l'attacher, ni l'enfermer. Pour la variété à poil lisse, un brossage hebdomadaire suffit. Pour le Fox à poil dur, brossage deux à trois fois par semaine et toilettage trois fois par an.

Utilisations
Chien de chasse. Chien de garde. Chien de compagnie.

117

Nome da seção a que pertence o cão

País de origem homologado

Nome de origem

Outros nomes

Informações práticas e conselhos

Fotografia da cabeça do cão

Raças pequenas: menos de 10 kg

Raças médias: de 10 a 25 kg

Raças grandes: de 25 a 45 kg

Raças gigantes: de 45 a 90 kg

Os pictogramas presentes indicam a categoria a que cada raça pertence. Isto permite situar a mesma ao longo deste livro, particularmente nos capítulos sobre a saúde e a nutrição.

Grupo 1

Seção 1

- Pastor Alemão
- Australian Shepherd
- Pastor de Beauce
- Pastor Bergamo
- Pastor de Brie
- Pastor da Maremmano Abruzzi
- Pastor da Picardia
- Pastor dos Pireneus
- Pastor da Rússia Meridional
- Pastor de Shetland
- Old English Sheepdog
- Border Collie
- Pastores Belga
- Pastor Catalão
- Pastor Croata
- Pastor Holandês
- Cão de Bestiar
- Pastor Polonês de planície
- Pastor Português da Serra de Aires
- Pastor Polonês de Podhal
- Cão Lobo de Saarloos
- Cão Lobo Checoslovaco
- Collie
- Bearded Collie
- Kelpie
- Komondor
- Kuvasz
- Mudi
- Puli
- Pumi
- Schapendoes
- Schipperke
- Slovensky Cuvac
- Welsh Corgi Cardigan e Pembroke

Seção 2

- Australian Cattle Dog
- Boiadeiro de Flandres

Ao lado: Pastor Belga Malinois

Pastor Alemão

Força e elegância: trotador (movimentos de grande amplitude rentes ao solo).

No final do século XIX, foi realizada uma seleção metódica, nomeada pelo capitão Von Stephanitz, a partir das variedades dos Cães pastores alemães do Centro e do Sul da Alemanha, com o objetivo de criar um cão de utilidade altamente qualificado. Um cruzamento com o Pastor escocês também foi praticado. O Pastor alemão apareceu pela primeira vez na Exposição de "Hanôver" de 1892. O Clube alemão criado em 1899 se tornou o clube de raça mais importante do mundo. Durante a Primeira Guerra Mundial, o Pastor alemão mostrou logo seus talentos: detecção dos gases de combate, sentinela, auxílio na prestação de socorro. O Pastor alemão se tornou o arquetipo do cão de utilidade, e também graças a sua estética e a sua adaptabilidade, o número 1 da cinofilia mundial.

1

Cães Pastores

País de origem
Alemanha

Nome de origem
Deutscher Schäferhund

Outros nomes
Pastor da Alsácia ,
Cão lobo,
Lobo de Alsácia

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Cabeça
Cuneiforme, bem proporcionada ao porte, sem ser pesada nem alongada, seca. O comprimento do crânio equivale ao do chanfro nasal. O stop não é muito pronunciado. Focinho coniforme. Chanfro nasal retilíneo. Dentadura robusta. Lábios secos.

Olhos
Amendoados, levemente oblíquos, não proeminentes. A cor é a mais escura possível, de expressão viva

Orelhas
Firmes, de tamanho médio, portadas e retas, simétricas, as conchas voltadas para frente, com as extremidades pontiagudas.

Corpo
De tamanho médio, levemente mais comprido que alto, de construção sólida, bem musculoso. Ossatura seca. Pescoço robusto, bem musculoso sem barbelas. Peito profundo. Dorso musculoso, ligeiramente inclinado para trás, lombo largo, fortemente desenvolvido. Garupa longa ligeiramente oblíqua.

Membros
Membros anteriores retos, paralelos e secos. Membros posteriores ligeiramente inclinados para trás. Patas com dígitos bem juntos.

Cauda
Tufosa atinge pelo menos o jarrete, portada caída, descrevendo uma ligeira curva.

Pêlo
Pêlo duplo com subpêlo. Pêlo de cobertura denso, reto, áspero, bem assentado. Curto na cabeça, na face anterior dos membros e nas patas. Um pouco mais longo e farto no pescoço. Alonga-se na face posterior dos membros, formando culotes. O pêlo longo é uma falta eliminatória.

Pelagem
Preta com marcas marrons avermelhadas, marrons ou amarelas, até o cinza claro. Preta e cinza uniforme, sendo o cinza encarvoado (sombreado). Manto e máscara pretos. Pequenas e discretas marcas brancas no antepeito são toleradas. O subpêlo é cinza suave.

Tamanho
Macho: de 60 a 65 cm
Fêmea: de 55 a 60 cm.

Peso
Macho: de 30 a 40 kg
Fêmea: de 22 a 32 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Deve ser ponderado, bem equilibrado, autoconfiante, vigilante, dócil, corajoso, ter um caráter bem equilibrado e possuir instinto de luta. É obediente, perfeitamente fiel, possui um dos melhores faros. Vivo, alegre, leal, possui uma real capacidade de aprendizagem por gostar muito de obedecer.

Conselhos
Importância da educação que condicionará o comportamento futuro do animal. Cão esportivo que necessita de espaço, mas que vive bem na cidade e em apartamentos desde que possa beneficiar de passeios diários. Suporta mal a solidão e não pode ficar fechado durante o dia todo. Duas escovações por semana. Numa ninhada não escolher o filhote que demonstrar excitação ou medo porque poderia se tornar agressivo.

Utilizações
Cão de trabalho antes de tudo: pastoreio, guerra, resgate, defesa, guia para cegos, farejador, etc. Cão de companhia fiel e afetuoso.

Australian Shepherd

Esta raça que conta nos seus ancestrais Cães de pastoreio australianos, nasceu na Califórnia, no século XX, onde foi utilizada como Cão de pastoreio para as fazendas e os ranchos.

Bem proporcionado. Comprimento ligeiramente superior à altura. Constituição geral sólida. Tamanho e ossatura média. Leve, solto Passadas juntas, soltas, fáceis.

1

Cães Pastores

País de origem
Estados Unidos

Nome de origem
Australian Shepherd

Outro nome
Pastor australiano da América

Raças médias de 10 a 25 kg

1

Cabeça
Nitidamente desenhada, forte, seca. Crânio largo e longo. Stop moderado bem definido. Trufa preta ou marrom segundo a pelagem.

Olhos
Amendoados. Cor marrom, azul, âmbar ou qualquer variação ou combinação dessas cores.

Orelhas
Inseridas, altas e triangulares. Conchas de dimensões moderadas. Dobradas para frente ou para o lado quando o cão está em alerta. As orelhas eretas ou pendentes constituem uma falta grave.

Corpo
Pescoço forte. Linha superior reta, sólida. Peito alto. Costelas bem arqueadas. Garupa ligeiramente inclinada.

Membros
Ossatura forte. Patas ovais, compactas.

Cauda
Reta, naturalmente curta ou amputada (nunca deverá ter mais de 10 cm de comprimento).

Pêlo
De comprimento e de textura média. reto e ondulado. Juba, peitoral e culotes moderados.

Pelagem
Azul-merle, preta, vermelha-merle. Todas essas cores com ou sem manchas brancas, com ou sem marcas fogo (tan, cor cobre). O colar branco não se prolonga para além da cernelha. O branco é tolerado no pescoço, antepeito, membros, parte inferior do focinho, com lista na testa. Áreas coloridas devem contornar totalmente os olhos.

Tamanho
Macho: de 51 a 58 cm
Fêmea: de 46 a 53 cm.

Peso
De 20 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação.
Extremamente ativo, resistente, rápido, capaz de correr até 60 km por dia, inteligente, pode trabalhar com grandes rebanhos. Esse extraordinário pastor também é um cão de guarda nas fazendas. Afetuoso, manso, cheio de boa vontade, extremamente fiel, é um bom companheiro.

Conselhos
Habituado aos grandes espaços, de uma energia incansável, não foi feito para viver fechado e não suporta a vida em apartamentos. Uma escovação regular é suficiente para os cuidados de seu pêlo.

Utilizações
Cão de pastoreio, guarda.e companhia.

Pastor de Beauce

Descendente dos "cães de planície" que antigamente vigiavam os rebanhos da Bacia parisiense. Entre eles, os de pêlo curto foram denominados, no final do século XIX, de Beaucerons. Os de pêlo longo se denominaram os Briards. E. Boulet (mais conhecido pelos seus Grifos do mesmo nome), instigador da raça, participou à criação de um Clube Francês do Cão de pastor em 1896. Em 1911, nasceu o Clube dos Amigos do Beauceron. Devido a suas marcas fogo nas extremidades dos membros, o Beauceron foi qualificado de "Bas Rouge" (Meias Vermelhas). A seleção do Beauceron hesitou muito tempo entre o trabalho com rebanho, as exposições, os concursos de guarda e de defesa. Todavia, mantiveram-se sobretudo fiéis ao tipo condutor de rebanho. Muito difundido na França, mas praticamente desconhecido no estrangeiro, exceto na Bélgica.

Grande harmonia, tipo lupóide, mediolíneo, constituição geral sólida. Passadas leves, soltas, (trote alongado).

1

Cães Pastores

País de origem
França

Nome de origem
Berger de Beauce

Outros nomes
Beauceron, Bas-Rouge, Cão de Pastor francês de pêlo curto.

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Cabeça
Longa (2/5° do tamanho), modelada. Crânio chato. Stop pouco pronunciado. Cana nasal ligeiramente convexa. Focinho nem estreito nem pontiagudo.

Olhos
Redondos, escuros, com uma expressão franca.

Orelhas
De inserção alta. Naturalmente pendentes, não coladas, mas chatas e curtas. Se forem cortadas, são portadas eretas.

Corpo
Sólido, poderoso, de construção geral sólida e musculoso sem ser pesado. Pescoço musculoso. Peito largo, alto e profundo. Dorso reto. Lombo largo. Garupa pouco inclinada.

Membros
Pernas portadas ligeiramente para trás. Patas ovais, compactas. Ergots duplos nos membros posteriores, situados no interior, junto da pata. Patas fortes e redondas.

Cauda
Inteira, portada baixa, ligeiramente guarnecida de pêlos, descendo até a ponta do jarrete, sem desviar, formando um ligeiro gancho em forma de J.

Pêlo
Raso na cabeça, forte, grosso, assentado (3-4 cm de comprimento) no corpo. As coxas e a parte inferior ligeiramente franjado. Subpêlo muito curto, fino, denso e penugento, de preferência cinza rato.

Pelagem
Preta e fogo (bicolor), luvas vermelhas (o mais freqüente). Cor preta muito carregada. Fogo: canela. Marcas fogo: nas pastilhas por cima dos olhos, de ambos os lados do focinho, garganta, na parte inferior da cauda; nos membros fogo descendo até as patas e os antebraços (gênero de "meias" a que se deve o nome de Bas-Rouge ("Meias-Vermelhas"). Arlequim: cinza, preto, e fogo (tricolor), cinza e preto distribuídos em partes equivalentes, em manchas e com as mesmas marcas fogo clássicas).

Tamanho
Macho: de 65 a 70 cm
Fêmea: de 61 a 68 cm.

Peso
De 30 a 40 kg

Temperamento, aptidões, educação
Fiel, corajoso, rápido, resistente, vigilante com uma presença dissuasiva surpreendente. Incorruptível e desconfiado com estranhos. Fiel a seu dono, manso com as crianças, só consegue ser feliz no meio de uma família. É preciso saber que ele se mostra dominador perante outro macho. Seu faro de grande desempenho é utilizado desde a pistagem até a busca de trufas. É um obediente atrevido, isto é um cão com um comportamento direto, dinâmico, corajoso no trabalho e ao mesmo tempo manejável e obediente.

Conselhos
Esse "gentilhomme campagnard" (Nobre camponês) rústico precisa de espaço e de exercício. Não pode viver em apartamentos. Não o prender. Não pode ficar fechado. Precisa de uma educação estrita, de ordens, de uma atividade para despender sua energia. Sua maturidade é tardia. Duas a três escovações semanais chegam. Cortar regularmente os ergots.

Utilizações
Pastoreio de rebanho (ovinos e bovinos), cão de defesa, de guarda, exército, resgate, farejador... e companhia.

Pastor Bergamo

Esta antiga raça de cães de guarda dos rebanhos emigrou para toda a região dos Alpes italianos; o efetivo desses cães era grande nos vales bergamascos onde a criação das ovelhas era fortemente desenvolvida. Alguns pensam que o Pastor Bergamasco deve suas origens ao Pastor de Brie. Outros acham que ele vem da Ásia, aceitando a hipótese que esses pastoreios chegaram à Europa ocidental durante as invasões das hordas mongóis.

Aspecto rústico. Poderoso.
Movimento preferido: o trote.

Cabeça
Parece grande. Crânio largo. Arcadas superciliares bem pronunciadas. Stop acentuado. Focinho não pontiagudo, mas truncado. Trufa volumosa. Lábios finos. Pele fina sem dobras.

Olhos
Grandes, oblíquos. De cor marrom mais ou menos escuro segundo a cor da pelagem. Pálpebras com um círculo preto. Suas sobrancelhas particularmente compridas tapam os olhos.

Orelhas
Semipendentes, flexíveis, finas e triangulares.

Corpo
Pode ser inserido num quadrado. Pescoço sem barbelas. Peito amplo. Dorso reto e bem musculoso. Lombo curto e poderoso. Garupa larga, robusta, musculosa e oblíqua.

Membros
Bem musculosos e com ossatura forte. Patas robustas, ovais, "patas de lebre". Dígitos bem juntos e arqueados.

Cauda
Espessa e robusta na base, afilada. Coberta com pêlo de cabra ligeiramente ondulado. Em repouso, é portada em sabre.

Pêlo
Muito longo e cerdoso (pêlo de cabra) na parte anterior do corpo. Os flocos caem sobre as laterais do tronco. O subpêlo é curto, cerrado e macio ao tato.

Pelagem
Cinza uniforme ou com manchas cinzas (de cinza suave a preto). A pelagem unicolor preto opaco se admite, enquanto a branca é proscrita. As manchas brancas se toleram quando sua superfície não cobre mais de um quinto da superfície total da pelagem.

Raças grandes de 25 a 45 kg

Tamanho
Macho: de 58 a 62 cm.
Fêmea: de 54 a 58 cm.

Peso
Macho: de 32 a 38 kg.
Fêmea: de 26 a 32 kg.

1

Cães Pastores

País de origem
Itália

Nome de origem
Cane da Pastore Bergamasco

Outro nome
Pastor de Bergama

1

Temperamento, aptidões, educação
Esse cão demonstra disposições exemplares por seu trabalho de guarda de rebanho: vigilante, concentrado, equilibrado. Seu bom temperamento, sua fidelidade, sua suavidade e sua paciência fazem dele um bom cão de companhia. Seu aspecto impressionante lhe permite ser um bom guardião. Muitas vezes obstinado, precisa de uma educação precoce e firme.

Conselhos
Não tem nada de um cão citadino, e necessita de espaço e de muito exercício. É preciso separar com os dedos os nós em forma de cordões que podem se formar na sua pelagem.

Utilizações
Pastoreio, guarda, avalanche, catástrofe, resgate, companhia.

Pastor de Brie

Longilíneo, bem proporcional, leve. Movimento vivo e inteligente.

1

Cães Pastores

País de origem
França

Nome de origem
Berger de Brie

Outro nome
Briard

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Tal como o Beauceron ele é descendente dos "Cães de planície", da Bacia parisiense. A denominação Pastor de Brie para designar os Cães de pastor de pêlo longo aparece pela primeira vez em 1809, na Aula de Agricultura do Padre Rozier. Em 1863, quando da primeira exposição canina de Paris, uma cadela parecida com um Briard foi classificada em primeiro lugar entre os Cães de pastoreio expostos. P. Mégnin escreve em 1888, em l'Eleveur (o Criador): "O Cão de Brie é o resultado do cruzamento entre o Barbet e o Cão pastor de Beauce, do qual se diferencia por sua pelagem longa e lanosa". Pela primeira vez, um Briard foi inscrito em 1885 no L.O.F. O primeiro padrão, estabelecido pelo Clube francês do Cão pastor em 1897, distingue uma variedade de pêlo lanoso, e outra de pelo de cabra. A mesma prevaleceu e chegou ao padrão atual homologado em 1988 pela F.C.I.

Na Primeira Guerra mundial, o Briard foi utilizado como sentinela. O costume de cortar suas orelhas é muito antigo. Originalmente era para que eles não fossem tão vulneráveis durante as lutas com os lobos na defesa dos os rebanhos.

Cabeça
Forte, longa. Stop marcado. Cana nasal retilíneo. Focinho nem estreito nem pontiagudo. Nariz mais quadrado que redondo. Cabeça guarnecida de pêlos formando uma barba e bigode, sobrancelhas tapando ligeiramente os olhos.

Olhos
Horizontais, bastante grandes, de cor escura, escondidos pela abundância de pêlos.

Orelhas
De inserção alta, de preferência cortadas e portadas eretas.

Corpo
Sólido, musculoso, de construção geral sólida. Pescoço musculado, leve. Peito largo, profundo. Dorso reto. Lombo musculoso. Garupa pouco inclinada.

Membros
Bem musculosos, ossatura forte. Ergots duplos rentes ao solo nos membros posteriores. Patas robustas, redondas. Dígitos fechados.

Cauda
Inteira e tufosa, extremidade formando um gancho, portada baixa, não desviada.

Pêlo
Flexuoso, longo, seco (tipo pêlo de cabra), com leve subpêlo, com um comprimento mínimo de 7 cm.

Pelagem
Toleram-se todas as cores uniformes exceto o branco, marrom, acaju e bicolor. Recomendam-se as cores escuras.

Tamanho
Macho: de 62 a 68 cm.
Fêmea: de 56 a 64 cm.

Peso
De 30 a 40 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Atleta orgulhoso e poderoso, não tem nada de um adorável bicho de pelúcia. Tem um caráter equilibrado, brincalhão, corajoso, bem ponderado. É um obediente atrevido. Sob um aspecto áspero, esconde um coração de ouro. Muito afetuoso, de uma grande fidelidade, amigo das crianças, profundamente dedicado a seu dono, desconfia dos estranhos. O macho é dominador. Necessita de uma educação estrita muito cedo por que é um pouco teimoso e independente. Atinge apenas a maturidade por volta dos 2 a 3 anos.

Conselhos
Cão muito robusto, dinâmico, esportivo que precisa de espaço e de muito exercício. Não é um citadino. Escová-lo e penteá-lo regularmente. Duas a três vezes por semana se o animal viver no exterior, uma vez por semana se viver em interior, de modo a evitar a formação de lanugens.

Utilizações
Pastoreio. Cão de companhia, com uma evolução para um tipo morfológico privilegiando a beleza.

Pastor da Maremmano Abruzzi

Pensa-se que este Cão pastor tem origens muito antigas, o agrônomo latino Varron mencionava em seus escritos uma raça de cães brancos. Como maior parte dos Molossos da Europa, suas origens datam dos Cães de pastor de Ásia central que chegaram à Europa ocidental com as hordas mongóis. Até 1950-1960, distinguia-se o Pastor da Maremma (o Maremmano, de pêlo curto) do Pastor dos Abruzzos. Isso se devia ao fato que esse cão pastor, durante séculos, trabalhava de Junho a Outubro nos Abruzzos, e de Outubro a Junho na região da Maremma. Há cerca de 25 anos o professor G. Solaro definia um padrão único, por isso se justapõem os dois nomes.

Grande porte, majestoso. Poderoso, aspecto rústico. Pele bastante espessa.
Movimentos: passo e trote alongados.

Raças grandes de 25 a 45 kg

1

Cães Pastores

País de origem
Itália

Nome de origem
Cane da Pastore Maremmano-Abruzzese

Outros nomes
Pastor da Maremma, Maremmano, Pastor dos Abruzzos

1

Cabeça
Grande, chata, de forma cônica, lembrando a de um urso branco. Stop pouco acentuado.

Olhos
Amendoados, relativamente pequenos proporcionalmente ao porte do corpo. Cor ocre ou marrom escuro. Pálpebras com um contorno preto.

Orelhas
Relativamente pequenas, pendentes, triangulares (em forma de V), de inserção muito alta no crânio. Garupa tolerada para os cães de rebanho.

Corpo
Comprimento maior que a altura. Pescoço grosso, robusto. Peito amplo e profundo. Costelas arqueadas. Dorso retilíneo. Garupa robusta, musculosa e inclinada.

Membros
Patas grandes, quase redondas. Dígitos revestidos de pêlos curtos e espessos.

Cauda
De inserção baixa, muito tufosa, pendente em repouso. Quando o cão está em ação, ergue-se à altura da linha do dorso, com a ponta ligeiramente recurvada.

Pêlo
Abundante, longo (8 cm no tronco), áspero ao tato. Curto na cabeça. Crina e franjas na parte traseira dos membros. Subpêlo abundante no inverno.

Pelagem
Inteiramente branca. Nuances de marfim, laranja suave, ou limão são toleradas.

Tamanho
Macho: de 65 a 73 cm.
Fêmea: de 60 a 68 cm.

Peso
Macho: de 35 a 45 kg.
Fêmea: de 30 a 40 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Calmo, ponderado, mas orgulhoso e pouco inclinado à submissão, esse cão precisa de uma educação firme. Dedicado e afeiçoado a seu dono, amigo das crianças, revela ser um bom companheiro. Muito distante com estranhos, é um guardião fiável e decidido.

Conselhos
Evitar fazê-lo viver em apartamentos. Precisa de espaço e de exercício. Robusto, mas suporta mal os calores fortes. Uma escovação regular é necessária.

Utilizações
Pastoreio, guarda. e companhia.

Porte médio. Aspecto rústico, mas elegante.

Pastor da Picardia

Provavelmente uma das mais antigas raças de Pastor, porque se encontra em pinturas e gravuras da Idade Média. Seus ancestrais são provavelmente os cães celtas trazidos na época das invasões ocorridas por volta do IX século. Desde o século XVIII o pastor de Picardia, semelhante aos Grifos, acompanhava os pastores que guardavam as ovelhas. Seleções sistemáticas foram realizadas no final do século XIX. Faltou pouco para a Primeira Guerra Mundial fizesse desaparecer esta raça. Reconhecida oficialmente em 1923, os criadores fixaram novamente a raça em1948. A F.C.I. editou um padrão em 1964.

1

Cães Pastores

País de origem
França

Nome de origem
Berger de Picardie

Outro nome
Pastor Picard

Raças médias de 10 a 25 kg

Cabeça
Bem proporcionada. Pêlo de 4 cm de comprimento, sobrancelhas bem marcadas. Stop muito leve. Focinho forte e não muito longo. Bigode e barbicha.

Olhos
De tamanho médio, escuros. Nem claros nem gázeos.

Orelhas
Médias, largas na base, portadas eretas. Pontas ligeiramente arredondadas.

Corpo
Construção sólida e bem musculoso. Pescoço forte e musculoso. Peito profundo. Ombros e coxas compridos. Dorso reto. Lombo sólido. Ventre ligeiramente esgalgado.

Membros
Ossatura seca. Patas arredondadas, curtas, bem fechadas. Unhas de cor escura. Sem ergot.

Cauda
Cai reta até à ponta do jarrete com uma ligeira curvatura na extremidade.

Pêlo
Duro, semi-longo (5 a 6 cm), não ondulado, não assentado, áspero e estaladiço.

Pelagem
Cinza, cinza-preto, cinza-azul, cinza-ruivo, fulva clara ou escura. Sem grande mancha branca.

Tamanho
Macho: de 60 a 65 cm.
Fêmea: de 55 a 60 cm.

Peso
De: 19 a 23 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, vigoroso, corajoso, esse obediente atrevido é equilibrado e estável. Muito resistente, é impulsivo no trabalho. Aprecia muito a vida familiar e é manso com as crianças.

Conselhos
Não é um citadino. Precisa de espaço e de exercício. Uma escovação regular e enérgica é necessária.

Utilizações
Pastoreio, guarda e companhia.

Pastor dos Pireneus

O menor Cão Pastor francês. Pelagem tufosa. Movimentos muito elegantes.

As origens do menor Pastor francês são muito antigas. Provém provavelmente de raças locais e viveu apenas nos altos vales dos Pireneus até o final do século XIX. Durante a Primeira Guerra mundial, foi utilizado como sentinela, cão de ligação, ou para a busca dos feridos. A raça foi oficialmente homologada em 1936. Segundo a região onde viveu, se chamou Labrit ou Pastor de Landes, Cão de Bagnères, Cão d'Auzun, Cão d'Arbazzie... Atualmente o Labrit, mais rústico, maior, com um tamanho de 50 a 55 cm, que quase foi reconhecido como raça em 1935, desapareceu oficialmente e se fundiu com o Pastor dos Pireneus. Existem duas variedades:
- Pastor de pêlo longo, muito difundido.
- Pastor "de Pelo curto", mais raro, cujo pêlo bastante curto na cabeça, também é menos longo no corpo.

1

Cães Pastores

País de origem
França

Nome de origem
Berger des Pyrénées

Até 25 kg

1

Cabeça
Triangular, lembrando a do urso pardo. Stop pouco aparente. Focinho um pouco curto no pastor de pêlo longo, um pouco mais comprido no pastor de pelo curto

Olhos
De cor marrom escuro, pálpebras com um contorno preto. São admitidos os olhos de cores diferentes (gázeos) nos cães com pelagem arlequim ou cinza ardósia.

Orelhas
Bastante curtas ou geralmente amputadas. Parte inferior ereta e a parte superior cai para frente ou para o lado.

Corpo
O do pastor de focinho liso é um pouco mais curto que o do pastor de pêlo longo. Pescoço forte. Peito largo e profundo. Dorso longo. Garupa bastante oblíqua.

Membros
Membros anteriores secos. Membros posteriores com ergots duplos. As patas do pastor de focinho liso são mais fechadas e mais arqueadas que as do pastor de pêlo longo.

Cauda
Pastor de pêlo longo: bem franjada, não muito longa, de inserção baixa e formando um gancho na extremidade. Muitas vezes amputada. Textura entre o pêlo de cabra a lã. Pastor de focinho liso: bastante longa, tufosa, em penacho, portada baixa e formando um gancho na extremidade; ergue-se sobre o dorso abrindo-se em leque quando o cão está atento.

Pêlo
Pastor de pêlo longo: longo ou semi-longo, sempre muito farto, quase assentado ou ligeiramente ondulado, mais farto e mais lanoso na garupa e nas coxas. Pêlo eriçado de frente para trás no focinho e nas bochechas. Textura entre o pêlo de cabra e a lã.
Pastor de focinho liso: bem farto, assentado, bastante longo e leve. Mais longo na cauda e ao redor do pescoço. Cabeça guarnecida com pêlos curtos e finos. Pêlo raso nos membros e culotes nas coxas.

Pelagem
Pastor de pêlo longo: fulvo mais ou menos escuro com ou sem mistura de pêlos pretos e por vezes um pouco de branco no antepeito e nos membros; cinza mais ou menos escuro com branco na testa, no antepeito e nos membros; diferentes tons de arlequim. A pelagem branca é eliminatória.
Pastor de focinho liso: branca ou branca com manchas cinza (ou cor de trigo) ou amarelo claro ou cor de lobo ou laranja na testa, nas orelhas e na raiz da cauda. As manchas cor de trigo são as mais apreciadas.

Tamanho
Pastor de pêlo longo
Macho: de 40 a 48 cm.
Fêmea: de 38 a 46 cm.
Pastor de focinho liso
Macho: de 40 a 54 cm.
Fêmea: de 40 a 52 cm.

Peso
Para as duas variedades: de: 8 a 15 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Primeiro é preciso notar que o pastor de focinho liso é menos nervoso, mais maleável que o pastor de pêlo longo. Um influxo nervoso excessivo caracteriza o pastor dos Pireneus. Muito vivo, esperto, hiperativo, tem que despender energia constantemente. Não é um cão fácil. Late bastante, desconfiado com estranhos, guardião vigilante, corajoso. Precisa de muita autoridade.

Conselhos
Esse cão não se adapta de modo algum à vida em apartamento. Deixado só, destruirá tudo o que puder encontrar. Se não for suficientemente exercitado, se tornará agressivo. Basta uma escovação semanal.

Utilizações
Pastoreio, guarda, companhia, de resgate (escombros), busca de drogas e de explosivos.

Pastor da Rússia Meridional

Este cão é provavelmente descendente dos Molossos asiáticos, cruzado em seguida com os Borzóis a fim de amenizar sua silhueta. A raça foi reconhecida oficialmente na União Soviética em 1952. Foi o primeiro cão soviético reconhecido pela F.C.I. Cão de rebanho, o exército russo utiliza-o como cão de guarda. Ainda muito raro fora de seu país de origem.

Constituição robusta. Musculatura desenvolvida. Movimentos naturais: trote pesado e galope.

1

Cães Pastores

País de origem
Rússia

Nome de origem
Loujnorousskaïa Ovtcharka

Outro nome
Ovtcharka de Rússia meridional

Raças médias de 10 a 25 kg

Cabeça
Alongada, com uma testa moderadamente larga. Stop pouco marcado. Grande trufa.

Olhos
Ovais, escuros, colocados horizontalmente.

Orelhas
Bastante pequenas, triangulares, pendentes.

Corpo
Fortemente musculoso. Pescoço seco. Peito bastante largo e profundo, ligeiramente achatado. Dorso reto e forte. Lombo curto, largo e arredondado. Ventre ligeiramente recolhido.

Membros
Ossatura maciça. Patas ovais, fortes e bem arqueadas.

Cauda
Longa.

Pêlo
Longo (10 a 15 cm), grosseiro, espesso, tufoso e ligeiramente ondulado. Subpêlo bem desenvolvido.

Pelagem
Branca, branca e amarela. Palha, cinza em várias tonalidades, cinza suave. Branca ligeiramente marcada de cinza, manchada de cinza.

Tamanho
Macho: pelo menos 65 cm. Fêmea: pelo menos 62 cm.

Peso
Aproximadamente 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão robusto, forte, equilibrado, vivo. Dotado de uma coragem legendária, desconfiado com estranhos. Geralmente dominador, muito ativo na defesa. Aspecto orgulhoso, porém simpático.

Conselhos
Precisa de muita atividade. Uma escovação regular é necessária.

Utilizações
Pastoreio, guarda e defesa. Cão de companhia.

Pastor de Shetland

Como seu nome indica, este pequeno Cão de pastoreio é oriundo das ilhas Shetland, ao Norte da Escócia. É provável que tenha surgido a partir de cruzamentos entre o Collie escocês, o "Yakkie ou Yakin" islandês, cão dos baleeiros da Groenlândia, e o Spitz, companheiro dos pescadores escandinavos. Outros pensam que tenha surgido do King Charles Spaniel. Recebeu o apelido de Sheltie, e é parecido com o Collie de pêlo longo em miniatura. Um clube foi criado em 1908 nas Shetland. Introduzido na Inglaterra no final do século XIX, foi somente reconhecido oficialmente em 1914.

Cópia miniatura do Collie. Harmonia das formas. Movimentos leves.

1

Cães Pastores

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
Shetland Sheepdog

Outros nomes
Sheltie,
Shetland,
Shetland,
Shetland Collie,
Collie anão

Raças pequenas menos de 10 kg

Cabeça
Triangular e alongada. Crânio chato e estreito. Stop pouco pronunciado. Trufa, lábios e contorno dos olhos pretos.

Olhos
Oblíquos, amendoados, marrom escuro, exceto para alguns cães "merle" para os quais podem ser azuis ou manchados de azul.

Orelhas
Pequenas, eretas, pontas dobradas para frente.

Corpo
Comprimento ligeiramente maior a altura na cernelha, e bem equilibrado. Peito alto. Costelas arqueadas. Dorso reto.

Membros
Ossatura forte. Patas de formato oval. Almofadas plantares bem espessas. Dígitos arqueados e bem fechados.

Cauda
De inserção baixa, pelagem abundante, em movimento pode se erguer ligeiramente, mas não acima do nível do dorso.

Pêlo
Longo, reto, duro. Subpêlo macio curto e cerrado. Juba e peitoral revestidos de uma pelagem abundante conferindo-lhe um ar majestoso. Membros anteriores bem franjados.

Pelagem
Zibelina: claros ou sombreados, desde o dourado pálido até o acaju intenso. Tricolor: preto intenso, marcas fogo intenso e branco.
Azul merle: azul claro prateado, manchado e marmorizado em preto.
Preto e branco. Preto e fogo.

Tamanho
Macho: de 36 a 40 cm.
Fêmea: de 34 a 38 cm.

Peso
De 5 a 10 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão ativo, vigilante, alegre, de temperamento dócil. Afetuoso, manso, é fácil de educar. Reservado com estranhos, jamais medroso, ladrador.

Conselhos
Deve ser escovado duas vezes por semana e mais freqüentemente em período de muda. Não dar banho mais de uma vez por mês. Saídas diárias são necessárias.

Utilizações
Pastoreio e companhia.

Old English Sheepdog

Diferentes origens são atribuídas ao Bobtail. Há quem pense que tenha surgido de um cruzamento muito antigo com as raças de cães de pastor dos quais o Mastim italiano (atualmente desaparecido) trazido pelos Romanos. Outros acreditam que seria o resultado de cruzamentos entre cães pastores insulares e continentais (Puli, Briard...). De qualquer modo, há séculos que o Bobtail existe, já que aparece representado numa pintura de Gainsborough datando de 1771. Foi apresentado pela primeira vez numa exposição em 1873 em Birmingham. Oficialmente reconhecido em 1888 na Grã-Bretanha, foi em 1900 que o primeiro Clube foi fundado nos Estados Unidos. Desconhecido na França até 1973.

Tipo Cob, forte, atarracado e musculoso.
Membros baixos. Inscritível num quadrado.
Bamboleado típico no trote.
Passo de camelo no galope.

1

CÃES PASTORES

PAÍS DE ORIGEM
Grã-Bretanha

NOME DE ORIGEM
Old English Sheepdog,
Short Tailed English Sheepdog

OUTROS NOMES
Cão pastor britânico,
Pastor inglês ancestral
Bobtail

Raças grandes
de 25 a 45 kg

CABEÇA
Forte, quadrada. Crânio volumoso. Stop marcado. Focinho forte, quadrado, truncado. Trufa forte.

OLHOS
De inserção bem separada , escuros ou de cores diferentes. Admitem-se os olhos azuis.

ORELHAS
Pequenas, e portadas achatadas contra as faces.

CORPO
Curto e compacto. Pescoço forte. Cernelha mais baixa que o lombo. Peito profundo e amplo. Costelas arqueadas. Escápulas oblíquas. Lombo robusto e ligeiramente arqueado.

MEMBROS
Ossatura forte. Pequenas patas redondas, com dígitos arqueados. Almofadas plantares espessas e duras.

CAUDA
Ausente ou amputada.

PÊLO
Abundante, áspero, isento de cachos. Pelagem mais abundante nos posteriores do que no resto do corpo. Subpêlo suave e denso

PELAGEM
Todos os tons de cinza, acinzentado, ou azul. O corpo e os posteriores têm cor uniforme com ou sem pequenas manchas brancas (luvas) nas extremidades dos membros.
A cabeça, o pescoço, e a face ventral ao tronco devem ser brancos. Qualquer tom de marrom é considerado falta.

TAMANHO
Macho: no mínimo 61 cm.
Fêmea: no mínimo 56 cm.

PESO
De 25 a 30 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Dotado de um grande vigor, brincalhão, turbulento, não é medroso nem agressivo. Muito afetuoso, dócil, temperamento igual, fiel, vigia muito bem as crianças, por isso ganhou o apelido de Nanny Dog. Possui o sentido da função de guarda, mas não é mordedor. Para além disso, sua cabeça de urso de pelúcia e sua voz "rouca" tornam-no pouco dissuasivo.

Conselhos
Adapta-se muito bem à vida citadina em apartamentos, desde que coabite constantemente com seu dono e possa correr todos os dias. Resiste mal ao calor. Tem um caráter forte e sua educação deve ser firme. A escovação diária é muito importante para que sua pelagem volumosa não se transforme num montão de nós.

Utilizações
Pastoreio (atividade praticamente abandonada atualmente) e companhia.

Border Collie

Pensa-se que seus ancestrais eram cães nórdicos que guardavam os rebanhos de renas. É provável que tenham sido trazidos para as ilhas Britânicas pelos Vickings, e que tenham sido cruzados com as raças pastoreiras locais. Deve seu nome à região dos vales dos Borders, fronteira entre a Inglaterra e a Escócia, onde a raça se desenvolveu. É o mais difundido dos colleys, e continua especializado na guarda dos rebanhos, para a qual é utilizado desde o século XVIII. A raça foi apenas fixada no século XIX, reconhecida em 1976 pelo Kennel Club e em 1985 pela S.C.C. Chegou à França em 1970.

Harmonia e nobreza. Ágil e elegante. Anda sem quase levantar as patas, rente ao solo.

1

Raças médias de 10 a 25 kg

Cães Pastores

País de origem
Grã-Bretanha

Outro nome
Collie anão
Borde collie

1

Cabeça
Crânio razoavelmente largo. Focinho moderadamente curto e forte. Stop bem marcado. Trufa preta, marrom, ou cor de ardósia segundo a cor da pelagem.

Olhos
De formato oval, inseridos bem separados, marrons, exceto nos cães "merle" para os quais os olhos podem ser azuis.

Orelhas
De tamanho médio, inseridas bem separadas, portadas eretas ou semi-eretas.

Corpo
Bem proporcionado, atlético. Pescoço forte. Costelas bem arqueadas. Peito profundo e largo. Lombo musculado.

Membros
Boa ossatura. Patas de formato oval. Dígitos arqueados bem juntos.

Cauda
Moderadamente longa, de inserção baixa, com uma espiral para cima na direção da ponta.

Pêlo
Duas variedades: pêlo semilongo formando uma juba, culotes e uma cauda de raposa (pincel); pêlo curto. Em ambos os casos, o pêlo é denso e de textura média. Subpêlo denso e macio.

Pelagem
Geralmente cor de pega: colar, lista e partes inferiores dos membros brancos, o resto é preto. Todas essas cores são admitidas, mas o branco jamais deverá ser predominante.

Tamanho
Macho: de 50 a 55 cm.
Fêmea: de 47 a 52 cm.

Peso
De 15 a 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão vigoroso, ardente, tenaz, trabalhador, muito dócil. Muito dedicado a seu dono, receptivo à educação porque é atento e inteligente. Reservado com estranhos, mas jamais medroso nem agressivo. Dotado de um olfato potente, possui um olhar com um poder extraordinário e utiliza-o para trabalhar com seu dono. Trabalha à distância fixando intensamente, parecendo "hipnotizar" o gado, aproximando-se rastejando como um cão de caça. É a raça que melhor se destaca nos concursos com rebanhos.

Conselhos
Deve permanecer um pastor. Sua educação é iniciada por volta dos 6 meses e pode se prolongar durante um ano ou dois. Não está adaptado para a vida na cidade. Incansável, necessita de exercício diário. Adapta-se facilmente à função de cão de companhia. Quanto à higiene não precisa de cuidados particulares.

Utilizações
Pastoreio. Devido a suas qualidades naturais e à orientação de sua seleção, é um cão que deve trabalhar com rebanhos.

Pastor

Este grande Cão de pastoreio de quatro variedades seria descendente de cães de rebanhos da Europa central ou de cruzamentos entre raças locais de Mastins e de Deerhound vindos da Inglaterra no século XIII. No século XIX existia na Bélgica uma grande variedade de cães autóctones parecidos com cães de pastoreio, de cores e texturas de pêlo muito diversas. As primeiras seleções ocorreram por volta de 1885. O Clube do Pastor belga, criado em 1891 por um professor de zootecnia, A. Reul, que estabeleceu os fundamentos de identificação racial, com um primeiro padrão em 1984, após ter distinguido quatro variedades.

MALINOIS

1

CÃES PASTORES

PAÍS DE ORIGEM
Bélgica

NOME DE ORIGEM
Belgische Herdershond , Groenendaler,Lakense, Mechelaar,Tervureren

OUTROS NOMES
Groenandel, Laekenois, Malinois, Tervueren

Mediolíneo, inscritível num quadrado. Tipo lupóide. Harmoniosamente proporcionado. Elegante robustez.

Raças grandes
de 25 a 45 kg

TERVUREN

Belga

Em 1898, o Pastor belga de pêlo longo e preto foi denominado "Groenandel", do nome do castelo de seu principal criador, N. Rose. Na mesma época, no castelo real de Laeken, Pastores belgas fulvos de pêlo duro foram batizados "Laekenois". Essa variedade se tornou rara. A grande maioria dos Pastores belgas de pêlo curto da região de Malines foi denominada "Malinois". Na aldeia de Tervueren, um cervejeiro, Corbeels, começou a criar Pastores belgas de pêlo longo e fulvo, mais tarde conhecidos sob o nome de "Tervueren". O Malinois é atualmente o mais procurado, a seguir é o Tervueren e finalmente o Groenandel. O Lakinois foi sempre confidencial.

GROENANDEL

LAKINOIS

CABEÇA
Bem destacada, longa, seca. O focinho vai se afinando gradualmente. Chanfro nasal reto. Stop moderado, mas marcado. Lábios bem juntos. Bochechas secas, achatadas.

OLHOS
De tamanho médio, ligeiramente amendoados, castanhos, pálpebras contornadas de preto.

ORELHAS
De inserção alta, eretas, triangulares, e rígidas.

CORPO
Poderoso sem ser pesado. Pescoço bem erguido. Peito pouco largo. Linha do dorso reta, larga poderosamente musculosa. Garupa ligeiramente inclinada.

MEMBROS
Musculatura seca e forte. Membros posteriores poderosos, sem ser pesados. Patas redondas, dígitos bem juntos

CAUDA
Forte na base, de comprimento médio, pendente em repouso. Não forma gancho nem desvia.

PÊLO
Sempre abundante, cerrado. Subpêlo lanoso. Crina , culotes nas coxas. Pêlo longo (curto na testa): Groenandel e Tervueren. Pêlo curto (raso na testa): Malinois. Pêlo duro (áspero, secura do pêlo eriçado, de 6 cm): Laekenois.

PELAGEM
A máscara deve abranger os lábios superiores e inferior, a comissura dos lábios e as pálpebras numa única área preta. Tervueren: pelagem fulva carbonada (a preferida). Malinois: unicamente fulva carbonada com máscara preta. Groenandel: unicamente preta opaca. Laekenois: fulva com marcas cor de carvão principalmente no focinho e na cauda.

TAMAHNO
Macho: de 60 a 66 cm.
Fêmea: de 56 a 62 cm.

PESO
De 28 a 35 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Nervoso, sensível, impulsivo. Muito vivaz em sua resposta aos diversos estímulos. Vigilante, atento, uma personalidade forte. Muito dedicado a seu dono, mas por vezes agressivo com estranhos. Muito ativo, dinâmico, precisa ser exercitado. Não suporta estar preso. O Malinois, que desde o final do século XIX foi selecionado para a guarda e o esporte, é mais virulento, com um temperamento mais forte que as outras variedades que são uns "obedientes atrevidos", devido a suas origens mais especificamente pastoreias. Extremamente sensíveis, não suportam a brutalidade, são cães cuja educação deve ser conduzida com suavidade, com firmeza e com muita paciência.

Conselhos
Necessitam de uma grande harmonia assim como de exercício regular para serem felizes. Para as variedades de pêlo longo, uma escovação semanal é necessária.

Utilizações
Pastoreio, policial, rastreador, de resgate, auxiliar nas alfândegas.
Cão de companhia (extremamente afeiçoado a seu dono e seu habitat).

Pastor Catalão

Nasceu na Catalunha, na Espanha.
Supõe-se que provenha dos antigos
Cães de pastoreio dos Pireneus.
Acredita-se que tenha sido utilizado como mensageiro
e sentinela durante a guerra civil da Espanha.

Porte médio. Mediolíneo. Pele espessa bem pigmentada. Movimento típico: o trote curto.

1

Cães Pastores

País de origem
Espanha

Nome de origem
Gos d'Atura Catala,
Perro de Pastor Catalan

Outros nomes
Pastor catalão,
Pastor de Catalunha

Raças médias
de 10 a 25 kg

Cabeça
Forte, ligeiramente convexa. Stop bem visível. Cana nasal reta e curta. Focinho cônico.

Olhos
Redondos, de cor âmbar escuro, contorno das pálpebras preto.

Orelhas
De inserção alta, pendentes, triangulares, finas, extremidades pontiagudas. Para os cães de trabalho se aceitam as orelhas amputadas.

Corpo
Forte, ligeiramente maior que a altura na cernelha. Pescoço bastante curto. Peito largo. Costelas arqueadas. Dorso reto. Garupa robusta, ligeiramente inclinada.

Membros
Fortes. Duplos ergots nos membros posteriores. Patas de formato oval. Unhas e almofadas plantares pretas.

Cauda
De inserção baixa, longa ou curta (menos de 10 cm). Existem cães anuros e para os cães de trabalho a cauda amputada é admitida. Em repouso é pendente formando um gancho na parte inferior. Bem guarnecida de pêlos.

Pêlo
Longo, assentado, e áspero. Subpêlo abundante. Barba, bigode, pêlos sobre a testa e sobrancelhas desenvolvidos. A muda se efetua em duas épocas: abrange primeiro os pêlos da parte anterior do corpo, e depois os da parte posterior.

Pelagem
Sua cor provém da mistura de pêlos de diferentes tonalidades: fulvo, marrom mais ou menos avermelhado, cinza, branco e preto. As cores de base resultando dessa mistura são: fulvo, areia e cinza.

Tamanho
Macho: de 47 a 55 cm.
Fêmea: de 45 a 53 cm.

Peso
Macho: aproximadamente 18 kg
Fêmea: aproximadamente 16 kg.

Temperamento, aptidões, educação
O Cão de pastoreio catalão é corajoso, inteligente, enérgico. As verdadeiras qualidades dessa raça se manifestam na condução dos rebanhos, por que ele faz o que o pastor lhe pede, mas muitas vezes também ele se mostra capaz de iniciativas, dirigindo o rebanho com uma facilidade extraordinária. Valente e vigilante, pode ser utilizado como cão de guarda. Muito fiel e manso com as crianças, revela ser um excelente companheiro. Muito resistente a todos os agentes atmosféricos.

Conselhos
Pode viver em casa, mas não ficar inativo. Precisa de uma escovação diária.

Utilizações
Pastoreio, guarda, policial, companhia.

Pastor Croata

Este cão oriundo do Oriente, praticamente desconhecido fora de seu país, sempre guardou os rebanhos e as fazendas. É provável que provenha das raças de Pastores do norte da Croácia

Silhueta retangular. Ossatura leve. O trote é seu movimento preferido

Raças médias de 10 a 25 kg

1

Cães Pastores

País de origem
República Croata

Nome de origem
Hrvatski Ovcar

Outro nome
Pastor de Croácia

1

Cabeça
Relativamente leve, coniforme (comprimento total da cabeça é de aproximadamente 20 cm). Arcadas superciliares não desenvolvidas. Bochechas arredondas. Vista no conjunto a cabeça é seca. Stop pouco marcado. Cana nasal reta.

Olhos
Castanhos a preto, de tamanho médio, amendoados. Pálpebras escuras.

Orelhas
Triangulares, eretas ou semi-eretas, de largura média, inseridas ligeiramente laterais. As orelhas eretas são desejáveis e não devem ser encurtadas.

Corpo
Ligeiramente mais largo que alto. Dorso curto, musculoso, parte lombar curta e bem musculoso. Antepeito pouco pronunciado. Costelas arqueadas. Flancos cheios e firmes. Garupa ligeiramente oblíqua.

Membros
Bem musculoso. Patas pequenas, ligeiramente alongadas.

Cauda
Inserida moderadamente alta, o pêlo é longo e tufoso. Em repouso é portada baixa, ao nível da linha do dorso. Em alerta, é portada acima da linha da cernelha.

Pêlo
Relativamente suave, ondulado, ou encaracolado. Nunca deve ser lanoso. Curto na região facial da cabeça, longo (de 7 a 14 cm) no dorso. Franjas e culotes nos membros. O subpêlo é denso.

Pelagem
O tom de fundo é preto. Admitem-se certas marcas brancas sob a garganta, no antepeito e no peito. As marcas brancas nos dígitos ou nas patas são permitidas, mas indesejáveis.

Tamanho
Aproximadamente 40 a 50 cm

Peso
De 15 a 20 kg

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, atento, corajoso, extremamente resistente, esse cão é fácil de educar.

Conselhos
Esse cão precisa de espaço e de exercício.

Utilizações
Pastoreio, guarda.

Pastor Holandês

A raça foi criada no século XIX no sul da Holanda, a partir do cruzamento entre Malinois e Cães pastores locais. As variedades (pêlo curto, longo e duro) apenas apareceram com as exposições caninas.

Porte médio. Tipo lupóide. Constuitição poderosa. Movimentos leves, soltos e francos

1

CÃES PASTORES

PAÍS DE ORIGEM
Holanda

NOME DE ORIGEM
Holandse Herder,
Hollandse Herdershond

Raças grandes
de 25 a 45 kg

CABEÇA
Seca, mais longa que maciça. A do pastor de pêlo duro é um pouco mais quadrada. Cana nasal reta. Stop ligeiramente marcado. Focinho ligeiramente mais longo que o crânio.

OLHOS
De tamanho médio, amendoados, escuros.

ORELHAS
Pequenas, eretas e portadas direcionadas para frente. Nunca devem ser arredondadas.

CORPO
Sólido, bem proporcionado. Pescoço sem barbelas. Peito alto. Costelas ligeiramente arqueadas. Dorso reto, curto e robusto. Lombo sólido. Garupa nem curta nem encolhida.

MEMBROS
Fortes, bem musculosos com uma boa ossatura. Patas redondas, dígitos bem juntos e arqueados. Unhas e almofadas plantares pretas.

CAUDA
De inserção baixa, ligeiramente recurvada, em repouso cai até a ponta dos jarretes. Em ação, ergue-se.

PÊLO
Curto: na totalidade do corpo com um subpêlo lanoso. Crina, culote e franjas até a cauda. Essa variedade é a mais difundida. Longo: na totalidade do corpo, pêlo assentado, reto, duro, nem encaracolado nem ondulado, com um subpêlo lanoso. Cauda bem guarnecida de pêlos. Duro: na totalidade do corpo; pêlo muito espesso, duro, "despenteado" com, exceto na cabeça, um subpêlo denso e lanoso. Culote e cauda muito fartos.

PELAGEM
De pêlo curto e longo: rajado mais ou menos pronunciado sobre um fundo marrom ou cinza. Máscara preta preferível. De pêlo duro: azul acinzentado, sal e pimenta, rajado dourado e rajado prateado.

TAMANHO
Macho: de 57 a 62 cm.
Fêmea: de 55 a 60 cm.

PESO
Aproximadamente 30 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Temperamento vivo, cão resistente, rústico, muito hábil para o salto. Afetuoso, dócil, muito fiel, muito próximo dos donos e manso com as crianças. Bastante agressivo com os outros cães, alma de guardião, é apreciado no exército e na polícia.

Conselhos
Esse cão precisa despender energia diariamente. As três variedades de pêlo necessitam de uma escovação diária.

Utilizações
Pastoreio, guarda e companhia.

Cão de Bestiar

Raça muito antiga oriunda das ilhas Baleares, utilizada para a guarda e a condução dos rebanhos de carneiros e de ovelhas.

Rústico, sólido. Mediolíneo. Subconvexo. Pele cinza suave. Galope franco, rápido, elegante.

Raças grandes de 25 a 45 kg

1

Cães Pastores

País de origem
Espanha

Nome de origem
Perro de Pastor Mallorquim, Cão de Bestiar

1

Cabeça
Maciça, de perfil subconvexo. Stop levemente inclinado. Focinho largo. Lábios pretos.

Olhos
Ligeiramente amendoados e oblíquos. Cor clara a escura. Pálpebras pretas.

Orelhas
De inserção alta, pendentes, triangulares e espessas.

Corpo
De grande porte, bem proporcionado, robusto. Pescoço maciço. Dorso horizontal. Peito amplo. Costelas arqueadas. Lombo largo e poderoso. Garupa larga, nem saliente nem caída.

Membros
Sólidos. Patas quase "de lebre".

Cauda
Bastante comprida, recurvada e erguida em foice quando o cão está em ação.

Pêlo
De pêlo curto (o mais difundido): de 1.5 a 3 cm no dorso. Subpêlo muito fino. De pêlo longo: ligeiramente ondulado no dorso (aproximadamente 7 cm). Subpêlo pouco espesso. Nas duas variedades, pêlo macio, resistente e bastante fino.

Pelagem
Preta. O branco é apenas admitido no antepeito e nas patas. O preto azeviche é o mais apreciado.

Tamanho
Macho: de 66 a 73 cm.
Fêmea: de 62 a 68 cm.

Peso
Aproximadamente 40 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão robusto, ágil, rápido, valente e brigão. Dócil, afetuoso, fiel, é o cão de um único dono, instintivamente desconfiado com estranhos.

Conselhos
Escovação de vez em quando. Precisa de espaço e de exercício.

Utilizações
Rebanhos, guarda, defesa e companhia.

Pastor Polonês de planície

O Pastor polonês poderia ser o resultado de um cruzamento entre o Puli húngaro e outros Pastores asiáticos, do tipo do Terrier do Tibete. É primo do Old English Sheepdog e talvez do Bearded Collie. Bom guardião de ovelhas, quase desapareceu após a Segunda Guerra Mundial. Foi reconhecido pela F.C.I. em 1971 e chegou a França em 1980.

Porte médio. Silhueta retangular. Movimentos fáceis e alongados (passo travado).

1

Cães Pastores

País de origem
Polônia

Nome de origem
Polski Owczarek Nizinny

Outros nomes
Nizinny,
Pastor de Vale polonês,
Pon

Raças médias de 10 a 25 kg

Cabeça
Média. Crânio arqueado. Stop marcado. Focinho robusto. O pêlo denso na testa, nas bochechas e no queixo lhe dá um ar manso.

Olhos
Ovais, de cor avelã com a orla das pálpebras escura.

Orelhas
Médias, de inserção bastante alta, e pendentes.

Corpo
Recolhido, forte, musculoso. Pescoço forte. Peito profundo. Dorso fortemente musculado. Lombo largo. Garupa curta.

Membros
Patas ovais. Dígitos bem juntos. Esqueleto robusto.

Cauda
Naturalmente curta, encurtada ou amputada.

Pêlo
Grosso, denso, espesso e abundante. Subpêlo macio. Os pêlos da testa cobrem os olhos de uma maneira característica.

Pelagem
Todas as cores e todas as manchas são admitidas.

Tamanho
Macho: de 45 a 50 cm.
Fêmea: de 42 a 47 cm.

Peso
De 15 a 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão rústico, resistente às condições climáticas desfavoráveis, alerta e corajoso. Independente, dominador, ladrador, dotado de uma forte personalidade, deve receber uma educação firme. Muito desconfiado com estranhos, revela ser um guardião muito eficiente. De uma fidelidade perfeita, agradável, adorando seus donos e as crianças, ele será um bom cão de companhia.

Conselhos
Adapta-se facilmente à vida citadina desde que possa beneficiar de exercício. Uma escovação uma ou duas vezes por semana é necessária.

Utilizações
Pastoreio, guarda e companhia.

Pastor Português da Serra de Aires

Há quem pense que os atuais Pastores portugueses provêm de um casal de Cães de pastor de Brie, importado pelo conde de Castro Guimarães, no início do século XX. Mas os cães existentes possuem caraterísticas tão nitidamente fixadas e tão diferenciadas, que se assemelham mais à raça do Cão de Pastor dos Pirenéus. Por isso, pensa-se que eles poderiam ser um ramo dessa raça que se tentou melhorar com o Pastor de Brie. Este cão é muito pouco conhecido fora de seu país natal.

Porte médio. Atitudes e aparência simiescas. Movimentos leves (trotador).

Raças médias de 10 a 25 kg

1

Cães Pastores

País de origem
Portugal

Nome de origem
Cão da Serra de Aires

Outros nomes
Pastor português, Cão da Serra de Aires, Cão-macaco

1

Cabeça
Forte e larga. Crânio avultado. Protuberância occipital aparente. Stop bem marcado. Cana nasal retilíneo ou concavilíneo. Focinho bem destacado, ligeiramente levantado. Lábios ajustados, delgados.

Olhos
Redondos, horizontais, vivos, escuros. Pálpebras pigmentadas de preto.

Orelhas
De inserção alta, pendentes mas não dobradas. Cortadas, são eretas, triangulares, de comprimento médio, finas e lisas.

Corpo
Sub-longilíneo. Pescoço sem barbelas. Antepeito proeminente e largo. Cernelha musculada. Peito profundo e bem descido. Dorso longo. Lombo curto e arqueado.

Membros
Fortes. Patas arredondadas, não achatadas. Dígitos longos, mais escuros que a pelagem. Solas grossas e resistentes.

Cauda
De inserção alta, pontiaguda. Cai sobre os jarretes. A arqueação é mais ou menos acentuada na ponta. Em ação, enrosca-se ligeiramente.

Pêlo
Longo, liso, ou um pouco ondulado, formando barbas e bigodes longos.

Pelagem
Amarela, marrom, cinza, fulvo e cor de lobo, com variedades de cor clara, comum e escura, preta, mais ou menos marcada de fogo com ou sem pêlos brancos mesclados.

Tamanho
Macho: de 45 a 55 cm.
Fêmea: de 42 a 52 cm.

Peso
De 12 a 18 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, sóbrio, muito vivo, é muito dedicado ao pastor e ao gado que guarda. Sistematicamente hostil com estranhos.

Conselhos
Não é um cão da cidade. Precisa de espaço e de exercício. Uma escovação semanal é suficiente.

Utilizações
Pastoreio, guarda e companhia.

Pastor Polonês de Podhal

Atitude imponente. Constituição forte e compacta. Inscritível num retângulo.

Como um grande número de molossos da Europa, o pastor de Podhal deve ter ancestrais entre os pastores do Tibete que acompanhavam as hordas quando das grandes invasões. Primo do Kuvasz húngaro, ele guarda as ovelhas nos altos vales de tatras, a parte mais alta dos cárpatos e defende-as contra os ursos e os lobos. Esta raça, quase decimada durante a segunda guerra mundial, foi reconhecida pela F.C.I. Em 1967. Este pastor, ainda que pouco difundido fora de seu país, foi introduzido em França em 1985.

1

Cães Pastores

País de origem
Polônia

1

Nome de origem
Polski owerzarek
Podhalanski

Outros nomes
Pastor de tatras,
Pastor polonês de podhal,
Cão de pastor de podhal.

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Cabeça
Seca, larga. Stop marcado. Focinho forte. Cana nasal larga. Lábios cerrados.

Olhos
De tamanho médio, ligeiramente oblíquos. Marrom escuro com as orlas das pálpebras escuras.

Orelhas
Médias, de inserção alta, pendentes. São triangulares e bastante espessas.

Corpo
Longo, maciço e musculoso. Cernelha claramente marcada. Pescoço sem barbelas. Peito alto. Dorso reto e largo. Lombo largo e bem acoplado. Costelas inclinadas. Ventre muito ligeiramente elevado. Garupa oblíqua.

Membros
Forte ossatura. Patas ovais e firmes. Almofadas plantares fortes e duras.

Cauda
De inserção baixa, portada abaixo da linha superior, ponta da cauda ligeiramente curvada. Tufosa, formando um penacho.

Pêlo
Curto, denso na cabeça e na parte anterior dos membros. Longo, denso, reto no pescoço e no tronco. Juba abundante. Subpêlo espesso.

Pelagem
Branca uniforme. As manchas creme são indesejáveis.

Tamanho
Macho: de 65 a 70 cm.
Fêmea: de 60 a 65 cm.

Peso
De 30 a 45 kg

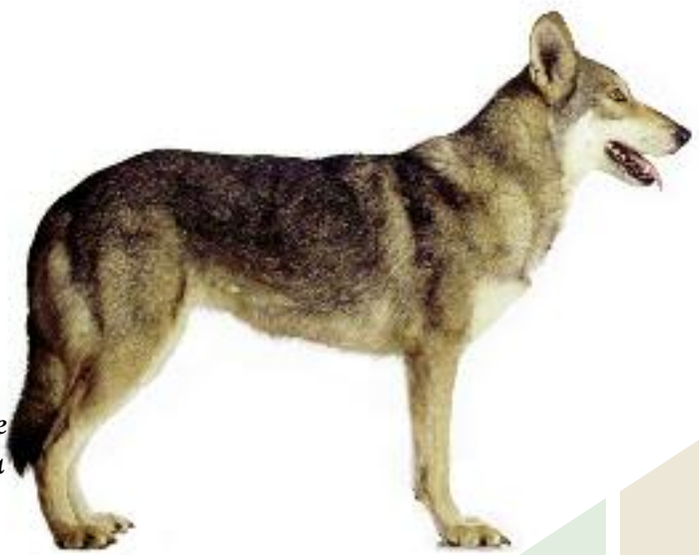
Temperamento, aptidões, educação
Cão resistente, corajoso, vivo, vigilante. É muito ágil e sua rapidez na corrida é considerável. De um natural manso, calmo, afetuoso com as crianças, cuida de seu território e de sua família.

Conselhos
É impossível fazer com que ele viva num apartamento. É preciso fornecer-lhe espaço e exercício. Uma escovação semanal é suficiente. Durante o período de muda um trimming (tosa) é aconselhado.

Utilizações
Pastoreio, guarda e companhia.

Cão Lobo de Saarloos

Por volta de 1930, perto de Roterdam, L. Saarlos, desejoso de melhorar seus cães, particularmente a resistência, cruzou com sucesso um pastor alemão e uma loba de rússia. Em 1975, o Saarlos Wolfhond foi reconhecido como raça holandesa. A F.C.I., por sua vez, o reconheceu em 1981. Este cão é muito raro fora de seu país.



Tipo lupóide. Harmonia na constituição. Movimentação lembrando a do lobo.

Raças grandes de 25 a 45 kg

1

Cães Pastores

País de origem
Holanda

Nome de origem
Saarlooswolfhond

1

Cabeça
De aspecto lupóide, em harmonia com o resto do corpo. Crânio largo, chato. Stop levemente marcado. Focinho largo. Trufa preta ou fígado segundo a cor da pelagem. Lábios bem juntos.

Olhos
De tamanho médio, amendoados, de preferência amarelos.

Orelhas
Médias, eretas, carnudas, pontiagudas.

Corpo
Poderoso, de comprimento ligeiramente superior à altura. Pescoço seco e musculoso. Costelas arqueadas. Dorso reto e maciço. Lombos poderosamente musculados. Garupa inclinada.

Membros
Longos de ossatura forte. Patas um pouco ovais, bem fechadas.

Cauda
Em repouso, portada em sabre.

Pêlo
Duro e reto (em forma de pau). Subpêlo abundante, lanoso.

Pelagem
De preto claro a preto escuro (cinza lobo), de marrom claro a marrom escuro e de creme claro a branco. As outras cores não são admitidas.

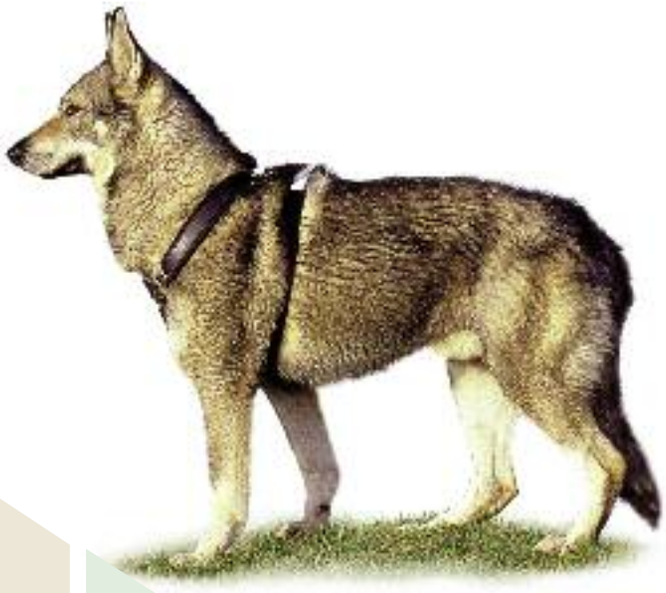
Tamanho
Macho: de 65 a 75 cm.
Fêmea: de 60 a 70 cm.

Peso
De 30 a 35 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão afetuoso, muito atento, que se mostra reservado e prudente com estranhos. Em grupo, seu instinto de matilha continua muito presente. Independente, teimoso, precisa de um dono capaz de dominá-lo sem magoá-lo. Os dois primeiros anos devem ser consagrados à socialização.

Conselhos
Não é adaptado para a vida urbana. Mesmo no campo, precisa de passeios regulares. Seu pêlo não exige qualquer cuidado particular.

Utilizações
Guia para cegos, resgate e companhia.



Cão Lobo Checoslovaco

Em 1955, foi praticado na Checoslováquia, cruzamentos entre os pastores alemães e o lobo dos Cárpatos. Em 1965, elaborou-se um projeto de criação sistemática dessa nova raça, que supostamente iria reunir as qualidades do lobo e do cão e viria a beneficiar das mesmas. Em 1982, o cão lobo checo foi reconhecido na qualidade de raça nacional pelo Comitê das associações de criadores da Checoslováquia, e em 1994 pela F.C.I. Desde então, alguns especimens chegaram a França.

Parece-se com o lobo (andaduras, pelagem, máscara facial). Constituição robusta. Movimentos: trote harmonioso, solto e alongado.

1

Cães Pastores

País de origem
República checa

Nome de origem
Ceskoslovensky vlcak

Outro nome
Cão lobo checoslovaco

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Cabeça
Em forma de cone obtuso. Testa ligeiramente arqueada. Stop moderadamente marcado. Cana nasal retilínea. Trufa de formato oval.

Olhos
Estreitos, oblíquos, de cor âmbar.

Orelhas
Eretas, delgadas, triangulares, curtas.

Corpo
De constituição robusta, inscritível num retângulo. Pescoço seco e bem musculoso. Peito amplo. Dorso retilíneo. Região lombar curta e bem musculosa. Garupa curta, ligeiramente inclinada.

Membros
Anteriores sólidos e secos. Membros posteriores poderosos. Patas da frente grandes, ligeiramente viradas para fora.

Cauda
De inserção alta. Em repouso, reta e pendente. Em ação, portada em foice.

Pêlo
Reto, bem acamado. No inverno, o subpêlo é abundante.

Pelagem
Cinza amarelado a cinza prateado com uma máscara clara caraterística. Pêlos claros também na base do pescoço e no antepeito. Uma máscara de cor cinza escuro é admitida.

Tamanho
Macho: no mínimo 65 cm.
Fêmea: no mínimo 60 cm.

Peso
Macho: no mínimo 26 kg.
Fêmea: no mínimo 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Temperamento ardente, muito ativo, resistente, rápido em suas reações, ele é intrépido e corajoso. De uma fidelidade excepcional para com seu dono, é distante e desconfiado com estranhos e especialmente com machos. É provável que seja dotado de capacidades olfativas largamente superiores àquelas conhecidas na espécie canina. Muito dissuasivo, será que tem de ser educado como cão de guarda e de defesa?

Conselhos
Este cão lobo se destina a pessoas conhecendo muito bem o comportamento animal.

Utilizações
Guarda e defesa.

Collie

O Collie poderia ser descendente dos cães de guarda de rebanhos da Escócia. Após diversos cruzamentos, na seqüência das invasões romanas por um lado, e da intervenção muito antiga dos criadores ingleses que trabalharam a partir de Pastores de cauda curta e de cauda longa por outro, este cão tornou-se o soberbo animal de ar aristocrata que conhecemos. A origem de seu nome é muito controversa. Alguns pensam que poderia vir da palavra "Colley": variedade de ovelhas escocesas de máscara e cauda pretas que o pastor escocês guardava antigamente. Outros acreditam que viria de "collar" (= colar), devido a sua linda crina...a variedade de pêlo curto é muito menos conhecida do que a de pêlo longo.

Grande beleza. Atitude digna.

De 10 a 45 kg

1

Cães Pastores

País de origem
Grã-Bretanha

Nomes de origem
Duas variedades:
- Collie smooth (colley de pêlo curto).
- Collie rough (colley de pêlo longo).

Outros nomes
Pastor da Escócia, collie

1

Cabeça
Alongada, coniforme, fina e proporcionada ao corpo. Crânio chato. Stop leve.

Olhos
De tamanho médio, amendoados, oblíquos, de cor marrom escuro exceto nos azuis merle cujos olhos são freqüentemente azuis ou manchados de azul.

Orelhas
Médias, moderadamente separadas, largas. Trazidas para a frente e portadas semi-eretas.

Corpo
De tamanho médio, de comprimento superior à altura. Pescoço poderoso. Peito profundo. Costelas arqueadas. Dorso reto com lombo levemente mais alto.

Membros
Musculosos, com ossatura moderadamente desenvolvida. Patas ovais. Dígitos arqueados e bem juntos.

Cauda
Longa, geralmente portada baixa, alcançando o jarrete e muito farta.

Pêlo
Variedade de pêlo longo: reto, duro e denso. O subpêlo é macio e denso. Juba e peitoral muito abundantes. Franjas nos membros. Variedade de pêlo curto: liso e de textura áspera. Subpêlo muito denso.

Pelagem
Três cores reconhecidas: Zibelina: de dourado claro (sable) a acaju intenso. Tricolor: o preto domina com manchas fogo carregado nos membros e na cabeça, marcas brancas. Azul merle (marbled collie): azul prateado, manchado e marmorizado em preto.

Tamanho
Macho: de 56 a 61 cm.
Fêmea: de 51 a 56 cm.

Peso
Macho: de 20 a 29 kg.
Fêmea: de 18 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão vivo, ativo, na maioria das vezes equilibrado, porém as vezes ansioso e tímido. Suave, sensível, o fiel lassie é um exelente companheiro. Desconfiado mas não agressivo. Sua educação será conduzida com firmeza e suavidade.

Conselhos
Adapta-se à vida citadina mas um jardim e espaço serão mais convenientes. Precisa de exercício. Bastam duas escovações por semana.

Utilizações
Pastoreio, policial, guia para cegos e companhia.

Constituição sólida. Movimento leve e fácil.

Bearded Collie

Para alguns, o Komondor dos Magiares da Europa central seria seu ascendente mais afastado. Para outros, ele seria o fruto do cruzamento entre um Pastor escocês e um Pastor polonês, o Nizinny. O Colley barbudo vem da região dos Highlands, na Escócia. No século XX, quase desapareceu, suplantado pelo Bobtail. Graças a uma criadora escocesa, a raça renasceu a partir de 1950 e não cessa de se desenvolver. Chegou à França em 1976.

1

Cães Pastores

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
Bearded collie

Outros nomes
Collie de barba,
Collie dos highlands,
Beardy,
Beardie

De 10 a 45 Kg

Cabeça
Larga e achatada.Focinho forte. Stop moderado. Trufa grande e quadrada.

Olhos
Grandes, bem separados e cuja cor condiz com a da pelagem. As sobrancelhas formam um arco para cima e para a frente.

Orelhas
Pendentes, de tamanho médio.

Corpo
Longo. Peito bem descido. Costelas arqueadas. Dorso reto. Lombo forte.

Membros
Boa ossatura. Patas ovais. Dígitos arqueados e fechados. Almofadas plantares espessas.

Cauda
Farta e de inserção baixa. Não forma nós nem é torcida. Portada baixo fazendo uma espiral para cima na ponta.

Pêlo
Longo, chato, áspero, forte e desalinhado. A partir das bochechas e do queixo, o comprimento dos pêlos aumenta para formar a barba típica. Subpêlo denso e cerrado.

Pelagem
Cinza ardósia, fulva avermelhada, preta, azul, todas as tonalidades de cinza, marrom e sable com ou sem marcas brancas. A pelagem toma apenas sua cor definitiva aos três anos, clareando e escurecendo várias vezes durante os primeiros anos.

Tamanho
Macho: de 53 a 56 cm.
Fêmea: de 51 a 53 cm.

Peso
De 20 a 30 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Equilibrado, vivo, autoconfiante, nem tímido nem agressivo. Alegre, muito brincalhão, afetuoso, muito afeiçoado a seus donos, adora as crianças. Suporta dificilmente a solidão. Late facilmente mas revela ser um bom guardião. Dotado de um olfato excelente, é hábil para buscar as trufas. Uma educação precoce, firme, mas sem rudeza é indispensável.

Conselhos
A vida em apartamento é possível se as saídas forem freqüentes e se nunca ficar fechado só. Escová-lo regularmente, pelo menos duas vezes por semana, de modo a evitar a formação de nós inextricáveis.

Utilizações
Companhia.

Kelpie

Esta raça é provavelmente o fruto de um cruzamento entre o Dingo, cão selvagem da Austrália, e o Pastor escocês (Collie) de pêlo curto, desembarcado um pouco antes de 1870. Seu apelido de "Kelpie" deve se dever a um romance de R.L. Stevenson, no qual é mencionado um demônio de rio denominado "Kelpie d'água". Pouco conhecido na Europa, é o pastor mais difundido na Austrália assim como na Nova Zelândia.

Robusto. Substancial. Leve.

1

Cães Pastores

País de origem
Austrália

Nome de origem
Australian kelpie

Outro nome
Kelpie australiano

Raças médias de 10 a 25 kg

Cabeça
Longa, estreita, cujo formato se assemelha ao da raposa. Crânio ligeiramente arredondado. Stop pronunciado. Lábios juntos, nítidos.

Olhos
Amendoados, de cor marrom acompanhando a cor da pelagem.

Orelhas
Eretas, afinadas nas extemidades. Conchas finas. O interior está bem guarnecido de pêlos.

Corpo
Pescoço de comprimento moderado, sem barbelas, provido de uma importante juba em forma de gravata. Linha superior firme e horizontal. Peito mais alto que largo. Costelas bem arqueadas. Flancos bem descidos. Lombo forte e bem musculado. Garupa um tanto longa e inclinada.

Membros
Musculatura desenvolvida. Ossatura forte. Patas redondas, fortes. Almofadas plantares espessas. Dígitos bem juntos e arqueados. Unhas curtas e fortes.

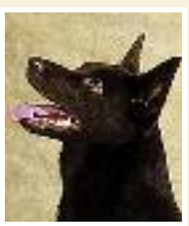
Cauda
Pendente, descrevendo uma ligeira curva. Alcança o jarrete. Provida de um bom pincel.

Pêlo
Cerrado, reto, duro, bem achatado curto (2-3 cm). Mais comprido na parte inferior do corpo, atrás dos membros. No pescoço o pêlo lhe faz uma juba que se estende em forma de gravata. Subpêlo curto e denso.

Pelagem
Preta, preto fogo, vermelha, chocolate (marrom) e azul fumo.

Tamanho
Macho: de 46 a 51 cm.
Fêmea: de 43 a 48 cm.

Peso
11 a 20 kg.



Temperamento, aptidões, educação
O kelpie é extremamente ativo, cheio de zelo. É naturalmente manso e dócil, de uma grande fidelidade e de uma grande dedicação. Possui uma aptidão instintiva para o trabalho com as ovelhas, esteja ele num prado ou numa fazenda. Incansável no trabalho, sua energia parece inesgotável.

Conselhos
Necessita de espaço e de exercício. Uma escovação semanal chega.

Utilizações
Pastoreio.

Komondor

É provável que se trate de uma raça de Cão de pastor autóctone original que os nômades Magiares tenham importado para a Hungria, há mil anos. São os descendentes de diversos Cães de pastor asiáticos, dos quais o molosso do Tibete. Este cão foi, durante muito tempo, utilizado para proteger as ovelhas contra os lobos e os ursos, ou para caçar os bandidos. O primeiro padrão foi redigido em 1921 pelo Dr. Rajsits.

Estatura imponente. Movimento nobre e digno. Pele muito pigmentada. Movimento descontraido. Passo e trote alongados.

1

Cães Pastores

País de origem
Hungria

Nomes de origem
Komondor,
Kiraly

Outro nome
Cão de pastor húngaro

Raças gigantes
de 45 a 90 kg

Pelagem
Branca.

Tamanho
Macho: aproximadamente 80 cm.
Fêmea: aproximadamente 70 cm.

Peso
Macho: de 50 a 60 kg.
Fêmea: de 40 a 50 kg.

Cabeça
Larga, proporcionada ao corpo, coberta de pêlos abundantes. Crânio arqueado. Stop marcado. Cana nasal reta. Focinho muito largo.

Olhos
Ovais, marrom escuro.

Orelhas
Pendentes, longas, em forma de u.

Corpo
Ligeiramente mais longo que alto. Pescoço sem barbelas. Antepeito largo. Dorso curto. Peito longo em forma de barril. Lombo largo. Garupa ligeiramente caída.

Membros
Anteriores em forma de coluna com ossatura maciça. Patas redondas, grandes. Almofadas plantares espessas. Unhas fortes e de cor cinza ardósia.

Cauda
Pendente em repouso, e elevada para o nível da linha superior quando o cão está em ação.

Pêlo
Longo (de 20 a 27 cm) na região lombar, de 15 a 22 cm no dorso, no peito e nos ombros, de 10 a 18 cm na cabeça, no pescoço e nos membros. O pêlo é áspero, encordoado, tufoso com um subpêlo fino e lanoso.
Ao nascer, a pelagem dos filhotes é constituída por um pêlo branco penugento, fino, crespo ou ondulado.

Temperamento, aptidões, educação
Demonstra pouco seus sentimentos mas é dedicado, fiel, de confiança e manso com as crianças. É um cão rústico que precisa de despender muita energia. Muito vigilante na guarda do gado e da casa, demonstra uma coragem e uma intrepidez incorrutíveis. Pode defender seu dono até à morte. Ataca intrépida e silenciosamente. Sua educação deve ser extremamente firme.

Conselhos
Incapaz de viver em apartamento, precisa de espaço e de exercício. Nunca se escova um komondor. Separar as tranças com os dedos de modo a ordená-las logo a partir dos oito meses. Dar banho uma a duas vezes por ano.

Utilizações
Pastoreio, guarda, e companhia.

Kuvasz

Há quem pense que ele teria sido importado pelos povos húngaros primitivos, outros acreditam que tenha sido introduzido no Maciço dos Cárpatos pelos Cumanos, povo de pastores nômadas de origem turca, que chegaram à Hungria durante o século XIII, sob a pressão dos Mongóis. As origens do Kuvasz devem, por essa razão, ser relacionadas com os Cães de pastor provenientes do Oriente. No século XV, o rei Mathias I° utilizava o Kuvasz para caçar a caça grossa, ainda que este cão tenha mais aptidões para guardar as ovelhas do que para caçar o javali. Até ao século XIX, foi utilizado como cão de guarda dos rebanhos. Depois, destinou-se quase exclusivamente à guarda das grandes propriedades (Kavas: sentinela). Muito popular em seu país, sua criação no estrangeiro permanece pouco desenvolvida, exceto nos Estados Unidos.

Nobreza e força. Porte quase quadrado. Musculatura seca. Ossatura forte. Passo lento e pesado. Trote bamboleante.

Raças gigantes de 45 a 90 kg

1

Cães Pastores

País de origem
Hungria

Outro nome
Canis familiaris undulans hungaricus

1

Cabeça
Cheia de nobreza e de força. Crânio alongado sem ser pontiagudo. Sulco frontal marcado. Stop médio. Cana nasal larga e comprida. Focinho reto. Lábios bem ajustados

Olhos
Oblíquos, amendoados, de cor marrom escuro

Orelhas
Bastante pequenas, de inserção alta, em forma de v, ligeiramente afastadas da cabeça.

Corpo
Construção sólida, musculoso. Pescoço poderoso. Peito profundo. Ombros largos e oblíquos. Dorso reto. Lombo curto. Ventre muito esgalgado. Pele muito pigmentada (cinza ardósia). Garupa ligeiramente recolhida.

Membros
Patas longas redondas e fechadas. Unhas fortes de cor cinza ardósia.

Cauda
Tufosa, de inserção bastante baixa. Cai nos jarretes. Extremidade um pouco levantada.

Pêlo
Forte, ondulado e longo no corpo. Juba que se estende em forma de gravata no pescoço e franjas na face caudal dos membros. Na cabeça e na face cranial dos membros, o pêlo é curto e rígido. Subpêlo lanoso.

Pelagem
Branca. O marfim é tolerado.

Tamanho
Macho: de 71 a 75 cm.
Fêmea: de 66 a 70 cm.

Peso
Macho: de 40 a 52 kg.
Fêmea: de 30 a 42 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão fiel, corajoso em qualquer circunstância, mas que não demonstra seus sentimentos. Muito resistente, sóbrio, dotado de um faro muito desenvolvido, foi utilizado antigamente para caçar o lobo e o javali.

Conselhos
Não se adaptaria à vida citadina. Precisa de espaço e de exercício. Escová-lo diariamente para evitar a formação de nós.

Utilizações
Pastoreio, guarda e companhia.

Porte médio. Pele pigmentada. Passo entrecortado.

Mudi

Esta raça teria sido formada no final do século XIX e no início do século XX. Há quem pense que seria o resultado do cruzamento entre um puli e um cão de tipo Spitz. O Mudi foi sempre utilizado para a guarda e a condução dos rebanhos e dos gados assim como para a caça ao javali.

1

Cães Pastores

País de origem
Hungria

Outros nomes
Canis ovilis
Fenyesi-amghi 1936

Até 25 Kg

Cabeça
Alongada, estreita. Crânio ligeiramente arqueado. Focinho reto. Nariz pontiagudo.

Olhos
Ovais, ligeiramente oblíquos, de cor marrom escuro.

Orelhas
Eretas e pontiagudas, em forma de v invertido.

Corpo
Oblongo. Dorso curto e reto. A linha superior descai para trás. Peito longo e profundo. Garupa curta, recolhida.

Membros
Situados um pouco para trás. Patas arredondadas, firmes. Unhas fortes, de cor cinza ardósia. Ergots não desejáveis.

Cauda
Curta ou amputada de 2 a 3 dedos.

Pêlo
Raso, reto, liso na cabeça e na face anterior dos membros. É mais comprido (5 a 7 cm), espesso, ondulado, brilhante nas outras regiões do corpo.

Pelagem
Preta, branca ou rajada de branco e preto ou de preto e branco, com manchas de tamanho médio igualmente distribuídas (pelagem chamada de ladrilhada). A cor das patas é sempre idêntica à cor dominante da pelagem.

Tamanho
De 35 a 47 cm.

Peso
De 8 a 13 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito rústico, resistente, vivo, vigoroso, sempre atento, atrevido, ladrador. Dócil, afetuoso, é o cão de um único dono e deve ser educado com firmeza. Precisa ser dirigido, ter um trabalho ou uma missão. Naturalmente mordedor, é o cão muito apreciado para a guarda do gado (gado grosso) e da casa. Provido de um faro excelente, pode ser utilizado para a caça ao javali.

Conselhos
Não foi feito para viver em apartamentos. Necessita de espaço e de exercício. Uma escovação diária é necessária.

Utilizações
Pastoreio (boiadeiro), caça (caça grossa), guarda e companhia.

Puli

Este cão, que lembra o Terrier tibetano, descenderia do Pastor pérsio ou dos antigos Pastores da Ásia. O Puli chegou às planícies húngaras durante das invasões dos nômades Magiares no século XI foi durante muito tempo um condutor de rebanhos. Dado que os mesmos se tornaram raros, o Puli se converteu em guardião de fazenda, e chegou a ser empregado na polícia na qualidade de auxiliar. Foi em 1930 que chegou aos Estados Unidos, onde foi reconhecido pelo Kennel Club, seis anos depois. Seu padrão foi fixado em 1955.

Inscritível num quadrado. Tipo "cob".
Pele de cor cinza ardósia.
Movimentos curtos e saltitantes.

1

Cães Pastores

País de origem
Hungria

Outros nomes
Pastor húngaro,
Cão d'água húngaro

Raças médias
de 10 a 25 kg

1

Cabeça
Pequena e fina. Crânio redondo. Stop marcado. Cana nasal retilínea. Focinho curto. Trufa grossa. Arcadas superciliares pronunciadas.

Olhos
De formato redondo, marrom escuro, parcialmente escondidos por longos pêlos. Contorno das pálpebras preto.

Orelhas
Pendentes, formato em v largo e arredondado.

Corpo
Quadrado. Pescoço poderoso. Peito profundo. Dorso de largura média. Lombo curto. Garupa ligeiramente caída

Membros
Anteriores direitos e fortes. Membros posteriores bem robustos com jarretes secos. Patas da frente curtas, arredondadas, firmes. Unhas de cor cinza ardósia.

Cauda
De tamanho médio, curvada sobre o lombo. Pouco aparente porque seus longos pêlos se juntam aos da garupa.

Pêlo
Tufoso, largo, ondulado, tendendo a feltrar. Subpêlo flocoso. A forma chamada encordoada é composta por pêlos formando longos cordéis finos. O pêlo é mais comprido (de 8 a 18 cm) na garupa, no lombo e nas coxas. O pêlo mais curto se situa na cabeça e nas patas.

Pelagem
Uniforme, preto fosco. Várias gemas de cinza e branco são freqüentes.

Tamanho
Macho: de 40 a 44 cm.
Fêmea: de 37 a 41 cm.

Peso
Macho: de 13 a 15 kg.
Fêmea: de 10 a 13 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, vivo, ágil, muito bom saltador, alegre, afetuoso e capaz de uma grande fidelidade. Independente e ao mesmo tempo possessivo, a presença de seus donos é indispensável para ele. É muito agradável com as crianças. Desconfiado com estranhos, ladrador (voz estridente), sabe se mostrar vigilante e dar o alarme. Sua educação deve ser precoce e suave.

Conselhos
Adapta-se à vida em apartamento, mas o exercício é necessário para ele. Sua pele encordoada não deve ser escovada ou penteada. Quando o pêlo crescer por volta dos 8 a 12 meses, separar regularmente as mechas divididas com os dedos, até à pele. Dar banho quando estiver sujo. Cuidar das cordas situadas em redor dos lábios superior e inferior e do ânus de modo a evitar qualquer aglutinação de pêlos.

Utilizações
Pastor de primeira ordem (ovelhas, bovinos, cavalos),caça (retriever) para a caça ao pato, guarda e companhia.

Pumi

Esta raça formou-se durante os séculos XII e XVIII, graças ao cruzamento do Puli com Cães de pastor de orelhas eretas, importados da França e da Alemanha. Essa formação durou muito tempo. Esta raça foi destacada da do Puli e seu padrão foi fixado por volta de 1920.

Corpo inscritível num quadrado. Passo entrecortado. Galope saltitante.

1

CÃES PASTORES

PAÍS DE ORIGEM
Hungria

Até 25 kg

CABEÇA
Alongada com uma cana nasal longa. Testa arqueada. Stop apenas marcado. Focinho reto. Nariz alongado e pontiagudo.

OLHOS
Ligeiramente oblíquos, de cor marrom escuro.

ORELHAS
De inserção alta, eretas, em forma de v com as pontas dobradas. De tamanho médio, bem proporcionadas.

CORPO
Médio, vigoroso. Cernelha pronunciada. Dorso curto. Costelas mais para o achatado. Peito largo, profundo e longo. A linha superior desce para a garupa. Garupa curta um pouco rebaixada.

MEMBROS
Patas redondas e muito juntas. Ergots não desejáveis. Unhas duras e de cor ardósia suave.

CAUDA
De inserção alta, portada horizontalmente ou um pouco erguida , e amputada aos dois terços do comprimento.

PÊLO
De comprimento médio, encaracolado, formando cordéis. Pelagem jamais de tipo feltro. Pêlo curto nos membros. Subpêlo existente.

PELAGEM
Uniforme desejada. Todas as tonalidades de cinza (cinza prateado, cinza ardósia). Preta, marrom avermelhado, branca. A pelagem não é rajada.

TAMANHO
De 35 a 44 cm.

PESO
De 8 a 13 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão de temperamento agitado, audaciosamente atrevido, vivo. Desconfiado com estranhos, assinala com seu latido o menor ruído insólito. Muito afetuoso com seu dono. Seu olfato é muito delicado.

Conselhos
Escovação regular. Precisa de espaço e de exercício.

Utilizações
Pastoreio, caça, destruidor de animais nocivos, guarda e companhia

Schapendoes

No final do século passado, o Schapendoes existia na Holanda, principalmente na província de Drenthe, no norte do país onde se criavam grandes rebanhos de ovelhas. Ele se assemelha ao Bearded Collie, ao Puli, ao Pastor polonês de planície, ao Bobtail, ao Briard, ao Bergamasco... O criador desta raça é o cinófilo P.M.C. Toepoel. Após as devastações causadas pela Segunda Guerra Mundial, o mesmo utilizou alguns indivíduos que subsistiam para reconstituir uma base de criação. O Clube do Schapendoes foi criado em 1947, seu padrão foi fixado em 1954 antes da aceitação definitiva em 1971. A F.C.I. reconheceu a raça em 1989.

Constituição leve. Movimento leve e elástico. Saltador notável.

1

Cães Pastores

País de origem
Holanda

Outros nomes
Schapendoes neerlandês, Does

Raças médias de 10 a 25 kg

1

Cabeça
Revestida de pêlo abundante de sorte que ela parece maior que o é na realidade. Crânio quase plano. Stop marcado. Focinho bastante curto. Bigode e barba bem fartos.

Olhos
Redondos bastante grandes, de cor marrom.

Orelhas
De inserção alta, de tamanho médio, pendentes.

Corpo
Moderadamente mais longo que alto, lombo um pouco levantado. Pescoço poderoso. Peito bem descido. Costelas arqueadas.

Membros
Ossatura leve. Patas ovais e largas. Dígitos muito juntos. Ergots posteriores admitidos.

Cauda
Longa, em repouso pende verticalmente. No galope, é mantida horizontal. Quando o cão está atento, a cauda pode ser portada fortemente levantada. Bem guarnecida de franjas.

Pêlo
Longo, fino, seco, ligeiramente ondulado, com tendência a formar tufos e mechas hirsutas, e principalmente a nível dos posteriores. Não deve ser encaracolado. Subpêlo abundante.

Pelagem
Todas as cores são admitidas. Prefere-se um azul acinzentado tendendo ao preto.

Tamanho
Macho: de 43 a 50 cm.
Fêmea: de 40 a 47 cm.

Peso
De 10 a 18 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, vivo, resistente, vigilante, corajoso, nunca nervoso nem agressivo. Afetuoso, alegre, brincalhão e fiel, mas independente e teimoso. Com ele, um dono pouco autoritário não conseguiria lidar com a situação.

Conselhos
Pode viver na cidade desde que despenda energia todos os dias. Uma boa escovação uma a duas vezes por semana chega.

Utilizações
Pastoreio e companhia.

Schipperke

O menor cão de pastor. Movimento saltitante.

O Schipperke, cujas feições se assemelham às dos Spitz e dos Cães de pastor belgas, descenderia dos Leuwenaars, antigos pequenos Bastores da região de Louvain. Outros pensam que ele nasceu de um tipo de Spitz setentrional. Há muito que a raça deve existir, porque conta-se que Guilherme de Orange escapou por pouco a um atentado graças à vigilância de seu Schipperke. Na Bélgica, este cão, sem cauda, era o mais popular dos cães de guarda ou de companhia. Seu nome flamengo significa "pequeno barqueiro" ou "skipper" porque seu cargo consistia na guarda noturna das margens dos canais de Flandres e de Brabant. Nas lojas dos comerciantes, ele assumia a função de caçador de ratos. Em 1690, os sapateiros da confraria de Saint-Crispin de Bruxelas organizaram concursos do cão ornado do colar mais bonito. Foi apresentado pela primeira vez num concurso em 1880. A raça só foi reconhecida oficialmente pelo Royal Schipperkes Clube de Bruxelas em 1888 e recebeu um padrão oficial em 1904. O Schipperkes Clube de França foi fundado em 1929. Atualmente, este cão é popular na Inglaterra e na Africa do Sul.

1

Cães Pastores

País de origem
Bélgica

Outros nomes
Pequeno barqueiro

Raças pequenas
menos de 10 kg

Cabeça
Semelhante à da raposa. Testa bastante larga, ligeiramente arredondada. Stop leve. Focinho afilado. Nariz pequeno.

Olhos
Mais para ovais, de cor marrom escuro.

Orelhas
De inserção alta, pequenas, triangulares, bem eretas e muito móveis.

Corpo
Curto e atarracado. Peito largo e profundo. Dorso reto, horizontal. Lombo largo. Ventre bastante esgalgado.

Membros
Ossatura fina. Patas pequenas redondas e bem juntas. Unhas retas, fortes e curtas.

Cauda
Cão anuro (que nasce sem cauda) ou amputada.

Pêlo
Abundante e denso. Curto na cabeça, no corpo e na face cranial dos membros. Mais longo no pescoço (juba), nos ombros, no antepeito (peitoral) e na parte caudal das coxas (culote).

Pelagem
Preto zaino.

Tamanho
De 32 a 36 cm.

Peso
De 3 a 8 kg segundo o talhe.

Temperamento, aptidões, educação
Cão agitado, perpetuamente atento, alegre, incansável, e que assinala qualquer elemento insólito com sua voz aguda. Fiel, afetuoso com seus donos e com as crianças. Desconfiado com estranhos. Muito receptivo à educação.

Conselhos
Cão de apartamento ideal, desde que possa exercitar-se regularmente. Escovar e pentear duas a três vezes por semana.

Utilizações
Cão rateiro e de tocas. Cão de guarda. Cão de companhia.

Slovensky Cuvac

Este grande Cão de pastor dos Cárpatos parece-se com o Kuvasz húngaro, com o qual partilha as mesmas origens. A raça foi fixada nos anos 60 a partir de Cães de pastor autóctones.

Poderoso. Impressionante.

Raças grandes de 25 a 45 kg

1

Cães Pastores

País de origem
Eslováquia

Nome de origem
Slovenski cuvac

Outro nome
Cuvac da Eslováquia

1

Cabeça
Crânio largo. Cana nasal reta. Focinho bastante largo.

Olhos
De formato oval e de cor escura.

Orelhas
De inserção alta, pendentes, bordo inferior arredondado. Metade da parte superior guarnecida de pêlos finos. Caem rente à face.

Corpo
Antepeito largo. Dorso atarracado e reto. Lombo sólido, bastante largo e musculado.

Membros
Muito musculados.

Cauda
De inserção baixa e revestida de pêlos espessos. Em ação, em lugar de se manter pendente, é portada em arco e levantada à altura da garupa.

Pêlo
Longo de 5 a 10 cm. Mais áspero e mais espesso no pescoço. Ligeiramente ondulado no dorso e nos posteriores. Os pêlos são curtos na cabeça e nas orelhas. Juba no pescoço. Subpêlo cerrado.

Pelagem
Branca. Um pouco de amarelo é admitido nas orelhas e no pescoço.

Tamanho
Macho: de 60 a 70 cm.
Fêmea: de 55 a 65 cm.

Peso
Macho: de 35 a 45 kg.
Fêmea: de 30 a 40 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão vigoroso, corajoso e muito vigilante. Manso, obediente, muito afetuoso e fiel. Solidamente constituído, ele é muito eficaz na defesa do rebanho contra os lobos e os ursos.

Conselhos
Precisa de espaço e de exercício. Escovação uma vez por semana.

Utilizações
Pastoreio, guarda e companhia.

CARDIGAN

PEMBROKE

Welsh Corgi

Cardigan e Pembroke

As duas variedades de Welsh Corgi devem ter origens similares. Todavia, há quem diga que são diferentes: o Cardigan teria sido introduzido pelos Celtas no País de Gales onde teria sido cruzado com Cães nórdicos e Pastores britânicos, enquanto o Pembroke teria sido introduzido na Idade Média por tecelões flamengos e seria assemelhado a alguns Cães nórdicos. Os cães destas duas variedades, devido aos cruzamentos que se efetuaram entre eles no século XIX, reforçaram sua semelhança. Desde 1934, ambos têm um padrão distinto. O Pembroke é o mais difundido e deve seu título de nobreza ao Rei George VI, o qual ao oferecer um a sua filha a Rainha Isabel II, o introduziu em sua corte.

Maciço e forte. Ossatura forte. Movimentos soltos.

1

CÃES PASTORES

PAÍS DE ORIGEM
Grã-Bretanha

NOME DE ORIGEM
Welsh Corgi

2 VARIEDADES
O Welsh Corgi Cardigan e o Welsh Corgi Pembroke

Raças médias de 10 a 25 kg

CABEÇA
Aspecto e formato da cabeça como o da raposa. Crânio largo e chato. Stop leve. Focinho pontiagudo.

OLHOS
De tamanho médio, redondos, de cor bastante escura, combinando com a cor da pelagem.

ORELHAS
Eretas, bastante compridas com a extremidade das pontas arredondada.

CORPO
O Cardigan é mais maciço que o Pembroke, mas seu peito é um pouco menos largo. Dorso reto. Ventre ligeiramente esgalgado.

MEMBROS
Curtos, retos no Pembroke, ligeiramente virados para fora no Cardigan. Patas redondas, grandes e fechadas no Cardigan. Ovais no Pembroke.

CAUDA
Cardigan: bastante longa, bem farta. Portada baixo em repouso.
Pembroke: naturalmente curta ou amputada à nascença.

PÊLO
Cardigan: curto ou semi-longo, duro e reto. Subpêlo curto e espesso.
Pembroke: de comprimento médio, reto, farto, nem suave nem muito duro. Subpêlo denso.

PELAGEM
Cardigan: todas as cores com ou sem rajado branco, mas o branco não deve dominar. Pembroke: uniforme: vermelha, fulva carbonada, fulva preta e fogo com ou sem rajado nos membros, no antepeito, no pescoço, um pouco na cabeça.

TAMANHO
Cardigan: aproximadamente 30 cm.
Pembroke: de 25 a 30 cm.

PESO
Cardigan: de 12 a 15 kg.
Pembroke:
Macho: de 10 a 12 kg.
Fêmea: de 10 a 11 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão robusto, resistente, vivo, sempre atento e trabalhador. É fiel, muito manso com as crianças, nem medroso nem agressivo. Deve ser-lhe dada uma educação firme, sem brutalidade.

Conselhos
Vive bem em apartamento desde que tenha espaço e se exercite regularmente. A escovação será diária para o Cardigan e hebdomadária para o Pembroke.

Utilizações
Pastoreio,cão de utilidade: assistência, busca de drogas, socorrista. Cão de guarda. Cão de companhia.

Australian Cattle Dog

Este cão teria nascido do cruzamento entre o Smithfield, próximo do Bobtail, desaparecido, o Dingo, o Colley e o Bull-Terrier. Por volta de 1840, deve também ter recebido sangue de Dálmata e de Pastor australiano. Também lhe chamam de "Heeler" (que significa perseguir de perto) por sua habilidade que consiste em mordiscar sem magoar os calcanhares dos animais. A raça foi reconhecida por volta de 1890. Foi apenas a partir dos anos 70 que ele foi conhecido na Europa e nos Estados Unidos.

Impressão de grande agilidade, força e resistência. Movimento franco, leve e solto.

2

Boiadeiro

País de origem
Austrália

Nome de origem
Australian Cattle Dog

Outros nomes
Heeler,
Boieiro da Austrália

Raças médias de 10 a 25 kg

1

Cabeça
Forte. Crânio largo, ligeiramente convexo. Stop leve. Bochechas musculadas. Focinho largo. Cana nasal de tamanho médio, poderoso. Lábios ajustados.

Olhos
Ovais, de tamanho médio, de cor marrom escuro.

Orelhas
Bastante pequenas, largas na base, musculadas, eretas, moderadamente pontiagudas.

Corpo
Mais longo que alto, compacto, harmoniosamente construído. Pescoço forte sem barbelas. Dorso forte, horizontal. Peito bem descido e musculoso. Costelas arqueadas. Ombros fortes, oblíquos e musculosos. Lombo largo, forte e musculoso. Garupa inclinada. Flancos bem descidos

Membros
Fortes. Patas arredondadas. Dígitos curtos, fortes, arqueados e bem juntos.

Cauda
Em repouso, pende numa curva suave. É guarnecida de uma pelagem abundante (pincel).

Pêlo
Curto (de 2.5 a 4 cm), liso, duplo, cerrado, reto, duro e assentado, impermeável. Sob o corpo e na face posterior dos membros, o pêlo é mais longo. Subpêlo curto e denso.

Pelagem
Azul: cor azul, azul marmorizado ou azul mosqueado com ou sem manchas pretas, azuis ou fogo na cabeça. Ruivo salpicado: os salpicos vermelhos são uniformemente distribuídos por todo o corpo.

Tamanho
Macho: de 46 a 51 cm.
Fêmea: de 43 a 48 cm.

Peso
De 15 a 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito dinâmico, sempre atento, vigilante, corajoso, este cão nasceu para guardar e conduzir os rebanhos de gados. De uma resistência extraordinária e de uma grande agilidade, praticamente silencioso no trabalho (seu latido é parecido com o grito da coruja), é um auxiliar indispensável dos fazendeiros australianos, com a imensidade dos espaços e o clima quente. Companheiro fiel, é muito dedicado a seu dono e a sua família, e possui grandes aptidões para guardar as casas, porque é muito desconfiado com estranhos.

Conselhos
Não é um cão da cidade. Em apartamento, provoca danos pela falta de espaço e de atividade. Precisa se despender muito e diariamente. Uma escovação regular é suficiente.

Utilizações
Pastoreio, guardião dos animais, condutor de rebanhos. Cão de guarda.

Boiadeiro de Flandres

Oriundo de Flandres, ele seria o resultado da mistura de várias raças, a fim de criar um auxiliar de fazenda ideal. Para alguns, este cão teria sido provavelmente importado para Flandres pelos invasores espanhóis. Para outros, ele proviria do cruzamento entre os Barbets de grande porte, Mastins, Pastores de Picardia ou então descenderia do Beauceron e dos Grifos... Durante a Primeira Guerra Mundial, este cão quase desapareceu. Criadores flamengos reconstituíram a raça a partir de alguns indivíduos que tinham escapado. Em 1965, seu padrão foi estabelecido pela F.C.I..

Tipo molossóide. Constituição em "cob". Brevilíneo. Inscritível num quadrado. Movimentos habituais: o passo e o trote.

2

Boiadeiro

País de origem
Bélgica,
França

Nome de origem
Vlamse Koehond

1

Raças grandes de 25 a 45 kg

Cabeça
Maciça, bem cinzelada, proporcionada ao corpo. Stop pouco definido. Focinho largo, poderoso, ósseo, que vai afinando-se ligeiramente para a trufa. Bochechas chatas e secas. Arcadas superciliares pronunciadas.

Olhos
De tamanho médio, ligeiramente ovais e de cor escura.

Orelhas
Eretas, de inserção alta, cortadas em triângulo. São naturalmente pendentes.

Corpo
Curto e atarracado. Pescoço forte e musculoso. Dorso curto e largo. Antepeito largo e profundo. Peito profundo. Lombo largo e profundo. Flanco muito curto. Garupa quase horizontal.

Membros
Fortes e musculosos. Patas curtas, redondas e sólidas. Dígitos bem juntos. Unhas fortes e pretas

Cauda
Encurtada, deixando duas ou três vértebras aparentes (aproximadamente 10 cm) e portada alegremente em ação. Alguns cães nascem anuros.

Pêlo
Mediamente longo (6 cm), é áspero, seco, opaco e ligeiramente espetado, sem ser lanoso nem ondulado. O pêlo na cabeça é mais curto. Bigode e barba bem fartos. O subpêlo é denso.

Pelagem
Desde o preto até o fulvo, muitas vezes rajada ou cor de carvão, e também cinza suave. Uma estrela no antepeito é admitida. As pelagens claras, chamadas desbotadas, são indesejáveis.

Tamanho
Macho: de 62 a 68 cm.
Fêmea: de 59 a 65 cm.

Peso
Macho: de 35 a 40 kg.
Fêmea: de 27 a 35 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão muito rústico, franco, dominador, enérgico. De um temperamento equilibrado, calmo, é um obediente ousado. Cão com personalidade, um pouco brusco, de um único dono. Esportivo, cheio de energia, vigilante e dócil, precisa de uma educação firme, sem negligências. Dissuasivo para com os estranhos.Este cão sempre trabalhou na fazenda na guarda e na condução do rebanho e do gado, e também como cão de tiro. Suas grandes qualidades olfativas foram apreciadas pela polícia.

Conselhos
Escová-lo pelo menos duas vezes por semana e levá-lo a um pet shop três ou quatro vezes por ano para uma sessão de trimming (tosa). O apartamento não é conveniente para ele. Terá que lhe garantir espaço e exercício.

Utilizações
Pastoreio, policial (pistagem, ligação), guarda e companhia.

Grupo 2

Seção 1

Affenpinscher
Doberman
Pinscher
Pinscher Austríaco de pêlo curto
Schnauzer
Cao de Guarda Holandês
Terrier preto da Rússia

Seção 2

Aidi
Boxer
Broholmer
Bulldog
Bullmastiff
Cane corso
Pastor da Anatólia
Pastor da Ásia Central
Pastor do Cáucaso
Pastor montanhês de Krast
Cão de Castro Laboreiro
Cão dos Pirenéus
Cão da Serra da Estrela
Dogue Alemão
Dogo Argentino
Dogue de Bordeaux
Dogue Maiorquino
Dogue do Tibete
Fila Brasileiro
Hovawart
Landseer
Leonberger
Mastiff
Mastim Espanhol
Mastim Napolitano
Mastim dos Pireneus
Rafeiro do Alentejo
Rottweiler
São Bernardo
Pastor Iugoslavo
Shar Pei
Terranova
Tosa

Seção 3

Boiadeiro de Appenzel
Bernese Mountain Dog
Boiadeiro de Entlebuch
Grande Boiadeiro Suíço

Ao lado: Dogue do Tibete

Affenpinscher

Affenpinscher significa em alemão "Pinscher-macaco" porque a pequena cabeça deste cão parece com a cabeça de alguns macacos. Pensa-se que ele descende do Grifo belga, ou que seria ele próprio seu ascendente. A raça é certamente antiga. A prova é que existem pinturas anteriores ao século XVII nos quais aparecem cães de aparência similar. Sua popularidade não deixou de aumentar desde o final dos anos 30, época em que começa a ser notado nas exposições caninas.

Pequeno porte compacto.

1

Tipo Pinscher

País de origem
Alemanha

2

Nome de origem
Affenpinscher

Outros nomes
Grifo macaco,
"Diabrete de bigode"

Raças pequenas
menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Ele é uma mistura de exuberância e de obediência. Este pequeno cão é vivo e atento. Leal, afetuoso, franco e teimoso, é um bom vigia e guardião e também um bom caçador de roedores.

Conselhos
Adapta-se bem à vida em apartamento. Escovar e pentear diariamente.

Utilizações
Guarda, caçador de roedores, companhia.

Cabeça
De formato arredondado. Fisionomia simiesca. Focinho curto. Ligeiro prognatismo inferior. Lábios pretos.

Olhos
Redondos e escuros.

Orelhas
Pequenas, de inserção alta. Operadas: são portadas para cima. Íntegras: em forma de V invertido ou eretas.

Corpo
Inscritível num quadrado. Pescoço curto. Peito ligeiramente chato. Antepeito bem desenvolvido. Dorso reto, curto, ligeiramente descendente. Ventre moderadamente esgalgado.

Membros
Patas redondas, curtas. Dígitos fechados, arqueados. Almofadas plantares duras.

Cauda
Amputada de aproximadamente três vértebras, de inserção alta e levantada.

Pêlo
No corpo é áspero e bem farto. Na cabeça, é reto, com mechas aparecendo em torno da face. Sobrancelhas eriçadas, barba imponente.

Pelagem
De preferência preta. Admitem-se marcas ou nuanças de marrom ou cinza.

Tamanho
De 25 a 30 cm.

Peso
Inferior ou igual a 4 kg.

Doberman

Toda a história começou em Apolda, pequena cidade da Alemanha situada na província de Thuringe. Seu primeiro criador F.L. Dobermann, cobrador de impostos que trabalhava também no canil da cidade de Apolda , precisava de um cão valente, que fosse um bom guardião. Por volta de 1870, praticou vários cruzamentos provavelmente entre "açougueiros" (em parte os ancestrais dos Rottweiler), pastores preto e fogo existentes em Thuringe, o Pinscher, o Dogue alemão, o Pastor de Beauce, o Rottweiler. Ele obteve um cão de utilidade, vigilante, cão de fazenda, cão de guarda, cão policial. Na caça, era utilizado para combater os predadores. Depois, outras introduções de sangue foram efetuadas, principalmente pelo Terrier preto e fogo e provavelmente do Greyhound. Em 1910 seu padrão foi fixado.

Mediolíneo. Elegância, pureza das linhas. De constituição sólida sem ser pesado. Pele bem pigmentada. Passo de camelo, leve e fluente. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi utilizado como patrulha, guardião nas bases militares ou ainda como cão guia para os soldados que se tornaram cegos.

1A

Tipo Pinscher

País de origem
Alemanha

Raças grandes de 25 a 45 kg

2

Cabeça
Longa e óssea. Crânio forte, em forma de cone truncado. Stop pouco desenvolvido. Focinho alto. Maxilares poderosos e largos. Lábios firmes e lisos.

Olhos
De tamanho médio, ovais e escuros.

Orelhas
De inserção alta, eretas, cortadas e caídas num comprimento proporcional à cabeça. Se não forem cortadas, caem semi-eretas, com o bordo anterior rente às bochechas.

Corpo
Inscritível num quadrado. Pescoço seco e musculoso. Antepeito poderoso. Cernelha nitidamente evidenciada. Dorso sólido e curto. Peito bem desenvolvido com costelas ligeiramente arqueadas. Garupa arredondada. Ventre nitidamente esgalgado.

Membros
Sólidos. Patas curtas com dígitos fechados e arqueados. Unhas pretas.

Cauda
De inserção alta, curta sendo amputada após a 2ª vértebra caudal.

Pêlo
Curto, duro, cerrado, liso e bem assentado. Não tem subpêlo.

Pelagem
Preta ou marrom, com marcas fogo claramente definidas no focinho, nas bochechas, na garganta, no antepeito, nos membros e na ponta das coxas.

Tamanho
Macho: de 68 a 72 cm.
Fêmea: de 63 a 68 cm.

Peso
Macho: de 40 a 45 kg.
Fêmea: de 32 a 35 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, vigoroso, corajoso, vigilante, de expressão determinada, e mesmo um pouco preocupante. É um cão com temperamento firme, orgulhoso, impulsivo, que deve ser estável, equilibrado e sociável. Não é o cão para todo o mundo.Ele exige um dono firme, justo, calmo que saberá se impor com paciência e suavidade. Extremamente fiel, demonstra uma devoção cega para seu dono, é fiável com as crianças. Possui um sentido de proteção inato e é muito desconfiado com os estranhos. Este cão fundamentalmente pacífico é frágil a nível emocional e não suporta as relações conflituosas.

Conselhos
Este cão precisa de espaço e de exercício para libertar sua energia. Não suporta estar preso. Deve ser escovado regularmente.

Utilizações
Cão de trabalho: auxiliar da polícia e do exército. Cão de guarda, de defesa, de companhia.

Pinscher

Não se sabe nada de preciso sobre as origens do Pinscher. Segundo alguns, ele descenderia de uma raça alemã muito antiga assemelhada à dos Schnauzers, proveniente, por sua vez, do antigo Terrier preto e fogo. Ele foi utilizado para a criação de várias raças na Alemanha, das quais o Dobermann. O Pinscher médio (ou Pinscher) foi reconhecido em 1879 e um Pinscher-Klub foi criado em 1895. O Pinscher médio é menos difundido que o Pinscher anão. Foram introduzidos na França nos anos 50.

Conjunto bem proporcionado. Construção quadrada.

1A

Tipo Pinscher

País de origem
Alemanha

Outros nomes
Pinscher médio, Pinscher anão (Zwergpinscher)

2

Até 25 kg

Cabeça
Robusta, alongada. Stop leve. Cana nasal retilínea. O focinho termina em cunha moderada. Lábios ajustados.

Olhos
De tamanho médio, ovais, escuros.

Orelhas
Operadas, são portadas eretas. Íntegras, em forma de V, dobradas.

Corpo
Compacto. Pescoço seco. Dorso curto. Peito de largura moderada. Costelas bastante chatas. Antepeito nitidamente desenvolvido. Ventre moderadamente esgalgado.

Membros
Fortemente musculosos. Patas curtas, redondas. Dígitos juntos e arqueados.

Cauda
De inserção alta, erguida, amputada de aproximadamente 3 vértebras .

Pêlo
Curto, cerrado, bem assentado.

Pelagem
Unicolor: fulva ou marrom com várias tonalidades até ao tom avermelhado-veado.

Bicolor
Preta com marcas fogo, vermelhas ou mais claras. As marcas são distribuídas da seguinte forma: acima dos olhos, no pescoço, no antepeito, no metacarpo, nas patas, na face interna dos membros posteriores e na região anal. No Pinscher anão, as marcas se encontram também nas bochechas, nos beiços e no maxilar inferior.

Tamanho
Pinscher médio: de 43 a 58 cm.
Pinscher anão: de 25 a 30 cm.

Peso
Pinscher médio: de 12 a 16 kg.
Pinscher anão: de 2 a 4 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, vigilante, corajoso, jovial, equilibrado, dotado de um bom caráter, é muito dedicado à família, companheiro agradável para as crianças desde que não seja muito manipulado. O Pinscher anão, mais agitado, tem um temperamento ainda mais afirmado. A educação deve ser firme.

Conselhos
Cão muito limpo, pode viver em meio citadino desde que possa beneficiar de um mínimo de exercício. Escovação regular.

Utilizações
Guarda (Pinscher médio), excelente rateiro, companhia.

Pinscher Austríaco de pêlo curto

Sua origem é desconhecida. É um primo próximo do Pinscher médio, a diferença é que ele foi criado para ser um bom cão de fazenda e não de companhia. É muito raro encontrá-lo fora da Áustria.

Construção em "cob". Elegante.

1A

Tipo Pinscher

País de origem
Áustria

Nome de origem
Osterreichischer Kurzhaariger Pinscher

Outros nomes
Pinscher austríaco de pêlo curto, Terrier austríaco de pêlo curto

2

Cabeça
Piriforme. Crânio largo. Stop bem marcado. Focinho forte e curto. Trufa grande. Lábios ajustados e lisos.

Olhos
Grandes e escuros.

Orelhas
Em forma de V ou de rosa (raro), semi-pendentes ou eretas.

Corpo
Atarracado. Pescoço poderoso. Cernelha bem acentuada. Peito longo, profundo, em forma de barril. Dorso e lombo curtos e largos. Antepeito largo. Bacia longa e larga.

Membros
Patas compactas com dedos bem arqueados.

Cauda
De inserção alta, portada erguida, enrolada maior parte das vezes sobre o dorso. Pode ser amputada.

Pêlo
Curto ou raso, com subpêlo.

Pelagem
Cores mais freqüentes: amarelo, fulvo, marrom amarelado, ruivo, preto, preto e marrom, também rajado, com quase sempre grandes marcas brancas (lista, garganta, antepeito, membros).

Tamanho
De 35 a 50 cm.

Peso
De 12 a 18 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Vigoroso, travesso, forte personalidade, esportivo, este cão é um guardião admirável. Alegre, manso, com um caráter bastante flexível, é fácil de educar. Seu instinto de Terrier faz com que ele cace coelhos e raposas.

Conselhos
Necessita de espaço e de exercício. Uma escovação semanal é suficiente.

Utilizações
Guarda e companhia.

Schnauzer

Schnauzer gigante

Inscritível num quadrado. Robustez. Elegância. Movimento tônico.

1B

Tipo Schnauzer

2

País de origem
Alemanha

Outros nomes
Schnauzer gigante (Riesenschnauzer), Schnauzer médio (Mittelschnauzer), Schnauzer anão (Zwergschnauzer)

Até 45 kg

Cabeça
Robusta, alongada. Stop claramente indicado. Cana nasal retilínea. Focinho hirsuto que termina em forma de cunha. Lábios pretos.

Olhos
Ovais, escuros.

Orelhas
Cortadas: portadas eretas, verticalmente. Íntegras: em forma de V, dobradas ou pequenas e eretas.

Corpo
Inscritível num quadrado. Pescoço arqueado. Dorso curto, formando uma ligeira curva para a garupa. Peito moderadamente largo. Costelas bastante chatas. Ventre moderadamente esgalgado.

Membros
Fortemente musculosos. Patas curtas, redondas. Dígitos bem fechados, arqueados. Unhas escuras.

Cauda
De inserção alta e portada erguida. Amputada de três vértebras.

Seu nome vem de "Schnauzer" (focinho), devido a seu focinho hirsuto característico. Até o século XIX, os Schnauzers eram "Pinschers de pêlo duro". Existem três variedades de Schnauzer. O Schnauzer médio, cujas origens muito antigas são pouco conhecidas. Será que ele provém de raças desaparecidas como o Biberhund e um rateiro de pêlo duro, ou de raças de cães de pastor? Ele era principalmente utilizado como caçador de animais nocivos. O Schnauzer gigante descenderia do cruzamento com o Schnauzer médio, o Dogue alemão e o Boiadeiro de Flandres, ou poderia ser mais simplesmente a réplica em tamanho grande da variedade média. É provável que tenha nascido no Wurtenberg. A. Dürer o representou numa de suas obras. Acompanhava os cavalos e as carruagens e caçava os roedores nas cavalariças. Por isso, era chamado de "Grifo de cavalariça". O Schnauzer anão foi obtido por volta de 1880 por seleção dos indivíduos de porte pequeno. O Schnauzer gigante é o mais difundido na Europa, enquanto que nos países anglo-saxões é o Schnauzer.

Schnauzer anão

Schnauzer médio

Pêlo
Duro, áspero como arame, cerrado. Subpêlo cerrado. Barba dura no focinho e sobrancelhas eriçadas que escondem ligeiramente os olhos.

Pelagem
Preto puro ou "sal e pimenta". Máscara escura. As manchas brancas não são desejáveis. No Schnauzer anão: preto, sal e pimenta, preto e prata, branco.

Tamanho
Schnauzer gigante: de 60 a 70 cm.
Schnauzer médio: de 45 a 50 cm.
Schnauzer anão: de 30 a 35 cm.

Peso
Schnauzer gigante: de 30 a 40 kg.
Schnauzer médio: Aproximadamente 15 kg.
Schnauzer anão: de 4 a 7 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, animado, impetuoso mas equilibrado, resistente, orgulhoso e dominador. O Gigante é mais calmo enquanto o Anão é mais excêntrico. Dedicado, afetuoso, é um cão de família agradável que gosta das crianças. Sempre vigilante, incor-ruptível, desconfiado com estranhos, o Gigante e o Médio são excelentes guardiões. Estes cães precisam de muita firmeza e de muita atenção.

Conselhos
Eles não devem ficar fechados num apartamento. São esportivos que necessitam de espaço e de exercício para manter sua forma e seu equilíbrio. Escovação diária e "toi-lettage" todos os trimestres.

Utilizações
Em função do tamanho: guarda, defesa, auxiliar militar, companhia.

Cão de Guarda Holandês

O Smoushondje, palavra que significa cão dos Judeus, era antigamente muito comum na Holanda. Ele era considerado como o cão do cavaleiro, indo atrás do cavalo e das carruagens e apanhando os ratos nas cavalariças.

Constituição quadrada.

1C

Tipo Smoushond

País de origem
Holanda

Nomes de origem
Hollandse Smoushond,
Hollandse Smoushondje

Outros nomes
Grifo holandês,
Smous holandês,
Smoushond holandês

2

Raças pequenas
menos de10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Afetuoso, alegre, equilibrado, é um cão de família agradável.

Conselhos
Escovação semanal.

Utilizações
Cão de companhia.

Cabeça
Larga, curta. Crânio arqueado. Stop destacado. Focinho forte. Maxilares mais para o curto. Lábios finos.

Olhos
Grandes, redondos, escuros. Pálpebras escuras.

Orelhas
Pequenas, finas, de inserção alta, caídas rente às faces.

Corpo
Vigoroso. Pescoço curto. Peito largo. Dorso reto e largo. Costelas arredondadas. Lombo ligeiramente arqueado. Garupa bem musculosa. Abdômen apenas recolhido.

Membros
Ossatura forte. Patas pequenas, redondas. Unhas pretas.

Cauda
Não cortada ou cortada em dois terços do comprimento. Se não for cortada, a cauda é umtanto curta, portada erguida horizontalmente.

Pêlo
No corpo: comprimento de 4 a 7 cm. Áspero, reto mais para o hirsuto, nem encaracolado nem ondulado. Subpêlo suficiente. Nos membros: comprimento médio. Na cauda: tufoso, sem franja. Na cabeça: curto no crânio, longo nas bochechas. Bigode, barba, sobrancelhas compridos.

Pelagem
Todas as tonalidades de amarelo uniforme, prefere-se o amarelo palha. As orelhas, o bigode, a barba e as sobrancelhas são mais escuros que as outras regiões do corpo.

Tamanho
Macho: de 37 a 42 cm.
Fêmea: de 35 a 40.5 cm.

Peso
De 9 a 10 kg.

Terrier preto da Rússia

Criado pelos Russos, no início do século XX, a partir do Airedale Terrier, cruzado com o Schnauzer gigante e o Rottweiler, foi utilizado para a guarda de edifícios militares. O maior dos Terriers é muito raro fora da Rússia. Foi reconhecido pela F.C.I. em 1984.

Ossatura e musculatura maciças. Movimentos leves, harmoniosos.

1

Tipo Terrier

País de origem
Rússia

Nomes de origem
Tchiorny Terrier,
Terrier preto

Raças grandes
de 25 a 45 kg

2

Cabeça
Longa. Testa chata. Stop marcado. Focinho maciço. Lábios espessos, carnudos.

Olhos
Pequenos, ovais, oblíquos, de cor escura. Sobrancelhas ásperas e eriçadas.

Orelhas
De inserção alta, pequenas, triangulares, pendentes.

Corpo
Maciço. Pescoço longo e seco. Peito largo, alto. Dorso reto, largo, musculado. Lombo curto, largo, musculoso. Garupa larga, musculosa, descaindo insensivelmente para a cauda. Ventre esgalgado.

Membros
Musculosos. Patas grossas, de formato arredondado.

Cauda
De inserção alta, grossa, amputada curta (deixam-se 3 a 4 vértebras).

Pêlo
Áspero, duro, cerrado, com um comprimento de 4 a 10 cm. Bigode, barba e juba. Subpêlo cerrado e bem desenvolvido.

Pelagem
Preta ou preta com pêlos cinza.

Tamanho
Macho: de 66 a 72 cm.
Fêmea: de 64 a 70 cm.

Peso
Aproximadamente 40 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, rústico, resistente, é dotado de uma personalidade forte e equilibrada. É muito dedicado a seu dono, mordedor, tem reações de defesa muito vivazes, e por isso é um cão de guarda excelente. Precisa de uma educação firme.

Conselhos
Pode adaptar-se à vida citadina, se for habituado muito cedo e se beneficiar de longos passeios diários. Escovação e "toilettage" regulares.

Utilizações
Cão de guarda.

Construção geral extremamente forte. Musculoso.

Aidi

Não existem Cães pastores no Atlas. O cão marroquino, provavelmente oriundo do Saara, vive nas montanhas e defende o dono e seus bens contra as feras, mas nunca guardou rebanhos. Esse fato explica por que o padrão publicado na apelação de Cão de Pastor em 1963 foi anulado por o de 1969. Alguns destes cães chegaram a França em 1992.

2

2B

Molossos
Tipo Montanhês

País de origem
Marrocos

Outro nome
Cão do Atlas
Aidi

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Muito rústico, potência e mobilidade notáveis. Vigilante, está sempre pronto para a ação. Corajoso, ele defende seu dono e sua família contra os predadores e os estranhos. Detecta a presença de ser-pentes. Firmeza e respeito são imprescindíveis para a educação deste cão manso mas cheio de personali-dade.

Conselhos
Pode viver em apartamentos desde que possa exercitar-se todos os dias. Escovação semanal.

Utilizações
Guarda e companhia.

Cabeça
De urso, seca, bem proporcionada ao conjunto do corpo. Crânio plano e largo. Stop pouco pronunciado. Focinho cônico. Trufa preta ou marrom, a condizer harmoniosamente com a pelagem. Maxilares fortes. Lábios ajustados pretos ou marrons.

Olhos
De tamanho médio, de tonalidade escura. Pálpebras ligeiramente oblíquas, bem pigmentadas.

Orelhas
Médias, com as pontas arredondadas, portadas semi-pendentes.

Corpo
Possante. Pescoço musculoso, sem barbelas. Peito largo e muito profundo. Dorso largo e musculoso. Costelas ligeiramente arqueadas. Lombo poderoso e arqueado. Ventre esgalgado.

Membros
Sólidos, sobriamente musculosos. Patas um pouco arredondadas. Unhas fortes da cor da pelagem.

Cauda
Longa, atingindo o nível dos jarretes, portada baixa, em cimitarra, em repouso. Muito tufosa (em penacho).

Pêlo
Muito espesso, semi-longo (6 am.) exceto na cabeça e nas orelhas onde é mais raso e mais fino. Juba principalmente nos machos.

Pelagem
Muito variável: branca, areia, fulvo, ruivo, rajada, branca e preta, branca e fulva, mais ou menos encarvoada, tricolor...

Tamanho
De 52 a 62 cm.

Peso
Aproximadamente 30 kg.

Boxer

Como todos os Dogues, o Boxer tem, entre seus ancestrais, Molossos vindos do Oriente, cães de combate e de defesa contra as feras. Entre esses Molossos, foi do acoplamento entre um cão de caça, o Büllenbeisser germânico, (atualmente desaparecido) e um Bulldog inglês que nasceu em 1890 a raça Boxer moderna. Sua primeira exposição em Munique ocorreu em 1896. Seu padrão foi fixado uns dez anos depois. Foi utilizado pelo exército alemão durante a Primeira Guerra Mundial. Este cão, escolhido para a companhia e para a guarda, é muito popular.

Aspecto recolhido. Musculatura fortemente desenvolvida. Pele seca e sem dobras. Andaduras vivas, cheias de nobreza e de potência.

2A

Molossos
Tipo Dogue

Raças grandes
de 25 a 45 kg

País de origem
Alemanha

Nome de origem
Deutscher Boxer

2

Cabeça
Bem proporcionada, fina e quadrada. Crânio arqueado, cúbico. Stop muito pronunciado. Focinho o mais largo e poderoso possível. A mandíbula avança à frente da maxila, fazendo leve curva para cima (prognatismo).

Olhos
Nem demasiado pequenos, nem globulosos. De cor marrom escuro. Orla das pálpebras escura.

Orelhas
De inserção alta, não muito largas, cortadas em ponta, portadas verticalmente.

Corpo
Quadrado. Pescoço redondo, poderoso. Antepeito largo e profundo. Cernelha bem marcada. Peito alto. Costelas arredondadas. Dorso reto e musculado. Lombo curto e musculado. Garupa ligeiramente inclinada.

Membros
Robustos, retos. Ossatura poderosa. Patas pequenas e redondas.

Cauda
De inserção alta, amputada curta e portada ereta.

Pêlo
Raso, duro, brilhante e cerrado.

Pelagem
Fulva ou rajada.
As tonalidades do fulvo vão desde o amarelo claro até ao vermelho-cervo escuro, prefere-se o fulvo avermelhado. Máscara preta. A variedade rajada apresenta listas escuras ou pretas sobre um fundo fulvo. Marcas brancas são admitidas.

Tamanho
Macho: de 57 a 64 cm.
Fêmea: de 53 a 60 cm.

Peso
De 25 a 30 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Dinâmico, impetuoso, dominador, tem um temperamento franco. Deve ser equilibrado, calmo e sociável. Grande ligação e grande fidelidade para com os donos e sua família. Vigilante, desconfiado com estranhos, demonstra uma coragem indefectível como defensor e como guardião. Deverá ser educado muito cedo.

Conselhos
Este cão adapta-se bem à vida em apartamento, mas precisa de muito exercício. Seu pêlo raso não necessita de qualquer cuidado particular.

Utilizações
Guarda, defesa, utilidade (policial, guia para cegos) e de companhia.

Broholmer

Este Pastor, com fisionomia de Molosso, pertence a uma raça dinamarquesa muito antiga. É praticamente desconhecido na França.

Alto. Muito poderoso. Quadrado de tipo Mastife

2

2A

Molossos
Tipo Dogue

País de origem
Dinamarca

Raças gigantes
de 45 a 90 kg

Temperamento, aptidões, educação
Cão equilibrado, calmo, com bom temperamento. Aprecia-se sua vigilância, sua coragem e sua docilidade. Uma educação firme impõe-se para dominar sua possível agressividade para com estranhos.

Conselhos
Necessita de espaço e de exercício. Uma escovação semanal é suficiente.

Utilizações
Pastoreio, guarda e companhia.

Cabeça
Forte e larga. É portada ligeiramente inclinada. Focinho relativamente curto. Lábios pendentes.

Olhos
Redondos, pretos ou âmbar escuro.

Orelhas
Pequenas, de inserção moderadamente alta.

Corpo
Inscritível num quadrado. Pescoço pesado. Antepeito largo. Dorso longo. Garupa ligeiramente descaída .

Membros
Poderosos. Patas fortes, espessas e sólidas.

Cauda
De tamanho médio, espessa, portada pendente ou em sabre quando o cão está em ação.

Pêlo
Curto, espesso, resistente.

Pelagem
Fulva (amarela clara, amarela acastanhada) com máscara preta; preta. Marcas brancas no antepeito, nas patas e na ponta da cauda são admitidas.

Tamanho
Macho: no mínimo 75 cm.
Fêmea: no mínimo 70 cm.

Peso
De 50 a 60 kg.

Bulldog

O Buldogue deve ser um descendente dos Molossos de Epira, cães de guerra, introduzidos na Inglaterra pelos navegadores fenícios. Como seu nome indica ("bull" significa "touro" em inglês), ele foi criado para combater os touros. Também se organizavam combates entre cães. Em 1835, esta prática cruel foi abolida. Em 1875, o primeiro padrão foi publicado. As seleções operadas desde então fizeram do Buldogue um cão de companhia.

Cheio. Baixo. Largo, poderoso, compacto. Andadura pesada.

Raças médias de 10 a 25 kg

2A

Molossóide Tipo Dogue

País de origem
Grã-Bretanha

Outros nomes
Buldogue inglês, Buldogue

2

Cabeça
Maciça. Face curta. Crânio largo. Pele solta e enrugada. Stop fortemente pronunciado. Focinho curto, largo e arrebitado. Narinas largas. Lábios grossos e pendentes. Maxilares largos e quadrados. A mandíbula projeta-se à frente da maxila e curva-se para cima.

Olhos
Bem afastados, de tamanho médio, redondos e muito escuros.

Orelhas
Bem afastadas entre si, de inserção alta, pequenas e finas. São portadas em rosa (dobradas de modo a mostrar o interior das conchas e do conduto externo das orelhas).

Corpo
Curto, bem soldado. Pescoço muito grosso com barbelas. Ombros largos e oblíquos. Peito amplo e redondo. Dorso curto e forte. Costelas arredondadas. Lombo recolhido. Os quadris são altos e fortes. O ventre é recolhido.

Membros
Fortes, bem musculados. Membros anteriores bem afastados. Patas arredondadas e compactas. As patas anteriores são ligeiramente viradas para fora.

Cauda
De inserção baixa, redonda, de comprimento moderado. Portada baixa, sem curva evidente para o alto.

Pêlo
Fino, curto, liso e cerrado.

Pelagem
Unicolor ou "fuligem" (isto é unicolor com a máscara ou o focinho preto). Cores uniformes: vermelho, fulvo. Pelagem rajada: branca ou empenachada (branca com as cores anteriores). As cores fígado, preto e fogo são altamente indesejáveis.

Tamanho
De 30 a 40 cm.

Peso
Macho: de 24 a 25 kg.
Fêmea: de 22 a 23 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, travesso, corajoso com um temperamento equilibrado, digno de confiança. Apesar de seu aspeto ser terrível, ele é naturalmente afetuoso, calmo, de bom temperamento, muito pouco barulhento. É um excelente companheiro para as crianças. É muito afeiçoado a seus donos. Deve ser educado com firmeza.

Conselhos
Adapta-se à vida citadina se puder exercitar-se regularmente. Suporta mal o calor forte. Escovação diária e cuidado com as dobras da face para evitar as irritações.

Utilizações
Guarda, policial, auxiliar militar e companhia.

Potência. Harmonia. Forte sem ser pesado.

Bullmastiff

O Bulmastife, feliz cruzamento entre um Bulldog (rápido e ativo) e um Mastife (grande e pesado), foi criado no século XIX para guardar as grandes propriedades. A raça foi reconhecida em 1924.

2

2A

Molossos Tipo Dogue

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
Bullmastiff

Raças gigantes de 45 a 90 kg

Cabeça
Larga. Crânio forte, quadrado e enrugado quando o cão está atento. Stop bem marcado. Bochechas bem desenvolvidas. Focinho curto e largo. Os lábios não devem ser pendentes.

Olhos
De tamanho médio, escuros ou cor de avelã.

Orelhas
Pequenas, em forma de V, de inserção alta, bem separadas entre si e mais escuras que as outras regiões do corpo.

Corpo
Poderoso. Pescoço muito musculoso. Peito largo. Ombros musculoso. Dorso curto e reto. Lombo largo.

Membros
Fortes e musculoso com uma boa ossatura. Patas pequenas (de gato) com dígitos arredondados e bem arqueados. Unhas escuras.

Cauda
De inserção alta, forte na base, vai adelgaçando-se para a ponta. Alcança os jarretes.

Pêlo
Curto, áspero, bem assentado.

Pelagem
Qualquer tom de rajado, vermelho ou fulvo. A cor deve ser pura e nítida. Uma ligeira marca branca no peito é admitida. Máscara preta no focinho. Olhos contornados de marcas escuras.

Tamanho
Macho: de 63 a 68 cm.
Fêmea: de 61 a 66 cm.

Peso
Macho: de 50 a 59 kg.
Fêmea: de 41 a 50 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Sólido, ativo, ágil, resistente, equilibrado. Cheio de ardor, muito vigilante, corajoso, é um excelente cão de guarda. Fiel, manso, excelente companheiro para as crianças. É dotado de um odorado muito desenvolvido e de um temperamento muito dominador. Terá que lhe dar uma educação firme, precoce e sem severidade.

Conselhos
Não foi feito para viver em apartamentos. Precisa de espaço e de exercício. Escová-lo regularmente e limpar as dobras de sua pele.

Utilizações
Guarda, defesa, policial e militar, companhia.

Cane Corso

O Corso seria o descendente direto do antigo Molosso romano. Antigamente presente em toda a Itália, ele manteve-se na província de Puglia e nas regiões limítrofes dessa província da Itália meridional. Seu nome que deriva do latim "Cohors" (pátio de fazenda, recintos) significa protetor, guardião das fazendas, dos pátios, de uma propriedade fechada. Apareceu no século XVI, relacionado com a caça e a guarda.

Sólido. Musculatura poderosa. Elegante. Ágil. Pele bastante espessa. Sua andadura preferida é o trote.

Raças gigantes
de 45 a 90 kg

2B

Molossos
Tipo montanhês

País de origem
Itália

Nome de origem
Cane Corso Italiano

Outros nomes
Cão Corso
Cão de pátio Italiano
Cão de forte raça Italiano

2

Cabeça
Larga, tipicamente molossóide. Stop pronunciado. Focinho forte, quadrado, mais curto que o crânio. Cana nasal reta. Maxilares muito largos e espessos.

Olhos
De tamanho médio, quase ovais. Da cor mais escura possível, segundo a cor da pelagem.

Orelhas
Triangulares, pendentes, largas na base. Muitas vezes operadas em triângulo eqüilateral.

Corpo
Um pouco mais longo que alto. Pescoço robusto. Cernelha mais alta que a garupa. Dorso reto, muito musculado. Peito bem desenvolvido. Lombo curto, sólido. Garupa longa, larga, ligeiramente oblíqua.

Membros
Poderosos. Patas anteriores redondas, mais compactas que as patas posteriores.

Cauda
De inserção mais para o alto, muito grossa na raiz. É amputada na 4ª vértebra.

Pêlo
Curto, muito cerrado. Subpêlo leve.

Pelagem
Preta, cinza chumbo, cinza ardósia, cinza claro, fulva clara, vermelho cervo, fulvo escuro; rajada (riscas sobre fundo fulvo ou cinza de tonalidades diferentes). Os indivíduos fulvos e rajados têm no focinho uma máscara preta ou cinza. Uma pequena mancha branca no antepeito, na ponta das patas e na cana nasal é admitida.

Tamanho
Macho: de 64 a 68 cm.
Fêmea: de 60 a 64 cm.

Peso
Macho: de 45 a 50 kg.
Fêmea: de 40 a 45 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão rústico, vigoroso, enérgico, intrepidamente corajoso. É orgulhoso e equilibrado. Dócil e afetuoso com seu dono, mostra-se tolerante e jovial com as crianças. É desconfiado com os estranhos. É fácil de adestrar.

Conselhos
Precisa de exercício e de espaço. Uma escovação semanal é suficiente.

Utilizações
Guarda, defesa.
Cão de pastor.
Cão de caça.
Companhia.

Pastor de Anatólia

Descendente dos Molossos de Epira, oriundo dos grandes planaltos e das montanhas da Turquia de Ásia, o Pastor de Anatólia era utilizado para guardar as ovelhas e protegê-las contra os predadores (lobos), para a caça e para ajudar os homens na guerra. Está presente na França desde o final dos anos 80.

Poderoso. Porte forte. Relativamente esbelto. Movimentos leves e de grande amplitude iguais às de um felino.

2

2B

Molossos
Tipo montanhês

País de origem
Turquia,
Anatólia

Nome de origem
Coban Köpegi

Outros nomes
Anatolian Shepherd Dog,
Karabash, Kangal,
Cão de guarda turco
Pastor de Anatólia

Raças gigantes
de 45 a 90 kg

Temperamento, aptidões, educação
Devido a seu passado rude e a sua vida ao ar livre com qualquer tempo, ele herdou uma grande robustez e uma certa sobriedade. Obediente e travesso, dotado de uma forte personalidade, muitas vezes teimoso, precisa de um dono que lhe imponha sua autoridade. Fiel, manso com seus donos e com as crianças, é muito desconfiado para com os estranhos, o que o torna um bom guardião.

Conselhos
Precisa de uma vida no campo porque o exercício físico diário é indispensável para ele. Uma escovação regular é suficiente.

Utilizações
Rebanhos, guarda e companhia.

Cabeça
Forte e larga. Crânio ligeiramente arqueado. Stop ligeiramente pronunciado. Focinho um pouco mais curto que o crânio. Contorno dos lábios preto.

Olhos
Pequenos, de cor dourada a marrom de acordo com a cor da pelagem.

Orelhas
De tamanho médio, de formato triangular, com as pontas arredondadas. São pendentes.

Corpo
Poderoso. Pescoço espesso e musculado. Antepeito profundo. Peito bem descido. Costelas arqueadas. Ventre bem esgalgado.

Membros
Sólidos e bem musculosos. Patas ovais e sólidas. Dígitos bem arqueados.

Cauda
Longa, portada baixa com um ligeiro anel.

Pêlo
Curto ou semi-longo, denso. Mais longo no pescoço, nos ombros e nas coxas. Subpêlo grosso.

Pelagem
Todas as cores são admitidas. Sendo preferível a cor areia e fulva, com máscara e orelhas pretas.

Tamanho
Macho: de 74 a 81 cm.
Fêmea: de 71 a 79 cm.

Peso
Macho: de 50 a 65 kg.
Fêmea: de 40 a 55 kg.

Pastor da Ásia Central

Este cão descende provavelmente dos Molossos asiáticos. Encontra-se em todas as Repúblicas da Ásia Central e em algumas regiões vizinhas. Ele foi utilizado para defender os rebanhos contra os lobos ou os ladrões

Constituição grosseira. Ossatura maciça. Musculatura poderosa. Pele espessa. Andaduras: trote pesado, encurtado e galope são as mais características.

2B

Molossos Tipo Montanhês

País de origem
Ásia,
Rússia

Nome de origem
Sredneasiatskaïa Ovtcharka

Outro nome
Ovtcharka de Ásia central

2

Raças grandes de 25 a 45 kg

Cabeça
Maciça e larga. Testa chata. Stop apenas pronunciado. Trufa forte, preta ou marrom.

Olhos
Bem afastados entre si, arredondados, escuros.

Orelhas
De inserção baixa, pequenas, triangulares e pendentes. São cortadas.

Corpo
Poderoso. Pescoço curto. Peito largo e alto. Dorso forte, reto e largo. Costelas arredondadas. Lombo curto, largo, ligeiramente arqueado. Ventre moderadamente esgalgado. Garupa larga, musculosa, e quase horizontal.

Membros
Patas fortes, ovais e compactas.

Cauda
Amputada.De inserção alta, em forma de foice. Pendente.

Pêlo
Duro, reto e grosseiro. Distinguem-se os cães de pêlo longo (7 a 8 cm) e os de pêlo curto (3 a 5 cm) e liso. Subpêlo bem desenvolvido.

Pelagem
Branca, cinza, preta, palha, ruiva, rajada, pega ou manchada.

Tamanho
Macho: no mínimo 65 cm.
Fêmea: no mínimo 60 cm.

Peso
De 40 a 50 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, pouco exigente, adaptando-se a qualquer tipo de clima. Cão equilibrado, calmo mas audacioso, muito desconfiado com os estranhos, capaz de reações de defesa muito vivazes. Requer uma educação firme.

Conselhos
Não é um cão da cidade. Precisa de espaço e de exercício. Uma escovação semanal é suficiente.

Utilizações
Pastoreio, guarda.

Pastor do Cáucaso

Oriundo do Cáucaso, este grande Pastor é talvez um dos descendentes mais diretos do Dogue do Tibete. Foi introduzido na Rússia por ocasião das invasões das povoações asiáticas. Encontra-se em quase todas as regiões da ex-União Soviética. O cão das estepes é mais leve, com membros mais altos que o das montanhas.

2

2B

Molossos Tipo Montanhês

País de origem
Rússia

Nome de origem
Kavkazkaïa Ovtcharka

Outros nomes
Ovtcharka do Cáucaso

Grande porte. Constituição robusta e mesmo grosseira. Ossatura maciça. Forte musculatura. Andaduras: trote curto e galope pesado.

Raças gigantes de 45 a 90 kg

Temperamento, aptidões, educação
Muito rústico, resistente, pouco exigente, capaz de se adaptar a todas as condições climáticas. Cão equilibrado, calmo, ativo mas desconfiado e até mordedor para com estranhos. Requer uma educação firme.

Conselhos
Este cão precisa de espaço e de exercício. Basta uma escovação por semana.

Utilizações
Pastoreio, guarda e de defesa, companhia.

Cabeça
Maciça e larga. Stop pouco pronunciado. Focinho relativamente curto. Trufa forte, preta ou marrom. Lábios fortes mas secos.

Olhos
Pequenos, ovais, escuros.

Orelhas
De inserção alta , pendentes, cortadas curtas.

Corpo
Um pouco mais longo do que alto. Pescoço poderoso, curto. Peito largo, alto, um pouco arredondado. Dorso largo e musculoso. Lombo curto. Ventre moderadamente recolhido. Garupa larga, musculosa, quase horizontal.

Membros
Sólidos. Patas grandes, ovais, compactas e fechadas.

Cauda
De inserção alta, caindo para baixo, em forma de foice, de gancho ou de arco. Caudas amputadas admitidas.

Pêlo
Reto, grosseiro. Na cabeça e na região anterior dos membros o pêlo é mais curto. Subpêlo fortemente desenvolvido e mais claro. Três tipos:
- Pêlo longo com juba, franjas, culote e penacho.
- Pêlo curto sem juba e sem franjas.
- Pêlo intermédio, longo, mas sem juba, franjas, culote ou penacho.

Pelagem
Áreas cinza, com tonalidades diversas, habitualmente claras tendendo ao ruivo, branco, castanho avermelhado, rajado e também pelagem pega e salpicada de manchas.

Tamanho
Macho: no mínimo 65 cm.
Fêmea: no mínimo 62 cm.

Peso
De 45 a 65 kg.

Pastor Montanhês de Krast

Este cão de pastoreio sempre viveu na região montanhosa de Kras como guardião incansável dos rebanhos. A raça foi mencionada pela primeira vez em 1689 e foi reconhecida oficialmente em 1939 sob o nome de Pastor de Ilíria, que agrupava também o futuro Sarplaninac. O Pastor do maciço de Kras e o Sarplaninac foram separados em 1968.

Porte médio. Harmonioso. Constituição robusta. Pele espessa, com uma pigmentação escura. Andadura preferida: trote.

Raças grandes de 25 a 45 kg

2B

Molossos
Tipo Montanhês

País de origem
Eslovénia

Nome de origem
Kraski Ovcar

Outros nomes

Pastor do maçiço de Karst,
Pastor do Krast
Pastor do Kras,
Pastor da Ilíria

2

Cabeça
Nobre, larga. Crânio levemente convexo. Stop pouco marcado. Cana nasal reta e larga.

Olhos
En forma de amendoa, levemente oblíquos, castanhos ou marrom escuros.

Orelhas
Caidas junto à cabeça, em forma de V.

Corpo
Forte, moderadamente retangular, com uma musculatura bastante desenvolvida. Pescoço largo e bem musculoso. Peito largo e profundo. Dorso reto e largo. Garupa larga, levemente inclinada.

Membros
Membros dianteiros: patas em forma oval, compactas. Dígitos arqueados. Membros posteriores: patas em forma arredonda, compactas. Dígitos arqueados.

Cauda
Mantida alta, de comprimento médio, em forma de sabre. densa.

Pêlo
Curto na cabeça e na parte dianteira dos membros. Longo, abundante, liso no resto do corpo. Pescoço com crina e cauda malhada. Franjas nos membros posteriores.

Pelagem
Cinza ferro, de preferência escuro, pricipalmente na cernelha, no abdômen e nas patas. Máscara escura na cabeça.

Tamanho
Macho: de 57 a 63 cm.
Fêmea: de 54 a 60 cm.

Peso
Macho: de 30 a 42 kg.
Fêmea: de 25 a 37 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Valente, corajoso, mas não mordedor. De bom temperamento, fácil e muito dedicado a seu dono o tornam um agradável cão de companhia. Incorruptível e desconfiado com os estranhos, defensor de seu dono, é um bom guardião. Convém dar-lhe uma educação firme mas sem aspereza .

Conselhos
Este cão precisa de espaço e de exercício. Uma escovação regular é necessária.

Utilizações
Pastoreio, guarda e companhia.

Cão de Castro Laboreiro

Este cão deve pertencer a uma das mais antigas raças da península Ibérica. Originário da aldeia de Castro Laboreiro, esta raça portuguesa típica é muito difundida na região que margeia os rios Minho e Lima no Norte de Portugal, entre as cordilheiras da Peneda e do Suajo. O Cão de Castro Laboreiro, de tipo Mastife, protege o gado grosso contra os lobos. Atualmente ele também é utilizado como cão de guarda e como auxiliar de polícia.

2

Lupóide de tipo Mastim. Rusticidade. Porte nobre. Andaduras muito fluentes. Latido muito sonoro.

2B

Molossos
Tipo Montanhês

País de origem
Portugal

Nome de origem
Cão de Castro Laboreiro

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, leal, dócil, afetuoso, é um cão calmo e sossegado. Muito corajoso, desconfiado com os estranhos, é o guardião ideal pela sua constante vigilância. Ele deverá receber uma educação firme.

Conselhos
Ele precisa de espaço e de exercício. Escovação regular.

Utilizações
Pastoreio, guarda, auxiliar de polícia, companhia.

Cabeça
De altura média, seca, sem rugas. Stop pouco acentuado. Cana nasal longo, forte e reto. Maxilares poderosos.

Olhos
Oblíquos, de tamanho médio, de cor marrom claro nos cães de pelagem clara e marrom escuro nos de pelagem escura.

Orelhas
De tamanho médio, pouco espessas, quase triangulares com bordos arredondados, pendentes.

Corpo
Retangular. Pescoço curto, sem barbelas. Peito largo e profundo. Lombo forte, largo, curto e bem musculoso. Garupa suavemente inclinada. Ventre muito pouco volumoso.

Membros
Musculosos, com ossatura forte. Patas quase redondas. Dígitos grossos. Unhas pretas ou cinza escura.

Cauda
Grossa e tufosa, em sabre. Alcança o jarrete.

Pêlo
Grosso, curto (5 cm), áspero, liso, bem assentado e abundante. Ausência de subpêlo.

Pelagem
A cor lobeiro é a mais comum. Todas as nuances de cinza, com ou sem máscara preta, ou então é rajada.

Tamanho
Macho: de 55 a 60 cm.
Fêmea: de 52 a 57 cm.

Peso
Macho: de 30 a 40 kg.
Fêmea: de 20 a 30 kg.

Cão dos Pireneus

Seus longínquos ancestrais seriam, como muitos Molossos, Dogues do Tibete, introduzidos em Europa por ocasião das invasões asiáticas. Conhecido desde o século XVII, ele protegia o pastor e o rebanho contra os lobos e os ursos, guardava as casas e os castelos e até recebeu as honras da corte de Luís XIV. Fundados em 1907, os clubes de Argelès e de Cauterets estabeleceram o primeiro padrão, que foi admitido nos anos 60. Ele faz parte das raras raças francesas bem implantadas no estrangeiro, particularmente nos Estados Unidos e no Japão.

Majestoso. Estrutura extremamente forte. Elegância.

2B

Molossos
Tipo Montanhês

País de origem
França

Nome de origem
Chien de montagne des Pyrénées

Outros nomes
O Montanhês dos Pireneus, Grande Pireneu

Raças gigantes de 45 a 90 kg

2

Cabeça
Proporcional ao tamanho. Crânio ligeiramente arqueado. Stop pouco acentuado. Focinho largo, afilado na ponta. Lábios pretos pouco caídos.

Olhos
Relativamente pequenos, de cor marrom âmbar. Contorno das pálpebras preto, pálpebras ligeiramente oblíquas.

Orelhas
Pequenas e triangulares, com as extremidades arredondadas. Caem rente à cabeça.

Corpo
Imponente. Pescoço forte, bastante curto. Dorso reto, largo e firme. Peito largo e profundo. Costelas ligeiramente arredondadas. Flanco pouco descido. Garupa ligeiramente oblíqua.

Membros
Sólidos, franjados. Ergots duplos nos membros posteriores. Patas pouco alongadas, compactas com dígitos ligeiramente arqueados.

Cauda
Bastante longa, tufosa, em penacho. É portada baixa em repouso e enrola-se fortemente quando o cão está em alerta.

Pêlo
Longo, acamado, leve e bem farto. Mais longo na cauda, nas coxas e no pescoço onde pode ondular ligeiramente. Subpêlo denso e lanoso.

Pelagem
Branca com ou sem manchas cinza (ou castor), amarelo claro ou laranja na cabeça e na raiz da cauda. As manchas castor são as mais apreciadas. Admitem-se algumas manchas no corpo.

Tamanho
Macho: de 70 a 80 cm.
Fêmea: de 65 a 72 cm.

Peso
Macho: aproximadamente 60 kg.
Fêmea: aproximadamente 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Temperamento independente, orgulhoso, dominador, bastante difícil. É indispensável uma educação firme e precoce para poder manter-se dono deste cão. Plácido, afetuoso, protetor, muito manso com as crianças, é um excelente companheiro. Muito reservado com os desconhecidos, guardião inato, altamente dissuasivo, podendo ser temível.

Conselhos
Este cão não está adaptado à vida na cidade. Precisa de espaço e de exercício de modo a evitar os distúrbios comportamentais. Não suporta estar fechado. Escová-lo três vezes por semana e banhá-lo várias vezes por ano.

Utilizações
Rebanho, guarda, companhia.

Cão da Serra da Estrela

Bastante comum em Portugal, o Cão da Serra da Estrela, cuja verdadeira origem se perde no tempo, parece representar a mais antiga raça da península Ibérica. Ele provém de Molossos asiáticos, também tem um parentesco com o Mastim espanhol e é oriundo da montanha Serra da Estrela. Classicamente empregado como cão de pastoreio protegendo as ovelhas contra os lobos, ele também foi utilizado como cão de tiro. Seu padrão foi fixado em 1934. Introduzido na França em 1986, ainda é pouco difundido.

Molossóide convexilíneo. Tipo Mastim.
Bem proporcionado. Rústico

2

2B

Molossóide Tipo Montanhês

País de origem
Portugal

Nome de origem
Cão da Serra da Estrela

Outros nomes
Estrela,
Cão de montanha português

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Cabeça
Forte e volumosa. Crânio de perfil convexo. Stop pouco pronunciado. Maxilares bem desenvolvidos. Cana nasal alongada.

Olhos
De tamanho médio, ovais, prefere-se a cor âmbar escuro. Pálpebras de orla preta.

Orelhas
Pequenas, delgadas, triangulares, arredondadas na ponta. São pendentes. As orelhas cortadas são admitidas.

Corpo
Compacto. Pescoço curto, grosso. Peito arredondado, largo e profundo. Dorso curto. Lombo largo e curto. Garupa um pouco inclinada.

Membros
Bem musculosos, ossatura desenvolvida, articulações fortes. Patas nem excessivamente redondas ou alongadas. Dígitos grossos, fechados. Unhas escuras, pretas.

Cauda
Longa, pendente, chegando até à ponta do jarrete. Bem guarnecida de pêlos (franjada na variedade de pêlo longo).

Pêlo
Forte, ligeiramente grosseiro, um pouco semelhante ao pêlo de cabra, liso ou ligeiramente ondulado. Existe uma variedade de pêlo longo (praticamente a única atualmente) e uma de pêlo curto. Subpêlo fino, sobretudo desenvolvido na variedade de pêlo longo.

Pelagem
Somente as cores fulvo, lobeiro e amarelo, unicolores ou multicolores são admitidas.

Tamanho
Macho: de 65 a 72 cm.
Fêmea: de 62 a 68 cm.

Peso
Macho: de 40 a 50 kg.
Fêmea: de 30 a 40 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Imponente em suas atitudes e vivo em suas reações, de uma grande rusticidade, enérgico, corajoso. Guardião fiel do rebanho, o qual defende de uma maneira obstinada, cão de defesa, cão de tiro. Seu faro excepcional torna-o um bom caçador. Desconfiado e até mesmo temível com os desconhecidos, é um excelente guardião. Dócil, calmo, é o companheiro ideal para a família. Ele requer uma educação firme mas suave logo durante os primeiros anos.

Conselhos
Não é um cão da cidade. Precisa de espaço e de exercício para despender sua energia. Escovação regular para seu pêlo longo.

Utilizações
Pastoreio, guarda, auxiliar da polícia ou do exército, companhia.

Dogue Alemão

Este grande molosso descenderia do Molosso do Tibete introduzido na Europa pelos Fenícios, e depois por um povo nômade de Pérsia, os Alanos. Na Idade Média distinguiam-se entre esses Molossos duas variedades: os "Alanos gentis" que caçavam em matilha (javali, lobo, urso), poderosos, ágeis, esbeltos e os "Alanos de açougue", de aparência mais pesada, mais recolhida, que se destinavam à guarda. Em 1878, todas as variedades foram agrupadas sob o nome de "Dogue alemão". Seu padrão foi fixado por volta de 1890 na Alemanha. O Doggen Club da França foi fundado em 1923.

Alto. Poderoso. Harmonioso. Robustez. Força. Elegância. Cheio de nobreza. Porte real. Apolo dos cães. Orgulhoso. Pele pigmentada. Movimentos harmoniosos e leves. Seus ancestrais imediatos são o antigo Büllenbeisser (versão alemã do cão de touro) cruzado com grandes cães (os Hatzrüde), empregados para a caça a cavalo com matilha de cães e descendentes dos Alanos gentis. Mais tarde, os nomes de "Dogues de Ulm", "Dogue dinamarquês", "Cão de Wurtemberg" e "Grande Dogue" designaram os diferentes tipos desses cães.

2A

Molossos Tipo Dogue

País de origem
Alemanha

Nome de origem
Deutsche Dogge

Outros nomes
Dinamarquês, Grande ou Gigante Dinamarquês

Raças gigantes de 45 a 90 kg

2

Cabeça
Finamente esculpida. Alongada, estreita, muito expressiva, sempre portada muito alta. Stop fortemente marcado. Arcadas superciliares bem desenvolvidas. Chanfro nasal largo. Focinho alto e retangular. Trufa preta ou mais clara no arlequim.

Olhos
De tamanho médio, redondos, o mais escuro possível. Nos Dogues azuis admitem-se olhos mais claros. Nos Dogues arlequins os olhos claros ou de cores diferentes são admitidos.

Orelhas
De inserção alta, naturalmente pendentes. Cortadas em ponta, são portadas rígidas e retas.

Corpo
Inscreve-se em um quadrado. Pescoço longo, seco, bem musculoso com um perfil harmonioso. Antepeito pronunciado. Costelas bem arqueadas. Dorso curto, quase retilíneo. Lombo largo, ligeiramente arqueado. Garupa larga, ligeiramente inclinada. Ventre bem esgalgado.

Membros
Fortes, musculosos. Patas redondas ("pé de gato"). Dígitos arqueados e bem fechados.

Cauda
De tamanho médio, alcançando o jarrete. De inserção alta e grossa na raiz. Esbelta e delgada na extremidade. Em ação, recurva-se ligeiramente em forma de sabre.

Pêlo
Muito curto, denso, liso e assentado, brilhante.

Pelagem
Rajada: cor de fundo: do amarelo dourado claro ao amarelo dourado intenso, sempre rajado de listras transversais pretas muito nítidas. A máscara preta é muito desejável. Fulva: do amarelo dourado claro ao amarelado dourado intenso. Máscara preta desejável. Preta: preto profundo, marcas brancas admitidas. Azul: azul-aço puro. Marcas brancas no antepeito e nas patas são admitidas. Arlequim: fundo branco puro com manchas preto profundo de contorno irregular, de tamanhos variáveis, bem distribuídas em todo o corpo.

Tamanho
Macho: no mínimo 80 cm.
Fêmea: no mínimo 72 cm.

Peso
De 50 a 70 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Deve ser o mais pacífico de todos os Molossos. É um cão gentil, terno, manso, sensível, afetuoso, particularmente com as crianças. Equilibrado, calmo, latindo muito pouco, é agressivo unicamente se as circunstâncias o exigem. Vigilante, possuindo o sentido da propriedade, do território, ele mantém as distâncias e permanece desconfiado com os estranhos. Incorruptível, é realmente um cão de dissuasão. Sua educação deverá ser precoce e firme, porém paciente.

Conselhos
A rigor pode viver em apartamento se puder se beneficiar de saídas diárias. Esportivo, precisa de espaço e de exercício. Entretanto, ele não deverá praticar muitos exercícios antes do final de sua fase de crescimento de modo a evitar problemas articulares e dos ligamentos. Também deve-se salientar que ele vive, em média, oito anos, o que é pouco. Seu pêlo deverá ser escovado regularmente.

Utilizações
Guarda, companhia.

Tipo molossóide. Imponente. Sólido. Elegante

Dogo Argentino

Esta raça foi criada na Argentina pelos dois irmãos Martinez no início do século XX, a partir do cão de combate de Córdoba, molosso feroz. Eles procederam a cruzamentos com Mastins, Boxers, Mastifes, Buldogues, Pointers e Irish Wolfhounds a fim de obter um cão com múltiplas aptidões: caça, combate e guarda. Em 1928 foi redigido um primeiro padrão, aprovado pela Federação cinófila da Argentina em 1965. A F.C.I. estabeleceu um padrão em 1973 e reconheceu em 1975 a primeira e única raça canina de origem argentina. O Dogue argentino chegou à França em 1980.

2

2A

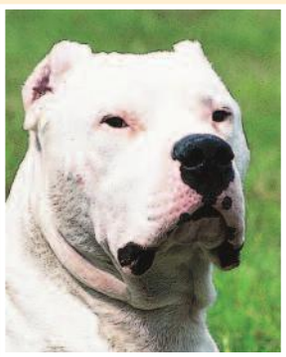
Molossos Tipo Dogue

País de origem
Argentina

Nome de origem
Dogo Argentino

Outro nome
Dogo

Raças gigantes de 45 a 90 kg



Temperamento, aptidões, educação
Muito robusto, ativo, enérgico, ágil e corajoso. Calmo, plácido e afetuoso, dócil, gosta de companhia e precisa do contato com seu dono. Quase nunca late. Agressivo e dominador em relação a seus congêneres, é temível quando guarda uma propriedade. Ele precisa de uma educação firme sem brutalidade por que é muito suscetível.

Conselhos
Suporta a vida em apartamento se puder sair duas a três vezes por dia e exercitar-se muito. Deve poder viver o maior tempo possível ao ar livre. Escovação uma ou duas vezes por semana e banho duas a três vezes por ano. Limpar regularmente o contorno dos olhos para evitar os rastos.

Utilizações
Cão de caça (caça grossa: javali, puma). Cão de utilidade: polícia, militar, alfândega, catástrofe, guia para cegos. Guarda e companhia.

Cabeça
De tipo molossóide, forte, bem esculpida, quadrada. Crânio maciço e convexo. As rugas da testa são bem marcadas. Focinho ligeiramente côncavo. Maxilares poderosos.

Olhos
Escuros ou cor de avelã.

Orelhas
De inserção alta, eretas ou semi-eretas, triangulares. São geralmente cortadas.

Corpo
Poderoso, sem ser pesado. Pescoço arqueado e forte. Antepeito largo. Peito amplo e profundo. Dorso sólido.

Membros
Anteriores longos e retos. Posteriores bem musculosos. Patas bastante ovais. Dígitos arqueados.

Cauda
Longa e grossa, naturalmente pendente.

Pêlo
Curto, cerrado e espesso.
Pelagem
Branca. Qualquer mancha de cor provoca a desqualificação.

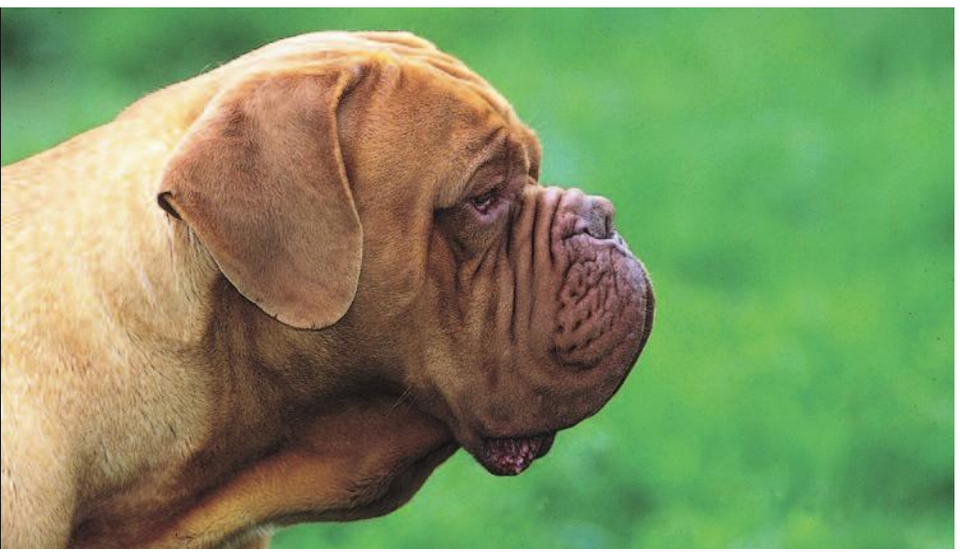
Tamanho
Macho: de 62 a 68 cm.
Fêmea: de 60 a 65 cm.

Peso
De 40 a 50 kg.

Dogue de Bordeaux

O único Dogue francês é uma das mais antigas raças da França, poderia descender dos Molossos romanos e dos Dogues espanhóis. É conhecido no Sudoeste da França desde a Idade Média sob o nome de Alan Vaultre (Alano Vaultre), antigo Dogue de combate e de caça. No século XVIII Buffon o descreveu sob a denominação de Dogue de Aquitânia. O padrão desta raça foi oficializado em 1926 depois de alguns cruzamentos com os Mastifes.

Molossóide braquicéfalo. Muito musculoso. Construído mais para pernas curtas. Atleta atarracado, imponente e orgulhoso.



Raças gigantes de 45 a 90 kg

2A

Molossos Tipo Dogue

País de origem
França

Nome de origem
Dogue de Bordeaux

Outro nome
Dogue da Aquitânia

2

Cabeça
Muito volumosa, angulosa, larga, bastante curta. Vista de frente é trapezoidal. O crânio, cujo perímetro corresponde ao tamanho, é ligeiramente convexo. Stop muito pronunciado. A testa, mais larga do que alta, domina a face. Rugas profundas, simétricas. Focinho poderoso, espesso, bastante curto, muito ligeiramente côncavo. Trufa larga. Maxilares muito poderosos. Prognatismo inferior (a mandíbula sobressai de 0.5 a 2 cm.). Lábios espessos.

Olhos
Ovais, muito afastados. De cor avelã a castanho escuro para o cão de máscara preta, podendo ser menos escuros com a máscara vermelha.

Orelhas
Pequenas, de cor mais escura que a da pelagem. Caem junto às bochechas.

Corpo
Poderoso. Pescoço muito forte, quase cilíndrico, com barbelas. Antepeito poderoso. Peito poderoso, largo e profundo. Costelas arqueadas. Dorso largo e musculoso. Garupa moderadamente oblíqua. Ventre esgalgado.

Membros
Musculosos com ossatura forte. Patas redondas, fortes. Dígitos fechados. Unhas bem pigmentadas.

Cauda
Muito espessa, portada baixa, não ultrapassando o jarrete.

Pêlo
Fino, curto, liso e macio.

Pelagem
De cor acaju ou fulva com uma máscara vermelha ou preta. Uma boa pigmentação é desejável. Manchas brancas pouco extensas são admitidas no antepeito e nas patas.

Tamanho
Macho: de 60 a 68 cm.
Fêmea: de 58 a 66 cm.

Peso
Macho: pelo menos 50 kg.
Fêmea: pelo menos 45 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Antigo cão de combate, dotado para a guarda, função que assume com vigilância e grande coragem, porém sem agressividade. É anti-social com seus congêneres. Manso, calmo, sensível, é muito dedicado a seu dono e também muito afetuoso com as crianças. É pouco ladrador. Detesta a solidão e a inatividade. Deve ser educado perfeitamente para se manter o controle sobre ele.

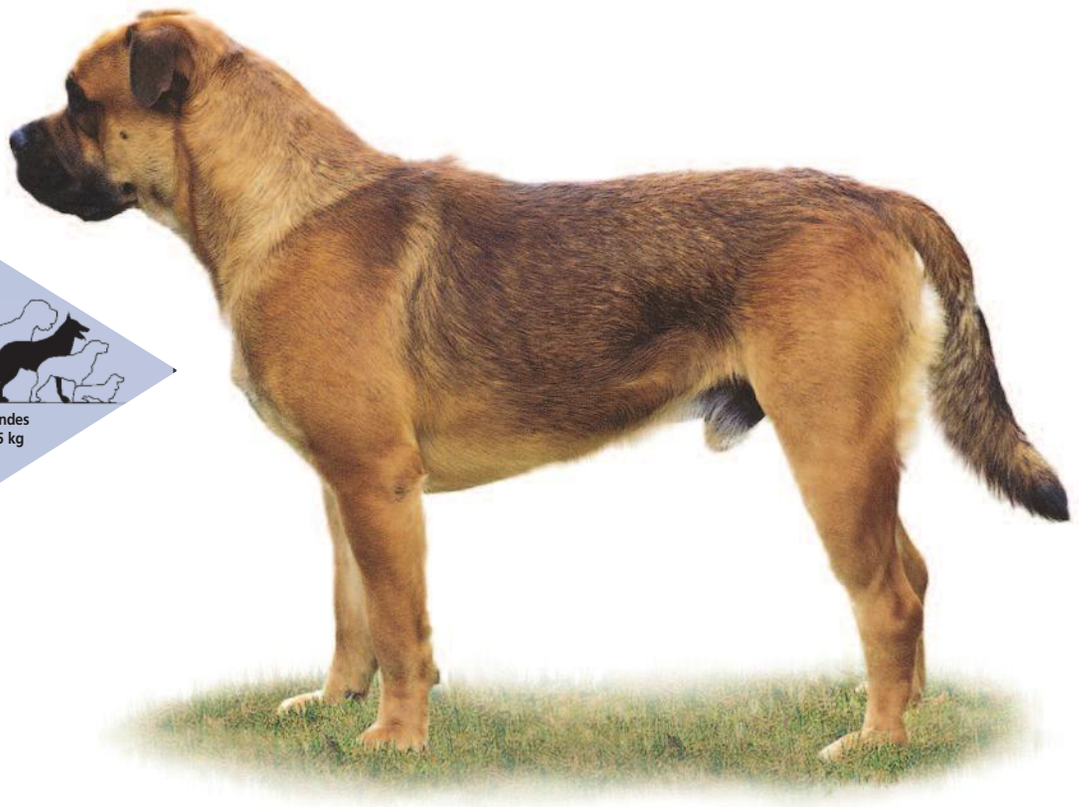
Conselhos
Não é um cão de apartamento. Precisa de espaço e de exercício. Não requer cuidados particulares.

Utilizações
Guarda e defesa, companhia.

Dogue Maiorquino

Oriundo da ilha de Maiorca, ele foi desenvolvido como o Bulldog, seu homólogo inglês, para o combate contra os touros (bull-baiting) e o combate entre cães. Como esta prática está desaparecendo, até mesmo sua existência foi posta em questão. Ele foi salvo por criadores espanhóis, mas continua sendo muito raro.

Tipo Mastim. Tamanho médio. Poderosamente musculoso.



2

2A

Molossos Tipo Dogue

País de origem
Ilha de Maiorca, nos Baleares, Espanha

Nome de origem
Perro de Presa Mallorquin, Perro dogo Mallorquin

Outros nomes
Dogue de Maiorca
Mastim de Maiorca,
Ca de Bou (cão de touro,
Cão de combate maiorquino.

Raças grandes de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Cão muito corajoso, independente, de temperamento sanguinário. Requer uma educação muito firme.

Conselhos
Precisa de espaço e de exercício. Escovação regular.

Utilizações
Guarda e defesa, companhia.

Cabeça
Maciça. Crânio largo e quadrado. Testa larga e plana. Stop muito pronunciado. Focinho largo. Músculos maxilares muito fortes e protrusos.

Olhos
Grandes, salientes, um pouco oblíquos, ovalados, muito escuros.

Orelhas
Curtas, finas, de inserção alta. posicionadas para trás, descobrindo o conduto auditivo (orelhas em rosa).

Corpo
Maciço. Pescoço longo e muito forte. Dorso bastante curto e muito largo. Peito profundo e cilíndrico. Lombo e flancos curtos. Garupa um pouco mais alta que a cernelha. Ventre esgalgado.

Membros
Anteriores mais curtos que os posteriores. Ergots nos membros posteriores. Patas redondas, de tamanho médio, fechadas.

Cauda
Forte na raiz, afilando em direção à extremidade e alcançando o jarrete.

Pêlo
Curto, áspero, assentado e liso.

Pelagem
Fulva rajada, tigrada escura com manchas brancas.

Tamanho
De 56 a 58 cm.

Peso
Aproximadamente 40 kg.

Dogue do Tibete

Este molosso é o descendente direto do grande Cão do Tibete. Oriundo dos altos planaltos da Ásia central, seu eixo de migração foi o seguinte: Ásia central, Ásia Menor, Europa oriental e em seguida Europa central. Ele é o ancestral de vários molossos atuais. Encontra-se nas estepes e na base da Himalaia, sempre como cão de pastor e feroz guardião de aldeias. Antigamente era muito maior do que atualmente. Marco Polo afirmava que ele era "alto como um burro"! Em via de extinção no século XIX, foi salvo por criadores britânicos. Chegou na França em 1980.

Impressionante. Poderoso. Pesado. Bem construído. Belo olhar. Andaduras: movimento leve e elástico. Passo lento e medido.

Raças gigantes de 45 a 90 kg

2B

Molossos Tipo Dogue

País de origem
Tibete, Patronage, Grã-Bretanha

Nome de origem
Do-Khyi (cão-porta)

Outros nomes
Tibetan Mastiff, Cão montanhês do Tibete

2

Cabeça
Rústica e forte. Crânio maciço. Stop marcado. Focinho quadrado. Maxilares fortes. Trufa larga. Lábios bem desenvolvidos.

Olhos
De tamanho médio, ovais, ligeiramente oblíquos, bem afastados entre si. Todas as tonalidades de marrom.

Orelhas
De tamanho médio, triangulares e pendentes.

Corpo
Forte, de comprimento ligeiramente superior à altura. Pescoço forte, harmonioso sem muitas barbelas, com uma juba espessa. Antepeito profundo. Peito bastante alto, de largura moderada. Dorso reto. Garupa quase imperceptível.

Membros
Ossatura forte. Patas redondas, fortes e compactas.

Cauda
De média para longa, sem ultrapassar o jarrete. Guarnecida de uma pelagem abundante, enrola-se lateralmente sobre o dorso.

Pêlo
Bastante longo, espesso, reto e duro. Nunca é sedoso, encaracolado ou ondulado. Subpêlo denso, espesso e bastante lanoso na estação fria.

Pelagem
Preto intenso, preto e fogo, marrom, diferentes tonalidades de dourado, de cinza e também cinza com marcas douradas. Admite-se uma estrela branca no antepeito. Marcas brancas pequenas são toleradas nas patas. Manchas fogo e douradas aparecem acima dos olhos, na parte inferior dos membros e na extremidade da cauda.

Tamanho
Macho: aproximadamente 66 cm.
Fêmea: aproximadamente 61 cm.

Peso
De 55 a 80 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, resistente, calmo, um pouco teimoso, este cão é muito afetuoso mas pouco demonstrador. Muito distante, e até mesmo agressivo para com estranhos, muito vigilante sobretudo durante a noite, tem uma alma de guardião. Seu latido, um verdadeiro rugido, é impressionante. Deve receber uma educação muito precoce, com paciência e firmeza. Deve-se notar que este cão atinge a maturidade somente por volta dos três ou quatro anos de idade. A cadela entra no cio somente uma vez por ano.

Conselhos
Não é um cão de apartamento. Precisa de espaço e de exercício. Escovação semanal.

Utilizações
Cão de pastor, guarda, companhia.

Fila Brasileiro

Os Conquistadores espanhóis e portugueses, desembarcando no Brasil no século XVII, trouxeram Dogues, Mastiffs e Cães de Saint-Hubert. Os mesmos foram cruzados com cães brasileiros, o que resultou no Fila Brasileiro. Originalmente ele era empregado como cão de pista para encontrar os escravos em fuga, em seguida tornou-se condutor de rebanhos e cão de guarda. O reconhecimento da raça ocorreu em 1950.

Molossóide. Conjunto retangular e compacto. Harmonioso. Bem proporcionado. Grande agilidade. Trote fácil. Galope poderoso. Passo travado.

2

2A

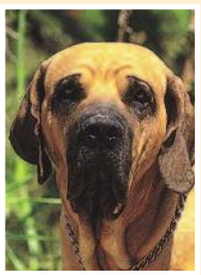
Molossos
Tipo Dogue

País de origem
Brasil

Nome de origem
Fila brasileiro

Outros nomes
Fila,
Mastim brasileiro

Raças gigantes
de 45 a 90 kg



Temperamento, aptidões, educação
Corajoso, fogoso, determinado e valente, este cão pode ser calmo, autoconfiante e obediente com seus donos e muito tolerante com as crianças. É desconfiado com os estranhos. Requer uma educação firme.

Conselhos
Este cão não se adapta à vida na cidade. Precisa de grandes espaços e de exercício.

Utilizações
Rebanhos, guarda, caça (caça grossa), companhia.

Cabeça
Grande, quadrada, maciça. Crânio largo. Stop pouco marcado. Focinho forte, largo e alto. Trufa larga.

Olhos
De tamanho médio, amendoados. Desde o castanho escuro até ao amarelo. Pálpebras muitas vezes caídas.

Orelhas
Grandes, espessas, em forma de V, pendentes.

Corpo
Forte, mais longo que alto. Pescoço muito forte com barbelas. Cernelha ligeiramente mais baixa que a garupa. Peito largo e bem descido. Pele espessa e solta. Garupa larga, longa e oblíqua.

Membros
Ossatura forte. Patas fortes. Dígitos bem arqueados. Unhas pretas.

Cauda
Grossa na raiz, adelgaçando-se em direção à ponta e terminando no jarrete.

Pêlo
Curto, denso, macio e bem assentado.

Pelagem
Todas as cores uniformes são permitidas (exceto o branco, o cinzento rato, o preto e fogo, o azul), rajada com riscas mais ou menos escuras. Apresenta ou não uma máscara preta. Marcas brancas podem ser admitidas nas patas, no peito e na ponta da cauda desde que não excedam o quarto do conjunto.

Tamanho
Macho: de 65 a 75 cm.
Fêmea: de 60 a 70 cm.

Peso
Macho: no mínimo 50 kg.
Fêmea: no mínimo 40 kg.

Hovawart

Seu nome e sua forma atual derivam da palavra alemã hofewart ("guardião do pátio") que designava o tradicional cão de guarda das fazendas alemãs do século XIII. Por esta razão ele é conhecido há muito tempo em seu país. Seus longínquos ancestrais seriam provavelmente Dogues asiáticos. Ao longo dos séculos a raça foi progressivamente abandonada. Somente nos anos 20 que a raça foi regenerada, a partir de cruzamentos com alguns Pastores alemães, Leonbergs e Terra-Novas. A raça foi reconhecida em 1936 e em 1964 este cão foi declarado cão de utilidade pela F.C.I.. Atualmente o Hovawart é bastante difundido na Alemanha e nos países escandinavos.

Tamanho médio. Não é pesado. Mais longo que alto.

De 10 a 45 Kg

2B

Molossos
Tipo montanhês

País de origem
Alemanha

2

Cabeça
Forte. Testa larga e abobadada. Stop marcado. Focinho forte e longo. Lábios pretos

Olhos
Ovais, de marrom escuro a médio.

Orelhas
Triangulares, pendentes, coladas rente ao crânio.

Corpo
Musculoso e esbelto. Pescoço vigoroso sem barbelas. Peito largo e profundo. Dorso reto e firme. Garupa ligeiramente descendente.

Membros
Robustos, fortemente musculosos. Patas fechadas, compactas, arredondadas.

Cauda
Longa, bem farta, descendo até a ponta do jarrete, portada baixa em repouso.

Pêlo
Longo, ligeiramente ondulado e firme. É curto na cabeça e na face anterior dos membros. Sem risca nem caracol. Pouco subpêlo.

Pelagem
Fulva (loura) aclarando nos membros e no abdômen. Preta. Preto e fogo com marcas fulvas (nas sobrancelhas, no antepeito, nos membros, na parte inferior da raiz da cauda). É a variedade mais difundida. Para estas três variedades, tolera-se uma pequena mancha no peito e alguns pêlos brancos espalhados principalmente na ponta da cauda.

Tamanho
Macho: de 63 a 70 cm.
Fêmea: de 58 a 65 cm.

Peso
De 25 a 40 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito resistente, vigoroso, enérgico, bom corredor, bom saltador, gostando de nadar e dotado de um excelente faro, vigilante mas jamais agressivo sem motivo; este cão é polivalente. Calmo, equilibrado, afetuoso com seus donos, manso com as crianças, é fácil de educar suavemente, mas com firmeza. Sua voz é forte, profunda e sonora, mas late pouco. Atinge a maturidade somente por volta de dois anos.

Conselhos
Suporta a vida urbana, mas é preciso fornecer-lhe espaço e exercício. Uma escovação semanal é suficiente para cuidar de sua pelagem.

Utilizações
Cão de rebanho. Cão de utilidade: salvador (avalanchas), cão farejador (de droga), guia para cegos. Cão de guarda e de companhia.

Landseer

Este cão, derivado do Terra-Nova, deve seu nome ao pintor E. Landseer, que o representou por volta de 1837. Sem razão, ele foi considerado como uma variedade branca e preta do Terra-Nova, de tipo britânico-americano, chamada Landseer. Entretanto, esta raça quase desapareceu no início do século XX sendo posteriormente novamente lançada por criadores alemães, que o cruzaram com raças de cães de montanha (Montanhês dos Pirineus, por exemplo). Em 1960 a F.C.I o reconheceu como raça distinta do Terra-Nova.

Alto. Robusto. Formas harmoniosas. Mais poderoso e com pernas mais altas que o Terra-Nova preto.

2

2B

Molossos
Tipo montanhês

País de origem
Alemanha

Nomes de origem
Landseer,
Europaïsch,
Kontinentaler Typ

Outro nome
Landseer tipo continental europeu

Raças gigantes
de 45 a 90 kg

Temperamento, aptidões, educação
Alerta, amante de água e corajoso, é um cão afetuoso e manso.

Conselhos
Não suporta viver fechado. Precisa de espaço e de exercício. Escovação diária.

Utilizações
Caça (caça de água). Salvamento, guarda e companhia.

Cabeça
Larga e maciça. A pele do crânio não tem dobras e é revestida de pêlos curtos e finos. Stop nítido mas menos pronunciado que no São Bernardo. Lábios secos.

Olhos
De tamanho médio, amendoados, de castanho a castanho escuro.

Orelhas
Médias, triangulares, pousadas em direção aos olhos, caindo rente às faces, com pêlos curtos e finos.

Corpo
Poderoso. Pescoço musculoso. Peito profundo e largo. Costelas bem arqueadas. Dorso reto, muito largo e robusto. Garupa larga e arredondada.

Membros
Musculosos com ossatura forte. Patas redondas.

Cauda
Forte, tufosa, pendente, alcançando os jarretes.

Pêlo
Longo, liso, o mais denso possível, fino. Subpêlo menos denso que o do Terra-Nova preto.

Pelagem
Branca clara com placas pretas descontínuas no tronco e na garupa. O pescoço, o antepeito, o ventre, os membros e a cauda devem ser brancos. A cabeça é preta. O focinho é branco.

Tamanho
Macho: de 72 a 80 cm.
Fêmea: de 67 a 72 cm.

Peso
De 50 a 70 kg.

Leonberger

Seu nome vem de uma cidade de Würtemberg, onde esta raça existiria há muito tempo, ou então de Löwenberg na Suíça. Para alguns, ele seria descendente do Dogue do Tibete. Para outros, um certo H. Essig, da cidade de Leonberg, teria em 1846 cruzado entre si Terra-Nova, São Bernardo e Cão dos Pireneus. Mas, na verdade, ele seria mais provavelmente o último descendente do Grande Cão dos Alpes, diferentemente do São Bernardo. O primeiro padrão foi definido em 1895. A F.C.I. estabeleceu uma versão do mesmo em 1973. A raça foi introduzida na França entre 1950 e 1960.

Bem proporcionado. Poderoso. Musculoso. Elegante. Pernas não muito altas.

2B

Molossos
Tipo montanhês

País de origem
Alemanha

Nome de origem
Leonberger

Raças gigantes de 45 a 90 kg

2

Cabeça
Bastante estreita, mais profunda que larga. Crânio moderadamente arqueado. Stop moderado. Cana nasal ligeiramente arqueado (romano). Focinho jamais pontudo. Lábios pretos e ajustados.

Olhos
De tamanho médio, de castanho claro a castanho escuro.

Orelhas
De inserção alta, pendentes, caídas rente à cabeça.

Corpo
Um pouco mais longo do que alto. Pescoço robusto. Peito profundo. Dorso firme. Lombo robusto.

Membros
Fortes, musculosos, ossatura sólida. Patas bastante arredondadas. Dígitos fechados. Almofadas plantares pretas.

Cauda
Muito peluda (chamada "em balai": em vassoura), portada semi-pendente, jamais elevada muito alta ou enrolada sobre o dorso.

Pêlo
Semi-fino ou áspero, opulento, longo, liso, bem assentado. Subpêlo. Bela juba no pescoço e no antepeito.

Pelagem
Leonina: fulva, de amarelo dourado a marrom avermelhado com máscara preta. Uma pequena estrela branca no antepeito é tolerada. As pelagens "areia carbonada" também são admitidas. A juba em forma de gravata, a franja dos membros anteriores, os culotes e o penacho da cauda podem ser um pouco mais claros.

Tamanho
Macho: de 72 a 80 cm.
Fêmea: de 65 a 75 cm.

Peso
De 60 a 80 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Resistente às intempéries, cheio de vida, excelente nadador, calmo, autoconfiante, late somente em caso de perigo. Fiel, dócil, é muito carinhoso com seu dono e muito manso com as crianças. É muito dissuasivo com os desconhecidos mas em geral não é mordedor. Se iniciada muito cedo e com muita gentileza, sua educação será fácil. Seu desenvolvimento termina apenas aos três anos de idade.

Conselhos
Ele precisa de espaço e de exercício. Não suporta estar fechado ou estar só. Escovação semanal, exceto durante as duas épocas de muda anuais, durante as quais esta deverá ser mais freqüente.

Utilizações
Guarda. Salvamento (montanha e afogamento). Companhia.

Mastiff

Dogue de origem britânica, descendente dos Dogues assírios, por sua vez descendentes de Dogues do Tibete que teriam sido importados para a Europa pelos Fenícios e de Molossos romanos. Originalmente cão de guerra, teria se tornado guardião de rebanhos ou protetor dos senhores ingleses e cão de caça de caça grossa. O nome de Mastife foi-lhe aplicado por volta do final do século XIV. Seu primeiro padrão foi publicado em 1883. O Mastife quase desapareceu após a Segunda Guerra Mundial. A raça pôde ser regenerada a partir de alguns Mastifes importados para os Estados Unidos.

Alto. Maciço. Poderoso. Harmonioso. Bem construído. Conjunto de nobreza e de coragem

2

2A

Molossos Tipo Dogue

País de origem
Grã-Bretanha

Nomes de origem
Mastiff,
Old English Mastiff

Outro nome
Dogue inglês

Raças gigantes de 45 a 90 kg

Temperamento, aptidões, educação
Sossegado, manso, carinhoso com seu dono e com as crianças. Incorruptível e corajoso, é um guardião nato. Ele precisa de uma educação rigorosa, pois pode ser perigoso para os estranhos.

Conselhos
Este cão precisa de espaço e de exercício. Escovação regular.

Utilizações
Guarda, companhia

Cabeça
Bem esquadrada. Crânio largo. Testa achatada, com rugas quando o cão está atento. Stop bem pronunciado. Focinho curto, truncado, isto é de corte quadrado. Lábios ligeiramente pendentes.

Olhos
Pequenos, bem afastados, de cor avelã, da cor mais escura possível.

Orelhas
Pequenas, finas, bem afastadas entre si, de inserção muito alta, caídas pendentes rente às bochechas.

Corpo
Maciço, largo e alto. Pescoço muito musculoso, ligeiramente arqueado e harmonioso. Peito largo e bem descido. Costelas arqueadas. Dorso e lombo largos e musculosos. Flancos muito descidos.

Membros
Bem afastados, com ossatura forte. Patas grandes e redondas. Dígitos arqueados. Unhas pretas.

Cauda
De inserção alta, alcançando o jarrete. Larga na base e estreitando-se gradualmente até a ponta. Pende reta em repouso.

Pêlo
Curto e bem assentado no corpo, mas não muito fino nos ombros, no pescoço e no dorso.

Pelagem
Fulva abricó, fulva prateada, fulva ou fulva rajada escura. Em todos os casos, o focinho, as orelhas e a trufa são pretos e os olhos são ilhados de preto.

Tamanho
Macho: de 75 a 82 cm.
Fêmea: pelo menos 66 cm.

Peso
De 70 a 90 kg.

Mastim Espanhol

Ele é natural da Estremadura, no sudoeste da Espanha. É provável que descenda do Mastiff e do Molosso romano. Foi utilizado outrora nos combates de cães, na guerra, na caça aos javalis e outras caça grossas. Atualmente, ele acompanha os rebanhos sedentários ou transumantes, como já costumava fazer na Idade Média.

Grande porte. Hipermétrico. Mediolíneo. Bem proporcionado. Muito poderoso e musculoso. Ossatura compacta. Pele espessa, cor de rosa com pigmentações escuras. Andadura preferida: o trote.

Raças gigantes de 45 a 90 kg

2B

Molossos Tipo Montanhês

País de origem
Espanha

Nomes de origem
Mastin español,
Mastin de España

Outros nomes
Mastin de Estremadura,
(Mastim de Estremadura)
Mastin de la Mancha
(Mastim da Mancha)

2

Cabeça
Sólida, maciça, proporcionada ao corpo. Crânio de perfil sub-convexo. Stop pouco acentuado. Focinho retilíneo. Trufa volumosa.

Olhos
Pequenos, amendoados, preferem-se escuros (avelã). Pálpebras pretas.

Orelhas
De tamanho médio, triangulares, pendentes e aplicadas rente às bochechas.

Corpo
Maciço, alongado (mais longo que alto). Pescoço troncônico e sólido. Barbelas duplas e desenvolvidas. Cernelha bem marcada. Dorso poderoso e musculoso. Peito largo e profundo. Costelas arqueadas. Lombo longo e largo. Garupa larga e inclinada.

Membros
Poderosos e musculosos. Ergots presentes ou não nos membros posteriores. Patas redondas ("de gato"). Dígitos fechados.

Cauda
Grossa na base e afilada. O pêlo é mais longo do que no resto do corpo. Em repouso, é portada baixa, alcançando o jarrete.

Pêlo
Denso, espesso, semi-longo, liso. Mais curto nos membros.

Pelagem
A cor é indiferente. As mais apreciadas sendo as unicolores: amarela, fulva, vermelha, preta, lobeira, e pega.

Tamanho
Macho: no mínimo 77 cm.
Fêmea: no mínimo 72 cm.

Peso
De 50 a 65 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, vivo, autoconfiante, nobre, calmo, este cão afetuoso é muito afeiçoado a seu dono e manso com as crianças. Muito decidido perante os predadores e os estranhos. Seu latido é rouco, grave, profundo e muito sonoro.

Conselhos
Este cão precisa de muito espaço e de exercício. Escovação regular.

Utilizações
Pastoreio (guarda de rebanhos).
Caça (javali),guarda e defesa, companhia.

Mastim Napolitano

Ele é descendente do Dogue do Tibete através dos grandes Molossos romanos descritos pelo agrônomo Columela no século I. Foi difundido por toda a Europa pelas legiões de Roma, com as quais ele combateu. Também foi utilizado para os jogos do circo. Gerou várias raças de mastins dos outros países europeus. Sobreviveu durante longos séculos, principalmente graças à introdução de sangue novo dos Dogues espanhóis. Em 1947 foi novamente selecionado. Os primeiros indivíduos chegaram à França em 1975.

Pesado. Maciço. Nobre. Majestoso. Pele grossa, abundante e solta. Andaduras: passo lento, similar ao do urso. Galope raro.

2

2A

Molossos
Tipo Dogue

País de origem
Itália

Nome de origem
Mastino Napoletano

Outro nome
Mastim de Nápoles

Raças gigantes
de 45 a 90 kg

Cabeça
Curta, maciça, impressionante. Crânio largo e achatado. Pele ampla com rugas e dobras. Stop bem marcado. Focinho largo e alto. Maxilares poderosos. Trufa volumosa. Lábios carnudos, grossos e amplos.

Olhos
Bem separados, redondos, de cor mais escura que a da pelagem.

Orelhas
Pequenas, triangulares, caídas rente às bochechas. Cortadas, ficam com a forma de um triângulo eqüilátero.

Corpo
Maciço, mais longo que alto. Pescoço troncônico com duplas barbelas. Cernelha larga e não muito saliente. Dorso largo. Peito amplo. Costelas bem arqueadas. Garupa larga, robusta e inclinada.

Membros
Ossatura robusta. Patas redondas e volumosas. Dígitos arqueados e fechados.

Cauda
Larga e grossa na raiz, diminuindo ligeiramente até a ponta. Naturalmente atinge o jarrete. Em repouso, é portada pendente. É habitualmente corta-se em aproximadamente 2/3 do comprimento.

Pêlo
Curto, áspero, duro, cerrado, liso (no máximo 1.5 cm).

Pelagem
Cores preferidas: cinza, cinza-chumbo e preto, marrom, fulvo, fulvo intenso (cervo), às vezes com pequenas manchas brancas no antepeito e na ponta dos dígitos. Todas estas pelagens podem ser rajadas.

Tamanho
Macho: de 65 a 75 cm.
Fêmea: de 60 a 68 cm.

Peso
Macho: de 60 a 70 kg.
Fêmea: de 50 a 60 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Calmo, leal, dedicado, muito afetuoso com seus donos e manso com as crianças. Corajoso, dominador com seus congêneres, desconfiado para com desconhecidos, não é agressivo nem mordedor sem razão. Dissuasivo pelo seu físico, torna-se temível quando provocado. Exige uma educação precoce e muito firme. Não é adestrado para o ataque por que poderia ser muito perigoso.

Conselhos
Este cão precisa de grandes espaços e de exercício. Não o deitar em uma superfície dura de modo a evitar a formação de calos desgraciosos nos cotovelos e nos jarretes. Escovações regulares. Ter cuidado com as pregas da pele e as pálpebras.

Utilizações
Guarda, policial, companhia.

Mastim dos Pireneus

Oriundo do vertente meridional dos Pirineus, este cão não deve ser confundido com o Cão de Montanha dos Pirineus, raça francesa, do qual é um parente próximo. Há quem pense que ele seja proveniente de cruzamentos entre o Mastim espanhol e o Cão de Montanha dos Pirineus. Durante séculos ele guardou rebanhos por ocasião das transumâncias. A raça foi reconhecida no final do século XIX.

Grande porte. Hipermétrico. Mediolíneo. Bem proporcionado. Muito poderoso e musculoso. Esqueleto compacto. Pele grossa, cor de rosa com pigmentações mais escuras.

2B

Molossos Tipo Montanhês

País de origem
Espanha

Nome de origem
Perro Mastin de los Pirineos

Outros nomes
Mastim de Navarra
Mastim do Léon

2

Raças gigantes de 45 a 90 kg

Cabeça
Grande e sólida. Crânio largo, de perfil sub-convexo. Stop pouco acentuado. Focinho retilíneo que vai adelgaçando-se em direção à trufa que é volumosa.

Olhos
Pequenos, amendoados, de cor avelã, preferem-se escuros. Pálpebras pretas. Ligeira folga da pálpebra inferior deixando à mostra uma parte da conjuntiva.

Orelhas
De tamanho médio, triangulares, chatas, pendentes, em contato com as bochechas.

Corpo
Um pouco mais longo que alto, muito forte e robusto. Pescoço troncônico, barbelas duplas. Cernelha bem marcada. Peito largo e profundo. Costelas arqueadas. Dorso poderoso e musculoso. Garupa larga, sólida e oblíqua. Ventre moderadamente esgalgado.

Membros
Musculosos. Patas redondas ("de gato"). Dígitos fechados e arqueados.

Cauda
Grossa na raiz, forte, flexível, abundantemente guarnecida de um pêlo longo e macio (penacho).
Portada baixa em repouso, atingindo os jarretes e com o terço terminal sempre recurvado.

Pêlo
Rígido, cerrado, espesso, de comprimento médio (de 6 a 9 cm). Não lanoso. Mais longo nos ombros, no pescoço, na parte inferior do ventre e na parte caudal dos membros.

Pelagem
Branca e sempre com uma máscara bem definida. Às vezes com manchas nítidas da mesma cor que a máscara, distribuídas pelo corpo. Orelhas sempre coloridas. Os tricolores e os brancos unicolores não são desejáveis. A ponta da cauda e a extremidade dos membros são sempre brancos. Máscara bem aparente com uma base de pêlos clara.
Cores mais apreciadas: branco, puro ou branco neve com manchas de cor cinza médio, amarelo dourado intenso; marrom, preta, cinza prateada, bege claro, amarelo areia, marmorizada.

Tamanho
Macho: no mínimo 77 cm.
Fêmea: no mínimo 72 cm.

Peso
De 55 a 70 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Afetuoso, calmo, nobre, mas também corajoso e feroz com os estranhos, perante os quais ele jamais recua. Seu latido é grave e profundo. É simpático com seus congêneres. Sua educação deverá ser precoce e firme.

Conselhos
Não é um cão da cidade. Não suporta estar fechado. Escovação uma ou duas vezes por semana.

Utilizações
Rebanhos, guarda e defesa, companhia.

Rafeiro do Alentejo

Ele nasceu na região do Alentejo, no Sul de Portugal onde o clima é continental e provém de raças locais. É um bom Cão de pastoreio utilizado atualmente como cão de guarda, entre os quais é o maior espécimen em seu país.

2

Grande porte. Forte. Pele espessa, um pouco solta. Sub-longilíneo. Sub-convexilíneo.

2B

Molossos Tipo Montanhês

País de origem
Portugal

Nome de origem
Rafeiro do Alentejo

Outro nome
Boieiro do Alentejo

Raças grandes de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, poderoso, trabalhador, corajoso e sóbrio. Este cão é fiel, afetuoso, próximo de seu dono. É agressivo para com desconhecidos assim como para com os predadores. Requer uma educação firme.

Conselhos
Este cão não é um citadino. Precisa de espaço e de exercício. Basta uma escovação semanal.

Utilizações
Pastoreio, guarda e defesa, companhia.

Cabeça
De urso. Crânio largo e arqueado. Stop muito pouco pronunciado. Cana nasal arqueado. Maxilares fortes. Trufa oval. Lábios finos.

Olhos
Pequenos, ovais, de cor escura. Pálpebras escuras.

Orelhas
Pequenas, dobradas, pendentes, triangulares.

Corpo
Forte, longo. Pescoço forte e curto. Peito largo e profundo. Dorso reto. Lombo largo. Garupa larga, ligeiramente caída.

Membros
Fortes. Patas fortes. Dígitos fechados e longos.

Cauda
Longa, grossa, encurvada. Em repouso, cai abaixo dos jarretes. Em ação pode enroscar-se.

Pêlo
Curto ou preferivelmente semi-longo, liso, grosso e denso.

Pelagem
Preta, lobeira, fulva ou amarela, estas cores acompanhadas de branco, ou branco acompanhado destas cores, salpicada, com listras ou rajada.

Tamanho
Macho: de 66 a 74 cm.
Fêmea: de 64 a 70 cm.

Peso
Macho: de 40 a 50 kg.
Fêmea: de 35 a 45 kg.

Rottweiler

Para alguns, este cão, tipicamente alemão, descenderia do Boieiro bávaro. Para outros, ele seria proveniente dos Molossos introduzidos na Alemanha por ocasião das invasões romanas. Já na Idade Média, na cidade de Rottweil, em Würtemberg, este cão poderoso e corajoso guardava os rebanhos e defendia os vendedores de gados contra os bandidos. A grande corporação dos açougueiros adotou-o e isto fez com que ele fosse denominado de "cão de açougueiro". O primeiro clube da raça surgiu en 1907. Em 1910 ele foi oficialmente reconhecido como cão policial na Alemanha. Durante a Primeira Guerra Mundial foi utilizado pelo exército alemão. A raça foi definitivamente reconhecida em 1966. Sua reputação mundial começou por volta de 1970. O Clube francês do Rottweiler foi criado em 1977.

Aspecto atarracado. Vigoroso. Proporções harmoniosas. Força. Flexibilidade. E um trotador.

2A

Molossos
Tipo Dogue

Raças gigantes de 45 a 90 kg

País de origem
Alemanha

Nome de origem
Rottweiler

Outros nomes
Rottweiler Metzgerhund (cão de açougueiro de Rottweil), Rott, Boiadeiro alemão

2

Cauda
Curtada (com apenas uma ou duas vértebras) ou íntegra.

Pêlo
De comprimento médio, áspero ao tato, liso, cerrado. Subpêlo.

Pelagem
Preta com marcas fogo bem delimitadas nas bochechas, acima dos olhos, no focinho, na face interna do pescoço, no antepeito, nos membros e sob a raiz da cauda.

Tamanho
Macho: de 61 a 68 cm. Fêmea: de 56 a 63 cm.

Peso
Macho: aproximadamente 50 kg. Fêmea: aproximadamente 42 kg

Cabeça
Forte. Crânio largo, moderadamente convexo. Stop bem definido. Cana nasal retilíneo. Trufa bem desenvolvida. Maxilares poderosos. Lábios pretos e ajustados.

Olhos
De tamanho médio, amendoados, de cor marrom escuro.

Orelhas
De inserção alta, médias, triangulares, muito afastadas. Pendentes, voltadas para a frente e com a linha da dobra bem junta à linha do crânio.

Corpo
Atarracado. Pescoço poderoso, seco, sem barbelas. Antepeito bem desenvolvido. Dorso reto e poderoso. Peito espaçoso. Costelas arqueadas. Lombo curto. Garupa larga e ligeiramente arredondada.

Membros
Bem musculosos. Patas redondas. Dígitos bem fechados e arqueados. Unhas pretas.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, resistente, equilibrado, tranqüilo, mas com um temperamento forte e um espírito dominador (especialmente no macho). Ele deve dar uma impressão de força sossegada. Nunca late inutilmente. Dedicado, muito afeiçoado a seu dono, é muito paciente com as crianças. Guardião eficiente, intrépido, de aspecto dissuasivo, é capaz de ser agressivo com os estranhos. Requer uma educação precoce, muito firme, sem brutalidade, de modo a obter uma obediência impecável. Reflexo de seu dono, com um adestramento cruel, ele tornar-se-á uma arma temível.

Conselhos
Este cão precisa de muito espaço e exercício. Não suporta ficar fechado nem preso. Teme o calor. Escovação diária.

Utilizações
Guarda, cão policial e do exército, companhia.

São Bernardo

Pesado. Poderoso. Harmonioso.

Ele descenderia dos Molossos da Antigüidade, que atravessaram os Alpes com as legiões romanas. Suas origens datam do século XVII, na Suíça, no sanatório do Grande São Bernardo, fundado na Idade média, onde os monges o adestraram. Foi ali que sua reputação de socorrista de montanha se forjou. O mais célebre dos São Bernardos, Barry, nascido em 1800, salvou 40 pessoas em 10 anos. Antes de 1830, o São Bernardo tinha o pêlo curto. Foi cruzado com o Terra-Nova. Assim surgiu a variedade de pêlo longo, a mais difundida. Após ter sido denominado "Cão de montanha", "Mastiff alpino" e "Cão-Barry", seu nome de São Bernardo foi oficializado em 1880. O Clube suíço foi fundado na Basiléia em 1884. Seu padrão foi estabelecido em Berna em 1887.

2

2B

Molossos
Tipo Montanhês

País de origem
Suíça

Nomes de origem
Bernhardiner
St Bernardshund

Outro nome
Cão do São Bernardo

Raças gigantes
de 45 a 90 kg

Temperamento, aptidões, educação
Sossegado, calmo, manso, amável, sociável, de uma devoção sem limites e adorando as crianças.
Desconfiado para com os estranhos, pode ser agressivo se as circunstâncias o exigirem. Requer uma educação firme.

Conselhos
Este cão exige muito espaço e longos passeios diários. Escovação enérgica todos os dias. Suporta mal o calor.

Utilizações
Guarda, salvamento em montanha, companhia.

Cabeça
Poderosa e imponente. Crânio largo, ligeiramente arqueado. Stop marcado. Cana nasal reto. Focinho curto. Trufa larga.

Olhos
Muito grandes, de cor marrom escuro a avelã. Orla das pálpebras pigmentada.

Orelhas
De tamanho médio, de inserção alta, triangulares e pendentes.

Corpo
Imponente. Pescoço poderoso. Cernelha bem marcada. Costelas arqueadas. Dorso largo. Parte traseira bem desenvolvida.

Membros
Coxas poderosas e musculosas. Patas largas, retas, fechadas e firmes, fortemente arqueadas. Ergots nos membros posteriores tolerados.

Cauda
Longa, pesada, pendente, alcançando o jarrete.

Pêlo
Duas variedades:
- Pêlo curto, denso, liso, bem assentado e áspero. Subpêlo abundante.
- Pêlo longo, liso. Subpêlo abundante. Culotes, franjas nos membros anteriores, cauda tufosa. Pêlo curto na face e nas orelhas.

Pelagem
Branca com áreas mais ou menos importantes de cor vermelho acastanhado. O vermelho acastanhado rajado é admitido. Marcas encarvoadas na cabeça são procuradas. Marcas brancas: no antepeito, na nuca, nas patas, na extremidade da cauda, lista e faixa no focinho.

Tamanho
Macho: no mínimo 70 cm.
Fêmea: no mínimo 65 cm.

Peso
De 55 a 100 kg.

Pastor Iugoslavo

Seu nome vem de sua montanha de origem, a Sarplanina, que se encontra no sudeste da Iugoslávia. A raça Sarplaninac teria se formado há cerca de 2.000 anos, criada pelos pastores das regiões montanhosas para proteger os rebanhos de ovinos contra os ataques dos predadores (lobos e ursos). Para alguns, este cão, trazido de Ásia para a Europa por ocasião das migrações dos povos, seria descendente do Dogue do Tibete. Registrada na F.C.I. em 1939, primeiramente sob o nome de "Cão de pastor de Ilíria" e depois em 1957, sob o nome de "Cão de Pastor Iugoslavo de Charplanina", a raça se desenvolveu em todo o território da Iugoslávia e atualmente conhece um sucesso crescente no estrangeiro, particularmente na França,

Constituição forte, bem proporcionado, imponente. Andadura preferida: o trote de passadas altas.

2

Molossos Tipo Montanhês

País de origem
Ex-Iugoslávia

Nomes de origem
Illirski Ovcar

Outros nomes
Charplanina,
Pastor de Ilíria,
Cão de pastor iugoslavo,
Cão das montanhas multicolor,
Cão de pastor iugoslavo de Charplanina

Raças gigantes de 45 a 90 kg

2

Cabeça
Proporcionada ao corpo. Crânio ligeiramente convexo. Cana nasal reto. Stop pouco pronunciado. Focinho largo.

Olhos
Amendoados, castanho escuros ou castanho claros. Pálpebras pretas.

Orelhas
Médias, pendentes, caídas rente às bochechas, em forma de V.

Corpo
Um pouco mais longo do que alto. Pescoço largo, sem barbelas. Peito profundo. Costelas ligeiramente arqueadas. Dorso largo. Ventre esgalgado. O côncavo do flanco é pronunciado. Linha superior ligeiramente inclinada em direção à garupa. Garupa oblíqua.

Membros
Sólidos. Patas fortes, ovais. dígitos arqueados e fechados.

Cauda
Longa, adelgaçando-se em direção à ponta, em forma de sabre. Pêlo tufoso formando franjas.

Pêlo
Longo, espesso, bastante grosseiro no pescoço (juba em forma de gravata), no corpo, na parte caudal dos membros e na cauda (franjas). Pêlo curto na cabeça e na parte cranial dos membros. Subpêlo curto, fino, muito tufoso.

Pelagem
Unicolor. Todas as tonalidades de cores são autorizadas, desde o branco até ao marrom escuro. O cinza verdeado (cinza-ferro) e o cinza escuro são as cores mais apreciadas. A pelagem pega e as manchas brancas não são permitidas. Em todos os cães pigmentados, a cor de fundo é a mais acentuada nas partes superiores da cabeça, do pescoço e do tronco. Cor mais clara nas partes inferiores do corpo e dos membros.

Tamanho
Macho: em média 62 cm.
Fêmea: em média 58 cm.

Peso
Macho: de 35 a 45 kg.
Fêmea: de 30 a 40 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Companheiro fiel, manso, calmo e sensível, ele é totalmente devotado a seu dono. Incorruptível, desconfiado, vigilante, dotado de um forte instinto de defesa e podendo mostrar-se agressivo com os estranhos, este cão é um guardião exemplar. Sua coragem é extraordinária, e é preciso saber que ele jamais recua. Também é dominador com seus congêneres. Seu temperamento bem afirmado exige uma educação precoce.

Conselhos
Pode contentar-se em viver em um apartamento, mas precisa de grandes espaços e de despender energia, sem se esquecer de que ele detesta a solidão. Sua pelagem deve ser escovada uma vez por semana e diariamente em períodos de muda.

Utilizações
Rebanhos, companhia.

Shar Pei

Raça chinesa muito antiga, existindo antes da nossa Era nas províncias marginais do Sul do mar de China. Parece que a cidade de "Dah Let", na província de Kwun Tung, seria sua localidade de origem. Guardião de templos, cão de combate, caçador de javalis, ele também era utilizado para vigiar os rebanhos. Em 1947 os cães foram proibidos na China. Em 1970 alguns indivíduos foram exportados de Hong-Kong para os Estados Unidos e por volta de 1980, para a Europa. O Shar-Peï, o mais atípico das raças caninas, constitui um atrativo considerável como cão de companhia. Também existe um Míni Peï (15 kg para um tamanho de aproximadamente 35 cm), não reconhecido pela F.C.I.

Recolhido. Compacto. Sólido. Quadrado. Bem estruturado. Pele pregueada

2

2A

Molossos
Tipo Dogue

País de origem
China

Raças médias
de 10 a 25 kg

Cabeça
Crânio chato e largo. Stop leve. Profusão de pregas finas cobrindo a testa e as bochechas, e prolongando-se para baixo para formar barbelas pesadas. Focinho largo. Trufa importante. Língua preto azulado. Gengivas pretas.

Olhos
De inserção profunda, pequenos, amendoados, de cor escura.

Orelhas
Pequenas, bastante espessas, triangulares. De inserção muito alta, caídas rente à testa.

Corpo
Poderoso, musculoso. Pescoço forte, espesso com barbelas. Dorso curto. Peito largo e profundo. A linha superior levanta-se em direção à garupa.

Membros
Ossatura sólida. Patas compactas.

Cauda
Moderadamente longa, portada erguida, reta ou enrolada bem apertado sobre o dorso.

Pêlo
Raso, eriçado. Ao tato, sua rigidez não é habitual (Shar Peï significando "cão areia").

Pelagem
De cor sempre unicolor, preta, fogo, marrom, bege e creme.

Tamanho
De 40 a 51 cm.

Peso
Aproximadamente 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
De um temperamento dominador, ele geralmente é agressivo com seus congêneres. Equilibrado, calmo e afetuoso com seu dono. Ele gosta das crianças. Sua educação deve ser firme mas suave.

Conselhos
Vive bem em apartamentos desde que se exercite todos os dias. Uma escovação semanal é suficiente. Deve-se ressaltar que este cão é extremamente limpo. As dobras de sua pele requerem cuidados especiais.

Utilizações
Guarda, companhia.

Terra Nova

Ignora-se como seus ancestrais chegaram à Terra Nova. Seria ele o descendente do cão de urso preto escandinavo trazido pelos Noruegueses no século XVI, do cão do Labrador, de Molossos introduzidos pelos Vickings, do Leonberg, do São Bernardo ou então do Montanhês dos Pirineus que acompanhava os pescadores bascos? No século XIX os bacalhoeiros franceses contribuíram para sua introdução na França. Na Inglaterra ele foi celebrado por Byron e imortalizado pelo pintor animalista Landseer. Em 1963 foi criado um clube na França.

Nobre. Majestoso. Poderoso. Ossatura maciça. Andaduras fluentes, com ligeiro bamboleado.

Raças gigantes de 45 a 90 kg

2B

Molossos Tipo Montanhês

País de origem
Terra Nova, Canada, Países nórdicos, Grã-Bretanha

Nome de origem
New Foundland

Outros nomes
Newfie

2

Cabeça
Larga e maciça. Stop não muito pronunciado. Focinho curto, tendendo ao quadrado.

Olhos
Pequenos, bem afastados, de cor marrom escuro ou mais claro nos cães marrons.

Orelhas
Pequenas, triangulares, caídas rente à testa

Corpo
Maciço. Pescoço forte. Peito bem decido. Dorso largo. Lombo forte e musculoso. Garupa larga, oblíqua.

Membros
Patas grandes e palmípedes.

Cauda
Forte e larga na raiz, de comprimento moderado, caindo até pouco abaixo dos jarretes e de boa espessura. Pende com uma ligeira curva na ponta.

Pêlo
Longo, assentado, de textura áspera, sem caracóis, naturalmente oleosa, impermeável. Membros franjados. Subpêlo macio e denso.

Pelagem
Cores admitidas: preto (preto azeviche fosco), marrom (chocolate ou bronze) variedade Landseer (de tipo britânico americano). Cabeça preta, se possível com uma lista branca, manto preto com marcas, garupa e parte superior da cauda pretas. As outras regiões do corpo devem ser brancas.

Tamanho
Macho: em média 71 cm.
Fêmea: em média 66 cm.

Peso
Macho: aproximadamente 68 kg. Fêmea: aproximadamente 54 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Sensível, de uma fidelidade extraordinária, de um temperamento franco, dócil, calmo e manso, ele adora as crianças. Não é um guardião, é apenas dissuasivo devido a seu porte. Possui o instinto de salva vidas ao mais alto grau, atirando-se à água e podendo nadar durante horas para socorrer um naufragado. Verdadeiro "São Bernardo dos mares". Sua educação deverá ser firme e paciente porque ele não atinge sua maturidade psíquica antes dos dois anos.

Conselhos
A rigor poderia adaptar-se à vida em apartamento desde que não fique muito tempo só. Precisa de espaço para mexerse. Teme o calor. Basta uma escovação duas vezes por semana.

Utilizações
Salvamento em meio aquático, companhia.

Tamanho grande . Conformação robusta. Nobre. Porte imponente. Andadura enérgica e poderosa.

Tosa

Este cão de combate japonês foi criado no final do século XIX e no início do século XX, através de uma seqüência de cruzamentos entre Shikoku-Ken autóctones, Bulterrieres, Bulldogs, Dogues alemães, Mastiffs e São Bernardos, a fim de obter um cão imponente.

2

2A

Molossos Tipo Dogue

País de origem
Japão

Nome de origem
Tosa Inu

Outros nomes
Cão de combate japonês, Dogue japonês.

Raças gigantes de 45 a 90 kg

Cabeça
Forte. Crânio largo. Stop muito marcado. Cana nasal reto. Focinho quadrado. Maxilares sólidos. Trufa volumosa.

Olhos
Bastante pequenos, de cor marrom escuro.

Orelhas
Relativamente pequenas, delgadas, caídas rente às bochechas.

Corpo
Poderoso. Pescoço musculoso com barbelas. Cernelha elevada. Dorso reto. Peito largo e profundo. Lombo largo e musculoso. Garupa ligeiramente arqueada. Ventre bem esgalgado.

Membros
Sólidos. Patas fechadas. Unhas duras e escuras.

Cauda
De inserção alta, forte na raiz, adelgaçando-se em direção à ponta, pendente e atingindo o jarrete.

Pêlo
Curto, áspero e denso.

Pelagem
Vermelha, fulva, abricó, preta, rajada. Leves marcas brancas no antepeito e nas patas são admitidas.

Tamanho
Macho: no mínimo 60 cm.
Fêmea: no mínimo 55 cm.

Peso
Aproximadamente 40 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão dotado de um temperamento notável pela sua paciência, calma, audácia e coragem. Muito afeiçoado a seus donos, mas desconfiado com estranhos. Pode ser terrível se as circunstâncias o exigirem. Requer uma educação firme.

Conselhos
Precisa de espaço e de exercício. Escovação uma vez por semana.

Utilizações
Guarda, companhia.

Boiadeiro de Appenzell

Oriundo do cantão de Appenzell (Suíça oriental), o Boiadeiro de Appenzzell foi mencionado em uma obra pela primeira vez em 1853, na qual ele é descrito como "Boiadeiro multicolor de pêlo curto, de tamanho médio e de voz clara". É provável que descenda dos Molossos do Tibete e de cães nórdicos. Desde 1898 ele é considerado como uma raça original. O primeiro padrão foi redigido com o grande promotor desta raça, o guarda florestal Max Sieber. Em 1906 foi criado o Clube suíço Boiadeiro de Appenzell. Este boieiro é raro fora de seu país.

Mais compacto que longo. Bem proporcionado. Não maciço. Harmonioso. Andaduras: grande amplitude das passadas.

3

BOIADEIROS SUÍÇOS

PAÍS DE ORIGEM
Suíça

NOME DE ORIGEM
Appenzeller Sennenhund

OUTROS NOMES
Boiadeiro dos Alpes, Boiadeiro de Appenzell

Raças médias de 10 a 25 kg

2

CABEÇA
Ligeiramente cuneiforme. Stop pouco pronunciado. Cana nasal retilíneo. Trufa preta ou marrom. Lábios secos.

OLHOS
Pequenos, amendoados, de castanho escuro a marrom.

ORELHAS
De inserção alta, triangulares, caídas rente à testa.

CORPO
Robusto, compacto. Pescoço vigoroso e seco. Dorso firme e reto. Peito largo, bem descido. Antepeito bem desenvolvido. Garupa curta. Ventre ligeiramente esgalgado.

MEMBROS
Bem musculosos. Patas curtas, bem arqueadas. Dígitos fechados.

CAUDA
De inserção alta, forte, de tamanho médio, tufosa. Em ação é portada anelada sobre a garupa, de lado ou no centro.

PÊLO
Curto, bem acamado sobre o corpo, denso. Subpêlo denso.

PELAGEM
Fundo preto ou café, com marcas simétricas de cor fogo ou branco. Marcas fogo acima dos olhos, nas bochechas, no antepeito, nos membros. Lista branca, área branca do queixo até o antepeito. Marcas brancas nas quatro patas e na ponta da cauda.

TAMANHO
Macho: de 50 a 58 cm.
Fêmea: de 48 a 56 cm.

PESO
De 22 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Corajoso, com um temperamento forte, robusto, muito vivo, autoconfiante. Este cão é polivalente: agradável companheiro por que é afetuoso e manso com sua família, desconfiado para com os estranhos, dotado de um instinto natural de defesa, o que o torna um bom guardião. Também chegou a ser utilizado como animal de tiro e cão de salvamento.

Conselhos
Não é um cão da cidade. Precisa de grandes espaços e de exercício. Escovação regular.

Utilizações
Cão de boiadeiro (junta o gado). Cão de tiro (carro dos leiteiros). Cão de utilidade (salvamento: avalanches, terremotos), cão farejador. Cão de guarda. Cão de companhia.

Bernese Mountain Dog

Poderoso. Flexível. Harmonioso. Bem proporcionado.

Raça suíça muito antiga, cujo berço se situa perto de Berna, mais especificamente em Dürrbach e Burgdorf. Ela provém dos Molossos utilizados pelas legiões romanas primeiramente para o combate e depois para a guarda dos rebanhos. Em 1902 indivíduos desta raça foram apresentados em exposições. Em 1907 foi publicado um padrão. em 1949 houve uma ligeira introdução de sangue novo do Terra-Nova. Ele tornou-se o mais conhecido dos Boiadeiros helvécios. Cruzado com o Labrador, gerou em 1990 uma nova "raça", ainda em estado experimental, o Boulab.

3

BOIADEIROS SUÍÇOS

2

PAÍS DE ORIGEM
Suíça

NOME DE ORIGEM
Berner Sennenhund

OUTROS NOMES
Boiadeiro de Berna, Dürrbächler

Raças gigantes de 45 a 90 kg

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, bem equilibrado, sossegado, de um temperamento dócil e de uma grande bondade natural. Fiel, afetuoso com seus familiares; vigilante e corajoso, é dissuasivo para com os estranhos. Guardião pacífico, não é ladrador. Receia a solidão. Precisa de uma educação firme, sem brutalidade e paciente, porque atinge a maturidade comportamental apenas por volta dos 18 meses aos dois anos.

Conselhos
Não suporta ficar confinado a um apartamento. Gosta de espaço e de exercício. Basta uma escovação semanal.

Utilizações
Rebanhos (gado grosso). Cão de guarda, policial, de tiro de veículos ligeiros. Cão de companhia.

CABEÇA
Poderosa. Crânio pouco arqueado. Stop bem marcado. Focinho poderoso, reto.

OLHOS
Amendoados, de cor marrom escuro.

ORELHAS
De inserção alta, triangulares, pendentes em repouso

CORPO
Atarracado. Peito largo e bem descido. Dorso sólido e reto. Garupa ligeiramente arredondada. Ventre não esgalgado.

MEMBROS
Vigorosos e de ossatura forte. Patas curtas e arredondadas. Dígitos fechados.

CAUDA
Tufosa, portada baixa em repouso.

PÊLO
Longo, liso, ou ligeiramente ondulado.

PELAGEM
Tricolor. Fundo de cor preta com marcas fogo (castanho-avermelhado escuro) nas bochechas, acima dos olhos, nos membros e no peito. Marcas brancas na testa (lista), área branca no pescoço e no antepeito. Patas e ponta da cauda brancas.

TAMANHO
Macho: de 64 a 70 cm.
Fêmea: de 58 a 66 cm.

PESO
De 40 a 50 kg.

Boiadeiro de Entlebuch

Este pequeno boiadeiro suíço, parente próximo do Boiadeiro de Appenzell, deve seu nome à região de Entlebuch, no cantão de Lucerna, de onde ele é originário. Criado para guardar e conduzir o gado grosso, antigamente ele era muito difundido. Depois quase desapareceu. Recomeçou uma segunda carreira em 1913.

Bem proporcionado. Lesto. Harmonioso. Expressão amigável.

3

Boiadeiros Suíços

País de origem
Suíça

Nome de origem
Entlebucher Sennenhund

Raças médias de 10 a 25 kg

2

Cabeça
Bem proporcionada. Testa achatada. Stop leve. Maxilares poderosos.

Olhos
Bastante pequenos, de cor castanha e vivos.

Orelhas
De inserção alta, não muito grandes. Lóbulos das orelhas bem arredondados em baixo, pendentes, caídos rente à testa.

Corpo
Um pouco mais longo que alto. Pescoço curto e compacto. Dorso reto e forte. Peito profundo e largo.

Membros
Vigorosos. Patas redondas e fechadas. Ergots não desejáveis.

Cauda
Naturalmente truncada.

Pêlo
Curto, cerrado, e bem assentado no corpo, áspero e brilhante.

Pelagem
Preta com marcas indo desde o amarelo ao marrom-arruivado nos olhos, nas bochechas, e nos quatro membros. Marcas simétricas brancas na testa (lista), no pescoço, no peito e nas patas, sendo que deve-se encontrar o amarelo ou o marrom entre o preto e o branco.

Tamanho
De 40 a 50 cm.

Peso
De 15 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, ágil, estável, bom guardião de gado, cão de guarda, é um excelente companheiro, dócil e alegre. Ele é utilizado para o transporte do leite e dos queijos. Tem uma natureza agradável e sua educação é fácil.

Conselhos
Este cão precisa de espaço e de exercício. Escovação regular.

Utilizações
Rebanho, guarda, companhia.

Grande Boiadeiro Suíço

Robusto. Ossatura poderosa.
Musculatura fortemente desenvolvida.
Ágil. Andadura- alongada.

3

Boiadeiros Suíços

2

País de origem
Suíça

Nome de origem
Grosser Schweizer
Sennenhund

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Os ancestrais do Grande Boiadeiro Suíço são poderosos cães de cores, preto e fogo ou às vezes amarelos, difundidos em toda a Europa e designados sob o nome de "Mastins dos açougueiros". Estes eram criados e empregados para a guarda e a proteção dos bens e dos rebanhos. No final da Idade Média acompanhavam os Confederados suíços ao combate. Em 1908 foram expostos dois "Boiadeiros berneses de pêlo curto". O cinólogo A. Heim reconheceu neles os sobreviventes dos Grandes Mastins de açougueiros ou Grandes Boiadeiros em via de extinção. Em 1909 eles foram reconhecidos na qualidade de raça distinta pela Sociedade Cinológica Suíça. Outros indivíduos foram encontrados no cantão de Berna. Foi instituído um programa de criação pelo Clube Suíço do Grande Boiadeiro Suíço, criado em 1912. O padrão foi publicado pela primeira vez pela F.C.I. em 1939. Os serviços prestados por este cão durante a Segunda Guerra Mundial atraíram a atenção do público e favoreceram sua expansão.

Temperamento, aptidões, educação

De uma resistência notável, atento, vigilante, calmo, fácil de educar, este cão é polivalente. Guarda os bovinos, puxa cargas, guarda as fazendas e as casas e salva vidas humanas em caso de avalanches. É um companheiro fiel e manso, muito afeiçoado às crianças.

Conselhos

Não é um cão da cidade, precisa de grandes espaços e de exercício. Escovação regular.

Utilizações

Boiadeiro. Cão de tiro, guarda, salvamento, companhia.

Cabeça

Poderosa, mas sem ser pesada. Crânio largo e chato. Stop pouco pronunciado. Focinho poderoso. Lábios pretos.

Olhos

De tamanho médio, amendoados, de cor avelã a marrom.

Orelhas

De tamanho médio, triangulares, de inserção bastante alta. caídas rente às bochechas.

Corpo

Poderoso mas não maciço. Pescoço poderoso, atarracado, sem barbelas. Dorso sólido e reto. Peito largo e bem descido. Região esternal larga. Garupa longa e larga. Ventre e flanco pouco esgalgados.

Membros

Sólidos. Patas fortes. Dígitos fechados e arqueados. Robustos.

Cauda

Bastante pesada, atinge o jarrete. Em repouso, pendente.

Pêlo

De comprimento médio, cerrado. Subpêlo denso, de cor cinza escuro a preto.

Pelagem

Fundo preto com marcas fogo marrom avermelhado e marcas brancas simétricas. Marcas fogo entre o preto e as marcas brancas nas bochechas, acima dos olhos, na face interna das orelhas, nas partes laterais do plastrão, nas quatro patas e sob a cauda. As marcas brancas encontram-se no crânio (estrela), na cana nasal (lista), na garganta, no antepeito, nas patas e na extremidade da cauda.

Tamanho

Macho: de 65 a 72 cm.
Fêmea: de 60 a 68 cm.

Peso

Macho: aproximadamente 40 kg.
Fêmea: aproximadamente 35 kg.

Grupo 3

Seção 1

Airedale Terrier
Bedlington Terrier
Border Terrier
Fox Terrier
Irish Glen of Imaal Terrier
Irish Soft Coated Wheaten Terrier
Terrier Irlandês
Terrier Alemão de caça
Kerry blue Terrier
Lakeland Terrier
Manchester Terrier
Terrier Brasileiro
Jack Russel Terrier
Welsh Terrier

Seção 2

Terrier Australiano
Cairn Terrier
Dandie Dinmont Terrier
Norfolk Terrier
Norwich Terrier
Scottish Terrier
Sealyham Terrier
Skye Terrier
Terrier Japonês
Terrier Checo
West Highland White Terrier

Seção 3

American Staffordshire Terrier
Bullterrier
Staffordshire Bullterrier

Seção 4

Silky Terrier
Terrier miniatura preto e castanho
Yorkshire Terrier

Ao lado: Scottish Terrier

Airedale Terrier

O "rei dos Terriers" foi criado por volta de 1850 por criadores do Yorkshire, no vale do Aire, graças a cruzamentos entre o cão de lontra (Otterhound) e uma raça extinta, o antigo Terrier preto e fogo (Old English Black and Tan Terrier). O objetivo era obter um cão com a capacidade de caçar a lontra e também os roedores. Este cão foi reconhecido em 1886 pelo Kennel Club. Ele foi recrutado durante a Segunda Guerra Mundial na qualidade de mensageiro, cão de ataque e de sentinela. Sua introdução na França data dos anos 20.

Musculoso. Poderoso. Construção Cob. Nobreza dos movimentos.

1

Terriers de Grande e Médio Porte

País de origem
Grã-Bretanha

Outros nomes
Waterside-Terrier, Bingley-Terrier, Working-Terrier, Warfedale Terrier

3

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Cão rústico, forte, enérgico, cheio de vida, sempre alerta, rápido em ação e dotado de uma coragem legendária. É muito afeiçoado a seu dono e manso com as crianças. Pode ser dominador e até agressivo com seus congêneres. Suas aptidões são múltiplas; bom nadador, caçador de patos e de lontras e também de javalis e de cervos. Revela ser um guardião fiável dos bens e das pessoas. Como cão de utilidade, o exército, os socorristas e a polícia apreciam seus dons.

Conselhos
Pode viver em apartamento somente se puder se beneficiar de grandes passeios diários. Escovação duas vezes por semana e toalete (tratamento de higiene e de beleza) três vezes por ano.

Utilizações
Caça de pequenos animais,.guarda. Cão de utilidade: polícia, cão farejador, guia para cegos, cão militar. Cão de companhia.

Cabeça
Bem proporcionada, sem rugas. Crânio longo e chato. Stop apenas visível. Bochechas planas. Maxilares poderosos. Lábios ajustados.

Olhos
Pequenos, de cor escura. Expressão muito viva.

Orelhas
Em forma de V, portadas lateralmente, pequenas. A linha superior da orelha dobrada fica um pouco acima do crânio.

Corpo
Não deve ser muito longo. Pescoço musculoso sem barbelas. Dorso curto, forte, reto. Peito bem descido. Costelas bem arqueadas. Lombo musculoso.

Membros
Musculosos com uma boa ossatura. Patas pequenas, redondas, fechadas. Dígitos moderadamente arqueados.

Cauda
De inserção alta, portada alegremente (horizontalmente) mas jamais enrolada sobre o dorso. É usualmente amputada.

Pêlo
Áspero, denso, "de arame", não longo ao ponto de parecer eriçado. O pêlo é assentado, reto e cerrado. O sub-pêlo é mais curto e mais macio.

Pelagem
O manto é preto ou grisalho como também a face dorsal do pescoço e a região superior da cauda. Todas as outras regiões são de cor fogo. As orelhas são muitas vezes fogo mais escuro e marcas encarvoadas podem aparecer em torno do pescoço e nas faces laterais do crânio. Admitem-se alguns pêlos brancos entre os membros anteriores.

Tamanho
Macho: aproximadamente de 58 a 61 cm.
Fêmea: aproximadamente de 56 a 59 cm.

Peso
Aproximadamente 20 kg.

Bedlington Terrier

Ele foi criado na Inglaterra no século XVIII, em Bedlington, pequena aldeia perto de Rothbury, no Northumberland. O Dandie Dinmont Terrier, o Cão de lontra e o Whippet fazem parte de seus ancestrais. Foi primeiro utilizado na caça aos animais nocivos e às raposas. Ele era empregado nas minas para eliminar os ratos das galerias. Foi reconhecido pelo Kennel Club

Construção forte. Cabeça de carneiro convexilínea. Gracioso. Lépido. Musculoso. Capaz de galopar com grande velocidade

Raças pequenas menos de10 kg

1

Terriers de Grande e Médio Porte

País de origem
Grã-Bretanha

Outros nomes
Rothbury Terrier,
Cão carneiro

3

Cabeça
Piriforme ou cuneiforme. Crânio estreito, alto, arredondado, revestido de um topete abundante e sedoso, quase branco. Stop ausente. Maxilares longos que vão diminuindo.

Olhos
Pequenos, de aspecto triangular. Olho escuro nos cães azuis; olho mais claro com reflexos âmbar nos cães azuis e fogo; olho avelã nos marrom e areia.

Orelhas
De tamanho médio, de inserção baixa e pendentes rente às bochechas. Delgadas e de textura aveludada, recobertas de um pêlo curto e fino com uma franja de pêlos sedosos, esbranquiçados na extremidade.

Corpo
Um pouco mais longo que alto, musculoso e flexível. Pescoço longo, sem barbelas. Peito alto, bastante largo. Costelas chatas. Dorso apresentando um arqueamento natural. Lombo arqueado com uma curvatura na linha do dorso.

Membros
Os posteriores parecem mais longos que os anteriores. Patas longas (pés de lebre). Almofadas plantares espessas e fechadas.

Cauda
De inserção baixa, de comprimento médio, grossa na raiz, vai se afilando para a ponta, formando uma graciosa curva. Jamais é portada sobre o dorso.

Pêlo
Espesso, feltrado mas não duro "de arame". Nítida tendência para encaracolar, particularmente na cabeça e na região facial.

Pelagem
Azul, marrom ou areia com ou sem marcas fogo. Deve-se encorajar a pigmentação mais escura. Os azuis e o azul e fogo devem ter a trufa preta. Os marrom e o areia devem ter a trufa marrom.

Tamanho
Aproximadamente 40,6 cm.

Peso
De 8 a 10.5 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, esportivo, muito rápido, corajoso, este cão manifesta um caráter muito afirmado. Alegre, muito afetuoso para com seus donos, é muito manso e brincalhão com as crianças. Pode ser agressivo frente a seus congêneres se for atacado. Exige uma educação firme mas suave.

Conselhos
Adapta-se bem à vida em apartamento, mas saídas diárias são indispensáveis. Escovação diária e toalete (pet shop) duas a três vezes por ano.

Utilizações
Cão rateiro. Cão de guarda. Cão de companhia.

Border Terrier

Ele tem o nome da região dos Borders, ao Sul da Escócia, onde foi criado. É provável que provenha do antigo tipo de Bedlington com introduções de sangue novo do Lakeland Terrier e do Dandie Dinmont Terrier. Seu nome impôs-se em 1880. Em 1920 foi criado um clube especializado. É utilizado primeiramente para a caça à raposa e para acompanhar as matilhas de cães sabujos. Até 1985 era muito raro na França. Desde então é muito procurado.

Rijo e de patas curtas. Pele espessa. Andaduras fluentes.

3

1

Terriers de Grande e Médio Porte

País de origem
Grã-Bretanha

Raças pequenas
menos de 10 kg

Cabeça
Assemelha-se à da lontra. Crânio moderadamente largo. Focinho curto e forte.

Olhos
Escuros.

Orelhas
Pequenas, em forma de V, caídas para a frente rente às bochechas.

Corpo
Alto, estreito, bastante longo. Pescoço de comprimento moderado. Costelas bem arqueadas para trás do tórax. Lombo forte. Parte traseira bem desenhada.

Membros
A ossatura não é muito pesada. Patas pequenas. Almofadas plantares espessas.

Cauda
Moderadamente curta, bastante grossa na raiz, vai adelgaçando-se. Portada horizontalmente sem curvar-se sobre o dorso.

Pêlo
Duro, denso. Subpêlo cerrado.

Pelagem
Vermelha, trigueiro, grisalho e fogo ou azul e fogo.

Tamanho
Macho: no máximo 40 cm.
Fêmea: no máximo 36 cm.

Peso
Macho: de 5.9 a 7.1 kg.
Fêmea: de 5.1 a 6.4 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, excepcionalmente resistente, cheio de vivacidade, capaz de seguir um cavalo, é corajoso e forte. É dotado de uma forte personalidade mas com um caráter feliz. Muito dedicado a seus donos, adora as crianças. Muitas vezes é agressivo para com seus congêneres. Requer uma educação firme.

Conselhos
Adapta-se bem à vida em apartamento se lhe propuserem saídas freqüentes e longas. Escovação esporádica. Não precisa de toalete (pet shop).

Utilizações
Cão de caça (tipo sabujo). Cão de companhia.

Fox Terrier

O Fox-Terrier, conhecido desde o século XVI na Inglaterra, existe sob a forma de duas variedades: o Fox de pêlo liso, o mais antigo, e o Fox de pêlo de arame. Os Teckels, os Beagles e antigas raças de Terriers seriam seus ancestrais. Foi selecionado por volta de 1810 para a caça (caça a cavalo com matilha de cães) à raposa (de onde vem seu nome), caça ao javali, e a caça ao texugo. Em 1876 foi estabelecido um padrão para as duas variedades, no momento da criação do Fox-Terrier Club. Tornou-se o Terrier mais célebre do mundo da cinofilia. A variedade de pêlo liso é menos difundida que a de pêlo de arame.

Ossatura e força em pequenas dimensões. Comprimento do corpo equivalente ao tamanho. Movimentos vivos.

Raças pequenas menos de 10 kg

Terrieres de Grande e Médio Porte

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
Smooth Fox-Terrier (Fox-Terrier de pêlo liso), Wire Fox-Terrier)

3

Cabeça
Alongada. Crânio chato. Stop leve. A cana nasal vai adelgaçando-se em direção à trufa. Maxilares fortes com um pêlo áspero. Bochechas jamais cheias.

Olhos
Pequenos, redondos e escuros.

Orelhas
Pequenas, em forma de V, conchas dobradas, caídas para a frente rente às bochechas. A orelha ereta é altamente indesejável.

Corpo
Compacto. Pescoço musculoso sem barbelas. Cernelha nitidamente delineada. Peito bem descido. Costelas moderadamente arqueadas. Dorso curto e horizontal. Lombo poderoso e musculoso. Garupa sem inclinação.

Membros
Musculosos, de ossatura forte. Patas redondas e compactas. Almofadas plantares espessas.

Cauda
De inserção alta, portada ereta, nem sobre o dorso, nem enrolada, forte e de bom comprimento. É habitualmente amputada.

Pêlo
Duas variedades:
- Pêlo de arame: denso, de textura muito áspera, de comprimento de aproximadamente 1,9 cm nos ombros e de 3,8 cm na cernelha, no dorso, nas costelas e na parte traseira. O pêlo nos maxilares é áspero. Subpêlo curto e mais macio.
- Pêlo liso: reto, assentado, liso, duro, denso e abundante.

Pelagem
O branco predomina; totalmente branco, branco com marcas fulvas (tan), pretas ou pretas e fulvas (preto e fogo). As marcas rajadas, azul ardósia, vermelhas ou marrons (fígado) não são admitidas.

Tamanho
Macho: igual ou inferior a 39.3 cm.
Fêmea: ligeiramente inferior.

Peso
Macho aproximadamente: 8 kg.
Fêmea aproximadamente: 7 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão rústico, resistente, muito enérgico, rápido, repleto de vida, mexediço, intrépido. Corajoso, dotado de um temperamento extremamente forte. É afetuoso com seus donos e manso com as crianças. É um bom guardião vigilante e ladrador. Brigão com seus congêneres, coabita dificilmente com outros animais. Exige uma educação firme mas sem brutalidade.

Conselhos
Adapta-se à vida na cidade, mas precisa de muito exercício, caso contrário torna-se hiper-nervoso. Não deve ser preso nem fechado. Para a variedade de pêlo liso, basta uma escovação semanal. Para o Fox de pêlo de arame, uma escovação duas a três vezes por semana e toalete (pet shop) três vezes por ano.

Utilizações
Caça, guarda, companhia.

Irish Glen of Imaal Terrier

Terrier irlandês que está sendo criado há séculos no vale do Imaal, do condado de Wicklow perto de Dublin. Ele foi utilizado para a caça à raposa, ao texugo e aos animais nocivos. Foi reconhecido em 1933 pelo Irish Kennel Club. Importado para os Estados Unidos em 1968, chegou à França em 1990 mas continua sendo muito pouco conhecido fora de seu país.

Forte, ágil. Mais longo do que alto (retangular). Movimentos fluentes

1

Terriers de Grande e Médio Porte

3

País de origem
Irlanda

Nome de origem
Glen of Imaal Terrier

Outro nome
Glen

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, rústico, ativo, corajoso, repleto de vida e de ardor, este cão é ágil e muito brincalhão. É um agradável companheiro para seus donos e para as crianças. É um guardião mas é pouco dissuasivo. Pelo contrário, é um pouco brigão com seus congêneres. Conservou um instinto muito forte de caçador.

Conselhos
Adapta-se à vida na cidade desde que lhe ofereçam bastante exercício. Escovação diária.

Utilizações
Cão de caça. Cão de companhia.

Cabeça
Bastante larga e longa. Crânio de boa largura. Stop marcado. O focinho vai diminuindo em direção à extremidade. Maxilares fortes.

Olhos
De tamanho médio, redondos, bem separados e marrons.

Orelhas
Pequenas, em rosa ou semi-eretas quando o cão está atento.

Corpo
Mais longo que alto. Pescoço muito musculoso. Peito largo e forte. Costelas bem arqueadas. Dorso reto. Lombo forte.

Membros
Bem musculosos, com boa ossatura. Patas compactas, fortes. Os anteriores são ligeiramente voltados para fora.

Cauda
Amputada. Forte na raiz, portada alegremente (horizontal).

Pêlo
De comprimento médio, de textura áspera. Subpêlo macio.

Pelagem
Azul rajado, mas sem tendências ao preto. De trigueiro claro a tom dourado avermelhado. Máscara azul intenso. Pode haver uma faixa azul no dorso, na cauda e nas orelhas. As marcas mais escuras clareiam com a maturidade.

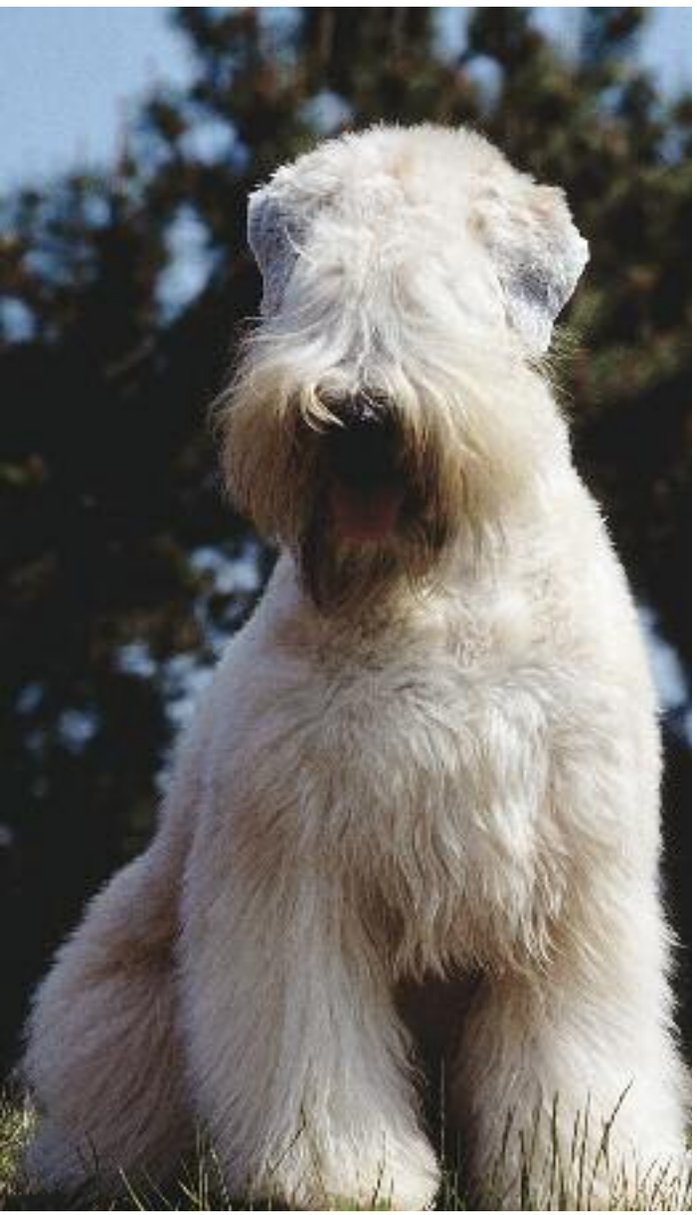
Tamanho
De 33 a 35 cm.

Peso
De 14 a 16 kg.

Irish Soft Coated Wheaten Terrier

Oriundo do condado de Munster, ele é uma das raças caninas mais antigas da Irlanda. É provavelmente o ancestral do Kerry Blue Terrier e do Terrier irlandês. Foi utilizado como cão de fazenda, caçador de animais nocivos, guardião e cão de pastor. Foi reconhecido pelo Kennel Club somente em 1943. É raro na França.

Bem constituído. Impressão de força. Movimentos fluentes, leves



Cabeça
Poderosa, longa. Crânio chato, não muito largo. Stop marcado. Maxilares fortes, "temíveis".

Olhos
Não muito grandes, de cor escura, avelã escura.

Orelhas
De pequenas para médias, portadas para a frente, inseridas no nível do crânio.

Corpo
Curto, compacto. Pescoço forte, sem barbelas. Peito alto. Costelas bem arqueadas. Linha superior reta. Lombo curto e poderoso.

Membros
Musculosos, com boa ossatura. Patas pequenas. Dígitos não espalmados.

Cauda
Não muito grossa, portada empinada. Amputada a um terço de seu comprimento total (após a 6ª vértebra).

Pêlo
Abundante, de textura macia, sedosa, ondulado ou formado de grandes caracóis soltos. Seu maior comprimento não pode ultrapassar os 12,7 cm.

Raças médias de 10 a 25 kg

Pelagem
Todas as tonalidades desde o trigueiro claro ao ruivo dourado. Os filhotes passam por vários estados em matéria de cor e de textura antes de adquirir a pelagem definitiva (de um ano e meio a dois anos e meio).

Tamanho
Macho: de 46 a 48 cm.
Fêmea: de 43 a 47 cm.

Peso
Macho: de 15.7 a 18 kg.
Fêmea: de 13 a 15 kg.

1

Terriers de Grande e Médio Porte

País de origem
Irlanda

Outros nomes
Terrier irlandês de pêlo liso de cor de trigo,
Terrier trigueiro irlandês

3

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, cheio de energia, corajoso, intrépido, bastante independente e teimoso. Muito afetuoso, dedicado, brincalhão, manso, é um companheiro agradável. Desconfiado com os desconhecidos, dissuasivo, ladrador mas sem agressividade, ele será um bom guardião. Requer uma educação estrita.

Conselhos
A vida em apartamento particularmente não lhe convém. Precisa de muito exercício e de espaço para se manter calmo. Escovação regular. Toalete (pet shop) possível.

Utilizações
Rebanho, caça, guarda, companhia.

Terrier Irlandês

Há séculos que este Terrier deve existir na Irlanda mas sua origem é mal conhecida. Poderia descender de uma antiga raça de Terrier preto e fogo (Rough Black and Tan Terrier) e ter também sangue de um grande Wheaten Terrier, que teria vivido na região do condado de Cork. O tipo atual foi fixado em 1875, pois anteriormente sua cor podia ser vermelha preta e fogo e até mesmo rajada. Em 1880 foi criado um clube. Durante a Primeira Guerra Mundial ele serviu de auxiliar dos soldados ingleses. Ainda é muito pouco conhecido na França.

Mediolíneo. Silhueta elegante de mensageiro

1

Terriers de Grande e Médio Porte

3

País de origem
Irlanda

Outros nomes
Daredevil (pequeno demônio), Terrier irlandês

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação

Robusto, resistente, muito corajoso, repleto de vida, rápido; este cão é independente, brigão e obstinado. Afetuoso, dedicado, alegre, é um bom companheiro. Cão de caça à vontade, tanto na terra como na água (lebre, animais nocivos e lontra). É um guardião que pode ser feroz quando é atacado. Ele combate até o fim. É muito belicoso com seus congêneres. Requer educação firme sem brutalidade.

Conselhos

Adapta-se à vida em apartamento, mas tem que ter espaço e exercício. Escovação uma ou duas vezes por semana. Toalete (pet shop) duas vezes por ano.

Utilizações

Cão de caça (caça com cavalo e matilha de cães e caça a tiro), guarda, companhia.

Cabeça

Longa. Crânio chato, bastante estreito. Stop apenas visível. Maxilares fortes.
Lábios bem ajustados.

Olhos

Pequenos, de cor escura.

Orelhas

Pequenas, em forma de V, caídas para a frente rente às bochechas. Pêlo mais escuro do que no corpo.

Corpo

Nem muito longo, nem muito curto. Pescoço sem barbelas. Peito alto e musculoso. Dorso forte e reto. Lombo musculoso e ligeiramente arqueado.

Membros

Muito musculosos, com ossatura forte. Patas fortes, redondas. Dígitos arqueados. Unhas pretas.

Cauda

De inserção alta, portada empinada, mas nem sobre o dorso nem enrolada. A amputação aos três quartos é a norma.

Pêlo

Denso, muito cerrado, de textura "de arame", de aspecto partido, porém bem assentado. Não forma nem mechas nem caracóis. O pêlo da face é curto (0.6 cm). Uma ligeira barba é o único pêlo longo admitido.

Pelagem

Unicolor. As cores mais procuradas são o vermelho brilhante, o trigueiro avermelhado ou o vermelho amarelado. O branco aparece por vezes no antepeito e nas patas.

Tamanho

Aproximadamente 45 cm.

Peso

Macho: 12,2 kg.
Fêmea: 11,4 kg.

Terrier Alemão de caça

Seus ancestrais são Terriers ingleses, mas foi selecionado na Alemanha no século XIX. Ele deve ser proveniente de cruzamentos entre o Fox-Terrier e/ou o Old English Terrier. Por outro lado, ele também deve ter sangue de Teckel e de Pinscher. É um caçador notável, reconhecido como um dos melhores Terriers (para desentocar a raposa e o texugo), em pequenas matilhas (javali e lebre), na qualidade de recolhedor de caça pequena terrestre ou aquática e é um bom cão de pista de sangue. Foi introduzido na França nos anos cinqüenta. O Clube de Jagdterrier da França foi criado em 1981.

Sólido. Bem construído.

Raças pequenas
menos de 10 kg

1

Terriers de Grande e Médio Porte

País de origem
Alemanha

Nome de origem
Deutscher Jagdterrier

3

Cabeça
Alongada. Crânio chato e largo. Stop não pronunciado. Focinho robusto. Bochechas salientes. Maxilares fortes.

Olhos
Pequenos, de inserção profunda, ovais, de cor escura.

Orelhas
De inserção alta, em forma de V, não muito pequenas, em contato ligeiro com a cabeça.

Corpo
Um pouco mais longo que alto. Pescoço robusto. Peito profundo, arqueado. Dorso forte e reto. Lombo e garupa fortemente musculosos.

Membros
Musculosos, com ossatura forte. Patas bem fechadas, as anteriores muitas vezes mais largas que as posteriores.

Cauda
Encurtada aproximadamente em um terço de seu comprimento, portada mais horizontal que muito ereta.

Pêlo
Bastante curto, duro, bem assentado, cerrado, áspero e reto.

Pelagem
A cor principal é o preto, o cinza e o preto mesclados, ou o marrom escuro, com marcas fogo mais claras nas sobrancelhas, no focinho, no peito, nas patas e em torno do ânus. Admite-se uma máscara escura ou clara, e um pouco de branco no antepeito e nos dígitos.

Tamanho
De 33 a 40 cm.

Peso
Macho: de 9 a 10 kg.
Fêmea: de 7.5 a 8.5 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, muito combativo, um "matador", muito corajoso, temerário, não tem um temperamento fácil. Desconfiado com os estranhos, é um guardião vigilante. É agressivo para com seus congêneres. É um dos raros terriers que não é propriamente um cão de companhia, se bem que pode se mostrar afetuoso com seus familiares. Precisa de uma educação firme. Obedece unicamente a seu dono.

Conselhos
Não é um cão de apartamento. Se viver fechado torna-se hiper nervoso. Deve sair muito freqüentemente. Escovação uma vez por semana.

Utilizações
Cão de caça.

Kerry blue Terrier

Bem construído. Bem proporcionado. Escultural.

No Sudoeste da Irlanda, no condado de Kerry, antigamente este Terrier caçava o texugo, a raposa e a lontra. Entre seus ancestrais encontram-se provavelmente o Bedlington, o Bulterrier, o Terrier irlandês e o Wolfhound. É o maior dos Terriers irlandeses. Descrito na literatura em 1847, sua primeira exposição na Irlanda data de 1913. Seu padrão foi fixado em 1920 pelo Clube Irlandês. Foi reconhecido em 1923 pelo Kennel Club. Tornou-se um dos símbolos de seu país. Ainda é raro na França.

3

1

Terriers de Grande e Médio Porte

País de origem
Irlanda

Outro nome
Irish Blue Terrier

Raças médias
de 10 a 25 kg

Cabeça
Forte, apresentando um pêlo abundante. Stop leve. Maxilares fortes e musculosos ("maxilares temíveis"). Gengiva e palato de cor escura.

Olhos
De tamanho médio, escuros ou avelã escuro.

Orelhas
Pequenas, delgadas, portadas frente ou rente às partes laterais da cabeça, dirigidas para a frente.

Corpo
Compacto, musculoso. Pescoço de comprimento médio. Antepeito largo e profundo. Peito bem descido. Costelas bem arqueadas. Dorso reto. Lombo curto.

Membros
Musculosos, com boa ossatura. Patas compactas. Unhas pretas.

Cauda
Delgada, bem inserida e portada ereta e empinada.

Pêlo
Macio, abundante e ondulado.

Pelagem
Qualquer tom de azul, com ou sem extremidades pretas. O preto admite-se apenas até a idade de 18 meses, assim como o tom fulvo. O Kerry nasce preto e sua pelagem torna-se progressivamente azul por volta dos 15 a 18 meses.

Tamanho
Macho: de 45.5 a 49.5 cm.
Fêmea: de 44.5 a 48 cm.

Peso
Macho: de 15 a 18 kg.
Fêmea: proporcionalmente menor.

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, ardente, teimoso, mas relativamente calmo. É de uma grande gentileza para com seus donos e manso com as crianças. Dominador, brigão para com seus congêneres e os outros animais de companhia. Poderoso guardião, é valente e corajoso. Bom nadador, é utilizado para o ataque da lontra em águas profundas. Como rateiro, não há melhor que ele. Sua educação deverá ser firme, porém mansa e sem brusquidão.

Conselhos
Adapta-se à vida em apartamento, porém precisa de exercícios diários. Escovação regular. Toalete (tratamento de higiene e de beleza) três a quatro vezes por ano.

Utilizações
Cão de caça (coelho, animais nocivos), guarda. Cão de utilidade: cão policial. Cão de companhia.

Lakeland Terrier

Ele é oriundo dos condados de Cumberland e do Westmorland, no Norte da Inglaterra. Poderia provir de cruzamentos entre diferentes Terriers: o Border, o Bedlington, o Dandie Dinmont, o Fox-Terrier com o Old English Terrier, raça atualmente extinta, ou que se transformou no Welsh Terrier (?). Ele assemelha-se a um Airedale em miniatura. Cão de trabalho, encarregado de proteger os rebanhos especialmente contra as raposas. O primeiro clube da raça foi criado em 1912. Foi reconhecido pelo Kennel Club em 1921.

Atarracado. Bem proporcionado.

Raças pequenas menos de 10 kg

1

Terriers de Grande e Médio Porte

País de origem
Grã-Bretanha

Outros nomes
Patterdale-Terrier, Fell-Terrier, Westmorland Terrier

3

Cabeça
Harmoniosa. Crânio chato.Focinho largo. Maxilares poderosos. Trufa preta ou marrom.

Olhos
De cor escura ou avelã.

Orelhas
Pequenas, em forma de V, portadas de maneira arrogante.

Corpo
Compacto. Pescoço bem descontraído, sem barbelas. Peito bastante estreito. Dorso forte e curto.

Membros
Fortes, com boa ossatura. Patas pequenas, compactas e redondas.

Cauda
Bem inserida, portada empinada mas jamais sobre o dorso nem enrolada. É costume amputá-la.

Pêlo
Semi-longo, denso, resistente, áspero. Bom subpêlo.

Pelagem
Preto e fogo, azul e fogo, vermelha, trigueiro, vermelho grisalho, marrom (fígado), azul ou preta. Pequenos toques de branco nas patas e no antepeito são admitidas.

Tamanho
De 34 a 37 cm.

Peso
De 6,7 a 7,7 kg.

Temperamento, aptidões, educação

Robusto, muito vivo, corajoso, obstinado, à vontade tanto para caçar a lontra na água como para caçar a raposa e o texugo na terra. Muito dedicado a seu dono, de um caráter alegre, manso com as crianças, torna-se um bom companheiro. Desconfiado com os estranhos, é um bom guardião. Sua educação requer paciência.

Conselhos

Pode adaptar-se à vida citadina mas precisa de muito exercício. Escovação diária. Toalete (pet shop) três vezes por ano.

Utilizações

Caça, companhia.

Compacto. Robusto. Elegante.
Movimentos fluentes.

Manchester Terrier

Ele representa a versão moderna de um rateiro denominado "Old Black and Tan Terrier", muito difundido antigamente no Norte e no Oeste da Inglaterra. É provável que provenha do cruzamento entre esse velho Terrier preto e fogo, o Whippet e o West Highland White Terrier. Uma variedade menor gerou por volta de 1850 o Black and Tan Toy Terrier. O primeiro clube foi fundado em 1879. Ele quase desapareceu durante a Segunda Guerra Mundial. É bastante raro fora da Inglaterra.

1

Terriers de Grande e Médio Porte

3

País de origem
Grã-Bretanha

Outros nomes
Terrier-Rateiro,
Terrier de Manchester

Raças pequenas
menos de 10 kg

Cabeça
Longa. Crânio chato, estreito, cuneiforme, sem quebra. O focinho vai diminuindo para a extremidade. Lábios ajustados.

Olhos
Pequenos, amendoados, escuros.

Orelhas
Pequenas, em forma de V, portadas bem acima da linha superior da cabeça, e recaindo acima dos olhos.

Corpo
Curto. Pescoço bastante longo, sem barbelas. Peito estreito e profundo. Costelas arqueadas. Abdômen recolhido.

Membros
Musculosos, fortes. Patas pequenas, meio pés de lebre, fortes.

Cauda
Curta, grossa na raiz, afilando em direção à ponta, portada um pouco abaixo do nível do dorso.

Pêlo
Curto, cerrado, liso, de textura firme.

Pelagem
Preto azeviche e fogo de acaju intenso. A separação entre as duas cores deve ser nítida. Focinho, maxilares, garganta, extremidades do corpo, face interna dos membros posteriores de cor fogo. Pequena mancha fogo em cada bochecha e acima de cada olho. Os ossos nasais, o corpo e os dígitos são preto azeviche.

Tamanho
Macho: de 39 a 42 cm.
Fêmea: de 37 a 40 cm.

Peso
De 7,5 a 8 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, rústico, corajoso, este cão é ardente, rápido, obstinado. Afetuoso e alegre, é um agradável companheiro. Requer uma educação firme.

Conselhos
Adapta-se muito bem à vida em apartamento. Escovação diária.

Utilizações
Rateiro, guarda, companhia.

Terrier Brasileiro

Os ancestrais do Terrier brasileiro são cães do tipo Terrier, oriundos da Europa de onde foram importados no século XX. No Brasil, foram cruzados com Pinschers e cães autóctones (Chihuahua). Assim nasceu uma nova raça, lembrando um Fox-Terrier de formas arredondas e de pêlo raso.

Porte médio. Constituição sólida sem ser pesada. Corpo inscritível em um quadrado. Linhas arredondadas. Esbelto. Andaduras fluentes.

1

Terriers de Grande e Médio Porte

País de origem
Brasil

Raças pequenas menos de 10 kg

3

Cabeça
Vista de cima, tem uma forma triangular. Crânio arredondado. Stop pronunciado. Focinho forte. Lábios secos, ajustados.

Olhos
Bem separados, grandes, arredondados, da cor mais escura possível. Cinza azul na variedade azul, marrom, verde ou azul na variedade marrom. Sobrancelhas bem desenvolvidas.

Orelhas
Bem separadas, triangulares, semi-eretas com as pontas caindo em direção ao ângulo externo do olho.

Corpo
Bem equilibrado. Pescoço moderadamente longo, seco. Cernelha bem saliente. Linha superior ligeiramente descendente em direção à garupa. Antepeito moderadamente largo. Costelas bem arqueadas. Dorso, lombo curtos e firmes. Garupa ligeiramente inclinada.

Membros
Fortemente musculosos. Patas de lebre.

Cauda
De inserção baixa, naturalmente curta, portada alta. Cortada entre a 2ª e a 3ª vértebra.

Pêlo
Curto, liso, fino, bem assentado.

Pelagem
Fundo branco com marcações em preto, marrom, ou azul. Marcas típicas sempre presentes: fogo acima dos olhos, nas faces laterais do focinho, na face interna e no bordo das orelhas. A cabeça deverá ser sempre marcada em preto, em marrom ou em azul na região frontal e nas orelhas. Poderá existir uma lista branca e manchas brancas distribuídas na região do sulco frontal e nas faces laterais do focinho.

Tamanho
Macho: de 35 a 40 cm.
Fêmea: de 35 a 38 cm.

Peso
Máximo: 10 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Mexediço, vivo, ativo, tem o temperamento ardente de qualquer Terrier. Muito amigável com os seus íntimos, pode até mostrar-se exclusivo. Requer uma educação firme.

Conselhos
Pode viver em apartamento desde que as saídas sejam regulares. Basta uma escovação semanal. Não precisa de toalete (pet shop).

Utilizações
Destinado a pequena caça, guarda e companhia.

Jack Russel Terrier

Ele deve seu nome ao pastor Jack Russell que vivia no século XIX no condado de Devon, na Inglaterra, e que desenvolveu esta raça a partir de antigos Terriers de pêlo duro a fim de obter um cão capaz de obrigar a raposa a ir para baixo de terra, e também o coelho ou o javali. Muito popular em seu país, foi reconhecido pelo Kennel Club e pela F.C.I. em 1990. Apareceu na França por volta de 1980.

Construído para a velocidade e a resistência. Mais longo que alto. Pele espessa e solta. Andaduras fluentes, vivas.

1

Terriers de Grande e Médio Porte

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
Parson Jack-Russell Terrier, Jack-Russel Terrier

Raças pequenas
menos de 10 kg

3

Cabeça
Crânio chato. Stop pouco pronunciado. Maxilares poderosos.

Olhos
Amendoados, de cor escura.

Orelhas
Pequenas, em forma de V, pendentes para a frente, portadas próximo à cabeça.

Corpo
Bastante longo. Pescoço musculoso. Peito moderadamente descido. Dorso sólido, reto. Lombo ligeiramente arqueado.

Membros
Fortes, musculosos. Patas com dígitos fechados.

Cauda
De inserção alta, forte, reta. Habitualmente amputada com o comprimento adequado, proporcionando uma boa pegada de mão.

Pêlo
Áspero, denso, cerrado seja este liso ou duro.

Pelagem
Totalmente branca ou branca com marcações fogo, limão ou pretas, preferivelmente restritas à cabeça ou à raiz da cauda.

Tamanho
Macho: 35 cm.
Fêmea: 33 cm.

Peso
De 6 a 7 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, muito vivo, intrépido, independente, um pouco teimoso e com um temperamento muito afirmado. Muito dedicado e muito afetuoso, é um agradável cão de companhia. É fácil de educar.

Conselhos
Habitua-se à vida em apartamento desde que possa satisfazer sua grande necessidade de exercício. Sua pelagem requer poucos cuidados.

Utilizações
Caça, companhia.

Welsh Terrier

O antigo Terrier inglês, de origem celta (Old English Black and Tan Terrier ou Old English Broke Haired Terrier) e o Fox-Terrier são provavelmente seus ancestrais. Ele foi utilizado no País de Gales, em matilha, para caçar a raposa o texugo e a lontra como Terrier e cão d'água. A raça foi reconhecida em 1886 pelo Kennel Club. Seu padrão foi remanejado em 1947. É pouco difundido na França.

Constituição muito quadrada. Grande distinção.

1

Terriers de Grande e Médio Porte

País de origem
Grã-Bretanha, País de Gales

Outros nomes
Fox do país de Gales, Terrier galês

Raças pequenas menos de 10 kg

3

Cabeça
Alongada. Crânio chato. Stop não muito marcado. Maxilares poderosos.

Olhos
Pequenos, escuros.

Orelhas
De inserção alta. Pequenas, em forma de V, portadas para a frente, próximo às bochechas.

Corpo
Compacto. Pescoço de tamanho médio, ligeiramente arqueado e harmonioso. Peito bem descido. Dorso curto. Lombo forte. Parte traseira forte.

Membros
Robustos, musculosos, com boa ossatura. Patas pequenas, redondas (*pés de gato*).

Cauda
Usualmente amputada. Não é portada muito empinada.

Pêlo
Duro, "de arame", muito cerrado e abundante. A ausência de subpêlo é considerado como uma falta.

Pelagem
De preferência preto e fogo, grisalho e preto e fogo sem manchas pretas (pinceladas) nos dígitos.

Tamanho
Igual ou inferior a 39 cm.

Peso
De 9 a 9,5 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, rústico, atrevido, tenaz, é dotado de um temperamento forte, dominador, com uma grande vivacidade de reação. Muito afetuoso e muito afeiçoado a seus donos, é brincalhão e alegre. Desconfiado com os desconhecidos, é um bom guardião não-agressivo. Requer uma educação firme e precoce.

Conselhos
Adapta-se à vida na cidade desde que possa se beneficiar de longos passeios diários. Escovação regular duas a três vezes por semana. Toalete (pet shop) duas a três vezes por ano.

Utilizações
Caça, companhia.

Terrier Australiano

Este cão de ascendência britânica foi apresentado pela primeira vez em Sidney, em 1899. Entre seus ancestrais devemos mencionar o Cairn Terrier, o Terrier irlandês, o Terrier escocês e, é lógico, o Yorkshire Terrier, com o qual se assemelha muito. Ele foi criado para a caça ao coelho e ao rato. O Australian Terrier Club foi fundado em 1921. O primeiro padrão foi estabelecido no mesmo ano. A raça foi reconhecida pelo Kennel Club em 1936. É raro na França.

Longo, de pernas curtas.
Movimentos soltos, elástico.

2

Terriers de Pequeno Porte

País de origem
Austrália

3

Nome de origem
Australian Terrier

Raças pequenas
menos de 10 kg

Cabeça
Longa. Crânio chato. Stop leve. Focinho forte e poderoso. Maxilares fortes.

Olhos
Pequenos, ovais, bem afastados entre si, de cor marrom escura.

Orelhas
Pequenas, eretas, pontudas, bem portadas.

Corpo
Longo, solidamente constituído. Pescoço forte e ligeiramente arqueado harmoniosamente. Linha superior horizontal. Antepeito bem desenvolvido. Altura e largura do peito moderadas. Costelas bem arqueadas. Lombo forte.

Membros
Curtos, com boa ossatura. Patas pequenas, redondas, compactas.

Cauda
Amputada, portada ereta, mas não sobre o dorso.

Pêlo
De aproximadamente 6 cm de comprimento, liso, áspero e denso. Subpêlo curto, macio. Os pêlos são curtos no focinho, na extremidade dos membros e nas patas.

Pelagem
- Azul, azul-aço ou azul-acinzentado escuro, com marcas cor-de-fogo fogo intensas na face, nas orelhas, na face ventral do tronco, na extremidade dos membros, nas patas e ao redor do ânus.
- Areia claro ou vermelha.

Tamanho
Aproximadamente 25 cm.

Peso
De 3,6 a 6,3 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito vivo, corajoso, este cão é afetuoso e de humor equilibrado mas possui um caráter de puro Terrier. Deverá receber uma educação firme.

Conselhos
Este cão muito ativo precisa de exercício. Escovação diária.

Utilizações
Caça, companhia.

Cairn Terrier

É um dos mais antigos Terriers da Escócia. Encontra-se em obras do século XV. Seu nome foi-lhe dado devido à sua aptidão em circular entre os "cairns", montões de pedras e de rochas onde ele caçava os coelhos e as raposas. Nasceu no Oeste das Highlands e nas ilhas de Skye da costa oeste da Escócia. É o ancestral do Scottish Terrier e do West Highland White Terrier. Foi admitido pelo Kennel Club em 1912. É um dos Terriers mais populares na França.

Compacto. Ossatura sólida. Porte muito orgulhoso. Movimento solto

Raças pequenas menos de 10 kg

2

Terriers de Pequeno Porte

País de origem
Grã-Bretanha, Escócia

Outro nome
Skye de pêlo curto

3

Cabeça
Pequena, bem guarnecida de pêlos. Crânio largo. Stop pronunciado. Focinho poderoso. Maxilares fortes.

Olhos
De tamanho médio, bem afastados entre si, de cor avelã escuro. Sobrancelhas eriçadas.

Orelhas
Pequenas, pontudas, bem portadas e retas.

Corpo
Longo. Pescoço bem inserido. Costelas bem arqueadas. Dorso reto. Lombo forte e flexível. Parte traseira sólida.

Membros
Curtos, com ossatura sólida. Patas anteriores mais fortes que as posteriores, podendo ser ligeiramente voltadas para fora.

Cauda
Curta, bem farta, mas sem penacho. É portada empinada mas sem se curvar sobre o dorso.

Pêlo
Longo, duro, abundante. O subpêlo é curto, macio e cerrado.

Pelagem
Creme, trigueiro, vermelha, cinza ou quase preta. Todas estas cores rajadas são admitidas. O preto puro, o branco, o preto e fogo não são admitidos. As extremidades escuras, nas orelhas e no focinho, são muito típicas da raça.

Tamanho
Macho: de 28 a 31 cm.
Fêmea: de 25 a 30 cm.

Peso
De 6 a 7.5 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, cheio de vida e de temperamento, intrépido, este cão é dominador. Companheiro agradável, é alegre e malicioso. Bom guardião, atento ao menor sinal, não agressivo, porém bastante ladrador. Excelente nadador, caça a lontra e também os animais nocivos. Requer uma educação muito firme.

Conselhos
Está mais à vontade no campo do que na cidade mas possui uma grande facilidade de adaptação. Deve sair regularmente porque precisa muito de exercício. Escovação duas a três vezes por semana. Não precisa de toilettage (pet shop).

Utilizações
Caça, companhia.

Terrier Basset. Corpo longo, baixo, comparável ao de uma doninha. Andadura leve, fluente, fácil.

Dandie Dinmont Terrier

Seus primeiros rastros datam do século XVIII. Ele provém provavelmente de um cruzamento entre um antigo Terrier escocês, o Bedlington Terrier e talvez o cão de lontra. Walter Scott o tornou célebre em seu romance "Guy Mannering" (1815), no qual o herói, um fazendeiro caçador denominado Dandie Dinmont, possuindo uma matilha de Terriers Bassets, iria depois legar seu nome a este Terrier. Ele foi selecionado por volta de 1820 por um fazendeiro escocês, J. Davidson. O primeiro clube foi criado em 1875. Com um passado de temível caçador de ratos, ele se tornou um agradável cão de companhia. É muito raro na França.

2

Terriers de Pequeno Porte

País de origem
Grã-Bretanha

3

Raças pequenas
menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, vivo, corajoso, incansável, este cão possui um temperamento muito forte. É independente, tenaz, às vezes teimoso. Sensível, afetuoso, é um bom companheiro. Caçador de animais nocivos (roedores, texugo, tourão, doninha...), também é um guardião eficiente, dotado de uma voz grossa. Deve ser educado com firmeza.

Conselhos
Pode viver em apartamento desde que se beneficie de longos passeios diários. Escovação duas a três vezes por ano. Toilettage (pet shop) duas vezes por ano.

Utilizações
Cão de caça. Cão de companhia.

Cabeça
Solidamente constituída, forte, revestida de um pêlo muito macio e sedoso. Crânio largo. Testa arqueada. Focinho alto e forte. Maxilares fortes. Músculos maxilares muito desenvolvidos.

Olhos
Grandes, redondos, bem afastados entre si, de cor avelã escuro.

Orelhas
De inserção baixa, pendentes, caindo rente às bochechas. O comprimento varia entre 7.5 e 10 cm. A cor deve condizer com a da pelagem. Escuras quando a pelagem é pimenta ou mostarda escura quando a pelagem é mostarda.

Corpo
Longo, baixo. Pescoço muito musculoso, forte. Costelas bem arqueadas. Dorso bastante baixo ao nível dos ombros. Linha superior bem musculosa. Peito bem desenvolvido.

Membros
Curtos, muito musculosos. Ossatura forte. Os posteriores são ligeiramente mais longos que os anteriores. Patas redondas.

Cauda
Bastante curta (de 20 a 25 cm), bastante espessa na raiz, adelgaçando em seguida até a extremidade. Apresenta uma curvatura análoga à de uma cimitarra.

Pêlo
Longo, duro, dando a impressão de ser áspero. Os membros anteriores têm uma franja. Subpêlo macio que se assemelha à gaze.

Pelagem
- Pimenta: vai do preto tendendo ao azul escuro até o cinza prata claro. Os membros variam de cor-de-fogo intensa a fulvo pálido. Topete abundante branco prateado.
- Mostarda: vai do marrom avermelhado ao fulvo pálido. Os membros e as patas têm um tom mais escuro que o da cabeça. Topete abundante branco creme.

Para ambas as cores, as patas brancas constituem uma falta.

Tamanho
De 25 a 30 cm.

Peso
De 8 a 11 kg.

Norfolk Terrier

Nasceu no condado do Norfolk. Foi primeiramente considerado como uma simples variedade do Terrier de Norwich, do qual provém e do qual se diferencia unicamente pelo porte das orelhas. Nos Estados Unidos é reconhecido apenas o Norwich com duas variedades. Em 1932 o Kennel Club registrou o Terrier de Norwich. O Terrier do Norfolk foi reconhecido somente em 1964.

Rechonchudo. Sólido. "Substancioso". Andadura franca, rente ao solo.

Raças pequenas menos de 10 kg

2

Terriers de Pequeno Porte

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
Terrier do Norfolk

3

Cabeça
Redonda. Crânio largo, ligeiramente arredondado. Stop bem marcado. Focinho forte, cuneiforme. Maxilares fortes. Lábios ajustados.

Olhos
De formato oval, de cor marrom escuro ou preta.

Orelhas
De tamanho médio, em forma de V, extremidades ligeiramente arredondadas, portadas caídas para a frente, rente às bochechas.

Corpo
Compacto. Pescoço forte. Linha superior horizontal. Dorso curto. Costelas bem arqueadas.

Membros
Curtos, poderosos, com boa ossatura. Patas redondas.

Cauda
Amputada moderamente , portada reta.
De comprimento moderado, espessa na raiz e adelgaçando para a ponta. Reta e portada acima da horizontal.

Pêlo
Duro, "de arame", reto, assentado. É mais longo e mais eriçado no pescoço e nos ombros. Na cabeça e nas orelhas é curto e liso, com exceção dos bigodes e das sobrancelhas.

Pelagem
Qualquer tom de vermelho, trigueiro, preto e fogo ou grisalho. As marcas ou áreas brancas não são desejáveis, porém são admitidas.

Tamanho
De 25 a 26 cm.

Peso
Aproximadamente 5 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, resistente, alerta, intrépido, este cão é bastante calmo, naturalmente amável e muito manso com as crianças. É um cão de caça muito hábil para desentocar, para a caça aos animais nocivos e para a caça em matilha. Por outro lado ele revela ser um verdadeiro pequeno guardião. Uma educação firme é conveniente para ele.

Conselhos
A vida na cidade lhe convém se puder despender energia em passeios freqüentes. Escovação diária. Toilettage (pet shop) duas a três vezes por ano.

Utilizações
Caça, companhia.

Rechonchudo. Sólido.

Norwich Terrier

Ele é oriundo de Norwich, capital do Norfolk em 1870, a partir do cruzamento de Terriers vermelhos com Terriers preto e vermelho ou cinza. Notemos que se diferença do Terrier do Norfolk apenas por suas orelhas eretas, de tal modo que foram primeiramente considerados como duas variedades de uma mesma raça. Por volta de 1914 ele quase desapareceu. Renasceu a partir de alguns exemplares cruzados talvez com o Staffordshire Bulterrier, o Bulterrier e o Bedlington Terrier. Foi reconhecido pelo Kennel Club em 1932. Mascote dos estudantes de Cambridge, é menos difundido que o Terrier do Norfolk.

2

Terriers de Pequeno Porte

País de origem
Grã-Bretanha

Outros nomes
Trumpington-Terrier,

Jones Terrier,
Terrier de Norwich

3

Raças pequenas
menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, de uma vitalidade excepcional, ardente, intrépido, tem um temperamento forte. Não é um ladrador. Bom desentocador e destruidor de animais nocivos, sabe ser um agradável companheiro. Requer uma educação firme.

Conselhos
Adapta-se bem à cidade desde que possa se exercitar. Escovar e pentear três vezes por semana. Toilettage (tratamento de higiene e de beleza) duas a quatro vezes por ano.

Utilizações
Cão de caça. Cão de companhia.

Cabeça
Redonda. Crânio largo, ligeiramente arredondado. Stop marcado. Focinho cuneiforme. Maxilares fortes. Lábios ajustados.

Olhos
Pequenos, ovais, escuros.

Orelhas
De tamanho médio, bem afastadas entre si, retas.

Corpo
Compacto. Pescoço forte. Peito bem descido. Dorso curto. Lombo curto. Parte traseira larga, forte.

Membros
Curtos e musculosos. Patas redondas.

Cauda
Curtada moderamente curta, portada ereta. De comprimento moderado, espessa na raiz e adelgaçando para a ponta. Portada tão reta quanto possível e alta.

Pêlo
Duro, "de arame", liso, assentado. Subpêlo espesso. É mais longo e mais arrepiado no pescoço, formando uma juba em forma de gravata. Na cabeça é curto e liso.

Pelagem
Qualquer tom de vermelho, trigueiro, preto e fogo ou grisalho. As marcas ou áreas brancas (malhas) não são desejáveis.

Tamanho
De 25 a 26 cm.

Peso
Aproximadamente 5 kg.

Scottish Terrier

Natural das Highlands, no Norte da Escócia, suas origens são longínquas. Ele apareceu sob sua forma atual graças ao trabalho de criadores escoceses de Aberdeen no início do século XX e é a razão de seu primeiro nome: Aberdeen Terrier. O primeiro clube foi fundado em 1882. Em 1889 foi publicado um padrão. Foi utilizado primeiramente para caçar o texugo e a raposa e depois transformou-se em um cão de companhia. Começou a ser apreciado na França em 1910 e continua a ser um dos Terriers mais conhecidos nesse país.

Cheio. Poderosamente musculoso. Andadura viva, de trote curto.

Raças pequenas menos de 10 kg

2

Terriers de Pequeno Porte

País de origem
Escócia

Outros nomes
Aberdeen-Terrier,
Scottie,
Terrier escocês

Nome de origem
Scottish terrier

3

Cabeça
Longa. Crânio quase plano. Stop leve. Focinho sólido e alto. Trufa bem desenvolvida. Bigode espesso.

Olhos
Amendoados, bastante afastados entre si, de cor marrom escuro, com longas sobrancelhas.

Orelhas
De inserção alta, pequenas, pontudas, retas, de textura fina.

Corpo
Compacto. Pescoço musculoso, de tamanho médio.
Peito bem descido. Costelas arqueadas. Dorso curto, muito musculoso. Lombo musculoso, bem descido. Parte traseira de uma potência notável.

Membros
Curtos com uma boa ossatura. Patas de bom tamanho. Dígitos bem arqueados, fechados.

Cauda
De tamanho médio (17,5 cm), grossa na raiz, afinando para a ponta. Portada reta ou levemente encurvada.

Pêlo
Longo, áspero, duro, (de arame), denso, cerrado, firmemente aderido ao corpo. Subpêlo curto, denso e macio.

Pelagem
Preta, trigueiro ou rajada em qualquer cor.

Tamanho
De 25 a 28 cm.

Peso
De 8,5 a 10,5 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito robusto, fogoso, atrevido, corajoso, este cão muito ágil é dotado de uma forte personalidade. É independente, orgulhoso, obstinado. Afetuoso, alegre, é muito afeiçoado a seu dono, sem ser muito demonstrador. Incorruptível, muito desconfiado com os estranhos, é um excelente guardião, sempre disposto a atacar qualquer "inimigo" em potencial. Raramente ladra. Requer uma educação precoce e rigorosa, caso contrário será difícil conviver com ele.

Conselhos
Adapta-se à vida na cidade desde que possa sair diariamente para acalmar seu ímpeto e sua energia. Escovação freqüente. Toilettage (pet shop) três a cinco vezes por ano.

Utilizações
Caça, companhia.

Sealyham Terrier

Muita substância em um pequeno volume.
Andadura viva, enérgica, com muito impulso.

Nasceu no século XIX na aldeia de Sealyham, no país de Gales. Ele provém de cruzamentos praticados a partir de 1850 pelo capitão J. Edwardes entre diversos Terriers (Fox-Terrier, West Highland White Terrier, Dandie Dinmont Terrier) e talvez da introdução de sangue novo do Welsh Corgi. Foi caçador de lontra e de doninha. O clube da raça foi fundado em 1908. A raça foi reconhecida em 1911 pelo Kennel Club. Ele é bastante raro atualmente e é um dos Terriers que os Franceses mais desconhecem.

2

Terriers de Pequeno Porte

País de origem
Grã-Bretanha

3

Outro nome
Terrier de Sealyham

Raças pequenas
menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, ativo, muito vivaz, intrépido, corajoso, possui um temperamento feliz, calmo e equilibrado. Afetuoso com seus donos, manso com as crianças, é um companheiro agradável.
Vigilante, ele avisa com sua voz forte a presença de um estranho. Requer uma educação firme.

Conselhos
Adapta-se à vida em apartamento desde que possa se exercitar diariamente. Escovar e pentear diariamente. Toilettage (pet shop).

Utilizações
Caça, companhia.

Cabeça
Forte, alongada. Crânio largo, ligeiramente abobadado. Maxilares quadrados, temíveis. Barba abundante.

Olhos
De tamanho médio, redondos, escuros. A orla das pálpebras escura é desejável.

Orelhas
De tamanho médio, portadas lateralmente rente às bochechas.

Corpo
Mais longo do que alto. Pescoço espesso. Peito largo, bem descido. Dorso horizontal. Costelas bem arqueadas. Parte traseira particularmente poderosa.

Membros
Curtos, fortes. Patas redondas. Almofadas plantares espessas.

Cauda
Portada ereta. Usualmente cortada.

Pêlo
Longo, duro, "de arame". Subpêlo resistente às intempéries.

Pelagem
Toda branca ou branca com marcas limão, marrom, azuis ou castor na cabeça e nas orelhas.

Tamanho
Inferior a 31 cm.

Peso
Macho: 9 kg.
Fêmea: 8 kg.

Skye Terrier

Ele é oriundo da ilha de Skye, no arquipélago das Hébridas no Oeste da Escócia. Seu tipo foi fixado há muito tempo. Provém provavelmente de Cães Bassets de pêlo longo. Desentocador poderoso, foi utilizado para lutar contra as raposas e outros animais nocivos. Adotado pela rainha Vitória, sua primeira exposição data de 1864. É raro na França.

O mais longo, o mais Basset dos Terriers. Seu comprimento é duas vezes maior que a altura. Elegante. Cheio de dignidade.

Cabeça
Longa e poderosa. Stop leve. Focinho poderoso. Maxilares fortes.

Olhos
De tamanho médio, inseridos juntos, marrons (marrom escuro).

Orelhas
Pequenas, eretas, portando franjas. Quando são pendentes, são maiores.

Corpo
Longo e baixo. Caixa torácica oval, bem descida e longa. Dorso reto. Lombo curto.

Membros
Curtos, musculosos. Patas anteriores maiores que as posteriores.

Cauda
Pendente, ou no prolongamento da linha do dorso. Pelagem franjada.

Pêlo
Longo, duro, reto, chato, sem caracóis. Na cabeça, o pêlo é curto, mais macio, escondendo a face e os olhos. Subpêlo curto, cerrado, macio e lanoso.

Pelagem
Preta, cinza clara ou escura, fulva, creme e em todos os casos com as extremidades pretas. Qualquer pelagem unicolor é admitida. Uma pequena mancha branca no antepeito é permitida.

Tamanho
De 25 a 26 cm.

Peso
De 10 a 12 kg.

Raças médias de 10 a 25 kg

2

Terriers de Pequeno Porte

País de origem
Escócia

Outros nomes
Terrier da ilha de Skye,
Terrier Skye,
Terrier de Skye

3

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, autoconfiante, dotado de um temperamento forte, obstinado, um pouco teimoso, este cão cuja fidelidade é legendária, é totalmente dedicado a seu dono. É desconfiado com as pessoas estranhas. Sua educação deve ser firme.

Conselhos
Cão feito para viver ao ar livre, ele pode adaptar-se à cidade desde que beneficie de longos passeios diários. Não gosta de estar fechado nem preso. Escovar e pentear regularmente. Não precisa de toilettage (pet shop).

Utilizações
Cão de companhia.

Terrier Japonês

Cão desenvolvido no século XVIII ao redor de Kobe e de Yokohama a partir de Terriers britânicos importados, principalmente o Fox-Terrier de pêlo liso. Estes foram cruzados com raças locais, produzindo um cão mais leve, em todos os aspectos. O tipo definitivo foi fixado por volta de 1930. Foi reconhecido no Japão em 1940 e quase desapareceu durante a Segunda Guerra Mundial. Raro fora de seu país, os primeiros indivíduos chegaram à França em 1991.

Inscritível em um quadrado. Aspecto distinto. Andadura leve e fluente.

3

2

Terriers de Pequeno Porte

País de origem
Japão

Nome de origem
Nihon Teria

Outro nome
Terrier nipônico

Raças pequenas menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Este cão vivo, vigilante, alegre e muito afetuoso é um companheiro agradável.

Conselhos
Adapta-se à vida na cidade mas precisa de exercícios. Teme o frio. Escovação regular.

Utilizações
Cão de companhia.

Cabeça
Pequena. Crânio chato. Stop não muito marcado. Cana nasal reta. Bochechas secas. Lábios finos, ajustados.

Olhos
De tamanho moderado, ovais, de cor escura.

Orelhas
De inserção alta, pequenas, delgadas, em forma de V, pendentes para a frente.

Corpo
Compacto. Pescoço forte sem barbelas. Peito bem descido. Costelas bem arqueadas. Dorso curto, firme. Lombo forte. Garupa ligeiramente arqueada, forte. Ventre bem esgalgado.

Membros
Ossatura não muito pesada. Patas com dígitos fechados.

Cauda
Moderadamente fina, cortada ao nível da terceira ou da quarta vértebra.

Pêlo
Muito curto (2 mm), liso, denso.

Pelagem
Tricolor com a cabeça preta, fogo e branco; branco com manchas pretas, áreas pretas ou fulvas no corpo.

Tamanho
Aproximadamente 30 a 33 cm.

Peso
De 3 a 4 kg.

Terrier Checo

Foi criado nos anos 30 por um criador checo, F. Horak, principalmente a partir do Scottish e do Sealyham Terrier. Caçador de caça pequena, dentre eles os animais nocivos, ele se tornou guardião e cão de companhia. Foi reconhecido pela F.C.I. em 1963. Introduzido na França em 1987, ele continua a ser uma raça confidencial.

Robusto. Lépido.

Raças pequenas
menos de 10 kg

1

Terriers de Pequeno Porte

País de origem
República Checa

Nome de origem
Cesky Teriér

Outro nome
Terrier de Boêmia

3

Cabeça
Longa. Trufa bem desenvolvida. Barba espessa. Maxilares poderosos.

Olhos
Marrom claro ou escuro. Sobrancelhas eriçadas.

Orelhas
Pendentes rente às bochechas; a dobra tem que ser inserida mais alta que o topo da cabeça.

Corpo
Longo e atarracado. Parte dianteira muito musculosa. Dorso ligeiramente arqueado. Garupa arredondada e saliente.

Membros
Curtos, sólidos.

Cauda
De um comprimento de aproximadamente 20 cm, portada horizontalmente quando o cão está em ação.

Pêlo
Sedoso, abundante.

Pelagem
Cinza azulado ou marrom café claro. O filhote nasce preto e adquire sua cor definitiva cinza por volta dos 2 anos.

Tamanho
De 27 a 35 cm.

Peso
De 6 a 9 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, de temperamento seguro, obstinado, mas extremamente gentil e brincalhão, é um agradável companheiro. Reservado com os estranhos, convive muito bem com seus congêneres.

Conselhos
Precisa de muito exercício. Escovação regular. Toilettage (pet shop a cada dois ou três meses).

Utilizações
Guarda, caça, companhia.

West Highland White Terrier

Oriundo da região montanhosa situada no Oeste da Escócia, ele deve ser uma variedade do Cairn Terrier de pelagem branca, que foi selecionado no século XIX por uma família de criadores, Malcolm de Poltalloch e depois pelo coronel Malcolm, que fixou a cor branca. O padrão foi estabelecido em 1906 pelo primeiro clube de raça. Tornou-se um modismo e atualmente é muito difundido.

Quadrado. Construção sólida. Força e atividade. Andadura fluente, fácil.

2

Terriers de Pequeno Porte

País de origem
Grã-Bretanha, Escócia

Outros nomes
Westie, Terrier branco das Highlands do Oeste

Nome de origem
West Hightland Withe Terrier

3

Raças pequenas menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação

Rústico, vivo, corajoso, muito independente e teimoso, tem um temperamento forte. Extremamente afetuoso, alegre, amigo das crianças, é um companheiro agradável. É um bom guardião que avisa ao menor ruído suspeito. É um caçador temível de raposas, de texugos e de outros animais nocivos. Para ele se tornar um cão fácil, deverá ser-lhe dada educação firme.

Conselhos

Adapta-se bem à vida em apartamento desde que possa se beneficiar de longos passeios. Escovação diária. Para manter a brancura de sua pelagem, cuidados regulares serão necessários. Toilettage (pet shop) inútil, exceto para os cães expostos.

Utilizações

Caça, companhia.

Cabeça
Redonda. Crânio ligeiramente arqueado. Stop marcado. A cana nasal vai diminuindo em direção ao nariz. Arcadas dos supercílios pesadas. Maxilares fortes.

Olhos
De tamanho médio, bem separados, não redondos, da cor mais escura possível.

Orelhas
Pequenas, retas, portadas firmemente, terminando pontiagudas.

Corpo
Compacto. Pescoço musculoso. Peito bem descido. Costelas bem arqueadas. Dorso reto. Lombo largo e forte. Parte traseira poderosa.

Membros
Curtos, musculosos, nervosos. Patas redondas, fortes.

Cauda
De um comprimento de 12,5 a 15 cm, revestida de um pêlo duro, sem franjas, o mais reta possível, portada alta mas sem ser empinada ou curvada sobre o dorso.

Pêlo
Duro, de um comprimento de aproximadamente 5 cm, sem caracóis. O subpêlo é curto, macio, cerrado.

Pelagem
Branca.

Tamanho
28 cm.

Peso
De 6 a 8 kg.

American Staffordshire Terrier

Este cão inglês de combate provém do Bulterrier do Staffordshire; os criadores americanos que o adotaram fizeram dele uma variedade maior, mais poderosa que ocupou um lugar de escolha entre os cães denominados "Pit-Bull", porque os combates ocorriam em fossas (pit = fossa). Ele foi primeiramente reconhecido em 1936 pelo Kennel Club americano sob o nome de Staffordshire Terrier e depois em 1972 sob o nome de Staffordshire Terrier americano. Atualmente, o cão inglês Bulterrier do Staffordshire e o cão Staffordshire Terrier americano pertencem a duas raças bem distintas. Encorajar as tendências agressivas deste cão é condenável por ser perigoso. Os primeiros indivíduos foram introduzidos na França em 1987.

Maior, mais maciço, mais impressionante que seu primo inglês. Força da natureza. Potência. Andadura elástica.

Raças médias de 10 a 25 kg

3

Terriers de tipo Bul

País de origem
Estados Unidos

Outros nomes
Am-Staff,
Pit Bull Terrier,
Staffordshire americano,
Staffordshire Terrier americano

3

Cabeça
De tamanho médio. Crânio largo. Stop nítido. Músculos das bochechas muito pronunciados. Mandíbula forte e poderosa. Lábios bem ajustados, sem partes soltas.

Olhos
Redondos, bem separados, de cor escura .

Orelhas
Cortadas ou não . Preferem-se as orelhas portadas curtas, em rosa, ou semi-eretas.

Corpo
Compacto. Pescoço pesado, arqueado e harmonioso, sem barbelas. Ligeiro declive da cernelha à garupa. Dorso bastante curto. Lombo ligeiramente recolhido. Costelas bem arqueadas. Peito largo e bem descido. Garupa ligeiramente inclinada.

Membros
Musculosos, com ossatura forte. Patas compactas. Dígitos bem arqueados.

Cauda
De inserção baixa, curta, adelgaçando-se e terminando em uma ponta fina. Não é enrolada nem portada sobre o dorso.

Pêlo
Curto, cerrado, duro ao tato.

Pelagem
Admite-se qualquer cor, pelagem unicolor, multicolor ou empenachada, mas as pelagens com mais de 80% de branco, as pelagens preto e fogo e fígado (marrom) não devem ser encorajadas.

Tamanho
Macho: de 46 a 48 cm.
Fêmea: de 43 a 46 cm.

Peso
De 17 a 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Tem a força do Bulldog e a agilidade do Terrier. Resistente, tenaz, de uma coragem proverbial, é independente e teimoso. É um companheiro fiel e afetuoso. Guardião notável, é agressivo com seus congêneres. Deve ser disciplinado desde muito cedo. Sua educação deverá ser firme, porém sem brutalidade. Não se trata de formar uma "arma" temível, excitando o seu lado mordedor e seu fogo, mas de manter uma sociabilidade com o homem.

Conselhos
A vida em apartamento não é ideal. Precisa de muito espaço e de exercício para seu equilíbrio. Escovação uma ou duas vezes por semana.

Utilizações
Guarda, companhia.

Bullterrier

Muito musculoso. Compacto. Construção forte.

Ele provém de cruzamentos de Bulldogs com Terriers a fim de criar "o gladiador das raças caninas". Foi primeiramente utilizado nos combates de touros e depois de cães. Em 1835 estes duelos foram proibidos. Sua silhueta foi afinada e, por volta de 1860, foi selecionada uma variedade branca, que originou a raça atual. A raça foi reconhecida pelo Kennel Club em 1933. Há alguns anos que sua população na França vêm aumentando regularmente.

3

Terriers do tipo Bul

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
English Bull Terrier

3

Raças médias
de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Muito robusto, cheio de ardor e de coragem, este cão é equilibrado, estável, mas obstinado. Afetuoso, brincalhão, pouco ladrador, é um agradável companheiro. Sua educação será estrita, firme mas sem brutalidade.

Conselhos
Adapta-se bem à vida em apartamento. Todavia não gosta da solidão e precisa de muito exercício. Escovação semanal.

Utilizações
Guarda, companhia.

Cabeça
Longa, forte, ovóide (em bola de rugbi). Parte superior do crânio quase chata. Stop inexistente. Mandíbula forte.

Olhos
Parecem estreitos, inseridos obliquamente, triangulares, pretos ou marrom o mais escuro possível.

Orelhas
Pequenas, delgadas, de inserção próxima, retas.

Corpo
Maciço. Pescoço muito musculoso, longo, sem barbelas. Peito largo e profundo. Dorso curto, bem musculoso. Costelas bem arqueadas. Lombo largo e bem musculoso.

Membros
Musculosos, com ossatura forte. Patas redondas, compactas. Dígitos bem arqueados.

Cauda
Curta, de inserção baixa, portada horizontalmente. Grossa na raiz, vai adelgaçando-se, terminando em uma ponta fina.

Pêlo
Curto, assentado, unido, duro ao tato. Subpêlo macio no inverno.

Pelagem
Nos cães brancos a pelagem é branco puro. A pigmentação da pele e as marcações na cabeça não constituem faltas. Nos coloridos, a cor deverá predominar sobre o branco. A rajada preta, o vermelho, o fulvo e a pelagem tricolor são admitidos.

Tamanho
Não tem limite.

Peso
Não tem limite. Existem Bulterriers miniaturais, cujo tamanho não excede os 35,5 cm e cujo peso é inferior a 9 kg.

Staffordshire Bullterrier

Ele foi criado no século XIX no Staffordshire por cruzamento entre o Bulldog e diversos Terriers. Era originalmente um cão de combate contra os touros e depois contra os cães nas fossas ("pit" = fossa), o que lhe valeu o nome de "Half and Half"(metade-metade, Pit Bull Terrier ou Pit Dog). Esteve na moda nos Estados Unidos no período entre as duas guerras. Reencontrou em seguida uma bela notoriedade na Grã-Bretanha e na Europa continental. A raça foi reconhecida em 1935. É muito menos difundido que seu descendente, o Staffordshire Terrier americano.

Forte, musculoso, ágil, bem proporcionado. Movimentos fluentes, lépidos.

3

Terriers do tipo Bul

País de origem
Grã-Bretanha

Outros Nomes
Staffie,
Bulterrier do Staffordshire

Raças médias
de 10 a 25 kg

3

Cabeça
Curta e toda alta. Crânio largo. Stop marcado. Cana nasal curta. Músculos masseterinos muito pronunciados. Maxilares fortes. Lábios ajustados.

Olhos
De tamanho médio, redondos, escuros. Orla das pálpebras escura.

Orelhas
Em rosa ou semi-eretas, nem grandes, nem pesadas.

Corpo
Recolhido, poderoso. Pescoço musculoso, bastante curto. Linha superior horizontal. Antepeito largo. Peito bem descido. Costelas arqueadas. Parte traseira bem musculosa.

Membros
Anteriores bastante afastados entre si, bem musculosos. Patas fortes. Unhas pretas.

Cauda
De tamanho médio, de inserção baixa. Vai adelgaçando-se em direção à extremidade. Portada bastante baixa.

Pêlo
Curto, liso e cerrado.

Pelagem
Vermelha, fulva, branca, preta ou azul ou qualquer uma destas pelagens malhadas com branco. Qualquer tom de rajado com ou sem branco. O preto ou o marrom (fígado) devem ser proscritos.

Tamanho
De 35 a 40 cm.

Peso
Macho: de 12.7 a 17.2 kg
Fêmea: de 10.8 a 15.4 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Vigoroso, de uma coragem e de uma tenacidade excepcionais, intrépido e teimoso, revela-se equilibrado e calmo. Bem educado, sabe se mostrar terno e afetuoso com seus familiares. Combativo, é um guardião temível. Apresenta uma agressividade bastante marcada para com seus congêneres.

Conselhos
Adapta-se bem à vida em apartamento desde que possa se exercitar suficientemente. Escovação regular.

Utilizações
Guarda, companhia.

Australian Silky Terrier

Rechonchudo. Compacto. Moderadamente baixo. Porte Toy. Andadura fluente.

Ele provém de cruzamentos entre Terriers do Yorkshire e Terriers australianos. Nasceu no final do século XIX quando apareceram filhotes de pêlo sedoso em ninhadas de Terriers australianos. É provável que tenha havido uma introdução de sangue novo de Skye Terrier e de Cairn Terrier. A raça foi reconhecida em 1933 pela Sociedade canina de Sidney. Indivíduos foram exportados para a Grã-Bretanha e para os Estados Unidos. Ele apareceu na França no início de 1970, mas neste país continua raro.

4

Terriers de companhia

País de origem
Austrália

3

Outros Nomes
Terrier de Seda,
Sidney Terrier,
Terrier de Sidney,
Terrier australiano de pêlo sedoso

Nome de origem
Australian Silky Terrier

Raças pequenas
menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, reúne vivacidade, temperamento ardente mas equilibrado. Muito afeiçoado a seu dono, adora as crianças e é um bom companheiro. Seu instinto Terrier torna-o um rateiro temível. É preciso educá-lo de maneira firme.

Conselhos
Cão muito limpo, adaptado à vida em apartamento se puder sair durante muito tempo e com freqüência. Escovar e pentear regularmente.

Utilizações
Caça, companhia.

Cabeça
De tamanho moderado, forte. Crânio chato. Maxilares fortes. Lábios juntos e nítidos.

Olhos
Pequenos, redondos, da cor o mais escura possível.

Orelhas
Pequenas, em forma de V, finas, de inserção alta no crânio e retas.

Corpo
Moderadamente longo. Profundidade e largura do peito médias. Costelas bem arqueadas. Dorso reto. Lombo sólido.

Membros
Ossatura redonda. Patas pequenas, redondas. Dígitos bem fechados. Unhas pretas.

Cauda
Cortada e portada reta, sem franjas.

Pêlo
Fino, de textura sedosa. Comprimento de 13 a 15 cm da parte de trás das orelhas à raiz da cauda. A parte inferior dos membros não apresenta pêlos longos.

Pelagem
Azul e fogo ou cinza azulado e fogo. O azul da cauda deve ser escuro. Top-knot cinza azulado, fogo ao redor da base da orelha, no focinho e lateralmente nas bochechas, azul desde a base do crânio até a ponta da cauda, descendo pelos membros até os joelhos e os jarretes. Marcas fogo na parte inferior dos membros e sob a cauda. O corpo não deve apresentar marcas encarvoadas nem partes sombreadas escuras. Admite-se a cor preta nos filhotes. A cor azul deve estar presente por volta dos 18 meses.

Tamanho
Aproximadamente 22,5 cm.

Peso
De 3.5 a 4.5 kg

Terrier miniatura preto e castanho

Ele provém de cruzamentos de Manchester Terriers de pequeno porte entre si e representa a forma anã desta raça. Sob a influência de modismo, foi produzido no século XIX um cão miniatura que as senhoras escondiam dentro de seus regalos (Toy dog: cão-brinquedo, cão miniatural). A partir do século XX os criadores recriaram um tipo mais robusto e mais forte.

Bem proporcionado. Elegante. Compacto. Andadura semelhante ao trote alongado do cavalo.

Raças pequenas menos de 10 kg

4

Terriers de companhia

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
English Black and Tan, Black and Tan Terrier, Toy Manchester Terrier

Outros Nomes
Toy Terrier Preto e Fogo, Terrier Preto e Fogo, Toy, Terrier inglês preto e fogo, Pequeno Terrier inglês, Terrier inglês preto e fogo

3

Cabeça
Longa. Crânio estreito e chato. Stop leve. O focinho vai diminuindo suavemente. Maxilares fortes. Lábios juntos.

Olhos
Pequenos, amendoados, de inserção oblíqua, escuros, podendo ser pretos.

Orelhas
Com o formato da chama de uma vela (retas, longas e arqueadas), de extremidades ligeiramente pontiagudas, de inserção alta na região posterior do crânio e proporcionalmente próximas.

Corpo
Compacto. Pescoço longo, gracioso, ligeiramente arqueado. Peito estreito e alto. Costelas bem arqueadas. Dorso ligeiramente arqueado. Lombo bem recolhido.

Membros
De ossatura fina. Patas compactas, sendo as posteriores semelhantes às de gato.

Cauda
De inserção baixa, grossa na raiz, vai adelgaçando-se até a ponta. Não ultrapassa a ponta do jarrete.

Pêlo
Curto, denso, cerrado.

Pelagem
Preto e fogo (preto com marcas fulvas). O preto é ébano e a cor-de-fogo é semelhante a uma castanha de cor quente. A divisão entre as duas cores é nítida e bem definida.
Cor-de-fogo no focinho, na mandíbula, na garganta e na parte cranial dos membros anteriores. Mancha cor-de-fogo acima de cada olho e em cada bochecha.

Tamanho
De 25 a 30 cm.

Peso
De 2,7 a 3,6 kg

Temperamento, aptidões, educação
Enérgico, travesso, vivo, possui o temperamento de um Terrier. Alegre, afetuoso, é um companheiro agradável. Desconfiado para com os estranhos, dá ruidosamente o alarme com sua voz aguda. Sua educação deve ser firme.

Conselhos
Adaptado à vida em apartamento. Precisa de pouco exercício. Escovação diária.

Utilizações
Cão de companhia.

Mini Terrier de sala. Beleza refinada. Dignidade. Andadura fluente.

Yorkshire Terrier

Os ancestrais do Yorkshire (Clydesdale Terrier e/ou Paisley Terrier, Cão escocês preto e cor-de-fogo) migraram da região de Glasgow para o condado de York no início do século XIX. Eles foram cruzados com outras raças (Broke-Haired Terrier, atualmente desaparecido, Cairn Terrier, Bichon maltês) para chegar ao padrão de 1898, após seu nome ter sido adotado em 1886 pelo Kennel Club. Originalmente um cão de mineiros para caçar os ratos e um cão de caçador furtivo para o trabalho de toca, ele se tornou um cão de luxo. Desenvolveu-se nos Estados Unidos e na Europa e foi miniaturizado a partir de 1930. Em 1953 foi criado o primeiro clube francês. Atualmente é o cão miniatura mais popular do mundo.

4

Terriers de companhia

País de origem
Grã-Bretanha

3

Nome de origem
Yorkshire Terrier

Outros Nomes
Terrier anão do Yorkshire,
Terrier anão de pêlo longo,
Toy Terrier do Yorkshire,
Yorkie,
York

Raças pequenas
menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação

Este cão é vivo, impulsivo, repleto de vida, corajoso, mas teimoso. Extremamente afetuoso, convive dificilmente com crianças barulhentas. Muito ladrador, é capaz de dar o alarme. Dominador, não hesita em atacar cães maiores do que ele. Requer uma educação rigorosa para poder ser controlado.

Conselhos

Adapta-se bem à vida em apartamento mas seu temperamento esportivo requer exercícios. Escovar e pentear diariamente. Toilettage (pet shop) mensal.

Utilizações

Cão de companhia.

Cabeça

Muito pequena e chata. Crânio não muito proeminente ou redondo. Focinho não muito longo.

Olhos

De tamanho médio, escuros. A orla das pálpebras é escura.

Orelhas

Pequenas, em forma de V, portadas retas, não muito afastadas entre si. A cor é fulvo carregado e intenso.

Corpo

Compacto, lombudo. Pescoço elegante. Costelas moderadamente arqueadas. Dorso reto. Lombo bem mantido.

Membros

Retos. Patas redondas. Unhas pretas.

Cauda

É comum o corte a um comprimento médio. É portada um pouco mais alta que a linha superior do dorso. É revestida abundantemente com uma pelagem azul mais escuro do que no restante do corpo.

Pêlo

De um comprimento moderado no corpo, perfeitamente liso, de textura fina e sedosa. Na cabeça o pêlo é longo, fulvo dourado intenso. O pêlo pende perfeitamente reto a cada lado do corpo, separado por uma risca que se estende do nariz à extremidade da cauda. A parte inferior dos membros é fulvo dourado.

Pelagem

Azul-aço escuro (nunca azul prateado), estendendo-se do occipital à raiz da cauda, jamais mesclada de pêlos fulvos, bronze ou escuros. No antepeito a pelagem é fulva intensa. Todos os pêlos de cor fulva são mais escuros na raiz que no centro, ficando ainda mais claros nas pontas. O filhote nasce preto e alguns meses depois a pelagem se torna cinza-aço.

Tamanho

Aproximadamente 20 cm.

Peso

Até 3,1 kg

Grupo 4

Os Dachshunds

Ao lado: Dachshunds (Pêlo curto, Pêlo duro e Pêlo longo)

Dachshund

PÊLO CURTO

Este cão de caça ocupa sozinho o 4º grupo na nomenclatura da F.C.I.. Existem três variedades: Standard, Anão e Kaninchen. Cada variedade inclui três tipos de pêlo: pêlo curto (Kurzhaar), pêlo longo (Langhaar), pêlo duro (Rauhhaar).

A origem do Dachshund é misteriosa. A variedade de pêlo curto, a mais antiga, resulta do cruzamento de uma variedade baixa do Bruno du Jura com um Pinscher. Este Dachshund de pêlo curto deu origem às outras duas variedades. O de pêlo longo foi estabelecido no século XVII. O Dachshund de pêlo duro, criado no fim do século XIX, terá a sua origem no cruzamento do Dachshund de pêlo curto, o Schnauzer, o Dandie Dinmont Terrier e talvez o Terrier Escocês. O primeiro padrão foi redigido em 1879. O Deutscher Dachshund Club foi criado em 1888. O padrão foi estabelecido em 1925. A variedade standard, especialmente a de pêlo duro, é utilizada na procura de pista de sangue de peças grandes, na caça à lebre e ao coelho, e também para desentocar presas (raposa, tego). A variedade Kaninchen foi criada especialmente para a caça ao coelho. No início do século XX, a variedade de pêlo curto era a preferida pelos amadores, antes de dar lugar à variedade de pêlo duro que atualmente é a mais procurada.

4

1A

Basset. Longilíneo mas compacto. Cabeça portada com altivez

DACHSHUND

PAÍS DE ORIGEM
Alemanha

NOME DE ORIGEM
Dachshund
(= cão para caça ao texugo)

OUTROS NOMES
Teckel padrão (Talhe Normal – Dachshund), Teckel anão (Zwerg, Zwerg – Dachshund), Teckel de caça ao coelho (Kaninchen – Dachshund)

Raças pequenas menos de 10 kg

CABEÇA
Fina, alongada, continuando a afilar até a trufa. Crânio pouco volumoso. Stop pouco marcado. Cana nasal ligeiramente encurtada. Nariz estreito. Trufa finamente delineada, preta ou castanha conforme a cor da pelagem. Mandíbulas muito desenvolvidas. Lábios apertados.

OLHOS
De tamanho médio, ovais, do castanho avermelhado ao castanho preto. Os olhos gázeos são tolerados nos Teckels cinza e arlequim.

ORELHAS
Inserção alta, planas e arredondadas na extremidade, os bordos anteriores se apóiam na bochecha.

CORPO
Longo. Pescoço musculoso, seco, sem barbela. Esterno forte e bastante saliente. Tórax alto e largo. Caixa torácica vista de frente, é oval. Costelas com tendência para serem lisas. Dorso curto e rígido. Lombo curto, largo e firme, ligeiramente arqueado. Garupa longa, arredondada, compacta muito pouco inclinada para a raiz da cauda. Ventre bem retraído.

MEMBROS
Curtos e musculosos. Patas largas e redondas, ligeiramente viradas para o exterior nas patas dianteiras. Dedos apertados, bem arqueados.

CAUDA
Ligeiramente arqueada, não é portada alegremente.

PÊLO
- Pêlo curto: denso, acamado.
- Pêlo duro: espesso, com subpêlo. Bigode, sobrancelhas tufados e pêlo quase raso nas orelhas.
- Pêlo longo: macio, acamado, ligeiramente ondulado (lembra o do Setter irlandês), mais longo sob a garganta, sob o tronco, nas orelhas, na parte superior dos membros na extremidade da cauda (franjas).

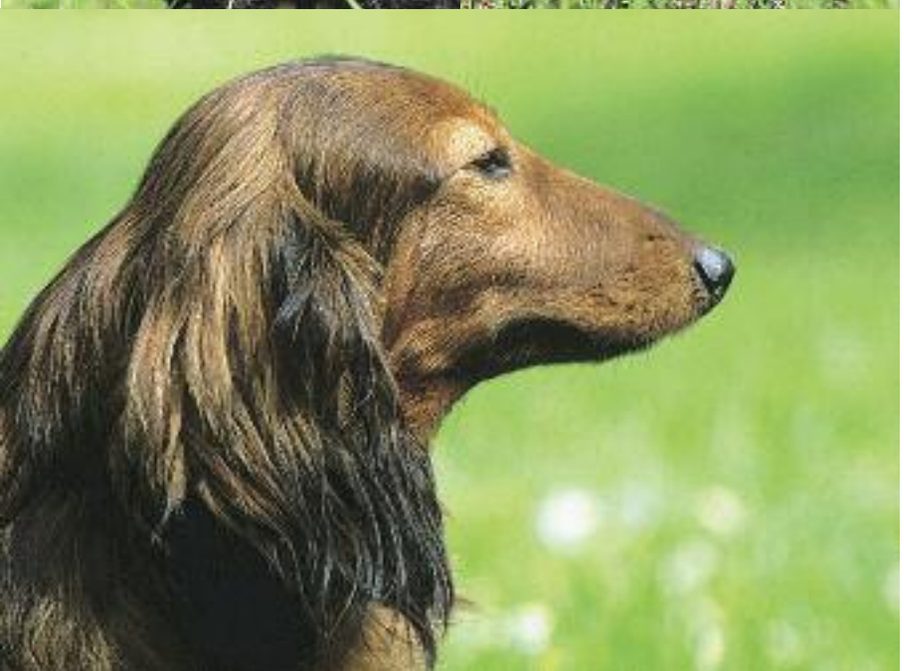
PELAGEM
- Pêlo curto : Unicolor: fulvo, amarelo-fulvo, amarelo ; todas estas cores puras ou mosqueadas com pêlos pretos. Bicolor: preto castanho, cinza, branco nas extremidades, cor de fogo com marcas sobre os olhos, dos lados do focinho, no peito, na parte superior dos membros, nas patas...
- Arlequim: base da pelagem castanho claro, cinza claro, branco com manchas irregulares castanho escuro, amarelo, amarelo-fulvo ou preto.
- Pêlo duro: todas estas cores admitidas.
- Pêlo longo: a mesma pelagem que o Teckel de pêlo curto.

TAMANHO
Conforme as variedades: de 26 a 37 cm

PESO
Dachshund standard: inferior a 9 kg. Ideal: 6,5 a 7 kg. Dachshund anão: inferior a 4 kg aos 18 meses. Caixa torácica inferior a 35 cm. Dachshund Kaninchen: inferior a 3,5 kg. Caixa torácica inferior a 30 cm.

Pelo longo

Pêlo duro



Temperamento, aptidões, educação

Robusto, corajoso e resistente, o Dachshund nem sempre apresenta bom temperamento. Independente, morde facilmente, lutador e dominante em relação aos outros cães, ladrador e portanto um cão de guarda e de aviso. Afetuoso, alegre, mas possessivo e muitas vezes ciumento. O Dachshund de pêlo curto é o mais vivo, o de pêlo duro o mais rústico e o mais caçador. O de pêlo longo é o mais calmo. Na verdade, qualquer Dachshund deve receber, desde pequeno, uma educação firme mas com doçura.

Conselhos

Adapta-se bem à cidade, especialmente o Dachshund de pêlo longo, mas o exercício é indispensável para seu equilíbrio. Escovação e penteados em especial para as variedades de pêlo duro e pêlo longo.

Utilização

Caça, guarda e companhia.

Grupo 5

Seção 1
Malamute do Alasca
Cão da Groenlândia
Samoieda
Husky Siberiano

Seção 2
Elkhoud Norueguês
Cão de caça ao cervo Sueco
Cão norueguês de Macareux
Cão de urso da Carélia
Laika
Spitz Finlandês
Spitz de Norboten

Seção 3
Pastor Finlandês da Lapônia
buhund Norueguês
Cão da Islândia
Cão Finlandês da Lapônia
Spitz da Lapônia
Spitz dos Visigodos

Seção 4
Spitz Alemão
Vulpino Italiano

Seção 5
Akita inu
Chow Chow
Cão da Eurásia
Hokkaïdo
Kai
Kishu
Korea Jindo Dog
Shiba
Spitz Japonês

Seção 6
Basenji
Cão de Canãa
Cão do Faraó
Pelado Mexicano
Pelado Peruano

Seção 7
Podengo Ibicenco
Podengo Português
Cirneco do Etna

Seção 8
Cão Tailandês de crista dorsal

Ao lado: Akita inu

Malamute do Alasca

Durante séculos foi o auxílio indispensável dos Esquimós do Alasca. Tem o nome da tribo esquimó dos Mahlamutes donde é originário. Foi utilizado na caça ao alce e como guarda dos acampamentos. Mais lento que o Husky, é o mais forte dos cães de trenó, apelidado de "locomotiva das neves". No fim do século XIX, estava em via de extinção. Os cinófilos americanos o salvaram. Foi reconhecido pelo American Kennel Club em 1935. Sua criação na França principiou em 1975, mas continuam a existir em baixo número.

O maior e o mais possante dos cães de trenó. Porte orgulhoso e altivo. Aspecto lupóide marcado. Movimentação flexível.

1

CÃES NÓRDICOS DE TRENÓ

PAÍS DE ORIGEM
Estados Unidos

OUTROS NOMES
Malhmut,
Alaskan Malamute

5

Raças grandes de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação

Robusto, resistente, calmo e determinado, de temperamento independente, mas menos fogoso que o Husky. Afetuoso, jovial com os seus donos, meigo com as crianças, é um companheiro excelente. Fraco guarda pois não é ladrador, não é agressivo e é muito sociável. Com forte instinto de matilha, tende a ser dominador com outros cães. Necessita de educação firme desde pequeno.

Conselhos

Poderá viver na cidade, mas suporta mal a solidão e a vida sedentária. Fechado, poderá destruir um apartamento. Para seu equilíbrio físico e psíquico, necessita de saídas longas e freqüentes e se possível puxando cargas. Sofre com o calor. Escovação duas vezes na semana. Na mudança de pêlo, trimming diário.

Utilização

Trenó (cargas pesadas em longas distâncias), companhia.

CABEÇA
Grande e forte. Crânio largo. Stop pouco definido. Focinho forte e maciço. Trufa negra ou castanha nos cães com pelagem fulva. Lábios bem ajustados.

OLHOS
Amendoados, oblíquos, de cor marrom. Os olhos de cor azul é uma falta eliminatória.

ORELHAS
De tamanho médio, triangulares, retas e bem afastadas.

CORPO
Compacto e bem musculoso. Pescoço forte. Peito bem desenvolvido. Dorso direito. Lombo sólido, bem musculoso.

MEMBROS
Possantes, esqueleto forte. Patas grandes, compactas e espessas.

CAUDA
Guarnecida de longos pêlos mantida sobre o dorso, em foice.

PÊLO
Espesso, rude, nunca é longo nem macio. Subpelo denso, de 2,5 a 5 cm, gorduroso e lanoso. O pêlo é mais longo nos ombros, no pescoço, ao longo do dorso, na garupa, nas coxas e na cauda.

PELAGEM
Do cinza claro ao negro, passando por tonalidades intermediárias e da cor de areia passando por tonalidades intermediárias a fulva. São permitidas combinações de cores no subpelo. A única cor uniforme admitida é o branco. O branco é sempre preponderante nas partes inferiores do tronco, parte dos membros, pés e uma parte das marcas que formam a máscara.

TAMANHO
Macho: 65 cm
Fêmea: 58 cm

PESO
Macho: 38 kg
Fêmea: 34 kg

Cão da Groenlândia

Este Spitz polar tem certamente sangue de lobo boreal. Originário das regiões árticas, este cão muito puro foi selecionado há milhares de anos pelos Esquimós devido a sua energia e potência. P.E. Victor deu a conhecer este cão esquimó em 1936, quando trouxe os primeiros exemplares que tinha utilizado em suas expedições polares. É muito pouco conhecido na França.

Corpo um pouco mais alto do que longo. Feito para resistir. Impressão de energia e de potência.

Raças grandes de 25 a 45 kg

1

Cães nórdicos de trenó

País de origem
Países Escandinavos

Nome de origem
Grönlandshund

Outros nomes
Groenlandês, Esquimó da Groenlândia

5

Cabeça
Lupóide. Crânio largo, ligeiramente abobadado. Stop pronunciado. Cana nasal direita e grande. Focinho em forma de cunha. A trufa deve ser negra no verão, mas pode tornar-se cor de carne no inverno. Lábios finos e bem encaixados.

Olhos
Ligeiramente oblíquos, escuros, de preferência.

Orelhas
Pequenas, triangulares e arredondadas nas extremidades, mantidas direitas.

Corpo
Forte e bem musculoso. Pescoço muito forte, sobre o curto. Peito muito largo. Dorso direito. Garupa ligeiramente inclinada. Ventre não retraído.

Membros
Bem musculosos, esqueleto pesado. Patas um tanto grande, fortes, arredondadas.

Cauda
Espessa, curta, inserida alto e portada bem enrolada sobre o dorso.

Pêlo
Espesso, reto, rude. O pêlo é curto na cabeça e nos membros, mais comprido no corpo, abundante e longo na parte inferior da cauda. Subpelo denso e macio.

Pelagem
Todas as cores, lisas ou misturadas são também admitidas, com exceção dos albinos.

Tamanho
Macho : 60 cm e mais.
Fêmea: 55 cm e mais.

Peso
Aproximadamente 30 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, de vigor excepcional, resistente, capaz de resistir às mais baixas temperaturas. De temperamento vivo e independente. Afetuoso, sociável é um companheiro agradável. Pode fazer guarda, mas não é agressivo. Sua maneira de comunicar inclui queixas e rangidos (sinal de submissão), roncos (agressividade), latidos (excitação) e uivos (coesão no meio da matilha...). Disputa-se com os outros cães. Necessita de educação firme.

Conselhos
Não está adaptado a viver dentro de casa nem em climas temperados. Necessita de muito exercício. Puxar o trenó é o esporte mais indicado. Escovação regular.

Utilização
Caça (urso, focas), tração (trenó), guarda, companhia.

Samoieda

Este Spitz do Ártico descende diretamente daquele que outrora acompanhava as tribos Samoiedas em suas migrações. Pertence a uma das mais antigas raças da Sibéria. Guardava os rebanhos, caçava o urso e a morsa. Os primeiros Samoiedas chegaram na Grã-Bretanha em cerca de 1890. O explorador, R. Scott nos fez conhecer esta raça, capaz de puxar grandes pesos ao longo de grandes distâncias e que em seguida foi difundida em todo o mundo. A criação se iniciou na França nos anos 20.

Tipo Spitz. Pode se inscrever num quadrado. Possante, elegante. Digno. Trotador. Andadura desenvolta e enérgica.

1

Cães nórdicos de trenó

País de origem
Países Nórdicos

5

Nome de origem
Samoiedskaïa Sabaka

De 10 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, robusto, enérgico, ativo, de temperamento independente, seguro, calmo. Afetuoso e dócil é um companheiro excelente. Sabe ser um guarda atento. Muito ladrador. Exige uma educação firme, mas afetuosa e paciente.

Conselhos
Não poderá ficar confinado a um apartamento. Necessita de espaço e exercício. Escovação diária. Na mudança de pêlo, trimming quotidiano.

Utilização
Caça (morsa...), tração (trenó), guarda, companhia.

Cabeça
Forte. Crânio em forma de cunha. Stop bem marcado. Cana nasal retilínea. Focinho forte e alto, que vai afilando até à trufa. Lábios bem apertados e pretos. A boca é ligeiramente levantada nos cantos de modo a formar "o sorriso de Samoieda".

Olhos
Amendoados, ligeiramente oblíquos, bem afastados, marrom escuro. O contorno dos olhos é negro.

Orelhas
Inseridas alto, relativamente pequenas, triangulares, eretas, boa mobilidade.

Corpo
Robusto, compacto musculado. Pescoço forte mantido direito. Peito largo, bem descido. Dorso musculado e direito. Garupa forte, musculada, ligeiramente inclinada. Ventre moderadamente retraído.

Membros
Musculosos, esqueleto forte. Patas ovais. Dedos ligeiramente afastados e arqueados.

Cauda
Mantida enrolada para a frente sobre o dorso ou de lado. Pode ser pendente. Pêlo abundante.

Pêlo
Abundante, pesado, flexível, denso. Pêlo longo, direito, duro. Subpelo curto, denso, macio e serrado. Juba em volta do pescoço e ombros, sobretudo no macho. O pêlo é curto na cabeça e parte da frente dos membros .

Pelagem
Branco, creme ou branco e biscoito (o fundo é branco com ligeiras marcas biscoito).

Tamanho
Macho : cerca de 57 cm
Fêmea: cerca de 53 cm

Peso
Macho : 20 a 30 kg
Fêmea: de 17 a 25 kg

Husky Siberiano

Na língua francesa do Canadá, Husky ("enrouquecido") significa todos os cães de voz rouca que puxam os trenós. Originária da Sibéria do Norte, esta raça que provavelmente descende do lobo, foi desenvolvida por um povo aparentado com os Esquimós, os Chukchis. Em 1909, foi introduzido no Canadá para participar em concursos de trenós. O primeiro padrão data de 1930 e o primeiro clube americano foi criado em 1938. O Husky chegou à Europa a partir de 1950 e a raça foi reconhecida pela F.C.I. em 1966. Desde 1972, ano em que os primeiros Huskies foram introduzidos na França, assistimos a um desenvolvimento espetacular da sua população.

O menor e o mais leve dos cães nórdicos.
O mais rápido. Puro-sangue elegante.
Proporções harmoniosas.
Movimentação leve e viva.

De 10 a 45 kg

1

Cães nórdicos de trenó

País de origem
América do Norte

Nome de origem
Siberian Husky

5

Cabeça
Cabeça de aspecto leve. Crânio ligeiramente arredondado no cimo. Stop bem marcado. Cana nasal reta. Focinho de largura média. Lábios bem pigmentados. Trufa de cor em harmonia com a pelagem.

Olhos
Em amêndoa, ligeiramente oblíquos. De cor marrom ou azul. Se admite um olho de cada cor ou os olhos com estes dois tons.

Orelhas
De tamanho médio, triangulares, próximas e de inserção alta. Espessas, revestidas de boa pelagem, mantidas bem retas.

Corpo
Moderadamente compacto. Pescoço harmonioso, mantido orgulhosamente quando o cão está em pé. No trote, adianta o pescoço portando a cabeça ligeiramente à frente. Peito alto, forte e não demasiado largo. Dorso direito, sólido, de comprimento médio. Lombo tendido e seco. Garupa inclinada mas nunca rebaixada.

Membros
Bem musculosos, esqueleto forte. Patas ovais alongadas, compactas. Almofadas plantares duras.

Cauda
Bem guarnecida (em escova), portada acima do dorso enrolada em foice.

Pêlo
De comprimento médio, reto, um pouco acamado, nunca duro. Subpêlo macio e denso.

Pelagem
São admitidas todas as cores, do negro ao branco puro. Variedade de marcações que inclui vários desenhos típicos.

Tamanho
Macho: de 54 a 60 cm
Fêmea: de 51 a 56 cm

Peso
Macho: de 20 a 28 kg
Fêmea: de 15,7 a 23 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, extremamente resistente, muito independente e fugaz. Afetuoso, sociável, é um companheiro agradável. Não é um cão de guarda pois não desconfia de quem não conhece. Não é muito agressivo com os outros cães. O seu instinto de caça é muito forte, pelo que a propriedade em que reside deve estar bem vedada. Sua educação deverá ser firme para que considere seu mestre como o chefe da matilha.

Conselhos
Feito para a vida ao ar livre, fica infeliz num apartamento. Necessita de atividade intensa para manter seu equilíbrio. Escovação semanal. Desbaste em período de muda de pêlo.

Utilização
Cão de trenó (cargas leves em velocidades moderadas em longas distâncias), cão de companhia.

Spitz Típico. De construção geral sólida.

Elkhound Norueguês

Originária da Noruega, esta raça muito antiga vivia com os Vikings. É um caçador temível, que não hesita em atacar caça grande (veado, cervo, urso, lobo). Foi apresentado pela primeira vez em 1877 e reconhecido pelo Kennel Club pela primeira vez em 1901. Esta raça inclui duas variedades:
- Elkhoud norueguês cinza
- Elkhoud norueguês preto.

5

2

Cães nórdicos de caça

País de origem
Noruega

Nome de Origem
Norsk Elghund Grä (cão de alce norueguês cinza), Norsk Elghund Sort (cão de alce norueguês Negro.

Outros nomes
Elkhound, Elkshund

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, esportivo, corajoso, ao mesmo tempo independente e muito sociável, calmo. Afetuoso, sensível com seu dono, muito meigo com as crianças, é um bom companheiro. Seu faro muito desenvolvido lhe permite localizar um alce a vários quilômetros de distância. Se exprime graças a uma grande variedade de latidos. É um bom guarda porque é muito vigilante. Pode ser agressivo para com outros cães. Deve receber uma educação firme mas com suavidade.

Conselhos
A vida de cidade não é aconselhada. Deve exteriorizar sua energia em grandes espaços livres, se possível na floresta. Escovação e penteação diária.

Utilização
Rebanho, tração (trenó). Cão de utilidade: militar. Cão de companhia.

Cabeça
Larga entre as orelhas. Crânio quase plano. Stop nitidamente marcado. Cana nasal reta. Focinho moderadamente longo. Mandíbulas fortes. Lábios bem fechados.

Olhos
De cor castanha, o mais escuro possível.

Orelhas
Inseridas bem altas, firmes, pontiagudas, retas.

Corpo
Compacto, curto. Pescoço firme, musculoso, sem barbela. Peito largo e profundo. Costelas bem arredondadas. Dorso grande e direito. Lombo curto e musculoso. Ventre muito pouco retraído.

Membros
Vigorosos, boa ossatura. Patas compactas, ovais. Dedos bem apertados.

Cauda
Inserção alta, espessa, bem enrolada no dorso, mas não de lado. Pêlo espesso e denso.

Pêlo
Rude, espesso, abundante. Curto sobre a cabeça e bordos dianteiros dos membros, mais longo no peito, pescoço (juba), bordos posteriores dos membros anteriores e coxas. Longo nas extremidades. Subpelo lanoso, claro na variedade cinza, negro na variedade negra.

Pelagem
- Cinza de variadas tonalidades com extremidades pretas no pêlo mais longo ; mais claro no peito, ventre, membros e a parte inferior da cauda.
- Preto brilhante. Aceita-se um pouco de branco no peito, membros anteriores e pés.

Tamanho
Cinza
Macho : cerca de 55 cm.
Fêmea: cerca de 49 cm.
preto
Macho : cerca de 47 cm.
Fêmea : cerca de 44 cm.

Peso
Cinza
Macho : cerca de 23 kg
Fêmea: 20 kg
Preto : cerca de 20 kg.

Cão de caça ao cervo Sueco

Obteve seu nome da região da Jämtland, na Suécia.
De origem muito antiga, é um caçador de cervos
e de ursos, cão de trenó e de guarda de rebanhos.
A raça foi fixada em 1953.
Continua muito rara fora de seu país.

Spitz de grande porte.

Raças grandes de 25 a 45 kg

2

Cães nórdicos de caça

País de origem
Suécia

Nome de Origem
Jämthund

5

Cabeça
Longa, seca, relativamente larga. Crânio ligeiramente volumoso. Stop marcado. Cana nasal direita. Lábios bem unidos.

Olhos
Ligeiramente ovais, pequenos, castanhos-escuros.

Orelhas
Inserção alta, tendendo a pequenas, bem levantadas, pontiagudas.

Corpo
Compacto, sólido e seco. Pescoço longo, forte, sem barbela. Peito largo. Dorso direito em declive ligeiro do garrote à garupa. Lombo bem desenvolvido. Garupa larga, ligeiramente inclinada. Ventre ligeiramente retraído.

Membros
Fortes. Patas fortes, ligeiramente ovais. Dedos bem juntos.

Cauda
Inserção alta, de comprimento médio, espessa, bem enrolada sobre o dorso.

Pêlo
Longo e duro com extremidades escuras. Curto e liso na cabeça e na parte da frente dos membros, mais comprido no pescoço, no peito, na cauda e na parte de trás dos membros. Subpêlo mais curto, macio, claro, branco preferencialmente.

Pelagem
Cinza escuro ou cinza claro. Partes cinza claro ou cor creme no focinho, nas bochechas, na garganta são características.

Tamanho
Macho: 65 cm
Fêmea: 58 cm

Peso
Cerca de 30 kg

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, corajoso, destemido, é um cão equilibrado e calmo. Amigável, meigo com as crianças, mostra ser um bom companheiro. Um pouco dominador com outros cães, também é um bom cão de guarda.

Conselhos
Não é um cão de cidade. Necessita de espaço e muito exercício. Escovação e penteação diária.

Utilização
Rebanho. Cão de utilidade : exército, trenó, caça (cervo, urso, caça miúda (marta, arminho...), companhia.

Cão Norueguês de Macareux

Porte pequeno. Tipo Spitz. Flexível, bastante leve. Movimentação elástica com movimentos circulares externos dos membros anteriores.

É originário do arquipélago de Lofoten e mais particularmente da ilha de Vaeroy, no norte da Noruega. A aldeia de Mostad terá sido o berço desta raça. Outrora era utilizado para caçar nas falésias as aves palmípedes, os macaréus (Lunde em norueguês) e na guarda de rebanhos. Depois do abandono desta caça, ela esteve à beira da extinção e só foi reconstituída depois de 1960. No entanto, as suas características anatômicas semelhantes às dos animais primitivos desaparecidos e as suas aptidões, fazem dele um cão muito apreciado, e tornou-se cão de companhia. É muito raro na França.

2

Cães nórdicos de caça

País de origem
Noruega

Nome de Origem
Norsk Lundehund

Outros Nomes
Lundehund,
Cão de Mostad

5

Raças pequenas menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Vigoroso, enérgico, alerta, vivo, dotado de um temperamento independente, não agressivo. Alegre, afetuoso, é um bom companheiro.
Muito ágil. Pode virar a cabeça para trás até o dorso, graças à maleabilidade de seu pescoço. Consegue afastar os membros anteriores até quase formarem 180°. Necessita de uma educação firme.

Conselhos
Não pode ficar confinado a um apartamento. Necessita de espaço e muito exercício. Escovação e penteação regular.

Utilização
Caça, companhia.

Cabeça
De largura média, em forma de cone. Crânio ligeiramente arredondado. Arcadas supercíliais salientes. Stop pronunciado. Cana nasal ligeiramente convexa. A ausência de premolares é muito expandida .

Olhos
Ligeiramente amendoados, castanhos-amarelados.

Orelhas
De tamanho médio, triangulares, largas na base, mantidas direitas e com muito boa mobilidade. As orelhas se dobram e se deitam para fechar o canal auditivo quando o cão está debaixo de água.

Corpo
Retangular, forte. Pescoço bastante forte com juba. Peito longo, bem descido. Dorso direito. Garupa ligeiramente inclinada. Ventre ligeiramente retraído.

Membros
Fortes. Patas ovais, ligeiramente viradas para o exterior. Seis dedos em cada pé. Oito almofadas plantares nos membros anteriores; sete almofadas plantares nos membros posteriores.

Cauda
Inserção alta, de comprimento médio, bem guarnecida de pêlos. Mantida quer em anel, quer ligeiramente enrolada sobre o dorso, quer pendente.

Pêlo
Denso e abundante. Curto na cabeça e na parte da frente dos membros, mais abundante no pescoço, na parte de trás das coxas e na cauda. Subpelo macio.

Pelagem
Cor sempre combinada com o branco; de ruivo a fulvo; pelagem mais ou menos salpicada de pêlos com extremidades pretas; cinza; branco com manchas escuras. As extremidades dos pêlos escurecem com a idade.

Tamanho
Macho: de 35 a 38 cm
Fêmea: de 32 a 35 cm

Peso
Macho: cerca de 7 kg
Fêmea: cerca de 6 kg

Cão de urso da Carélia

Estreitamente aparentado com o Laika, vem de uma velha raça finlandesa à qual os criadores russos trouxeram o sangue do pastor Utchak. A sua região de origem, a Carélia, estende-se do norte de S. Petersburgo até à Finlândia. Inicialmente era utilizado para a caça ao alce, depois ao urso e caça grossa. A raça foi reconhecida pela F.C.I. em 1946.

Constituição robusta. Um pouco mais longo do que alto.

2

Cães nórdicos de caça

País de origem
Finlândia

Nome de Origem
Karjalankarhukoïra
("derrubador de ursos")

Raças médias de 10 a 25 kg

5

Cabeça
Vista de frente, é triângular. Crânio largo. Testa ligeiramente convexa, larga. Stop marcado. Focinho alto. Cana nasal reta. Trufa desenvolvida. Lábios finos e bem ajustados.

Olhos
Pequenos, castanhos.

Orelhas
Levantadas, de tamanho médio, com as pontas ligeiramente arredondadas.

Corpo
Sólido. Pescoço forte, harmonioso. Peito amplo. Dorso reto e flexível. Garupa larga, ligeiramente inclinada.

Membros
Fortes. Patas apertadas, bastante redondas.

Cauda
Inserção alta, de comprimento médio, enrolada em arco sobre o dorso.

Pêlo
Rígido, áspero ao toque, mais comprido no pescoço, no dorso e na parte traseira das coxas. Subpelo macio, denso.

Pelagem
Preta, ou de uma cor que se aproxima do marrom mate proveniente dos reflexos do subpelo geralmente ruivo. Manchas ou marcações brancas na cabeça, ventre e membros. Pelagem branca com manchas preta é admitida.

Tamanho
Macho: 57 cm (ideal).
Fêmea: 52 cm (ideal).

Peso
Aproximadamente 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Muito rústico, muito resistente, este cão é esforçado, corajoso, enérgico. Natureza equilibrada, é independente e pouco sociável. É meigo em família embora não tenha a reputação de ser exatamente o tipo de cão de companhia. Graças ao seu faro bem desenvolvido, persegue a caça grossa. É um bom cão de guarda, mas não é cão pastor nem de trenó. Devido a sua agressividade latente, não deve ser educado para o ataque. A sua educação deverá ser firme.

Conselhos
Não deve ser fechado em apartamento. Necessita de muito espaço e exercício para libertar toda sua energia. Escovação diária.

Utilização
Caça (caça grossa), guarda, companhia (?).

Laïka

Pertencente à família dos Spitz, esta raça russa compreende três variedades:
- O Laïka russo-europeu, descendente dos Laïki de caça, é originário do norte da Rússia e atualmente é desenvolvido principalmente no centro do país.
- O Laïka da Sibéria ocidental, originário especialmente das regiões ao norte dos Urais, é o resultado de cruzamentos entre os Laïki (Laïka Chanteiska e Laïka Mansiaka) e cães de caça.
- O Laika da Sibéria oriental, proveniente das grandes florestas do leste do país, é o resultado de cruzamentos entre vários Laïki (Ewenkien, Lanutsien e outros). São utilizados na caça grossa no norte. Lembremos ainda que uma cadela Laïka foi lançada como "primeira embaixadora do mundo dos vivos" numa nave espacial no dia 3 de Novembro de 1957 (Sppoutnik II).

Constituição robusta.
Pele espessa.

2

Cães nórdicos de caça

País de origem
Rússia

5

Nomes de Origem
Três variedades:
- Russko-Evropeiskaïa Laïka (Laïka Russo – Europeu)
- Zapadno – Sibirskaïa Laïka (Laïka da Sibéria ocidental)
- Vostotchno Sibirskaïa Laïka (Laïka da Sibéria oriental)

De 10 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, sempre alerta, tem um temperamento consistente, equilibrado. É barulhento (laïka significa "ladrador"). Muito exclusivo com seu dono, é muito desconfiado com estranhos. Necessita de educação firme.

Conselhos
Não está adaptado à vida em apartamento. Necessita de espaço e muito exercício.

Utilização
Cão de caça. Cão de trenó. Cão de caça. Cão de guarda. Cão de companhia.

Cabeça
Não muito grande. O crânio tem forma de um triângulo isósceles. Stop pouco pronunciado. Focinho seco. Lábios bem ajustados.

Olhos
Não muito grandes, ovais, em viés, escuros.

Orelhas
Triangulares, eretas, boa mobilidade, extremidade pontiagudas.

Corpo
Forte. Cernelha bem desenvolvida. Peito desenvolvido, bem descido. Dorso sólido, musculoso. Lombo curto, ligeiramente em cúpula. Garupa larga, ligeiramente oblíqua. Ventre retraído.

Membros
Fortes, esqueleto sólido. Patas ovais. Dedos apertados.

Cauda
Em forma de forquilha ou enrolada, mantida sobre o dorso ou na parte de trás das coxas.

Pêlo
- Laïka russo-europeu e Laïka da Sibéria ocidental : duro, reto, curto na cabeça e orelhas. Mais comprido no pescoço, no cernelha e nos ombros. Franjas nas traseiras dos membros. Subpelo bem desenvolvido.
- Laïka da Sibéria oriental : longo, grosso, apertado, ereto. Cabeção e juba no macho. Subpelo denso e flexível.

Pelagem
- Laïka russo-europeu : negro, cinza, branco, sal e pimenta, escuro com manchas brancas, branco com manchas escuras.
- Laïka da Sibéria ocidental : branco, preto e sal, vermelho ou cinza em todas as tonalidades. Admite-se preto.
- Laïka da Sibéria oriental : negro salgado, branco, cinza, preto, vermelho ou castanho em todas as tonalidades ; manchado ou matizado.

Tamanho
Laïka russo-europeu :
Macho: de 52 a 58 cm
Fêmea: de 50 a 56 cm
Laïka da Sibéria ocidental:
Macho: de 54 a 60 cm
Fêmea: de 52 a 58 cm.
Laïka da Sibéria oriental :
Macho: de 55 a 63 cm
Fêmea: de 53 a 61 cm

Peso
De 20 a 30 kg

Spitz Finlandês

Provavelmente chegou na Finlândia com as tribos nômades provenientes dos confins asiáticos. Tem ligações com o Laïca russo. Outrora era utilizado pelos caçadores lapões para seguir o alce e o urso, hoje caça pássaros (por exemplo a galinha do mato). O primeiro padrão foi redigido em 1892. Foi reconhecido pelo Kennel Club em 1935. A sua criação foi iniciada na França em 1968.

Porte altivo. Andadura nobre.

De 10 a 45 kg

2

Cães nórdicos de caça

País de origem
Finlândia

Nome de Origem
Suomenpystykorva ("cão com orelhas pontiagudas")

Outros Nomes
Spitz finlandês, Finks Spets, Finkie, Lulu finlandês

5

Cabeça
De tamanho médio, seca, lembra a cabeça da raposa. Testa ligeiramente arqueada. Stop pronunciado. Focinho estreito, em ponta, seco. Lábios apertados e finos .

Olhos
De tamanho médio, escuros.

Orelhas
Eretas, muito pontiagudas, boa mobilidade, pêlo fino.

Corpo
Quase quadrado. Pescoço musculado. Peito profundo. Dorso direito e forte. Ventre ligeiramente retraído

Membros
Fortes. Patas redondas.

Cauda
Vigorosamente recurvada sobre o lombo e contra a coxa.

Pêlo
Curto sobre a cabeça, e a parte dianteira dos membros. Mais longo e reto sobre o corpo, a parte posterior dos membros e a cauda. Muito mais longo nos ombros, principalmente no macho. Subpelo curto, macio, denso, de cor clara.

Pelagem
No dorso, castanho-avermelhada ou amarelo-avermelhada. Tonalidade mais clara nas bochechas, por baixo do focinho, no peito, no abdômen, no interior dos membros, parte posterior das coxas e por baixo da cauda. Manchas brancas nos pés e uma estreita risca branca no antepeito são permitidas assim como pêlos pretos nos lábios e ao longo do dorso.

Tamanho
Macho : de 44 a 50 cm .
Fêmea: de 39 a 45 cm .

Peso
De 23 a 27 kg

Temperamento, aptidões, educação
Muito vigoroso, particularmente corajoso, alegre, é um companheiro apreciado. O seu entusiasmo a caçar é utilizado para marcar os pássaros que levantam vôo. É muito conversador com uma grande variedade de cacarejos e de "latidos". Devido a sua grande desconfiança para com estranhos, este cão é um excelente guarda. O seu temperamento sensível necessita de uma educação firme mas sem brutalidade.

Conselhos
Adapta-se bem à vida em apartamento, desde que não seja deixado só por muito tempo e que tenha bastante espaço e exercício. Este cão é muito limpo. Escovação diária. Não necessita de cuidados de limpeza.

Utilização
Caça, guarda, companhia.

Spitz de Norboten

Raça muito antiga, originária da região de Norrbotten, no norte da Suécia, descendente direto do cão das turfeiras. Este cão de caça (pássaros, lebres, coelhos) é utilizado para puxar trenós leves.

Tipo Spitz. Construído em "cob". Bem constituído. Andadura flexível e regular.

2

Cães nórdicos de caça

País de origem
Suécia

5

Nome de Origem
Norbottenspets

Raças pequenas menos de 10 kg

Cabeça
Seca, forte, cuneiforme. Crânio moderadamente largo, tendendo a plana. Testa ligeiramente em cúpula. Stop pouco acentuado. Arcadas superciliares bem acentuadas. Cana nasal direita. Focinho muito pontiagudo. Lábios finos, secos.

Olhos
De tamanho médio, amendoados, colocados em oblíquo, castanho escuro.

Orelhas
Inserção alta, rígidas, bem mantidas.

Corpo
Inscreve-se num quadrado. Pescoço seco, mantido alto. Antepeito bem desenvolvido. Peito de profundidade moderada. Dorso curto, forte, musculado. Lombo curto e largo. Garupa bem musculosa, ligeiramente rebaixada. Ventre moderadamente semelhante à dos lebreiros.

Membros
Musculosos. Patas pequenas, sólidas, bem fechadas.

Cauda
Inserção alta, mantida em arco com círculo bastante alto, enrolada de lado, com a ponta tocando o lado da coxa.

Pêlo
Curto, duro, apertado. Pêlo curto na cabeça e parte dianteira dos membros. Mais longo em volta do pescoço, na parte posterior das coxas e sob a ponta da cauda. Subpelo fino e denso.

Pelagem
São admitidas todas as cores. A pelagem ideal é de fundo branco com marcações amarelas ou alaranjadas.

Tamanho
Macho: cerca de 45 cm .
Fêmea: cerca de 42 cm .

Peso
Aproximadamente de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, corajoso, tenaz, muito ativo, cheio de animação, este cão que nunca está nervoso nem é agressivo, tem um bom temperamento. Se entende com as crianças. É um bom guarda.

Conselhos

Pode se adaptar à vida na cidade se tiver passeios longos e frequentes.Escova- ção regular.

Utilização
Caça, guarda. Cão de companhia.

Pastor Finlandês da Lapônia

Há séculos é utilizado na guarda dos rebanhos de renas, para as defender de ursos e lobos. Acredita-se ser o resultado do cruzamento do Spitz da Lapônia com o Pastor Alemão.

Porte médio. Ossatura e musculatura desenvolvidas.

Raças médias de 10 a 25 kg

3

Cães nórdicos de caça

País de origem
Finlândia

Nome de Origem
Lapinporokoïra

5

Cabeça
De comprimento médio, ligeiramente arqueada no crânio. Stop bem visível. Focinho reto. Lábios fechados.

Olhos
Bastante afastados, escuros.

Orelhas
Bastante curtas, eretas, viradas para a frente.

Corpo
Mais comprido do que alto. Pescoço seco, vigoroso. Peito profundo e largo. Dorso reto, vigoroso. Garupa ligeiramente inclinada. Abdômen ligeiramente retraído.

Membros
Fortes. Patas apertadas. Esporões indesejáveis.

Cauda
De comprimento médio, espessa, não enrolada, livremente curvada, se apóia na anca.

Pêlo
De comprimento médio, reto, bastante armado, rijo. Mais espesso e mais longo no pescoço, no peito e exterior das coxas. Subpelo macio e espesso.

Pelagem
As várias tonalidades de preto, cor de fogo. Muitas vezes "olhos duplos" brancos e uma cor mais clara que a cor principal (acinzentada ou acastanhada preferencialmente) nas bochechas, por baixo do corpo e nos membros. Marcações brancas no pescoço, peito e membros são autorizadas.

Tamanho
Macho: de 49 a 55 cm .
Fêmea: de 43 a 49 cm .

Peso
Aproximadamente de 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Cão enérgico, de temperamento calmo, é um agradável companheiro. Ladra facilmente, o que o torna um bom cão de guarda.

Conselhos
Necessita de espaço e de muito exercício para gastar sua energia. Escovação diária.

Utilização
Rebanho, guarda, companhia.

Buhund Norueguês

Tipo Spitz. Construção leve.
Pode se inscrever num quadrado.

Seu nome vem do norueguês "bu" que significa "estábulo" e "buhund", cão pastor. Esta raça muito velha foi utilizada para vigiar o gado e sobretudo como cão de guarda. Os Noruegueses o introduziram na Islândia onde teve seu papel na criação do pastor da Islândia. Fora do seu país se encontra muito pouco. A raça foi reconhecida pelo Kennel Club em 1968.

5

3

Cães nórdicos de caça pastoreio

País de origem
Noruega

Nome de Origem
Norsk Buhund,
Norwegian Buhund

Outro nome
Pastor Norueguês

Raças médias
de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, e educação
Rústico, muito enérgico, corajoso com temperamento independente. Equilibrado, amigável, alegre, é um companheiro excelente.
Combativo, é um bom guarda. Com um faro notável, caça animais selvagens.

Conselhos
Capaz de se adaptar à vida citadina desde que tenha espaço e possa se exercitar suficientemente. Escovação e penteação regular.

Utilização
Pastoreio (renas, carneiros), guarda, utilidade polivalente, companhia.

Cabeça
Em forma de cône, seca. Crânio quase plano. Stop bem marcado. Cana nasal direita. Focinho curto afilando para a extremidade. Lábios muito bem ajustados.

Olhos
Tão escuros quanto possível, harmonizando com a cor da pelagem.

Orelhas
Pontudas, firmemente empinadas.

Corpo
Curto, compacto. Pescoço seco, bastante curto. Peito bem descido. Costelas bem arqueadas. Dorso forte, reto. Lombo forte.

Membros
Secos, musculosos, com boa ossatura. Patas ovais, compactas.

Cauda
Inserção alta, firmemente enrolada, bem guarnecida.

Pêlo
Denso, abundante, duro, acamado. Curto na cabeça e na frente dos membros, mais longo no pescoço e no antepeito. Subpelo macio, espesso, lanoso.

Pelagem
- Trigueiro (biscoito): unicolor, do claro ao vermelho-amarelado, máscara autorizada.
- Preto: unicolor. Uma lista branca na cabeça, marcações brancas no antepeito, um colar branco estreito no pescoço e branco nos pés são autorizados.

Tamanho
Macho: de 43 a 47 cm .
Fêmea: de 41 a 45 cm .

Peso
Macho: de 14 a 18 kg
Fêmea: de 12 a 16 kg.

Cão da Islândia

Descende diretamente do Buhund norueguês cruzado com cães locais da Islândia. É utilizado para guardar rebanhos de carneiros e de cavalos. No século XIX, a raça parcialmente dizimada pela cinomose, foi salva por criadores islandeses e ingleses. É rara na França.

Tipo Spitz leve.

Até 25 kg

3

Cães nórdicos de guarda Pastoreio

País de origem
Islândia

Nome de Origem
Islandsk Färehund,
Friaar dog

Outro nome
Pastor da Islândia,
Iceland Sheepdog,
Iceland dog

5

Cabeça
Crânio largo, um pouco abobadado. Stop marcado. Focinho bastante curto. Bochechas planas. Lábios apertados.

Olhos
Pequenos, amendoados, escuros. As pálpebras pretas ou castanhas em harmonia com a pelagem.

Orelhas
Largas na base, eretas.

Corpo
Retangular, forte, um tanto curto, sem ser pesado. Pescoço forte, seco. Peito largo e profundo. Lombo musculoso, ligeiramente levantado. Garupa curta, arredondada. Ventre bem retraído.

Membros
Bem musculosos. Patas ovais.

Cauda
De comprimento médio, espessa, mantida enrolada sobre o dorso.

Pêlo
De comprimento médio, ou mais longo. Subpelo espesso e macio. Sempre mais longo no pescoço, coxas e sob a cauda. Mais curto na cabeça e nas partes anteriores dos membros. Muito tufado na cauda.

Pelagem
Branco com marcas cor de fogo, douradas, fogo claro com as pontas pretas.

Tamanho
Macho: de 42 a 48 cm .
Fêmea: de 38 a 44 cm .

Peso
de 10 a 15 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, impetuoso, este cão tem um temperamento bem marcado. Vigilante e ladrador, é um bom guarda. Educação firme.

Conselhos
Habituado a viver em liberdade, a vida em apartamento é desaconselhada. Necessita de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Rebanho, guarda, companhia.

Cão Finlandês da Lapônia

Tipo Spitz. Porte médio.

Criado pelos Lapões como cão de caça e de rebanhos de renas. É muito raro fora de seu país.

5

3

Cães Nórdicos De Caça Pastoreio

País de origem
Finlândia

Nome de Origem
Lapinkoïra,
Suomen Lapinkoïra

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação

Rústico, enérgico, vivo, sempre alerta mas ao mesmo tempo calmo, obediente. Desconfiado com desconhecidos, ladra facilmente. Necessita educação firme.

Conselhos

Necessita de espaço e de poder fazer muito exercício. Escovação regular.

Utilização

Pastoreio, caça, companhia.

Cabeça
Bastante curta. Crânio largo. Stop bem visível. Focinho afilado. Lábios apertados.

Olhos
Bastante afastados um do outro, escuros.

Orelhas
Eretas, viradas para a frente, afastadas.

Corpo
Ligeiramente mais longo que alto. Pescoço seco, forte. Peito profundo. Dorso reto, e largo. Abdômen ligeiramente retraído.

Membros
Fortes, bem musculosos. Patas compactas.

Cauda
De comprimento médio, espessa, enrolada em caracol suave, muitas vezes mantida sobre o dorso.

Pêlo
Longo, um tanto reto e rígido. Subpelo denso, macio e espesso.

Pelagem
Cinza-negro com tonalidades diferentes, fulvo com manchas. O ideal é negro com tonalidade avermelhada.

Tamanho
Macho: de 46 a 52 cm .
Fêmea: de 40 a 46 cm .

Peso
Aproximadamente 25 kg.

Spitz da Lapônia

Originário da Finlândia e talvez do cão Varanger, conhecido há 7000 anos, descoberto no norte da Noruega. Por esta razão, poderia ser o antepassado de todos os Spitz. O Lapphund foi desde sempre utilizado na guarda de gado e na tração de trenós. Está difundido na Suécia há séculos. A raça foi reconhecida pelo F.C.I. em 1944.

Raças médias de 10 a 25 kg

3

Cães nórdicos de caça Pastoreio

País de origem
Finlândia

Nome de Origem
Lapphund,
Svensk lapphund

Outro nome
Cão da Lapônia

5

Cabeça
Traços fortes. Crânio cheio. Stop pronunciado. Focinho estreito. Lábios ajustados.

Olhos
Escuros.

Orelhas
Curtas, largas na base, afastadas, com boa mobilidade, empinadas.

Corpo
Longo. Pescoço de comprimento médio. Costelas bem volumosas. Dorso reto. Ventre um pouco retraído.

Membros
Possantes, de aspecto curto. Patas ovais. Dedos apertados.

Cauda
De comprimento médio ou curto, espessa, muitas vezes mantida sobre os rins.

Pêlo
Longo, rígido, denso. Mais curto na cabeça e parte dianteira dos membros. Juba em volta do pescoço. Subpelo macio e espesso.

Pelagem
preta ou marrom, uniforme ou preta e branca.

Tamanho
Macho: de 45 a 50 cm .
Fêmea: de 40 a 45 cm .

Peso
De 15 a 20 kg.

Temperamento, aptidões, e educação
Resistente, alerta, com uma coragem indomável, tem um temperamento muito calmo. Muito fiel, afetuoso, virou cão de companhia. Desconfiado com estranhos, é vigilante, o que o torna um bom cão de guarda. Uma educação firme é desejável.

Conselhos
Necessita de muito espaço e exercício. Escovação e penteação regular.

Utilização
Pastoreio, utilidade: serviço de segurança do exército, guarda, companhia.

Pequeno, possante. Curto nas patas.

Spitz dos Visigodos

Pertence ao grupo dos Spitz e apesar de sua semelhança com o Welsh Corgi Pembroke, é reconhecido como raça sueca autêntica. Outrora, era utilizado na região de Västgötland, no sul da Suécia como condutor de gado e guarda de cavalos. Deve-se ao conde B. Von Rosen o mérito do reconhecimento e inscrição deste cão no Kennel Club sueco em 1948. Em 1974 os primeiros indivíduos foram introduzidos na Grã-Bretanha. Esta raça é pouco conhecida fora da Suécia.

3

Cães nórdicos de guarda Pastoreios

País de origem
Suécia

5

Nome de Origem
Västgôtaspets (Spitz dos Godos Ocidentais)

Outro nome
Vallhund sueco, Pastor sueco, Cão dos Godos, Cão dos Visigodos

Até 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, muito corajoso, enérgico, muito vivo, muito alerta e independente. Afetuoso, meigo com as crianças, tornou-se um companheiro. Vigilante, é um bom guarda. Necessita de educação firme.

Conselhos
Muito esportivo, não poderia viver em apartamento. Deve liberar sua energia diariamente. Escovação regular.

Utilização
Pastoreio, guarda, companhia.

Cabeça
Bastante longa, lembra a da raposa. Crânio quase plano. Stop bem marcado. Focinho de perfil quadrado. Lábios perfeitamente ajustados.

Olhos
De tamanho médio, ovais e castanho escuro.

Orelhas
De tamanho médio, pontudas, empinadas.

Corpo
Longo. Pescoço longo, musculoso, bem solto. Peito longo e bem descido. Costelas bem arqueadas. Dorso horizontal bem musculoso. Lombo curto e forte. Garupa larga e ligeiramente inclinada. Ventre ligeiramente retraído.

Membros
Curtos, fortemente musculosos, bom esqueleto. Patas curtas, ovais. Almofadas plantares fortes.

Cauda
Dois tipos: cauda longa e cauda naturalmente muito curta. Mantida na horizontal. Muitos filhotes nascem sem cauda.

Pêlo
De comprimento médio. Duro, espesso, impermeável. Curto na parte dianteira dos membros, ligeiramente mais longo no pescoço, peito e parte posterior dos membros. Subpelo macio, denso.

Pelagem
As cores mais procuradas são o cinza, castanho acinzentado, amarelo acinzentado ou castanho avermelhado com pêlos mais escuros no dorso, pescoço e lados do corpo. Pêlo mais claro pode se ver no focinho, garganta, peito, ventre, coxas, pés e jarretes. As marcas mais claras nos ombros (“marcas do arnês”) são procuradas. O branco é admitido em pequena quantidade, como uma tira estreita, uma mancha no pescoço ou um leve colar.

Tamanho
Macho: 33 cm .
Fêmea: 31 cm .

Peso
De 9 a 14 kg.

Spitz-Lobo

Spitz Grande

4

Spitz europeus

País de origem
Alemanha

5

Nome de Origem
Deutscher Spitz

Até 25 kg

Compacto. Proporções sólidas e atarracadas. Silhueta elegante. Pelagem abundante e arejada. Trote leve e elástico.

Spitz Alemão

Os Spitz descendem dos cães das turfeiras (Canis familiaris palustris) da idade da pedra, e depois dos Spitz das cidadelas lacustres no período neolítico. Assim, fazem parte das raças de cães mais antigas e são os ancestrais dos cães do tipo lupóide, isto é, que lembram o lobo.
Distinguem-se numerosas variedades entre os Spitz:
- Spitz-Lobo (Wolf Spitz, Keeshond), o maior, de 45 a 55 cm,
- Spitz Gigante (Grosspitz, Grand Lulu), de 42 a 50 cm,
- Spitz médio (Mittelspitz), de 30 a 38 cm,
- Spitz pequeno (Kleinspitz), de 23 a 29 cm,
- Spitz anão (Zwergspitz, Spitz anão da Pomerânia), de 18 a 22 cm. O Spitz-Lobo, inicialmente difundido nos Países-Baixos, foi denominado Keeshond (de W. Kees, chefe dos Holandeses que no séc. XVII se revoltaram contra a Casa de Orange). Em seguida foi principalmente desenvolvido na Alemanha do Norte. O Spitz pequeno e o Spitz anão foram chamados de Lulus da Pomerânia, região litoral do mar Báltico onde alguns Spitz se desenvolveram. O primeiro clube da raça foi criado na França em 1935 com o nome de Clube francês do Lulu da Pomerânia. Em 1960, passou a chamar-se Clube francês do Spitz. Os Spitz anões e os Spitz pequenos são os mais difundidos.

Spitz médio branco

Spitz anão

Spitz anão laranja

Spitz pequeno laranja

Cabeça
De tamanho médio, lembra a da raposa. Crânio afilando em forma de cunha até à ponta do nariz. ("Spitz" = pontudo). Stop moderadamente marcado. Focinho não muito longo. Lábios pretos, exceto no Spitz de pelagem marrom.

Olhos
De tamanho médio, pouco ovais, pouco oblíquos, de cor escura.

Orelhas
Pequenas, muito próximas, pontudas, triangular, sempre eretas.

Corpo
Inscreve-se num quadrado. Pescoço de comprimento médio, sem barbela, com uma juba imponente. Peito bem descido. Dorso curto, horizontal. Lombo curto, largo e robusto. Garupa larga, curta e não rebaixada. Ventre moderadamente retraído.

Membros
Bem musculosos, com bom esqueleto. Patas redondas. Dedos apertados. Almofadas plantares espessas.

Cauda
Muito tufada, lançada para a frente e enrolada sobre o dorso, onde se apóia firmemente.

Pêlo
Longo, direito, afastado. A cabeça, as orelhas, a parte dianteira dos membros, os pés têm um pêlo curto e denso, o restante do corpo tem pêlo longo e abundante. Não é ondulado, encaracolado, nem hirsuto. Crina, franjas e culote abundantes. Subpelo curto, espesso, acolchoado.

Pelagem
- Spitz-Lobo: cinza lobo (cinza encarvoado, cinza prateado salgado com preto na extremidade dos pêlos).
- Spitz médio: preto, castanho, branco, laranja, cinza-lobo e outras cores (azul, creme, castor, marcados com fundo branco).

- Spitz anão: preto, casta-nho, branco, laranja, cinza-lobo e outras cores.

Tamanho
Conforme o tipo:
De 18 a 55 cm

Peso
Spitz-Lobo:
aproximadamente 20 kg.
Spitz anão: menos de 3,5 kg.

Temperamento, aptidões, e educação
Robusto, vivo, sempre alerta, este cão de natureza calma tem um temperamento independente.
Afetuoso, muitíssimo ligado ao seu dono, é um companheiro agradável mas por vezes ciumento. Corajoso, vigilante, desconfiado com estranhos, especialmente o Spitz-Lobo é um bom guarda. Tendência para lutar com cães da sua raça. A sua educação deve ser firme e paciente.

Conselhos
Os Spitz pequenos se adaptam mais facilmente à vida na cidade do que os de tamanho grande. Escovação duas vezes por semana.

Utilização
Guarda, companhia.

Vulpino Italiano

É um dos descendentes dos Spitz europeus que existiam na região centro da Itália na Idade do Bronze. Foi criado desde tempos imemoriais, muito apreciado por seu instinto de guarda. Seu aspecto lembra o Spitz alemão e o Lulu da Pomerânia. Era o cão de Miguel Angelo. Era adulado nos palácios dos senhores e o companheiro predileto dos carreteiros da Toscana e do Lácio. É muito raro na França.

Formato pequeno. Muito compacto. Harmonioso. Andaduras: passadas amplas.

4

Spitz europeus

País de origem
Itália

5

Nome de Origem
Volpino italiano,
Volpino ("raposinha")

Outros nomes
Spitz de Florença,
Cane de Guirinale
(cão de Quirinal)

Raças pequenas menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, alegre, divertido, seu temperamento é muito marcado. Afetuoso, é um bom companheiro para as crianças. Desconfiado com estranhos, ladrador, é um guarda muito fiável. Necessita de educação firme.

Conselhos
Adapta-se bem à vida em apartamento. Escovação regular. Evitar os banhos muito frequentes.

Utilização
Guarda, companhia.

Cabeça
Em forma de pirâmide. Crânio ovóide, redondo.Stop acentuado. Cana nasal reta. Focinho afilado. Bordo dos lábios preto.

Olhos
Bem abertos, de tamanho normal. Ocre escuro. Bordo das pálpebras preto.

Orelhas
Curtas, triangulares, eretas.

Corpo
De construção quadrada. Peito desce até o nível dos cotovelos. Costelas bem arqueadas. Dorso reto. A garupa prolonga a linha do lombo, ligeiramente convexa nos flancos.

Membros
Esqueleto leve. Patas ovais. Almofadas plantares e unhas pretas.

Cauda
Mantida enrolada sobre o dorso. Revestida de pêlo muito longo.

Pêlo
Volumoso, muito comprido e reto. De textura rude. Semilongo no crânio, curto no focinho. Franjas na parte posterior dos membros.

Pelagem
Branco unicolor, vermelho unicolor (raro). Admite-se a cor champanhe.

Tamanho
Macho: de 27 a 30 cm .
Fêmea: de 25 a 28 cm .

Peso
Aproximadamente 5 kg.

Akita inu

Originário da província de Akita, na ilha de Honshu, com o nome de "Akita Matagi" (cão de caça ao urso), o Akita figurava entre os cães de caça de porte médio. Esta raça, cujos antepassados seriam cães chineses, foi em seguida cruzada com um Mastim e com o Tosa. Assim, foi durante muito tempo utilizado como cão de caça grossa e cão de combate. Após um período de declínio, esta raça classificada como parte do patrimônio nacional japonês, se tornou muito popular. Este cão, o maior dos cães japoneses do tipo "Spitz", tornou-se quase exclusivamente cão de companhia. Ele é muito apreciado na Europa e nos Estados Unidos, onde um tipo mais pesado (50 kg) foi desenvolvido. Chegou na França em 1981.

Cabeça
Forte. Testa larga. Stop marcado com uma racha frontal nítida. Cana nasal reta. Focinho bastante longo e forte. Lábios ajustados.

Olhos
Pequenos, quase triangulares, castanhos escuros.

Orelhas
Pequenas, espessas, triangulares, ligeiramente arredondadas na extremidade. Eretas e inclinadas para a frente.

Corpo
Alongado. Pescoço espesso, musculoso e sem barbela. Costelas moderadamente arqueadas. Dorso reto, sólido. Lombo largo, musculoso. Ventre bem retraído.

Membros
Desenvolvidos, esqueleto possante. Patas espessas, redondas, arqueadas e compactas.

Cauda
Inserção alta, espessa, bem enrolada sobre o dorso.

Pêlo
Curto, duro, direito. Mais longo na cernelha, na garupa e ainda mais na cauda. Subpelo leve e denso.

Pelagem
Vermelho, sésamo (pêlo com as pontas pretas), rajado e branco. As cores já mencionadas, exceto o branco, deverão apresentar o "urajiro": pêlo esbranquiçado nas faces laterais do focinho, nas bochechas, sob o queixo e na garganta, o antepeito e ventre, na parte inferior da cauda e face interna dos membros.

Tamanho
Macho: 67 cm
De 64 a 70 cm).
Fêmea: 61 cm
(de 58 a 64 cm) .

Peso
De 30 a 50 kg.

Tamanho grande. Constituição robusta, bem proporcionada. Possante. Nobre. Digno.
Andadura: movimento elástico e possante.

Raças grandes
de 25 a 45 kg

5

Spitz asiáticos e raças assemelhadas

País de origem
Japão

Nome de Origem
Akita Inu

Outros nomes
Japanese Akita,
Cão Japonês de Akita

5

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, vigoroso, muito corajoso, independente. Orgulhoso mas também é calmo. Dócil, de boa convivência, é um bom companheiro. Desconfiado com estranhos, vigilante mas pouco ladrador, mostra ser um bom cão de guarda. Dominador, dificilmente convive com outros cães. Deve ser educado com firmeza mas sem brutalidade.

Conselhos
Muito esportivo, a vida em apartamento não lhe é propícia, exceto se puder gastar sua energia diariamente. Escovação diária, trimming na muda do pêlo.

Utilização
Guarda, cão de utilidade (auxílio à polícia, guia de cegos), companhia.

Chow Chow

Na China, onde é popular há mais de 2000 anos, tem o nome de Choo (cão de caça). Os Hunos, os Mongóis, os Tártaros o utilizaram na guerra, na caça, na tração e para guarda. Por vezes era comido (chow = alimento) e o seu pêlo servia de vestuário. Na Europa, sua aparição data de 1865, ano em que a rainha Vitória na Inglaterra recebeu um magnífico exemplar. Uma criação sistemática foi então iniciada nesse país a partir de 1887, especialmente para o tornar mais sociável. A raça foi reconhecida pelo Kennel Club em 1894. Na França, desde 1900 era possível admirar alguns indivíduos. Tornou-se um cão de companhia de luxo.

Compacto. Possante. Aspecto leonino. Porte digno e orgulhoso. Movimentação curta e levantada.

5

Spitz asiáticos e raças assemelhadas

País de origem
China

Patrocínio
Grã-Bretanha

Nome de Origem
Choo

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, corajoso, independente, calmo, mostra ter forte personalidade e grande suscetibilidade. Pouco agitado, pouco barulhento, é muito ligado ao seu dono embora o demonstre pouco, sendo algo distante. Extremamente desconfiado com estranhos, é um bom guarda. Tumultuoso com outros cães. Sua educação, firme mas com suavidade e paciência, deve-se iniciar muito cedo.

Conselhos
Se adapta à vida da cidade sob condição de poder fazer longas caminhadas diárias. Escovação e penteação diária para este cão muito limpo. Trimming na muda do pêlo. Detesta estar preso. Não gosta do calor.

Utilização
Caça, tração, pastoreio, guarda, companhia.

Cabeça
Volumosa. Crânio achatado e largo. Stop não pronunciado. Focinho largo. Trufa grossa, cuja cor deverá estar em harmonia com a do pêlo. A língua, o palato e lábios são de cor violeta escura. Gengivas pretas.

Olhos
Amendoados, bastante pequenos, escuros. Nos azuis e nos amarelos, se admite olhos da cor da pelagem.

Orelhas
Pequenas, espessas, bem afastadas, retas, rígidas, voltadas para a frente, dando ao cão sua expressão característica, o "scowl" (ar enfadado devido à expressão franzida).

Corpo
Bem proporcionado. Pescoço forte, cheio. Peito largo, bem descido. Costelas arqueadas. Dorso curto, horizontal, forte. Lombo curto, possante.

Membros
Musculosos, boa ossatura. Ausência de angulação dos membros posteriores, o que explica sua maneira de andar. Patas pequenas, redondas.

Cauda
Inserção alta, mantida bem sobre o dorso.

Pêlo
- longo: muito abundante, denso, reto, separado, rude. Especialmente espesso em volta do pescoço (colar ou juba) e na parte de trás das coxas (culotes). Subpelo macio e lanoso.
- Curto: abundante, denso, reto, com textura de pelúcia.

Pelagem
Unicolor preta, vermelha, azul, amarela, creme ou branca, freqüentemente matizada mas sem manchas ou pluricor. A parte inferior da cauda e a região posterior das coxas são freqüentemente de cor mais clara.

Tamanho
Macho: de 48 a 56 cm.
Fêmea: de 46 a 51 cm.

Peso
Macho: de 20 a 25 kg.
Fêmea: de 18 a 20 kg.

Cão da Eurásia

Este cão foi criado por volta de 1950 por estímulo do Dr Lorenz. Resulta do cruzamento do Chow-Chow e de lobos Spitz. Uma introdução de sangue de Samoieda foi efetuada mais tarde. Em 1973, a raça foi reconhecida pela F. C.I. e introduzida na França...

Tipo Spitz. Proporções harmoniosas. Um pouco mais longo do que alto. Pele pigmentada.

De 10 a 45 kg

5

Spitz asiáticos e raças assemelhadas

País de origem
Alemanha

Nome de Origem
Wolf-Chow

Outros nomes
Loup-Chow,
Eurasien

5

Cabeça
Triangular. Crânio não muito largo, em forma de cunha. Stop pouco marcado. O focinho vai afilando em direção à trufa. Cana nasal reta. Mandíbulas fortes. Lábios pretos..

Olhos
De tamanho médio, ligeiramente oblíquos, escuros. O bordo das pálpebras é pigmentado de preto.

Orelhas
De tamanho médio, triangulares, eretas, com as extremidades ligeiramente arredondadas.

Corpo
Sólido, não muito curto. Pescoço bem musculoso. Garrote bem marcado. Antepeito bem desenvolvido. Costelas arredondadas de forma oval. Dorso retilíneo, muito bem musculoso. Garupa direita e larga.

Membros
Bem musculosos, esqueleto medianamente pesado. Patas ovais, dedos bem compactos.

Cauda
Reta, redonda e firme na inserção, de boa espessura e afilando para a extremidade. Mantida apoiada para a frente sobre o dorso ou ligeiramente decaída de lado ou enrolada.

Pêlo
Meio-longo, deitado, sem ser assentado. Curto nas bochechas, na frente dos membros, mais longo no colar, cauda e parte posterior dos membros (franjas e culotes). Subpelo denso.

Pelagem
São admitidas todas as cores e todas as combinações de cores, exceto o branco puro, a pelagem malhada de branco e cor marrom.

Tamanho
Macho: de 52 a 60 cm.
Fêmea: de 48 a 56 cm.
(de 58 a 64 cm) .

Peso
Macho: de 23 a 32 Kg.
Fêmea: de 18 a 26 Kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito vigoroso, tem temperamento excelente, sociável, calmo, equilibrado e pouco barulhento. Demonstra um apego bem marcado a seus donos, é meigo com as crianças. É desconfiado com estranhos, mas nunca ataca.
É um guarda vigilante. Sua educação será meiga e rigorosa.

Conselhos
Na cidade as saídas quotidianas são indispensáveis. Detesta a solidão e ficar amarrado. Muito limpo, uma escovadela regular será suficiente.

Utilização
Cão de guarda. Cão de companhia.

Hokkaido

O Hokkaido é uma das raças mais antigas no Japão (1000 anos A.C.). Originário das regiões montanhosas da ilha de Hokkaido, foi trazido pelo povo Aïnous. Foi utilizado como caçador de caça grossa.

Construção robusta. Cheio de dignidade. Andadura alerta, rápida, leve.

5

Spitz asiáticos e raças assemelhadas

País de origem
Japão

Nome de Origem
Hokkaïdo-ken, Aïno

Outro nome
Cão de Hokkaïdo

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Corajoso, muito atento, seguro, este cão dócil é muito meigo com os donos. Tem um sentido de orientação muito forte.

Conselhos
Necessita de espaço e de muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de tração. Cão de caça (grande montaria). Cão de guarda. Cão de companhia.

Cabeça
Triangular, lembra a da raposa. Crânio e testa largos e planos. Stop bem definido. Cana nasal reta. Focinho em forma de ângulo. Trufa preta ou cor de carne nos cães brancos.

Olhos
Pequenos, triangulares, bem separados, castanhos escuros.

Orelhas
Pequenas, triangulares, eretas, ligeiramente inclinadas para a frente.

Corpo
De construção geral sólida. Pescoço possante, sem barbela. Garrote elevado. Lombo de largura moderada. Antepeito bem desenvolvido. Peito profundo. Dorso reto, sólido. Garupa adequadamente inclinada. Ventre bem esgalgado.

Membros
Musculosos, boa ossatura. Patas com dígitos bem compactos e arqueados.

Cauda
Inserção alta, grossa, portada sobre o dorso vigorosamente enrolada ou recurvada em foice.

Pêlo
Curto, duro, reto. Ligeiramente mais longo na cauda. Subpelo macio e denso.

Pelagem
Tigrado (preto, vermelho, branco...). preto, vermelho, castanho e todas as outras cores parecidas.

Tamanho
Macho: de 48 a 52 cm.
Fêmea: de 45,5 a 48,5 cm.
(de 58 a 64 cm).

Peso
Aproximadamente 25 kg.

Kai

Esta raça tem sua origem em cães de porte médio que existiam outrora no Japão. Estabeleceu-se no distrito de Kaï. Foi utilizada para a caça ao javali e ao veado. Esta raça foi declarada "monumento natural" em 1934.

Porte médio. Constituição robusta. Bem proporcionada. Andadura leve e elástica.

Raças médias de 10 a 25 kg

5

Spitz asiáticos e raças assemelhadas

País de origem
Japão

Nomes de Origem
Tora,
Tora inu,
Kaï inu,
Kaï toraken

5

Cabeça
Forte. Testa larga. Stop abrupto. Cana nasal reta. Focinho pontudo. Lábios ajustados.

Olhos
Pequenos, quase triangulares, castanhos escuros.

Orelhas
De tamanho médio, triangulares, eretas, ligeiramente inclinadas para a frente.

Corpo
De construção geral sólida. Pescoço espesso, possante, musculoso. Garrote bem saliente. Peito bem descido. Costelas moderadamente arqueadas. Dorso reto, curto. Lombo largo e musculoso. Ventre bem retraído.

Membros
Bem musculados, ossatura forte. Patas com dígitos bem compactos e bem arqueados.

Cauda
Inserção alta, espessa, fortemente enrolada ou portada curva como uma foice.

Pêlo
Curto, duro, reto. Mais longo na cauda. Subpelo macio e denso.

Pelagem
Preto tigrado, vermelho tigrado ou tigrado. Os filhotes nascem unicolores.

Tamanho
Macho: de 50 a 56 cm.
Fêmea: de 46 a 50 cm.

Peso
Aproximadamente 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Corajoso, muito vigilante, sempre em alerta, muito ágil, este cão tem um temperamento ativo.

Conselhos
Necessita de espaço e de exercício. Escovação semanal.

Utilização
Caça (caça grossa), companhia.

Kishu

Acredita-se que o Kishu é originário da grande ilha de Kyushu, no sul do Japão. Esta raça antiga, é muito talentosa. Foi utilizada para a caça, pesca, guarda de rebanhos e propriedades e como cão de companhia.

Porte médio. Nobre. Digno. Bem proporcionado. Andadura leve, elástica.

5

SPITZ ASIÁTICOS E RAÇAS ASSEMELHADAS

PAÍS DE ORIGEM
Japão

OUTRO NOME
Kyushu

Raças médias
de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
De resistência notável, muito alerta, este cão é dócil e calmo. É afetuoso e gentil.

Conselhos
Necessita de espaço e de exercício. Escovação regular.

Utilização
Caça, guarda, pastoreio, companhia.

CABEÇA
Testa larga. Stop bastante abrupto. Cana nasal reta. Focinho compacto, cuneiforme. Trufa preta ou cor de carne nos cães brancos. Lábios ajustados.

OLHOS
Pequenos, ligeiramente triangulares, bem separados, de cor castanhos escuros.

ORELHAS
Pequenas, triangulares, eretas, ligeiramente inclinadas para a frente.

CORPO
Compacto. Pescoço espesso e musculoso. Garrote elevado, Peito profundo. Dorso reto e curto. Lombo largo e musculoso. Ventre bem retraído.

MEMBROS
Bem musculosos, com ossatura forte. Patas com dígitos compactos. Unhas escuras.

CAUDA
Inserção alta, espessa, portada sobre o dorso, fortemente enrolada ou recurvada em foice.

PÊLO
Curto, rude, direito. Nas bochechas e na cauda, o pêlo é um pouco mais longo. Subpelo macio e denso.

PELAGEM
Branco, vermelho e rajado.

TAMANHO
Macho: 51,5 cm.
Fêmea: 45,5 cm.

PESO
De 20 a 25 kg.

Korea Jindo Dog

Esta raça existe há séculos na ilha de Jindo, situada no extremo sudoeste da península da Coréia. Terá vindo da Coréia onde os "Jindo Dogs" são chamados de "Jindo-Kae", "Jindo-Kyon" (na Coréia, Kyon significa cão).

Porte médio. Bem proporcionado. Força. Digno.

Raças médias de 10 a 25 kg

5

Spitz asiáticos e raças assemelhadas

País de origem
Coréia

Outros Nomes
Jindo da Coréia,
Cão Jindo Coreano
Spitz Coreano de Jindo

5

Cabeça
Vista de cima, triângulo obtuso. Crânio ligeiramente arredondado. Stop bem marcado. Focinho nem compacto nem levantado. Bochechas bem desenvolvidas, secas. Lábios finos, não pendentes.

Olhos
Pequenos, triangulares, castanho escuro.

Orelhas
Médias, triangulares, espessas, eretas, ligeiramente viradas para a frente.

Corpo
Mais longo que alto. Pescoço espesso, sem barbela. Dorso forte e reto. Peito forte e moderadamente alto. Costelas bem arqueadas. Lombo bem musculoso, alongado.

Membros
Bem desenvolvidos. Patas redondas, compactas e densas.

Cauda
Inserção bastante alta. Em forma de foice ou enrolada, com a extremidade tocando o dorso ou o flanco. Envolta em pêlo abundante.

Pêlo
Reto, curto na cabeça, membros e orelhas, mais longo na gola e no corpo. O pêlo da cauda e na parte posterior das coxas é o mais longo. Subpelo macio, denso e claro.

Pelagem
As cores mais vulgares são o fulvo e o branco. Também há cães pretos, preto e fogo, cinza-lobo e rajados.

Tamanho
Macho: de 50 a 55 cm.
Fêmea: de 45 a 50 cm.

Peso
Macho: de 18 a 23 kg.
Fêmea: de 15 a 19 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Audacioso, valente, vigilante. Extremamente fiel ao dono, é tímido com estranhos e agressivo com outros cães. Necessita de uma educação firme.

Conselhos
Necessita de espaço e de exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Shiba

É uma raça autóctone desenvolvida na ilha de Honshu desde os tempos mais antigos. O Shiba ("cãozinho"), provavelmente com sangue de Chow-Chow e de Kishu, foi cruzado com Setters ingleses e Pointers importados para o Japão. Portanto, o shiba puro se tornou muito raro no início do século XX. Por volta de 1928, foram implementadas medidas de salvamento das linhas puras. Um padrão da raça foi estabelecido em 1934. O Shiba foi declarado "monumento natural" em 1937. Durante a Segunda Guerra Mundial, quase desapareceu. Atualmente é uma das raças mais populares no Japão. Ainda é raro na França.

Porte pequeno. Bem proporcionado. Construção sólida. Andadura leve e viva.

5

Spitz asiáticos e raças assemelhadas

País de origem
Japão

Nome de Origem
Shiba Inu

Outro Nome
Cãozinho Japonês

Até 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, resistente, vivo, muito alerta, este cão calmo é de uma independência notável. Afetuoso, alegre, sensível, é um companheiro agradável. Vigilante, corajoso, ladra amiúde, é um bom guarda "de alarme". Necessita de educação firme mas com muita ternura.

Conselhos
Adapta-se bem à vida em apartamento, mas sendo esportivo, os passeios devem ser longos e frequentes. Escovação diária para este cão muito limpo.

Utilização
Cão de caça (pássaros e caça miúda). Cão de guarda. Cão de companhia.

Cabeça
A cabeça lembra a da raposa. Crânio largo. Stop bem definido. Cana nasal reta. Focinho vai afilando. Bochechas bem desenvolvidas. Lábios fechados.

Olhos
Relativamente pequenos, triangulares, castanho escuros.

Orelhas
Pequenas, triangulares, eretas, ligeiramente inclinadas para a frente.

Corpo
Moderadamente curto. Pescoço espesso. Peito alto. Costelas moderadamente arqueadas. Dorso direito. Lombo reto e musculoso. Ventre bem retraído.

Membros
Bem musculosos, ossatura forte. Patas com dígitos bem compactos e bem arqueados.

Cauda
Inserção alta, espessa, portada bem enrolada ou recurvada em foice.

Pêlo
Curto, duro, reto. Mais longo na cauda. Subpelo macio e denso.

Pelagem
Vermelho, sésamo (pêlo encarvoado), preto sésamo (o preto predomina), vermelho sésamo (o vermelho predomina) preto e fogo, tigrado, branco, vermelho claro, cinza claro. Todas as cores mencionadas, exceto o branco, devem ter "Urajiro": pêlo esbranquiçado nas faces laterais do focinho, nas bochechas, sob o queixo, na garganta, no peito, ventre, face inferior da cauda e face interna dos membros.

Tamanho
Macho: de 38 a 41 cm.
Fêmea: de 35 a 38 cm.

Peso
De 6 a 12 kg.

Spitz Japonês

Não é o descendente do Esquimó anão da América, mas para algumas pessoas será preferencialmente descendente do Samoieda. Atualmente, se pensa ser descendente do Spitz alemão grande, de cor branca introduzido no Japão en torno de 1920, depois de ter atravessado a Sibéria e a China. Grandes Spitz brancos foram importados do Canadá, Estados Unidos e China. Em 1948, foi estabelecido um padrão pelo Kennel Club Japonês. O seu sucesso é crescente na Europa.

Bem proporcionado. Digno. Elegante. Andadura viva e ativa.

Raças pequenas menos de 10 kg

5

Spitz asiáticos e raças assemelhadas

País de origem
Japão

Nomes de Origem
Nihon Supittsu

5

Cabeça
Moderadamente larga e arredondada. Stop marcado. Focinho pontudo. Trufa pequena. Lábios bem apertados, de preferencia pretos.

Olhos
Moderadamente grande, amendoados, ligeiramente oblíquos, de cor escura.

Orelhas
Inseridas alto, pequenas, triangulares, eretas, viradas para a frente.

Corpo
De constituição robusta. Pescoço bem musculoso. Garrote alto. Peito largo e bem descido. Costelas bem arqueadas. Dorso reto e curto. Região lombar larga. Ventre bem retraído.

Membros
Musculosos. Patas redondas. Almofadas plantares espessas.

Cauda
Inserida alta, moderadamente longa, portada sobre o dorso. Pêlos longos e abundantes.

Pêlo
Reto, afastado. Na face, nas orelhas e nas partes dianteiras dos membros, o pêlo é curto. Todo o resto é recoberto de pêlo longo e abundante. Papudo e emplumado. Subpelo macio e denso.

Pelagem
Branco puro.

Tamanho
Macho: de 30 a 38 cm.
Fêmea: de 30 a 35 cm.

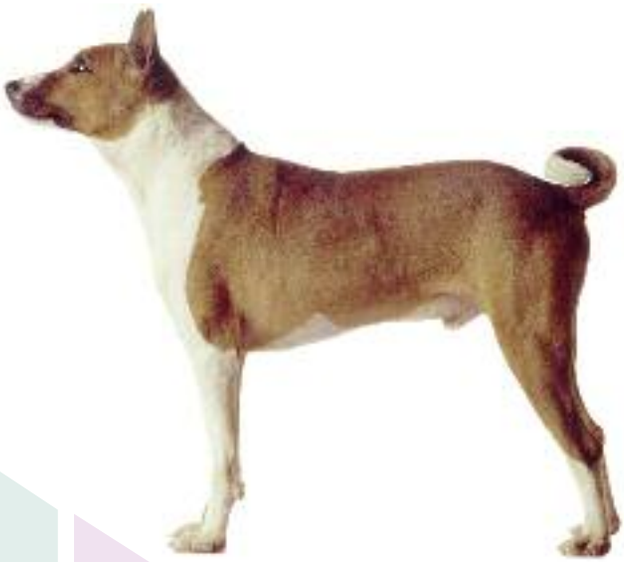
Peso
Cerca de 10 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, flexível, vivo, este cão é alegre, audacioso e astucioso. Afetuoso, é um companheiro agradável. Muito desconfiado com estranhos, ladrador, é um bom cão de guarda "de alarme". Necessita de educação firme.

Conselhos
Se adapta à vida em apartamento. Escovação e penteação regular.

Utilização
Cão de companhia.

Basenji



Basenji, nome de uma etnia de pigmeus que significa "sertaneja" originária do Congo, é uma das raças mais antigas do mundo. Seus ancestrais, o Tesem, cão lebreiro do Egito, estão representados nos túmulos dos faraós egípcios. Sua morfologia lembra uma miniatura de seu primo, o podengo Ibicenco. Na África, é guia do mato ou da floresta, caçador de caça miúda e guarda das aldeias. Foi importado para a Grã-Bretanha em torno de 1930 e para os Estados Unidos por volta de 1940 onde é muito popular. Foi introduzido na França em 1966 onde tem tido grande sucesso desde 1991, data da criação do Clube.

Aristocrata. Construção leve. Elegante. Gracioso. Pele muito flexível. Andadura fácil, viva.

6

Tipo Primitivo

País de origem
África (Congo), Patrocínio : Grã-Bretanha

5

Outros Nomes
Terrier do Congo, Cão de Khéops

Até 25 kg

Cabeça
Plana, bem cinzelada. Stop ligeiro. Rugas finas na testa. Mandíbulas fortes.

Olhos
Em amêndoa, obliquamente inseridos, escuros.

Orelhas
Pequenas, pontudas, eretas e ligeiramente enconchadas, de textura fina.

Corpo
Bem proporcionado. Pescoço forte, bem delineado. Peito bem descido. Costelas arqueadas. Dorso curto e reto. Lombo curto. Flanco bem marcado.

Membros
Longos de ossatura fina. Patas pequenas, estreitas, compactas. Dedos bem arqueados.

Cauda
Inserção alta, se enrola em caracol apertado assentado contra a garupa.

Pêlo
Curto, brilhante, denso, muito fino.

Pelagem
Preto puro e branco, vermelho e branco, preto e fogo e branco com pastilhas cor de fogo sobre os olhos e máscara cor de fogo, fulva e branco. Branca nos pés, antepeito e extremidade da cauda.

Tamanho
Macho: 43 cm é o ideal.
Fêmea: 40 cm é o ideal.

Peso
Macho: 11 kg é o ideal.
Fêmea: 9,5 kg é o ideal.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, vivo, independente, equilibrado, tem forte personalidade. Afetuoso, brincalhão com as crianças, é um companheiro agradável. Distante com estranhos. Dotado de um faro excelente, é utilizado como cão sabujo. Como os gatos, gosta de subir em lugares altos. Não ladra, mas antes emite vocalizações que lembram o cantar do Tirol. Sua educação deverá ser feita com doçura e afeto.

Conselhos
Adapta-se bem à vida de cidade se lhe proporcionarem passeios diários. Não suporta a solidão. Fechado sozinho poderá destruir um apartamento. Muito limpo, faz sua higiene como o gato e não apresenta qualquer tipo de odor. Seu pêlo deverá ser passado com uma luva diariamente.

Utilização
Caça (caça miúda), utilidade: guia no mato, guarda, companhia.

Cão de Canaã

Raça muito antiga, originária do país de Canaã, hoje em dia chamado de Israel, resultando do cruzamento de diversos cães párias semi-selvagens das regiões do Norte da África e médio Oriente. Foi selecionado nos anos 30. Foi utilizado no exército como cão mensageiro e auxiliar em situações de socorro. Muito recentemente reconhecido pelo American Kennel Club, sua criação também se desenvolveu na Europa.

Bem proporcionado. Trote curto, mas muito rápido.

Raças médias de 10 a 25 kg

6

Tipo primitivo

País de origem
Israel

Nome de Origem
Kelef K'naani

Outro Nome
Canaã Dog

5

Cabeça
De comprimento médio. Crânio nem volumoso nem plano. Stop não acentuado. Focinho de comprimento e largura moderados. Mandíbulas possantes. Lábios fortes.

Olhos
Amendoados, o mais escuro possível. O bordo das pálpebras é escuro

Orelhas
Curtas, bastante largas, eretas, ligeiramente arredondadas nas extremidades, de inserção baixa e bem afastadas.

Corpo
Inscreve-se num quadrado. Pescoço reto. Cernelha bem desenvolvida. Peito não demasiado estreito. Costelas bem marcadas. Lombo arqueado. Ventre bem esgalgado.

Membros
Bastante longos. Patas redondas.

Cauda
De comprimento médio. Portada sobre o dorso, em bandeira.

Pêlo
Comprimento curto para médio, rígido, rude ao tocar. Crina no macho. Subpêlo varia conforme a estação.

Pelagem
Areia a castanho-averrmelhado, branco ou preto, preto, branco e castanho, com ou sem máscara.

Tamanho
de 50 a 60 cm.

Peso
De 18 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, resistente, vivo, este cão é muito dedicado e dócil com seu dono e muito meigo com as crianças. Extremamente vigilante, desconfiado com estranhos, cão de defesa, mas sem agressividade natural.
É brigão com outros cães. Sua educação deve ser firme.

Conselhos
Necessita de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Pastoreiro, guarda, utilidade: exército, guia para os cegos, companhia.

Cão do Faraó

É parecido com os Lebréis de orelhas empinadas, representados nas pinturas dos túmulos do antigo Egito. Do Egito, a raça atingiu a Europa através da Espanha e foi mantida nas Baleares.

Prestação nobre. Gracioso, mas possante. Andadura fácil e desenvolto.

6

TIPO PRIMITIVO

PAÍS DE ORIGEM
Malta

5

NOME DE ORIGEM
Kelb tal-fennek

OUTROS NOMES
Podengo dos Faraós, Pharaoh Hound

Raças grandes de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Ativo, muito rápido, flexível, este cão é um excelente saltador e um caçador ardente (coelho, lebre, faisão...). amável, afetuoso, brincalhão, é um companheiro agradável.

Conselhos
A vida em apartamento não lhe é propícia. Necessita de fazer exercício com regularidade. Escovar regularmente.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia.

CABEÇA
Em forma de cone truncado. Crânio longo, seco, bem modelado. Stop ligeiro. Cana nasal ligeiramente mais longo que o crânio. Trufa de cor clara. Mandíbulas possantes.

OLHOS
Ovais, de cor do âmbar, em harmonia com a pelagem.

ORELHAS
Largas na base, finas e grandes, portadas empinadas, mas com boa mobilidade.

CORPO
Flexível, quase quadrado. Pescoço longo, seco, musculoso, sem barbela. Linha superior quase reta. Peito bem descido. Costelas bem arqueadas.

MEMBROS
Finos. Patas fortes, firmes.

CAUDA
Bastante espessa na raiz, vai adelgaçando. Em repouso, desce logo abaixo da ponta do jarrete. Quando o cão está em ação, é portada alta e recurvada.

PÊLO
Curto, liso, brilhante, indo do pêlo fino e cerrado aos pêlos ligeiramente duros.

PELAGEM
Fulvo mais ou menos intenso com marcas brancas da seguinte maneira: a extremidade da cauda branca é muito procurada, branco no antepeito (estrela), branco nos dedos. Admite-se uma fina lista branca na face.

TAMANHO
Macho: de 56 a 63,5 cm.
Fêmea: de 53 a 61 cm.

PESO
Aproximadamente 28 kg.

Pelado Mexicano

É uma das raças mais antigas do mundo. Este cão parece ter sido importado para o México a partir do nordeste da Ásia pelos antepassados nômades dos Astecas. Os primeiros habitantes do México, os Toltecas, tinham em seus templos os Chihuahuas. Os Astecas, que conquistaram o país, trouxeram o cão pelado. Para uns, o cruzamento destas duas raças teria resultado no cão Chinês de crista. O seu nome, Xoloitzcuintle, provém do antigo deus asteca Xolotl que acompanhava as almas até o além. Isso não impediu os índios de saborear sua carne ou de a guardar para se protegerem ou curar as doenças. As primeiras descrições deste cão datam do século XVII. O American Kennel Club publicou em 1933 um padrão do "Mexican Hairless Dog". É raro na Europa.

Harmonioso. Bem proporcionado.
Pele lisa, macia ao toque.

Até 25 kg

Tipo primitivo

País de origem
Malta

Nome de Origem
Xoloitzcuintle, Tepeizeuintle

Outros Nomes
Cão Pelado Mexicano, Cão Mexicano de pele sem pêlo,"Xolo"

6

5

Cabeça
Alongada. Crânio largo. Stop mínimo. Focinho longo, afilado. Lábios apertados. Trufa escura, rosa ou castanha conforme a cor da pelagem.

Olhos
De tamanho médio, ligeiramente amendoados, preferencialmente escuros, variam do amarelo ao preto.

Orelhas
Grandes (até 10 cm), de textura fina. Mantidas rígidas e oblíquas quando o cão está em alerta.

Corpo
Longo. Pescoço portado alto, ligeiramente arqueado, gracioso, sem barbela. Peito profundo, mas bastante estreito. Dorso reto. Garupa bem arredondada. Ventre recolhido.

Membros
Finos. Patas de lebre. Dedos recolhidos. Unhas pretas ou claras.

Cauda
Inserção baixa, lisa, longa adelgaçando-se para uma ponta afilada.

Pêlo
No crânio, tufo de pêlos curtos e rígidos. Pêlos hirsutos na extremidade da cauda. A ausência completa de pêlos não é penalizada.

Pelagem
Cor uniforme, bronze escuro, cinza-elefante, cinza-preto, ou preto deve ser preferido. Pigmentação com placas rosa ou castanhas é aceitável. O pêlo na cabeça e na cauda deverá ser preto nos animais escuros. Nos animais mais claros, poderá ser de qualquer cor que se harmonize com o aspecto geral.

Tamanho
de 30 a 50 cm.

Peso
Variável conforme o tamanho.

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, mas calmo, alegre, muito afetuoso, dotado de bom temperamento, é um companheiro agradável. Desconfiado com estranhos, o que faz dele um cão de guarda.

Conselhos
Precisa somente de pouco exercício. Sua pele frágil necessita de banhos regulares e a aplicação de cremes emolientes. Sensível ao frio e ao sol.

Utilização
Companhia, guarda

Pelado Peruano

Esta raça muito antiga tem origens controversas. Poderá ter sido introduzido no Peru por imigrantes chineses, ou pelas migrações de homens da Ásia para a América através do estreito de Behring. Para outros, teve as suas origens no continente africano. No entanto, existem provas seguras de sua longínqua presença no Peru, durante as épocas pré-Incas, como suas representações em cerâmicas. Isso prova que outrora ele foi apreciado pela nobreza Inca, tornando-se o companheiro favorito. Em seu país de origem, atualmente é raro. Este cão apresenta-se em três tamanhos de morfologia bastante próxima.

Nobre. Elegante. Esbelto. Passo curto mas rápido.

6

Tipo primitivo

País de origem
Peru

5

Nome de Origem
Perro sin Pelo del Peru

Outros Nomes
Cão pelado Peruano,
Cão pelado Inca

Até 25 kg

Cabeça
De conformação lupóide. Crânio largo. Stop pouco marcado. Cana nasal retilíneo. Lábios esticados, cerrados. Dentição quase sempre incompleta (ausência de um ou de todos os pré-molares e dos molares). Cor da trufa em harmonia com a cor da pele.

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, alerta, rápido, este cão calmo, sensível e afetuoso é um bom companheiro. Desconfiado e portanto guarda na presença de estranhos.

Conselhos
É um cão de interior. Teme o frio e o sol. Sua pele fina e lisa, deverá ser massageada com cremes emolientes.

Utilização
Cão de companhia. Cão de guarda.

Olhos
De tamanho médio, ligeiramente amendoados. A cor poderá variar do preto, passando pelo castanho, amarelo, harmonizando com a cor da pele.

Orelhas
De comprimento médio, com a extremidade quase em ponta. Eretas quando o cão está em atenção. Em repouso, ficam dobradas para trás.

Corpo
De proporção média. Linha inferior convexa. Cernelha pouco acentuada. Peito de boa amplitude. Costelas ligeiramente arqueadas. Dorso reto. Garupa arredondada, sólida.

Membros
Finos. Patas de lebre preênseis podendo agarrar objetos. Almofadas plantares fortes.

Cauda
Inserção baixa. Bastante grossa na raiz, afilando-se para a ponta. Em ação, levantada em curva sobre a linha do dorso mas sem ser enrolada. Em repouso, é portada caída, com um ligeiro gancho com a ponta para cima.

Pêlo
Admitem-se vestígios de pêlos na cabeça e na extremidade dos membros e da cauda e por vezes alguns pêlos raros no dorso.

Pelagem
A cor dos pêlos poderá variar desde a cor preta nos cães pretos, preto lousa, preto elefante, preto azulado, toda a gama de cinzas, marrom escuro até ao louro claro. Todas estas cores podem ser uniformes ou com manchas rosadas em qualquer parte do corpo.

Tamanho
Grande: de 50 a 60 cm.
Médio: de 40 a 50 cm.
Pequeno: de 25 a 40 cm.

Peso
Grande: de 12 a 23 Kg.
Médio: de 8 a 12 Kg.
Pequeno: de 4 a 8 Kg.

Podengo Ibicenco

Esta raça é originária das ilhas de Maiorca, Ibiza, Minorca... Este cão, descendente do Cão do Faraó, provavelmente foi trazido para estas ilhas pelos Fenícios, os Cartagineses e eventualmente pelos Romanos. Trata-se portanto de um cão primitivo e campesino, uma das raças conhecidas mais antigas. Foi denominado de Galgo francês porque no séc. XIX estava muito difundido no Languedoc, Roussilhão e Provença. Desde 1880 tornou-se muito raro, após a interdição de utilizar os galgos na caça.

Médiolineo.Leve e robusto.
Galope rápido, veloz.

6

Tipo primitivo
cães de caça

País de origem
Espanha

Nome de Origem
Podengo Ibicenco, Cão Eivissen, Cuneyro ("lapinier")

Outros Nomes
Galgo das Baleares, Galgo de Ibiza, cão de Ibiza, Cirneco maiorquino

Raças médias
de 10 a 25 kg

5

Cabeça
Longa, estreita, extremamente seca. Crânio longo e plano. Testa estreita. Stop pouco marcado. Focinho proeminente, estreito, longo. Trufa cor de carne. Lábios finos, ajustados.

Olhos
Pequenos, oblíquos, de cor âmbar claro, lembra a cor de caramelo.

Orelhas
De tamanho médio, finas, sempre retas, muito boa mobilidade, viradas para frente ou para cima.

Corpo
Ligeiramente mais longo que alto. Pescoço muito seco, musculoso, ligeiramente arqueado. Cernelha projetada. Peito profundo, estreito, longo. Costelas planas. Dorso reto, longo e flexível. Lombo arqueado e possante. Garupa "fortemente inclinada". Musculatura muito forte. Ventre esgalgado.

Membros
Longos e secos. Patas longas, fechadas. Unhas geralmente brancas.

Cauda
Inserção baixa, espigada, longa. Em ação, em forma de foice, com curvatura mais ou menos acentuada.

Pêlo
Liso, duro, longo. O pêlo liso não deverá ser sedoso mas resistente. O pêlo duro deve ser áspero, abundante, curto na cabeça. A barba é procurada. O pêlo longo é mais macio, muito abundante na cabeça e ter pelo menos 5 cm de comprimento.

Pelagem
Preferencialmente branco e vermelho, inteiramente branco ou vermelho. A cor fulva não poderá ser admitida no pêlo liso exceto tratando-se de um indivíduo extraordinário.

Tamanho
Macho: de 66 a 72 cm.
Fêmea: de 60 a 67 cm.

Peso
Macho: cerca de 23 Kg.
Fêmea: cerca de 19 Kg.

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, rápido, muito ágil, grande saltador, este cão de faro muito desenvolvido, caça tanto pelo ouvido como à vista do coelho. Também é utilizado para a lebre e caça grossa. É um bom recolhedor. É muito apegado ao dono, mas tem temperamento. Desconfiado com estranhos, e brigão com outros cães. Sua educação deverá ser firme.

Conselhos
O apartamento não é aconselhado. Necessita de espaço e muito exercício. Escovar regularmente.

Utilização
Caça, companhia.

Podengo Português

Sub-medilíneo. Bem proporcionado. Bom esqueleto. Bem musculoso. Andadura veloz e ligeira.

7

Tipo primitivo
cães de caça

País de origem
Portugal

Nome de Origem
Podengo Português

Outros Nomes
Sabujo Português, Lebreiro Português, Podengo Português

5

Até 45 kg

Tem por antepassados cães lebréis de orelhas grandes. É muito difundido no norte de Portugal, onde é conhecido como caçador e cão de companhia. Apresenta-se numa das três variedades seguintes: - Grande Lebréu português (Podengo grande), muito raro, cão de caça grossa, - O Lebréu português médio (podengo médio), caça o coelho, em matilha ou sozinho e tem um falso ar de Cão Coelheiro das Baleares, - O Lebréu português pequeno (Podengo pequeno), caça o coelho na toca e se parece com o Chihuahua.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, dotado de grande vivacidade, este cão de caça também é um companheiro muito agradável e um cão de guarda fiável.

Conselhos
Necessita de muito espaço e exercício. Escovação diária.

Utilização
Caça, guarda, companhia.

Cabeça
Seca, em forma de tronco de pirâmide quadrangular, com a base larga e a extremidade bem afilada. Crânio plano. Stop pouco pronunciado. Cana nasal de perfil reto. Nariz adelgaçado. Lábios apertados, finos.

Olhos
Pequenos, oblíquos, de cor de mel a marrom.

Orelhas
Largas na base, triangulares, finas, retas, verticais ou um pouco inclinadas para frente.

Corpo
Longo. Pescoço forte, longo, sem barbelas. Antepeito estreito. Peito descido. Costelas pouco arqueadas. Dorso reto, longo. Lombo largo e musculoso. Garupa larga, musculosa, pouco oval.

Membros
Musculosos, secos, boa ossatura. Patas arredondadas. Dedos longos, fortes.

Cauda
Forte, espessa, pontiaguda, de comprimento médio. Em ação se levanta na horizontal, ligeiramente arqueada.

Pêlo
Duas variedades. Curto, liso e denso ou longo e rude. De espessura média. O Lebréu pequeno tem o pêlo curto.

Pelagem
Cores predominantes: amarelo e fulvo, com a respectiva variedade clara, comum e escura e preta desbotada; unicolores ou misturados (malhado de branco).

Tamanho
Lebréu Grande:
De 55 a 70 cm.
Lebréu Médio:
De 40 a 55 cm.
Lebréu pequeno:
De 20 a 30 cm.

Peso
Lebréu grande:
De 20 a 30 kg.
Lebréu médio:
De 15 a 20 kg.
Lebréu pequeno:
De 4 a 5 kg.

Cirneco do Etna

Para alguns, este cão foi introduzido na Sicília pelos Fenícios. Seria descendente do cão do Faraó. Atualmente, pensa-se seja que uma raça autóctone, originária das cercanias do vulcão siciliano, onde vive desde o séc. IV A.C. Se parece muito com o cão apesentado nos baixos relevos dos túmulos egípcios. Foi utilizado na caça ao coelho, faisão e perdiz, em terrenos difíceis. O primeiro padrão da raça foi redigido em 1939. É muito raro na França.

Um pouco longilíneo. Bem proporcionado, esbelto, leve. Elegante. Pele fina e ajustada. Andadura: galope cortado de trote.

Até 25 kg

7

Tipo primitivo
cães de caça

País de origem
Itália

Nome de Origem
Cirneco dell'Etna

Outros Nomes
Lebréu siciliano

5

Cabeça
Longa. Crânio quase plano. Stop bem marcado. Cana nasal retilíneo. Focinho pontiagudo. Bochechas planas. Lábios finos, ajustados, magros.

Olhos
Pequenos, em amêndoa, de cor ocre não demasiado escuro, âmbar ou mesmo cinza.

Orelhas
Inseridas alto, próximas, triangulares com a ponta estreita, retas, bem rígidas, abertas para frente.

Corpo
Pode ser inscritível num quadrado. Pescoço de perfil superior muito arqueado, tronco-cônico. Antepeito estreito. Costelas pouco arqueadas. Dorso retilíneo. Garupa rebaixada, seca .

Membros
Longos com músculos secos e aparentes. Ossatura leve. Patas ovais. Dedos apertados e arqueados. Unhas marrom ou ocre-rosa.

Cauda
Inserção baixa, grossa e bastante longa, portada em sabre em repouso ; em alerta, levantada em bandeira sobre o dorso.

Pêlo
Rígido como crina. Raso na cabeça, orelhas e membros. Semilongo (3 cm), liso, acamado no tronco e na cauda.

Pelagem
Fulva unicolor mais ou menos intensa ou diluída como isabela, areia... Fulvo com branco. Tolera-se o branco unicolor com manchas laranjas.

Tamanho
Macho: de 46 a 50 cm.
Fêmea: de 42 a 46 cm.

Peso
Macho: de 10 a 12 Kg.
Fêmea: de 8 a 10 Kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito rústico, de grande resistência, muito vivo, ágil, possante, este cão de forte personalidade tem um bom temperamento. Afetuoso, dócil, alegre, é um companheiro agradável. Desconfiado com os desconhecidos, sem ser agressivo, é um bom guarda. Este sabujo é especialista na caça ao coelho. Necessita de uma educação firme e precoce.

Conselhos
Adapta-se facilmente à vida na cidade. No entanto necessita gastar sua energia permanentemente. Escovação regular.

Utilização
Caça, guarda, companhia.

Cão Tailandês de crista dorsal

Raça tailandesa antiga, sobretudo utilizada para a caça na parte oriental do país. Também era utilizado para escoltar as carruagens e como guarda. Não tendo sido cruzado com outras raças, este cão manteve o seu tipo de origem. A raça é reconhecida pela F.C.I. desde 1993. Os primeiros indivíduos chegaram na França em 1996.

Esbelto. Elegante. Musculatura bem desenvolvida.

8

Tipo primitivo
Cães de caça
de crista dorsal

País de origem
Tailândia

Nome de Origem
Thaï Ridgeback Dog

5

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, ativo, vigoroso, este cão é dotado para o salto. É um guarda vigilante. É indispensável uma educação firme.

Conselhos
Necessita de espaço e de exercício. Escovação regular.

Utilização
Caça, guarda.

Cabeça
Crânio bastante largo, plano. Stop moderado. Cana nasal reta e longa. Focinho coniforme. Mandíbulas fortes. Mancha negra na língua. Lábios fechados.

Olhos
De tamanho médio, em amêndoa, castanho escuro ou âmbar se a pelagem for azul ou prateada.

Orelhas
Bastante grandes, triangulares, inclinadas para frente e bem retas.

Corpo
Alongado. Peito bem descido. Dorso sólido. Lombo forte e largo. Garupa moderadamente arredondada. Ventre retraído.

Membros
Sólidos. Boa ossatura. Unhas pretas ou mais claras.

Cauda
Espessa na raiz. Vai afilando gradualmente para a extremidade. Levanta-se na vertical ou se dobra em foice.

Pêlo
Curto e liso. Uma crista – ou espinha linear – no dorso, formada de pêlos que crescem no sentido contrário ao resto da pelagem.

Pelagem
Vermelho-castanho, clara, preto zaino, prata e azul. Os indivíduos cuja pelagem é fulva têm a máscara preta.

Tamanho
Macho: de 56 a 61 cm.
Fêmea: de 51 a 56 cm.

Peso
Aproximadamente 30 Kg.

Grupo 6

Seção 1

Sabujo Anglo Francês
Cão do Ariège
Basset Artesiano Normando
Basset Hound
Basset de Vestfália
Beagle
Beagle Harrier
Billy
Basset azul da Gasconha
Sabujo Alemão
Braco Austríaco de pelo liso
Braco Polonês
Braco Tirolês
Sabujo Espanhol
Sabujo Finlandês
Halden Stovare
Hamilton Stovare
Sabujo de Hygen
Sabujo da Istria
Sabujo Italiano
Dunker Norueguês
Sabujo de Posavatz
Schiller Stovare
Sabujo Eslovaco
Smäland Stovare
Sabujo Suiço
Sabujo da Transilvânia
Sabujo Iuguslavo
Cão de Artois
Cão de Lontra
Bloodhound
Coonhound preto e castanho
Drever
Fulvo da Bretanha de pelô duro
Foxhound Americano
Foxhound Inglês
Francês
Gascão Saintongeois
Grifo Nivernais
Grifo da Vendéia
Harrier
Poitevin
Porcelana

Seção 2

Basset Alpino
Cão de pista de sangue da Baviera
Hanover

Seção 3

Dálmata
Cão de crista dorsal da Rodésia

Ao lado: Bloodhound

Sabujo anglo Francês

O Anglo-Francês é o resultado da aliança de cães ingleses e franceses. Os primeiros cruzamentos datam quase com toda a certeza do Séc. XVI, mas foi no final do século XIX que, impulsionado pelos grandes mestres de caça, este cão passou a ser muito apreciado como cão de matilha polivalente, que caça o veado, o cabrito, o javali e a raposa.

6

1

Cães Sabujos

País de origem
França

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Em função dos cães utilizados nestes cruzamentos, existem vários Anglo-Franceses que se diferenciam pelo seu formato e pelagem:

- Grande Anglo-Francês, descende principalmente do Poitevin, do Gascão Saintongeois cruzado com o Foxhound.

- Grande Anglo-Francês tricolor, o mais marcado pelo sangue inglês.

- Grande Anglo-Francês Branco e Laranja, resultante do cruzamento entre o Billy e o Foxhound. Hoje tornou-se muito raro.

- Grande Anglo-Francês Branco e preto de origem Gascão-Saintongeois.

- Anglo-francês da Pequena Vénerie, de criação recente, resultante do cruzamento do Harrier com o Poitevin, o Porcelana, o Pequeno Gascão-Saintongeois e o Pequeno Azul da Gasconha. De início, foi denominado de Pequeno Anglo-Francês. Foi reconhecido com seu nome atual em 1978.

Hoje em dia, a maioria das equipes de caça grossa são constituídas por anglo-Franceses.

Grande Anglo-Francês: O Sabujo mais possante. Robustez. Elegância. Distinção. Construído para resistir. Andaduras fáceis.

Anglo-Francês da Pequena Vénerie: de construção sólida, sem ser pesado. Pele fina, sem pregas.

Cabeça
Um tanto curta no Grande Anglo-Francês, alongada no Anglo-Francês da Pequena Vénerie. Crânio largo, plano. Crista occipital pouco marcada. Stop moderado. Cana nasal de comprimento quase equivalente ao do crânio.

Olhos
Grandes, escuros, castanhos.

Orelhas
Inseridas pelo menos na altura da linha do olho, curtas, planas e depois ligeiramente torcidas. Inserção baixa no Anglo-Francês da Pequena Vénerie.

Corpo
Harmonioso, bem proporcionado. Pescoço forte com uma ligeira barbela no Grande Anglo-Francês. Peito largo e descido. Costelas arredondadas. Dorso firme, reto. Lombo largo e curto. Garupa bastante longa, oblíqua.

Membros
Fortes, musculosos, boa ossatura. Patas um tanto redondas. Dedos cerrados.

Cauda
Forte na raiz, bastante longa, com pêlo bastante grosso.

Pêlo
Acamado e bastante forte. Curto, serrado e liso no Anglo-Francês de pequena vénerie. Pele branca com manchas pretas ou laranja conforme a variedade.

Pelagem
Branco e preto: grande manto, manchas pretas, manchas pretas mais ou menos extensas, podem apresentar pintas pretas ou azuladas (ou fogo unicamente nos membros). Manchas pálidas sobre os olhos, fogo pálido nas bochechas, sob os olhos, sob as orelhas, na raiz da cauda (pelagem chamada de "quatro olhos"). "Marca de Cabrito Montês" na coxa é bastante freqüente. Branco e laranja: branco limão ou branco laranja (laranja não muito escuro). Tricolor: a maioria das vezes com pelagem negra ou com manchas mais ou menos extensas. Fogo vivo ou acobreadas sem serem carbonadas. O pêlo misturado, dito "lobeira", não é excluído.

Tamanho
Grande Anglo-Francês: De 60 a 70 cm.
Anglo-Francês de pequena vénerie: de 48 a 56 cm.

Peso
Grande Anglo-Francês: De 30 a 35 kg.
Anglo-Francês de pequena vénerie: cerca de 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
O Anglo-Francês se beneficiou do melhor das raças utilizadas nos cruzamentos. O sangue inglês deu-lhe em especial a construção, a ossatura e o vigor, o sangue francês o faro e a voz. O Anglo-Francês é um apaixonado pela caça, resistente, possante, rápido, corajoso e tenaz. Pode trabalhar em qualquer tipo de terreno. Cão de caça grossa e miúda.

Conselhos
Os Anglo-Franceses não estão adaptados à vida na cidade. São cães de matilha, vivem em canil. Necessitam de espaço e exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Cão de caça.

Cão do Ariège

Este cão do Sul, originário do Ariège, por vezes denominado de cão capado, é o resultado do cruzamento de cães Briquets da região com cães de ordem, o Azul da Gasconha e o Gascão-Saintongeois. Conservou as características típicas dos cães de ordem, tendo no entanto menor tamanho, menor amplitude, maior leveza. Foi reconhecido pelo Club Gaston Phoebus em 1907. Esta raça, que praticamente tinha desaparecido após a Segunda Guerra Mundial, foi relançado com sucesso desde 1970.

6

1

Cães Sabujos

País de origem
França

Construção sólida. Gascão-Saintongeois reduzido. Fino. Leve. Elegante. Distinto. Pele fina, sem pregas nem rugas. Andadura leve e fácil.

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação

Rústico, resistente, enérgico, pouco rápido, este cão é alegre, dócil, sociável e calmo. De faro muito apurado, voz excelente e clara que se ouve bem ao longe, sabe conduzir a matilha, ótimo detector de caça à distância, dedicado e sabe mostrar iniciativa. Cão de caça miúda, sua caça predileta é a lebre, mas também é utilizado na trilha do cabrito montês ou do javali. Sente-se perfeitamente à vontade nos terrenos rochosos e secos do sul da França. Sua educação é fácil.

Conselhos

A vida de cidade não lhe é propícia. Não poderia estar confinado em um apartamento. Necessita de exercício diário. Uma ou duas escovações por semana. Vigiar as orelhas.

Utilização

Cão de caça.

Cabeça

Seca, alongada. Crânio ligeiramente arqueado. Protuberância occipital pouco marcada. Stop pouco acentuado. Cana nasal reto ou ligeiramente encurtado, de comprimento igual à do crânio. Trufa desenvolvida. Bochechas secas. Lábios moldados, delgados.

Olhos

Bem abertos, castanhos.

Orelhas

Inseridas baixo, longas, finas, leves e enroladas.

Corpo

Alongado. Pescoço leve, longo, ligeiramente arqueado. Peito longo, de largura média. Costelas moderadamente arredondadas. Dorso bem musculoso e firme. Lombo bem engastado, ligeiramente abobadado. Flancos planos e ligeiramente recolhidos. Garupa bastante horizontal.

Membros

Sólidos. Patas de lebre, ovais alongadas. Dedos cerrados. Almofadas plantares e unhas pretas.

Cauda

Atinge a ponta do jarrete. Fina em sua extremidade, é portada alegremente em sabre.

Pêlo

Curto, fino e cerrado.

Pelagem

Branco com manchas pretas definidas de contorno bem delineado, por vezes bigodes. Presença de marcação fogo muito pálido nas bochechas e acima dos olhos, chamado de "quatro olhos".

Tamanho

Macho: de 52 a 58 cm.
Fêmea: de 50 a 56 cm.

Peso

Aproximadamente 30 kg.

Basset Artesiano Normando

Resultante do cruzamento feito no séc. XIX por dois criadores célebres, Louis Lane e o conde Le Couteulx de Canteleu, a partir do Basset normando, dito Basset de Lane, com membros anteriores retorcidos, mais pesado, mais lento e menos ativo que o Basset do Artois, descendente do antigo Grande Cão do Artois. Foi introduzido na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos com sucesso, ao mesmo tempo em que a raça se impunha na França. Um primeiro padrão foi redigido em 1898, alterado em 1910 e em 1924. Um Clube do Basset Normando foi criado em 1927. Durante muito tempo foi o Basset mais difundido, porém atualmente parece estar relativamente colocado a parte como cão de caça, em favor do cão de companhia.

O menor dos cães sabujos franceses. Bem plantado. Compacto. Nobre. Elegante. Pele fina e flexível. Andadura regular e bastante natural..

1

Cães Sabujos

País de origem
França

Raças médias de 10 a 25 kg

6

Cabeça
Aspecto magro. Crânio em abobada, protuberância occipital aparente. Stop marcado. Cana nasal ligeiramente encurtada. Bochechas com uma ou duas pregas. Lábio superior cobre praticamente o lábio inferior.

Olhos
Grandes, ovais, escuros. A conjuntiva da pálpebra inferior pode por vezes ser aparente. Olhar calmo e meigo.

Orelhas
Inseridas tão baixo quanto possível, estreitas na inserção, bem enroladas na espiral, muito longas, flexíveis, finas e terminam em ponta.

Corpo
Corpo comprido em relação ao tamanho. Pescoço bastante comprido com uma ligeira barbela. Peito em perfil transversal, longo. Dorso largo e bem firme. Lombo ligeiramente arqueado. Flancos cheios. Garupa arredondada.

Membros
Anteriores curtos, semitortos. Pregas da pele sobre os punhos. Patas ovais, dedos bastante cerrados.

Cauda
Tendência longa, forte na raiz, se adelgaçando progressivamente. Portada em sabre, sem nunca cair sobre o dorso.

Pêlo
Raso, curto e fechado sem ser muito fino.

Pelagem
- Tricolor: fulvo com manta preta e branca. Cabeça bem coberta de fulvo avermelhado.
- Bicolor: fulvo e branco.

Tamanho
De 30 a 36 cm.

Peso
De 15 a 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, resistente, corajoso, é um cão ativo e com iniciativa. Pode entrar em vegetação muito densa, mas os terrenos demasiado acidentados devem ser evitados devido aos seus membros curtos. Com faro muito apurado, voz muito clara e que se ouve à distância, procura e mostra a caça com grande segurança, sem precipitação. Cão de caça miúda, é capaz de caçar sozinho ou em matilha. É excelente na caça ao coelho, lebre, e ataca a raposa e o javali. Calmo, alegre, meigo e afetuoso, é um companheiro agravável. Sua educação deverá ser firme pois é tenaz e obstinado.

Conselhos
É um dos raros sabujos que pode viver em apartamento, mas necessita de espaço e exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Cão de caça, companhia.

Basset Hound

O mais pesado dos Bassets. Substância considerável. Distinto. Pele solta. Andar fluente e único.

É o resultado de cruzamentos de Bassets franceses (Basset Artesiano- Normando, Basset de Artois e Basset das Ardenas) efetuados por criadores ingleses. Foi apresentado pela primeira vez em Paris em 1863 e na Inglaterra em 1875, onde foi feito seu desenvolvimento. O Basset Hound club foi criado em 1883. O primeiro padrão foi publicado em 1887. Desde 1883, os Bassets Hounds chegaram aos Estados Unidos onde tiveram muito sucesso. Na França, o Club du Basset Hound foi criado em 1967 para ali favorecer sua implantação. No entanto, é menos representado do que o Basset Artesiano Normando.

1

Cães sabujos

País de origem
Grã-Bretanha

6

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Tenaz, caça pelo faro, possui instinto de matilha, dotado de uma voz profunda e melodiosa, não teme as moitas. Muito resistente, plácido, nunca é agressivo, seu temperamento enérgico e teimoso é legendário. Talentoso em matilha, na pista de caça miúda ou grossa (coelho, lebre, javali, cabrito montês). Afetuoso, dócil, é procurado como amigo para a família. Necessita de educação firme.

Conselhos
Esportivo, necessita de espaço e muito exercício. Não suporta a solidão. Teme o calor. Escovação regular. Vigiar as orelhas e os olhos.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia

Cabeça
Forte, maciça. Crânio em cúpula. Protuberância occipital proeminente. Stop moderadamente marcado. Cana nasal mais longa que o crânio. Focinho seco. Mandíbulas fortes. Pele suficientemente solta para formar rugas. As bochechas recobrem amplamente os lábios inferiores.

Olhos
Em forma de losango, de cor escura, podendo ser castanho médio nos cães de pelagem clara.
A conjuntiva da pálpebra inferior é aparente.

Orelhas
De inserção baixa, muito longas, ultrapassando visivelmente a extremidade do focinho. Muito flexíveis, de textura fina, estreitas e bem enroladas.

Corpo
Longo e profundo. Pescoço musculoso com barbela. Esterno proeminente. Peito largo. Costelas bem arredondadas. Dorso bastante largo. Posteriores muito musculosos e bem expostos.

Membros
Curtos, possantes, forte ossatura. Pregas de pele entre os jarretes e as patas. Patas maciças, sólidas.

Cauda
Bastante longa, forte na raiz, e afinando. Em ação, é portada para cima formando uma curva suave como um sabre.

Pêlo
Curto, liso, cerrado sem ser demasiado.

Pelagem
Geralmente tricolor (preto, fogo, branco); bicolor (limão e branco), mas é admitida qualquer cor de cão sabujo.

Tamanho
De 33 a 38 cm.

Peso
De 25 a 30 kg.

Basset Alemão da Vestfália

É uma raça muito antiga, originária da Westfália, que foi a favorita das cortes reais alemãs. Provavelmente o resultado do cruzamento entre sabujos de tamanho médio e os Bassets (Teckels...). Seu primeiro padrão foi fixado em 1910.

Homólogo reduzido do Sabujo Alemão. Porém mais sólido, mais possante.

Raças médias de 10 a 25 kg

1

Cães sabujos

País de origem
Alemanha

Nome de origem
Westfälische Dachsbracke

Outro nome
Dachbracke

6

Cabeça
Estreita, alongada, nobre. Stop pouco notório. Cana nasal ligeiramente encurtada. Lábios ligeiramente pendentes. A trufa apresenta na parte média uma tira de cor clara. Dentição extremamente forte.

Olhos
Em amêndoa, de cor escura.

Orelhas
De comprimento médio, largas, bem coladas à cabeça, a extremidade é moderadamente arredondada.

Corpo
Alongado. Pescoço moderadamente longo, sem barbela. Peito longo, mais estreito do que no Teckel. Dorso ligeiramente abobadado, com ligeira depressão após o garrote. Lombo largo e muito desenvolvido. Garupa oblíqua. Ventre um pouco retraído.

Membros
Secos, ossatura sólida. Patas fortes. Dedos curtos, cerrados.

Cauda
Inserção muito forte, terminada em ponta espigada sem franja, pêlo tufado em escova na face inferior. Portada para cima em forma de sabre ou caída.

Pêlo
Rude, muito cerrado. Curto na cabeça, as orelhas e na parte inferior dos membros. É mais longo no pescoço, dorso e na face inferior da cauda.

Pelagem
Vermelho a amarelo com sela ou manto peto e as marcas brancas típicas dos sabujos: uma tira ou bola branca em volta do focinho, colar branco, branco no antepeito, nos membros e na extremidade da cauda. Os cães bicolores são indesejáveis assim como os cães com marcação negra na cabeça. A cor castanho chocolate é considerada como falta.

Tamanho
De 30 a 38 cm.

Peso
Aproximadamente15 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, combativo, obstinado, seu faro está muito desenvolvido. Ágil, flexível, pode seguir as pistas e entrar nas tocas. Caça a lebre, a raposa e também caça grossa (veado, javali). Afetuoso, obediente, é um companheiro apreciado. Necessita de educação firme.

Conselhos
Necessita de espaço e muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça, companhia.

Beagle

O menor dos sabujos ingleses. Brevilíneo. Tipo "Cob". Elegante. Bem proporcionado. Andar vivo.

Raça inglesa muito antiga, mencionada no século III pelo bardo escocês Ossian. Ocupou um lugar importante nos reinados de Henrique VIII e Isabel I. Na época eram descritas três variedades:

- Os Beagles do sul, os maiores (45 cm, pelagem branca e preta)
- Os Beagles do norte, de porte médio
- Os Beagles pequenos, menos de 35 cm, incluindo o Beagle Isabel ou "Beagle cantor" devido à sua voz melodiosa (inferior a 20 cm).

Os primeiros Beagles foram introduzidos na França por volta de 1860. O Clube Francês do Beagle foi fundado em 1914. Agradando a todos, tornou-se o sabujo mais difundido na França e no mundo. Agrada devido a seu tamanho reduzido, seu temperamento, sua polivalência, sua eficiência e velocidade.

1

Cães Sabujos

País de origem
Grã- Bretanha

6

Raças médias
de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação

O padrão é caracterizado da seguinte maneira "cão alegre, audacioso, dotado de grande atividade, energia e determinação. Vivo, inteligente, temperamento estável." Corajoso, resistente, muito rápido, possuidor de grande solidez atacando o animal no momento de matar e bom faro. É um cão que conduz a matilha e reconhece a pista do animal, protestante, rápido. Pode trabalhar sozinho, em par ou em matilha. Cão de ordem, pequeno, polivalente (lebre, coelho, raposa, cabrito montês, javali). Na Inglaterra, é exclusivamente utilizado para a caça de pista da lebre (beagling). Afetuoso, de temperamento excelente, é um companheiro de família agradável. Necessita de educação firme.

Conselhos

Adapta-se à cidade, mas necessita de espaço para gastar a energia. Escovação uma ou duas vezes por semana. Cuidados regulares das orelhas.

Utilização

Caça, companhia.

Cabeça

Possante sem ser grosseira, sem rugas, nem dobras. Crânio ligeiramente arqueado. Ligeira crista occipital. Stop bem marcado. Cana nasal reta. Mandíbulas fortes. Focinho um tanto curto. Lábios moderadamente descidos. Trufa larga.

Olhos

Castanho escuros ou avelã, bastante grandes, bem afastados, com expressão meiga.

Orelhas

De inserção baixa, longas, de textura fina. A extremidade é arredondada. Pendem encostadas nas bochechas.

Corpo

De construção compacta, com traços de distinção sem qualquer sinal grosseiro. Pescoço bastante longo, com pouca barbela. Peito largo e profundo. Costelas bem arqueadas. Dorso plano e bem musculoso. Lombo curto e possante. Ventre sem ser demasiado retraído.

Membros

Anteriores retos, bem colocados sob o corpo, ossatura redonda. Coxas muito musculosas, muito possantes. Patas redondas ou muito ligeiramente alongadas. Dedos compactos e firmes. Sola compacta.

Cauda

Forte, de comprimento moderado, de inserção alta e portada alegremente. Bem coberta de pêlos, principalmente na parte inferior (espigada).

Pêlo

Curto, denso, resistente.

Pelagem

Todas as cores reconhecidas para os cães sabujos, exceto a cor fígado.
- Tricolor (branco, preto e fulvo vivo): o focinho e a extremidade da cauda são brancos.
- Bicolor: branco e fulvo vivo, limão e fogo.

Tamanho

De 33 a 40 cm.

Peso

Aproximadamente 15 a 20 kg.

Beagle Harrier

É uma criação francesa recente, concebida no fim do século XIX pelo barão Gérard. Proveniente do cruzamento do Beagle com o Harrier, com infusão muito possível do Briquet do Sudoeste. Maior e mais rápido que o Beagle, é excelente para a caça miúda (lebre, raposa, cabrito montês e javali) em matilha e com cavalos. As tentativas dos criadores que pretendiam favorecer o sangue Beagle ou Harrier foram negativas. A nova política de criação estabilizou a raça que não é nem um Beagle grande nem um Harrier pequeno. O padrão foi oficializado em 1974 pela F.C.I. A população na França está aumentando.

Medilíneo. Harmonioso. Equilibrado. Distinto. Andadura flexível, viva, franca.

1

Cães Sabujos

País de origem
França

Raças médias de 10 a 25 kg

6

Cabeça
Moderadamente forte. Crânio bastante largo. Stop sem ser marcado. Cana nasal reta. Focinho afilado. Trufa bem desenvolvida.

Olhos
Bem abertos, de cor escura.

Orelhas
Tendência curtas e semilargas. Ligeiramente arredondadas no meio. Descem planas ao longo do crânio, virando ligeiramente na sua parte inferior.

Corpo
Bem construído. Pescoço fluente. Peito bem descido mas não demasiado plano. Dorso curto, bem firme e musculoso. Lombo forte, musculoso, talvez ligeiramente arqueado. Ventre nunca demasiado esgalgado, um tanto cheio.

Membros
Fortes, bem musculosos. Patas não muito alongadas, cerradas. Almofadas plantares duras.

Cauda
De tamanho médio, bastante forte.

Pêlo
Não demasiado curto, bastante espesso. Assentado.

Pelagem
Tricolor (fulvo com manto peto, e branco), sem prestar importância ao manto, com marcações mais ou menos vivas ou pálidas ou carbonadas. Existem Harriers cinza, e tricolores cinza.

Tamanho
De 45 a 50 cm.

Peso
Aproximadamente 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, vigoroso, rápido, corajoso, menos possante que o Harrier, sabe conduzir a matilha, dotado de um nariz apurado, trabalha bem em matilha e não teme as silvas mais espessas. Com a sua flexibilidade de temperamento, sua franqueza, é um companheiro agradável.

Conselhos
Necessita de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça, companhia.

Billy

É o último descendente dos Cães Brancos do Rei, Sabujos grandes preferidos dos reis Francisco Ie até Luís XIV. Foi criado no século XIX pelo Sr. Hublot do Rivault no Poitou. Os cães de sua matilha eram então denominados de Cães do Alto Poitou. Ele fez o cruzamento de várias raças hoje desaparecidas: o Céris, caçador de lebre e lobos, o Montemboeuf, caçador de javali e o Larye de faro muito apurado. À sua nova raça, deu o nome da cidade onde nasceu. A raça foi definitivamente fixada em 1886. O Billy é uma das raças mais representadas no conjunto dos cães de matilha utilizados para caça grossa.

Forte. Leve. Distinto. Membros anteriores mais importantes que os posteriores. Pele branca, por vezes com manchas castanho escuras.

1

Cães Sabujos

País de origem
França

6

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Este cão de caça grossa é resistente e de grande velocidade. É um cão de caça em matilha e com cavalos notável, sobretudo para caça ao veado e o cabrito montês. Sua voz é melodiosa. É bastante brigão com os outros cães.

Conselhos
Adapta-se dificilmente à vida na cidade. É feito para os grandes espaços.

Utilização
Cão de caça.

Cabeça
Bastante fina, seca. Crânio ligeiramente arqueado, não muito largo. Stop marcado. Cana nasal reta, ligeiramente arqueada. Nariz um tanto quadrado, de comprimento médio. Trufa preta ou castanho alaranjada. Lábios pouco ou não pendentes.

Olhos
Bem abertos, escuros, contornados de preto ou castanho.

Orelhas
Médias, muitas vezes achatadas e ligeiramente viradas na parte inferior.

Corpo
Bem construído. Pescoço de comprimento médio, bastante forte, com um pouco de barbela. Peito muito profundo e estreito. Dorso bastante largo, forte, um pouco convexo. Lombo largo, ligeiramente arqueado.

Membros
Longos, fortes. Patas um tanto redondas, cerradas.

Cauda
Longa, forte, por vezes ligeiramente peluda.

Pêlo
Raso, duro ao toque, freqüentemente um pouco grosso.

Pelagem
Completamente branca ou branca café com leite, ou branca com manchas, ou manto laranja claro ou limão.

Tamanho
Macho: de 60 a 70 cm.
Fêmea: de 58 a 62 cm.

Peso
Aproximadamente 35 kg.

Basset azul da Gasconha

Basset: Tipo muito definido. Distinto. Harmonioso. Bastante corpulento sem ser pesado. Pele preta ou branca marmoreada de placas pretas. Andaduras regulares e fáceis.

1

Cães Sabujos

País de origem
França

De 10 a 45 kg

O azul da Gasconha, uma raça muito antiga, foi considerada como uma variante do Santo-Humberto importado das Ardenas na Gasconha por Gaston Phoebus, conde de Foix no século XIV e cruzado com sabujos. Henrique IV mantinha vários destes cães para caçar o lobo e o javali.

O Azul da Gasconha inclui diversas variantes ou sub-raças:

- Grande Azul da Gasconha: Origem de todas as raças de sabujos denominadas do "Sul". O barão Ruble o apresentou em Paris em 1863. Foi criado um Clube em 1925. O número de efetivos do maior de todos os sabujos franceses se mantém fraco.

- Pequeno Azul da Gasconha: vindo do tronco comum dos Azuis da Gasconha. Seus efetivos aumentam com regularidade.

- Grifo Azul da Gasconha, fruto do cruzamento de um azul da Gasconha de tamanho médio com um Grifo de pêlo duro (especialmente o da Vendéia). Seu padrão foi publicado em 1919. Depois de ter quase desaparecido, a variedade conhece atualmente uma renovação notável. – Basset Azul da Gasconha, cuja origem é muito discutida. Segundo alguns, seria o resultado de uma mutação aparecida nos Grandes Azuis. Para outros, Bassets Saintongeois e Azuis da Gasconha teriam contribuído para sua criação. Mais tarde, dos Grandes Bassets da Vendéia, e Bassets Artesianos Normandos foram regularmente utilizados. Seus efetivos eram muito restritos, mas sua renovação tem-se afirmado há cerca de vinte anos.

Cabeça
Tendência forte e longa. Crânio ligeiramente abobadado, não muito largo. Stop pouco acentuado. Protuberância occipital marcada. Cana nasal reta ou ligeiramente curto. Bochechas secas. Lábios bastante pendentes. Trufa larga.

Olhos
Ovais, castanhos, marrom escuro.

Orelhas
Finas, flexíveis, enroladas, terminadas ligeiramente em ponta.

Corpo
Possante. Pescoço moderadamente largo, ligeiramente arqueado. Barbelas desenvolvidas no Grande Azul. Peito bem desenvolvido. Costelas arredondadas. Lombo musculoso.
Grande e pequeno: dorso longo.
Grande, grifo: garupa ligeiramente oblíqua.

Membros
Basset: anteriores fortes, ligeira torção tolerada até o médio tarso.
Grande e Pequeno: musculosos, ossatura forte.
Grande e Pequeno: ovais pouco alongados, dedos secos e cerrados.
Grifo: patas ovais, dedos secos e cerrados.
Basset: patas ovais ligeiramente alongados.
Solas e unhas pretas.

Cauda
Inserção forte, bastante peluda, portada em sabre.

Pêlo
Curto, bastante espesso, bem farto. No Grifo, o pêlo é duro, áspero, hirsuto. Um pouco mais curto na cabeça, sobrancelhas fartas.

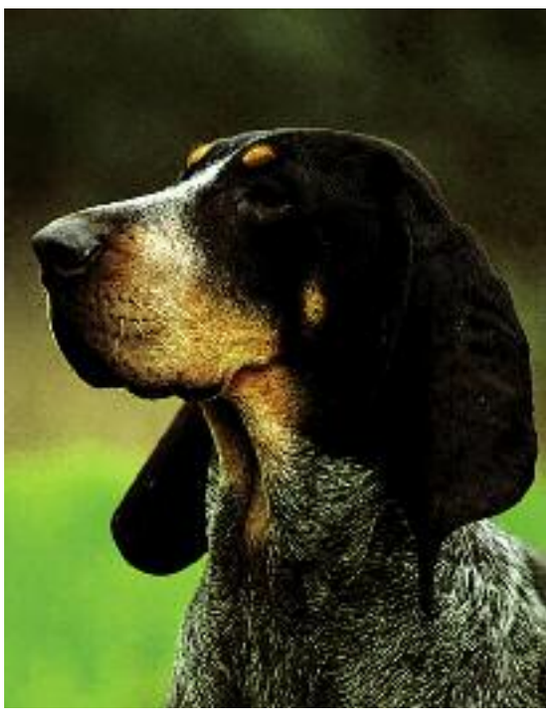
Pelagem
Completamente manchada (preta e branca), fazendo um reflexo azul ardósia; marcada ou não de manchas pretas mais ou menos extensas. Duas manchas negras geralmente colocadas de cada lado da cabeça, cobrindo as orelhas, envolvendo os olhos e parando nas bochechas. Não se encontram no cimo do crânio; aí, deixam um intervalo branco no meio do qual freqüentemente se encontra uma pequena mancha negra de forma oval, típica da raça. Duas marcas cor de fogo mais ou menos vivo colocadas sobre as arcadas superciliares lhe conferem "quatro olhos". Vestígios fogo nas bochechas, lábios, na face interna das orelhas, nos membros e sob a cauda.

Tamanho
Grande: Macho: de 65 a 72 cm.
Fêmea: de 62 a 68 cm.
Pequeno: Macho: de 52 a 60 cm.
Fêmea: de 50 a 56 cm.
Grifo:
Macho: de 50 a 57 cm.
Fêmea: de 48 a 55 cm.
Basset:de 34 a 38 cm.

Peso
Grande: cerca de 35 kg.
Pequeno: cerca de 25 kg.
Grifo: cerca de 20 kg.
Basset: cerca de 17 kg.

Grande. Imponente. Impressão de força tranqüila e nobreza. Pele bastante espessa, flexível, preta ou fortemente marmoreada de manchas pretas. Andar regular e despreocupado.
Pequeno: Curto. Bem constituído. Pele preta.

Grifo: Aparência rústica. "Briquet" harmonioso. Solidamente construído. Bem equilibrado. Pele bastante espessa, preta ou fortemente marmoreada de manchas pretas. Andar flexível e vivo.



Temperamento, aptidões, educação

Qualquer que seja a sua variedade, o Azul da Gasconha é muito dotado para a caça. Nariz muito apurado, belíssima voz nítida, cheio de ardor, resistente, se adapta bem à matilha…
- O Grande Azul, maciço, lento mas com membros sólidos, olfato apurado, dotado de voz de urrador de tons graves, dedicado na sua maneira de trabalhar, se adapta à matilha por instinto ou caça individualmente como sabujo. É utilizado para caça grossa (cabrito montês ou javali) mas também para a lebre. Utilizado como melhoramento dos cães de caça pesada.
- O Pequeno Azul da Gasconha, vivo e ativo, é apto para a maior parte dos tipos de caça. É utilizado especialmente para a caça de tiro. A lebre é sua caça preferida.
- O Grifo Azul, alia as qualidades de ambos os pais: nariz e voz nítida do Azul, valentia e tenacidade do grifo. Muito polivalente, é excelente para o javali e também é utilizado para a caça de tiro à lebre. Caça muito bem em matilha. É muito apreciado em terrenos difíceis.
- O Basset Azul, dotado, como o Basset Hound, da mais bonita voz de urrador de todos os Bassets, é ativo, lesto. Adapta-se à matilha perfeitamente. É utilizado para a caça de tiro do coelho e da lebre. Estes cães são dóceis, afetuosos, muito ligados a seu dono. Necessitam de educação firme.

Conselhos

A vida da cidade não lhes convém. Devem viver no campo e, se fazem parte de uma matilha, devem viver num canil. Necessitam de espaço e exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização

Cão de caça.

Sabujo Alemão

Raça antiga, originária das regiões de Sauerland, no nordeste da Alemanha. O padrão foi redigido apenas em 1955.

Robusto. Atarracado, bem musculoso. Pele sem pregas. Andar preferido: o trote.

1

Cães Sabujos

País de origem
França

6

Nome de origem
Deutsche Bracke

Raças médias
de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Muito resistente, muito enérgico, caça na montanha a lebre e procura caça grossa ferida. Sua calma e equilíbrio fazem dele um companheiro apreciado. Necessita de educação firme.

Conselhos
Necessita de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia.

Cabeça
Leve. Crânio ligeiramente abobadado. Stop nitidamente indicado. Cana nasal retilínea. Lábios fortemente pigmentados.

Olhos
De tamanho médio. Castanho escuro. Borda das pálpebras pigmentadas.

Orelhas
Inseridas bem atrás, largas, longas, pendentes bem planas.

Corpo
Robusto. Pescoço musculoso. Dorso reto, fortemente musculoso. Peito longo e largo. Garupa não muito longa, ligeiramente inclinada. Ventre moderadamente retraído.

Membros
Musculosos. Ossatura forte. Membros posteriores mais longos que os anteriores. Patas redondas. Dedos bem cerrados. Almofadas plantares firmes.

Cauda
Longa, coberta de pêlo cerrado (cauda "em escova"), ligeiramente pendente.

Pêlo
De 3 a 5 cm de comprimento, reto, firme, muito espesso. Subpêlo cerrado.

Pelagem
Vermelho-veado escuro com ou sem um ligeiro carbonado (pontas negras), ou então preto e fogo. Também se admite: vermelho-veado claro, ou preto com fogo pouco estendido ou mal delimitado. Manchas brancas indesejáveis.

Tamanho
Macho: de 37 a 38 cm.
Fêmea: de 36 a 37 cm.

Peso
Aproximadamente 20 kg.

Braco Austríaco de pêlo liso

O Sabujo preto e fogo ("de quatro olhos") é considerado como um autêntico descendente do Sabujo celta. Parecido com os cães sabujos suíços, ele caça essencialmente na montanha. É muito pouco conhecido fora de seu país.

Construção sólida.
Andadura elegante.

Raças médias
de 10 a 25 kg

1

Cães sabujos

País de origem
Áustria

Nomes de origem
Osterreishissche Glatthaarige Bracke, Brandlbracke Vieraugl

Outros nomes
Sabujo fogo Austríaco, Sabujo austríaco

6

Cabeça
Crânio largo. Cana nasal reta. Bochechas secas. Focinho forte.

Olhos
De cor marrom escuro.

Orelhas
Inseridas alto, de comprimento médio, não muito largas, pendendo planas contra as bochechas.

Corpo
Alongado. Pescoço forte. Cernelha bem marcado. Peito largo, bem descido. Dorso longo. Lombo ligeiramente elevado. Garupa ligeiramente inclinada.

Membros
Fortes. Patas fortes, redondas, arqueadas.

Cauda
Longa, se afilando progressivamente, ligeiramente curva. Tipo "Escova" na face inferior.

Pêlo
Liso, bem acamado, denso, cerrado, de cerca de 2 cm de comprimento.

Pelagem
Preto com poucas marcas fogo nitidamente delimitadas de cor fulvo claro a escuro. As duas marcas fogo sobre os olhos (cão de quatro olhos) devem estar presentes.

Tamanho
Macho: de 50 a 56 cm.
Fêmea: de 48 a 54 cm.

Peso
Aproximadamente 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Dotado de um faro muito apurado, excelente corredor, com boa voz, segue a pista da lebre. Na verdade, é utilizado para todo o tipo de caça. De temperamento agradável, é apreciado como companheiro.

Conselhos
Este cão não é um citadino. Tem de poder gastar sua energia diariamente. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Braco Polonês

Este sabujo representa uma velha raça autóctone, cujas origens ascendem, segundo alguns, a um tronco austríaco e alemão.

6

1

Cães sabujos

País de origem
Polônia

Nome de origem
Ogar Polski

Outro nome
Cão Sabujo Polonês

De 10 a 45 kg

Construção forte e compacta. Impressão de potência. Trote curto, lento e pesado. Galope pesado.

Cabeça
Bastante pesada, nobremente cinzelada. Crânio tão longo como o cana nasal. Stop marcado. Arcadas superciliares muito desenvolvidas. Testa com muitas rugas. Focinho alongado, truncado. Mandíbulas fortes. Lábios grossos, Trufa grande e larga.

Olhos
Dispostos obliquamente, castanhos escuros.

Orelhas
Inseridas baixo, bastante longas, pendendo livremente, ligeiramente arredondadas na extremidade.

Corpo
Maciço. Pescoço possante, musculoso, com barbela com pregas. Peito largo. Caixa torácica ampla, larga. Costelas bem arqueadas. Dorso longo, largo, musculoso. Garupa larga, sem ser rebaixada.

Membros
Bem musculosos, ossatura potente. Patas com dedos bem cerrados. Unhas potentes.

Cauda
Inserida bastante baixo, grossa, vai até abaixo do jarrete, ligeiramente pendente.

Pêlo
De comprimento médio, grosso. Um pouco mais longo na espinha, a parte posterior dos membros posteriores e a parte inferior da cauda. Subpêlo espesso.

Pelagem
Fulvo e preto. Cabeça, orelhas, membros, região do externo, e coxas são cor de fogo. Corpo preto ou cinza escuro. O preto forma um manto. Pêlo branco admissível em forma de estrela formando uma tira no antepeito, nas extremidades dos membros e da cauda.

Tamanho
Macho: de 56 a 65 cm.
Fêmea: de 55 a 60 cm.

Peso
Macho: de 25 a 32 kg.
Fêmea: de 20 a 26 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Mais resistente que rápido, tenaz, este cão é dotado de um faro muito apurado e de uma voz sonora. Pode trabalhar em todos os terrenos e debaixo de qualquer tempo. Afetuoso, é um companheiro agradável.

Conselhos
A vida de cidade não lhe é propícia. Necessita de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

6

1

Cães Sabujos

País de origem
Áustria

Nome de origem
Tiroler bracke

Outros nomes
Braco austríaco
Sabujo do Tirol

Raças médias
de 10 a 25 kg

Forte. Linhas longas e harmoniosas.
Andar muito rápido, firme.

Temperamento, aptidões, educação
É um sabujo polivalente para a lebre, a raposa e utilizado como cão de pista de sangue. É ideal para a caça na floresta e na montanha. Seu faro é muito apurado, possui um bom ladrido, e seu temperamento é equilibrado.
É um companheiro afetuoso.

Conselhos
Necessita de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Cabeça
Larga. Crânio largo, ligeiramente arqueado. Stop marcado. Focinho reto. Lábios curtos.

Olhos
Redondos, de cor marrom escuro.

Orelhas
Inseridas alto, largas, arredondadas na extremidade.

Corpo
Um pouco mais longo do que alto. Pescoço seco, sem barbela. Cernelha bem exposta. Antepeito bem arredondado. Peito muito bem descido, moderadamente largo. Dorso reto e firme. Garupa caída, larga e longa. Ventre um pouco retraído.

Membros
Bem musculosos. Patas robustas. Dedos cerrados.

Cauda
Inserida alto, longa. Quando o cão está excitado, é portada alta. A cauda em escova com pêlo denso, é procurada.

Pêlo
Um tanto mais grosseiro do que fino, raso. Calções nas coxas. Subpêlo.

Pelagem
Fulvo ou preto e fogo, tricolor. Variedades fulvas (vermelho a vermelho-amarelo); preto e fogo (manto preto) com marcas fogo vermelho sem ser nitidamente delimitadas nos membros, antipeito, ventre e cabeça. Marcas brancas possíveis nas duas variedades (colar, no antipeito, nos membros e nos pés).

Tamanho
Macho: de 44 a 50 cm.
Fêmea: de 42 a 48 cm.

Peso
Aproximadamente 20 kg.

Sabujo Espanhol

Este Briquet de pêlo curto é uma raça autóctone antiga.
Existe em duas variedade:
- Sabujo grande espanhol (tipo grande).
- Sabujo pequeno ou leve espanhol (tipo ligeiro).
É conhecido para a caça à lebre
mas se usa para todo o tipo de caça.

Sólido. Ágil. Pele um pouco espessa.

1

Raças médias
de 10 a 25 kg

Cães Sabujos

País de origem
Espanha

Nome de origem
Sabueso Espanhol

6

Cabeça
Alongada. Crânio arqueado. Testa enrugada. Focinho longo, ligeiramente convexo. Lábios finos.

Olhos
Castanhos. Pálpebras bem pigmentadas.

Orelhas
Muito longas, finas, flexíveis.

Corpo
Possante, alongado. Pescoço forte com barbela. Antepeito largo. Peito profundo. Costelas bem arqueadas. Dorso reto. Lombo um pouco curto. Ventre retraído.

Membros
Fortes. Patas alongadas.

Cauda
Forte, pendente em repouso.

Pêlo
Curto, fino e liso.

Pelagem
- Cão Grande: fundo branco com manchas grandes arredondadas de cor laranja, mais ou menos escuras ou pretas.
- Cão leve: fundo branco com manchas vermelhas ou pretas, podendo ser tão grandes que quase cobrem o animal, exceto no pescoço, focinho, antepeito e extremidade dos membros.

Tamanho
Cão Grande:
macho: de 51 a 56 cm
Fêmea: de 49 a 52 cm.
Cão leve:
Macho: inferior a 51 cm
Fêmea: inferior a 49 cm.

Peso
Cão Grande:
aproximadamente 25 kg.
Cão leve: aproximadamente 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Este cão vivo, equilibrado, é dotado de uma resistência considerável, um temperamento independente e obstinado. Leal, afetuoso, não é um verdadeiro cão de companhia. Necessita de educação firme.

Conselhos
Necessita de espaço e muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Caça. Cão de utilidade: auxiliar de polícia e de guarda.

Construção robusta mas leve.
Movimentos leves, elásticos.

Sabujo Finlandês

A raça que se parece com o Harrier, foi criada por um ourives finlandês, Tammelin, na continuação do cruzamento entre cães sabujos alemães, suíços, ingleses e escandinavos. Provalvelmente exite desde 1700. É reputada na caça à raposa, lebre, alce e lince. Pouco difundida fora de seu país.

6

1

Cães Sabujos

País de origem
Finlândia

Nome de origem
Suomenajokoïra

Outros nomes
Finskstövare,
Finnish Hound,
Cão Sabujo Finlandês

Raças médias
de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rápido, resistente, enérgico, este cão calmo, equilibrado, é independente. É um agradável companheiro durante o Inverno, enquanto não caça. Necessita de autoridade firme.

Conselhos
Necessita de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia.

Cabeça
Nobre, bastante seca. Crânio ligeiramente arqueado. Occipital bem marcado. Stop pouco marcado. Focinho longo. Trufa bem desenvolvida. Mandíbulas vigorosas.

Olhos
Escuros.

Orelhas
De comprimento médio, pendentes.

Corpo
Mais longo do que alto. Pescoço de comprimento médio, seco. Peito profundo. Costelas bastante arqueadas. Dorso de comprimento médio, reto e musculoso. Garupa bem desenvolvida e vigorosa. Abdômen ligeiramente retraído.

Membros
Bem musculosos.

Cauda
Longa, afilando para a extremidade, habitualmente no nível do dorso ou um pouco mais baixo.

Pêlo
De comprimento médio, reto, cerrado, bastante rígido.

Pelagem
Tricolor. Manto preto. Cor de fogo na cabeça, sob o corpo, nos ombros, nas coxas e noutros locais dos membros. Habitualmente branco na cabeça, no pescoço, no peito, na parte inferior dos membros e na ponta da cauda.

Tamanho
Macho: de 55 a 61 cm.
Fêmea: de 52 a 58 cm.

Peso
Aproximadamente 25 kg.

Porte médio. Forte. Longo.
Construído para a corrida.

1

Cães Sabujos

País de origem
Noruega

Nome de origem
Haldenstövare

Outros nomes
Cão Halden

Raças médias
de 10 a 25 kg

6

Cabeça
De tamanho médio, bem cinzelada. Crânio ligeiramente arqueado. Stop marcado. Cana nasal reta. Lábios não muito pendentes. Bochechas planas.

Olhos
De tamanho médio, castanho escuro.

Orelhas
Pendentes, devem atingir o meio do focinho.

Corpo
Retangular. Pescoço longo, harmonioso, seco, sem barbela. Peito profundo. Dorso reto e forte. Costelas bem arqueadas. Lombo largo. Garupa bem desenvolvida, arredondada, ligeiramente descaída.

Membros
Secos, musculosos, com ossatura forte. Patas preferencialmente ovais. Dedos compactos. Almofadas plantares fortes.

Cauda
Quase atingindo os jarretes, espessa, e portada baixa.

Pêlo
Liso, muito denso, nem demasiado fino, nem demasiado curto.

Pelagem
Branca com manchas pretas ou partes sombreadas de fogo na cabeça, nos membros e entre as partes pretas e brancas. Pequenas manchas pretas ou fogo são consideradas como defeito de coloração. O preto não deve ter predominância. Qualquer outra cor ou repartição é razão para desqualificação.

Tamanho
Macho: de 47 a 55 cm.
Fêmea: de 44 a 52 cm.

Peso
Aproximadamente 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Resistente ao frio, rápido, é capaz de perseguir a caça durante muito tempo a grande velocidade. Não é um cão de matilha. Caça a lebre e outra caça de planície. Gentil, afetuoso, poderá ser cão de companhia.

Conselhos
Para seu equilíbrio, necessita de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Hamilton stovare

O cão sabujo de Hamilton, o nome de seu criador, fundador do Kennel Club Sueco, foi cri†ÿ ÿ ÿ ÿ ÿ ÿ ÿ ÿ ÿ ÿ ÿ ! " †# $† % & ' ( )† + , - . /† 0 1 2 3*

Construção harmoniosa. Impressão de força. Elegância.

6

1

Cães Sabujos

País de origem
Suécia

Nome de origem
Hamiltonstövare

Outros nomes
Cão de Hamilton, Foxhound sueco

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Resistente ao esforço como ao frio, corajoso, caça sobretudo sozinho a caça grossa (veado, javali).

Conselhos
Necessita gastar sua energia frequentemente. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Cabeça
Longa, fina, seca. Crânio ligeiramente arqueado, moderadamente largo. Stop bastante marcado. Trufa bem desenvolvida.

Olhos
Castanho escuro.

Orelhas
Inseridas bastante alto, portadas caídas, enroladas.

Corpo
Retangular. Pescoço longo e forte. Dorso reto. Lombo possante. Garupa larga e musculosa.

Membros
Secos.

Cauda
Inserida alto, forte na base, portada reta ou ligeiramente em forma de sabre.

Pêlo
Curto, duro, denso. Subpelo curto, espesso, fino.

Pelagem
Tricolor. A parte superior do pescoço, o dorso, os dois lados do corpo e a parte de cima da cauda são pretos. A cabeça, os membros, as partes laterais inferiores do pescoço, do tronco, da cauda são castanhas. Uma tira branca que parte do queixo desce ao longo do pescoço até o antepeito. A ponta da cauda e a extremidade dos pés também são brancos.

Tamanho
Macho: de 50 a 60 cm.
Fêmea: de 46 a 57 cm.

Peso
Aproximadamente 25 kg.

Sabujo de Hygen

Um cão de caça soberbo, com o nome do criador Hygen, que o criou no séc. XIX. Este fez o cruzamento do Holsteiner alemão com outros cães sabujos. O Hygenhund foi cruzado em seguida com o Dunker mais leve. É raro fora de seu país.

Sólido. Construído como um corredor de longa distância.

Raças médias de 10 a 25 kg

1

Cães Sabujos

País de origem
Noruega

Nome de origem
Hygenhund

6

Cabeça
Nem pesada, nem longa, um pouco larga. Crânio ligeiramente em cúpula. Stop bem nítido. Cana nasal reta. Focinho largo, curto. Lábios não pendentes.

Olhos
De tamanho médio, escuros ou avelã.

Orelhas
Largas, curtas, moderadamente espessas.
O bordo da frente encostado à bochecha.

Corpo
Compacto. Pescoço forte, sem muita barbela. Peito profundo e longo. Dorso curto, reto, forte. Lombo forte e musculoso. Garupa longa, larga, ligeiramente arredondada. Ventre não retraído.

Membros
Sólidos, bem definidos, sem serem pesados. Patas com dedos cerrados. Solas fortes. Ergots permitidos.

Cauda
Forte na raiz, afilando para a extremidade, portada empinada sobre o dorso, sem ser em caracol.

Pêlo
Curto, denso, brilhante, um pouco rude ao tocar.

Pelagem
Castanho ou amarelo-ruivo, carbonada ou não. Preto e fogo. As duas cores podem ser combinadas com branco. Branco com marcas fogo e manchas amarelas ou com preto e marcas fogo. Todas as cores são aceitas.

Tamanho
Macho: de 47 a 55 cm.
Fêmea: um pouco menor.

Peso
Cerca de 20 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Extremamente resistente, vivo, é um corredor de longa distância.
É capaz de seguir uma pista para encontrar caça ferida.
Faz todo o tipo de caça em todo o tipo de terreno e sob qualquer tempo. Bom guarda, também é um bom companheiro.

Conselhos
Necessita de espaço e muito exercício.

Utilização
Cão de caça.

Sabujo da Istria

Raça muito antiga, desde sempre apreciada na Istria e cujas origens misteriosas são sem dúvida comuns às dos sabujo italianos.
Existem duas variedades:
- de pêlo duro (Istarski Ostrodlaki Gonic),
- de pêlo liso (Istarski Kratkodlaki Gonic),
"Perdigueiro da Istria", o mais difundido.

De construção muito sólida. Pele avermelhada, sem rugas. Andadura flexível, elástica.

1

Cães Sabujos

País de origem
Iugoslávia

Nome de origem
Istarski Gonic

Raças médias
de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Cão tranqüilo, com voz de timbre potente, excelente para caça à lebre, raposa e ótimo seguidor de pista de sangue. Afetuoso, é bom companheiro.

Conselhos
Necessita de espaço e muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Cabeça
Longa, não muito leve. Crânio ligeiramente arqueado. Testa bastante larga. Stop não muito acentuado. Focinho forte, retangular. Lábios bem juntos. Mucosas visíveis escuras.

Olhos
Grandes, escuros. Sobrancelhas bem tufadas e espessas na variedade de pêlo duro.

Orelhas
Longas, coladas junto às bochechas.

Corpo
Robusto, um pouco mais longo do que alto. Pescoço sem barbela. Peito largo. Costelas arredondadas. Dorso reto e largo. Garupa larga, ligeiramente inclinada. Ventre ligeiramente retraído.

Membros
Musculosos, ossatura forte. Patas redondas. Dedos cerrados. Solas resistentes.

Cauda
Forte na raiz, afilando para a extremidade, portada baixa, ligeiramente enrolada para cima.

Pêlo
- Pêlo duro: de 5 a 10 cm de comprimento, eriçado. Subpelo abundante e curto.
- Pêlo raso: fino, denso, brilhante.

Pelagem
Branca. Orelhas habitualmente alaranjadas ou cobertas de placas alaranjadas. Estrela laranja na testa. No corpo, pode haver manchas e placas alaranjadas.

Tamanho
De 44 a 58 cm.

Peso
De 18 a 20 kg.

Suas origens são muito antigas. Originário de cães de corrida egípcios, teria sido importado para a Grécia e depois para a Itália onde pode ter sido cruzado com o Molosso romano. Existem representações deste cão sabujo na estatuária antiga assim como na pintura da Renascença.
No fim do século XIX, esta raça se encontrava dividida em diversas variedades, das quais a de Lomellina e dos Alpes que serviram de base para a criação moderna do cão sabujo atual.

Construção equilibrada, harmoniosa. Pele um pouco espessa. Andadura preferida: o galope.

1

Cães Sabujos

País de origem
Itália

Nome de origem
Segugio Italiano

De 10 a 45 kg

6

Cabeça
Alongada. Crânio ligeiramente arqueado. Stop muito pouco marcado. Trufa grande. Cana nasal longa e convexa

Olhos
Grande, de cor ocre escuro.

Orelhas
Triangulares, planas, pendentes, terminadas em ponta afilada.

Corpo
Se inscreve num quadrado. Pescoço muito seco sem barbela. Dorso retilíneo, musculoso. Antepeito de largura moderada. Lombo bem musculoso. Garupa horizontal, muito musculosa. Abdômen não esgalgado.

Membros
Longos, secos. Patas ovais. Dedos cerrados, arqueados, pretos.

Cauda
Inserida bem alto, pende em sabre. Em ação, se levanta sem passar a altura do dorso.

Pêlo
Semi-longo (inferior a 5 cm), rude exceto na cabeça, nos membros e na cauda. Existe uma variedade de pêlo curto, raso e liso.

Pelagem
Toda a variedade de fulvo unicolor, do fulvo-vermelho escuro e carbonado ao fulvo claro, e o preto fogo. O fulvo pode ter branco no focinho e no crânio, uma estrela no antepeito, branco no pescoço, na extremidade dos membros e na ponta da cauda. Mas o branco não é procurado. Se o preto e o fogo só incluem uma estrela branca no antepeito, a pelagem é chamada de tricolor.

Tamanho
Macho: de 52 a 60 cm.
Fêmea: de 50 a 58 cm.

Peso
Macho: de 20 a 28 kg.
Fêmea: de 18 a 26 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, muito resistente, rápido, vivo, ativo, este cão de faro notável trabalha sozinho ou em matilha. Perfeitamente adaptado aos terrenos mais difíceis, caça a lebre, a raposa e o javali. Sua voz é sonora e harmoniosa. Embora seja independente e pouco agressivo, poderá ser escolhido como animal de companhia. Necessita de educação firme.

Conselhos
Necessita de espaço e muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça, companhia.

Retangular. Forte mas não é pesado.

6

1

Cães Sabujos

País de origem
Noruega

Nome de origem
Dunker

Outro nome
Cão norueguês

Raças médias
de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Muito robusto, capaz de se adaptar a todas as condições climáticas e a todos os terrenos, está construído mais para a corrida de longa distância do que para a corrida de velocidade. Caça a lebre. Equilibrado, gentil, é apreciado como companheiro.

Conselhos
Necessita de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia.

Cabeça
Nítida, alongada, sem pele solta. Crânio ligeiramente arqueado. Stop marcado. Cana nasal reta. Focinho longo.

Olhos
Grandes, escuros. Olhos gázeos são permitidos nos cães azul-mármore (arlequins).

Orelhas
De largura média, ligeiramente arredondadas nas extremidades. Portadas planas e bem encostadas à cabeça.

Corpo
Mais longo do que alto. Pescoço longo, sem barbela. Peito espaçoso com as costelas bem arredondadas. Dorso reto, forte, não muito comprido. Lombo largo e musculoso. Garupa bem musculosa, ligeiramente caída.

Membros
Ossatura forte. Patas compactas. Dedos bem arqueados.

Cauda
Forte na raiz, afilando gradualmente. Deve estar na linha do dorso, sem caracol.

Pêlo
Curto, denso, reto, não demasiado macio. Um pouco mais longo nos membros posteriores e na cauda.

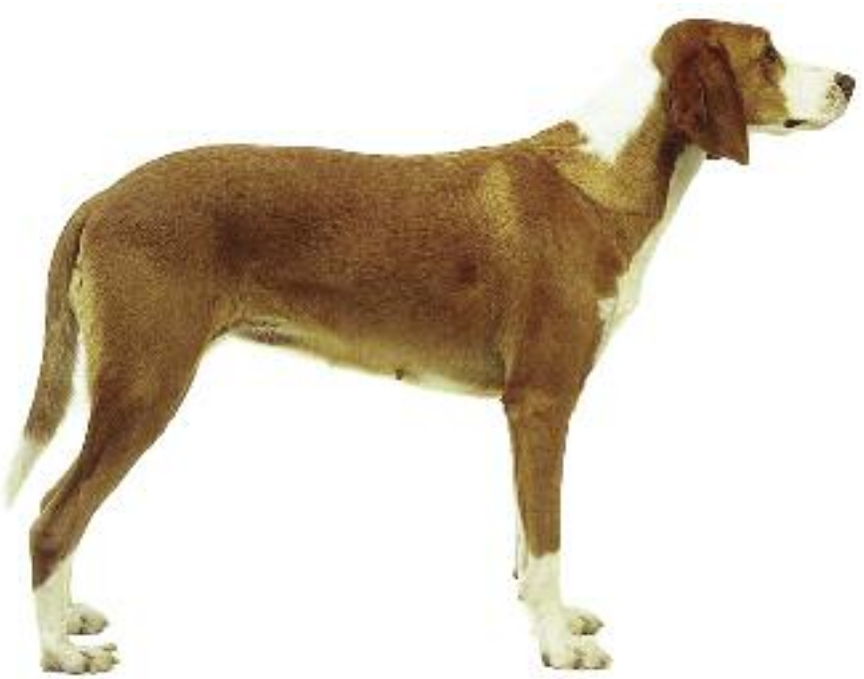
Pelagem
Preta ou azul-mármore (arlequim), com manchas fulvas carbonadas e brancas.

Tamanho
Macho: de 50 a 55 cm.
Fêmea: de 48 a 53 cm.

Peso
de 20 a 25 kg.

Sabujo de Posavatz

Este cão tem seu nome da Posavina, planície ao norte da Bósnia. A raça foi registrada no F.C.I. em 1955 com o nome de "sabujo da Bacia do Kras". No padrão atual, passou a denominar-se "Sabujo de Posavatz". Suas origens são incertas. É praticamente desconhecido fora de seu país.



Mediolíneo. Solidamente construído. Pele elástica, sem pregas. Andadura deslizante e moderadamente viva.

Raças médias de 10 a 25 kg

1

Cães Sabujos

País de origem
Iugoslávia

Nome de origem
Posavaski gonic

Outros nomes
Sabujo da Bacia do Kras, Posavac

6

Cabeça
Longa e estreita. Testa ligeiramente arqueada. Sulco frontal marcado. Stop não muito acentuado. Cana nasal ligeiramente convexa. Focinho bastante longo. Trufa larga, negra ou castanha escura. Lábios esticados.

Olhos
Grandes, de cor escura.

Orelhas
Planas, finas, pendentes com as pontas arredondadas, encostadas às bochechas.

Corpo
Mais longo que alto. Pescoço musculoso, sem barbela. Cernelha pronunciado. Peito longo, largo e profundo. Costelas arredondadas. Dorso largo, musculoso e robusto. Garupa arredondada e moderamente oblíqua. Ventre retraído.

Membros
Fortes, musculosos. Patas redondas, bem cerradas. Unhas fortes.

Cauda
De comprimento médio, forte na raiz, em forma de sabre, coberta de pêlos tufados espessos.

Pêlo
Com 2 a 3 cm de comprimento, rígido, denso, acamado. Na parte inferior do ventre, o bordo posterior dos membros e na parte inferior da cauda, o pêlo é um pouco mais longo.

Pelagem
Avermelhado em todas as tonalidades. Nunca deverá ser marrom ou chocolate. Marcas brancas na cabeça, pescoço, antepeito, ventre, no fim dos membros e na ponta da cauda. Não devem ultrapassar um terço da superfície total do corpo.

Tamanho
De 46 a 58 cm.

Peso
Aproximadamente 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rápido, resistente, dinâmico, este cão com voz alta e sonora, dotado de bom faro, caça em todos os terrenos, principalmente a lebre e o veado. Muito afetuoso com seu dono, tem um bom temperamento.

Conselhos
Muito ativo, necessita de espaço e muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

6

Robusto. Leve. Harmonioso. Nobre.

1

Cães Sabujos

País de origem
Suécia

Nome de origem
Schillerstövare

Outro nome
Cão de Schiller

Raças médias
de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, dinâmico, vivo, será o mais rápido dos cães suecos. Caça sozinho a lebre e a raposa na neve. Pode ser um companheiro agradável. Necessita de educação firme.

Conselhos
Necessita de espaço e muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Cabeça
Alongada, com perfil cônico. Stop marcado com nitidez. Trufa bem desenvolvida. Lábios não pendentes.

Olhos
Cor de avelã.

Orelhas
Pendentes, macias ao tocar.

Corpo
Alongado, possante. Peito profundo. Dorso reto. Lombo forte. Garupa ligeiramente inclinada.

Membros
Longos. Patas compactas. Dedos elásticos. Solas resistentes.

Cauda
Portada reta ou ligeiramente em sabre.

Pêlo
Curto, forte, brilhante. Subpêlo espesso.

Pelagem
Preta e fogo. O pescoço, os ombros, os flancos e a raiz da cauda são negras.

Tamanho
Macho: de 50 a 60 cm. Fêmea: de 46 a 57 cm.

Peso
De 18 a 25 kg.

Schiller stovare

Raça conhecida desde a Idade Média, mas definida e reconhecida apenas em 1952, graças ao criador P. Schi

Estatura leve em forma de retângulo alongado. Pele castanha escura a preta. Andadura de uma vivacidade regular.

Raças médias
de 10 a 25 kg

1

Cães Sabujos

País de origem
Eslováquia

Nome de origem
Slovensky Kopov

6

Cabeça
Crânio ligeiramente arqueado. Stop formando um ângulo de cerca de 45°. Arcadas superciliares e sulco frontal bem marcados. Cana nasal retilínea, longa. Lábios finos, bem ajustados.

Olhos
Em forma de amendoa, sombrios. Pálpebras contornadas a preto.

Orelhas
De comprimento médio. Planas, arredondadas nas extremidades, caem planas encostadas às bochechas.

Corpo
Mais longo que alto. Pescoço curto, musculoso, sem barbela. Antepeito largo. Peio largo e longo. Costelas arqueadas. Dorso reto, de comprimento médio. Lombo bastante largo, sólido. Garupa de largura média e arredondada. Ventre moderadamente retraído.

Membros
Musculosos, ossatura sólida. Patas ovais. Dedos bem arqueados. Unhas negras.

Cauda
De inserção baixa, termina em ponta. Em repouso, é pendente. Em alerta, é portada enrolada em forma de sabre.

Pêlo
Com 2 a 5 cm de comprimento, de espessura média, bem acamado, denso. Mais comprido no dorso, pescoço e cauda. Subpelo denso.

Pelagem
Preta com marcas que vão do castanho ao acaju nos membros.

Tamanho
Macho: de 45 a 50 cm.
Fêmea: de 40 a 45 cm.

Peso
De 15 a 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, muito corajoso, capaz de seguir durante horas uma pista por rasto. Seu faro é de primeira linha, se distingue por sua mordedura e sentido de orientação muito desenvolvido. Caça isolado o javali. De temperamento vivo, muito independente e de temperamento muito forte, mostra ser bom guarda. Embora afetuoso, não se adapta muito bem ao papel de cão de companhia. Uma educação firme é indispensável.

Conselhos
Necessita de espaço e muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Robusto mas leve. Elegante. Nobre.

Dunker norueguês

O criador norueguês W. Dunker terá cruzado um cão russo arlequim com vários cães sabujos de fa ò ó ô

6

1

Cães Sabujos

País de origem
Suécia

Nome de origem
Smalandsstövare

Outros nomes
Cão de Småland

Raças médias
de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Vigoroso obstinado, dotado de ótimo faro, é especialmente utilizado na caça à raposa e à lebre. Pode trabalhar com qualquer tempo. É apreciado como companheiro.

Conselhos
Necessita de espaço e muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça, companhia

Cabeça
Estreita, seca. Cana nasal reta. Focinho bem desenvolvido. Narinas muito abertas.

Olhos
Sombrios.

Orelhas
Inseridas altas, bastante planas, pendentes, coladas à cabeça.

Corpo
Compacto. Pescoço de comprimento médio, possante. Peito profundo. Dorso ligeiramente côncavo, curto. Lombo possante. Garupa longa, larga. Abdômen musculoso e retraído.

Membros
Musculosos, boa ossatura. Patas grandes. Dedos bem arqueados.

Cauda
Longa, desce até o jarrete ou curta de nascença. Portada alto.

Pêlo
Curto, espesso, liso e brilhante.

Pelagem
Preto com marcas fogo sobre os olhos, em volta dos lábios, no antepeito e nas extremidades dos membros.

Tamanho
Macho: de 45 a 54 cm.
Fêmea: de 42 a 50 cm.

Peso
De 15 a 20 kg.

Sabujo Suíço

Bruno do jura

O cão sabujo suíço tem origens muito antigas. Sua presença no tempo da Helvétia romana é certa. Foi investigado por cinófilos a partir do século XV. Contrariamente aos sabujos franceses, estes não receberam sangue inglês. Em 1882, um padrão foi estabelecido para cada uma das 5 "formas" do cão sabujo suíço. Em 1909, constatou-se o desaparecimento do sabujo de Thurgovie (ou da Suíça oriental). Em 1933, um padrão único foi redigido para as quatro variedades do cão sabujo suíço:

- Cão sabujo bernês (Berner Laufhund)
- Bruno du Jura (Cão de Argovia, cão sabujo do Jura)
- Cão sabujo Lucerna (Luzerner Laufhund)
- Cão sabujo Schwyzer Laufhund.
- A antiga variedade, o cão sabujo do Jura, tipo Santo Humberto, já praticamente desapareceu. Para cada uma destas quatro variedades, existe um modelo pequeno resultante do cruzamento de cães sabujos suíços de tamanho normal com Bassets.

Talhe médio. Conformação alongada. Pele fina, esticada, de cor diferente em cada variedade. Andaduras: amplas e compassadas.

1

Cães Sabujos

País de origem
Suíça

6

Nome de origem
Schweizerische Laufhund

Raças médias de 10 a 25 kg

Lucerna

Cabeça
Alongada, seca. Crânio estreito, seco, arqueado. Stop marcado. Cana nasal reta ou muito ligeiramente encurtada. Focinho estreito, alongado. Mandíbulas sólidas. Bochechas secas. Trufa bem desenvolvida.

Olhos
Ligeiramente ovais, castanhos mais ou menos escuro.

Orelhas
Inseridas baixo, estreitas, pendentes, pregueadas e enroladas, arredondadas na extremidade.

Corpo
Mais longo que alto. Pescoço alongado, pouca barbela. Peito mais profundo que largo. Costelas ligeiramente arqueadas. Dorso compacto e reto. Lombo bem musculado. Garupa alongada, ligeiramente inclinada. Ventre ligeiramente retraído.

Membros
Muito musculosos. Ossatura sólida. Patas arredondadas. Dedos cerrados. Almofadas plantares duras.

Cauda
De comprimento médio, afilada na extremidade. Em repouso, pende naturalmente. Em trabalho, portada mais alto que a linha do dorso.

Pêlo
Curto, liso, abundante, muito fino na cabeça e nas orelhas. O Lucerna é sempre de pêlo raso.

Pelagem
- Bernês: branca com manchas ou sela preta; marcada de fulvo sobre os olhos, nas bochechas, na parte interna das orelhas e à volta do ânus.
- Bruno do Jura: Fulvo com manto preto, por vezes carbonado; ou preto marcado de fulvo sobre os olhos, nas bochechas, nos membros. Por vezes uma mancha branca no peito.
- Lucernês: azul, resultante de uma junção de pêlos pretos e pêlos brancos, fortemente pintado, com manchas ou sela pretas; marcado de fulvo sobre os olhos, nas bochechas, no peito, nos membros e em volta do anus. Manto preto é admitido.
- Schwyzois: branca com manchas ou uma sela fulva-alaranjada; por vezes ligeiramente malhado. Manto fulvo-alaranjado é admitido.

Tamanho
De 30 a 55 cm.

Peso
De 15 a 20 kg.

Lucerna

Bernês

Suíço

Temperamento, aptidões, educação

Rusticidade, vigor, resistência para estes cães calmos, de faro sutil e voz possante. O bernês, com voz muito clara ("o urrador do Jura"), bom dirigente de matilha, é utilizado especialmente para a caça à lebre. O Bruno, excelente aproximador, é mais destinado à caça ao javali e ao cabrito montês. O Lucerna, que lembra o Pequeno Azul da Gasconha, ativo, apaixonado, caça o cabrito montês. O Schwyzois, menos difundido na França, é reservado para a caça ao coelho e à lebre. Meigos, dóceis, muito apegados ao dono, são companheiros agradáveis. É útil que recebam uma educação firme.

Conselhos

Para seu relaxamento, necessitam de espaço e muito exercício. Escovação regular.

Utilização

Caça, companhia.

Sabujo da Transilvânia

A origem deste cão sabujo húngaro, data do século IX quando os Magiares trouxeram cães sabujos que foram cruzados com cães locais e cães polacos. Era empregado na caça ao lobo e ao urso. Existem duas variedades:

- Pequeno cão sabujo da Transilvânia, utilizado para a caça à raposa e à lebre;
- Grande cão sabujo da Transilvânia, especialista na perseguição ao javali, ao veado e ao lince.

Porte médio. Pele pigmentada de cor escura. O passo não é rápido. O galope extraordinariamente resistente.

1

Cães Sabujos

País de origem
Hungria

6

Nome de origem
Erdelyi Kopo

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Incansável, impetuoso, tenaz, é provido de um faro muito apurado e de excelente sentido de orientação. É um cão de caça de talentos múltiplos. São obedientes e bondosos. Necessita de uma educação firme.

Conselhos
Exigem muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Cabeça
Tendência longa. Crânio ligeiramente arqueado. Stop muito pouco notório. Cana nasal reta. Lábios secos.

Olhos
De tamanho médio, ovais, um pouco oblíquos, de cor castanho escuro.

Orelhas
Pendentes, sem pregas, mais largas no meio, com extremidades arredondadas.

Corpo
Quase quadrado. Pescoço musculado, de comprimento médio. Cernelha marcante. Peito longo, largo. Dorso reto. Garupa com inclinação moderada. Ventre um pouco retraído.

Membros
Fortes, musculosos. Patas redondas. Unhas fortes e pretas.

Cauda
Inserida baixo. Em repouso, fica pendente. Em trabalho, enrolada sobre o dorso.

Pêlo
- Cão pequeno: pêlo curto, reto e cerrado.
- Cão grande: pêlo mais longo, mais denso, mais cerrado, mais rude. Subpelo.

Pelagem
- Cão pequeno: castanho-ruivo esbatendo-se em direção ao ventre e aos membros.
- Cão grande: preto. Marcas fogo sobre as arcadas superciliares, o focinho e os membros. As duas variedades apresentam muitas vezes mancha brancas na testa, no peito, nos pés e na extremidade da cauda.

Tamanho
Cão pequeno: de 45 a 50 cm.
Cão grande: de 55 a 65 cm.

Peso
De 30 a 35 kg.

Sabujo Iuguslavo

Considerada como uma raça autóctone, encontra-se ao sul da ex-Iugoslávia. Se distinguem duas variedades:
- Cão sabujo montanhês Iugoslavo (ex "cão sabujo preto") reconhecido em 1969.
- Cão sabujo tricolor iugoslavo: estes cães são pouco conhecidos fora de seu país

Mediolíneo. De forma retangular. Pele esticada, sem pregas. Andadura: passadas compridas.

1

Cães Sabujos

País de origem
Iugoslávia

Nomes de origem
Cão de montanha iugoslavo (Planinski Gonic), Cão Sabujo iugoslavo Tricolor (Jugoslovenski Trobojni Gonic)

Raças médias de 10 a 25 kg

6

Cabeça
Alongada. Crânio ligeiramente arqueado. Arcadas superciliares marcadas. Stop pouco acentuado. Cana nasal reta. Focinho forte em forma de cunha. Lábios esticados e pretos.

Olhos
Escuros.

Orelhas
Pendentes e sem pregas. Pontas arredondadas.

Corpo
Um pouco mais longo do que alto. Pescoço musculoso sem barbela. Antepeito largo. Peito profundo e largo. Dorso largo e musculoso. Garupa larga, musculada, ligeiramente oblíqua. Ventre retraído.

Membros
Fortes, musculosos. Patas redondas. Dedos cerrados.

Cauda
Reta ou ligeiramente em sabre.

Pêlo
No Planinski: curto, denso, rude, liso. Subpêlo abundante.
No tricolor: Curto, espesso com subpelo.

Pelagem
- Cão sabujo de montanha: preto e fogo, com marcas fogo características sobre os olhos, no focinho, nas partes inferiores dos membros.
- Cão sabujo tricolor: fundo vermelho raposa ou vermelho aberto com cobertura mais ou menos larga ou sela negra. Branco repartido pela cabeça (lista), pescoço (gola), antepeito, extremidade dos membros e da cauda.

Tamanho
De 45 a 55 cm.

Peso
De 20 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito resistente, audacioso, dotado de faro bem desenvolvido, persistente na perseguição da caça, é particularmente eficiente em terrenos acidentados. Caça a lebre, a raposa, o veado... Dócil, calmo, de bom temperamento, é um agradável companheiro.

Conselhos
Necessita de grandes espaços e muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Caça, companhia.

Bem construído. Musculoso. Não muito longo. Pele para o espessa. Movimentação flexível, acentuada e calma.

Cão de Artois

É uma raça de cão de matilha muito antiga, de porte médio que quase desapareceu no início do século, se reconstituiu, mas o número de seus efetivos continua fraco. É mencionada pela primeira vez no séc. XV. Este cão terá servido para a caça ao veado com cavalos, nas matilhas reais. Este Briquet, resultado do cruzamento do cão sabujo e do Braco, também era conhecido há séculos como cão de caça à lebre. Teve como antepassado o Grande Cão de Artois, proveniente do Santo-Humberto. Uma introdução de sangue inglês alterou seu tipo.

6

1

Cães Sabujos

País de origem
França

Outro Nome
Briquet de Artois

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, robusto, resistente, corajoso, este cão é equilibrado e calmo. Este Briquet alia as qualidades do Braco e do cão sabujo: forte sentido de orientação, faro muito apurado, firmeza na parada, rapidez e mordedura. Caçador de lebre, também é utilizado para o cabrito montês, o javali e a raposa. Necessita da autoridade firme de seu dono.

Conselhos
Necessita de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Cabeça
Forte, larga, curta. Crânio ligeiramente arqueado. Stop pouco marcado. Cana nasal larga e reta, pouco alongada. Trufa forte. Lábios um pouco espessos.

Olhos
Grandes, salientes, muito abertos.

Orelhas
Inseridas na altura dos olhos, largas, espessas, quase planas, bastante longas.

Corpo
Maciço. Pescoço bastante longo, possante, muito pouca barbela. Antepeito largo. Peito bastante largo e moderadamente descido. Costelas um tanto redondas. Dorso de comprimento médio, bem musculoso. Lombo largo e musculoso. Garupa larga, ligeiramente oblíqua. Flanco descido e muito cheio.

Membros
Fortes. Patas fortes, secas, cerradas, um pouco alongadas. Sola preta.

Cauda
Bastante longa, espigada e portada em foice.

Pêlo
Raso, espesso, tendência forte.

Pelagem
Tricolor: branco, fulvo escuro, tipo pêlo de lebre ou mesmo de texugo, com manto ou manchas grandes negras. A cabeça normalmente fulva, por vezes carbonada.

Tamanho
De 52 a 58 cm.

Peso
De 25 a 30 kg.

Cão de Lontra

Este grande cão hirsuto, tem como origem o cruzamento do Cão de Santo-Humberto com Grifos franceses (Grifo da vendéia, Grifo nivernês) importados para a Inglaterra antes de 1870 onde receberam sangue de Harrier e Terrier de pêlo duro. Foi criado para caçar a lontra (otter) até em suas tocas subaquáticas. Após a proibição desta caça na Inglaterra por volta de 1970, a raça tornou-se rara.

Grande. Forte. Robusto. Andadura flexível.

1

Raças grandes de 25 a 45 kg

Cães Sabujos

País de origem
Grã-Bretanha

Nomes de origem
Otterhound

6

Cabeça
Mais alta do que larga. Crânio em cúpula. Stop nítido. Cana nasal reta. Focinho forte e alto. Lábios abundantes. Bigode e barba leves. Mandíbulas fortes, grandes.

Olhos
De cor variada conforme a cor da pelagem.

Orelhas
Longas, pendentes. Têm uma dobra caraterística. O bordo anterior se dobra ou se enrola para fora. Pêlos que formam franja.

Corpo
Sólido. Pescoço longo, possante. Peito bem descido. Dorso largo. Lombo curto e forte. Membros posteriores muito musculados.

Membros
Retos, forte ossatura. Patas grandes, redondas, compactas.

Cauda
Espessa na raiz, vai afilando para a extremidade. Portada alto quando o cão está em alerta, mas nunca enrolada sobre o dorso.

Pêlo
Longo (4 a 8 cm), denso, grosseiro, duro e impermeável. Subpelo oleoso, lanoso...

Pelagem
Todas as cores reconhecidas nos cães sabujos são permitidas: unicolor, grisalho, areia, vermelho, trigueiro, azul. Estas pelagens podem ter ligeiras marcas brancas na cabeça, no antepeito, nos pés e a extremidade da cauda. Os cães brancos podem ter leves marcas limão, azul ou cor de texugo.

Tamanho
Macho: cerca de 67 cm.
Fêmea: cerca de 60 cm.

Peso
Aproximadamente 32 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Este cão é corajoso, tenaz e teimoso. Pouco sensível ao frio, amante da água e excelente nadador, em sua origem era destinado para caçar diariamente na água mas também capaz de galopar em terra. Gentil, de humor constante, afetuoso, brincalhão, é um companheiro agradável. Necessita de educação firme.

Conselhos
Necessita de muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia.

Bloodhound

Pesado. Maciço. Majestoso. O mais impressionante dos cães sabujos. Movimentação lenta e imponente.

1

Cães Sabujos

País de origem
Bélgica

Outros Nomes
Bloodhound,
Raça dos Sabujos,
Cão da Flandres,
Cão das Ardenas

6

Raças gigantes
de 45 a 90 kg

De origem muito antiga, esta raça de grande cão sabujo foi aperfeiçoada a partir do séc. IX pelos monges da abadia de Santo-Humberto (patrono dos caçadores), fundado nas Ardenas. Esta raça das Ardenas, foi ali conservada até 1790. Introduzida na Grã-Bretanha no século XI por Guilherme o conquistador, passou a ser denominada de Bloodhound, que quer dizer, cão de sangue, mas também pode ser cão sanguinário porque então era utilizado para perseguir o homem. Na Alemanha, era denominado de Leithund, Sabujo vermelho. É dele que descendem as raças de cães sabujos que mais ou menos conservaram as caraterísticas essenciais da cabeça de seu célebre ancestral. O Santo-Humberto era na verdade o elemento das matilhas de caça real, até ao reinado de São Luís. A partir dessa época, um cruzamento de Santo-Humberto branco com um Braco italiano deu origem à raça dos Cães Brancos do Rei que o substituíram e passaram a fazer parte da grande equipagem dos reis de França, desde Francisco I atéLuís XIV.

Cabeça
Grande, em todas suas dimensões exceto na largura. Crânio muito alto, pontiagudo, osso occipital extremamente desenvolvido. Pele da testa e das bochechas profundamente enrugadas. Lábios muito longos e pendentes. Mandíbulas muito longas e largas.

Olhos
Relativamente pequenos, castanho avelã escuro. Pálpebra inferior muito pendente, descobrindo a mucosa ocular vermelha escura.

Orelhas
Inseridas baixo, muito longas, pendentes para a frente contra as mandíbulas em pregas graciosas.

Corpo
Largo e alongado. Pescoço longo, bem musculado, barbelas muito desenvolvidas. Peito largo e profundo. Dorso largo, muito forte. Lombo sólido. Ventre ligeiramente retraído.

Membros
Musculosos, boa ossatura. Patas redondas.

Cauda
Portada em curva elegante e mais alto do que a linha do dorso, mas não sobre este.

Pêlo
Curto e bastante duro no corpo, macio e sedoso nas orelhas e no crânio.

Pelagem
Preto e fogo, unicolor fogo, castanho e fogo, sendo a primeira cor a mais procurada. A cor preta se deve estender no dorso em forma de sela, nos flancos, sobre a nuca e a ponta da cabeça. O branco não é admitido.

Tamanho
Macho: cerca de 67 cm.
Fêmea: cerca de 60 cm.

Peso
De 40 a 48 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Inicialmente cão de caça grossa, era utilizado para a caça grossa com matilha e cavalos (javali e veado). Após ter cedido seu lugar nas matilhas se tornou o sabujo por excelência que preparava as caças. Podia prestar grandes serviços como cão de sangue, cão de pista para seguir a caça ferida. Seu faro excepcionalmente apurado, faz dele o melhor cão de pista. É corajoso, perseverante, resistente, aplicado, muito seguro. Ajuizado, obediente, tem uma voz magnífica. Afetuoso, muito dócil, calmo, se tornou num companheiro agradável. Desconfiado com os estranhos, mas sem agressividade, é um bom guarda dissuasivo. Sua educação deve ser feita com suavidade, mas com firmeza.

Conselhos
Apesar de seu tamanho, pode se adaptar à vida de cidade, mas necessita de muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça. Cão de utilidade: pista humana (polícia). Cão de companhia.

Coonhound preto e castanho

Possante. Ágil.

Foi criado pelo cruzamento de Bloodhounds e Foxhounds. Este campeão da caça ao racum ("coon"), também busca o urso e o opossum. Foi reconhecido pelo American Kennel Club em 1945. Existem outras variedades de Coonhound: O Redbone (pelagem vermelha uniforme), o Blue-Tick (pelagemtricolor) e o Treeing Walker (pelagem tricolor ou bicolor). Não são reconhecidas oficialmente.

1

Cães Sabujos

País de origem
Estados Unidos

6

Nome de origem
Black and Tan Coonhound

Outros Nomes
Cão Sabujo preto e castanho

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Cabeça
Finamente modelada, se parece com a do Santo-Humberto. Focinho longo e quadrado. Lábios pendentes. Narinas largas.

Olhos
Redondos de cor avelã.

Orelhas
Longas, pendentes, enquadram a cabeça de pregas graciosas.

Corpo
Bem proporcionado. Peito possante. Garupa bem musculosa.

Membros
Fortes. Unhas pretas.

Cauda
Robusta, portada alegremente.

Pêlo
Curto espesso.

Pelagem
Preta com marcas fogo sobre os olhos, no focinho, no peito e no fundo dos membros.

Tamanho
De 58 a 68 cm.

Peso
Aproximadamente 35 kg.

Utilização
Cão de caça.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, muito resistente, alerta, vivo, este cão é vigilante e agressivo. Sua educação será firme.

Conselhos
Não é feito para viver em apartamento. Escovação regular.

Drever

Cão muito antigo, se parece muito com o Basset de Westfália, o que se explicaria se efetivamente fosse o resultado de um cruzamento entre este Basset e cães sabujos locais. Para alguns, o Teckel terá sido utilizado. A raça foi oficialmente reconhecida em 1947 pelo Kennel Clubsueco e em 1953 pela F.C.I. Nesse mesmo ano, foi estabelecido o primeiro padrão. É muito pouco conhecido fora de seu país.

Compacto. Harmonioso. Musculatura desenvolvida. Flexível. Ágil.

Raças médias de 10 a 25 kg

1

Cães Sabujos

País de origem
Suécia

Outros Nomes
Dachsbracke sueco, Braco sueco, Basset sueco

6

Cabeça
Relativamente grande e longa. Stop ligeiramente marcado. Cana nasal reta ou ligeiramente encurtada. Focinho forte, bem quadrado. Trufa grande.

Olhos
Castanho escuro. Pálpebras finas.

Orelhas
De comprimento médio, largas, arredondadas nas extremidades, coladas contra a cabeça.

Corpo
Se inscreve num retângulo. Pescoço longo, bastante forte, sem barbela. Peito bem desenvolvido. A parte inferior do externo fica acima dos cotovelos. Dorso reto, forte. Lombo possante e relativamente curto.

Membros
Curtos, fortes, musculosos. Patas resistentes. Dedos cerrados, bem arqueados. Solas duras.

Cauda
Longa, forte na base, portada pendente.

Pêlo
Cerrado, reto. Relativamente curto na cabeça, na parte inferior dos membros e na parte superior da cauda. Mais comprido no pescoço, no dorso e na parte posterior das coxas. Forma uma escova na parte inferior da cauda.

Pelagem
Todas as cores são admitidas, mas as marcas brancas, bem visíveis de todos os lados, são obrigatórias. Uma tira e um colar brancos são muito desejáveis, assim que uma mancha branca na extremidade da cauda e nos pés. As cores deverão ser puras.

Tamanho
Macho: de 32 a 40 cm.
Fêmea: de 30 a 38 cm.

Peso
De 40 a 48 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Tenaz, corajoso, alerta, seu faro é excepcional e seu latido barulhento.
Caça sozinho ou em matilha, a lebre, a raposa e mesmo o javali. Será um agradável companheiro. Necessita autoridade firme.

Conselhos
Necessita de espaço e exercício para seu equilíbrio. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Fulvo da Bretanha de pêlo duro

Grifo: ossudo. Musculoso. Impressão de vigor e de rusticidade. Basset: o mais baixo de todos os Bassets. Um pouco compacto em seu conjunto. Andaduras vivas.

6

1

Cães Sabujos

País de origem
França

Raças médias de 10 a 25 kg

O Grande Fulvo da Bretanha, é uma raça muito antiga, que está na origem de duas variedades:

o Grifo e o Basset Fulvo da Bretanha. Antigamente, o Grande Fulvo da Bretanha era o componente principal das grande matilhas célebres como a de Ana de Beaujeu, filha de Luís XI. Estes cães amarelos, fulvo-avermelhado, de temperamento forte, fugidiços, com tamanho de aproximadamente 60 a 65 cm, eram os melhores caçadores de lobos. Após o desaparecimento deste animal no fim do século XIX, a raça quase se extinguiu. Fizeram-se então cruzamentos para obter um cão mais leve: foi assim que nasceu o Basset Fulvocujo primeiro padrão foi estabelecido em 1921. Quanto à variante Grifo, que é a forma Briquet do Grande Fulvo, foi declarada inexistente em 1928. Mas após a Segunda Guerra Mundial, em 1949, foi criado o Clube do "Briquet Fulvo da Bretanha". Em 1981, o Clube decide conseguir Grifos (doravante a denominação oficial) de 48 a 56 cm e Bassets de 32 a 38 cm, tendo assim salvo a raça. O forte aumento dos efetivos, especialmente dos Basset, é encorajante.

Cabeça
Crânio um tanto alongado, mas nunca plano. Crista occipital marcada. Cana nasal alongada, reta ou ligeiramente encurtada. Stop pouco marcado no grifo, um pouco mais no Basset. Trufa preta ou marrom escuro.

Olhos
Marrom escuro.

Orelhas
Inseridas no nível da linha dos olhos, atingido até à trufa, ligeiramente viradas, terminadas em ponta e cobertas de pêlo raso.

Corpo
Vigoroso. Compacto no Basset. Pescoço bastante curto e musculoso. Peito alto e largo. Costelas bastante arredondadas. Grifo e Basset: dorso curto e largo.
Grifo: lombo largo, bem musculoso.
Basset: lombo largo, bem musculoso, possante.
Ventre pouco retraído.

Membros
Grifo: fortes.
Basset: anteriores ligeiramente tortos ou quase retos.
Grifo: e Bassets: patas compactas. Dedos cerrados.

Cauda
Portada ligeiramente em foice, de comprimento médio. Grossa na base, afilando para a ponta, muitas vezes espigada.

Pêlo
Muito duro, seco, bastante curto, nunca lanoso nem encaracolado. A face não deve ficar cheia de nós.

Pelagem
Fulvo: as melhores nuances são o trigueiro-douradas e o vermelho tijolo com por vezes uma estrela branca no antepeito.

Tamanho
Grifo:
Macho: de 50 a 56 cm.
Fêmea: de 48 a 52 cm.
Basset: de 32 a 38 cm.

Peso
Grifo: cerca de 23 kg.
Basset: cerca de 15 Kg.

Temperamento, aptidões, educação
O Fulvo da Bretanha herdou de seu antepassado, o Grande Fulvo da Bretanha, rusticidade, resistência, temeridade, vigor, entusiasmo, rapidez, faro apurado e personalidade muito forte e independente. O Basset, de temperamento difícil, teimoso (cruzamentos com Bassets Grifo da Vendéia o acalmaram) caça sozinho, em par, em grupos pequenos ou em matilha, em regiões cerradas, o coelho que é a sua vocação principal. Bem treinado, poderá conseguir um cão de sangue. O Grifo, grande condutor, muito temerário, ladrador (boa voz), é utilizado para o javali e a raposa em que é excelente. Alguns também o utilizam para a lebre e o cabrito montês. O Fulvo da Bretanha é calmo e afetuoso com seu dono. É indispensável uma educação firme para este cão de temperamento forte.

Conselhos
O Grifo, principalmente criado em matilha, está quase sempre no canil. O Basset, pode viver com seu dono, em casa ou num nicho. Necessita de espaço e muito exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Cão de caça.

Silhueta esbelta. Ossatura leve.

Foxhound Americano

Alguns foxhounds ingleses foram importados para os Estados Unidos pelo criador inglês R. Brooke, por volta de 1650. Receberam sangue de sabujos ingleses, franceses e irlandeses. Provavelmente é o mais antigo dos cães sabujos americanos. Existem diversas variedades. Caça a raposa e caça grossa. Foi reconhecido pelo American Kennel Club em 1894. É pouco difundido.

1

Cães Sabujos

País de origem
Estados Unidos

6

Nome de origem
American Foxhound

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Mais leve, mais rápido, melhor faro que o Foxhound inglês. Voz melodiosa. Caça a raposa (fox) e o javali. É um excelente companheiro.

Conselhos
Necessita de muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia.

Cabeça
Bastante longa. Crânio largo, ligeiramente arqueado. Stop moderado. Focinho reto e quadrado.

Olhos
Grandes, bem espaçados, de cor castanha ou avelã.

Orelhas
Longas, de textura fina, bastante largas, pendentes junto à cabeça.

Corpo
Alongado. Pescoço desenvolto, forte, sem barbela. Peito profundo, mais estreito que no Foxhound inglês. Costelas bem anguladas. Dorso musculoso e forte. Lombo largo, ligeiramente arqueado.

Membros
Alongados, musculosos. Patas redondas. Solas duras. Dedos bem arqueados.

Cauda
Portada empinada. Ligeiramente curvada mas não para a frente sobre o dorso. Pelagem em forma sutil de pincel.

Pêlo
De comprimento médio, cerrado, rude.

Pelagem
São admitidas todas as cores.

Tamanho
Macho: de 56 a 64 cm.
Fêmea: de 53,5 a 61 cm.

Peso
Aproximadamente 30 Kg.

Foxhound Inglês

O único cão inglês de caça grossa, suas origens são controversas. Teria sido criado por volta do século XV, na Grã-Bretanha para a caça à raposa ("Foxhound") a partir de sabujos de caça ao veado, os Staghounds. Tratava-se de dispor de cães menores, muito rápidos e resistentes. O faro e a voz passam para segundo plano. O livro das origens da associação inglesa do Foxhound data de antes de 1800. A caça à raposa, com matilha e cavalos, atingiu seu ponto culminante na Inglaterra, durante a primeira metade do séc. XIX. Napoleão III apreciava muito esta raça. Nos Estados Unidos, é a base da criação do Foxhound americano desde o sécilo XVII. Também contribuiu para o desenvolvimento da criação francesa de cães de matilha utilizados para a caça grossa, introduzindo a ossatura, o vigor e a saúde. A F.C.I. reconheceu esta raça em 1964. Continua raro na França.

Mediolíneo. Sólido. Bem constituído. Andadura desenvolta.

1

Raças grandes de 25 a 45 kg

Cães Sabujos

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
English Foxhound

Outro nome
Fox-Hound

6

Cabeça
Bem proporcionada. Crânio largo, plano. Stop pouco marcado. Focinho longo e quadrado. Mandíbulas fortes.

Olhos
Redondos, de cor avelã a castanho.

Orelhas
Inseridas altas, médias, largas, pendentes, bem juntas às bochechas.

Corpo
Feito para a velocidade e resistência. Pescoço longo mas espesso. Ombros leves. Peito profundo. Costelas arredondadas. Dorso largo. Lombo forte. Membros posteriores bem musculosos.

Membros
Longos, boa ossatura. Patas redondas. Dedos cerrados.

Cauda
Longa, inserida alto, portada "empinada" (erguida), sem ser enrolada sobre o dorso.

Pêlo
Curto, denso e brilhante.

Pelagem
Todas as cores e marcas são aceitos nos cães sabujos.

Tamanho
De 58 a 64 cm.

Peso
De 30 a 35 Kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão robusto, corajoso, combativo, incansável e muito rápido, capaz de percorrer 6,5 km em 8 minutos ou de galopar durante horas a grande velocidade. Com faro pouco apurado e voz fraca, está sempre á procura de uma presa. Embora na Inglaterra, a raposa seja sua especialidade exclusiva, na França, caça o javali e o veado. Trabalha muito bem na água. Não é propriamente um cão de companhia. Deve sentir a autoridade de seu dono, aceitado como chefe da matilha.

Conselhos
No campo e com vários cães, o canil é o mais indicado. A vida em apartamento não é o ideal. Suporta mal a solidão e a inatividade. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Distinto. Construído em força.
Galope flexível e alongado.

Francês

O Francês junta mais de uma variedade, diferentes na pelagem, originárias de raças francesas antigas. Distinguem-se:
- Francês Branco e Preto; descende de duas raças do sul: o Cão de Saintonge e o Azul da Gasconha com infusões de Foxhound. Foi reconhecido oficialmente em 1957.
- Francês tricolor; de criação recente (1957), tem origem nos cruzamentos entre Anglo-Franceses Tricolores de tipo francês. Tiveram lugar revigoramentos com os Poitevins, os Billy e talvez o Azul da Gasconha. É muito mais sólido e um pouco menos rápido que o Poitevin. Seu padrão foi oficialmente reconhecido em 1965.
- Francês Branco e Laranja: em suas origens, se encontra o Billy. Criado em 1978. Seus efetivos são muito reduzidos.

6

1

Cães Sabujos

País de origem
França

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Estes cães são resistentes, audaciosos, capazes de agüentar várias horas de andamento a boa velocidade. Com boa voz, faro apurado, seguros na troca, caçam bem em matilha. Seu trabalho é meticuloso. Caçam o cabrito montês e o veado. Devem sentir a autoridade de seu dono, aceite como chefe de matilha.

Conselhos
Seu hábitat é o canil. Necessita de espaço e exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Cão de caça.

Cabeça
Grande, um tanto longa. Crânio ligeiramente arqueado. Stop leve (marcado no Tricolor e no Branco e laranja). Cana nasal um pouco encurtada. Lábios cobrindo o lábio inferior. Trufa negra ou castanho alaranjada no Branco e Laranja.

Olhos
Escuros. Grandes e castanhos, por vezes circundados de preto no tricolor.

Orelhas
Ligeiramente torcidas, chegam a dois dedos da raiz da trufa.

Corpo
Possante. Pescoço bastante longo e forte. Peito mais alto que largo. Costelas moderadamente arredondadas. Dorso longo, bem sólido. Lombo musculoso, bem compacto. Flanco ligeiramente retraído.

Membros
Fortes. Patas um tanto alongadas, secos.

Cauda
Grossa na raiz, longa, portada com elegância..

Pêlo
Raso, bastante forte e cerrado. Tendência fino para o Tricolor.

Pelagem
- Branco e Preto: obrigatoriamente branca e preta com grande manto ou manchas pretas mais ou menos extensas podendo se apresentar pintado de preto ou azulado ou até de cor fogo, mas estas últimas apenas nos membros. Uma mancha fogo pálido sobre cada olho assim como fogo pálido nas bochechas, sob os olhos, sob as orelhas e na raiz da cauda.
Como no Gascon-Saintongeios, a "marca de cabrito" na coxa é bastante freqüente. Pele branca sob pêlo branco, preto sob pêlo preto, por vezes com placas no ventre e na face interna das coxas de cor azul ou menos escuro.
- Tricolor: branco e fulvo (fogo vivo ou mesmo acobreado) e manto preto. O pêlo "cor de lobo" é admitido.
- Branco e laranja: branco e limão ou branco e laranja desde que o laranja não seja demasiado escuro puxando ao vermelho. Pele branca com manchas amarelas ou laranja.

Tamanho
Branco e Preto:
macho: de 65 a 72 cm.
fêmea: de 62 a 68 cm.
Branco e Laranja:
De 62 a 70 cm.
Tricolor: macho: de 62 a 72 cm.
Fêmea: de 60 a 68 cm

Peso
Aproximadamente 30 Kg.

Gascão Saintongeois

No meio do século XIX, o conde J. De Carayon-Latour querendo regenerar a raça em declínio dos Cães Saintonge, juntou os últimos descendentes com os Azuis da Gasconha do Barão de Ruble, criando assim o Gascão Saintongeois ou cão de Virelade, com o nome de seu castelo.
Foi assim que desapareceu o Cão Saintonge, descendente do Santo-Humberto, cuja pelagem era branca com manchas negras e algumas marcas de fogo.
O Gascão-Saintongeois, cão de matilha, inclui duas variedades:
- Grande Gascão Saintongeois, utilizado para a caça de tiro, e por vezes com matilha na caça grossa. Está em via de extinção e serve para inserir sangue novo com outras raças de caça grossa.
- Pequeno Gascão-Saintongeois: no início do século XX, criadores do Sudoeste selecionaram os indivíduos menores do tipo do Gascão-Saintongeois e fixaram esta variedade, especialmente destinada à caça da lebre com matilha.

Elegante. Forte. Bem construído. Pele branca com manchas negras. Andadura regular e fácil.

1

De 10 a 45 kg

Cães Sabujos

País de origem
França

Outro nome
Cão de Virelade

6

Cabeça
Seca e longa. Crânio estreito, arqueado. Stop pouco marcado. Cana nasal forte, ligeiramente encurtada. Bochechas secas. Trufa bem desenvolvida.

Olhos
Ovais, escuros, castanhos.

Orelhas
Inseridas abaixo da linha dos olhos, longas, finas, enroladas, pendentes.

Corpo
Alongado. Pescoço de comprimento e espessura média, ligeiramente arqueado, pouca barbela. Peito profundo e largo. Costelas ligeiramente arredondadas. Dorso bem compacto. Lombo muito vigoroso, ligeiramente abobadado. Garupa de boa largura, horizontal. Flanco bastante longo.

Membros
Possantes, ossatura forte. Patas ovais pouco alongadas. Dedos cerrados. Unhas pretas.

Cauda
Fortemente inserida, bem afilada na extremidade, portada em lâmina de sabre.

Pêlo
Curto, cerrado.

Pelagem
O fundo é branco, manchada de preto, por vezes salpicada. Duas manchas pretas estão geralmente dispostas de cada lado da cabeça, cobrindo as orelhas, envolvendo os olhos e parando nas bochechas. Estas, são de cor fogo, preferencialmente pálido. Duas marcas fogo colocadas sobre a arcada superciliar dão o aspecto de "quatro olhos". Também se encontram vestígios de fogo na face interna da orelha e em malhas ao longo dos membros. Por vezes, no fundo da coxa há uma mancha folha morta, denominada de "marca de cabrito montês".

Tamanho
Grande:
macho: de 65 a 72 cm.
Fêmea: de 62 a 68 cm.
Pequeno:
macho: de 52 a 58 cm.
Fêmea: de 50 a 56 cm.

Peso
Grande: cerca de 35 kg.
Pequeno: cerca de 25 Kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão de ordem por excelência, de faro apurado, dotado de boa voz de urrador, de grande velocidade, é considerado como o melhor caçador de lebre. Cão polivalente, também é utilizado para a caça grossa. Necessita de autoridade firme.

Conselhos
Vive em canil. Necessita de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Grifo Nivernais

Faz parte das raças muito antigas destinadas à caça ao lobo com matilha. Os cães Cinza de S. Luís poderão estar na origem do Grifo nivernês. Os cães da Auvergne, da Vendée, De Bresse e os Foxhound também poderão ser seus ancestrais. Foi no Morvan e no Nièvre que o Grifo nivernais apurou o tipo atual. O clube da raça foi criado em 1925. Após um período crítico, o Nivernais voltou ao topo e a seleção rigorosa tem como objetivo melhorar sua estrutura, sua velocidade e seu temperamento.

Possante. De construção geral sólida. "Tosco". Lã típica do Grifo, que lembra os sabujos primitivos. Andadura flexível e elástica.

1

Cães Sabujos

País de origem
França

6

Raças médias
de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
O caçador de lobos de outros tempos conservou seu temperamento rústico, independente e sua paixão pela caça. Se tornou mais calmo, mais rápido, mas continua robusto sem temer a água, o frio ou o mato cerrado. Um faro muito apurado e uma voz de comando notável também explicam a reputação de que goza no meio da caça com matilha. É especialmente utilizado em pares ou em números reduzidos para a caça ao javali, mas também para a lebre e o cabrito montês. Pode se mostrar afetuoso e ser um bom companheiro, mas deve sentir a autoridade do dono, e aceitá-lo como o chefe da matilha.

Conselhos
Não é um cão de cidade. Só será feliz no campo. Necessita de exercício. Não gosta do calor. Escovação regular. Suas orelhas devem ser vigiadas.

Utilização
Cão de caça.

Grifo da Vendéia

6

1

Cães Sabujos

País de origem
França

De 10 a 45 kg

O Grifo da Vendéia inclui quatro variedades ou sub-raças distintas no tamanho e tipo de atividade:
- Grande Grifo da Vendéia, inicialmente o único existente. Descenderá dos Cães Brancos do Rei ou Greffiers, dos Grifos Fulvos da Bretanha, dos Cães Cinza de S. Luís e dos Grifos de Bresse. Os caçadores o utilizavam na pista do lobo e do javali. O Clube do Grifo da Vendéia foi criado em 1907. Em 1946 a "raça" estava quase extinta. Sua reconstrução foi levada a bom termo sob a direção de M.A Dézamy, presidente do clube. Um novo padrão foi publicado em 1969. O revigoramento com o Billy e o Grande Anglo-Francês lhe trouxe leveza. Se tornou mais rápido e mais disciplinado. - Briquet Grifo da Vendéia. "redução harmoniosa e melhorada do Grande Grifo". Foi selecionado no início do século XX pelo conde de Elva. Sangue de Harrier cinza-porcelana foi introduzido após a Segunda Guerra Mundial.
- Grande Basset Grifo da Vendéia: é descendente do Grande Grifo. P. Dezamy fixou o tipo Basset de patas retas.
- Pequeno Basset Grifo da Vendéia: o menor representante pelo tamanho, o mais sólido, mais quadrado na sua construção. Os membros anteriores tortos ou semi-tortos são tolerados. É este o mais popular. Juntamente ao Beagle e ao Basset Fulvo da Bretanha, constitui a maioria das matilhas de pequena Vénerie de tiro.

- Grande Grifo: Distnto na forma e no andar.Estrutura proporcional.Robusto sem ser pesado. Movimentos flexíveis.

- Briquet: Distinto na forma e no andar. Estrutura curta.Boa proporção. Movimentos flexíveis.

- Grande Basset: Estrutura levemente alongada. Pelagem dura, tipo mármore nos indivíduos tricolores, branco e preto. Movimentos fáceis.

- Pequeno Basset: Levemente longilíneo. Harmoioso.Elegante. Movimentos bastante soltos e fáceis

Cabeça
Alongada, não muito larga. Cabeça curta no Briquet. Crânio bastante abobadado. Stop marcado. Cana nasal reta ou ligeiramente encurtada. Bigodes fortes. Focinho mais curto no Pequeno Basset.

Olhos
Bastante grandes, escuros.

Orelhas
Inseridas baixo, flexíveis, estreitas, finas, cobertas de longos pêlos, bem voltadas para dentro.

Corpo
Forte. Alongado no Grande Basset, um pouco menos no Pequeno Basset. Pescoço bastante longo, sem barbela. Peito profundo, não demasiado largo. Costelas arredondadas.
- Grande Grifo: dorso sólido, reto. Lombo bem musculoso.
- Briquet: dorso sólido, curto. Lombo reto, musculoso.
- Grande Basset: dorso longo, largo e reto. Garupa bem aberta, muito musculosa.
Pequeno Basset: lombo reto, musculoso. Garupa bem musculosa, bastante aberta.

Membros
- Grande Grifo: musculosos. Patas não demasiado fortes. Dedos cerrados. Almofadas plantares duras.
- Briquet: musculosos. Boa ossatura. Patas não demasiado fortes. Almofadas plantares duras.
- Grande Basset: retos. Patas espessas, cerradas, secas.
- Pequeno Basset: ossatura forte. Patas não demasiado fortes. Sola dura.

Cauda
Inserida alto, grossa na raiz, se afilando progressivamente, bastante longa, portada em lâmina de sabre, espigada.

Pêlo
Longo sem ser exagerado, rude ao toque; nem sedoso, nem lanoso. Subpelo denso. Sobrancelhas bem pronunciadas no Grande Grifo. Por vezes toscas no Briquet. Franjas não muito abundantes nos Bassets.

Pelagem
- Unicolor: fulvo mais ou menos escuro, pêlo de lebre, branco cinza.
- Bicolor: branco e laranja, branco e preto, branco e cinza, branco e fogo.
- Tricolor: branco, preto e fogo. Branco pêlo de lebre. Branco, cinza e fogo.

Tamanho
- Grande Grifo: de 60 a 65 cm.
- Briquet: de 48 a 55 cm.
- Grande Basset: de 38 aq 42 cm.
- Pequeno Basset: de 34 a 38 cm.

Peso
- Grande Grifo: cerca de 35 kg
- Briquet: cerca de 29 kg.
- Grande Basset: cerca de 18 kg.
- Pequeno Basset: cerca de 15 kg.

Temperamento, aptidões, educação
O Grifo da Vendéia é conhecido por sua rusticidade, sua resistência, seu vigor e sua obstinação. Nem sempre é muito obediente, é muitas vezes independente e tem temperamento muito forte.
- O Grande Grifo, com bom ladrar de comando, faro apurado, é um cão de matilha utilizado antigamente na caça ao lobo. Não teme nem os terrenos difíceis nem a água. Na caça grossa, são preferidos os cães de matilha mais rápidos e mais obedientes na pista, e na caça de tiro tem a concorrência dos Briquets. Caça o cabrito montês e sobretudo o javali.
- O Briquet pratica quase toda a caça, exceto o coelho. É utilizado mais em especial para o cabrito montês e o javali.
- O Grande Basset, o mais rápido de todos os Bassets, é enérgico, capaz de agüentar um terreno difícil, podendo entrar no mato espesso e espinhoso. Está concebido para a caça de matilha e de tiro da lebre.
- O Pequeno Basset, buliçoso, muito vivo, lançador notável, temerário, caça muitas vezes sozinho ou em pares é o modelo ideal do cão coelheiro. Geralmente é utilizado para a caça ao faisão. Calmos, afetuosos, sociáveis, os Grifos da Vendéia são bons companheiros. A maioria dos pequenos Bassets vivem como cães de companhia. Necessitam de autoridade firme.

Conselhos
Não são cães de cidade. Devem viver no campo. Necessitam de espaço e muito exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Cão de caça.

Harrier

Raça muito antiga nascida no sul da Inglaterra e concebida para a caça à lebre (hare) com matilha. Tem muito relacionamento com os antigos cães sabujos ingleses como o Talbot (branco, pêlo raso) e o Old-Southern Hound (branco com manchas azuis), ele mesmo proveniente originalmente de Gascão-Saintongeois. Outras infusões de sangue, especialmente do Foxhound, terão ocorrido. Contribuiu para o melhoramento do anglo-Francês de pequena vénerie.

Forte e leve. Menos possante que o Foxhound.
Pele branca manchada de preto.
Movimentação flexível e segura.

1

Cães Sabujos

País de origem
Grã-Bretanha

6

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, vivo, rápido, tem bom faro e uma voz muito sonora. Pequeno cão de ordem, trabalha bem em matilha e é fácil de conduzir. É ideal para a caça à lebre e na Inglaterra, também para a caça à raposa com matilha. Também é utilizado para a caça de tiro do cabrito montês e do javali. Necessita de educação firme.

Conselhos
Necessita de espaço e muito exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Cabeça
Moderamente larga, bastante alongada. Crânio plano. Stop leve. Focinho bastante longo, pontiagudo. Lábios cobrindo a mandíbula inferior.

Olhos
De tamanho médio, um pouco ovais, sempre escuros.

Orelhas
Inseridas alto, em forma de V, quase planas, bastante curtas.

Corpo
Possante. Pescoço longo, desenvolto. Peito mais alto que largo. Costelas pouco arredondadas. Dorso reto e musculoso. Lombo forte e ligeiramente arqueado. Flanco nem demasiado cheio, nem levantado.

Membros
Musculosos. Patas nem demasiado cerradas nem demasiado redondas.

Cauda
De comprimento mediano, ligeiramente espigada e bem portada.

Pêlo
Sem ser demasiado curto e acamado.

Pelagem
Normalmente com fundo branco, com todas as tonalidades do preto ao laranja. Na França, geralmente tricolor com manto preto cobrindo a parte superior do dorso.

Tamanho
De 48 a 55 cm.

Peso
De 25 a 30 Kg.

Poitevin

A raça foi criada em 1692 pelo marquês F. De Larye. Como ancestrais terá em especial os Cães Ceris e Montemboeufs cujos antepassados eram os célebres Cães Brancos do Rei, cães sabujos irlandeses e Lebreiros ingleses. Foram feitos revigoramentos com o Foxhound e o Saintongeois. Notável para a caça ao lobo no século XIX, nos nossos dias também se mostra excelente para a perseguição à lebre, veado e cabritomontês. Em 1957, sua antiga denominação de "Cão do Alto-Poitou" foi substituída por Poitevin. Desde a criação do Clube Francês do cão de Ordem em 1977, seus efetivos aumentam com regularidade.

Lebreiro com cabeça de cão sabujo. Força. Potência. Distinção. Ligeireza. Galope fácil, salta com facilidade.

1

Cães Sabujos

País de origem
França

Outro Nome
Cão do Alto Poitou

Raças grandes
de 25 a 45 kg

6

Cabeça
Alongada, fina, não demasiado larga. Ossos salientes. Crânio plano, descendo ligeiramente para uma cana nasal afilada, alongada, sem excesso. Focinho um pouco estreito. Trufa muito forte, larga, proeminente.

Olhos
Grandes, castanhos, contornados de preto.

Orelhas
Inseridas um pouco baixas, de largura média, finas, semi-longas, ligeiramente viradas.

Corpo
Alongado. Pescoço longo, magro, sem barbela. Peito muito profundo, mais alto que largo. Costelas longas. Dorso bem musculoso. Lombo musculoso. Flanco ligeiramente retraído.

Membros
Bem musculosos, secos e fortes. Patas de lobo, um tanto alongadas, muito resistentes.

Cauda
De comprimento mediano, fina, não espigada, elegantemente portada e descrevendo uma ligeira curva.

Pêlo
Curto e brilhante.

Pelagem
Tricolor, com manto preto ou com grandes manchas e por vezes branco e laranja. O pêlo de lobo (fulvo carbonado, chamuscado) encontra-se em muitos indivíduos.

Tamanho
Macho: de 62 a 72 cm.
Fêmea: de 60 a 70 cm.

Peso
Aproximadamente 35 Kg.

Temperamento, aptidões, educação
Cão muito ativo, muito resistente, capaz de perseguir sua presa durante todo o dia, muito rápido e dotado de temperamento apaixonado. Não teme o mato denso nem espinhosos. Um faro excelente, voz potente e ótima aptidão para caçar em matilha, faz dele um especialista na caça ao veado e ao cabrito montês. Como todos os cães de matilha, não é feito para a vida de família. Durante sua educação, é necessário ensinar a não abandonar a presa perseguida por outra.

Conselhos
Não é um cão de cidade. Suporta mal a solidão. Gosta de viver em matilha, o canil é o mais indicado. Todos os dias tem de fazer exercício. Escovação regular. Examinar periodicamente suas orelhas.

Utilização
Cão de caça.

Porcelana

Uma das raças de caça francesa mais antigas que descenderá do Cão Branco do Rei ou de uma variedade branca do Santo-Humberto (o Santo-Humberto Branco de Lorena). Raça mantida especialmente nas abadias de Cluny, Luxeuil e particularmente no Leste onde a família choiseul a possuía. Foram feitos cruzamentos com Harriers Cinza de somerset, Gascão-Saintongeois e Billys. Cão elegante que deve seu nome à pelagem muito branca brilhante como porcelana. O Clube do Porcelana, criado em 1971, permitiu o relançamento da raça.

Elegante. Distinto. Pele fina, flexível, marmoreado com várias manchas negras. Andadura viva e alegre. Galope leve.

6

1
Cães Sabujos

País de origem
França

Outro Nome
Cão de Lunéville,
Cão de Franche-Comté

Raças grandes
de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, resistente, robusto, é rápido, impetuoso, enérgico. Dotado de um faro sutil, uma bela voz de urrador, é excelente comando para a matilha e integra-se bem. Caçador de caça miúda, é um cão de lebres notável. Também se distingue na pista do cabrito montês e do javali. Pacífico e dócil, pode ser um companheiro agradável. Necessita uma autoridade firme.

Conselhos
Não tem nada contra para que viva com seu dono. No campo e com vários cães, recomenda-se o canil. Vigiar suas orelhas.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia.

Cabeça
Seca, finamente esculpida, larga. Crânio largo, occipital arredondado. Testa plana, sulco mediano e stop marcados. Cana nasal reta inicialmente, se termina muito finamente afilada. Trufa bem desenvolvida, muito preta.

Olhos
Escuros.

Orelhas
Longas, finas, bem enroladas, pontudas. Sua inserção deverá ser sob a linha dos olhos.

Corpo
Alongado. Pescoço bastante longo e leve. Peito de largura média, bem descido. Dorso largo e reto. Lombo largo, muito musculoso. Flanco retraído mas cheio. Ancas um pouco oblíquas.

Membros
Longos, secos, ossatura leve. Patas com dedos alongados, finos, cerrados. Sola dura.

Cauda
Bastante forte na raiz, afilada na extremidade, de comprimento médio, nunca espigada, portada ligeiramente encurvada.

Pêlo
Raso, fino, cerrado e brilhante.

Pelagem
Muito branca com manchas laranja arredondadas, nunca se estende em manto. Estas manchas normalmente sobrepõem-se às manchas pretas da pele. As placas laranjas nas orelhas são muito caraterísticas da raça.

Tamanho
Macho: de 55 a 58 cm.
Fêmea: de 53 a 56 cm.

Peso
Aproximadamente 28 Kg.

Basset Alpino

Parecido com o Teckel, representa uma forma intermédia entre o Basset puro e o Braco de patas longas, donde sua denominação e, 1896 como Braco Basset. A raça foi reconhecida oficialmente em 1975.

Braco Basset. Andadura: trote alternado com galope.

Raças médias de 10 a 25 kg

2

Cães de Pista de Sangue

País de origem
Áustria

Nome de origem
Alpenländische Dachsbracke

Outro Nome
Braco Basset, Basset dos Alpes

6

Cabeça
Longa. Crânio ligeiramente arqueado. Stop leve. Cana nasal reta. Focinho moderadamente largo. Lábios finos, bem ajustados.

Olhos
De tamanho médio, redondos, castanho escuro ou marrom claro.

Orelhas
De comprimento médio, largas, arredondadas, pendentes retas junto à cabeça.

Corpo
Alongado. Pescoço musculoso, sem barbela. Cernelha bem marcada. Peito bem arqueado. Dorso reto, firme, alongado. Lombo bem cheio. Garupa redonda, inclinada. Ventre bem alteado.

Membros
Curtos, robustos, musculosos, boa ossatura. Patas anteriores bem mais desenvolvidas que as posteriores.

Cauda
De comprimento mediano, forte na raiz, portada geralmente pendente ou levantada com ligeira curva. Peluda em forma de escova.

Pêlo
Curto, muito espesso, acamado, duro. Pouco subpelo. Longo e rude no dorso, ventre e face posterior das coxas.

Pelagem
Preto e vermelho: preto escuro com marcas cor de ferrugem. Marrom: marrom com marcas mais claras, trufa escura. Vermelho: vermelho-veado, ferrugem, vermelho amarelo com marcas mais claras. Branco: placas com várias cores (Westfália): todas as cores admitidas para os vermelhos combinados com branco. As marcas se estendem sobre os olhos, focinho, membros e no peito.

Tamanho
De 34 a 42 cm.

Peso
Aproximadamente 18 Kg.

Temperamento, aptidões, educação
Tolerante, resistente, combativo, obstinado, ágil, tem boa voz e possui um faro muito apurado. Não caça em matilha. É utilizado para a caça à lebre, à raposa, ao javali, para trazer a caça de penas (ganso selvagem...). Segue a pista de caça ferida. É um companheiro muito afetuoso. Necessita de autoridade firme para sua educação.

Conselhos
Necessita de espaço e de exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Cão de pista de sangue da Baviera

Todos os cães rastreadores têm sua origem nos cães de caça primitivos, nos cães sabujos (brachets). Na matilha, eram escolhidos os cães sabujos mais fiáveis e com eles se procurava a caça ferida. Foi a partir destes cães que foram selecionados os cães rastreadores trabalhando apenas na pista da caça ferida. (Schweisshunden: cães rastreadores). Também se efetuaram cruzamentos com raças locais de cães sabujos de montanha (Tirolen Bracken, Brandlbracken, Dachsbracken). Em 1912, foi criado o Clube do Cão Rastreador da Baviera. Sua utilização na França data dos anos 80, mas seus efetivos são diminutos.

Harmonioso. Longo e leve.
Pele bem aplicada.
Andadura: passadas amplas.

2

Cães de Pista de Sangue

País de origem
Alemanha

6

Nome de origem
Bayerischer Gebirgsschweisshund

Outro Nome
Cão de Pista de Sangue da Baviera
Cao Rastreador da Baviera

Raças médias de 10 a 25 kg

Cabeça
Forte e alongada. Crânio relativamente largo, apenas arqueado. Stop marcado. Cana nasal ligeiramente afilada. Focinho suficiente mente largo. Mandíbulas sólidas Lábios que cobrem bem. Trufa preta ou vermelha escuro. Narinas abertas.

Olhos
Nem demasiado grandes nem demasiado redondos, castanho escuros ou um pouco mais claro. Pálpebras pigmentadas.

Orelhas
Inseridas alto, de comprimento médio, largas na base, arredondadas na extremidade, pesadas, pendentes coladas ao longo da cabeça.

Corpo
Um pouco mais longo do que alto, um pouco levantado nos posteriores. Pescoço de comprimento médio, forte com ligeira barbela. Linha superior ligeiramente ascendente do garrote aos membros posteriores. Antepeito de largura moderada, bem descida e longa. Dorso sólido. Garupa longa, bastante reta. Ventre ligeiramente retraído.

Membros
Um tanto curto, bem musculosos, ossatura forte. Patas em forma de colher. Dedos bem arqueados e bem cerrados. Almofadas plantares sólidas, pigmentadas.

Cauda
Inserida alto, de comprimento médio, atinge a ponta do jarrete. Portada na horizontal ou caída.

Pêlo
Curto, cerrado, plano e bem acamado, moderadamente áspero. Mais fino na cabeça e nas orelhas, mais rude e longo no ventre, membros e cauda.

Pelagem
Fulvo, vermelho, fulvo-veado, fulvo escuro (ver-melho castanho), fulvo claro (amarelo desbotado) até ao fulvo areia; fulvo cinza como a pelagem de Inverno dos veados, também tigrado ou mosquea-do de preto. No dorso, a cor de fundo é geral-mente mais intensa. Focinho e orelhas escuras. A cauda é geralmente mosqueada de preto. Uma pequena marca clara no antepeito (estrela) é admitida.

Tamanho
Macho: de 47 a 52 cm.
Fêmea: de 44 a 48 cm.

Peso
De 20 a 25 Kg.

Temperamento, aptidões, educação
Corajoso, fogaz, rápido, ágil, está à vontade em terreno difícil. Dotado de faro desenvolvido e forte instinto de caçador, originalmente caçador de camurças, pode ser utilizado na procura de todo o tipo de caça. Calmo, equilibrado, dócil e apegado a seu dono, é um bom companheiro. Como todos os cães de sangue, sua educação requer paciência e experiência.

Conselhos
Não é feito para viver na cidade. Necessita de espaço e de exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Hanover

Hanover, descendente dos grandes cães podengos da Idade Média e portanto do Santo-Humberto, foi criado no séc. XVII e depois melhorado no século XIX por cruzamento com cães sabujos, entre os quais o Heidebracke. Introduzido na França nos anos 80, esta raça é muito rara.

Boa musculatura. Ossatura robusta. Andadura cheia de impulso, elástica, alongada.

2

Cães de Pista de Sangue

País de origem
Alemanha

Nome de origem
Hannoverischer Schweiss-hund

Outro Nome
Cão de Pista de Sangue de Hanôver
Cão Rastreador de Hanôver

Raças grandes de 25 a 45 kg

6

Cabeça
Forte, alongada. Crânio largo, ligeiramente arqueado. Arcadas superciliares salientes. Stop nitidamente indicado. Cana nasal afilada. Focinho robusto, largo. Mandíbulas possantes. Trufa larga.

Olhos
Castanho escuro.

Orelhas
Inseridas alto, de comprimento médio, com ponta arredondada, pendentes e bem planas, sem enrolar.

Corpo
Alongado. Pescoço longo e forte. Peito mais profundo do que largo. Dorso possante. Lombo ligeiramente arqueado, largo. Garupa larga, longa, ligeiramente inclinada para a cauda. Ventre ligeiramente retraído.

Membros
Bem musculosos, curtos. Patas robustas, redondas e cerradas. Dedos bem arqueados.

Cauda
Inserida alto, longa, forte na raiz, se afilando até à ponta, ligeiramente encurvada.

Pêlo
Curto, cerrado, duro a rude no tronco. Mais longo e mais grosseiro na face posterior das coxas e na face inferior da cauda.

Pelagem
Vermelho veado claro a escuro, mais ou menos fortemente tigrado. Com ou sem máscara. É tolerada uma pequena mancha branca no antepeito.

Tamanho
Macho: de 50 a 55 cm.
Fêmea: de 48 a 53 cm.

Peso
De 30 a 35 Kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, vigoroso, possante, de faro apurado, é um cão de pista notável, aplicado no rastro, mordaz, muitas vezes utilizado na busca do veado e do javali. Trabalha sozinho ou em pares. Obediente e afetuoso, é um companheiro apreciado. Sua educação será firme e paciente.

Conselhos
Não é um cão de cidade. Necessita de espaço e de exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Cão de caça.

Dálmata

O Dálmata tem provavelmente sua origem na região mediterrânea. Deve o seu nome ao fato de ter nascido na Dalmácia ou de ter sido utilizado nesta região durante a guerra dos Balcãs. Seria originário do Braco de Bengala, hoje desaparecido, cruzado com o Bull-Terrier e o Pointer. No século XVII, foram encontrados seus vestígios na Itália, onde estava em voga no Vaticano. No séc. XVIII, na Inglaterra, se torna cão de luxo, acompanhando as carruagens, tendo adquirido o nome de "cão de coche" ("coach dog"). Fazendo parte de seu equipamento, o Dálmata se tornou o mascote dos bombeiros nos Estados Unidos. O filme de Walt Disney "os 101 Dálmatas" (1961) contribuiu para a popularidade da raça.

Tipo braco. Bem proporcionado. Harmonioso. Andadura muito fluente.

3

Raças assemelhadas

País de origem
Bacia mediterrânea central

6

De 10 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, resistente, esportivo, este cão foi inicialmente utilizado para tiro e como acompanhante de carruagens. Calmo, dócil, afetuoso, muito meigo com as crianças, é um companheiro agradável. Pouco ladrador, sem ser agressivo, é um pouco distante com estranhos e mostra ser um bom guarda. Necessita de educação precoce firme.

Conselhos
Se adapta ao apartamento se puder gastar sua energia suficientemente. Escovação regular. É necessário notar que os filhotes nascem completamente brancos, as manchas só aparecem progressivamente e só definem com a idade de um ano.

Utilização
Cão de companhia. Cão guia para cegos. Cão de guarda.

Cabeça
Longa. Crânio plano. Stop bem marcado. Focinho longo, possante, não afilado. Mandíbulas possantes. Lábios ajustados, não flutuantes.

Olhos
De tamanho médio, afastados, redondos. Escuros nos cães com manchas castanhas, médio a âmbar nos com manchas fígado.

Orelhas
Inseridas alto, de tamanho médio, portadas contra a cabeça. Extremidade arredondada. Magras, de textura fina, com numerosas manchas numulares.

Corpo
Se inscreve num quadrado. Pescoço de comprimento moderado, muito harmonioso, sem barbela. Peito alto, amplo. Costelas arqueadas. Garrote bem desenhado. Dorso possante, reto. Lombo bem musculoso e ligeiramente levantado.

Membros
Musculosos, ossatura sólida. Patas redondas e firmes. Almofadas plantares duras.

Cauda
Forte na inserção, vai diminuindo gradualmente para a extremidade. Portada com uma ligeira curva para cima mas nunca enrolada.

Pêlo
Curto, duro, denso, liso.

Pelagem
Cor de fundo é branco puro. Os cães da variedade preta têm as manchas numulares preto escuro, os de variedade marrom manchas numulares de cor marrom-fígado. As manchas não devem se confundir, mas devem ser redondas, de desenho nítido, bem espalhadas e ter um diâmetro de 2 a 3 cm. As manchas situadas na cabeça, na cauda e nas extremidades devem ser de tamanho menores.

Tamanho
Macho: de 56 a 61 cm.
Fêmea: de 54 a 59 cm.

Peso
Macho: cerca de 27 kg.
Fêmea: cerca de 24 Kg.

Cão de crista dorsal da Rodésia

Este cão Sul-africano deve seu nome à crista (ridge) de pêlos em seu dorso. Terá como antepassado um cão utilizado antigamente pelos Hottentots e cruzado com cães importados pelos primeiros colonos vindos da Europa no século XVII., especialmente os Mastins, Dogues e o Bloohound. Desenvolvido pelos Boers, seu padrão foi fixado em 1922 na ex-Rodésia. É muito estimado nos Estados-Unidos e no Canadá onde caça o urso. É pouco representado na França.

Harmonioso. Forte. Musculoso. Andadura *fluente e ativa.*

Raças grandes de 25 a 45 kg

3

Raças assemelhadas

País de origem
África do Sul

Outros nomes
Lion-dog,
African lion Hound,
Cão de Crista dorsal da Rodésia.

Nome de origem
Rhodesian Ridgeback.

6

Cabeça
De bom comprimento. Crânio plano, bastante largo, sem rugas em repouso. Stop bem marcado. Focinho longo, possante. Mandíbulas fortes. Lábios bem ajustados. Trufa preta ou marrom conforme a cor da pelagem.

Olhos
Redondos, de cor em harmonia com a cor da pelagem.

Orelhas
Inseridas bastante alto, de tamanho médio, terminadas em ponta arredondada, portadas contra a cabeça.

Corpo
Possante. Pescoço forte, sem barbela. Peito não muito largo, bem descido e amplo. Costelas moderadamente arqueadas. Dorso possante. Lombo forte, musculoso.

Membros
Sólidos, ossatura forte. Patas compactas. Dedos bem arqueados.

Cauda
Forte na inserção, vai diminuindo para a extremidade. Portada com uma ligeira curva para cima, mas nunca enrolada.

Pêlo
Curto, denso, liso, nem lanoso nem sedoso. Crista dorsal nitidamente definida formada pelo pêlo que cresce no sentido inverso do restante, desde a parte posterior dos ombros às ancas, afilando-se para a garupa.

Pelagem
Do trigueira claro ao fulvo vermelho. Cabeça, tronco, membros e cauda devem ser de cor uniforme. Um pouco de branco no antepeito e nos dedos é admitido.

Tamanho
Macho: de 63,5 a 68,5 cm.
Fêmea: de 61 a 66 cm.

Peso
Aproximadamente 35 Kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, sólido, muito tolerante, muito rápido e corajoso, dotado de faro excelente, este cão é um caçador de felinos (leão por exemplo). Trabalhando em matilha, ele faz batidas no mato aos grande felinos. Distante com estranhos, é utilizado como cão de guarda dissuasor e seguro. É agressivo com outros cães. Calmo, raramente ladra, pode ser afetuoso e bom companheiro. Necessita de educação rigorosa.

Conselhos
Não se adapta à vida na cidade. Necessita de muito exercício. Muito resistente ao calor e ao frio, suporta a falta de água e de alimento. Escovação duas vezes na semana.

Utilização
Caça, guarda, polícia, companhia.

Grupo 7

Seção 1

Braco Dinamarquês
Grifo de caça Checo
Braco Alemão de pêlo curto
Braco Alemão de pêlo duro
Braco do Ariège
Braco de Auvergne
Braco de Bourbon
Braco de Burgos
Braco Francês (Gascão e Pirenéus)
Braco Húngaro
Braco Italiano
Braco de Saint-Germain
Weimaraner
Braco Alemão de pêlo longo
Stabyhoun
Spinone Italiano de pêlo duro
Perdigueiro Português
Spaniel azul da Picardia
Spaniel Bretão
Spaniel Francês
Spaniel de Munster
Spaniel Perdigueiro de Drenthe
Spaniel da Picardia
Spaniel de Pont-Audemar
Grifo de Aponte de pêlo duro
Braco Eslovaco
Pudelpointer

Seção 2

Pointer
Seter Inglês
Seter Gordon
Seter Irlandês

Ao lado: Spaniels Franceses

Braco Dinamarquês

Foi a partir de Bracos italianos ou espanhóis importados por volta do século XVII e de cruzamentos com vários cães de caça dinamarqueses que se obteve este cão de aponte. Seu padrão foi reconhecido pelo Kennel Club dinamarquês em 1962. É muito apreciado em seu país de origem.

Sólido. Elegante. Movimentação flexvel e elástica. Mais trotador que galopeador.

7

1

Cães de aponte continentais

País de origem
Dinamarca

Nome de Origem
Gammel Dansk Honsehund

Outros Nomes
Gammel Dansk,
Cão de Aponte dinamarquês antigo

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Muito resistente, vigoroso, corajoso, tenaz, este cão de caça polivalente pode trabalhar em todo tipo de terreno. Dócil e afetuoso, sabe ser um cão de companhia.

Conselhos
Precisa de espaço e exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Cabeça
Um tanto curta. Focinho largo. Trufa cor fígado. Lábios um pouco pendentes.

Olhos
De cor avelã clara ou escura.

Orelhas
Longas, arredondadas na extremidade, pendentes.

Corpo
Alongado. Pescoço musculoso com vestígios de barbela. Peito profundo e largo. Lombo forte.

Membros
Sólidos. Patas redondas. Dedos cerrados. Sola robusta.

Cauda
De comprimento médio. Forte na raiz, afilando-se para a extremidade, pendente.

Pêlo
Curto, denso, espesso.

Pelagem
Branca com manchas marrom fígado mais ou menos escuras.

Tamanho
Macho: de 52 a 58 cm.
Fêmea: de 48 a 54 cm.

Peso
De 18 a 24 kg.

Grifo de caça Checo

Há séculos existia na Boêmia um cão de pêlo duro, utilizado nas caças aristocráticas. Um primeiro padrão foi redigido em 1887, mas a raça quase desapareceu. Foi salva depois da Segunda Guerra Mundial após cruzamentos com Bracos alemães, dentre eles o Stichelhaar. Em 1924 foi criado um Clube do Chesky Fousek. Muito popular na Checoslováquia, tem o segundo lugar entre as raças de cães de caça empregados. Reconhecido em 1963 pela F.C.I., continua pouco difundido no Mundo.

Aspecto harmonioso, aristocrático. Nobre. Andadura muito regular.

1

De 10 a 45 kg

Cães de aponte continentais

País de origem
Checoslováquia

Nome de Origem
Chesky fousek

Outros Nomes
Cão de aponte da Boêmia, Grifo de aponte Checo

7

Cabeça
Seca, bastante estreita e longa. Crânio convexo. Arcadas superciliares pronunciadas. Stop moderado. Cana nasal um pouco mais longa que o crânio, ligeiramente afilada. Focinho se estreitando em direção ao nariz. Mandíbulas possantes. Barba típica nas bochechas e lábios. Trufa larga, castanho escuro.

Olhos
Amendoados, de cor âmbar escuro a castanho escuro. O pêlo das sobrancelhas é inclinado em viés para cima.

Orelhas
Inseridas muito alto, afiladas para a extremidade. Bem encostadas e pendentes junto à cabeça.

Corpo
Sólido. Pescoço de comprimento médio, bem musculoso, seco. Antepeito bem desenvolvido. Peito oval. Costelas arqueadas. Lombo curto. Dorso curto, atarracado, se inclinando para a garupa. Garupa bastante larga, ligeiramente inclinada. Ventre um pouco retraído.

Membros
Bem musculosos, ossatura forte. Patas compactas. Dedos cerrados. Unhas cinza escuro a preto.

Cauda
Moderadamente forte. Portada na horizontal ou ligeiramente levantada. Encurtada em três-quintos de seu comprimento.

Pêlo
Três tipos de pêlo. Pêlo de 3 a 4 cm de comprimento, bastante duro e espesso, bem ajustado ao corpo. Pêlos duros de 5 a 7 cm de comprimento, duros e retos. Não existem no antepeito, na linha do dorso, na zona ingüinal e nos ombros. Subpêlo de 1,5 cm de comprimento, macio e denso. Quase desaparece totalmente no verão. O pêlo é mais curto e mais duro na face anterior dos membros. Forma franjas na face posterior. Pêlos curtos e duros na parte superior da cabeça. São curtos e macios nas orelhas.

Pelagem
Cores admitidas: ruão escuro, com ou sem placas castanhas; castanho com manchas salpicadas no antepeito e na parte inferior dos membros ou castanho sem qualquer marca.

Tamanho
Macho: de 60 a 66 cm.
Fêmea: de 58 a 62 cm.

Peso
Macho: de 28 a 34 kg.
Fêmea: de 22 a 28 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito rústico, robusto, resistente, este cão polivalente caça nos bosques e nos pântanos ou pode nadar nas águas muito frias graças à proteção de sua pelagem. Efetua sua procura sobretudo a galope, sua parada é firme e cobra com segurança. Encontra bem a caça ferida. Muito apegado a seu dono. Sua educação deverá ser firme.

Conselhos
Precisa de grandes espaços e de muito exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Cão de caça.

Braco Alemão de pêlo curto

Este cão teria sua origem no ramo comum de todos os cães de aponte: o perdigueiro alemão, denominado "Cão de redes", utilizado para a caça aos pássaros com redes e para a caça em voo. Estes cães de aponte chegaram às cortes reais alemãs, passando pela França, Espanha e a Flandres. Ocorreram introduções de sangue estrangeiro através de cruzamentos com Bracos espanhóis, Pointers e Bracos italianos. O modelo atual existe desde 1880. Na França o Clube da raça foi criado em 1958. Na Alemanha é o mais conhecido dos Bracos e o cão de aponte mais utilizado em todo o mundo.

Nobre. Harmonioso. Elegante. Porte altivo. Pele sem pregas. Andadura desenvolta e de grande amplitude.

1

Cães de aponte continentais

País de origem
Alemanha

Nome de Origem
Deutscher Kurzhaariger Vorstehhunde

7

Raças grandes de 25 a 45 kg

Cabeça
Seca, bem cinzelada, nem muito leve, nem muito pesada. Crânio bastante largo, ligeiramente arqueado. Stop medianamente marcado. Cana nasal ligeiramente convexa. Focinho longo, largo, espesso e possante. Trufa castanha ou cor de carne nos cães de pelagem branca. Mandíbulas possantes. Lábios bem ajustados, bem pigmentados.

Olhos
De tamanho médio, marrom escuro.

Orelhas
Inseridas alto, de comprimento médio, arredondadas na extremidade, pendentes sem virar, planas ao longo dos lados da cabeça.

Corpo
Ligeiramente alongado. Pescoço musculoso sem barbela. Cernelha marcada. Peito mais alto que largo. Costelas bem arqueadas. Dorso firme, bem musculoso. Lombo forte, largo, musculoso. Garupa larga, bem musculosa, suficientemente longa, ligeiramente inclinada.

Membros
Musculosos, ossatura possante. Patas arredondadas. Dedos bem cerrados. Almofadas plantares sólidas.

Cauda
Inserida alto, forte na base, se afilando progressivamente. Encurtada pela metade para a caça. Em repouso, fica pendente. Em alerta, é portada na horizontal.

Pêlo
Curto, (Kurzhaar = pêlo raso), cerrado, seco, duro ao toque.

Pelagem
Castanha, sem marcas. Castanha com pequenas marcas brancas ou com placas no peito e nos membros. Tipo ruão marrom escuro com cabeça marrom, placas ou salpicos marrom (pelagem pouco vistosa apreciada na caça). Tipo ruão marrom claro com cabeça marrom e placas ou salpicos marrom, ou sem placas. Branco com marcas marrom na cabeça, e placas ou salpicos marrom. Preto, com as mesmas tonalidades que a cor marrom ou tipo ruão. São admitidas marcas fogo. Uma tira ou marca redonda branca com os lábios salpicados são admitidos.

Tamanho
Macho: de 62 a 66 cm.
Fêmea: de 58 a 63 cm.

Peso
De 25 a 32 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Vigoroso, resistente, forte, rápido, é um galopador de fundo que não teme o frio e caça em todos os terrenos. Cão de caça por excelência, é antes de mais nada um cão de aponte. Sua primeira vocação é a caça de penas em planície ou nos bosques. Pode servir para a procura de pista de sangue da caça ferida. Cheio de ânimo, mas equilibrado e obediente, é temperamental e pode ser teimoso. Apegado a seu dono, adora as crianças e é um agradável companheiro. Guarda bem mas não é agressivo. Deverá receber uma educação rigorosa.

Conselhos
Se adapta à vida na cidade, mas precisa de espaço e exercício. Precisa de longos passeios diários. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Braco Alemão de pêlo duro

No final do século XIX, com o objetivo de obter um cão de aponte polivalente, os criadores alemães praticaram cruzamentos entre o Braco alemão de pêlo curto e o Poodle, o Pudel Pointer, o Grifo de Aponte, e o Airedale Terrier. O Stichelhoar, velho cão de aponte germânico de pêlo duro, também teria servido de base para a seleção. De seus antepassados ele herdou capacidades espantosas. Tem este nome devido a sua pelagem dura e eriçada (drahthaar: pêlo de arame). Em 1902 foi criado o Clube na Alemanha. O Kennel Club reconheceu a raça em 1955. Muito popular na Alemanha, está bem representado na França.

Mediolíneo. Distinto. Aspecto seco. Pele esticada. Andadura enérgica, de grande amplitude, fácil, harmoniosa.

1

CÃES DE APONTE CONTINENTAIS

7

PAÍS DE ORIGEM
Alemanha

NOME DE ORIGEM
Deutscher Drahthaariger Vorstehhund, Drahthaar

OUTROS NOMES
Cão de aponte alemão de pêlo duro.

Raças grandes de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, resistente, corajoso, enérgico, vivo de temperamento, rápido, este cão faz todo o tipo de caça, em qualquer terreno e qualquer clima. Dotado de um faro muito seguro, sua procura é regular, muito perseverante e seu aponte é firme. É simultaneamente um cão de aponte e sabujo para a lebre, a raposa e o javali. Também é um notável cão de pista de sangue para a caça ferida. De uma fidelidade absoluta, equilibrado e meigo, é um companheiro agradável. Devido a seu temperamento sólido, sua possível teimosia e inveja com outros cães, requer uma educação firme mas suave.

Conselhos
Se precisar viver na cidade, o que não é o ideal, deverá se beneficiar de dois grandes passeios diários. Várias escovações semanais. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

CABEÇA
Larga. Expressão enérgica da face. Crânio ligeiramente arqueado. Stop moderado. Focinho longo, largo, possante. Sem lábios pendentes. Trufa bem escura. Barba farta.

OLHOS
Ovais, o mais escuros possível. Sobrancelhas fartas.

ORELHAS
Inseridas alto, de tamanho médio, não enroladas.

CORPO
Pode se inscrever em um quadrado. Pescoço de comprimento médio, harmonioso. Cernelha alta, bem musculosa. Peito largo e bem descido. Costelas bem arqueadas. Dorso curto e reto. Lombo musculoso. Ancas largas. Garupa longa e larga, suavemente inclinada. Ventre ligeiramente retraído. Flanco curto.

MEMBROS
Vigorosos, secos. Patas arredondadas. Dedos cerrados. Almofadas plantares firmes.

CAUDA
Não muito espessa. Para a caça, é encurtada. Portada tão direita e horizontal quanto possível.

PÊLO
Duro, "pêlo de arame", acamado e denso, assegurando uma boa proteção contra as intempéries e ferimentos. Comprimento entre 2 a 4 cm. Pêlo mais curto sob o peito, ventre e na cabeça e orelhas. Subpêlo cerrado.

PELAGEM
De escura até castanho médio, marrom misturado com branco e também grisalho. Mistura de pêlos pretos e pêlos brancos, com ou sem áreas coloridas.

TAMANHO
Macho: de 60 a 67 cm.
Fêmea: de 56 a 62 cm.

PESO
De 27 a 32 kg.

Braco do Ariège

O Braco do Ariège é o resultado do Braco francês, que no século XIX foi cruzado com Bracos de origem meridional de pelagem branca e laranja e talvez o Braco Saint Germain, para lhe dar mais leveza e vigor. Caçadores e criadores de Ariège dedicam-se à sua subsistência.

Mediolíneo. Tipo bracóide. Elegante. Distinto. Constituição possante mas sem ser pesado. Andadura: trote firme, interrompido com momentos de galope.

1

Cães de aponte continentais

País de origem
França

Outros Nomes
Braco de Toulouse, Braco do Sul

Raças grandes de 25 a 45 kg

7

Cabeça
Longa, angulosa, estreita. Crânio ligeiramente arqueado. Protuberância occipital bastante pronunciada. Stop leve. Cana nasal longa, reta, às vezes ligeiramente convexa. Lábios bastante finos. Trufa rosa, avermelhada (cor de carne) ou marrom mais ou menos pálido conforme a cor da pelagem.

Olhos
Ligeiramente ovais, de cor âmbar escuro ou marrom.

Orelhas
Longas, finas, enroladas, não coladas à cabeça.

Corpo
Esbelto. Pescoço não muito longo, bastante forte, ligeira barbela. Cernelha bem marcada. Peito largo, alto, bem descido. Costelas arredondadas. Dorso um pouco longo, musculoso, retilíneo. Garupa ligeiramente oblíqua. Ventre ligeiramente elevado.

Membros
Secos, musculosos, ossatura forte. Patas compactas, quase redondas. Dedos cerrados.

Cauda
Forte na raiz, se afilando. É cortada em cerca de metade. Não deve se levantar mais do que a linha superior.

Pêlo
Curto, cerrado, brilhante. Mais fino e raso na cabeça e nas orelhas.

Pelagem
Fulvo laranja pálido ou às vezes marrom, fortemente matizada de branco malhado/salpicado. Alguns cães são até mesmo brancos malhados/salpicados.

Tamanho
Macho: de 60 a 67 cm.
Fêmea: de 56 a 65 cm.

Peso
De 25 a 30 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, resistente, cheio de ânimo, dotado de faro excelente, é excelente cobrador e está adaptado a todo o tipo de caça. É utilizado mais especialmente para a caça à perdiz e à codorniz. De temperamento vivo, independente, requer uma educação firme.

Conselhos
Precisa de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Braco de Auvergne

Atribuiu-se sua origem a cães importados para Auvergne na Idade Média pelos Templários ou pelos Cavaleiros de Malta no final do século XVIII. Para uns, é mais provável que teria sua origem no Braco francês. Foi selecionado inicialmente no Cantal. Foi feita uma inserção de sangue de Pointer. Seu primeiro padrão foi redigido em 1913. Sua população, embora reduzida, se mantêm estável.

Possante. Alguma leveza. Elegância.
Pele mais para solta, malhado branca e preta.

1

Cães de aponte continentais

7

País de origem
França

Outros Nomes
Azul de Auvergne

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Grande robustez, energia, rapidez, estas são as qualidades reconhecidas deste cão ativo, que se adapta a todos os meios. Dotado de um faro excelente, aponta com firmeza e cobra bem. Excelente na caça às narcejas, também é especialista em perdigotos e perdizes. Dócil, de temperamento flexível embora um pouco teimoso, é um companheiro meigo e afetuoso. Sua educação deverá ser firme mas sem brutalidade.

Conselhos
Pode se adaptar à vida na cidade desde que tenha passeios diários. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia

Cabeça
Longa. Crânio largo, ligeiramente arqueado. Arcada superciliar bem marcada. Stop não muito acentuado. Cana nasal muito longa, reta. Lábios muito fortes.

Olhos
De tamanho médio, cor avelã escura. Pálpebras pretas.

Orelhas
Inseridas baixo, bastante longas, um pouco enroladas, enquadrando bem a cabeça.

Corpo
De constituição robusta, se inscreve em um quadrado. Pescoço longo, muito forte, ligeiramente, arqueado, ligeira barbela. Cernelha bem saliente. Peito bem descido. Costelas arredondadas. Dorso curto, reto. Lombo curto, ligeiramente arqueado, largo e bem musculoso. Garupa larga, ossuda, não muito caída.

Membros
Musculosos, ossatura forte. Patas bastante curtas, compactas. Dedos cerrados. Sola dura.

Cauda
De espessura média, portada horizontal. Encurtada em cerca de dois terços. Comprimento procurado: 15 a 20 cm.

Pêlo
Curto, não muito fino, nunca duro, brilhante.

Pelagem
- Clara: branca com placas pretas e salpicos mais ou menos numerosos.
- Escura: encarvoada, resultado da mistura do branco e preto, sendo que o preto, mais abundante, dá a tonalidade cinza carvão à pelagem. A cor que deve ser procurada é a pelagem de fundo branco com placas preto azulado e os salpicos pretos numerosos. A cabeça deve ser marcada regularmente com preto, de modo que os dois olhos estejam colocados no preto, tira branca ou azul.

Tamanho
Macho: de 57 a 53 cm.
Fêmea: de 55 a 60 cm.

Peso
De 22 a 25 kg.

Braco de Bourbon

O Braco de Bourbon já era conhecido no século XVI como cão muito hábil na caça às codornizes. Era descrito como sendo de aspecto rústico, nascido com a cauda curta, apresentando pelagem de fundo branco, total ou ligeiramente salpicado de marrom claro ou malhado de fulvo. Bastante difundido no início do século XX, as duas guerras mundiais lhe trouxeram um golpe fatal. Em 1925 foi fundado um clube de raça. Atualmente alguns criadores tomaram como missão a sobrevivência desta raça.

Mediolíneo. Tipo bracóide. Menor e mais sólido que os outros Bracos. Impressão de robustez, de força. Alguma elegância. Andadura: compassada com amplitude média. Galope firme, flexível.

1 **Cães de aponte continentais**

País de origem
França

Raças médias de 10 a 25 kg

7

Cabeça
Sólida. Crânio arredondado. Stop ligeiramente marcado. Cana nasal reta ou ligeiramente convexa. Focinho forte em forma de cone truncado. Mandíbulas sólidas. Trufa da mesma cor que a pelagem.

Olhos
Grandes, de cor avelã ou âmbar escuro conforme a cor da pelagem.

Orelhas
Pendentes ao longo das bochechas, pouco enroladas, ultrapassando ligeiramente a garganta.

Corpo
Se inscreve em um quadrado. Pescoço bem desenvolto, musculoso, ligeira barbela tolerada. Garrote bem projetado. Peito largo, longo e alto. Costelas bem arqueadas. Dorso sensivelmente horizontal, curto. Lombo curto e largo. Garupa arredondada, moderadamente oblíqua. Flanco plano e pouco levantado.

Membros
Muito musculosos, boa ossatura. Patas com dedos cerrados. Almofadas plantares secas.

Cauda
Inserida um pouco baixo, naturalmente curta. A cauda deverá estar ausente ou curta (15 cm no máximo).

Pêlo
Curto, fino, denso. Um pouco mais grosso e às vezes um pouco mais longo no dorso.

Pelagem
- Marrom com manchinhas, de muito a moderadamente salpicada, pêlos bem misturados. O conjunto poderá ter tonalidades de "borra de vinho" ou "lilás esmaecido".
- Fulvo, com manchinhas, de muito a moderadamente malhada. Pêlos muito bem misturados. O conjunto poderá ter tonalidades "flor de pessegueiro". As manchas coloridas na cabeça, simétricas ou não, são admitidas desde que não sejam muitas e que os olhos não estejam na mesma mancha.

Tamanho
Macho: de 51 a 57 cm.
Fêmea: de 48 a 55 cm.

Peso
Macho: de 18 a 25 kg.
Fêmea: de 16 a 22 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, não muito rápido, dotado de faro sutil, se adapta bem aos terrenos e à caça mais variada. Apto para rastreio, seu aponte é preciso e tem fama de ser especialista em perdiz, sem esquecer a narceja. Meigo e afetuoso, é um excelente companheiro. Requer uma educação firme mas com suavidade.

Conselhos
Precisa de espaço e exercício. Se precisar viver na cidade, serão necessárias várias saídas diárias. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Braco de Burgos

Descendente do velho Braco espanhol, pertence a uma velha raça que se manteve muito pura. Foi muito apreciado entre todos os cães de aponte de Espanha, mas está em via de extinção.

Mediolíneo. Impressão de força. Pele espessa, rosa. Andadura: trote modulado e possante.

1

CÃES DE APONTE CONTINENTAIS

PAÍS DE ORIGEM
Espanha

NOME DE ORIGEM
Perdigueiro de Burgos

7

Raças grandes de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, resistente, se adapta a todo o tipo de terreno, dotado de faro muito apurado, aponta e cobra com perfeição.
Caça tão bem aves como caça de chão. Requer uma autoridade firme.

Conselhos
Precisa de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

CABEÇA
Grande, larga. Crânio largo. Testa abobadada. Arcadas superciliares proeminentes. Stop pouco marcado. Focinho quase quadrado. Lábios espessos, não muito pendentes. Tamanho tendendo ao curto.

OLHOS
Em amêndoa, de cor fulva ou escura.

ORELHAS
Inseridas alto, grandes, longas, formando uma prega quando caem, terminadas em ponta e muito flexíveis.

CORPO
Compacto, forte. Pescoço redondo, forte, ligeiras pregas no antepeito. Cernelha ligeiramente marcada. Antepeito largo. Costelas bem arredondadas. Dorso possante, musculoso. Garupa bem arredondada, baixa, larga. Ventre moderadamente levantado.

MEMBROS
Longos, sólidos, bem musculosos. Patas curtas, redondas. Dedos arqueados.

CAUDA
Grossa na raiz; afilando-se gradualmente para a extremidade, cortada a um terço de seu comprimento, portada empinada.

PÊLO
Curto, denso, liso.

PELAGEM
Branca predominante com manchas ou salpicado em cor fígado, ou esta cor mais ou menos escura, salpicada de branco.

TAMANHO
Macho: de 65 a 75 cm.
Fêmea: um pouco menor.

PESO
Aproximadamente 30 kg.

Braco Francês

Originário do Braco continental da Idade Média, do "Cane da Rete" italiano, ou do Braco espanhol, já era conhecido no século XVII na França e depois, mais tarde, sob o nome de "Braco de Carlos X". Seria o antepassado de muitos Bracos continentais. A raça se dividiu em dois tipos diferentes no tamanho: - tipo Gascão, de constituição sólida, trabalhador de fundo, de temperamento calmo, atualmente em perda de velocidade; - tipo Pirenéus, de tamanho pequeno, mais leve, mais musculoso. Conheceu um certo sucesso. O clube da raça foi criado em 1919.

Tipo Gascão: mediolíneo. Bracóide.
Aparência nobre. Possante, sem ser pesado.
Pele bastante solta.
Tipo Pirenéus: mediolíneo.
Bracóide. Rústico, sem ser pesado.
Pele esticada.

1

7

De 10 a 45 kg

Cães de aponte continentais

País de origem
França

Outro Nome
Braco Carlos X

Cabeça
Bastante importante, mas não muito pesada. Crânio quase plano. Stop leve. Cana nasal larga, às vezes um pouco convexa. Lábios bem descidos exceto no tipo Pirenéus.

Olhos
De cor marrom ou amarelo escuro.

Orelhas
De comprimento médio, muito ligeiramente franzidas, enquadram bem a cabeça. As pontas arredondadas atingem o início da trufa.

Corpo
Forte. Pescoço de bom comprimento, ligeiramente arqueado, com pouca ou nenhuma barbela. Peito largo e longo. Costelas arredondadas. Dorso largo, reto, bem firme. Lombo curto, musculoso, ligeiramente arqueado. Garupa ligeiramente oblíqua. Flancos planos. Ventre pouco levantado.

Membros
Musculosos. Patas redondas, compactas. Dedos cerrados.

Cauda
Longa ou amputada. No tipo Pirenéus, curta de nascença ou amputada.

Pêlo
Curto. Um tanto grosso e abundante. Mais fino na cabeça e nas orelhas. Mais fino e mais curto no tipo Pirenéus.

Pelagem
Marrom. Marrom e branco, seja marrom e branco fortemente salpicado ou marrom marcado de fulvo (sobre os olhos, nos lábios e nos membros).

Tamanho
Tipo Gascão
Macho: de 58 a 69 cm.
Fêmea: de 56 a 68 cm.
Tipo Pirenéus
Macho: de 47 a 58 cm.
Fêmea: de 47 a 56 cm.

Peso
Gascão: de 25 a 32 kg.
Pirenéus: de 17 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito resistente, especialmente ao calor, dotado de um faro excelente, este cão está à vontade tanto no bosque como nos pântanos. O "Gascão" caça a trote, explorando metodicamente o terreno.
O "Pirenéus", mais rápido, é dotado de uma busca mais ampla. O aponte é seguro para caça de pena e de pêlo. Equilibrado, meigo, sensível, muito ligado a seu dono, este cão é um agradável companheiro. Requer uma educação firme mas justa.

Conselhos
Se adapta à cidade, mas precisa de exercício diário. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Braco Húngaro

Distinguem-se duas variedades:
A variedade de pêlo curto (rövidszöru) ou raso é a mais antiga. Entre seus ancestrais encontra-se o Cão sabujo húngaro, o cão amarelo dos Turcos e o Sloughi. Os primeiros exemplares com a configuração atual apareceram a partir do início do século XVIII. Outros cães de caça forneceram um aporte de sangue, como o Braco alemão. É a variedade mais comum na França. Foi reconhecida pela F.C.I. em 1938.
Variedade de pêlo duro (drotszörü). Remonta aos anos 30. Teriam cruzado o Braco de pêlo curto com o Drahthaar. Entre seus ancestrais também é citado o Braco de Weimar o Cão de aponte da Transilvânia. Esta variedade é muito rara na França. Os cruzamentos entre estas duas variedades são proibidas.

Pêlo curto: constituição leve. Bem proporcionado. Elegante. Pele esticada, pigmentada. Andadura vigorosa, fácil. Galope firme. Pêlo duro: ossatura forte. Massa corporal, ossatura mais forte que no Braco de pêlo curto. Pele pigmentada. Andadura vigorosa.

7

1

Cães de aponte continentais

País de origem
Hungria

Nome de Origem
Magyar Vizsla

Outro Nome
Vizsla (de pêlo curto, de pêlo duro)

De 10 a 45 kg

Cabeça
Seca, nobre. Crânio moderadamente largo, ligeiramente arqueado. Stop moderado. Cana nasal reta. Focinho largo. Trufa bem desenvolvida. Lábios não pendentes, de cor marrom.

Olhos
Ligeiramente ovais, de cor preferencialmente mais escura, em harmonia com a pelagem. Pálpebras marrons.

Orelhas
De comprimento médio, pendentes, planas, contra as bochechas.

Corpo
Um pouco alongado mas possante. Pescoço de comprimento médio, bem musculoso, ligeiramente delineado, sem barbela. Cernelha nítida. Peito moderadamente largo, bem descido. Costelas moderadamente arqueadas. Dorso reto, curto. Lombo firme. Garupa ligeiramente arredondada.

Membros
Longos, bem musculosos, ossatura forte. Patas ligeiramente ovais. Dedos fortes, bem cerrados. Almofadas plantares cinza-ardósia.

Cauda
Inserida um pouco baixo, moderamente forte. Extremidade ligeiramente recurvada para cima. Normalmente é encurtada em um quarto.
Na variedade de pêlo duro, encurtada em um terço.

Pêlo
Curto, reto, áspero. Raso e mais sedoso nas orelhas. Mais longo na cauda. Variedade de pêlo duro: barba no queixo. Curto e seco na cabeça. Sobrancelhas espessas e duras. No pescoço e tronco: pêlo duro, denso, de 2 a 4 cm de comprimento. Subpelo cerrado. Mais comprido na borda posterior dos membros. Denso e espesso na cauda.

Pelagem
Cor de pãozinho bem cozido ou diferentes tonalidades de fulvo areia. Pequeninas manchas brancas no antepeito a nas patas, as marcas em pontinhos não são considerados defeitos. Variedade de pêlo duro: fulvo areia, nas várias tonalidades.

Tamanho
Pêlo curto:
macho: de 56 a 61 cm.
Fêmea: de 52 a 57 cm.
Pêlo duro:
macho: de 58 a 62 cm.
Fêmea: de 54 a 58 cm.

Peso
Pêlo curto: de 22 a 30 kg.
Pêlo duro: de 25 a 32 kg.

Temperamento, aptidões, educação
De temperamento vivo, dotado de uma grande faculdade de adaptação e faro excelente, é apreciado em terrenos difíceis. Não teme o calor. Sua busca não é muito afastada, caça perto do dono, o aponte é nítido, é bom cobrador e bom nadador. Tendo um galope mais rápido, a variedade de pêlo curto é a preferida para as planícies. A variedade de pêlo duro, excelente para a caça miúda onde se inclui as narcejas, é útil na procura de pista de sangue de caça grossa ferida. Equilibrado, está muito à vontade no seio de uma família. Sua educação deverá ser firme mas sem brutalidade.

Conselhos
Precisa de espaço e exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia.

Braco Italiano

De origem italiana antiga, esta raça foi utilizada na Idade Média, como os "Perdigueiros alemães", na caça às aves com redes. Pinturas do século XIV testemunham a perenidade indiscutível do Braco italiano ao longo dos séculos. Mais tarde, se adaptou à caça de tiro. Assim, seria o mais antigo dos Bracos europeus. Todos os soberanos europeus o adotaram. Em seguida, teria sido melhorado com sangue de Pointer, que lhe trouxe leveza e rapidez. Foi diferenciado em duas sub-raças: o Grande Braco, com um tamanho entre 66 e 70 cm e um peso de 35 a 40 kg, e o Braco leve (de 25 a 28 kg), mais esbelto e mais vivo. Em 1926, as duas variedades foram reunidas em um único padrão. Está praticamente ausente na França.

Constituição robusta, harmoniosa. Distinto. Pele elástica. Andadura: trote alongado e rápido.

Raças grandes de 25 a 45 kg

1

Cães de aponte continentais

País de origem
Itália

Nome de Origem
Braco italiano

7

Cabeça
Angulosa, estreita. Crânio ligeiramente arqueado. Protuberância occipital pronunciada. Stop leve. Cana nasal retilínea ou ligeiramente afilada, do mesmo comprimento que o crânio. Trufa volumosa, do marrom ou rosa à cor de carne, conforme a pelagem. Bochechas secas. Lábios finos.

Olhos
Ovais, de cor ocre mais ou menos escura ou marrom, conforme a pelagem.

Orelhas
Longas, com extremidades ligeiramente arredondadas, flexíveis, a borda anterior ajustada à bochecha.

Corpo
Se inscreve em um quadrado. Pescoço possante com ligeira barbela. Cernelha bem visível. Peito amplo, profundo, bem descido. Costelas bem arqueadas. Dorso largo e musculoso. Garupa longa, larga, sua obliqüidade forma um ângulo de 30° sob a horizontal. Ventre ligeiramente levantado.

Membros
Secos, músculos destacados. Patas ovaladas. Dedos cerrados. Almofadas plantares secas. Ergôs nos membros posteriores.

Cauda
Forte na raiz, reta. Quando em ação é portada horizontal. É encurtada deixando somente um comprimento de 15 a 25 cm.

Pêlo
Curto, cerrado, brilhante, mais fino e mais raso na cabeça e nas orelhas, na face anterior dos membros e nos pés.

Pelagem
Branca; branca com manchas de tamanho variado, de cor laranja ou âmbar mais ou menos escuro; branca com manchas maiores ou menores de cor marrom; branca salpicada de laranja pálido (malhas); branco salpicado de marrom (rufo-marrom). A máscara facial simétrica é preferida.

Tamanho
Macho: de 58 a 67 cm.
Fêmea: de 55 a 62 cm.

Peso
De 25 a 40 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, resistente, vigoroso, este cão de faro apurado, está apto a todo o tipo de caça. Procura a caça ativamente, a cabeça levantada, com um trote alongado. É bom cobrador. Se adapta facilmente à vida em família. Requer uma educação firme.

Conselhos
Precisa de grandes espaços e muito exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Braco de Saint Germain

Foi criado em cerca de 1830 a partir do Braco francês, originários dos Grandes Bracos das matilhas reais de Luís XV e de Pointers trazidos da Inglaterra por M. De Girardin, chefe de caça do rei Carlos X. Os resultados do cruzamento foram criados pelos guardas da floresta de Saint-Germain-en-Laye, de onde veio seu nome. Este meio sangue Anglo-francês é o mais elegante de todos os Bracos franceses. Raça muito divulgada no início do século, seus efetivos estão em decréscimo, pois a raça é muito pouco difundida e tem a concorrência do Pointer, com físico e aptidões muito semelhantes.

Mediolíneo. Elegante. Distinto.
Pele fina, flexível. Galope mais pesado que o do Pointer.

1

CÃES DE APONTE CONTINENTAIS

PAÍS DE ORIGEM
França

7

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação

Enérgico, às vezes obstinado, rápido, é um caçador excelente, tanto na planície como na mata e até mesmo nos pântanos, desde que a estação fria seja evitada. Menos impetuoso que o Pointer, porém mais rápido que o Braco francês, bom corredor, sua busca é ampla. É utilizado sobretudo para o faisão e o coelho. Meigo, afetuoso, muito apegado a seu dono, é um companheiro apreciado. Sua educação deverá ser firme mas suave.

Conselhos

Se precisar viver na cidade, necessitará de longos passeios diários. Não teme o calor. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização

Caça, companhia.

CABEÇA

Fina. Crânio largo. Occipital saliente. Stop marcado. Cana nasal longa, reta ou ligeiramente convexa. Lábios finos e rosados. Trufa rosa escuro, larga.

OLHOS

De bom tamanho, cor amarelo escuro.

ORELHAS

Pendentes, mais longas que as do Pointer, flexíveis, bem afastadas da cabeça.

CORPO

Bem proporcionado. Pescoço forte, bastante longo. Peito largo, profundo, descendo até o nível dos cotovelos. Dorso curto, reto. Lombo forte, muito curto, ligeiramente arqueado. Garupa ossuda, um pouco descida.

MEMBROS

Fortes, musculosos. Patas alongadas. Dedos cerrados. Sola dura.

CAUDA

Grossa na raiz, muito fina na extremidade. Portada na horizontal. É a única raça de Braco em que a cauda não deve ser encurtada.

PÊLO

Curto, não muito fino, mas nunca duro.

PELAGEM

Branco mate com manchas laranja vivo; nas marcas laranja presença de alguns pêlos brancos; alguns salpicos são tolerados

TAMANHO

Macho: de 50 a 62 cm.
Fêmea: de 54 a 59 cm.

PESO

De 18 a 26 kg.

Weimaraner

Segundo alguns, seria descendente dos Cães Cinza de São Luís, fazendo parte das matilhas reais, tendo portanto origem francesa. Mas desde o início do século XIX, o Braco de Weimar, de preferência proveniente de cães sabujos cinza germânicos, era criado na corte do duque de Weimar, onde era utilizado como cão de trela. Fizeram-se então cruzamentos com cães de Oysel, o equivalente a nossos Spaniels, com Santo-Humberto e Pointers. Juntamente com o Braco de pêlo raso, o mais difundido, aparece desde o início do século XX uma variedade de pêlo longo, que não está muito difundida. Tendo sido criado como raça pura há mais de cem anos, o Braco de Weimar seria a raça mais antiga dos cães de aponte alemães. Em 1897 foi fundado o Clube do Weimaraner. O primeiro padrão foi redigido em 1925. É muito difundido nos Estados Unidos, onde é denominado de "fantasma cinza". Desenvolvido desde 1950, tem conhecido um modismo crescente, especialmente como animal de companhia.

Belo em suas formas. Bem musculoso. Seco. Pele firme bem aderente. Em qualquer andadura : muita facilidade e amplitude no movimento.

1 **Cães de aponte continentais**

País de origem
Alemanha

Nome de Origem
Weimaraner

Raças grandes de 25 a 45 kg

7

Cabeça
Seca, em harmonia com o tamanho do cão. Stop muito pouco marcado. Cana nasal retilínea, muitas vezes ligeiramente afilada. Focinho longo, possante. Trufa grande, de cor carne clara. Mandíbulas possantes. Bochechas bem musculosas.

Olhos
Redondos, em posição ligeiramente oblíqua, de cor âmbar clara a âmbar escuro. Os filhotes têm olhos de cor azul celeste.

Orelhas
Inseridas alto, bastante longas, ligeiramente arredondadas em sua extremidade. Em alerta, ligeiramente viradas para a frente e pregueadas.

Corpo
Um pouco alongado. Pescoço de porte nobre, musculoso, seco. Cernelha bem pronunciada. Peito possante, bem descido, longo. Costelas bem arqueadas. Dorso firme, musculoso, um pouco longo. Garupa longa e medianamente oblíqua.

Membros
"Altos", secos, bem musculosos. Patas possantes, redondas. Dedos cerrados.

Cauda
Inserida um pouco baixo, possante, bem farta. Pendente em repouso. Em alerta, fica horizontal. É encurtada entre a metade e os dois terços do seu comprimento.

Pêlo
- Raso: curto, abundante, muito espesso, acamado. Sem ou com pouco subpêlo.
- Longo (variedade mais rara): flexível com ou sem subpêlo. Liso e ligeiramente ondulado. Culote e franjas. Bela pluma na cauda.

Pelagem
Cinza prateado, cinza acastanhado, cinza rato, assim como todas as tonalidades intermédias entre estas cores. Cabeça e orelhas geralmente de cor um pouco mais clara. Marcas brancas só são permitidas muito ligeiramente no antepeito e nos dedos. Às vezes, tem uma tira escura mais ou menos marcada no meio do dorso, denominada "tira de enguia".

Tamanho
Macho: de 59 a 70 67 cm.
Fêmea: de 57 a 65 cm.

Peso
Macho: de 30 a 40 kg.
Fêmea: de 25 a 35 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Apaixonado e dotado de um faro notável, este cão, sabujo em sua origem, se tornou no século XIX um cão de aponte. Perseverante na busca sistemática, um pouco lento, seguro no aponte e no trabalho na água. Pode seguir animais feridos e cobrar todo o tipo de caça. Tem excelente aptidão para a guarda e defesa. É um companheiro muito agradável. Sua educação deverá ser firme.

Conselhos
Se adapta à vida em apartamento, mas precisa de passeios diários. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, guarda e defesa, companhia.

Braco Alemão de pêlo longo

Suas origens são pouco conhecidas. Uns supõem que este cão, na verdade um Spaniel, seria o resultado do cruzamento entre o Spaniel alemão (Wachtelhund) e Spaniels franceses. Teria ocorrido uma inserção de sangue de Seters irlandeses e Gordon. Apesar de suas qualidades, na França e na Alemanha sua presença é confidencial.

Robusto. Harmonioso. Elegante.
Expressão nobre. Andadura viva.

1

Cães de aponte continentais

País de origem
Alemanha

Nome de Origem
Deutscher Langhaariger Vorstehhund

Outros nomes
Braco alemão de pêlo longo, Langhaar

7

Raças grandes de 25 a 45 kg

Utilização
Cão de caça.

Temperamento, aptidões, educação
Dotado de faro eficaz, se adapta a todos os estilos de caça. Sua busca é ativa e ampla. Obediente, seu temperamento é muito flexível.

Conselhos
Precisa de espaço e exercício. Escovação regular.

Cabeça
Alongada, seca. Crânio ligeiramente arqueado. Stop levantado inclinado. Cana nasal ligeiramente arqueada. Trufa castanha, mais ou menos escura.

Olhos
Tão escuros quanto possível.

Orelhas
Inseridas alto, largas, com a extremidade arredondada, bem planas contra a cabeça. Pêlo ligeiramente ondulado, ultrapassando a ponta para baixo.

Corpo
Robusto, se inscreve em um quadrado. Pescoço robusto. Peito profundo. Dorso sólido, reto, curto. Lombo bem desenvolvido. Garupa ligeiramente inclinada.

Membros
Musculosos. Patas de comprimento e forma arredondada média.

Cauda
Bem inserida, mantida na horizontal ou em ligeira curva para cima. Bem emplumada.

Pêlo
Longo, bem assentado. De 3 a 5 cm no dorso e as faces laterais do tronco. Um pouco mais longo na garganta, antepeito e ventre. Patas bem franjadas. Curto na cabeça.

Pelagem
Castanha.

Tamanho
De 63 a 70 cm.

Peso
De 30 a 35 kg.

Stabyhoun

Este cão holandês, originário da região da Frísia, é conhecido desde o início do século XIX. Poderia descender de Spaniels importados para os Países-baixos pelos Espanhóis e que teriam sido cruzados com o Spaniel de perdiz de Drenthe. É muito pouco conhecido fora de seu país de origem.

Construído com robustez.

1

Cães de aponte continentais

País de origem
Holanda

Nome de Origem
Stabyhoun

7

Raças médias de 10 a 25 kg

Cabeça
Seca, mais longa que larga. Crânio ligeiramente arqueado. Stop moderado. Cana nasal reta. Focinho possante, do mesmo comprimento que o crânio. Trufa larga, preta ou marrom conforme a pelagem. Lábios não pendentes.

Olhos
De tamanho médio, redondos, marrom escuro com pelagem de fundo preto e marrom claro na pelagem de fundo marrom.

Orelhas
Inseridas baixo, de comprimento médio, portadas contra a cabeça, sem torção. Pêlo bastante longo junto à base, encurtando progressivamente para a extremidade.

Corpo
Possante, se inscreve em um retângulo. Pescoço curto e redondo, sem barbela. Peito mais largo do que descido, de modo que os membros dianteiros são bastante afastados. Costelas bem arqueadas. Dorso reto, bastante longo. Garupa pouco inclinada. Ventre moderadamente retraído.

Membros
Fortes. Patas ligeiramente ovais ou redondas. Almofadas plantares espessas.

Cauda
Longa, atingindo a ponta do jarrete, portada baixa com ligeira curvatura ascendente nos últimos terços. Coberta de pêlo longo.

Pêlo
Longo e acamado no tronco; ligeiramente ondulado na garupa. Curto na cabeça. Bem desenvolvido na parte traseira dos membros.

Pelagem
Preta, marrom ou laranja com marcas brancas. Nas partes brancas são admitidos salpicos e pêlo misturado.

Tamanho
Cerca de 50 cm.

Peso
De 15 a 20 kg.

Utilização
Caça, companhia.

Temperamento, aptidões, educação
Este cão, que é excelente na busca, de aponte firme, é também bom cobrador. Calmo, meigo, mostra ser um companheiro atraente.

Conselhos
Precisa de grandes espaços e muito exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Spinone Italiano de pêlo duro

Este cão é um dos mais antigos Grifos de aponte. Para alguns, seria de origem estritamente italiana, originário de tipos Braco ou cães sabujos italianos de pêlo duro (Segugio). Para outros, teria vindo da Bréssia e teria chegado ao Piemonte. Bracos alemães, o Porcelana, o Barbet, o Korthals também teriam contribuído para sua evolução.

Constituição robusta, rústica, vigorosa. Pele espessa, seca, bem aplicada ao corpo. Trote alongado e rápi-do.

1

Cães de aponte continentais

País de origem
Itália

Nome de Origem
Spinone Italiano
Grifo italiano

7

Raças grandes de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, muito resistente, vigoroso, é um cão apto para a caça em todo o tipo de terreno e em qualquer clima. Não teme os matos ("spinone" espinhos) nem a água. Sua busca é metódica, seu faro um pouco curto, é um cobrador excelente. Tem tendência a se transformar em cão sabujo.
Calmo, sociável, afetuoso, é um companheiro agradável. Requer uma educação firme.

Conselhos
Precisa de grandes espaços e muito exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia.

Cabeça
Forte e pesada. Visto de frente, seu crânio tem a forma de um telhado de face dupla com protuberância occipital muito desenvolvida. Stop apenas visível. Cana nasal retilínea ou ligeiramente afilada. Focinho de comprimento igual ao do crânio. Mandíbulas possantes. Trufa volumosa, de cor rosa-carne nos indivíduos brancos e marrom nos indivíduos ruão-marrom. Bigode e barba.

Olhos
Grandes, redondos, de cor ocre numa tonalidade mais ou menos escura. Sobrancelhas longas e rígidas.

Orelhas
Longas, triangulares, pendentes. O bordo anterior está encostado à bochecha, sem ser enrolada.

Corpo
Se inscreve em um quadrado. Pescoço possante, musculoso. Barbela ligeiramente desenvolvida. Peito amplo e profundo. Costelas bem arqueadas. Dorso retilíneo. Lombo ligeiramente convexo. Garupa larga, longa, bem musculosa, oblíqua.

Membros
Bem musculosos, ossatura possante. Patas compactas, redondas. Dedos cerrados. Almofadas plantares duras.

Cauda
Grossa na raiz, portada na horizontal ou pendente. Sem franjas. É encurtada deixando 15 a 25 cm.

Pêlo
Com comprimento de 4 a 6 cm, rígido, duro, cerrado. Sem subpêlo. Mais curto na cabeça, orelhas e faces anteriores dos membros. Em escova nas faces posteriores dos membros.

Pelagem
Branco puro, branco com manchas laranjas, branco salpicado de laranja (malhas), branco com manchas castanho, ruão ou ruão-marrom. Cores não admitidas: pelagem tricolor, marcas fogo, preto em todas as variantes e combinações.

Tamanho
Macho: de 60 a 70 cm.
Fêmea: de 58 a 65 cm.

Peso
Macho: de 32 a 37 kg.
Fêmea: de 28 a 30 kg.

Perdigueiro Português

Sua origem é desconhecida. Eventualmente teria vindo do oriente. A existência de Bracos na península Ibérica remonta ao século XIV. Pode ser considerado como uma raça autóctone. É pouco conhecido fora de seu país de origem.

Mediolíneo. Bracóide. Conjunto harmonioso. Estrutura sólida. Grande flexibilidade de movimentos.

De 10 a 45 kg

1

Cães de aponte continentais

País de origem
Portugal

Nome de Origem
Perdigueiro português

Outro nome
Braco português

7

Cabeça
Um pouco grande, revestida de uma pele flácida e fina. De face quadrada, retilínea de perfil. Crânio ligeiramente arqueado. Arcadas superciliares pronunciadas. Stop bem visível. Cana nasal reta. Lábios superiores pendentes.

Olhos
Grandes, ovais, de várias tonalidades de castanho, preferencialmente escuros.

Orelhas
De comprimento médio, finas, flexíveis, largas na base, extremidade arredondada. Pendentes, planas.

Corpo
Se inscreve em um quadrado. Pescoço reto, alongado, barbela curta. Peito alto e largo. Dorso curto, largo, retilíneo. Lombo curto, largo, fortemente musculoso. Garupa larga, fraca obliqüidade.

Membros
Musculosos. Patas arredondadas. Dedos cerrados, sólidos.

Cauda
Forte na raiz, afilando gradualmente. Pende naturalmente ao longo das coxas. Quando em ação, se levanta na horizontal. Geralmente encurtada em um terço.

Pêlo
Curto, forte, bem assentado, não muito macio. Fino e raso na cabeça, e orelhas. Sem subpêlo.

Pelagem
Amarela ou marrom, unicolor ou marcada de branco.

Tamanho
Macho: de 52 a 60 cm.
Fêmea: de 48 a 56 cm.

Peso
Macho: de 20 a 27 kg.
Fêmea: de 16 a 22 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Tenaz, ativo, perseverante, vivo, rápido, este cão é dotado de ótimo faro. Originalmente era utilizado para a caça de aves (perdigueiro = perdiz). Tornou-se um cão de caça polivalente, trabalhando em qualquer tipo de terreno. Busca com vivacidade e cobra muito bem. Calmo, é muito afetuoso e muito sociável, sendo um companheiro agradável. Requer uma educação firme.

Conselhos
Precisa de grandes espaços e muito exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Spaniel azul da Picardia

Teria sido obtido do cruzamento do Spaniel da Picardia de pelagem preta e cinza com Seters ingleses ou Gordon. A raça foi reconhecida em 1938 mas teria desaparecido se não fosse a obstinação de criadores e caçadores. Perante a pressão de raças estrangeiras (Labradores), a raça foi abandonada e se mantém apenas na região do Somme.

Possante. Muito baixo. Bem constituído para o trabalho.

1

Cães de aponte continentais

País de origem
França

Outro nome
Azul Picard

7

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, corajoso, ativo, dotado de um faro sutil, é um bom caçador em todo o tipo de terreno, especialmente nos pântanos. Sua especialidade continua a ser as narcejas. Afetuoso, meigo, é um companheiro agradável. Sua educação deverá ser suave.

Conselhos
Para seu equilíbrio precisa de grandes espaços e muito exercício. Não gosta da solidão. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Cabeça
Bastante forte. Crânio oval, relativamente largo. Stop marcado. Cana nasal longa, bastante larga. Trufa larga. Lábios largos, bem descidos.

Olhos
Grandes, escuros.

Orelhas
Inseridas um pouco acima da linha dos olhos. Muito espessas, enquadrando a cabeça. Cobertas de belas sedas onduladas.

Corpo
Forte. Pescoço permitindo uma barbela muito ligeira. Peito de boa profundidade. Costelas harmoniosamente arqueadas. Garupa relativamente rebaixada.

Membros
Fortes e bem musculosos. Patas redondas, um pouco largas.

Cauda
Não ultrapassa sensivelmente o jarrete e, principalmente, sem gancho.

Pêlo
Liso ou ligeiramente ondulado. Franjas nos membros e na cauda.

Pelagem
De cor cinza ou preta salpicada formando um tom azulado com manchas pretas.

Tamanho
Macho: de 57 a 60 cm.
Fêmea: um pouco menor.

Peso
Aproximadamente 20 kg.

Spaniel Bretão

É um dos descendentes dos "Perdigueiros alemães" treinados na Idade Média para a caça de pássaros com rede. É o resultado de cruzamentos praticados no século XX, no início acidentalmente e depois propositadamente, entre cães de fazenda na Bretanha, curtos, robustos, rústicos, que eram utilizados na caça à narceja com Seters, Pointers e Springers deixados na França pelos caçadores britânicos durante a época baixa, a fim de melhorar seu faro e rapidez. A notoriedade do Spaniel bretão aumentou. M. de Pontavic e de Combouz o apresentaram em Paris em 1896. Em 1907 foi criado um clube em Loudéac. O primeiro padrão, adotado em 1908, foi revisto em 1938. Tendo-se tornado a segunda raça na França, seria o cão francês mais difundido em todo o mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, é um dos primeiros cães de aponte.

Brevilíneo. "Cob".Robusto. Compacto. Elegante. Pele fina, bastante solta. Movimentos enérgicos.

Raças médias de 10 a 25 kg

1

Cães de aponte continentais

País de origem
França

7

Cabeça
Redonda. Crânio arredondado. Stop em declive suave. Cana nasal reta. Lábios finos.

Olhos
Ambar escuro, em harmonia com a pelagem.

Orelhas
Inseridas alto, tendendo ao curto, ligeiramente arredondadas, guarnecidas de pêlos ondulados.

Corpo
Se inscreve em um quadrado. Pescoço de comprimento médio. Peito profundo. Costelas bastante arredondadas. Dorso reto. Lombo curto e largo. Flancos bem elevados. Garupa ligeiramente caída.

Membros
Finos, musculosos. Patas com dedos cerrados.

Cauda
Reta ou pendente (se o cão não for anuro). Sempre curta, com cerca de 10 cm. Muitas vezes um pouco torcida, terminando com um penacho de pêlos.

Pêlo
Fino, mas não em excesso, tendendo ao liso ou ligeiramente ondulado, nunca frisado.

Pelagem
Branca e laranja. Branca e marrom; Branca e preta. Tricolor (branca, preta e fogo) ou ruão (pêlos coloridos misturados com branco).

Tamanho
Macho: de 48 a 50 cm.
Fêmea: de 47 a 49 cm.

Peso
Macho: de 15 a 18 kg.
Fêmea: 14 a 15 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, enérgico, combativo, incansável, pode caçar em qualquer tipo de terreno. "um máximo de qualidades num volume mínimo", é a definição do Clube para este cão que não incomoda. Dotado de um faro excelente, sua busca é rápida, seu aponte firme e mostra ser um bom cobrador de caça de água. Polivalente, caça aves, mas as galinholas e as narcejas são algumas de suas presas preferidas. Equilibrado, meigo, sensível, tem bom temperamento, sendo um companheiro agradável. Sua educação deverá ser feita com suavidade.

Conselhos
Se adapta à vida em apartamento desde que possa se beneficiar de grandes passeios diários, pois precisa gastar sua energia. Escovação uma ou duas vezes na semana. Vigiar a condição de suas orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Spaniel Francês

Como todos os outros Spaniels, que foram os primeiros cães de aponte, tem como ancestral o cão "rastreador" ou Perdigueiro alemão de pêlo longo da Idade Média. É muito apreciado pelos caçadores de aves desde o século XVI. Após um declínio devido à concorrência dos cães ingleses, a raça foi reconstituída no século XIX pelo Abade Fournier. Em 1891 J. De Connick estabeleceu um primeiro padrão. É descrito como maior e mais possante que o Spaniel bretão. É praticamente desconhecido no exterior e seus efetivos na França são modestos, apesar de um aumento de popularidade.

Mediolíneo. Bracóide. Proporções harmoniosas. Nobre. Musculatura notável. Pele flexível, colada ao corpo. Andadura fácil, elegante.

1

Cães de aponte continentais

País de origem
França

7

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação

Resistente, corajoso, perseverante, ativo, este cão é apreciado nos terrenos difíceis.
É um cão de mato e é bom para o trabalho na água. Dotado de faro excelente, é menos veloz que o Spaniel bretão, sua busca é mais restrita e feita em galope curto ou um pouco mais alongado. O aponte é muito firme e é um dos melhores cobradores. Calmo, equilibrado, sensível, muito apegado a seu dono e meigo com as crianças, é um companheiro apreciado. Sua educação firme deverá ser feita com suavidade.

Conselhos

É feito para a vida no campo. Suporta mal a solidão. Precisa de correr todos os dias. Duas escovações semanais. Vigiar as orelhas.

Utilização

Caça, companhia.

Cabeça

Medianamente longa e larga. Bem esculpida, sem secura excessiva. Arcadas superciliares marcadas. Stop marcado, progressivo. Cana nasal ligeiramente convexa, um pouco mais curta que o crânio. Trufa marrom. O lábio superior não cobre o lábio inferior.

Olhos

Muito grandes, ovais, cor de âmbar escuro.

Orelhas

Bem inseridas, guarnecidas de sedas onduladas até à extremidade arredondada.

Corpo

Um pouco alongado. Pescoço ligeiramente arqueado, sem barbela. Cernelha seca, bem pronunciada. Peito largo e potente, de grande capacidade. Dorso horizontal, firme. Lombo largo, não muito longo. Garupa larga, arredondada. Ventre retraído.

Membros

Musculosos, secos, com ossatura forte. Patas ovais. Dedos cerrados. Almofadas plantares escuras.

Cauda

Atinge a ponta do jarrete, portada obliquamente ou ligeiramente encurvada em S. Guarnecida de longas sedas ondulantes.

Pêlo

Longo e ondulado nas orelhas, assim como na parte de trás dos membros e cauda. Achatado, sedoso e farto no corpo, com algumas ondulações atrás do pescoço e a parte antero-superior do peito. Raso e fino na cabeça.

Pelagem

Branco e marrom medianamente matizado, às vezes alargadas, com áreas irregulares, pouco ou medianamente salpicada, ou salpicada e tipo rião, porém não em excesso. A cor marrom oscila entre as cores canela e fígado escuro. A tira branca na cabeça é desejável.

Tamanho

Macho: de 56 a 61 cm.
Fêmea: de 55 a 59 cm.

Peso

Aproximadamente 25 kg.

Spaniel de Munster

Entre seus ancestrais no século XIX encontram-se os Cães de aponte alemães de pêlo comprido, Spaniels franceses, Seters e Pointers. No início do século XX foram fixadas duas variedades na região de Münster, na Westefália:
- o Pequeno Münsterländer (Kleiner Münsterländer Vorstehund), o mais conhecido;
- o Grande Münsterländer (Grosser Münsterländer Vorstehund).
Um primeiro padrão foi redigido em 1936. O Pequeno Münsterländer surgiu na França no final dos anos 60.

Possante. Linhas puras. Elegância.
Andadura elástica, de grande amplitude.

De 10 a 45 kg

1

Cães de aponte continentais

País de origem
Alemanha

Nome de Origem
Münsterländer,
Münsterländer Vorstehund

Outros nomes
Pequeno Münsterländer,
Grande Münsterländer

7

Cabeça
Alongada, seca, nobre. Crânio não muito largo. Stop pouco marcado. Cana nasal retilínea. Focinho possante, longo. Lábios não pendentes. Trufa preta; marrom no Pequeno Münsterländer.

Olhos
Tão escuros quanto possível.

Orelhas
Inseridas muito alto, largas, parte inferior arredondada, bem juntas ao crânio.

Corpo
Quadrado. Pescoço possante, bem musculoso. cernelha longa. Peito largo, bem descido. Flancos curtos. Dorso curto, firme, reto. Garupa longa e larga, bem musculosa, moderadamente rebaixada. Ventre ligeiramente retraído.

Membros
Muito musculosos, possantes. Patas de comprimento médio. Dedos cerrados (redondos no Pequeno Münsterländer).

Cauda
De comprimento médio, portada na horizontal.

Pêlo
Longo, denso, liso. Franjas na face posterior dos membros, orelhas e cauda. Curto e bem acamado na cabeça. De comprimento médio, liso, cerrado, ligeiramente ondulado no Pequeno Münsterländer.

Pelagem
- Grande Münsterländer: branco, com áreas salpicos pretos ou pêlos grisalhos.
- Cabeça preta, eventualmente com uma pequena mancha ou tira branca.
- Pequeno Münsterländer: marrom e branco, marrom e branco salpicado, marcas fulvas admitidas no focinho e nas orelhas.

Tamanho
- Grande Münsterländer
Macho: de 60 a 65 cm.
Fêmea: de 58 a 63 cm.
- Pequeno Münsterländer
Macho: de 50 a 56 cm.
Fêmea: de 48 a 54 cm.

Peso
- Grande Münsterländer: cerca de 30 kg.
- Pequeno Münsterländer: de 18 a 23 kg.

Temperamento, aptidões, educação
De temperamento vivo, dotado de um faro excelente, caça tão bem na planície como no bosque ou na água. Busca muito próximo a seu dono e seu aponte é muito firme. É um bom cobrador. Pratica a caça menor e caça grossa, dependendo da variedade. Às vezes é utilizado em matilha. É um companheiro excelente. Sua educação deverá ser firme, especialmente com o Pequeno Münsterländer.

Conselhos
Não se adapta à vida em apartamento. Precisa de espaço e muito exercício. Duas escovações semanais. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Spaniel Perdigueiro de Drenthe

Conhecido há séculos, este cão surgiu no nordeste da Holanda, na província de Drenthe. Seria descendente da mesma origem que os Spaniels e os Seters. É pouco conhecido, até mesmo em seu país natal.

Solidamente construído. Bem proporcionado.

7

1

Cães de aponte continentais

País de origem
Holanda

Nome de Origem
Drantsche Patrijshond

Outro nome
Spaniel holandês de Drenthe

Raças médias de 10 a 25 kg

Cabeça
Larga e plana. Stop leve. Cana nasal reta. Focinho em forma de cunha. Trufa castanha.

Olhos
Ambar.

Orelhas
Guarnecidas de longos pêlos, pendem planas contra as bochechas.

Corpo
Sólido. Peito profundo. Costelas longas. Dorso possante. Lombo largo. Garupa tendendo ao longo, ligeiramente descida.

Membros
Fortes. Patas arredondadas. Dedos cerrados. Solas espessas.

Cauda
Alongada, pendente em repouso, levantada em ação.

Pêlo
Espesso, de comprimento médio no corpo. Franjas nas orelhas, membros e cauda.

Pelagem
De cor branca, com manchas castanhas ou laranja.

Tamanho
Macho: de 57 a 63 cm.
Fêmea: ligeiramente menor.

Peso
De 20 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito perseverante, dotado de faro muito apurado, está à vontade tanto na planície como no pântano. Faz todo o tipo de caça de pena (Patrijshond: cão de perdiz) e toda a caça de pêlo. Seu aponte é firme e para cobrar é excelente. Seu bom temperamento faz dele um agradável companheiro.

Conselhos
Precisa de espaço e exercício. Escovação diária.

Utilização
Caça, companhia.

Spaniel da Picardia

Há muito que é conhecido no vale do Somme. Tem a mesma origem que o Spaniel francês, isto é, "cão rastreador" (Perdigueiro alemão) de pêlo longo da Idade Média que seria utilizado para apontar a caça de penas. Para alguns, é aparentado dos Seters. Após um período de declínio no final do século XIX, sua exposição em Paris em 1904 suscitou uma renovação do interesse por parte dos caçadores. Em 1908 foi redigido um primeiro padrão. Nunca foi muito difundido fora de sua região de origem.

Robusto. Bom desenvolvimento dos membros anteriores. Pele muito fina.

Raças médias de 10 a 25 kg

1

CÃES DE APONTE CONTINENTAIS

PAÍS DE ORIGEM
França

7

CABEÇA
Forte. Crânio largo e redondo. Occipital bem pronunciado. Stop oblíquo. Cana nasal larga e longa. Lábios não muito pendentes. Trufa castanha.

OLHOS
Cor âmbar escuro.

ORELHAS
Muito baixas, enquadrando bem a cabeça, cobertas de belas sedas onduladas.

CORPO
Atlético. Pescoço bem musculoso. Peito profundo, muito largo, descendo até o nível do cotovelo. Dorso bem reto, largo, espesso. Garupa ligeiramente oblíqua e arredondada. Ancas ligeiramente mais baixas que o garrote. Flancos planos, muito elevados.

MEMBROS
Bem musculosos, fortes. Patas redondas, largas cerradas.

CAUDA
Formando duas ligeiras curvas convexa e côncava, não muito longas. Enfeitada de belas sedas.

PÊLO
Meio-longo, grosso e não muito sedoso. Fino na cabeça, ligeiramente ondulado no corpo.

PELAGEM
Cinza salpicado, com placas de cor castanha nas várias partes do corpo e na raiz da cauda, a maioria das vezes marcada de fogo na cabeça e nos membros.

TAMANHO
De 55 a 60 cm.

PESO
De 20 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, resistente, dotado de um faro notável, é eficaz em qualquer tipo de terreno mas é um especialista nos pântanos. Perseverante em sua busca, tem um aponte perfeito e é um excelente cobrador. Caça bem o pato e as galinholas, assim como o coelho ou a lebre. Alegre, meigo, sociável, com bom temperamento, é apreciado como companheiro.

Conselhos
Suporta muito mal a vida em apartamento. Precisa de espaço e exercício com regularidade. Escovação e penteados semanais. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Spaniel de Pont-Audemar

Criado no século XIX, seria descendente de um antigo Spaniel da região de Pont-Audemar (Eure) cruzado com o Spaniel de água irlandês (Irish Water Spaniel). O Spaniel da Picardia e talvez o Barbet poderiam ter contribuído para sua formação. Em 1980 foi novamente ligado ao Clube do Spaniel da Picardia. Já bastante raro no início do século XX, seus efetivos são raros.

1

Cães de aponte continentais

País de origem
França

7

Bem construído.
Cheio.

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, rústico, vigoroso, suporta muitíssimo bem o frio e as intempéries. Apesar de tenaz na mata cerrada (é um cão para a mata), a água é o seu elemento. Suas origens o levam para a caça aos animais selvagens e ao pato. Se predispõe para a busca da caça mais diversa, seu aponte é firme e é um perfeito cobrador, fazendo dele um ótimo Retriever. Afetuoso, meigo com as crianças, muito ligado a seu dono, é um companheiro agradável. Sua educação deverá ser feita sem um rigor excessivo.

Conselhos
Se adapta à vida na cidade, mas precisa de muito exercício. Escovação semanal.

Utilização
Caça, companhia.

Cabeça
Fina. Crânio redondo com uma crista bem frisada em cima. Crista occipital proeminente. Stop marcado. Cana nasal longa com uma proeminência no centro. Lábios finos, pouco descidos. Nariz pontiagudo, castanho.

Olhos
Tendendo ao pequeno, cor âmbar escuro ou avelã.

Orelhas
Inseridas um pouco baixo, planas, de espessura média, longas e guarnecidas com longas sedas muito frisadas, se unindo com a crista para compor uma bela peruca frisada que enquadra a cabeça.

Corpo
Bem proporcionada. Pescoço um pouco arqueado, nítido, bem musculoso. Peito profundo e largo. Costelas longas, salientes. Dorso reto ou ligeiramente convexo. Lombo bastante curto, sólido, musculoso. Garupa muito ligeiramente oblíqua. Flancos planos e um pouco elevados.

Membros
Fortes, musculosos. Patas redondas, longos pêlos frisados entre os dedos.

Cauda
Portada bastante direita, geralmente cortada em um terço, cheia de pêlos frisados. Se a cauda estiver inteira, deverá ser de comprimento médio, um pouco curva.

Pêlo
Frisado e ligeiramente rude. Pêlo muito denso.

Pelagem
Marrom, marrom com cinza, matizado preferencialmente com reflexos de folha morta.

Tamanho
De 52 a 58 cm.

Peso
Aproximadamente 20 kg.

Grifo de Aponte de pêlo duro

Foi o Holandês E. Korthals, chefe de canil na Alemanha no Grande ducado de Hesse, quem criou esta raça. A partir de 1860 ele se encarregou de regenerar o velho Grifo de pêlo duro por seleção, consangüinidade e introdução de sangue estrangeiro. Para isso fez o cruzamento de Grifos franceses e germânicos, de sua propriedade, com Bracos, Barbets e Spaniels. Sua primeira apresentação ocorreu em 1870. O primeiro padrão foi publicado em 1887. Esta raça, reconhecida pela F.C.I., está bem representada na França.

Cabeça
Grande, longa. Crânio não muito largo. Stop não muito pronunciado. Cana nasal ligeiramente afilada. Focinho longo, quadrado. Trufa castanha. Bigode e sobrancelhas bem visíveis.

Olhos
Grandes, arredondados, amarelos ou castanhos.

Orelhas
De tamanho médio, aplicadas planas, não enroladas.

Corpo
Alongado. Pescoço longo, sem barbela. Peito não muito largo. Costelas ligeiramente arqueadas. Dorso vigoroso. Lombo bem robusto.

Membros
Fortes. Patas redondas, robustas. Dedos bem fechados.

Cauda
Portada na horizontal. Pêlo farto mas sem penachos. Geralmente encurtada em um terço ou um quarto.

Pêlo
Duro, rude, grosseiro, lembra ao toque as cerdas do javali, farto mas não muito longo. Nunca encaracolado nem lanoso. Subpêlo fino e cerrado.

Pelagem
Preferencialmente cinza-aço com manchas marrons ou marrom, freqüentemente marrom-rubican ou ruão. Também são admitidas as pelagens branca e marrom e branca e laranja.

Tamanho
Macho: de 55 a 60 cm.
Fêmea: de 50 a 55 cm.

Peso
De 20 a 25 kg.

Mediolíneo. Sólida constituição.

Raças médias de 10 a 25 kg

1

Cães de aponte continentais

País de origem
França

Nome de Origem
Korthals

Outros nomes
Grifo de pêlo duro,
Grifo de aponte korthals

7

Temperamento, aptidões, educação
Vigoroso, resistente, tenaz, com faro muito sutil, capaz de manter o galope firme, é um cão de aponte polivalente para todo o tipo de caça, em qualquer tipo de terreno, (do mato ao pântano) e em qualquer tempo. É um bom rastreador, seu aponte é firme e é bom cobrador. É um narcejador ideal. Meigo, gentil, muito apegado a seu dono, é um companheiro agradável. Mas tem um temperamento muito forte e um pouco agitado. Sua educação deverá ser firme mas sem brutalidade.

Conselhos
Não está muito adaptado à vida de cidade. Não gosta da solidão nem de estar preso. Precisa gastar sua energia diariamente. Várias escovações semanais. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Braco Eslovaco

Seria o resultado de cruzamentos entre o Grifo checo e o Braco alemão de pêlo duro. Teria ocorrido uma introdução de sangue de Braco de Weimar. É uma raça recente, uma vez que a sua criação se iniciou após a Segunda Guerra Mundial. A raça foi reconhecida em 1975 e registrada pela F.C.I. em 1983.

Nobreza. Solidamente constituído. Não é do tipo pesado. Pele sem pregas, cor cinza. Andadura equilibrada, viva.

7

1

Cães de aponte continentais

País de origem
Eslováquia

Nome de Origem
Slovensky Hrubosrsty, Stavac (Ohar)

Outros nomes
grifo de aponte de Pêlo duro

Raças grandes de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Este cão de caça está apto para o trabalho na planície, nas matas e na água. Busca e cobra a caça ferida. É obediente e se educa com facilidade.

Conselhos
Precisa de espaço e exercício. Escovação regular.

Utilização
Cão de caça.

Cabeça
Longa, seca, sem pregas. Crânio retangular. Stop moderado. Cana nasal reta. Focinho alto e largo. Trufa de cor escura. Lábios bem aplicados.

Olhos
Em amêndoa de cor âmbar. Nos filhotes são de cor azul.

Orelhas
Inseridas acima da linha dos olhos, com a extremidade arredondada.

Corpo
Ligeiramente alongado. Pescoço seco, bem musculoso. Cenelha pronunciada. Peito longo, largo, oval. Costelas bem arqueadas. Dorso reto, bem musculoso. Garupa larga, suficientemente longa, não rebaixada. Ventre e flanco moderadamente retraídos.

Membros
Fortes, bem musculosos. Patas arredondadas. Dedos cerrados.

Cauda
Inserida alto, medianamente forte, portada para baixo em repouso. Quando em ação é portada na horizontal. Bem guarnecida de pêlos. Amputada na metade.

Pêlo
Com cerca de 4 cm de comprimento, duro, reto, assentado. Bigode no focinho. Sobrancelhas oblíquas.
Pêlos macios e curtos na cabeça e orelhas.

Pelagem
Areia sombreada de marrom, chama "cinza", com variantes mais claras e mais escuras sem marcas brancas ou com marcas brancas nos membros e no antepeito.

Tamanho
Macho: de 62 a 68 cm.
Fêmea: de 57 a 64 cm.

Peso
De 25 a 35 kg.

Pudelpointer

Foi criado a partir do cruzamento entre o Poodle (Pudel), descendente do Barbet e o Pointer, feito pelo barão alemão von Zedlitz no final do século XIX. Ele pretendia obter um cão de pista, de aponte e cobrador. Porém atualmente a raça ainda não está muito estabilizada. Não é muito popular nem mesmo na Alemanha, onde tem a concorrência do Drahthaar nem em outros lugares. Seus efetivos são poucos.

Constituído como um Pointer pesado.

Raças grandes de 25 a 45 kg

1

Cães de aponte continentais

País de origem
Alemanha

7

Cabeça
De comprimento médio, larga, com pêlo eriçado (barba, sobrancelhas fartas). Stop abrupto, de onde vem o aspecto côncavo da cabeça. Cana nasal de aspecto esticado como a do Pointer. Focinho largo e longo.

Olhos
Grandes, redondos, de cor amarela a castanho-clara.

Orelhas
De tamanho médio, mais pontudas que arredondadas, bem guarnecidas de pêlo, pendendo bem planas contra as bochechas.

Corpo
Muito forte. Pescoço de comprimento médio, bem delineado, arqueado, musculoso. Cernelha alta, longa. Peito de largura moderada, muito profundo. Costelas bem arqueadas. Dorso curto e reto. Lombo muito musculoso. Garupa longa, bem musculosa em declive moderado. Ventre retraído. Flancos curtos.

Membros
Musculosos. Patas redondas. Dedos bem cerrados. Solas firmes.

Cauda
Leve, bem reta com pêlo duro. Amputada.

Pêlo
Duro, de comprimento médio, rude e bem farto. Curto na parte inferior dos membros.

Pelagem
Cor folha morta ou castanho. As cores branca, preta, muito clara ou tigrada não são admitidas.

Tamanho
Cerca de 60 a 65 cm.

Peso
De 25 a 30 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Este cão enérgico está adaptado à caça em todo o tipo de terreno (planície, mata e pântano). Esta raça teria herdado do Pointer o faro sutil, o entusiasmo e a andadura viva. Do Poodle, a astúcia e o gosto pela água. Sua busca é enérgica e mostra ser bom cobrador. Tem bom temperamento. Sua educação deverá ser firme.

Conselhos
Precisa de espaço e exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Cão de caça.

Pointer

Segundo alguns, em Portugal havia um Braco sólido e rápido, infatigável, que caçava com o nariz no ar, que parece ser a origem do antigo Braco inglês. Em que época teria chegado à Inglaterra? No entanto, desde o século XVIII, existe um cão de aponte de pêlo raso, originário de Portugal, que os criadores britânicos, através de vários cruzamentos, transformaram no Pointer moderno. Eles teriam utilizado o Foxhound, o Bloodhound e o Greyhound. No século XIX teria recebido grandes infusões de Bracos franceses e italianos. O clube foi criado em 1891. É uma raça bastante difundida na França, onde disputa o primeiro lugar com o Braco alemão entre os cães de aponte de pêlo raso ou duro.

Aristocrático. Puro sangue dos cães de aponte. Mediolíneo. Bem constituído. Harmonioso. Força. Flexibilidade. Andadura unida. Galope alongado.

2

Cães de aponte britânicos

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de Origem
English Pointer

Outros nomes
Pointer inglês

7

De 10 a 45 kg

Cabeça
Fina. Crânio de largura média, plano. Stop bem marcado. Protuberância occipital marcada. Focinho quadrado, um pouco côncavo. Mandíbulas fortes. Lábios finos. Trufa larga.

Olhos
Redondos, de cor avelã ou marrom conforme a cor da pelagem.

Orelhas
Inseridas muito alto, de comprimento médio, finas, colocadas contra a cabeça, ligeiramente pontiagudas na extremidade.

Corpo
Se inscreve em um quadrado. Pescoço longo, musculoso,ligeiramente arredondado, sem barbela. Omoplatas aproximadas. Peito amplo, bem descido. Costelas bem arqueadas. Dorso retilíneo. Lombo forte, curto, musculoso, ligeiramente levantado. Garupa longa.

Membros
Musculosos, boa ossatura. Patas ovais. Dedos bem cerrados.

Cauda
De comprimento médio, espessa na raiz, se afilando para a extremidade. Portada ao nível do dorso, sem curvatura para cima. Quando em ação, sua cauda bate de um lado e do outro.

Pêlo
Fino, curto, duro, liso, reto e bem brilhante.

Pelagem
As cores habituais são o limão e branco, laranja e branco, fígado (marrom) e branco, preto e branco. As pelagens unicolores e tricolores também estão corretas.

Tamanho
Macho: de 63 a 69 cm.
Fêmea: de 61 a 66 cm.

Peso
De 20 a 30 kg.

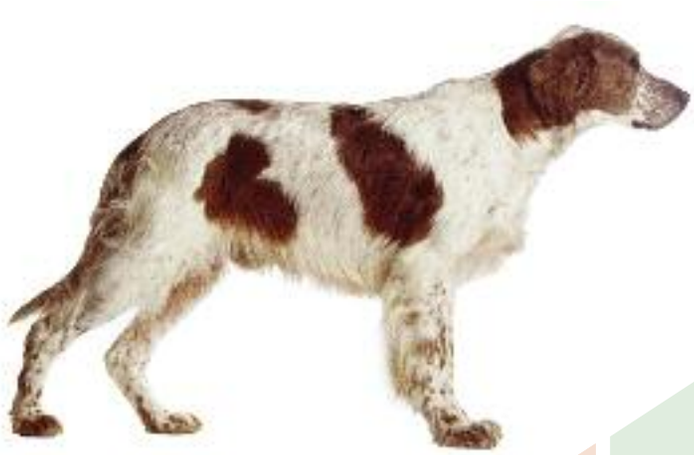
Temperamento, aptidões, educação
Resistente, tolerante, ativo, rápido, atleta ágil, este cão possui duas grandes qualidades: um faro excepcional de um apuro inigualável e velocidade de ação. É excelente na planície e em terrenos abertos. Sua busca é enérgica, ávida, contínua e de longa duração. Seu aponte ("pointer" = cão de aponte de pêlo curto que se imobiliza para indicar a presença de caça) é espetacular, seguro e imóvel, em uma só palavra, "cataléptico": corpo esticado, músculos retesados, cabeça alta e cauda rígida no prolongamento da linha do dorso, ele é então escultural. É o melhor cão de aponte. Como cobrador não é tão bom. É excelente com a galinhola, codorniz, faisão e a perdiz, sem desdenhar a caça de pêlo. É naturalmente agradável e seu bom temperamento faz dele um cão afetuoso. Quando necessário sabe ser cão de guarda. Sua educação deverá ser firme mas com paciência e suavidade.

Conselhos
Não é feito para a vida na cidade. Precisa de grandes espaços e muito exercício. É sensível ao frio e à umidade. Escovação semanal. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Seter Inglês

É o mais antigo dos cães de aponte ingleses. No século XVI era utilizado na caça com rede. O Seter inglês ganhou o nome de Laverack desde que foi transformado e aperfeiçoado por E. Laverack, criador do condado de Shropshire, que em 1825 começou o trabalho de melhoramento da raça utilizando a consangüinidade e a seleção. Continuou sua obra durante cinqüenta anos. Bracos, Spaniels e Pointers teriam servido de base para sua criação. Foi reconhecido pelo Kennel Club em 1873. Os primeiros Seters ingleses foram importados para a França em 1879 e em 1891 foi fundado o primeiro clube. É o mais conhecido e mais utilizado dos cães de aponte, como o Spaniel bretão.



Harmonioso. Puro em suas linhas. Elegante. Andadura franca e harmoniosa.

Raças grandes de 25 a 45 kg

2

Cães de aponte britânicos

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de Origem
English Setter

Outros nomes
Setter Laverack

7

Cabeça
Longa, seca, portada alto. Crânio oval. Protuberância occipital. Stop bem marcado. Focinho bastante quadrado. Mandíbulas fortes. Trufa preta ou fígado conforme a cor da pelagem. Lábios não muito pendentes.

Olhos
Sua cor oscila entre o avelã e o marrom escuro.

Orelhas
Inseridas baixo, de comprimento médio, pendem formando pregas bem desenhadas contra as bochechas.

Corpo
De comprimento moderado. Pescoço bastante longo, musculoso, seco, ligeiramente arqueado, sem barbela. Peito bem descido, profundo, alto, largo. Costelas bem arqueadas. Dorso curto, horizontal. Lombo largo, ligeiramente levantado, forte.

Membros
Muito musculoso. Patas compactas. Dedos cerrados, bem arqueados.

Cauda
De comprimento médio, ligeiramente infletida ou em sabre. Franjas longas.

Pêlo
A partir da região posterior da cabeça ao nível das orelhas, é ligeiramente ondulado, mas não encaracolado, longo e sedoso. Franjas nos membros.

Pelagem
Preta e branca (azul belton), laranja e branco (orange belton), limão e branco (lemon belton), marrom e branco (liver belton), ou tricolor, isto é, preto, branco e fogo ou marrom, todas as pelagens sem grandes áreas coloridas no corpo. São preferidas as pelagens salpicadas ou manchadas em todas as partes.

Tamanho
Macho: de 65 a 68 cm.
Fêmea: de 61 a 65 cm.

Peso
De 25 a 30 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, tenaz, vivo, rápido, caça em todo o tipo de terreno, mas preferencialmente em solo úmido e nos pântanos do que em solo seco. Dotado de um excelente faro, sua busca é ampla, com um galope ondulante, raso, como uma aproximação de um felino da caça. Seu aponte é feito semi-deitado ou deitado ("set" = rente ao solo). A galinhola é uma das suas caças preferidas. Muito amigável e meigo. Afetuoso e com bom temperamento, muitas vezes é apreciado como animal de companhia. Sua educação deverá ser firme mas com suavidade e paciência.

Conselhos
Precisa de espaço e exercício. Não suporta estar fechado. Escovação duas vezes por semana. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Seter Gordon

O mais majestoso, o mais maciço dos Seters. Harmonioso. Possante. Andadura regular, desenvolta, franca.

Foi em meados do século XVI que foi desenvolvido na Escócia o Seter Preto e Fogo. Foi necessário esperar o final do século XVIII para que o duque de Gordon desenvolvesse uma raça cujas características se mantêm atuais. Para alguns, o Seter inglês e irlandês, o Collie, o Bloodhound teriam intervindo na formação desta raça. As primeiras importações para a França foram realizadas em 1860. Eles eram apresentados sob a denominação "Spaniels escoceses preto e fogo". Em 1923 foi criada a associação "Reunião dos amadores do Gordon Setter". É menos difundido do que os outros Seters.

2

Cães de aponte britânicos

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de Origem
Gordon-Setter,
Black and tan Setter

Outros nomes
Seter escocês,
Seter preto e fogo

7

Raças grandes de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Muito robusto, de uma resistência excecional, se adapta a todos os tipos de terreno. Dotado de um faro excelente, se distingue do Seter inglês por uma morfologia mais pesada, um galope menos espetacular e apontes em pé. Sua busca metódica é menos ampla que a dos outros Seters. É um nadador notável. Segue todo o tipo de caça e sabe cobrar. A galinhola e a narceja são suas caças preferidas. Calmo, dócil e afetuoso, é um companheiro muito agradável. Requer uma educação firme mas com paciência e suavidade.

Conselhos
Não se adapta muito bem à vida na cidade. Precisa de espaço e muito exercício. Escovação regular. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Cabeça
Mais alta que larga, seca. Crânio ligeiramente arredondado. Stop nitidamente marcado. Focinho longo. Mandíbulas fortes. Lábios não são pendentes. Trufa grossa.

Olhos
Castanho-escuros.

Orelhas
Inseridas baixo, de tamanho médio e finas, colocadas contra a cabeça. Franjas longas e sedosas na parte superior das orelhas.

Corpo
De comprimento médio. Antepeito não muito largo. Peito bem descido. Costelas bem arqueadas. Dorso curto. Lombo largo, ligeiramente abobadado.

Membros
Fortes. Patas ovais. Dedos cerrados, bem arqueados.

Cauda
Espessa na raiz, vai se afilando até uma ponta fina. Reta ou ligeiramente em sabre, portada na horizontal. Franjas (ou bandeira) são longas e retas.

Pêlo
Curto e fino na cabeça e parte anterior dos membros. De comprimento médio nas outras partes do corpo. Franjas longas, finas, planas na parte posterior dos membros. O ventre tem franja.

Pelagem
Negro carvão intenso e lustroso, sem vestígios de ferrugem com marcas fogo de um vermelho castanho vivo. São admitidos riscos pretos nos dedos, assim como riscas pretas sob o queixo. Marcas fogo: duas manchas sobre os olhos, uma de cada lado do focinho. Duas grandes manchas no antepeito. Marcas na parte interna dos membros posteriores e das coxas. Nos membros anteriores, a cor fogo vai até os cotovelos. Marcas ao redor do ânus. Uma pequena mancha branca é admitida no antepeito.

Tamanho
Macho: cerca de 66 cm.
Fêmea: cerca de 62 cm.

Peso
Macho: cerca de 30 kg.
Fêmea: cerca de 25 kg.

Seter Irlandês

Duas variedades:
Vermelho (ruivo): resultado do cruzamento do cão de água irlandês, do Braco espanhol e do Seter inglês e Gordon.
Vermelho e branco: provavelmente a partir de Spaniels vermelho e branco importados da França e cruzados com Pointers.
É quase certo que o vermelho e branco precedeu o outro e que trata-se de uma seleção inteligente que desenvolveu a pelagem vermelha lisa. Por volta do século XIX, o Seter vermelho praticamente fizera desaparecer o vermelho e branco, que se tornou tão raro que se pensou que a raça tivera desaparecido.
Nos anos 20, esforçaram-se para lhe dar nova vida. A raça tornaria a conhecer melhores dias. O primeiro padrão do Seter irlandês foi publicado em 1885. Criado em 1906, o Clube do Seter irlandês (Red Club) supervisiona os destinos da raça na França.
A beleza deste cão, que faz dele um magnífico companheiro, não teria sido adquirida em prejuízo da caça?

O puro sangue dos Seters. Beleza. Força. Potência. Harmonia. Um pouco longilíneo.

2

Cães de aponte irlandeses

País de origem
Irlanda

Nome de Origem
Irish Setter

Outros nomes
Irish Red Setter (Seter irlandês vermelho), Irish Red and White Setter (Seter irlandês)

Raças médias de 10 a 25 kg

7

Cabeça
Longa, seca, sem peso. Crânio oval. Protuberância occipital marcada. Stop marcado. Focinho bastante quadrado. Lábios não pendentes. Trufa acaju, castanha ou preta. Cabeça um pouco mais larga que a do Seter vermelho e branco.

Olhos
Não muito grandes, escuros (avelã ou castanho).

Orelhas
Inseridas baixo, de tamanho moderado, textura fina, pendentes com uma prega nítida contra a cabeça. Inseridas ao nível dos olhos no Seter vermelho e branco.

Corpo
Bem proporcionado. Pescoço muito musculoso, não muito espesso, sem barbela. Peito estreito visto de frente, tão profundo quanto possível. Costelas arredondadas. Lombo musculoso, ligeiramente arqueado. Garupa larga e possante.

Membros
Longos, bem musculosos, nervosos, boa ossatura. Patas pequenas, muito firmes. Dedos fortes, cerrados e arqueados com muitos pêlos entre eles.

Cauda
Inserida para baixo, de comprimento médio, forte na raiz, termina em ponta fina. Portada na linha do dorso ou sobre esta. Bela franja.

Pêlo
Curto na cabeça, na parte da frente dos membros. No resto do corpo, o pêlo é de comprimento médio, acamado, nem ondulado nem encaracolado. Franjas longas e sedosas na parte superior das orelhas, longas e finas na parte posterior dos membros. Ventre tem uma bonita franja.

Pelagem
- Seter vermelho: acaju dourado sem ser carbonado; uma marca branca no antepeito, na garganta ou nos dedos, ou pequena estrela na testa ou tira estreita na cana nasal ou cabeça são toleradas.
- Seter vermelho e branco: fundo branco marcado com vermelho liso (áreas nítidas). O vermelho e o branco devem ser tão vivos e brilhantes quanto possível. São admitidas malhas mas não mesclado (pêlos misturados) na face, pés, membros anteriores até à altura do cotovelo, e os membros posteriores até o jarrete. Mesclado, malhas e mosqueados em qualquer outra parte do corpo são muito repreensíveis.

Tamanho
Vermelho e branco
Macho: de 62 a 66 cm.
Fêmea: de 57 a 61 cm.
Vermelho
Macho: de 57 a 70 cm.
Fêmea: de 54 a 67 cm.

Peso
De 20 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Seter vermelho e branco: mais calmo que o Seter vermelho. Sua pelagem se destaca mais facilmente em uma paisagem de outono, especialmente na caça de planície. Seter vermelho: o "diabo vermelho", de uma energia enorme, fogoso, independente. Tem um faro muito desenvolvido, sua busca é rápida (galope menos rasteiro que o do Seter inglês), mas menos ampla que a dos Pointers. Seu aponte é flexível e firme. Adora os pântanos e é bom cobrador. A galinhola, a perdiz e o perdigoto fazem parte de sua caça preferida. Muito afetuoso, estes cães são companheiros muito apreciados. Sua educação deverá ser firme mas sem brutalidade, pois são muito sensíveis.

Conselhos
Embora se habitue à cidade, apenas a vida no campo está totalmente indicada para este cão. Deverá poder gastar sua energia para manter seu equilíbrio físico e psíquico. Escovação diária. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Grupo 8

Seção 1

Golden Retriever
Labrador Retriever
Retriever de pêlo ondulado
Retriever de pêlo liso
Retriever da baía de Chesapeake
Retriever da Nova Escócia

Seção 2

Perdigueiro alemão
Clumber
Cocker spaniel Americano
Cocker spaniel Inglês
Field Spaniel
Pequeno cão Holandês
Springer Spaniel Inglês
Springer Spaniel Gaulês
Sussex Spaniel

Seção 3

Barbet
Cão d'água Americano
Cão d'água Espanhol
Cão d'água Frison
Cão d'água Irlandês
Cão d'água Português
Lagotto Romagnolo

Ao lado: Cocker Spaniel

Golden Retriever

Harmonioso. Bem proporcionado.
Andar enérgico.

Raça da mesma família do Labrador, melhorada por diversos cruzamentos (Retriever de pêlo chato amarelo vindo do cruzamento do Terra-Nova com Spaniels d'água da Escócia). A raça foi fixada na Inglaterra no século XIX. Para alguns, conforme uma tradição, Cães pastores amarelos do Cáucaso eram utilizados na Escócia para trazer de volta a caça ferida. Eles eram denominados Recolhedores Amarelos Russos. Eles teriam sido cruzados com o Bloodhound para produzir o Golden Retriever. A raça foi reconhecida pelo Kennel Club em 1913. Nos Estados Unidos esse cão é muito difundido como animal de companhia. Na França, quase desconhecido no início dos anos 80, está em nítida progressão.

1

CÃES RECOLHEDORES DE CAÇA

PAÍS DE ORIGEM
Grã-Bretanha

OUTROS NOMES
Golden Flat-coat,
Retriever dourado

8

Raças grandes de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação

Resistente, vigoroso, ativo, dotado de um excelente nariz, ele trabalha tanto na água como na terra.
É um rastreador tenaz, se bem que menos metódico do que o Labrador. Ele recolhe muito bem a caça d'água. Tem uma memória fora do comum. Desprovido de agressividade, ele late pouco. Não é um cão de guarda. Muito meigo, sensível, calmo, equilibrado, é um companheiro muito apreciado. Seu treinamento deverá ser firme, mas com suavidade.

Conselhos

Ele não está adaptado para viver em um apartamento, pois precisa muito de exercício. Tem horror à solidão. Precisa ser escovado uma ou duas vezes por semana. Escovar com uma escova especial (almofaça) na época da muda.

Utilização

Caça. Cão de utilidade: guia de cegos, cão de socorro, busca de drogas. Cão de companhia.

CABEÇA
Bem proporcionada, bem cinzelada. Crânio extenso. Stop bem marcado. Focinho potente. Nariz preto. Maxilares fortes.

OLHOS
Bem afastados, castanho escuros. Bordas das pálpebra escuras.

ORELHAS
Fixadas aproximadamente na altura dos olhos, de tamanho médio.

CORPO
Potente, bem equilibrado. Pescoço de bom comprimento, limpo e musculoso. Peito bem rebaixado. Costelas arqueadas. Lombo curto e forte.

MEMBROS
Musculosos, boa ossatura. Patas redondas.

CAUDA
Presa e mantida ao nível do dorso. Atinge o jarrete. Ela não se enrola na extremidade.

PÊLO
Chato ou ondulado, com franjas apreciáveis. O subpêlo apresenta-se muito justo e impermeável.

PELAGEM
Qualquer tom de ouro ou creme. Não deve ser nem vermelho, nem escuro avermelhado. Admite-se a presença de alguns pêlos brancos apenas no peito.

TAMANHO
Macho: de 56 a 61 cm.
Fêmea: de 51 a 56 cm.

PESO
Macho: de 29 a 31,5 kg.
Fêmea: de 25 a 27 kg.

Labrador Retriever

Originário do Canadá, seria descendente do cão de Saint Jones que vivia na ilha de Terra-Nova no século XVIII. A raça foi definitivamente fixada no início do século XX na Inglaterra para onde ele teria sido importado após cruzamentos, principalmente com o Pointer. Introduzido na França desde 1896, em 1911 foi fundado o Retriever Club de France. Os mais difundidos dos Retrievers deve sua popularidade ao seu caráter excepcionalmente equilibrado, e é o que explica que ele tenha se tornado, antes de tudo, um animal de companhia. Excepcional guia de cegos.

Fortemente constituído.
Aspecto desembaraçado.

1

Cães recolhedores de caça

País de origem
Grã-Bretanha

Outro nomes
Labrador, Retriever do Labrador, Cão de Saint Jones

Raças grandes de 25 a 45 kg

8

Cabeça
Larga e redonda. Crânio largo. Stop marcado. Maxilares potentes. Nariz largo.

Olhos
De dimensão média, cor de castanha ou avelã.

Orelhas
Fixadas para trás, nem grandes, nem pesadas, tombadas.

Corpo
Potente. Formas do corpo arredondadas. Pescoço potente, limpo. Peito largo, bem rebaixado com costelas arqueadas em semicírculo. Lombo curto, largo e potente.

Membros
Musculosos, boa ossatura. Patas redondas, compactas.

Cauda
Muito grossa ao nascer, ela se afina progressivamente em direção à extremidade. De comprimento médio, em franjas mas recoberta totalmente por um pêlo curto, espesso, denso, que produz um aspecto de arredondamento descrito pela expressão "cauda de lontra". Pode ser mantida com elegância mas não deve se recurvar sobre as costas.

Pêlo
Curto e denso, sem ondulação, nem franjas. Subpêlo resistente às intempéries.

Pelagem
Inteiramente preta, amarela ou castanha (fígado- chocolate). O amarelo vai do creme claro ao ruivo (da raposa). Uma pequena mancha branca é admitida no peito.

Tamanho
Macho: de 56 a 57 cm
Fêmea: de 54 a 56 cm.

Peso
De 25 a 30 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito ativo, ágil, seguro de si mesmo, teimoso, esse cão é dotado de um faro excepcional ("Pointer dos Retrievers"!), nada muito bem e é o rei dos Retrievers. Ele sabe recolher toda a caça tanto sobre a terra quanto na água. Possuindo uma memória visual muito grande, ele tem a capacidade de memorizar o ponto de queda de vários pássaros. É um rastreador tenaz e bom farejador de sangue da caça ferida. Muito equilibrado, nunca agressivo, o seu bom caráter o torna um agradável cão de companhia. Sua educação exige firmeza e suavidade.

Conselhos
Ele não suporta a solidão. Precisa de muitos exercícios para manter o seu entusiasmo sob controle. Escovar duas ou três vezes por semana. No período de mudança de pêlo escovar com almofaça.

Utilização
Cão de caça. Cão de utilidade: cão de assistência (guia de cegos), farejador de drogas. Cão de companhia.

Retriever de pêlo ondulado

O mais antigo dos Retrievers ingleses teria se originado do cruzamento entre o Terra-Nova e o Spaniel d'Agua Irlandês. O Poodle e o Labrador também teriam participado de sua formação. Ele foi exposto pela primeira vez em 1860. O Club da raça foi fundado em 1896. Em 1913 foi estabelecido um padrão. Na Inglaterra, em meados do século XIX, ele teve um importante sucesso, mais como cão de companhia do que como cão de caça. Atualmente os seus números são em quase todos os lugares muito reduzidos, exceto em alguns países da Nova Zelândia.

8

1

Cães Recolhedores de Caça

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
Curly-coated Retriever

Raças grandes de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, forte, paciente, ativo, corajoso, esse cão, dotado de um nariz muito fino, é um excelente nadador, o que o torna um excelente recolhedor. Ele caça o pato do brejo. Ele é calmo, assentado, afetivo, mas seu caráter é muito independente. Ele requer uma educação firme mas com paciência e suavidade.

Conselhos
Ele não está adaptado para a vida na cidade e precisa de muitos exercícios. Ele não suporta permanecer fechado ou a solidão. Deve ser escovado duas vezes por semana.

Utilização
Cão de caça

Cabeça
Comprida. Crânio chato e longo. Maxilares fortes. Narinas largas. Nariz preto ou castanho (vermelho escuro). Lábios não pendentes.

Olhos
Grandes. Pretos ou castanho escuros

Orelhas
Presas para baixo, pequenas, dispostas sobre a cabeça, cobertas por pêlos crespos curtos.

Corpo
Inscrito num retângulo. Pescoço de comprimento moderado, sem papada. Peito bem rebaixado. Costelas arqueadas. Lombo curto.

Membros
Fortes, musculosos. Patas redondas, compactas.

Cauda
Moderadamente curta, mantida reta, coberta de pêlos crespos, afinando-se em direção à extremidade, mas nunca mantida com elegância ou enrolada.

Pêlo
Massa de pêlos ondulados pelo corpo todo.

Pelagem
Preto ou castanho escuro (vermelho escuro).

Tamanho
Macho: 68,5 cm
Fêmea: 63,5 cm

Peso
De 30 a 35 kg.

Retriever de pêlo liso

De origem inglesa, já existia no início do século XIX sob a denominação de Wavy Coated (pêlo ondulado!). Setters irlandeses, Terras-Novas e Pointers teriam participado de sua criação. Criadores infundiram sangue do Labrador. Sua primeira exposição data de 1860. Serviu muito como cão de utilidade durante a Primeira Guerra Mundial. A raça foi reconhecida pela F.C.I. em 1935. Introduzida na França no final do século XIX, seu número é modesto.

Potência sem peso. Elegância. Força. Andar desembaraçado e fácil.

Raças grandes de 25 a 45 kg

CÃES RECOLHEDORES DE CAÇA

PAÍS DE ORIGEM
Grã-Bretanha

NOME DE ORIGEM
Flat-coated Retriever

8

CABEÇA
Comprida. Crânio chato, de largura moderada. Stop leve. Maxilares longos e fortes.

OLHOS
De tamanho médio, de cor castanho escuro ou claro.

ORELHAS
Pequenas, junto da cabeça.

CORPO
Curto e arredondado. Pescoço sem papada. Peito bem rebaixado, bastante largo. Lombo curto e quadrado.

MEMBROS
Musculosos. Boa ossatura. Patas redondas e fortes. Dedos muito juntos.

CAUDA
Curta, reta, bem implantada e mantida em forma de cimitarra, nunca acima do nível do dorso.

PÊLO
Denso, de textura que se estende de fina a média, tão achatada quanto possível. Os membros e a cauda são bem franjados.

PELAGEM
Unicamente preto ou castanho (vermelho escuro)

TAMANHO
Macho: de 58 a 61 cm.
Fêmea: de 56 a 59 cm.

PESO
Macho: de 27 a 36 kg.
Fêmea: de 25 a 32 kg.

Temperamento aptidões, educação
De grande resistência, robusto, vivo, muito rápido e enérgico, esse cão é considerado a "Fórmula 1 dos retrievers". Dotado de um influxo nervoso excepcional, de um nariz muito fino, ele nada como uma lontra. Fora a caça no campo e na floresta, é mais especializado na procura e recolhimento de pássaros selvagens. Sensível, afetuoso, alegre, meigo e de bom caráter, esse cão é um agradável companheiro. Sua educação deverá ser feita sem agressividade, porém com firmeza.

Conselhos
Não é um cão de cidade. Ele precisa de espaço e exercícios. Deve ser escovado duas vezes por semana. Vigiar o estado de suas orelhas.

Utilização
Cão de caça. Cão de utilidade: guia de cegos, detecção de drogas. Cão de companhia.

Retriever da baía de Chesapeake

Potente. Bem proporcionado.

Ele se desenvolveu no nordeste dos Estados Unidos, na região da Baía de Chesapeake, em Maryland, onde ele é utilizado para seu trabalho excepcional nos pântanos. Teria sido originado do cruzamento de cães salvos de um naufrágio em 1807 na costa da Maryland com Retrievers de pêlo ondulado, de pêlo chato, dos cães de lontra, dos Setters e dos Cães d'água irlandeses. Sua primeira exposição em Baltimore data de 1876. O primeiro padrão foi redigido em 1890. Em 1918 foi criado um Club. Ele é raro na Europa apesar da já estar presente há vários anos. Chegou na França em 1948.

8

1

CÃES RECOLHEDORES DE CAÇA

PAIS DE ORIGEM
Estados Unidos

NOME DE ORIGEM
Chesapeake Bay Retriever

OUTROS NOMES
Retriever de Chesapeake Bay

Raças grandes de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, muito resistente, incansável, corajoso e vivo, este cão é um notável nadador mesmo nas águas geladas. Ele é utilizado para a caça ao pato. Calmo, dedicado ao seu dono, seu caráter é rude mas nunca agressivo. Ele demonstra ser um bom cão de guarda. Deve ser educado com firmeza.

Conselhos
Tem necessidade de espaço e de muitos exercícios. Escovar regularmente.

Utilização
Cão de caça.

CABEÇA
Larga e redonda. Crânio largo e curvado. Stop médio. Focinho curto, pontudo. Lábios finos, não pendentes.

OLHOS
De tamanho médio, muito claros, de cor amarelada.

ORELHAS
Pequenas, frouxamente pendentes.

CORPO
De comprimento médio (não o cob). Pescoço de comprimento médio. Peito profundo, largo. Flancos bem levantados. Quartos-traseiros ao menos tão altos quanto os ombros.

MEMBROS
Musculosos, fortes, de ossatura boa. Patas alongadas. Dedos muitos juntos.

CAUDA
De comprimento médio, variando de 27 a 37 cm. Muito forte na base. Franjas permitidas.

PÊLO
Pêlo curto, inferior a 3,7 cm, espesso. Muito curto no focinho e nos membros. Subpêlo lanudo abundante. Seu pêlo e seu subpêlo oleosos são praticamente impermeáveis.

PELAGEM
Todas as cores são admitidas, variando do marrom escuro ao "feu pale" (vermelho e amarelo pálido) ou cor de "herbe morte" (grama seca), que por sua vez varia de uma cor "feu" (fogo) a uma cor de palha. Uma pequena mancha branca sobre o peito e os dedos é admitida.

TAMANHO
Macho: de 58 a 66 cm
Fêmea: de 53 a 61 cm

PESO
Macho: de 29 a 34 kg.
Fêmea: de 25 a 29 kg.

Retriever da Nova Escócia

O menor representante dos Retrievers é originário da província de Nova Escócia, ou Canadá. Ele pode ter se originado do cruzamento do Retriever da baía de Chesapeake com o Golden Retriever. Com seu pequeno ar de raposa, chegou-se até a pensar que ele lograva os patos curiosos atraindo-os para os caçadores! A raça foi reconhecida pela F.C.I. em 1982. Ele é muito raro na França.

Poderoso. Compacto.

Raças médias de 10 a 25 kg

1 **Cães recolhedores de caça**

Pais de origem
Canadá

Nome de origem
Nova Scotia Duck Tolling Retriever

8

Cabeça
Larga. Crânio ligeiramente curvado. Stop bem marcado. Nariz escuro.

Olhos
Em forma de amêndoa, bem distanciados um do outro, cor dourada do âmbar amarelo ou escuros.

Orelhas
Fixadas no alto da cabeça, triangulares.

Corpo
Forte. Tórax profundo.

Membros
Potentes, ossatura robusta.

Cauda
Bem franjada.

Pêlo
Meio longo, ligeiramente ondulado, um pouco gorduroso, impermeável. Subpêlo denso. Franjas nas partes posteriores dos membros.

Pelagem
Ruiva com marcas brancas no peito, nas patas, na extremidade da cauda e, às vezes, na face.

Tamanho
Macho: de 49 a 55 cm.
Fêmea: de 43 a 49 cm.

Peso
Aproximadamente 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Paciente, muito dinâmico, ativo e bom nadador, ele excede no recolhimento do pato. Seu caráter é forte. Como ele é difícil de ser disciplinado, sua educação deverá ser rigorosa.

Conselhos
Para o seu equilíbrio ele precisa de espaço e de exercícios. Escovar e pentear regularmente.

Utilização
Cão de caça.

Perdigueiro

Esse cão de codorniz ("Wachtelhund"), pois esta era sua caça predileta, foi criado em torno de 1890 na Alemanha pelo criador F. Roberts. Várias raças teriam contribuído para o desenvolvimento desse Spaniel. Cita-se principalmente o Stöber, antiga raça alemã e vários cães d'água de pêlo longo. Ele é conhecido fora de seu país de origem.

8

2

Cães levantadores de caça

País de origem
Alemanha

Nome de origem
Wachtelhund
Deutscher Wachtelhund

Outros nomes
Spaniel alemão,
Cão de codorniz alemão
Cão d'Oysel alemão.

Corpo nitidamente longo.
Dimensão reduzida.

Raças médias de 10 a 25 kg

Cabeça
Rude. Crânio chato, não muito largo. Stop muito ligeiro. Face com curvatura convexa. Focinho do mesmo comprimento que o crânio. Lábios finos. Trufa saliente, escura.

Olhos
De tamanho médio, em amêndoa, dispostos obliquamente, de preferência marrom escuros.

Orelhas
Fixadas no alto, chatas, não muito longas nem espessas, pendentes bem atrás dos olhos. Pêlo longo, muitas vezes ondulado.

Corpo
Longo. Pescoço robusto, sem papada. Cernelha elevada e longa. Peito profundo bem rebaixado. Dorso muito curto e robusto. Lombo curto, largo e profundo. Garupa chata, longa. Barriga moderadamente elevada.

Membros
Potentes, bem musculosos, boa ossatura. Patas em forma de colher. Dedos bem juntos.

Cauda
Fixada no alto, mantida reta ou pendente, vivamente agitada na presença da caça. Moderadamente amputada de um terço do seu comprimento. Bem guarnecida de franjas.

Pêlo
Longo, resistente, compacto. Ligeiramente ondulado (como o astrakan) ou chato. Ele se apresenta muitas vezes ondulado na nuca, nas orelhas e na garupa. Curto na cabeça. Bem franjado na parte posterior dos membros.

Pelagem
Unicolor marrom escura, manchas brancas no peito e dedos, ou com marcas "feu" (de vermelho a amarelo) sobre os olhos, no focinho, membros e contorno do ânus. Unicolor nas tonalidades vermelho raposa, vermelho cervo. Marrom "rouan": em um fundo "rouan" (pêlos brancos e marrons muito misturados), apresenta com freqüência uma cabeça marrom, manchas escuras ou um manto escuro em toda a extensão do corpo. Manchada de escuro e branco (num fundo branco); arlequins (fundo branco manchado e salpicada de escuro com manchas escuras); tricolores que são rouans, manchados ou arlequins com marcas "fogo" como as dos unicolores.

Tamanho
Macho: de 48 a 54 cm.
Fêmea: de 45 a 51 cm

Peso
Aproximadamente 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto e corajoso. Ele pode trabalhar em todos os terrenos, principalmente no bosque e nos charcos. Rastreador ativo, penetra no mato, onde abre passagem latindo e farejando a caça.
Sua especialidade é a caça de todos os pequenos animais, inclusive dos nocivos (raposas) e dos animais de grande porte. Ele é bom recolhedor. É também um cão de pista de sangue, preparado para localizar a caça ferida. Afetuoso, é apreciado como companheiro. Requer uma educação firme.

Conselhos
Precisa de espaço e de exercícios. Escovar diariamente. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Clumber Spaniel

O mais imponente dos Spaniels teria uma ascendência francesa. No século XVIII o duque de Noailles teria oferecido um casal ao duque de Newcastle, residente em um castelo denominado Clumber Park, perto de Nottingham. Muito pouco difundido na Inglaterra, ele é muito raro na França.

Imponente. Forte. Poderoso. Bem proporcionado. O mais pesado dos Spaniels Ingleses de caça. Ele gira sobre si mesmo no movimento.

2

Cães levantadores de caça

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
Clumber Spaniel

Raças grandes de 25 a 45 kg

8

Cabeça
Quadrada, maciça. Crânio largo. Occipital marcado. Arcadas superciliares pesadas. Stop bem marcado. Focinho pesado e quadrado. Maxilares fortes.

Olhos
De cor âmbar escuro. Conjuntiva pouco visível.

Orelhas
Grandes, em forma de folhas de videira, caídas ligeiramente para frente. Franjas.

Corpo
Maciço, longo, perto do solo. Pescoço grosso, potente. Peito bem rebaixado. Costelas bem arqueadas. Dorso reto, comprido, largo. Lombo musculoso. Flancos bem rebaixados. Quartos- traseiros muito potentes.

Membros
Curtos, muito potentes, ossatura boa. Patas grandes, redondas.

Cauda
Fixada baixa, mantida ao nível do dorso. Bem franjada.

Pêlo
Abundante, compactos, sedoso e reto. Franjas nos membros e no peito.

Pelagem
Branca com marcas limão, laranja é admitida; ligeiras marcas na cabeça e manchas como que chamuscadas no focinho.

Tamanho
Macho: aproximadamente 48 cm
Fêmea: aproximadamente 46 cm.

Peso
Macho: 34 kg.
Fêmea: 29,5 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Dotado de um nariz excelente, sua procura é lenta, silenciosa, curta mas teimosa. É um bom cão de mato para caçar o coelho, a galinhola e o faisão. É um bom Retriever que não teme nem a terra, nem a água. Na Inglaterra, ele é utilizado em matilhas por ocasião das batidas ao faisão. Mais distante dos outros Spaniels, ele é calmo, divertido, gentil e demonstra ser um bom companheiro. Não apresenta nenhuma tendência para a agressividade. Requer uma educação firme porém com paciência.

Conselhos
Ele deverá viver de preferência no campo. Precisa de exercícios e de espaço. Deve ser escovado com freqüência. Vigiar suas orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Cocker Spaniel Americano

Ele é um descendente direto do Cocker inglês. Foi introduzido nos Estados Unidos em 1882, onde os criadores queriam obter um cão de companhia de pequeno porte, de pelagem excelente. Reconhecido pelo American Kennel Club em 1946, tornou-se a raça canina mais popular desse país. Surgiu na França em 1956.

Conjunto perfeitamente equilibrado. Aspecto desembaraçado.

8

2

Cães levantadores de caça

País de origem
Estados Unidos

Outro nome
Cocker Spaniel americano

Nome de origem
American Cocker Spaniel

Raças médias de 10 a 25 kg

Cabeça
Finamente esculpida. Crânio arredondado. Arcadas superciliares nitidamente desenhadas. Stop pronunciado. Focinho largo e alto. Maxilares quadrados. Trufa preta ou marrom dependendo da cor da pelagem.

Olhos
Ligeiramente em amêndoa, de cor marrom, o mais escuro possível. A expressão exprime "imploração charmosa".

Orelhas
Longas, finas, bem ornadas de franjas.

Corpo
Curto, compacto. Pescoço bastante longo, musculoso, sem papada. Peito alto, largo. Costelas bem arqueadas. Dorso forte. Garupa larga.

Membros
Fortes. Patas compactas, grandes, redondas, almofadas plantares duras.

Cauda
Fixada e mantida no prolongamento da linha do dorso ou ligeiramente a um nível mais alto. Amputada. Em ação, ela se agita.

Pêlo
Curto e fino sobre a cabeça. De comprimento médio no corpo. As orelhas, o peito, o abdômen e os membros estão bem franjados. O pêlo é sedoso, chato ou ligeiramente ondulado. Apresenta subpêlo.

Pelagem
Unicolor preta. Preta com as extremidades "fogo" (de vermelho a amarelo). Admite-se um pouco de branco sobre o peito e/ou na garganta. Toda cor uniforme diferente do preto. Multicolores: duas cores bem definidas ou mais, bem repartidas, uma delas devendo ser o branco. Os "rouans" (pêlos brancos e marrons muito misturados) são classificados com os multicolores. A cor "fogo" pode ir do creme mais claro até o vermelho mais escuro e não deve abranger mais do que 10% da pelagem. As marcas "fogo" estarão localizadas acima de cada olho, nas laterais do focinho e das bochechas, na face interna das orelhas, nas quatro patas, sobre o peito e sob a cauda.

Tamanho
Macho: de 36 a 39 cm.
Fêmea: de 34 a 36 cm.

Peso
De 10 a 13 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Sólido, rápido, esse cão de caráter fácil, equilibrado, alegre, é um companheiro agradável. Cão de luxo e de exposição, não é um cão de caça. Um pouco teimoso, necessita de uma educação com firmeza.

Conselhos
Adapta-se à vida num apartamento se lhe proporcionarmos passeios diários. Deve ser escovado e penteado diariamente. Banho duas vezes por mês e cuidados de toalete mensal. Vigiar o estado das orelhas.

Utilização
Cão de companhia.

Cocker Spaniel Inglês

Ele provém do Spaniel da Idade Média na Grã-Bretanha desde o século XIV, que era utilizado para a caça de rede ("l'espainholz"), palavra derivada do velho francês "s'espaignir": deitar-se, o que faziam esses cães denominados "couchants" para não atrapalhar os caçadores jogando suas redes sobre os pássaros. Foi selecionado pelos criadores britâncos. No século XVIII o Cocker inglês estava especializado para caça da galinhola ("cocking"). Foi realizada uma contribuição de sangue de Spaniel anão inglês. Seu reconhecimento oficial ocorreu em 1883. Uma primeira importação na França e nos Estados Unidos ocorreu na mesma época. O Spaniel Club foi fundado em 1898. Raça muito popular (a mais conhecida e a mais difundida dos Spaniels), que hoje em dia é considerada principalmente como um modelo de cão de companhia.

Força. Elegância. Harmonia. Conjunto compacto. Movimenta-se sem hesitar.

2

Cães levantadores de caça

País de origem
Grã–Bretanha

Nome de origem
Inglish Cocker Spaniel

Outros nomes
Cocker spaniel
Spaniel Cocker inglês
Cocker

Raças médias de 10 a 25 kg

8

Cabeça
Longa. Crânio bem desenvolvido, esculpido. Stop bem marcado. Focinho bem quadrado. Maxilares fortes. Trufa larga.

Olhos
Escuros ou avelã em harmonia com a pelagem.

Orelhas
Fixadas em baixo, em forma de lóbulo, finas. Bonitas franjas de pêlos longos, retos e sedosos.

Corpo
Cheio, inscrito em um quadrado. Pescoço de comprimento moderado, musculoso, sem papada. Peito bem desenvolvido. Costelas bem arqueadas. Lombo curto e largo. Garupa larga, bem musculosa.

Membros
Curtos, boa ossatura. Patas redondas, firmes.Almofadas plantares espessas.

Cauda
Fixada baixa, mantida horizontalmente e nunca levan-tada. Amputada. O remexer contínuo da extremidade da cauda é uma das características do cão em ação.

Pêlo
Chato, sedoso, nunca do tipo "arame", nem ondulado, pouco abundante e nunca ondulado. Franjas nos membros e sobre o corpo.

Pelagem
Cores variadas. Nos unicolores o branco só é admitido no peito.

Tamanho
Macho: de 39 a 41 cm.
Fêmea: de 38 a 39 cm.

Peso
De 12 a 14,5 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Vigoroso, muito ativo, tenaz, vivo, é um grande caçador de caça de pêlo e de penas em terrenos difíceis. Não teme o mato. É dotado de um grande faro e bate o terreno a dez ou quinze metros do caçador. Sua busca é agitada. Após ter apontado a caça, ele persegue todo animal de pêlo ou pena. Ele foi muito utilizado na caça aos coelhos. É um bom Retriever, mas às vezes lhe é difícil abocanhar um pato em águas profundas. Alegre, jovial, exuberante, cheio de vida, dotado de uma forte personalidade, ele é independente, mas também afetuoso e meigo. É um companheiro encantador.

Conselhos
Pode viver em apartamento, mas longos passeios diários são indispensáveis. Escovar e pentear duas vezes por semana. Cuidar da toalete duas ou três vezes ao ano. Vigiar as orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Field Spaniel

Ele tem a mesma origem do Cocker inglês, do qual é uma versão aumentada, um compromisso entre o Cocker e o Springer. O Sussex Spaniel, o Springer Spaniel, o Cocker e talvez mesmo o Basset- Hound teriam participado na sua formação. Seu número é muito reduzido.

Nobre. Orgulhoso. Elegante.
Bem proporcionado. O passo é longo.

8

2

Cães levantadores de caça

País de origem
Grã-Bretanha

Raças médias de 10 a 25 kg

Cabeça
Nobre, bem esculpida, seca sob os olhos. Occipital desenhado com nitidez. Stop moderado. Focinho longo e seco. Maxilares fortes. Trufa bem desenvolvida.

Olhos
Em amêndoa.
Cor avelã escura.

Orelhas
Fixadas em baixo. Moderadamente longas e largas, bem franjadas.

Corpo
Longo. Pescoço longo, forte, musculoso. Peito alto, bem desenvolvido. Costelas moderadamente arqueadas. Dorso forte, reto, musculoso. Lombo forte, reto, musculoso. Quartos-trazeiros fortes.

Membros
Curtos, musculosos. Patas redondas, compactas. Almofadas plantares fortes.

Cauda
Fixada baixa, nunca mantida acima do nível do dorso. Franjada de uma maneira bonita. Geralmente amputada de um terço.

Pêlo
Longo, chato, brilhante, sedoso. Nunca ondulado, curto, nem duro. Denso e resistente às intempéries. Franjas abundantes no peito, sob o corpo e na parte posterior dos membros.

Pelagem
Preto, marrom (fígado) ou "rouan" (pêlos brancos e marrons muito misturados) ou qualquer um desses mantos com marcas "fogo" (de vermelho a amarelo).

Tamanho
Aproximadamente 45 cm.

Peso
De 18 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito resistente, bem esculpido, ativo, ágil, potente mas sem o peso do Clumber. É um cão completo, eficaz em todos os terrenos, na água como no mato. Ele caça de forma dedicada, metódica, sempre em contato com seu dono. Após ter encontrado sua caça ele a faz levantar vôo. Bom Retriever, ele recolhe até mesmo grandes peças. Muito vigilante e desconfiado em relação aos estranhos, ele não late muito. Sensível, equilibrado, afetuoso, é um dos Spaniels mais agradáveis. Ele requer uma educação paciente e com flexibilidade.

Conselhos
A cidade não lhe convém. Se tiver que viver nela, ele precisa de muitos exercícios para o seu equilíbrio. Escovar uma ou duas vezes por semana. Vigiar suas orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Pequeno cão Holandês

Essa pequena raça de Spaniels, bastante antiga, reconhecida em 1966, é originária dos Países Baixos. Seu nome em Holandês significa "cão pertencente ao Kooiker", ou seja, a pessoa encarregada das iscas, consistindo de patos artificiais, utilizadas durante a caça d'água. Uma jornada anual do Kooikerhondje contribuiu para o desenvolvimento dessa raça de cães de caça.

Movimento: andar harmonioso e elástico.

2 **Cães levantadores de caça**

País de origem
Países Baixos

Nome de origem
Kooikerhondje

Outros nomes
Kooiker
Pequeno cão holandês de caça d'água

Raças médias de 10 a 25 kg

8

Cabeça
Mantida alta. Crânio bastante largo, moderadamente curvado. Stop não muito marcado. Focinho do mesmo comprimento do crânio. Lábios não caídos.

Olhos
Amendoados, marrom escuro.

Orelhas
Medianamente grandes, caindo bem sobre as bochechas, com pêlo longo.

Corpo
Pode ser inscrito em um quadrado. Pescoço reto e bastante musculoso. Peito bem rebaixado, com costelas moderadamente arqueadas. Dorso sólido.

Membros
Patas pequenas. Dedos muito juntos

Cauda
Mantida horizontalmente ou ligeiramente em cimitarra, nunca enrolada. Bem munida de franjas.

Pêlo
De comprimento médio, liso, ligeiramente ondulado, não crespo e não muito fino. Subpêlo bem desenvolvido.

Pelagem
Extensões de cores do laranja ao vermelho mais ou menos claro ou escuro sobre um fundo branco, de maneira que a cor domine. Os cães pretos empenachados de branco e os cães tricolores não são admitidos.

Tamanho
De 35 a 40 cm.

Peso
De 10 a 15 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, suporta o frio e a umidade; dotado de um nariz muito fino, bom como levantador e recolhedor, ele é utilizado para a caça d'água. Afetivo, alerta, é um bom companheiro. Sua educação deverá ser com firmeza, porém sem brutalidade.

Conselhos
Precisa de espaço e de muitos exercícios. Deve ser escovado diariamente.

Utilização
Cão de caça.

Springer Spaniel Inglês

Harmonioso. Compacto. Forte. O Spaniel com mais raça. Movimentação balanceada, fácil, desembaraçada. Pode elevar simultaneamente os seus dois pés do mesmo lado.

O Springer inglês é um dos mais antigos cães de caça. O Espanhol (ou Spaniel) da Idade Média seria seu ancestral. Ele descenderia do Spaniel de Norfolk. Os criadores ingleses realizaram vários cruzamentos, particularmente com o antigo Water Spaniel. Ele estaria na origem de todos os Spaniels, com exceção do Clumber. Sua cabeça lembra a do Spaniel francês. A raça foi oficialmente reconhecida em 1902. Ele se tornou o mais popular dos cães de caça das ilhas britânicas. Sua presença na França é relativamente recente. Ele é pouco utilizado na caça.

2

Cães levantadores de caça

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
English Springer Spaniel

Outro Nome
Springer Spaniel inglês

8

Raças médias de 10 a 25 kg

Cabeça
Alongada. Crânio bastante largo, ligeiramente arredondado. Stop bem marcado. Focinho largo e alto. Maxilares fortes. Bochechas chatas. Lábios bem rebaixados.

Olhos
Amendoados, escuros.

Orelhas
Fixadas ao nível dos olhos, de bom comprimento, colocadas junto à cabeça. Franjas bonitas.

Corpo
Inscreve-se num retângulo. Pescoço forte, musculoso, sem papadas. Peito bem rebaixado, bem desenvolvido. Costelas bem arqueadas. Lombo musculoso, forte.

Membros
Fortes, de boa ossatura. Patas arredondadas, compactas. Almofadas plantares fortes

Cauda
Fixada baixo, nunca mantida a um nível acima do dorso. Bem franjada. Geralmente amputada

Pêlo
Justo, reto, resistente às intempéries, nunca grosseiro. Franjas nas orelhas, corpo e membros.

Pelagem
Marrom e branco, preto e branco, ou um desses mantos com marcas "fogo" (do laranja ao vermelho).

Tamanho
Aproximadamente 51 cm.

Peso
Aproximadamente 22,5 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Resistente, robusto, vigoroso, tônico, rápido, nariz fino, ele não teme nem o mato, nem os terrenos úmidos. Ele tem mais recursos físicos e um influxo nervoso superior aos do Cocker. A sua busca muito ativa e movimentada o leva a perseguir vigorosamente a caça após tê-la apontado. Ele pula na vegetação causando pânico na caça, que levanta vôo (to spring: saltar e fazer a caça se elevar). Ele é excelente para o coelho, os faisões, a galinhola e a caça d'água (pato). Também é um Retriever excepcional, principalmente para o trabalho na água. Um pouco colérico, tendo muita raça, ele precisa ser educado com firmeza. Agradável companheiro, mas não é um cão de sala!

Conselhos
A vida num apartamento não lhe convém. Precisa de espaço e de muitos exercícios. Escovar duas vezes por semana. Vigiar suas orelhas.

Utilização
Cão de caça.

Springer Spaniel Galês

Este cão galês tem uma origem muito antiga. Durante muito tempo, o Springer inglês e o Springer galês eram um só. Foi apenas no inicio do século XX que a distinção entre essas duas raças foi estabelecida. Para alguns ele poderia resultar de um cruzamento entre o Springer inglês e o Clumber. No entanto, notemos que o Springer galês, cuja cabeça lembra a do Spaniel bretão, é mais leve do que o Springer inglês. Ele é raro.

Harmonioso. Compacto. Movimento uniforme, possante.

Raças médias de 10 a 25 kg

2

Cães levantadores de caça

Pais de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
Welsh Springer Spaniel

Outros nomes
Welsh Springer

8

Cabeça
Bem esculpida, um tanto alongada. Crânio ligeiramente em cúpula. Stop nitidamente marcado. Focinho de comprimento médio, reto, bastante quadrado. Trufa escura, marrom escuro. Maxilares fortes.

Olhos
De tamanho médio, de cor avelã ou escura.

Orelhas
Moderadamente fixadas baixo, pendentes sobre as bochechas.

Corpo
Forte, não longo. Pescoço longo, musculoso, sem papada. Costelas bem arqueadas. Dorso curto. Lombo musculoso, ligeiramente em forma de harpa.

Membros
De comprimento médio, boa ossatura. Patas redondas. Almofadas plantares espessas

Cauda
Fixada baixo, nunca mantida acima do nível do dorso. Geralmente encurtada.

Pêlo
Reto e chato, de textura sedosa, densa, nunca duro ou ondulado. Membros, orelhas e cauda ligeiramente franjados.

Pelagem
Vermelho vivo e branco. Nenhuma outra cor.

Tamanho
Macho: aproximadamente 48 cm.
Fêmea: aproximadamente 46 cm.

Peso
De 17 a 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, tônico, ativo, rápido,muito dinâmico e ardente, dotado de um faro muito desenvolvido, ele se sente mais à vontade na água do que o Springer inglês. Porém ele se sentirá menos à vontade no mato se for comparado com o Springer. Ele cobre bem o terreno com uma procura metódica, de amplitude moderada. Late quando avista um coelho ou uma lebre. Ele também mostra uma preferência pela galinhola. Alegre, gentil, de caráter bem insistente e teimoso, não é agressivo e é bom companheiro. Deve ser educado com firmeza, porém de forma suave.

Conselhos
Não está adaptado a uma vida em apartamento. Deve se beneficiar de espaço e muitos exercícios. Escovar duas vezes por semana. Cuidar das orelhas.

Utilização
Cão de caça.

Sussex Spaniel

A raça teria sido criada no século XIX no Sussex. Ele teria se originado do cruzamento entre diversos Spaniels, o Springer e mais tarde o Clumber. Em exposição pela primeira vez em Londres em 1862, a raça foi oficialmente reconhecida em 1895. Muito raro na França, é muito pouco utilizado para a caça. A sobrevivência da raça parece ameaçada.

8

2

Cães levantadores de caça

País de origem
Grã-Bretanha

Outro nome
Spaniel do Sussex

Maciço, fortemente constituído. Movimento desembaraçado com um balanço característico.

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, enérgico, ativo, tenaz, com muito faro, ele procura a caça calmamente, com lentidão, em seguida late ao avistar a saída da caça. Ele se serve de sua voz mais do que todos os outros Spaniels. Ele caça principalmente o faisão e a perdiz. Seu temperamento calmo e sua boa índole o tornam um companheiro afetuoso. Sua educação deve ser suave.

Conselhos
Precisa de espaço e de exercícios. Escovar e pentear diariamente. Vigiar o estado das orelhas.

Utilização
Caça, companhia.

Cabeça
Forte. Crânio largo, ligeiramente arqueado. Stop bem marcado. Trufa cor de marrom. Maxilares fortes.

Olhos
Muito grandes, de cor avelã

Orelhas
Inserção moderadamente baixa, bastante grandes, espessas, pendentes contra a cabeça.

Corpo
Maciço, longo. Pescoço longo, forte, leve papada. Peito bem rebaixado e bem desenvolvido. Dorso largo, musculoso. Lombo largo, espesso.

Membros
Curtos, musculosos, boa ossatura. Patas redondas.

Cauda
Fixada baixo, nunca mantida acima do nível do dorso. Geralmente amputada a um comprimento de 12 a 17 cm. Não tem franjas.

Pêlo
Abundante, chato. Membros moderadamente franjados. Subpêlo muito farto.

Pelagem
Marrom (fígado), dourado intenso e passando ao dourado na extremidade; o tom dourado predomina.

Tamanho
De 38 a 41 cm.

Pêso
Aproximadamente 22 kg.

Barbet

Ele existe na Europa desde a Idade Média sob a denominação de cão d'água. Essa raça, designada principalmente na Maison Rustique do século XVI e representada em vários desenhos da mesma época, era destinada à caça de patos e cisnes. Citado por Buffon na sua História Natural, ele foi utilizado por Spallanzani em 1779 para realizar (com sucesso) a primeira inseminação artificial. Em declínio no fim do século XIX e persistindo somente como cão de caça entre os caçadores furtivos ou os camponeses, esta raça quase desapareceu. Ele pode ser considerado como o ancestral dos cães de pêlo longo, mais ou menos lanosos ou ondulados e como parente direto dos cães pastores, como o Briard, com o qual apresenta muitos pontos em comum. Seu padrão foi atualizado em 1986. Seu número é muito reduzido, o que coloca em risco sua sobrevivência.

Linha média. Pele espessa.

Raças médias de 10 a 25 kg

3

Cães d'água

Pais de origem
França

Outros nome
Barbillot

8

Cabeça
Redonda. Crânio redondo e largo. Stop marcado. Face curta. Focinho bem quadrado. Lábios espessos, pigmentados.

Olhos
Redondos, de preferência marrom escuros. Escondidos pelo pêlo do crânio e da face.

Orelhas
Inserção baixa, longas, chatas, guarnecidas de longos pêlos formando mechas.

Corpo
Potente. Pescoço forte e curto. Peito largo desenvolvido. Costelas arredondadas. Dorso ligeiramente convexo. Lombo arqueado, curto e forte. Garupa com perfil arredondado.

Membros
Fortes, musculosos, boa ossatura. Patas redondas, largas.

Cauda
Fixada baixo, um pouco levantada, mas não atingindo a horizontal, formando um ligeiro gancho na extremidade.

Pêlo
Longo, lanoso, ondulado, algumas vezes crespo, formando mechas. Esse espesso velo lanoso lhe assegura uma proteção contra o frio e a umidade. O pêlo da cabeça deve recair até a face e esconder os olhos. A barba é longa e o bigode é muito guarnecido.

Pelagem
Unicolor simples: preto, cinza, marrom, ruivo, areia, branco ou menos empenachado. Todos as matizes do ruivo e areia são aceitos.

Tamanho
Macho: mínimo 54 cm.
Fêmea: mínimo 50 cm.

Peso
De 20 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito potente, rústico, vigoroso, resistente ao frio e à umidade, gosta da água e nada muito bem. Seu faro é muito bom, seu movimento é lento, é o cão do negociante de peles. É muito bom recolhedor. Ele também foi utilizado como cão pastor para conduzir o gado. De um caráter equilibrado, nunca agressivo, meigo, é um companheiro afetivo.

Conselhos
Vive bem na cidade, mas não se deve deixá-lo fechado sozinho. Passeios diários são indispensáveis. Não suporta o calor devido à sua pelagem espessa. O pêlo pode se acumular em placas se não for regularmente desembaraçado.

Utilização
Caça, companhia.

Cão d'água Americano

Essa raça, bastante recente, teria sido criada no Wisconsin. Ele descenderia do cão d'água irlandês, mas é menor do que ele. O Retriever de pêlo ondulado e o Field Spaniel teriam participado de sua formação. Ele foi reconhecido pelo American Kennel Club em 1940.

8

3
Cães d'água

Pais de origem
Estados Unidos

Nome de origem
American Water Spaniel

Solidamente constituído. Harmonia. Distinção.

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões e educação
Robusto, paciente, enérgico, demonstra um grande entusiasmo pela caça de aves (codorniz, pato, faisão) Ele nada muito bem e é utilizado como Recolhedor. É um companheiro afetivo.

Conselhos
Precisa de espaço e de muitos exercícios. Pentear e escovar diariamente.

Utilização
Caça, companhia.

Cabeça
Larga. Crânio um tanto largo. Stop não muito acentuado. Focinho quadrado. Trufa preta ou marrom escuro. Lábios nítidos, juntos.

Olhos
De tamanho médio. Cor indo do marrom claro amarelado até marrom cor de avelã ou escuro em harmonia com o manto.

Orelhas
Longas, largas.

Corpo
Robusto, ligeiramente mais longo do que alto. Pescoço redondo, forte, musculoso, sem papada. Peito bem desenvolvido, não muito largo. Costelas bem arqueadas. Lombo sólido. Flanco não levantado.

Membros
Musculosos, boa ossatura. Patas com os dedos bem juntos.

Cauda
De comprimento moderado. Mantida ao nível do dorso, medianamente franjada.

Pêlo
Pode variar do uniformemente ondulado até cachos de pêlo estreitados. O número de ondulações e de cachos de pêlo pode variar de uma região para a outra. Subpêlo. Franjas moderadas nos membros.

Pelagem
Cor uniforme "foie" (matiz marrom), marrom ou "chocolate" (marrom avermelhado) escuro. Um pouco de branco nos dedos e no peito é admitido.

Tamanho
De 36 a 46 cm.

Peso
Macho: de 13,5 a 20,5 kg.
Fêmea: de 11,5 a 18 kg.

Cão d'água Espanhol

Suas origens seriam as mesmas que as do antigo Barbet.
Nós o encontramos há séculos na península Ibérica.
Ele é difundido na Andaluzia, onde é utilizado como cão pastor.
É conhecido também sob o nome de "cão turco".
Sua criação estaria agora abandonada.

Bem proporcionado. Um tanto longilíneo. Pele flexível, fina, pigmentada ou não. Movimento preferido: o trote. Galope curto e saliente.

Raças médias de 10 a 25 kg

3

Cães de água

Pais de origem
Espanha

Nome de origem
Perro de Agua Espanhol

Outros nome
Cão turco

8

Cabeça
Potente. Crânio chato. Stop pouco marcado. Trufa em harmonia com a do manto.

Olhos
Em posição ligeiramente oblíqua, de cor variando do avelã ao marrom.

Orelhas
Triangulares e pendentes.

Corpo
Robusto. Pescoço curto, bem musculoso, sem papada. Cernelha pouco marcada. Peito largo, bem rebaixado. Costelas bem arqueadas. Dorso reto, potente. Garupa ligeiramente inclinada. Ventre ligeiramente elevado.

Membros
Sólidos. Patas arredondadas. Dedos juntos.

Cauda
Amputada na altura da segunda à quarta vértebra caudal. Certos indivíduos apresentam uma braquiúria (cauda curta) congênita.

Pêlo
Sempre ondulado, de textura lanosa. Ondulado ou crespo quando é curto, pode formar grandes cordões quando for longo.

Pelagem
Unicolor: branco, preto e marrom em suas diferentes matizes. Pêlo como o de cotia: branco e preto ou branco e marrom em suas diferentes matizes (manchas coloridas em fundos de outras cores).

Tamanho
Macho: de 40 a 50 cm.
Fêmea: de 38 a 45 cm.

Peso
Macho: de 16 a 20 kg.
Fêmea: de 12 a 16 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, valente, dotado de um faro bem desenvolvido, seria um bom auxiliar dos caçadores de caça d'água e dos pescadores. Alegre, bem equilibrado, é um companheiro agradável.

Utilização
caça, pastoreio, companhia.

Cão d'água Frison

Originário da Frísia, nos Países Baixos e conhecido há séculos, ele teria sido desenvolvido a partir do cão de lontra. Esse cão d'água (Waterhond) foi reconhecido oficialmente em 1942.

8

3

Cães d'água

País de origem
Holanda

Nome de origem
Wetterhoun

Outros nomes
Spaniel frison
Cão d'água neerlandês

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação

Rústico, resistente, sólido, é um astuto caçador de caça d'água e principalmente da lontra. Entretanto, como esta espécie está protegida em muitos países, este cão é utilizado para todos os serviços. Reservado em relação a estranhos e um pouco agressivo, é um bom cão de guarda. Calmo, mas de caráter teimoso, deve receber uma educação firme.

Conselhos

Não é um cão de cidade. Ele precisa de espaço e de muitos exercícios. Escovar e pentear regularmente.

Utilização

Cão de caça. Cão de guarda.

De constituição forte. Cheio. Pele sem dobra.

Cabeça

Forte, potente, seca. Crânio largo, ligeiramente arqueado. Stop não muito marcado. Face reta. Focinho forte. Trufa bem desenvolvida, preta ou marrom conforme o manto. Lábios não pendentes.

Olhos

De tamanho mediano, ovais, dispostos ligeiramente em posição oblíqua. Castanho escuros ou castanhos dependendo da pelagem.

Orelhas

Fixadas bastante baixo. De comprimento médio, mantidas contra a cabeça, sem torção. Pêlo ondulado, bastante longo na base da orelha.

Corpo

Muito forte, pode ser inscrito em um quadrado. Pescoço, curto, forte, sem papadas. Peito largo. Costelas bem arqueadas. Dorso curto, reto. Lombo forte. Garupa pouco descendente. Ventre moderadamente elevado.

Membros

Fortes. Patas redondas. Almofadas plantares espessas.

Cauda

Longa e enrolada, mantida acima ou ao lado da anca.

Pêlo

Com exceção da cabeça e dos membros, o corpo inteiro é recoberto de espessos e firmes cachos de pêlo. O pêlo é bastante grosso e parece gorduroso ao tato.

Pelagem

Unicolor preto ou marrom, assim como preto com manchas brancas ou marrom com manchas brancas. O pêlo misturado e as pintas são admitidas.

Tamanho

Macho: 59 cm.
Fêmea: 55 cm.

Peso

Aproximadamente 25 kg.

Cão d'água Irlandês

O maior dos Spaniels, surgiu no século XIX do cruzamento entre Caniches, Setters irlandeses e talvez Barbets. Segundo alguns ele seria aparentado ao Cão d'água Português. Em 1862 ele foi apresentado pela primeira vez numa exposição em Birmingham. O primeiro Club foi fundado em 1890. Após um período de glória entre as duas Guerras Mundiais, quando ele foi exportado para a França, Estados Unidos e Canadá, hoje está ameaçado de extinção devido à sua população muito pequena.

De constituição forte

Raças médias de 10 a 25 kg

3

Cães d'água

Pais de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
Irish Water Spaniel

8

Cabeça
Forte, mas alongada. Crânio em cúpula, coberto de longos anéis de pêlo em forma de birote. Stop gradual. Focinho longo, forte, quadrado. Trufa marrom escuro.

Olhos
Castanho médio e castanho escuro.

Orelhas
Fixadas baixo, muito longas, pendentes contra as bochechas, recobertas de longos cachos de pêlo.

Corpo
Compacto. Pescoço vigoroso, bastante longo. Peito largo. Costelas bem direcionadas para trás. Dorso curto, largo. Lombo profundo e largo.

Membros
Ossatura boa. Patas grandes, quase redondas.

Cauda
Inserção baixa, curta, reta, grossa na base e se afinando em direção à extremidade. Mantida reta e sob o nível do dorso. De oito a dez centímetros na base, deve ser recoberta por anéis de pêlo apertados que param bruscamente e o resto se apresenta nu ou então recoberto por finos pêlos retos.

Pêlo
Anéis espessos,juntos, crespos. Pêlos oleosos. Franjas nos membros.

Pelagem
Marrom escuro, tendo uma matiz violácea ou aveludada específica da raça e, algumas vezes, designada cor "puce" (pulga).

Tamanho
Macho: de 53 a 58 cm.
Fêmea: de 51 a 56 cm.

Peso
De 22 a 26 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Perseverante, dinâmico, ativo, ardente e tenaz, esse cão de faro muito fino está particularmente adaptado à caça de pássaros selvagens (patos). Bom cão de mato, ele apresenta aptidões específicas para o trabalho na água. Sua busca é movimentada e rápida. Ele é silencioso quando ataca a caça. Adorável, bom com alguns, mas muitas vezes apresentando um caráter difícil. A sua educação deverá ser firme.

Conselhos
Ele precisa de grandes espaços e de muito exercício. Pentear duas vezes por semana. Vigiar o estado de suas orelhas.

Utilização
Cão de caça.

Cão d'água Português

Esse Terra-Nova miniatura seria uma raça portuguesa autóctone, originária da província de Algarve. Para alguns, ele teria se originado do cruzamento entre o Barbet e diversas raças locais. Era tradicionalmente o cão dos pescadores, que ajudava no navio e no porto.

De linha média. Braquiúro. Harmonioso. Muito musculoso. Movimentos soltos.

8

3

Cães d'água

País de origem
Portugal

Nome de origem
Cão de Água Português

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Muito perseverante, enérgico, impetuoso e robusto, esse cão de bom faro é um nadador e um mergulhador extraordinário, o que o torna um bom cão de caça d'água. Pode ser um cão de guarda e um agradável companheiro. Deverá receber uma educação firme.

Conselhos
Precisa de espaço e de muitos exercícios. Deve ser penteado e escovado com freqüência. Em exposição, a sua parte posterior deve ser tosada desde a última costela até os dois terços da cauda.

Utilização
Caça, guarda, companhia.

Cabeça
Forte e larga. Crânio curvado. Arcadas superciliares proeminentes. Stop bem marcado. Focinho mais estreito perto do nariz do que na base. Maxilares fortes. Trufa larga cuja cor corresponde à da pelagem. Lábios espessos.

Olhos
De tamanho médio, arredondados, ligeiramente oblíquos, pálpebras delineadas pela cor preta.

Orelhas
Fixadas alto, finas, mantidas bem junto à cabeça, com o rebordo externo ligeiramente afastado.

Corpo
Forte. Pescoço curto, arredondado, sem papada. Cernelha larga. Peito largo bem rebaixado. Costelas bem arqueadas. Dorso reto. Garupa ligeiramente inclinada. Ventre de volume reduzido.

Membros
Fortes. Patas redondas.

Cauda
Espessa na base, afinando-se em direção à extremidade. Em alerta, mantida enrolada em forma de anel. A cauda é um precioso auxiliar para nadar e mergulhar.

Pêlo
Resistente. Sem subpêlo. Duas variedades: pêlo longo e ondulado: pêlo curto formado de mechas. Sobre a cabeça, o pêlo forma uma espécie de tufo de pêlos ondulados ou de pêlo crespo na segunda variedade.

Pelagem
Pode ser uniforme ou composta. Pelagens uniformes, brancas, pretas ou marrons. Pelagens compostas são misturas de preto ou de marrom com branco.

Tamanho
Macho: 54 cm.
Fêmea: 46 cm.

Peso
Macho: de 19 a 25 kg.
Fêmea: de 16 a 22 kg.

Lagotto Romagnolo

Trata-se de uma antiga raça de cães recolhedores de caça d'água nas terras baixas de Comacchio e nos pântanos de Ravena. Com o passar dos séculos os grandes pântanos secaram. Em seguida, o Lagotto tornou-se um excelente cão de busca de cogumelos, utilizado nas planícies e colinas da România. A raça foi reconhecida pela F.C.I. em 1995.

Bem proporcionado. Compacto. Pele fina, sem dobras.

Raças médias de 10 a 25 kg

3

Cães d'água

Pais de origem
Itália

Nome de origem
Lagotto Romagnolo

8

Cabeça
Moderadamente forte. Crânio largo, mais longo que o focinho, ligeiramente convexo. Arcadas superciliares marcadas. Cana nasal reta. Maxilares fortes. Bochechas chatas. Trufa volumosa.

Olhos
Bastante grandes, arredondados, de matiz ocre ou avelã e marrom escuro, dependendo da cor da pelagem.

Orelhas
De tamanho médio, triangulares, extremidades arredondadas, pendentes.

Corpo
Cheio, forte. Pescoço forte, musculoso, seco. Cernelha bem pronunciada. Peito bem desenvolvido. Dorso reto, muito musculoso. Lombo curto, muito sólido.Garupa longa, larga, ligeiramente inclinada.

Membros
Musculosos, ossatura boa. Patas ligeiramente arredondadas, compactas. Almofadas plantares pigmentadas.

Cauda
Afina-se em direção à extremidade. Em repouso, é mantida em forma de sabre. Em alerta, é mantida nitidamente mais alta.

Pêlo
Denso e ondulado, de textura lanosa, formando anéis de pêlos muito juntos. Anéis de pêlos repartidos pelo corpo, exceto pela cabeça, onde formam sobrancelhas, bigodes e uma barba abundante. Pêlo e subpêlo impermeáveis. Se o pêlo não for tosado, ele tende a se feltrar.

Pelagem
Branca quebrada unicolor, branca marcada de marrom ou de laranja, rouan marrom, marrom unicolor (nas suas diferentes matizes), laranja unicolor.

Tamanho
Macho: de 43 a 48 cm.
Fêmea: de 41 a 46 cm.

Peso
Macho: de 13 a 16 kg.
Fêmea: de 11 a 14 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Tendo seu instinto de caça desaparecido, seu ótimo faro o torna um cão de procura de cogumelos muito eficaz. Vigilante, dando o alerta, é cão de guarda. Dócil, afetuoso é muito apegado ao seu dono. É um bom companheiro.

É necessário educá-lo com firmeza.

Conselhos
Ele precisa de espaço e exercícios. Para evitar-se a feltragem do pêlo, é preciso proceder-se, pelo menos uma vez por ano, a uma tosquia completa.

Utilização
Cão de busca de cogumelos, companhia.

Grupo 9

Seção 1
Bichon Bolonhês
Bichon Havanês
Maltês
Bichon Frisé
Coton de Tulear
Pequeno cão Leão

Seção 2
Poodle

Seção 3
Griffon de Bruxelas
Grifo Belga,
Grifo Bruxelense,
Pequeno Brabançon

Seção 4
Cão de Crista Chinês

Seção 5
Spaniel Tibetano
Lhassa Apso
Shih Tzu
Terrier Tibetano

Seção 6
Chihuahua

Seção 7
Cavalier King Charles Spaniel
King Charles Spaniel

Seção 8
Spaniel Japonês
Pequinês

Seção 9
Papillon
Borboleta e Falena

Seção 10
Kromfohrländer

Seção 11
Bulldog Francês
Pug
Boston Terrier

Ao lado: Terrier Tibetano

Bichon Bolonhês

Suas origens se confundem com as do Bichon maltês, do qual ele é muito próximo, pois seus ancestrais distantes são os mesmos cães pequenos citados por Aristóteles sob a denominação de "Canes melitenses". Conhecido desde a época romana, o Bichon bolonhês figura especialmente entre os presentes muito apreciados, que eram oferecidos durante toda uma época aos poderosos desse mundo. Para os Italianos, ele teria surgido na cidade de Bolonha. Foi um favorito da família Médicis durante o Renascimento. Foi apreciado até o final do século XVIII, quando foi então superado pelo Poodle. Atualmente é raramente encontrado fora de seu país de origem.

Cheio. Porte de cabeça nobre. Distinto. Movimento desembaraçado, enérgico.

1

Bichons

Pais de origem
Itália

9

Outros nomes
Bolonhês
Bichon bolonhês

Raças pequenas menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, alegre, dócil, muito afetuoso, procurando sempre agradar ao seu dono, é agradável viver com ele. Nunca exuberante, é menos ativo do que os outros Bichons. Sua educação deverá ser feita com suavidade.

Conselhos
É um cão de apartamento. Ele gosta moderadamente de exercícios. Não suporta a solidão. Desembaraçar o seu pêlo e penteá-lo diariamente. Ele não muda de pêlo. Banho mensal. Ele é muito limpo. A toalete é necessária quando é apresentado em concurso.

Utilização
Cão de companhia

Cabeça
Redonda. Crânio um tanto chato. Stop bastante acentuado. Cana nasal retilínea. Face anterior do focinho quase quadrada. Trufa volumosa, preta.

Olhos
Grandes, redondos, de cor ocre escuro. Bordas das pálpebras pretas.

Orelhas
Fixadas alto, longas, pendentes. A parte superior do pavilhão se separa do crânio.

Corpo
Inscritível em um quadrado. Pescoço sem papada. Peito amplo. Costelas bem arqueadas. Dorso reto. Garupa muito larga, inclinando-se apenas. Ventre pouco elevado.

Membros
Curtos, perfeitamente perpendiculares ao solo. Patas ovais. Almofadas plantares escuras. Unhas pretas.

Cauda
Curva-se sobre o dorso.

Pêlo
Longo sobre todo o corpo. É mais curto sobre a cana nasal. Apresenta-se solto, portanto não estendido, mas formando mechas. Nunca forma franjas.

Pelagem
Branco puro, sem nenhuma mancha nem matiz de branco.

Tamanho
Macho: de 27 a 30 cm.
Fêmea: de 25 a 28 cm.

Peso
Macho: 2,5 a 4 kg.

Bichon Havanês

Esta raça, descendente talvez do Bichon bolonhês, provém da região mediterrânea ocidental e se desenvolveu ao longo do litoral italiano. Para alguns pareceria que esses cães teriam sido precocemente implantados em Cuba por Conquistadores ou navegadores italianos. Para outros, teriam sido importados da Argentina. Após cruzamentos com pequenos Poodles, teriam chegado em Cuba. Por engano, a cor havana principal desses cães produziu a lenda de que se trataria de uma raça originária de La Havana, capital de Cuba. Os eventos levaram ao desaparecimento das antigas fontes de sangue dos Havaneses em Cuba. Após terem deixado a ilha em contrabando, alguns descendentes sobreviveram nos Estados Unidos, onde se tornaram populares.

Pequeno cão vigoroso. Movimentos vivos e elásticos.

Raças pequenas menos de 10 kg

1

Bichons

Países de origem
Bacia mediterrânea ocidental, Cuba.

Outros nomes
Havanês, Cão de seda de La Havana

9

Cabeça
De comprimento médio. Crânio chato, largo. Stop moderadamente marcado. Focinho se afinando progressivamente. Lábios finos, secos, esticados. Bochechas chatas.

Olhos
Muito grandes, em forma de avelã, de cor castanho escuros.

Orelhas
Fixadas alto, caídas ao longo das bochechas, formando uma dobra discreta. Cobertas por pêlos formando longas franjas.

Corpo
Um pouco alongado, pescoço de comprimento médio. Costelas bem arqueadas. Dorso reto. Garupa bem inclinada. Ventre bem elevado.

Membros
Curtos, boa ossatura. Patas de forma pouco alongada, pequenas, compactas.

Cauda
Mantida elevada, seja curvada, seja de preferência enrolada sobre o dorso. Guarnecida de uma franja de pêlos longos e sedosos.

Pêlo
Muito longo (de 12 a 18 cm), macio, achatado ou ondulado e pode formar mechas com anéis. Subpêlo lanoso, pouco desenvolvido ou ausente.

Pelagem
Duas variedades:
- raramente totalmente branca pura, fulva nas suas diferentes matizes de fulvo claro havana (cor de tabaco marrom avermelhado); manchas nas suas cores de pelagem, ligeiras colorações de fundo mais ou menos claro (fulvo areia) sombreado de preto, de marrom ou de azul são admitidas.
– Cores de pelagem e manchas admitidas no parágrafo precedente (branco, fulvo claro havana) com manchas pretas, pelagem preta.

Tamanho
De 21 a 29 cm.

Peso
No máximo 6 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Sensível, extremamente afetuoso, meigo com as crianças, é um companheiro encantador. Muito atento, é um bom cão de alerta. Sua educação deverá ser feita firme.

Conselhos
Cão de apartamento. Ele não precisa de muito exercício. Escovar e pentear diariamente. Na toalete, é proibido igualar o comprimento dos pêlos pelo corte e também tosar totalmente.

Utilização
Cão de companhia.

Maltês

Raça muito antiga, cujas origens são muito controvertidas. Os ancestrais desse pequeno cão viviam nos portos e nas cidades costeiras do Mediterrâneo central, onde caçavam os animais nocivos. Com certeza este cão, ou outros cães muito similares, estiveram presentes no Egito e na Grécia antes da nossa era e posteriormente na Roma antiga. O geógrafo grego Strabão relata que existe na Sicília, uma cidade denominada Melita de onde são exportados cães chamados "Canis Meliteri". Apesar de dever seu nome à ilha de Malta, nada prova que seja originário desta ilha. Ele foi apreciado pelos grandes nomes desta época e foi um dos favoritos da corte real da Inglaterra na época de Elisabeth I.

Muito elegante. Porte orgulhoso e distinto. Pele pigmentada de manchas sombrias e de cor vermelha vinhácea. Movimentos rápidos rentes ao chão, desembaraçados. Trote especial dando a impressão de rolar.

1

Bichons

Pais de origem
Bacia mediterrânea central, Itália

Outros nomes
Maltês, Bichon de pêlo reto, Terrier maltês

9

Raças pequenas menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, infatigável, de um temperamento vivo como se deve para um apanhador de ratos renomado, este cão é um "boa vida", brincalhão e provocador. Terno, muito calmo, latindo pouco, esse cão é um adorável companheiro. Sua educação deverá ser rigorosa.

Conselhos
Cão de apartamento, ele precisa de exercícios limitados. Não suporta a solidão.Deve-se desembaraçar os pêlos e penteá-los diariamente. Banhos regulares. Fazer a toalete duas vezes por ano. Vigiar o estado das orelhas e dos olhos.

Utilização
Cão de companhia.

Cabeça
Um tanto larga. Crânio chato. Stop muito marcado. Cana nasal retilínea. Lábios pouco desenvolvidos. Trufa volumosa.

Olhos
Bastante grandes, de cor ocre escura. Borda das pálpebras preta.

Orelhas
Fixadas alto, caídas em contato com as laterais da cabeça.

Corpo
Alongado. Cernelha ligeiramente fora da linha dorsal. Peito bem rebaixado. Dorso reto. Garupa muito larga e comprida, ligeiramente oblíqua.

Membros
Curtos, boa ossatura. Patas redondas. Dedos bem juntos e arqueados.

Cauda
Grossa na base e fina na extremidade. Forma uma única grande curva, cuja ponta recai entre as ancas tocando a garupa.

Pêlo
Muito longo sobre todo o corpo, reto em todo o seu comprimento, sem ondulações ou anéis de pêlo. De textura sedosa. No tronco ele deve ultrapassar, em comprimento, a altura do pescoço e recair pesadamente ao solo. Não há subpêlo.

Sobre a cabeça, pêlo muito longo. Na cauda, os pêlos recaem em um só lado do tronco.

Pelagem
Branco puro. Admite-se uma tonalidade marfim pálida. São tolerados traços de matiz laranja pálido, sob a condição de que não dêem a impressão de pêlo sujo, o que constitui, então, uma imperfeição.

Tamanho
Macho: de 21 a 25 cm.
Fêmea: de 20 a 23 cm.

Peso
De 3 a 4 kg.

Bichon Frisé

No passado fora considerado como uma raça espanhola, introduzida nas ilhas Canárias no século XIV, o que fez com que durante muito tempo ele se chamasse "o Tenerife", do nome da capital dessas ilhas. Ele surgiu durante a Renascença italiana, de um cruzamento entre o Bichon maltês e outros pequenos cães Barbets e Poodles. Seu nome surgiu do diminutivo "Barbichon", na França; introduzido no reino de Francisco I, ele devia usufruir de uma grande popularidade com Henrique III, que o tinha como raça favorita. Ele foi implantado na Bélgica durante a ocupação espanhola de Flandres. Ele se exibia nos salões literários do século XVII, do Segundo Império e da "Belle Époque". Reconhecido na França em 1933, ele se tornou raça franco-belga em 1960. Ele volta a ganhar popularidade após ter desaparecido passageiramente nos anos 70.

Pequeno Barbet. Gracioso. Porte de cabeça orgulhoso e alto. Movimentação viva.

Raças pequenas menos de 10 kg

1

Bichons

Países de origem
França, Bélgica

Outros nomes
Bichon de pêlo crespo, Cão de Tenerife, Bichon Tenerife

9

Cabeça
Em harmonia com o corpo. Crânio um tanto chato, mais longo que o focinho. Stop pouco acentuado. Bochechas chatas. Lábios finos. Trufa preta.

Olhos
Arredondados, escuros. Bordas das pálpebras escuras.

Orelhas
Pendentes, fartas de pêlos finamente crespos e longos. Mantidas mais para a frente quando está em alerta.

Corpo
Ligeiramente alongado. Pescoço bastante longo, mantido alto e orgulhosamente. Peito bem desenvolvido. Lombo largo, musculoso, ligeiramente cheio. Garupa ligeiramente arredondada.

Membros
Musculosos, ossatura fina. Pés redondos. Unhas de preferência pretas.

Cauda
Mantida elevada e graciosamente recurvada, sem se apresentar enrolada no dorso.

Pêlo
De 7 a 10 cm. de comprimento, fino, sedoso, em forma de saca-rolhas, muito solto, assemelhando-se à pelugem de cabra da Mongólia, nem chata, nem em forma de cordão.

Pelagem
Branca pura.

Tamanho
De 25 a 30 cm.

Peso
De 2,5 a 3 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, vivo, exuberante, muito alegre, esse cão é dotado de um forte temperamento. Dotado de uma grande faculdade de adaptação, sensível e meigo, é um companheiro encantador. Sua educação será com firmeza.

Conselhos
Vive bem em apartamento, mas não suporta a solidão e ele precisa de longos passeios diários. Deve ser escovado diariamente. Banho mensal. Tosa (pés e focinho ligeiramente desimpedidos). Fazer a toalete a cada três meses. Praticamente não perde pêlos. É muito limpo. Vigiar o estado das orelhas e dos olhos.

Utilização
Cão de companhia.

Coton de Tulear

O Coton de Tulear, cujo nome vem de sua pelagem com aspecto de algodão, faz parte da família dos Bichons. Seus ancestrais, Bichons caçava ratos, chegaram a Madagascar levados por tropas francesas. A partir desses animais importados, surgiu na ilha de mesmo nome, o Coton da Reunião. Essa raça, hoje inexistente, fornece os descendentes que foram desenvolvidos em Madagascar pelo cruzamento principalmente com o Bichon maltês. A nova raça criada tomou o nome da cidade madagascarense de Tulear. Ela se fez conhecer pela nobreza francesa que habitava as ilhas do oceano Índico durante a época colonial. Essa raça, reconhecida pela F.C.I. em 1970, foi introduzida na França em 1977. Sua população modesta permanece estável.

Pele fina, sem dobras. Possibilidade de manchas cinzas mais ou menos escuras. Movimento preferido: o trote.

1

BICHONS E ASSEMELHADOS

PAIS DE ORIGEM
Madagáscar

9

Raças pequenas menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação

Robusto, resistente, muito vivo, gosta de nadar, este cão era utilizado em Madagascar como Terrier, cão de guarda e destruidor de animais nocivos.
Movimentando-se turbulentamente e de caráter resoluto, ele se apresenta muito afetuoso e dedicado para com seu dono.
Pode ser agressivo com seus congêneres. Ele late bastante. A sua educação deverá ser firme e iniciada precocemente.

Conselhos

Adapta-se à vida em apartamento. Como cão esportivo, longos passeios lhe são agradáveis. Não suporta a solidão. Desembaraçar o pêlo, escová-lo e penteá-lo diariamente. Banhos regulares. Toalete três ou quatro vezes por ano.

Utilização

Cão de companhia.

CABEÇA

Curta, triangular vista de cima. Crânio convexo. Stop pouco acentuado. Cana nasal reta. Lábios finos. Trufa preta ou tabaco escuro.

OLHOS

Redondos, escuros, bem afastados.

ORELHAS

Fixas alto, caídas, finas, triangulares. Recobertas de pêlos brancos ou com coloração (manchas amarelas; mistura de pêlos amarelos e pretos, alguns pêlos pretos).

CORPO

Longo. Pescoço musculoso, sem papada. Peito desenvolvido. Dorso ligeiramente curvado, bem musculoso. Lombo ligeiramente arqueado, bem musculoso. Garupa arredondada, larga. Ventre um pouco fino.

MEMBROS

Musculosos, boa ossatura. Patas redondas, pequenas. Dedos juntos.

CAUDA

Fixada baixo, cerca de 18 cm. de comprimento, grossa na origem e fina na ponta. Em repouso, ela desce abaixo do jarrete e as extremidade permanecem elevadas.

PÊLO

Aproximadamente 8 cm. de comprimento, fino, ligeiramente ondulado, textura de algodão.

PELAGEM

Branca. Admitem-se algumas manchas amarelas, principalmente sobre as orelhas.

TAMANHO

Macho: de 25 a 32 cm.
Fêmea: de 22 a 28 cm.

PESO

Macho: de 4 a 6 kg.
Fêmea: de 3,5 a 5 kg.

Pequeno cão Leão

Membro da família dos Bichons, supõe-se que essa raça tenha suas origens na Bacia mediterrânea. Presente na França assim como na Espanha desde o final do século XVI, reconhecida de nacionalidade francesa, foi provavelmente criada por cruzamentos do Bichon maltês, de Spaniels anões e de pequenos Barbets. Esse cão, muito apreciado no passado pelos aristocratas, tornou-se raro atualmente.

Bem proporcionado. Movimentos vivos.

Raças pequenas
menos de 10 kg

1

Bichons e assemelhados

Pais de origem
França

Outros nomes
Löwchen

9

Cabeça
Curta. Crânio bastante largo. Trufa preta.

Olhos
Redondos, de cor escura.

Orelhas
Longas, pendentes, guarnecidas de franjas.

Corpo
Curto, bem proporcionado.

Membros
Bastante altos, finos. Patas pequenas, redondas.

Cauda
De comprimento médio, tosada. Na extremidade, feixe de pêlos formando penacho.

Pêlo
Bastante comprido, ondulado mas não formando anéis.

Pelagem
Todas as cores admitidas, unicolor, ou salpicado de manchas, com exceção das pelagem "chocolate" (marrom) e "fígado" (marrom) e seus derivados.

Tamanho
De 25 a 32 cm.

Peso
De 4 a 8 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, muito robusto, cheio de energia, "boa vida", esse cão é afetuoso e meigo com as crianças. É um bom cão de guarda. Sua educação deverá ser firme, porém com suavidade.

Conselhos
Adapta-se muito bem à vida em apartamento se puder se beneficiar de passeios diários. Deve ser escovado diariamente. Para as apresentações em exposições, fazer toalete a cada dois meses, "em leão", à maneira do Poodle, o que explica seu nome Löwchen.

Utilização
Cão de companhia.

Poodle

Também pode ser denominado Caniche, pelo fato deste cão ter sido utilizado para a caça de pássaros aquáticos, o que lhe valeu a alcunha de "chien à cane (pato)" (cão de caça de patos) ou "canichon", originando o termo Caniche. Também é denominado "cão carneiro" devido ao aspecto do seu pêlo. Segundo Buffon, sua origem seria africana. Ele descenderia do Barbet da África do Norte, introduzido pelos Árabes na península Ibérica onde ele teria sido cruzado com o cão d'água português e de onde ele teria ganho toda a Europa, estabelecendo origem na França. Assim, a F.C.I. reconheceu oficialmente em 1936 esse país como o berço da raça. No mesmo ano foi publicado um padrão. Em 1922 foi criado um clube de Poodles em Paris. Ele foi então, primeiramente, cão de caça d'água, depois tornou-se, no Grande Século, "Cão de Madame", cão de salão sob Luiz XV, sendo miniaturizado sob Luiz XVI. Distinguem-se quatro tipos de acordo com o tamanho, mas o Grande Poodle foi abandonado em proveito dos Poodle de pequeno tamanho (o anão e o miniatura, ou Toy). Ele atingiu sua grande popularidade nos séculos XIX e XX. Adaptando-se a todos os tipos de vida (caça, circo, divertimento), o Poodle foi o cão de companhia mais difundido no mundo. Mas essa predileção infelizmente levou a uma produção intensiva em detrimento da qualidade, o que deve alertar todo adquirente.

Linha média. Harmonioso. Elegante. Pele flexível, matizada. Movimento saltitante e leve.

2

Poodle

Pais de origem
França

9

Até 25 kg

Cabeça
Distinta, retilínea, proporcionada em relação ao corpo. Crânio ligeiramente convexo. Occipital pronunciado. Stop pouco marcado. Cana nasal retilínea. Lábios um tanto secos. Cor da trufa em combinação com a do manto.

Olhos
Em avelã, ligeiramente oblíquos. Pretos, castanhos muito escuros a marfim escuro conforme a cor do manto.

Orelhas
Bastante compridas, pendentes ao longo das bochechas cujas pontas atingem as comissuras dos lábios. Recobertas por pêlos ondulados muito longos.

Corpo
Seu comprimento ultrapassa a altura na cernelha. Pescoço sólido, ligeiramente arqueado. Não há papada. Peito bem rebaixado. Dorso curto, nem curvado, nem com concavidade exagerada. Lombo firme e musculoso. Garupa arredondada, mas não caída. Ventre elevado.

Membros
Musculosos, boa ossatura. Pés pequenos, de um oval curto. Dedos arqueados. Unhas de cor variável.

Cauda
Fixa alta. Amputada de um terço ou pela metade nos Poodles com anéis de pêlos. Conservada natural nos Poodles com cordões de pêlos. Elevada obliquamente quando em ação.

Pêlo
- Formando anéis: abundante, de textura fina, lanoso, bem crespo. Espesso, bem farto, de comprimento uniforme, formando anéis de pêlo iguais.

- Em forma de cordões: abundante, de textura fina, lanoso, juntos, formando cordões curtos de pequeno diâmetro, bem caracterizados, de comprimento igualado, devendo ter pelo menos 20 cm.

Pelagem

Preto, branco, marrom, cinza e abricó (amarelo). O marrom, cinza e abricó devem ser uniformes.

Tamanho

Grande e "Royale": de 45 a 60 cm.
Médio: de 35 a 45cm.
Anão: de 28 a 35 cm.
Miniatura (toy): menos que 28 cm.

Peso

Grande: aproximadamente 22 kg.
Médio: aproximadamente 12 kg.
Anão: aproximadamente 7 kg.
Miniatura: menos que 7 kg.

Temperamento, aptidões, educação

Ativo, esportivo, alegre, esse cão, um extrovertido tônico, é a alegria de viver encarnada. Muito esperto e inteligente, sua fidelidade é proverbial, mas ele é possesivo. Dotado de uma grande capacidade de adaptação e sociável, seu bom caráter o torna um agradável cão de companhia. Ele conservou suas qualidades de cão de caça, nadando muito bem e com um faro muito desenvolvido. Sua educação deverá ser firme, ou ele poderá tornar-se difícil.

Conselhos

Ele gosta tanto do campo quanto da cidade. Detesta a solidão. Deve ser escovado e penteado diariamente. Cão muito limpo. Vigiar o estado das orelhas. Toalete a cada dois meses. Várias toaletes são praticadas: "em leão", "moderno", na qual o pêlo é cortado em comprimento uniforme em toda a extensão do corpo, à inglesa (braceletes) e Puppy (leão com culotes). O Poodle não apresenta períodos de muda de pêlo.

Utilização

Cão de companhia.

Griffon de Bruxelas

Grifo Belga

Baixo e gordo, "cob". Elegante.

9

3

Cães belgas de pequeno tamanho

Pais de origem
Bélgica

Nome de origem
Griffonttje van België

Raças pequenas menos de 10 kg

O grifo da Bélgica abrange três variedades que só diferem pelo pêlo e pela pelagem:
- Grifo bruxelense (Brussels Griffontje): de pêlo semi-longo.
- Grifo belga (Belgisdche Griffontje): de pêlo meio longo.
- Pequeno brabançon (Kleine Brabander): pêlo curto

- O Grifo bruxelense: é o mais antigo dos Grifos da Bélgica. Seu ancestral seria o Barbet de cocheira belga. A seleção e o melhoramento da raça começaram antes de 1880, em Bruxelas. Foram realizados vários cruzamentos entre o Barbet de cocheira, o Grifo de cocheira, o Affenpinscher, o Yorkshire Terrier, o Carlin e a variedade Ruby (ruivo uniforme) do King Charles. Ele esteve presente pela primeira vez em Bruxelas em 1880 e em 1883 foi publicado um primeiro padrão. Ele seria modificado em 1904. A Royale Saint Hubert reconheceu o Grifo bruxelense e suas duas variedades, o Grifo belga e o pequeno brabançon. Os primeiros espécimes foram apresentados na França em Rubaix, em 1889. A Sociedade Central Canina criou em 1894 uma classe para os Terriers de Bruxelas. As duas Guerras mundiais desorganizaram a criação. A Grã-Bretanha seria o país onde os pequenos Grifos estão mais difundidos. Na França a população ainda é muito pequena.

- O Grifo belga: originado do Grifo bruxelense, após introdução de sangue do Carlin e talvez do Toy Terrier. O tipo foi fixado em 1905. A Sociedade central canina o reconheceu como "raça" distinta em 1908. A Primeira Guerra Mundial não conseguiu aniquilar essa raça. A criação foi retomada em 1928, mas o Grifo belga continuou sendo o menos difundido entre os pequenos cães belgas.

- O pequeno Brabançon: também originado do cruzamento entre o Grifo de cocheira e outras raças, dentre elas principalmente o Carlin. Essa raça é muito pouco procurada.

À esquerda:
Brabançon (Orelhas não cortadas)

À direita:
Brabançon (Orelhas cortadas)

Grifo bruxelense

Cabeça
Larga e redonda. Testa bem cheia. Queixo proeminente. Incisivos do maxilar inferior ultrapassando os do maxilar superior. Fartos em pêlos duros, eriçados, estendidos ao redor dos olhos, da trufa, das bochechas e do queixo. Trufa larga e preta.

Olhos
Muito grandes, redondos, pretos. Pálpebras orladas de preto.

Orelhas
Bem retas, sempre cortadas em ponta.

Corpo
Inscritível em um quadrado. Peito muito largo e profundo.

Membros
De comprimento médio. Patas curtas, redondas, compactas. Sola preta. Unhas pretas.

Cauda
Elevada, cortada nos dois terços.

Pêlo
-Grifon belga, bruxelense: semi-longo, duro, eriçado, espesso.
- Pequeno brabançon: curto.

Pelagem
- Bruxelense: ruivo, um pouco de preto no bigode e no queixo é tolerado.
- Belga: as únicas cores toleradas são o preto, o preto e "fogo", o preto e ruivo misturados.
- Pequeno brabançon: as únicas cores admitidas são o ruivo, o preto e "fogo". A máscara preta não é uma falta.

Tamanho
- Grande: aproximadamente 28 cm.
- Pequeno: aproximadamente 24 cm.

Peso
- Grande:
macho: inferior a 4,5 kg.
fêmea: inferior a 5 kg.
- Pequeno:
macho: inferior a 3 kg.
Fêmea: inferior a 3 kg.

Temperamento, aptidões, educação
- Grifo bruxelense: robusto, dinâmico, vivo, alegre, esse cão é muito ligado ao seu dono. Ele late pouco mas a sua vigilância o torna um bom cão de guarda.
- Grifo belga: muito vigor, robustez, vivacidade, alegre, equilibrado, muito apreciado como companheiro. Graças à sua vigilância e latidos, ele é um bom cão de guarda. É um bom destruidor de animais nocivos.
- Pequeno brabançon: cheio de segurança, vivo, de caráter afirmado, esse cão muito sensível é um agradável companheiro. A educação desses cães deverá ser firme.

Conselhos
- Grifo bruxelense: bem adaptado para a vida em apartamento mas não suporta a solidão. Deve ser escovado regularmente. Toalete a cada três meses para lhe garantir um aspecto bonito. Este cão muito limpo receia períodos de grande calor. Vigiar o estado de seus olhos.
- Grifo belga: se aceitar a vida em apartamento, deverá se beneficiar de passeios regularmente. Escovar diariamente. Toalete regular. Vigiar o estado dos olhos e as dobras da face.
- Pequeno brabançon: cão de cidade, muito limpo. Deve ser escovado regularmente para cuidar de seu pêlo duro.

Utilização
Cão de companhia.

Cão de crista Chinês

Foram encontrados traços de um Cão pelado chinês datando de 10.000 anos. Poderia ser o ancestral do cão pelado do México. Mas, para outros autores, ele poderia ser o resultado de um cruzamento entre o cão mexicano e o chihuahua. Foi exposto no Ocidente, em Nova York, em 1885. Surgiu na França em 1975. Esta raça é principalmente difundida nos Estados Unidos e Inglaterra. Distinguem-se duas variedades:
- Cão pelado (hairless) com crista
- Cão pelado com pequena mecha na testa (powderpuff) ou variedade com aspecto de penugem.
Também são descritos dois tipos:
- tipo de boa raça com ossatura fina, denominado "deer type"
tipo com ossatura e constituição mais pesadas, denominado "cobby type".

4

Cães pelados

Pais de origem
China, Grã-Bretanha

Outros nomes
Cão pelado chinês

9

Gracioso. Esbelto. Pele de textura fina, pigmentando-se no verão. Movimentos alongados, desembaraçados, elegantes.

Raças pequenas menos de 10 kg

Cabeça
De aspecto gracioso, lisa, sem dobras. Crânio ligeiramente redondo e alongado. Stop ligeiramente marcado. O focinho torna-se progressivamente menos espesso em direção a tufa proeminente. Bochechas secas, chatas. Maxilares fortes. Lábios finos. A crista, formada por pêlos longos, começa no stop e termina ao nível da nuca.

Olhos
De tamanho médio, muito afastados. Escuros, parecendo pretos.

Orelhas
Fixas baixo, grandes, retas, com ou sem franjas. Na variedade em forma de penugem, a orelha pendente é admitida.

Corpo
Longo. Pescoço longo, fino, sem papada. Peito bem rebaixado. Os lombos são fortes. Garupa bem arredondada e musculosa. Ventre moderadamente erguido.

Membros
Longos, ossatura de fina a média, de acordo com o tipo. Patas muito alongadas, estreitas. Dedos muito longos.

Cauda
Fixada alto, longa, desfiada, bem reta. Caída em repouso. Franjas longas e flexíveis limitadas no terço inferior da cauda.

Pêlo
Não deve haver grandes áreas peludas em nenhum lugar do corpo. Na variedade forma de penugem (powderpuff: pequeno passador de pó) o manto é formado de um subpêlo com pêlos longos e finos, que dão impressão de uma vela de barco.

Pelagem
Todas as cores e todas as misturas de cores são admitidas.

Tamanho
Macho: de 22 a 33 cm.
Fêmea: de 23 a 30 cm

Peso
Variável mas inferior a 5,5 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Ativo, esperto, dinâmico, esse cão muito afetuoso e muito sensível é um excelente companheiro. É desconfiado perante estranhos, mas não é agressivo. Sua educação precoce deverá ser firme, porém com suavidade.

Conselhos
Deve viver dentro do lar mas beneficiar-se com saídas regulares. É sensível ao frio e à insolação. Banhos regulares.

Utilização
Cão de companhia.

Spaniel Tibetano

Essa raça muito antiga tem origens muito obscuras. Há muito tempo ocorreram trocas de cães entre o Tibete e a China, se bem que os cães tipos Shih Tzu e Pequineses puderam contribuir para a sua criação. Por outro lado, o Spaniel Tibetano cruzado com o Carlin poderia ter dado origem ao Pequinês. O Spaniel tibetano sempre foi uma das raças favoritas dos monges do Tibete, sendo que ela foi criada nos seus mosteiros. Era utilizado para fazer girar os cilindros contendo as preces sagradas dos lamas. Spaniels tibetanos teriam chegado à Europa no século XV, trazidos por missionários. Com certeza, os primeiros espécimes chegaram à Grã-Bretanha em 1905, mas a raça só se desenvolveu após a Segunda Guerra Mundial. Conhecido na França há cerca de vinte anos, seu número é muito modesto.

Bem proporcionado. Movimentos vivos, desembaraçados, enérgicos.

5

Cães do Tibete

Pais de origem
Tibete

Outro nome
Spaniel do Tibete

Raças pequenas menos de 10 kg

9

Cabeça
Pequena. Crânio ligeiramente em cúpula. Stop leve. Focinho truncado. Queixo bastante alto e largo. Dentes completos exigidos.

Olhos
De dimensão média, ovais, muito bem afastados. Castanho escuros. Bordas das pálpebras pretas.

Orelhas
Fixadas muito alto, de tamanho médio, pendentes, ligeiramente descoladas do crânio, com muitas franjas.

Corpo
Muito alongado. Pescoço medianamente curto, forte, bem fixado, coberto de uma crina (ou "xale") de pêlos mais longos, principalmente no macho. Costelas bem arqueadas. Dorso reto. Quartos traseiros fortes.

Membros
Curtos, ossatura média. Patas de lebre, pequenas.

Cauda
Fixada alto, mantida em cimitarra, formando um anel sobre o dorso quando o cão está em ação. Abundantemente guarnecida de pêlos.

Pêlo
De comprimento médio, de textura sedosa, lisa na face e na parte anterior dos membros. Orelhas e partes posteriores dos membros com franjas. Subpêlo fino e denso.

Pelagem
Todas as cores são permitidas, assim como todas as misturas de cores.

Tamanho
Macho: cerca de 27 cm.
Fêmea: cerca de 24 cm.

Peso
De 4 a 7 kg.

Temperamento, aptidões e educação
Vivo, enérgico, rápido e desembaraçado, esse cão, de boa índole, é afetuoso e meigo. Calmo, sensível, não barulhento, não é agressivo, mas sua desconfiança com relação a estranhos o torna um bom cão de guarda. Deverá ser educado com suavidade.

Conselhos
Adapta-se bem à vida em apartamento, se puder realizar passeios diários.Deve ser escovado regularmente.

Utilização
Cão de companhia, cão de guarda.

Lhasa Apso

Este cão existe há milênios no Tibete. Animal sagrado, era educado nos templos e palácios e os mais belos representantes se encontravam com o Dalai Lama. Ele é denominado Apso (cabra do Tibete) pois seu pêlo é parecido ao das cabras de seu país. Teria surgido no Ocidente, principalmente na Inglaterra, somente em torno de 1930, pois, no passado, seu comércio era proibido. Em 1934 foi definido um primeiro padrão oficial. Foi introduzido na França por volta de 1950.

Harmonioso. Robusto. Movimentos desembaraçados e vivos.

5

Cães do Tibete

País de origem
Tibete

9

Raças pequenas menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, vivo, sempre em alerta, ousado, esse cão tem uma forte personalidade, ele é seguro de si e um pouco teimoso. Calmo, afetuoso, sensível, meigo com as crianças, é um agradável companheiro. Desconfiado com estranhos, dotado de um ouvido muito sensível e de um latido agudo, é um excelente cão de alerta. Sua educação deverá ser firme.

Conselhos
Pode viver em apartamento, mas adora andar. Não suporta a solidão. Desembaraçar o pêlo, passear e pentear diariamente. Banho mensal. Vigiar os olhos.

Utilização
Companhia, guarda.

Cabeça
Redonda. Crânio moderadamente estreito, não exatamente chato. Stop médio. Cana nasal reta. Focinho não quadrado. Dentição completa é apreciada.

Olhos
De dimensão média, de cor sombria.

Orelhas
Pendentes, franjas abundantes.

Corpo
Longo e compacto. Pescoço forte, de perfil bem convexo. Costelas bem desenvolvidas. Dorso reto. Lombo forte. quartos traseiros bem desenvolvidos.

Membros
Curtos, boa musculatura. Patas chatas, redondas. Boas almofadas plantares.

Cauda
Fixada alto, portada bem acima do dorso. Fartos pêlos.

Pêlo
Longo, abundante, reto e duro, nem lanoso, nem sedoso. Subpêlo médio. Abundante sobre a cabeça e olhos, e bigodes fartos.

Pelagem
Dourado, areia, mel, cinza escuro, ardósia, fumaça, particolor (várias cores distintas, preto, branco ou marrom).

Tamanho
Macho: aproximadamente 25 cm.
Fêmea: um pouco menor

Peso
De 4 a 7 kg.

Shih Tzu

Seria certamente o resultado de um cruzamento entre o Lhassa Apso, cão tibetano, e o Pequinês, cão chinês. Em 1643, a dinastia Manchu recebeu de presente do Dalaï Lama pequenos cães denominados "Cães leões" (Shih Tzu). Durante muito tempo foi apreciado como cão de corte e a última imperatriz da China criou alguns no palácio da "Cité" até 1908. Em 1923 foi formado em Pequim um Kennel Club. Foi em 1930 que Lady Browning trouxe à Inglaterra os primeiros espécimes. O Kennel Club inglês o reconheceu em 1946. No mesmo ano, na França, a condessa de Anjou constituiu uma criação desses cães e declarou as suas primeiras ninhadas à Sociedade Central Canina em 1953. A F.C.I. reconheceu a raça em 1954. Sua população é menor do que as do Pequinês e do Lhassa Apso.

Robusto. Altivo. Manto suntuoso. Movimentos harmoniosos e uniformes.

5

Cães do Tibete

País de origem
Tibete,
Patronato: Grã-Bretanha

Outros nomes
Cão crisântemo

Raças pequenas menos de 10 kg

9

Cabeça
Larga e redonda. Stop marcado. Cana nasal de um comprimento de 2,5 cm. Focinho largo, quadrado, curto. Cabeça eriçada com pêlos recaindo sobre os olhos. Bigodes e barba abundantes. O pêlo que cresce para cima sobre o focinho dá um aspecto de crisântemo.

Olhos
Grandes, redondos, sombrios ou mais claros de acordo com a pelagem.

Orelhas
Grandes, com pavilhão auditivo longo.Portadas caídas. Elas são abundantemente guarnecidas de pêlos que parecem se fundir com os pêlos do pescoço.

Corpo
Muito longo, cheio. Peito largo, bem rebaixado. Dorso reto. Lombo bem fixado, sólido. Quartos traseiros fortes.

Membros
Curtos, musculosos, boa ossatura. Patas arredondadas, firmes. Boas almofadas plantares.

Cauda
Fixada alto, mantida em cimitarra sobre o dorso. Forma um penacho abundante.

Pêlo
Longo, denso mas não forma anéis. Uma ligeira ondulação é admitida. Bom subpêlo.

Pelagem
Todas as cores são admitidas, mas a faixa de pêlos brancos na testa e o branco na extremidade da cauda são altamente avaliados nos multicolores.

Tamanho
No máximo 26 cm.

Peso
De 4,5 a 8 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, muito ativo, independente, esse cão calmo, meigo e alegre, precisa muito de afeição e ternura. É o mais extrovertido dos cães asiáticos. Indiferente com relação a estranhos, ele late para avisar da sua presença. Sua educação deverá ser firme, porém com suavidade.

Conselhos
É destinado a viver na cidade, mas precisa de exercícios. Saídas diárias são indispensáveis. Não gosta da solidão. Deve ser escovado e penteado diariamente. É fortemente recomendado amarrar o pêlo sobre a cabeça. Banho mensal. Ele teme os calores fortes. Vigiar o estado dos olhos.

Utilização
Companhia, guarda.

Terrier Tibetano

Essa raça muito antiga, que surgiu ao mesmo tempo que um pequeno Bobtail e o Lhassa Apso, é originária do Tibete, onde era criada pelos monges. Considerado como um animal sagrado e guardião dos templos, esse cão foi objeto de um verdadeiro culto. Ao redor de 1920, uma princesa tibetana ofereceu ao Doutor Greig, seu médico inglês, um casal de Terriers tibetanos. Trazidos à Inglaterra, estes criaram a linhagem européia. A raça foi oficialmente reconhecida em 1930.

Robusto. Potente. Aspecto de um Bobtail miniatura. Movimentos uniformes. Impulso potente.

5

Cães do Tibete

País de origem
Tibete.
Patronagem: Grã-Bretanha

Nome de origem
Tibetan Terrier,
Dhokhi Apso

Outros nomes
Terrier do Tibete,
Terrier de Lhassa

Até 25 kg

9

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, resistente às intempéries, vigoroso, corajoso, vivo, esse cão foi utilizado para conduzir os rebanhos. Não é um verdadeiro Terrier, pois ele nunca caçou. Cheio de animação, ele tem caráter. É independente, um pouco teimoso. É excepcionalmente apegado ao seu dono e meigo com as crianças. Vigilante, desconfiado com relação a estranhos, é um cão de guarda, mas que late pouco. Requer uma educação firme.

Conselhos
Adapta-se à vida em apartamento. Esportivo, ele precisa de exercícios. Deve ser escovado e penteado diariamente.

Utilização
Cão de companhia. Cão de guarda.

Cabeça
De comprimento médio. Crânio não absolutamente chato. Stop marcado. Focinho forte. Maxilar inferior muito desenvolvido, com um pouco de barba. Trufa preta.

Olhos
Grandes, redondos, de cor castanho escura com longos pêlos caídos na frente.

Orelhas
Não muito grandes, em forma de V, pendentes mas não muito juntas contra a cabeça, com longas franjas.

Corpo
Inscritível em um quadrado, compacto, bem musculoso. Costelas bem desenvolvidas. Dorso reto. Lombo curto, ligeiramente curvo. Traseira horizontal.

Membros
Bem musculosos. Patas grandes, redondas. Dedos não arqueados.

Cauda
Fixada bastante alta, de comprimento médio, mantida em cimitarra, formando um anel acima do dorso. Muito bem guarnecida de pêlos.

Pêlo
Longo, fino, porém nem sedoso, nem lanoso; pode ser reto ou ondulado, mas não formando anel. Subpêlo fino e lanoso.

Pelagem
Branco, dourado, creme, cinza ou fumê, preto, particolor e tricolor. Chocolate e fígado (marrom) não são exigíveis.

Tamanho
Macho: de 35 a 40 cm. Fêmea: um pouco menor

Peso
De 8 a 13 kg.

Chihuahua

Deve seu nome à região de Chihuahua, ao norte do México, que seria o berço dessa antiga raça, cuja origem é incerta. Pode ter sido introduzida pelos chineses ou, ainda de maneira mais correta, atribuímos a ele diferentes ancestrais Astecas, tais como o Techichi. Animal sagrado, esse cão favorito dos Astecas era consumido como alimento sagrado ou imolado no altar do sacrifício em homenagem aos deuses. Por outro lado, ele trazia a felicidade ao lar. Alguns espécimes teriam sido levados à Espanha durante a conquista espanhola. Sua criação, empreendida nos Estados Unidos no século XIX, onde foi reconhecido pelo Kennel Club americano em 1904, fez dele um cão disputado. Ele chegou à Europa após a Segunda Guerra Mundial e à França ao redor de 1960, onde ainda é pouco conhecido, mas sua população está em franca expansão. A F.C.I. reconheceu em 1995 um novo padrão, no qual o peso foi diminuído, variando entre 0,5 e 3 kg. Entretanto, a preferência continua sendo por indivíduos pesando entre 1 e 2 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, de uma grande resistência, ousado, muito vivo, esse cão, bastante independente, corajoso, tem um temperamento orgulhoso e voluntarioso. Muito apegado ao seu dono, ele é possesivo. Não suporta muito bem as crianças. Late bastante, pode ser agressivo com os estranhos e é um bom cão de alerta. Requer uma educação firme.

Conselhos
É um cão de apartamento, para quem as saídas diárias são necessárias. É sensível ao frio. Vigiar o estado de seus olhos e o acúmulo de tártaro nos seus dentes. Deve ser escovado regularmente.

Utilização
Cão de companhia.

O menor cão do mundo. Esbelto. Gracioso. Movimento leve.

6

CHIHUAHUA

PAÍS DE ORIGEM
México

9

Raças pequenas menos de 10 kg

CABEÇA
Redonda como uma maçã. Fontanela parietal persistente. Stop acentuado. Nariz bastante curto e um pouco pontudo. Bochechas finas. Um ligeiro prognatismo é admitido. Trufa muito preta ou mais clara, de acordo com a pelagem.

OLHOS
Bem afastados, não muito proeminentes. Podem ser pretos, castanhos, azuis, rubi ou luminosos.

ORELHAS
Grandes, muito afastadas. Postura reta ou em alerta, inclinada a 45° ou em repouso.

CORPO
Cilíndrico, compacto, mais longo do que alto. Pescoço redondo, bem proporcionado. Ombros finos. Quartos posteriores musculosos.

MEMBROS
Bastante curtos, finos. Pés pequenos. Dedos bem separados.

CAUDA
Moderadamente longa. Portada virada sobre o dorso ou ligeiramente sobre o lado. Bem guarnecida, mas a cauda sem pêlos é admitida.

PÊLO
- Longo, ondulado: variedade rara.
- Curto, junto, luzente.
Um pequeno colar no pescoço é de grande procura.

PELAGEM
Todas as cores e misturas são permitidas. As cores mais difundidas e mais apreciadas são: fulvo ou marrom, chocolate, fulvo ou marrom com riscas sombrias mais ou menos verticais sobre um fundo branco, branco creme, fulvo prateado, cinza prateado, preto e "fogo", (marcas cor de areia) preto.

TAMANHO
De 16 a 20 cm.

PESO
De 0,9 a 3,5 kg.

Cavalier King Charles Spaniel

Harmonioso. Gracioso.
Desloca-se com graça e flexibilidade.
Muito impulso traseiro.

Sua história é recente mas ao mesmo tempo antiga, pois essa raça já existia nos séculos XV e XVII. Em 1926, um amador americano percebeu que o atual King Charles era diferente do Spaniel representado nas telas do passado. Criadores ingleses iriam recriar o antigo Spaniel anão favorito dos reis e príncipes da Inglaterra. Cruzamentos entre o King Charles, o Pequinês e o Carlin fixaram as primeiras origens dos Cavaliers King Charles, cuja raça foi reconhecida oficialmente em 1945. O Cavalier tem uma estrutura mais forte e um focinho mais longo que o King Charles. Chegado na França em 1975, foi criado em1983 um clube de Spaniels anões ingleses King Charles e Cavalier King Charles. O Cavalier King Charles, que substituiu o King Charles, é cada vez mais apreciado.

7

Spaniels ingleses de estimação

9

País de origem
Grã-Bretanha

Outros nomes
Spaniel Cavalier King Charles,
English Toy Spaniel

Raças pequenas menos de 10 kg

Temperamento, aptidões e educação
Robusto, vivo, esportivo, enérgico, muito ativo, esse mini Spaniel foi cão de caça, que perseguia a caça pelo faro e pela vista. Muito gentil, sensível, meigo, ele é de fácil convivência. Ele não late muito. Não é um cão de guarda. Sua educação deverá ser firme, porém suave.

Conselhos
Adapta-se bem à vida na cidade, mas precisa de longos passeios. Não suporta a solidão. Receia o frio e a umidade. Escovar e pentear duas ou três vezes por semana. Não fazer toalete. Vigiar o estado das orelhas e dos olhos.

Utilização
Cão de companhia.

Cabeça
Redonda. Crânio quase chato. Stop pouco pronunciado. Focinho cônico. Maxilares fortes. Lábios não caídos. Trufa preta bem desenvolvida.

Olhos
Grandes, redondos, não salientes, sombrios.

Orelhas
Fixadas alto, longas. Franjas abundantes.

Corpo
Alongado. Pescoço de comprimento médio, com ligeiro contorno de linha convexa. Peito médio. Costelas bem arqueadas. Dorso reto. Lombo curto.

Membros
Curtos, ossatura média. Patas compactas. Boas almofadas plantares

Cauda
Portada empinada mas nunca muito acima da linha do dorso. Se ela estiver muito amputada, não se deve tirar- lhe mais que um terço.

Pêlo
Longo, sedoso. Ligeira ondulação. Franjas abundantes.

Pelagem
- Preta e "fogo" (King Charles): preta asa de corvo com manchas "fogo" acima dos olhos, sobre as bochechas, na parte interna das orelhas, sobre o peito, os membros e sob a cauda. Marcas brancas não são admitidas.
- Rubi (Ruby): unicolor, de um vermelho intenso. Marcas brancas não são admitidas. A mais rara.
- Blenheim: marcas castanho vivas bem repartidas em um fundo branco pérola. As marcas devem cindir-se de forma igual sobre a cabeça, deixando o lugar entre as orelhas para a mancha ou pastilha característica.
- Tricolor (Príncipe Charles): preto e branco bem espaçados e bem repartidos com marca "fogo" acima dos olhos, sobre as bochechas, dentro das orelhas, na parte interna dos membros e sob a cauda.

Tamanho
De 25 a 34 cm.

Peso
De 5 a 9 kg.

King Charles Spaniel

Refinado. Compacto. “Cob”

O Spaniel King Charles, de origem asiática ou espanhola, existia na Inglaterra no século XVI. Na corte de Elizabeth I as damas o escondiam sob suas saias. A raça foi muito favorecida junto ao rei Charles II, que lhe dedicava um afeto particular. Ele foi denominada King Charles em homenagem a este rei. Ela foi submetida a um lento declínio e quase desapareceu no início dos anos 50.

Raças pequenas menos de 10 kg

7

Spaniels ingleses de estimação

País de origem
Grã-Bretanha

Nome de origem
English Toy Spaniel, King Charles

Outros nomes
Spaniel King Charles

9

Cabeça
Redonda. Crânio volumoso, em cúpula. Stop bem marcado. Focinho quadrado, largo. Nariz muito curto, voltado para o alto. Maxilar inferior largo. Leve prognatismo inferior. Lábios ajuntados.

Olhos
Muito grandes, sombrios, bem afastados.

Orelhas
Fixadas baixo, pendentes, chatas sobre as bochechas. Muito longas e franjadas.

Corpo
Curto. Pescoço de comprimento médio. Peito largo, bem rebaixado. Dorso curto, reto. Patas posteriores fortes.

Membros
Curtos, musculosos. Patas compactas, redondas. Boas almofadas plantares.

Cauda
Não é mantida sobre o dorso, nem abaixo da linha do dorso. Bem franjada. Não é obrigatoriamente amputada.

Pêlo
Longo, sedoso, reto. Uma ligeira ondulação é admitida. Os membros, as orelhas e a cauda apresentam franjas abundantes.

Pelagem
- Preta e “fogo”: preta intensa e luzente com manchas “fogo” e acaju acima dos olhos, sobre o focinho, os membros, o peito, a face interna das orelhas e sob a cauda. Uma marca branca sobre o peito não é admitida.
- Tricolor: fundo de um branco pérola com manchas pretas bem repartidas e manchas “fogo” brilhantes sobre as bochechas, a face interna das orelhas e sob a cauda. Pequenas manchas “fogo” acima dos olhos. Larga faixa branca entre os olhos e mancha branca na cabeça.
- Blenheim: fundo branco pérola e marcas de um vermelho castanho bem repartidas. Grande mancha branca bem nítida com a “pastilha” no centro do crânio: marca nítida de um vermelho castanho.
- Ruby: Unicolor, vermelho castanho intenso. Uma marca branca no peito constitui uma falta grave.

Tamanho
De 26 a 32 cm.

Peso
De 3,6 a 6,3 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Atraente, devotado, afetuoso, esse cão reservado, equilibrado, apresenta um caráter de ouro. Alegre, ele gosta de brincar com as crianças. Ele late pouco. Seu faro é excepcional. Sua educação deve ser feita suavemente.

Conselhos
Cão de apartamento. Pede pouco exercício. Escovar e pentear diariamente. Vigiar o estado dos olhos e das orelhas.

Utilização
Cão de companhia.

Spaniel Japonês

Ancestrais do Chin, foram oferecidos em 732 pelos soberanos coreanos na corte do Japão. Um grande número de Chins foi introduzido no Japão no século seguinte. No século XIX foram importados espécimes para os Estados Unidos e a Inglaterra, onde a rainha Vitória possuiu alguns. Em 1882 vários cães foram apresentados em Nova Iorque. Atualmente este pequeno cão é muito difundido.

Elegante. Gracioso. Movimentos leves e imponentes.

8

Spaniels japoneses

País de origem
Japão

9

Nome de origem
Chin

Outro nome
Tchin

Raças pequenas menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação
Muito robusto, vivo, em alerta, um pouco perturbador, esse cão é muito apegado ao seu dono. Alegre, afetuoso, meigo, latindo muito pouco, sua companhia é muito agradável. Ele é desconfiado com os estranhos, mas não é intratável. É necessária uma educação rigorosa.

Conselhos
Cão de apartamento, muito limpo. Deve ser escovado diariamente. Ele teme as épocas de grande calor. Vigiar o estado das orelhas e dos olhos.

Utilização
Cão de companhia.

Cabeça
Relativamente grande, larga e chata. Crânio largo, arredondado. Stop marcado. Face muito curta e larga. Cana nasal ao nível dos olhos.

Olhos
Grandes, redondos, bem separados, de um preto brilhante.

Orelhas
Longas, triangulares, caídas, cobertas por um pêlo longo.

Corpo
Inscritível em um quadrado. Pescoço um tanto longo, mantido alto. Peito de largura moderada. Costelas ligeiramente arqueadas. Dorso curto e reto. Garupa larga e ligeiramente arredondada. Ventre bem erguido.

Membros
Bastante longos, finos. Patas pequenas, alongadas.

Cauda
Mantida sobre o dorso, coberta de um pêlo longo e abundante.

Pêlo
Longo, reto, sedoso. Todo o corpo, exceto a face, é recoberto por um pêlo abundante. As orelhas, o pescoço, as coxas e a cauda abundantemente guarnecidos por franjas.

Pelagem
Branca marcada de preto ou vermelho. De preferência, as marcas devem ser distribuídas simetricamente a partir do contorno dos olhos, no conjunto das orelhas e sobre todo o corpo. Uma larga faixa branca, estendendo-se do focinho ao ápice da cabeça, é especialmente procurada.

Tamanho
Aproximadamente 25 cm.

Peso
De 2 a 6 kg.

Pequinês

Esse cão, de origem chinesa, é uma das mais antigas raças do mundo, representada em figuras de bronze datando de mais de 4.000 mil anos. Durante séculos, ele foi criado, preservado e honrado no palácio imperial. Reputado como protetor do imperador no além, era sacrificado por ocasião da morte deste último. Após a tomada de Pequim e o saque do Palácio de verão em 1860 pelos ingleses, soldados britânicos recuperaram Pequineses e os importaram à Inglaterra. Foram oferecidos à rainha Vitória, à duquesa de Wellington e à duquesa de Richmond, que criou a primeira linhagem do "cão-sol" da China imperial. Em 1924 foi fundado na França um Club. Esse cão ficou em moda entre as duas Guerras Mundiais. Sua população, apesar de pequena, permanece estável.

"Basset". Pequeno. Cheio. Aspecto leonino. Harmonioso. Nobre. Movimento balanceado.

8

Spaniels japoneses e pequineses

País de origem
China,
Patronagem: Grã- Bretanha

Outros nomes
Spaniel pequinês
Spaniel de Pequim

Raças pequenas menos de 10 kg

9

Cabeça
Forte, mais larga do que alta, achatada. Crânio largo e chato. Stop acentuado. Nariz curto, largo. Lábios bem ajuntados.

Olhos
Grandes, redondos, sombrios.

Orelhas
Em forma de coração, mantidas unidas à cabeça, com franjas longas e abundantes.

Corpo
Curto. Pescoço muito curto, espesso. Peito largo. Costelas bem arqueadas. Dorso reto. Flanco marcado.

Membros
Curtos, sólidos, boa ossatura. Patas grandes, chatas, não redondas. Patas anteriores ligeiramente viradas para fora.

Cauda
Fixada alto, mantida firmemente, ligeiramente curvada sobre o dorso, de um lado ou de outro. Longas franjas.

Pêlo
Longo, reto com juba de leão abundante, formando uma pequena gola ao redor do pescoço. Pêlos longos e abundantes nas orelhas, na parte posterior dos membros, na cauda e nos pés. Subpêlo espesso.

Pelagem
Todas as cores e marcas são admitidas e igualmente boas, exceto o albino e a cor marrom (fígado). Nos cães multicolores as manchas também são repartidas.

Tamanho
De 15 a 25 cm.

Peso
De 2,5 a 5,5 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, independente, dotado de um caráter afirmativo, esse cão, muito apegado ao seu dono, nem sempre suporta as crianças. Distante com os estranhos, late e é um bom cão de alerta. Sua educação deverá ser firme, porém com suavidade.

Conselhos
Gosta de viver em apartamento. Não é um grande esportista; bastam curtos passeios diários. Deve ser escovado e penteado diariamente. Vigiar o estado dos olhos e as dobras na face.

Utilização
Cão de companhia.

Harmonioso. Gracioso. Aspecto orgulhoso.
Andar desembaraçado e elegante.

9

SPANIELS ANÕES

PAÍSES DE ORIGEM
França, Bélgica

9

Raças pequenas
menos de 10 kg

Papillon

Todos os spaniels anões atuais seriam provenientes de uma linhagem mantida nas criações da França e de Flandres. Isso explica o fato desta raça ser franco-belga. Esse cão de luxo por excelência foi o hóspede favorito das cortes reais e dos salões aristocráticos. No passado existiam muitas variedades, das quais apenas duas subsistiram:

- o Spaniel falena (mariposas com asas redobradas) de orelhas caídas que, depois de ter conhecido a glória, teve um declínio, mas voltou em moda,

- o Spaniel borboleta (orelhas eretas), surgiu no fim do século XIX e teria provavelmente se originado de um cruzamento com o Spitz anão.

Em 1934 foi fundado na França um Club de Spaniels anões. O padrão foi admitido pela F.C.I. em 1937.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, resistente, vivo, ardente, rápido, esse cão equilibrado é muito sensível, charmoso, mas pode ser ciumento. Mantém-se sempre distante dos estranhos, o que o torna um bom cão de alerta. Sua educação deverá ser firme, porém suave.

Conselhos
Adapta-se bem à cidade. Deve ser escovado e penteado diariamente. Ele é muito limpo. Não gosta das épocas de calor. Vigiar o estado das orelhas do Falena.

Utilização
Cão de companhia.

Cabeça
Ligeiramente arredondada. Crânio pouco arredondado. Stop bastante acentuado. Cana nasal retilínea. Focinho mais curto que o crânio, afinado. Lábios finos, juntos, pigmentados. Trufa pequena, preta.

Olhos
Muito grandes, em avelã, de cor escura. Pálpebras muito pigmentadas.

Orelhas
Implantadas muito para trás na cabeça.
- Variedade com orelhas pendentes, denominada Falena.
- Variedade com orelhas retas, denominada Borboleta, mantida obliquamente (ângulo de 45° com a horizontal).
O cruzamento das duas variedades muitas vezes produz orelhas meio eretas, de pontas caídas. Essa forma mista constitui uma falta grave.

Corpo
Ligeiramente alongado. Pescoço de comprimento médio. Linha de cima nem arqueada, nem com concavidade exagerada. Peito largo, bastante rebaixado. Dorso reto. Lombo sólido e ligeiramente arqueado. Ventre ligeiramente erguido.

Membros
Muito finos. Patas alongadas, "de lebre". Unhas fortes, de cor variável.

Cauda
Fixada bastante alto, um tanto longa, com muitas franjas, formando como um bonito penacho. Quando em alerta, ela é mantida erguida no plano da espinha dorsal e encurvada, a ponta extrema pode estar no nível do dorso.

Pêlo
Abundante, ondulado. Curto na face, no focinho, diante dos membros. De comprimento médio sobre o corpo, o pêlo se estende no pescoço para formar uma pequena gola e um papo no peito. Franjas nas orelhas e na parte posterior dos membros anteriores. Culote amplo atrás dos membros posteriores. Pêlo de um comprimento de 7,5 cm na cernelha e franjas de 15 cm na cauda.

Pelagem
Todas as cores são admitidas sobre fundo de pelagem branca. Quanto à cor, o branco deve ser dominante no corpo e membros. Procura-se o branco na cabeça, prolongado por uma faixa mais ou menos larga. Uma marca branca é admitida na parte inferior da cabeça, mas o branco dominante na cabeça é um defeito.

Tamanho
Máximo: 28 cm.

Peso
Uma categoria inferior a 2,5 kg.
Uma categoria superior a 5 kg.

Kromfohrländer

Selecionado no século XVIII, esse cão do tipo Griffon ruço teria sido cruzado depois da Segunda Guerra Mundial com um Terrier para criar o modelo atual. A raça foi reconhecida na Alemanha em 1953 e pouco depois pela F.C.I. Esse cão é muito pouco conhecido fora do seu país de origem.

Harmonioso. Elegante. De constituição potente. Pele firme, sem dobras, pigmentada.

10

KROMFOHRLÄNDER

PAÍS DE ORIGEM
Alemanha

9

Raças médias de 10 a 25 kg

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, vivo, alerta, dotado de uma audição muito boa, esse cão de caça é basicamente um Terrier. Afetuoso, obediente, é um agradável companheiro. Ele demonstra ser também um muito bom cão de guarda.

Conselhos
Adapta-se à vida em apartamento, mas precisa de muitos exercícios. Escovar e pentear duas vezes por semana.

Utilização
Caça, guarda, companhia.

CABEÇA
Alongada, em forma de ângulo. Crânio chato. Stop bem marcado. Cana nasal reta. Focinho afinando-se em direção a extremidade do nariz.

OLHOS
De tamanho médio, ovais, um pouco oblíquos. Cor escura até castanho escuro.

ORELHAS
Fixadas alto, de forma triangular, com ponta arredondada, chatas contra a cabeça.

CORPO
Ligeiramente alongado.
Pescoço alto, sem papada. Peito medianamente largo e profundo. Costelas ligeiramente arqueadas. Dorso poderoso. Garupa medianamente larga, muito musculosa, abaixando-se ligeiramente. Ventre erguido.

MEMBROS
Bem musculosos, boa ossatura. Pés alongados.

CAUDA
De comprimento médio, forte, mantida ligeiramente curvada.

PÊLO
Duas variedades:
- pêlo rude, duro (a mais comum)
- pêlo longo, rijo.
Nos dois casos, pêlo de preferência medianamente longo.

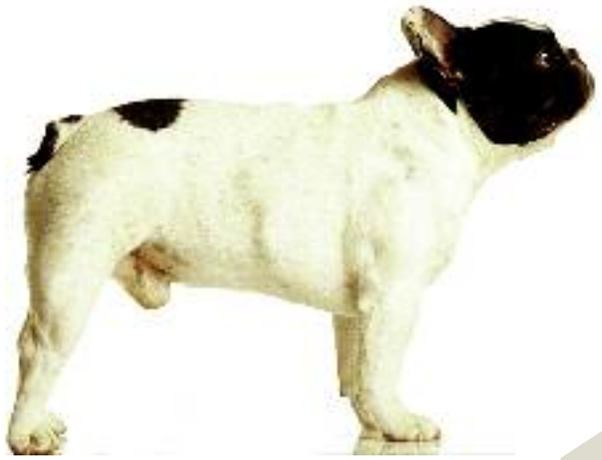
PELAGEM
Fundo branco com marcas marrom claro (diferentes nuanças de "fogo").

TAMANHO
De 38 a 46 cm.

PESO
Aproximadamente 15 kg.

Bulldog Francês

Ele teria como ancestral o Dogue do Tibete ou da Ásia. Este, após ter dado origem ao Dogue da Macedônia, teria sido importado à Inglaterra pelos Fenícios. Cruzamentos com diversos Terriers diminuíram pouco a pouco o tamanho. Quando ele apareceu na França, ao redor de 1850, já apresentava certas analogias com o Bulldog francês. Novos cruzamentos efetuados com as raças indeterminadas (Carlin) contribuíram para formar o Bulldog francês atual. Apreciado como cão que caça ratos, ele foi companheiro dos açougueiros da Villette e o guarda-costas dos vadios do Pantin. O padrão da raça foi definitivamente fixado ao redor de 1898. Após um período de declínio, assiste-se a um retorno da raça, em circunstâncias favoráveis.



Brevilíneo. Potente no seu pequeno tamanho. Cheio em todas suas proporções. Estrutura compacta. Ossatura sólida. Movimento desembaraçado.

11

Molossos
de pequeno porte

País de origem
França

Até 25 kg

9

Cabeça
Muito forte, larga, quadrada com dobras e rugas. Crânio largo, quase chato. Testa muito arredondada. Stop muito acentuado. Cana nasal curta e achatada, com dobras concêntricas. Trufa voltada para o alto. Lábios espessos e pretos. Maxilares largos, quadrados, potentes. Proeminência do maxilar inferior (prognatismo) moderada.

Olhos
Redondos, bastante grandes, ligeiramente salientes, escuros. As bordas das pálpebras são pretas.

Orelhas
Retas, médias, largas na base e arredondadas no ápice (em morcego).

Corpo
Cheio, muito musculoso. A linha da parte superior se eleva progressivamente até o lombo. Pescoço curto sem papada. Peito ligeiramente aberto, cilíndrico. Costelas em "barril". Dorso largo. Lombo curto. Garupa oblíqua. Ventre erguido.

Membros
Anteriores espessos, curtos. Membros posteriores um pouco mais longos. Patas redondas, "patas de gato", viradas ligeiramente para fora.

Cauda
Naturalmente curta, espessa na base, com nó ou quebrada, afinada e longa na extremidade.

Pêlo
Rente, junto, brilhante e macio.

Pelagem
- "Bringé" (traçados sombrios mais ou menos verticais num fundo branco): fulva com traçados transversais pretos ("bringeures"). Mistura de pêlos pretos e ruivos. Admite-se o branco em pequena proporção, no peito e na cabeça.
- Branco e "bringé", denominado "caille" (fundo branco com manchas "bringées"): pelagem "bringé" com manchas coloridas em um fundo de outra cor, invadindo. Fundo branco com manchas "bringée". A pelagem inteiramente branca é classificada com os "cailles".

Tamanho
De 25 a 35 cm.

Peso
De 8 a 14 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Ativo, corajoso, perseverante, esse cão, de caráter bem enérgico, é um bom guardião. Muito afetuoso, sensível, de natureza fortemente agradável, é um companheiro que exige muita atenção e afeto. Ele é meigo com as crianças. É bastante agressivo com seus congêneres. Sua educação deverá ser firme, precoce, mas com candura e persuasão.

Conselhos
Cão de cidade por excelência, adapta-se bem à vida em apartamento. Por ocasião dos passeios, ele não deve puxar na guia, pois pode adquirir um mau hábito. Não suporta a separação do seu dono. Ele detesta o calor, que causa dificuldades respiratórias, agravadas pelo seu nariz muito curto. Escovar todos os dias em período de mudança de pêlos. Banho a cada dois meses. Vigiar o estado de seus olhos e das dobras da face.

Utilização
Cão de companhia. Cão de guarda.

Pug

Mini-Mastife. Dogue miniatura. Pequeno Molosso, baixo e longo, compacto, sólido. "Muita substância em um pequeno volume". Movimento: leve balanço da parte posterior.

Raça muito antiga que viria da China e teria origens idênticas às do Mastim ou Dogue do Tibete. Chegou à Europa pela Holanda a partir do século XVII. Os Ingleses criaram duas famílias, a do Carlin-Morisson, de pelagem fulva e a do Carlin-Willoughby, cuja pelagem é uma mistura de preto e café com leite. Essas duas famílias se fundiram em 1886. Foi aliado no passado a pequenos Spaniels, tendo se obtido o cão de Alicanto, que desapareceu. No século XVIII ele chegou a França onde Joséphine de Beauharnais e depois Marie-Antoinette o adotaram. Denominado Pug na Inglaterra devido à sua face achatada (pug-nose=nariz esborrachado), Mops na Alemanha e Carlin na França, do nome do ator italiano Carlo Bertinazzi, conhecido como Carlino, que usava uma máscara preta no papel de Arlequim no século XVIII. Após um período de declínio, uma notoriedade: graças ao duque de Windsor, ele começou a ser procurado.

11

Molossos de pequeno porte

País de origem
Grã-Bretanha

Outros nomes
Pug,
Mops

9

Raças pequenas menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação

Afetuoso, sensível, terno, esse mini-dog de salão é um companheiro de bom caráter, mas que pode ser exclusivo e desconfiado.
Ele não suporta muito as crianças. O filhote turbulento se torna calmo e assentado quando adulto. Ele late muito pouco. Não é um cão de guarda, se bem que ele seja reservado com relação a estranhos. Requer uma educação com firmeza desde pequeno.

Conselhos

Adapta-se perfeitamente à vida em apartamento. Não sendo esportivo, breves passeios lhe bastam. Ele detesta a solidão e a separação. Poupá-lo nos períodos de grande calor pois, como todos os cães braquicéfalos, ele está predisposto à síndrome de obstrução das vias respiratórias. Vigiar os olhos sensíveis ao pó e as rugas na face. Escovar de duas a três vezes por semana.

Utilização

Cão de companhia.

Cabeça

Forte, redonda. Crânio sem sulcos. Stop acentuado. Focinho curto, truncado, quadrado, não voltado para o alto. Rugas claramente delineadas. Ligeiro prognatismo inferior. Incisivos inferiores numa linha quase reta.

Olhos

Muito grandes, de forma globulosa, escuros, brilhantes.

Orelhas

Finas, pequenas, macias para o tato. Duas formas admitidas:
- em rosa: pequenas, caídas, que se dobram para trás para descobrir o conduto externo;
- em botão: recaindo para a frente, a extremidade contra o crânio e o orifício da orelha estando coberto (forma preferida).

Corpo

Compacto, quadrado, "cob". Pescoço de contorno ligeiramente convexo, forte, espesso. Peito largo. Dorso reto.

Membros

Muito fortes, de comprimento médio. Patas nem muito redondas, nem muito alongadas. Dedos bem juntos.

Cauda

Fixada alto, denominada "spire", formando um anel tão apertado quanto possível sobre a anca.
O anel duplo é procurado.

Pêlo

Fino, liso, macio, curto e brilhante, nem duro, nem lanoso.

Pelagem

Prata, abricó, fulva ou preta. Cada cor nitidamente definida para que o contraste seja completo entre a cor da pelagem, o "traço" (linha preta do occipício à cauda) e a máscara.
As marcas são nitidamente definidas. O focinho ou máscara, as orelhas, as pintas de beleza sobre as bochechas, a marca de "dedão" ou losango na testa, assim como o traço, são tão pretos quanto possível.

Tamanho

Aproximadamente 30 cm.

Peso

De 6,3 a 8,1 kg.

Boston Terrier

Originalmente ele foi criado ao redor de 1870 por criadores americanos que o destinaram para os combates de cães, tradicionais na cidade de Boston. Para isso, fizeram cruzamentos entre Bulldogs e Bull Terriers com a finalidade de melhorar o valor combativo das duas raças. Uma primeira apresentação aconteceu em Boston em 1870. Em 1891 foi fundado o Boston Terrier Club of America. Foram realizados outros cruzamentos com o Bulldog francês. Ele foi introduzido na França em 1927 e se tornou muito em moda. Sua difusão na Europa continua restrita.

Forma quadrada. Sólido. Compacto. Bem proporcionado. Gracioso e forte. Movimento bem ritmado e fácil.

Raças pequenas menos de 10 kg

11

Molossos de pequeno porte

País de origem
Estados Unidos

Nome de origem
Boston Terrier

Outro nome
Boston Bull Terrier

9

Cabeça
Quadrada, curta. Crânio quadrado, chato, sem rugas. Stop bem marcado. Focinho curto, quadrado, largo, alto. Maxilares largos e quadrados. Bochechas chatas. Trufa preta e larga.

Olhos
Grandes, redondos, bem afastados, de cor escura.

Orelhas
Fixadas alto, pequenas, mantidas retas, sejam naturais, ou cortadas.

Corpo
Um tanto curto. Pescoço ligeiramente de contorno convexo. Peito largo, bem rebaixado. Costelas bem arqueadas. Dorso bastante curto. Garupa um pouco arredondada, recurvando-se ligeiramente.

Membros
Fortes, bem musculosos. Patas pequenas, redondas, compactas. Dedos bem arqueados.

Cauda
Fixada baixo, curta, fina. Reta ou saca-rolhas. Não deve ser mantida acima da horizontal.

Pêlo
Curto, liso, de textura fina.

Pelagem
"Bringé" (traçados sombrios mais ou menos verticais em um fundo branco), cor "foca" (preto com reflexos ruivos) ou preta com marcas brancas, repartidas regularmente. Marcas exigidas : faixa branca ao redor do focinho, entre os olhos, branco no peito. Os membros anteriores inteiramente ou parcialmente brancos e os posteriores com branco sob os jarretes são procurados.

Tamanho
De 25 a 40 cm.

Peso
De 7 a 11 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, sólido, muito vivo, esse cão pega ratos, adestrado na arte de combater os touros, late pouco; dotado de um excelente caráter e de um grande coração, ele demonstra ser um companheiro muito agradável. Por isso foi apelidado "American Gentleman". Vigilante, é um bom pequeno cão de guarda mas não é agressivo. Ele requer uma educação firme.

Conselhos
Adapta-se à vida em apartamento, mas precisa gastar suas energias regularmente. É um cão limpo. Deve ser escovado diariamente. Limpar os olhos e as dobras na face.

Utilização
Cão de companhia.

Grupo 10

Seção 1
Borzói
Afghan Hound
Galgo Polonês
Saluki

Seção 2
Galgo Escocês
Irish Wolfhound

Seção 3
Azawakh
Greyhound
Galgo Espanhol
Galgo Húngaro
Pequeno galgo Italiano
Sloughi
Whippet

Ao lado: Borzói

Borzói

O Borzói poderia ser o resultado do cruzamento do Galgo da Ásia e do Cão polar Laika, ou do Saluki com um cão pastor russo ou do Sloughi com um cão autóctone de pêlo longo. A raça teria sido fixada na Rússia no século XVI. Foi durante muito tempo o companheiro favorito das grandes famílias russas que o utilizavam para a caça aos lobos. Em 1842 foram enviados exemplares à Inglaterra como presente para a princesa Alexandra. Ele se difundiu na Europa ocidental ao redor de 1850, depois nos Estados Unidos em 1889. A Revolução Russa de 1917 pôs fim à criação que era empreendida pelos aristocratas. A Europa contribuiu para a sobrevivência da raça. Mais tarde, os soviéticos retomaram sua criação.

O mais longilíneo dos Galgos. Silhueta achatada. Harmonia das formas. Elegância no mais alto grau. Nobre. Pele fina, esticada, bem pigmentada. Galope rápido e grandes saltos flexíveis.

1

Lebréis de pêlo longo ou franjado

País de origem
Rússia

Nomes de origem
Sowaya Barzaya, Borzoï

Outro nome
Galgo russo

Raças grandes de 25 a 45 kg

10

Cabeça
Longa, estreita, seca e finamente esculpida. Perfil ligeiramente convexo. Crânio chato, muito estreito. Stop praticamente inexistente. Cana nasal com ligeira curvatura convexa. Focinho forte, longo, estreito, seco. Lábios finos, secos. Trufa preta.

Olhos
Grandes, em forma de avelã, castanhos escuros. A abertura das pálpebras, orladas de preto, é ligeiramente oblíqua.

Orelhas
Fixadas alto e para trás, relativamente pequenas, finas, estreitas, terminadas em ponta. Elas repousam para trás, no pescoço ("em forma de rosa").

Corpo
Alongado. Pescoço longo, bem musculoso, achatado lateralmente, sem papada. Peito pouco pronunciado. Peito longo, profundo, estreito, chato. Dorso muito musculoso, formando um arco, principalmente no macho, cujo ponto mais alto se situa ao nível da última costela. Garupa longa, larga, musculosa. Ventre fortemente curvado.

Membros
Longos, secos, musculosos. Pés ovais, estreitos. Dedos juntos e bem arqueados.

Cauda
Fixada baixo, longa, em forma de foice ou cimitarra. Pêlo abundante. Mantida baixa no repouso. Em ação, mantida erguida mas não acima do nível do dorso.

Pêlo
Longo, sedoso, ondulado ou em forma de grandes anéis. Extremamente espesso ao redor do pescoço, na parte inferior do peito, atrás dos membros, na cauda. Curto na cabeça, nas orelhas e na face anterior dos membros.

Pelagem
Branca, ouro de todas as nuanças; ouro prateado; ouro sombreado; "fogo" (marcas fulvas ou de cor areia) sombreado de preto, focinho e membros escuros; cinza; "bringé" (riscas escuras mais ou menos verticais num fundo branco), ouro, "fogo" ou cinza com riscos extensos de matiz mais escuro; "fogo"; preto. As marcas "fogo" são admitidas, mas não exigídas. Nos indivíduos escuros a máscara preta é característica. Todas as cores podem ser uniformes ou salpicadas de manchas sobre fundo branco.

Tamanho
Macho: de 70 a 82 cm.
Fêmea: de 65 a 77 cm.

Peso
De 35 a 45 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Esse grande senhor, aparentemente fleumático, era um excelente caçador de lebres, raposas e lobos. Potente, ardente, corajoso, perseverante, esse aristocrata é apegado exclusivamente ao seu dono. Não é muito paciente com as crianças. É indiferente, até mesmo hostil com os estranhos. É um bom cão de guarda que late pouco. Ele pode morder os seus congêneres. Sua educação deverá ser firme mas com suavidade, pois ele não suporta a brutalidade.

Conselhos
É preferível não fazê-lo viver em apartamento e não deixá-lo sozinho. Precisa de muito espaço e exercícios. Durante os passeios, deve ser mantido atrelado à guia, pois pode apresentar reações fulminantes com relação aos gatos e outros animais. Escovar duas ou três vezes por semana.

Utilização
Caça, guarda, companhia.

Afghan Hound

A origem dessa raça é praticamente desconhecida. Aparentado ao Saluki (Galgo persa), os ancestrais teriam saído da Pérsia (Irã) e chegaram ao Afeganistão onde desenvolveram suas longas pelagens. Muito apreciados pelos soberanos afegãs, foram trazidos de volta pelos soldados britânicos após a Segunda Guerra Afegã, ao redor de 1890. Os primeiros espécimes expostos em Londres em 1907 tiveram um grande sucesso. Em 1926 foi fundado um clube inglês. Ele apareceu na França ao redor de 1930. Esse Galgo foi de grande predileção nos anos 80.

Longilíneo. Força. Potência. Flexibilidade. Dignidade. Aspecto altivo. Andar flexível e elástico.

1

Lebréis de pêlo longo ou franjado

Pais de origem
Afeganistão

Nome de origem
Afghan Hound

Outros nomes
Tazi, Afghan, Galgo de Balkh, Barukzy, Baluchi, Galgo de Cabul

Raças grandes de 25 a 45 kg

10

Cabeça
Longa. Crânio longo, não muito estreito. Occipital proeminente. Ligeiro stop. Focinho longo. Maxilares potentes.

Olhos
De forma quase triangular, ligeiramente oblíquos, de preferência escuros mas uma cor dourada não é proibida.

Orelhas
Fixadas baixo, mantidas bem chatas contra a cabeça, cobertas de pêlos longos e sedosos.

Corpo
Longo. Pescoço longo, forte. Peito profundo. Costelas bem salientes. Dorso chato, musculoso, inclinando-se ligeiramente em direção ao quarto posterior. Lombo reto, forte, um tanto curto. Ossos das ancas proeminentes, bastante afastados.

Membros
Longos, musculosos. Patas fortes, largas.

Cauda
Não muito curta, terminando em forma de anel, muito pouco guarnecida de pêlos, mantida alta quando em ação.

Pêlo
Muito longo, sedoso, de textura fina, recobrindo a parte anterior, a parte posterior ou o corpo inteiro, exceto o dorso, a partir do ombro até a base da cauda onde o pêlo é curto e apertado. Sobre a cabeça, a partir da testa, longos pêlos sedosos formam um topete. Na face, o pêlo é curto e apertado. As orelhas e as pernas sao cobertas de pêlos longos e abundantes.

Pelagem
Todas as cores são admitidas.

Tamanho
Macho: de 69 a 74 cm.
Fêmea: de 62 a 69 cm.

Peso
De 25 a 30 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, resistente, menos rápido que o Greyhound, esse cão era utilizado, no seu país de origem como cão de guarda e para a caça aos antílopes, ao lobo e ao chacal...
Na Índia, o exército britânico o utilizou como mensageiro militar. Calmo, dominador, voluntarioso, suscetível, pouco demonstrativo, ele não gosta muito de ser perturbado. Afetuoso, muito apegado ao seu dono, ele se apresenta distante e altivo com estranhos. Ele deverá ser educado com firmeza mas sem brutalidade.

Conselhos
Ele se adapta bem à vida em apartamento sob condição de poder dispor de espaço e de se beneficiar de muitos exercícios. Deve ser escovado e penteado diariamente. Banho mensal. Toalete de duas a três vezes por ano.

Utilização
Caça, companhia.

Galgo Polonês

Seu ancestral é o Galgo asiático.
Ele foi utilizado em condições difíceis de clima polonês
para a caça de lebres, raposas, cabritos monteses e lobos.

10

1

Lebréis de pêlo longo ou franjado

País de origem
Polonia

Nome de origem
Chart Polski

Outro nome
Lebrel polonês

Raças grandes de 25 a 45 kg

Potente. Mais forte e menos fino do que os outros Galgos de pêlo curto. Forte ossatura. Movimento natural e enérgico.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, resistente, esse cão de caça pode ser um agradável companheiro. Sua educação deverá ser firme.

Conselhos
Ele precisa de espaço e de muitos exercícios. Escovar regularmente.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia.

Cabeça
Forte, seca e longa. Crânio chato. Stop pouco marcado. Focinho forte. Maxilares fortes. Lábios não caídos. Trufa preta ou escura de acordo com a pelagem.

Olhos
Bastante grandes, em avelã, escuros (de castanho escuro a âmbar). Bordas das pálpebras pretas ou escuras.

Orelhas
De tamanho médio, bastante estreitas. Após correção, suas extremidades tocam facilmente os ângulos internos dos olhos.

Corpo
Alongado. Pescoço longo, musculoso, possante. Cernelha marcada. Peito espaçoso. Dorso reto. Lombo largo e musculoso. Garupa oblíqua, em declive suave, longa, musculosa e larga. Ventre erguido.

Membros
Longos, secos, bem musculosos. Patas ovais. Dedos juntos, bem arqueados.

Cauda
Longa, grossa na base, mantida baixa no repouso. A extremidade deve ser em forma de foice recurvada para o alto ou formar um anel completo.

Pêlo
Bastante duro, não "arame", mas não sedoso tampouco. De comprimento variável. Mais longo na cernelha, mais curto sobre as costelas do tronco. Atrás e sob a cauda, o pêlo é mais longo formando culotes e escova.

Pelagem
Todas as cores são admitidas.

Tamanho
Macho: de 70 a 80 cm.
Fêmea: de 68 a 75 cm.

Peso
Aproximadamente 40 kg.

Saluki

O nome Saluki é, incontestavelmente, derivado da dinastia helenística dos Selêucidas, cujo imenso reino, por volta de 300 a.C., estendia-se do Indo até o Mediterrâneo. Esses reis teriam favorecido a criação de Galgos de pêlo franjado. O Saluki teria sido introduzido na Europa pelos Celtas que o utilizavam para a caça. No século II a.C. os Romanos, conquistadores da Grécia, introduziram-no na Itália. Aparentado ao Galgo afegã e muito próximo do Sloughi (Galgo árabe), o Saluki era muito estimado pelos povos árabes pela sua capacidade de seguir seus cavalos e, associado a um falcão, pelos seus talentos de caçador de gazelas. O primeiro Saluki importado na Inglaterra em 1840 era denominado "Galgo persa". O Kennel Club reconheceu a raça em 1923. Ele surgiu na França em 1934. Seu número continua reduzido.

Elegante. De boa raça. Movimentos fáceis, leves, muito flexíveis.

1

Lebréis de pêlo longo ou franjado

País de origem
Oriente Médio, Irã

Nomes de origem
Saluki, Salouki

Outro nome
Galgo persa

De 10 a 45 kg

10

Cabeça
Longa, estreita e seca. Crânio moderadamente largo, não arqueado. Stop pouco marcado. Trufa preta ou "figado" (cor marrom).

Olhos
Grandes, de cor escura a avelã.

Orelhas
Fixadas alto, longas, muito móveis, mantidas chatas sobre as bochechas. Na variedade de pêlo franjado, a orelha é recoberta de um pêlo sedoso de comprimento variável.

Corpo
Alongado. Pescoço longo, flexível, muito musculosa. Peito longo, alto, moderadamente estreito. Dorso um tanto largo. Lombo ligeiramente arqueado, suficientemente longo. Garupa longa, ligeiramente inclinada. Ventre bem recurvado.

Membros
Longos, musculosos. Patas fortes. Dedos longos, bem arqueados.

Cauda
Fixada baixo, longa e mantida naturalmente recurvada no prolongamento da linha de cima do corpo. Guarnecida na sua parte inferior com franjas sedosas mais ou menos longas.

Pêlo
- Liso, de textura sedosa. Franjas mais ou menos abundantes atrás dos membros. Possibilidade de franjas na garganta.
- Curto, sem franjas.

Pelagem
Todas as cores e todas as combinações de cores são idênticas.

Tamanho
Macho: de 58 a 71 cm. Fêmea: um pouco menor.

Peso
De 15 a 30 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, rústico, resistente, o Saluki é um temível caçador em solo arenoso ou rochoso. Graças às suas acelerações fulminantes ele é capaz de alcançar e pegar as gazelas. Calmo, sensível, afetuoso, é um bom companheiro que adora as crianças. Muito reservado quanto aos estranhos, é um cão de guarda eficaz. Sua educação fácil deve ser feita com suavidade.

Conselhos
A rigor ele pode viver em um apartamento mas precisa de longas caminhadas diárias e correr regularmente. Ele é limpo. Escovar duas vezes por semana.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia.

Galgo Escocês

Potente. Maior e mais forte que o Greyhound. Movimento ligeiro, enérgico, natural.

O Deerhound está estabelecido de longa data na Escócia, tendo talvez chegado com os mercadores fenícios ou os invasores celtas. Nos Highlands a raça logo se tornou favorita dos chefes dos clãs, caçando com eles. Seu nome provém da função para a qual era utilizado, ou seja, caça de veado (= deer). Tendo o veado se tornado raro, a raça do Deerhound quase foi abandonada. Os Ingleses empreenderam a sua conservação e seleção. Um primeiro padrão foi redigido em 1892. Ele foi introduzido na França nos anos 70. Em 1974 foi criado um Club reagrupando o Galgo da Escócia e da Irlanda. Ele é pouco difundido na França.

10

2

Lebréis de pêlo duro

País de origem
Grã-Bretanha

Nomes de origem
Deerhound,
Scottish Deerhound

Outros nomes
Galgo inglês de pêlo duro,
Galgo da Escócia

Raças grandes de 25 a 45 kg

Temperamento, aptidões, educação
Muito resistente, ativo, menos rápido que o Greyhound, late pouco; esse cão meigo, calmo, de bom caráter, é um companheiro devotado. Ele adora as crianças. Não é nem desconfiado, nem agressivo. Sua educação deverá ser firme.

Conselhos
O apartamento não lhe convém. Ele prefere viver em ambientes externos para poder se exercitar. Não gosta do calor. Deve ser escovado regularmente.

Utilização
Cão de companhia.

Cabeça
Longa. Crânio um tanto chato, coberto de pêlos moderadamente longos, mais macios do que no restante do corpo. Stop inexistente. O focinho torna-se mais fino em direção ao nariz. Lábios bem ajuntados. Maxilares fortes.

Olhos
Escuros, castanhos escuros ou avelã. Bordas das pálpebras pretas.

Orelhas
Fixadas alto, pequenas, redobradas para trás em repouso. São pretas ou de cor escura.

Corpo
Parecido ao do Greyhound, porém em uma escala maior. Pescoço muito forte, sem papada. Peito mais alto do que largo. Lombo bem curvado. Garupa larga e potente.

Membros
Longos, musculosos. Patas compactas.

Cauda
Longa, espessa na origem, afinando-se. Ela é curvada em ação, mas nunca se eleva acima do nível do dorso. Bem coberta de pêlos. Na parte de cima, pêlo muito duro, "arame".

Pêlo
Hirsuto, espesso, junto contra o corpo, irregular, áspero ou que range sob os dedos. Sobre o corpo, o pescoço e a garupa o pêlo é muito duro, "arame", de um comprimento de 7 a 10 cm. Sobre a cabeça, o peito e o ventre, pêlo muito mais macio. Ligeira franja do lado interno dos membros.

Pelagem
Cinza azul escura; cinzas mais escuros e mais claros; pelagem "bringés" (riscas escuras mais ou menos verticais em um fundo branco) e amarelos; pelagem cor de areia, ou fulvo-vermelho com preto nas extremidades, branco no peito, dedos brancos e uma pequena mancha branca na extremidade da cauda são admitidos.

Tamanho
Macho: pelo menos 76 cm.
Fêmea: pelo menos 71 cm.

Peso
Macho: aproximadamente 45,5 kg.
Fêmea: aproximadamente 36,5 kg.

Irish Wolfhound

Esse Galgo, o maior do mundo, talvez tenha se originado de cães introduzidos na Irlanda por Celtas ou descendentes de uma velha raça irlandesa. Para alguns, ele seria o produto de um cruzamento entre os Cães pastores irlandeses e os Sloughis. Para outros, o Galgo da Escócia teria participado da sua criação. Ele foi desenvolvido no início para caçar e matar lobos (Wolf). Ele quase desapareceu com eles ao redor de 1800. A partir de 1860, o capitão G. Graham decidiu restaurar a raça cruzando os últimos espécimes com o Deerhound e talvez o Dogue alemão e o Borzoï. A raça foi reconhecida pelo Kennel Club em 1897. Sua criação na França só teve início realmente nos anos 70. O seu número é muito modesto.

O maior cão do mundo (tamanho recorde: 106 cm.) como o Dogue alemão. Mais maciço que o Deerhound. Potente. Forte. Muito musculoso. Hirsuto. Movimentos ágeis e vivos.

Raças gigantes de 45 a 90 kg

2

Lebréis de pêlo duro

10

País de origem
Irlanda

Nomes de origem
Irish Wolfhound, Wolfhound

Outro nome
Galgo da Irlanda

Cabeça
Longa. Crânio não muito largo. Focinho longo e moderadamente pontudo.

Olhos
Escuros.

Orelhas
Pequenas e mantidas como no Greyhound.

Corpo
Potente, alongado. Pescoço um tanto longo, muito forte e musculoso, bem arqueado, sem papada. Peito largo, muito profundo. Dorso bastante longo. Lombo arqueado. Ventre bem erguido.

Membros
Fortes. Patas moderadamente grandes e redondas. Dedos bem arqueados e fechados.

Cauda
Longa, ligeiramente curvada, de espessura moderada e bem recoberta de pêlos.

Pêlo
Rude e rústico sobre o corpo, as patas e a cabeça, especialmente duros e longos acima dos olhos e abaixo do maxilar.

Pelagem
Cinza, "bringé", ruiva, preta, branca pura, cor "faon" (filhote de cervo) ou todas as cores que aparecem no galgo escocês.

Tamanho
Macho: pelo menos 79 cm (de preferência 81 a 86 cm. Fêmea: pelo menos 71 cm.

Peso
Macho: mínimo 54 kg. Fêmea: mínimo 40,5 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito paciente, muito corajoso, dotado de uma força temível: "gentil se acariciado, feroz se provocado". Esse caçador de lobo e javali é também um cão de guarda eficaz e dissuasivo. Não se deve adestrá-lo para a defesa ou para o ataque, pois se tornaria muito perigoso. De um temperamento calmo, meigo com as crianças, ele é muito apegado ao seu dono. Para controlá-lo é preciso que sua educação seja firme.

Conselhos
Deve-se evitar fazê-lo viver na cidade. Ele precisa correr freqüentemente, totalmente solto. Escovar semanalmente.

Utilização
Caça, companhia.

Azawakh

Esse Galgo africano vem da Bacia nigeriana média, no vale de Azawakh, na fronteira do Mali. Ele foi desenvolvido pelos Tuaregues do Saara meridional para fazer tropeçar as gazelas a fim de que os cavaleiros pudessem alcançá-las. Ele era também animal de aparato e companheiro. Ele está perto do Sloughi e do Saluki. Os primeiros espécimes foram importados na Europa no início dos anos 70. A raça foi oficialmente reconhecida pela F.C. I. em 1981. Em 1982 foi publicado um padrão. Ele foi introduzido na França recentemente. Seu número é modesto.

Longilíneo. De estatura alta. Elegante. Muito esbelto. Ossatura e musculatura aparecem sob os tecidos finos e secos. Pele fina e esticada. Movimentos muito flexíveis. Galope com saltos. Acentuado aspecto de leveza.

10

3

Lebréis de pêlo curto

País de origem
Mali

Outros nomes
Galgo Tuaregue,
Sloughi Tuaregue,
Galgo do Sul Saariano

Raças médias de 10 a 25 kg

Cabeça
Longa, estreita, fina, seca e cinzelada. Crânio quase chato, um tanto alongado. Cimo occipital saliente. Stop muito pouco marcado. Focinho longo, retilíneo. Maxilares longos e fortes. Bochechas chatas. Trufa preta e marrom.

Olhos
Muito grandes, amendoados. Cor escura ou de âmbar. Pálpebras pigmentadas.

Orelhas
Fixadas alto. Finas, caídas e chatas, pegadas no crânio e jamais afastadas.

Corpo
Alongado. Pescoço longo, fino, musculoso, ligeiramente arqueado, sem papada. Cernelha bem saliente. Peitorais muito largos. Peito longo, alto, não muito largo. Costelas longas, aparecendo. Dorso curto, reto. Lombo curto, seco, ligeiramente arqueado. Ancas salientes, um pouco mais alto do que a cernelha. Traseira oblíqua, sem ser ovalada. Ventre bem erguido.

Membros
Longos, secos. Patas de forma arredondada. Dedos finos e juntos.

Cauda
Fixada baixo, longa, seca e afinada. Caída com a extremidade ligeiramente levantada. Em ação, ela pode ser mantida acima da horizontal.

Pêlo
Rente, fino, reduzido até a ausência de pêlo sobre o ventre.

Pelagem
Fulva com áreas brancas invadindo um fundo colorido, limitada nas extremidades. Todas as nuances são admitidas, da cor areia clara até o fulvo escuro. A cabeça pode ou não estar com uma máscara preta e a risca é muito inconstante. A pelagem comporta um plastrão branco e um pincel branco na extremidade da cauda. Cada um dos quatro membros comporta obrigatoriamente uma mancha de pêlos brancos, sob forma de traço sob o pé.
Admitem-se riscas mais ou menos verticais, pretas em um fundo branco.

Tamanho
Macho: de 64 a 74 cm.
Fêmea: de 60 a 70 cm.

Peso
Macho: de 20 a 25 kg.
Fêmea: de 15 a 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, muito resistente, vivo, esse cão caça com a visão e o perfil de saltador, o que é necessário para a perseguição de antílopes e captura dos pássaros em vôo. Muito reservado em relação aos estranhos, muito vigilante e bravo, é um bom cão de guarda dos campos de nômades. O seu caráter é muito categórico; dotado de uma forte personalidade, ele é independente. É afetivo com aqueles que quiser aceitar. Sua educação deverá ser rigorosa, iniciada precocemente e deverá ser feita com paciência.

Conselhos
Não deve ser confinado em um apartamento. Ele precisa de espaço e de muitos exercícios. Deve ser escovado semanalmente.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia.

Greyhound

Com o Sloughi e o Saluki, ele seria um dos descendentes do Tesem, antigo Galgo egípcio representado nas tumbas dos faraós. Vindo do Oriente, ele teria chegado a Europa pela Grécia e a Grã-Bretanha pelos Fenícios. A origem de seu nome seria do Greek Hound, Galgo grego. O galgo espanhol (Galgo), importado na Inglaterra, teria contribuído à sua criação. Ele foi selecionado sob Henrique VIII para a caça à lebre ou coursing. O duque de Norfolk, sob pedido de Elizabeth I, estabeleceu um código regendo uma análise dos Galgos na perseguição da lebre no ar livre. Ele é utilizado desde 1927, nas corridas com lebres artificiais nos cinódromos (racing). Criado para a corrida, ele é para o Galgo o que o puro sangue é para o cavalo, ou seja, uma magnífica máquina de correr. É raro na França.

Bem constituído. Muito seguro. Constituição harmoniosa. Musculatura potente. Grande potência de propulsão. Nobre. Elegante.

Raças grandes de 25 a 45 kg

3

Lebréis de pêlo curto

País de origem
Grã-Bretanha

Outro nome
Galgo inglês

10

Cabeça
Longa e moderadamente larga. Crânio chato. Stop leve. Focinho longo. Maxilares potentes. Trufa preta, pontiaguda.

Olhos
Ovalados, dispostos obliquamente, preferencialmente de cor escura.

Orelhas
Pequenas, de textura fina, mantidas em forma de rosa.

Corpo
Vasto. Pescoço longo, de contorno convexo por fora, sem papada. Peito alto, amplo. Costelas longas, bem arqueadas. Dorso bastante longo, largo e quadrado. Lombo potente, arqueado. Patas posterior potentes. Flancos bem erguidos.

Membros
Longos, bem musculosos, ossatura desenvolvida. Patas compactas.

Cauda
Fixada bastante baixo, longa, forte na origem, afinando-se em direção à extremidade. Mantida baixo e ligeiramente recurvada.

Pêlo
Rente ou curto, fino e junto.

Pelagem
Preta, branca, vermelha, azul, fulva, fulva pálido, "bringé" (riscas escuras mais ou menos verticais num fundo branco) ou qualquer uma dessas cores "panachée" (áreas brancas sobre fundo unicolor) de branco.

Tamanho
Macho: de 71 a 76 cm.
Fêmea: de 68 a 71 cm.

Peso
Aproximadamente 30 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Vivo, vigoroso, muito paciente e corajoso, esse Galgo é reputado por ser o mais rápido do mundo. Ele pode atingir velocidades máximas de 70 km. por hora. Dotado de uma visão muito boa, a caça e a corrida são as principais vocações desse cão. Animal de competição nos cinódromos, é a fórmula 1 da espécie canina. Afetuoso, meigo, calmo, sensível, esse Galgo tem um bom caráter. É indiferente com relação aos estranhos. Sua educação deverá ser firme.

Conselhos
Ele precisa de espaço e deve absolutamente correr todos os dias. Deve ser escovado diariamente.

Utilização
Cão de caça. Cão de corridas. Cão de companhia.

Galgo Espanhol

Esse Galgo era conhecido desde a Antiguidade pelos Romanos, mas sua introdução na Espanha é anterior a esta época. Teria ele sido introduzido pelos Fenícios ou Celtas? Para alguns, o Galgo (galgo em espanhol) seria um descendente do Sloughi, introduzido na Espanha no século IX pelos Mouros. Estimado pela nobreza espanhola, era utilizado principalmente para a corrida, onde se apresentava menor e mais maciço que o Greyhound. Com a finalidade de se obter indivíduos mais rápidos, foram realizados vários cruzamentos com o Greyhound, criando-se assim uma variedade anglo-espanhola. Nos séculos XI, XII e XVIII o Galgo foi exportado em grande número, principalmente na Irlanda e na Inglaterra. Ele poderia ter contribuído para a criação do Greyhound. Ainda muito utilizado pelos caçadores espanhóis, o Galgo ainda é raro na França.

Formato médio. Sublongilíneo. Sólido. Elegante. Muito harmonioso. Muito musculoso. Ossatura compacta. Pele sólida, flexível e rosa. Movimento típico: o galope. Trote alongado e rasante.

3

Lebréis de pêlo curto

País de origem
Espanha

Nome de origem
Galgo Español

Outro nome
Galgo

10

Raças grandes de 25 a 45 kg

Cabeça
Longa, estreita, seca. Crânio de largura reduzida, perfil subconvexo. Stop muito pouco acentuado. Cana nasal ligeiramente convexa. Focinho longo, estreito. Lábios finos, muito secos. Trufa pequena, preta.

Olhos
Pequenos, em forma de amêndoa, oblíquos. Escuros de cor avelã. Pálpebras escuras.

Orelhas
Fixadas alto, de base larga, triangulares, de pontas arredondadas. Em repouso, elas se apresentam "em forma de rosa", aplicadas contra o crânio.

Corpo
Forte, ligeiramente retangular. Pescoço longo, oval em taça, forte. Peito não muito largo, porém amplo. Costelas bem visíveis. Dorso reto, longo. Lombo longo, forte arqueado. Garupa longa, potente, muito inclinada. Ventre muito erguido (típico do galgo).

Membros
Anteriores finos. Membros posteriores potentes, muito musculosos. Patas de lebre. Dedos densos. Almofadas plantares duras.

Cauda
Fixada baixo, muito longa, flexível, forte na raiz, afinando-se até a ponta. Em repouso, ela cai em foice com um gancho terminal mais marcado e inclinado lateralmente.

Pêlo
Curto, muito fino, liso, cerrado. Ligeiramente mais longo na parte posterior da coxas. Há uma variedade de pêlo duro meio-longo, tendendo a formar barba, bigode, sobrancelhas e topete na cabeça.

Pelagem
Todas as cores são admitidas. As mais típicas, por ordem de preferência: fulva e "bringée" (riscas escuras mais ou menos verticais sobre um fundo branco) mais ou menos escuras e bem pigmentadas. Preta. Salpicada de preto, escuro e claro. Alazão queimado. Canela. Amarelo. Vermelha. Branca.

Tamanho
Macho: de 62 a 70 cm.
Fêmea: de 60 a 68 cm.

Peso
Macho: de 25 a 30 kg.
Fêmea: de 20 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, robusto, ativo, muito resistente, ele caça especialmente a lebre e também a raposa e o javali. O seu faro é bastante medíocre. De um temperamento meigo, muito apegado ao seu dono, seria o mais afetivo e o mais demonstrativo de todos os Galgos. Sua educação deverá ser suave.

Conselhos
Não pode viver em apartamento. Não gosta de ficar fechado. Precisa de muito exercício. Ele deve poder correr regularmente. Deve ser escovado regularmente.

Utilização
Caça, companhia.

Galgo Húngaro

Seus ancestrais seriam Galgos asiáticos introduzidos na Hungria no século IX pelos Magiares e provavelmente cruzados com cães perseguidores de caça locais. No século XIX foram usadas contribuições de sangue de Greyhound para se obter cães mais rápidos. O Magiar Agar (em húngaro Agar significa galgo) chegou na França nos anos 80.

Fino, alto e forte.

3

Lebréis de pêlo curto

Raças grandes de 25 a 45 kg

País de origem
Hungria

Nome de origem
Magyar Agar

10

Cabeça
De perfil e de cima: em forma de triângulo alongado. Crânio relativamente largo. Stop leve. Focinho potente. Maxilares fortes. Bochechas fortes.

Olhos
De tamanho médio, castanhos de preferência.

Orelhas
Fixadas bastante alto, de tamanho médio, não muito finas, mantidas semi caídas em forma de V.

Corpo
Alongado, musculoso. Pescoço não muito longo, bem musculoso. Peitoral relativamente largo. Peito profundo, não muito chato. Dorso firme, bastante largo, reto. Lombo ligeiramente curvado. Garupa larga, pouco caída. Ventre ligeiramente erguido.

Membros
Longos, secos, potentes, bem musculosos, boa ossatura.

Cauda
Longa, não muito fina, ponta ligeiramente recurvada, sempre mantida acima da horizontal.

Pêlo
Rente, não muito fino. Espesso no inverno.

Pelagem
Todas as cores são admitidas; uniforme. Picotadas de manchas ou riscas escuras mais ou menos verticais num fundo branco.

Tamanho
Macho: de 75 a 70 cm. Fêmea: um pouco menor.

Peso
Macho: aproximadamente 30 kg. Fêmea: aproximadamente 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Rústico, ativo, tenaz, ousado, esse cão, mais rápido e mais resistente que o Grayhound, infatigável na perseguição, é utilizado na Hungria para alcançar na corrida e matar as lebres e raposas. Seu faro é medíocre. Meigo, afetuoso, calmo e devotado, é um companheiro apreciado. Ele é muito independente, porém equilibrado. Sua educação deverá ser firme.

Conselhos
A rigor, ele pode adaptar-se à vida da cidade, desde que possa correr regularmente. Como no caso dos outros galgos, deve-se evitar deixá-lo se aproximar do gado. Escovar duas vezes por semana. Ele não gosta do frio.

Utilização
Caça, companhia.

Pequeno galgo Italiano

Raça muito antiga, talvez descendente após mutação do Galgo egípcio, que chegou à Itália no século V a.C., passando pela Grécia, como demonstram várias representações sobre vasos e ânforas. Muito difundido durante o Império Romano e a Idade Média, o seu maior desenvolvimento situa-se na época do Renascimento, na corte dos nobres. Não é raro encontrarmos o Pequeno Galgo da Itália pintado pelos maiores mestres italianos e estrangeiros. Esse cão seduziu os grandes desta época, de Francisco I a Frederico, o Grande. Devido a uma certa degenerescência da raça pela miniaturização seguiu-se um período de esquecimento. Após a Segunda Guerra Mundial a raça foi revitalizada e reencontrou suas características anteriores. Em 1968 foi estabelecido um padrão. Na França seu número é reduzido.

O menor dos Galgos. Greyhound ou Sloughi em miniatura. Extremamente delgado. Modelo de graciosidade, de distinção e elegância. Pele fina esticada. Movimento saltitante. Galope rápido e descanso bem característico.

3

Lebréis de pêlo curto

País de origem
Itália

Nome de origem
Piccolo Levriero Italiano

Outros nomes
Galgo da Itália,
Galgo Italiano

10

Raças pequenas menos de 10 kg

Cabeça
Alongada, estreita. Crânio chato. Stop muito pouco marcado. Focinho em ponta. Bochechas secas. Lábios finos.

Olhos
Grandes, de cor escura. Bordas das pálpebras pigmentadas.

Orelhas
Fixadas alto, pequenas. Dobradas sobre si mesmas, mantidas para traz na nuca e na parte superior do pescoço.

Corpo
Inscritível em um quadrado. Pescoço em forma de cone truncado, sem papadas. Cernelha bastante pronunciada. Peito profundo, bem rebaixado, estreito. Dorso de contorno convexo. Garupa muito inclinada, larga e musculosa.

Membros
Finos, musculatura seca. Patas quase ovais, pequenas. Dedos densos, arqueados. Almofadas plantares pigmentadas.

Cauda
Fixada baixo, delgada mesmo na raiz, afinando-se progressivamente até a ponta. Mantida baixo e reta na sua primeira metade para em seguida se recurvar. Pêlo rente.

Pêlo
Rente, fino em todo o corpo.

Pelagem
Unicolor ou preta, cinza, cinza ardósia e amarela, em todas as nuances possíveis. O branco é tolerado apenas no peito e nos pés.

Tamanho
De 32 a 38 cm.

Peso
No máximo 5 kg.

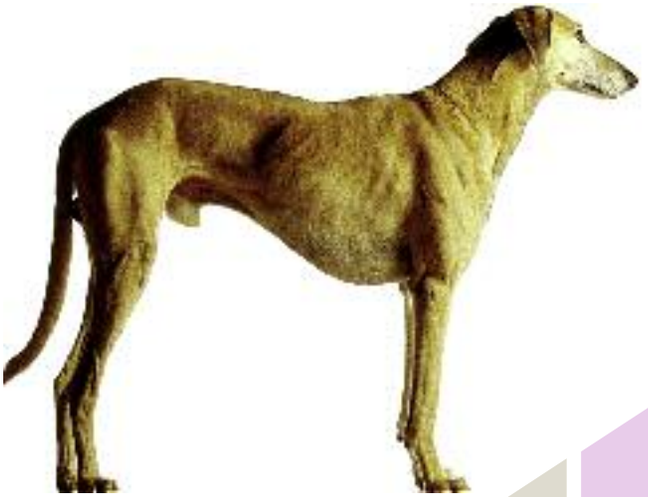
Temperamento, aptidões, educação
Esse Greyhound em miniatura é freqüentemente agitado, com tremores. Apesar de uma impressão de gracilidade e fragilidade, ele é um cão vivo, dinâmico, resistente e ágil. Ele gosta de caçar as pequenas presas (coelhos, lebres). Afetuoso, sensível, muito carinhoso, alegre e brincalhão, é um companheiro encantador. Silencioso e reservado, ele se distancia dos estranhos. Deve ser educado com suavidade mas com firmeza.

Conselhos
Adapta-se à vida na cidade, mas deve poder desenvolver grande atividade. Não suporta o isolamento. Não gosta do frio e da chuva. Deve ser escovado regularmente.

Utilização
Cão de companhia.

Sloughi

Ele provavelmente se originou do grande Galgo do Egito e é ligado às populações árabes que ocuparam a África do Norte. O seu nome viria de Sloughia na Tunísia. Ele está principalmente presente no Marrocos, onde é utilizado para a caça às lebres e às gazelas. Após a guerra de colonização da Algéria, soldados levaram para a França os primeiros espécimes ao redor de 1860. Ele era mantido como cão de luxo porque a utilização do Galgo para a caça estava proibida desde a lei francesa de 1884. No Ocidente ele é atualmente uma das raças de Galgos mais raras.



Atitude nobre, altiva. Seco. Musculoso. Pele muito fina, sem dobra nem papada.

Raças grandes de 25 a 45 kg

3

Lebréis de pêlo curto

País de origem
Marrocos

Outro nome
Galgo árabe

10

Cabeça
Alongada, elegante, fina, mas bastante imponente. Crânio chato, bastante largo, arredondado na sua parte posterior. Stop ligeiramente marcado. Cana nasal reta. Focinho em forma de cunha alongada. Maxilares fortes. Lábios finos e flexíveis.

Olhos
Grandes. Ligeira obliqüidade das pálpebras. Escuros ou cor de âmbar, se a pelagem for clara.

Orelhas
Fixadas alto, caídas, com muitas manchas na cabeça, não muito grandes, de forma triangular, arredondando-se ligeiramente em suas extremidades.

Corpo
Inscritível dentro de um quadrado. Pescoço longo sem papada. Peito não muito largo, profundo. Costelas chatas. Dorso curto, quase horizontal. Grupa com muitos ossos, oblíqua. Ventre e flancos bem erguidos.

Membros
Longos, finos, musculosos. Patas magras, de um oval alongado.

Cauda
Fina, magra, mantida abaixo da linha do dorso.

Pêlo
Muito rente, cerrado e fino.

Pelagem
Cor de areia. Areia claro, com ou sem máscara preta. Cor de areia ruço com ou sem manto preto. Areia encarvoada (fundo mais ou menos claro sombreado de preto, de marrom ou de azul). "Bringé" (riscas escuras mais ou menos verticais num fundo branco).

Tamanho
Macho: de 66 a 72 cm.
Fêmea: de 61 a 68 cm.

Peso
De 30 a 32 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito robusto, paciente, ativo, excelente na corrida, ele caça a gazela usando a visão. Independente, dotado de um caráter afirmado e desconfiado, ele é muito apegado ao seu dono, demonstrando-lhe uma afeição apenas discreta. Ele raramente late e é muito reservado com relação a estranhos; talvez seja o mais desconfiado dos Galgos. É um bom cão de guarda. Sua educação deverá ser conduzida com firmeza.

Conselhos
Com rigor ele pode adaptar-se à vida na cidade, sob a condição de se beneficiar de longas saídas diárias. Ele não gosta do frio. Deve ser escovado duas ou três vezes por semana.

Utilização
Caça, guarda, companhia.

Graça. Elegância. Força. Potência muscular. Movimento amplo, rente ao solo.

Whippet

A raça foi criada no norte da Inglaterra, há mais ou menos um século, para substituir o Fox-Terrier de caça à Lebre. Teria se originado de cruzamentos entre diferentes Terriers (Fox, Bedlington), o Pequeno Galgo italiano e o Greyhound. Tornou-se cão de competição dos mineiros. O seu nome seria devido à expressão Whip up (chicotada) ou à whip it (rápido como o relâmpago). A raça foi reconhecida na Inglaterra em 1902. Esse Greyhound miniatura se difundiu bem nos outros países. Em 1953 foi criado um Club na França. Depois de ter sido abandonado durante algum tempo, esse cão voltou a adquirir uma certa preferência.

3

Lebréis de pêlo curto

País de origem
Grã-Bretanha

Outro nome
Galgo anão

10

Raças pequenas menos de 10 kg

Temperamento, aptidões, educação

Rústico, robusto, ele caçava o coelho. Entre os mais rápidos do mundo, dotado de uma enome potência de propulsão, proporcionalmente ao seu tamanho, apresenta mais performance que o Greyhound. Ele é o primeiro nas provas de racing em pistas de corrida e coursing (caçar com cães) em percurso variável. Muito afetuoso, terno, de uma grande sensibilidade, meigo com as crianças, calmo e silencioso, é um companheiro encantador. Não é um cão de guarda. Sua educação deverá ser feita sem brutalidade.

Conselhos

Adapta-se à cidade, mas deve poder desenvolver grande atividade para o seu equilíbrio. Ele teme a solidão. Não gosta do frio. Cão muito limpo. Bastam uma ou duas escovações semanais.

Utilização

Cão de corrida. Cão de companhia.

Cabeça
Longa, fina. Crânio chato, longo. Stop ligeiro. Cor da trufa em harmonia com a cor da pelagem.

Olhos
Ovais, brilhantes.

Orelhas
Pequenas, de textura fina, mantidas "em forma de rosa".

Corpo
Inscrito dentro de um quadrado. Pescoço longo, musculoso com uma elegante curvatura. Tórax muito alto. Costelas bem arqueadas. Dorso largo, um tanto longo. Lombo nitidamente curvado. Patas posteriores fortes. Abdomen erguido.

Membros
Secos, musculosos. Patas muito nítidas. Dedos bem separados. Almofadas plantares espessas.

Cauda
Longa, afinada, mantida abaixo da linha do dorso.

Pêlo
Curto, fino e cerrado.

Pelagem
Todas as cores ou combinações de cores.

Tamanho
Macho: de 47 a 51 cm.
Fêmea: de 44 a 47 cm.

Peso
Aproximadamente 10 kg.

Raças particulares

Gravura de J. Bungartz.
Enciclopédia alemã fim do século XIX.
Col. Jonas/Khartbine-Taspabor, Paris

Certas raças inscritas na Federação Canina Internacional praticamente não são mais representadas, com exceção de algumas espécies, ou permanecem muito confidenciais. Outras se impuseram pouco a pouco, porém ainda não receberam a homologação. Essas raças "novas" ou, mais exatamente "recém formadas" (Y. Surget), muitas vezes são variedades de raças existentes.

As raças que se tornaram raras

Bouvier das Ardenas

Segundo alguns, o Bouvier das Ardenas teria se originado do cruzamento entre o Bouvier de Flandres e o Pastor Picard. Segundo outros, ele seria um cão autóctone, provavelmente surgido ao redor do século XVIII a partir de cruzamentos entre diversas raças de pastores locais.

Grupo 1 - Seção 2
Boiadeiros

País de origem: Bélgica

Cabeça
Maciça, um tanto curta. Stop pouco acentuado. Focinho curto e largo com barbicha. Lábios ajustados.

Olhos
De cor escura. Os olhos amarelos e de cores diferentes não são admitidos.

Orelhas
Não cortadas. As orelhas chatas não são toleradas. As orelhas retas de pontas rebatidas para a frente e as semi-retas dobradas de lado são admitidas.

Corpo
De comprimento médio. Pescoço curto e espesso. Linha de cima (dorso, lombo, garupa) horizontal, larga e potente. Peito largo. Tórax largo, profundo. Costelas arredondadas. Ventre magro, não elevado.

Membros
Fortes. Patas redondas com dedos justos. Não deve haver "ergots" nos membros posteriores.

Cauda
Geralmente ausente; caso contrário deverá ser amputada no comprimento de uma vértebra.

Pêlo
Duro, eriçado, de 5 cm de comprimento. Deve ser mais curto sobre a cabeça e sobre os membros. O subpêlo é muito espesso.

Pelagem
Todas as cores são admitidas.

Tamanho
Aproximadamente 60 cm.

Peso
De 22 a 25 kg.

Temperamento, aptidões , educação
Animal rústico, habituado a viver ao ar livre, ao trabalho rude de cão de guarda e de condutor de gado, onde é excelente. Resistente, aplicado, vigilante e desconfiado em relação a estranhos. Muito afetivo e obediente para com seu dono.

Conselhos
Não é um cão de cidade. Ele precisa de espaço e de exercícios. É necessário escovar regularmente.

Utilização
Pastoreio, guarda, companhia.

Podengo canário

Esse cão de origem egípcia foi provavelmente importado nas ilhas Canárias pelos Fenícios, Gregos, Cartagineses e pelos próprios Egípcios. É uma das mais antigas raças pelo fato de encontrarmos vestígios dela nas tumbas dos faraós. É utilizada na caça aos coelhos.

Grupo 5 - Seção 7
Tipo primtivo – Cães de caça

País de origem: Espanha
Nome de origem: Podenco Canario
Outro nome: Galgo das Canárias

Cabeça
Alongada, em forma de cone truncado. Rugas crânio-faciais paralelas. Crânio mais longo que largo, achatado. Stop pouco marcado. Focinho largo. Trufa cor de pele. Lábios finos e esticados.

Olhos
Em forma de amêndoa, pequenos, oblíquos. De cor âmbar, mais ou menos escuros.

Orelhas
Bastante grandes, largas na base e terminadas em ponta, eretas.

Corpo
Ligeiramente mais longo do que alto. Pescoço bem musculoso, sem papada. Peito bem desenvolvido. Costelas ovais. Dorso forte. Garupa de ossatura sólida. Ventre erguido.

Membros
Ossatura fina, musculatura seca. Patas redondas. Almofadas plantares firmes.

Cauda
Redonda, pendente ou levantada em forma de foice. Ela é geralmente branca.

Pêlo
Curto, liso, denso.

Pelagem
De preferência vermelha e branca, o vermelho podendo ser mais ou menos intenso, indo do laranja ao vermelho escuro (acaju). Todas as combinações de cores.

Tamanho
Macho: 55 a 64 cm.
Fêmea: 53 a 60 cm.

Peso
Aproximadamente 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Extremamente resistente, corajoso, com dinamismo ardente, esse cão é agitado, rápido, ativo. Agradável companheiro, pacífico, ele não tem nada de cão de guarda. Seu faro prodigioso o torna um excelente cão farejador de pista.

Conselhos
Precisa de espaço e de exercícios. Escovar regularmente.

Utilização
Cão de caça (coelho). Cão de companhia.

Sabujo da Bósnia de pêlo duro

As origens dessa raça, criada no século XIX e cuja pelagem lembra a do Griffon Nivernês, deixam aparecer sangue de Griffon, segundo alguns, misturado com Molossídeos. Ela foi primeiro denominada "Cão sabujo da Ilíria" antes de ser reconhecida em 1965 sob o seu nome atual.

Grupo 6 - Seção 1
Cães sabujos

País de origem: Bósnia, ex Iugoslávia
Nome de origem: Bosanski Ostrodlaki Gonic Barak, Barak
Outro nome: Cão corredor da Ilíria

Cabeça
Longa e medianamente larga. Testa ligeiramente convexa. Arcadas superciliares muito pronunciadas. Stop em declive suave. Cana nasal reta. Focinho forte, longo, retangular coberto de bigode denso e de barba. Trufa larga. Lábios bem esticados, espessos.

Olhos
Grossos, ovais, castanhos.

Orelhas
De comprimento médio, largas. Pendentes, um pouco espessas.

Corpo
Um pouco mais longo do que alto. Pescoço musculoso. Cernelha medianamente pronunciada. Peito longo, de largura média. Costelas pouco arredondadas. Dorso largo e musculoso. Garupa larga e ligeiramente oblíqua. Ventre um tanto erguido.

Membros
Musculosos e fortes. Patas de gato. Dedos bem juntos.

Cauda
Grossa na base, torna-se mais fina em direção a extremidade. Ligeiramente recurvada para o alto, em cimitarra. Pêlo abundante.

Pêlo
Longo, duro, hirsuto, eriçado. Subpêlo abundante.

Pelagem
De cor amarela frumenta, amarela-avermelhada, cinza de terra ou enegrecida. Encontram-se com freqüência marcas brancas sobre a cabeça, abaixo do pescoço, sobre o peito, abaixo da região do tórax, na parte inferior dos membros e na extremidade da cauda.
A cor pode ser combinada em bicolor ou tricolor.

Tamanho
De 46 a 56 cm.

Peso
De 16 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Robusto, resistente, perseverante, corajoso, ele é dotado de um temperamento vivo. Sua voz é sonora e profunda. Ele é bom para todas as caças, em qualquer lugar. Afetuoso, meigo e pacífico, é um agradável companheiro. Ele precisa de uma autoridade firme.

Conselhos
Ele precisa de espaço e muitos exercícios. Escovar diariamente.

Utilização
Caça, companhia.

Sabujo helênico

Esse cão, de origem grega muito antiga, descenderia dos cães corredores trazidos para o Egito pelos Fenícios. É pouco conhecido fora de seu país.

Grupo 6 - Seção 1
Cães sabujos

País de origem: Grécia
Nome de origem: Hellinikos Ichnilatis
Outro nome: Cão corredor helênico

Cabeça
Longa. Crânio Chato. Stop pouco pronunciado. Cana nasal, retilínea ou ligeiramente convexa. Maxilares fortes. Lábios bastante desenvolvidos.

Olhos
De tamanho normal, de cor castanha.

Orelhas
Médias, inseridas alto, chatas, arredondadas na extremidade inferior, caídas.

Corpo
Um pouco mais longo do que alto. Pescoço potente, musculoso, sem papada. Peito bem desenvolvido. Costelas ligeiramente em círculo. Dorso longo e reto. Lombos ligeiramente arqueados, curtos, fortes, bem musculosos. Garupa longa, larga, pouco pendente. Ventre ligeiramente erguido.

Membros
Musculosos, robustos. Patas arredondadas, compactas. Dedos fortes e muito juntos.

Cauda
Curta, grossa na raiz e afinando-se ligeiramente em direção à sua extremidade e mantida em movimento como um sabre.

Pêlo
Rente, denso, um pouco duro.

Pelagem
Preta e "fogo". Uma pequena mancha branca no peito é tolerada. As mucosas visíveis, o nariz e as unhas são pretas.

Tamanho
Macho: de 47 a 55 cm.
Fêmea: de 45 a 53 cm.

Peso
De 17 a 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
De uma resistência muito grande, vigoroso, vivo, esse cão é dotado de um olfato sutil e sua voz harmoniosa atinge grandes distâncias. Excelente na corrida em terreno difícil, ele persegue qualquer caça sozinho ou em pequenas matilhas. Não está muito adaptado para o papel de companheiro. Ele precisa de uma educação firme.

Conselhos
Ele precisa de espaço e de muitos exercícios. Escovar regularmente.

Utilização
Cão de caça.

Braco da Stíria

C. Peintinger, industrial na Stiria, criou a raça em 1870 cruzando uma fêmea do Cão Vermelho de Hanôver com um cão sabujo da Istria de pêlo duro.

Grupo 6 - Seção 1
Cães sabujos

País de origem: Áustria

Nome de origem: Steirische Rauhhaarbracke, Sterische Rauhhaarige, Hochgebirgsbracke

Outro nome: Peintinger Bracke, Cão sabujo da Stiria

Cabeça
Crânio ligeiramente arredondado. Stop marcado. Focinho sólido, reto. Lábios não acobertadores.

Olhos
De cor castanha.

Orelhas
Não muito grandes, aplicadas chatas sobre as bochechas, cobertas por um pêlo fino.

Corpo
Sólido. Pescoço forte, não muito longo. Peito bem rebaixado, largo. Dorso reto e largo. Lombo medianamente erguido. Garupa oblíqua.

Membros
Bem musculosos, sólidos. Patas com dedos bem densos e curvados. Almofadas plantares duras.

Cauda
De comprimento médio, forte na raiz, bem guarnecida, nunca enrolada mas mantida acima ligeiramente em forma de foice. A face inferior em forma de escova.

Pêlo
Rude, duro, áspero. Na cabeça o pêlo é mais curto do que no resto do corpo.

Pelagem
Vermelha e amarela pálida. A estrela branca no peito é admitida.

Tamanho
Macho: de 47 a 53 cm.
Fêmea: de 45 a 51 cm.

Peso
Aproximadamente 18 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Esse cão é robusto, ativo, resistente às intempéries, de uma tolerância considerável. Tendo um bom latido, é utilizado para forçar a pequena caça e também como especialista da procura, farejando sangue em terrenos montanhosos difíceis. É afetuoso e meigo, mas não um cão de companhia. Ele precisa de uma autoridade rigorosa.

Conselhos
Ele necessita de espaço e de exercícios. Escovar diariamente.

Utilização
Cão de caça.

Sabujo dos Balcãs

Segundo a lenda, seus ancestrais vindos do Egito teriam sido introduzidos na Europa pelos Fenícios ao redor de 1000 a .C.

Grupo 6 - Seção 1
Cães sabujos

País de origem: Iugoslávia
Nome de origem: Serbski Gonic Balkanski Gonic
Outros nomes: Cão sabujo dos Balcãs
Sabujo sérvio

Cabeça
Longa. Crânio medianamente largo. Testa ligeiramente arredondada. Arcadas superciliarias bem pronunciadas. Stop leve. Cana nasal reta. Focinho longo. Lábios bem desenvolvidos, esticados e pretos.

Olhos
Ovais, de cor castanha, pálpebras pretas.

Orelhas
De comprimento médio, chatas, bem aplicadas sobre as bochechas, medianamente largas.

Corpo
Mais longo do que alto. Pescoço, ligeiramente arqueado, muito forte, sem papado. Cernelha muito pouco marcada. Antepeito largo. Peito longo. Costelas arredondadas. Dorso longo e largo. Garupa longa, forte, pouco inclinada. Flancos ligeiramente erguidos.

Membros
Bem musculosos, potentes. Patas redondas. Dedos arqueados e bem juntos.

Cauda
Forte na base, afina-se progressivamente em direção à extremidade. Mantida baixa e ligeiramente em sabre.

Pêlo
Curto, cerrado, um pouco grosseiro, brilhante. Subpêlo.

Pelagem
Cor de fundo ruivo raposa ou ruivo frumento com manto ou sela preta. A cobertura preta chega até a cabeça com uma mancha preta dos dois lados das fontes.

Tamanho
Macho: de 46 a 54 cm.
Fêmea: de 44 a 52 cm.

Peso
Até 20 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Incansável, paciente na perseguição, vivo, esse cão possui um temperamento nervoso e um bom caráter, dócil. Dotado de uma voz alta, muitas vezes profunda, ele caça a lebre, o cervo, o javali e demonstra ser um cão de pista enérgico para a procura de animais feridos. Ele precisa de uma autoridade rigorosa.

Conselhos
Ele precisa de espaço e de muitos exercícios. Escovar regularmente.

Utilização
Cão de caça.

Braco alemão de pêlo duro

Este Griffon alemão, que surgiu em Frankfurt no início do século XX tornando-se atualmente bastante raro, é o produto do cruzamento de Griffons e Bracos. Para alguns, ele seria o ancestral do Drahthaar. Em uma escala menor, ele se parece ao Korthals.

Grupo 7 - Seção 1
Cães de aponte continentais

País de origem: Alemanha
Nome de origem: Deutscher Stichelhaariger Vorstehhund, Stichelhaar
Outro nome: Cão de aponte alemão de pêlo duro

Cabeça
Média, não muito pesada. Stop ligeiro. Cana nasal, longa. Bigode no focinho.

Olhos
Ligeiramente ovais, de tamanho médio, castanhos ou mais claros. Sobrancelhas abundantes e espessas.

Orelhas
Fixadas alto, de comprimento, médio, arredondadas nas suas extremidades, caídas.

Corpo
Forte. Pescoço potente. Peito profundo. Dorso largo e reto. Lombo largo e curto. Garupa não muito curta, pouco caída. Ventre bastante erguido.

Membros
Musculosos. Patas redondas. Solas duras.

Cauda
De comprimento médio. Reta ou, no máximo, ligeiramente curvada para o alto. Ela pode ser ligeiramente amputada. Pêlo abundante.

Pêlo
Sobre o corpo, de um comprimento de cerca de 4 cm., duro, rijo. Acima dos ombros, na parte inferior do corpo, pêlo um pouco mais longo. Subpêlo espesso no inverno. Franjas atrás dos membros.

Pelagem
Marrom e branca, aparentemente de um cinza escuro misturado ou com manchas escuras isoladas muito grandes.

Tamanho
Macho: de 60 a 66 cm.
Fêmea: um pouco menor

Peso
De 25 a 30 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Esse cão é bom em todos os terrenos e para todas as caças. Ele é excelente na procura da caça ferida (cão vermelho). Aceitando um único dono, ele pode ser agressivo com os estranhos. Requer uma educação rigorosa.

Conselhos
Ele precisa de espaço e de exercícios. Escovar regularmente.

Utilização
Cão de caça.

Braco Dupuy

Raça muito antiga, conhecida desde o século XVIII e que leva o nome do criador que a criou. Ela teria se originado do cruzamento entre o Braco do Poitou e o Pointer ou, de preferência, do cruzamento entre o antigo Braco francês e o Galgo Greyhound ou o Sloughi. No início do século XX ele foi muito difundido no Poitou e no oeste da França. Hoje em dia ele praticamente desapareceu.

Grupo 7 - Seção 1
Cães de aponte continentais

País de origem: França
Outro nome: Braco Galgo

Cabeça
Longa, estreita, fina, seca. Crânio estreito, longo, arredondado. Occipital muito acentuado. Inexistência de stop. Cana nasal, longa, estreita, de curvatura convexa. Trufa marrom escura, larga. Lábios finos, secos, ajustados.

Olhos
Dourados ou escuros.

Orelhas
Um tanto longas, estreitas, muito finas e flexíveis, bem encrespadas e ligeiramente voltadas para trás.

Corpo
Magro e alto. Pescoço muito longo, leve, fino, sem papada. Cernelha desimpedida. Peito alto, bem rebaixado, profundo. Costelas chatas. Dorso bem sustentado. Lombo ligeiramente em forma de harpa, potente, um tanto curto. Esterno muito desenvolvido. Flancos um pouco côncavos e levantados.

Membros
Fortes, estrutura óssea bem desenvolvida. Patas alongadas, muito secas. Dedos muito juntos.

Cauda
De grossura média, bastante longa, mantida baixa, ou muito ligeiramente recurvada. Bastante guarnecida de pêlos.

Pêlo
Mais ou menos curto, sempre liso. Rente e muito fino na cabeça e nas orelhas. Áspero ao toque no dorso e nos lombos.

Pelagem
Branca e marrom escura. Fundo da pelagem de um bonito branco com manchas marrons mais ou menos largas ou pelagem marrom com ou sem pintas, manchas de cor de mármore, marrom aparente, principalmente sobre os membros anteriores.

Tamanho
Macho: de 67 as 68 cm.
Fêmea: de 65 a 66 cm.

Peso
Aproximadamente 30 kg.

Temperamento, aptidões,educação
Rápido, flexível, dotado de um ótimo faro, apontando corretamente a caça, este cão era muito apreciado para a caça em planícies.

Conselhos
A vida no campo lhe convém.

Utilização
Cão de caça.

Grifo de pêlo lanoso

O Grifo selecionado por E. Boulet no século XIX é um cão apontador de pêlo longo, parecido com o Barbet não crespo. Essa raça de Grifo lanoso que, para alguns, descenderia do Barbet, já existia há muito tempo no norte da França. Boulet a melhorou ao redor de 1880 cruzando-a, segundo alguns, com Bracos, Poodles e Cães pastores. Ele tornou-se muito raro na França.

Grupo 7 - Seção 1
Cães de aponte continentais. Tipo Griffon

País de origem: França
Outro nome: Griffon Boulet

Cabeça
Aspecto brenhoso. Focinho longo, largo, quadrado, guarnecido de um vasto bigode. Trufa dourada ou escura.

Olhos
Amarelos. Espessas sobrancelhas podem cobrir ligeiramente os olhos.

Orelhas
Fixadas bastante baixo, pendentes, ligeiramente enroladas, guarnecidas de pêlos lisos ou ondulados.

Corpo
Cheio. Pescoço um pouco longo. Peito largo e profundo. Lombo forte.

Membros
Fortes, musculosos. Patas um pouco alongadas.

Cauda
Reta, mantida numa boa posição, sem profusão de pêlos erguidos e afastados (panacho).

Pêlo
Longo, semi-sedoso, liso ou ondulado, nunca crespo.

Pelagem
Marrom folha morta, com ou sem branco, mas isento de grandes manchas brancas.

Tamanho
Macho: de 55 a 60 cm.
Fêmea: de 50 a 55 cm.

Peso
De 20 a 25 kg.

Temperamento, aptidões, educação
Muito resistente, dotado de um excelente faro, ele trabalha muito bem tanto na terra como nos pântanos. Bem protegido com sua pelagem, ele não teme nem o frio nem as intempéries. A sua busca é restrita, não rápida, porém metódica. É um agradável companheiro.

Conselhos
Ele precisa de espaço e de exercício. Escovar regularmente.

Utilização
Cão de caça. Cão de companhia.

Gravura de J. Bungartz.
Enciclopédia alemã fim do século XIX.
Col. Jonas/Kharbine Tapador, Paris.

Raças em processo de reconhecimento

Cães Pastores

Alapaha Blue Blood Bulldog (Estados Unidos):
cão originado do Bulldog inglês, criado pela família Lane na Georgia, com tamanho de 51 a 63 cm, e peso de 23 a 40 kg. Cabeça maciça, olhos proeminentes, stop marcado. Pêlo curto e de várias cores. Ele é também cão de guarda e companheiro.

Pastor branco (Estados Unidos):
variedade de Pastor alemão na qual foi fixada a cor branca. De tamanho de 55 a 65 cm, com peso de cerca de 40 kg, esse cão tornou-se um animal de companhia. Foi criado um club francês.

Pastor da América do Norte (Estados Unidos):
é uma cópia miniatura do Pastor australiano. De tamanho de 33 a 46 cm. e de peso de 7 a 13,5 kg., esse cão de pêlo de comprimento médio, tem uma pelagem de cores variadas. Tornou-se também animal de companhia.

Lancashire Heeler (Ormskirk Terrier):
produto do cruzamento entre o Welsh Corgi e o Terrier de Manchester, esse cão originário da Grã-Bretanha, de patas curtas, corpo alongado, de tamanho de 25 a 30 cm, peso de 3,5 a 7 kg., apresenta pêlo curto e pelagem preta e cor de fogo. Esse bouvier que morde os cascos dos bovinos (heeler), conhecido no seu condado inglês de origem, é também um cão que pega ratos e um caçador de coelhos. Em 1986 foi publicado um padrão provisório. É raro fora da Grã-Bretanha.

Cão de fazenda dinamarquês (Dinamarca):
produto do cruzamento entre diversas raças que vivem na Dinamarca, esse cão, de tamanho de 26 a 30 cm, e peso de 12 a 14 kg., tem o pêlo rente e pelagem de cores variáveis.

Huntaway da Nova Zelândia:
esse cão pastor, de tamanho de 51 a 61 cm, e peso de 18 a 30 kg, com orelhas semi-eretas, de pêlo curto, de cauda espessa e franjada, possui uma pelagem preta com manchas cor de fogo.

Cão corso:
raça antiga, linha média, de tamanho de 41 a 58 cm, com peso de 20 a 30 kg, de pêlo curto ou semi-longo, de pelagem fulva "bringé" (riscas escuras mais ou menos verticais num fundo branco) ou fulva "charbonné" (fundo mais ou menos claro, sombreado de preto, de marrom ou de azul), muitas vezes com uma máscara preta. Em 1989 foi criada uma associação para a sua salvaguarda.

Akbash (Coban Kopegi):
esse cão pastor, de origem turca, é utilizado nos Estados Unidos. De tamanho de 71 a 86 cm, com peso de 40 a 50 kg, de pêlo espesso e branco, ele teria como ancestrais o Komondor, o Kuvasz e o Pastor das Tatras.

Pastor do Himalaia (Índia):
Esse cão, de origem desconhecida, mede de 51 a 66 cm, pesa de 23 a 41 kg, seu pêlo é espesso, áspero e o sua pelagem de cores variáveis.

Pastor branco (Estados Unidos)

Cão de fazenda dinamarquês (Dinamarca)

Kyi Apso
(Dogue do Tibete, barbudo)

CÃES DE GUARDA

Cão das Canárias
(Perro de Presa Canario)

Boerbull ou mais exatamente Boerboel
(África do Sul)

ANTIGO BULLDOG INGLÊS (ESTADOS UNIDOS):
Com o objetivo de recriar o antigo Bulldog inglês, esta raça foi produzida no século XX pelo cruzamento de Bulldogs ingleses, Bullmastifs e "Pitbulls" americanos. De tamanho de 51 a 64 cm, com peso de 29 a 48 kg., esse cão apresenta uma cabeça maciça, um corpo fortemente constituído, tipo Mastiff, orelhas "em forma de rosa", um pêlo rente e um manto de cores variadas. Corajoso, determinado, pode ser agressivo.

BULL BOXER (GRÃ-BRETANHA):
esse cão, de criação muito recente, originou-se do cruzamento entre o Boxer e o Staffordshire Bull Terrier. De tamanho de 41 a 53 cm, com peso de 17 a 24 kg, essa raça, de corpo potente, de orelhas cortadas, de pêlo rente, apresenta uma pelagem de cor variada. É também um agradável companheiro

CÃO DAS CANÁRIAS (PERRO DE PRESA CANARIO):
esse antigo cão de combate espanhol teria se originado do cruzamento de uma raça local, o Bardino majero, desaparecido, com o Mastiff inglês. Esse cão potente mede de 55 a 65 cm, pesa de 38 a 48 kg. Sua cabeça é quadrada, o pêlo é rente, a pele bastante manchada. As cores de sua pelagem são: fulva, vermelha bringé, preta bringé, às vezes com marcas brancas. Corajoso, determinado, é um bom cão de guarda. É um companheiro agradável.

BOERBULL OU MAIS EXATAMENTE BOERBOEL (ÁFRICA DO SUL):
esse molosso potente é originário do ancestral do Boxer e, dos dogues ingleses (Mastiff, Bullmastiff) importados na África do Sul. Espécimes chegaram a Holanda em 1994. Ele pode medir até 70 cm. e seu peso varia de 60 a 70 kg. Cabeça larga, crânio chato, maxilares fortes. As orelhas são caídas, o pêlo é curto. Cauda amputada. A pelagem é bringé, amarela, cinza, vermelha escura ou marrom. É um cão de "proteção".

SANSHU (JAPÃO):
criado no início do século XX, ele se originou do cruzamento entre o Chow-Chow e o antigo cão japonês, o Aichi. Seu peso varia de 20 a 25 kg, para um tamanho de 45 a 55 cm. Seu corpo é curto, robusto, a cabeça é larga com olhos em amêndoa e orelhas retas, cauda recurvada, pêlo de comprimento médio, duro, rijo e uma pelagem de cor ferrugem, preta e fogo, marrom clara, cor de pimenta e sal ou branco. Corajoso, resistente, é um bom cão de guarda e um companheiro afetuoso.

KYI APSO (DOGUE DO TIBETE BARBUDO):
de origem muito antiga, seus ancestrais protegiam os acampamentos e carneiros dos nômades tibetanos. Seu tamanho é de 63 a 71 cm, e seu peso de 32 a 41 kg. O pêlo é longo e a cauda recurvada é bem franjada.

CÃES DE CAÇA

AMERICAN STAGHOUND (ESTADOS UNIDOS):
cão de cervo, se originou de cruzamentos entre o Galgo escocês, Greyhound e Galgo irlandês.

BLUETICK COONHOUND (ESTADOS UNIDOS):
esse cão sabujo, originado de cruzamentos entre Foxhound, Coonhound inglês, cães de guarda e cães sabujos franceses, variedade do Coonhound preto e fogo, mede de 51 a 69 cm, pesa de 20 a 36 kg, tem um pêlo rente e uma pelagem tricolor: um fundo branco salpicado de azul escuro com marcas fulvas. Criado no século XIX, na Louisiana, esse cão caça o racum.

CATAHOULA (CATAHOULA LEOPARD DOG):
Esse cão, símbolo do Estado da Louisiana, cujas origens antigas são mal conhecidas, mede de 51 a 66 cm e pesa de 18 a 30 kg. As orelhas são pendentes, o pêlo é rente. Os olhos podem ter cores diferentes. A pelagem é cinza com manchas pretas de formas irregulares e com marcas fulvas na cabeça e nos membros. Esse cão sabujo de grande matilha caça tanto grandes animais (urso) quanto o pequeno racum. Ele é utilizado como cão pastor e demostra ser um bom cão de guarda.

PLOTT HOUND (ESTADOS UNIDOS):

descendente de cães importados da Alemanha para os Estados Unidos pela família Plott no século XVIII e que foram cruzados com cães corredores ingleses, essa raça de cão sabujo caça o lobo, o puma, o coiote, o gato selvagem, o cervo, o urso e o javali... De tamanho de 53 a 64 cm, com peso de 18 a 29 kg. As orelhas são pendentes, o pêlo é curto, a pelagem é tricolor, branca, fogo com uma sela preta.

Redbone Coonhound (Estados Unidos):
essa variedade de Coonhound preto e fogo leva o nome de seu criador, P. Redbone, criador no Tennessee. Esse cão mede de 53 a 66 cm e pesa de 23 a 32 kg. O pêlo é curto e a pelagem vermelha uniforme. Ele caça o racum.

Redtick Coonhound (Estados Unidos):
parente próximo do Bluetick Coonhound, de tamanho de 51 a 69 cm, e peso de 20 a 36 kg, de orelhas caídas, seu pêlo é curto e sua pelagem ruiva avelã muito salpicada de manchas. Ele caça o racum e a raposa. Ele é também um bom cão de guarda.

Treeing Walker Coonhound (Estados Unidos):
outra variedade do Coonhound preto e fogo introduzido na Virgínia no século XVIII por Th. Walker. Esse cão sabujo é dotado para o treeing, ou seja, para forçar a caça a se refugiar dentro de uma árvore e permanecer dentro até a chegada dos caçadores. Ele caça o racum e o "opossum" (Mamífero marsupial da América). Seu tamanho é de 51 a 69 cm, e o seu peso é de 23 a 32 kg. Sua cabeça é sólida, as orelhas caídas, o pêlo é rente e o manto pode ser tricolor (preto, branco e fogo) ou bicolor (branco e fogo).

Trigg-Hound (Estados Unidos):
É uma variedade Fox-Hound americano, de tamanho de 51 a 61 cm, e com peso de 20 a 25 kg, de pêlo fino e cuja pelagem admite todas as cores. Esse cão sabujo resistente é dotado de um faro sutil.

Majestic Tree Hound (Estados Unidos):
de criação recente, esse grande cão de caça originado do Saint-Hubert cruzado com cães corredores, é utilizado para a caça aos grandes felinos e animais de grande porte. Seu faro é excelente e ele é dotado de uma bela voz. Grande, maciço, com dobras na face, o pêlo é curto e a pelagem uniforme ou de cores misturadas.

Mountain Cur (Estados Unidos):
produto do cruzamento de cães europeus introduzidos pelos colonos com cães locais, esse cão forte e robusto evoca o Cur, cão de guarda inglês desaparecido. Bom apontador, latindo raramente, esse cão sabujo é resistente e corajoso.

Lucas Terrier (Grã-Bretanha):
ele foi criado por Sir J. Lucas a partir do cruzamento entre o Sealyham Terrier e o Terrier do Norfolk, ocorrido nos anos cinqüenta. Seu tamanho é de 25 a 30 cm e seu peso de 4,5 a 6 kg. Pelagem de cores variáveis. Ele caça em matilha.

Lurcher (Grã-Bretanha):
é originário de cruzamentos entre cães do tipo Collie com galgos (Greyhound, Deerhound). Esse cão irlandês, semelhante a um pequeno galgo, tem um tamanho de 69 a 76 cm e um peso de 27 a 32 kg. Sua cabeça é longa, estreita, o corpo é longo, o pêlo é duro ou rente e a pelagem muitas vezes é bicolor: branca com uma capa e manchas escuras. Cão de caça corredor muito popular, principalmente entre os caçadores furtivos, ele é praticamente desconhecido fora da Irlanda.

Plummer Terrier (Grã-Bretanha):
seu criador, B. Plummer, realiza cruzamentos entre o Terrier tipo Fell (variedade do Patterdale Terrier), o Terrier do Reverendo Jack Russel, um Beagle americano e o Bull Terrier. Esse cão, de tamanho de 29 a 34 cm, com peso de 5,5 a 7 kg, de corpo compacto, orelhas caídas, pêlo curto, cerrado, branco e fulvo, é um excelente caçador de ratos.

Patterdale Terrier (Black Fell-Terrier) (Grã-Bretanha):
originário do norte da Inglaterra, ele deve seu nome ao vilarejo de Patterdale, no Cumberland, onde era muito conhecido. Seu tamanho é de 30 cm, seu peso é de 5 a 6 kg. cheio, bem constituído, de orelhas redobradas, seu pêlo é rente e sua pelagem é preta, preta e fogo, escura ou verme-lha. Destemido, tenaz, ele caça o coelho, a raposa e os ani-mais nocivos.

Kerry Beagle (Pocadan):
descendente de um cão de caça de cervo do sul da Irlanda, ele foi utilizado para a caça à lebre. Foi introduzido no século XX nos Estados Unidos onde desempenhou um papel na criação dos cães de caça sabujos americanos. Maior que o Beagle, seu tamanho é de 56 a 66 cm, e seu peso é de 20 a 27 kg. A cabeça é larga, as orelhas são pendentes, o pêlo é curto. A pelagem pode ser branca e fogo, azul e cor de fogo, preta e fogo ou tricolor.

Alano (Espanha):
ele foi criado através o cruzamento dos descendentes dos cães corredores celtas com os Dogues. Esse cão, que seria um ancestral do Dogue argentino, apresenta uma cabeça maciça, orelhas pendentes, um corpo bastante curto. Seu pêlo é curto, sua pelagem é vermelha com um focinho preto. Ele caça o javali.

Rastreador Brasileiro (Brasil):
ele é produto do cruzamentos entre o Foxhound americano, o Coonhound Preto e Fogo, o Treeing Walker Coonhound e o Bluetick Coonhound. Ele mede cerca de 65 cm e pesa cerca de 25 kg. Suas orelhas são pendentes, o pêlo é curto. A pelagem é preta e fogo ou, tricolor. Forte, corajoso, paciente, ele caça o jaguar.

Galgo de Rampur (Índia):
suas origens são incertas. Ele seria aparentado ao Galgo afegã, ou Sloughi. No século XIX foi realizada uma contribuição de sangue de Greyhound. Seu tamanho é de 56 a 76 cm, e seu peso varia de 23 a 32 kg. Seu pêlo é rente. É muito pouco conhecido fora do seu país de origem.

Spaniel de Saint-Usuge (França):
Em 1936 já existia um padrão para esse Spaniel de origem muito antiga, separado do Spaniel francês por uma diferenciação regional na Bourgogne e Franche-Comté. Esta raça poderá ser reconhecida.

Redbon Coonhound (Estados Unidos)

Lurcher (Grã-Bretanha)

Patterdale Terrier (Black Fell –Terrier) (Grã- Bretanha)

Catahoula
(Catahoula Leopard Dog)

Cães de companhia

Cão da Carolina (Cão Norte Americano):
ele seria de origem asiática. Foi descoberto na Carolina do Sul. Seu tamanho é de 55 a 56 cm., seu peso varia de 13 a 18 kg. Sua cabeça é alongada, suas orelhas são grandes e eretas. Olhos em amêndoa, castanhos escuros. O pêlo é curto e denso e sua pelagem amarela dourada. Inicialmente um cão pastor e de caça, ele tornou-se animal de companhia apesar de seu instinto selvagem.

Esquimó anão da América (Toy American Eskimo):
esse pequeno cão é descendente do Spitz. Ele mede de 28 a 31 cm e pesa de 3 a 5 kg. A sua cabeça lembra a da raposa, suas orelhas são eretas e sua cauda, recurvada no dorso, apresenta um belo "panache" (pêlos levantados e que se afastam em profusão). O pêlo é longo, espesso e a pelagem é de um branco puro. Ele é vigoroso e esportivo.

Kyi Leo

Kyi Leo:
selecionado na California nos anos 70, ele se origina do cruzamento entre o Lhassa Apso e o Bichon maltês. Tamanho de 23 a 28 cm, e peso de 6 a 7 kg, suas orelhas são pendentes, seu pêlo é longo, ligeiramente ondulado e a sua pelagem é mais freqüentemente bicolor: preta e branca. É um amável cão de salão.

Shiloh Shepherd (Estados Unidos):
criado nos anos 80 a partir do Pastor alemão, esse cão mede de 66 a 70 cm e pesa entre 36 e 50 kg. Suas orelhas são eretas

Toy Terrier American (Toy Fox-Terrier, Amertoy)

Toy Terrier American (Toy Fox Terrier, Amertoy):
surgido nos anos 30, ele é produto de cruzamentos entre o Fox-Terrier anão de pêlo liso, o Toy Terrier inglês e o Chihuahua. Ele mede de 24 a 25 cm e pesa de 2 a 3 kg. Seu crânio é em forma de cúpula, o stop é bem marcado. As orelhas são eretas, a cauda geralmente é amputada. Os olhos redondos são escuros, o pêlo é rente e o manto tricolor (branco com manchas pretas e feu) ou bicolores (branco e fogo, branco e preto). Vivo, alerta, também pega ratos. Ele é educado para auxiliar as pessoas deficientes no domicílio.

Prazky Krysavick ("Loucura do cão de Praga"):
esse pequeno cão foi criado há cerca de vinte anos atrás. Ele mede de 19 a 20 cm e pesa de 1 a 3 kg. Sua cabeça, de focinho estreito, é delicada. O pêlo é rente e fino.

Bichon Yorkie (Grã-Bretanha):
originado do cruzamento do Bichon de pêlo ondulado com o YorkshireTerrier, esse cão mede de 23 a 31 cm e pesa de 3 a 6 kg. Seu pêlo é denso e macio. Cores variadas.

Cão cantor da Nova Guiné:
raça conhecida no século XIX e desaparecida no século XX. Dois casais foram reencontrados nos anos 50 e 70, a partir dos quais tenta-se recriar a raça. De tipo similar ao dingo, esse cão mede de 35 a 38 cm, e pesa de 8 a 10 kg. Seu pêlo é curto e sua pelagem comporta diversos tons de vermelho com manchas brancas. Muitas vezes ele vive no seu estado selvagem. O seu uivo é melódico. Distante, imprevisível, ele talvez não seja o companheiro ideal!

Cackerpoo:
criado nos Estados Unidos a partir do cruzamento de Poodles anões e de Cockers americanos. Ele pesa de 9 a 11 kg e mede de 35 a 38 cm. Sua pelagem de cores variadas lembra a do Poodle.

Cão pelado Inca (Moonflower Dog):
esse cão pelado, descoberto pelos conquistadores espanhóis no século XVI, foi mantido pelos Incas até o início do século XX. Ele foi introduzido nos Estados Unidos e na Europa. Sua pele nua comporta somente um punhado de pêlos sobre a cabeça. Ele mede de 50 a 65 cm e pesa de 12 a 23 kg.

Dingo (Haliki, Warrigal, Noggum, Boolomo):
cão do tipo rafeiro, ele teria migrado para a Austrália, há mais de 20 000 anos no mesmo tempo que os aborígenes. Foi utilizado como cão de caça e cão de companhia. Não aceitando a domesticação, ele retornou ao estado selvagem. Ele mede até 53 cm e pesa de 10 a 20 kg. Seus olhos são amarelos e laranja. O pêlo é rente e a pelagem tem cores variadas, freqüentemente amarela, ruiva, preta e branca. Pode ser educado, mas a educação deve ser iniciada quando bem pequeno.

Cães de utilidade

Boulab (St-Pierre):
de origem canadense, ele foi criado em 1990 pelo cruzamento do Labrador com o Bouvier bernense para se obter um cão ativo como o Labrador e atento com seu dono como o Bouvier. Ele é um pouco maior que o Labrador mas tem a mesma pelagem. É um cão guia de cegos.

Labradoodle (Austrália):
ele é resultado do cruzamento praticado em 1989 entre o Grande Poodle e o Labrador. Ele mede de 54 a 65 cm e pesa de 25 a 35 kg. Seu pêlo apresenta anéis e sua pelagem cores variadas. É um cão guia de cegos e um bom companheiro.

Cães de trenó

Alaskan Husky (Alasca, Estados Unidos):
criado no início do século XX pelos mushers alaskans por cruzamentos de Huskies siberianos com cães índios locais e outras raças esportivas. O Alaskan Husky é o cão de trenó mais atuante do mundo, onde ele representa cerca de 90% dos cães que participam de competições. Ele mede de 45 a 65 cm e pesa de 18 a 26 kg, se parece com um cão de trenó nórdico.

Chinook (Estados Unidos):
criado por A. Walden no início do século XX através do cruzamento entre cães de esquimós, São Bernardo e Pastores belgas. Ele é muito raro e está até mesmo ameaçado de extinção. Seu peso é de 30 a 40 kg e seu tamanho de 53 a 61 cm. Ele apresenta uma grande força. Suas orelhas são pendentes ou cortadas. O pêlo é abundante, espesso e a pelagem é fulva. Ele também é um cão de guarda e um companheiro.

Esquimó do Canadá (Esquimau):
raça muito antiga, de tipo lupino. Seu tamanho é de 51 a 68 cm, seu peso é de 27 a 48 kg. As orelhas são eretas, o pêlo é espesso, denso. A cauda espessa é enrolada sobre o dorso. Para a pelagem todas as cores são admitidas.

Greyster (Noruega):
esse cão, ainda muito raro, se origina do cruzamento do Braco alemão com o Greyhound. Ele mede de 68 a 75 cm, e seu peso é de 25 a 35 kg. O pêlo é curto e a pelagem bringé (riscos verticais) ou marrom. É um corredor de velocidade em pequenas distâncias; não é um cão para corridas de resistência.

Husky do Alaska

2ª Parte

O cão na arte

Pintura de Andrea Mantegna (1431-1506), Itália
Quarto conjugal Saída para a caça
Detalhe: parte inferior (após restauração)
Gal. E Museo Di Palazzo Ducale, Mantoue
Col. Alinari-Giraudon, Paris.

O cão na Arte e na História

Tebas Bybân El Molouk,
Vasos, móveis e objetos diversos pintados
Nas tumbas dos reis Anubis, Deus dos mortos,
inclinado sobre a múmia do faraó,
Col. Selva, Paris.

Em todos os tempos os homens reproduziram os animais de seu meio ambiente. A arte rupestre, a arqueologia, a escultura e a pintura demonstram a importância do cão na sua vida cotidiana e também na sua imaginação. Cão de guarda, de caça ou de companhia, ele é também o guardião dos infernos ou dos agonizantes, símbolo da vigilância, da fidelidade e da obediência, ou então amaldiçoado, ligado à morte ou às forças do mal. Os cães foram também muito reproduzidos na heráldica, numismática e mais recentemente, nos selos.

O cão na arqueologia

Os cães realmente fazem parte de inúmeras representações de animais levantadas na arqueologia. Elas simbolizam de forma característica a importância do cão na época: de escravo a deus, os seus costumes variam de acordo com os lugares e períodos. A mais antiga pintura é um vasto baixo-relevo rupestre encontrado em Cueva Vieja, na Espanha de cerca de 10 000 anos antes de Cristo, onde um cão parece impedir a fuga de um servo: os primórdios da caça!

O cão deusificado

No Egito, o exemplo mais conhecido é o de Anubis, deus meio cão, meio chacal, encontrado a partir da XIXª Dinastia (cerca de 4 200 anos antes de Cristo). Devido à presença dos cães nas necrópoles, Anubis era o deus dos mortos: ele presidia as cerimônias fúnebres e os cuidados dados aos mortos, principalmente nos casos de embalsamamentos...
Na mitologia grega, o cão é uma criatura forjada pelo deus dos artesãos, Hefestos, assumindo assim uma origem divina que lhe confere uma posição privilegiada entre os animais.

O cão de trabalho e de guerra

Desde o início dos tempos o cão tem sido utilizado para ajudar o homem. Da posição de escravo que ele tinha no Oriente Próximo (cerca de 2 000 a.C, será que o ideograma do cão não é idêntico ao dos escravos nas escritas cuneiformes), o cão adquire progressivamente um lugar de fundamental importância entre as obras do homem.

Todas as representações de caça, ou quase todas, mostram os cães ao lado dos homens, como as cenas de caça aos grandes animais com Mastins nos muros que cercam a cidade neolítica de Catal-Hüyük, no Oriente Próximo. No Egito, desde antes da XVIIIª Dinastia, os cães ajudam o homem a caçar antílopes e gazelas. Por volta de 1 500 a.C. a multiplicação e a especialização das raças levam à criação de galgos, que são mais rápidos. As antigas cidades de Roma e da Grécia não são uma exceção à regra: os cães auxiliam os caçadores e são muitas vezes representados.

Os cães também têm o papel de guardiães, como Cérbero, conhecido na mitologia Grega por controlar o acesso das almas ao Inferno. No Extremo Oriente os cães denominados "de manchon" são os guardiães dos eunucos (3 470 a.C.). Na Roma antiga (Iº século d. C), o cão, preso em uma corrente, protege o domicílio: é o famoso Cave Canem (Cuidado com os cães) desenhado num mosaico de Pompéia.

Os cães auxiliam os soldados nas guerras. No Extremo Oriente, por volta de 1 000 a.C., cães da Mesopotâmia, principalmente Mastins, são muito procurados para a caça ao homem, como por exemplo, escravos em fuga. Na Índia, as esculturas de uma porta do templo Budista de Sanshi Tope evocam Molossos utilizados nas guerras. Igualmente, na Roma antiga, os cães de guerra possuem especialidades: os cães de defesa protegem a retaguarda, os cães de ataque são enviados para o front e os cães de comunicação fazem a ligação entre os diferentes postos do exército. A sua sorte não é mais agradável que a dos outros: as mensagens eram ingurgitadas à força por esses cães, que eram sacrificados ao chegarem.

O cão entra em casa

Embora a sorte do cão pareça pouco invejável nos tempos antigos, testemunhas demonstram que, às vezes, ele podia ser bem considerado e respeitado. Assim, durante o Novo Império egípcio, o cão ocupava uma posição tal, que maltratá-lo ou matá-lo era considerado uma infração judicial. Na Grécia antiga, os artistas descrevem o cão como um animal privilegiado para a companhia humana; os escultores Mesopotâmicos de Assurbanipal evocaram assim esse lugar específico no "Jeune satire au repos" (Jovem sátiro em repouso), peça guardada no museu do Louvre de Paris. Mas a integração real do cão na família é a representação em barro de um leito no qual um casal se encontra ternamente enlaçado; a seus pés um cão dorme um sono profundo. Esta escultura, absolutamente moderna quanto à noção de "amor" para com os cães, data no entanto da Gália, de aproximadamente 50 a.C.

O cão na pintura

Desde os primórdios da civilização, o cão prefigura na pintura aquele que denominamos, muitas vezes, o mais fiel companheiro do homem. Desde a pré-história – ao redor de 4 500 a.C. – aparecem as primeiras representações do cão nas pinturas rupestres. Certamente, esse animal está menos presente do que a caça, fonte principal de inspiração, mas ele figura sob a forma de cão de caça, cuja raça não se parece com nenhuma outra conhecida atualmente. É no Egito antigo que as pinturas do cão representam cães semelhantes aos de hoje.

No Império Romano, o guardião do lar

No Império Romano a posição do cão na sociedade evolui; ele detém então seu lugar de cão doméstico. É o guardião do lar e também uma importante ajuda para a caça. Ele aparece como um companheiro para todas as ocasiões, fiel e inteiramente dedicado ao seu dono. Estes cães são essencialmente Molossos confiáveis, tão impressionantes quanto ferozes, defendendo o acesso de estranhos a seu lar.

Mosaico, Cão de Tunis, século III. Cogis, Paris.

Jean le Bon cercado de nobres
Col. Selva, Paris.

Na Idade Média, principalmente um cão de caça

Até a Idade Média, o cão está praticamente ausente das representações pictóricas. Talvez seja devido à má impressão que os cães errantes, agres-sivos e perigosos, esfomeados, devorando os corpos em putrefação tenham causado aos pintores da época. Ele se torna até mesmo amaldiçoado para os muçulmanos, simbolizando assim as forças do mal e da morte.

No entanto, a utilização do cão na caça contribuiu para fazer a maioria da população mudar de opinião. Porém, deve-se notar que, no início da Idade Média, apenas as qualidades de agressividade dos cães são exploradas. Assim sendo, o cão está de novo presente na pintura, raramente só, geralmente em matilha. Quadros representam o rei caçando acompanhado de seus cães, que podem ser vários; as matilhas algumas vezes são constituídas de milhares de animais.

A composição pictórica atinge um tal ponto que ela se torna cada vez mais próxima da realidade. Não se sabe ao certo qual raça serviu de modelo, mas talvez tenha sido a dos cães que surgiram de cruzamentos. Assim sendo, cada categoria de cão possui suas especialidades. Os cães corredores só caçam animais de pêlo, perseguindo-os logo que são avistados. São raças de aspecto próximo, mas de cores diferentes: os cães de "Saint-Hubert", os "Chiens Blanc du Roy", os " Fauves de Bretagne" e os "Gris de Saint-Luis". Seus nomes indicam claramente a quem pertenciam. Os cães de ponto parecem estar associados aos falcões, durante a caça de animais de grande porte; são utilizados antes do aparecimento das armas de fogo para a execução das presas.

No Renascimento, o cão se humaniza

O cão de companhia aparece nos quadros desde o final da Idade Média. Cães de porte menor que os cães de caça estão sempre presentes junto às damas, sobre seus joelhos ou aos seus pés. Pequenos galgos ou outros cães anões parecem despertar um grande interesse por parte de suas donas que lhes dão inúmeros carinhos. Durante o Renascimento, os artistas pintores também não apresentam falta de figuras de cães. Pequenos cães de companhia pertencendo às damas, às senhoritas; galgos, cães refinados e cães de porte maior acompanhando seu dono, toda a raça canina figura nas pinturas do século XV.

O cão se humaniza: encontra-se agora deitado sob as mesas, por ocasião dos banquetes, comendo o que lhe dão os hóspedes. Ele atinge toda a dimensão de animal de companhia. Artistas de todos os países pintam estes cães: em Veneza, por exemplo, os Cães de Malta, confortavelmente instalados numa almofada, se fazem acariciar pelas suas donas durante um passeio de gôndola. Entretanto, ele não deixa de ser um companheiro indispensável para a caça. É aqui que os pintores fazem uma distinção cada vez mais marcante entre os tipos de cães de caça: cães corredores, de ponto, etc.

Pol Limobourg
(século XV).
"Riquíssimas horas do
duque de Berry".
Calendário. Janeiro:
O duque de Berry à mesa
(com zodíaco).
Chantilly, museu Condé,
(França).
Col. Giraudon, Paris.

Detalhe:
Dois cães anões estão
sobre a mesa.

Santo Huberto.
Miniatura por Jean Bourdichon, fac-simile "Horas passadas por Anne de Bretagne", século XV.
Col. Selva, Paris.

Do século XVII até hoje, evolução das raças

À partir do século XVII, o número de raças aumenta sensivelmente e mais uma vez ela está diretamente relacionada com a atividade da caça. A diversificação das técnicas de caça e dos animais caçados se fez acompanhar de uma diversificação de matilhas. No entanto, por volta do final deste século, os cães de matilha são progressivamente abandonados dando lugar a cães de um porte menor, como os "King Charles", aos quais os soberanos davam muita atenção.
Pouco a pouco os cães aparecem sozinhos nos quadros, ou pelo menos detêm o papel principal. Alguns artistas, tais como François Desportes (1661-1743), pintor oficial do Rei Sol, Paul de Vos (1596-1678) ou Jean Baptiste Oudry (1686-1755), se especializam na pintura de animais

O mais incrível é o realismo com o qual os cães são pintados, realismo tanto anatômico quanto expressivo: as atitudes e os olhares característicos de cada raça são diretamente copiados da realidade. Às vezes até parece que o cão figura no quadro apenas para continuar a viver eternamente.

Mais recentemente nos séculos XIX e XX, as matilhas dos grandes cães de caça, que serviam aos antigos soberanos, desaparecem, sendo substituídos por cães quase que exclusivamente de companhia e, mais raramente, por guardiães de rebanhos e cães de guarda. Os pintores nos dão uma imagem quase que sentimental! A atração dos pintores e da sociedade contemporânea pelo cão é crescente.

Progressivamente surge um estilo abstrato: o cão é considerado um símbolo e torna-se impossível determinar qual raça inspirou o homem. Assim sendo, ele continua a ser uma fonte de admiração e de inspiração inesgotável e apreciada por todos.

O cão na escultura

No final de sua evolução, o ser humano inventou a arte para exprimir os sentimentos que lhe inspirava o mundo que o envolvia. No início ele se limitava a desenhar o que via nas paredes das grutas, servindo-se das cores em relevo na pedra. Depois ele descobriu a cerâmica e a escultura. Naturalmente o animal torna-se um tema de inspiração artística. Sempre temido e respeitado, ele se passa a ser um símbolo religioso.

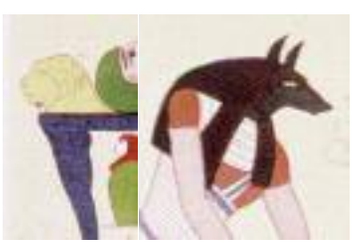
A arte figurativa dos tempos pré-históricos

A primeira representação escultural do cão são potes de barro de estilo despojado... Na realidade, trata-se de arte figurativa, determinada principalmente pelo respeito ao perfil do animal que, nessa época, se torna figura de companheiro de caça, de treinamento e da vida cotidiana. Às vezes encontramos traços de unhas e dentes. Esses escultores apresentam os animais com um abdômen desproporcional e patas curtas.

A arte pré-colombiana apresenta-se ainda muito simples. Na realidade, ela procura não representar o cão em si mesmo, mas sob os aspectos de divindade à qual está associado. A escultura tornou-se a expressão do mundo espiritual e místico. Essa tendência vai atingir o seu apogeu durante a Antigüidade.

No Egito, o cão é como um símbolo estilizado

Os egípcios veneravam todos os tipos de animais, entre eles o cão, representação do deus Anubis e, às vezes, de Thor. Nestas esculturas, muito estudadas e estilizadas, os artistas procuram encontrar um traço característico do animal, sempre mantendo sua forma normal, geralmente inspirada na dos galgos do deserto. Assim, por exemplo, o cão em calcário conservado no museu do Louvre em Paris constitui uma perfeita ilustração: ele evoca um cão de pastoreio que usa uma coleira. Os baixos-relevos mostram muitas vezes cenas de caça ou corridas de cães.



Os egípcios também utilizavam o cão para ornamentar as tumbas e as necrópoles. Podemos citar as representações de Anubis no sarcófago de Majda que data da XVIIIª dinastia, que evocam perfeitamente um cão deitado, porém com um rabo de raposa. Enfim, a presença das duas estátuas de cão na entrada de todos os templos simboliza a vigilância do soberano para com o seu povo.

Na Ásia, o cão-leão

Nesta região do mundo o cão ocupa um lugar muito especial: às vezes divindade, às vezes prato culinário, ele oscila entre o respeito e o desprezo. Na entrada da maioria dos templos e dos palácios chineses encontram-se dois cães denominados "cães-leões", lembrando realmente as raças molossóides que habitam essas regiões. Mesmo nas esculturas que representam a vida cotidiana, os traços do cão são engrossados e marcados por ornamentos mais ou menos importantes.

Na Assíria, uma escultura animal de qualidade

A escultura animal foi abundante e de grande qualidade. A religiosidade e o culto real prescreviam as inspirações artísticas. Em geral, o cão é esculpido sozinho com uma delicadeza notável, ou acompanha uma cena de caça, ou ainda, simplesmente, seu dono.

Estilo geométrico na Grécia e Roma antigas

Mais perto de nós, as obras da Grécia e Roma antigas apresentam um estilo mais geométrico, com linhas muito apuradas. Mas, como no caso da escultura humana, os temas animais se afinam para dar um realismo quase perfeito. No entanto foram encontradas poucas estátuas de cão, o que não é surpreendente, já que ele ocupava então uma posição na sociedade que não era mais a de uma divindade.

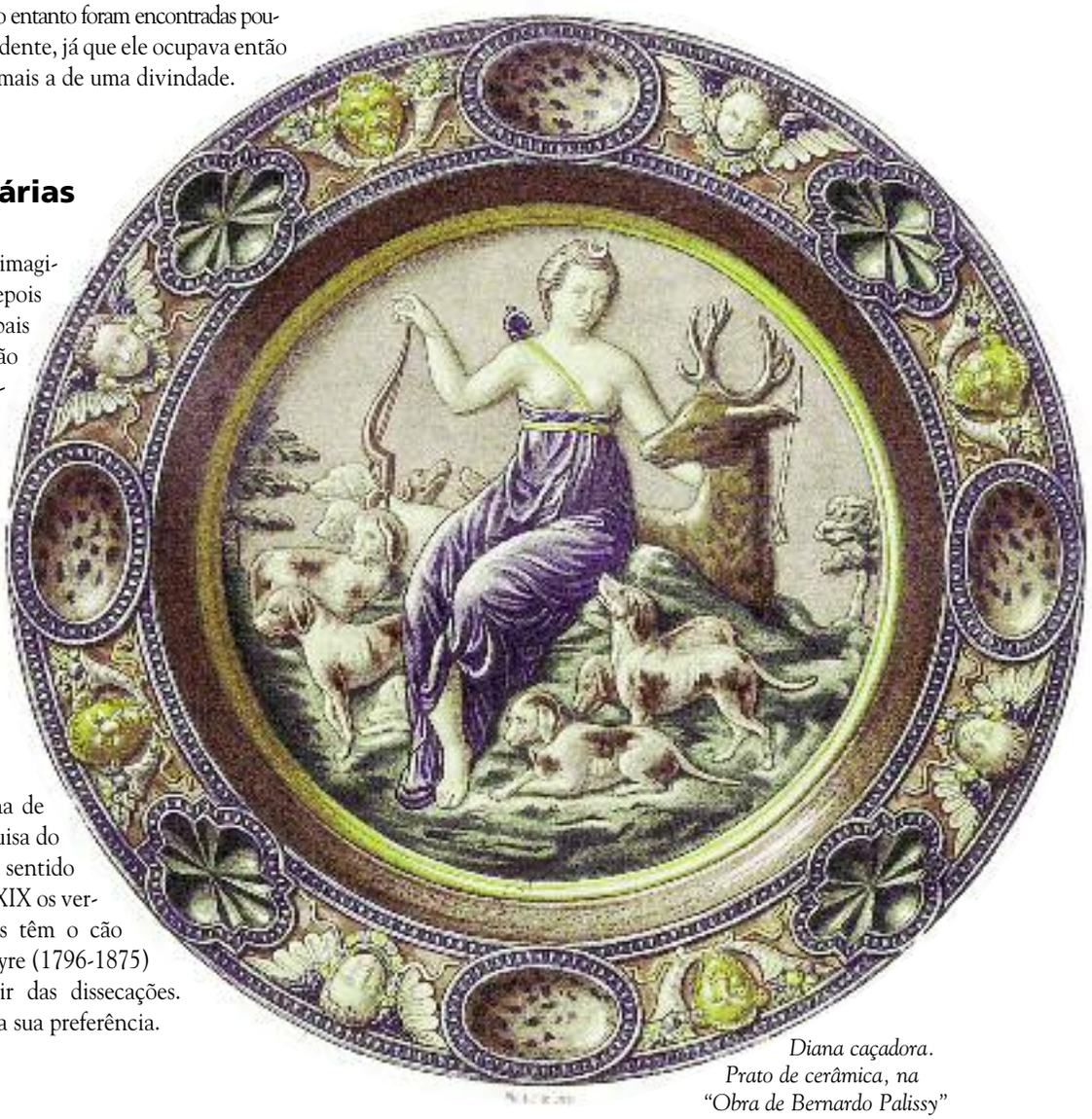
Na idade Média, representações imaginárias

Na Idade Média a arte se dirige para o imaginário e para a figuração de símbolos. Depois da religião, o bem e o mal são as principais fontes de inspiração. Nesse período o cão representa uma parte limitada e essencialmente decorativa.

Na Renascença os artistas se dirigem para os estudos anatômicos e mor-fológicos buscando as proporções ideais. O cavalo constitui o tema principal e o cão é apenas uma atração restrita.

Do século XVII até hoje, um tema artístico muito explorado

Em seguida, o cão permanece um tema de estudo escultural, mais a título de pesquisa do que uma verdadeira obra em si, no sentido nobre do termo. Mas a partir do século XIX os verdadeiros artistas que retratam animais têm o cão como tema prin-cipal. Por exemplo, Bayre (1796-1875) trabalhava bronze anatomista a partir das dissecações. Nesse campo ainda, o cão de caça tinha sua preferência.



Diana caçadora. Prato de cerâmica, na "Obra de Bernardo Palissy" Por C. Delange e Bornman, Paris 1869.

O cão: mitos e símbolos

O cão participa da vida dos homens há cerca de quinze mil anos. Portanto, é natural encontrá-lo no seu devido lugar: na imaginação humana. Efetivamente, com a ajuda de objetos o espírito do homem sempre representou o invisível e o místico, reproduzindo seres dos quais ele se aproximou no dia a dia. No caso do cão, sua aparência e, principalmente, seu comportamento são destacados como símbolos de situações, de poderes ou ainda de divindades.

O guardião dos Infernos

O cão é um guardião, ele uiva para a lua e muitas vezes caça à noite. É por isso que, em inúmeras sociedades, ele foi associado à morte. Assim, ele é o guardião dos Infernos, impedindo os vivos e os mortos de passar além da porta que separa os dois mundos. É então Cérbero, o cão preto de três cabeças da mitologia grega, ou Garm, o guardião dos Nieflheim, para os Germanos.

O guia dos mortos e de suas almas

O cão, companheiro do homem de todos os dias, é também seu companheiro na morte. Ele é o símbolo do "psichopompe ", ou seja, o guia das almas em sua viagem em direção ao reino dos mortos. O mais célebre é Anubis, divindade do Egito antigo, com cabeça de cão preto. O seu papel era o de supervisionar o embalsamamento do defunto e em seguida de levá-lo até a sala de julgamento das almas. Enfim, ele atesta o resultado do balanço das almas.

Encontramos um homólogo de Anubis entre os Mexicanos. Se denomina Xolotl, deus cão cor de leão, que tinha acompanhado o rei Sol durante sua viagem debaixo da terra. Na prática, um cão amarelo como o sol, de raça Xoloitzcuintli, era sacrificado durante o ritual funerário. Podia-se tam-bém sacrificar o próprio cão do defunto. Assim o morto era velado até sua chegada à terra dos mor-tos. Na Guatemala preferiam-se figuras de cães nos quatro cantos das tumbas; prática que persiste ainda hoje.

Nas sociedades orientais confiavam-se os mortos e os moribundos aos cães para que eles os guiassem para o paraíso, residência das divindades puras.

O mensageiro entre o além e os vivos

O cão passa também a ser um meio de comunicação entre o além e o mundo dos vivos. Então se apresentam dois casos de figura: ou o cão libera suas mensagens ao feiticeiro em transe, como se vê no Zaire junto aos Bantus ou no Sudão, ou é ele que recebe uma mensagem para os mortos depois de terem-no sacrificado, como o fazem os Iroqueses da América do Norte e alguns povos sudaneses.

Através desses poucos exemplos pode-se compreender que a associação do cão e da morte, levando-se em conta as suas atividades de caçador noturno, sem dúvida tem favorecido os rumores de feitiçaria e de malefícios que giram ao redor desse animal.

A dualidade do simbolismo do cão

A religião muçulmana faz sobressair este lado obscuro do cão tornando-o ser impuro da criação da mesma forma que o porco. É um "abutre" que faz fugir os anjos e anuncia a morte através de seus latidos. Não devemos nos aproximar dele e além disso, se nós o matarmos, tornaremo-nos tão impuros quanto ele. Por outro lado, nós nos pouparemos das bruxarias comendo a carne de um cão jovem e reconhecemos a fidelidade do cão em relação ao seu dono. Paradoxalmente, o Islão louva o Galgo, animal nobre, símbolo de benefício e de sorte.

A dualidade do simbolismo do cão é observada nos países do Extremo Oriente. Assim, na China o cão é alternadamente o destruidor, com as características de um cão gordo e peludo denominado Tien-k'uan e o companheiro fiel que acompanha os fiéis para o paraíso. O filósofo Lao- tseu o liga à

efemeridade referindo-se a um antigo costume chinês no qual cães empalhados são queimados para afastar os maus espíritos. Ao inverso, para os japoneses o cão é um animal de bem que protege as crianças e as mães. Finalmente, no Tibete, ele é o símbolo da sexualidade e da fecundidade. Ele fornece então a faísca para a vida, o que leva a abordar um outro aspecto do simbolismo do cão: o fogo.

O cão e o fogo

Estranhamente, na maioria dos casos o cão não evoca o fogo por si mesmo, mas ele é reconhecido como sendo aquele que o transmitiu aos homens. Ele assume então o lugar de Prometeu em certas tribos africanas e de ameríndios. Nas ilhas da Oceania o cão rosna e dorme perto do fogo e é de fato o senhor. Para os Astecas ele é o próprio fogo enquanto que para os Maias ele é apenas o protetor do sol durante a noite.

Num outro registro o cão também pode simbolizar a guerra e a glória, como era o caso entre os Celtas. Ele está então sujeito a elogios e ser comparado com ele é uma honra.

Ambigüidade na representação simbólica

Com o decorrer do tempo o cão ganhou um lugar de destaque quanto à sua representação simbólica, mas ele demonstra ambigüidade de sentimentos que parece ter-lhe sido causada pelas sociedades humanas. Protetor e guardião para alguns, nocivo e demoníaco para outros, o cão viu sua imagem simbólica evoluir para progressivamente desaparecer nas civilizações modernas.

No entanto, o cão aparece ainda em expressões de uso corrente mas, paradoxalmente neste caso, o qualificativo "cão" quase sempre tem um sentido pejorativo, por exemplo como atributo: "um tempo de cão", "um mal de cão", "um caráter de cão", "uma vida de cão". Quando se torna objeto de comparação, ele exprime desprezo, bestialidade e desentendimento, como no francês : "parler à quelqu'un comme à son chien" (falar a alguém como a seu cão: sem consideração), "ce n'est pas fait pour les chiens" (não é feito para os cães, isto é devemos utilizá-lo), "s'entendre comme chien et chat" (se entender como cão e gato, ou seja, se desentender), "réserver un chien de sa chienne" (guardar rancor com conotação de vingança), "merci mon chien" (agradecimento com conotação irônica)! Raras são as expressões em que o cão está em vantagem : "avoir du chien" (ter charme, atrair), "être fidèle comme un chien" (ser fiel como um cão)...

Considerando que o cão ocupa um lugar cada vez maior em nossas vidas, quem sabe se as futuras civilizações não fornecerão uma imagem cultural mais laudatória do nosso companheiro de quatro patas?

Outras representações do cão na arte

Os brasões, as moedas e, mais recentemente, os selos utilizaram o tema do cão, dando-lhe diversas significações.

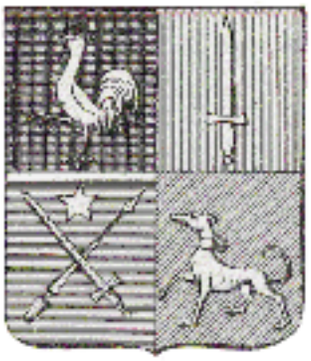
O cão na heráldica

A utilização dos brasões se desenvolveu no século XI, por ocasião das cruzadas. Os senhores, equipa-dos como estavam com suas pesadas armaduras, não tinham condições de se reconhecer entre si. Foi então lançada a idéia de usar uma insígnia personalizada que todos pudessem identificar: essa insíg-nia tomou a forma de um brasão. A nobreza francesa e a estrangeira, principalmente a inglesa, redo-braram sua imaginação para ressaltar as qualidades que desejavam representar. Se fossem adotados animais fantásticos em primeiro lugar, eles seriam progressivamente substituídos por animais reais.

Um brasão do exército francês

Os diferentes grupamentos do exército francês possuem um brasão. O da escola dos sub-oficiais da força policial - Centro nacional cinófilo de instrução do posto policial em Gramat – não é uma exceção. A insígnia foi criada pelo heraldista Robert Luis em 1948 e recebeu sua homologação em 10 de dezembro de 1948.

O brasão é usado no suporte característico da força policial: cavaleiro representado por um escudo marcado por uma espada e coroa cívica, sobreposto por um elmo que data do século XV. Com vista de três quartos, o elmo se prolonga numa gargantilha sobre a qual se dispõe uma romã da força policial. O penacho de penas flu-tuantes é bem característico dessa parte do exército. Esse elmo lembra as origens da força policial: foi criado sob o nome de "Connétablie" (referência aos grandes oficiais da coroa e chefes supremos do exército) e "Maréchalerie" (antigo grupo de oficiais generais da mais alta patente no exército francês) no século XV pelo grande oficial general da força policial. O escudo é munido de uma espada desembainhada, reta, com a ponta levantada para cima, símbolo de força a serviço da lei. A coroa cívica circular com-põe-se de ramos de carvalho; era concedida em Roma aos soldados que tinham salvo a vida de pessoas, arriscando suas próprias vidas. O fundo prateado é específico dos centros de formação especializado. Este conjunto lembra a missão de defesa dos cidadãos e o socorro prestado às pes-soas em perigo; ele destaca a origem militar e a ação ao mesmo tempo militar e civil da força policial.O brasão em si mesmo é específico do centro de Gramat: em linguagem heráldica, o campo consta de partes de azul ultramarino e bege cinzento carregadas de uma coloração ver-melho vivo prateada e vermelho escudo. O azul e o preto são as cores tradicionais da força poli-cial, assim como a romã de sete ramos. O cão é representado diante das flamas e o vermelho corresponde à cor do fogo. Isto significa que nada repele o cão, nem mesmo o fogo.



Armas de Charrière em "Armorial General de l'Empire français" por H. Simon, 1812 Col. Selva, Paris.

O cão é imediatamente representado. Ele realmente encarna um dos privilégios exclusivos da nobreza, o da caça. À partir do século IX surge uma especificação de raças: são então representados cães de caça e de combate. Entretanto, no século XII Mastins e Dogues ornavam os senhores da Inglaterra, da Escócia e da Irlanda. Desde então, os brasões também se tornaram emblemas de grandes instituições, tais como o exército.

Nos brasões, o cão é símbolo do instinto de guarda, vigilância, fidelidade, obediência e gratidão. São adotadas várias posições para sua representação: recostado (as costas viradas para o bordo do brasão), de perfil, andando, correndo, sentado, deitado, de pé. As cores utilizadas são o preto e vermelho, verde, esmalte azul, ouro e prata e constituem um código: um cão prata num campo preto evoca um cavaleiro fiel e constante; um cão ouro num campo vermelho indica um cavaleiro pronto a morrer pelo seu senhor e um cão preto num campo ouro representa um cavaleiro de luto em relação ao seu senhor. Por outro lado, os cães podem ser utilizados como suporte lateral dos brasões.

Os cães na numismática

Nas moedas de todas as épocas, o cão surge como tema dominante de toda a superfície da moeda, seja como elemento complementar de cenas mais complexas, seja enfim como símbolo de natureza exclusivamente decorativa. No entanto, a representação do cão ocorre com maior freqüência nas moedas antigas do que nas modernas.

As primeiras amostras encontradas são de prata ou de ouro. Representam (por volta de 480-440 a.C.) o símbolo de Egesta. A origem mítica dessa cidade é atribuída a Acestes, filho da ninfa Segesta e do deus fluvial Crimiso que, por ocasião de suas núpcias, tinha assumido a aparência de um cão. O animal aparece assim no reverso de diferentes moedas representando na cara a cabeça da ninfa. A mesma época presencia a existência de pesadas moedas de bronze em certas regiões itálicas: na série "Latium- Campanie", o cão é representado correndo para a esquerda; deitado na série "úmbria" de "Tuder", de onde provém a lira.

Após seu aparecimento em algumas pequenas moedas de bronze da série "Rome-Campanie" cunhadas ao redor de 210 a.C., podemos ainda admirá-lo sobre os "deniers" de prata da República romana. Esta cunhagem muito importante, realizada em Roma, por razões econômicas e comerciais, tornou-se uma das mais significativas por apresentar a particularidade de ilustrar temas variados, muitos aspectos da vida social, econômica, histórica e religiosa da época.

Várias moedas da época das "comunas" e dos senhorios representaram o cão, mesmo que se tratassem de moedas de pequeno porte. Ele aparece deitado à esquerda no campo reverso de alguns "tostões" de Toscana; ao contrário, ele se encontra amarrado numa árvore sobre a lira de Milão de Philipe II da Espanha (1556-1598) e em meia figura alada sobre certas pequenas moedas de Verona (1375-1381). No entanto, a família que demonstra maior interesse por esse canídeo é a de Gonzaga, que o reproduziu de pé, estendido ou subindo. Estas últimas também se caracterizam pela presença de uma inscrição que cerca a figura central de um cão: Infensus feris tantum (apenas inimigo dos felinos). Palavras que completam integralmente o maior elogio pertinente ao amigo do homem.

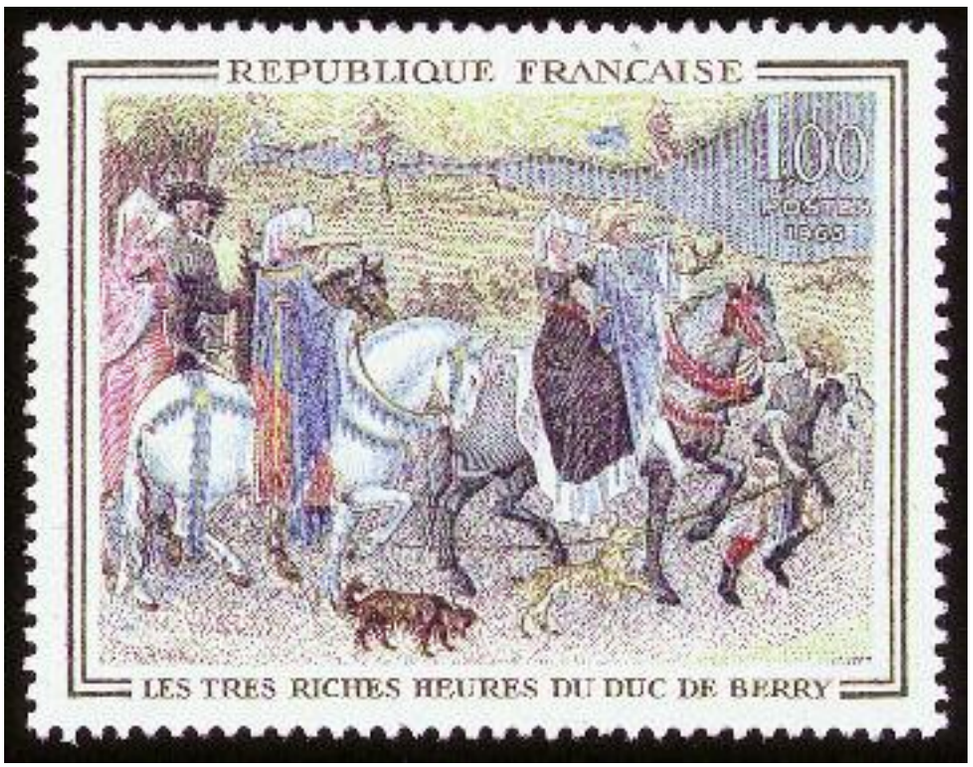
ALGUNS EXEMPLOS DE MOEDAS ROMANAS :

- Em 82 a.C., o magistrado Caius Manilius Limetanus recorda a cena comovente onde o velho Argos reconhece seu mestre Ulisses.
- Em 69 a.C., o cão é reproduzido entre os pés dos cervos que puxam uma carruagem conduzida por Diana.
- Em 64 a.C., um Galgo em plena corrida ocupa o reverso inteiro de uma "denier", moeda de Caius Postumus.
- Em 60 a.C., uma cena de caça é representada onde um cão ataca um javali ferido.
- Em 45 a.C., Titus Crisius reproduz sobre um sestércio de prata um cão que corre para a direita, ao passo que sobre um "denier" de Augusto, o animal encontra-se aos pés da deusa Diana carregando seu arco e flechas.

O cão na filatelia

O cão faz parte integrante das artes e da vida cotidiana nos países onde ele vive. Por este motivo é comum encontrá-lo na filatelia, acompanhado de um cortejo de filatelistas apaixonados. Quer seja a figura principal do selo ou um simples detalhe que só o colecionador avisado poderá reconhecer, o cão representa uma das temáticas mais visadas em filatelia (selos, carnês, flâmulas de obliteração), temática que reagrupa um tal número de selos que todas as sociedades filatélicas aconselham limitar o número de sub-temas (uma raça, uma especialidade...) sob pena de se ter uma invasão completa.

A primeira idéia quanto à representação foi de associá-lo ao país de distribuição. Assim em 1887 o primeiro cão filatélico, um magnífico Terra- Nova, fez sua aparição sobre o selo da ilha de mesmo nome.



Passeio de nobres nas "Riquíssimas horas passadas pelo Duque de Berry" Selo francês, 1965. Col. Selva, Paris.

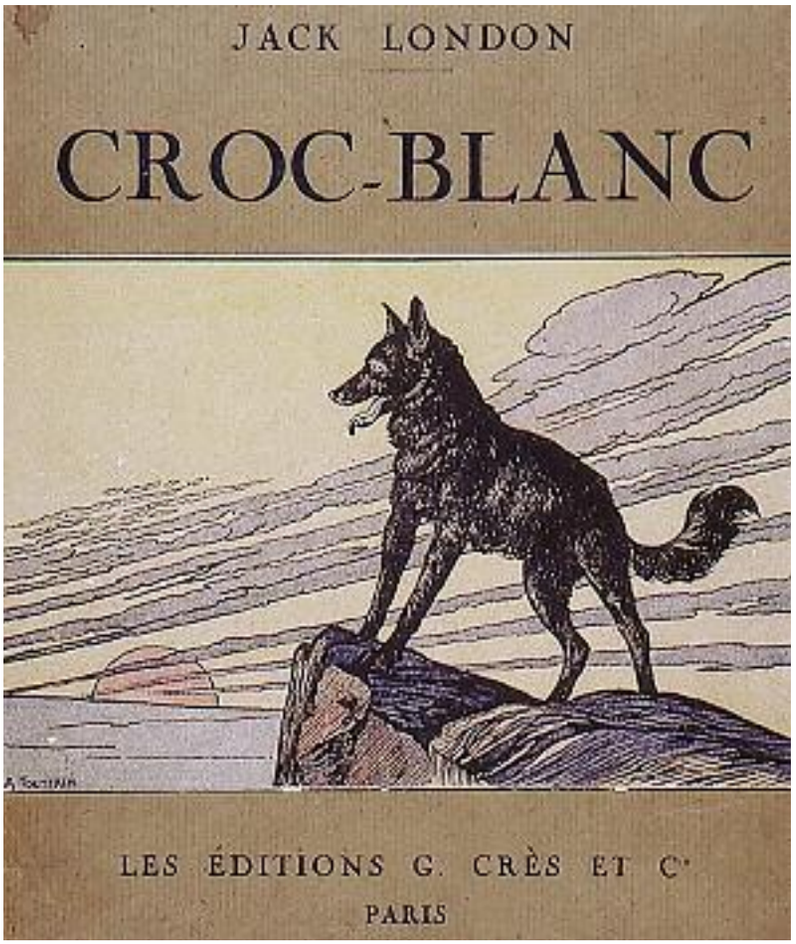
A Bélgica apresenta seus Pastores e os países nórdicos evocam graças a ele as viagens em trenós. O cão "faz vender" o selo; ele também pode figurar sobre um selo proveniente de um país a que não pertence. É assim que um Spaniel inglês pode ser encontrado num selo nicaragüense. Ele também pode ser uma imagem puramente publicitária, como a flâmula "A voz do seu dono" para Pathé.
A representação do cão em filatelia pode assumir aspectos culturais quando o cão figura num quadro que reproduz o selo ou quando ele é o reflexo de um livro ou de um desenho animado.

O selo pode também evocar um evento importante. Por exemplo, os Soviéticos emitiram um grande número de selos representando Laika, o primeiro cão cosmonauta. Finalidades ainda mais educativas: eles podem ser visualizados como na flâmula parisiense "Apprenez-leur le caniveau " ("ensine-lhes a sarjeta ", isto é, onde fazer as necessidades).

Verdadeiros apaixonados se interessam também pela história do cão no setor postal e não ignoram, por exemplo, que nos anos 40 a correspondência no Alaska era distribuída em trenó puxado por cães de uma cidade para outra; que existe um centro de distribuição na ilha dos Cães, vizinho de "Saint-Pierre-et-Miquelon"; que durante a Primeira Guerra mundial os canis militares eram munidos de um carimbo especial para justificar sua franquia Postal.

O cão na literatura e na comunicação

O cão tem vivido ao lado do homem desde o início da civilização. Ele naturalmente assumiu o seu lugar na literatura no decorrer dos séculos. Romances, estórias fantásticas, o cão assume geralmente o papel que ele desempenhou na vida real ao lado do homem. Mais recentemente, o desenho animado evidenciou cenas heróicas de cães que muitas vezes foram além do cinema e da televisão. A imprensa e a publicidade lançaram a imagem do cão, tirando proveito do grande impacto que esse animal exerce sobre o público.



Croc Blanc. André Toutain – 1926. Col. Jonas/Kharbine, Paris.

Robinson Crusoé
Col. Jonas/Kharbine-Tapabor, Paris.

O cão na literatura

O primeiro papel do cão no domínio literário é aquele que ele ocupa naturalmente no cotidiano, de anjo da guarda e de companheiro fiel.

O amigo e protetor

Já na Odisséia, Homero salientava o papel do cão de Ulisses, Argos, que foi o único "personagem" a reconhecê-lo após sua perigosa viagem. A literatura infantil destaca o papel protetor do cão, fazendo dele o personagem principal: assim o romance de Cécile Aubry, Belle e Sébastien, relatando as aventuras de um cão Montanhês dos Pireneus e de seu pequeno companheiro nas altas montanhas: ou ainda as aventuras da Lassie, de Eric Knight, encenando a fiel Collie e seu jovem dono Joe. O esquema seguido é sempre globalmente o mesmo: o de uma criança em dificuldades procurando reconforto junto a um cão robusto e devotado. Ainda as raças desses cães, heróis desses romances, atingiram uma popularidade fora do comum, a tal ponto que muitas pessoas dizem uma "Lassie" ao invés de dizer um Collie!

Todavia, sem lhe dar o papel principal, o cão é muitas vezes introduzido na literatura como suporte do personagem central. Nos contos do Júlio Verne (1828-1905), um cãozinho acompanha os personagens nas suas viagens tirando-os, às vezes, de situações difíceis, graças a uma de suas principais qualidades, o faro. Da mesma forma no caso da Viagem ao centro da Terra, Dois anos de férias e A ilha misteriosa.

Finalmente, o papel do cão pode ser puramente simbólico, ou seja, hiperbólico. Ele pode ajudar a revelar uma situação, um sentimento. John Steinbeck ilustra o egoísmo, a injustiça e a solitude do gênero humano nos Camundongos e os homens ao narrar a lenta agonia de um velho cão, companheiro de infortúnio de um pobre jornaleiro que não pode se decidir a deixá-lo morrer. Estas evocações, por mais breve que sejam, estão muito longe de serem exclusivamente anedóticas.

Entre cão e lobo

O lobo, primo selvagem do cão, é também muito representado na literatura. Realmente, se o cão representa a fidelidade, o servidor respeitador de seu dono, o lobo encarna a liberdade, a selvajaria e a recusa a toda sujeição, mesmo às custas de sua própria vida. É daqueles que prefere morrer livre a viver preso, como evoca Jean de La Fontaine em sua fábula O Lobo e o Cão.

Esta oposição entre duas espécies ilustra de fato o conflito ancestral inerente ao homem: é preferível viver como "bom" escravo ou morrer por não querer tê-lo sido? Este será o tema predileto retomado por Jack London , fervoroso humanista, que vivenciou junto com seus contemporâneos a disparada em direção ao ouro do Alaska em 1891. Se, nas suas obras ele defende a condição animal contra a crueldade dos homens, ele não está realmente decidido quanto à natureza do problema colocado: qual o caminho a escolher, entre o de Croc Blanc, cão lobo que escolhe viver entre os homens, ou o de Buck, na Chamada da floresta, o cão dos homens que parte para viver entre os lobos? Isso equivale a dizer que cada um de nós é um pouco cão ou um pouco lobo ao acaso da situação?

Quadro de Colette e de seu cão Tobi-
In "Vu" de 3 de julho 1929.
Col. Selva, Paris.

A fera

Se o cão Anubis foi deus egípcio, os Romanos encarregaram Cérbero de ser o guardião dos Infernos, e este aspecto inquietante do cão seduziu inúmeros autores. No poeta e romancista, a besta vagante, feroz criatura demoníaca devoradora de cadáveres ou de criancinhas... Sir Arthur Conon Doyle lhe confia mesmo o título de uma das aventuras mais celebres de Sherlock Holmes, O Cão de Baskerville, onde um enorme canídeo devora os habitantes da sombria charneca escocesa.

Atrás dos rochedos um cão se inquieta
Nos olha com um olho zangado
Espreitando o momento para retomar o esqueleto
O pedaço que ela tinha soltado

Este extrato da Carniça de Baudelaire (As Flores do Mal) evoca ainda este aspecto escuro da natureza canina. Mas aqui ainda, será que a metáfora não se apresenta subjacente e não adivinhamos sob a evocação do cão a de seu alter ego pensante, o homem?

E amanhã?

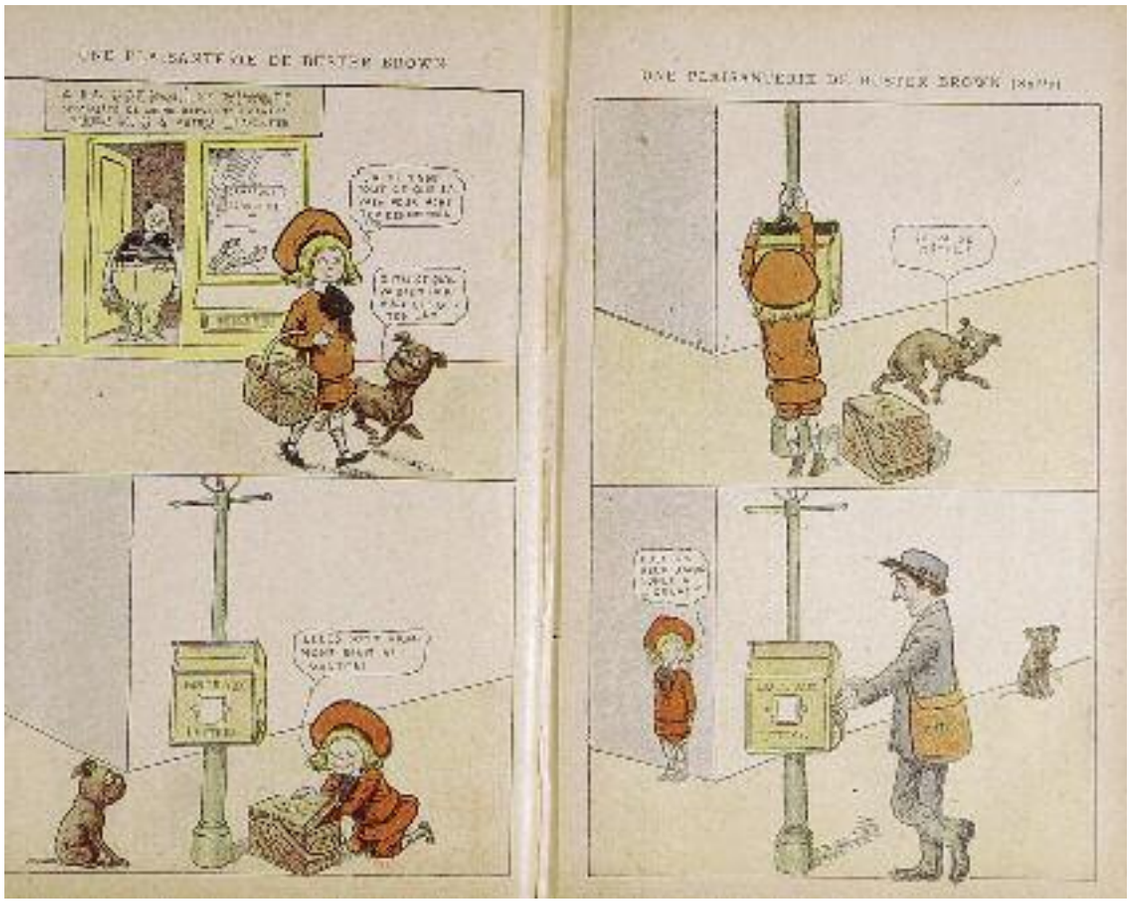
O destino do homem e o do cão parecem estar estritamente ligados para sempre e certamente, a literatura de ciência- ficção apropriou-se deste fenômeno. O cão prevê o que acontece ou vai acontecer ao seu dono, assim Stefen King em Cemitério o faz voltar dos mortos.

Frank Herbert até lhe consagra uma notícia inteira na sua compilação Campo mental, os Cães: Uma epidemia dizima a população canina, acarretando histeria coletiva e uma situação catastrófica, tanto para o homem quanto para o cão, imagem sombria do futuro onde o homem e o cão partilharão fatalmente da mesma sorte.

Amigo ou inimigo, o cão, companheiro de sempre, continua povoando nossos livros, reflexo inocente de nossas vergonhas, de nossas misérias humanas, tão solitárias que, mesmo escritas, elas necessitam de um companheiro de quatro patas.

O cão, O Galo e a Raposa

Um cão e um galo, tendo formado sociedade, caminhavam juntos. Ao anoitecer, o galo subiu numa árvore para dormir e o cão deitou ao pé da árvore, que era oca. Ora, o galo tendo, conforme seu costume, cantado de madrugada, uma raposa o ouviu, correu e, parando debaixo da árvore, pediu-lhe que descesse para onde estava, pois ela desejava beijar um animal que tinha uma voz tão bela. O galo lhe pediu que acordasse o porteiro que dormia ao pé da árvore: ele desceria logo que esse tivesse aberto a entrada. Então, enquanto a raposa tentava falar com o "porteiro", isto é, o cão, este lhe saltou em cima e a devorou. Esta fábula nos mostra que pessoas sensatas, quando atacadas pelos seus inimigos, dão-lhes o troco, apresentando-os a pessoas mais fortes.
Esopo, Fábula Trad. Do Grego por Émile Chambry, História de cães. Sortilèges, Paris.



Desenho em quadrinhos de Richard Outcoult Encontrado no New York Times em 1903- In "Mon Journal" -26 de outubro de 1907. Col.Jonas /Kharbien-Tapabor, Paris.

O cão nos desenhos em quadrinhos e nos desenhos animados

O cão sempre foi um dos heróis dos desenhos em quadrinhos e dos desenhos animados preferidos das crianças... até mesmo dos adultos. O primeiríssimo desenho animado, datando do início do século XX , tendo aparecido num quotidiano Nova-iorquino, encena uma exposição canina, marcando o início da celebridade dos cães, tornando-se em seguida heróis nos cartoons. Desde então, não cessaram de ocupar um lugar cada vez mais importante, alcançando algumas vezes o personagem principal da estória.

O herói de todos os dias

Alguns entre eles permaneceram com o papel de verdadeiros cães consistindo essencialmente em valorizar o desenho animado. O primeiro entre eles foi o Pluto, o cão do Mickey que, em seguida, inspirou produtores de desenhos animados. Além de sua função de companheiro do pequeno camundongo, é o vetor de catástrofes ou de desfechos felizes. Podemos também citar o Fox Terrier Milou, fiel companheiro de equipe de Tintin. Sem realmente falar, ele se exprime mediante latidos, quando deseja assinalar algo ao seu dono e pelo pensamento, comunicando-se com o leitor. É tão céle-bre que suas aventuras foram adaptadas para o desenho animado e mesmo em filme. Outros cães ocu-pam lugar similar: Ratanplan, personagem criado para valorizar Luky Luke, um cão de inteligência limitada, que segue o cow-boy sem falar com ele. Acontece-lhe entretanto, utilizar o raciocínio, em aparte, mas que os outros personagens não podem entender. Serve de contrapartida a Jolly Jumper, o cavalo inteligente. Podemos ainda citar Ideafix, o minúsculo vira-lata, inseparável de seu dono, o imponente Obelix. É um cãozinho meigo, muito apegado, nunca responsável pelas catástrofes. Nestes exemplos, o cão está integrado na vida da sociedade, mantendo o seu status original.

Os cães mais ou menos “humanizados”

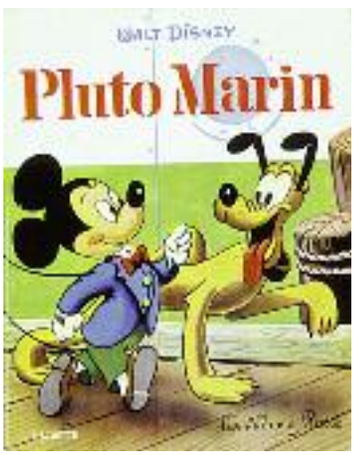
Existem outras situações, principalmente quando ele se torna o personagem principal da estória, onde o cão se encontra mais ou menos humanizado. Em certos casos, como o do Snoopy, o cão de Charlie Brown, essa natureza “humana” se manifesta por pensamentos filosóficos; ele não deixa de ser um animal por dormir dentro ou sobre sua casa, come comida de cachorro e vive como qualquer outro cão. Quanto ao Cubitus, ele exerce um papel de moralização. Impregnado de bom senso, esse personagem, se não tivesse a aparência de um Bobtail, poderia ser humano: ele anda sobre suas patas traseiras e conversa como os outros personagens dos quais se aproxima neste desenho animado.

Em Bull e Bill, Bill o Cocker , sem dúvida o primeiro cão de raça de desenho animado, adota um comportamento humano em relação aos outros cães, mas permanece um animal no seio do lar: suas brincadeiras poderiam ser exatamente aquelas de um cãozinho brincalhão. Todavia, por ocasião de seus passeios, podemos vê-lo namorando as cadelas que lhe agradam, brigando com seus rivais : ele imita a vida de seus donos e dos outros seres humanos.

Outros ainda se desligaram de seu estado de cão: Gai Luron, cão de ar sempre triste criado por Gotlib, participa com um ar desligado, das peripécias do mundo que lhe envolve.

Os desenhos em quadrinhos no cinema

Alguns destes cães tiveram tanto êxito no desenho em quadrinhos que suas aventuras foram adotadas na tela, sob forma de desenho animado, e mesmo filme, onde reencontramos suas personalidades. Como primeiro exemplo, consideremos Dingo, um cão antropomórfico. É representado como um ser humano, de pé sobre suas patas, mas mantendo uma cabeça de cão, com grandes orelhas caídas. Muitas vezes serve de porta-voz de mensagens educativas: a prevenção nas estradas lhe fez assim apresentar campanhas publicitárias para sensibilizar jovens. Quanto ao Droopy, o cão de ar tristonho dos desenhos animados de Tex Avery, ele nos faz sentir a sua presença regularmente pela sua célebre expressão : “You know what! I’m happy!" É o equivalente de Gai Luron no desenho animado.



Capa do álbum - “Pluto Marujo” Por Walt Disney col. Os Álbuns Rosa, Hachette. Col. Selva, Paris.

Outros compartilham suas vidas com seres humanos, contudo sem perder a sua posição de animais de companhia ou de guarda. Tal é o caso da Dama e do Vagabundo, jantando a sós, vivendo sua própria existência no meio dos outros representantes da raça canina, conservando seu status no lar de seus donos. Ao nascer o bebê, Lady é posta de lado e humilhada por ter que usar uma focinheira.

Acontece o mesmo no caso dos 101 Dálmatas, talvez o mais célebre cão do desenho animado. São ao mesmo tempo companheiros e amigos para os humanos. Perdita e Pongo- os dois Dálmatas – vivem suas estórias de amor, paralelamente às de seus donos.
Finalmente, podemos citar o exemplo de Nana, a cadela São Bernardo tornada guarda de crianças no desenho relatando a aventura de Peter Pan, em tudo levando uma vida parecendo muito à dos outros cães.

Mas acontece também encontrarmos cães cuja aparência e forma de agir se encontram próximas à caricatura: se o seu aspecto foi conservado, uma de suas características físicas foi exagerada. Raramente apresentam o papel de herói na estória; nós os encontramos num contexto de proteção, seja de seu dono, seja de um outro animal. Assim é bastante freqüente que, nos desenhos animados encenando um gato e um camundongo – como no caso de Tom and Jerry- apareça um cão do tipo Bulldog, de beiços mais do que pendentes, de aspecto pouco agradável. O seu papel é de defender o camundongo, agindo de tal maneira que o gato se encontra sistematicamente em falta. Em Walt Disney, o cão é muitas vezes representado. Os raptou, nomeados em inglês os Beagle Boys, são criminosos pertencentes a uma organização internacional. Possuem todas as mesmas características físicas: não são muito espertos, um pouco estúpidos, mas elaboram continuamente maquinações diabólicas para despojar Picsou de todo seu ouro.

Quer seja nos desenhos em quadrinhos ou nos desenhos animados, parece muito que os autores tenham tentado colocar cães em toda as imagens – positivas e negativas – que nós temos e que eles também quiseram dar, por intermédio desse animal, uma representação da nossa sociedade e de sua evolução.

O cão e a sétima arte

Muito cedo na história do cinema, o cão demarcou o seu domínio. No início do século, se ele aparece em alguns filmes mudos como elemento de decoração, o seu papel simbólico como companheiro de desgraças ao lado de Carlitos em Uma vida de cão, em 1921, é um dos mais marcantes, mas será necessário aguardar o lançamento de Rintintin em Hollywood, em 1922, para que um animal se torne a vedete principal de um filme.

Rintintin e Lassie

O que há de mais natural do que uma tal aventura para um cão cuja própria história esta mais ligada à ficção do que à existência tranqüila de um cão de fazenda. Utilizado como mensageiro pelos alemães durante a Primeira Guerra mundial, ele é recolhido por um aviador americano que, logo o conflito terminado, o leva para os Estados Unidos. Percebendo a predisposição de seu protegido para o treinamento, ele decide torná-lo um cão de espetáculo. Assim nasce Rintintin. De 1922 a 1932, ele trabalha em vinte e dois filmes nos quais sempre encarna o herói destemido e sem censura, pronto para tudo, para defender o inocente. O sucesso mundial que consegue então o faz atingir uma posição de verdadeiro star. Ele tem seu camarim, "assina por si próprio" os contratos e escolhe os seus parceiros! Ao morrer, o seu personagem é retomado sucessivamente pelos seus filhos e netos. É a quarta geração que finalmente transporá Rintintin para a televisão.

Outro cão superstar, o célebre Collie Lassie. Comprado por cinco dólares por um treinador de animais, começa sua carreira em 1942 em Fiel Lassie. Se Rintintin encadeia as corridas desenfreadas atrás dos maus ou os saltos espetaculares sobre os precipícios, Lassie continua sendo a imagem da lealdade e do amor perfeito do cão pelo seu dono que é de preferência uma criança. Ela também se beneficia de um sucesso planetário. Seu treinador é agente, exige para ela salários extraordinários (cinqüenta mil dólares por ano e quatro mil dólares por spot publicitário !) um camarim, uma secretária particular e até férias pagas! A dinastia Lassie faz cinema até a terceira geração e em seguida encadeia com a televisão. Estes dois exemplos, únicos na história do cinema, demonstram o talento dos treinadores desses cães, que souberam fazer reconhecê-los como verdadeiros atores e... o seu senso de negócios por controlarem a carreira de seu protegido e seus benefícios!

O amigo e protetor

Após essa época de plenitude, o cinema canino acusa um certo declíneo. Até os anos 80, apenas algumas adaptações de Jack London são levadas até a tela, mas sem realmente colocar o cão em evidência como personagem munido de todas as vantagens e direitos pertinentes. De fato, ele se contenta em dar a réplica aos seus parceiros como em a Chamada da Floresta com Charlton Heston. É apenas nos anos 70 que os estúdios Disney tentam de novo explorar o filão dos filmes caninos. É preciso achar-lhes uma "boa cabeça" cômica. Em suma, o perfeito companheiro das crianças. É assim que aparece Benji, um pequeno vira-lata tipo Pastor dos Pireneus. Pela primeira vez, não é um grande e orgulhoso pastor que é escolhido, mas uma bola de pêlo cheio de vida para quem acontecem as mais incríveis aventuras. Disney faz cinco filmes com Benji e em seguida prefere lhe atribuir uma série televisionada. É preciso dizer que, com um salário de um milhão e meio de dólares por ano desde 1974, Benji sai caro para a produção! Notaremos também algumas estórias do tipo dupla policial- cão sem verdadeiro interesse. Desde 1990, o novo herói das crianças assumiu os traços de um bom e gordo São-Bernardo, Beethoven, cujos filmes assumiram um sucesso mundial. Acrescentamos Croc-Blanc, numa nova adaptação do romance de Jack London produzido por Disney.

O cão que fala e pensa

Atualmente a tendência é a de estórias onde o cão, verdadeiro ator, fala e pensa. Pode-se citar Charlie no País dos Cangurus que conta à epopéia de um cãozinho Labrador na Austrália ou ainda, em 1994, A Incrível Viagem, de Disney, colocando em cena dois cães e um gato à procura de seu pequeno dono pelos Estados Unidos.

Duas escolas de adestramento específicas

Estes novos atores caninos vêm de escolas de treinamento profissionais onde aprendem a fazer de tudo: latir quando ordenado, fingir que está morto, choramingar... Em resumo, verdadeiros cursos de arte dramática! É preciso dizer que o benefício de todos esses esforços é mais do que lucrativo para o treinador e basta que um de seus protegidos seja escolhido para lhe assegurar sua fortuna.

Todavia, desde há uns vinte anos, todas as rodagens de filmes caninos são controladas por sociedades de proteção animal que cuidam do bem-estar destes cães atores.

Enquanto os cães produzirem lucros para o cinema, o filão será explorado pelos estúdios de Hoolywood. É claro que as conseqüências desses sucessos cinematográficos não são sempre positivas. Com efeito, acarretam inevitavelmente um fenômeno de preferência por tal ou tal raça que acaba levando a uma produção excessiva de cães jovens de qualidade cada vez inferior.

O cão e a televisão

Desde os primórdios da televisão, o cão já aparece como um ator em potencial. No início como figurante e depois como um ator na íntegra, ele soube ocupar um lugar na pequena tela que não pode ser substituído.

Na época do cinema mudo, o cão intervinha muitas vezes como companheiro fiel e indis-pensável mas também, e é isso que marca o seu início como comediante, como elemento cômico (com Charlie Chaplin por exemplo). Pouco a pouco, o seu lugar nos seriados televi-sionados tornou-se maior e o seu papel ultrapassou o de um simples figurante.

Um ator principal

Daqui em diante, o cão torna-se ator principal. A escolha da raça não é deixada ao acaso. Preferem-se as grandes raças para a aventura e a justiça e as pequenas raças para a comédia. No entanto, o traço essencial que os seriados procuram valorizar, estando todas as raças confundidas, permanece a fidelidade do cão no seu trabalho e perante o seu dono. Os exemplos não faltam: que seja Belle, a cadela Montanhês dos Pireneus, protegendo Sebastien, Lassie, a Collie andarilha, sempre pronta para ajudar os mais fracos, Rintintin, o Pastor alemão justiceiro, ou Croc Blanc... Certamente, não devemos esquecer o mais "british" entre eles, Pollux do Carrossel Encantado, que soube marcar tantas crianças e adultos. Tudo isso nos indica que o papel do cão na pequena tela (mas também na vida de todos os dias) está longe de ser sem importância.

A dupla Cão-dono

Com efeito, vemos cada vez mais aparecer nos programas a dupla cão-dono colocando em evidência a doutrina "Tal dono tal cão". Por exemplo, na série "La loi est la loi" (=A lei é a lei), a semelhança entre Max, um Bulldog inglês e o procurador não é aleatória. Podemos dizer o mesmo para o cão de Colombo. Mais recentemente, tornamos a encontrá-los em muitos "sitcoms". Nessas séries, o cão não só recebe um papel essencial, como também lhe é atribuída uma voz para acentuar a comunicação entre o homem e o cão.

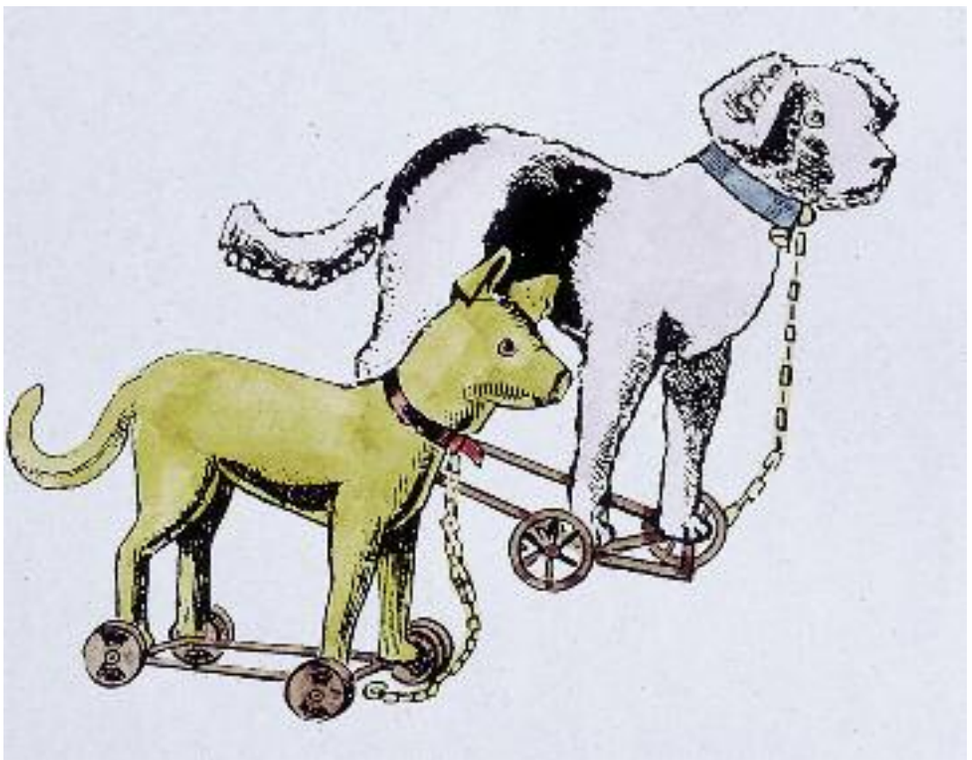
Emissões para o seu bem estar

Em suma, aparece um número cada vez maior de emissões consagradas inteiramente aos cães, evocando seus costumes, as especificidades de suas raças e tudo que diz respeito aos seus cuidados, sua educação mas também seu treinamento, sem esquecer sua alimentação. Em breve, todos os conselhos práticos para viver com toda tranqüilidade com seu companheiro de quatro patas. Muitas vezes essas emissões terminam por pedidos de adoções para cães de todas as idades e raças.

Atualmente, o objetivo da televisão é de utilizar a principal característica da raça para por em evidên-cia seja o cão seja o dono. E esse procedimento parece dar resultados, pois a moda dos cães segue pouco a pouco à da televisão. Certamente, certas raças são inevitáveis: Pastores alemães, Labradores. Mas cada vez mais é dada prioridade à comunicação: o cão entende seu dono e ele sabe se fazer entender por atitudes específicas. Não lhe faltava mais nada além da fala e ela lhe foi dada.

Os brinquedos

Devido à sua importância na sociedade, não se podia afastar o cão como brinquedo, próprio a assegurar-se uma companhia fiável a todas as crianças. Praticamente todos os setores de brinquedo, do brinquedo de pelúcia até os educativos, se interessaram pelo cão.



Cães sobre pequenas rodas Col. Kharbine-Tapabor, Paris.

Contrariamente à televisão, ao cinema ou ao desenho animado, os brinquedos existem há muito tempo. Eles contribuem para o desenvolvimento afetivo e imaginativo da criança. Os primeiros cães foram feitos de terra cozida, pastas de cereais e madeira. No início, eram montados sobre tábuas com pequenas rodas para serem puxadas por crianças. Rapidamente, foram articulados para lhes dar um certo realismo: uma boca que se abre, um rabo que se agita...

O cão é uma das únicas representações do brinquedo, junto com o urso, a ter atravessado as épocas sem ter envelhecido. Ainda hoje, ocupa um lugar privilegiado entre os brinquedos da criança. Ele decora os quartos dos pequenos, mas também dos maiores, sob forma de sofás, cabides, lâmpadas, pelúcias de todo tipo. Para os mais jovens, o contato macio, agradável e fácil com as pelugens lhes assegura um companheiro ao mesmo tempo confiante, protetor e além do mais, do tamanho deles. Aqui ainda, a raça do cão tem sua importância. Na maioria das vezes, trata-se do herói do último desenho animado saído da tela do cinema (os Dálmatas por exemplo), mas também os irredutíveis Pastores alemães ou São Bernardos.

Em suma, na preocupação de uma educação precoce, muitos brinquedos de madeira, de tecido ou de plástico, são estudados todos os anos para melhorar o desenvolvimento dos sentidos de crianças de 3 meses a 2 anos: por exemplo, o tapete de descoberta, os brinquedos sonoros em que se ouve o latido de um cão. É aqui que o cão evoca o professor ou, melhor, o educador.

Esta predileção pelos brinquedos pode surgir do fato de se ter um cão em casa, exigir tempo, espaço e principalmente uma grande responsabilidade. Assim, graças ao cão de pelúcia ou de madeira, a criança possui um companheiro de brinquedo, um confidente do seu tamanho e um simpático educador que, além do mais, não exige nenhuma restrição por parte dos pais!

O cão na publicidade

Em uns cinqüenta anos, a publicidade tornou-se um dos componentes indispensáveis da nossa sociedade de consumo. Não se contenta mais em promover um produto, ela lança modas. Com a preocupação de sempre pesquisar o que agrada ao consumidor, ela muito cedo se interessou pelo próprio cão, viu a sua posição e papel evoluírem notavelmente em alguns decênios. Quais são as qualidades que o cão pode apresentar para que os publicitários o utilizem cada vez mais?

O cão e as marcas

As primeiras aparições do cão como argumento de venda remontam ao início do século XX. Um dos exemplos mais célebres é sem dúvida o cão está uivando à morte diante do gramofone da Pathé-Marconi com o slogan: "A voz do seu dono". Esta publicidade retoma o quadro do cão Nippor que, após a morte de seu dono, se exprimia assim logo que o ouvia pelo gramofone. Aqui, o que importa significa que a qualidade é excelente! A marca Black and White Whisky escolheu dois cães escoceses

Evolução do comércio e da indústria: Relações comerciais dos Egípcios com os países vizinhos. Cromolitografias Liebig. Col.Selva, Paris.

Publicidade " A voz de seu dono"
-In "The Theater"
Col. Selva, Paris.

como emblema, lembrando assim sua fidelidade à terra natal. Quando o cão aparece numa publici-dade de automóveis, ele evoca o poder e a segurança. Assim, prefere-se utilizar animais de tamanho significativo: um Boxer para os pneus Kléber ou um cão mítico de seis partes para os óleos Agip. Os grandes cães São Bernardo são tranqüilizadores e protetores enquanto os vira-latas são encenados para dar um toque de humor.

Hoje em dia, o cão faz parte da família; é o companheiro de brincadeiras das crianças e também dos idosos. De fato, não é raro reencontrá-lo como elemento decorativo num bom número de publicidades que utilizam o conceito de família moderna típica. Ele traz um toque "a mais" numa imagem de conjunto e tranqüiliza a atmosfera.

Diferentemente do gato, mais íntimo e "de dentro" , o cão é o animal de fora, do campo, das liberdades. Se nós o vemos dentro de casa, ele suja ou devasta e permite então gabar produtos domésticos: o super limpador de chão apagará as besteiras do filhote Labrador enquanto que o novo aspirador atingirá os longos pêlos do Médor.

Num registro totalmente diferente, o cão é às vezes sinônimo de elegância. Torna-se então elemento de aparato nos anúncios publicitários para Chanel e outros cosméticos, como é o caso do Galgo afegã e o Dálmata.

Um elemento de marketing

Em todos estes exemplos, o cão, quer se apresente como cão ou para transpor comportamentos humanos, não constitui o alvo dos publicitários. É apenas um elemento de marketing, retomado muitas vezes no mesmo momento pelas agências de publicidade que além do mais utilizam muitas vezes as mes-mas raças caninas. Elas então engendram modas desastrosas para a referida raça.

O cão torna-se "consumidor"

Ao contrário, na publicidade para petfoods, ele mantém o papel mais importante. É ele o consumidor: pelo menos por intermédio de seu proprietário. Conforme a marca, a abordagem é diferente. Para Royal Canin, o cão deve ser respeitado como cão em si mesmo. De fato, utiliza-se um Pastor alemão que se junta ao seu dono, galopando pelos campos, ou filhotes que descobrem seu meio ambiente. Em nenhum caso, encontra-se antropomorfismo. Waltham prefere obter provas pelos criadores e Canigou joga com o caráter esportivo e vigoroso do cão. Para Fido, são cães de diferentes raças que "provaram e aprovaram" o produto. Finalmente, Friskies e Frolic , sentados à mesa se referem ao humor, apresentando pequenas comédias espanholas humorísticas, em que os atores são evidentemente cães. Esta publicidade estende-se em todos os jornais, principalmente na televisão, pois o cão é um animal e portanto indissociável do movimento.

Um último domínio permanece muito mais confidencial e reservado essencialmente a uma imprensa especializada, ligada aos cuidados de animais, dando cobertura aos petfoods. Trata-se de medicamentos veterinários. Certas publicidades têm uma visão estritamente médica. Elas lembram a eficácia do produto e sua benignidade. Permanecem pouco numerosas ao lado daquelas destinadas aos produtos de higiene do animal, do pó antipulgas com vermífugo, sem esquecer os acessórios para cães. São mais amplamente divulgados e, até mesmo, através de spots publicitários. Este fenômeno é recente e demonstra a importância crescente do cão na nossa sociedade. Todas essas publicidades têm um ponto em comum : utilizarem o humor, até mesmo o escárnio, para suprimir a dramaticidade do aspecto "médico" desses produtos.

Concluindo, o cão tornou-se, no decorrer do tempo, um argumento de venda, seja pelo que representa, seja como "consumidor em potencial". Pondo de lado os produtos que lhes são verdadeiramente destinados, o cão serve um pouco para vender tudo e qualquer coisa. Ele, então, está sujeito ao risco da repetição publicitária intoxicante da mídia, que poderia torná-lo um fenômeno de moda, sem levar em consideração as conseqüências que isso poderia ter na raça canina.

3ª Parte

O cão a serviço do homem

O cão que salva

Os cães heróis

A devoção que o cão pode dedicar ao homem o leva, às vezes, em determinadas circunstâncias, a ultrapassar seus limites para salvar seres humanos. Alguns desses cães, de raças diferentes, transformaram-se em lendas, comprovando, com suas façanhas, as suas capacidades no que se refere a prestação de socorro.

Após sua domesticação, o cão transformou-se em auxiliar do homem em todos os seus trabalhos, e em setores tão diversos quanto a caça, na função de guarda ou na vigilância de rebanhos. Considerando-se, porém, a linha do tempo, ele se tornou, igualmente, muito mais do que isso: cães heróis cujas façanhas permitiram que salvassem vidas humanas, cães em avalanches e para rastrear pessoas perdidas, cães em escombros ou de salvamento no mar...

Togo e Balto, cães de trenó

Fevereiro de 1925 no Alasca: uma epidemia de difteria provoca uma devastação e ameaça se propagar até Nome, cidade afastada da costa oeste. Nessa época do ano, nem mesmo por avião se poderia assegurar a ligação além de Seattle, para encaminhar o soro necessário. Foi decidido, então, o uso de trem e, para os 1.000 km restantes, de trenó. Foi feito contato, então, com Leonhard Seppala, que desde 1920 era considerado como o condutor de trenós mais rápido dos Estados Unidos.

Com o agravamento da epidemia, foi organizada uma equipe de condutores de trenó, dia e noite, para acelerar a chegada do remédio. Sob condições climáticas terríveis, baixo uma nevasca turbilhonante, Seppala se viu na obrigação de assumir riscos impressionantes. Togo e Balto, seus dois cães líderes, levados pela tenacidade de seu treinador, deram prova de resistência extraordinária e de uma postura exemplar.

Graças a eles, o soro chegou a tempo ao seu destino. Seppala e seus cães, tendo eles próprios percorrido 500 km, contribuíram em larga margem para a façanha; fizeram o soro chegar em 127 horas e 30 minutos!

Desde então, em comemoração a esse périplo, todos os anos acontece uma das maiores corridas polares da atualidade: a Iditarod.

Barry, o São Bernardo

Tradicionalmente, os São Bernardo são cães de salvamento em montanha. Os monges cenobitas do asilo de Grand-Saint-Bernard, na Suíça, os acolheram no século XI e, desde o século XVII eles são treinados para o salvamento de pessoas perdidas na montanha.Barry nasceu no início do século XIX. Foi lhe dado esse nome, que significa "urso", o qual passou a distinguir, desde sempre, o macho mais bonito do canil do asilo. Sozinho ele salvou mais de 40 pessoas e passou, dessa forma, à posteridade.Foi levantada uma estátua em sua homenagem, em Paris, no cemitério dos animais.

Corre a lenda que ele foi morto pela última pessoa que encontrou e que o tomou por um urso. Na realidade, ele morreu de velhice em 1814 e seu corpo está preservado no museu de Berna. Além disso, associamos à imagem do São Bernardo o tonelzinho de bebida alcoólica: lenda tão falsa quanto a anterior. Essa beberagem é, de fato, perigosa para as pessoas encontradas em hipotermia.

Rudy, cão de escombros

11 de dezembro de 1988: aconteceu um terremoto que atingiu 7,2 graus na Armênia. Diante da amplitude das perdas materiais – duas cidades foram totalmente aniquiladas –, foi solicitada ajuda internacional. A França fez parte dela e enviou as Unidades de Instrução e de Intervenção da Segurança Civil (UIISC – Unités d'Instruction et d'Intervention de la Sécurité Civile) que embarcaram para a Armênia decorridas 24 horas da catástrofe. Delas fizeram parte treinadores de cães em escombros e, entre eles, o primeira classe Deguerville e seu cão Rudy, cruzamento de Husky e de pastor alemão, com idade de 4 a 5 anos. As condições climáticas eram pouco clementes: a temperatura avizinhava-se de – 3º a – 4ºC durante o dia e cerca de – 20ºC durante a noite. Os treinadores de cães se revezavam no trabalho 24 sobre 24 horas nos dois primeiros dias e, após, nos dias seguintes eles dividiam seu tempo alternando seis a oito horas de busca com três horas de descanso. Os habitantes orientavam as buscas indicando aos treinadores de cães a posição de eventuais vítimas. No quarto dia, o primeira classe Deguerville é direcionado, dessa forma, para uma escola primária onde não é encontrado nenhum sobrevivente. Nessa oportunidade, ele é atraído por uma fábrica de calçados situada nas proximidades. Após inúmeras horas de busca, Rudy marca um local, isto é, que ele indica a seu treinador que encontrou uma vítima. Os escombros são desobstruídos nesse local e uma mulher é evacuada, viva. Após ter passado diversos dias sob os escombros, ela havia sobrevivido sem alimentação e sem água e com traumatismo grave em uma perna. A amputação pôde ser evitada e, graças ao atendimento intensivo, ela pôde se restabelecer plenamente.

Assim, Rudy conquistou seu lugar ao lado dos cães heróis, salvadores de pessoas presas sob os escombros de tremores de terra no Irã e no México.

Os cães nas avalanches

A montanha no inverno: não há nada mais maravilhoso do que esses espaços nevados sob um sol freqüentemente brilhante, o que atrai os freqüentadores do circuito e os esquiadores... esquecidos, por vezes, que a montanha pode ser perigosa. De fato, mesmo que as condições climáticas pareçam favoráveis, sempre se deve temer as avalanches. É por isso que são colocados meios consideráveis à disposição das estações de esporte de inverno. Eles compreendem equipes de socorro e de vigia, equipes cinófilas, profissionais da montanha, para orientar e acompanhar as pessoas que desejam descobrir a montanha, e um sistema de meteorologia em atividade que permitam avaliar os riscos.

Uso de cães nas buscas

Os meios preventivos são, com certeza, fundamentais, mas às vezes há necessidade de convocar equipes de socorro quando o acidente não pôde ser evitado. É quando se faz uso dos cães. A busca em avalanches é uma das raras atividades de socorro na qual o cão é empregado imediatamente. Seu faro excepcional, a rapidez e a tenacidade o colocam em primeiro plano. Assim sendo, o cão faz parte de um grupo que conta também com sondadores e escavadores. As equipes trabalham simultaneamente, mas os cães são prioritários na pista.

Por que, então, os cães são postos à frente? O fator tempo é, com toda a certeza, essencial para o socorro na montanha e, quanto mais rapidamente é explorada a avalanche, mais os socorristas terão oportunidade de encontrar vivas as pessoas soterradas.

É nessa condição que o papel do cão assume toda sua importância: em trabalho de qualidade igual (na verdade superior), o cão explora o terreno com mais rapidez. Assim, uma sondagem minuciosa realizada por vinte sondadores exige vinte horas a fim de obter resultado de 100%, enquanto o cão, para o mesmo resultado de 100%, trabalha por duas horas em uma área em torno de 1 hectare.

A escolha do cão e de seu treinador

Na França, as equipes cinófilas têm origem no Exército, na "Gendarmarie Nacionale" (Delegacia de Policia), nas CRS (Compagnies Républicaines de Sécurité de la Police Nationale – Companhias Republicanas de Segurança da Polícia Nacional), nas estações ou pertencem a particulares. De fato, nós os reagrupamos em duas categorias: Exército e Delegacia de Polícia são formados por instrutores policias, enquanto as três outras existem no contexto da Segurança Civil. Os treinadores são, freqüentemente, homens acostumados às dificuldades da vida na montanha e que dominam perfeitamente a prática de todo tipo de esqui.

Duas raças de cães são preponderantes: o pastor belga Malinois e o pastor alemão. Certamente, eles representam os dois tipos de raças utilizados em todas as operações de busca e seu lugar está plenamente justificado. De fato, esses cães apresentam tamanho e peso suficientes para que não sofram sob a neve e sua obstinação ao trabalho não é desmentida. Para o recrutamento são utilizados critérios físicos, sanitários e relacionados com o seu caráter. Também, é interessante verificar se os cães se adaptam com facilidade às suas novas condições de vida: após alguns dias sua pelagem aumenta com o grande desenvolvimento da camada sob o pêlo, os pêlos dos espaços interdigitais são menos utilizados e formam, assim, "raquetes" que aumentam a superfície de suporte das patas, a pele da almofada se endurece e resiste melhor à agressão da neve e dos sais que são espalhados sobre as estradas para derreter a neve. Apenas os olhos dos cães devem ser protegidos dos raios ultravioletas: durante os treinos e as expedições pro-longadas ao sol, os treinadores empregam um colírio que permite anular seus efeitos nefastos.

A formação e o treinamento das equipes cinotécnicas

Os cães são treinados durante diversas semanas nos maciços montanhosos. Seguindo ou alterando os protocolos em prática pelos socorristas suíços, os cães e seus treinadores aprendem seu ofício. A técnica, progressiva, permite ao cão compreender aquilo que lhe é pedido e ao treinador dirigir e "ler" seu cão, quer dizer, ser capaz de detectar o momento no qual o cão marcou o seu lugar. No final do estágio, as equipes cinotécnicas encontram-se, pois, aptas a deslocarem-se na área.

Para manter um nível elevado de competência, as equipes se sujeitam a treinamentos regulares durante o período de inverno, que permitam igualmente aos treinadores se encontrarem e compararem as intervenções que realizaram.

O cão rastreador

O rastreamento consiste na busca de indivíduos, a partir de indícios olfativos mais ou menos numerosos (vestígios, objetos, pressuposições de indícios…).
A missão deve permitir tanto a descoberta de uma ou mais pessoas quanto a detecção de todos os objetos ou materiais perdidos ou escondidos sob o traçado ou na sua proximidade imediata, seja simplesmente a indicação da direção tomada.

Que cão, que treinador?

Em teoria, todos os cães têm o faro suficientemente desenvolvido para seguir os vestígios deixados por um indivíduo. Todavia, devido à complexidade do rastreamento, que necessita de um amestramento especial ao qual nem todos os cães são receptivos, é essencial uma seleção prévia dos animais dotados.

Os animais selecionados devem, pois, possuir as seguintes qualidades: faculdades olfativas especialmente desenvolvidas; uma grande capacidade de concentração, essencial para não se deixar distrair por

O RASTRO

A todo momento, o corpo de um indivíduo emite moléculas odoríferas finas. O esquema ao qual o cão será confrontado é constituído por um conjunto de fatores: os odores específicos (individuais, dos grupos, das espécies), os odores químicos (couro, graxa, vestimentas), as fraturas do terreno (plantas pisoteadas, bactérias que sobem à superfície devido ao rompimento do solo…), o meio ambiente (bosque, prado, luzerna, cultura…), as condições atmosféricas.

Diferentes fatores são suscetíveis de modificar a percepção dos odores pelo cão. Sua ação simultânea intervém em momentos variáveis no tempo e complica seriamente o rastreamento. São eles:

Os fatores externos

A temperatura. Sua ação pode ser favorável (o tempo frio impede a difusão das moléculas odoríferas) ou desfavorável (uma temperatura elevada provoca o aumento da rapidez de difusão dos odores, o ressecamento das mucosas e a diminuição da resistência à fadiga).

O vento. Ele faz mudar a direção do rastro, resseca as mucosas e provoca grande difusão das moléculas.

As precipitações. Dependendo se fracas ou fortes, elas apresentam uma ação favorável ou não sobre o rastro. Uma umidade fraca, geada ou uma nevasca ligeira conservam as pistas. As precipitações "lavam" o rastro e agem sobre a acuidade olfativa com a deposição de pequenas gotículas ou de flocos de neve inalados na superfície da mucosa olfativa, tornando o ras-treamento impossível.
O terreno. A natureza do terreno influencia fortemente a qualidade do rastro. Eles são classificados em:
- terrenos duros e secos (areia, cascalho, rocha, estrada…) sobre os quais os odores não "aderem";
- terrenos movediços e/ou úmidos (prados, interior de bosques…) muito favoráveis a uma longa persistência, por vezes mais de 24 horas;
- terrenos trabalhados: favoráveis em tempo coberto e úmido, mas desfavoráveis em caso de tempo seco e quente.

O campo eletromagnético. Em geral, constata-se que o rastreamento é perturbado por tempestades ou nas proximidades de uma linha de alta tensão.

Fatores próprios do animal

Influência de fatores raciais: o pastor alemão é utilizado majori-tariamente. Sua acuidade olfativa não precisa ser demonstrada.

Influência do sexo: um cão fica muito perturbado pela presença de outro animal de sua espécie, principalmente se tratar-se de uma fêmea no cio. Influência do estado fisiológico: o cão só rastreia bem se estiver em boas condições de saúde.

Influência da fadiga: o rastreamento exige um dispêndio e uma atividade física e nervosa intensa. O treinamento regular e pro-gressivo retarda o aparecimento da fadiga e aumenta a qualidade do rastreamento.

Influência da alimentação: toda carência qualitativa ou quantitativa repercute sobre o estado geral do cão e pode provocar uma alteração no faro.

Fatores próprios do rastreamento

Duração: o cão não poderá chegar à síntese do odor corporal a menos que o odor de referência (objeto, vestimenta) seja suficientemente bom e fresco e que o rastro tenha uma duração mínima antes de apresentar dificuldade. De fato, a duração constituída por um só vestígio de rastro não é suficiente para que o cão o sinta. Ao seguir a pista, quantidades mínimas de odores corporais vão se adi-cionando a cada instante e o cão poderá, então, identificar o odor individual do traçador.

A antigüidade: as moléculas odoríferas se dispersam e se volatilizam no ambiente externo. A intensidade dos odores decresce gradualmente até se anular por completo.

O traçado: a forma do rastro influi sobre o rastreamento. É evidente que uma pista simples e reta é muito mais fácil de ser seguida do que um rastro que é formado por variás mudanças de direção.

Influência do treinador

Ela deve ser a mais neutra possível. Caso contrário, o cão se tornará rapidamente um mentiroso ou ficará definitivamente "quebrado".

odores parasitas e pelo ambiente (atenção e precisão durante o rastreamento); dinamismo, resistência, robustez e rusticidade; enfim, coragem e indiferença nos momentos de dificuldade

O treinador deve ser fisicamente apto, calmo e ponderado. Às vezes, as distâncias a serem percorridas são grandes e devem ser cobertas em um ritmo bem forte. Além do que, ele deve possuir um senso de observação e uma faculdade de interpretação elevados, que lhe permitam registrar as menores reações de seu cão e reagir em resposta

O cão de busca

A busca é uma disciplina que tem por finalidade a procura de pessoas perdidas; assim, ela se encontra na mesma linha que o cão rastreador.

Entretanto, ela se apresenta de modo diferente: nenhum objeto de referência é mostrado para o cão a não ser a área de saída potencial. O cão é lançado, sem correia nem trela. Seu trabalho consiste em fazer a busca de um odor particular dentro de uma área definida, como a que é feita em locais de escombros ou de avalanches.

O cão de salvamento no mar

Como em toda situação de salvamento, o cão, graças às suas capacidades físicas e à sua boa vontade, exerce um papel importante como auxiliar dos treinadores nadadores salva-vidas.

Escolha da raça: o Terra Nova

Esta raça apresenta muitas qualidades adequadas para uso em salva-

As utilidades Terra Nova

O cão sozinho

Ele atua na condição de salva-vidas com todos os direitos e obrigações: ajuda às vítimas lúcidas ou enfraquecidas, rebocadura de barcos ou de material, passagem de cabos no caso de inundações ou de catástrofes, condução de barcos para áreas pouco profundas ou que apresentem rochedos à flor d'água.

O treinador e seu Terra Nova

Neste caso o cão tem um papel de auxiliar. Durante o salvamento as vítimas se debatem, o homem domina a vítima e busca a ajuda do cão para a rebocadura; durante a rebocadura na direção do mar alto ou de barcos com vítimas a bordo para livrá-las de uma zona perigosa, ele tem o mesmo papel que acima; na ajuda de embarcações à deriva que se soltaram ou que sofreram avarias; na busca em campo o Terra Nova se orienta pelo Zodíaco (barca inflável), enquanto segue as bolhas de respiração dos mergulhadores.

Setores de atividades

As intervenções do cão podem ocorrer em todos os lugares aquáticos.

• No mar: saída após chamamento ou em vista de acidente em posto de socorro; segurança dos lugares de difícil acesso. Restrição: praias que têm ondas fortes e grandes.

• No rio: saída após chamamento em reforço aos socorristas em serviço; intervenção imediata e pontual apesar dos obstáculos, socorro de um veículo automobilístico. Restrição: ajuda necessária nas proximidades do montante de um desaguadouro de eclusa.

• Nos lagos e níveis d'água: saída após chamamento de uma testemunha ou em caso de acidente; permanência e vigilância em zonas turísticas. Restrição: ajuda necessária nas proximidades de montante de barragem.

• No caso de inundação: sua saída ocorre quando requisitado em reforço às equipes de transporte. As intervenções essenciais são: recuperação de material, condução de barcos de evacuação de vítimas ou de transporte de alimentos, passagem de cabos de sustentação.

• No caso de catástrofes: ajuda às vítimas e o mesmo tipo de intervenções que no caso de inundação.

• Na vigilância de espetáculos náuticos: regatas, triathlon, jogos náuticos que necessitam de vigilância

mento náutico:

- sua força natural: ele pode rebocar muitas pessoas e um barco de muitas toneladas;
- sua resistência: ele pode nadar durante muitas horas e por longas distâncias;
- sua resistência ao frio que o torna imediatamente operacional, ao contrário de um mergulhador que necessita em torno de cinco minutos para se aquecer e estar em condições;
- sua calma olímpica em qualquer circunstância é mais uma segurança para o náufrago;
- sua tenacidade, graças à qual jamais abandonará a missão;
- sua disponibilidade imediata: não tem necessidade de nenhum material.

Critérios de escolha de um cão de salvamento

Não se deve esquecer que as qualidades de um cão de salvamento náutico se originam, por vezes, de seu amestramento e de suas predisposições físicas e psíquicas. As principais falhas são a falta de instinto e de potência de nado. Mas aquilo que representa o maior problema é a displasia da anca.

Os filhotes adquiridos tendo em vista o salvamento náutico são escolhidos em função de seu dinamismo muscular poderoso e de sua forte ossatura pelo controle radiográfico sistemático de seus genitores no que se refere a displasia da anca.

A aprendizagem

Seja com um filhote ou com um cão adulto, a palavra mestre do amestramento é "lentamente". De fato, um cão adulto deverá se adaptar a seu novo modo de existência. Sua musculatura e suas articulações correm o risco de serem muito abusadas, se não houver um certo controle. É, portanto, necessário fazê-lo progredir lentamente no que se refere ao nado, à escalada e ao trote. Igualmente, seu caráter, já definido, deverá ser trabalhado.
Como qualquer outro cão novo, o jovem Terra Nova deverá ser amestrado progressivamente, em muitas fases curtas, correspondentes à sua capacidade de concentração. Igualmente, é preciso multiplicar os momentos de trabalho diário e os lugares de treinamento para evitar que caia no quotidiano.

O Terra Nova em treinamento

Todas as sessões de exercício têm início com uma fase de descanso quando o cão se diverte e se prepara para o trabalho. O treinamento propriamente dito se desenvolve na terra e na água. Mas, ele sempre tem início com uma sessão de pura obediência: marcha a pé, posicionamento, chamamento, que são inculcados no filhote desde os primeiros meses de idade. As ordens vão se complicando em seguida (comandos por voz e gestos à distância) e são feitos progressos sobre terrenos escorregadios ou em declive, procurando reproduzir as condições de intervenção. Todo o processo se completa com a familiarização do filhote com o mundo exterior: a multidão, os ruí-dos de motor, os elevadores...

O trabalho na água se decompõe em duas partes:

- o trabalho do cão que aprende a transportar objetos, a rebocar seu dono, após, pessoas que ele não conhece para, afinal, rebocar windsurf ou barcos;

- o trabalho da dupla treinador e cão, no qual eles se completam com confiança e cumplicidade recíprocas. Após os quinze meses de idade, ocorre a progressão visando ao salvamento propriamente dito: os treinamentos se complicam, o acesso à água necessita de escalada, a rebocadura ocorre com embarcações cada vez mais pesadas, por vezes o cão se encontra submergido por ondas de rebentação.

A freqüência dos treinamentos varia de acordo com as motivações e os esforços físicos do cão. Entretanto, as bases da obediência são revistas todos os dias.

Os dois membros da equipe cinófila devem progredir no mesmo ritmo. O estabelecimento de uma certa cumplicidade entre o treinador e seu cão é uma das bases fundamentais. Mas essa cumplicidade só é possível se o dono estiver na escuta de seu cão e for capaz de lê-lo como um livro aberto, isto é antecipar suas reações.

Se o treinador quiser soltar ou parar o cão em seu trabalho, seu tom de voz será diferente: os comandos autoritários são dados com uma voz seca e de maneira brusca e alta. Os comandos de estímulo devem ser enunciados de modo dinâmico e jocoso.

De qualquer maneira, em matéria de treinamento, só se deve lembrar um princípio: se um Terra Nova tiver êxito em um exercício, será graças apenas a ele mesmo; se ele falhar é falta de seu treinador.

Os riscos ocorridos durante o adestramento

Devem ser temidos os bloqueios de ordem física e psicológica durante o amestramento do cão. Realmente, os excessos nos treinamentos esportivos (saltos, escalada, nado…) enquanto os filhotes ainda são muito jovens podem provocar a frouxidão ligamentar ou aumentar uma displasia existente.

Por outro lado, forçar um animal jovem a realizar manobras que o assustem poderá levá-lo à rejeição permanente: será uma pena que um Terra Nova passe a ter medo de água pois foi forçado a saltar enquanto muito jovem. Devem se passar muitos meses para que volte a confiança de um animal "quebrado".
Deve ser por meio de brincadeiras que o salva-vidas induzirá seu cão a fazer exercícios que ele poderia se recusar a fazer. Assim, pois, é possível fazer cair as barreiras naturais de timidez, reserva, apreensão ou medo. É possível educar um cão além das inibições relacionadas com seu caráter, educação e modo de vida e compensar um eventual desequilíbrio inerente ao seu capital genético.

O cão de escombros

Um auxiliar essencial

Foi na Grã-Bretanha, durante a Segunda Guerra mundial, após os bombardeios que os cães foram utilizados pela primeira vez para reencontrar as pessoas sepultadas sob escombros.

A partir de 1954, foram criados centros de treinamento para cães de busca nos Estados Unidos, na Alemanha e na Suíça. Os cães suíços foram conhecidos como os primeiros em nível internacional quando do tremor de terra de Frioul, na Itália em 1976. Foram envolvidos 12 cães, tendo sido encontrados 42 sobreviventes, bem como 510 corpos.

Em 1977, na Romênia, 10 cães encontraram 15 sobreviventes e 97 corpos.

Em 1980, os primeiros cães franceses atuaram em El Asam, na Argélia (10 sobreviventes e 500 cadáveres localizados). Até o presente, cães de busca foram empregados em todos os principais tremores de terra (Irã, México e Armênia).

Cães de todo o mundo ficaram em evidência também em 1999 na Turquia, permitindo o salvamento de muitas centenas de vítimas soterradas.

O papel do cão de busca não se limita aos grandes tremores de terra. Eles podem intervir em caso de deslizamentos de terra ou de desabamentos de imóveis, após um incêndio, desmoronamentos em um canteiro de obras ou numa mina, no caso de catástrofes ferroviárias ou aéreas… Infelizmente, não há falta dessas circunstâncias.

Os aparelhos geofônicos do tipo capson (capazes de detectar ruídos de intensidade extremamente baixa, como os batimentos do coração) são usados igualmente para a detecção de vítimas mas, ao contrário do cão, sua utilização exige silêncio total, o que raramente acontece no caso de operações de desentulhamento. O cão treinado corretamente pode trabalhar em qualquer tipo de terreno, em subterrâneos obscuros, paralelamente ao trabalho dos salva-vidas e a despeito do ruído das máquinas de desentulhamento (gruas, bate-estacas, buldôzers).
Além disso, o capson não detecta as pessoas falecidas, enquanto o cão, não somente assinala sua posição exata mas "marca" de modo diferente se a vítima está viva ou morta, o que condiciona a rapidez do socorro. Os profissionais são unânimes quanto ao fato de que os cães são auxiliares indispensáveis em todos os trabalhos de busca em escombros.

Equipe cinotécnica de busca em escombros da Brigada de Bombeiros de Paris.

As equipes cinotécnicas da Brigada de Bombeiros de Paris.

Um trabalho de equipe

Como em qualquer outro trabalho que associe um cão e um ser humano, é necessária uma cumplicidade muito estreita entre o treinador e o cão. O mentor deve conhecer perfeitamente seu animal, saber lê-lo sob os escombros, quer dizer estar à espreita de todas as suas reações. Reciprocamente, o cão deve ter confiança total em seu treinador para segui-lo a todo lugar, quaisquer que sejam as dificuldades do terreno.

Para atingir esse grau de associação impõe-se uma longa preparação. Após a familiarização e a educação de base (ensino das posições, marcha a pé, etc.) o trabalho é orientado para a busca propriamente dita. As técnicas são variáveis. Em geral, o treinador conta com a ligação que o cão tem com ele e com o seu entusiasmo por um brinquedo em particular (bola ou osso de mordedor). O treinador, mais uma e, enfim, diversas pessoas se escondem com o brinquedo do cão. Assim que o cão os encontra, ele "marca" sua vítima latindo e arranhando o chão, a atração do brinquedo permite o desenvolvimento dessa mar-cação, qualidade essencial para um bom cão de escombros.

Quando o animal se torna capaz de detectar muitas vítimas que se escondem sem que ele o saiba, ele é "diplomado" conforme as modalidades próprias de cada país. O treinador e seu cão são inscritos, em escala nacional, como equipe de socorro, civil ou militar.

Os candidatos ao trabalho

Os cães utilizados para escombros devem possuir um bom faro, um caráter calmo, serem equilibrados e cheios de energia. Eles devem ser sociáveis, tanto para com os humanos quanto com os seus congêneres pois, com freqüência, eles vão estar em grande número nas áreas de escombros. O gosto pela brincadeira é igualmente essencial para a aprendizagem.

As raças mais empregadas são os pastores, em particular os pastores alemães e belgas. O pequeno pastor dos Pirineus, o Doberman, o Beauceron também mostraram capacidade para o trabalho em escombros.

O cão dos portadores de deficiência

Os cães de assistência aos portadores de deficiência

Para a maioria das pessoas, o cão é simplesmente um animal de companhia. Mas para determinadas pessoas ele é um companheiro para todos os momentos, que lhe presta uma ajuda indispensável. Esses cães excepcionais foram treinados para ajuda a pessoas deficientes, aos surdos ou deficientes auditivos ou, ainda, para guiar aqueles que não vêem. Esses cães puderam ser treinados graças a organizações privadas, criadas por pessoas entusiastas e possuidoras de grande generosidade.

A ANECAH, organização francesa, existe desde 1989, data em que deu início ao treinamento de cães destinados a facilitar a reinserção de pessoas que perderam parte ou a totalidade de sua mobilidade. Desde a criação dessa organização, foi formado um número crescente de cães – cerca de cinco dezenas desde 1996. Esses cães pertencem a duas raças, Labrador e Golden Retriever, devido à sua calma, docilidade e capacidade para reconhecer as ordens. A educação é feita em diversas fases. A primeira consiste em colocar o filhote em uma família, que se encarrega de sua educação. Numa segunda fase, o cão é treinado no seio da organização e é, então, amestrado para responder a cerca de cinqüenta ordens diferentes.

O papel da família de acolhida é decisivo e condiciona a continuidade da aprendizagem. A partir dos três meses de idade, os filhotes já estão pré-formados, quer dizer eles estão socializados, e a família se encarrega de ensinar-lhes a obediência. A cada três semanas, os cães e seus treinadores provisórios se encontram nos centros responsáveis pelo acompanhamento dos filhotes, fornecem conselhos eventuais de educação ou, então, em determinados casos, se encarregam de reeducar precocemente os cães que apresentaram falha de caráter forte o suficiente para anular seu trabalho futuro. Essa fase dura até a idade de 18 meses. O cão receberá, em seguida, a formação que lhe permitirá ajudar uma pessoa com mobilidade reduzida. Durante esse período de cerca de seis meses, o cão ficará alojado em tempo integral no centro e ali encontrará seu futuro dono nos quinze últimos dias de sua formação. Nessa oportunidade, o duo dono e cão é escolhido em função das suas afinidades. A aprendizagem é cotidiana; um monitor se ocupa do cão aproximadamente uma meia hora por dia. No final de 24 meses, um terço dos cães será afastado, seja por uma causa física (má conformação das ancas…), seja por uma causa comportamental. O essencial é obter uma adequação perfeita no âmago da dupla: é preciso uma boa compreensão mútua e uma boa utilização do cão pela pessoa portadora de deficiência. Isso ocorre em um estágio de duas semanas, relativamente experimental, durante o qual a pessoa aprende como se ocupar do cão, lhe dar ordens. Também, estão previstos controles, escritos e orais, além de um exame final. O treinamento completo de um cão custa em torno de 50.000 francos, o que limita o número de estagiários e, sobretudo, o número de cães que podem ser treinados.

No final do período do treinamento, os cães são capazes de responder a uma meia centena de ordens diferentes, como por exemplo: levantar objetos que caíram no chão, transportar objetos (telefone),

abrir e fechar portas, acender e apagar a luz, ajudar nos deslocamentos da cadeira de rodas nos locais de difícil acesso, etc.O cão do portador de deficiência cumpre inúmeras tarefas no lugar de seu dono. Mas ele desempenha também – principalmente com as crianças – um papel na evolução terapêutica de diversas doenças. É aí que os cães detêm o papel de verdadeiros médicos. Realmente, além das tarefas para as quais ele é treinado, o cão estimula as crianças deficientes. Estas encontram verdadeiro alento com seu novo companheiro, o que lhe permitirá se abrir para os outros e ter confiança em si mesmas. As crianças conseguem executar movimentos que jamais pensaram poder atingir. A ajuda trazida pelo cão as impulsiona a "ultrapassar seus limites". Esse fenômeno de terapia, com o emprego de animais, é objeto de pesquisas, principalmente no domínio do autismo, de causa desconhecida, e que atualmente não se beneficia de nenhum tratamento.
Esses cães facilitam também o trato das pessoas portadoras de deficiência por aqueles que os acompanham, o que contribuirá muito para a mudança de modo positivo na atenção que eles lhes trazem.

Os cães guias de cegos

As escolas que formam cães guias de cegos existem na França desde 1952 e na Inglaterra desde 1930. Os passos de treinamento são sensivelmente os mesmos que os precedentes, mas ela está muito mais desenvolvida, tanto em número de cães formados quanto no número de escolas que proporcionam o treinamento.

As raças empregadas são pastores alemães, um terço, Golden Retrievers e Labradores para o restante, escolhidos aqui ainda em virtude de suas qualidades de obediência e por suas faculdades de aprendizagem. Os filhotes originam-se de uma criação bem específica, voltada para essa finalidade, e que fornece para as escolas de cães guias. Esse centro de estudos trabalha na seleção genética dos cães,

procurando suprimir, principalmente, as falhas de caráter ou as más-formações ósteo-articulares (como a displasia das ancas). As pessoas que trabalham nesse centro recebem a orientação de veterinários, professores das escolas nacionais de veterinária. A partir do desmame os filhotes são colocados nas famílias, ditas "famílias de criação", e depois distribuídos pelas diversas escolas de educação. As fêmeas retornam regularmente ao centro para parir, pois isso garante a continuidade de reprodução de cadelas. O objetivo é, realmente, fazer nascer cerca de vinte filhotes por ano, pois se sabe que existe atualmente apenas um milhar de duplas dono-cão na França.

O treinamento se desenvolve em quatro meses, divididos em diversas fases, durante as quais o cão aprende, em primeiro lugar, a obediência. Ela consiste em exercícios simples, durante os quais o cão deve permanecer em posições determinadas, transportar objetos, se acostumar com a presença de sua coleira e caminhar corretamente ao passo. Essa fase que dura uma semana é dirigida exclusivamente por um instrutor. A seguir vem a fase durante a qual o cão aprende a evitar obstáculos de todos os tipos e a indicá-los para o seu dono. É o momento mais delicado de todo o período de educação. O instrutor continuará a intervir durante o primeiro mês. A seguir, o cão é confiado a um deficiente visual, que deverá se habituar à sua presença e a se deixar dirigir por ele em percursos variados. Ocorre, assim, uma relação muito estreita entre o homem e o cão. O instrutor serve de ligação entre os dois; é encarregado, também, de "educar" o deficiente visual.

Após quatro meses passados na escola de cães guias, o binômio deficiente visual/cão está pronto para enfrentar a vida cotidiana por muitos anos. O animal permite a reinserção do cego na vida social e que ele tenha atividade profissional, compatível com sua deficiência.

Em nível mundial, esse tipo de organização se desenvolve a fim de colocar à disposição do maior número possível de portadores de deficiências de todo o tipo, além da visual, cães cuja qualidade de formação evolui permanentemente.

Os cães de deficientes auditivos

Na nossa sociedade, ser surdo ou deficiente auditivo representa uma incapacidade de tal ordem que pode levá-lo rapidamente ao isolamento. A fim de minorar esse problema é que o cão, ainda uma vez, é utilizado.

Existem inúmeros centros no mundo que se ocupam desses cães, principalmente nos Estados Unidos, na Inglaterra e, sobretudo, na Holanda (na França, no momento não existe uma organização). Perto de Nimègue, precisamente em Herpen, em 1984 foi criada a fundação Soho responsável pela compra e o treinameno de cães para pessoas portadoras de deficiência ou surdas. Ela trabalha em colaboração com a Inglaterra, onde é realizada a compra da maioria dos cães. Eles são, sobretudo, da raça Golden Retriever mas também Welsh Corgi ou Bearded Collie.

Com oito semanas e até a idade de um ano, os cães são colocados junto a famílias holandesas, se possível com crianças, onde recebem uma mini-educação e são adaptados aos lugares mais variados (cidade, supermercado, bosque…). Em seguida eles retornam à fundação para a aprendizagem real de sua futura função. Aqui toma importância especial a raça escolhida, pois a inteligência dos cães será colocada a dura prova: será preciso que aprendam 70 ordens orais e 20 gestuais. Além disso, a voz de um surdo ou de um deficiente auditivo é bem diferente nas intonações e na dicção, o que exige um esforço de adaptação suplementar. Certamente, não se pode esquecer dos cães para surdos-mudos para os quais serão necessários dois anos de aprendizagem em vez de um.

O treinamento do cão consiste, sobretudo, em fazê-los reagir a determinados ruídos para prevenir seu dono. Por exemplo, ele salta sobre a cama assim que soar o despertador, puxa a perna da calça quando soar a campainha da porta ou, ainda, pega delicadamente na mão de seu dono para preveni-lo de uma visita inoportuna. Contudo, o que essas pessoas gostam mais é o rompimento da solidão e do isolamento.

Alguns dados: a formação do cão custa em torno de 50.000 francos; naquela fundação holandesa, 80% dos cães são bem sucedidos na aprendizagem; em 1987, as necessidades da Holanda eram da ordem de 45 cães, sendo 15 para surdos ou deficientes auditivos.

O cão auxiliar de segurança

Em função da evolução das armas e dos exércitos, o cão viu, com o correr dos séculos, seu emprego se modificar. Conhecemos o cão soldado, vestido com uma armadura fatal para o seu inimigo, o cão sentinela, rastreador, patrulhador, cão de ligação ou sanitário; nos dias de hoje, ele é introduzido como agente princi-pal na busca de hidrocarbone-tos, de explosivos ou de entor-pecentes. Mais uma vez, ele coloca sua devoção extrema, sua generosidade e suas capacidades ao serviço do homem, da sociedade e de sua segurança.

História do cão no exército

Os cães soldados

Desde o século XIII antes de Cristo, o cão, na condição de soldado com todos os direitos e obrigações, participa dos combates travados pelos homens. Esses molossos representavam armas indubitáveis contra o inimigo que tombavam sob o golpe de suas terríveis mordidas. A raça desses cães lembrava a de nosso dogue do Tibete atual. Entretanto, seu tamanho era ainda mais imponente pois o tamanho até a cernelha atingia de 75 a 80 cm, enquanto nos nossos dias estabilizou-se em 70 cm. Saídos da Ásia, esses dogues, mais ferozes do que os galgos de caça dos faraós, encontravam muitos compradores no Egito, depois na Grécia. Finalmente, eles chegaram ao Império Romano após a conquista da Grécia. Paralelamente, os gauleses, os celtas e os germanos desenvolveram uma raça derivada do Grande Dinamarquês utilizado. No século I antes de Cristo, combates famosos colocaram em oposição os cães guerreiros romanos e galeses.

O adestramento desses cães era simples: seu papel consistia em exterminar os exércitos inimigos, inclusive homens e cavalos. No correr dos séculos, seriam confeccionados sistemas de couraças revestidas de pontas cortantes ou de lâminas de foice de gume, coleiras com pontas e até mantos em couro recober-tos de uma substância facilmente inflamável: os cães assim transformados em verdadeiras máquinas de guerra deveriam dispersar cavalos e soldados de infantaria assustados ou cruelmente feridos. Seu desa-parecimento, no século XIX, ocorre ao par com o grande desenvolvimento das armas de fogo.

Os cães sentinelas

O faro fantástico dos cães e sua predisposição para a defesa e a guarda de seu dono fizeram deles as sentinelas de inúmeros fortes, cidadelas, praças e cidades fortificadas…

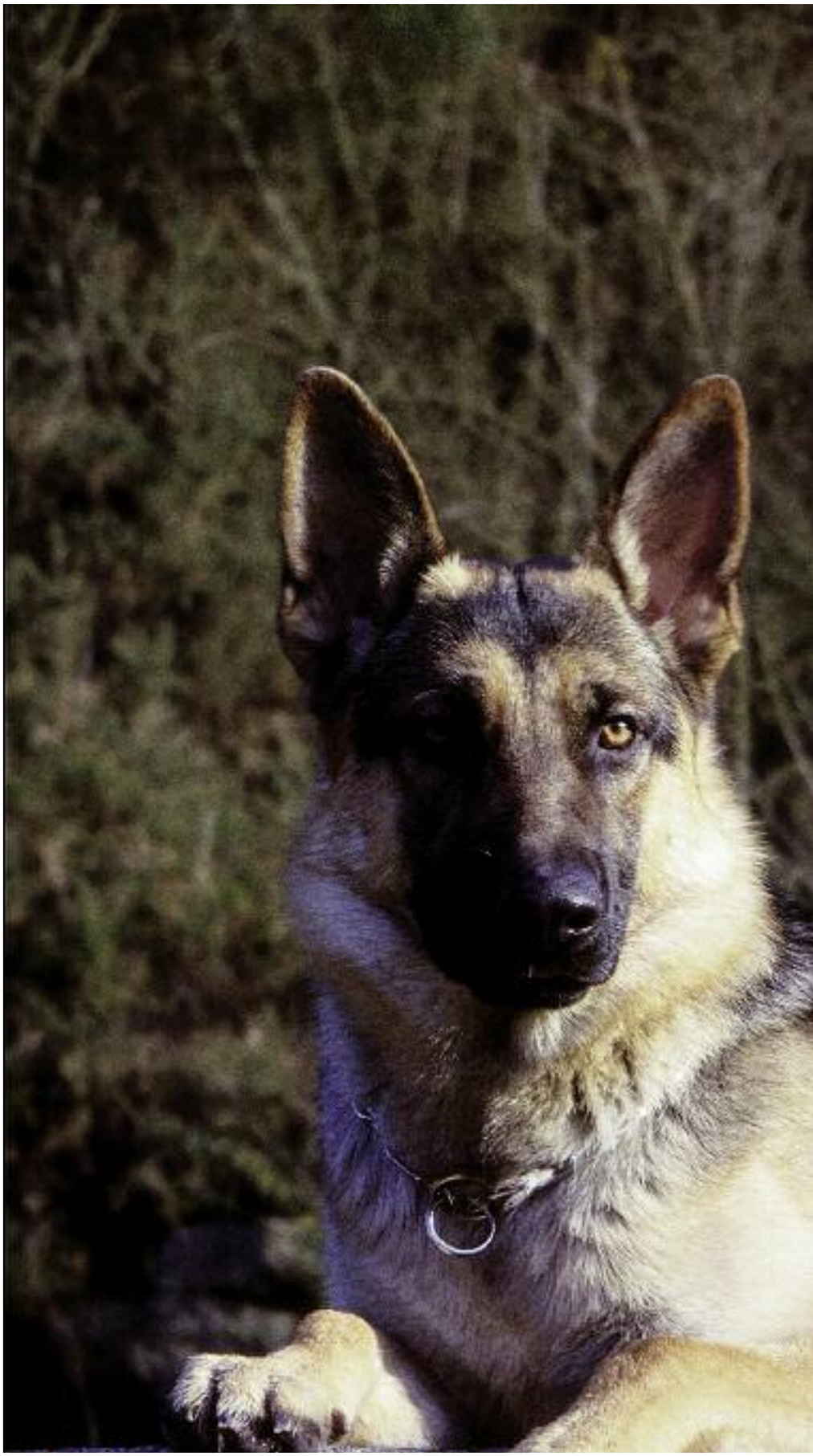
Plutarco relatou as façanhas do cão Soter: Corinto estava protegida por uma guarnição, ajudada por 50 molossos que dormiam na praia. Uma noite, os exércitos inimigos desembarcam. Os soldados, tendo festejado na véspera, haviam relaxado sua atenção. Serão os cães que se baterão contra o exército. Entretanto, as forças são desiguais e 49 molossos são exterminados. Um único, Soter, conseguiu escapar e fazer o alerta com os seus latidos. Os coríntios colocam-se, assim, em armas e conseguem rechaçar os atacantes. Para recompensar a coragem do cão, é lhe oferecida uma coleira soberba com a inscrição "Para Soter, defensor e salvador de Corinto". Este tipo de cão foi, sobretudo, multiplicado na Idade Média para a defesa de localidades como o Monte Saint-Michel ou a cidade fortificada de Saint-Malo onde, após 1155, 24 dogues ingleses eram soltos todas as noites à beira-mar para proteger os barcos dos piratas. Essa vigilância foi interrompida em 1770, no dia em que um jovem oficial, passeando pela praia, foi devorado… No dias de hoje, os cães ainda montam guarda em locais cercados.

Os cães rastreadores

Muitos cães foram adestrados para seguir o rastro deixado por uma pessoa em seu trajeto. Na América, durante a invasão dos territórios indígenas por Cristóvão Colombo, os cães eram treinados para encontrar os indígenas e os exterminar. Assim, em La Vega (República Dominicana), milhares de indígenas foram derrotados com apenas 150 soldados de infantaria, 30 cavaleiros e vinte de cães de guerra. Mais tarde, os espanhóis da América do Sul explorarão os cães com a finalidade de perseguirem os escravos que haviam escapado das fazendas. O treinamento, bastante sumário, consistia em lhes mostrar bonecos negros cobertos de sangue e de entranhas. Os cães, excitados com o odor, em seguida faziam rapidamente o paralelo entre os escravos e esses bonecos que lhes eram ofere-cidos como alimento. Os escravos encontrados tinham, pois, pouca oportunidade de ter salva sua vida.

Mais recemente de nós, durante a guerra da Argélia, cães rastreadores permitiram que fossem encontradas tropas que haviam conseguido abortar os sistemas de segurança. É, por exemplo, o caso de Gamin, pastor alemão do canil militar de Beni-Messous. Após chegar na Argélia ele era tão perigoso que ninguém podia se aproximar dele. Uma última tentativa foi realizada pelo polícial Gilbert Godefroid que o fez realmente "mudar". No dia 29 de março de 1958, cedo pela manhã, o polícial Godefroid é acordado com urgência: uma tropa de aproximadamente 200 homens havia atravessado as barreiras eletrificadas da fronteira tunisiana. Transportados por helicóptero, Gamin e o seu treinador partem imediatamente na busca, seguidos pelos homens do 1º regimento estrangeiro de pára-quedistas. O rasto fresco foi encontrado rapidamente e, no momento em que Godefroid soltou seu cão, uma rajada de arma automática fere mortalmente o “gendarme”. Ferido, Gamin arremessou-se impetuosamente e degolou seu agressor. Em seguida, ele se arrastou na direção de seu treinador e se deitou sobre ele para o proteger. Foram necessários seis homens e um encerado de tenda para o dominar. Reconduzido ao campo de base, ele foi salvo, mas ninguém poderia novamente se aproximar dele ou lhe dar ordens. A hierarquia militar decidiu lhe conceder uma aposentadoria tranqüila no canil central do quartel em Gramat, no Lot onde, determina a nota do ministério, ele devia "ser objeto de cuidados extremos até a sua morte". Entretanto, Gamin morreu, pode-se dizer de tristeza, 2 semanas após sua chegada. Suas cinzas continuam guardadas ao Centro Nacional de Instrução Cinófila da gendarmaria em Gramat e lhe foi dedicado um monumento.

No Vietnam, os americanos empregaram cães ras-treadores. Nessa guerra de guerrilhas, os cães foram treina-dos para seguir sem ruído os soldados a fim de descobrir e cercar as zonas de retirada e os campos vietcong.



Os cães de ligação

Conhecer as últimas notícias dos destacamentos avançados ou comunicar-se com outros pontos fixos sobre a linha de frente é fundamental para ter êxito ou modificar planos militares de ataque ou de defesa. Antes do advento das telecomunicações, o cão era amplamente utilizado como mensageiro.

Na Antigüidade, os molossos engoliam as mensagens e eram sacrificados à sua chegada, para que se pudesse recuperar os documentos preciosos. Entretanto, essas práticas cruéis tiveram fim rapidamente, não devido à atrocidade mas por seu custo excessivo.

No século XVIII, Frederico II o Grande voltou a utilizar o método para assegurar a comunicação entre exércitos durante seu reinado na Prússia. Esses cães adquiriram grande fama durante a guerra dos Sete Anos e deram origem à uma linha de cães de transmissão e de ligação.

A partir da guerra de 1914-1918, os cães de transmissão, conhecidos como "cães estafetas" se desenvolveram. Sua seleção era muito rigorosa: eles precisavam ter um tamanho entre 40 e 70 cm até a cernelha e pêlo neutro, ter saúde perfeita, ter visão, audição e faro excelentes, ser calmos, inteligentes e obedientes. De acordo com o Manual Militar, esses cães deviam ter entre 2 e 5 anos para se encon-trar no melhor de suas capacidades e ser suficientemente robustos para resistir às intempéries, pri-vações e fadigas.

Seu papel foi fundamental: eles precisavam ligar pontos com muitos quilômetros de distância entre eles, sob condições atmosféricas quase sempre difíceis. Foi relatado, também, que os cães estafetas podiam percorrer 5 km em 12 minutos sob bombardeamento. Paradoxalmente, os cães eram portadores de mensagens abertas, rapidamente decifráveis para as tropas inimigas; esse método, no entanto, teve bons resultados: eram raros os casos de captura de mensagens caninas.

Cães carregadores e de tiro

Os cães são capazes de transportar pesos de até 7 kg. Por isso, eles foram empregados largamente durante os diferentes conflitos para o transporte de munições, víveres e, até mesmo, armas nas primeiras linhas. Dessa forma, cães alemães durante a guerra de 1914-1918, foram capturados transportando metralhadoras leves. Dois tipos de cães carregadores foram criados durante essa guerra: os cães telegrafistas e os cães colombófilos. Os primeiros estavam munidos com uma bobina de fio telefônico que se desen-rolava em um trajeto perigoso através de trincheiras, de carreiras de tiro, de fios de arame farpado de modo a permitir o restabelecimento das linhas de comunicação interrompidas pelos combates. Os segundos eram treinados para transportar pombos correios para os postos avançados.

O emprego de cães de tiro data de 1911 quando os belgas atrelavam cães fortes a metralhadoras rolantes. Eles eram preferidos aos cavalos em virtude de sua maior resistência, sua mobilidade exce-lente para seguir os homens nas áreas sob árvores. Paralelamente, os cães eram atrelados às carroças de abastecimento, às macas e padiolas de feridos… até que fossem treinados verdadeiros cães de trenó no fronte oriental para os alemães. Tendo em vista a polêmica levantada sobre a capacidade de um cão tracionar qualquer objeto rolante, somente os exércitos belga, alemão (por um período curto) e russo utilizaram realmente esse tipo de cão.

Os cães patrulhadores

Como o seu instinto de guarda e de conservação é bem desenvolvido, os cães de patrulha rapidamente conheceram seus dias de glória: empregados para desalojar os inimigos escondidos nos bosques e em outros lugares seguros, eles permitiam que as patrulhas fizessem abortar as emboscadas e sinalizavam a presença de tropas inimigas. Esses cães eram empregados, também, na vigilância de escoltas de prisioneiros. Entretanto, poucos cães tiveram seus nomes inscritos na história, mas, no entanto, eles permitiram que muitas patrulhas desalojassem os inimigos ou reencontrassem seu cami-

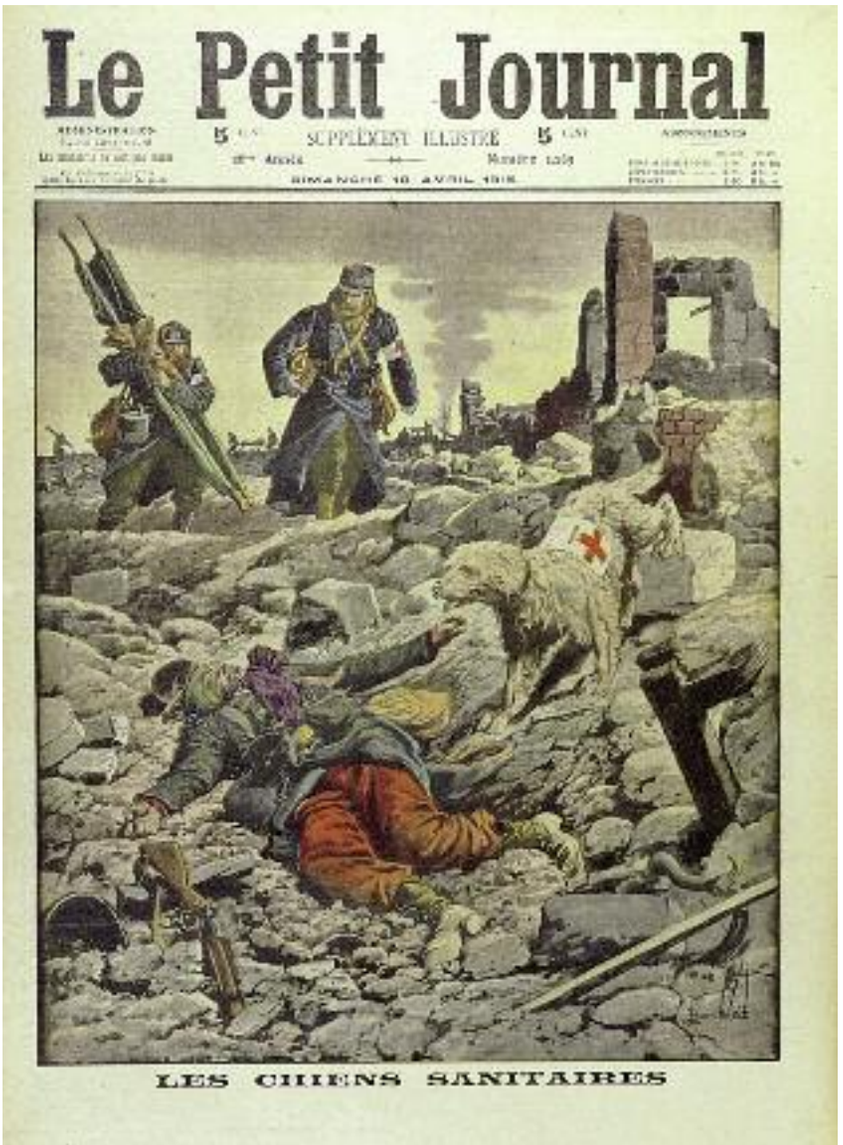
nho.

Os cães de busca de feridos ou "discípulos"

Os primeiros cães descobridores de feridos foram treinados pelos egípcios: assim que os combates acabavam, os cães eram soltos no campo de batalha em busca dos feridos que eles sinalizavam e lambiam.

Os cães "discípulos" apareceram no século XX. Treinados para encontrar feridos, eles os sinalizavam e traziam consigo um objeto que lhes pertencesse: o capacete do soldado servia, assim, de sinal para os socorristas que tornavam a soltar os cães sobre as vítimas. Sua contribuição foi fundamental: os feridos não podiam ser transportados senão durante a noite e os cães orientavam com vantagem as buscas. A primeira empresa do cão discípulo foi criada em 1885 pelo belga Van de Putte, seguida por uma empresa alemã, criada pelo pintor de animais Bungartz. Apenas em 1908 a França passou a ter esses cães.

Uma variedade de narrativas apresenta as façanhas desses cães. Citemos por exemplo este testemunho de um soldado do Mans, ferido em 2 de novembro de 1915: "Atingido por uma bomba no braço, por uma bala na mandíbula, por um golpe de sabre que havia descolado o couro cabeludo, eu estava meio soterrado sob os cadáveres de muitos camaradas, quando senti uma carícia na minha fronte: era um lindo cão discípulo que lambia meu corpo. Consegui me erguer um pouco apesar de meus sofrimentos. Eu sabia que os cães eram treinados para levar de volta ao acampamento os quepes dos feridos, mas o meu estava perdido. O corajoso cão hesitou: vai, disse-lhe, vai meu totó, vai procurar meus camaradas. Ele me entendeu, encostou o ventre na terra e, na volta ao acampamento, lutou tanto, latiu, puxando o capote deste e daquele, que acabou por chamar a atenção de dois corajosos carregadores de maca. Eles o seguiram e o cão os trouxe até mim: eu fui salvo".



Os cães sanitários. Suplemento ilustrado do Petit Journal, 18 de abril de 1915.

As missões perigosas

Algumas vezes os cães são empregados em situações difíceis e sob condições especiais.

Durante a guerra da Indochina, o terreno e a vegetação representavam muitos problemas às operações levadas a efeito pelas tropas francesas. Os primeiros meses de campanha tornaram evidentes os perigos que os pára-quedistas, lançados em área inimiga, poderiam encontrar. Apenas os cães eram capazes de acelerar as batidas minuciosas que os soldados precisavam executar. Nos dias 5 e 6 de setembro de 1949, foi tentado o lançamento de cães por pára-quedas na Escola de Salto do Meucon.

As principais dificuldades encontradas durante a aprendizagem de salto referiam-se ao momento em que o cão sai do aparelho e quando ele aterriza. Por ser mais leve que o treinador, o cão chega ao solo muito tempo depois dele e longe, o que causa atraso para entrar em ação. A redução no volume do pára-quedas permitiu diminuir esse problema: o cão passou a pousar ao mesmo tempo que o seu treinador e perto dele.

Outros cães, infelizmente, perderam suas vidas na história: o general soviético Panfilon, diante ao avanço das tropas alemãs, imaginou treinar cães para a busca de alimentos sob as máquinas blindadas. Deixados em jejum um ou dois dias antes do ataque, colocava-se uma mina sobre seu dorso e os cães se precipitavam para o seu destino funesto. Essas práticas totalmente cruéis, no entanto, con-

seguiram semear a desordem entre as tropas alemãs.

As atividades dos cães hoje em dia

As aptidões dos cães continuam as mesmas, mas os conflitos sofreram mudanças quanto a sua localização, suas técnicas… o emprego do cão está consideravelmente modificado. Assim, foram desenvolvidos cães pára-quedistas e colombófilos mas, também, cães detectores de minas, antigás… Em nossos dias, os cães se adaptam igualmente a outros usos: eles se transformaram em detectores de explosivos, para fazerem face ao desenvolvimento de instaladores de bombas, ou cães de busca de entorpecentes para conter o avanço da droga.

Todos esses cães são treinados no nível Elo III: todos os seus atos devem ser totalmente controlados

por seu treinador.

O cão de busca de entorpecentes

O cão de entorpecentes ideal deve ser brincalhão, dinâmico e de tamanho médio e flexível que lhe permita se introduzir em todo lugar e, eventualmente, escalar ou transpor um obstáculo. Resistente, deve ser possível exigir dele que efetue diversas buscas no mesmo dia. As opções, atualmente, se voltam cada vez mais para a raça pastor belga Malinois que apresenta um tamanho menor que o pas-tor alemão e um caráter mais vivo.

Esses cães são treinados também para o ataque. Não se deve esquecer que as condições de inter-venção levam, às vezes, os treinadores na busca de traficantes que podem se mostrar agressivos quan-do da sua detenção.

As intervenções com cães são realizadas, sobretudo, no local: o cão é levado para descobrir a droga escondida (heroína, cocaína, maconha, haxixe) e, portanto, acelerar as buscas que necessitam de uma sondagem minuciosa.

Finalmente, é necessário lembrar-se que os cães não são drogados. A idéia de abstinência existe realmente na espécie canina, mas os efeitos secundários que a droga provoca não permitem que o cão descubra mais rapidamente o esconderijo. Ao contrário, em estado de abstinência, os cães farão uma busca desordenada e pouco aprofundada, e se mostrarão agressivos diante de qualquer pessoa, mesmo seu dono.

O treinamento do cão de busca de entorpecentes

São necessárias quatro etapas para que se obtenha um cão de busca de entorpecentes em condição operacional. Conforme os cães, essas etapas serão mais ou menos longas.

Primeira etapa

No interior de um tubo de PVC perfurado é colocado o material ao qual o cão deve reagir. Para a heroína ou a cocaína, o risco que elas representam é muito sério para que o cão entre em relação direta com elas. Assim, são empregados "contatos" que são pequenos pedaços de tecido colocados em contato com o material de modo que fiquem embebidos com o odor.
Durante alguns dias, faz-se com que o cão brinque com o tubo até que ele se transforme em seu brinquedo preferido. Ao mesmo tempo, ele associa com seu brinquedo o odor do produto que se difunde pelo orifícios do tubo.

Segunda etapa

Quando se considerar que o cão está suficientemente ligado ao brinquedo, este é escondido, no início à vista, em local de fácil acesso. Entretanto, ele deve usar seu faro para o encontrar.
Pouco a pouco, o esconderijo será cada vez mais difícil, até se tornar de acesso impossível.
Paralelamente, o cão aprende a cavar: seu brinquedo é enfiado na areia. Esse solo móvel incita o cão a cavar para o encontrar.

Terceira etapa

O tubo é escondido em local fora da vista do cão (local desconhecido). Ele é introduzido na peça e, após uma breve incitação para que procure seu brinquedo, o cão é solto sob a ordem "Procurar". Assim que tiver encontrado o tubo com brinquedo inacessível, ele deverá tentar apanhar o objeto com ajuda das suas patas.

Quarta etapa

A última etapa consiste em suprimir o tubo para ensinar o cão a procurar apenas a droga que ele associa sempre a seu brinquedo.

O cão de busca de explosivos

A escolha do cão fundamenta-se nos mesmos tipos que os da busca de entorpecentes. Entretanto, ele deverá ser mais calmo e fazer as buscas sem agitação.
As raças preponderantes são, pois, os pastores belgas Malinois e os pastores alemães.

Os cães de busca de hidrocarbonetos

Essa especialização, que existe principalmente na América do Norte, está em desenvolvimento na Europa. Esses cães, treinados sobre os diferentes hidrocarbonetos, intervêm no caso de incêndios para detectar os produtos empregados pelos piromaníacos. Eles podem ser empregados preventivamente em florestas a risco, por exemplo, ou após um incêndio de origem criminosa. A marcação é feita escavando a terra: os produtos inflamáveis são, em seguida, retirados do lugar ou ela é feita antecipadamente no local em que o cão fará a escavação após o incêndio.

As principais dificuldades para o cão consistem em passar perto de inúmeras pessoas que pisaram nas áreas e operar em condições de olfação difícil: um incêndio destrói determinados odores mas libera muitos outros que podem ser às vezes tóxicos, sempre nocivos e acompanhados de fumaça.
As especializações de busca são, portanto, fundamentadas sobre a vontade do cão de encontrar seu brinquedo e de poder, em seguida, brincar com o seu dono. Os materiais explosivos, entorpecentes ou incendiários são, para os cães, indicadores que ele precisa descobrir para ter acesso a seu brinquedo favorito.

O cão de guarda e de patrulha

O trabalho do cão consiste em manter à vista ou seguir uma pessoa indicada por seu dono. Aqui, faremos uso, principalmente, da vigilância e da obediência do cão: este deve ser indiferente e não deve manifestar agressividade, senão no caso em que o indivíduo procurar se evadir. Nessa mesma área de ação, pode-se confiar ao cão a guarda de um objeto, de um veículo…

Formação do cão de busca de explosivos

São necessárias quatro etapas; elas correspondem ao mesmo tipo de aquisição que as necessárias para o cão de entorpecentes, mas com algumas diferenças. As buscas são realizadas tanto no interior quanto no exterior dos locais, com substâncias explosivas: dinamite, explosivo plástico, trinitrotolueno, formex, nitrato, combustível, hexolite, octocite, tetril…

A marcação se faz pelas posições "Sentar" ou "Deitar" conforme a localização da carga. "Sentar" marca as posições altas da carga e "Deitar" as posições no solo ou enterradas.

Além disso, o cão não deve mostrar nenhuma animosidade (latir, cavar) em vista dos mecanismos extremamente sensíveis dos sistemas explosivos empregados pelos terroristas (evidentemente, os cães são treinados apenas para as matérias primas citadas anteriormente).

O brinquedo utilizado é uma espécie de chouriço, associado aos materiais, nas três primeiras etapas. Ele será acessível, inacessível mas visível, e depois escondido, sempre acompanhado de dinamite.

O trabalho é realizado seguindo de pontos críticos correspondentes às diferentes posições possíveis de esconderijo do explosi-vo e de simulacros de esconderijo com o chouriço.

Não é realizado nenhum trabalho de ataque com os cães: o objetivo dos cães de busca de explosivos é de encontrar a localização das cargas (preventivamente ou em caso de alerta de bomba). O cão e seu treinador trabalham, assim, sozinhos nas áreas a explorar e, quando ocorre a detecção, os locais são evacuados para dar lugar às equipes de desmonte de minas.

Os cães da delegacia de polícia nacional

A delegacia de polícia utiliza cães de busca desde 1943. Atualmente ela dispõe de 388 equipes cinófilas (um treinador, um cão) formados em todas as disciplinas nas quais essas ações devem ser exercidas, a saber:

- buscas de pessoas (dito de rastreamento) e defesa = 209 equipes, sendo 20 qualificadas na busca em avalanches;
- buscas de entorpecentes = 80 equipes;
- buscas de explosivos = 43 equipes;
- guarda, patrulha = 36 equipes.

Essas equipes estão distribuídas pelo território nacional, no interior das unidades de delegacia de polícia, de maneira a formar uma rede que lhes permita intervir rapidamente em todos os lugares.
Os treinadores são selecionados entre policiais voluntários.

Os cães, pastores alemães ou belgas Malinois são adquiridos na idade adulta (em torno de 18 meses). Eles são designados a uma unidade por volta dos dois anos após terem realizado, com o seu treinador, um estágio de treinamento no Centro Nacional de Instrução Cinófila da delegacia de Gramat (Lot).

Quando não têm mais condições de servir à delegacia (em geral quando atingem de oito a dez anos, ou seja, após cinco a sete anos de serviço), eles são cedidos gratuitamente a seus treinadores. Poderão, assim, beneficiar de uma aposentadoria bem merecida junto ao seu treinador.

Os cães da delegacia são treinados diariamente. Em média, eles garantem, a cada ano, aproximadamente 40.000 serviços, nos quais 1.500 são buscas de pessoas, onde mais de 300 dessas buscas com resultado positivo.

Praticamente todos os dias, uma pessoa é encontrada pelo cão ou graças à sua ajuda. Na montanha são de 5 a 15 pessoas que, todos os anos, são encontradas sob as avalanches.

Sobre os cães de busca de entorpecentes, diz-se – e até já foi escrito – que eles são drogados. É absolutamente falso. Como é então que se faz trabalhar um cão de busca de explosivos? Todo o trabalho se fundamenta no amor pelo treinador e na recompensa: o cão procura seu brinquedo.

O cão e o treinador são levados por um respeito e um amor recíprocos. Sua divisa é: "Eu e você para eles".

General Jean-Louis Esquivié
Comandante das "Escoles de la Gendarmerie Nacionale".

Outras utilidades do cão junto ao homem

O cão de caça

Goste-se ou não, a caça continua a existir como um esporte, uma paixão, uma forma de arte para muitos que envolve mais de um milhão de cães. É um esporte para o cão como para o dono pois ela exige uma excelente condição física, para poder ser praticada durante muito tempo, como também força de caráter, tenacidade e espírito de observação, independentemente das necessárias qualidades de faro que fazem um bom cão de caça.

O cão tem demonstrado, e vem mostrando sempre, um conjunto de diversas qualidades para ajudar ao homem. Assim, no começo do século, nos campos, não era ele quem puxava pequenas carroças para transportar lenha, leite, crianças e mulheres? Não foi ele, em outro registro e sobretudo no século passado, quem desenvolveu aptidões lúdicas para animar espetáculos de rua ou de circo? E quando, hoje, ele coloca seu faro à disposição de seu dono, será para a descoberta de trufas, de minerais. E, certamente, para ajudá-lo na caça de animais silvestres.

Evidentemente, a caça está regulamentada de forma muito rigorosa e é por isso que, na França, ela se inicia como animal d'água durante a segunda semana de julho, tem continuidade com o perdigueiro em setembro e termina, graças ao plano de caça, com a caça com o galgo e a caça da galinhola no final de fevereiro. Sem o cão, amigo e companheiro do caçador, não há caça, esta última constituindo uma forma de competição na qual nem sempre o cão sai vencedor. Devido a seu instinto, seu conhecimento do território e seus artifícios, deve faltar ao animal de caça as qualidades de seu adversário canino, que são a inteligência, a finura do faro, o porte, o vigor e determinadas aptidões especiais para este ou aquele domínio da caça. Mas, além desses cães d'água, do perdigueiro, de "penas", de "pêlo", de caça com gal-gos e a cavalo, encontram-se igualmente cães mais especializados como aqueles que usam o desentocar, como na caça da raposa. Especializados, os cães de caça pertencem a diversos grupos da classificação estabelecida pela federação cinológica internacional.

Aptidões naturais e treinamento

Todos esses cães têm em comum grandes aptidões naturais, frutos de uma seleção atenta conduzida por decênios por criadores especializados. Entre as qualidades exigidas, a inteligência se sobressai: não é suficiente que o cão tenha um bom faro, é preciso que ele saiba se servir dele.

É aqui que intervém todo o trabalho necessário de treinamento do cão de caça: constituído por paciência e habilidade, ele não é imutável e os métodos variam de acordo com os cães, suas reações individuais e, certamente, o objetivo procurado. Essa fase necessária da educação é longa e nem sempre progride com a velocidade desejada. Somente um especialista pode treinar bem um cão em dois ou três meses. Geralmente são necessários seis meses de trabalho cotidiano para a obtenção de um bom cão.

Obediência, capacidade de lembrança, aquisição de posturas (a famosa "down" dos anglo-saxões que pode-se traduzir por "abaixar") são necessidades às quais se deve adicionar, para o cão, o fato de saber se servir de seu faro. Todos os animais são dotados de um faro mais ou menos desenvolvido conforme a espécie e, no caso dos cães, conforme a raça. Mas, no final do treinamento, o cão de caça deverá saber selecionar as emanações trazidas pelo vento a fim de evitar qualquer erro. O cão perdigueiro, ele próprio, deverá ser capaz de "sair em busca" num dado terreno para marcar sem fazer reboliço, de modo a

não assustar a caça e nem deixá-la escapar; deverá igualmente ser assegurado que ele traga a caça morta para o caçador… isto são todas as coisas que devem ser ensinadas a um cão para minimizar os problemas.
Por princípio e por atavismo, o cão de caça não pode ser um animal de apartamento, nem um simples cão de companhia; procure o nascido para isso e ele virá no galope. Desde o princípio, a posse de um desses cães magníficos sem levá-lo à caça imporá que se conceda ao animal oportunidades cotidianas de correr e de brincar, devendo sempre estar proscrita a vida na cidade.

Os cães caçadores de trufas

A busca de trufas, cogumelos subterrâneos raros que receberam a alcunha de "ouro negro", foi confiada, tradicionalmente, ao faro de diversos animais: cabras, carneiros, porcos e, mais recentemente, cães, mais maleáveis e transportáveis. Todas as raças de cães podem ser empregadas para esse fim, através de um aprendizado indispensável para encontrar trufas de forma profissional (trufeiras artificiais) ou amadora (trufeiras naturais).

Aprendizagem da busca de trufas

O método tradicional implica em que se tenha uma ninhada de filhotes destinados a esta atividade e que se lhes impregne desde o nascimento o odor da trufa pincelando as mamas da mãe com suco de trufa e se acrescentando sistematicamente, em seguida, suco de trufa na alimentação. Assim, o cão associará o odor da trufa com a alimentação e terá tendência de procurar sistematicamente esse odor, sobretudo se estiver de jejum por muito tempo. É preciso prestar atenção e não colocar muito suco de trufa pois este, pouco apetitoso, pode inibir a tomada de alimento.

O método da "gula" associa a busca da trufa à de uma guloseima cujo odor estará, portanto, associado ao da trufa (gruyère, presunto). Aos poucos, apenas a trufa é enterrada e a guloseima é dada após a descoberta, em recompensa por haver encontrado a trufa.

O método lúdico – destinado principalmente ao filhote e ao cão jovem – introduz a noção do jogo. A trufa é escondida em uma meia ou em um tubo plástico com o qual se brinca com o filhote. Assim

Encontro com a história

1823: portaria da prefeitura francesa proibindo o uso do cão como animal de tiro.
1845: criação em Paris da SPA, primeira associação para a defesa animal.
2 de julho de 1850: sob a iniciativa do general Grammont, é votada a primeira lei de defesa do animal, aplicando sanções a "todas as pessoas que publicamente e abusivamente maltratam animais domésticos".
2 de maio de 1855: aplicação de imposto sobre cães que será abolido em 1971.
1863: primeira manifestação canina em Londres, na Grã-Bretanha.
1869: primeira exposição canina francesa.
1870: durante o cerco de Paris, determinados parisienses famosos arrancavam a preço de ouro os cães que, às vezes, eram expostos nos balcões de açougue. Terminada a guerra, as exposições caninas se multiplicaram com sucesso.
1884: criação da Sociedade Central Canina (SCC) para a melhoria das raças de cães.

Cães na busca de trufas.
Col. Kharbine Tapabor, Paris.

que ele ficar bem ligado ao objeto, este é escondido e o cão é incitado a procurá-lo. Quando o desco-bre, ele reencontra assim, graças ao odor da trufa, seu brinquedo favorito. Aos poucos esconde-se apenas a trufa e o brinquedo é dado em recompensa após a descoberta

A busca na trufeira (natural ou artificial)

No início, o dono leva seu cão, preso na coleira, para as áreas que são conhecidas como ricas em tru-fas. Em seguida, o cão se habitua a encontrar, por ele mesmo, áreas interessantes, primeiro presos na coleira e depois em liberdade.

O cão detector de minerais

Em 1962, o cão foi utilizado pela primeira vez, na Finlândia, na qualidade de detector de minerais. Tratava-se, então, de fazê-los farejar rochas sulfurosas para fins de prospecção. Essa iniciativa foi, em seguida, retomada com sucesso na Suécia, na URSS e no Canadá.

Em outros países se utiliza, de ora em diante, o cão na busca de jazidas de níquel e de cobre, apesar que estas sejam mais difíceis de descobrir pois as rochas sulfurosas emitem um odor muito forte. Embora o modo de treinamento, por meio do jogo, é semelhante ao da busca de drogas e de explo-sivos, diz-se nos países do Leste e na Escandinávia que um bom cão pode descobrir uma jazida de até quinze metros de profundidade. Para quando será o cão para busca de ouro e de diamantes?

Representação de cães no circo (1870). Col. Kharbine Tapabor, Paris.

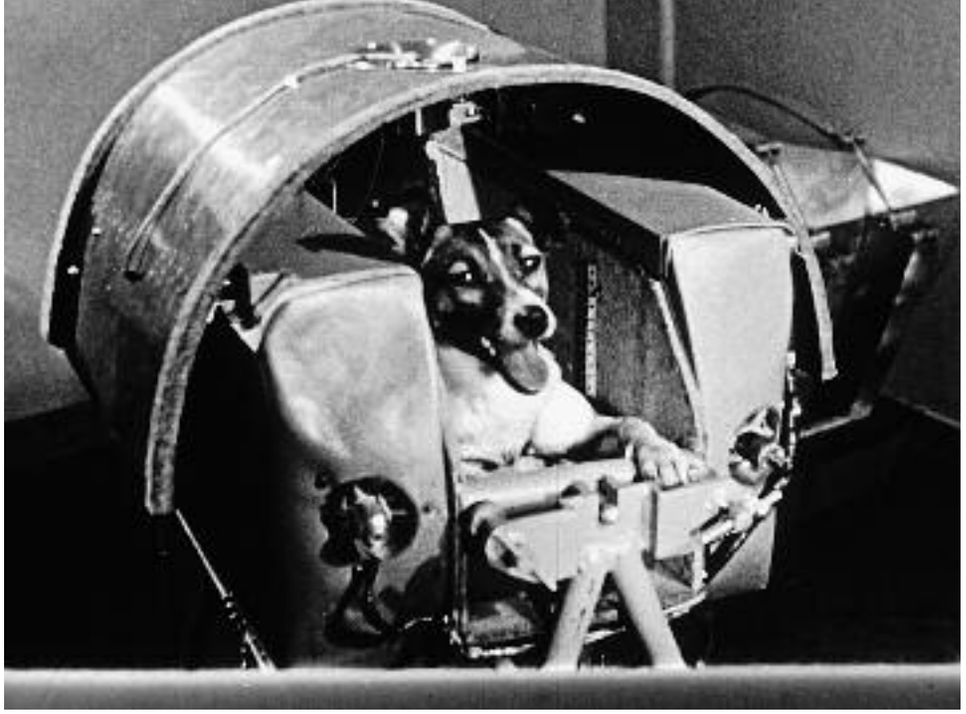
O cão de circo

Embora,hoje em dia, poucos circos e salas de espetáculos apresentem ainda espetáculos com cães, este não era o caso no passado, em particular no último século.

Este fenômeno teve início nas ruas das grandes cidades nas quais os cães se apresentavam, vestidos como humanos, sentados sobre as patas traseiras. Seguiu-se a apresentação nos intervalos das trupes de saltimbancos itinerantes, que utilizavam, aliás, principalmente aquilo que na época se chamava de (vira-latas).

Em 1896 Miss Dore apresentará no Olympia de Paris o primeiro espetáculo de caniches equilibristas. Mas, desde 1850, determinadas pessoas apresentavam cães sábios, como o célebre caniche Munito, que respondia a perguntas escolhendo cartões nos quais estavam escritas letras!

Desde então, como lembra Alain Dupont em sua obra consagrada aos cães, cada treinador tinha seus favoritos: os pequineses de David Rosaire, os cães de Malta Tenerifes dos Ybès, os barzoïs de Barbara Hochegger, os collies de Ewa Oppeltowa, os fox-terriers de Fredy Knie Junior e o grupo de raças de Gabriella (são bernardo, greyhounds, pinschers, épagneuls papillons, spitz, afghans e fox-terriers). Assim apareceram também o pastor alemão jóquei dos Fischer, os cães futebolistas de Lupescu Schoberto, o vagabundo Max de Philippe Gruss, os cães comediantes de Old Regnas, os cães trapezistas dos Palacys e os cães equilibristas de Éric Baddington. Quanto aos cães sábios, eles se multiplicaram, pois, na realidade, suas proezas matemáticas ou adivinhatórias não passavam de exercícios de treinamento que passavam totalmente desapercebidos aos olhos do espectador profano.



3 de novembro de 1957: a cadela Laika se prepara para a sua viagem a bordo do Sputnik II. Ela foi o primeiro animal a ser lançado no espaço.

Deve-se reconhecer que no século passado os métodos pelos quais se "educava" os pobres cães raramente se fundamentavam em qualquer conhecimento de psicologia e de comportamento do cão. O constrangimento, a brutalidade, o sofrimento e, mesmo a fome, eram os métodos bárbaros que permitiam obter, por meio do medo, aquilo que se desejava do animal. Foi para enfrentar essa situação que em 1929 foi fundado em Londres o clube Jack London, cujo objetivo era a supressão definitiva de todos os espetáculos ou apresentações que utilizassem animais, em especial o cão.

Desde então as coisas evoluíram rapidamente e os treinadores tomaram consciência do fato que um cão dá muito mais de si mesmo em um clima de cumplicidade e de recompensas do que em um ambiente de terror. Eles observaram rapidamente que, durante os espetáculos, os cães aprendiam por si mesmos a se transformar em "cabotinos", que eles adoravam os aplausos e que, aposentados, se tornavam tristes e melancólicos.

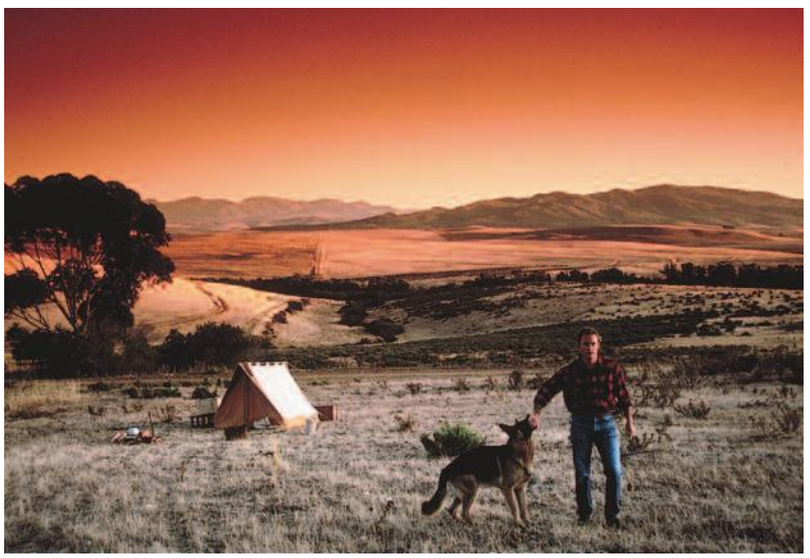
Qualquer que seja o domínio, um cão só aprenderá bem aquilo que bem o desejar, e o fará de modo alegre para satisfazer seu dono, formando com ele uma verdadeira equipe.

Ensinar o seu cão a fazer contas

Segundo o exemplo dado por Alain Dupont, famoso cinófilo francês, o treinamento de um cão sábio, para ensiná-lo a fazer contas, é relativamente simples.

Para fazê-lo, convém antes de mais nada que o latido tenha início sob um gesto preciso, pouco importante para todos, mas percebido como um comando pelo cão. Assim, enquanto damos ao cão uma guloseima ou seu prato, pode-se fazer um movimento de baixo para cima com a mão, que é o comando para latir. Assim que o cão late, ele é recompensado e lhe comandamos o silêncio abaixando a mão, com a palma voltada para ele. Muito rapidamente, será suficiente fazer o gesto de elevar o braço para conseguir o latido (por exemplo, ajustar a gravata) e de abaixar o braço para fazê-lo cessar. A partir daí, na presença de amigos, fica fácil pedir a eles que submetam um problema "matemático" simples ao cão (uma pequena adição ou subtração): a pergunta é feita para o cão enquanto se levanta discretamente o braço, o que provoca os latidos. Assim que o número de latidos corresponder à resposta, abaixa-se o braço discretamente, o que faz cessar os latidos, e só resta recompensá-lo. Para ter sucesso com o "truque", entretanto, é preciso que você saiba fazer contas!

4ª parte



O cão de esporte e lazer

O cão de esporte e lazer

Ao participar de várias exposições, concursos ou provas de trabalho, o cão poderá adquirir qualificativos que confirmarão suas aptidões, cuja maioria constará em seu pedigree. Provas esportivas e de lazer permitem também que o cão participe de testes seletivos. De qualquer maneira, seja qual for a prova escolhida, a qualidade daquilo que é exigido do cão será o testemunho de uma real cumplicidade entre o cão e seu dono, para o prazer de ambos, é verdade, mas sem o qual não existiriam nem o jogo, nem a vitória

Exposições e manifestações caninas

As exposições caninas são manifestações locais, nacionais ou internacionais, nas quais as diferentes raças de cães são julgadas de acordo com sua morfologia ou suas qualidades de trabalho, por juízes e especialistas.

A SCC participa no treinamento dos examinadores cujas candidaturas lhe são transmitidas pelos diferentes clubes de raças membros.

Freqüentemente escolhidos entre os criadores reconhecidos, os candidatos iniciam-se na avaliação do padrão de uma raça nos clubes participando das exposições e provas de trabalho. Um exame do clube sanciona esse aprendizado e dá acesso a um estágio de uma semana, organizado conjuntamente pela SCC e pelo serviço de zootecnia de uma escola de medicina veterinária. Na conclusão do estágio, os candidatos devem prestar um novo exame que lhes permite o acesso às funções de juiz-aluno, que eles exercerão ao lado de juízes-formadores. A experiência adquirida lhes permite posteriormente pretender o título de juiz estagiário, e, a seguir, de juiz qualificado e, portanto, exercer suas funções em campeonatos de maior porte e prestígio.

Compete às 64 sociedades caninas regionais, verdadeiras delegações regionais da SCC, promover as raças de cães e sua criação numa região, principalmente através da organização de reuniões (exposições e concursos de utilização). Elas federam a totalidade dos clubes de utilização (ou de trabalho).

Esses clubes (no total 600 na França) são membros das Sociedades Caninas Regionais (SCR), mas só podem organizar provas de trabalho e de agility, jamais exposições. Contribuem para a educação dos cães e para o treinamento de seus donos.

As associações (ou clubes) de raça, por sua vez, sãos os responsáveis, em acordo com a SCC, pela melhoria de uma raça de promoção junto ao público, o estabelecimento das orientações de seu padrão, parte do treinamento dos juízes e especialistas, credenciamento de confirmação e política de seleção.

Cada associação cuida de uma única raça, exceto quando uma raça está esperando por sua representação oficial, e, nesse caso, pode também assumir, a título provisório, suas funções. O mesmo ocorre com os juízes, que só excepcionalmente podem ser habilitados para julgar mais de uma raça.

Os julgamentos permitem atribuir uma cotação aos diferentes reprodutores, indo de 1 ponto para os sujeitos simplesmente confirmados até 6 pontos para os reprodutores de elite. Esses pontos são atribuídos em função do aspecto fenotípico, mas também, para os mais cotados, tomando-se em consideração os ascendentes, colaterais e descendentes.

Os campeonatos de padrão

Como a palavra "beleza" pode gerar confusões, os campeonatos de beleza chamam-se hoje "campeonatos de padrão". Os cães são apresentados em diferentes classes.

Classe "principiantes" ("esperança")

Nessa prova apresentam-se somente os cães que ainda não alcançaram a idade exigida para a confirmação (normalmente 1 ano). Os prêmios outorgados ao final dessa prova (bastante promissor, promissor, muito promissor) permitem prever o futuro desses filhotes, porém não devem ser considerados como títulos definitivos. Eles apenas indicam para o proprietário se é razoável, ou não, lançar o cão numa carreira de campeão apresentando-o na classe "jovens".

Classe "jovens"

Essa prova é reservada aos cães confirmados com idade entre 1 e 2 anos. Permite completar o exame de confirmação (conformidade com o padrão de sua raça) através de um julgamento qualitativo (será que o cão é suscetível de melhorar sua raça ou simplesmente não deteriorá-la?). Terminado o julgamento, entrega-se um cartão: insuficiente (rever o julgamento de confirmação), amarelo (bastante bom), verde (bom), azul (muito bom), vermelho (excelente).

Classe "aberta"

Como o nome diz, esse julgamento é aberto a todos os cães confirmados, inclusive aos jovens. As premiações são as mesmas. O melhor dos excelentes recebe o qualificativo de CACP (Certificado de Aptidão à Conformidade com o Padrão), o segundo, o de RCACP (Reserva de CACP). Várias dezenas de CACP são atribuídas a cada ano na França.

Classe "trabalho"

Essa classe é reservada aos cães das raças submetidas ao trabalho. Organizados pelos clubes de utilização, em conformidade com o regulamento da SCC, a finalidade dos concursos de trabalho é valorizar o trabalho, a educação ou o adestramento, as aptidões naturais de cada raça. Um carnê de trabalho individual permite acompanhar os progressos do cão à luz das premiações obtidas. Essas manifestações caninas são abertas a todos os cães de raça, mesmo não confirmados. Para ser declarado campeão de trabalho, um cão deverá ainda assim apresentar um mínimo de conformidade com o padrão. Observemos, no entanto, que para certas raças como o Border Collie, o Teste de Aptidões Naturais (TAN) pode ser indispensável para a confirmação. Essa obrigação não é aplicada para todas as raças, longe disso, pois é bem mais difícil fazer uma distinção objetiva entre aptidões naturais e adestramento quando o filhote é apresentado tardiamente ao TAN.

Classe "campeão"

Esse julgamento é aberto apenas para os cães já detentores de um CACP ou de um RCACP, sabendo-se que são necessários ao menos 4 CACP (dos quais 1 numa exposição internacional e 1 numa exposição nacional de criadores) para aspirar à obtenção do CACIB (Certificado de Aptidão ao Campeonato Internacional de Beleza ou Padrão). Essa competição permite selecionar um candidato ao título de campeão da França, outorgado na maioria das vezes por ocasião da exposição de Longchamp organizada pela SCC e que reúne mais de 6 000 cães. Durante essas exposições, designa-se o melhor de cada raça para enfrentar os outros campeões. O vencedor, entre todas as raças, recebe o título honorífico de "best in show" (melhor da exposição). A cada ano, são distribuídos aproximadamente trinta CACIB na França. Para fazer jus ao título de "campeão internacional", é preciso ganhar três CACIB no mesmo ano e em vários países, sendo que todos esses títulos devem ter sido atribuídos por juízes diferentes!

Classes coletivas

Em certas competições ditas "matilhas" ou "lotes de criação", não é mais os indivíduos que são julgados por suas aptidões, mas sim o efetivo na sua totalidade. Os prêmios outorgados recompensam portanto a homogeneidade da seleção feita pelo criador ou a qualidade de seu trabalho de educação e adestramento.

As principais provas de trabalho

As principais provas nas quais os cães podem competir, de acordo com sua raça, são: os concursos de cães de pastoreio (com rebanho), as provas de field-trial (cães de aponte), os concursos de vénerie (cães corredores), os concursos silvestres, de desenterramento, os concursos de cavação (cães farejadores de trufas), os concursos de salvamento ou trabalho na água (principalmente o Terra Nova), as corridas de Galgos (Whippets, Greyhounds).

Paralelamente a esses concursos, a atual paixão do público pelo cão dito "de utilidade", em comparação com cão exclusivamente "de companhia" está contribuindo para o desenvolvimento de esportes caninos tais como o agility ou o RCI (Regulamento de concurso internacional) que, devido a seu aspecto lúdico, constituem excelentes meios de socialização, educação e integração do cão em nossa sociedade.

O agility, homologado na França somente em 1988, é uma prova orientada para todos os cães, independentemente de seu tamanho, raça ou idade. Os cães correm com seus donos num percurso de obstáculos parecido com a "trilha do combatente" ou com um circuito do Detran. Essa disciplina requer uma grande atenção por parte do binômio dono-cão.

O RCI, por sua vez, é uma prova que requer tantas competências (obediências, faro, defesa, motivação, etc.) que poderia ser chamado de"Escola politécnica para cães de utilidade". Existem diversos níveis de RCI, que vão de 1 até 3 em função do grau de dificuldade imposto pelos percursos e pelas provas.

As provas de trabalho

Permitem confirmar, através do Teste de Aptidões naturais (TAN), as aptidões naturais e de adestramento do cão. Os principais são:

Os concursos de cães de pastoreio

Instituídos para incentivar os pastores a adestrar seus cães, esses concursos exigem uma obediência muito grande do cão e um real entendimento entre o dono e seu cão. Esse espetáculo de adestramento é impressionante. Existem dois tipos de concurso: os concurso "especial Border" para os Border Collies e os concursos "inter-raças".

O primeiro concurso de cães de pastoreio, organizado por Lloyd Rice em 1873 em Bala, no País de Gales, teve um grande sucesso e foi o ponto de partida, já em 1876, de um grande número de competições no País de Gales, mas também em outros países.

O primeiro concurso internacional especial Border ocorreu em 1906, na Escócia, após a elaboração da regulamentação pelos clubes de raça. Existem também na França e são abertos a todos os Borders Collies registrados no LOF e conduzidos por seus proprietários.

O cão pode trabalhar com um lote de cinco ovelhas. Num tempo limitado, deve fazê-las passar entre barreiras num cercado, e, a seguir, deve isolar os animais. Esse é um dos exercícios mais difíceis, dado que o cão trabalha com um rebanho pequeno. Pode trabalhar com dois lotes de dez ovelhas cada, sendo que cada lote deve ser trazido de volta individualmente. A seguir, com a totalidade do rebanho, ele refaz o exato percurso desenhado para um único lote de cinco ovelhas. Para um trabalho com dois cães, serão utilizadas seis ovelhas. Os dois cães, que não estão autorizados a cruzarem-se, conduzem o rebanho até o pastor, separam-no em dois lotes iguais, e, a seguir, cada um conduz seu lote até um cercado diferente.

Julgar um cão

"Quais são os parâmetros utilizados pelo juiz para decidir qual o vencedor, notadamente quando os cães apresentados são de raças diferentes?"

Em primeiro lugar, o juiz trabalha comparando cada cão com o padrão oficial descrito como sendo o indivíduo ideal da raça. Esses padrões, que descrevem a morfologia e o temperamento, são definidos pelas grandes associações de criadores (Federação cinológica internacional, American Kennel Club, The Kennel Club da Inglaterra…). Dentre os cães, o juiz seleciona os que mais se aproximam ao seu respectivo padrão.

"Sendo os cães julgados em relação a um padrão único, por que será que os mesmos são classificados de maneira diferente por juízes diferentes?"

Vários fatores podem entrar em jogo, tais como o fator individual do juiz, isto é, sua interpretação em relação ao padrão, em função de suas experiências e preferências, o peso conferido a certos critérios antes do que a outros, o fator individual resultando do par formado pelo cão e seu dono. Com efeito, o cão pode ser melhor valorizado por uma pessoa do que por outra, a temperatura exterior pode afetar mais certas raças…
O juiz também espera dos expositores que tenham um determinado comportamento. Devem ser pontuais: o ritmo do julgamento não pode ser interrompido, pois o juiz perde a concentração e a visão da totalidade dos cães julgados. Devem saber o que têm de fazer uma vez na pista: cada juiz tem seu estilo predileto, às vezes sem grandes variações. Assim, pode ser muito útil, ocasionalmente, observar o juiz que irá julgara a apresentação, de maneira a melhor apreender suas preferências, suas expectativas. Devem também aceitar de maneira correta o resultado final do concurso, mesmo que seu cão não tenha alcançado o lugar esperado.

Por outro lado, o cão será apresentado de maneira que o juiz possa ver seus dentes, sua cabeça e geralmente, tudo quanto estiver relacionado com sua avaliação, com rapidez e simplicidade, quer o animal esteja sobre uma "mesa", "em stay" ou caminhando. Os filhotes, no entanto, têm direito a uma tolerância maior. Estarão limpos e, se possível, submetidos ao "grooming". Isso é visto como uma marca de respeito.

Quais são os parâmetros utilizados para definir a qualidade de um cão de raça?

Podem ser resumidos assim: a tipicidade, isto é, todas as características que o diferencia com as outras raças. Costuma-se dizer que o tipo reside na cabeça, mas deve-se também levar em conta a cor do pêlo, o modo de andar.

A harmonia e o equilíbrio. Uma cabeça, por exemplo, poder ser muito bonita sem corresponder, porém, ao volume exigido para a raça, notadamente em relação ao corpo.

A personalidade: o caráter é fundamental, tanto para o cão de companhia quanto para o cão de exposição ou de trabalho. Se for tímido, agressivo ou preguiçoso, não poderá executar a tarefa que lhe for atribuída. A atitude também tem sua importância.
A estrutura: um esqueleto e uma massa muscular apropriados são extremamente importantes e são examinados com minúcia, tanto quando o cão está parado quanto em movimento (passo, trote).
A apresentação geral do cão: pêlos, pesos, "grooming", limpeza.

O treinamento; um cão bem treinado estará mais apto, durante os poucos minutos à disposição do juiz, para mostrar rapidamente suas capacidades do que um cão não treinado.

A definição de um "bom" cão poderia ser a seguinte: apresentar o maior número de características comuns de seu sexo e raça, ter um temperamento correto, uma condição de apresentação e treinamento suficiente para poder mostrar rapidamente suas qualidades.

Héléna Mentassi de Spektor juiz internacional
Adolfo Specktor, médico veterinário, juiz internacional

Logo após sua fundação, o Clube francês do cão de pastoreio organizou concursos com ovelhas. O primeiro ocorreu em Chartres em 1886, o segundo, em Angerville em 1897. Esses concursos interraças desenrolam-se "num grande prado cercado por árvores altas. Uma pista em "S", com 6 m de largura e um comprimento de aproximadamente 400 m, é demarcada por dois sulcos de arado. Três obstáculos são instalados na pista: uma fossa, uma passagem estreitada e uma banqueta irlandesa. Ovelhas, divididas em dois lotes, estão presas em cercados situados na ponta do prado desde os quais os pastores e seus cães devem conduzi-las, seguindo a pista, até outros cercados instalados na ponta oposta".

A Sociedade nacional de utilização do cão de pastoreio, fundada em 1911, tem por objetivo a criação e o incentivo do adestramento dos cães de pastoreio com rebanho. Em 1961, a Federação ovina e a SCC definiram um regulamento oficial dos concursos, assim como as regras para a obtenção do certificado de trabalho e, em seguida, do certificado de aptidão do campeonato de trabalho.

Os percursos são desenhados de maneira a reproduzir ao máximo as condições normais de trabalho. Esses concursos são abertos a todas as raças.

Os cães, com idade mínima de um ano, conduzidos por um pastor profissional ou por um criador de ovelhas, devem conduzir o rebanho (120 a 150 ovelhas) num cercado, fazê-lo passar por um lugar estreito, atravessar uma rodovia com carros circulando e passar ao longo de um campo cultivado com um comprimento de 400 m aproximadamente.

Hoje, graças aos esforços dos clubes de raça, esses concursos realizam-se em condições muito próximas à realidade. Com efeito, é mais útil ter um cão que toma a iniciativa do que um cão totalmente "guiado". Esses concursos permitem também mostrar o cão de pastoreio em plena atividade e incentivar os criadores a fazerem sua seleção em função do trabalho, não da beleza. Esses cães podem ser vistos conduzindo também rebanhos de bovinos ou gansos.

As provas de field-trial

Field-trials são provas esportivas muito populares, destinadas aos cães de caça e do tipo cães de aponte.

Existem três tipos de concurso de field-trial:

- os concursos de primavera, os mais difíceis, realizados no campo, em campos de trigo verde, com casais de perdizes selvagens;

- os concursos de verão, cujos regulamentos são os mesmos, também são realizados com perdizes. Alguns clubes de raça organizam field-trials específicos em altitude com tetraz grande-galo de charneca ou perdiz grega;

- os concursos de outono, durante o período de caça na França e praticados com caça a tiro, sendo que o cão deve imperativamente trazer o animal abatido de volta.

Nesse tipo de prova, o cão tem quinze minutos para demonstrar a excelência de suas qualidades de caçador. Deve explorar o território que lhe é assinado, cabeça erguida, à boa velocidade, correndo em ziguezague à frente de seu condutor. (Cada uma das passagens diante do dono deve fazer-se a uma distância equivalente ao que os juízes qualificam como "alcance do fuzil". A largura da busca de cada lado do condutor varia segundo a raça do cão e de acordo com a amplitude da busca específica da raça.

Nesses concursos, os cães de raças continentais (Bracos, Spaniels, Grifos…) não são avaliados nas mesmas provas dos cães de raças inglesas (Setters, Pointers). Os primeiros correm sozinhos de maneira sistemática, enquanto os segundos podem ser levados a competir individualmente ou em duplas, sendo que certos cães de nível muito alto podem participar do que é chamado a grande busca.

A grande busca interessa unicamente aos cães de raça inglesa. É uma prova muito dura, reservada para os cães de muito temperamento. Na verdade, trata-se quase de uma corrida de velocidade seguin-do curvas cujo diâmetro pode chegar a quase 100 metros. Só correm duplas e exige-se dos cães uma potência coletiva e uma condição física excepcionais.

Glossário dos termos cinotécnicos de uso comum

Instâncias cinófilas e livros genealógicos
FCI: Federação cinológica internacional
AKC: American Kennel Club (Estados Unidos)
KC: Kennel Club (Grã-Bretanha)
SCC: Société centrale canine (França)
VDH: Verband für das Deutsche Hundewesen) (Alemanha)
LOF: Livre des origines français
RI: Registre initial
SCRA: Société canine régionale affiliée à la SCC
SV: Société de vénerie (SPV: petite vénerie, SGV grande vénerie)
CEC: Club d'éducation canine

Certificados de aptidão
CACP (ou CAC): Certificado de aptidão de conformidade com o padrão
CACIB: Certificado de aptidão ao campeonato internacional de beleza
CACT: Certificado de aptidão ao campeonato de trabalho
CACIT: Certificado de aptidão ao campeonato internacional de trabalho
RCACS Reserva de CACP
RCACIB Reserva de CACIB
RCACT Reserva de CACT
RCACIT Reserva de CACIT

Títulos de campeão
ChS (ou CS): Campeão da França de padrão
ChIB (ou IB): Campeão internacional de beleza
ChT (ou T): Campeão da França de trabalho (cães de aponte ou Spaniels)
ChIT ou IT): Campeão internacional de trabalho (cães de aponte)
ChT/CO (ou CO): Campeão de Outono (cães de aponte)
ChT/GQ (ou GO): Campeão da França de trabalho em grande busca (cães de aponte)
ChTM (ou TM): Campeão da França de trabalho com ovelhas
ChT/CP (ou CP): Campeão da França de caça prática (Teckels)
ChT/TF (ou TF): Campeão da França de trabalho à francesa (Retrievers)
ChT/TA (ou TA): Campeão da França de trabalho à inglesa (Retrievers) ou Campeão da França de trabalho artificial (cães de busca de animal com pista de sangue)
ChT/TN (ou TN): Campeão da França de trabalho natural (cães de busca de animal com pista de sangue)
Ch. INT: Campeão internacional
ChT/P (ou TP):. Campeão da França de faro
ChT/PC (ou TPC): Campeão da França de trabalho prático no campo
ChT/R (ou CTR): Campeão da França de trabalho em ringue
ChT/GT: Campeão da França de trabalho com animal de caça
TR: Field Trialer
FC: Campeão da França de escavação (cães farejadores de trufas)
RCI: Regulamento de concurso internacional (ou campeão de RCI)
CF: Copa da França (ou vencedor da Copa da França)
VI: Campeão nacional de velocidade
SPC: Vencedor padrão desempenho corrida (lebréus)
SPP: Vencedor padrão desempenho perseguição (com chamariz)
BIS: Best In Show

Classes
COM: Classe aberta aos machos
COF: Classe aberta às fêmeas
CJM: Classe jovem (machos)
CJF: Classe jovem (fêmeas)
CTM: Classe trabalho machos
CTF Classe trabalho fêmeas
C.Ch.M: Classe campeão (machos)
C.Ch.F: Classe campeão (fêmeas)
CEINM: Nacional de criação (machos)
CEINF: Nacional de criação (fêmeas)
CLE: Classe lote de criação
CM: Classe matilha
CDM: Classe principiante machos
CDF: Classe principiante fêmeas

Diversos
R: reprodutor recomendado
EI: reprodutor de elite
TAN: teste de aptidões naturais
PH: prêmio de honra
OS: prêmio especial
EXC: excelente

O CRUFT'S SHOW

É o nome da exposição canina mais prestigiosa do mundo.

Toda a história começou no século XIX. Na Inglaterra, Charles Cruft tem esta famosa idéia: vender nos Estados Unidos biscoitos para os cães. Assim, ele envia uma carga para o outro lado do oceano. É tamanho o sucesso que ele abre em Londres um comércio desses biscoitos. Visita um número incrível de canis, tanto em solo inglês como no Continente, para vendê-los.

Fez seu nome no mundo da cinofilia e os criadores franceses encarregam-no da promoção da seção canina na Feira de Paris de 1878. Oito anos depois, ele repete a experiência, organizando um show em Londres. E em 1891, é o primeiro Cruft's Show que conhece um grande sucesso, até no plano financeiro.

Após a morte de Charles Cruft em 1938, o Kennel Club reacende a chama dez anos depois, a pedido da Sra. Cruft.

Hoje, o Cruft Show tem lugar todos os anos no mês de março em Birmingham, com a apresentação de mais de 15 000 cães vindos do mundo inteiro.

A busca dita "à francesa" é mais simples. Realiza-se como um concurso de primavera em quatro categorias: solo inglês, dupla inglesa, solo continental e dupla continental.

Mas, qualquer que seja o concurso, os cães são avaliados com base em sua velocidade, seu adestramento, seu faro, sua paixão pela caça, a extensão de sua busca, o porte da cabeça e seu estilo, graças a juízes que seguem um índice de pontos muito precisos. Somente cinco faltas são consideradas eliminatórias: insuficiência global das qualidades do cão; "saída de mão", isto é, quando o cão se afasta do condutor sem obedecer a chamada deste, abandonando sua busca; perseguição da caça após ter marcado ou não o aponte; temor exagerado do disparo; o "tape", ou seja, o caso do cão que descobre a caça por acaso, sem dar-se conta de seu achado.

Todos esses concursos prevêem premiações de acordo com as codificações "trabalho", tais como foram definidas pelas instâncias cinófilas oficiais, sendo a mais alta delas o CACIT (Certificado de aptidão ao campeonato internacional de trabalho).
Assim, até uma atividade tão ancestral e natural para o cão como o é a caça terá levado à criação de um esporte canino que não pára de desenvolver-se.

Os outros concursos para cães de caça

Não sendo o cão de aponte, o único cão de caça, diversos concursos ou competições são organizados para avaliar a qualidade das outras raças. Assim, as provas de trabalho para Retrievers permitem comparar as qualidades de recolhimento dos cães apresentados. Por ordem do juiz, o cão é enviado para recolher e trazer de volta a caça e recebe uma nota pela maneira com que efetua essa tarefa.

Os cães corredores de pequena vénerie, por sua vez, dispõem de dois tipos de provas para serem avaliados: caça ao cabrito montês e caça ao lebre. Nesses concursos competem matilhas de três a nove cães, conforme o caso.

Finalmente, Terriers e Teckels também têm direito a provas com tocas artificiais, com raposa ou texugo, ou até, para os Teckels, embora de maneira mais episódica, provas de busca de lebre ou busca com pista de sangue, sob a óptica de uma caça ferida.

Os concursos de escavação para cães farejadores de trufas

Desde 1969 são organizados concursos de busca de trufas para comparar a habilidade dos cães. O cão deve buscar e indicar com a pata a localização de seis trufas, enterradas num quadrado com 25 metros, o mais rapidamente possível, sem marcar duas vezes o mesmo lugar (penalidade), nem desenterrar e comer a trufa (eliminado).

Existem duas categorias nesse concurso. Uma, para principiantes (máximo de três participações sucessivas), onde o dono está autorizado a ficar com seu cão, com guia, no quadrado de busca. A outra, para cães confirmados, onde o condutor entra no quadrado apenas para desenterrar a trufa, entregá-la ao juiz, e ordenar ao cão uma nova busca.

A técnica de aprendizado dessa competição é idêntica à anterior, mas é preciso, adicionalmente, moderar o cão na sua escavação e ensiná-lo a respeitar as marcas que delimitam a parcela da busca.

As corridas de galgos

As corridas de galgos são provavelmente um dos esportes caninos mais antigos. Os primeiros galgos foram descritos já no sexto milênio antes de Cristo. No século I antes de Cristo, Arrien relatou, em seu Tratado para a caça, competições organizadas com caça viva. As civilizações celtas perpetuaram essa tradição.
No fim do século XIX, assiste-se às primeiras corridas de galgos com caças em terrenos artificiais, ou cinódromos. A primeira corrida (360 m) teve lugar em 1876 em Hendon, na Grã-Bretanha, num campo de corridas eqüinas. Com o primeiro cinódromo americano, construído em Tucson, Arizona, em 1909, é que esse esporte conhece um sucesso total. Os principais pólos estão na Irlanda, Grã-Bretanha e no Sul dos Estados Unidos.

O princípio é simples: seis cães num starting-box são soltos numa pista em forma de anel feita de areia ou grama, perseguindo um falso coelho puxado por um cabo ou por um motor no trilho interno do anel.

Nos anos 1930-1940, as provas atraem um público importante. Certos cães tornam-se celebridades, tais como Mick the Miller, com um recorde de 19 vitórias consecutivas e bicampeão do Greyhound Derby, em 1929 e 1930. A popularidade dessas corridas deve-se em parte ao fato delas serem curtas (350, 480 ou 760 m) e servirem de base para grandes apostas.

O pedigree e as provas de trabalho

Além da identificação dos ascendentes de um cão, o pedigree fornece informações sobre os títulos, premiações e qualificativos obtidos ao longo da carreira. A análise dessas informações permite uma melhor apreensão das qualidades do indivíduo.

O pedigree é o certificado definitivo de registro no LOF emitido pela SCC. Permite, quando completo, conhecer as origens de um cão até três gerações, quer seja oriundo da França ou de um país reconhecido pela FCI.

Nele constam: o nome do cão e do afixo da criação de origem, sua raça, seu sexo, pelagem, peso e tamanho para as variedades raciais, data de nascimento, número da tatuagem e o nome do criador, o número do registro no LOF, formado pela ordem de nascimento por raça seguida da ordem de confirmação, as informações relativas a 14 de seus ascendentes (7 paternos e 7 maternos).

Por outro lado, os clubes de raça, juntamente com a SCC, dispõem de um número cada vez maior de informações complementares sobre os resultados das exposições, das provas de trabalho e assim podem fornecer valiosas informações sobre os melhores sujeitos.

Um centro de pesquisa dedicado ao galgo de corrida

As corridas de galgos Greyhound constituem uma das dominantes culturais do Estado da Flórida, nos Estados Unidos. Esses atletas fora do comum, capazes de percorrer os 480 metros de uma pista em 25 segundos, com piques de velocidade que ultrapassam os 70 km/h, necessitam de uma abordagem muito especializada em sua preparação (treinamento, nutrição) e sua medicina (esportiva no sentido etimológico da palavra), lançando mão de noções novas para o veterinário que os acompanha diariamente. Nesse espírito de progresso é que foi criado, há alguns anos, na universidade da Flórida em Gainesville, o centro de pesquisa em medicina esportiva canina, totalmente dedicado ao Greyhound. Esse centro dispõe de sua própria pista de treinamento, o que lhe permite uma observação prática dos problemas próprios dessa raça.

Professor Mark Bloomberg Universidade da Flórida, Gainesville (Estados Unidos)

Nos países anglo-saxões, as corridas de galgos reúnem um verdadeiro meio profissional, parecido com o das corridas hípicas. O circuito envolve criadores, treinadores, sociedades de corrida, tais como o National Greyhound Racing Club que agrupa e regulamenta as corridas na Inglaterra desde 1972. Existem mais de dez cinódromos só na cidade de Londres!

Nos países do continente europeu, esse esporte ainda está balbuciante, por razões culturais, fiscais em certos países, as apostas em cães são proibidas ou muito limitadas, exceto nos países mediterrâneos. A quarentena britânica impede, além disso, os cães insulares de ir para o continente para correr ou reproduzirem-se.

As corridas em cinódromo e com apostas são legais na Irlanda, Grã-Bretanha, Estados Unidos, Austrália, Espanha e Marrocos. Trata-se essencialmente de corridas de Greyhounds de altíssimo nível, na maioria das vezes sobre distâncias de 366 metros. Esses cães são verdadeiros atletas que têm o benefício de cuidados especiais: estadas em centros de treinamento, tratamentos em clínicas especializadas. Na Grã-Bretanha, registram-se 20 000 nascimentos de Greyhounds por ano e mais de 6 000 espectadores assistem às corridas. Os campeões americanos podem embolsar valores consideráveis: até 125 000 dólares para uma única corrida. Nos outros países, outras raças ilustram-se nos cinódromos, em particular os Whippets e os Afegãs.

A perseguição de lebre, criada pela rainha Elisabeth I, tem sido por muito tempo uma das variantes da corrida de galgos. Trata-se de comparar os méritos de um par de galgos lançados atrás de uma lebre viva. Um juiz, montado num cavalo, avalia a habilidade dos cães, sua velocidade. Raramente ocorre a morte, mas as ligas de proteção dos animais opõem-se ferozmente a esse princípio do chamariz vivo. Pode ser utilizado um chamariz artificial. Todas as raças de galgos podem competir em corridas de perseguição, sendo a meta das provas conservar as qualidades esportivas dos animais não selecionados para as corridas em cinódromos.

Competições de ringue, faro e campo

Os concursos em ringue e sua aplicação prática, o concurso no campo, consistem numa série de provas de adestramento em que o cão revela suas aptidões naturais nas áreas do salto de obstáculos, da obediência, da combatividade e do faro. Ao permitirem selecionar, dentre as raças de pastoreio e guarda, as qualidades fundamentais de atletismo, dinamismo, aptidão à obediência, estabilidade de caráter e coragem, essas provas são reconhecidas como sendo melhoradoras da espécie canina. Por essa razão, seus resultados constam dos pedigrees dos animais e permitem informar os criadores sobre a utilização de reprodutores com maior capacidade para melhorar a qualidade da raça em termos de caráter.

A origem das competições

As primeiras provas em ringue foram organizadas na Bélgica em 1896 e, em 1903 ocorreram as primeiras provas no campo, na cidade de Lierre, próxima a Malines (Bélgica). Na França, desde os anos 1930, os Sres. Dretzen, presidente do Beauceron, Paul Meguin (redator da revista L'Éleveur) apreciador do Pastor da Alsácia, e Joseph Couplet, presidente do Kennel Club belga, definem os primeiros regulamentos franceses das provas em ringue, no campo e para cão de guarda contra a caça furtiva.

Hoje em dia, milhares de cães participam dessas provas passando primeiro o certificado de cão de defesa que dá acesso ao ringue, categoria 1, e depois na categoria 2 e 3. Nesses diferentes estágios do adestramento, o cão pode ter acesso também ao certificado de campo, de campo de 350 pontos e, por fim, campo de 500 pontos. Quando o cão está no ringue III, deve passar por vários testes de pré-seleção, com uma pontuação mínima que lhe permite o acesso aos três concursos seletivos que abrem a porta para o campeonato da França para os 25 melhores entre os quase 250 cães que se enfrentam no plano nacional.

O campeonato de campo, por sua vez, dura um dia, pois, sendo as provas sempre novas para o cão, o dono não pode ter a possibilidade de treinar seu cão após ter descoberto o percurso depois da passagem do primeiro candidato. Os cães são selecionados de acordo com as melhores pontuações dos concursos do ano.

Organização dos concursos

Os concursos em ringue são organizados em terrenos cercados de 2 500 m^2, que costumam ser os dos 650 clubes franceses que praticam essa disciplina. Existem concursos tradicionais que se realizam em locais de festividades locais: esse espetacular programa sempre surpreende o público.

Os concursos no campo são realizados em terreno aberto, num circuito no qual o cão confronta-se com situações utilitárias, sempre variadas. Deve demonstrar coragem e iniciativa. Os locais mais freqüentemente utilizados são os parques dos castelos. Talvez fosse interessante, porém, orientar-se para o trabalho em zonas industriais ou em vilas abandonadas. As dificuldades que o cão pode ser levado a resolver em meios urbanizados corresponderiam mais à utilização do cão tal como é praticada hoje em dia nas administrações. As provas de faro livre (o cão não é conduzido por seu dono) e com trela (com a qual o dono acompanha o cão) efetuam-se nos terrenos agrícolas vizinhos.

As raças implicadas

Quase todas as raças dos primeiro e segundo grupos (cães de pastoreio e guarda) são submetidas ao trabalho e apresentam um gabarito suficiente. São eles: os Pastores franceses de Beauce, de Brie, de Picardia e Pireneus; o Pastor belga de diferentes variedades (Groenendel, Tervueren, Malinois e Laekenois); os Boiadeiros de Flandres e Boiadeiros alemães, o Rottweiler; o Pastor alemão e as outras raças alemãs de utilidade: Schnauzer gigante, Boxer, Dobermann; finalmente, porém mais raramente, os Pastores holandeses, do Leste, o Ariodale Terrier.

As duas raças que dominam atualmente as provas de utilidade são o Pastor alemão e o Pastor belga malinois. Nos últimos quinze anos, o malinois tem realizado uma espetacular progressão até o mais alto nível das diversas competições esportivas e utilitárias e pode-se afirmar que ele será "o cão de utilidade dos anos 2000".

O treinamento para as provas em ringue e de prática nos campos

O treinamento de um cão que pratica o ringue ou o campo começa em torno dos 3 meses de idade é só se encerra com o fim da vida ativa do animal, em geral aos 8 - 9 anos de idade. As competições de ringue III começam em torno dos 3 anos, à razão de, em média, quatro sessões de uma hora por semana. Para esperar que seja performante nesse nível, é preciso portanto contar mais de 500 horas de trabalho com um animal dotado, na maioria das vezes oriundo de uma linhagem que às vezes remonta até a um século, geneticamente selecionada para esse emprego, com sessões de 45 minutos a uma hora de intensos esforços e situações diversas apelando para as qualidades sensoriais, atléticas, de obediência, iniciativa e combatividade desses cães de exceção.

Entre os 3 e 6 meses, o filhote recebe uma iniciação ao faro e à mordida. São-lhe inculcados os princípios básicos da obediência prática: essencialmente contra a displiscência. É levado para passear afim de acostumá-lo às diversas situações da vida urbana.

Entre os 6 e 9 meses, o cão é introduzido aos exercícios do programa. Aprende a morder a luva, a caneleira e a calça da roupa de proteção, cuidando para desenvolver a velocidade, as mudanças na mordida na perna, esquerda ou direita e a técnica da mordida. Resiste às ameaças da vara e não se assusta com os disparos que o atacante utiliza para impressioná-lo.

Em torno dos 9 meses de idade começa o adestramento atavés os exercícios, que devem durar até os 2 anos e 2 anos e meio. Os últimos meses antes das competições serão utilizados para fortalecer o animal no trabalho rápido e seletivo dos atacantes. No campo, o cão deverá assimilar todas as dificuldades do meio com o qual se deparará no uso utilitário.

O treinamento primário é iniciado quando o animal terminou seu crescimento, em torno dos 12 a 14 meses e sua meta é chegar a um rendimento físico otimizado. Os cães utilizados são cães de guarda ou, na maioria das vezes, cães de origem pastora. A velocidade natural desses cães, na sua função ancestral, é o trote em idas e vindas ao redor dos rebanhos em movimento.

Nos concursos de ringue, o cão atua com violentos esforços sucessivos. Sucessão de saltos, 2,3 m ida e vinda no muro, ida e vinda até a cerca de 1,2 m diante de uma fossa de 1,5 m, salto à distância de até 4,5 m. Um descanso durante a obediência e retomada com ataques a 40 m com 15 segundos de mordida…

É a partir desses dois postulados que se constrói a progressão física comumente utilizada entre competidores e administrações. Corrida de fundo progressiva, de 4 a 12 km duas vezes por semana com percursos fracionados alternados. Trabalho de velocidade com recolhimento de bolas de tênis lançadas desde uma elevação, quer como aquecimento antes do trabalho, quer em substituição aos percursos fracionados. Posteriormente, os percursos de obstáculos naturais são incluídos no treinamento, juntamente com a natação se estiver disponível um curso d'água próximo.

Paradoxalmente, cães como os Boxers, os Dobermanns, os Rottweilers e os Schnauzers gigantes é que mais precisam desses treinamentos, quando seu aspecto físico nos faz pensar o contrário. Globalmente, os Pastores são cães resistentes, porém nem todos são capazes de sustentar um trabalho tônico, sobretudo nos dias de forte calor. Os Pastores de Brie e os Boiadeiros de Flandres podem sentir-se incomodados por sua pele. Um tamanho de 65 cm para um peso máximo de 35 kg deve ser considerado como um patamar além do qual, salvo as exceções, fica difícil mostrar um bom desempenho tanto no ringue como no trabalho com rebanhos.

Os exercícios de adestramento

Nos saltos e escaladas, serão observados três esforços: os exigidos pelos saltos em altura e em distância, e o da escalada de muro.
Para um jovem cão fora do desacanhamento, os saltos consistem basicamente em pular por cima de pequenas cercas naturais com altura de 0,8 e 1 m, exercitando-se através da brincadeira. Ao mesmo tempo em que brinca, o cão conscientizar-se-á de seu potencial físico. Dentro do ringue, logo quando o cão souber conservar sua imobilidade, salta a cerca sem fossa e é ensinado a tomar suas marcas de largada. A seguir, eleva-se progressivamente a cerca antes de ser novamente colocada diante da fossa regulamentar. Em poucos meses, o cão que reunir as condições físicas realiza sua ida e vinda em 1,2 m. Certos sujeitos muito dotados conseguem pular 1,4 m. Para o campo, o cão é treinado a passar todas as cercas naturais possíveis.

O salto em distância começa colocando-se uma sebe diante da fossa da cerca que o cão já conhece bem. Logo que conseguir pular a uma distância de 3 metros, a sebe é colocada no meio da fossa (3 m de comprimento) para chegar a 4,5 m no fim da progressão. O recorde parece ser de 7 m de comprimento.

Diferentemente da cerca e da fossa, o muro não é um pulo, mas sim uma escalada que requer que o animal se apóie no topo do muro antes de reequilibrar-se graças a suas patas anteriores. Por essa razão é que esse salto é o último a ser ensinado ao cão, de maneira a que não se acostume a apoiar-se durante os pulos. O recorde atual é de 3,4 m com uma rampa inclinada para receber o cão. No campo, o cão deve passar cercas menos altas (2 m), mas os pontos de impulsão não são bons e freqüentemente mais duros do que os muros de 2,3 m.

As provas de obediência

Essas provas são: diversas caminhadas com o animal junto a seu condutor, com guia e sem guia e com focinheira; busca de objetos lançados ensinada através da técnica da busca obrigatória, sendo que o animal pode ver o objeto sendo lançado (caindo do bolso do condutor) ou não (o cão recebe o comando "busca" quando o dono se dá conta da perda de um objeto pessoal). O cão aprende também a segurar o objeto na boca, a deslocar-se sem deixá-lo cair, por fim, ir pegar o objeto e trazê-lo até o dono que lhe dará a ordem de largá-lo. No campo, a busca na água requer que o animal saiba nadar, o que o dono lhe ensina no verão em rios ou açudes pouco profundos.

O desenvolvimento e o futuro das provas de ringue e de campo passam principalmente pelo reconhecimento de interesse genético com a proposta de ver os resultados de ringue III e de campo com inscrições de pedigrees. Sugerimos, uma internacionalização das disciplinas assim como o reconhecimento por decreto das mesmas disciplinas que permitem fornecer as administrações nacionais, os cães indispensáveis à segurança dos bens do Estado, das pessoas fiscais e dos bens em geral.

O exercício com o comando "Em frente" é outra prova, ensinada com base na motivação através de um objeto ou de uma luva de tela que serve de brincadeira para o cão. Quanto às posições à distância, através de comandos, são trabalhadas primeiro com firmeza. O cão é colocado sobre uma mesinha de maneira a que não possa andar. Duas vezes, recebe o comando para mudar de posição (sentado, deitado, em pé) antes de receber o comando "Junto". O mesmo ocorre com as imobilidades, onde o cão permanece sentado ou deitado entre 1 e 2 minutos durante a ausência do dono. No campo, o cão pode ser distraído durante o exercício. Deve rejeitar diversas iscas (carne, queijo, etc.) que lhe são propostas e não pegar aquelas que são propositalmente deixadas no campo de treino. Acrescente-se a isso o trabalho de combatividade e de coragem.

Não é fácil, é claro, esboçar em poucas páginas a diversidade das abordagens do trabalho no ringue e no campo. Não obstante, a grande dificuldade, mas também o grande interesse, que esse esporte representa para uma abordagem científica reside em seu conteúdo: uma imbricação constante dos parâmetros psíquicos e físicos com uma importante influência direta no plano do aprendizado dos exercícios; cães com um bom desempenho que são o fruto de uma seleção draconiana efetuada de acordo com rigorosos critérios de aptidão para a competição. E isso vem ocorrendo há um século.

O TRABALHO DE COMBATIVIDADE E CORAGEM

Concluído o desacanhamento, começa, para as provas de ringue e campo, a preparação do cão para os diferentes exercícios que irão desenvolver sua combatividade e sua coragem. Esses exercícios permitem evidenciar de verdade as qualidades típicas dos cães de pastoreio: iniciativa, controle, mobilidade e espírito de decisão, ou seja, o que de melhor há num cão de trabalho. Essas mesmas qualidades é que são procuradas nos rastreadoes, avalanches, escombros...

A procura com latido e conduta do atacante

O cão deve procurar o mais rapidamente possível o atacante dissimulado num dos seis esconderijos espalhados no ringue. Ao descobri-lo, late para avisar seu dono. Chegando este, o atacante foge duas vezes disparando duas vezes com uma pistola 9 mm. A seguir, o cão o conduz por várias dezenas de metros. Durante essa condução, efetuam-se duas fugas para conferir a vigilância e a velocidade de intervenção. No campo, a procura é muito mais longa e o cão deve utilizar mais seu faro numa distância de várias centenas de metros.

A defesa do dono

O condutor, com o cão junto, vai ao encontro do atacante de quem aperta a mão, iniciando uma conversa. Terminada a conversa, o atacante se afasta antes de dar a volta para agredir o condutor. No momento da agressão, o cão defende seu dono com energia e em posição de defesa na cessação antes de voltar para junto de seu dono. No campo, a defesa do dono se realiza em esquemas e situações muito diversas (pátio de fazenda, prédio, etc.).

Uma segunda defesa é praticada com focinheira para verificar a aptidão para defender realmente seu dono. Com efeito, os cães condicionam-se ao

uniforme de ataque e muitos cães esportivos não defenderiam seu dono no caso de uma agressão de verdade.

Os ataques

São vários: atacante de frente ou fugindo, protegendo-se com uma pistola ou uma vara (um bambu rachado que faz muito barulho e impressiona o cão sem machucá-lo) e, terminada a ação, quer volta para junto do dono, quer fica em posição de defesa e pára duas vezes o atacante que procura esquivar-se. No ringue, há o ataque frontal com vara, fuga com a vara, posição de defesa com pistola.

No campo são possíveis todas as combinações e o atacante pode defender-se com vários utensílios (escova, regador, galhos, etc.).

O trabalho técnico dos ataques é complexo e pode resumir-se assim: decisão, impacto e técnica de mordida.

Obtém-se a decisão ensinando-se progressiva e metodicamente o cão a morder a perna de apoio, esquerda ou direita, quando a outra se esquiva. A seguir, o cão aprende a segurar o braço no caso de uma forte barragem com a vara à frente das pernas, e, a seguir, a parte interna do braço junto ao corpo quando o busto do atacante se esquiva. É o mesmo treinamento das artes marciais; o cão morde no ponto vulnerável da defesa que lhe é oposta. O impacto deve-se à origem genética e é ele que permite passar pelas barragens mais duras após uma esquiva que quebra o impulso inicial do ataque.
A mordida também é de origem genética e é trabalhada durante a fase do desacanhamento com a luva; permite garantir uma mordida segura e firme no uniforme de proteção.
Somente os cães estáveis, gentis, de nervos sólidos, podem pretender assimilar essas técnicas. Um cão agressivo jamais suportará tamanha pressão técnica e raramente vencerá a oposição da vara ou dos vários artifícios da prova de campo.

Os ataques parados

Espetaculares, demonstram o total controle do animal que, a menos de um metro do atacante, vai literalmente jogar-se ao lado ao ouvir um apito. Para o treinamento, o dono coloca-se ao lado do atacante e deixa seu cão no ponto de largada do ataque normal (20 metros), manda-o atacar e, com uma ordem enérgica, chama-o de volta três metros antes do impacto, alterna entre a mordida e a parada e, progressivamente, reúne-se com seu cão no ponto normal de largada do ataque. É o exercício de mordida que é ensinado por último, quando o cão domina corretamente seu programa.
No campo, são dois os ataques parados. Um, com o atacante de frente, e o outro, com o atacante fugindo.

A guarda de objeto

Não há dúvida de que se trata do exercício mais complexo que possa ser exigido de um cão nas provas de cães policiais e de guarda.

No ringue, o cão guarda uma cesta que o atacante vai tentar roubar em duas ou três passagens.
No campo, o objeto, sempre utilitário, é mais volumoso (bicicleta, carrinho de bebê, de mão, etc.) e artifícios são utilizados para distrair o cão. Cada um tem sua progressão pessoal que, de maneira esquematizada, seria o procedimento que segue. O cão aprende a colocar os membros anteriores sobre uma pequena caixa de madeira e a pivotar para seguir o atacante que está fazendo círculos e pro-cura atraí-lo com a vara. Faz girar o cão para a direita, para a esquerda, em círculos cada vez mais fechados, à maneira de um "caracol". A um metro do objeto, fica frente ao cão que entra em ação, protegendo seu objeto. Logo que mordeu, o dono o manda parar e colocar as patas de volta sobre o objeto. Progressivamente, o dono afrouxará a guia antes de colocar-se ao lado do atacante, numa pro-gressão que regulará as distâncias de intervenção. Iniciando quando o cão estiver com 7 meses, poderá considerar-se feliz por ter um bom guarda de objeto dois anos mais tarde.

Os concursos de faro utilitário

Os concursos de faro existem sob duas formas: a pista de concurso com um traçado convencional e o faro utilitário. Neste último, o cão farejador coloca-se nas condições de uma pessoa perdida. Na verdade, essa disciplina pode aparecer como o ponto de partida de intervenções reais no marco da busca de pessoas desaparecidas. Três provas (classes 1 e 2, preparatórias ao certificado, e classe 3, o exame final) permitem que a equipe cinófila (o cão e seu dono) receba o certificado de faro utilitário.

As provas de faro

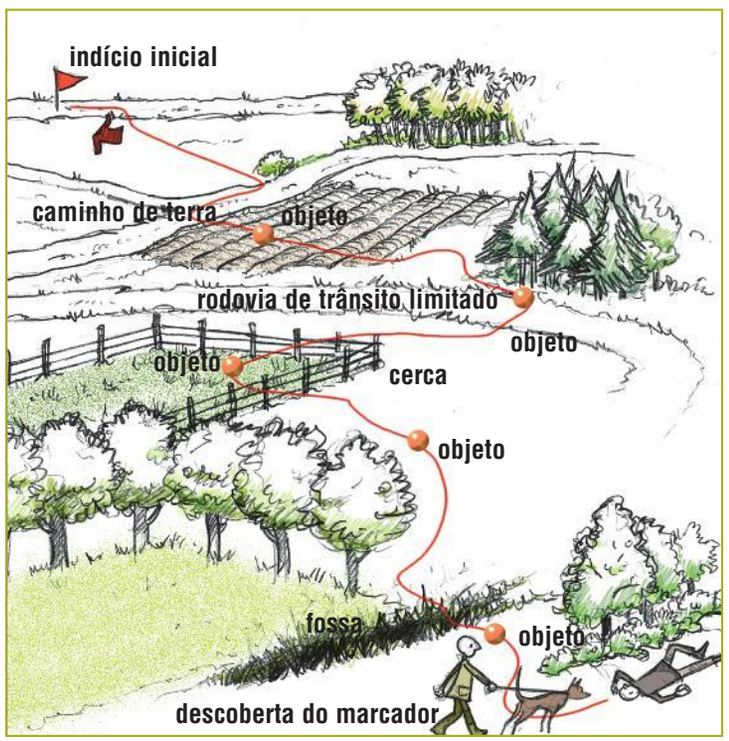
O traçado é concebido por dois marcadores de pista de grande experiência que procuram evitar um certo número de dificuldades: ângulos fechados, caminhar sobre uma rodovia asfaltada ou dentro d' água, em distâncias superiores às previstas em cada classe, dar artificialmente aos objetos um cheiro outro que não o do marcador, passar por cima de obstáculos com mais de 1,5 metro de altura impossíveis de contornar, atravessar uma rodovia muito transitada ou uma aldeia, ou também voltar ao ponto de partida.

Os objetos colocados na trilha são de uso comum (carteira do dinheiro, lenço, luva, caneta, cachecol, maço de cigarros, canivete…) e, de maneira geral, deixados como se tivessem sido perdidos no caminho durante o passeio

O condutor está autorizado a guiar seu cão durante a prova e até pode ajudá-lo. Pode soltar o cão em certos momentos (obstáculos), trazê-lo de volta para a trilha ou, eventualmente, fazê-lo buscar para voltar à trilha, ele mesmo recolher os objetos, fazer perguntas às pessoas presentes no percurso, deixar o cão descansar.

O PROGRAMA DAS PROVAS

Um esquema explica o programa das diversas provas.
Veja a seguir, alguns exemplos concretos:



PROVA DE FARO CLASSE 1

Duração da pista: 2 horas

Comprimento da pista: aproximadamente de 2 km

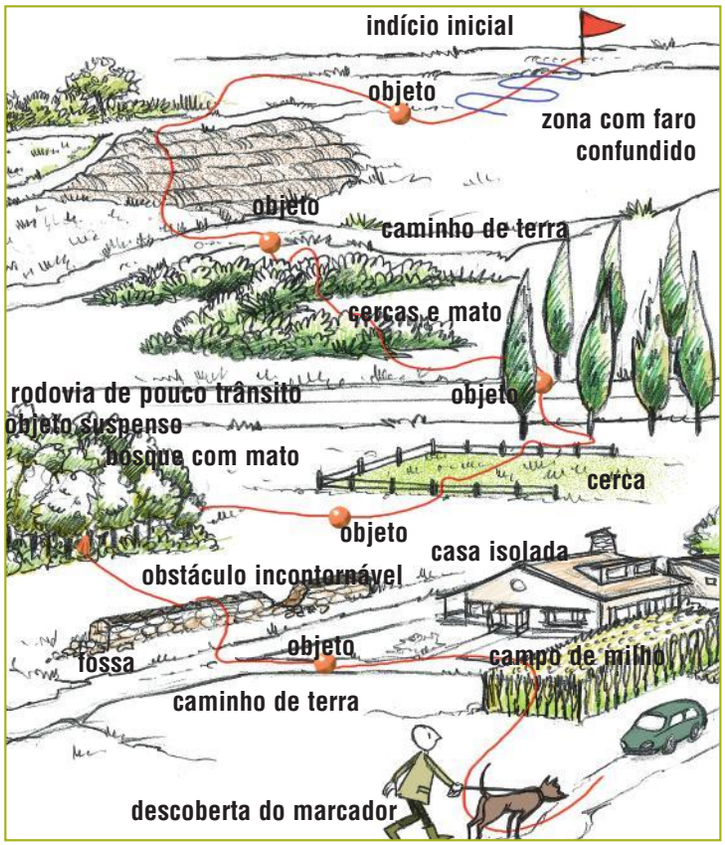
Tempo para a descoberta do marcador de pista: aproximadamente de 1 hora.

Atitude do marcador durante o traçado da pista: não deve passear

Objetos na pista: primeiro objeto pessoal deixado a 10 passos do início da pista. 5 objetos deixados no percurso a intervalos de 500 passos.

Dificuldades:
caminho de terra e gramado,
cercas elétricas para gado,
arame farpado,
rodovia de pouco trânsito a ser percorrida e atravessada,
fossas.

Caso de descoberta do marcador: está deitado ou escondido numa fossa, num abrigo, atrás de uma cerca viva ou de um muro



Prova de faro classe 2

Duração da pista: 3 horas

Comprimento da pista: aproximadamente de 2 km

Tempo para a descoberta do marcador: aproximadamente de 1h30

Atitude do marcador durante o traçado da pista: não deve passear.

Objetos na pista: primeiro objeto deixado a 150 passos do início da pista. Um objeto de referência, colocado dentro de uma bolsa plástica, será entregue ao condutor antes da largada. 5 objetos deixados no percurso a intervalos de 500 passos.

Dificuldades:
Meia hora antes do cão apresentar-se no ponto de largada, o rastro será confundido por uma pessoa estranha. Caminho de terra e gramado. Cercas elétricas para gado. Arame farpado. Rodovia poco movimentada (distância de 50 passos) a ser seguida e atravessada. Fossas, cercas vivas densas, bosque com mato a ser atravessado. Obstáculo de 1,50 m, contornável, a ser ultrapassado. Passar ao lado de uma habitação isolada.

Caso de descoberta do marcador: está deitado ou escondido numa fossa, num abrigo, atrás de uma cerca viva ou de um muro, num veículo estacionado, ou ainda num acostamento.

Certificado de cão-mestre de faro utilitário

Duração da pista: 6 horas
Comprimento da pista: aproximadamente de 3 km
Tempo para a descoberta do marcador: aproximadamente de 2 horas
Atitude do marcador durante o traçado da pista: não deve passear, as distâncias são ocasionalmente percorridas correndo e uma ou duas paradas de 3 minutos.
Objetos na pista: primeiro objeto pessoal deixado a 150 passos do início da pista. Cinco objetos deixados no percurso a intervalos de 625 passos, sendo que um poderá estar pendurado a 1,50 m do chão.
Dificuldades: uma pessoa estranha confundirá o faro na zona de largada quinze minutos antes da apresentação do cão farejador. Caminho de terra e gramado. Cercas elétricas para gado. Arame farpado. Uma ou mais rodovias a serem seguidas e atravessadas. Fossas, cercas vivas densas, bosque com mato a ser atravessado. Obstáculo de 1,50 m, incontornável, a ser ultrapassado. Passar ao lado de uma habitação isolada. Trânsito numa rodovia em aproximadamente 100 passos. Atravessar ruínas, um pátio de fazenda. Passar por um pequeno grupo de 3 ou 4 casas isoladas.
Caso de descoberta do marcador: está deitado ou escondido numa fossa, num abrigo, num veículo estacionado, ou ainda no acostamento, numa peça, numa árvore, no pátio de uma fazenda, entre pessoas, atrás de uma cerca viva ou de um muro.

Competições esportivas e de lazer

Os anos 80 viram o surgimento de novas atividades esportivas no mundo canino. As corridas de cães de trenó e o agility estão entre as mais reconhecidas hoje. As primeiras combinam o prazer do trabalho de equipe com a matilha, a descoberta de grandes espaços e a competição. Essa disciplina requer, entretanto, determinadas competências, um compromisso pessoal diário, uma boa condição física e substanciais meios financeiros para manter a matilha e cobrir os gastos de viagem. São poucos, na verdade, os que podem praticá-la.

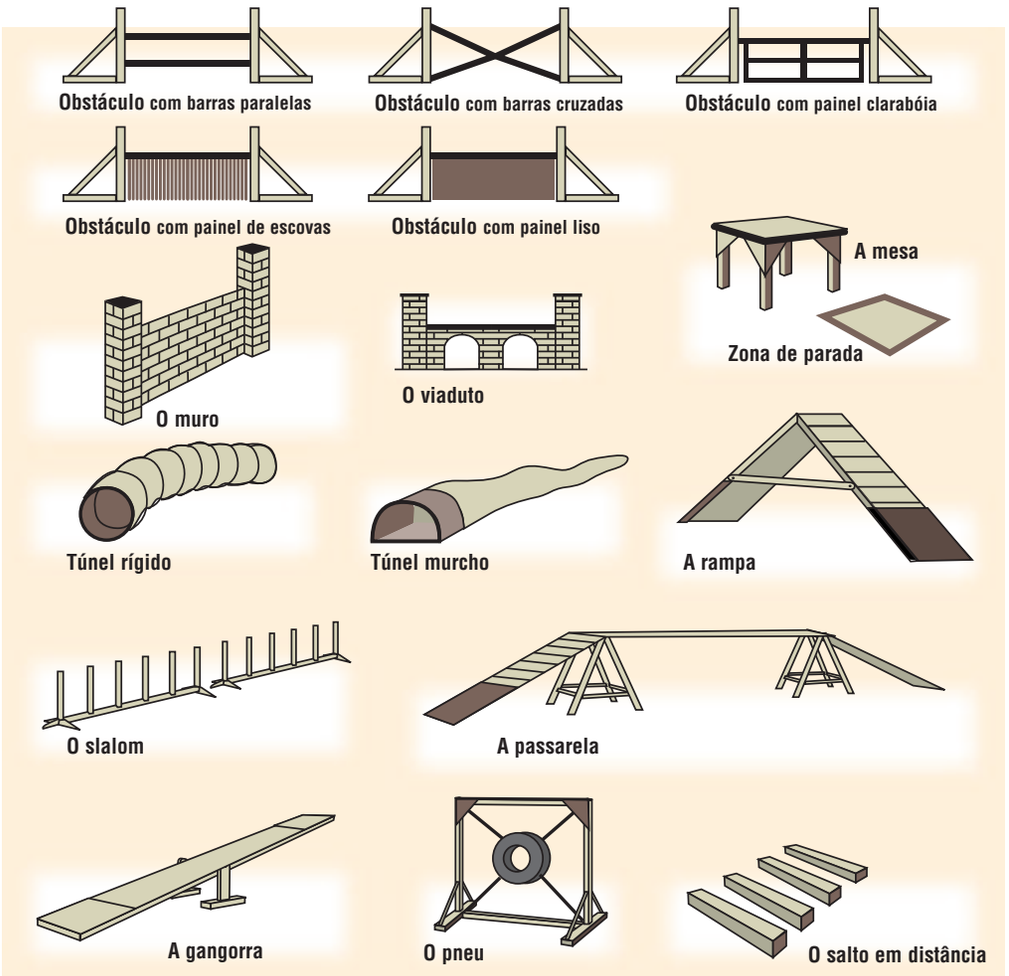
O agility, por sua vez, representa antes de tudo uma atividade de lazer e descontração. O dono aprende a educar melhor seu cão divertindo-se. Todos podem praticá-lo, desde o mais jovem ao mais velho. No entanto, ainda que se trate de um trabalho de equipe, o dono não realiza qualquer esforço físico real.
Por outro lado, têm surgido esportes mais modestos, tais como o canicross e o flyball.

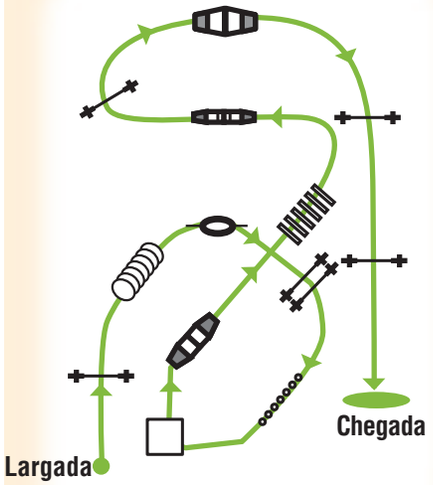
O canicross

Nesse esporte, o dono corre ao lado de seu cão num percurso natural marcado. Não é senão a tradução esportiva oficial do jogging dominical ao lado do cão da família, tal como praticado por muitos moradores nas cidades.

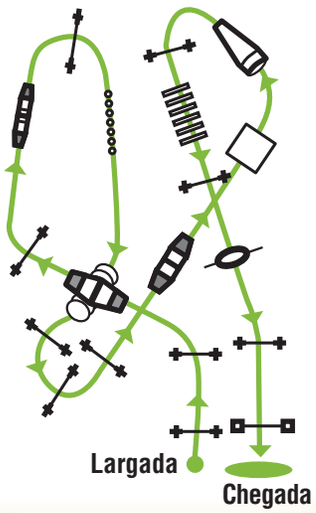
Os obstáculos do agility

* O túnel: o cão deve passar, sozinho, por um cilindro rígido ou flexível, de maior ou menor tamanho, e o dono deve permanecer fora.
* A rampa: obstáculo com duas rampas inclinadas (teto de barraca) que o cão deve escalar antes de descer sem saltar.
* A passarela: prancha montada a várias dezenas de centímetros do solo sobre a qual o cão deve passar, com o dono permanecendo ao lado.
* O slalom: composto por várias estacas cravadas a intervalos iguais. O cão deve fazer seu slalom sozinho.
* O salto em distância: vários elementos de madeira são colocados sucessivamente, de maneira a estabelecer uma distância mínima a ser saltada. O comprimento varia de acordo com a dificuldade do percurso.
* A gangorra: trata-se de uma prancha que balança quando o cão chega ao centro da mesma.
* A mesa: o cão deve subir nela e executar comandos, tais como "senta", "deita", "de pé".
* A zona de parada: o cão deve parar completamente antes de continuar o percurso.

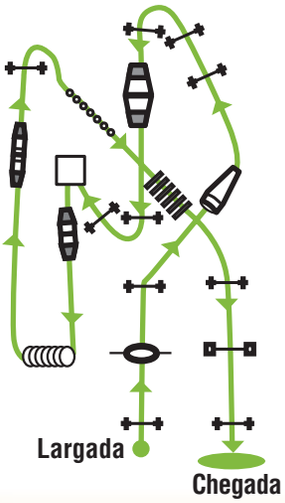




Exemplo de percurso de agility classe aberta



1o Master France Agility Royal Canin. 1a série: comprimento 170 m, velocidade 2,50 m/s, TSP 68 seg.

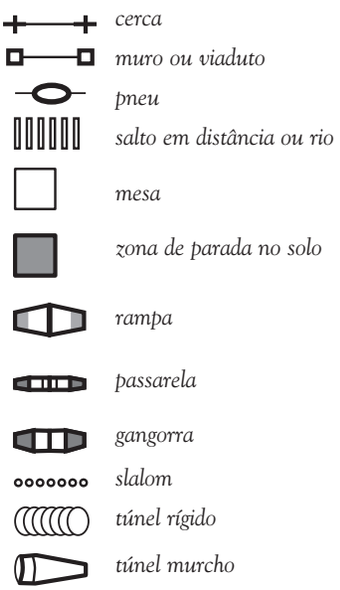


2o Master France Agility Royal Canin. 2a série: comprimento 200 m, velocidade 2,70 m/s, TSP 70 seg.

As regras que regem esse esporte determinam que a dupla dono-cão percorra uma distância de sete quilômetros sem parada nem troca de parceiro. O homem é atado a seu cão (ou inversamente, para quem preferir!) por uma corda ou uma guia regulamentar atada na cintura. Juízes, espalhados em todo o percurso, verificam se o dono nunca ultrapassa seu cão ou não o arrasta atrás de si. Se assim ocorrer, a eliminação é imediata. O canicross é um verdadeiro esporte de equipe…

Uma das originalidades desse esporte está no fato de que a raça do cão, seu tamanho e sua idade (dentro do razoável, obviamente) não têm nenhuma importância, assim como a idade do corredor humano. Recentemente foram instituídas provas por equipes.

As competições estão multiplicando-se em toda a Europa com um número cada vez maior de participantes e espectadores. O lado esportivo, lúdico e convivial desse esporte deve garantir seu desenvolvimento nos próximos anos.



O agility

Esporte canino recente, porém cada mais difundido, o agility define-se como uma disciplina de jogo que consiste em fazer o cão passar por vários obstáculos reunidos num percurso, sem guia, nem coleira.

Nascido em 1978 na Inglaterra, essa disciplina inspira-se das competições eqüestres de salto de obstáculos. Quem teve essa idéia foi John Varley. Durante uma recepção, ele imaginou uma competição cujas provas eram reservadas para os cães. Essa nova animação conheceu uma rápida progressão e apareceu muito rapidamente na Europa. Em 1987, a Société Centrale Canine incluiu o agility como esporte legítimo e determinou suas três regras: a participação de todas as raças caninas e a acessibilidade aos cães com ou sem “documentos", propondo simultaneamente esporte, descontração e educação.

Desde sua homologação francesa em 1988, o agility conta com seus próprios campeonatos, entre os quais os Masters anuais de Europa. Após 1989, essa disciplina ficou conhecida no plano mundial e vários países juntaram-se aos 14 países europeus: Japão, América do Sul, África do Norte, bem como muitos países do Leste.

Em relação à competição em si, a Federação Cinológica Internacional impõe uma idade mínima de 15 meses para poder participar dos concursos. Para os cães com menos de 40 centímetros na cernelha, só estão autorizadas as participações no "mini-agility".

Em que consiste um percurso de agility? Assim como na equitação, deve-se passar, sem cometer faltas, todos os obstáculos presentes. Estes reúnem saltos de cercas ou muros, mas também provas mais sofisticadas.

Para executar todas essas provas com sucesso, deve-se inculcar no cão uma determinada educação, apoiada unicamente na brincadeira e na confiança. Isso é que faz do agility uma disciplina muito atrativa, pois envolve não só o cão mas também seu proprietário. Para alguns destes, é tal a cumplicidade que o cão faz sozinho todo seu percurso, com o dono no centro do campo apenas indicando a ordem dos obstáculos. Dada a abertura desse esporte a todos os amadores, já existem hoje em dia muitos clubes que propõem atividades para principiantes e veteranos. Até para quem não tem um cão fica impressionado ao assistir um percurso de competição com o melhores cães do agility.

Um esporte de descontração: o flyball

A proposta do flyball é a descontração e a diversão com seu cão de uma maneira ao mesmo tempo lúdica e verdadeiramente física. Não é senão uma simples variante canina das competições de frisbee.

A versão humana deste esporte remonta a 1871, quando uma fábrica de tortas, a Frisbie Pie Company, lançou no mercado americano formas para tortas planas e redondas. Essas formas transformaram-se progressivamente em projéteis voadores nas mãos dos jovens americanos. Em 1946, Walter Morrisson teve a idéia de produzir um disco voador feito de baquelita, o pluto platter. Nascera o frisbee. Em 1967, os primeiros campeonatos do mundo tiveram lugar em Pasadena (Califórnia) e, desde então, esse esporte é praticado em todas as partes do mundo.

Dadas as aptidões naturais do cão para pegar qualquer coisa, era inevitável que o animal e a forma para tortas se encontrassem… Nos anos 60, aparecem as primeiras demonstrações de flyball, seguidas por competições oficiais, basicamente nos países anglo-saxões.

As regras do jogo são relativamente simples: o dono lança um disco de características padronizadas nos limites de um perímetro com aproximadamente cinco metros de diâmetro. O cão deve pegar o disco o mais rapidamente possível e trazê-lo de volta para o lançador. Na maioria das vezes, os cães, incentivados por seus donos, revelam um surpreendente senso acrobático. Outras provas incluem as competições do pulo mais bonito, mais original, etc.

A originalidade desse esporte canino é que ele pode ser praticado a qualquer idade, tanto para o cão como para o lançador. Não tem nenhuma importância o tamanho do cão e não raramente vêem-se cães pequenos, cuja raça é difícil determinar, vencerem nas competições mais prestigiosas.

Além disso, o flyball é perfeitamente acessível para as pessoas portadoras de deficiências e, diferentemente de muitos outros esportes, todo o mundo atua nas mesmas competições.

O flyball é o esporte ideal para quem deseja divertir-se, gastar energia e competir, sem jamais tomar-se a sério, na companhia de seu animal preferido. Desde que, obviamente, o cão não ache graça em devorar o frisbee!

O esporte de trenó e o ski-pulka

As primeiras indicações de cães puxando trenós remontam a uns 4 000 anos na Sibéria oriental. No começo do século XX, porém, é que o trenó puxado por cães e o ski-pulka são reconhecidos como disciplinas esportivas. Com efeito, no apogeu da "febre do ouro" (o Gold Rush) no Alasca, formam-se grupos de apaixonados com vontade de medir suas composições em termos de força e velocidade. Dali ao nascimento de um esporte…

As primeiras corridas no Alasca

Desses debates acalorados entre composições e caçadores de ouro nasceu o célebre Nome Kennel Club, fundado em 1907 na cidade de Nome (ponta oeste do Alasca), cuja finalidade era permitir o bom desenrolar das corridas "oficiais", garantindo sua organização material e elaborando um regulamento rigoroso.

Um ano depois, Albert Fink, advogado de Nome, instituiu o regulamento da primeira competição, o All Alaska Sweepstake:

- todos os condutores serão membros do Nome Kennel Club;
- todos os cães deverão estar registrados no clube;
- o condutor poderá utilizar tantos cães quantos desejar, porém todos aqueles que largarão na corrida deverão ser trazidos de volta, quer na composição, quer no trenó;
- os cães serão identificados e marcados na largada, de maneira a evitar qualquer substituição durante a corrida;
- se duas composições estiverem muito próximas uma da outra, a que for alcançada deverá obrigatória e imediatamente parar e deixar passar a outra, e esperará por um certo período de tempo antes de retomar a corrida.

JACQUES PHILIP: 20 ANOS NO TOPO DE UM MARAVILHOSO ESPORTE

Como esporte na França, o trenó começou nos anos 78/79, quando éramos uns cinqüenta interessados, reunidos no Clube de cães de pulka e trenó. Os mais afortunados de nós possuíam cinco cães; pessoalmente, tenho apenas dois.

Minha vocação nasceu realmente por ocasião do primeiro curso de trenó organizado pelo presidente desse clube, Thierry Bloch. Com efeito, as fantásticas imagens de cães trazidas por Ernst Muller após sua estada no Alasca levaram-me a efetuar, já em 1980, minha primeira viagem ao Alasca, na casa de Earl e Nathalie Norris. Ali descobri de verdade os rudimentos desse esporte com Huskies, Malamutes e cães esquimós do Canadá.

De volta a França, conquistei de 1982 a 1984, três títulos de campeão de corridas de sprint da França. Em 1985, minha atração por esse esporte dominou-me completamente. Então, parti para a aventura única que é o Iditarod, graças a Joe Redington, pai espiritual dessa corrida, e recidivo cinco vezes, de 1987 a 1991.

Minha parceria com a empresa Royal Canin começou também em 1987 e continua até hoje. Em 1988 nasceu o Alpirod, o prelúdio de um novo tipo de corrida com etapas de 30 a 80 km por dia.

Como essa disciplina se tornou minha especialidade, eu ganhei o Alpirod de 1992 a 1994. A ascensão em 1990 do monte Mac Kinley, a montanha mais alta (6 194 m) da América do Norte, com um trenó puxado por cinco cães, também foi apenas um momento importante da minha carreira, pois só duas composições o fizeram até hoje (sendo a outra a de Joe Redington).

Hoje, eu e minha esposa Magali estamos instalapdos na região de Fairbanks (Alasca), onde temos uma criação de 80 Alaskan Huskies.

Após ter vencido a edição 1997 da famosa Alaska Come Back Race, corrida por etapas de 800 km, estamos agora nos preparando para a International Rocky Mountain Stage Stop Race, o equivalente do Alpirod nas Montanhas Rochosas.

A aventura continua.

Cientes dessas regras, os mushers lançaram-se então na corrida cujo trajeto, Nome-Cand-le-Nome, cobria 408 milhas (aproximadamente 650 quilômetros). A palavra musher designa o condutor da composição; na verdade, deriva do termo francês "marche", ordem dada pelos Canadenses de língua francesa para pôr suas composições em funcionamento… Assim como muitas outras, a palavra anglicanizou-se e transformou-se em mush… Cinco dias após a largada, as primeiras composições chegavam em Nome e nascera uma lenda.

Nessa pista feita de "camadas de gelo, montanhas altas, rios congelados, tundra, florestas, geleiras…", um jovem emigrante norueguês, Leonhard Seppala, tornou-se para sempre o maior nome do esporte de trenó. Com composições de Huskies siberianos, Leonhard Seppala ganhará o All Alaska Sweepstake em 1915, 1916, e 1917.
Um de seus rivais escreverá: "Esse homem é um super-homem. Ultrapassou-me todos os dias da corrida, e olhe que eu corria mesmo. Nem sequer o via conduzindo seus cães e mesmo assim eles puxavam como nunca antes vira cães puxar. Algo "ocorria" entre seus cães e ele que eu não saberia definir; algo sobrenatural, uma espécie de hipnotismo…".

Entre 1908 e 1915, as composições evoluíram. Os primeiros Huskies, importados da Sibéria, estabeleceram um novo recorde em 1910 com Iron Man (o homem de ferro) John Johnson como musher (74 horas 14 minutos e 37 segundos).
Em 1911, Allan Scotty Allan ganhou a corrida com uma composição de "cruzamentos alasquianas" (cruza de Malamutes e Setters), em aproximadamente 80 horas e debaixo de um terrível blizzard. Outro grande nome do esporte de trenó, Scotty Allati, correu oito sweepstakes, vencendo três, chegando em segundo três vezes, e em terceiro duas vezes.

Quanto a Leonhard Seppala, o que podemos dizer dele? Voltaremos a esse homem fora do comum, que deu suas letras de nobreza ao esporte de trenó e cujo melhor líder, Togo, é conhecido pelos mushers do mundo inteiro. São muitas as corridas que ele venceu na Nova Inglaterra, onde conheceu um jovem estudante de medicina veterinária, chamado Roland Lombard, outro grande nome. Devido à sua profissão, "Doc" Lombard, ao mesmo tempo em que corria, fez o esporte de trenó norte-americano progredir a passos de gigante: ganhou mais títulos do Anchorage World Championship (campeonato do mundo em Anchorage) do que qualquer outro. Foi o primeiro presidente da International Sled Dog Racing Association (ISDRA - associação internacional do esporte de trenó de cães).

Por fim, entre todos esses nomes, cabe citar ainda Georges Attla, um Índio Athabascan de Huslia (Alasca). George Attla ganhou tudo e seu livro, Everything I know about Training and Racing Sled Dogs, publicado pela editora Arner de Nova Iorque, é considerado no mundo inteiro como a verdadeira Bíblia do musher. Um extraordinário filme, mas que não teve o devido reconhecimento na França, Spirit of the Wind (O espírito do vento), conta a história de um ser com uma coragem sem limites, Georges Attla, que realiza todas suas proezas com uma perna só, pois uma tuberculose óssea tirara-lhe o uso da outra!

As corridas atuais nos Estados Unidos

Desde o começo do século XX, deixando seu berço alasquiano as corridas têm-se multiplicado nos Estados Unidos e no Canadá. Um segundo berço surgiu em 1924 na Nova Inglaterra, com a fundação do New England Sled Dog Club. Em 1932, os jogos olímpicos de inverno de Lake Placid propiciaram a aparição das corridas de trenó como esporte de demonstração e assim conheceram um sucesso muito grande junto a um numeroso público.

A Segunda Guerra mundial freou, é verdade, o desenvolvimento das competições, mas estas ressurgiram com mais força e clubes foram abertos em toda a parte. Assim, o Sierra Nevada Dog Drivers que convém saudar aqui, pois seu responsável, Robert Levorson, foi presidente da ISDRA de 1971 até 1974. O ano de 1971 também será lembrado como uma grande data, haja visto que, naquele ano, o governo do Estado do Alasca proclamou oficialmente as corridas de trenós "esporte nacional".

Hoje, é quase impossível enumerar a totalidade das competições organizadas a cada inverno na América do Norte. As mais importantes continuam sendo as seguintes: Fur Rendez-vous World Championship, Anchorage (Alasca) - World Championship Sled Dog Derby, Laconia (New Hampshire), World Championship Dog Derby, La Pas (Manitoba) - North American Championship, Fairbanks (Alasca) - Alaska State Championship, Kenaï-Soldotna (Alasca) - Race of Champions, Tok (Alasca) - Surdough Rendez-vous, Whitehorse (Território do Yukon) - U.S. Pacific Coast Championship, Priest Lake (Idaho) - All American Championship, Ely (Minnesota) - Mildwest Internacional, Lalkaska (Michigan) - Québec International Course de chiens, Cidade de Quebec (Quebec).

Todas essas corridas são eventos anuais, assistidas por dezenas de milhares de espectadores. Desenrolam-se em três séries de 25 a 70 quilômetros de acordo com a categoria, na sexta-feira, sábado e domingo, parcial ou totalmente nas próprias ruas das cidades. Mas o esporte também modificou-se com o desenvolvimento de corridas em distâncias muito longas, sendo as mais famosas: a Beargrease Sled Dog Marathon, que ultrapassa as 500 milhas no Minnesota; o Iditarod, a mais longa (teoricamente 1 049 milhas, mas na verdade mais de 1 800 quilômetros!), a mais dura, a mais famosa por seu prestigioso passado; a Yukon Quest, que segue o rio Yukon desde o Canadá até a cidade de Fairbanks (Alasca) em cerca de 1 300 quilômetros; o Alaska Come Back, corrida em etapas de 800 quilômetros, que tem lugar no mês de março na região de Nenana e que foi vencida em 1997 pelo francês Jacques Philip.

Assim é que nasceram outras lendas, outros grandes nomes, desde Joe Redington Senior, o maior, até "Doc" Lombard, passando por Earl Norris (o criador de Siberian Huskies, ele mesmo um corredor, o mais famoso do mundo), Eddy Streeper (campeão mundial 1985), Harris Dunlap, Rick Swenson (talvez o melhor competidor da atualidade), Libbie Riddles (a primeira mulher a vencer o Iditarod, em 1985), Suzan Butcher (ganhadora do Iditarod nos anos 1986, 1987, 1988). Junto com Joe Redington, ela levou sua composição a mais 6 000 metros de altitude, no topo do monte Mac Kinley, proeza essa repetida em 1991 por Jacques Philip. Todos eles estão na lenda e no coração de cada musher.

As categorias de corridas de "velocidade"

Categoria C
3 a 4 cães
7,5 km por série

Categoria B
4 a 6 cães
12 km por série

Categoria A
6 a 8 cães
18 km por série

Categoria O
Mais de 8 cães
25 km por série

Pulka short
1 a 3 cães
10 km por série

Pulka long
1 a 3 cães
20 km por série

Escandinávia

A Escandinávia (Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia) também é um berço do esporte de trenó. A disciplina mais na moda não é, no entanto, o trenó, mas sim a pulka, um esporte que combina esqui de fundo e trenó: o esquiador de fundo está atado por uma cordinha à sua composição, composta em média por um a três cães que puxam uma barqueta lastreada. Para essa disciplina, aliás, os Escandinavos preferem utilizar cães de caça (Bracos, Pointers, Setters), sendo que estes mostram-se como os mais rápidos em distâncias curtas (7 a 12 km) e melhor adaptados psicologicamente para um esforço solitário.
Os campeonatos da Europa 1988 (primeiros confrontos diretos) foram a ampla demonstração de que os noruegueses parecem mesmo ser os europeus mais rápidos da atualidade nas distâncias curtas. Apenas um francês, François Menuet, conseguiu, desde então, tornar-se campeão do mundo.

O surgimento e desenvolvimento do esporte na Europa não setentrional

O Clube suíço dos cães nórdicos, fundado em 1959 sob o impulso do Dr Thomas Althaus e do saudoso juiz Paul Nicoud, assumiu imediatamente a missão de promover a criação e o desenvolvimento das raças caninas nórdicas. Com isso, era inevitável que chegasse à organização de corridas de trenós, e em 1965 teve lugar o primeiro curso de trenó suíço, ocasião inicial para os poucos praticantes daquela época descobrirem de verdade esse esporte tal como era praticado no continente norte-americano. Muito rapidamente, um circuito invernal de corridas foi implementado na Suíça (Lenk, Saint-Cergue, Saingnelégier, Sils-Saint-Moritz… e na Alemanha (Todtmoos, Bernau…) para alcançar a França em 1979, com a organização, no passo do monte Schlucht (Vosges), a 26 de fevereiro, da primeira competição nacional. No mesmo ano nascia o CPTC (Club da pulka e de trenó de cães), cujos fundadores chamam-se: Thierry Bloch, Monique Bene, Yannick e Gilles Malaterre.

Desde então, as corridas não param de desenvolver-se e o número de composições de crescer. Em cada país, implantaram-se estruturas, sob a condução da ESDRA (European Sled Dog Racing Association). Ao mesmo tempo, criou-se, em 1973, um clube europeu (Trail Club of Europe) seguindo as grandes linhas da regulamentação elaborada nos Estados Unidos pela ISDRA (International Sled Dog Racing Association). Já em 1974, eram organizados um campeonato na Suíça e um campeonato europeu na Alemanha.

Atualmente, só a ESDRA controla a totalidade das estruturas nacionais, e, a esse título, é a responsável da organização, a cada ano, de campeonatos na Europa (1984 em Saint-Moritz, Suíça; 1985 em Todmoos, Alemanha; 1986 em Fourgs, França; 1987 em Winterberg, Alemanha; 1988 em Bruneck, Itália; 1989 e 1990 em Bad Minterdorf, Áustria). Em cada categoria enfrentam-se seleções nacionais.

O ano 1988 viu nascer a maior corrida européia, a Alpirod-Royal Canin, uma competição em etapas que dura doze dias, no fim de janeiro e começo de fevereiro, numa distância total de mais de 1 000 quilômetros. Pela primeira vez, foi possível ver composições alasquianas participarem de uma corrida atravessando a Itália, França, Alemanha, Suíça e Áustria… e vencer (Joe Runyan, 1988, Kathy Swenson, 1989 e Roxy Wright, 1990).

O ano de 1990, foi um ano chave, com a organização dos primeiros campeonatos mundiais de velocidade em Saint-Moritz, reunindo pulka e trenós de cães (seis cães, oito cães e dez cães), sob a supervisão da International Federation for Sled Dog Sport (IFSS).

Desde então, são celebrados a cada ano. A IFSS, aliás, é membro da Associação geral das federações esportivas internacionais, e não é impossível que o Comitê Olímpico Internacional permita algum dia a participação desse esporte nos Jogos Olímpicos de inverno.

Pulka e trenós de cães constituem doravante uma disciplina nobre dos esportes caninos. Sob a direção de poderosas federações ou organizações, esse esporte alcançou uma difusão internacional e são cada vez mais freqüentes as trocas entre o antigo e o novo continente. O troféu de Savoie, organizado na abertura dos Jogos Olímpicos de 1992, no próprio local desse evento, e as demonstrações de Lillehammer em 1994 deveriam permitir que essas disciplinas tivessem rapidamente acesso ao supremo reconhecimento.

A preparação do cão de esporte

Já se passaram muitos milênios desde que o cão tornou-se o companheiro do homem: inicialmente para ajudá-lo em suas tarefas diárias e progressivamente para contribuir para seu prazer de viver, antes de começar, no século XIX, a dividir totalmente seu lazer. Gradualmente, o homem tem-se envolvido, dia após dia, na vida de seu cão com a finalidade de melhor selecioná-lo, educá-lo, treiná-lo e alimentá-lo da melhor maneira possível para que vivesse melhor, em um divertimento compartilhado. Foi assim que, de simples caçador, guarda ou animal de carga instintivo, o cão tornou-se companheiro do homem, cão de field-trial, de pulka, de ringue, de pastoreio ou de trenó. Por ser o que é, o homem criou regras e competições para que o lazer se tornasse esporte e o companheiro, um atleta. Nasceram os esportes caninos. Quatro elementos condicionam o desempenho do esporte canino: a seleção genética, a relação psicológica homem-cão, o treinamento (baseado no conhecimento de suas características fisiológicas no esforço) e a nutrição sendo que cada um desses elementos deve ser necessariamente considerado.

Fisiologia do esforço físico

Tanto no cão como no homem o trabalho intenso e a competição estão na origem de um estresse ao mesmo tempo orgânico e psicológico. Assim sendo, para o usuário, o conhecimento geral das modificações fisiológicas induzidas pelo esforço físico pode permitir-lhe um melhor entendimento e, com isso, preparar melhor seu cão para uma competição, prevenindo as eventuais afecções patológicas que possam surgir.

Adaptações cardiovasculares e respiratórias

As adaptações cardiovasculares e respiratórias ao esforço têm a finalidade de, por um lado, garantir o fornecimento de oxigênio necessário para a atividade muscular e, por outro lado, permitir a eliminação dos resíduos, particularmente do gás carbônico e do calor, produzidos pelo metabolismo muscular. Essas adaptações são indispensáveis, não só para o bom desenvolvimento de uma prova esportiva, mas também para a continuação do esforço além dos instantes iniciais. Assim sendo, deve-se distinguir dois tipos de resposta do organismo:

- uma resposta imediata adaptada às necessidades instantâneas do organismo, ou seja, concomitante ao esforço;
- uma resposta com prazo maior, que antecipa as necessidades do organismo e corresponde às adaptações induzidas pelo organismo.

Durante o exercício físico

O papel essencial das alterações da função circulatória durante o trabalho é aumentar o fluxo sangüíneo e, conseqüentemente, o fornecimento de oxigênio para os tecidos cujo metabolismo aumenta, principalmente os músculos. O organismo realiza esse estado aumentando o ritmo cardíaco e redistribuindo a massa sangüínea até os locais em atividade em detrimento dos locais em descanso. Essas modificações são complementadas por um crescimento da capacidade do sangue em transportar o oxigênio graças à contração do baço, que envia um grande número de glóbulos vermelhos até o sangue aumentando assim o hematócrito e a quantidade de hemoglobina.

O ritmo cardíaco pode elevar-se consideravelmente e atingir dez vezes seu nível de descanso; a freqüência dos batimentos do coração aumenta de maneira muito sensível: em função da intensidade do esforço, podendo chegar a 300 batimentos por minuto no cão de corrida e 200 no cão de trenó. Os músculos que trabalham são a sede de uma intensa vasodilatação, na qual a dilatação dos vasos sangüíneos aumenta seu fluxo interno. Por fim, o fluxo ventilatório evolui em várias fases durante o esforço:

- durante os três a quatro primeiros segundos, a ventilação aumenta brutalmente;
- após alguns instantes ocorre uma segunda fase de aumento, mais lento;
- a seguir alcança-se um platô que se mantém até o final do esforço;

- em fase de recuperação, ocorre uma lenta diminuição da freqüência respiratória, que diminui de mais de 200 movimentos por minuto para aproximadamente 30.

Sob o efeito do treinamento

Após um treinamento diário de 4 a 5 semanas, o organismo do cão apresentará alterações significativas em seu sistema cardiovascular e respiratório. Assim, as modificações cardíaca e hemodinâmica devidas a um exercício físico repetido tendem a minimizar a energia necessária para o trabalho cardíaco, bem como a desenvolver as capacidades de bombeamento do coração. Nos cães treinados, o ritmo cardíaco no repouso é inferior ao dos cães sedentários e a arritmia respiratória é mais acentuada. Ocorre um aumento do volume plasmático e melhora do retorno sangüíneo e, conseqüentemente, um aumento global do fluxo cardíaco. Às vezes, um treinamento intensivo conduz a uma hipertrofia cardíaca. No Greyhound, por exemplo, seis meses de treinamento diário intenso levam a um aumento de 50% da espessura da parede do coração e de 30% do volume da cavidade do ventrículo esquerdo. Da mesma forma, o treinamento irá induzir um aumento do número e da densidade dos vasos sangüíneos capilares do músculo. Por fim, ao contrário do que se acredita, um exercício físico regular no cão com boa saúde gera pouca ou nenhuma alteração do aparelho respiratório; a capacidade global do organismo para consumir oxigênio (fala-se em "V02max", consumo máximo de oxigênio) é que aumenta de maneira considerável com um treinamento de resistência. Essas modificações só poderão ocorrer de modo ideal nos indivíduos que apresentarem um bom estado de saúde geral. Qualquer alteração ou insuficiência dessas funções irá diminuir as possibilidades de adaptação às condições do esforço, e, conseqüentemente, o desempenho esportivo ou de trabalho.

Controle do consumo de oxigênio no cão durante o esforço

Conseqüências do estresse biológico de esforço

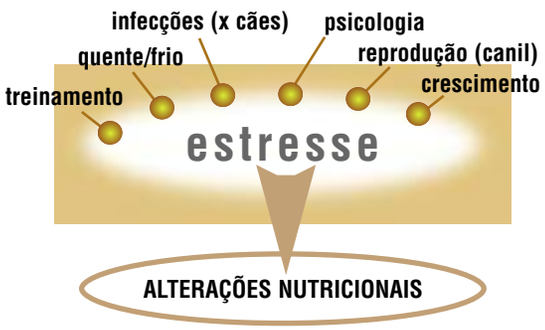
Nos cães esportivos, o estresse gerado pelo entorno ou pelo esforço físico produz modificações comportamentais (latidos, distúrbios da motivação, etc.), modificações neurovegetativas (salivação, taquicardia, midríase, etc.), distúrbios digestivos (vômitos, diarréias, úlceras gástricas) e anemia (fala-se até de anemia do desportista). Portanto, um grande número dessas manifestações relatadas pelos utilizadores de cães no meio das competições esportivas são imputáveis a esse tipo de processo fisiopatológico.

Não raramente o super-treinamento é uma causa preponderante dessas modificações, mas também não se deve deixar de lado o fato de que um cão sabe muito bem fazer a diferença entre o treinamento e o marco de uma competição ou de uma intervenção real no plano psicológico. De maneira geral, as situações causadoras de estresse costumam gerar angústia nos animais que exteriorizam comportamentos característicos de sua espécie. No cão, os comportamentos de angústia ou de grande temor exprimem-se por reações bem conhecidas de eliminação (micções, defecações repetidas), de vocalização (latidos, uivos) e outros comportamentos cuja repetição pode gerar verdadeiras estereotipias: mordida dos objetos, da jaula ou cavar o chão.

Por estas razões, reações neurovegetativas, digestivas e outras podem, sem objeção, ser consideradas como decorrentes do estresse. Dentre essas reações, parece muito evidente que, no marco de provas físicas freqüentemente muito desgastantes sob o aspecto metabólico, os distúrbios digestivos estão entre os mais prejudiciais para a condição física, principalmente quando aliados a perdas de água e eletrólitos ou à insuficiência de água para beber ou de consumo de alimentos.

Um plano de treinamento correto e inteligente, um entorno psicológico calmo e normal, mas principalmente uma alimentação adaptada serão as chaves da prevenção dos problemas associados ao estresse de esforço ou de super-treinamento no cão.

ORIGENS DO ESTRESSE NO CÃO DE ESPORTE



Alterações metabólicas

Ao mesmo tempo em que o trabalho muscular influi de modo muito direto sobre a natureza e amplitude da necessidade energética, ele também repercute grandemente sobre o equilíbrio global do organismo.

Energética do esforço

A energia química utilizada na contração muscular provém unicamente de ligações químicas de "fosfatos" ricas em energia, presentes em uma molécula fundamental, o trifosfato de adenosina, ou ATP. Durante o esforço, as concentrações de ATP da célula serão deprimidas e deverão ser reconstituídas de maneira instantânea enquanto o animal estiver correndo ou realizando seu trabalho. Essa reconstituição faz-se de acordo com três processos cujos respectivos papéis e intensidades dependerão do tipo de esforço exigido do cão:

Intensidades relativas das diferentes vias metabólicas energéticas acionadas durante o esforço no cão

Tipo de esporte	Anaerobiose não-láctica	Anaerobiose láctica	Aerobiose
Salto	+++	+	0
Ataque curto	++	++	+
Corrida	+	+++++	++
Agility	0	++++	++
Concurso de ringue	0	+++	+++
Field-trial	0	++	+++
Terra-Nova	0	+	++++
Faro/Campo	0	0	++++
Rebanho	0	0	+++
Caça	0	0	++++
Corrida trenó	0	0*	+++++

* Exceto corridas de velocidade: + até ++

Anaerobiose aláctica: durante um esforço muito breve e muito intenso (alguns segundos), o ATP é reconstituído a partir das reservas do músculo em fosfocreatina, sem haver necessidade de oxigênio (anaerobiose) e sem produção de ácido láctico (aláctica).

Anaerobiose láctica: neste caso, que envolve os esforços intensos com menos de dois minutos de duração (lebréis de corrida, agility, ataque lançado), a energia é reconstituída a partir do glicogênio armazenado no músculo e da glicose sangüínea, sempre sem consumo de oxigênio, porém, desta vez com a produção e acúmulo de um resíduo metabólico, o ácido láctico. De maneira muito esquematizada, é quase sempre o acúmulo deste último que leva, por exemplo, ao aparecimento da fadiga muscular e de cãibras.

Aerobiose: trata-se de um metabolismo que supre a necessidade energética do cão assim que o esforço torna-se resistência (intensidade menor, porém duração de alguns minutos até algumas horas). Em um primeiro momento, a glicose sangüínea é oxidada graças ao oxigênio levado até o músculo pelos glóbulos vermelhos, mas diferentemente do homem, os lipídios irão constituir muito rapidamente a principal fonte de energia do cão.

Sem entrarmos em maiores detalhes daquilo que acabaria sendo um tratado de medicina desportiva canina, treinamento e nutrição serão novamente condicionados pelo conhecimento desses dados metabólicos específicos.

Seleção genética do cão de esporte

Ao contrário das outras grandes espécies animais domésticas, o cão ainda não foi afetado pela revolução dos métodos e técnicas de melhoria genética. Isso deve-se essencialmente ao fato de que as posições social e econômica do cão opõem-se fundamentalmente às dos animais chamados "de produção" em nossas sociedades desenvolvidas. Essa constatação é que tem determinado a principal orientação genética da espécie canina, a qual caracteriza-se por uma diversidade morfológica buscada e norteada em primeiro lugar por critérios estéticos. Não obstante, paralelamente a isso a seleção tem envolvido também determinadas aptidões físicas ou comportamentais, conduzindo à conhecida divergência genética "beleza/trabalho" e que levou aos vários cães de trabalho a partir dos quais surgiram os cães de esporte.

Sobre importância dos resultados no trabalho

As bases da escolha dos reprodutores caninos à vocação esportiva, atualmente são seus resultados no trabalho. Para o geneticista, a meta é realizar a melhor comparação possível entre os postulantes, dos potenciais genéticos transmissíveis (valores genéticos aditivos) à luz dos desempenhos expressos (fenótipo): tal abordagem só pode ser concebida no marco de provas esportivas sujeitas a um regulamento preciso. Ao fazer assim, no estado atual das coisas, sem querermos subestimar o valor e a experiência de alguns criadores, ainda não é possível efetuar uma classificação dos cães em uma raça com base em seu valor genético. Conseqüentemente, a escolha dos melhores reprodutores esportivos caninos continua sendo aproximativa e quase sempre muito empírica.

Assim sendo, ainda há muito a fazer para implementar boas ferramentas de seleção genética no caso do cão de esporte, de trabalho e de utilidade. Em um esquema de seleção direta (busca da melhoria de um objetivo de trabalho), o primeiro problema a se apresentar para o desempenho esportivo reside na freqüente dificuldade de se medir este último com a precisão (ou objetividade), a exatidão e a fidelidade (garantia de reprodutibilidade) exigidas.

A corrida cronometrada do lebréu de corrida representa a situação ideal mais favorável, embora durante a corrida possam ser considerados vários parâmetros de seleção:

- o melhor tempo realizado nas diferentes corridas de uma competição,
- o tempo médio calculado nessas corridas.

Tamanho: há gostos e cores...

O tamanho dos cães varia muito em função de modismos e a relação entre qualidade e tamanho está longe de ser evidente. Em nosso país (França), prevalece a teoria do respeito ao padrão. É preciso um pouco de tudo para se fazer um mundo e existem amadores incondicionais de cães de pequeno tamanho assim como os de grande tamanho e isso por razões que freqüentemente nada têm a ver com sua utilização prática. É verdade que as visões dos caçadores, que constituem a base da criação das raças que conhecemos hoje, eram naquele tempo bem mais utilitárias.

As diferenças de tamanho estavam relacionadas a um trabalho específico e essa noção técnica continua atual, principalmente entre os caçadores especialistas.

Em tudo sempre há modismos mais ou menos duráveis e, aliás, interessantes. Quando um determinado cão está na moda, em função por exemplo de seu sucesso nos field-trials, ele efetuará um grande número de coberturas e deixará sua marca na sua raça. Se ele gerar cães de pequeno tamanho e estiver muito em moda, dentro de poucos anos ver-se-á forçosamente uma diminuição global da altura média da raça. Na verdade, é provável que seus próprios descendentes também façam muitas coberturas, se seguirem a mesma via e se reproduzirem tanto quanto ele.

A seguir, talvez haja uma mudança na moda e os cães crescerão. Não raramente observam-se grandes efeitos de pêndulo na evolução da morfologia das raças.

Diferenças segundo as raças

Deslizar-se nos matos ou em um pinhal impenetrável na busca de coelhos ou levantar galinholas nada tem em comum com o fato de estrangular uma raposa e trazê-la de volta ou dar cabo de um cabrito-montês ferido. Por isso mesmo é que os ingleses criaram o Cocker e os alemães, o Drahthaar (braco alemão de pêlo duro). É verdade que todos os cães são polivalentes, porém na medida de suas possibilidades. A seleção inicial, que culminou com os diferentes cães que conhecemos, levava em consideração situações de caça que não necessariamente eram as que conhecemos hoje. Assim, algumas raças criadas com uma determinada finalidade servem agora para outra coisa e, tecnicamente falando, o critério de tamanho outrora importante pode muito bem deixar de sê-lo. É então que o respeito ao padrão permite conservar a morfologia típica de uma raça quando sua utilização no campo não está mais necessariamente relacionada ao respeito ao tamanho inicial. Inversamente, o respeito intangível e estrito de um determinado tamanho, sob o pretexto de que nada deve ser mudado da morfologia inicial de uma raça, pode ser a causa de uma falta de adaptação que acaba provocando a extinção da referida raça.

"Trabalho" e "beleza"

Quando os cinófilos não conseguem encontrar um ponto de entendimento sobre o ponto anterior, acaba-se tendo, nas raças de caça, dois tipos diferenciados: os cães chamados "de beleza" e os cães "de trabalho", cuja morfologia e tamanho tornam-se então muito diferentes. É sintomático observar que o tamanho dos segundos, e também seu peso, costumam ser inferiores aos dos primeiros, o que tende a mostrar que as qualidades físicas de caça não exigiam forçosamente centímetros e quilogramas suplementares. No caso de raças oficialmente diferenciadas, entre trabalho e beleza, assim como nos países anglo-saxões, pode-se dizer então, sem pecar pelo excesso, que os pequenos costumam ser os melhores no campo. Na França, onde existe apenas um clube responsável por cada raça, prevalece a teoria do "belo e bom", onde está claro o respeito ao padrão da raça e, nesse marco, a manutenção ou, melhor dito, a melhoria das qualidades de caça. Assim, alguns cães fora do padrão por causa de um tamanho pequeno ou grande demais, não poderão reproduzir-se oficialmente, mesmo que sua inteligência e suas qualidades de caça sejam grandes. Será isso um bem ou um mal para a raça em questão? Ninguém sabe, mas não é porque um cão não se insere entre os tamanhos admitidos pelo clube de sua raça que ele caçará mal. Sem sair dos padrões, existem pequenos e grandes em uma mesma raça e essa diferença pode ser fortuita ou o resultado de um efeito de seleção em direção de uma atividade especializada.

Uma questão de especialização

Dentro de uma mesma raça, observam-se regularmente diferenças de tamanho entre cães de origens diferentes, de acordo com a seleção própria de cada criador e isso no marco do respeito aos padrões. Os campeões de trabalho aparecem mais ágeis do que os campeões de beleza. Não é uma questão de moda, mas sim de especialização. Mais precisamente ainda, há também pequenos e grandes em uma mesma ninhada. Terá isso alguma influência sobre a eficácia de uns e outros? Talvez, novamente, se procurarmos um especialista, cuja atividade se adapta melhor a um tamanho inferior ou superior. Caso contrário, a relação entre as qualidades e o tamanho está longe de ser evidente: por exemplo, meus dois melhores Setters para galinholas são um macho pequeno e uma fêmea grande, enquanto que meus dois cães de aponte para galinholas são um macho grande e uma fêmea com o tamanho mínimo, ou seja, exatos 53 cm. As duas equipes foram escolhidas na mesma ninhada à idade de oito semanas. Sendo impossível fazer prognósticos sobre o futuro de filhotes com dois meses de idade, a primeira equipe foi escolhida pela cor da pelagem (limão claro por razões de visibilidade nos bosques), enquanto a segunda, blue belton, foi pelo seu visual chamativo, semelhante ao de sua mãe. Um amador de Setters, que veio recentemente escolher seu filhote macho, preferiu o menor. Ao proceder assim, sempre tivera bons cães. Talvez estivesse com sorte ou ainda tirasse proveito de uma seleção natural que faz com que o menor de uma ninhada que se impõe entre os mais fortes seja necessariamente inteligente e esperto? Não tentemos fazer mudar de opinião aquele que acredita que o tamanho do cão influi sobre sua eficácia: não está mal começar a vida sob os bons augúrios de um preconceito favorável.

J.-P. Koumchasky
Le Chasseur français

No caso do concurso em ringue, a escolha do parâmetro fica mais ampla:

- notação conforme tabela dos juízes ou outra tabela,
- classificação,
- ganhos refletindo o nível da competição e do desempenho (sistema utilizado para o cavalo de desporte).

Podem ser aplicados critérios de seleção indireta (que influem sobre o desempenho), como por exemplo testes de desempenho realizados em condições padronizadas ou o comprimento de perna do lebréu de corrida, desde que positivamente correlacionado à sua velocidade, ou até mesmo o comportamento das angulações entre os segmentos ósseos durante a prova esportiva.
De fato, tal como estudada por Jean-François Courreau, especialista na genética do cão de esporte na ENVA, a orientação atual dirige-se para um sistema de índice de seleção genética obtido a partir de vários desempenhos próprios do cão e submetido a um sofisticado tratamento matemático. Já foram obtidos os primeiros resultados para o Whippet de corrida e para o Pastor belga malinois em concurso em ringue. No futuro eles irão permitir adaptar os métodos da genética moderna ao cão de esporte.

O treinamento do cão de esporte

Sempre que se falar de esporte canino e determinados desempenhos levarem os cães a se comportarem como verdadeiros atletas, somos levados a falar do treinamento do cão de esporte. Parece evidente que um esportista humano deva passar por um treinamento físico específico em relação a disciplina praticada e ao seu nível. Se quisermos que o cão seja performante, a situação é exatamente a mesma para o animal em boa saúde e feliz.

Os grandes princípios do treinamento

Treinamento significa "preparação física, técnico-tática, intelectual e moral do atleta através de exercícios físicos". Aplicando-se essa definição ao cão, descrever-se-á uma seqüência de exercícios físicos solicitados pelo proprietário em um clima que conserve um aspecto lúdico para manter a motivação do cão.

Noções de carga de trabalho

É fundamental a noção de carga de trabalho. Essa carga deve ter uma duração e intensidade suficientes para poder qualificar uma atividade física como sendo um treinamento. Essa carga deve aumentar à medida que o desempenho almejado melhora sem por isso tornar-se extenuante ou penosa para o animal, o qual perderia então toda e qualquer motivação.

Características da carga de trabalho

A carga de trabalho deve ser aplicada de maneira gradual, principalmente para o cão principiante (para um animal já bastante treinado pode-se às vezes acelerar algumas etapas), e de modo contínuo (só a regularidade permitirá a eficácia das várias sessões de treinamento).
Ela deve variar com o tempo, pois é impossível conservar um cão na mesma condição de forma o ano todo. Portanto deverá ser feita uma distinção entre períodos de preparação, de competição e de treinamento. A carga de trabalho também deve variar quanto a seu conteúdo. Para uma mesma disciplina serão solicitados vários fatores físicos do cão, como potência, velocidade, resistência e coordenação. Esses fatores requerem várias adaptações do organismo do cão, com um período de recuperação diferente para cada adaptação. Se um fator solicitar o organismo durante a recuperação de um fator diferente, o primeiro não interferirá na recuperação do segundo; ao contrário, o potencializará e esse sistema de cargas alternadas permite ganhos em termos de tempo e desempenho. Por exemplo, durante a recuperação de uma corrida, pode-se pedir ao cão um exercício muito diferente, tal como um exercício de alongamento muscular.

Para descobrir as qualidades de seu cão de caça: o gundog working test (GWT)

Nascidos na Inglaterra, os Working Tests destinam-se aos Spaniels e Retrievers e permitem avaliar o cão e seu dono em situações de concurso. As classificações baseiam-se em uma tabela de pontos que evidenciam a eficácia do recolhimento, o estilo do cão que recolhe (em função das diferentes raças) e a condução do dono. Essas provas não dão direito a premiações oficiais, como as outorgadas nos field-trials. Foram instituídos três níveis: a classe Puppy (para os cães nascidos após 01 de janeiro do ano anterior ao ano em curso), a classe Novato (para os cães nascidos antes de 01 de janeiro do ano anterior ao ano em curso e que jamais participaram de um field-trial à inglesa) e a classe Open (para os cães que já tomaram parte em um field-trial à inglesa).

Dominique Lebrun,
Juiz Société centrale canine

A sucessão das cargas deve seguir uma ordem precisa dentro de uma mesma sessão; de maneira geral, os exercícios de força explosiva, velocidade e coordenação são realizados no início do treinamento, seguidos pelos exercícios cuja eficácia tem por base uma recuperação incompleta e, por último, pelos exercícios de resistência pura.

Os métodos de treinamento

Treinamento da força muscular

Durante esforços muito intensos e muito curtos seguidos por períodos breves de recuperação é possível aumentar o trabalho e a força muscular sem aumentar o consumo de oxigênio ou acionar um processo de catabolismo anaeróbio (fermentação láctica). É o princípio de todos os exercícios de força pura, sendo o melhor exemplo o weight pulling (competição de tração de cargas numa distância curta).

Treinamento da potência anaeróbia

A potência anaeróbia permite um trabalho muscular intenso na ausência de oxigênio, sendo esse o caso em uma corrida rápida (Lebréus, ataque em ringue). Na prática, para desenvolver essa potência, alternam-se os exercícios intensos muito curtos (velocidade de 10 segundos a um minuto) e os períodos de recuperação (2 a 4 minutos). Esse tipo de treinamento é muito extenuante para o animal, física- e psicologicamente. Só deve ser considerado pouco antes do período de competição.

Treinamento da potência aeróbia

A potência aeróbia envolve os esforços longos que requerem uma melhoria do transporte e da utilização do oxigênio. É o tipo de esforço solicitado aos cães corredores e aos cães de trenós. Para isso, preconiza-se a corrida contínua de longa duração, em uma velocidade moderada, ou a sucessão de pequenas curvas em uma velocidade um pouco mais rápida (3 a 5 min.), seguida por períodos de exercício leve (caminhada ou trote leve).
A divisão dos diferentes tipos de treinamento deverá ser feita em função do tipo de disciplina praticado, sendo a experiência e a escuta do cão os melhores indicadores da eficácia do treinamento.

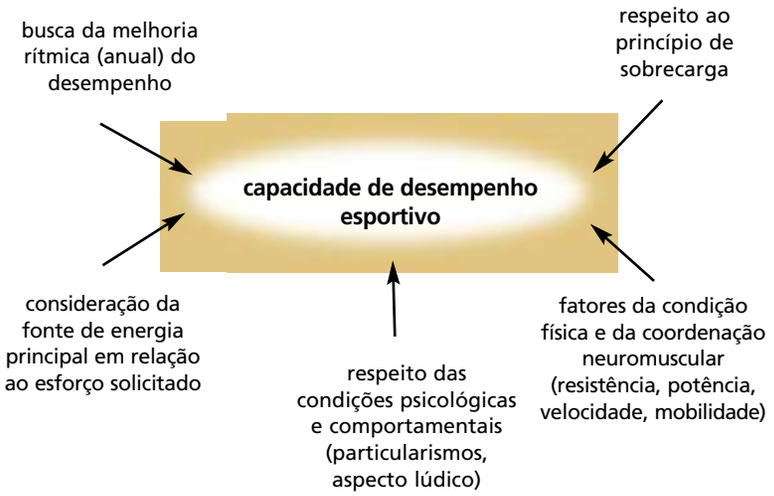
O treinamento e a competição

O aquecimento

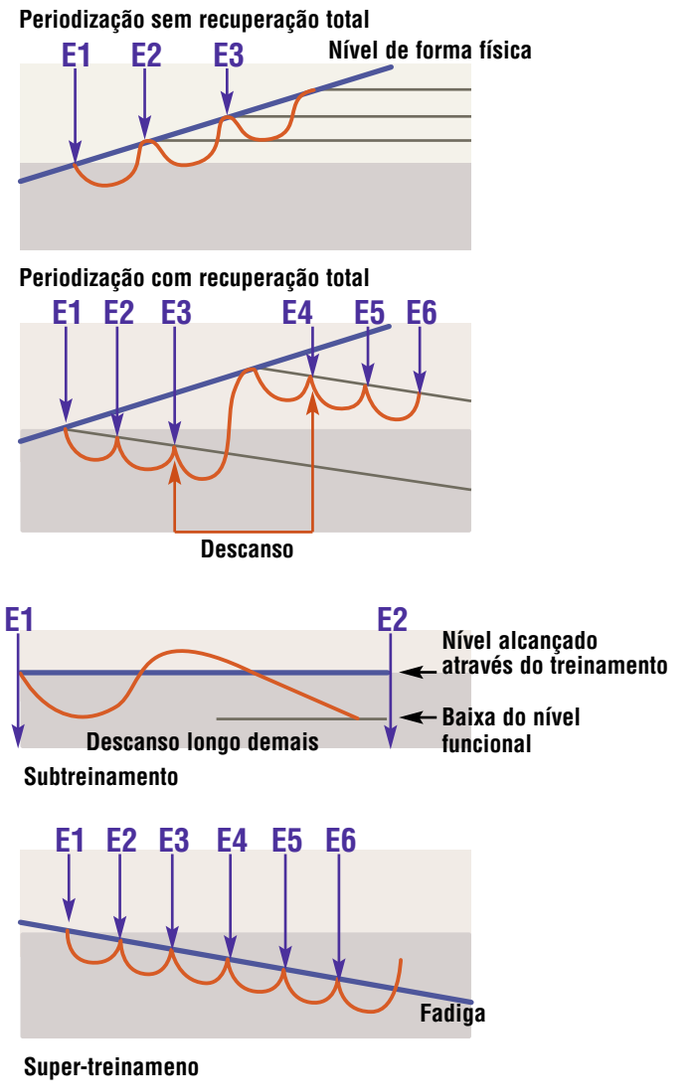
Todo atleta se aquece antes de uma competição de maneira a acionar uma intensa atividade de seu sistema enzimático e de oxigenação (que entrarão em ação para fornecer-lhe a energia de que precisa) e diminuir os tempos de reação da contração muscular.

Para o cão, o aquecimento pode consistir em uma série de alongamentos-flexões seguida de uma brincadeira que tem a vantagem de estimular a motivação do cão e ao mesmo tempo seus músculos. Bem conduzido, esse aquecimento melhora a coordenação neuromuscular do cão, evita estiramentos e contrações e garante um ótimo estado fisiológico e psicológico no início da competição.

Os grandes princípios do treinamento do cão de esporte



Princípios da programação dos ciclos de treinamento



Influência do modo relacional homem-cão sobre o trabalho do cão

Esquematicamente falando, em um grupo restrito são três os modos de relacionamento: "autoritário", "democrático" e "laissez-faire". Em situação de trabalho, o cão executa uma tarefa a pedido de seu dono. Encontra-se em situação de dominado enquanto o homem tem o estatuto de dominante (estrutura social de tipo alfa-ômega). Nesse quadro, deve-se proibir o modo relacional "laissez-faire", pois ele não permite a execução da tarefa. A escolha do modo relacional entre o homem e o cão deve, portanto, operar-se entre uma atitude "autoritária" ou "democrática". Durante a expedição "Licancabur-Cães dos cumes" que ocorreu no Chile em abril de 1996 e cujo objetivo, entre outros, era o estudo do comportamento dos cães de escombros em alta altitude, foi-nos possível comparar a influência dos modos relacionais sobre o comportamento dos cães em situação extrema.

A atitude "autoritária" consiste em deixar um grau mínimo de liberdade para os cães. A busca das vítimas é totalmente guiada pelo dono, que induz a técnica de exploração. O cão está em constante contato visual com seu dono e a marcação da vítima só ocorre após este tê-la incentivado. Dentro da díade, cada indivíduo cumpre uma tarefa complementar. O cão pode ser considerado como o "nariz" do dono, o qual continua sendo aquele quem decide.
No caso do modo "democrático", a área de busca era percorrida em separado pelo cão e seu dono. A marcação de uma vítima resulta de um processo de confrontação entre o cão e o homem. O trabalho de busca efetua-se em uma sinergia entre os parceiros.
Quanto ao trabalho em si, ambos esses modos relacionais revelam uma eficácia comparável. Em ambos os casos as vítimas são descobertas. Em situação extrema, ao contrário, quando os cães sentem um grande sofrimento fisiológico, o modo democrático parece mostrar sua superioridade.

Os cães das díades democráticas continuam trabalhando por mais tempo em condições penosas. Incentivados por seu dono, parecem poder aceitar e suportar um sofrimento maior.

Os cães das díades autoritárias negam-se a seguir seu dono quando aparece um sofrimento que pode comprometer seu prognóstico vital. Essa rebelião pode chegar au surgimento de comportamentos agressivos para com o dono. O modo relacional entre o homem e o cão é determinante para a execução de uma tarefa em situação extrema.
A aceitação da dor pelo cão parece bem mais forte quando a relação dentro da díade apoia-se em trocas mútuas. Portanto, em um quadro de trabalho entre homem e cão, parece interessante orientar a relação para um modo democrático e incentivar um processo decisório coletivo entre os parceiros.

Jean-Marc Poupard,
Pesquisador do Laboratório de biossociologia animal e humana.
Universidade de Paris V - Sorbonne - René Descartes.

A volta à calma

Após a competição, a volta à calma é um ponto que não deve ser ignorado. Entre outros, ela garante o sucesso das próximas competições. Uma seqüência de exercícios muito leves conserva uma circulação a nível muscular suficiente para a eliminação dos resíduos durante o esforço (ácido láctico, toxinas). Uma leve massagem também aumenta a eliminação das toxinas e acalma o animal. O cão sofre uma fadiga muscular e articular bem menores e conserva uma melhor forma para as futuras provas.

O destreinamento

No final da temporada de competição, a interrupção total e brutal do treinamento é fortemente desaconselhada. O animal que interromper assim o treinamento irá perder muito rapidamente o benefício adquirido e ficará mentalmente desestabilizado. Convém diminuir progressivamente as cargas de trabalho, orientando-se a atividade física para uma atividade cada vez mais lúdica.

Recuperação e super-treinamento

Após um período de esforço intenso, como é o caso de uma competição, é natural que o cão passe por um período de fadiga fisiológica. Se esse cão for corretamente alimentado e treinado, seu organismo irá se recuperar desta fadiga e até a sobrecompensará, isto é, durante um curto período após sua completa recuperação, estará em melhor forma do que antes da competição. Esse é o momento ideal para exigir dele um novo esforço intenso.

Se, ao contrário, esse período de tempo não for respeitado e um novo esforço for solicitado durante o período de recuperação, o organismo irá se ver superado, não conseguirá se recuperar normalmente e irá desenvolver uma síndrome de super-treinamento: perda de apetite e de peso, sensibilidade exacerbada e grande cansaço.

Esquemas da seqüência de busca de uma vítima em função dos modos relacionais

Díades "democráticas"

1. Reconhecimento visual da zona de busca
O cão dirige-se imediatamente até uma área restrita onde estão as vítimas.

2. Explorações da área e arredores.
O cão percorre a área.
"Farejadas" (coleta de informações olfativas) do local onde estão as vítimas. A exploração estende-se à região ao redor. Os deslocamentos são mais rápidos. O dono pode chamar o cão de volta sempre que este afastar-se por demais do local. Durante essa fase de exploração, o cão e seu condutor trabalham de maneira mais ou menos independente. Cães e condutores estão relativamente afastados uns dos outros.

3. Descoberta da vítima.
O cão volta aos lugares previamente explorados e reconhecidos como sendo um lugar provável de soterramento de uma vítima. As "farejadas" tornam-se mais insistentes. O cão espera que seu condutor se aproxime e estabelece um contato visual com ele.
O cão efetua a marcação logo que o dono o incentiva a fazê-lo. Tudo ocorre como se existisse uma confrontação entre as deduções do cão e as de seu condutor.

Díades "autoritárias"

1. O cão é levado até a zona de busca.
O cão segue seu dono na zona de busca.

2. Exploração da área e arredores.
O cão caminha junto a seu dono.
O cão olha periodicamente para seu dono.
Durante esse período, cão e dono trabalham juntos. O cão está constantemente sob a autoridade de seu dono.

3. Descoberta da vítima.
Durante a exploração, o cão imobiliza-se em um provável lugar de soterramento de uma vítima.
São dadas "farejadas". Contato visual com o dono.
O cão efetua a marcação logo quando o dono o incentiva a fazê-lo.
Tudo ocorre como se o cão esperasse pela autorização do dono para marcar a vítima.

Ou seja, a garantia de uma temporada de competição equilibrada depende muito do respeito aos tempos de recuperação do cão e do conhecimento de seu "relógio biológico".

Treinar bem seu cão é garantir-lhe uma saúde, desempenhos e uma moral "de aço" ao longo do ano. É respeitar seu trabalho e trabalhar para que ele perdure o maior tempo possível, dentro do respeito às capacidades do animal, tanto no plano físico como psíquico.

Para isso, a experiência e a assessoria dos habituados, assim como a escuta e o respeito ao cão, são outros parâmetros que caracterizam um bom treinador.

Alimentação do cão de esporte

Esquematicamente, três fatores têm um impacto sobre as necessidades nutricionais do cão de esporte:

- o gasto energético induzido a ser considerado, quantitativamente muito variável, porém qualitativamente fundamental;
- o estresse, na medida em que, ao ser induzido pelo treinamento e pela competição, é o responsável pela necessidade de adaptações nutricionais;
- a desidratação, que pode, em uma medida que não deve ser desprezada, ser prevenida pela nutrição.

Para isso, um alimento adaptado ao cão de esporte deverá:

- fornecer uma fonte de energia de ótima qualidade, nas quantidades apropriadas;
- minimizar tanto quanto possível o volume e o peso do bolo intestinal;
- ajudar a manter um correto estado de hidratação do animal;
- ter um possível efeito tampão sobre a acidificação metabólica induzida pela corrida;
- contribuir para otimizar os resultados de um treinamento bem conduzido;
- arrematar os vazios fisiológicos induzidos pelo estresse.

Portanto, alimentar um lebréu de corrida como se fosse um cão de caça, ou um cão de busca como se alimenta um cão de trenó torna-se uma aberração para quem espera de seu cão o melhor desempenho possível e uma boa prevenção dos problemas médicos ou traumatológicos.

Especificidades nutricionais

Em primeiro lugar, a quantidade de energia a ser fornecida para um cão sofre a influência da intensidade e duração do esforço fornecido. De uma maneira global, o objetivo de cada utilizador deve ser antes de tudo manter o peso de forma do cão, pesando-o, se possível, semanalmente e adaptando as quantidades de alimentos distribuídas diariamente de modo a manter um peso de forma estável.

No entanto, atualmente um certo número de dados científicos permitem precisar a abordagem em determinados casos hipotéticos: assim, para um lebréu de corrida, sabe-se que a participação em uma corrida induz um aumento de apenas 5% da necessidade energética em relação à necessidade de manutenção do cão, enquanto que em condições extremas (como é o caso do Iditarod no Alasca, 150 quilômetros por dia em uma temperatura de -50ºC) um cão de trenó de 20 kg poderá consumir até 12.000 quilocalorias por dia (sete vezes sua necessidade de manutenção!). Mais geralmente, e de maneira esquemática, uma hora de trabalho leva a um aumento de aproximadamente 10% da necessidade energética de manutenção, o que pode levar a um acréscimo do racionamento diário de 40 a 50% para um "dia" de trabalho ou de esporte. As variações da temperatura ambiente também deverão ser levadas em conta: para combater o frio ou o calor em torno de sua "área de neutralidade térmica" (em torno de 20ºC), o cão precisa de um excedente de energia.

A **qualidade da energia** fornecida ao cão durante o esforço assume uma importância fundamental e, com isso, leva a definir os critérios de uma energia otimizada para o cão de esporte. Além da própria natureza dos nutrientes valorizados, podemos reter duas preocupações:

A adaptação às gorduras alimentares... O bom e o ruim.

Em 1970, uma composição de cães de trenó de competição foi-me enviada para consulta no hospital para pequenos animais da Universidade da Pensilvânia. Esses cães se cansavam precocemente após poucos quilômetros de corrida e os melhores especialistas médicos da Universidade não encontraram nada de anormal nestes cães. Sendo eu próprio, naquela época, especialista em gado leiteiro, fui até a criação destes cães para uma visita detalhada. Eu vi cães consumindo seus próprios excrementos, constatei que a alimentação estava rica demais em amido e coletei amostras de sangue e urina. De qualquer maneira, o simples fato de alterar, "para ver", a alimentação desses cães, fornecendo-lhes frangos inteiros, fez desaparecer o problema e algumas semanas depois, os cães que haviam consumido esses frangos gordos corriam mais rápido e mais tempo do que os outros. Assim nascera o conceito da adaptação às gorduras no cão, a seguir desenvolvido cientificamente por mim mesmo para o cão de trenó e, posteriormente, pelos professores Arleigh Reynolds nos Estados-Unidos e Dominique Grandjean na França. Pessoalmente, esse cão de trenó serviu-me de modelo para os estudos que estou conduzindo há vários anos sobre o cavalo de esporte no Instituto Tecnológico da Virgínia: um cavalo adaptado e que consome gorduras, assim como o cão, porém com uma proporção menor de lipídios em seu alimento, poupa glicogênio quando corre e torna-se mais resistente, mas também mais calmo e, paradoxalmente, mais leve (na verdade, há uma menor quantidade de alimentos não digeridos em seu aparelho digestivo). A adaptação do animal ao consumo de gorduras faz desaparecer uma afecção muscular clássica no esportista, chamada rabdomiolise de esforço (destruição das fibras musculares relacionada ao acúmulo de ácido láctico). Entretanto, agora há outros problemas musculares (o lado ruim), uma vez que estas gorduras alimentares geram um maior desgaste das proteções antioxidantes do organismo. Nos anos 80, eu observara que os teores sangüíneos em vitaminas E e C (antioxidantes) no cão de trenó diminuíam acentuadamente durante o esforço. Os trabalhos de pesquisa das equipes já citadas concentram-se agora neste problema, com a finalidade de determinar os níveis de suplementações nutricionais de antioxidantes eficazes.

Professor David S. Kronfeld
Médico veterinário, doutor em Ciências,
Diplomado dos Colégios americanos de nutrição e de medicina interna
Instituto politécnico da Virgínia,
Blacksburg, Estados Unidos

- a energia deve estar rápida e facilmente disponível nos próprios locais de sua utilização (a célula muscular);
- o equilíbrio dos componentes energéticos deve ser tal que sua combustão se realize com um mínimo de resíduos, um máximo de eficácia e sem risco de bloqueio metabólico.

Assim, quanto mais longo o esforço, mais rico em gorduras deverá ser o alimento, passando de um teor de 16 a 20% para um cão que pratica esforços curtos para 35% para um cão submetido a um esforço de resistência (20 a 25% sendo um teor ótimo para um esforço intermediário).

Para tornar a energia facilmente disponível e rapidamente utilizável pelo organismo em situações de esforço, parece também indispensável utilizar alimentos completos secos especializados e hiperdigestíveis (o que os fabricantes qualificam de "premium" ou "superpremium"), de baixo congestionamento alimentar e fecal. Isso pode ser avaliado de maneira simples, comparando-se o volume fecal ao volume ingerido, sendo que o valor ótimo no cão de esporte situa-se a 45-50 gramas de matérias fecais para 100 gramas de matéria seca ingerida.

Como o esforço constitui um estresse para o organismo, este tem necessidades nutricionais específicas que podem ser esquematizadas como se segue:

- aumento da necessidade em proteínas, as quais deverão representar de 32 a 40% da matéria seca do alimento, dependendo da intensidade do esforço;
- aumento da necessidade em vitaminas do complexo B (em particular B1, B6 e B12), mas também em nutrientes antioxidantes (vitamina E, selênio) e em ácidos graxos da série ômega 3 (oriundos do peixe e que podem melhorar a fluidez dos glóbulos vermelhos, as trocas de oxigênio e diminuir os fenômenos inflamatórios gerados pelo esforço);
- adjunção útil de suplementos nutricionais não presentes no alimento completo utilizado: L-carnitina (essencial para a boa utilização celular dos ácidos graxos e para a recuperação), ácido ascórbico ou vitamina C (que normalmente não é um nutriente essencial no cão), probióticos (bactérias lácticas que melhoram a valorização digestiva dos alimentos).

Composição de um alimento especializado para o esforço de curta duração no cão

Alimento completo seco especializado
650 g/dia para um cão de 30 kg

Proteínas	≅	30%
Gorduras	≅	16 a 20%
Matéria fibrosa	≅	2%
ENA	≅	43%
Cálcio	≅	1.4%
Fósforo	≅	1%
Energia	≅	4100 a 4300 kcal EM

+ outros minerais, oligoelementos, vitaminas
<-> recomendações específicas

Alimentação caseira especializada
1 200 g/dia para um cão de 30 kg

Carne vermelha	≅	60%	
Flocos de cereais	≅	30%	Proteínas -> 33%
Óleo de soja	≅	2%	M.G -> 14%
Óleo de copra	≅	2%	ENA -> 45%
Óleo de peixe	≅	2%	Energia>2250kca EM/kg
CMV específico	≅	4%	

Exemplo de alimentação caseira para um Greyhound de corrida de 30 kg

Carne magra	≅	750 g
Arroz cozido	≅	450 g
Farinha de ossos	≅	2 teaspoons
Óleo de milho	≅	1 teaspoon
Fígado	≅	30-60 g

Complementação com vitaminas e oligoelementos

Alimentos de manutenção para cães de esporte

Alimento completo seco especializado
500 g/dia para um cão de 30 kg

Proteínas	≅	25-27%
Gorduras	≅	12-16%
Matéria fibrosa	≅	3%
NFE	≅	55%
Cálcio	≅	1.2%
Fósforo	≅	1%
Energia	≅	3700 até 4100 kcal ME

+ outros minerais, oligoelementos, vitaminas
<-> recomendações específicas

Alimentação caseira de manutenção
1 370 g/dia para um cão de 30 kg

Carne vermelha	≅	450 g
Flocos de cereais	≅	750 g
Óleo de soja	≅	120 g
Óleo de copra	≅	10 g
Óleo de peixe	≅	10 g
CMV específico	≅	1340 kcal EM/kg

Eficácia dos diferentes suplementos nutricionais destinados ao esforço disponíveis no mercado para o cão

Moléculas	Atividade: Esforço curto	Esforço intermediário	Esforço longo	Recuperação	Dose diária (/kg)	Inocuidade
L-carnitina	+	++	++++	++	50 mg	Sim
Ácido aspártico	0	+?	+?	?	?	?
Arginina	0	+?	+?	?	?	?
Bicarbonato de sódio	+	0	0	?	400 mg	Sim
Dimetilglicina	++	+	0	?	1.5 mg	Sim
Inosina	0	0	0	++	10 mg	Sim
L-triptofano	+?	+?	+?	0	5 mg	?
Ácido ascórbico	+	++	++++	+	100 mg	Sim
Metilsulfonil/metano	0	0	0	0	-	?
Superóxido/dismutase	++	++	++	++	?	-
Probióticos	+?	+?	+?	?	?	?
Octanonasol	0?	0?	0?	?	?	?
Gama orizanol	?	?	?	?	?	?
Bioflavonóides	?	?	?	?	?	?

Alimentação prática

No plano de sua constituição prática, o alimento do cão de esporte deve:

- ser nutricionalmente balanceado,
- ser concentrado e hiperdigestível,
- ser corretamente distribuído e consumido pelo cão.

O proprietário deve portanto examinar os alimentos para cães de esporte como sendo uma série de adaptações específicas em torno dos três temas a seguir:

- suprimento da necessidade de manutenção,
- aumento da densidade do alimento em energia e em nutrientes essenciais, associado a uma redução da quantidade de matérias fecais,
- enriquecimento do alimento para corresponder à necessidade energética do esforço (gorduras) e ao estresse induzido (proteínas, vitaminas).

Está claro que em tal contexto há lugar somente para alimentos industriais completos secos (sendo que a alimentação caseira torna-se anedótica e o alimento úmido enlatado, excluído), os quais poderão receber complementações adaptadas às especificidades de cada prática esportiva.

Para isso, uma vez escolhido o alimento correto, deve-se implementar um plano anual de alimentação, o qual deverá adaptar-se finamente à evolução do treinamento:

- período de descanso anual: alimento de manutenção de qualidade excepcional,
- período de treinamento: passagem progressiva para um alimento de trabalho (período de uma semana em cada transição), ou adição crescente de um complemento alimentar de trabalho à diéta de manutenção,
- período de competição: acrescido ao trabalho, o estresse pode requerer adaptações nutricionais complementares. Quantitativamente, a quantidade de alimento diária deverá ser adaptada à evolução do peso corporal do animal;
- período de destreinamento: volta progressiva ao alimento de manutenção.

No plano das modalidades práticas de distribuição, um cão de esporte ou de utilidade não deverá trabalhar em jejum, uma antiga crença tola prejudicial ao seu desempenho e bem-estar; ele deverá receber pela manhã um quarto de sua quantidade diária de alimento com muita água, ao menos quatro horas antes de trabalhar e o restante de seu alimento à noite, em um horário fixo.

Finalmente, o abastecimento de um cão de esporte em água deverá ser permanente, principalmente imediatamente após o esforço, para a prevenir os problemas de desidratação.

Composição de um alimento adaptado ao cão de esporte

(em % em relação à matéria seca)

Componentes	Velocidade *(Lebréu)*	Meio-fundo *(outros esportes)*	Fundo *(cães de trenó)*
Proteínas	30 a 35	30 a 35	30 to 40
Gorduras	16 a 20	20 a 25	30 to 40
Glicídios	50	35 a 40	15
Celulose	1 a 3	1 a 3	1 to 3
Cálcio	1.2 a1.5	1.2 a 1.5	1.5 to 1.8
Fósforo	0.9 a1.1	0.9 a 1.1	1 to 1.2
Cloreto de sódio	1.1	1.1	1.1
Magnésio	0.1	0.1	0.2

Duplicar o fornecimento de oligoelementos (ferro, zinco, manganês, iodo, selênio) e de vitaminas A e B.
Triplicar o fornecimento de vitaminas E, B1, B2, B6, B12

Composições de alimentações caseiras para cão de caça no trabalho (em gramas)

Elementos constitutivos	Alimento 1 (2300 kcal E.M. per kg)	Alimento 2 (2350 kcal E.M. per kg)
Carne para cão	700	
Carne magra		600
Arroz cozido úmido	100	100
Verduras	100	100
Toucinho ou banha	100	
Complemento vitamínico-mineral*	100	100

* 1/3 de levedura de cerveja, 1/3 de óleo de girassol, 1/3 de uma mistura carbonato de cálcio – fosfato bicálcico + complexo oligoelementos e vitaminas

Quantidades diárias de alimento caseiro para cão de caça no trabalho (veja a composição acima)

Peso do cão (em kg)	Alimento caseiro 1 (em g)	Alimento caseiro 2 (em g)
5	380	370
6	440	430
7	490	480
8	550	530
9	600	580
10	640	630
11	690	680
12	740	720
13	780	770
14	830	810
15	870	860
16	920	900
17	960	940
18	1000	980
19	1040	1020
20	1080	1060
21	1120	1100
22	1160	1140
23	1200	1180
24	1240	1220
25	1280	1260
26	1320	1290
27	1360	1330
28	1400	1370
29	1430	1400
30	1470	1440
31	1510	1470
32	1540	1510
33	1580	1540
34	1620	1580
35	1650	1620

Elementos de medicina esportiva canina

O desenvolvimento incessante dos esportes caninos, mas principalmente do número e do nível das competições, levou ao surgimento de uma verdadeira medicina desportiva dedicada ao cão, com a finalidade de enfrentar os problemas levantados por uma patologia desportiva muito específica.

A integridade do aparelho locomotor é, evidentemente, essencial em todo e qualquer cão de esporte ou de trabalho, onde claudicação é sinônimo de dor e de má performance.

Esta pode ser causada, primeiramente, por uma lesão nas almofadas e/ou espaços interdigitais, pelo fato de que esse é o único lugar anatômico onde o cão transpira. A prevenção dessas afecções, bem conhecidas dos caçadores e dos mushers, passa pela obtenção de um endurecimento das almofadas através de um spray tanante e a aplicação de graxa (mistura de lanolina e alcatrão da Noruega) ou, melhor ainda, de uma pomada feita de ácidos graxos hiperoxigenados nos espaços interdigitais (de grandes propriedades anti-inflamatórias). Em alguns casos (cão de trenó), também recomenda-se muito a utilização de botinas protetoras.

Subindo ao longo dos membros, seria possível mencionar as dezenas de afecções traumáticas ósseas, articulares, tendinosas e ligamentares próprias de tal ou tal atividade esportiva. Assim como o homem, o cão de esporte e de trabalho está sujeito a afecções tão clássicas como entorses ou luxações e até mesmo fraturas. Da mesma forma, no cão, o músculo poderá, em situações de esforço, sofrer incidentes que vão desde a simples contratura ao rompimento, passando por estiramentos ou distensões, ou ainda afecções inflamatórias, tais como tendinites ou miosites. Utilizam-se métodos diagnósticos sofisticados, tais como a ecografia ou termografia (detecção através de uma câmara térmica das zonas de calor ou frio no animal) que permitem a implementação dos tratamentos mais adaptados; a fase de reeducação pode tirar proveito dos benefícios dos métodos chamados "fisioterápicos".
Neste campo da traumatologia desportiva do cão, é importante considerar a prevenção, que passa obrigatoriamente:
- por um treinamento físico bem elaborado, regular, que leve o cão ao topo de seu potencial esportivo em período de competição;
- pela aquisição de uma gestualidade reflexa que corresponda ao esforço solicitado. O cão deve ser acostumado e evoluir em tal ou tal ambiente, de maneira a que o posicionamento de suas patas seja ótimo;
- por um aquecimento antes de qualquer treinamento ou competição, e uma descontração muscular durante o período de volta à calma após o esforço;
- por uma ingestão permanente de água que evitará toda e qualquer desidratação prejudicial do músculo, mesmo que seja mínima;
- por uma alimentação perfeitamente adaptada, qualitativamente ao tipo de esforço fornecido, e quantitativamente à manutenção do peso de forma do cão.

Avaliação clínica do grau de desidratação no cão

Nível de desidrataçã	Exame clínico	Atitude a adotar
< 5	Nenhuma alteração clínica	Dar água
6	Leve persistência da dobra cutânea (a)	Reidratação oral
8	Persistência intensa da dobra cutânea Tempo de preenchimento capilar de 2 a 3 segundos (b) Leve endoftalmia Secura das mucosas bucais	Perfusão
10-12	Persistência aguda da dobra cutânea Tempo de preenchimento capilar superior a 3 segundos Endoftalmia pronunciada - Extremidades frias Mioespasmos - Taquicardia ocasional	Perfusão
12-15	Estado de choque Morte iminente	Pronto socorro

(a) avaliar a dobra cutânea na linha das costas ou na região lombar, evitando o pescoço (pele naturalmente solta)
(b) o tempo normal do preenchimento capilar é de 1 a 1,5 segundo

A medicina esportiva canina

Os esportes caninos não param de se desenvolver; alguns, aliás, estão aos poucos ganhando seu status de esporte olímpico (sempre que homens e cães partilham o mesmo esforço, nada mais lógico para a pulka e o trenó), outros tornam-se um extraordinário meio para educar, através da brincadeira, a criança e seu cão (para convencer-se disso, basta assistir a uma competição de agility), enquanto, enfim, os mais belos valores ancestrais da nossa mãe Natureza estão se voltando até nós graças aos cães de pastoreio. Assim sendo, as populações de esportistas caninos aumentam junto com a notoriedade de cada uma das disciplinas e com o profissionalismo – no sentido nobre da palavra - que delas decorre. Para corresponder a essa evolução é que, em 1985, foi organizada na Escola Nacional Veterinária de Alfort (ENVA) a primeira jornada de estudos jamais dedicada, em escala internacional, à medicina esportiva canina e com o passar dos anos, aquilo que não era senão um conceito, deu origem, em 1996, à Unidade de Medicina da Criação e do Desporte (UMES), uma unidade clínica e de pesquisa da ENVA que dedica suas atividades ao serviço dos profissionais do cão. Na sua faceta Medicina desportiva, essa unidade inovadora para uma escola de medicina veterinária (só existem unidades equivalentes em duas universidades americanas, Auburn e Universidade da Flórida) dispõe de uma consulta três vezes por semana, uma estrutura de fisioterapia-reeducação funcional e um laboratório de pesquisa (Laboratório de fisiopatologia dos lipídios e radicais livres) trabalhando sobre as conseqüências biológicas e celulares do estresse de esforço no cão. A Unidade de Medicina da Criação e do Desporte é também uma estrutura de campo, pois seus veterinários estão oficialmente presentes em muitos locais de competições esportivas caninas, e isso no plano internacional. De disciplina emergente ainda há alguns anos, a medicina desportiva canina está adquirindo progressivamente seu status de especialidade reconhecida, em resposta a uma demanda real vinda dos utilizadores e envolvendo tanto a preparação do cão quanto as afecções patológicas específicas, ou ainda os problemas da luta contra o dopping.

Expedição científica Licancabur-Cães das cumes - 1996

Conhecer as conseqüências biológicas e nutricionais do trabalho em alta altitude no cão de busca a pessoas soterradas.
Realizada em abril de 1996 no Norte do Chile, no cume do vulcão Licancabur que culmina a 5.980 metros, a expedição Cães dos cumes tinha como objetivo estudar os efeitos biológicos do trabalho em alta altitude (carência em oxigênio e pressão barométrica menor) no cão de busca de pessoas soterradas. Com efeito, este é freqüentemente levado a ter que salvar vidas humanas durante terremotos ou deslizamentos de terra em altitude (Cordilheira dos Andes, Ásia), ou por ocasião de avalanches nas montanhas. Para isso, socorristas humanos e caninos não dispõem de nenhuma possibilidade de adaptação progressiva à altitude, pois esses casos requerem uma intervenção marcada pela urgência.
Para melhor prepará-los a não sofrer o famoso mal das montanhas e exercer seu papel nessas difíceis condições com perfeição, homens e cães do Corpo de Bombeiros de Paris e dos Carabineiros do Chile participaram dessa manobra em tamanho natural indo buscar vítimas soterradas em ruínas incas, situadas ao longo dos poços do vulcão Licancabur, sem aclimatação prévia. Os resultados científicos dessa expedição estabeleceram claramente a importância de uma preparação nutricional otimizada, baseada no consumo pelos cães de um alimento completo seco hiperenergético e hiperprotídico suplementado com vitaminas antioxidantes (vitaminas E e C) e com ácidos graxos essenciais da série ômega 3 (óleos de peixe). Aproveitando a ocasião, foi realizado um estudo comparativo semelhante no homem e novas expedições desse tipo serão organizadas no futuro, em colaboração com a Unidade de Medicina da Criação e do Esporte da Escola Nacional Veterinária de Alfort e o Centro de pesquisas da sociedade Royal Canin.

Doutor Fathi Driss
Centro hospitalar universitário Paris-Ouest

O cão de trenó dispõe de sua própria estrutura veterinária internacional

A Associação Internacional de Medicina Veterinária do Cão de Trenó (International Sled Dog Veterinary Medical Association) é uma organização profissional veterinária que reúne mais de 400 membros distribuídos nos cinco continentes e vindos de países tão diversos como a Nova Zelândia, a Groelândia, o Japão ou a África do Sul. Fundada em 1991, a ISDVMA tem como objetivos promover ativamente e incentivar ações que visem o bem-estar e a boa saúde do cão de trenó e desenvolver pesquisas científicas que permitam entender melhor esse cão excepcional. A ISDVMA organiza um simpósio anual e reuniões no mundo inteiro com a finalidade de apresentar aos veterinários as mais recentes descobertas científicas nessa área e publica regularmente uma revista e obras que propiciam trocas e intercâmbios permanentes. Ela também edita uma base de dados, que é atualizada a cada ano, reunindo todas as publicações científicas ou técnicas dedicadas ao cão de trenó. Enfim, a ISDVMA proporciona a formação dos mushers para o conhecimento de seus cães e, para as federações e organizações internacionais, fornece veterinários especialistas para acompanhar as mais de 4.500 corridas de cães de trenó organizadas anualmente em todo o mundo.
A ISDVMA oferece bolsas de estudos e pesquisa para vários estudantes veterinários apaixonados por esse assunto.

Professor Jérôme A. Vanek Umiversity of Minnesota
Saint-Paul, Minnesota, Estados Unidos

Fisioterapia e reeducação funcional

A fisioterapia é uma disciplina médica que procura restabelecer a funcionalidade normal de um elemento anatômico recorrendo a diferentes tratamentos não-invasivos, tais como, por exemplo, tratamentos térmicos (essencialmente ultra-sons), a mobilização passiva de um membro, a estimulação neuromuscular ou um simples exercício de reeducação. A utilização dos métodos científicos de fisioterapia para melhorar os processos de recuperação no atleta canino, ou em um cão que acaba de passar por uma cirurgia óssea ou muscular, foi recém introduzida na medicina veterinária e está relacionada à criação da Unidade de Medicina da Criação e do Desporte da Escola Nacional de Veterinária de Alfort. Assim sendo, a utilização desses métodos para melhorar os processos de recuperação do atleta canino está dando seus primeiros passos.

Os aspectos benéficos da fisioterapia

O objetivo da fisioterapia é a volta a uma função normal do elemento anatômico (ou o animal) afetado. Muito freqüentemente, o tratamento cirúrgico de um estiramento muscular, tendinoso ou ligamentoso, ou a estabilização de uma fratura, não constituem senão a fase inicial da reabilitação do animal. Não sendo esta devida e regularmente acompanhada, o resultado afetará invariavelmente as capacidades físicas do cão e levará a um desempenho atlético menor. Assim, os aspectos benéficos da fisioterapia para o paciente canino incluem os seguintes elementos:

1. Aumento dos fluxos sangüíneos e linfáticos

2. Regressão precoce dos processos inflamatórios

3. Aumento da produção de tecidos de substituição

4. Prevenção das contraturas periarticulares

5. Promoção da volta ao funcionamento normal da articulação ferida

6. Prevenção dos fenômenos de atrofia muscular

Um dos aspectos positivos não desprezíveis dos métodos de fisioterapia é que eles envolvem o proprietário do animal no bom desenrolar do tratamento, pois o dono torna-se parcialmente responsável pela boa recuperação do cão.

Tratamentos térmicos

O calor é o método de utilização mais antigo e costuma se revelar eficaz. Estes efeitos benéficos são os seguintes:

- diminuição da resposta inflamatória (calor, dor, inchaço, mioespasmos),
- aumento do nível de metabolismo dos tecidos aquecidos,
- os tecidos fibrosos cicatriciais tornam-se mais facilmente estiráveis,
- aumento do fluxo sangüíneo,
- diminuição da sensação de dor.

Os tratamentos térmicos podem ser superficiais (bolsas térmicas, lâmpadas de calor, hidroterapia), por exemplo no caso de um ferimento nos dedos, ou lançar mão da "dispersão de calor relativa", obtida, por exemplo, com ultra-sons ou microondas. Pode-se também chegar a tratamentos térmicos de ferimentos profundos utilizando-se aparelhos ultra-sônicos, muito difundidos entre os cinesioterapeutas.

Mobilização passiva e massagens

A **mobilização passiva** é uma movimentação imposta pelo terapeuta com a finalidade de recuperar uma amplitude articular ou uma perda de flexibilidade e elasticidade das partes moles. Constitui uma importante modalidade pós-traumática de prevenção das aderências teciduais e de manutenção de uma dinâmica normal da articulação

O LASER COMUMENTE UTILIZADO NO CÃO DE ESPORTE

Diferentes tipos de laser podem ser utilizado no cão de esporte com a finalidade de ajudar na cura de problemas musculares ou de tendinites. Sua eficácia, é lógico, depende de suas características técnicas e geralmente são utilizados lasers suaves em acupuntura do cão, lasers médios nas afecções dos músculos ou articulações e lasers duros em cirurgias, estando esses qualificativos ligados à intensidade e à potência do raio laser. Os efeitos terapêuticos dos lasers permitem combater a inflamação, o edema e diminuir a intensidade da dor (efeito antálgico) e aceleram o processo de cicatrização no caso de lesão ou ruptura. Por se tratar de um tratamento não-invasivo com um futuro certo para o cão de esporte, o laser faz parte do equipamento do veterinário especializado, embora seu custo continue sendo bastante alto.

Doutor Petra Horvatic - Peer
Veterinário, Universidade de Viena

Ela aumenta a drenagem do sangue e da linfa e previne as contraturas musculares e os bloqueios articulares. Esse tratamento deve iniciar-se no mesmo dia de uma intervenção cirúrgica e prosseguirá durante duas a três semanas. A massagem, por sua vez, pode ser útil quando não há nenhuma lesão muscular para diminuir a sensação de dor e melhorar a circulação do sangue.

Natação

A natação pode permitir movimentos de extensões articulares e o funcionamento dos músculos, sem que para isso os órgãos fiquem sobrecarregados em termos de peso. Permite também movimentos articulares de grande amplitude e pode ser implementada muito rapidamente após uma intervenção cirúrgica.

Eletroestimulação

Pequenos aparelhos autônomos de eletroestimulação neuromuscular podem, através da pele, fazer com que os principais grupos de músculos se contraiam ritmicamente. Permitem evitar os processos de atrofia muscular associados ao repouso forçado ou a uma prolongada imobilização parcial.

Laser de baixa energia

Nas afecções musculo-tendinosas também são utilizados lasers suaves e a aplicação de campos eletromagnéticos pulsados, ao que parece, com bons resultados.

Um programa de fisioterapia bem conduzido é um elemento essencial para a boa recuperação do cão. Utilizando-se os métodos citados, torna-se possível implementar, juntamente com o proprietário do cão, um plano de reeducação funcional de várias semanas, em todos os aspectos semelhante ao que é feito para o homem.

EXEMPLOS DE PROTOCOLOS DE FISIOTERAPIA

Caso número 1:
Greyhound que sofreu uma cirurgia ortopédica reparadora de uma fratura do tarso.

Semanas 1 e 2
Imobilização com gesso
Mobilização passiva do quadril e do joelho
Estimulação do músculo quadríceps

Semanas 3 e 4
Imobilização com gesso
Mobilização passiva do quadril e do joelho

Semana 5
Remoção do gesso
Controle radiográfico da fratura
Mobilização passiva do quadril, do joelho, da articulação tibio-tarsiana
Estimulação dos músculos gastrocnémio e tibial cranial
Natação diária (alguns minutos).
Imobilização em jaula, com breves caminhadas com guia curta, para as necessidades fisiológicas.

Semana 6
Caminhadas breves com guia curta
Natação diária
Mobilização passiva das articulações tarsianas.

Semana 7
Breves corridas em liberdade
Natação diária
Caminhada lenta prolongada

Semanas 8 e 9
Aumento progressivo da duração e intensidade da caminhada, do trote, da corrida.

Semana 10
Retomada do treinamento

Caso número 2:
Greyhound que sofreu uma fratura fechada do fêmur tratada por redução cirúrgica e colocação de uma placa.

Semana 1
Mobilização passiva do jarrete e do quadril
Massagens na perna
Aplicação de compressas geladas sobre a área cicatricial para prevenir qualquer fenômeno inflamatório ou edematoso
Eletroestimulação dos músculos da coxa (especialmente o quadríceps).

Semana 2
Remoção das estruturas
Mobilização passiva
Massagens
Se necessário, aplicação de compressas geladas
Eletroestimulação.

Semana 3
Diatermia muscular
Mobilização passiva
Eletroestimulação
Natação (um minuto três vezes por semana)
Caminhada com guia curta.

Semana 4
Diatermia muscular
Mobilização passiva
Natação (1 a 2 minutos cinco vezes por semana)
Caminhada com guia.

Semanas 5 e 6
Caminhada com guia
Natação.

Semanas 7 e 8
Condução da fisioterapia pelo proprietário
Caminhadas com guia, ladeiras, rampas ou escadas.

Em todos os casos de utilização de métodos de recuperação por fisioterapia, é muito importante efetuar um acompanhamento documentado e semanal da evolutção do animal.
Em um plano que compreende várias semanas, a passagem para a etapa seguinte só deve ocorrer quando os objetivos da semana anterior tiverem sido alcançados. A condução da parte final do tratamento pelo proprietário só será possível quando os apoios do animal tiverem voltado ao normal.

É necessário diferenciar todos os cães de uma competição. Até hoje, a identificação por transponder eletrônico é a mais confiável.

Combater o dopping

Diante do constante desenvolvimento das diferentes disciplinas de esporte canino e considerando a amplitude e o que está em jogo em algumas manifestações, o respeito ao animal, bem como à ética esportiva, passa pela necessária implementação de controles antidopping no cão de esporte. As corridas de lebréus (Estados Unidos, Austrália, Europa) e as de pulka e trenó de cães (Estados Unidos, Europa) aparecem como os precursores por disporem, há anos, de regulamentos internacionais e de controles regulares durante as competições.

O dopping não é a preparação fisiológica do atleta; esta é essencial e deve ter a supervisão do médico veterinário. Portanto deve ser considerado como dopping a utilização de substâncias e meios destinados a aumentar artificialmente o rendimento em uma competição e que prejudiquem a ética esportiva e a integridade física ou psíquica do cão.

Documentos necessários.

Embora extremamente raros, existem casos de dopping no cão de esporte:

- dopping para vencer, quando o que está em jogo é importante;

- dopping para perder, quando existe alguma aposta em dinheiro (caso do lebréu de corrida);

- dopping para fazer perder, sendo o objetivo administrar ou fazer consumir ao(s) cão(-ães) concorrente(s) uma substância dopante proibida, indo nesse caso mais além do que uma simples fraude!

As regulamentações existentes recorrem a listas de produtos proibidos, tais como, por exemplo, a utilizada para o cão de trenó pela IFSS (International Federation for Sled Dog Sport). Assim, neste último caso, estão proibidas:

- Substâncias analgésicas

- Substâncias anti-inflamatórias, esteroidais ou não-esteroidais

- antiprostaglandinas

- estimulantes do sistema nervoso central
- antitussígenos
- sedativos e anestésicos
- diuréticos
- esteróides anabolizantes
- miorelaxantes
- substâncias anticolinérgicas
- substâncias anti-histamínicas
- injeções de sangue.

Durante os controles antidopping, as amostras coletadas poderão ser a saliva, o sangue ou a urina do cão, sem perigo nenhum para o animal e respeitando regras muito estritas (amostras contraditórias, codificadas para garantir o anonimato, chaveadas antes de serem levadas, com total segurança, até o laboratório de análises).

Excetuando-se todos esses aspectos regulamentares e de controle, é importante que cada proprietário se convença do perigo que o dopping representa para o cão: anabolizantes, estimulantes, tranqüilizantes, anti-inflamatórios, diuréticos ou beta-bloqueadores são medicamentos que, quando utilizados para esse fim, provocam efeitos colaterais prejudiciais.

Portanto, mesmo que se refira a uma ínfima minoria de indivíduos inconscientes, o combate ao dopping é uma necessidade dissuasiva, que deverá ser cada vez mais o objeto de uma educação séria e preventiva no mundo do esporte canino.

Respeito da cadeia de provas: amostras codificadas e armazenadas fechadas à chave.

5ª parte

O cão e seu dono

Comportamento e educação do cão

Ao longo dos séculos, a domesticação tem modificado o cão, tanto no plano físico ou fisiológico como no do comportamento. Neste fim do século XX, o status do cão tornou-se o de animal de companhia, mesmo que seja utilizado para a caça, a guarda, o trabalho.

Comportamento espontâneo do cão na matilha

As condições de vida do cão doméstico não lhe permitem formar grupos com um tamanho suficiente para estabelecer um sistema hierárquico tão complexo como o do lobo. Nos lobos, a matilha constitui uma unidade social na qual a hierarquia, o jogo e a solidariedade permitem manter a coesão do grupo, aumentar a sobrevivência e facilitar a reprodução.

As matilhas de cães selvagens não só defendem seu território, mas também podem cooptar novos membros oriundos de outros grupos de cães errantes ou de cães selvagens.

Cães errantes e cães selvagens

Nos Estados Unidos e em certos países da Europa, encontram-se muitos cães errantes que muito raramente estão em contato com o homem ou se tornaram completamente selvagens. Ficam nas periferias das grandes cidades, em locais públicos ou territórios de livre acesso e que não são diretamente vigiados pelo homem, mas também em zonas rurais ou florestais. Definem-se esses cães, designados pela expressão "free ranging dog" (FRD), como cães que pertencem ou não a um dono. Dentre esses cães, estão os que o dono deixa em liberdade grande parte do tempo e os que não têm mais dono, por estarem perdidos ou abandonados.

A partilha hierárquica da comida

Existe uma complexa hierarquia dentro de uma matilha de cães. O modo de alimentação dos canídeos selvagens permite-lhes ingerir, em pouco tempo, uma grande quantidade de comida após a captura de uma presa. Não comem necessariamente todos os dias, pois nem sempre a caça é coroada de sucesso. É preciso encontrar presas, porém estas não se conservam e existe a competição com os outros animais.

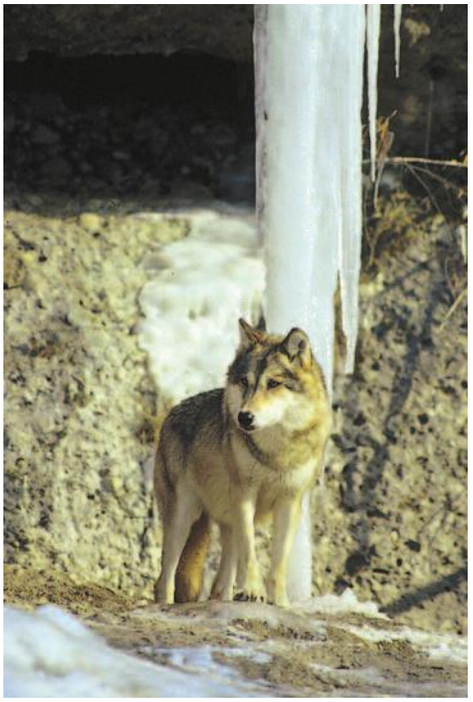
Uma vez a presa capturada, os cães dominantes são os primeiros a comer. Para ter acesso à comida, os dominados devem ficar a uma certa distância e esperar pelo fim da refeição dos dominantes.

O comportamento de eliminação: uma cédula de identidade individual

Além de seu papel fisiológico, o comportamento de eliminação dos canídeos selvagens é também um meio de comunicação olfativa. Faz-se principalmente através dos feromônios contidos nas urinas, fezes e secreções vaginais. Esses feromônios fornecem informações sobre o sexo, a identidade, o estado fisiológico, a posição hierárquica de quem os libera.

Relações entre dominantes e dominados

Dentro de uma matilha de cães, o dominante controla a ocupação do espaço na matilha em descanso e os movimentos de seus sujeitos. Os dominantes dormem juntos no centro do círculo formado pela matilha. O espaço fica dividido em círculos concêntricos onde se instalam os diversos níveis hierárquicos. Quanto mais próximo do dominante, mais alta a posição hierárquica.
O dominante controla a sexualidade do grupo e somente ele pode exprimir sua sexualidade diante dos outros membros da matilha. Os dominados não podem reproduzir-se senão longe de seu olhar. Os cães das cidades jamais vivem uma situação de real matilha, sendo tal situação possível para os cães do campo.



Evolução do comportamento com a domesticação

É desconhecida a data exata da domesticação do cão (Canis familiaris). A domesticação ocorreu muito provavelmente em diversas civilizações e regiões do mundo e teria começado, de acordo com alguns autores, no fim do paleolítico. A origem do cão freqüentemente proposta é o lobo cinza (Canis lupus). Por muito tempo houve um desacordo entre os autores e para alguns, o ancestral do cão teria sido o chacal dourado, ou até o coiote. O cão seria o resultado de sucessivos cruzamentos entre esses animais. Recentes análises de DNA parecem corroborar definitivamente a tese do lobo.

Foi a primeira espécie animal a ter sido domesticada

Existem várias hipóteses quanto às razões da domesticação do cão. Acredita-se hoje que lobos jovens eram trazidos para os acampamentos e deixados aos cuidados das mulheres. Esses lobinhos eram guardados por motivos variados, tanto afetivos como alimentares e religiosos. Somente depois é que teria sido descoberta sua utilidade para a guarda e a caça.

Sabe-se de numerosas espécies de lobo diferenciados segundo seu tamanho. Teriam aparecido em diversos estágios da ascendência do cão, sendo que o processo de domesticação tem-se desenvolvido, ao que parece, em lugares distintos. É precisamente essa grande diversidade nas subespécies que permite explicar, ao menos em parte, o polimorfismo da espécie canina e o grande número de variedades raciais.

Ao longo dos séculos, os cães têm sido utilizados para a caça e, eventualmente, para guardar as casas. Na Idade Média aparecem muitas raças de cães de caça em resposta ao importante desenvolvimento da caça com matilha de cães.

Evolução da domesticação

A domesticação e as intervenções dos homens tanto modificaram o cão que no século XX ele está longe de parecer-se com seus ancestrais. Os homens selecionaram os cães, sua conformação, seu tamanho, sua cor, sua pelagem, suas orelhas (todos os canídeos selvagens têm orelhas erguidas na idade adulta).
Assim, no plano fisiológico, a maturidade sexual é mais precoce, pois da idade de 2 anos no lobo, ela passa para 6-10 meses no cão de tamanho médio (de 10 a 25 kg). Além disso, observa-se uma duplicação do ciclo reprodutivo das cadelas, a redução do tamanho das glândulas anais e perianais, uma alteração à morfologia das raças.

Os feromônios são substâncias químicas excretadas por um indivíduo no meio exterior e que podem ser percebidas pelo olfato de outro indivíduo, desencadeando neste uma resposta comportamental e fisiológica.
Esses feromônios são produzidos por diversos órgãos: as glândulas das bolsas anais, as glândulas circum-anais, as glândulas interdigitais, a glândula da face dorsal do rabo.
Quando dois cães se encontram, as zonas do corpo com o maior número de glândulas é que são farejadas.

Por outro lado, os cães domésticos emitem mais sons do que os canídeos selvagens. Os cachorros educados pelo homem emitem mais vocalizações do que os cães que vivem em bandos. Desenvolveram-se também numerosas modificações comportamentais, tais como a docilidade, a socialização com outras espécies animais e com o homem, evitando assim os comportamentos predadores.

As conseqüências negativas da domesticação

A domesticação não surte apenas efeitos positivos. Certos cães, por causa de uma má conduta da criação e de uma má educação por parte dos donos, podem desenvolver distúrbios do comportamento, tais como fobias aos ruídos, às pessoas, ou agressões com mordidas.

Ao fornecer casa e comida, o homem torna inúteis a busca de um abrigo e a predação. Ao cuidar da saúde do animal, aumenta sua longevidade, o que leva a distúrbios associados ao envelhecimento. O homem regula a reprodução ao esterilizar certos animais e ao escolher tal ou tal reprodutor.

Procura evitar os conflitos entre os diferentes cães e, com isso, pode modificar as relações dominante/dominado. Numa casa de família onde vivem vários cães, relações dominantes/dominados podem manifestar-se entre os cães. Os donos devem levar isso em conta e sobretudo jamais devem interpor-se quando os cães estiverem brigando. Os donos é que ampliam e perenizam os conflitos ao separar os cães, impedindo assim que as lutas prossigam até a submissão de um dos cães.

Nascimento e primeiros contatos

Após uma gestação que dura de 57 a 72 dias, a cadela dá à luz. Durante o período pré-natal, cabe destacar a resposta dos fetos, já aos 45 dias da gestação, a qualquer estímulo tátil. Afagar a barriga da cadela permite sentir os fetos movendo-se, movimento esse que se atenua progressivamente após vários dias de manuseio. Os filhotes nascidos de uma mãe manuseada durante a gestação terão um elevado nível de sensibilidade tátil e serão mais fáceis de manusear. Os filhotes podem também reagir a qualquer reação emocional da mãe. Donde a importância de se evitar, nas cadelas gestantes, situações geradoras de medo e estresse.

Um parto solitário

Em princípio, o homem não tem por que intervir nesse ato natural que é o parto. A própria cadela escolherá seu canto para instalar seu ninho, em geral um local calmo. O filhote nasce com sua placenta e a mãe é que corta o cordão umbilical com seus dentes, abre a bolsa placentária e a come. Esse ato é indispensável, pois essa membrana contém um hormônio que favorece a produção de leite. A seguir, a mãe lambe seu filhote para estimular sua respiração. Os filhotes nascem a intervalos que variam entre 10 e 60 minutos. Em geral, o parto inteiro termina em menos de 12 horas. Nas primíparas, porém, pode durar mais tempo. O número de filhotes por ninhada varia de 1 a mais de 15.

Uma vez concluído o parto, é melhor não intervir e deixar a cadela tranqüila. Observa-se em certas cadelas que não se desencadeiam condutas maternais. Tratando-se de um cadela primípara (que dá à luz pela primeira vez), ela pode ocasionalmente não manifestar seu instinto materno e, nesse caso, é preciso cortar o cordão do filhote, livrá-lo de seus envelopes fetais, friccioná-lo e colocá-lo contra as mamas da mãe. O ideal seria deixar a fêmea agir sozinha com seus filhotes, mesmo que acabem morrendo, de maneira a favorecer a maturação do comportamento materno. É importante o estado de vigília da fêmea no momento do parto.

Mexer com as competências sensoriais da mãe pode alterar o desenvolvimento do apego às crias. Isso já foi descrito nas cadelas que receberam uma anestesia geral ou cujo parto é feito sob tranqüilizantes. O filhote nasce surdo, cego e anósmico (sem olfato).

A atividade dos filhotes

A principal atividade dos filhotes é o sono. Cerca de 90% do nictêmero é repre-sentado por sono, do qual 95% é o sono paradoxal, durante o qual os filhotes apre-sentam movimentos da face, dos lábios, das orelhas, dos membros.
Quando não dormem, mamam. As mamadas aparecem com uma certa regularida-de, a cada três ou quatro horas. São síncronas para toda a ninhada. Quando o focinho de um filhote toca a mãe ou outro membro da ninhada, o filhote pára e volta a procurar a mama. É o reflexo da excavação. Alcançada a mama, o cachorro a amassa com as patas anteriores, num movimento alternado que gera a liberação do leite. O contato com a mama provoca a sucção. É o reflexo labial.

O contato com a mãe: indispensável

O filhote desloca-se por reptação. Devido às suas limitadas competências motoras, não pode ficar em pé. Ficando afastado do restante da ninhada, apresenta um gran-de estado de agitação que se manifesta através de vocalizações que só pararão com a retomada do contato. A mãe é que, captando os gemidos, vai até o filhote e o traz de volta para a ninhada.

No fim da refeição, ela vira seus filhotes e os limpa. Estimula a região perineal dos filhotes, o que provoca a emissão de fezes e urinas, que ela ingere. É o reflexo peri-neal. A seguir, os filhotes voltam a reagrupar-se e adormecem. Durante esse período neonatal, no entanto, está bem desenvolvida a sensibilidade tátil do filhote, bem como seu sentido gustativo, estando presentes as respostas aos sabores básicos. Durante esse período, a mãe apega-se aos seus filhotes e tudo o que puder limitar o contato entre os filhotes e ela poderá ser a causa de um estado de profunda tristeza. É específico esse apego, mesmo que, ocasionalmente, seja possível ver uma mãe lac-tante adotar filhotes de outra cadela. Mas somente seus próprios filhotes podem tran-qüilizá-la.

A socialização do filhote

Essa é uma longa fase de aprendizado durante a qual o filhote adquirirá a totalidade dos comportamentos necessários para a vida na matilha. Inicia-se em torno das seis semanas de idade e encerra-se, de maneira arbitrária, em torno dos quatro meses de idade. Erros de criação e educação podem ocorrer durante esse período e comprometer uma vida feliz e equilibrada entre o dono e seu companheiro.

O filhote chega ao mundo sem saber a que espécie pertence. Deve identificar-se com sua espécie. Adquirirá essa informação graças a um determinado aprendizado, quase que irreversível, chamado a “impregnação”. Um animal mal impregnado estará per-dido para a espécie.
Esse aprendizado realiza-se durante as brincadeiras com os irmãos e a mãe. Isso lhe permitirá, quando adulto, reconhecer seu parceiro sexual, evitar a rejeição ou a fuga frente aos membros de sua própria espécie.

A EDUCAÇÃO DO FILHOTE

A aquisição de um filhote implica um certo número de imposições e um conhecimento de sua educação, de maneira a evitar futuros e incômodos distúrbios que, às vezes, infelizmente, são a causa de abandonos, até de eutanásia.

É necessária a educação do filhote para que possa reinar um bom entendimento entre ele e seus donos. A educação envolve vários pontos, tais como o aprendizado da limpeza e a obediência às ordens

Como ensinar a higiene a um cachorro?

É preciso, primeiro, conhecer as diferentes etapas da aquisição do comportamento de eliminação no cão. Já no nascimento, a mãe desencadeia os reflexos de micção e defecação lambendo a região perianal, antes de ingerir todos os dejetos. Posteriormente, o filhote começa a sair do ninho e a mãe continua lambendo-o abaixo do rabo, o que estimula micções e defecações. Com o tempo, os reflexos acabam desaparecendo e o estímulo por lambedura deixa de ser necessário. O filhote sai do ninho e elimina em outro local distante. Às seis semanas de idade, ele já fareja para encontrar suas precedentes dejeções e eliminar nos mesmos locais. Ao chegar numa residência, um filhote não costuma ser limpo. Só não faz suas necessidades onde dorme e limita-se a isso…

A limpeza de um cão é o resultado de uma educação

Aos dois meses de idade, isto é, após as primeiras vacinas, o filhote já deve sair para a rua. Antes dos quatro meses de idade, as saídas deverão ser a cada cinco ou seis horas, ao acordar e após as refeições. Deve-se, inicialmente, escolher um lugar que tenha seus próprios odores, ou até utilizar uma folha de jornal impregnada com o cheiro do cachorro. A folha de papel colocada na sarjeta será progressivamente eliminada após algum tempo. No começo, quando o filhote elimina no local desejado, ele deve ser sistematicamente recompensado, quer com a voz, quer com afagos. Apesar da máxima boa vontade dos donos, sempre haverá acidentes no começo do aprendizado. Ao encontrar sujeiras dentro da casa, o dono não deve, em hipótese alguma, castigar seu cão (a não ser quando flagrado no ato). Não se deve lançar mão da folha de papel dentro da casa, pois o cachorro integrará e ater-se-á a esse local de eliminação e, mesmo quando levado para a rua, ele esperará a volta para a casa para fazer suas necessidades. Quanto ao passeio, não se deve encerrá-lo imediatamente após o cachorro ter feito suas necessidades, pois ele associará rapidamente necessidades e fim do passeio.

É preciso ensinar-lhe a obediência. Como? Recompensando ou castigando?

Para ser eficaz, a recompensa deve respeitar certos princípios. Deve ser significativa para o cão, isto é, o dono deve felicitar o cão através de toques e muitos afagos, falar-lhe com calor. Deve ser excepcional em sua natureza, por exemplo, dar guloseimas não habituais. Finalmente, quando praticada de modo sistemático, tornar-se-á aleatória e o cão se desmotivará. A recompensa posterior ao fato não tem nenhum sentido etológico.

Quanto ao castigo, para ser eficaz, deve intervir no momento do ato e ser simultâneo com o início da ação repreensível. Deve ter um caráter desagradável para o cão e ser sistemático em cada ação reprensível, o que é muito difícil às vezes, pois os donos nem sempre flagram o cão. O castigo posterior só gera ansiedade e agravará a situação. Pode ser direto, por exemplo, segurar a pele do pescoço do cão, o que reproduz o comportamento materno, e sacudir o cão levantando-o levemente. Ao contrário da opinião geral, é possível dar um tapa no cão, dado que o cão sabe perfeitamente fazer a diferença entre a mão que o afaga e a mão que bate. Pode-se castigar um cão também à distância, jogando-lhe um objeto não perigoso e que fará barulho. O aprendizado pela recompensa é mais demorado do que o pelo castigo, mas, em contrapartida, é mais duradouro. Na hora de castigar, é preciso saber reconhecer a postura de submissão, pois, o castigo deve terminar imediatamente naquele momento. Se o dono persistir, o castigo será ansiógeno e sempre ineficaz. Provido com essas informações, o dono poderá empreender a educação de seu cão.

É fácil ensinar a obediência (senta, deita, etc.)

Discursos não servem para dar uma ordem a um cão, pois ele não entende a língua do homem: basta um simples e enérgico "não". Deve-se acostumá-lo desde cedo ao uso da coleira e da guia normal. Caminhar com a guia pode começar em casa, várias vezes ao dia e sempre por curtos períodos de tempo. Se o cão puxar, deve-se dar um puxão na guia. Não se deve esquecer de recompensá-lo quando ele trabalhar bem. Alguns cães não voltam ao ser chamados. Chegam até alguns metros dos donos, param, e quando os donos se aproximam para segurá-los, voltam a correr. Antes de tudo, deve-se manter a calma e não irritar-se e, ainda menos, castigar o animal. Irritar-se não pode ocorrer em hipótese alguma. Mesmo que o cão se faça rogar, não deve ser castigado quando volta. Talvez seja esse o erro mais comum. O cão associará castigo ao fato de ter voltado até seus donos. Ao contrário, deve-se felicitá-lo, acariciá-lo e sobretudo não voltar a atá-lo, mas sim deixá-lo brincar. Para ele, será um castigo chamá-lo para colocar a guia e voltar para casa. Fazê-lo voltar requer uma atitude calma e acolhedora; jamais correr atrás dele, pois jamais será alcançado! Deve-se, ao contrário, fingir ir embora e dar a meia-volta: aí sim ele voltará.

A chamada requer um aprendizado. A idade ideal para começar é entre os 4 e 5 meses de idade. Nesse caso também é preciso ter paciência. O aprendizado pode começar dentro de casa. Deve-se dar uma ordem curta e, quando ele se aproximar, felicitá-lo. Uma vez bem assimilada a obediência dentro de casa, deve-se prosseguir, se possível, num local cercado, antes de passar para um espaço aberto. Cuidado: às vezes, o cão pode regredir lá fora, pois será perturbado por muitas coisas. Nesse caso, não deve haver irritação, mas sim novas sessões dentro de casa. Recomenda-se sessões curtas, pois o filhote cansa rapidamente. Deve-se ensinar-lhe a não fazer asneiras (rasgar as cortinas, roer os pés de mesas e cadeiras, despedaçar calçados, etc.).

Sempre que for flagrado no ato, deve-se repreendê-lo e dizer "não" com firmeza, dar-lhe até uma tapinha, mas sobretudo, quando possível, segurá-lo pela pele do pescoço e sacudi-lo. Isso lembrar-lhe-á a mãe.

É preciso praticar o "desapego"

Ao chegar numa residência, o filhote apega-se a uma pessoa e esse apego é mútuo. Aos 4 - 5 meses de idade, os donos devem provocar o desapego. Se assim não for feito, o filhote entrará em pânico e ficará triste quando for separado da pessoa apegada. Procura por seus donos e começam os estragos: destrói a mobília, evacua sobre o carpete e uiva! O cão não está "vingando-se", mas sim ansioso. Deve-se ensinar-lhe a ficar só e desapegar-se de seus donos. Deve-se parar de cuidar dele nos 30 minutos que antecedem a saída. Na volta, se festejar, não se deve responder, mas sim repeli-lo. Quando estiver calmo, mostra-se o prazer de encontrá-lo com afagos. Se tiver feito estragos e mesmo que se queira castigá-lo, deve-se fazer como se nada tivesse acontecido. O cão deve aprender a desapegar-se de seus donos e a única maneira para isso consiste em não res-ponder mais às suas solicitações de jogo e afago. Deve-se repe-li-lo. Cabe aos donos tomar a iniciativa das relações

Deve aprender as regras do bom covívio

Deve comer a sós. Sua refeição será servida na cozinha: não deve mendigar comida à mesa, mas tem o direito de estar presente à refeição de seus donos. Não está autorizado a subir nas camas ou no sofá sem permissão. Deve-se atribuir-lhe um local para dormir que não seja um local de passagem, nem um ponto estratégico que lhe permita vigiar as idas e voltas de sua matilha, isto é, seus donos. O local para dormir deve estar situado num lugar calmo onde poderá descansar. Se mordicar as mãos, deve-se impedi-lo (pois, tratando-se de um cão grande, as futuras mordidas machucarão) e repeli-lo com firmeza. Deve-se também evitar os jogos de tração (com um brinquedo, um pedaço de pau, um trapo): isso favorece a mordida, o que está longe de desejar-se para um futuro animal de companhia. Não se deve afagar um cachorro a pedido dele. Assim como para a brincadeira, cabe ao dono decidir o momento de iniciar os contatos e os carinhos.

As regras do jogo

Brincar de ganhar e perder entre filhotes, é aprender a hierarquia.
Com seus irmãos e irmãs, o filhote adota toda uma variedade de posturas. Empurrões, cambalhotas, "sai dali que o lugar é meu" com 1 mês de idade, seu corpo não pára de mover-se. Até o rosto é expressivo – acabou-se a máscara imóvel do cachorrinho! – arreganha os dentes, agita as orelhas, mexe os músculos faciais. Outros tantos sinais perceptíveis na vida em grupo. Deitar-se de costas surte o maior efeito: todo o bando acode, pronto para armar o circo. Novamente às cinco semanas: brinca-se de soldado, mastigam-se as orelhas, segura-se pelo pescoço, mordica-se o focinho (a boca é um poço sem fundo). É ao mesmo tempo a iniciação aos jogos de combate e o aprendizado das regras de vida da matilha. O filhote testa as atitudes de dominância e submissão. Se deitar no chão, patas traseiras afastadas, é que perdeu a batalha! Quantas sensações! A brincadeira, que gera empurrões e lutas corpo-a-corpo, revela os primeiros sinais de atividade sexual (o jovem macho balança a bacia).
Mudança de parceiros aos 3 meses: o filhote quer brincar com o homem. Convida-o para partilhar seu delírio. Para convencer, lança mão de todas as manhas. Faz a reverência, o olhar fixo no seu dono, bamboleia, dança com a barriga. Lábios estirados horizontalmente, maxilares levemente abertos – é a mímica do riso –, emprega todos os segredos da sedução. Caracola, contorce-se, salta, pula… Conquistados, brincamos com a bola. Pega-a e a traz de volta. Joga-se o pedaço de pau, que ele agarra entre os dentes, leva longe e não solta mais.
O jogo, que assenta as bases da hierarquia entre cães, evita as brigas a dentadas e atenua as tendências agressivas, reforça a cumplicidade com o dono. Prazer esse que vem para ficar, pois no cão, o desejo de brincar cresce com a idade.

Brigitte Bullard-Cordeau

Por outro lado, se o filhote for criado com outras espécies (homem, gato, coelho, o até mesmo bichos de pelúcia), corre o risco de identificar-se com a espécie com a qual viveu. A total ausência de cão entre as três e mais ou menos dezesseis semanas de idade induz uma identificação com a espécie mais próxima (homem, gato, coelho), ou até com um logro (pelúcia). O resultado será, na idade adulta, uma preferência social, bem como um comportamento de corte e tentativas de acoplamento com a espécie de identificação e comportamentos de agressão para com sua própria espécie. Para remediar esse tipo de situação, o cão deve ser criado em grupo, com a mãe, ao menos até as oito semanas de idade.

O cão não está programado para interagir socialmente com uma espécie estranha (gato, homem, coelho). Deve ser socializado tanto com outras espécies quanto com o homem. Assim, se o cão foi criado com gatos, não os agredirá no futuro.

No canil do criador, é necessário portanto pôr o filhote com outras espécies, se possível e sobretudo com pessoas diferentes (homem, mulher, crianças). Essa interação deve durar mais de dois meses. A existência de interações com outras espécies durante essa fase não impede a identificação com a própria espécie. A presença interativa de outras espécies permitirá uma socialização interespecífica e um apego que se oporá ao comportamento de predação.

O aprendizado da hierarquia

Nascido para viver em sociedade, o cão deve aprender as regras da hierarquia, isto é, controlar seus desejos em função das regras vigentes na matilha. O aprendizado da hierarquização passa pelo da alimentação, do controle do território e da sexualidade. Numa matilha, o cão dominante é o primeiro a comer, controla as idas e voltas de seus sujeitos e somente ele tem o direito de exprimir sua sexualidade diante dos outros membros da matilha. Até o desmame, os filhotes alimentam-se na mama e não respeitam nenhuma regra de acesso à comida. No desmame, a mãe os leva até fontes de alimento disponíveis na matilha. Sempre que se aproximam da comida, são repelidos com violência pelos adultos. Devem aprender a esperar sua vez, isto é, que os dominantes terminem de comer, para ter acesso à comida. Se o cão tentar chegar até a comida, será recebido pelas rosnadelas do chefe, ou, se persistir, até por mordidas.

Aos cinco ou seis meses de idade para o macho e no segundo estro para a fêmea, os cães serão expulsos das zonas freqüentadas pelos dominantes e pelas fêmeas. Estas suportam cada vez menos seus filhos, que se vêem obrigados a encontrar um lugar para dormir na periferia do território da matilha. Essa etapa caracteriza-se também pela aquisição do controle das condutas sexuais. Apenas os cães dominante têm o direito de exprimir sua sexualidade diante dos outros membros da matilha. Os machos dominados ou os adolescentes devem esconder-se. Seu comportamento sexual fica inibido na presença de machos dominantes.

O controle da mordida

Durante o período de socialização é que o cachorro aprende a não machucar ao morder. Aprende a controlar sua mordida, por um lado durante as brincadeiras, já às três semanas de idade, e, por outro lado, com a mãe. É o aprendizado da mordida inibida. Durante os jogos de combate, os filhotes mordem-se entre si e se um filhote apertar outro forte demais, este gritará. A mãe intervém e, segurando o filhote pela pele do pescoço, o sacode com vigor antes de colocá-lo de volta no chão. Isso faz com que ele solte um grito e assuma uma postura de submissão, levando-o a parar com a mordida. Assim é que a mãe lhe ensina a controlar a intensidade de sua mordida, bem como a sua motricidade em geral. Se o filhote estiver numa família, os donos não devem aceitar as mordidas. O filhote não "está fazendo seus dentes". Esse aprendizado permitirá evitar graves mordidas quando o cão se tornar mais forte. A intensidade da mordida varia em função do indivíduo, da raça e da linhagem. Certas raças, tais como a raça Labrador, suportam mordidas de forte intensidade. Finalmente, durante esse período de socialização, a mãe ensina aos filhotes a desapegar-se dela.

O período do desapego

Quando os filhotes chegam aos quatro ou cinco meses de idade, a fêmea os tolera cada vez menos, em particular os machos. Diminuem as marcas de afeto, ela brinca menos, e eles devem encontrar outro lugar para dormir. Em contrapartida, as fêmeas vão ficar mais tempo com a mãe. O desapego realizar-se-á mais devagar e ocorrerá no segundo cio. Quando numa matilha humana, não ocorrendo o desapego, poderá manter-se o apego, ou até uma situação de hiperapego que originará distúrbios do comportamento: destruições maciças, micções e defecações inoportunas, bem como vocalizações quando o ser do apego estiver ausente.

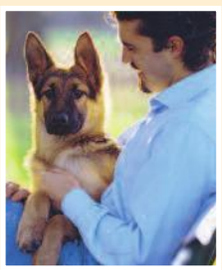
Comportamentos de agressão

O vocabulário etológico define a agressão como um "ato físico ou gesto de ameaça de um indivíduo contra outro, reduzindo assim sua liberdade e sua potencialidade genética". É possível diferenciar vários tipos de comportamentos agressivos: a agressão predadora, a agressão hierárquica, a agressão por irritação, a agressão territorial e materna, e a agressão por medo. Afora a agressão predadora e a agressão por medo, é importante conferir a integralidade da seqüência comportamental.

Três fases compõem uma seqüência comportamental. Uma fase de ameaça ou de intimidação (rosnadelas, pelos arrepiados, rabo e orelhas erguidas, beiço arregaçado), uma fase de ataque durante o qual o cão se lança contra o adversário e procura agarrá-lo pela pele do pescoço, do peito ou dos membros anteriores. Busca fazê-lo cair e o mantém no chão até que assuma uma postura de submissão.

A seguir vem a fase de apaziguamento. O cão vencedor ora mordica a crânio do vencido, ora coloca a pata na cernalha, ora o cavalga. O ataque varia de acordo com as relações hierárquicas já existentes entre ambos os cães. Se o cão agressor for um dominante, a mordida infligida será breve e seguida por uma nova fase de intimidação. Ao contrário, quando o cão agressor estiver em situação

O HOMEM, AMIGO SEGURO



Aos 3 meses, o filhote já tem uma certeza: o homem é seu amigo. Mas isso não é coisa do instinto!

Como sempre, desde o início da domesticação, o homem é quem dá os primeiros passos. Acostumado a tomar a iniciativa, estende a mão para o filhote recém-nascido, de faro exacerbado, já provido com faculdades táteis e capacidade de sucção. O jovem canídeo fareja a mão humana, aprecia seu contato, lambe a pele para aprender seu sabor. Procura o calor que ela propaga (sua temperatura corporal definitiva só se estabelece aos 10 dias de vida). Ao abandonar-se totalmente na palma ou aninhar-se dentro da mão,imagina-se contra o corpo de um de seus irmãos. Até as três semanas de idade, o cachorro ignora o medo e o homem lhe inspira uma absoluta confiança.

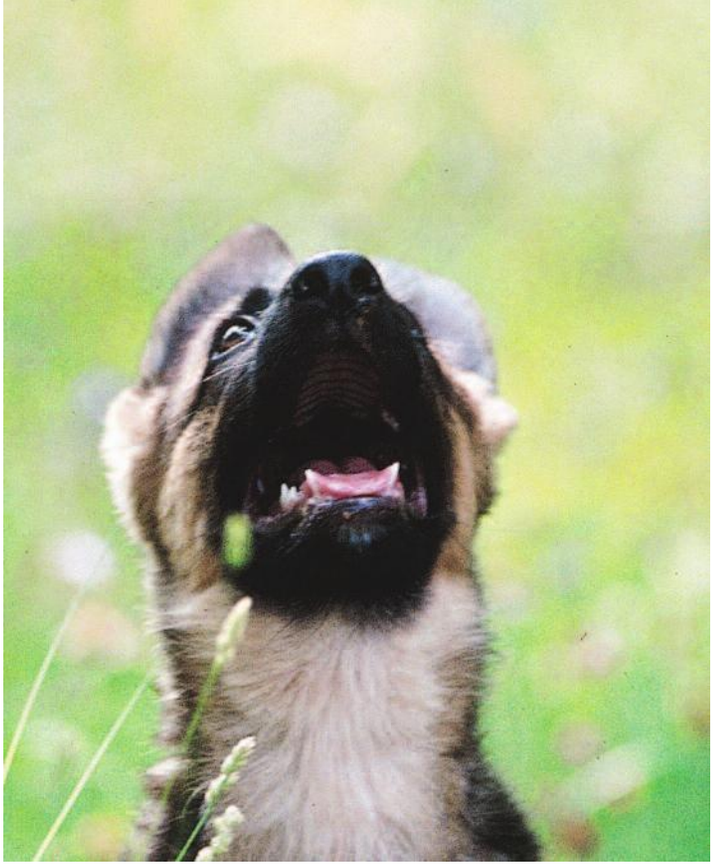
A mão é o primeiríssimo contato estabelecido entre o cão e nós. A cada dia, durante a pesagem, ele respira esse odor particular, farejando com o nariz como faz com o mamilo alimentador. Mas a mão do homem não é o único elemento de sua descoberta. A isso acrescenta-se a voz do dono que ele ouve logo aos 21 dias de idade, no começo de sua socialização. Um verdadeiro festival de sons e luzes! Está com 17 dias de vida quando enxerga a cor e a forma dessa mão suave e quente.

Nessa mesma idade é que seus reflexos condicionados desencadeiam a comunicação. Com o dono, age como com a mãe. Há muito sob os efeitos da neotenia (persistência dos costumes da infância), utiliza a voz – late aos 10 dias mas só se ouve ganindo às 3 semanas - para sensibilizar seu dono aos seus pequenos males. Geme e o homem sente-se interpelado. É a primeira arma da sedução.

E a boca? Se lamber a mãe nas comissuras dos lábios, como que para fazê-la regurgitar sua comida, é também um sinal de submissão e um sinal de apaziguamento. O homem que recebe essas lambidelas em plena face toma isso como declaração de amizade. À medida que vai assimilando cada vez melhor as regras da vida em matilha (entre 4 e 7 semanas), aplica com o homem os mesmos códigos de comunicação e inspira-se do mesmo esquema hierárquico que regula a relação entre dominante e dominado.

Às seis semanas, entretanto, é preciso fortalecer a ligação. Ainda não acabou a conquista. Instala-se o medo do homem. Reação essa que foi pressentida quando, aos 25 dias, o jovem canídeo manifestou um movimento de recuo diante de uma mão desconhecida. Reflexo de ataque ou de recuo, confiança arranhada… Entra em jogo o risco da dessocialização. O jogo não está ganho. Ali é que, para ganhar a amizade do cão, o homem deve dar as mostras de uma grande psicologia. Nada de levantar a voz! Cuidado com os movimentos bruscos! Aquela mão, que criou o primeiríssimo contato, deve abusar dos carinhos. A sorte do cão está nas mãos do dono. Assim é que, após afastar-se do homem, deixará de duvidar. Ele está com dez ou doze semanas de idade. A seguir, entre ele e o homem, a amizade tornar-se-á inabalável.

Brigitte Bullard-Cordeau



O latido é um grito comum?

O latido envolve diferentes sons que representam outras tantas mensagens a serem decodificadas. Muito jovem, ele geme por uma multidão de pretextos: está com frio, com fome, com dor, está só ou com vontade de defecar. Para a mãe à qual não pára de pedir socorro, lança gritos de desespero e, como para variar seu repertório, mia. Às vezes, lança gritos mais agudos, antes de rosnar… de satisfação!
Mal sabe ganir, com menos de oito dias, e já vocaliza, queixa-se, choraminga, protesta. Entre filhotes, um leva o outro. Aos 9 dias, os ruídos alcançam seu máximo nível, mas que mudança no dia seguinte: o jovem cão late pela primeira vez.
Quanto mais cresce, mais utiliza a voz. Muda o tom jogando com a duração, a freqüência, o volume, o ritmo. Arfagem ou estalo dos dentes sobrepõem-se aos clássicos au-aus! Gemidos, resmungos, miados, ganidos, rosnadelas, uivos, tosse… que repertório! Sem esquecer o latido que, rosnado, uivado, ganido, é o fruto de sábias misturas.
Esse concerto não é nenhum ato gratuito. Não é nem um grito comum, nem uma ameaça, como se tende a acreditar. Quando o cão late à chegada de um estranho, em sinal de advertência mas também para intimidar e esforçar-se para não ter medo, ele tem um desejo: que outros cães venham ao seu lado, assim como se faz no estado selvagem. Quanto ao uivo, serve de ponto de localização. Em todo o caso, é um modo de expressão dos mais contagiosos. Quando o cão uiva à morte, no inverno, no crepúsculo, é porque ele quer ser tranqüilizado. É só outro cão, a algumas centenas de metros, responder a seus apelos, e o diálogo não tem fim. A sensação de solidão, o pedido de socorro são realmente percebidos no mundo canino.
Na companhia de seu dono, o cão tem outros motivos para latir: para saudá-lo, quando chega em casa, para convidá-lo para brincar porque está contente e também quando algo está errado na sua vida de cão. Resta saber captar seu apelo.

Brigitte Bullard-Cordeau

de competição, ele manterá sua mordida até seu adversário submeter-se. Se a sequência estiver completa, fala-se em agressividade reacional. Se as fases de ameaças e apaziguamento estiverem ausentes, fala-se em agressividade instrumentalizada ou hiperagressividade secundária.

A agressão predadora

A agressão predadora é geralmente desencadeada pela fome. O cão pula com as duas patas sobre sua presa, rabo e orelhas erguidos, os pelos da região dorso-lombar eriçados, e cai sobre ela com suas duas patas anteriores, antes de agarrá-la com os maxilares e sacudi-la com força, o que tem como efeito a fratura da espinha dorsal. A agressão predadora é descrita em cães saciados. É esse o caso do cão que entra num galinheiro e mata todas as aves, ou do cão matador de gado. Esses são comportamentos fisiológicos e não existem meios eficazes para lutar contra esse tipo de agressão.
Casos de agressão predadora onde o homem foi o alvo foram ocasionalmente descritos. Esses atos de predação são os atos de cães errantes organizados em bandos. O homem é considerado uma presa, pois esses cães não foram socializados para com ele. Outras vezes, cães de companhia são que, na presença de crianças que ainda não andam, terão esse tipo de agressão predadora. Trata-se de cães que não foram postos em contato com crianças com essa idade.

A agressão hierárquica

A agressão hierárquica ocorre tanto no marco de agressões entre cães quanto entre o homem e o cão. A agressão hierárquica desencadeia-se num contexto em que o cão vê suas prerrogativas de dominante serem questionadas, tanto na matilha canina quanto na matilha cão-homem. Animal dominante é aquele indivíduo que assegura a coesão do grupo social inibindo a agressividade dos outros membros da matilha. O cão dominante come primeiro, devagar e gosta de ser olhado pelos seus sujeitos. Controla a ocupação do território e do espaço, bem como os deslocamentos de seus sujeitos. Ou seja, ele costuma ficar num lugar estratégico, o que lhe permite vigiar tudo. Controla a reprodução e gere a atividade sexual do grupo. Uma cadela ou um cão dominante pode cobrir diante dos outros membros da matilha. Dentro da matilha humana (por exemplo, a família), observar-se-á uma exacerbação na presença do dono do mesmo sexo. Ao contrário, um cão dominado não poderá reproduzir-se diante dos outros cães dominantes, e tampouco diante dos donos dominantes. A presença do dono do mesmo sexo também é inibidora. Os proprietários dominantes não devem presenciar a cobertura de seu animal. O cão dominante cavalga seus congêneres, pessoas do mesmo sexo, almofadas até, e isso diante de todo o mundo. O cavalgamento não é um ato de homossexualidade, mas sim um ato de dominância. Questionar suas prerrogativas de dominante pode estar à origem da agressão hierárquica com uma típica seqüência comportamental (ameaça, mordida e apaziguamento) tanto para com os cães como com o homem.

O apaziguamento com o homem se realiza da mesma maneira que entre os cães. Às vezes, o cão lambe o membro mordido apresentado pelo dono, que acha que seu cão quer pedir-lhe perdão.

A agressão por irritação é desencadeada por frustrações como a fome, a dor ou pela continuação de um contato físico iniciado por um dominado (é o caso do dono que quer afagar ou escovar seu cão). A agressão territorial é desencadeada por qualquer intrusão no campo de isolamento ou no território da matilha. Quanto à agressão materna, a presença de filhotes é indispensável para desencadeá-la, porém pode tratar-se também de um brinquedo, de uma pelúcia, até mesmo um chinelo.

A agressão por medo

A agressão por medo ocorre nas situações que o cão não tem como evitar e nas quais é impossível qualquer tentativa de fuga. Nesse caso, ele agredirá quer os outros cães, quer o homem, sem fase de ameaça. O ataque é direto e imprevisível. Os ferimentos causados são violentos, pois não há controle da mordida. O desaparecimento de uma das fases (ameaça e apaziguamento) pode resultar também de um aprendizado de tipo condicionamento operante. Se tomarmos o exemplo da agressão hierárquica, sabemos que os cães apresentarão episódios agressivos quando certas prerrogativas de dominante forem questionadas. Inicialmente, a seqüência de agressão é completa, com suas três fases. A seguir, se os enfrentamentos se repetirem sem que haja modificações na relação homem-cão, o cão, por sua vez, modificará progressivamente sua seqüência de agressão, e a fuga dos donos após a mordida é que constitui o elemento reforçador indispensável para o desenvolvimento do condicionamento operante. A fase de apaziguamento diminui, antes de desaparecer. A fase de intimidação será modificada e quase síncrona à mordida. A seguir, ela também desaparecerá. Serão mordidas graves, imprevisíveis. Nesse caso, o cão será um animal perigoso.

A submissão

A postura de submissão decorre da ritualização da micção provocada pela mãe. No fim da refeição, a mãe vira os filhotes e os limpa. Essa postura reaparecerá no adulto. O cão dominado durante uma luta deita de costas, o que põe fim à agressividade do adversário. Observa-se outras manifestações da submissão, no entanto, tais como o grito do cachorro agarrado pela pele do pescoço.
A pressão exercida nessa região é associada aos combates hierárquicos.
A posição de submissão é um ritual. Tem uma função de coesão no grupo social e permite evitar as agressões.

Certos cães não adquiriram a capacidade de submeter-se (ausência de postura de submissão) e são cães perigosos, por serem muito brigões. Não submeter-se reacende a agressividade do adversário. Outros sinais de submissão são o olhar fugidio, desviado, que se esquiva do do dominante, o rabo abaixado, o decúbito lateral com um posterior levantado, a fuga. Numa matilha homem-cão, o dono deve conhecer bem a postura de submissão de seu cão, pois se continuar agredindo seu cão quando este se submete, será a causa de eventuais distúrbios do comportamento.

A marcação do território

A marcação do território é um comportamento comum a todos os cães, qualquer que seja seu sexo ou idade. É um meio de comunicação que varia muito em função do status social do cão. O desenvolvimento de sistemas de comunicação é uma necessidade absoluta, mais particularmente para as espécies sociais como os carnívoros domésticos. Depósitos de urinas e fezes são essencialmente utilizados para a marcação. É uma marcação ao mesmo tempo visual e olfativa.

A comunicação olfativa utiliza mensagens químicas chamadas feromônios. São hormônios que transmitem informações entre os indivíduos de uma mesma espécie. Desencadeiam no indivíduo receptor uma resposta comportamental ou fisiológica. Essas substâncias são liberadas pelas glândulas das bolsas anais, as glândulas perineais, as glândulas faciais, as glândulas situadas nos espaços interdigitais das almofadas plantares, e pela glândula supra-caudal. Esses feromônios estão presentes também na saliva, nas fezes e sobretudo nas urinas. A liberação desses feromônios, e em particular os das urinas e fezes, realiza-se em contextos sociais, tais como os comportamentos sexuais e territoriais. Servem para a comunicação e a troca de informação. Os feromônios associados à defesa do território são de origem podal e urinária. São liberadas durante a fase de intimidação da agressão territorial. O cão esgaravata o chão com seus anteriores e urina nessa área levantando um posterior. Quando um dominado fareja um depósito de urina liberado por um dominante, tende a emitir sinais de submissão e a urinar no chão. Aparentemente, os feromônios propagam informações de ordem hierárquica. Os conflitos homem-cão revelam episódios de falta de limpeza, isto é, micções hierárquicas. Os cães urinam em lugares estratégicos e de importância social (pés de mesa, de cama, porta de entrada, corredor, etc.). Certos cães até defecam numa cama, no braço de um sofá, isto é, sempre em lugares muito visíveis. Trata-se sempre de fezes bem conformadas.

O comportamento sexual

A puberdade do cão macho ocorre entre os 7 e 10 meses de idade, de acordo com a sua raça. As raças pequenas revelam-se mais precoces do que as de tamanho médio e do que as raças grandes. Valores extremos, como 6 meses e 3 anos, já foram descritos. Na fêmea, o primeiro cio corresponde à maturidade sexual, ou puberdade, que ocorre entre os 6 e 12 meses de idade. A cadela tem dois ciclos estrais por ano. O momento do aparecimento do estro parece independer das estações, sendo a freqüência maior no outono e na primavera.

O período durante o qual a cadela manifesta seus "desejos sexuais" dura aproximadamente três semanas. O proestro corresponde à primeira metade do cio. Durante esse período, embora atraia os machos, a cadela rejeita a cobertura. Os donos podem observar o inchaço da vulva, bem como corrimentos de sangue. O estro ocorre durante a segunda metade. A cadela está nervosa e aceita a cobertura. Do 10º ao 12º dia é o período com a maior probabilidade de aceitação da cobertura. A ovulação ocorre em torno do 11º ou 12º dia. Espontânea, é provocada por uma descarga do hormônio hipofisário luteinizante ou LH.

Certas cadelas porém, são fecundadas após duas semanas do cio, ou até mais. Os espermatozóides do cão são muito resistentes e a fecundação pode ser efetiva numa cadela coberta no fim do proestro. A ovulação sempre é múltipla na cadela. Se ocorrerem vários acasalamentos, os cachorros podem ser de pais diferentes. O cio da cadela é particularmente longo: sua duração é em média de duas a três semanas. Quando termina, o ciclo continua com uma fase dita de metaestro. O metaestro dura aproximadamente quatro meses. Às vezes, observa-se uma pseudo-gestação com alteração do temperamento, produção de leite, etc. A seguir vem o anestro, que corresponde a um período de descanso. Sua duração é de 1 a 2 meses. A duração média de um ciclo é de seis meses (pode alcançar dez ou doze meses, sem por isso ser patológica). Ou seja, a cadela estará no cio duas vezes por ano.

O macho percebe que uma fêmea está no cio através do cheiro de sua urina, que contém metabólitos dos estrogênios. Quanto à fêmea, durante o estro, ela busca ativamente o macho. Em seus encontros, observa-se sobretudo uma exploração olfativa recíproca. Costuma-se ver convites para brincar. Se a cadela estiver no proestro, ela não se imobiliza por um período de tempo suficiente. Move-se, desvia-se, deita, levanta, senta, e o cobertura não pode realizar-se. Durante o estro, ao contrário, a cadela fica imóvel e a cobertura torna-se possível. Um macho efetua a cobertura com maior facilidade num ambiente que conhece bem e impregnado com seu odor. Por isso que, habitualmente, a fêmea é quem se desloca. Um macho dominado ou uma fêmea dominada não podem reproduzir-se diante de um membro dominante. Os donos dominantes não podem, em hipótese nenhuma, presenciar o acasalamento de seus cães ou cadelas.

Pode-se impedir o aparecimento do cio através de anticoncepcionais hormonais que permitirão uma suspensão temporária do ciclo. A contracepção pode ser praticada quer pela via oral, quer pela via injetável. Em todos os casos, esses produtos devem ser administrados durante o descanso sexual, isto é, durante o anestro, ou seja, entre um e dois meses antes da data prevista para o cio que se pretende eliminar. A contracepção não está livre de efeitos colaterais e pode, entre outros, propiciar incidentes de infecções uterinas. Se a cadela não estiver destinada para a reprodução, é melhor adotar a solução definitiva, isto é, a esterilização cirúrgica através de uma ovariectomia. Essa inter-venção extirpa os ovários e acabará com o ciclo sexual da cadela. Recomenda-se praticá-la antes da puberdade, evitando assim os riscos de patologias genitais e mamárias.

O comportamento alimentar

Os cães selvagens dedicam muito tempo e energia para buscar, perseguir e capturar suas presas. A fome motiva o comportamento de predação. A presa possui as seguintes características: não é agressiva, o cão não foi impregnado por seu odor e a caça está associada à necessidade de alimentar-se. A ali-mentação do cão selvagem constitui-se em presas pequenas, tais como camundongos, lagartixas, inse-tos, mas, às vezes, são de tamanho médio (coelhos), ou até de grande tamanho (cabritos). A caça pode ser executada de maneira solitária, em pequenos grupos ou em matilhas.

No cão doméstico, a alimentação deve atender suas necessidades de subsistência, mas também de seu crescimento, de sua atividade, de sua gestação em função de seu tamanho, de sua idade, de seu estilo de vida e de seu estado fisiológico (cadela lactante).

Para evitar-se futuros distúrbios hierárquicos responsáveis por mordidas, recomenda-se a observação de certas regras de educação. O cão deve comer depois de seus donos ou mais de uma hora antes da refeição destes. À mesa, os donos não devem dar nada para o animal. Quanto ao comedouro, sempre estará colocado no mesmo lugar, isto é, num local distinto do qual os donos comem. O cão deve comer num lugar calmo e não deve ser observado.

A coprofagia

Certos filhotes têm a infeliz tendência de comer suas fezes (coprofagia). Tal atitude deve desaparecer aos três ou quatro meses de idade. Se persistir, é preciso descobrir a causa. É inegável a atração natural dos cães pelos seus excrementos ou pelos de outros. Várias etiologias podem levar o cão a comer suas fezes. Não raramente isso se deve a um problema de falta de higiene. O cão é punido pelos donos por ter feito suas necessidades dentro da casa ou num local impróprio. A punição, especialmente quando não ocorre no ato, mas sim na volta dos donos, levará o cão a defecar cada vez mais na ausência deles e, posteriormente, a dar um sumiço na prova, ou seja, comer seus excrementos. Outra causa é o fortalecimento das atitudes do cachorro por parte de seus donos. Ao descobrirem que o cachorro come seus excrementos, os donos correm para interromper o cão e recolhem os excrementos. Isso gera então uma competição entre ambos e o cão ingere suas fezes para ter a certeza de que seus excrementos não serão retirados dele.
Quando o cão não consegue digerir corretamente seus alimentos, odores alimentares podem continuar presentes nas fezes e incentivam o cão a comer seus excrementos. Tem-se mencionado também a presença de substâncias aromáticas nos alimentos industriais que visam aumentar a apetência, e que chegariam não digeridas às matérias fecais, incitando portanto os cães a comer seus excrementos ou os dos outros. Deve-se ignorar as defecações inoportunas, não colocar o focinho do cão em seus excrementos (isso não repugna ao cão) e sobretudo não limpar na sua presença, pois isso requer agachar-se, ou seja, seria um convite para brincar.

Distúrbios do comportamento

É freqüente a descrição de distúrbios do comportamento canino. Alguns podem ser evitados já na compra do filhote mas também através de uma educação bem conduzida pelos proprietários.

Alguns distúrbios aparecem já na infância ou adolescência, por exemplo as fobias: fobia aos ruídos, aos carros, às pessoas. Esses cães não poderão adaptar-se à vida num meio urbano. Será muito difícil, para não dizer impossível, levá-los para a rua. Se estiverem sem a guia, poderão fugir e ser atropelados. Outros puxam a guia para voltar para casa ou freiam com as quatro patas para avançar, ou avançam aos pulos. Outros ainda, embora na rua há várias horas, esperam a volta para casa para fazer suas necessidades. Só podem fazê-lo num local calmo que sabem administrar. Não raramente têm medo do homem e esse medo pode levar a agressões.

Fazer com que o filhote conheça rapidamente ruídos variados e experiências

Quando o filhote nasce, ainda não está completo o desenvolvimento de seu cérebro. Esse desenvolvimento continuará por várias semanas, donde a necessidade de criar o animal num ambiente estimulante, com pessoas e ruídos diferentes. Nos canis instalados no campo, o ambiente costuma estar livre de quaisquer ruídos e pessoas diferentes, e o cão não adquirirá a capacidade para enfrentar posteriormente o barulho e as pessoas da cidade. Certos criadores entenderam isso e submetem os filhotes a ruídos variados e fazem com que pessoas diferentes os alimentem e manuseiem. Em geral, no entanto, o filhotes comprado de um criador e que deverá viver num ambiente urbano será incapaz de gerir esse novo ambiente.
Embora o criador seja em parte responsável, o futuro dono pode sê-lo também por falta de conhecimentos sobre a educação do filhote. Este deve viver desde muito cedo múltiplas experiências, passeios na rua, viagens de carro, contatos com outros animais e outras pessoas, ruídos diferentes.

Existem atualmente vacinas que o protegem contra as doenças da jovem idade, o que permite que o filhote saia para a rua já às 8 semanas de idade, embora isso seja desaconselhado.

Outros cães são de convivência difícil. Não param, em lugar nenhum, pulam, correm atrás de tudo que se move (bicicletas, pássaros, folhas) e brincam sem parar. São incansáveis, e responsáveis por destruições na casa. Mordicam o tempo todo, ainda mais quando isso é aceito pelos donos que acreditam que o filhote está "fazendo seus dentes".

Trata-se na verdade de filhotes nascidos de mães jovens demais, que não sabem educar seus filhotes, ou numa ninhada grande demais, onde a mãe está ocupada demais para criar corretamente todos seus filhotes. Em outros casos, os filhotes foram separados da mãe cedo demais (menos de 8 semanas), comprados jovens demais, ou sua mãe já faleceu. Esses filhotes não aprenderam nem o controle de sua motricidade, nem o controle de seus maxilares, e são entregues em estado bruto, sem qualquer autocontrole.

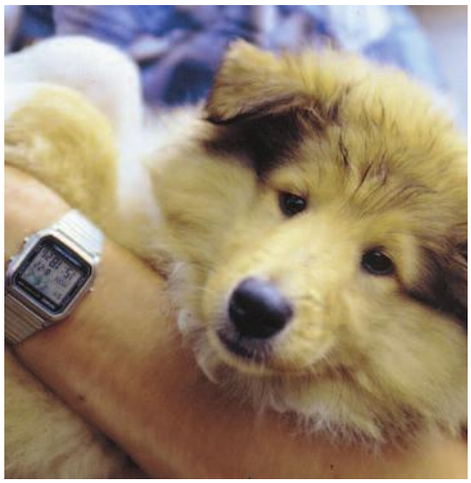
A ansiedade da separação

Outra afecção patológica, motivo freqüente de consulta, é a ansiedade da separação. Os cães são levados para a consulta por destruições importantes, micções e defecações espalhadas em toda a casa, isto é, em todo o lugar a que o cão tem acesso, ou até vocalizações quando deixados sozinhos (latidos, uivos e choramingos). A origem está no apego, ou até um hiperapego, a uma pessoa. O apego é um mecanismo de aprendizado que permite ao sujeito identificar a mãe como um ser de apego e uma referência tranqüilizadora. O apego é absolutamente indispensável para a realização de uma boa impregnação e para o bom desenrolar do desenvolvimento psicomotor, cognitivo e social do animal. Durante o período neonatal, a cadela se apega aos seus filhotes e tudo o que possa limitar os contatos entre a cadela e os filhotes desencadeará um estado de profunda tristeza. A seguir, durante o período de transição, as crias vão apegar-se à mãe. Somente ela será capaz de tranqüilizar seus filhotes. Torna-se a referência apaziguadora em torno da qual desenvolver-se-á o comportamento exploratório. Ou seja, o apego tornou-se mútuo. Qualquer e toda tentativa para impedir o contato desencadeia um estado de tristeza, expressado por vocalizações e um estado de agitação tanto da mãe como de seus filhotes. Mas quem diz apego, diz desapego.

Esse é um evento importante na socialização do filhote. Quando os filhotes machos chegam aos 4 ou 5 meses de idade, a mãe começa a não mais suportar seu contato e proíbe que se aproximem dela. Devem procurar outro local para dormir. Esse episódio culmina com a marginalização dos filhotes. Para as fêmeas jovens, o processo é mais lento e começa no momento de seu primeiro ou segundo cio.

A pessoa de apego

Na verdade, o filhote passa de um apego exclusivo à mãe para um apego ao grupo social. Ao chegar numa família, o filhote se apega a uma pessoa e esse apego é mútuo. A pessoa do apego costuma ser aquela que dá de comer, que dá carinhos, etc. Aos 4 ou 5 meses de idade, os donos devem provocar o desapego. Caso contrário, e quase sempre é assim, logo que o filhote for separado da pessoa de apego, ele entra num estado de pânico e tristeza: começa a procurar pela pessoa de apego e começam os estragos, as destruições amiúde maciças, acompanhadas de micções e defecações emocionais, até mesmo vocalizações que levam a queixas dos vizinhos. O cão deve aprender a desvencilhar-se de seus donos e a única maneira é a de não mais responder aos pedidos de brincadeiras e afagos feitos pelo filhote. Deve-se repeli-lo. Cabe aos donos tomar a iniciativa das relações. Deve-se também atribuí-lhe um lugar para dormir que não seja os quartos dos membros da casa.



A depressão no cão

Certos distúrbios do comportamento podem ser descritos como um estado depressivo. Define-se a depressão como um distúrbio do humor caracterizado por distúrbios do sono, uma inibição psicomotora, e um estado de retração. O animal perde sua capacidade para adaptar-se às variações de seu ambiente.
O estado depressivo pode ser agudo ou crônico. O estado depressivo agudo no plano comportamental traduz-se por uma inibição da ação, isto é, apatia (inibição do comportamento exploratório). O cão está indiferente a seu ambiente e revela uma perda de interesse pelas atividades habituais. Come menos, até deixa de comer (anorexia) e dorme muito (hipersonia).
São muitas as causas, entre as quais uma agressão violenta (acidente de trânsito), mas também a perda brutal de uma marca socio-afetiva (abandono, falecimento do dono com o qual existia uma ligação de apego, até mesmo de outro animal). Pode tratar-se às vezes de filhotes rejeitados que não tiveram posteriormente o benefício de uma ligação de apego, quer com uma pessoa, quer com outro animal. Num estado depressivo crônico, o cão manifesta violentas respostas emocionais quando exposto a estímulos de forte intensidade. As funções comportamentais sofrem alterações. O cão perde interesse por todas as atividades habituais (brincar, relações sociais). São citados distúrbios do sono, bem como a falta de higiene. A depressão crônica pode evoluir após um estado depressivo agudo não tratado, mas pode aparecer também por ocasião de distúrbios endógenos, tais como distúrbios endócrinos (disfunção tireoidiana ou suprarenal), ou até com tumores do diencéfalo.

As mordidas

A causa número um de consulta por distúrbios do comportamento continua sendo as mordidas. Assim como todos os mamíferos sociais, o cão organiza sua vida em matilha em torno de certas regras hierárquicas (acesso à comida, controle do território e da reprodução). No momento da puberdade, o cão tenta posicionar-se dentro da matilha humana. Exprime sua dominância e defende suas prerrogativas hierárquicas, o que levará a conflitos e agressões, ou até problemas de higiene (micções hierárquicas) se algumas de suas prerrogativas forem eliminadas. As prerrogativas de um cão dominante são as seguintes: o cão dominante é o primeiro a comer, come devagar e gosta de ser observado por seus sujeitos. Controla a ocupação do território e do espaço, bem como os deslocamentos dos outros membros da matilha. Ou seja, ele costuma ficar num local estratégico (dormitório, portar, corredor), o que lhe permite vigiar tudo. Controla a reprodução e gere a atividade sexual do grupo. O questionamento de suas prerrogativas de dominante pode estar à origem de distúrbios da hierarquia, exprimidos por seqüências de agressão, ou seja, ameaças (rosnadelas) e mordidas, tanto na matilha canina como na matilha familiar.

É fácil evitar os distúrbios do comportamento. Para prevenir um certo número de distúrbios, recomenda-se escolher bem o canil de criação. Deve-se visitá-lo, pedir para ver a mãe e os outros filhotes, ver a maneira como são criados, alimentados, etc. Não se deve comprar um filhote antes das 10 semanas de idade e sem perguntar se ele não foi separado da mãe cedo demais (antes de dois meses). Na chegada na futura família, certas regras devem ser respeitadas, de maneira a garantir um perfeito entendimento.

Instinto e inteligência

O conceito de instinto tem evoluído muito. O desenvolvimento do comportamento requer uma complexa interação das predisposições genéticas e da experiência. Dizer que um animal age de maneira instintiva pode levar a um erro, pois isso implica que o comportamento não sofreu a influência da experiência.

É muito difícil poder concluir que um modo de comportamento é principalmente determinado pela genética ou que não pode ser modificado pela experiência. Admitindo-se que os animais podem ser guiados por outra coisa que não o instinto, é só um passo para dizer que eles são inteligentes. Será que eles são realmente inteligentes? Será que o cão que abre a porta mexendo na maçaneta é inteligente, assim como o cão que vai buscar sua coleira para sair ou que traz uma bola para brincar, etc.? Não se trata de negar que cães fazem coisas surpreendentes, mas todos esses sucessos dependem do aprendizado. Assim, se compararmos dois filhotes criados de maneira diferente, por exemplo, um com uma mãe que cuida dele e que recebe numerosos estímulos sensoriais, e outro criado sem a mãe ou por uma mãe negligente e sem estímulos sensoriais: o primeiro cão será mais "inteligente" do que o segundo. Na verdade, o primeiro saberá adaptar-se melhor a situações novas, pois o desenvolvimento de suas interconexões neurônicas terá sido mais estimulado durante o período sensível que, no cão, situa-se entre as 3 e 16 semanas. O cão que traz sua bola para brincar, sua guia para sair, é um cão que se considera como dominante em sua matilha homem-cão. Ele inicia os contatos, as brincadeiras, etc. Isso não é inteligência, mas sim hierarquia.

O homem, companheiro do cão

Tal dono, tal cão

"Possuir um animal de companhia é um fator educativo que não se deve desprezar. Sua importância aumenta à medida que o homem da cidade se afasta da natureza."

Konrad lorenz,
Prêmio nobel 1973.

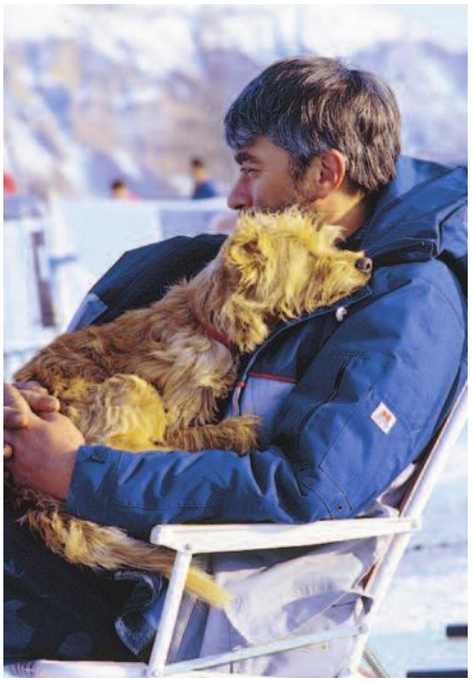
Nos anos 80, uma revista veterinária inspirara-se desse adágio e, invertendo-o, intitulara uma crônica humorística: "tal cão, tal dono". Nela via-se um cão nervoso e cheio de tiques ao lado de seu dono mostrando o mesmo comportamento, uma enorme bola de pelos junto a um homem rechonchudo, ou também um cachorro pequeno muito agressivo aos pés de uma megera das mais desagradáveis. Não esqueceram ninguém e cada veterinário podia reconhecer, com malícia, mas sem maldade, alguns clientes seus… ou a si mesmo, junto com seu próprio cão.

As vantagens de se possuir um cão

Numa sociedade cada vez mais urbanizada, o cão representa, ao mesmo tempo, um maravilhoso companheiro e uma série de imposições inevitáveis para o homem. Dentre os elementos positivos ligados à presença de um cão no lar, podemos destacar:

- o estímulo social propiciado dentro da família: falar do cão, cuidar dele, brincar com ele, interessar-se por ele revela-se positivo para o grupo;
- a presença do cão que representa tão importante companhia para quem vive só;
- o relaxamento proporcionado ao homem pelo passeio com seu cão, as brincadeiras e os carinhos (alguns estudos até mostraram que o ritmo cardíaco de um ser humano diminui quando acaricia seu cão);
- a sensação de proteção gerada pela presença de um cão, guarda do lar;
- a amizade e a camaradagem, até mesmo o apego emocional às vezes muito intenso, que ligam o proprietário a esse fiel companheiro de quatro patas;
- a responsabilidade gerada pela compra ou adoção de um filhote;
- a inegável ajuda que o cão proporciona na educação das crianças. Aliás, os psicólogos lançam mão do cão para ajudar na reinserção de crianças jovens ou de adolescentes delinqüentes ou difíceis;
- a compreensão e a simpatia emanadas por esse animal suscetíveis de transfigurar o ser humano;
- a sensação de valorização e realização que alguns experimentam ao estar com seu cão e poder exibi-lo;
- a ajuda nos contatos sociais, numa sociedade onde dificilmente se fala com desconhecidos e onde o passeio com seu cão torna-se a ocasião de conversar com outros acompanhados por um cão;
- e, por fim, a sensação de prestígio gerada pela posse de tal ou tal raça de cão, embora possa-se questionar objetivamente se essa é realmente uma virtude positiva, pois um cão não pode ser comparado com um carro esportivo…

As imposições e obrigações



Ter um cão em casa não apresenta apenas aspectos positivos e requer uma profunda reflexão antes de tomar a decisão da compra. De fato, deve-se estar consciente dos fatores limitantes gerados pela presença de um cão:

- uma liberdade reduzida, pois um cão exige que se cuide dele, inclusive nos fins-de-semana e durante as férias (são muitos os que percebem esse fato tarde demais e abandonam seu animal nesse período!);
- o custo financeiro gerado pela presença do animal, que deve ser identificado, vacinado, tratado contra os vermes, mantido, alimentado e tratado quando doente;
- o tempo que deverá ser-lhe dedicado. As noções de higiene tanto para si como para o animal num ambiente familiar;
- os problemas com os vizinhos, tão comuns que todo proprietário de cão já os enfrentou ao menos uma vez em sua vida;
- as dificuldades familiares geradas por uma separação, um falecimento, um divórcio, ou às vezes uma simples doença;
- os riscos para as outras pessoas, na medida em que existem pessoas que têm medo dos cães ou, ao contrário, os acariciam sem cautela, quando sempre é possível uma mordida, mesmo por parte de um cão que embora não seja mau, pode reagir de surpresa.

Os riscos para o homem

Assim como qualquer ser vivo, inclusive o humano, o cão pode significar um risco para o homem: riscos de ferimento por mordida, por exemplo, ou riscos de transmissão de certas doenças. Estes, porém, são relativamente raros.

Os riscos de mordida

Para o cão, a boca não é só um meio de expressão, mas também seu único meio de defesa. Assim, todo e qualquer cão que se sentir agredido ou tiver medo poderá morder, mesmo que, em outras circunstâncias, seja o cão mais gentil do mundo. É necessário, portanto, que o proprietário tome um mínimo de precauções para com seu cão, mais especialmente na presença de crianças que o cão não conhece e que, sem nenhuma maldade por parte da criança ou do animal, poderiam surpreendê-lo e levá-lo a dar uma dentadinha sem a intenção de machucar.

Não podemos tampouco deixar passar em silêncio os problemas que surgem no meio urbano e em certas cidades, relacionados com o desenvolvimento das populações de cães molossoídeos ou inicialmente de combate (pitt-bull, boer-bull…). Em relação a estes últimos, parece-nos importante, entretanto, fazer com que o público entenda que não se questiona o cão em si, qualquer que seja sua raça. Convém sim refrear, sancionar até, o uso dele, devido à educação dada por "proprietários" mal-intencionados. De qualquer maneira, à luz das legislações sanitárias aplicáveis, um cão mordedor deverá ficar sob vigilância sanitária veterinária por um período de quinze dias.

Os riscos de zoonose

Por definição, uma zoonose é uma doença infecciosa ou parasitária transmissível do animal ao homem. Essas zoonoses, que são importantes conhecer devido às suas eventuais conseqüências sanitárias, podem envolver bactérias, vírus, fungos ou parasitos. Assim, a boca do cão contém pasteurelas (bactérias) que, sempre que o cão morder, contaminarão a ferida e, se esta for profunda, causarão uma importante inflamação, dolorosa e que se transformará num abscesso acompanhado de um intensa reação ganglionar. Esse risco, associado ao da raiva, praticamente desaparecida hoje, faz com que, em tal situação, a pessoa mordida deva limpar sua (s) ferida (s) com água e sabão antes de desinfetá-la (s) à profusão, sendo aconselhado um tratamento antibiótico de cobertura.

São raríssimos, embora possíveis, os riscos de transmissão de estafilococos e de doenças como a leptospirose (todo cão deveria ser vacinado), a tuberculose ou a brucelose, ou até a leishmaniose nas zonas mediterrâneas.
Ao afetar um cão, a tinha, embora benigna, pode contaminar o homem. Doença da pele ligada ao desenvolvimento de um fungo microscópico, traduz-se por lesões de forma circular, sem pruridos, cujo tratamento é muito longo e penoso, tanto para o cão como para seu dono.

Destaquemos finalmente, a possibilidade de transmissão ao homem de parasitos digestivos (vermes) através dos excrementos do cão, razão pela qual deve-se proibir estritamente o acesso dos cães aos playgrounds de crianças (por exemplo, caixas de areia).

O perfil do proprietário

Cabe portanto ao futuro proprietário levar em consideração todos esses elementos, positivos e negativos, antes de tomar sua decisão. É interessante observar, aliás, que existem muitas "classificações" dos indivíduos na sua relação com o cão que levam em conta fatores sociológicos e psicológicos. Uma dessas classificações, por exemplo, implica quatro tipos de possíveis atitudes para com um animal de companhia:

- O humanista, que manifesta um grande interesse e uma profunda afeição pelos animais de companhia;
- O moralista, preocupado antes de tudo com o bom ou mau tratamento para com os animais e que reage com violência contra a exploração e crueldade de que são vítimas;
- O utilitarista, que vê essencialmente o valor material e prático do animal;
- O negativista, que rejeita os animas por medo e nojo.

Paralelamente a essa classificação que pode parecer um tanto didática e sumária, uma "classificação", ou melhor uma repartição dos proprietários de cães que analisa com maiores detalhes a tipologia humana, foi proposta após uma pesquisa internacional realizada por uma empresa privada que atua no setor do animal de companhia. A abordagem parte de uma dupla temática:

- Animal-objeto: o cão pode exercer funções puramente materiais ou, ao contrário, ser visto como um meio para o homem alcançar um certo ideal;
- Animal socializador: nesse caso, o cão permite ao homem afirmar-se ou garante-lhe uma certa integração social.

A morte do seu cão

Em geral, um cão não vive tanto tempo como seu dono; é necessário preparar-se, pois, para derramar algumas lágrimas quando ele morrer (sem falar na imensa tristeza de uma criança que passar por isso!). No melhor dos casos, essa morte é repentina. Às vezes, no entanto, terá sido necessário, por causa de uma dolorosa doença, ter tido a coragem de abreviar seu sofrimento, entregando o seu companheiro para o veterinário, o qual lhe inoculará um produto que o levará a um sono definitivo, poupando-lhe assim dor e medo.
Alguns detalhes técnicos devem ser tomados em consideração ante tal desaparecimento.
No que diz respeito aos cães registrados no lof (livro das origens francês), àqueles que foram entregues por uma sociedade protetora de animais ou ainda àqueles que, devido à sua função de cão de guarda, são cuidados por uma empresa, é obrigatório fazer uma declaração oficial.

Lembremos que os cães que, além de seu valor sentimental, apresentam um valor venal (cães de exposição ou de assistência…) têm a possibilidade, sob certas condições, do benefício de uma garantia contra a morte contratada junto a uma empresa de seguros.
Obviamente, está totalmente proibido deixar o cadáver de seu cão na via pública ou nos lixões (código municipal de saúde pública).
Em contrapartida, de acordo com as convicções de cada um e também de acordo com a disponibilidade financeira, existem várias escolhas:

- Enterrá-lo no jardim. As condições de higiene ligadas a essa tolerância prescrevem, porém, o respeito de uma distância mínima de 35 m das habitações, poços ou fontes, o uso de cal virgem e uma profundidade de no mínimo 35 cm.

- Sepultá-lo num cemitério para animais. Cemitérios desse tipo (cada vez mais numerosos) praticam preços que variam muito. Propõem todos os tipos de serviços: lajes de cimento ou mármore, mausoléus, caixões, monumentos… Um dos mais famosos é o da ilha dos Ravageurs na cidade de Asnières (França), um local tombado onde são sepultados mais de 100 000 cães (mais de 40 000 túmulos), entre os quais Rin-tin-tin, os cães de Sacha Guitry, de Courteline… ou Barry, famoso cão de socorro do grande São Bernardo.

- No campo ou nas cidades com menos de 10 000 habitantes, pode-se entregar o corpo ao abrigo municipal, ao veterinário ou a um frigorífico (sabendo, coisa difícil para a maioria dos donos, que o animal será submetido a um processo de extração de gorduras e pele). Em Paris, a polícia conta com um serviço de remoção a domicílio.

- Recorrer à cremação, o que oferece a possibilidade de recuperar as cinzas numa urna no caso de uma incineração individual.

Não havendo nenhuma vergonha por sentir-se muito triste com a morte de seu animal, cada um dispõe portanto de diferentes soluções para separar-se dele de maneira decente sem, no entanto, cair no excesso, tal como a construção de monumentos!

A seguir foram evidenciados e definidos oito grupos diferentes de proprietários a partir do próprio cão: o "vagabundo engraçado", o "velho companheiro", o "coisa da moda", o "amigo das crianças", o "guarda dos bens materiais", o "a natureza em casa", o "consciência", o "símbolo da ordem estabelecida".

Outra pesquisa, menos colorida, mas certamente mais realista, deu lugar a uma repartição quantitativa dos proprietários de cães em relação ao seu comportamento para com o animal. Partindo do campo racional para culminar com o registro afetivo, são os seguintes os resultados:

- 18% dos proprietários declaram estar totalmente indiferentes à vida diária e ao futuro de seu cão;
- 15% acham que o cão não tem senão uma finalidade estritamente utilitária;
- 18%, levando em conta apenas o aspecto "saúde", vêem a boa saúde de seu cão como o elemento primordial;
- 8% acreditam no cão "no seu devido lugar", com boa saúde, vivendo na casa, porém respeitado enquanto cão, sem antropomorfismo algum;
- 12% vêem em seu cão um importante elemento de valorização de seu ego;
- 14% sentem por seu cão um amor verdadeiro e o posicionam ao mesmo nível de qualquer membro da família;
- 18%, finalmente, confessam viver numa total adoração de seu cão e colocá-lo muito acima dos homens em sua escala de valores afetivos.

Esse estudo revela que mais de um proprietário de cão entre três posiciona a si mesmo num quadro comportamental extremista, que vai do ultra-racionalismo à hiperafetividade, isto é, nos dois extremos daquele que deveria ser o verdadeiro lugar do cão na mente e vida de uma pessoa.

Ser um bom dono situa-se provavelmente entre esses dois extremos. O dono deve integrar as regras de comportamento, de higiene, de modo de vida, de nutrição, de boa saúde, e respeitar o animal no papel que lhe cabe em nosso planeta. Um cão é um cão, não uma cria do homem. Embora lhe falte o dom da palavra, a natureza proveu-o com outros meios de expressão igualmente eficazes. Ao homem cabe adotar um comportamento que o cão possa entender, sem procurar em absoluto tratá-lo como uma criança. Quem entendeu que a riqueza da vida em nosso planeta vem do respeito à diversidade das espécies animais, realizar-se-á no olhar de seu cão sem que este sinta a necessidade de compartilhar a mesma cama de seus donos!

O QUE O HOMEM SERIA SEM O CÃO?

O que seria o homem sem o cão? Não dá nem para pensar. Sendo o cão o amigo do homem, este não teria mais um amigo. O cego tatearia em vão para cruzar a rua, o viajante morreria na neve nas encostas do monte São Bernardo, sem ter bebido o rum dos bons padres; nos circos, não veríamos mais o barbet jogar dominó, ler o jornal, e contar até doze; desorientadas, as crianças pequenas teriam que atar panelas à cauda do tigre real, os primos pobres entrariam sem vergonha na mansão do primo rico. Não haveria mais nenhum divertimento sadio, tranqüilidade, polícia, brincadeiras, amizade.

Alexandre vialatte
Chronique de chien
Ln et c'est ainsi qu'allah est grand
Éd. Julliard, Paris.

O cão no dia-a-dia

Como escolher seu filhote

Viver com um cão em casa não é assunto leviano. Em média, um cão vive mais de dez anos. Deve-se, pois, não só escolher o cão certo, mas também aprender a viver com ele.

O cão simboliza sempre a noção de fidelidade para com o homem. Para muitos, portanto, possuir um cão significa dispor do animal familiar por excelência. Uma vez tomada a decisão, devidamente pensada, da aquisição de um filhote, devem ser respeitados vários princípios.

Que raça escolher?

É verdade que certas raças são conhecidas por seu caráter dominante: o pastor alemão aparece como obediente, o labrador, afetuoso com as crianças, o Lebreío, independente… apesar do caráter inato, porém, é impossível classificar um cão de maneira tão categórica. Da mesma maneira, as reputações de robustez ou fragilidade devem ser vistas com circunspeção: desde o Chihuahua, dito frágil, até o Fox-terrier, com fama de resistente, sempre haverá exceções.

Deve-se, na verdade, escolher uma raça em função do papel que lhe será atribuído em relação a seu peso e tamanho. De fato, escolher um Yorkshire como cão de guarda parece tão inapropriado quanto deixar um Dogue alemão ou um pastor dos Pireneus fechado o dia todo num apartamento. De maneira geral, um cão de raça pequena, embora mais nervoso, necessitará menos espaço vital do que um cão de tamanho médio; o cão de raça grande, por sua vez, sempre precisa de uma área grande para viver.

O custo de um cão jovem também influi na escolha do dono: depende de seu pedigree e da raridade relativa da raça. Está claro, no entanto, que certas pessoas não terão os recursos financeiros que permitam optar por um cão de raça e escolherão um "vira-lata", cujo tamanho e peso são difíceis de prever quando recém-nascidos.

Qualquer que seja a raça escolhida, deve-se, sempre, ter presente em mente que cada cão requer atenção por parte de seu dono em todos os momentos do dia.

Macho ou fêmea?

Via de regra, as fêmeas são mais calmas e meigas do que os machos e seu padrão costuma ser menor. Outra vantagem é que elas recebem um tratamento favorável por parte dos machos durante qualquer encontro: amiúde eles ficam mais meigos e menos briguentos na presença delas.
O principal inconveniente, no entanto, vem dos dois cios anuais: em geral na primavera e no outono. Sempre geram o agrupamento dos machos e sua vontade tenaz, mas a prática da ovariectomia, mesmo antes do primeiro cio, remedia isso e impedirá que a cadela fique prenhe sem seu dono querer. Decisão essa, porém, irrevogável!
Conhecidos por serem mais fugidios do que as fêmeas, os machos podem ver seu caráter ser totalmente modificado na presença de uma cadela no cio. Assim, um cão calmo pode mostrar-se agressivo e nervoso e provocar rixas às vezes dramáticas com seus congêneres.

Possuir vários cães pode ser um remédio contra o tédio do cão que vive só. Nesse caso, deve-se dar uma grande atenção a cada um deles e dispor de muito lugar! Possuir mais de dois cães parece bastante difícil: seria necessária muita força para tornar-se o líder de uma matilha com três ou quatro. O casal - macho e fêmea – é uma boa solução, desde que se pense na possibilidade de poder dar os futuros filhotes e… Que se tenha quase que uma alma de criador!

Quanto a dois machos, nem pensar: logo que alcançarem sua maturidade sexual, tornar-se-ão rapidamente rivais. Em contrapartida, duas fêmeas costumam dar-se bem. De qualquer maneira, um dono deve estar consciente das dificuldades que lhe causará a presença de dois cães.

Onde adquirir um cão?

São várias as soluções para um eventual comprador: desde a feira no campo até o particular, passando pelas lojas especializadas e pelos criadores, parece extensa a escolha. Algumas opções, porém, devem ser excluídas.
Nas feiras, não existe nenhuma garantia quanto aos antecedentes do filhote e será muito difícil localizar os vendedores se o filhote apresentar algum problema.

Em sua grande maioria as lojas especializadas também devem ser excluídas: às vezes, os filhotes vêm de criações pouco escrupulosas e, por isso, podem apresentar uma saúde deficiente. Além disso, suas condições de vida costumam ser medíocres: ocasionalmente, as jaulas são mal adaptadas e, de qualquer modo, os filhotes não saem e não seguem o desenvolvimento comportamental normal de todos seus congêneres. Assim, apresentarão distúrbios comportamentais no futuro. Existem no entanto lojas especializadas que hoje apresentam todas as garantias e podem atestar, oficialmente, o criador de origem do filhote.

Se a raça pouco importar ou se o fato do filhote não possuir documentos não for um problema, sempre existe a possibilidade de contatar um vizinho cuja cadela esteja prenhe e pedir para ficar com um dos filhotes.
Mas se for escolhida uma determinada raça, é preferível encontrar o filhote junto a um criador. Listas de criadores podem ser encontradas junto a associações caninas, veterinários e clubes de raças.

Qual a idade ideal?

Um bom criador deve conhecer todos seus reprodutores. Verifique as condições de vida dos filhotes: quanto maiores os contatos com seres humanos de todas as idades, menores serão os problemas com as crianças. Isso vale também para os outros animais.

Na primeira visita ao canil do criador, é possível que nenhum filhote esteja disponível, o que mostra a fiabilidade do criador: suas fêmeas não estão constantemente prenhes e, se houver ninhadas, ainda não chegaram à idade certa.

O verdadeiro respeito pelo cão

O cão é um ser vivo, fonte de intercâmbio e cumplicidade com seu dono e seu ambiente. Viver bem com seu cão implica conhecê-lo, educá-lo, amá-lo, e respeitá-lo.
Conhecê-lo, é aprender seu caráter inato e prever suas reações.
Educá-lo, é mostrar-lhe seu espaço vital, o que pode fazer e sobretudo o que não pode, nem deve fazer.
Amá-lo, é comprometer-se a prestar-lhe cuidados e afeto ao longo de sua vida.
Respeitá-lo, é tomar sua animalidade em consideração.
Um cão não é um homem: não vive como um homem, não come como um homem e tem suas próprias necessidades nutricionais.
Para um cão, uma alimentação adequada deve levar em conta necessidades específicas em função de seu tamanho e raça, de sua atividade e de seu estado fisiológico.
O antropomorfismo que consiste em atribuir ao cão caráteres e/ou comportamentos alimentares ou outros próprios do homem, só pode prejudicar sua saúde e/ou sua integração harmoniosa com o homem e a sociedade.
O cão tem seu justo lugar, tudo em seu lugar, e só em seu lugar.

Milette dujardin
Royal Canin France

O filhote deve ter passado por algumas etapas antes de poder ser colocado numa família. Globalmente, é preciso que tenha vivido o tempo suficiente junto à mãe que o ensina a assumir sua identidade de cão. O contato com os humanos tem a mesma importância: pode intervir logo que a mãe aceita a presença de uma pessoa estranha e os filhotes deixam o ninho materno. No fim dessas duas etapas, o filhote está com aproximadamente sete semanas, mas continua frágil. Pode acontecer que o criador não aceite vender seus cães antes da idade mínima de três meses. É um erro comprar um filhote antes das dez semanas de idade.

Qual filhote escolher na ninhada?

São dois os aspectos a considerar: a saúde e o caráter do cão. O filhote deve ter sua documentação (atestado de cobertura, certidão de nascimento), sua carteira de vacinação, sua cédula de tatuagem e a venda deve ser escriturada. Tudo isso garante os antecedentes do filhote e sua boa saúde.

O criador deve apresentar todos os filhotes de uma mesma ninhada e a mãe. Esta pode estar um pouco magra, com os mamilos escoriados, porém sempre parecer feliz, bem cuidada e meiga. O filhote em si não deve ter nenhum cheiro desagradável; suas fezes devem estar conformadas e sem vestígio de sangue, seus olhos devem brilhar, sua trufa deve estar limpa, assim como as orelhas. A pelagem não deve revelar pelos quebradiços e sem brilho. Por outro lado, o filhote deve ser brincalhão e alegre, quer com os outros cães da ninhada, quer com os humanos. Após a aquisição do filhote, o melhor é consultar um veterinário, que poderá confirmar sua boa saúde e, sobretudo, realizar a chamada "visita de compra".

Além disso, deve-se verificar o espaço à disposição do filhote: chegar a uma casa nova é pouco animador para o filhote e, se antes estava num local fechado e sem possibilidade de sair, a adaptação ao seu novo ambiente será tanto mais difícil.

Às vezes pode ser difícil escolher entre filhotes que apresentam uma boa saúde. O melhor método consiste em realizar testes de comportamento desenhados por Campbell, um etólogo americano. Esses testes devem ser feitos com filhotes às sete semanas de idade: antes disso, o filhote sofre uma influência ainda muito forte da sua mãe, e, após essa idade, apresenta um período de fragilidade emocional.

Os testes devem ser executados num local calmo e fechado, não conhecido do filhote. A pessoa que os realizar deve ser neutra e, portanto, não manifestar nem alegria, nem ira ou irritação durante os testes.

Testes de Campbell

Permitem definir as grandes linhas da personalidade do filhote. É preciso entretanto ter em mente que o inato, ainda que preponderante, pode ser modificado por todos os cuidados do novo proprietário para com seu cão: tanto reforçará certos aspectos de personalidade como enfraquecerá outros

Teste de atração social

Pode ser realizado com filhote de aproximadamente sete semanas.

Após ter colocado (com cuidado) o filhote no chão, afaste-se alguns metros, bata palmas levemente e observe o comportamento do animal:

1. Acorre imediatamente, cauda levantada, pula sobre você e morde as mãos.
2. Acorre imediatamente, cauda levantada, arranha as suas mãos com as patas.
3. Acorre imediatamente movendo a cauda.
4. Vem, hesitante, cauda baixa
5. Não vem.

Teste da dominação social

Deve ser executado por uma pessoa desconhecida do filhote.

Acaricie o filhote, na posição de esfinge, exercendo uma pressão sobre a cabeça e as costas:

1. Debate-se arranhando, vira-se, rosna e morde.
2. Debate-se e vira-se para arranhar.
3. Debate-se, acalma-se e lambe as suas mãos.
4. Vira-se de costas e lambe as suas mãos.
5. Afasta-se.

Teste de seguir o dono

Praticado com um só filhote de cada vez e sem o auxílio da voz.

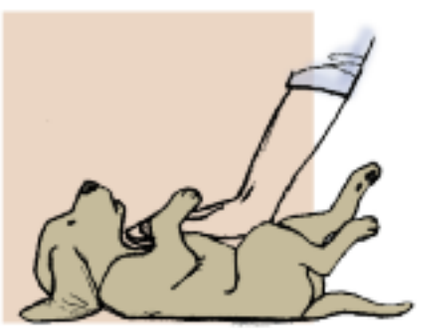
Levante e desloque-se dentro do campo visual do filhote:

1. Segue-o imediatamente, cauda levantada, mordendo os seus pés.
2. Faz a mesma coisa, mas sem morder.
3. Segue-o imediatamente, cauda baixa.
4. Segue-o hesitante, cauda baixa.
5. Não o segue e afasta-se.

Teste da dominância por elevação

A ser realizado por uma pessoa desconhecida do filhote.

Levante o filhote com as duas mãos colocadas debaixo de seu peito e mantenha-o nessa posição por 30 segundos:
1. Debate-se com violência, rosna e morde.
2. Debate-se com violência.
3. Debate-se, acalma-se e lambe as suas mãos.
4. Não se debate e lambe as suas mãos.



Teste da dominância por sujeição

Deve ser executado por uma pessoa desconhecida do filhote.

Após virar (com cuidado) o filhote de costas, mantenha-o na posição por 30 segundos aplicando uma mão sobre seu peito:
1. Debate-se com violência e morde.
2. Debate-se até soltar-se.
3. Debate-se e acaba acalmando-se.
4. Não se debate e lambe as suas mãos.

Resultados

Maioria de respostas 1:
Dominante agressivo. Desaconselhável como cão de companhia. Poderá ser um bom cão de trabalho ou de guarda se bem adestrado.

Maioria de respostas 2:
Voluntário. Cão de trabalho que pede uma educação firme.

Maioria de respostas 3:
Equilibrado e adaptável.

Maioria de respostas 4:
Submisso. Animal pouco adaptado para o trabalho.

Maioria de respostas 5:
Inibido. Cão mal socializado, imprevisível. Mas os resultados podem parecer contraditórios. Aconselha-se repeti-los, pois o contexto pode ter sido inapropriado (filhote jovem demais, estresse, sono…).

Conhecer melhor seu cão para viver melhor com ele

Ao se tratar de educação canina, costuma-se ouvir dizer: "é preciso primeiro educar o dono antes de educar o cão". Pessoalmente, acredito que se deve sobretudo informar o dono, ensinar-lhe como seu cão funciona, quais serão suas possíveis reações numa determinada situação, de maneira a permitir-lhe antecipar e prevenir qualquer e toda ação negativa. Será preciso também ensiná-lo a comunicar-se com seu cão, entendê-lo e fazer-se entender por ele. A maioria dos problemas, dos conflitos até, provêem de uma incompreensão e de um desconhecimento mútuo das regras do comportamento social da espécie. Dono e cão devem aprender a viver juntos.

O dono deverá, pois, criar uma verdadeira linguagem composta por sinais inteligíveis por seu cão.

Somente quando esse código de comunicação estiver estabelecido é que poderá ser iniciada a educação familiar do cão.
A finalidade de tal educação familiar será a definição da posição hierárquica do cão e das regras de vida às quais deverá, imperativamente, submeter-se em sua nova "matilha familiar".

Desenvolver-se-á desde muito cedo sua motivação com o objeto (bola ou ossinho), pois será muito útil nas futuras fases de aprendizado.

Num primeiro tempo, tratar-se-á de disciplina e não de obediência. Definir-se-ão as interdições: interdição de qualquer alimento à mesa, de acesso a certas salas, escolha de zonas onde o cão poderá satisfazer suas necessidades.

A partir da motivação com objeto, poder-se-á desenvolver e obter rapidamente, através de brincadeiras, uma certa disciplina: caminhar ao lado, comandos senta e deita, volta, devolução de objetos.
Quando o cão dominar as bases da disciplina (não antes dos oito meses), poder-se-á então ensinar-lhe exercícios de obediência, tais como caminhar ao lado com e sem guia, as mudanças de direção, as mudanças de velocidade, as posições (de pé, deitado ou sentado), os bloqueios, a volta (muito importante), o uso da focinheira para os cães grandes (se e quando necessário), o trabalho em grupo para desenvolver a sociabilidade com o homem e com os outros cães.

A autoridade faz parte das marcas necessárias para o equilíbrio do cão mas, para ele obedecer ao dono, não para temê-lo. Nenhuma submissão, nem rigor excessivo, que seriam penalizantes, mas antes uma obediência livremente consentida. Convém criar um clima de confiança que favoreça o desenvolvimento positivo das relações dono/cão que o ajudarão, em todas as circunstâncias, a vencer suas apreensões naturais.

Certas regras, portanto, deverão ser respeitadas:

* Ter uma atitude coerente, adotar sempre a mesma reação diante de uma determinada situação, o que permitirá ao cão dissociar muito rapidamente o que lhe é permitido e o que lhe é proibido.
Atitude incoerente = incompreensão e desconfiança.

* A confiança, base essencial de qualquer comunicação, merece-se e ganha-se com uma atitude justa, pois o cão possui um sentido agudo da eqüidade.

* Saber mostrar seus sentimentos, acentuar o "sim" quando o cão faz algo bem, caso contrário emitir um "não" seco e autoritário. Ele aprenderá muito rapidamente a medir o grau de satisfação ou de descontentamento de seu dono.

* Ter paciência e estar muito atento e saber detectar o cansaço, a excitação, a interrogação ou o medo. Isso permitirá antecipar e evitar incidentes.

* Finalmente, comportar-se como bom "líder de matilha", com tudo que isso implica em termos de autoridade e responsabilidade.

São esses alguns conselhos a serem dados aos proprietários de cães, lembrando-lhes que o cão deve ser, antes de tudo, uma fonte de prazeres e alegrias na vida de seus donos, os quais deverão poder apreciar sua companhia, e não sofrê-la, o que, infelizmente, ocorre em demasia.

J.-P Petitdidier
Éducation du chien, éducation du maître
In le chien adolescent,
SFC, Paris, 1997

O cão em casa

Quer se trate de um adulto ou de um bebê recém separado de sua mãe, certas regras devem ser respeitadas desde o começo. O cão faz parte da nossa vida de todos os dias. Ele traz um algo a mais inegável, mas também pode ser uma real fonte de problemas. É por isso que adotar um cão não é nenhum ato leviano. Uma boa educação evita múltiplos incômodos.

As regras elementares a serem seguidas

Em primeiro lugar, ao chegar à nova casa, deixá-lo descobrir esse novo ambiente. Conhecerá os membros da família e o local onde irá viver daqui por diante. Em geral, essa adaptação requer um ou dois dias. Rapidamente, ele escolherá os lugares em que se sente melhor. No entanto, não se pode deixá-lo fazer qualquer coisa, sob o pretexto de que é jovem ou, se mais velho, de que deve estabelecer suas marcas. De fato, o cão sabe muito rapidamente fazer a diferença entre o que é permitido e o que não o é. Por exemplo, tolerar que se instale no sofá ou na cama nos primeiros tempos tornará difícil, impossível até, desalojá-lo quando a pequena bola de pelos do começo tiver se transformado num grande cão de sessenta quilos. Não creia que as coisas são diferentes com um pequeno Yorkshire ou um Teckel. Apesar de seu tamanho, eles podem causar tremendos estragos num mínimo de tempo.

Por isso a importância de mostrar para o cão quem manda na casa, proibindo-o de subir nas camas e atribuindo-lhe seus próprios brinquedos. Será preciso escolher o local em que comerá suas refeições e proibi-lo de mendigar comida. Por outro lado, deve comer depois de seus donos, assim como ocorre numa matilha, onde o líder come primeiro, e ter seu local para dormir (um tapete ou uma casinha), situado sempre longe das portas e janelas, de maneira a que não tenha a sensação de ter o controle sobre as idas e voltas dentro da casa.
Essas poucas regras simples permitem resgatar o cão como o animal de matilha que é. Ele deve entender que é ele o dominado e que você é o dominante. Na estabilidade da hierarquia da matilha é que o cão poderá encontrar seu equilíbrio.

Essa regra vale para todos os cães, independentemente de seu tamanho. Evita que um Teckel se torne o tirano da família, mostrando os dentes quando alguém se aproxima de seu sofá ou mordendo as pernas das visitas. O importante é ter sempre um comportamento coerente. Não autorizar ocasionalmente algo normalmente proibido. Deve-se ser firme sem cair no exagero! Assim preservar-se-á a relação de confiança que, com o passar dos dias, vai estabelecendo-se entre o cão e seu dono.

Para assentar sua autoridade, o dono deve iniciar a educação de seu filhote aos três meses de idade. Escolher-se-á primeiro comandos simples utilizando palavras simples.

A identificação do cão

Face ao aumento das populações, dos deslocamentos, e, portanto, do risco de perda de seu animal doméstico, todo cão deveria ser corretamente identificado, para poder localizar seu dono o quanto antes.

A tatuagem

Na França, qualquer animal carnívoro que seja o objeto de uma transferência de propriedade, gratuita ou não, deve obrigatoriamente ser tatuado. Essa obrigação pouco incomoda os criadores de cães de raça, pois o registro no livro das origens francês necessita obrigatoriamente a identificação prévia dos filhotes. Para os outros cães, afora o caso de regiões afetadas pela raiva e cuja lista varia a cada ano, a tatuagem ainda não é obrigatória, o que, infelizmente, leva certos proprietários a fazer a economia de um modo de identificação dos mais úteis. É preciso saber ainda que a lei manda tatuar todo cão deixado mais de quinze dias num abrigo ou numa pensão.

A tatuagem só pode ser feita por um veterinário ou por um tatuador credenciado pelo ministério da agricultura. Os pedidos de credenciamento transitam pela Sociedade Central Canina (S.C.C) , que os transmite ao ministério, sendo renovados a cada dois anos. A tatuagem, feita na orelha ou na face interna da coxa, dá lugar ao registro da cédula de tatuagem do cão no cadastro central da S.C.C, acessível pelos veterinários graças ao "minitel"(catálogo de telefone eletrônico), o que permite também localizar rapidamente o dono de um cão extraviado.

A identificação eletrônica

Devido aos eventuais problemas de fiabilidade da tatuagem (degradação com o tempo, que a torna ilegível, falsificação), um novo sistema de identificação está sendo progressivamente introduzido em toda a Europa: consiste em implantar sob a pele, com uma simples seringa, um microchip eletrônico. O chip eletrônico (chamado "transponder") pode ser lido à distância (10 à 20 cm) graças a um scanner, material emissor-receptor de uma onda rádio portadora de um código numérico individual. Implantado desde 1989 nas grandes corridas internacionais de trenós, o sistema "indexel" já garante a identificação perene de vários milhões de cães em diversos países da europa. Indelével, infalsificável, indolor, inerte, esse novo sistema deverá generalizar-se rapidamente no mundo: a 13 de janeiro de 1996, uma norma internacional foi aprovada pela ISO (International Organisation for Standardisation), e ratificada pelos organismos nacionais de normalização a 7 de março de 1996. Ou seja, duas normas (iso 11784 e 11785) regem, respectivamente, os chips implantados e seus leitores, fazendo com que cada cão possua um número de identificação único a nível mundial. Esse sistema de identificação ja é obrigatório para entrar em países como a Noruega, Suécia ou Nova Zelândia. Gerações futuras desses chips permitirão o armazenamento de informações legíveis na mesmas condições, entre as quais seria possível localizar os dados do proprietário, a situação das vacinações do cão, ou o fato dele estar sob tratamento por tal ou tal doença crônica.

René Bailly
Médico veterinário
Presidente do sindicato nacional dos médicos veterinários profissionais liberais.

Identificação eletrônica do cão:
Chama-se identificação eletrônica dos animais, ou identificação por radiofreqüência, a implantação sob a pele de um animal, passando pela barreira cutânea e conjuntiva, de um "chip" eletrônico (ou transponder) carregando um código numérico. O transponder implantado permitirá posteriormente a identificação do animal por uma leitura feita através de um leitor.

O injetor:
É constituído por um trocarte que contém o transponder e por um êmbolo que permite propulsar o chip até debaixo da pele.

O transponder (ou chip eletrônico):
É um dispositivo eletrônico contido numa cápsula bio-compatível. Esse dispositivo pode armazenar e restituir, a pedido, informações, em particular um código numérico que serve para identificar individualmente o animal que o carrega.

O leitor:
É um aparelho eletrônico que contém um programa informático de leitura. Emite uma onda eletromagnética na direção do chip que ativa os componentes internos deste e transforma seus sinais em caracteres num display de cristal líquido.

Costuma-se preconizar dois métodos:

- ora se deixa a iniciativa ao filhote: por exemplo, logo que sentar, dá-se o comando "senta" e se o felicita. A mesma coisa para "deita" ou "de pé". O cão associará progressivamente o comando da ação e o contentamento do dono.
- ora o dono impõe sua posição ao cão enquanto o comanda. Para "senta", basta colocar uma mão debaixo da cabeça do filhote enquanto a outra mão exerce uma pressão sobre a garupa. Naturalmente, essas duas forças forçarão o cão a sentar. Para "deita", continua-se o movimento puxando os dois membros anteriores para a frente. Várias sessões de alguns minutos a cada dia costumam dar bons resultados. Da mesma maneira, recompensa-se o cão no momento da execução dos comandos.

O "não mexer" é mais difícil. Requer uma maior atenção. É preciso esperar, pois, que o filhote seja mais velho para praticá-lo. Num primeiro tempo, comanda-se "senta" e coloca-se um objeto (por exemplo, sua coleira) sobre a cabeça ou nariz do filhote. Comanda-se "não mexer" e, logo que o filhote abaixar o focinho ou deixar o objeto cair, manifesta-se o descontentamento. Ao contrário, se ele segurar alguns segundos, é claro que se deve felicitá-lo. Progressivamente, exigir-se-á uma imobilidade de maior duração. No fim, pedir-se-á ao cão que não se mova quando o dono se afastar e que volte ao lado deste quando assim ordenado.

A vida no dia-a-dia

O futuro proprietário deve prever um pequeno "enxoval" contendo os elementos indispensáveis para o cão, entre os quais, e em primeiro lugar, uma coleira e uma guia, bem como duas tigelas. A primeira, para a comida, e a outra, para a água. Dar-se-á a preferência para recipientes fáceis de limpar, de aço inoxidável ou de vidro, pois certos cães sofrem alergias cutâneas ao plástico. Cuidar-se-á para que o cão tenha sempre água fresca à disposição e que as tigelas estejam sempre limpas. Para os cuidados com a pelagem, é necessário escová-la regularmente, uma ou mais vezes por semana conforme o tipo do cão. Esse momento é mais do que uma simples manutenção higiênica. De fato, permite ao dono certificar-se que seu cão não tem ferimentos ou parasitos e, sobretudo, tecer os laços de confiança necessários para o bom equilíbrio da hierarquia. A distribuição dos alimentos é um momento essencial do dia. Propor-se-á uma comida adaptada ao animal em função de seu tamanho, de sua idade, e de sua atividade. O número de refeições passa de quatro para duas entre os três e oito meses de idade, antes de estabilizar-se em uma ou duas na idade adulta. Para as raças grandes, o ideal são duas refeições, de maneira a evitar os riscos de torção estomacal; deve-se evitar a competição entre vários cães durante a refeição.

Sendo o dominado na hierarquia, o cão deve aceitar, sem rosnar, que o dono toque na sua tigela. Isso é tanto mais importante quando existem crianças na família. Assim, desde o começo, deve-se, por exemplo, interromper a refeição levantando a tigela, mandar o filhote sentar, antes de devolver-lhe a comida. O filhote só poderá tocar nela quando o dono assim o ordenar. Esse aprendizado é demorado, considerando-se o feroz apetite dessas pequenas feras, porém é indispensável para garantir a hierarquia. Quem decide é o líder da matilha. Aliado a isso, não será dada nenhuma comida fora dos horários fixados. É claro que isso requer a participação de todos.

Sendo um animal sociável, o cão precisa encontrar-se com outros seres vivos, explorar um território. Esteja ele num apartamento ou numa casa, não pode contentar-se com uma saída higiênica de cinco minutos depois da novela ou até ficar enclausurado num jardim. Um passeio mínimo de uma hora por dia permitir-lhe-á gastar suas energias e assim poupar a mobília da casa, bem como integrar-se numa pseudo-matilha na companhia dos outros cães do bairro. Obviamente, se você escolheu um cão esportivo, tal como um Husky, o exercício diário necessário para o bom desenvolvimento do seu companheiro será claramente superior.

De um ponto de vista legal, ao passear na rua, o cão deve ser levado com a guia ou ficar ao alcance da voz ou mão de seu dono, que o terá sempre sob seu controle. Assim, se por uma infelicidade o cão for atropelado por um carro, sem a guia, seu proprietário será responsável pelos estragos ocasionados. O mesmo vale quando morder outro cão ou uma pessoa. Esses incômodos podem ser evitados ensinando-se o companheiro a caminhar com a guia, a voltar ao lado sem discussão e socializando-o muito cedo. Os passeios em liberdade ficam reservados para os espaços verdes, no campo.

Um segundo animal em casa

Com a chegada de um novo cão, o objetivo será fazer os animais conviverem nas melhores condições possíveis.

Não se deve esquecer que o animal já presente é o dono do local e deverá ser tratado como tal. O recém chegado não deve perturbar seus hábitos, mas sim integrar-se à família com a maior discrição possível.

É importante preservar a dominância do residente e, para isso, dedicar-lhe a maior parte da atenção: as primeiras carícias, a primeira tigela serão para ele… é claro que uma vigilância de perto evitará toda briga intempestiva e agressiva. A atitude correta consiste em ajudar os animais a conhecerem-se e a viverem juntos.

O animal residente pode ser um cão: nesse caso, a coabitação demora pouco e eles tornar-se-ão muito rapidamente companheiros de jogo.

Pode ser um gato: se um deles for ainda muito jovem, haverá poucos problemas (ora se dão bem, ora cada um fica em seu canto). Caso contrário, a expressão "entender-se como cão e gato" fará jus a seu significado e, nesse caso, corre-se o risco de uma vida agitada. Será melhor então desfazer-se de um deles. Esse segundo caso é relativamente raro, pois, na maioria das vezes, cada um encontra seu território e evita o do outro.

Os seguros

A responsabilidade civil

O seu cão pode escapar, fugir e, longe do seu olhar vigilante, causar danos. Enquanto proprietário, será implicada a sua responsabilidade. Em geral, o seguro de responsabilidade civil familiar indeniza as pessoas que forem lesadas por sua conta. Essa responsabilidade está incluída na apólice "multi-riscos-residencial" ou "multi-garantias-chefe de família". Cuidado, no entanto: embora essa responsabilidade cubra os danos causados a terceiros, ela não o protege, e nem a sua família, contra os danos eventualmente causados por seu cão em casa. Deve-se se prever uma extensão da garantia. Se costuma confiar o seu cão para alguém, pense também em prever uma extensão de garantia em favor dessa pessoa. E, se tiver a menor dúvida, pergunte ao seu corretos de seguros.

A responsabilidade específica

O contrato de responsabilidade civil pode não incluir aquelas garantias particulares mais desejadas. É do seu interesse analisar com o seu corretor as cláusulas de uma apólice de responsabilidade civil de proprietários ou "guardiões" de cães.
Nesse caso, o beneficiário desse tipo de seguro é o subscritor, você proprietário, ou qualquer outra pessoa que guarda o seu cão a título gracioso.

O contrato protege o segurado contra as conseqüências monetárias da responsabilidade civil que lhe couber após os danos causados pelo seu cão a terceiros.
Esses danos podem ser corporais, materiais e imateriais, tais como, por exemplo, os latidos intempestivos.
A vantagem desse tipo de contrato é a possibilidade de incluir, conforme se trate de um cão de guarda, de caça ou de um cão de uso profissional, as correspondentes garantias particulares.
Em caso de sinistro, não esqueça de avisar imediatamente a sua companhia de seguros e relatar todos os detalhes com precisão
- local e data do acidente,
- causas e circunstâncias,
- nomes e endereços das vítimas, valor estimado do dano,
- nomes e endereços das testemunhas.

Os gastos em saúde

Existem planos de seguro-saúde para o seu cão. Um verdadeiro seguro social para o seu companheiro, permite preservar seu capital de saúde. Com efeito, o objetivo desse tipo de contrato é assumir os gastos médicos que podem eventualmente alcançar altos valores.
As fórmulas simplificadas cobrem acidentes e cirurgias. As fórmulas ditas completas até cobrem, com certas empresas de seguro, os gastos de canil, além das vacinas e doenças.
Veja os detalhes da proposta do seu corretor, pois os riscos cobertos variam muito conforme as seguradoras. Da mesma maneira, embora muitas exclusões sejam a norma nas apólices (taras e doenças congênitas, maus tratos, ferimentos causados por lutas organizadas, partos, castração, cirurgia plástica, doenças sujeitas a vacinas, limpeza de dentes, tatuagens, alimentos, antiparasitários, doenças ou acidentes anteriores à data do contrato…), algumas seguradoras têm acrescentado vacinas e gastos com canil à sua lista.

O cão na cidade

Sair à rua com um cão nada tem de comum com uma volta no campo. Certas regras devem ser aplicadas quanto à higiene e ao respeito pela sociedade. É preciso entender que nem todo o mundo aprecia os nossos companheiros de quatro patas.

Antes de qualquer coisa, é imperativo que as vacinas do cão e o carnê de posse do proprietário (ou de quem o estiver levando) estejam em dia, notadamente no que diz respeito à raiva. Igualmente importante é verificar se o cão não é portador de alguma doença transmissível ao homem ou muito contagiosa para seus congêneres, com o fim óbvio de evitar qualquer risco de epidemia.

Passear com um cão na cidade exige o uso da guia ou de arreios, adaptados ao tamanho e caráter do cão (uma coleira enforcadora pode ser utilizada com os cães particularmente excitáveis). A saída é o momento em que os cães fazem suas necessidades. Se somarmos o número de cães errantes e o dos cães levados à rua, dá para imaginar o volume total de dejeções caninas. Daí, a importância de levar seu cão num lugar previsto para ele, e não é esse o caso da calçada. Em 1995, a cada dia duas pessoas se apresentavam ao pronto socorro de Paris por terem escorregado por causa de cocôs de cachorro. Os alimentos completos secos, ditos "premium" permitem prevenir esse tipo de problema, pois, sendo poucos e bastante duros, os excrementos poderão ser empurrados para a sarjeta com a ponta do pé… ou, melhor ainda, recolhidos num saquinho de plástico!

Nas cidades do mundo inteiro, nem todas as raças de cães são aceitas. Ou seja, convém informar-se junto às prefeituras para as seguintes raças: pitt-bull, rottweiler, american staffordshire terrier, bull-terrier. Com efeito, dramáticos acidentes têm mostrado que, nas mãos erradas, esses cães podem revelar-se excessivamente perigosos para a sociedade.

As mesmas precauções aplicam-se quando se viaja com um cão. Veja, em outra etapa desta obra, o guia prático "viajar bem com seu cão".

Aprende-se desde muito cedo a caminhar com a guia. Quando pequeno, o filhote tende a seguir seu dono. Deve-se aproveitar todas as oportunidades para pedir-lhe que fique ao lado. A seguir, coloca-se a guia. É claro que isso requer um curto tempo de adaptação. Ocasionalmente, o filhote engasgar-se-á. E, progressivamente, ele é que irá para a frente. Cuide para jamais deixá-lo puxar a guia. Esse mau hábito é desagradável e pode mostrar-se perigoso em certas circunstâncias. A solução está em parar e puxar a guia para atrás, o que desequilibrará o filhote e, após várias caídas, ele desistirá da idéia de passar à frente. Uma vez dominada essa etapa, passar-se-á para a caminhada sem guia.

A casa é o território do seu companheiro. Com um instinto mais ou menos pronunciado de acordo com sua raça, ele guarda a casa latindo para informar sua presença. O latido pode também exprimir o tédio quando o cão é deixado só o dia inteiro. Às vezes, porém, esse modo de expressão torna-se um suplício para os vizinhos. Uma boa educação é a chave das boas relações com a vizinhança. É muito fácil ensinar seu cão a obedecer as ordens para latir e calar. Primeiro, dá-se o comando "late", e após ele cumprir a ordem, é recompensado. Mais adiante, ele receberá a recompensa somente se calar ao receber o comando "pára", dado com uma voz firme.

Se o cão estiver num jardim, é preciso certificar-se de que não poderá escapar. É indispensável uma boa cerca, suficientemente alta e soterrada (como gostam de cavar!). Saiba que se ele fugir, você responderá pelos estragos que causar. Na verdade, sempre é bom ter um seguro de responsabilidade civil, qualquer que seja o cão.

As saídas

Independentemente do tamanho, o cão precisa sair pelo menos duas vezes ao dia. Para as raças pequenas, bastam três saídas de meia hora; para os cães grandes, devem ser mais longas (aproximadamente uma hora). Permitem que o cão faça suas necessidades e gaste energia. O ideal são locais de pouco risco para ele (por exemplo, longe das vias de trânsito) e onde é aceito sem a guia. Nos fins de semana, um grande passeio de duas horas fará com que o cão quebre mesmo seu ritmo quotidiano: em parques ou florestas, onde encontrará um novo ambiente e outros congêneres!

Evidentemente, esses exercícios serão modulados de acordo com a idade do cão: um filhote jovem necessitará muitas saídas de curta duração, enquanto cães velhos ou doentes ficarão satisfeitos com passeios higiênicos duas vezes ao dia. Na volta, o cão deve passar por uma inspeção sistemática.

As patas

No verão, deve-se sobretudo conferir se as almofadas plantares não foram lesionadas por algum objeto pontiagudo ou cortante (espinhos, pedaços de vidro…). É preciso verificar também se nenhum espinho se cravou nos espaços interdigitais. Presentes nas gramíneas, portanto na maioria das plantas silvestres, os espinhos apresentam-se sob a forma de arpões microscópicos que penetram nos tecidos e causam graves lesões. No inverno, se o cão passeou em lugares cobertos de neve, são altos os riscos de rachaduras nas almofadas, devido à agressividade do sal lançado sobre o asfalto das rodovias. Nesse caso, deve-se enxaguar as patas com água morna.

As orelhas

São o lugar predileto dos espinhos, os quais devem ser retiradas do conduto auditivo por meio de uma pinça de depilar. Essa delicada manobra costuma doer e requer a intervenção do veterinário.

A pelagem

No verão, se a cão gosta de tomar banho, é preciso enxaguá-lo. Seja num rio ou no mar, partículas depositam-se na pelagem do cão e podem ser irritantes. Um cuidadoso enxágüe permite eliminar essas partículas. Pode acontecer da pelagem ser suja sujada por alcatrão. Nesse caso, não se deve tentar removê-lo com derivados de petróleo, pois esses produtos são altamente tóxicos. Basta passar óleo vegetal nas manchas e banhar o cão alguns minutos depois, de maneira a deixar o óleo dissolver as partículas de alcatrão.
No inverno, quando a temperatura estiver muito baixa, pode-se cobrir o cão com um cobertor. A maioria dos cães, entretanto, suportam perfeitamente os rigores do inverno (a exceção são os cães pelados) e, se forem acostumados a usar um cobertor, dificilmente aceitarão ir à rua sem estarem cobertos.

A manutenção da pelagem

A muda

Qualquer que seja a natureza da pelagem do cão, os pelos morrem, crescem e se renovam. São duas por ano (primavera e outono) as mudas dos cães que vivem fora, pois correspondem à modificação da luminosidade. Os cães que vivem dentro de casa estão menos expostos às variações da luminosidade: por isso perdem seus pelos o ano inteiro, com dois períodos de intensidade maior na primavera e no outono. Os cuidados diários, escovar e banhar, permitem remover os pelos mortos da pelagem. A freqüência e o material variam de acordo com a natureza do pelo.

O pêlo raso

Ainda que o pêlo raso não requeira cuidados regulares, é necessário escová-lo uma ou duas vezes por semana. O uso de uma escova de borracha no sentido contrário dos pêlos permite descolar as películas (caspa) e os pêlos mortos. Para remover essas impurezas, passar uma escova de cerdas no sentido dos pêlos em todo o corpo do cão. A escovação estará completa quando a pelagem tiver sido lustrada com uma camurça umedecida.

O pêlo curto e duro

Devido à densidade da pelagem (existência de pêlo de crina e pêlo de cobertura), o cão deve ser escovado um dia sim, um dia não (ou a cada dois dias). Passar uma carda no sentido contrário dos pêlos para descolar o máximo de pêlos e células mortas e arralentar o pelo de crina. Uma escova de cerdas passada no sentido dos pêlos permite remover a totalidade dos elementos previamente descolados.

Um pente de dentes grossos pode ser utilizado para os pêlos da cauda e das patas. A pelagem dos cães de pêlos duros deve ser arralentada 4 a 5 vezes por ano por meio de uma faca desbastadora. Permite arrancar os pêlos mortos presos entre a faca e o polegar. Essa depilação não dói quando feita da maneira correta, ou seja, puxando no sentido do pêlo.

O pêlo longo

São muito bonitos os pêlos longos, porém eles pedem uma escovação diária. Para os Lebréis afegãs, por exemplo, isso pode demorar até uma hora por dia. Escovar no sentido dos pêlos com uma carda permite remover nós e pêlos de crina. Devido ao comprimento dos pêlos, a pele pode ser puxada no momento de desenredar os nós, devendo-se operar com delicadeza para não machucar o cão.

Para os cães de pêlo sedoso (YorkshireTerrier, Galgo afegã…), o uso de uma escova de cerdas permite lustrar a pelagem.

Para os cães de subpêlo abundante (Collie éscocês…), as impurezas podem ser removidas com uma escova metálica.

Utiliza-se um pente de dentes grossos para acabar de desenredar os pêlos que estão atrás dos jarretes. Uma tesoura permite igualar o comprimento da pelagem e eliminar os pêlos que costumam formar nós e reter as impurezas (jarretes, peito, espaços interdigitais e almofadas plantares). Após cada uso, deve-se limpar e guardar os instrumentos num local seco. Para evitar que as escovas de metal enferrujem, secá-las e passar uma flanela embebida com óleo vegetal.

Os banhos

A freqüência dos banhos varia de acordo com a textura do pêlo.

Os cães pequenos podem ser lavados numa bacia ou banheira de bebê, enquanto os cães grandes são lavados numa banheira comum ou fora da casa (a temperatura externa permitindo). Um tapete de borracha evitará as derrapagens incontroladas que poderiam machucar o cão ou assustá-lo para sempre. Deve-se utilizar uma água morna, bem como um xampu especial para peles caninas. Os produtos destinados ao uso humano (mesmo para bebês!) são bastante ácidos e irritam a pele.

O banho do cão

Antes do banho, é preciso escovar a pelagem para desemaranhar os nós. Molhar todo o corpo do cão. Aplicar o xampu cuidando para que a espuma não entre nos olhos e ouvidos; esperar alguns minutos antes de enxaguar em abundância. É melhor deixar a cabeça por último, pois o cão poderá sacudir-se. Esponjar o cão vigorosamente e deixá-lo numa sala quente. No verão, pode-se deixar o cão fora da casa ou, se ele não é daqueles que rolam, levá-lo para um passeio. Se o cão o suportar, pode-se secá-lo com um secador: nesse caso, deve-se cuidar para não queimá-lo e escová-lo durante a operação.

Os cuidados diários do cão

No dia-a-dia, o cão requer uma variedade de gestos que garantirão uma boa higiene e permitirão que seu dono descubra muito cedo os sinais anormais indicadores de uma doença.

A *higiene diária*

Existem vários meios muito simples para conferir a integridade dos diferentes órgãos externos e conservá-la.

A *trufa*

Deve estar úmida e fresca em todos os momentos do dia. Pode ocorrer, no entanto, que se resseque quando o cão está dormindo; deve voltar a umidificar-se quando ele acordar.
Não existe nenhum cuidado especial: qualquer presença de crostas, rachaduras ou corrimentos importantes ou mucopurulentos é indicadora de afecções que deverão ser examinadas pelo veterinário.

A *cavidade bucal*

Os lábios devem estar limpos e relativamente herméticos. Conforme a raça, podem ser caídos ou não. Deve-se observar portanto o surgimento de arranhões ou vermelhões (especialmente no pastor alemão, de pele frágil).
Os dentes devem ser brancos e possuir o mínimo de tártaro possível. Os cães raramente cooperam quando se trata de manusear sua boca; convém acostumar o filhote a esse gesto.
As gengivas devem ser cor-de-rosa: qualquer banda vermelha na borda dos dentes é patológica e revela uma inflamação dolorosa que pode causar uma diminuição do apetite do cão, pois este não consegue mais apanhar os alimentos, nem mastigá-los.
Daí a necessidade de limpar os dentes, o que pode ser feito de várias maneiras. A mais eficiente é o uso de uma escova de dentes e pasta dental desenhadas especialmente para o cão; a escovação deve ser realizada várias vezes por semana.
Existem comprimidos apetecedores que liberam princípios ativos quando o cão mastiga: esses produtos são interessantes para aqueles cães que não toleram a escovação. E existe também a possibilidade de dar para o cão objetos feitos com pele de búfalo ou com cartilagem: essa "goma de mascar" natural freia a formação do tártaro graças à sua ação mecânica sobre os dentes quando o cão está mastigando.
Chega um momento, entretanto, em que esses métodos deixam de ser eficientes: somente a remoção do tártaro e a implementação de um tratamento antibiótico pelo veterinário conseguirão interromper a infecção e o incômodo provocado por um tártaro abundante.

Os olhos

O olho deve brilhar, estar úmido e as mucosas, cor-de-rosa. Nenhum corrimento deve ser observado no canto interno do olho.
É perfeitamente possível limpar os olhos do cão, todos os dias, com uma solução ocular. Para isso, é preciso levantar a cabeça do cão, abrir a pálpebra superior e introduzir uma pequena quantidade da mesma dentro do olho. O excedente que escorrer será recuperado por meio de uma compressa. Duas precauções a serem tomadas: para não assustar o cão, deve-se aproximar o frasco por trás. Cuidado com a data de vencimento da solução utilizada, bem como com o prazo de conservação: de fato, essas soluções contaminam-se facilmente e, com isso, perdem sua eficácia.

As orelhas

Existem dois tipos de orelha no cão: as caídas e as eretas. As orelhas caídas devem ser examinadas com uma freqüência maior, pois o fechamento do conduto auditivo externo pelo pavilhão impede a boa ventilação do conduto. A natureza dos pêlos na orelha (longos, enrolados, curtos…) também tem a sua importância.
O conduto auditivo externo deve, pois, estar limpo e não pode haver presença de pêlos.
A limpeza das orelhas deve ser feita com regularidade. Para as orelhas pendentes, pode ser feita uma a duas vezes por semana, contra uma vez a cada quinze dias para as orelhas eretas. Para isso, deve-se utilizar uma solução adaptada às orelhas do cão. O procedimento é o seguinte: introduz-se a ponta do instilador no conduto (não há perigo de perfuração da membrana timpânica devido à forma em "L" do conduto), instila-se algumas gotas do produto, retira-se o instilador, massageia-se a base da orelha durante 30 segundos e seca-se o conduto com um pedaço de algodão ou com uma compressa sem deixá-los penetrar.
Os cães com pêlo longo costumam ter pêlos nos ouvidos, o que na maioria das vezes impede a correta eliminação do cerume. Nesse caso, deverão ser depilados.

Os órgãos genitais e o ânus

Um exame regular dos órgãos genitais e do ânus permite conferir se estão limpos: qualquer presença de corrimento deve ser controlada por um veterinário.
O ânus deve estar limpo e não apresentar vestígios de diarréia.

As unhas

Existem dois tipos de unhas no cão: as dos ergôs e dos dedos. Seu crescimento é contínuo e a atividade normal do cão deve poder garantir a abrasão das unhas dos dedos. Não sendo assim (as unhas ressoam quando o cão caminha), devem ser cortadas por meio de um corta-unhas. É preciso, no entanto, preservar a integridade dos vasos sangüíneos presentes em sua base: unhas claras revelam, por transparência, um triângulo cor-de-rosa. Reconhece-se esses vasos pelas marcas que eles deixam abaixo das unhas pretas. Em ambos os casos, deve-se cortar abaixo das marcas.
Ocasionalmente, o cão poderá sangrar e será necessário, pois, aplicar água oxigenada ou um lápis hemostático. Um pequeno curativo deixado por uma hora protegerá a ferida.
A técnica é a mesma para os ergôs. Estes costumam estar recobertos por pêlos e não devem ser esquecidos, pois, se encarnarem, tornam-se dolorosos e provocam feridas.

O “grooming”

No segundo império francês é que surgiram os primeiros “groomers” ou, mais precisamente, os primeiros “tosquiadores”. A moda do caniche (mais conhecido como poodle no Brasil) entre a burguesia da época colaborou muito para isso. Dessa época é que vem a tosa “leão”, praticada ainda hoje. Posteriormente, os tosadores instalaram-se na rua com estandes de madeira nos quais realizavam um “grooming” mais do que superficial que correspondia sobretudo a uma manutenção geral do cão.
Hoje em dia, são profissionais dispondo de um material especializado que cuidam do “grooming”. Com efeito, este último não é mais visto como um luxo e está tornando-se indispensável para certas raças.

A primeira coisa que se vê num cão é sua pelagem. Os pêlos do animal refletem sua saúde, daí a importância de cuidar deles. Não se deve, porém, confundir a “toalete”, que pertence à limpeza e, portanto, praticada diariamente pelo proprietário, e o “grooming” de ordem estética. O “grooming” permite valorizar a morfologia e o caráter de uma raça, ao mesmo tempo em que permite disfarçar os defeitos de maneira a proporcionar uma silhueta perfeita. Para os profissionais, um bom “grooming” é aquele que não se vê, que respeita o animal.
Na verdade, cães de companhia raramente precisam passar por um “grooming” (com a exceção de algumas raças, tais como, por exemplo, os caniches) a não ser pelo prazer pessoal do proprietário. Em contrapartida, o “grooming” revela-se necessário para os cães de concurso, examinados pelo olho experiente e sabido de um profissional. Nessa circunstância, o animal representa sua raça e tem a obrigação de ser perfeito. Para ser submetido a um “grooming”, obviamente, o cão deve estar com boa saúde: nenhuma doença contagiosa, nenhuma dermatose e vacinas em dia (sobretudo contra a raiva, para o caso de mordidas).

O material

O material de “grooming” inclui uma mesa alta com fixações para a coleira (mesa com “girafa”), de maneira a evitar qualquer movimento intempestivo do cão, sobretudo no momento de utilizar-se a tesoura, uma máquina de tosar com várias lâminas, indispensável para os caniches, um desenredador

para os pêlos longos ou cacheados; diversas tesouras, retas, curvas, dentadas; um pente de mão para fazer bufar os pêlos; e, por último, uma faca desfiadora.

A técnica

Não basta ter o material, deve-se também saber utilizá-lo. A técnica tem evoluído enormemente ao longo dos séculos. Hoje em dia, o "grooming" se faz em três tempos:

- O xampu, suave e adaptado ao pêlo do cão, para remover as sujeiras e detritos cutâneos que podem ofuscar a pelagem.

- O corte, executado em várias etapas:

• A tosa, principalmente reservada para os caniches, requer uma certa precisão para não deixar as marcas da lâmina e permitir um crescimento homogêneo em toda a área tosada.
• O stripping: trata-se da depilação, feita à mão ou com lâmina. Essa etapa é útil sobretudo para os cães de pêlo duro, pois elimina os pêlos mais longos e uniformiza a pelagem.
• O trimming, ou modelagem da pelagem, com a faca desfiadora ou com o pente.

- A tudo isso acrescentam-se os cuidados da toalete regularmente prestados pelo proprietário: limpar os olhos, depilar as orelhas (para evitar os "espinhos" no verão e facilitar a limpeza das orelhas), remover o tártaro dos dentes se necessário, cortar as unhas e conferir a integridade das almofadas plantares.

É esse o procedimento geral do "grooming". Obviamente, a cada cão, seu "grooming". Eis alguns exemplos:

Para pêlos duros (tais como os dálmatas ou os labradores) é inútil desembonaçar os pêlos; a rigor, no período da muda, uma simples escova dura bastará. Para dar uma aparência brilhosa aos pêlos, típica dessas raças, pode-se utilizar uma luva de couro e, a seguir, uma camurça para "lustrar" o pêlo.
Para um pêlo longo ou meio longo (pastor alemão, spitz, spaniel), deve-se cuidar para não eliminar os pelos vivos ou para não quebrá-los com um material por demais duro. Assim, recomenda-se sobretudo o uso de uma rasqueadeira.
Para os pêlos longos, lisos ou cacheados (afgã, chow-chow, bichon) é necessário desenredar para remover os pêlos mortos.
O toque final, para o chow-chow, consiste em dar mais volume à pelagem, bufando-a no sentido contrário dos pêlos ou, para o fox, aparar a barba de maneira a obter uma cabeça quadrada.
Finalmente, o caso do poodle é, de longe, o mais complicado. Aceitam-se várias tosas, notadamente a tosa leão (capacete, bracelete e pompom), a tosa inglesa (pêlos penteados para trás e presos por uma fita, focinho tosado), a tosa "zazou" (pés e corpo tosados, capacete bufante, focinho e orelhas tosados).
Ou seja, é extremamente extenso o leque de cortes e toaletes. Por essa razão, tornar-se um "groomer" requer importantes conhecimentos em matéria de raças caninas, sobretudo no que diz respeito à sua morfologia, mas também a seu caráter geral, de maneira a adaptar o "grooming" aos critérios de raças. Isso pode ser aprendido na escola, mas não é o bastante e os profissionais concordam em dizer que o grosso do aprendizado se adquire no campo, com a experiência. Com efeito, o papel do "groomer" é também o de apagar os defeitos do cão. Por exemplo, num cão alto demais, os pêlos das patas serão cortados mais compridos para dar a impressão de um cão de patas curtas; da mesma maneira, quando os membros estão arqueados, corta-se mais de um lado do que do outro para retificar a forma geral da pata.

As qualidades necessárias para ser um bom "groomer" são o domínio das técni-

6ª parte

Conhecer o cão

Ao lado: Shar Pei

A morfologia do cão

Com base na classificação do veterinário Pierre Mégnin, pode-se considerar como definido que existem:

os lupóides, de orelhas retas e cabeça triangular (Pastor belga);

os bracóides, de orelhas caídas, de focinho largo e com depressão (stop) bem marcada (Dálmata);

os molossóides, geralmente de tamanho grande, com orelhas pequenas e caídas, cabeça maciça, redonda ou quadrada, com focinho curto (Dogue, Montanhês dos Pireneus);

os graióides, de orelhas pequenas voltadas para trás, a cabeça grande e fina com depressão (stop) pouco marcada, de membros compridos e delgados.

Também definimos quatro formatos de cão.

A partir de seu tamanho:

- o pequeno (menos de 46 cm),
- o médio (46 a 61 cm) e
- o grande (mais de 61 cm);

e a partir de seu peso:

- o pequeno (menos de 10 kg),
- o médio (10 a 25 kg)
- o grande (25 a 45 kg) e
- o gigante (45 a 90 kg)

Todos os cães possuem as mesmas regiões do corpo:

a parte anterior:
com a cabeça, pescoço e membros anteriores;

o corpo:
com dorso, lombo (espinhaço), caixa torácica e abdômen;

a parte posterior:
com garupa (anca), membros posteriores e cauda.

Quanto às pelagens e pêlos: eles apresentam uma grande variedade de cores e de texturas.

Pelagens e variedades de pêlos

Dois tipos de pêlos compõem a textura da pelagem do cão. Os pêlos duros, os mais externos, são rígidos, grosseiros e mais longos que os pêlos mais macios que formam uma subpele protetora, lanosa e curta. Esta última não está presente em todas as raças; em compensação é grande nas raças nórdicas.
Este conjunto, com papéis estéticos e protetores, reflete a saúde do cão. A pelagem é determinada tanto pela distribuição das cores dos pêlos quanto pela pigmentação da extremidade do focinho (trufa) e da pele. As pelagens podem ser de cores simples ou compostas.

As pelagens de cores simples

● Certamente existe o branco e o preto que são cores pouco comuns no que se refere à pelagem pura.

● O cinza, que é uma mistura do branco e do preto, tem muitas matizes: o cinza rato, o cinza aço (Yorkshire), o cinza lobo, que é um cinza amarelado com as extremidades pretas e o cinza azul, que é uma diluição aparente do preto (não obstante, os filhotes são azuis desde o nascimento).

● O fulvo, com matizes de vermelho, amarelo e dourado, é uma cor amarelada (Poodle abricot) que quando é muito diluída dá um aspecto de areia, como no caso do Labrador. Encontramos o fulvo encarvoado (as extremidades dos pêlos são pretas) no Tervueren e o areia encarvoado (pelagem freqüentemente qualificada como cinza ou sal e pimenta) no Schnauzer gigante.

● O marrom (castanho ou fígado) pode ser mais ou menos claro e às vezes tender para o ferrugem (ruivo). No Poodle ele é escuro e uniforme. No Terra Nova ele se torna chocolate com reflexos bronze.

As pelagens multicoloridas

● Preto e fogo, que são encontrados no Setter Gordon e no Beauceron, com os contornos bem delimitados ao nível dos lábios, das pálpebras, do peito, das extremidades dos glúteos e das partes distais dos membros. Em compensação, no Pastor alemão as cores são misturadas.

● As pelagens matizadas, como o melro e o arlequim, são formadas por manchas diluídas. Encontramos o melro (manchas sobre fundo claro) no Shetland e no Pastor australiano. Encontramos o malhado (danoisé – fundo cinza com manchas brancas e pretas) no Dogue alemão. O gene responsável está associado a anomalias de audição e da visão.

● O tigrado é formado por listras zebradas pretas sobre um fundo fulvo como no Boxer.

● As pelagens tricolores (fulvo, preto e branco) são freqüentes nos cães sabujos, os galgos.

● A cor-de-pega (malhado) é formada por manchas pretas, marrons ou azuis sobre um fundo branco.

● A cor-de-codorniz é uma pelagem branca com manchas tigradas.

● O mesclado é formado de pêlos brancos e vermelhos claros e o conjunto está bem misturado.

● A cor-de-aguti é uma pelagem em que a base e a extremidade dos pêlos são pretos e a região intermediária é ferrugem. Caracteriza algumas pelagens selvagens.

● O ruão, que se encontra em alguns spaniels da Picardia, é raro. É formado de pêlos brancos, pretos e fulvos.

Entretanto, estas pelagens apresentam variações: pelagem de capote, como a que se apresenta de uma mesma cor na parte superior e nos lados, como é o caso do Pastor alemão e do Airedale, pelagem malhada, marcas brancas em uma pelagem unicolor, pelagem salpicada (pêlos brancos sobre um fundo marrom), mosqueada ou malhada (malhas fulvas). Ela também pode ter reflexos de cores diferentes, estar diluída ou grisalha. Nos cães com pelagem azul melro observamos a presença de sarna na extremidade do focinho e nos olhos, o que é devido a uma redução da pigmentação em determinados pontos da pele.

Classificação zoológica do cão

Classe: Mamíferos
Subclasse: Eutérios
Super-ordem: Carnívoros
Ordem: Carnívoros terrestres
Família dos canídeos
Gênero: Canis
Espécie: Canis familiaris – cão doméstico
(2n = 78 cromossomos)

A natureza do pêlo

O pêlo é um filamento córneo, flexível e elástico; a parte situada abaixo da pele é o elemento morto. Do mesmo modo que existem diferentes raças de cães existem também diferentes texturas e distribuições de pêlo. Os pêlos variam em comprimento, diâmetro e textura, bem como na forma (reto, flexível, ondulado ou crespo). Sua distribuição também é variável. Pode haver um topete na cabeça, uma juba na altura do pescoço (Chow-Chow), uma pelagem franjada quando há uma orla de pêlos longos por trás dos membros, sob o ventre e a cauda ou uma pelagem eriçada quando os pêlos da cauda são mais longos do que no restante do corpo.

Existem vários fatores de variação do pêlo e a idade influi. De fato, em determinadas raças, a pelagem do filhote é diferente da do adulto. As manchas aparecem, por exemplo, com a idade (Braco de Auvergne) e alguns Dálmatas não apresentam pintas ao nascimento, enquanto que o Yorkshire nasce todo preto.

Os pêlos embranquecem com a idade, principalmente na cabeça, começando pelo focinho. O pêlo de um animal em más condições de saúde ou mal-alimentado é desbotado e quebradiço. A luz também pode tornar o pêlo quebradiço e chamuscá-lo. Deve-se chamar a atenção para o fato de que a cor do pêlo após uma tosquia é mais claro e mais desembaraçado.

O pêlo não pára de crescer. O cão renova os pêlos de sua pelagem com a muda, que em geral ocorre na primavera e no outono. Ela tem duração de quatro a cinco semanas, mas pode se tornar quase permanente se o cão não viver ao ar livre.

Cão pelado do Peru

Pinscher

Os diferentes comprimentos de pêlo

Os cães de pêlo nu ou "pelados"
como os cães mexicanos ou chineses, apresentam tufos na cabeça e na cauda. Eles têm uma pele fina, suave e quente, muito pigmentada de preto.

Pêlos rasos ou lisos
de comprimento de 5 a 15 mm. Eles são muito finos no Pinscher, finos e curtos no Whippet e mais espessos no perdigueiro.

Pêlos curtos
de comprimento de 15 mm a no máximo 4 cm. Eles são lisos, firmes e bastante duros como no Pastor Alemão. É chamado de áspero quando é muito curto, como no Beagle.

Pêlos semilongos (4 a 7 cm) ou longos (mais de 7 cm)
no Setter eles são finos, suaves e ondulados. Podem ser mais longos do que a altura na cernelha, como por exemplo no Yorkshire. Podem ser encaracolados como no Barbet, mais lanosos no Splitz ou torcidos em forma de cordões como no Puli komondor, por exemplo.

Pastor Alemão

Puli

Pastor da Picardia

Dandie Dinmont Terrier

As diferentes naturezas dos pêlos

Pelos duros
Eles são ásperos sob os dedos, a pelagem é eriçada e imobiliza um golpe de ar. É encontrado no Pastor da Picardia, no qual é semilongo ou no Griffon da Vendéia.

Pêlos heterogêneos
Eles são formados por dois terços de um pêlo bastante duro e um terço de pêlo mais sedoso, tipo fio, como por exemplo no Dandie Dinmont Terrier.

Pêlos lisos
Eles têm um aspecto brilhante e limpo como no Dogue Alemão e no Rottweiler.

Pêlos sedosos
São muito finos, flexíveis e macios como no Setter.

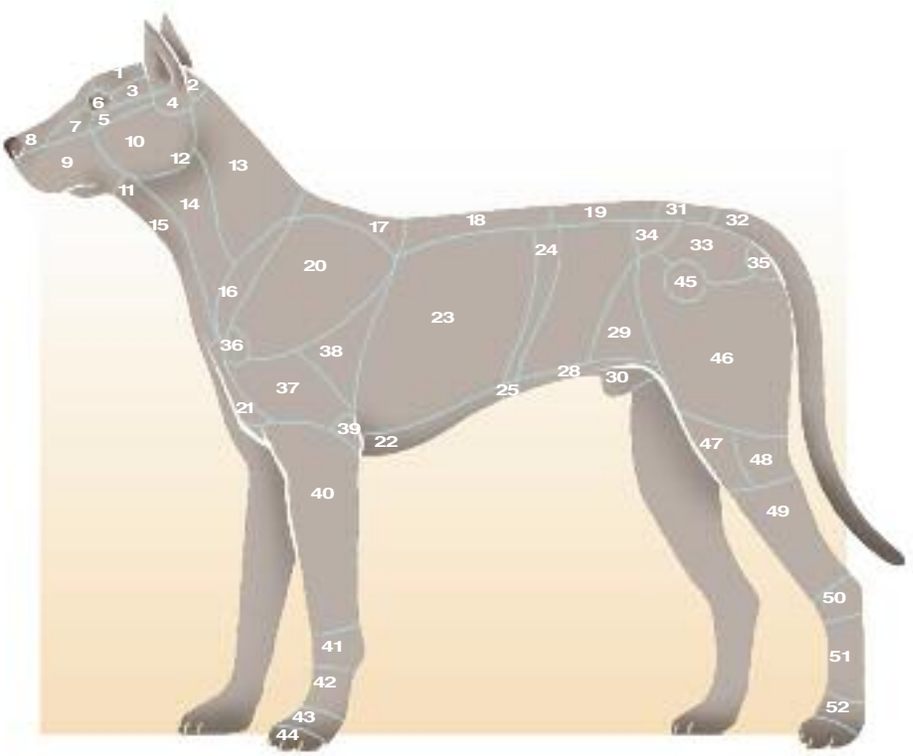
Pêlos lanosos
São menos brilhantes e têm um aspecto mais espesso, como no Poodle.

Dogue Alemão

Poodle

As regiões do corpo do cão

O corpo do cão é descrito por regiões. Cada uma delas corresponde a um setor anatômico preciso. Foram enumeradas cinqüenta e duas regiões. Elas permitem, principalmente, que um especialista certificador ou um juiz de exposição avaliem o indivíduo apresentado e expliquem suas decisões ao proprietário.



Cabeça
1. r. frontal
2. r. parietal
3. r. temporal
4. r. auricular
5. r. zigomática
6. r. orbitária
7. r. intraorbitária
8. r. nasal
9. r. bucal
10. r. massetérica

Pescoço
11. r. laríngea
12. r. parotidiana
13. r. dorsal do pescoço
14. r. lateral do pescoço
15. r. ventral do pescoço (r. traqueal)
16. r. pré-escapular

Tórax
17. r. interescapular
18. r. do dorso
19. r. dos lombos
20. r. das espáduas
21. r. pré-esternal
22. r. esternal
23. r. costal
24. r. do hipocôndrio

Abdome
25. r. xifoidiana
26. r. do flanco
27. r. umbilical
28. r. hipogástrica
29. r. ingüinal
30. r. prepucial

Bacia
31. r sacra
32. r. coccigeana ou r. caudal
33. r. glútea
34. r. da tuberosidade coxal
35. r. da tuberosidade isquiática

Membro torácico
36. r. da articulação escápulo-umeral
37. r. do braço
38. r. bicipital
39. r. do cotovelo
40. r. do antebraço
41. r. do carpo
42. r. do metacarpo
43. r. metacarpo-falangeana
44. r. ungüiculada

Membro pélvico
45. r. da articulação da anca
46. r. da coxa
47. r. do joelho
48. r. poplítea
49. r. da perna
50. r. do tarso
51. r. do metatarso
52. r. metatarso-falangeana

A cabeça

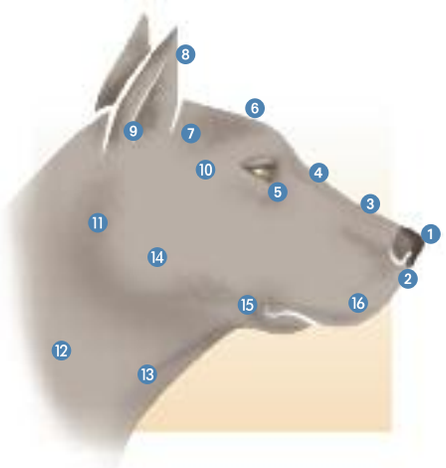
A região crânio-frontal pode ser arredondada (Beagle-Cocker), convexa (Boxer), achatada (Dálmata), oval (Poodle) ou larga (Rottweiler).
A depressão (stop), ou fenda do nariz, vai da parte frontal à região superior da parte anterior da cabeça. Pode ser vista lateralmente e ser mais ou menos acentuada: de 90º (brevilínea) a 180º (longilínea). Está praticamente ausente no galgo.

O focinho ou a cana nasal contém as cavidades nasais que serão espaçosas nos perdigueiros (Setters, por exemplo) e menores em um Bulldog, que tem focinho achatado. Um achatamento completo da face (Pequinês) provoca anomalias de ajuste entre os maxilares (prognatismo inferior, encavalamento dos dentes) e dificuldades respiratórias.

A trufa apresenta duas narinas, que devem estar bem abertas, e uma fenda mediana. A trufa de um cão com boa saúde deve ser macia, úmida e fria.

Os lábios não devem ser flácidos e devem se opor. Eles são bem pigmentados e recobertos de pêlos bem como de vibrissas (pêlos fortes que possuem receptores sensoriais em suas bases). O interior é mais ou menos rosa (azul para os Chows-Chows).

As orelhas têm diversas formas e tamanhos; sua aparência e sua inserção também diferem. Podem ser pontudas (Pastor belga), mais arredondadas (Pastor alemão), muito arredondadas (Bulldog), mais ou menos finas e às vezes guarnecidas de pêlos muito longos (Cocker). Elas têm um papel fundamental na audição. As orelhas eretas captam melhor as ondas sonoras e os sabujos apresentam freqüentemente orelhas caídas. Isso permite a proteção do interior da orelha contra a vegetação e evita a penetração de corpos estranhos no conduto auditivo. Os terriers têm orelhas curtas que não os incomodam quando eles entram nas tocas. As orelhas podem ser amputadas, prática ainda em vigor em um grande número de países, com exceção da Grã-Bretanha. Em vários países há uma tendência para a supressão do "corte da orelha".



Cabeça
1. Nariz ou trufa
2. Narina
3. Focinho
4. Stop (depressão)
5. Olho e região orbitária
6. Fronte, região frontal
7. Região parietal, chamada crânio
8. Orelha (pavilhão)
9. Orelha
10. Têmpora ou região temporal
11. Região parotideana
12. Pescoço
13. Garganta
14. Região do masseter
15.Comissura dos lábios
16. Lábio superior

A cabeça, o pescoço, os membros anteriores

A cabeça pode ser redonda (Cavalier King Charles), longa (Galgos) ou quadrada. Ela tem um papel importante no equilíbrio. As raças de cabeça alongada tendem a ter nariz pontudo e as de cabeça quadrada, mandíbulas curtas e musculosas (isso refere-se essencialmente às raças que eram originalmente destinadas ao combate).

Sobre a cabeça distinguimos duas grandes regiões: na parte posterior, o crânio que aloja o encéfalo e, na anterior, a face que aloja as cavidades nasais. A região média está centralizada sobre as duas órbitas. A diversidade das relações crânio-face define os **dolicocéfalos** (focinho alongado), os **braquicéfalos** (focinho curto e achatado) e os **mesocéfalos** (entre os dois).

● **A cabeça** compreende outras regiões bem menos definidas. As têmporas se situam para trás dos olhos lateralmente e estão limitadas em baixo pelas arcadas zigomáticas que tocam a caixa craniana e são extremamente determinantes na morfologia da cabeça. A região parotideana se encontra abaixo das orelhas, por trás da região massetérica, esta por trás das faceiras, muito reduzidas devido à grande abertura da boca do cão. A nuca é moderadamente saliente atrás, no nível do pescoço e a garganta pode ter pregas cutâneas que são denominadas de barbelas.

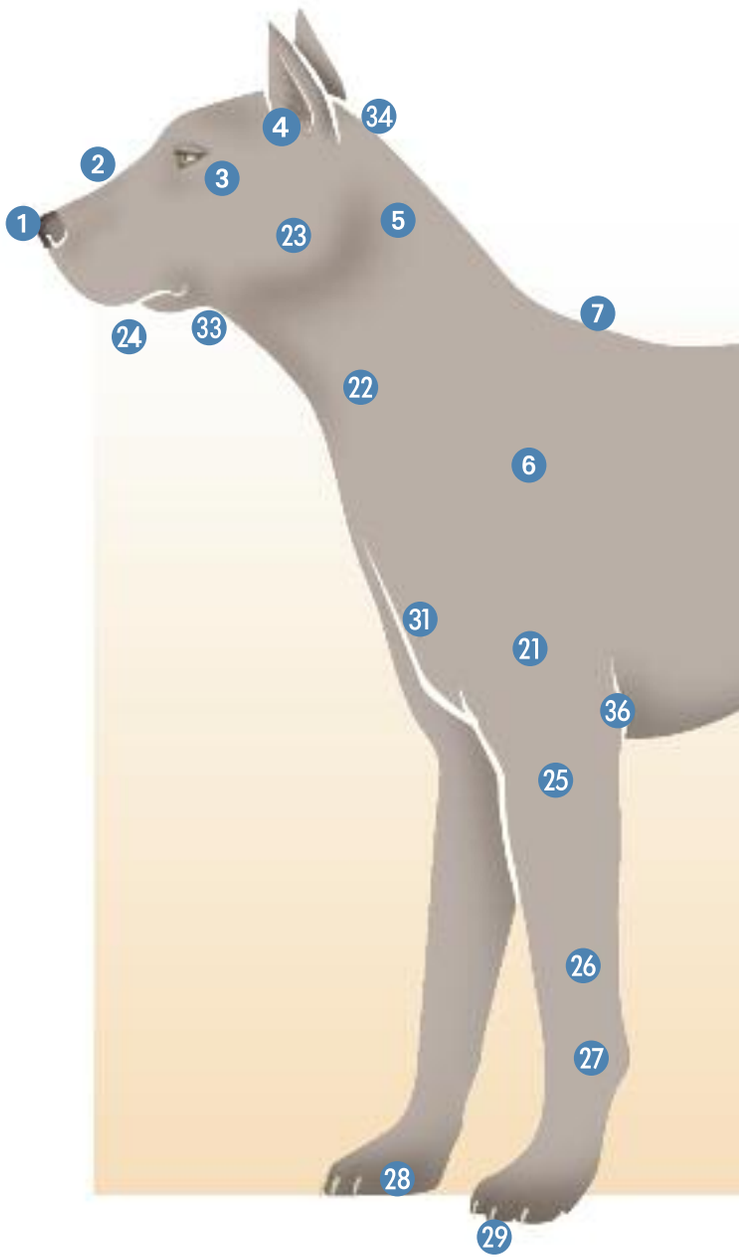
● O **pescoço** tem a forma de um cilindro que na extremidade torácica tem um diâmetro maior do que na extremidade cefálica. Dorsalmente ele pára na cernelha e forma um ângulo mais ou menos aberto com o dorso.

Esta é uma região importante para se avaliar a beleza de um cão. Ela influencia a aparência da cabeça e o equilíbrio do cão, pois regula a posição do centro de gravidade. Portanto, o eixo cabeça-pescoço exerce uma função de pêndulo cérvico-cefálico que equilibra o restante da coluna vertebral e do qual o cão se serve para o movimento (assim, por exemplo, se o cão tiver a cabeça e o pescoço junto ao solo ele não consegue se levantar). Ele tem continuidade nas espáduas, na cernelha e no antepeito. Essa posição se altera em função da postura, de ereta em fase de propulsão passa a estendida na fase de recepção.

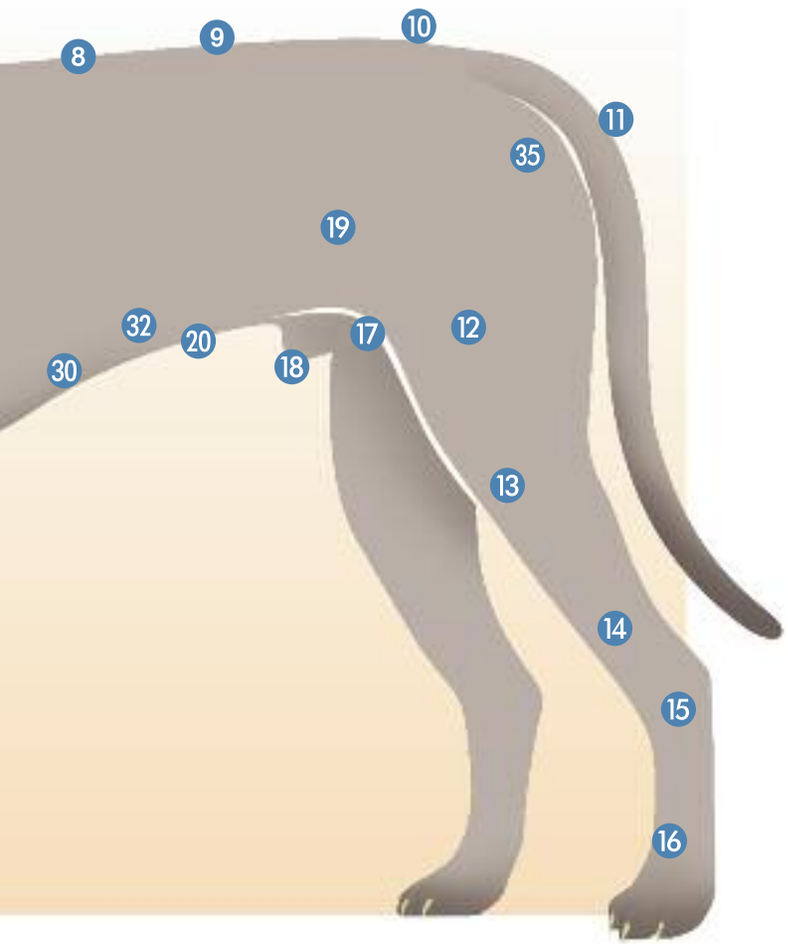
● **Os membros anteriores** são, em geral, longos e ligeiramente achatados. A espádua é oblíqua de alto a baixo e de trás para a frente é ligeiramente convexa. O braço está limitado no alto pela espádua e em baixo pelo cotovelo, que está mais ou menos unido à parede costal. Os dois dedos medianos são mais longos e mais fortes do que os dois laterais. As almofadas dérmicas (camada córnea com espessamento por gordura) são salientes e um pouco arqueadas. As garras são curvas e córneas e terminam os dedos. Elas não devem tocar o solo para fins de apoio.

● O **antepeito,** que constitui a face anterior do tórax, varia em altura, largura e em sua posição em relação aos membros anteriores. Ele forma um quadrado perfeito no Bulldog francês e um arco de ponte no Bulldog inglês.

A PARTE ANTERIOR



1. Trufa
2. Focinho (dorso do nariz)
3. Olho
4. Orelha (pavilhão)
5. Pescoço (região dorsal)
6. Espádua
7. Cernelha
8. Costa
9. Dorso
10. Garupa
11. Cauda ou rabo
12. Coxa
13. Patela (joelho)
14. Perna
15. Jarrete (tarso)
16. Metatarso
17. Região inguinal (virilha)
18. Prepúcio
19. Flanco
20. Ventre



21. Braço
22. Pescoço (região ventral)
23. Bochecha
24. Boca
25. Cotovelo
26. Antebraço
27. Carpo
28. Mão (dedos)
29. Garra
30. Esterno
31. Extremidade da espádua
32. Peito ou costela
33. Garganta
34. Nuca
35. Extremidade dos glúteos
36. Extremidade do cotovelo

A linha da parte superior, a caixa torácica, o abdômen

● **A linha da parte** superior é constituída pelo conjunto dorso-lombo. Ela é praticamente horizontal junto às linhas médias, côncava nos jovens e ascendente nos cães de boa conformação. O dorso tem um perfil retilíneo ou horizontal e pode estar ligeiramente inclinado para trás e é encurvado nos longilíneos. O lombo continua o dorso para trás e tende a ser um pouco mais largo. A garupa está no alinhamento do lombo. Ela é oblíqua e mais ou menos arredondada, entretanto parece retangular vista de cima. Ela termina na inserção da cauda.

● **A caixa torácica** compreende o peito (ou costelas), que é uma região extremamente convexa, formada pelas 13 costelas. Um peito profundo é longo (extremidade da espádua até a última costela) e deve representar os dois terços do comprimento do cão.

O esterno faz um arco de círculo de grande raio (o arco esternal). Essa região contém a área cardíaca, que deve ser muito grande nos cães que fazem grandes esforços.

● **O abdômen** é uma cavidade que se encontra na parte de trás do diafragma. Ele encerra muitos órgãos essenciais para as funções biológicas (o aparelho urogenital, o baço e o aparelho digestivo). O flanco é uma região ligeiramente côncava que varia em comprimento de acordo com o tamanho do cão. O limite do flanco termina por se confundir com o ventre e é difícil de ser visto no cão. A face inferior tem os mamilos na fêmea e sustenta a pele na região posterior no macho.

Os membros posteriores e a cauda

● **Os membros posteriores** são mais longos e maciços do que os anteriores e também possuem ângulos articulares mais abertos. Em geral os fêmures são bem desenvolvidos e a patela e as partes moles circundantes definem o limite entre o fêmur e a perna, que é longa e oblíqua. O jarrete delimita o início da extremidade inferior do membro: o canhão, oblíquo para a frente e que às vezes apresenta um esporão sobre sua borda interna. Em geral o pé é um pouco mais curto que o do anterior.

● **A cauda** é, devido ao seu comprimento, seu tamanho e sua aparência, particular a cada raça. Ela pode ser um saca-rolhas (Spitz), franjada e longa (Setter) ou encurtada (Terrier). Os cães que nascem sem cauda são chamados de anuros e aqueles que têm uma cauda curta são chamados de braquiúros. Na França pode-se também, de acordo com regras bem definidas, encurtar a cauda por meio de caudectomia. A aparência da cauda pode ser rígida, horizontal ou apresentar curvas. O corte da cauda é bem regulamentado, conforme cada país.

As posturas - os aprumos

A postura é a direção dos membros em relação à um solo horizontal. As posturas têm grande influência sobre a linha da parte superior, portanto na aparência geral do cão, bem como na sua aptidão máxima para as disciplinas esportivas. Ela determina uma boa sustentação e uma boa distribuição do peso sobre as articulações e os pés. Em geral, para que a postura de um membro seja correta, é preciso que o seu eixo diretor seja vertical. Um desvio em relação à verticalidade leva a uma sobrecarga das articulações e da sola plantar (do lado do desvio) e, portanto, à fadiga prematura das articulações, dos tendões e dos vários ligamentos (por exemplo, é um obstáculo bastante prejudicial para o cão de trabalho). Assim, as posturas não têm apenas interesse teórico e estético.

Quando um cão tem boa conformação (campé), a linha dorso-lombar é curvada e as costas adquirem então uma posição oblíqua. Se os membros anteriores também se deformarem, diz-se que ele é arqueado (ensellé). Para um cão com apoio frontal (rassemblé), o lombo é encurvado e as costas se curvam em direção ao alto. Casos de arqueados (pagnardise) são freqüentes nos membros posteriores, é uma tendência natural. Em compensação os fechados (cagnardise) são muito mais prejudiciais.

Posturas do cão vistas de perfil

1. Postura normal
2. Vista dorsal
3. Boa conformação à frente
4. Arqueado do carpo
5. Retraimento do carpo
6. Articulação longa do metacarpo

7. Articulação reta do metacarpo
8. Visto por de trás
9. Boa conformação por de trás
10. Jarrete bem conformado
11. Jarrete angulado

Posturas dos membros anteriores vistos de frente

Perfil: a vertical traçada do meio do braço passa para o meio do pé, tangencialmente ao punho (face anterior do carpo). Se pender para a frente, o cão tem seus membros anteriores para trás da vertical traçada a partir da extremidade da espádua (sous lui), se pender para trás, ele é bem conformado (campé). Se o punho está para trás, diz-se que o cão apresenta concavidade (creux) ou retraimento (effacé) e se estiver para a frente, ele é arqueado e o cão é quartelado (bouleté). Se esta vertical pender longe das almofadas, o cão apresenta articulação longa (long jointé) e se ela quase o toca ele tem articulação reta (droit jointé).

Frente: a vertical partindo da extremidade da espádua deve dividir igualmente o antebraço, o punho, o canhão e o pé. Os dois membros devem estar em planos o mais paralelo possível.

Fechados: os punhos e os cotovelos estão desviados para fora, os tornozelos e os pés para dentro.

Aberto: os cotovelos estão presos juntos ao corpo, os tornozelos e os pés estão para fora. A abertura e o fechamento podem começar em todos os níveis do membro.

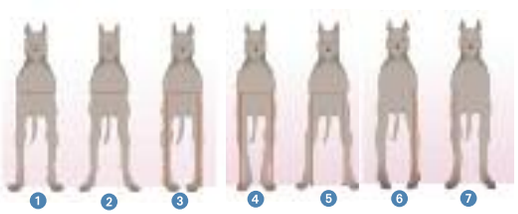
Membros dianteiros fechados ou abertos: os membros anteriores estão oblíquos e convergem ou divergem em suas extremidades. Não se deve confundir com estreito ou largo, situação em que os membros estão paralelos. Se apenas os punhos estão para dentro, fala-se de jarrete de vaca, se forem encurvados para fora da linha de postura, diz-se que o cão é arqueado (cambré). Existem posturas em forma de lira quando aparece uma convexidade para o exterior.

Posturas dos membros posteriores vistos de costas

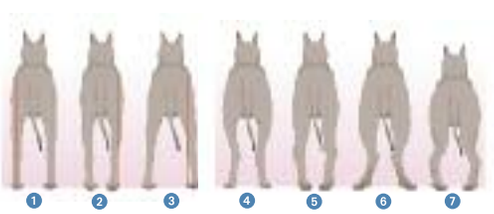
Perfil: o tornozelo deve se encontrar em direção vertical em relação ao solo e a vertical traçada da articulação coxofemoral deve passar pelo meio do pé.

Visto por de trás: o membro em seu conjunto está à frente dessa linha. Se estiver para trás é bem conformado, o que não é realmente um defeito, pois esta é uma posição mais ou menos natural. Se a articulação jarrete-perna for muito fechada, fala-se de jarrete angulado, no caso contrário de jarrete bem conformado.

Traseiro: A linha vertical que passa na extremidade do glúteo e na extremidade do jarrete divide igualmente o tornozelo.
O cão pode ter os membros fechados ou abertos, o que é definido pela convergência ou pela divergência dos membros em sua extremidade, o que não se deve confundir com um cão muito estreito ou muito largo.
Quando o membro sofre uma rotação a partir da articulação coxofemoral para o exterior, apresenta um membro aberto. Isso é acompanhado por rótulas e pés divergentes, enquanto as extremidades dos jarretes convergem. Se ocorrer rotação do posterior para dentro. As patelas e as extremidades dos pés convergem enquanto as extremidades dos jarretes divergem.



1. Normais
2. Fechados
3. Arqueados
4. dianteiros aproximados
5. Membros dianteiros afastados
6. Em tonel (pés varos)
7. Pés valgos
8. Pés varos
9. Pés valgos ou pés oblíquos



1. Posturas normais
2. Membros traseiros aproximados
3. Traseiros afastados
4. Fechados
5. Arqueados
6. Jarretes fechados cambaio de baixo
7. Jarretes arqueados, jarretes cambaios

Os olhos

O grau de separação dos olhos é muito variável dependendo das raças e permite a visão lateral. Os globos oculares são mais ou menos fundos (olhos globulosos para o carlin). A abertura pode ser redonda como para o pointer ou mais em formato de amêndoa (olho de corça) para os pastores e os cães nórdicos. A expressão depende essencialmente do olhar e deve mostrar vivacidade, franqueza e doçura.

O cão tem duas pálpebras bem visíveis, uma superior e uma inferior. Elas devem ser finas, separadas e bem pigmentadas e as bordas guarnecidas de cílios. A parte externa é constituída de uma pele recoberta de pêlos e a parte interna, a conjuntiva, é uma mucosa rosada. Sob a pálpebra superior situa-se a glândula lacrimal, que produz as lágrimas que hidratam a córnea. No ângulo interior das duas pálpebras encontra-se um pequeno ducto, a via lacrimal, que termina na fossa nasal.

O cão possui uma terceira pálpebra, a nictitante, em grande parte escondida sob a pálpebra inferior. Ela exerce um papel de limpador de pára-brisas para o olho e na defesa contra corpos estranhos.

A coloração do olho depende da pigmentação da íris, na maioria das vezes muito pronunciada, quer dizer, castanha. Na verdade é um sinal de bom equilíbrio orgânico. Esta coloração passa por todas as gamas de cor, até o preto. Um olho muito claro – olho de rapina – não é desejável e pode descreditar até mesmo o cão mais belo.

A cor não precisa obrigatoriamente ter relação com a pelagem. Uma pelagem lisa clara pode estar associada a olhos escuros: é o caso do Samoyeda, que deve ter olhos pretos. Entre os cães cinza azulados, como o Braco de Weimar, azul pega ou azul tigrado, eles podem ser claros. A coloração pode mudar durante a vida.

Quando os dois olhos não são da mesma cor eles são chamados de gázeos. Trata-se de um caso de heterocromia. Esse fenômeno não é raro, mas não deve ser desejado; entretanto ele é tolerado no Husky Siberiano.

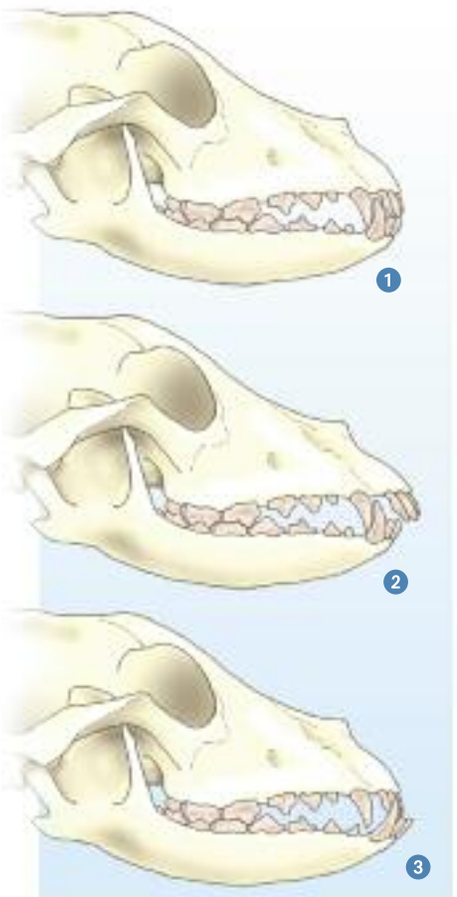
Às vezes o olho apresenta defeitos de pigmentação na íris, que se apresenta parcialmente ou totalmente azulada. Esse defeito é freqüente nos cães de pelagem formada por três unidades ou matizada. Ele pode afetar somente um olho ou os dois. Não se deve confundir o olho gázeo com o olho de cor diferente (azul) do Husky Siberiano. É preferível eliminar da criação um indivíduo que apresenta esse defeito.

Os olhos podem apresentar outros problemas, tais como a catarata (opacidade do cristalino) ou o entrópio (rotação ou reversão para dentro da borda das pálpebras). O glaucoma é resultante do aumento da pressão intra-ocular sem aumento do tamanho do olho e o estrabismo é um defeito de convergência dos eixos visuais.

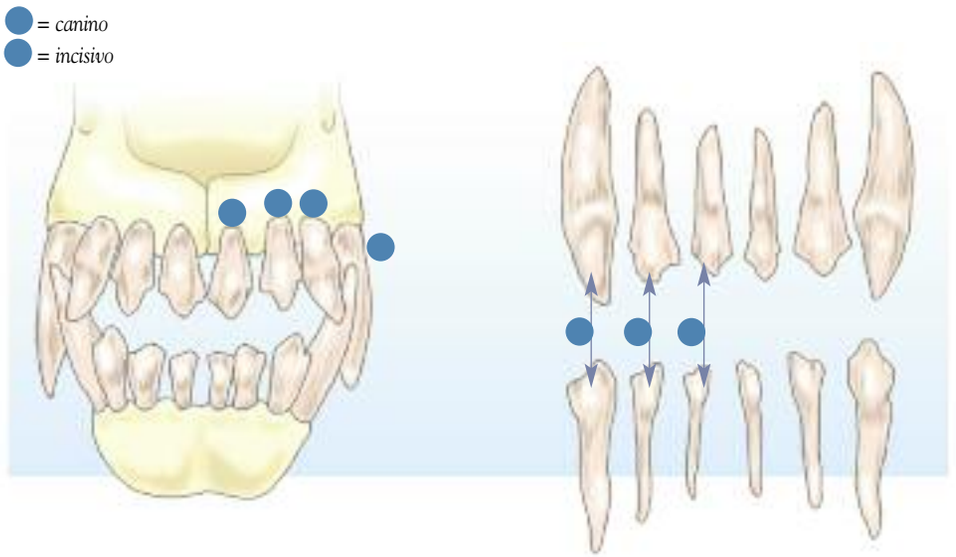
Os dentes do cão

O cão adulto possui 42 dentes, 20 na mandíbula superior e 22 na mandíbula inferior. Sua distribuição constitui a arcada dentária, diferente da dentição, que é o fenômeno da erupção dos dentes nos diversos estágios da vida.

Os dentes são duros, de aparência óssea e apresentam uma função importante, pois servem para prender, rasgar e triturar os alimentos. Os cães são mamíferos heterodontos, o que quer dizer que eles têm dentes diferenciados para uma utilização específica. Os pré-molares são dentes permanentes enquanto que os incisivos, os caninos e os molares caem.

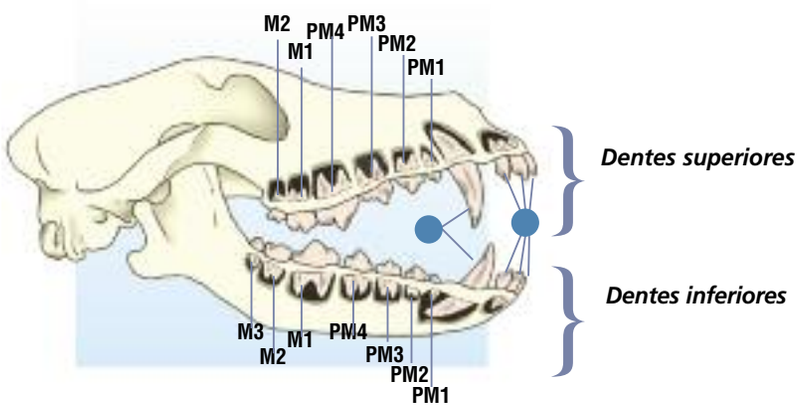


1. maxilares corretos
2. prognatismo superior (bégu)
3. prognatismo inferior (grignard)



ARCADA DENTÁRIA DO CÃO VISTA DE FRENTE **INCISIVOS PERMANENTES**

A fórmula dentária por hemimandíbula é: I 3/3; C 1/1; PM 4/4; M 2/3. Essa fórmula pode variar de acordo com as raças (face curta ou face longa). Os incisivos, maiores na arcada superior do que na inferior, recebem seus nomes partindo do centro: pinças, médios e cantos. Os caninos têm uma forma cônica, mas são mais finos e delgados no filhote. Os molares e pré-molares recebem o nome de pré-carnívoro, carnívoro e tuberculoso ou pós-carnívoro.

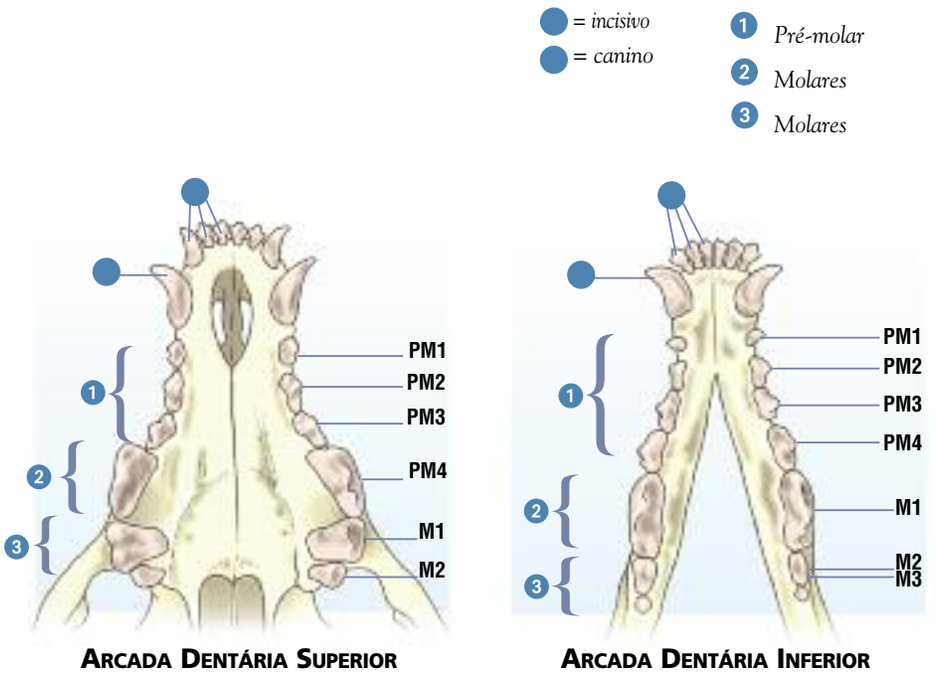


ARCADA DENTÁRIA DO CÃO VISTA LATERALMENTE
(A parte intercalada de dentes foi desnudada)

A fórmula dentária dos dentes do filhote é: I 3/3; C 1/1; M 4/4. Ao nascer o filhote não tem dentes. Ele adquire os dentes de leite a partir do 20º dia. O ritmo de aparecimento é o seguinte (tomando como exemplo um cão de tamanho médio): os caninos no final de três semanas; em seguida os pré-molares: 3PM3, PM4; os cantos: 3-4 semanas; os medianos, tenazes, PM2: 4-6 semanas. O PM1 aparece por volta do 4º mês e permanece até o adulto. Em seguida todos os dentes são substituídos entre o 3º e o 5º meses. Após a reabsorção das raízes os primeiros dentes caem e são substituídos por dentes definitivos. Também ocorre uma recolocação dos molares, dos incisivos e dos caninos aos 4 e 5 meses, M2 inferiores aos 5 meses, M2 superiores e PM aos 5 a 6 meses e os últimos molares aos 6 e 7 meses.

As datas de erupção podem variar em função da raça. A arcada dentária pode apresentar anomalias numéricas. Um aumento é raro, em compensação uma diminuição pode provocar a recusa de confirmação da raça do cão. A ausência de alguns molares é comum, a importância funcional é crescente da frente para trás e o primeiro pré-molar com freqüência está ausente. Pode-se notar a ausência de um ou dois incisivos, principalmente nas raças pequenas.

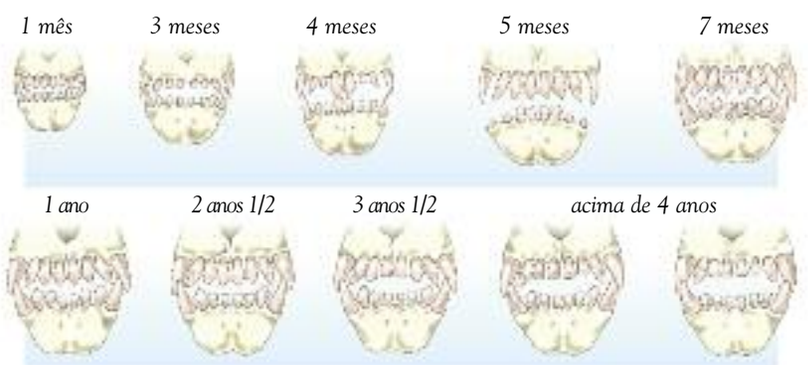
As arcadas superiores e inferiores das mandíbulas se encaixam uma na outra e não se deve observar movimento de lateralidade. Os incisivos superiores recobrem parcialmente uma parte dos inferiores. No caso de prognatismo verdadeiro ou inferior, o maxilar inferior excede o superior e o cão é chamado de grignard (prognata inferior). Ao contrário, se os incisivos superiores se projetam para a frente, encontramo-nos na presença de um prognatismo superior e o cão é bégu (prognata superior). Os dentes têm uma grande importância na determinação da idade. Os incisivos apresentam uma coroa de forma trilobulada que é chamada de flor de lis. Com a idade, o incisivo é primeiro nivelado (desgaste do lobo mediano), depois destruído (desaparecimento dos três lobos). Também se pode determinar a idade a partir de um quadro dentário. Existem ainda as afecções dentárias. O tártaro é uma acumulação de sais de cálcio da saliva na base do dente. Ele provoca periodontite e gengivite. Os dentes amarelos aparecem nos animais idosos e nas vítimas de doenças graves tratadas com antibióticos. A descalcificação por placa deve-se a algumas doenças. As cáries são raras, pois o esmalte é muito duro. As fístulas dentárias são devidas a uma necrose da parede alveolar e provocam abcessos. A persistência de dentes caducos pode prejudicar o desenvolvimento dos dentes e a sua substituição.



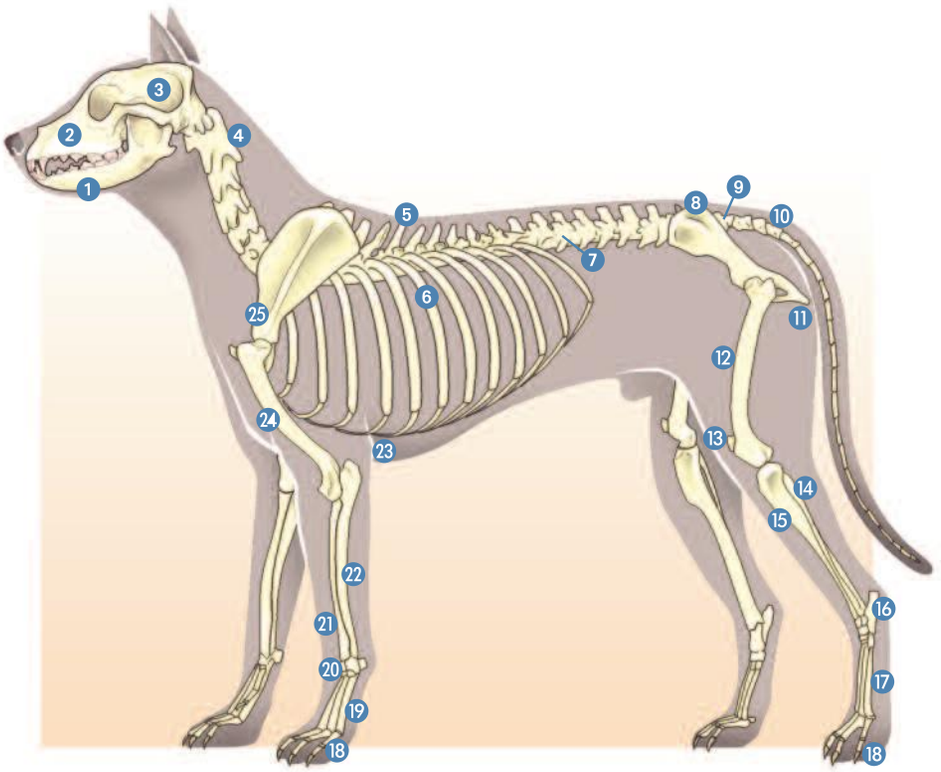
Arcada Dentária Superior **Arcada Dentária Inferior**

Dentes	Erupção	Substituição
pinças	30 dias	4 meses
médios	28 dias	4-1/2 meses
cantos	25 dias	5 meses
caninos	21 dias	5 meses
1° PM	3-4 meses	persiste
2° PM	4-5 semanas	6 meses
3° PM	3-4 semanas	6 meses
4° PM	3-4 semanas	5-6 meses
1° molar	4 meses	
2° M superior	5-6 meses	
2° M superior	4-1/2 a 5 meses	
3° molar	6-7 meses	

Evolução da arcada dentária em função da idade do cão



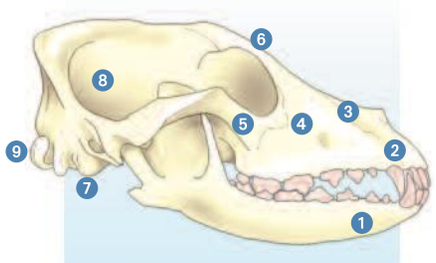
As funções fisiológicas



O esqueleto do cão

1. Mandíbula
2. Face
3. Crânio
4. Vértebras cervicais
5. Vértebras torácicas
6. Costelas
7. Vértebras lombares
8. Ílio
9. Sacro
10. Vértebras caudais
11. Ísquio
12. Fêmur
13. Patela
14. Perônio (fíbula)
15. Tibia
16. Tarso
17. Metatarso
18. Falanges
19. Metacarpo
20. Carpo
21. Rádio
22. Cúbito (ulna)
23. Esterno
24. Úmero
25. Omoplata (escápula)

Vista lateral da cabeça do cão



1. Mandíbula
2. Osso incisivo
3. Osso nasal
4. Maxilar
5. Osso zigomático
6. Osso frontal
7. Temporal
8. Parietal
9. Occipital

O aparelho locomotor do cão

O esqueleto é o arcabouço do cão. É um conjunto de ossos organizados entre si por meio de articulações, que podem ser de vários tipos, dependendo do grau de amplitude permitida entre dois ossos: algumas são totalmente fixas (ossos do crânio) e outras permitem movimentos nas três dimensões (articulação entre o crânio e a coluna vertebral). A mobilidade do esqueleto é garantida pelos músculos estriados que se inserem por meio de tendões sobre ossos diferentes, sendo que sua contração se traduz pelo movimentos das estruturas ósseas, umas em relação às outras, como por exemplo os movimentos de flexão e de extensão.
As contrações musculares são regidas pelos nervos, por intermédio do sistema nervoso central: o cérebro e o cerebelo para os movimentos voluntários, a medula espinhal para os reflexos. Portanto, os neurônios envolvidos no comando dos movimentos são denominados neurônios motores por oposição aos neurônios sensitivos, que transportam as informações para o cérebro.
O cão possui três a quatro modos de andar mais ou menos desenvolvidos, de acordo com a raça: passo, trote, galope e passo travado (amble). O cão é um saltador muito bom e um nadador médio, havendo sempre variações entre as raças.

O esqueleto e os ossos

● **O esqueleto.** A coluna vertebral, formada por diferentes tipos de vértebras, exerce papel de viga mestre na qual se enxertam treze costelas, das quais dez estão ligadas pelo esterno e formam a caixa torácica. O crânio se articula com a primeira vértebra cervical em forma de receptáculo, o atlas. Este se articula com a seguinte, o axis, em forma de pivô, de tal modo que a cabeça pode se mover em torno do eixo formado pelas duas vértebras.

● **Os membros posteriores**, verdadeiro sistema propulsor do cão, estão unidos sobre a bacia na articulação da coxa e a bacia está unida à coluna por um sistema de ligamentos complexos. Os membros anteriores, menos envolvidos na propulsão, estão unidos à coluna torácica simplesmente pela omoplata e os músculos adjacentes.

● **Os ossos** são constituídos por uma estrutura fibrosa calcificada. Essa calcificação aparece progressivamente durante a vida fetal e o crescimento. Como este é muito mais longo para os filhotes de raças

grandes, é preciso ser particularmente prudente com a ingestão de cálcio na alimentação para evitar carências e excessos.

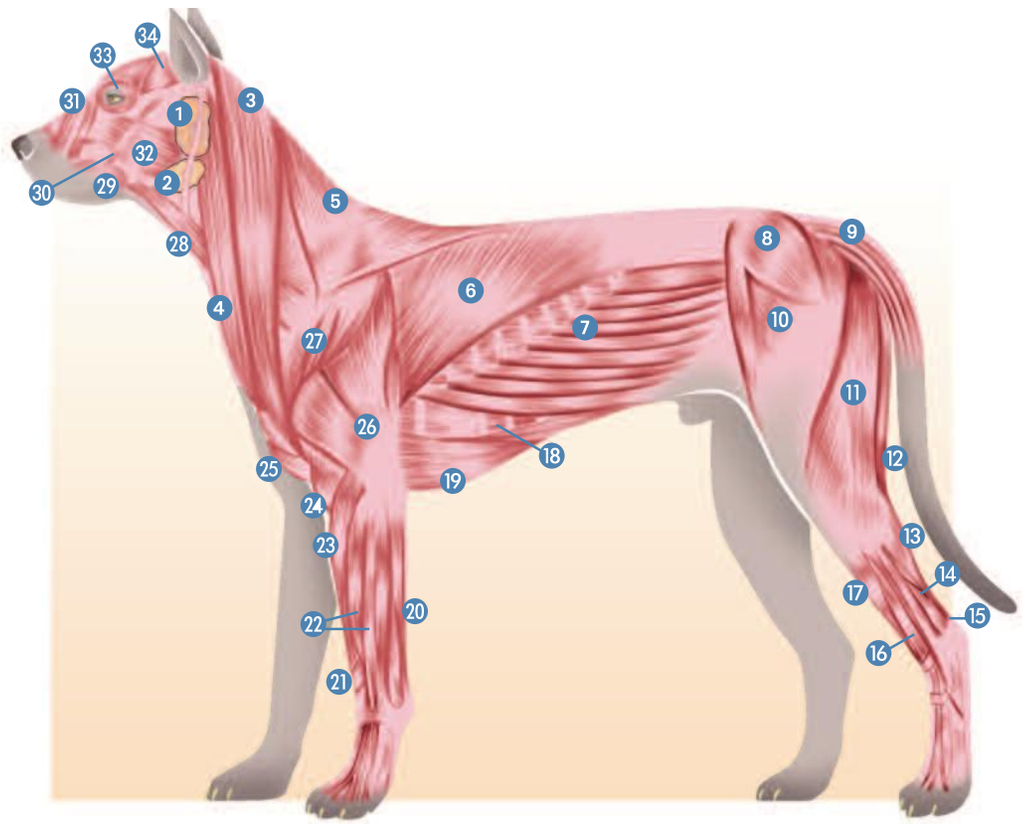
Durante toda a vida do cão o cálcio ósseo constitui uma reserva que aumenta ou diminui de acordo com a taxa de cálcio no sangue, que deve permanecer constante. O centro dos ossos está preenchido pela medula óssea, tecido esponjoso que produz os glóbulos sangüíneos.

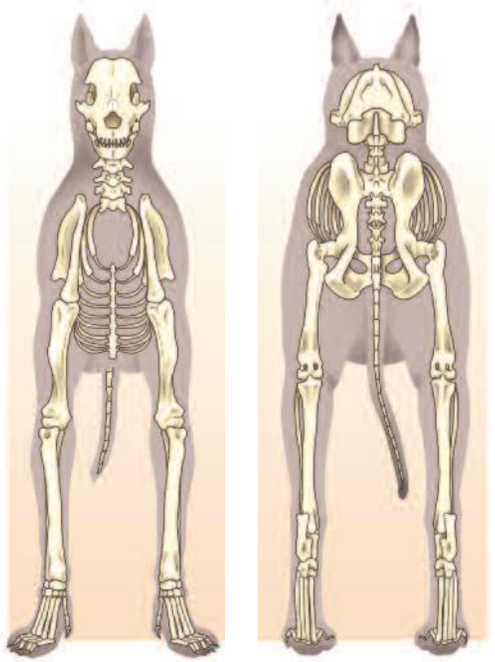
As articulações e os músculos

● **As articulações.** Elas são diferentes de acordo com os movimentos que condicionam: a simples soldadura que não permite nenhum movimento (ossos do crânio), a sínfise cartilaginosa que permite um jogo bem leve entre duas estruturas ósseas (sínfise púbica) e a articulação verdadeira, na qual as superfícies implicadas estão recobertas de cartilagem hialina e de uma cápsula comum às duas articulações.

Essa cápsula determina uma cavidade repleta de um líquido viscoso, o líquido sinovial, que exerce um papel ao mesmo tempo nutritivo e lubrificante para a cartilagem. A cartilagem é um tecido muito frágil que se não se renova se for destruído, decorrendo daí a importância dessa dupla proteção sinovial. Freqüentemente a cápsula articular é circundada por uma camada fibrosa e vários ligamentos que reforçam a contenção articular. Se duas extremidades ósseas não são perfeitamente complementares, um disco ou um menisco cartilaginosos complementares podem se inserir entre as duas superfícies articulares (articulação do joelho).

● **Os músculos.** Eles são constituídos por um conjunto de células contráteis ligadas entre si por membranas formando feixes musculares. Esses feixes terminam fusionando-se e formando tendões fibrosos que se prendem sobre as zonas de inserção óssea. Essas células contráteis possuem constituintes particulares que lhes permitem se encurtar, o que produz, na escala muscular, a contração. Esta precisa da energia trazida pelo fluxo sangüíneo, armazenado e metabolizado pelas células. A determinação dessa contração é nervosa e a junção entre a célula nervosa e a célula muscular é denominada de placa motora. Este é um sistema complexo que permite a transformação da informação nervosa em contração muscular. Portanto, o sistema muscular apresenta uma ligação muito estreita com o sistema circulatório e nervoso e a alteração de um ou do outro implica em repercussões extremamente rápidas sobre o aparelho locomotor.





VISTA DO CONJUNTO DO ESQUELETO DO CÃO DE FRENTE E DE COSTAS

MÚSCULOS SUPERFICIAIS DO CÃO

1. Glândula parótida
2. Glândula mandibular
3. Braquiocefálico
4. Esternocefálico
5. Trapézio
6. Grande dorsal
7. Abdominais (músculo oblíquo externo do abdômen)
8. Músculo glúteo
9. Músculos da cauda
10. Tensor da fascialata
11. Bíceps femoral
12. Semi-tendinoso
13. Gastrocnêmio
14. Músculos flexores dos dedos
15. Tendão calcâneo comum
16. Músculo extensor longo dos artelhos
17. Músculo tibial cranial
18. Músculos intercostais externos
19. Peitoral ascendente
20. Flexor do carpo
21. Músculo extensor do carpo
22. Músculos extensores dos dedos
23. Músculo extensor do carpo
24. Bíceps braquial
25. Peitorais
26. Tríceps braquial
27. Deltóide
28. Omoioideo
29. Orbicular da boca
30. Zigomático
31. Elevador naso-labial
32. Masseter
33. Orbicular
34. Temporal

A pele

No sentido amplo, a pele representa o limite entre o organismo e o meio externo. Ela compreende duas estruturas: a pele no sentido estrito, que é uma estrutura queratinizada e seus anexos (pêlos, glândulas diversas).

A pele tem uma estrutura queratinizada

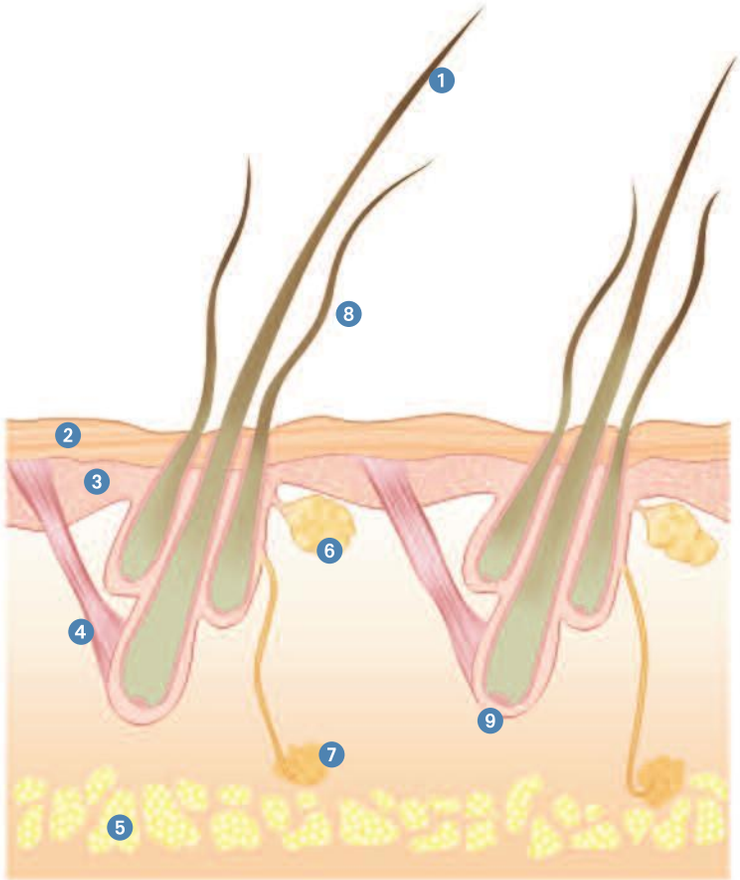
Há três estágios na espessura da pele:

● **A epiderme** é composta de uma camada basal constituída por células em divisão e de células que produzem a melanina (pigmento responsável pela cor da pele) e de uma camada clara (duas a três camadas celulares) muito espessa na trufa e nas almofadas. Tratam-se de células originárias das divisões precedentes e de macrófagos (responsáveis pela "limpeza" de elementos estranhos), de uma camada granulosa na qual as células se achatam, de uma camada córnea composta por células muito achatadas, sem núcleo, que contêm muita queratina e de uma camada superficial na qual as células se descamam.

● **A derme,** separada da estrutura precedente por uma lâmina basal, que representa uma camada espessa da pele: 1,3 mm sobre o dorso até 2,5 mm nas almofadas. Ela contém fibras elásticas e colágeno, que asseguram a elasticidade e a resistência da pele.

● **A hipoderme** forma a camada mais profunda, rica em adipócitos (células gordurosas).

Apenas a derme e a hipoderme são vascularizadas e enervadas recebendo, assim, as informações provenientes tanto do exterior quanto do interior.



A PELE

1. Pêlo primário
2. Epiderme
3. Derme
4. Músculo eretor do pêlo
5. Gordura subcutânea
6. Glândula sebácea
7. Glândula sudorípara
8. Pêlo secundário
9. Papila (secreta a substância do pêlo)

Os diferentes papéis da pele

● **Papel de barreira:** ela se opõe à saída de alguns elementos, tais como a água, os íons e as macromoléculas. No sentido inverso, a entrada de água, de algumas moléculas e de bactérias não é possível. É preciso saber que as células da epiderme podem se encher de água e, neste momento, permitir a penetração de algumas moléculas; esse sistema é útil no caso do uso de curativos úmidos. Entretanto a barreira é bastante mecânica, executando assim um papel de proteção frente a agressões, tais como os raios infravermelhos (intervenção das camadas superficiais), os raios ultravioletas (pêlos e pigmentação) e os agentes biológicos.

● **Papel de troca de secreções:** o suor e o sebo. O suor origina-se nas glândulas apócrinas e exócrinas (estas últimas estão situadas exclusivamente na trufa e nas almofadas plantares). Para o cão, essa secreção somente garante o resfriamento cutâneo local. O sebo é o produto das glândulas sebáceas ao nível dos folículos pilosos, servindo de proteção contra as bactérias, destruindo-as.

Apresenta, também, um papel de troca na absorção de medicamentos ou de tóxicos, como por exemplo o álcool, assim como das vitaminas lipossolúveis, dos hormônios sexuais, etc.

Finalmente, quando há alterações da temperatura, as trocas térmicas são possíveis com as transferências de calorias.

● **Papel metabólico:** a pele intervém no armazenamento de gordura graças aos adipócitos da hipoderme, mas também, em proporção muito pequena, na síntese da vitamina D3 pela ação dos raios ultravioletas sobre as camadas superficiais.

● **Papel sensorial:** por meio das terminações nervosas situadas na derme e na hipoderme, a pele pode informar o organismo sobre a temperatura, a pressão, as dores ou, ainda, o contato com um objeto.

Os anexos da pele

São constituídos por inúmeras formações :

● **Folículos pilosos** que são formados por pêlo e sua bainha, glândula sebácea e músculo eretor, responsável pela ereção do pêlo.

● **Glândulas sudoríparas:** apócrinas: estão situadas na derme profunda e seu canal desemboca na porção inferior da glândula sebácea. Elas estão presentes em todo o corpo. Exócrinas: elas estão localizadas na junção da hipoderme e da derme profunda. São encontradas apenas nas almofadas plantares e na trufa. Seu canal desemboca na epiderme, independentemente do folículo piloso.

● **Outras glândulas** são constituídas pelas glândulas anais, que servem para a marcação do território e pelas glândulas supracaudais, abaixo da base da cauda.

Estrutura do sistema piloso do cão

No cão os folículos pilosos se reúnem em grupos, que comportam um pêlo principal central, mais grosso e mais longo, e pêlos secundários (inexistentes no filhote).

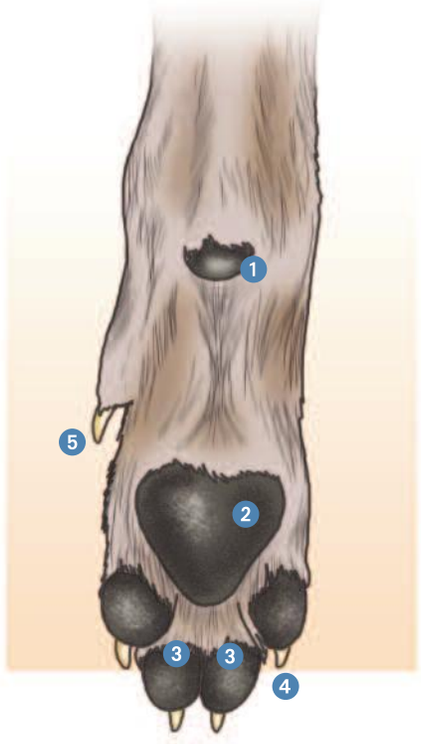
A densidade do pêlo depende da raça e da idade. Quanto mais frágil o pêlo, maior a densidade. Por exemplo, o Pastor Alemão possui de 100 a 300 grupos foliculares por centímetro quadrado enquanto que um cão com pelagem mais frágil pode ter de 400 a 600 grupos por centímetro quadrado. O número de grupos foliculares é determinado desde o nascimento. Em compensação, nos jovens somente os pêlos principais (ou pêlos mais macios) estão presentes, o que dá essa fragilidade bem conhecida. Durante o crescimento o ângulo dos pêlos em relação à pele diminui e chega a 45º no adulto.

A cor do pêlo é determinada geneticamente por processos de dominância de uma cor em relação a uma ou muitas outras. Isso explica a palheta de mantos entre os cães e características de manchas específicas de algumas raças; por exemplo, as manchas do Beagle nada têm em comum com as de um Pastor Alemão.

Quem nunca recolheu um grande tufo de pêlos sobre o tapete no começo do verão? Efetivamente, os pêlos não são eternos. Existe uma atividade cíclica com a perda dos pêlos: é a muda. Assim como nos animais selvagens, no cão ocorrem duas mudas por ano, originando a pelagem de verão e a pelagem de inverno. Essa sazonalidade é explicada pela atividade dos folículos pilosos, que se baseia em três fases:
Anágeno: período de crescimento do pêlo e de sua bainha, o folículo se crava na derme. Sua duração é de aproximadamente 130 dias nos cães e 18 meses para o Galgo afegão.
Catágeno: fase de repouso, o crescimento cessa e a bainha regride.
Telógeno: o folículo se reduz até o orifício das glândulas sebáceas, a base do pêlo se retrai em cone e depois cai. Um outro pêlo entra em anágeno e utiliza o mesmo canal que seu predecessor.
Os pêlos não caem todos ao mesmo tempo; a muda ocorre progressivamente da parte posterior para a anterior do cão. A pelagem de inverno é bem mais espessa do que a do verão para proteger o animal durante o frio intenso.

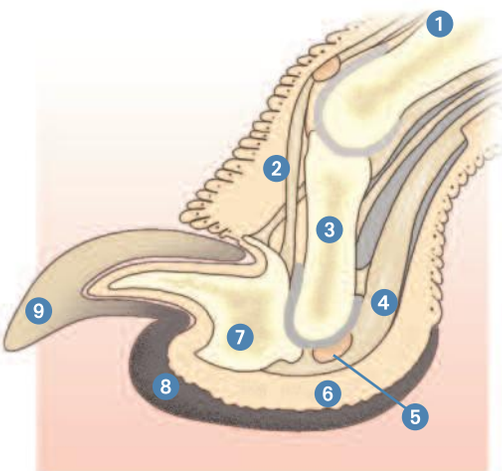
Essas mudanças de pelagem não ocorrem aleatoriamente. O principal determinante da muda parece ser o fotoperíodo (duração da luz em relação ao escuro). O prolongamento do dia provocará a muda de primavera e a diminuição do tempo de luz, a do outono. As mudanças de temperatura só intervirão quanto à densidade e a rapidez de renovação dos pêlos, mas não como fator principal do desencadeamento de mudas.

Mesmo que os pêlos mudem, a pelagem de um cão mantém a sua cor, apesar do aparecimento de pelos brancos no focinho dos cães mais velhos. Não se deve esquecer que a pelagem de um cão se mantém regularmente para evitar qualquer patologia.



VISTA PALMAR DO MEMBRO TORÁCICO DO CÃO

1. Tubérculo carpiano
2. Almofada palmar
3. Almofadas digitais
4. Garra
5. Ergot

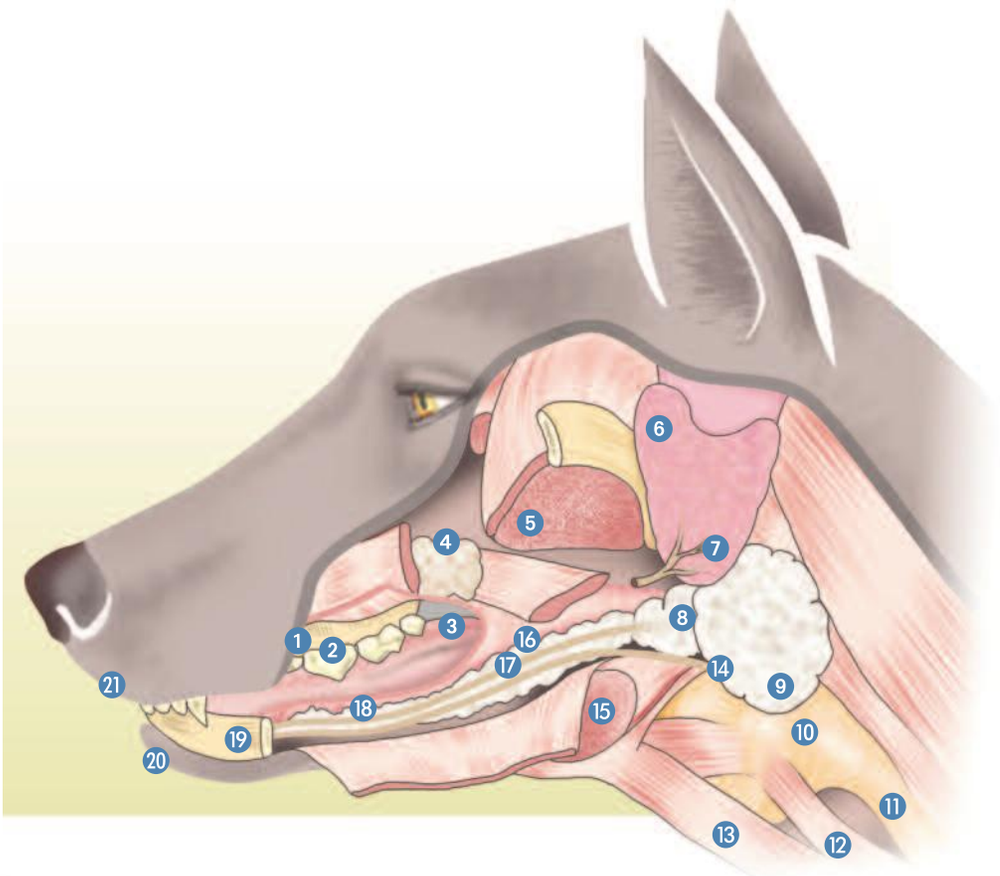


CORTE MEDIANO DA GARRA DO CÃO

1. Falange proximal
2. Tendão do músculo extensor dos dedos
3. Falange média
4. Tendão do músculo flexor do dedo
5. Osso sesamóide distal
6. Tecido subcutâneo
7. Falange distal
8. Epiderme
9. Garra

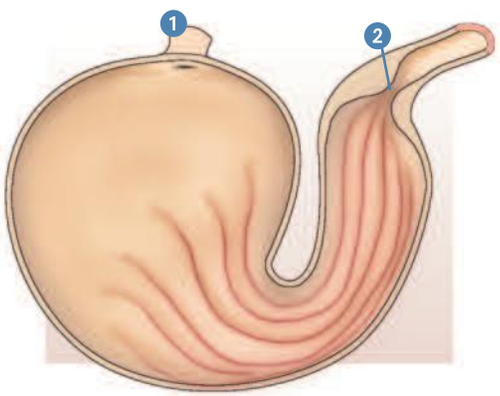
A digestão

Graças à digestão, o cão tem à sua disposição os nutrientes (moléculas utilizadas diretamente pelas células), já que ingere alimentos de natureza molecular muito complexa para serem, ao mesmo tempo, absorvidos pelo intestino e utilizados pelas células.
Portanto, o aparelho digestivo do cão está totalmente voltado para a simplificação molecular dos alimentos (glicídios, lipídios e protídios) e a absorção dos nutrientes. Eles podem ser separados em três seções anatômicas: a primeira, ingestiva, compreende a língua, os dentes, as glândulas salivares, a faringe e o esôfago; a segunda, digestiva, comporta o estômago, o intestino delgado, o intestino grosso e as glândulas anexas (fígado e pâncreas); a terceira, evacuatória, compreende a extremidade do intestino grosso e o canal anal.



DISPOSIÇÃO DA CAVIDADE ORAL DO CÃO

1. Cavidade própria da boca
2. Dente molar
3. Dorso da língua
4. Glândula zigomática
5. Seção do músculo temporal
6. Glândula parótida
7. Ducto parotideano
8. Glândula sublingual
9. Glândula mandibular
10. Faringe
11. Esôfago
12. Músculo esterno-tiroideo
13. Músculo esterno-hioideo
14. Ducto mandibular
15. Seção do músculo digástrico
16. Glândula sublingual
17. Ducto da glândula sublingual
18. Glândula sublingual
19. Mandíbula
20. Lábio inferior
21. Lábio superior



CONFORMAÇÃO INTERNA DO ESTÔMAGO DO CÃO

1. Cárdia - 2. Piloro

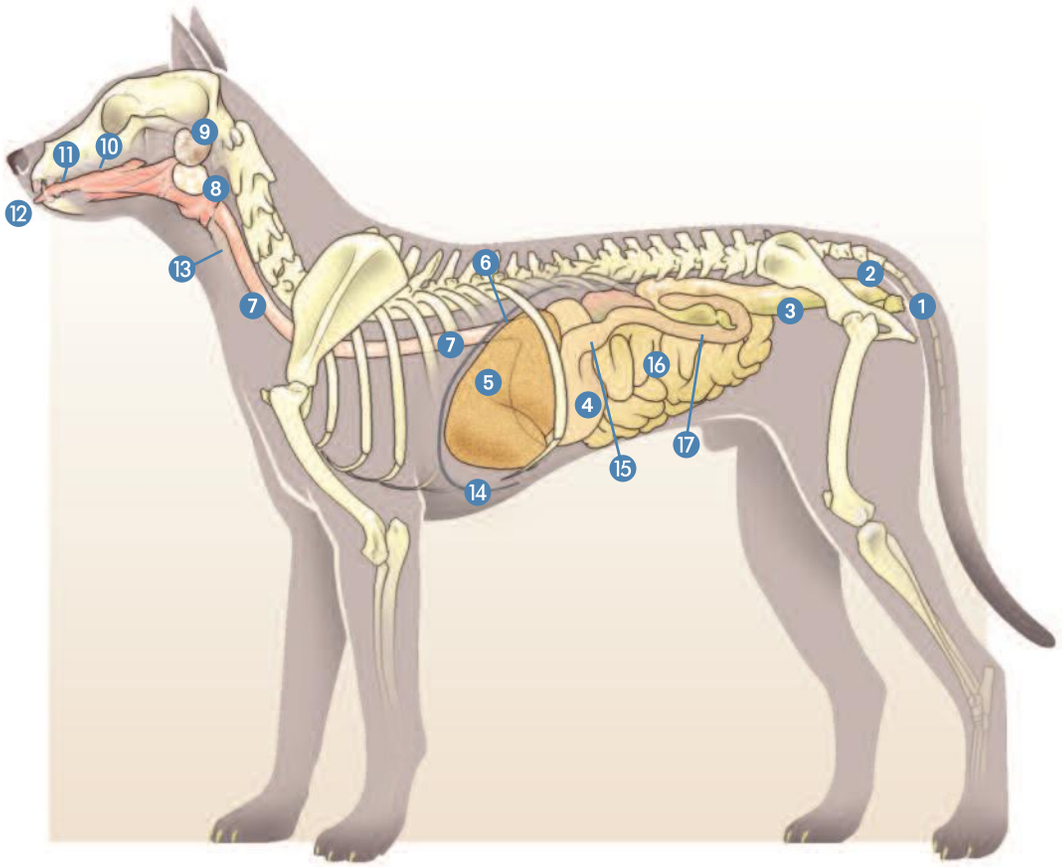
A ingestão dos alimentos

● **A boca.** O cão ingere os alimentos apanhando-os com a boca. Como ocorre com os carnívoros, os dentes dos canídeos são especializados para a sua função na mastigação. Entretanto, hoje em dia, seja a alimentação do cão doméstico caseira ou industrial, será necessário apenas engolir sem praticamente usar a pré-digestão mecânica. As glândulas salivares, pares, lançam a saliva na cavidade bucal e, através de seus componentes aquosos e mucosos, ela permite umedecer os alimentos e facilitar seu trânsito no esôfago. No momento da deglutição, a língua empurra os alimentos para a orofaríngе, a epiglote se fecha (evitando assim que o alimento penetre na traquéia) e os alimentos são encaminhados para o esôfago.

● **O esôfago.** A chegada da refeição e as contrações musculares do esôfago conduzem os alimentos pelo tórax e o diafragma até o estômago pela região denominada cárdia.

A digestão dos alimentos

Os alimentos são constituídos por três tipos de moléculas: os glicídios, os protídios e os lipídios. Para sua digestão o organismo utiliza mecanismos e enzimas diferentes em locais distintos do tubo digestivo. Nesta ocasião é interessante observar as diferenças que existem em relação ao tamanho do cão: assim, se o tubo digestivo de um cão de raça pequena representa 7% de seu peso corporal, este número será apenas de cerca de 3% para um cão de tamanho grande, o que torna este último em geral mais "frágil" no plano digestivo.



DIGESTIVO DO CÃO

1. Ânus
2. Reto
3. Colo descendente
4. Estômago
5. Fígado
6. Cárdia
7. Esôfago
8. Glândula mandibular
9. Parótida
10. Molares
11. Presas
12. Língua
13. Traquéia
14. Diafragma
15. Piloro
16. Intestino delgado
17. Duodeno

● **Estômago.** Está situado à esquerda da cavidade abdominal, atrás do gradial costal, e ultrapassa ligeiramente o esterno. Seu volume é grande em relação ao dos intestinos, devido à alimentação carnívora do cão. Entretanto, assim que o cão termina a refeição seu volume aumenta: quando totalmente distendido ele pode ocupar a metade da cavidade abdominal. Dentro do estômago os alimentos sofrem uma digestão ao mesmo tempo mecânica e química. As contrações das túnicas musculares permitem o processamento que estimula a mistura dos alimentos com o suco gástrico, ocorrendo a digestão química.

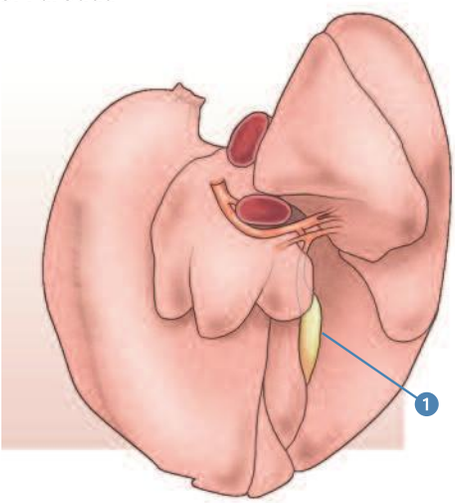
● **Intestino delgado.** Em seguida o bolo digestivo é propulsionado pelo piloro para o duodeno, que é a primeira parte do intestino delgado. Entretanto o intestino é frágil e o esvaziamento gástrico ocorre lentamente, controlado ao mesmo tempo pelo piloro e pela porção inicial do duodeno.

● **Glândulas digestivas.** O conjunto do bolo digestivo transita agora pelo intestino delgado, no qual ele é em seguida submetido à digestão química através das secreções pancreática e hepática, que são liberadas no duodeno por ductos secretores.

● **Pâncreas.** É um órgão muito alongado, que nos carnívoros tem a forma do V. Essa glândula é constituída por um conjunto de células chamadas ácinos, que fabricam e lançam no canal pancreático enzimas digestivas: é o suco pancreático. Esta secreção só ocorre durante as refeições.
As enzimas são lançadas sob a forma inativa (do contrário destruiriam os órgãos que atravessam) e são ativadas por processos químicos dentro do intestino. Desta forma, estas enzimas são as precursoras das proteases, das lipases e das amilases. Antes de mais nada o suco pancreático é composto por bicarbonatos que permitem neutralizar o conteúdo do intestino acidificado pelo estômago.

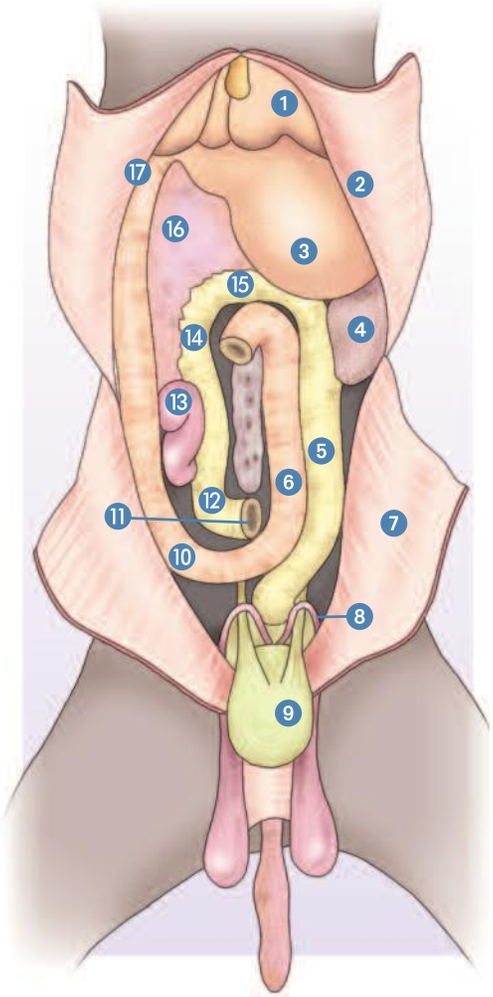
● **Fígado.** É um órgão com múltiplas funções, sendo uma delas digestiva. Ele se situa à direita, atrás do diafragma. As células do fígado são organizadas em lóbulos hepáticos. A bile que elas secretam é conduzida pelos dutos biliares, que terminam na vesícula biliar, onde a bile é armazenada fora das refeições. A secreção da bile é contínua durante todo o dia. Assim que o bolo digestivo atinge o duodeno a vesícula se contrai e libera a bile, que entra em contato com os alimentos pré-digeridos.

A bile é composta por água, sais minerais, pigmentos e sais biliares. Os pigmentos biliares não têm nenhuma função na digestão (eles são os produtos da degradação da hemoglobina) e são excretados pelo tubo digestivo. Os sais biliares têm um papel fundamental na digestão dos lipídios.



O FÍGADO DO CÃO (FACE VISCERAL)

Lobos e vesícula biliar (1)



CAVIDADE ABDOMINAL DO CÃO (ANIMAL EM DECÚBITO DORSAL)

1. Fígado
2. Arco costal
3. Estômago
4. Baço
5. Colo descendente
6. Parte ascendente do duodeno
7. Parede do abdômen
8. Ducto deferente
9. Bexiga
10. Parte transversa do duodeno
11. Jejuno
12. Íleo
13. Ceco
14. Colo ascendente
15. Colo transverso
16. Pâncreas
17. Parte descendente do duodeno

● **A microfibra digestiva.** Assim como em todas as espécies animais, o intestino do cão é povoado por uma grande microflora, constituída por microorganismos, essencialmente bacterianos, que participam ativamente dos fenômenos da digestão. Essa flora intestinal é muito sensível às variações da qualidade do alimento (o cão é carnívoro), o que faz com que, contrariamente ao homem (que é omnívoro), o cão não possa mudar de alimento a cada refeição, o que pode causar destruição da flora e diarréia.

Esse fenômeno explica:
- a necessidade obrigatória de uma transição alimentar de oito dias ao se mudar de alimento;
- o fato de que, quando misturadas ao alimento, algumas bactérias lácteas apresentam virtudes digestivas muito positivas para o cão (fala-se de "probióticos").

● **A digestão dos glicídios.**
Os glicídios estão presentes na alimentação sob inúmeras formas, mais ou menos complexas. A molécula de base é denominada ose: glicose e frutose, por exemplo. As outras moléculas são uma cadeia dessas oses. Assim, o amido é uma enorme molécula formada por uma grande quantidade de moléculas de glicose.

● **A digestão dos glicídios** simplifica as grandes moléculas e facilita sua absorção. As enzimas que participam dessa reação química: são as amilases produzidas pelas glândulas salivares (em pequena quantidade) e pelo pâncreas. Na sua grande maioria a simplificação dos glicídios é feita no intestino delgado.

● **A digestão dos lipídios.** Os produtos da digestão dos lipídios são os triglicerídeos. Estas moléculas são digeridas graças à lipase pancreática (enzima específica dos lipídios) e aos sais biliares do fígado, que formam uma emulsão com os triglicerídeos, o que aumenta o contato com as lipases. Estas enzimas hidrolizam parcialmente os lipídios para dar origem às microgotículas lipídicas, chamadas micelas.

● **A digestão dos protídios.**
Os protídios são cadeias de aminoácidos mais ou menos grandes. Somente os aminoácidos de cadeias menores podem ser absorvidos: enzimas em condições particulares simplificam estas moléculas.
No estômago a acidez e as proteases (enzimas específicas dos protídios) do suco gástrico dão início à digestão dos protídios, que continua a ocorrer no intestino graças às proteases pancreáticas

A absorção de nutrientes

● **O intestino** é o local onde ocorre a maior parte da digestão e da absorção de nutrientes. Ele forma alças que se distribuem na cavidade abdominal que medem seis vezes o comprimento do corpo do cão e fazem pregas dentro do abdômen. O conjunto de vísceras abdominais é revestido pelo grande omento ou epíplo, que permite manter uma certa topografia constante dos órgãos.

O interior do intestino delgado é constituído por dobras na parede: desta forma a superfície de absorção é aumentada. As células que constituem as microvilosidades (últimas pregas da parede no nível celular) não têm a mesma função. As inferiores secretam principalmente muco e as superiores absorvem os nutrientes digeridos. Antes de mais nada, as células mortas, ao se degradarem, liberam outros tipos de enzimas. Dependendo da natureza do bolo digestivo, a absorção é diferente.

● **A absorção dos glicídios.** No que se refere aos glicídios, as formas que se encontram no intestino delgado são as oses. Elas são absorvidas pelas células intestinais, e são encontradas nos vasos sangüíneos, em grande número no intestino delgado.

● **A absorção dos lipídios.** As micelas são absorvidas pelas células intestinais. Em seguida, os diferentes constituintes das micelas são remanejados no interior das células para produzir triglicerídeos. Estes são fixados por proteínas e por outras moléculas e são retomados pelos vasos linfáticos do intestino delgado.

● **A absorção dos protídios.** Os aminoácidos são absorvidos de modo complexo pelas células do intestino. Entretanto, outras formas também estão presentes na "luz" intestinal: os peptídeos, que são cadeias mais ou menos longas de aminoácidos. As mais curtas, formadas por dois ou três ácidos, podem ser absorvidas por um sistema ativo. Elas são hidrolisadas pelas enzimas das células. Assim, são os aminoácidos que serão encontrados na circulação sangüínea.

A absorção de outros nutrientes

A água e os sais minerais também são absorvidos no intestino: a primeira apenas em parte do intestino delgado, por meio de mecanismo que atua sobre os íons de sódio e as moléculas de glicose ou de aminoácidos; os minerais o serão em diversos níveis do intestino e através de mecanismos diferentes: por exemplo, o cálcio é absorvido no duodeno com a intervenção de uma proteína de transporte.

Os vasos sangüíneos do intestino se unem para formar a veia porta, que se dirige para o fígado, órgão de armazenamento.

A evacuação das fezes

As porções intestinais que se seguem são as diferentes partes do intestino grosso: o ceco, o cólon, o reto e o canal anal. No cão eles têm um comprimento de cerca de 70 cm.

● **O ceco e o cólon**

O ceco, muito curto, tem a mesma função do cólon. Este se encontra dorsalmente sob o lombo. Sua função é de absorver os nutrientes que não o foram pelo intestino delgado, que é principalmente o caso da água. O restante do bolo digestivo é digerido parcialmente pela flora microbiana intestinal, porém esta ação é acessória no cão; os nutrientes resultantes são absorvidos do mesmo modo que no intestino delgado.
Eles também apresentam uma função na formação, armazenamento e evacuação das fezes, os excrementos.

● **O reto e o canal anal**

Eles se encontram na cavidade pélvica. Sua função é armazenar as fezes (como em todos os carnívoros) e evacuá-las.

● **A defecação**

A eliminação das fezes ocorre em três etapas. A primeira, essencialmente comportamental, corresponde à procura do local: os cães tendem a se afastar do local em que vivem. Em seguida, ocorre a fase de preparação mecânica: a contração dos diversos músculos faz com que o cão tome uma posição particular. A última, a fase de evacuação propriamente dita, ocorre com a contração significativa do intestino grosso.

A respiração

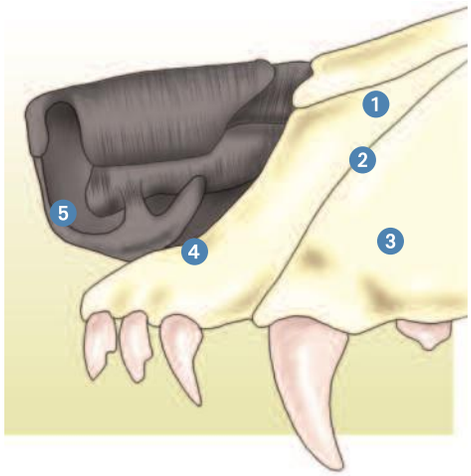
A respiração é a função que permite ao organismo fornecer oxigênio às suas células e livrá-las do dióxido de carbono.
O aparelho respiratório do cão pode ser dividido em duas partes: o aparelho respiratório superior e o aparelho respiratório inferior.

O aparelho respiratório superior

Ele é constituído por cavidades nasais, nasofaringe, laringe e traquéia. As cavidades nasais se encontram no focinho e na fronte do cão e elas se abrem para o exterior pelas narinas, que se encontram na trufa. De estrutura cartilaginosa, elas são muito abertas e permitem a entrada do ar.

● **As cavidades nasais e a nasofaringe.** As cavidades nasais que as seguem são constituídas de conchas e dos **seios** nasais. Elas estão separadas por uma parede óssea mediana e os ossos que a constituem estão enrolados em si mesmos (as conchas).

Temperatura corporal: 38,5 a 39ºC.
Ritmo cardíaco médio (número de pulsações por minuto): 70 a 120
Pressão arterial: 12/6
Número médio de respirações por minuto: 15 a 20



A RESPIRAÇÃO
CAVIDADES NASAIS DO CÃO

1. Osso nasal
2. Osso incisivo
3. Maxilar
4. Cartilagem lateral
5. Septo nasal

Portanto, a mucosa que as recobre é muito extensa, o que permite ampliar sua função: ricamente vascularizada, ela aquece o ar e o satura de vapor de água.

Além disso, as glândulas nasais contidas nelas secretam muco, que capta as partículas agressivas do ar (poeiras, micróbios). Uma outra parte da mucosa, olfativa, permite que o cão sinta os odores. Após a passagem através das cavidades nasais, o ar é encaminhado através das coanas para a nasofaringe, que se situa no fundo da boca. Encontrar-se-á, assim, a uma temperatura quase igual à do organismo e livre de impurezas.

● **A laringe.** O ar continua seu trajeto até os pulmões através da laringe e da traquéia. A laringe é constituída de quatro cartilagens (cricóide, tiróide, aritenóide e epiglote) e está presa aos ossos do crânio pelo osso hióide. Um conjunto de músculos permite a mobilização das cartilagens, uma em relação às outras. Assim, aberta para a respiração, a laringe se fecha quando o cão engole, impedindo que os alimentos se transfiram para a traquéia no caso de falsa via. Ela também modula a quantidade de ar através de seu sistema de fechamento mais ou menos significativa. A laringe também possui as cordas vocais que, enquanto vibram com a passagem do ar, emitem sons: rosnados, latidos.

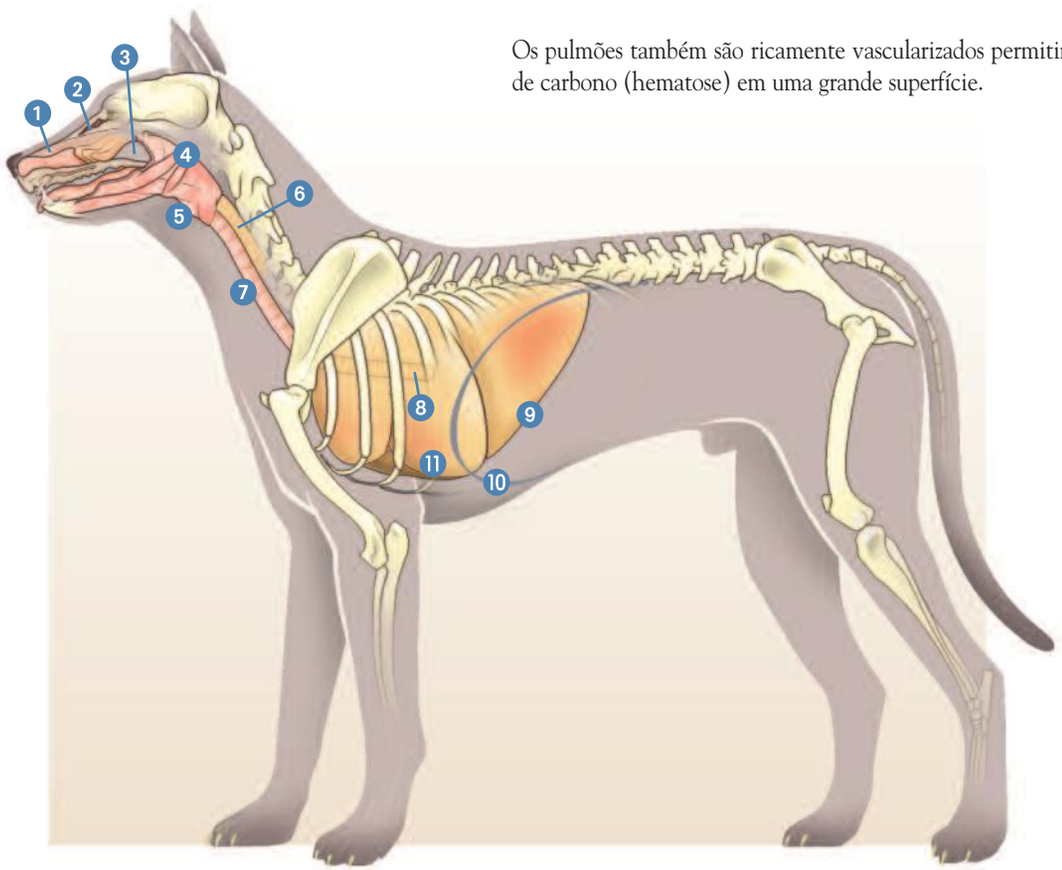
● **A traquéia.** É um longo tubo formado por cerca de quarenta anéis cartilaginosos fechados por um músculo traqueal. Ela conduz o ar da laringe (na garganta) até os brônquios (no tórax). A contração do músculo traqueal diminui o diâmetro da traquéia modulando a quantidade de ar ou se opõe à dilatação excessiva no caso de tosse, por exemplo

O aparelho respiratório inferior

Ele compreende os brônquios e os pulmões, situados no interior da cavidade torácica, da qual estão separados pela pleura. O tórax do animal é delimitado lateralmente pelas costelas e por trás pelo diafragma. Os pulmões são separados da falange costal pelas pleuras, o que mantém o espaço pleural. Desta forma eles ficam sempre cheios de ar. Os pulmões do cão estão divididos em sete lobos pulmonares: três à esquerda (os lobos apical (cranial), médio e diafragmático (caudal)) e quatro à direita (os lobos apical, médio, diafragmático e acessório).

Os brônquios se dividem e asseguram a condução do ar até os alvéolos pulmonares: existem tantos brônquios quantos lobos pulmonares. Em seguida eles se dividem em bronquíolos de calibre cada vez mais reduzido.

Os pulmões também são ricamente vascularizados permitindo assim a troca de oxigênio e de dióxido de carbono (hematose) em uma grande superfície.



ESQUEMA GERAL DO APARELHO RESPIRATÓRIO DO CÃO

1. Cavidade nasal
2. Seio frontal
3. Coana
4. Faringe
5. Laringe
6. Esôfago
7. Traquéia
8. Terminação da traquéia
9. Bordo basal do pulmão esquerdo
10. Projeção do diafragma
11. Pulmão esquerdo

Os fenômenos respiratórios

A respiração é por si só um fenômeno complexo que envolve ações musculares e a circulação sangüínea.

● **As trocas gasosas** entre o ar alveolar e o fluxo sangüíneo são tributárias de pressões de oxigênio e de dióxido de carbono de um e outro lado da parede do capilar sangüíneo: os gases se deslocam de regiões em que a pressão é elevada para outras em que ela é menor.

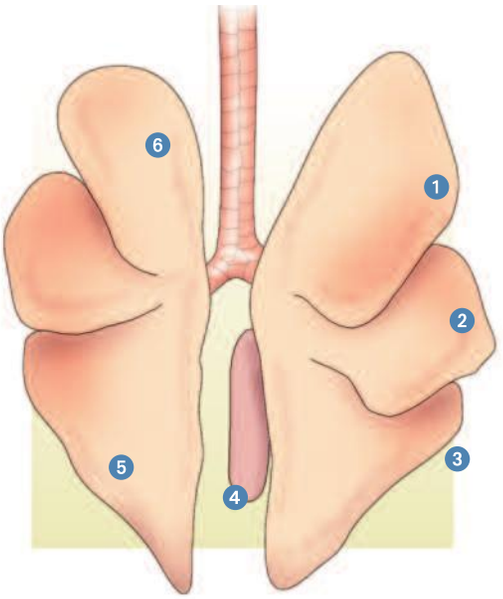
Assim, o dióxido de carbono passa dos capilares sangüíneos para o ar pulmonar e o oxigênio empreende o caminho inverso. Para permitir a hematose constante, o ar e o sangue devem ser permanentemente renovados. O sangue circula graças ao coração que funciona como uma bomba sangüínea.

● **A ventilação pulmonar** renova o ar dos alvéolos. Ela se efetua em dois tempos: a inspiração faz entrar o ar "novo" nos pulmões e a expiração expulsa o ar viciado. A inspiração deve-se essencialmente à contração do diafragma e dos músculos intercostais, com o relaxamento dos músculos abdominais. Essas contrações permitem o aumento do volume torácico e, assim, a penetração do ar nos pulmões, que se incham como um balão. Na expiração os músculos citados anteriormente se relaxam progressivamente e o tórax diminui de volume devido à sua elasticidade.

No cão, a freqüência respiratória normal é de dez a trinta inspirações por minuto. Ela varia conforme o tamanho do animal (os cães pequenos têm freqüência respiratória mais elevada que os grandes), seu estado de boa disposição e seu nervosismo.

● **A regulação.** O conjunto da respiração está sob controle nervoso: esse comando é essencialmente inconsciente. Por se tratarem de movimentos forçados (inspiração e expiração que ultrapassem o volume normal, como por exemplo o suspiro), ela pode se tornar consciente de modo excepcional. De acordo com muitos dados fisiológicos, o cão pode modificar sua freqüência e/ou seu volume respiratórios. Por exemplo, no caso de um esforço muscular significativo o cão ofega: ele respira mais rápido pela goela e aumenta seu volume normal. De fato, a ação muscular consome mais oxigênio e aquece o corpo do animal. O cão aumenta sua velocidade respiratória para permitir uma melhor perfusão de oxigênio nas células – o coração também bate mais rápido – e, como o cão praticamente só transpira através das almofadas, a perda de vapor de água permite resfriar seu corpo por intermédio dos pulmões. O fato de respirar pela boca também coloca o ar frio da traquéia em contato com os vasos sangüíneos quentes que ele resfria.

Além do mais, existe a regulação em relação com a qualidade do ar inspirado (a pressão do oxigênio do ar diminui com a altitude), com as pressões de oxigênio e de dióxido de carbono do sangue e em função do pH sangüíneo, que intervém sobre a pressão sangüínea sob a forma de dióxido de carbono.



PULMÕES DO CÃO – VISTA DORSAL

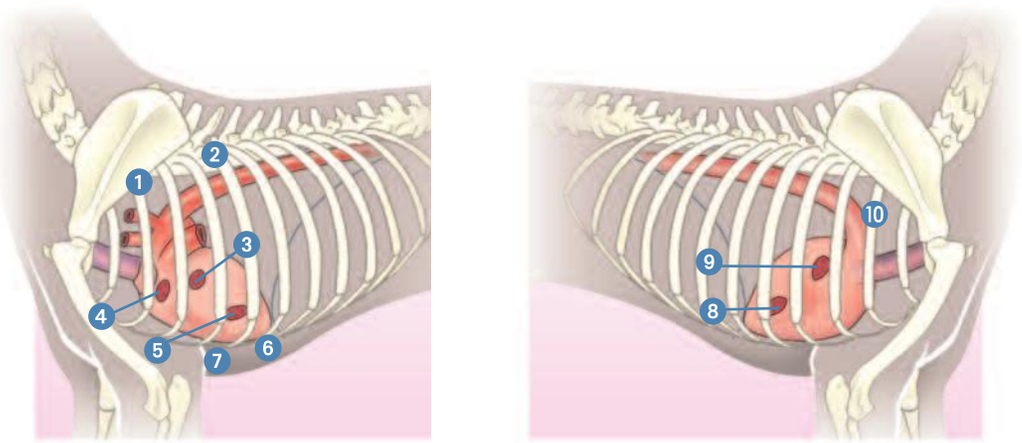
1. Lobo cranial
2. Lobo médio
3. Lobo caudal direito
4. Lobo acessório
5. Lobo caudal esquerdo
6. Lobo cranial esquerdo

As circulações sangüínea e linfática

Entende-se por circulação sangüínea o estudo dos vasos (veias e artérias) e do coração, tanto no plano anatômico quanto no fisiológico. Como esta circulação é diferente no feto e no adulto, o estudo será, portanto, realizado separadamente. A circulação linfática é o sistema de drenagem que serve a circulação geral.

A circulação sangüínea no feto

A formação dos primeiros vasos tem início assim que o embrião não consegue mais se nutrir pela simples difusão de célula a célula. O desenvolvimento dos órgãos internos exige a ingestão de nutrientes vitais diretamente pelas células envolvidas. Em compensação, o coração tem uma origem bem mais complicada: ele se forma a partir de células superficiais do embrião. Ele permanece extra-embrionário no início para se tornar intra-embrionário e tomar seu lugar definitivo no interior do tórax. Inicialmente, a forma do coração é retilínea (vestígio da evolução), para em seguida se encurvar, sofrer rotações e, finalmente, adquirir a forma que conhecemos.
No feto, os "pulmões" não estão funcionais e o oxigênio é trazido pelas veias umbilicais provenientes da mãe e o dióxido de carbono sai pelas artérias umbilicais. Assim, toda uma parte da circulação sofre "derivação" graças aos orifícios intracardíacos e a um canal que liga a aorta (artéria principal que sai do



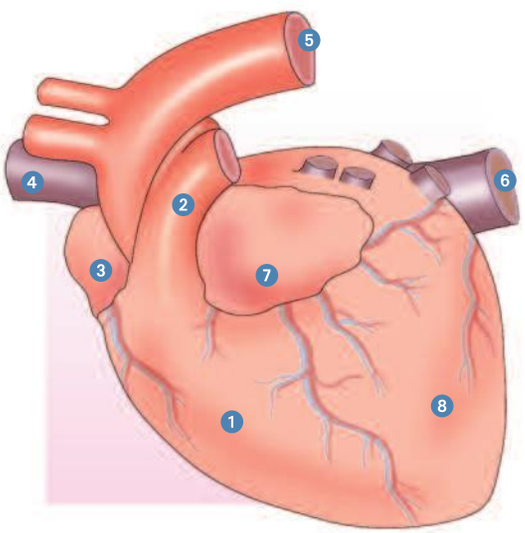
Coração do cão

1. 3ª costela
2. 6ª costela
3. Orifício aórtico
4. Orifício pulmonar
5. Orifício átrio-ventricular esquerdo
6. Ápice do coração
7. Extremidade do cotovelo
8. Válvula tricúspide
9. Orifício aórtico
10. 3ª costela

coração esquerdo) ao tronco pulmonar (que sai do coração direito): é ele que denominamos de canal arterial. O fechamento do coração só ocorre no final da gestação e nas primeiras horas após o nascimento. Por outro lado, o canal arterial só se fecha após o nascimento, assim que os pulmões entrarem em funcionamento.
Esse desenvolvimento pode ter anomalias como, por exemplo, problemas de fechamento do coração, persistência do canal arterial ou ainda problemas de posicionamento do coração.

A circulação sangüínea no adulto

Se houver desenvolvimento normal, o eixo do coração do cão é oblíquo em relação ao eixo de seu corpo e o coração está mais à esquerda do que à direita (aos 4/7º). Ele é achatado transversalmente, o que posiciona o coração direito cranialmente (voltado para a parte frontal do cão) e o coração esquerdo caudalmente (voltado para trás). Assim, a base do coração, onde se situam os vasos, é cranial e dorsal, enquanto o ápice é caudal e ventral. Sua área de representação se encontra entre a terceira e sexta costelas e seu peso varia muito em função da raça do cão.



Face auricular do coração do cão

1. Ventrículo direito
2. Tronco pulmonar
3. Aurícula direita
4. Veia cava cranial
5. Aorta
6. Veia cava caudal
7. Aurícula esquerda
8. Ventrículo esquerdo

● **O coração** se divide em quatro grandes partes: o átrio direito recebe o sangue pobre em oxigênio e o envia para o ventrículo direito, que o expulsa para os pulmões; o átrio esquerdo recebe o sangue dos pulmões, rico em oxigênio, o envia para o ventrículo esquerdo, que por sua vez o expulsa para as diferentes partes do corpo. No adulto, o coração está totalmente fechado, não há mais mistura entre os sangues rico e pobre em oxigênio e a passagem pelos diferentes compartimentos ocorre graças às válvulas, que formam um sistema de "portas".

Fisiologicamente, o coração trabalha conforme um ciclo regular, chamado de revolução cardíaca. As cavidades cardíacas, dotadas de propriedade contrátil, evoluem em duas fases: uma sístole (fase de contração) e uma diástole (fase de relaxamento). Entretanto, estas fases não são síncronas para todas as cavidades e desta foram a contração dos átrios precede à dos ventrículos. O conjunto de revoluções cardíacas, que duram um minuto, definem a freqüência cardíaca. No cão, esta última varia de 70 a 160, dependendo do tamanho (as raças pequenas têm uma freqüência maior do que as raças grandes) bem como com a atividade esportiva. Também se observa, e de modo totalmente fisiológico, uma diminuição de freqüência, ou bradicardia, durante o sono e um aumento desta freqüência, ou taquicardia, por ocasião de um esforço qualquer ou de um estresse significativo (consulta ao veterinário, por exemplo).

● **A revolução cardíaca.** Mais precisamente, a revolução cardíaca ocorre de acordo com um ciclo bem determinado. Graças à baixa pressão do retorno venoso e à abertura das válvulas aurículo-ventriculares, os ventrículos se preenchem passivamente (as válvulas arteriais estando fechadas) e posteriormente a contração dos átrios completa o preenchimento, que é a sístole auricular.

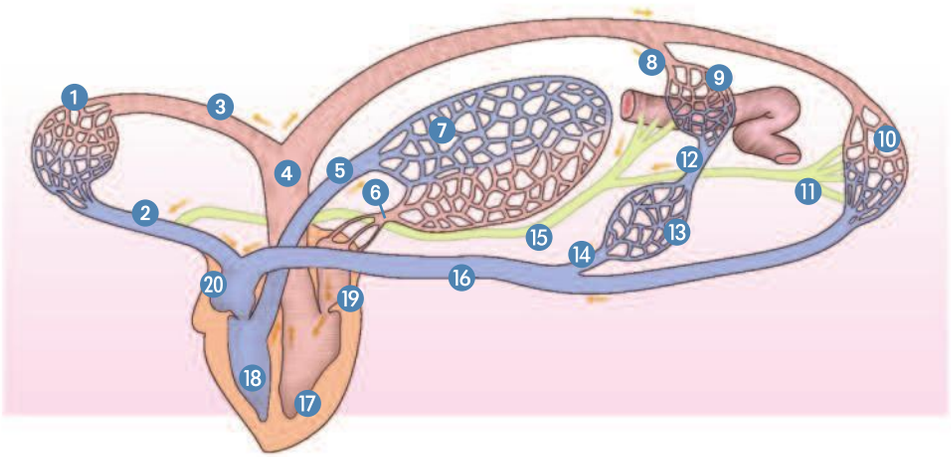
Em seguida tem início a sístole ventricular: o ventrículo é preenchido totalmente e a pressão intraventricular aumenta, o que fecha as válvulas aurículo-ventriculares no início da contração dos ventrículos. Essa contração se torna mais intensa, de modo que a pressão intraventricular torna-se superior à pressão das artérias, o que provoca a abertura das válvulas arteriais. Finalmente, os músculos cardíacos se relaxam, o que permite o fechamento das válvulas arteriais: é a fase de relaxamento. Os átrios se preenchem novamente, as válvulas aurículo-ventriculares se abrem, os ventrículos se preenchem e tem início um novo ciclo.

De fato, ao auscultar com o estetoscópio, o clínico perceberá somente os ruídos provocados por estas diferentes fases. Para os cães, a revolução cardíaca se traduz em dois sons: grave (tum), pequeno silêncio, "ta" grande silêncio. O grave corresponde a um som longo, pois tem origem múltipla: fechamento das válvulas aurículo-ventriculares, entrada sob pressão do sangue nos ventrículos e fluxo turbulento do sangue na raiz dos grandes troncos arteriais. O "ta" corresponde a um som mais breve, pois sua origem é única: fechamento das válvulas arteriais. Qualquer outro ruído pode ser considerado como patológico no cão. Por outro lado, a utilização de procedimentos mais recentes, tais como a eletrocardiografia e a ecocardiografia, permitiu uma maior precisão no estudo de toda a revolução cardíaca. Entretanto, sua interpretação continua complexa e deve ser deixada para os especialistas.

Finalmente, podemos nos perguntar de onde vem o ritmo do coração. Na parede muscular existem três tecidos chamados nodais, compostos de células que podem se despolarizar lenta e espontaneamente, gerando um potencial de ação que se propaga para todas as células cardíacas e provoca a contração do coração. É o tecido nodal situado nos átrios que impõe seu ritmo, tendo, portanto, a função de "marcapasso" para o coração.

SANGUE

Volume de sangue (volemia): 80-90 ml de sangue por kg de peso vivo*
(* peso vivo: peso do animal vivo)
Glóbulos vermelhos: 5,5 a 8,5 x 106 por mm³. (= 5 500 000 a 8 500 000)
Glóbulos brancos:
6 000 a 17 000 por mm³.
Hemoglobina: 12 a 18 g por 100 mL.
Plaquetas: 200 000 a 500 000 por mm³.
Hematócritos (%): 37-55
(volume dos glóbulos vermelhos em relação ao volume sangüíneo).
Cálcio: 95 a 120 mg/litro.
Glicose: 0,7-1,1 g/litro.
Lipídios totais: 5,5 a 14,5 g/litro.
Colesterol: 0,5 a 2,7 g/litro.
Fósforo: 40 a 80 mg/litro.
Tempo de sangramento (orelha):
2 a 3 minutos.
Tempo de coagulação: 6 a 7,5 minutos.



LOCALIZAÇÃO DO APARELHO CIRCULATÓRIO
ESQUEMA GERAL DA CIRCULAÇÃO

1. Capilar da cabeça
2. Veia cava cranial
3. Tronco braquiocefálico
4. Aorta
5. Tronco pulmonar
6. Veias pulmonares
7. Capilar dos pulmões
8. Tronco celíaco e mesentérico
9. Capilares das vísceras digestivas
10. Capilares do corpo
11. Canais linfáticos do corpo
12. Veia porta
13. Capilar do fígado
14. Veias sub-hepáticas
15. Canal torácico (linfa)
16. Veia cava caudal
17. Ventrículo esquerdo
18. Ventrículo direito
19. Aurícula esquerda
20. Aurícula direita.

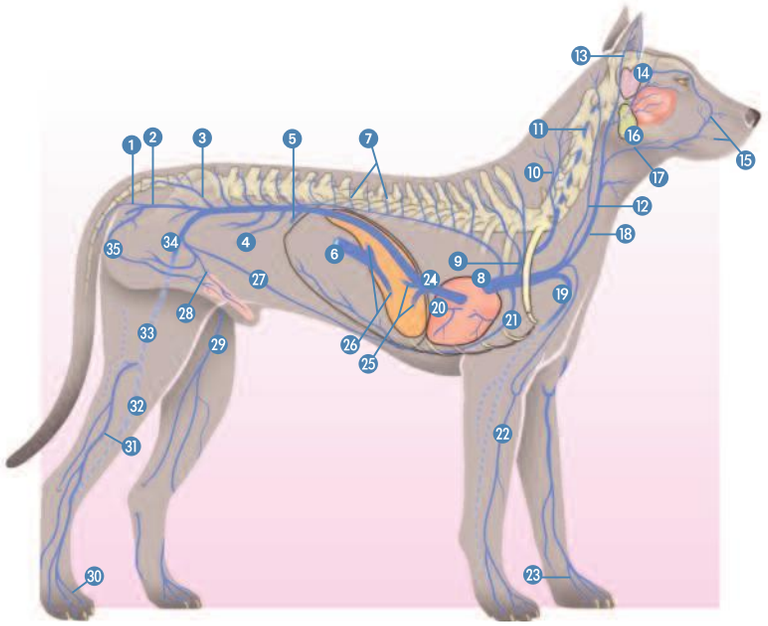
O ritmo cardíaco pode ser modificado por vários fatores, externos (visão de um objeto estressante) ou internos, provocando uma ação sobre os trajetos nervosos, compostos por fibras aceleradoras ou moderadoras. O pulmão e os gases sangüíneos também influenciam a freqüência cardíaca graças aos barorreceptores situados sobre o arco da aorta. Um excesso de oxigênio reduz o ritmo cardíaco, enquanto que um excesso de gás carbônico tem efeito acelerador.

● **As artérias e as veias.** A função do coração é apenas de propulsor, pois são os vasos sangüíneos que levam o sangue até os órgãos. Anatomicamente, os vasos que saem do coração são denominados de artérias (com sangue rico ou pobre em oxigênio) e os que se encaminham para o coração são as veias. Essas últimas comportam pequenas válvulas que dão ao sangue uma pressão fraca, mas necessária para a circulação. É por isso que ao se cortar uma artéria o sangue espirra em jatos e por movimentos irregulares e no caso de uma veia o fluxo é contínuo.

A aorta, grande artéria na qual o sangue é rico em oxigênio, sai do coração esquerdo e caminha para a frente do animal. Ela se curva rapidamente, formando o arco da aorta, para caminhar para trás. Logo antes da curvatura há a saída de um tronco braquiocefálico (para vascularizar a cabeça e os membros

As veias do cão

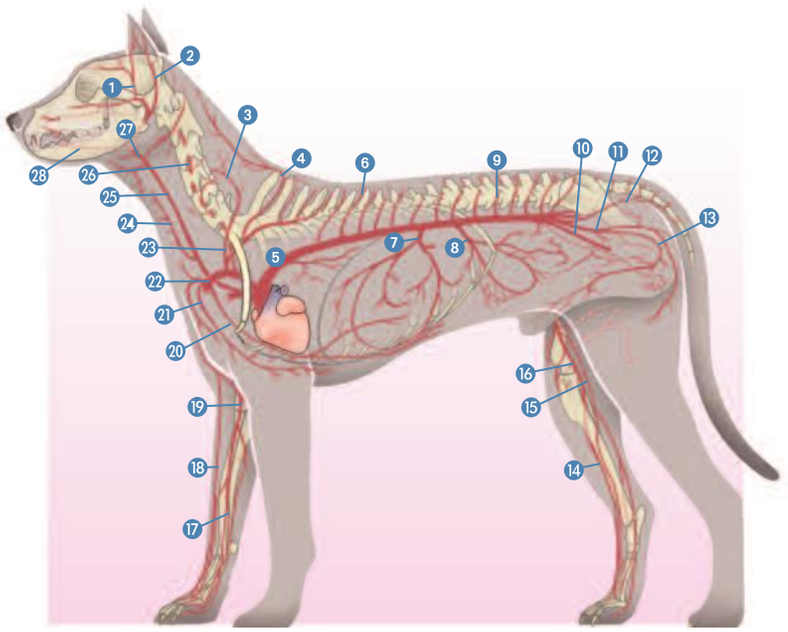
1. Veia caudal
2. Veia ilíaca interna
3. Veia sacra lateral
4. Veia testicular
5. Veia renal
6. Veia porta
7. Veia intercostal
8. Veia cava cranial
9. Veia costo-cervical
10. Veia cervical profunda
11. Veia vertebral
12. Veia jugular interna
13. Veia auricular
14. Glândula parótida
15. Veia do olho, do nariz e dos lábios
16. Glândula mandibular



17. Veia facial
18. Veia jugular externa
19. Veia axilar
20. Veia do coração
21. Veia torácica interna
22. Veia superficial do antebraço
23. Veia metacarpiana
24. Veia cava caudal
25. Veia hepática
26. Veia porta
27. Veia epigástrica
28. Veia dorsal da glande
29. Veia safena interna
30. Veia metatarsiana
31. Veia safena lateral
32. Veia poplitea
33. Veia femural
34. Veia ilíaca externa
35. Veia venérea interna

O sistema arterial do cão

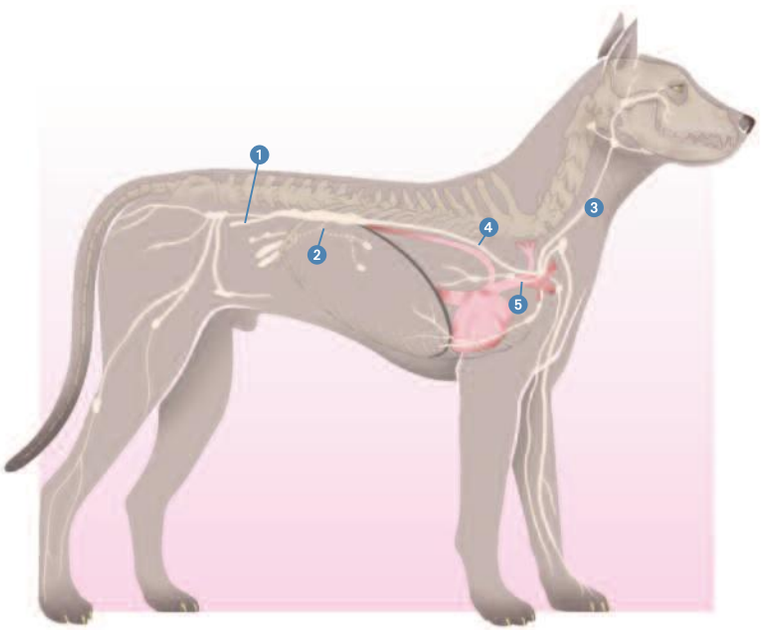
1. Artéria temporal
2. Artéria auricular
3. Artéria cervical
4. Artéria escapular dorsal
5. Aorta torácica
6. Artéria intercostal
7. Artéria celíaca
8. Artéria mesentérica cranial
9. Artéria lombar
10. Artéria ilíaca externa
11. Artéria ilíaca interna
12. Artéria sacral
13. Artéria venérea interna



14. Artéria tibial
15. Artéria safena
16. Artéria femoral
17. Artéria mediana
18. Artéria antebraquial
19. Artéria braquial
20. Artérias torácicas
21. Artérias torácicas
22. Artéria axilar
23. Tronco costo-cervical
24. Artéria tiroidéa
25. Artéria carótida comum
26. Artéria vertebral
27. Artéria carótida externa
28. Artéria facial

Diagrama das vias linfáticas do cão

1. Troncos lombares
2. Tronco visceral
3. Tronco traqueal
4. Tronco torácico
5. Tronco bronquio-mediastinal



anteriores) e a artéria subclávia esquerda caminha em direção do tórax. Em seguida a aorta passa dentro do abdômen para ir vascularizar todos os órgãos e os membros posteriores, com a emissão de artérias de calibre menor.

Ao chegar a um músculo ou a um órgão, a artéria se divide em um feixe de arteríolas, o que permite a distribuição do oxigênio e a tomada, em troca, do gás carbônico. O sangue parte então por vênulas que confluem na direção de uma veia de pequeno calibre. Todas estas pequenas veias caminham em direção à veia cava craniana na frente do corpo ou à veia cava caudal na parte posterior. Estas duas veias levam o sangue até o coração direito, que o irá propulsionar para os pulmões pelo tronco pulmonar, no qual o sangue irá se livrar do gás carbônico. Ele voltará ao coração pelas veias pulmonares para chegar à aorta: o circuito se fecha.

A circulação linfática

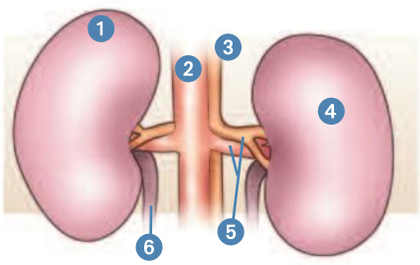
Trata-se de um sistema de drenagem que transfere a linfa para a circulação geral (sangüínea). Os vasos são igualmente valvulados e fazem sua coleta progressivamente, a fim de transferir a linfa para dois grandes troncos coletores: um ducto torácico e um linfático direito. Os vasos são muito pouco visíveis, mas o que se pode detectar facilmente são os nódulos linfáticos (ou gânglios) que filtram a linfa de uma mesma região. Seu número é relativamente significativo, alguns são superficiais e palpáveis, outros profundos (dentro das grandes cavidades) e só são visíveis com radiologia ou ecografia. Com grande freqüência, sua hipertrofia reflete uma inflamação na região de drenagem, o que torna importante sua palpação em caso de exame clínico. É também um local privilegiado de passagem para as células cancerosas em sua transferência de um órgão para outro. O resultado, portanto, é a eliminação dos gânglios quando da ablação de um tumor, de modo a limitar a extensão da doença.

O aparelho urinário do cão

Qualquer que seja o sexo do cão, são os mesmos órgãos que participam da elaboração e, em seguida, da eliminação da urina. Eles são, pela ordem: os rins, dos quais saem dois ureteres que se dirigem para a bexiga. Da bexiga sai uma uretra única, que permite a condução da urina até seu ponto de eliminação para o exterior.

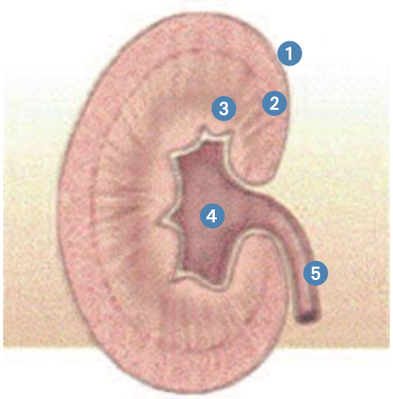
Todos esses elementos encontram-se em posição abdominal. Os rins, em forma de feijão, se situam sob a abóbada lombar, em relação com as primeiras vértebras lombares, sendo o rim esquerdo ligeiramente mais caudal que o direito. Os dois ureteres se abrem na face dorsal da bexiga, que está colocada à frente da bacia.

A uretra segue trajeto diferente no macho e na fêmea. Nesta última, é mais curta e, em geral, mais larga. Ela se abre no vestíbulo da vagina por uma pequena papila. Nos machos a uretra é mais longa, menos larga e comporta três partes: as porções prostática, membranosa e peniana.



RINS DO CÃO
FACE VENTRAL DOS RINS

1. Rim direito
2. Veia cava caudal
3. Aorta abdominal
4. Rim esquerdo
5. Artéria e veia renais
6. Ureter



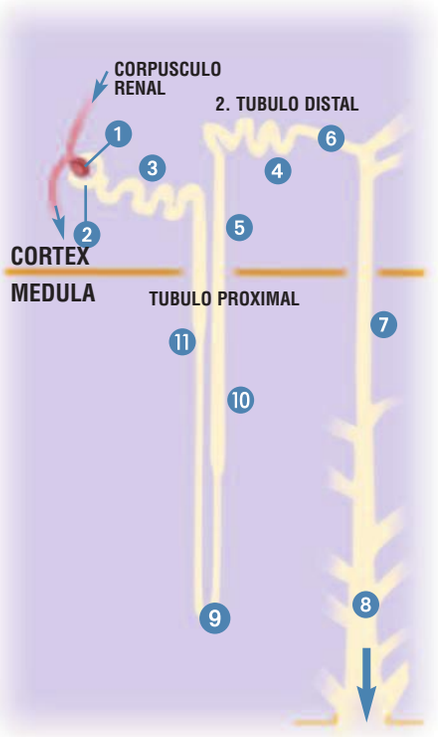
RIM DO CÃO
CORTE LONGITUDINAL

1. Cápsula fibrosa
2. Córtex renal
3. Medula renal
4. Pelve renal
5. Ureter

Estrutura dos rins

O rim é constituído de um córtex, externo, de uma medula, parte mais interna e da pelve renal, receptáculo que se prolonga por um ureter.

● **Os néfrons** são as unidades funcionais do rim. Eles constituem túbulos relativamente longos que se lançam em canais coletores. Eles compreendem inúmeras porções, que na ordem são: o glomérulo de Malpighi, cápsula na qual passa um enovelado de pequenas artérias. Esse glomérulo se prolonga por um túbulo proximal, formado por uma porção contorcida e uma porção reta, depois por um túbulo intermediário e, finalmente, um túbulo distal (formado de duas porções, reta e contorcida). Cada túbulo se lança em um canal coletor por intermédio de um túbulo de conexão curto. Simplificando, pode-se dizer que os glomérulos e as porções contorcidas dos túbulos estão localizados no córtex renal, enquanto as porções retas – designadas pelo termo de alça de Henle – formam a medula.



ESTRUTURA DE UM NÉFRON, CORPÚSCULO RENAL (DE MALPIGHI)

1. Enovelamento glomerular (arteríolas)
2. Cápsula
3. Porção contorcida
4. Porção contorcida
5. Porção reta
6. Túbulo de conexão
7. Canal coletor cortical
8. Canal coletor medular
9. Alça de Henle
10. Ramo ascendente
11. Ramo descendente

Formação da urina

A urina é produzida nos rins, mais precisamente nos néfrons, em muitas etapas que, entre outras funções, permitem a eliminação de uma parte dos resíduos do organismo. As outras funções renais dependem de diferentes regulações, principalmente iônicas e ácido-básicas.

● **A diurese** (processo que conduz à produção de urina) compreende inúmeros mecanismos sucessivos. A primeira parte da formação da urina consiste na filtração sangüínea, obtendo-se uma urina chamada "primitiva". Para isso, o sangue atravessa os capilares fenestrados (pequenas artérias cuja parede é perfurada por poros), aprisionados nos túbulos urinários; moléculas de tamanho suficientemente pequeno podem atravessar a parede dos capilares, sob a influência de uma grande diferença de pressão e serem coletadas nos túbulos urinários.

A solução que resulta da filtração é chamada de "urina primitiva", pois ela sofrerá modificações na composição antes de ser eliminada. Nesse estágio ela possui características muito próximas às do plasma.

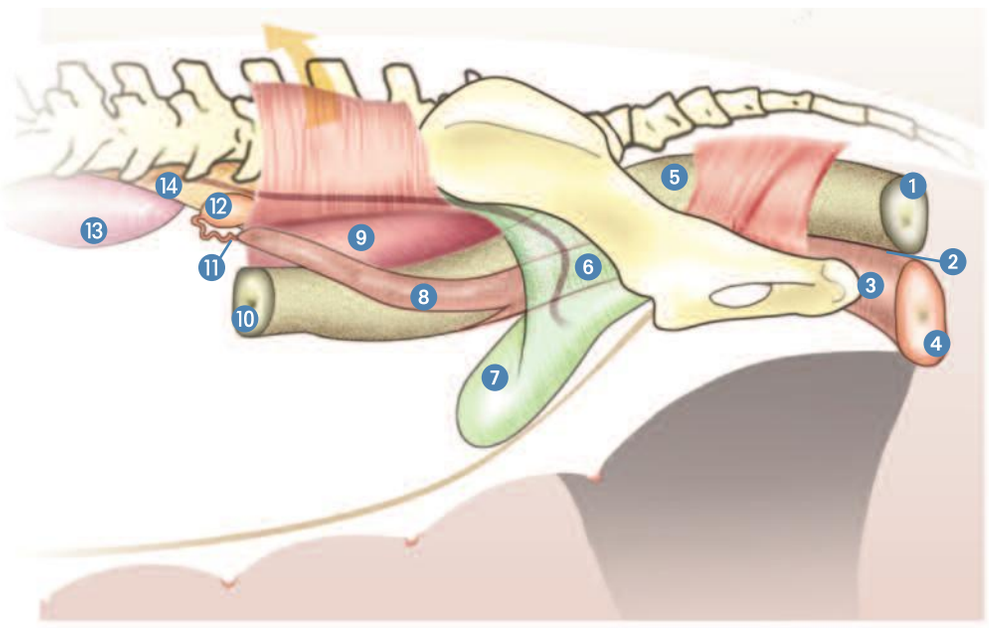
Após essa filtração ocorre o fenômeno da reabsorção, que acontece nos tubos contorcidos, principalmente no tubo contorcido proximal. Ele permite que as moléculas e os íons indispensáveis ao organismo refluam para a circulação sangüínea. Esses transportes estão freqüentemente associados à reabsorção de água; alguns transportes requerem energia celular enquanto que outros ocorrem passivamente.

Os principais íons reabsorvidos são o cloro, o sódio e o potássio. As moléculas tomadas pelo tubo contorcido são a glicose e as proteínas e uma parte dos aminoácidos e dos ácidos orgânicos.

Finalmente, algumas substâncias são encontradas na urina graças ao fenômeno da secreção, que ocorre no tubo contorcido proximal. Este mecanismo envolve as substâncias presentes in natura no sangue (por exemplo, os produtos de contraste utilizados em levantamento funcional ou, ainda, medicamentos como a penicilina), ou que precisam ser elaborados pelo epitélio do túbulo (a amônia, por exemplo). Também são observados mecanismos ativos, passivos, e as trocas. Na última parte do nefro (unidade funcional do rim), o tubo coletor, ocorre o último fenômeno que leva à obtenção da urina definitiva. Os mecanismos reguladores intervêm na maior ou menor concentração da urina, bem como na sua maior acidificação.

VISTA LATERAL DA CAVIDADE ABDOMINO-PÉLVICA NA CADELA

1. Ânus
2. Períneo
3. Vestíbulo da vagina
4. Vulva
5. Reto
6. Corpo do útero
7. Bexiga
8. Corno uterino esquerdo
9. Ligamento largo
10. Colo descendente
11. Trompa uterina esquerda
12. Ovário esquerdo
13. Rim esquerdo
14. Ligamento suspensor do ovário



Armazenamento e eliminação da urina

Os tubos coletores, que contêm a urina definitiva, se projetam na pelve renal, que constitui uma pequena bolsa que se abre em um ureter. A urina é então encaminhada para a bexiga, um reservatório muito distensível e hermético, cujo papel é assegurar o acúmulo da urina entre as micções. Um esfíncter situado na junção vésico-uretral assegura a continência urinária. Assim que a bexiga ficar suficientemente cheia, pode ocorrer a micção. O corpo da bexiga, que possui numerosas fibras musculares lisas, se contrai ao mesmo tempo em que o esfíncter uretral relaxa; a urina é então eliminada sob pressão.

Esses fenômenos ocorrem sob dependência nervosa: o controle voluntário e consciente da micção é assegurado pelo cérebro e os nervos situados nas regiões lombo-sacrais e pélvicas asseguram a contração do corpo da bexiga e do esfíncter uretral.

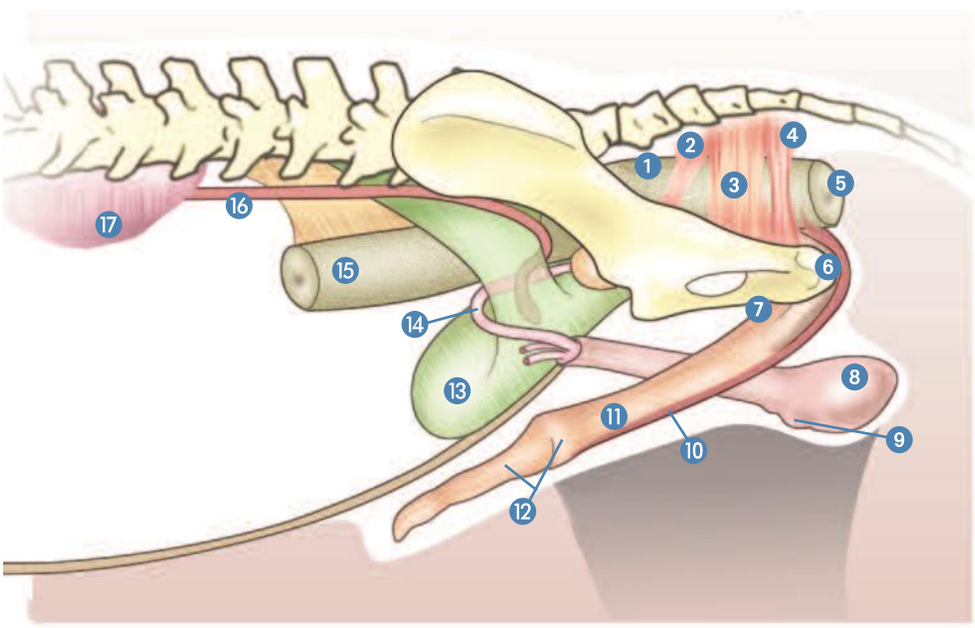
Urina
Volume eliminado por dia:
25 a 40 ml/kg de peso vivo.
pH: 5 a 7
Uréia: 300 a 800 mg/kg de peso vivo/dia

Regulações

A maior parte das regulações da função urinária envolve o rim. Esses fatores de regulação são de diferentes tipos. Inicialmente, fatores externos ao rim podem intervir, principalmente os circulatórios. De fato, a quantidade de urina formada pelos rins depende, em primeiro lugar, da quantidade de sangue filtrado. Quando ocorrer a diminuição do volume sangüíneo no organismo, um volume menor de urina será eliminado, ou inversamente.

Outros fatores de ordem nervosa também atuam. De um lado, eles influem os fenômenos renais e, de outro, a micção, ou seja, a bexiga. Vários nervos terminam no rim e exercem influência sobre os vasos que o irrigam. Eles agem de modo mais rápido sobre a redução da perfusão renal, o que resulta na diminuição do volume urinário emitido.

Finalmente, a ação mais notável é de origem hormonal. Vários hormônios intervêm no controle da eliminação da água e dos íons. Entretanto, a maior parte deles só age em situações patológicas. O mais importante deles é a vasopressina, também chamada de hormônio antidiurético. Ela é secretada pela hipófise, pequena glândula situada na base do encéfalo e age sobre a porção terminal dos néfrons, na extremidade do tubo contorcido distal e no tubo coletor. Sua secreção é desencadeada pelo aumento da pressão osmótica sangüínea, devido a uma diminuição da quantidade de água em relação às outras moléculas do sangue ou a uma queda da pressão arterial. Outros estímulos podem entrar em ação: o estresse, uma diminuição na temperatura ambiente ou ainda exercícios físicos podem desencadear a secreção do hormônio antidiurético.
Receptores localizados na superfície das células do tubo coletor captam este hormônio e segue-se o aumento da reabsorção da água pelo nefro. Este mecanismo permite que o organismo conserve uma parte da água contida nas células.



VISTA LATERAL DA CAVIDADE ABDOMINO-PÉLVICA NO CÃO

1. Reto
2. Músculo coccígeo
3. Músculo elevador do ânus
4. Músculo esfíncter do ânus
5. Ânus
6. Músculo bulbo-esponjoso
7. Músculo isquio-cavernoso
8. Testículo esquerdo
9. Epidídimo esquerdo
10. Músculo retrator do pênis
11. Corpo do pênis
12. Glande
13. Bexiga
14. Ducto deferente esquerdo
15. Colo descendente
16. Ureter esquerdo
17. Rim esquerdo

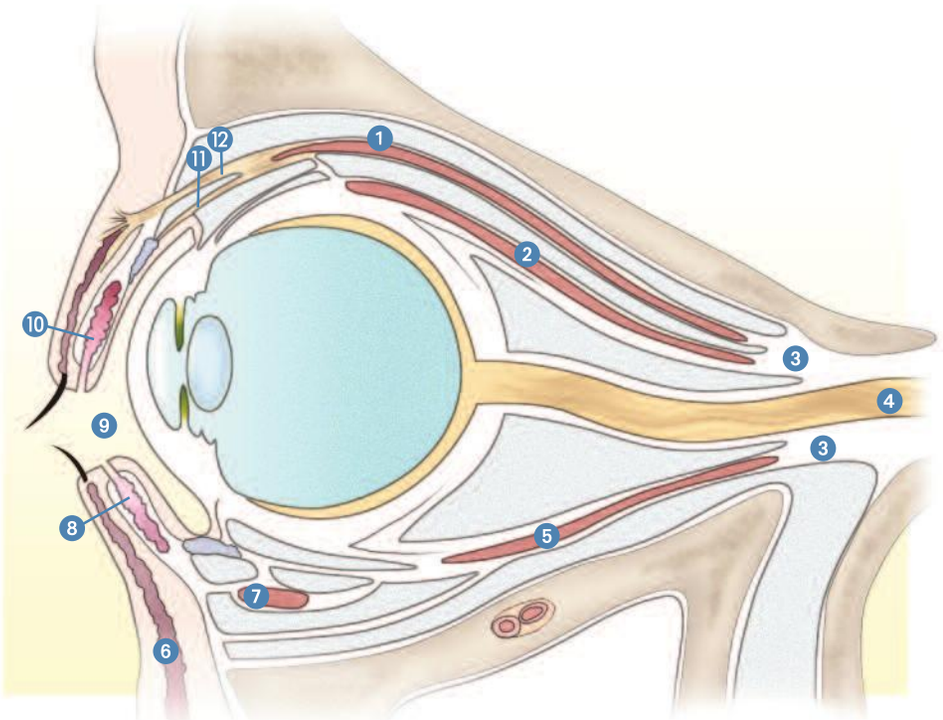
Os cinco sentidos

O olho e a visão no cão

A visão do cão

Embora esse tema tenha sido muito discutido, admite-se atualmente que os cães têm visão noturna superior à do homem. Suas células da retina concentram mais as informações luminosas, o que lhes permite ter uma boa visão crepuscular adaptada à caça noturna.

Os cães percebem muito bem os movimentos à distância, mas distinguem mal os objetos fixos à mesma distância. Esse fenômeno também é uma adaptação à caça a olho nu.



Corte longitudinal da cavidade orbitária do cão

1. *Músculo elevador da pálpebra superior*
2. *Músculo reto superior do olho*
3. *Tendões dos músculos oculomotores*
4. *Nervo óptico*
5. *Músculo reto inferior*
6. *Músculo orbicular*
7. *Músculo oblíquo inferior*
8. *Tarso inferior*
9. *Fenda palpebral*
10. *Tarso superior*
11 e 12. *Tendões do músculo elevador da pálpebra superior*

As diferenças entre as raças intervêm no que se refere ao ângulo de visão e sempre em função da adaptação em relação ao trabalho que, supostamente, se proporcionou ao animal. Os cães de rebanho precisam de um campo de visão aberto ao máximo para a perfeita vigilância do rebanho. Seus olhos estão situados principalmente nas laterais da cabeça, de modo a cobrir esse campo de visão largo. Os cães de caça, para visualizar as presas, precisam de um campo de visão binocular restrito, concedido por dois olhos situados na parte anterior da cabeça.

● **O olho e seus anexos.** O olho se situa na órbita, a cavidade do crânio na qual ele fica preso por músculos orientados em diferentes direções, o que lhe permite se mexer e se orientar.

Ao redor do olho há pálpebras e glândulas que o protegem. Há três pálpebras para cada olho: as pálpebras superiores e inferiores são dobras de pele com a face mucosa voltada para o olho. Elas são rodeadas por cílios que protegem o olho contra a entrada de partículas e de poeira. A terceira pálpebra é uma membrana simples, situada no canto interno do olho, geralmente invisível. Ela cobre o olho fechado ou se abre em caso de sofrimento ocular (irritação) ou de problemas nervosos.

O olho está exposto à secura do meio externo. As glândulas lacrimais que produzem as lágrimas permitem que a parte exposta (a córnea) fique protegida em um meio aquoso. Em seguida, as lágrimas são recolhidas nos espaços situados entre as pálpebras e o olho e eliminadas por um fino canal que começa no canto interno da cavidade ocular e se abre nas narinas. Em caso de superprodução de lágrimas ou bem como de obstrução do canal as lágrimas extravasam para as pálpebras, onde se oxidam e formam trilhas vermelhas sobre o pêlo, podendo ser confundidas com sangue.

O olho é formado por dois segmentos:

● **O segmento anterior:** formado pela córnea, íris e cristalino. O papel desse segmento é concentrar a luz, semelhante à objetiva da máquina fotográfica. A córnea e o cristalino, superfícies transparentes, exercem a função de lentes ópticas, enquanto que a íris perfurada, a pupila, tem a função de diafragma dos feixes luminosos.

● **O segmento posterior:** formado pelo vítreo, coróide e retina. Sua função é a transformação dos sinais ópticos do feixe luminoso em informações nervosas transmitidas ao cérebro através do nervo óptico. Se retomarmos a comparação com a máquina fotográfica, o segmento posterior tem a função da película fotográfica e o cérebro a do processo de revelação.

O ouvido do cão

● **A audição do cão.** O cão tem uma audição duas vezes mais fina que a do homem, percebendo freqüências sonoras até 2,5 vezes superiores às distinguidas pelo homem. O cão pode ouvir até mesmo os ultra-sons, o que justifica, por exemplo, o uso do assobio de chamada. Ele distingue bem os sons entre si. Portanto, ele é capaz de discernir facilmente as palavras pronunciadas por seu dono, mesmo que o tom de voz e os gestos devam ser levados em conta.

● **A orelha do cão.** A orelha externa é uma estrutura cartilaginosa, recoberta de pele e de músculos, que compõe o pavilhão móvel e pode se orientar, conforme a proveniência dos sons, como uma antena de radar. O pavilhão se abre sobre o conduto auditivo externo, tubo cartilaginoso recoberto de pele muito fina, inicialmente vertical e depois horizontal. Ela termina em uma membrana muito fina, o tímpano. A orelha externa atua como coletor de sons para o ouvido médio.

O ouvido médio é a caixa de ressonância do ouvido do cão. Em contato com ondas sonoras, o tímpano vibra e aciona, através de um sistema de alavanca, a vibração de pequenos ossículos, o martelo, o estribo e a bigorna, situados na caixa do tímpano. Esse dispositivo permite a transmissão dos sons do ouvido interno, amplificando-os mas diminuindo as vibrações violentas; o movimento dos ossículos tem uma amplitude limitada.

O ouvido interno apresenta duas partes com funções muito diferentes. A cóclea assegura a transmissão de ondas sonoras sob a forma de informação nervosa até o cérebro pela via do nervo auditivo.
Os canais semicirculares munidos de pequenos cílios percebem o posicionamento da cabeça e exercem um papel no equilíbrio geral do corpo.

No pavilhão da orelha há vários nervos, como o nervo vago, que tem uma ação de desaceleração sobre o coração. No caso de otectomias (corte das orelhas para fins estéticos), este nervo é estimulado e pode levar a um acidente anestésico. Muitos países são contra essa operação e a proíbem. Ela não é mais necessária para as exposições e as confirmações de cães de raça.

O nariz e o olfato do cão

● **Um sentido extremamente desenvolvido.** No cão o olfato pode ser considerado como o sentido número um. Ele serve para a caça, para fazer o reconhecimento, para a comunicação entre indivíduos e para indicar suas preferências alimentares. O cão reconhece mais facilmente seu dono e sua casa pelo odor do que pela visão. O faro é igualmente importante para a percepção e a apreciação dos alimentos. Ele está até mesmo acima do gosto: se o odor não convier para o animal, ele se recusará a experimentar

Comparado ao homem, o olfato do cão é um milhão de vezes mais desenvolvido e as células cerebrais ligadas à decodificação dos odores são quarenta vezes mais numerosas no cérebro do cão. Essa grande sensibilidade olfativa também se deve à superfície do receptor e a mucosa olfativa, que mede 150 cm^2 no cão e 3 cm^2 no homem.

● **A integração das sensações olfativas.** A mucosa repousa sobre as conchas ósseas do nariz, no prolongamento das narinas do cão. Essas conchas são irregulares e estão separadas pelos seios entre os quais penetra o ar inspirado e são aprisionados os odores. Outro órgão situado no fundo da cavidade nasal, o etmóide, também constituído por células sensoriais, está destinado à olfação.

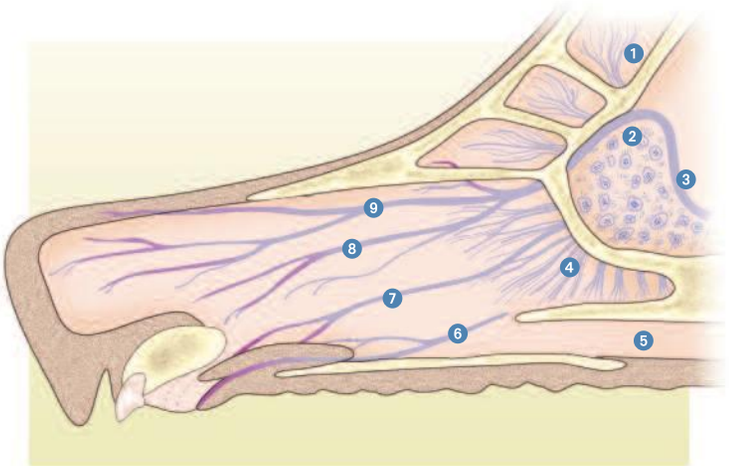
Quando entram em contato com as células, os odores desencadeiam alterações químicas que carregam uma mensagem nervosa que é levada pelo nervo olfativo à zona do cérebro que trata as informações.

A percepção dos odores varia em função de sua composição química, do grau de higrometria do ar ambiente ou de seu peso molecular. Um molécula pesada e ligeiramente solúvel na água é percebida mais facilmente. É sobre esses fundamentos que trabalham os cães detectores de odores, de humanos (cães de escombros, de pista) ou de objetos (drogas, explosivos, armas).

O gosto no cão

● **Uma noção muito relativa.** Ele está estreitamente ligado à olfação, com a qual se associa para a apreciação da palatabilidade dos alimentos. As sensações gustativas estão bem enfraquecidas no cão e ele pode consumir o mesmo alimento todos os dias se tiver vontade (é o que é aconselhável).

● **A formação da sensação.** O sentido do gosto está ligado às papilas gustativas presentes nas mucosas da língua, do palato e da faringe. No cão o número destes "captores do gosto" é cerca de doze vezes menor do que no homem. Destas papilas partem os nervos glossofaríngeo e lingual que transmitem a informação nervosa para o cérebro. Assim como para a olfação, esta informação surge da interação entre as substâncias químicas dos alimentos solubilizados pela saliva e as células gustativas.



Superfície olfativa do cão: Corte parassagital das cavidades nasais (conchas nasais rebatidas)

1. Seio frontal
2. Lâmina crivada do etmóide
3. Nervo etmoidal
4. Nervos olfativos
5. Parte nasal da cavidade faringéia
6. Nervo nasal caudal
7. Nervo vômero-nasal
8. e 9. Ramos nasais do nervo etmoidal

Tato e sensibilidade

● **Sensibilidade.** Pode-se agrupar as sensações térmicas, tácteis e dolorosas percebidas pela pele graças às terminações nervosas, que formam uma rede muito densa ligada à medula espinhal e ao cérebro. A distribuição dessas terminações nervosas é irregular por todo o corpo.

● **Quente e frio.** A sensação de frio é mais intensa que a sensação de calor. Em reação a estas sensações são organizadas respostas reflexas: ereção dos pêlos no frio ou aceleração da respiração para aumentar a evaporação da água pela língua no calor.

● **O tato.** O mesmo tipo de rede nervosa existe para o sentido do tato, concentrado na base dos pêlos. Nem todos os pêlos apresentam a mesma sensibilidade. As vibrissas, pêlos longos do focinho, dos supercílios e do queixo, são particularmente providas de terminações nervosas.

O sistema nervoso do cão

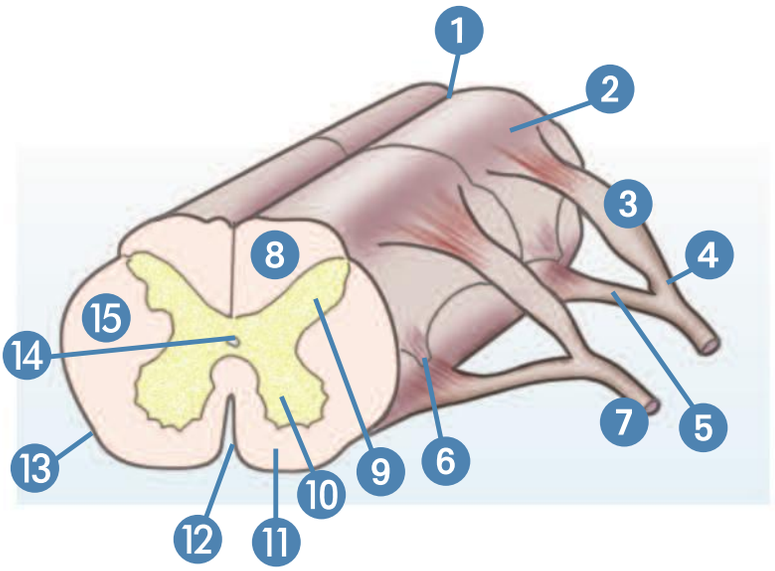
O sistema nervoso recolhe as informações vindas do mundo exterior ou criadas pelo organismo, chamadas de estímulos. Além disso, ele lança impulsos que determinam a contração dos músculos voluntários e involuntários (os músculos do esqueleto que controlam os movimentos e os que fazem parte das vísceras ou a secreção das glândulas, respectivamente). O sistema nervoso é constituído de células puramente nervosas, os neurônios, e de células de sustentação que os rodeiam, formando a neuroglia.

Os neurônios podem ser receptores, quando recebem um estímulo, emissores, quando enviam impulsos nervosos ou de associação, quando interrelacionam dois neurônios diferentes.

As características das diferentes fibras nervosas são a excitabilidade e a condutibilidade. A velocidade da condução da periferia para o cérebro, e vice-versa, é de aproximadamente 30 m/segundo. Os reflexos consistem na transformação direta, através do sistema nervoso geral, de uma informação sensitiva vinda do exterior do sistema nervoso em direção ao interior em uma informação motora, secretora ou inibidora, que vai do sistema nervoso até o órgão envolvido pelo reflexo em questão, tudo isso em um intervalo de tempo extremamente curto.

O sistema nervoso central

Ele é formado pelo cérebro, cerebelo, bulbo raquidiano (na cavidade craniana) e medula espinhal (na cavidade medular, ao longo da coluna vertebral). Além da proteção óssea que o envolve, o sistema nervoso central é recoberto por três membranas: a dura-máter, em contato com o osso, a araquinóide e a pia-máter, em contato direto com o tecido nervoso. Esta proteção, tanto contra os choques quanto con-



A MEDULA ESPINHAL
VISTA DORSO-LATERAL
E CORTE TRANSVERSAL

1. Sulco mediano dorsal
2. Sulco lateral dorsal
3. Gânglio espinhal
4. Raiz dorsal
5. Raiz ventral
6. Ligamento denteado
7. Nervo espinhal
8. Coluna dorsal
9. Corno dorsal
10. Corno ventral
11. Coluna ventral
12. Fissura mediana ventral
13. Sulco lateral
14. Canal central
15. Coluna lateral

tra as agressões internas (existe uma "barreira" entre o sangue e as meninges, chamada de barreira hematomeningéia, resistente a várias substâncias) é justificada pelo fato de que os neurônios são células que não se regeneram. Portanto, qualquer dano é irreversível.

● **O cérebro** é o local de diferentes centros: motor, sensitivo, visual, auditivo, olfativo, gustativo. Ele é o centro da memória e da associação.

● **O cerebelo** é o local do equilíbrio e da coordenação de movimentos.

● **A medula espinhal** é um centro de reflexos importante, tanto quanto o bulbo raquidiano (vômitos, salivação), que é também o centro do automatismo respiratório, cardíaco e dilatador/constritor dos vasos.

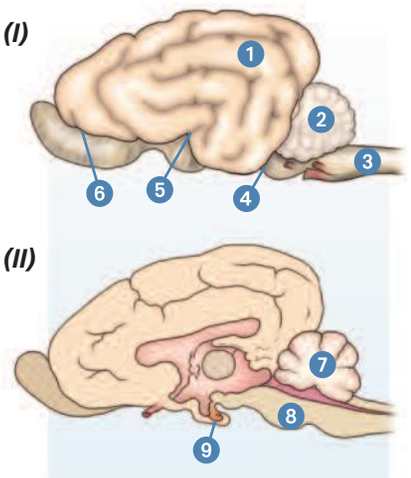
O sistema nervoso periférico

É constituído pela reunião de fibras nervosas em nervos que se ramificam simetricamente a fim de se distribuírem por todo o corpo. Eles conduzem a informação sensitiva da periferia para os centros integradores do sistema nervoso central (nervos sensitivos) ou então conduzem os impulsos gerados pelo sistema nervoso central até o órgão alvo (nervos motores). Muitos nervos são mistos e constituídos ao mesmo tempo de fibras sensitivas e de motoras.

O sistema nervoso vegetativo

Sua origem encontra-se em uma cadeia de gânglios nervosos situados nos dois lados da coluna vertebral. Ele controla as funções vegetativas do organismo, cujo controle não é regido pelos sistemas nervoso central e periférico. Ele se subdivide em dois, os sistemas orto e parassimpáticos, que possuem ações contrárias, dependendo do caso, ativadoras ou inibidoras de funções deste ou daquele órgão. Por exemplo, o sistema parassimpático ativa o trânsito intestinal e o sistema ortossimpático o diminui.

O sistema nervoso está envolvido em várias afecções e interações medicamentosas. Os danos podem ser muito variados e exigir um profundo conhecimento do animal.



CONFORMAÇÃO EXTERNA
DOS HEMISFÉRIOS CEREBRAIS DO CÃO

I. Vista lateral esquerda

II. Face medial

1. Hemisfério cerebral
2. Cerebelo
3. Medula espinhal
4. Pedúnculos cerebrais
5. Fissuras pseudossilvianas
6. Fenda rinal lateral
7. Cerebelo
8. Medula espinhal
9. Hipófise

7ª parte

As etapas da vida do cão

As etapas da vida do cão

Os tópicos anatômicos, fisiológicos e o tema da alimentação abordados nos outros capítulos permitem compreender as principais etapas da vida do cão que levam do cruzamento à gestação e ao parto, da amamentação ao desmame dos filhotes e ao seu crescimento. A velhice e as suas conseqüências são também explicadas, e a idade adulta do cão explorada em todo o livro.

O período de reprodução

Embora os objetivos da reprodução sejam, naturalmente, obter filhotes, os meios para alcançar diferem sensivelmente entre um proprietário particular e um criador. Um proprietário de cão de companhia ou de utilidade deixará ocasionalmente a sua cadela se reproduzir a fim de obter descendentes que apresentem qualidades comparáveis embora a reprodução não seja, conforme diz a crença popular, indispensável para o equilíbrio psicológico ou fisiológico de um cão. Na natureza, o acesso à reprodução nas matilhas de cães selvagens depende intimamente do estatuto hierárquico do indivíduo, pois a monta é uma demonstração de dominância, o que às vezes explica algumas incompatibilidades de caráter entre parceiros.

O criador, por seu lado, tenta selecionar os reprodutores, machos e fêmeas, em função das suas origens, das suas descendências e das suas qualidades genéticas. Ele consegue contornar o obstáculo hierárquico assistindo e dirigindo a monta entre os reprodutores que escolheu. Em caso de recusa dos parceiros, ele pode até mesmo recorrer à inseminação artificial para chegar aos seus objetivos.

A puberdade no cão

A puberdade do macho

A idade de aparecimento da puberdade depende essencialmente do porte adulto da raça (dos 6 meses nas raças miniaturas aos 18 meses nas raças gigantes) e corresponde no macho à produção dos primeiros espermatozóides fecundantes. Como a fertilidade diminui com a idade mais precocemente nas grandes raças (fenômeno provavelmente ligado ao envelhecimento da tiróide), o período fértil dos cães de raças grandes encontra-se ainda mais reduzido. Às vezes o poder fecundante do esperma começa a diminuir a partir dos 7 anos de idade nos cães de raças grandes.

A puberdade da fêmea

Como para o macho, a puberdade da fêmea aparece mais tardiamente nas raças grandes (entre os 6 e 18 meses também). Os primeiros cios geralmente são discretos e podem até passar desapercebidos. No entanto, na cadela deve ser feita a distinção entre a puberdade (capacidade de ovular) e a nubilidade (capacidade em levar a termo uma gestação e um parto), que explica porque é desaconselhável uma cadela acasalar no primeiro cio, quando sua estrutura pélvica ainda não completou seu desenvolvimento.

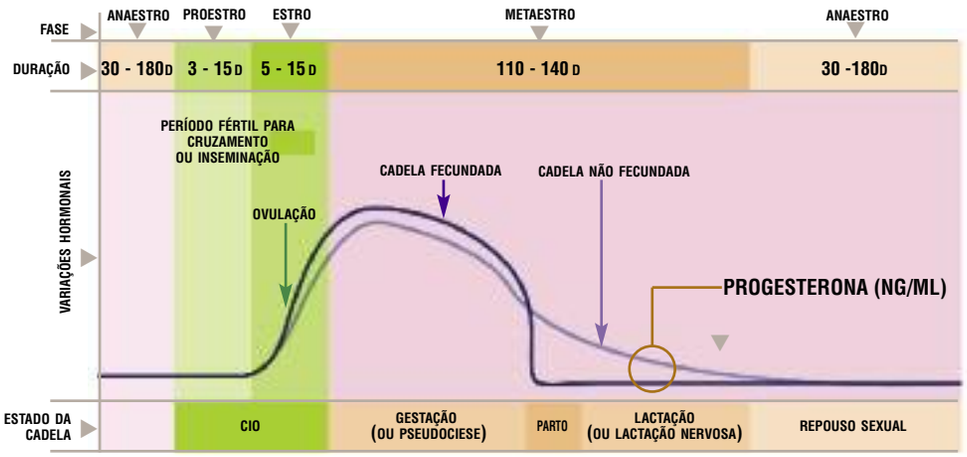
A partir da puberdade o funcionamento do aparelho genital feminino adota um ritmo cíclico que se exterioriza geralmente por dois períodos de cio por ano.

O cio da cadela

O ciclo sexual da cadela

O ciclo sexual da cadela é considerado monoestral (um único período de ovulação por ciclo) de ovulação espontânea (ou seja a ovulação não pode ser desenca-

Ciclo sexual da cadela



deada pelo acasalamento como é o caso na gata por exemplo). Divide-se em quatro fases sucessivas:
- o proestro que prepara a ovulação,
- o estro ou fase de ovulação propriamente dita,
- o metaestro correspondente à duração de uma gestação e de uma lactação,

A duração de cada fase do ciclo pode ser variável. Apenas a fase de metaestro admite uma duração relativamente estável (120 +/- 20 dias). O cio das fases de proestro e de estro duram em média três semanas, mas a sua duração depende da data de ovulação, sendo variável de uma cadela a outra e de um ciclo a outro. Desta forma, não é porque uma cadela tenha ovulado uma vez doze dias depois das primeiras perdas de sangue que no ciclo seguinte a ovulação ocorrerá na mesma data.

O desenvolvimento do ciclo

Quanto ao proestro, sob a influência da hipófise, os folículos ovarianos em crescimento secretam hormônios ditos "estrógenos" responsáveis pelas modificações de comportamento (atração dos machos, busca de afeto, ato de lamber a vulva) e físicas da cadela. A sua vulva se torna congesta e deixa aparecer uma secreção sanguinolenta que permite ao macho segui-la, sem que a fêmea aceite ser montada.
O período de aceitação do macho corresponde geralmente ao estro. É freqüentemente acompanhado por um reflexo de postura caracterizado por um desvio lateral da posição da cauda após uma estimulação vulvar. Este sinal deve no entanto ser interpretado com prudência em determinadas fêmeas que aceitam o macho fora do seu período de ovulação. Durante o estro as secreções vaginais se tornam mais claras e se transformam em muco que irá facilitar o acasalamento.
Durante esta fase os óvulos são colocados ainda imaturos no estágio dito "ovocitário". Geralmente são necessárias 48 horas para que se tornem fecundáveis.

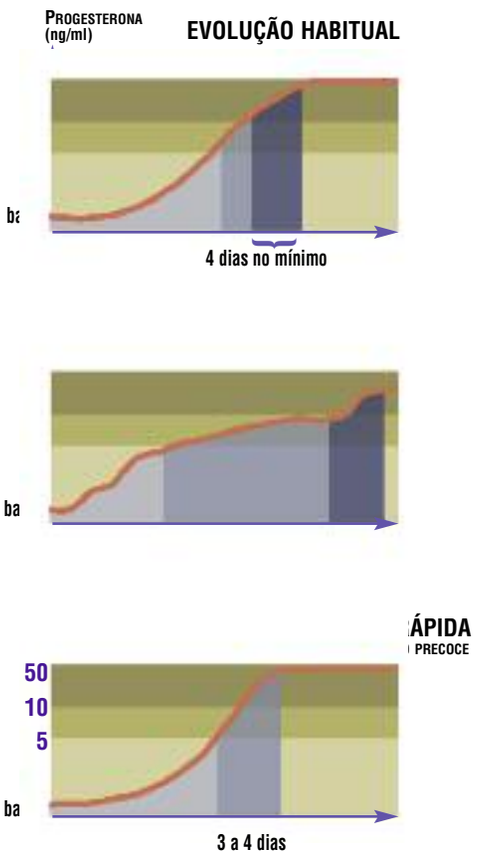
Ao contrário da maioria das espécies, os ovários das cadelas começam a secretar progesterona alguns dias antes da ovulação. A taxa sanguínea de progesterona aumenta então progressivamente, quer a cadela seja fecundada ou não. Portanto as dosagens de progesterona permitirão identificar a ovulação mas não a gestação na espécie canina.
A secreção de progesterona atinge em seguida um patamar que persiste durante todo o proestro graças à secreção dos corpos ovarianos que libertaram os ovócitos. Este hormônio prepara o útero para a nidação do embrião e permite o seu desenvolvimento em vista de uma eventual gestação. A sua produção cai brutalmente dois meses depois da ovulação autorizando então o início da lactação e a involução uterina até que o aparelho genital feminino possa entrar em repouso completo (anestro).

O cruzamento ou a inseminação

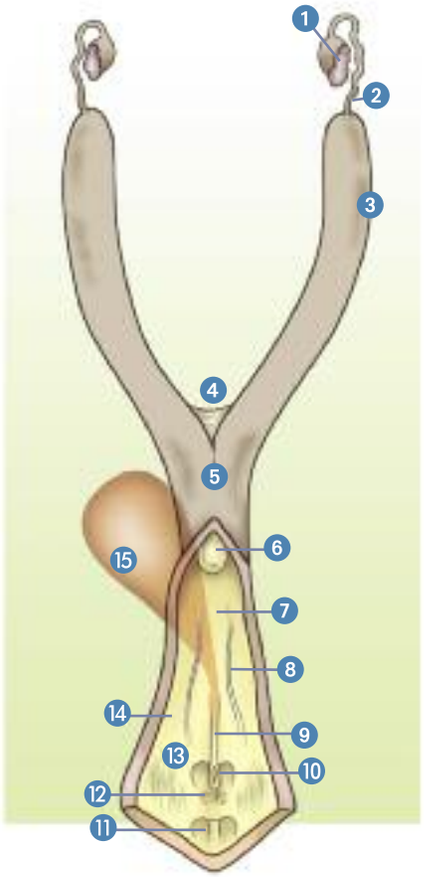
A determinação do momento ótimo para o cruzamento

Levando em conta a persistência do poder fecundante dos espermatozóides (aproximadamente 48 horas nas vias genitais femininas), é possível otimizar as chances de fecundação sincronizando o encontro de gametas "na sua melhor forma" para uma fertilidade e uma prolificidade ótimas. O ideal é que ocorra o cruzamento ou a inseminação nas 48 horas que se seguem à postura dos ovócitos para que os óvulos fecundáveis e os espermatozóides fecundantes sejam na sua maioria capazes de chegar ao "local de encontro" (os ovidutos). Os óvulos permanecem fecundáveis durante um período de dois dias depois da maturação (algumas raças parecem até ficar fecundáveis durante mais de quatro dias) explicando assim as possibilidades de super-fecundação por dois pais diferentes na espécie canina.

Evolução do cio



PARTICULARIDADES ANATÔMICAS DO APARELHO GENITAL DA CADELA



1. Ovário
2. Trompa uterina
3. Corno uterino
4. Ligamento maior
5. Corpo do útero
6. Colo do útero
7. Vagina
8. Pregas vaginais
9. Uretra
10. Orifício externo da uretra
11. Fossa clitoriana
12. Glândulas vestibulares menores
13. Vestíbulo da vagina
14. Hímen
15. Bexiga

Toda a dificuldade consiste portanto em observar, o mais precisamente possível, os sinais biológicos da ovulação.
Para detectar o período de ovulação numa cadela no cio, o criador dispõe de várias ferramentas de precisão variável e complementar.

• O clareamento das perdas vulvares assinala geralmente o fim do proestro sem ser um sinal fiável da ovulação: algumas cadelas como as Chow-Chow podem apresentar sangramentos até ao final do estro.

• O cruzamento praticado sistematicamente por doze (12) dias após as primeiras perdas sanguíneas, em seguida repetido dois dias mais tarde, é um cálculo prático, desde que se observem muito atentamente as primeiras perdas sanguíneas.

Contudo, esta estimativa permanece imprecisa porque algumas cadelas (aproximadamente 20%) ovulam fora deste período e ficarão portanto vazias ou irão parir apenas alguns filhotes.

• A aceitação do macho ou do rufião e a observação do reflexo de desvio lateral da cauda também não são característicos da ovulação. A título de exemplo, já se viram cadelas permitir o acasalamento a partir do começo do proestro quando, na verdade, nos casos extremos, ovulam só trinta dias mais tarde!

Muitas cadelas permitem também a cópula durante pseudocios de parto, infecções urinárias, ou quando secreções de estrógenos por quistos foliculares se traduzem por ninfomania.

• A medida da resistividade do muco vaginal com a ajuda de um galvanômetro permite apreciar com bastante precisão a fluidez das secreções vaginais. Este parâmetro geralmente cai logo depois da ovulação assinalando o fim do período de impregnação estrogênica e portanto a renovação rápida das células vaginais. A sua medida fornece um valor diagnóstico infelizmente muito tardio em criações, porque é mais útil prever a iminência da ovulação do que estar diante do ato consumado.

• As fitas reativas que permitem detectar as variações bioquímicas do muco vaginal são difíceis de ser introduzidas profundamente dentro da vagina para evitar uma contaminação pela urina. Os resultados são geralmente imprecisos (a mudança de cor pode ser observada nos três dias que precedem ou que se seguem à ovulação) e portanto pouco fiáveis.

• De acordo com as colorações utilizadas, os esfregaços vaginais permitem visualizar diretamente a mudança de aspecto das células vaginais, correlacionado-as com as variações hormonais, principalmente a de estrógenos. Esta técnica simples e econômica é atualmente empregada como rotina pelos veterinários e os criadores para realizar uma primeira estimativa da fase do ciclo sexual.

A realização de esfregaço vaginal

Depois de ter examinado o edema vulvar e prendido a comissura vulvar para baixo, o swab é introduzido verticalmente ao longo da parede caudal da vagina de forma a evitar ir contra a fossa clitoridiana. Uma vez atingida a parte superior da vagina, o swab é girado em posição horizontal e introduzido o mais longe possível sem forçar. Por meio de movimentos circulares, as secreções e as células esfoliadas são então coletadas em torno do colo do útero.
O aspecto do swab é habitualmente vermelho no início do cio, rosado a incolor no final do proestro e purulento em caso de infeção vaginal ou uterina.
A extremidade do swab é rolada delicadamente numa lâmina previamente desengordurada, evitando passar duas vezes pelo mesmo trajeto para evitar criar aglomerados de células.
O material coletado é então fixado com um fixador celular para ser entregue ao veterinário em mãos ou é feita uma coloração para exame imediato.

A interpretação do esfregaço

Além da estimativa do momento da ovulação, os esfregaços vaginais têm múltiplas indicações.
Depois de uma fuga da cadela ou em caso de suspeita de cruzamento indesejado, o veterinário pode pesquisar a persistência eventual de espermatozóides (até seis horas após o coito). Também podem-se estimar os riscos de fecundação em função do estágio do ciclo sexual observado. A título de exemplo, se a cadela se encontra nesse momento em anestro, em começo de proestro ou em metaestro, estes riscos são mínimos e em qualquer caso menos significativos do que aqueles associados a um aborto médico precoce de conveniência.
Durante o período de anestro os esfregaços vaginais também permitem a adoção de alguns tratamentos que são contra-indicados durante os períodos de atividade sexual, tais como a maioria das terapias hormonais.
Finalmente, os esfregaços participam, juntamente com as dosagens hormonais, do diagnóstico de algumas causas de infertilidade (cios silenciosos ou anovulatórios, persistência de um corpo lúteo secretante ou infecção vaginal).
Por suas indicações, facilidade de execução, rapidez e baixo custo, os esfregaços vaginais são, portanto, serviços de grande utilidade em reprodução canina. Contudo, em alguns casos, quando a interpretação de um esfregaço causa dúvidas ou não de acordo com a clínica, ou ainda se o custo de um deslocamento ou de uma inseminação é significativo, o proprietário poderá completar esta análise com a ajuda de uma ferramenta muito precisa, a dosagem da progesterona sanguínea

• A dosagem da progesterona sanguínea (sinal da postura ovular): próximo ao período de ovulação da cadela, a concentração de progesterona no plasma se eleva normalmente em alguns dias (cinco em média) em relação ao seu valor de base (menos de 2 nanogramas/ml) a mais de 40 ng/ml. Esta elevação pode ser

mais ou menos rápida de uma cadela a outra e para uma mesma cadela, de um ciclo a outro. Se lembrarmos que 80% das cadelas apresentam secreções por volta do seu 12º dia de cio, deduzimos que não é raro observar ovulações mais precoces ou mais tardias, particularmente em algumas raças predispostas (Dobermann, Pastor Alemão).
Considera-se classicamente que a ovulação ocorreu quando o nível de progesterona ultrapassa os 15 ng/ml (cuidado no entanto com as variações ligadas aos métodos de dosagem dos diferentes laboratórios) e conseqüentemente a cópula ou a inseminação artificial deverá ocorrer nas próximas 48 horas levando em conta o tempo de maturação dos ovócitos. Um outro cruzamento deverá acontecer dois dias depois do primeiro.

Este sinal bastante preciso da libertação de ovócitos permite não apenas aumentar o índice de sucesso dos cruzamentos e das inseminações mas também a prolificidade. Às vezes ninhadas pouco pequenas em muitos casos atribuídas à idade da cadela ou a uma libertação ovocitária insuficiente, estão simplesmente relacionadas à má escolha da data do acasalamento.

Portanto, a utilização conjunta e judiciosa dos esfregaços vaginais e das dosagens de progesterona, respeitando um protocolo preciso, possibilita um acompanhamento do cio bastante satisfatório e economicamente rentável: aumento da fertilidade e redução dos deslocamentos inúteis por cruzamentos improdutivos...

Diagnóstico de uma infertilidade feminina

Antes de tratar uma infertilidade numa cadela, é naturalmente necessário discernir muito precisamente a sua origem. A título de exemplo, um acompanhamento regular da progesterona de uma cadela infértil poderá permitir, conjuntamente com outras dosagens hormonais e os resultados do exame clínico, fazer a dis-tinção entre um ciclo anovulatório, uma reabsorção embrionária ligada à involução do corpo lúteo, uma imaturidade sexual, uma impregnação androgênica cujos tratamentos podem ser radicalmente diferentes.

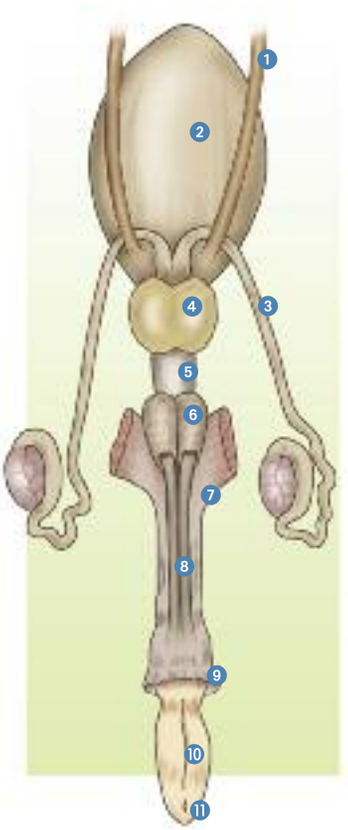
Determinação do momento da cesariana

A maioria das raças de focinho "esmagado" (ditas braquiocefálicas) como os Bulldogs ou os Carlins apre-sentam dificuldades no parto (distocias) que levam freqüentemente o veterinário a praticar uma cesariana. Quando esta é realizada muito cedo, os filhotes são prematuros e morrem habitualmente algumas horas após o nascimento de insuficiência respiratória. Quando realizada muito tarde, o sofrimento fetal associado à espera dos filhotes no canal pélvico leva a uma anoxia cerebral. Na verdade, a viabilidade dos fetos na espécie canina está condicionada à implementação tardia de um surfactante pulmonar que determina ao nascimento as capacidades respiratórias dos filhotes. Esta maturação pulmonar é justamente concomitante com a queda do nível de progesterona que ocorre nos dias que precedem a data ideal do parto. Desta forma, através da simples dosagem da progesterona sanguínea na mãe, o veterinário dispõe de uma ferramenta valiosa para determinar com exatidão se os filhotes estão prontos para sobreviver a uma cesariana. Esta técnica aumentou consideravelmente a taxa de sobrevivência dos filhotes nascidos por cesariana, especialmente nos Bulldogs que têm mais de 90% de nascimentos por cesariana!

Dosagem do hormônio luteinisante (LH)

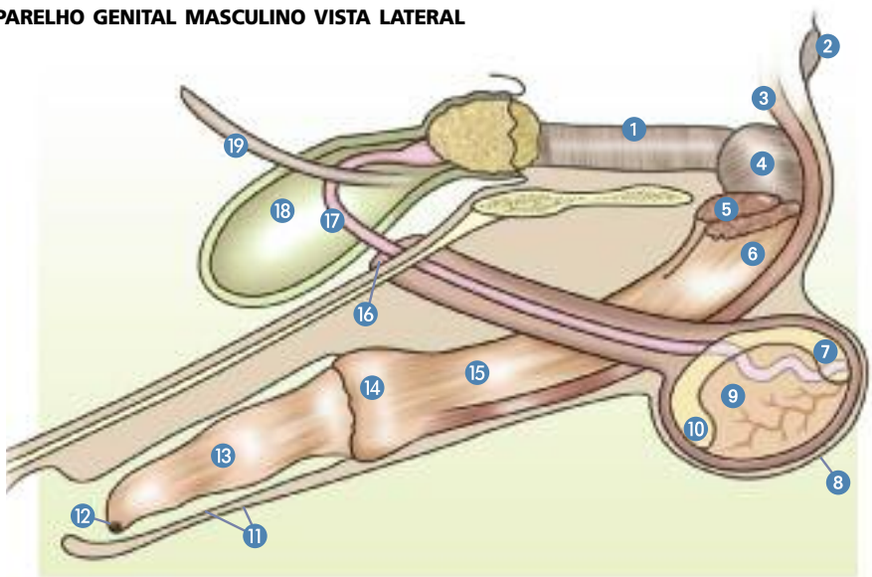
O LH (hormônio luteinisante, capaz de transformar o envoltório nutritivo do ovócito em corpo lúteo secretor de progesterona) é o hormônio secretado pela hipófise que desencadeia a ovulação. Portanto, a determinação do pico de secreção desta substância coloca em evidência a própria libertação ovular e não as suas conseqüências (elevação do nível sanguíneo de progesterona). Exceto algumas indicações precisas no diagnóstico de uma infertilidade, esta dosagem não é ainda utilizada rotineiramente pelos veterinários.

PARTICULARIDADES ANATÔMICAS DO APARELHO GENITAL MASCULINO DO CÃO



1. Ureter
2. Bexiga
3. Canal deferente
4. Próstata
5. Músculo uretral
6. Bulbo do pênis
7. Músculo isquio-cavernoso
8. Músculo retrator
9. Lâmina prepucial interna
10. Parte alongada da glande
11. Orifício externo da uretra

APARELHO GENITAL MASCULINO VISTA LATERAL



1.Uretra pélvica
2. Ânus
3. Músculo retrator do pênis
4. Bulbo do pênis
5. Corpo cavernoso
6. Músculo ísquio-cavernoso
7. Cauda do epidídimo
8. Escroto
9. Testículo
10. Cabeça do epidídimo
11. Prepúcio
12. Orifício externo da uretra
13. Parte alongada da glande
14. Bulbo da glande
15. Pênis
16. Anel inguinal
17. Conduto deferente
18. Bexiga
19. Ureter

A cópula

Depois de haver selecionado os genitores e estimado o momento da ovulação, a fêmea é apresentada ao macho para um cruzamento. Por razões de higiene, é útil verificar previamente a ausência de lesões genitais nos parceiros para limitar os riscos de doenças sexualmente transmissíveis (herpes viral canino). Neste campo, são preferíveis uma boa higiene preventiva (limpeza regular do forro, limpeza do chão) e controles sorológicos regulares para evitar a utilização no último momento de anti-sépticos espermicidas e portanto responsáveis por alguns fracassos de fecundação.

Nas raças de pêlos longos, os cuidados com a fêmea através do alisamento, afastamento ou tosa dos pêlos da região perivulvar facilitam o acasalamento. A cópula começa por uma breve fase de namoro e de farejar que faz crescer a excitação dos parceiros. A ereção permitida pela rigidez do osso peniano e pelo fluxo de sangue no tecido erétil permite então a introdução do pênis. Esta desencadeia contrações vaginais na fêmea que favorecem a ascensão dos espermatozóides, a manutenção da ereção e o aprisionamento do macho durante a ejaculação.

Esta fase deve durar no mínimo cinco minutos, mas pode durar mais de meia hora se os movimentos da fêmea mantêm a constrição dos bulbos eretores. Na maioria dos casos, se o momento é oportuno, os dois parceiros escolhidos se comportam muito bem sozinhos e não é necessário perturbá-los com qualquer presença. Uma observação discreta à distância (ou por sistema de vídeo) geralmente é suficiente para verificar a aceitação mútua e que a cópula de fato ocorreu. Notemos que um acasalamento sem aprisionamento pode ser fecundante mesmo que a prolificidade seja então reduzida.

Apesar dos progressos realizados no diagnóstico da ovulação, é mais prudente garantir sistematicamente a repetição do cruzamento 48 horas depois. Não é no entanto necessário garantir mais do que dois cruzamentos quando o acompanhamento da ovulação da cadela foi corretamente realizado.
Embora os riscos de superfecundação (fecundação por vários machos diferentes) sejam menores na cadela do que na gata, é aconselhável isolar os outros machos até o desaparecimento total dos sinais de estro.

Não se observa superfetação (cruzamento fecundante durante a gestação) na espécie canina.
Alguns proprietários deixam a sua fêmea reprodutora durante alguns dias no local de residência do reprodutor depois da assinatura de um contrato de cruzamento. Este pode ser inspirado pelo regulamento internacional adotado pela FCI em Junho de 1979 (em substituição ao costume de Mônaco). Um outro contrato rege as condições pelas quais um criador cede uma reprodutora a terceiros sob reserva de obter os filhotes desmamados.
Se, por múltiplas razões, o cruzamento natural mostra ser impossível entre os dois parceiros selecionados, é necessária a utilização das técnicas de inseminação artificial.

A inseminação artificial

Chama-se inseminação artificial qualquer técnica de reprodução que teria sido impossível na ausência de assistência humana. Assim, a simples coleta de sêmen do macho para a reintrodução imediata nas vias genitais femininas, freqüentemente chamado "assistência à cópula", é uma técnica de inseminação artificial dita "de sêmen fresco"

A inseminação de sêmen fresco

Esta técnica é utilizada quando os dois genitores não conseguem copular por razões tais como:
- incompatibilidade de humor,
- inexperiência de um ou dos dois parceiros,
- estreitamento das vias genitais (atresia vulvar, malformações vulvares ou vaginais, prolapso vaginal associado à impregnação estrogênica durante o cio),
- dores de um dos parceiros na cópula (ao nível das vértebras, dos membros posteriores, do osso peniano, da vagina),
- falta de libido.

Depois de haver verificado que a fêmea se encontra de fato em período receptivo, o veterinário procede à coleta do sêmen do reprodutor em presença de uma fêmea no cio (que pode não ser aquela que vai ser inseminada). Esta coleta é efetuada da seguinte forma:

- os bulbos eréteis devem ser exteriorizados para fora do prepúcio antes de começar as manobras de coleta do sêmen para evitar que o seu inchaço impeça a sua exteriorização total.
- os bulbos eréteis são em seguida massageados até à obtenção dos movimentos espontâneos da bacia,
- uma constrição por trás dos bulbos permite manter a ereção durante as três fases da ejaculação, completada se necessário por uma massagem do períneo. Geralmente, não é necessário coletar a totalidade da última fase (prostática), exceto nos casos das grandes raças nas quais um certo volume de diluição é necessário para compensar o comprimento das vias genitais femininas.

Uma vez efetuada a coleta, o esperma é controlado ao microscópio numa platina aquecida para verificar o número, aspecto e motilidade dos espermatozóides. Se a qualidade é satisfatória, o inseminador reintroduz o sêmen com a ajuda de uma sonda na vagina (sonda "Osiris")

É necessário manter a fêmea com os membros posteriores levantados durante uns dez minutos depois da inseminação para favorecer a progressão dos espermatozóides e limitar o refluxo. Pela mesma razão, é aconselhável evitar deixar a fêmea urinar nos minutos que seguem a inseminação.

O conjunto destas etapas deve ser realizado com precauções múltiplas para evitar qualquer choque térmico, mecânico ou químico aos espermatozóides.
Se estas precauções são respeitadas, a técnica de inseminação com sêmen fresco deve dar tão bons resultados quanto à cópula natural (aproximadamente 80% de gestação).

A inseminação com sêmen refrigerado

Destina-se principalmente a remediar ao afastamento dos dois parceiros, poupando ao proprietário da reprodutora um deslocamento e os gastos de alojamento no proprietário do macho.
Um veterinário autorizado coleta o sêmen do reprodutor e faz o seu controle. Depois refrigera a 4°C a fase fecundante previamente diluída num líquido protetor e nutritivo. Manda-o em seguida com uma proteção térmica (garrafa térmica por correio expresso) ao veterinário destinatário que deverá realizar a inseminação depois de ter controlado o estado de conservação do sêmen e a disponibilidade da fêmea.
O conjunto destas operações deve ser realizado nas 48 horas que se seguem à coleta e necessita portanto uma perfeita sincronização de todos os envolvidos (disponibilidade do macho, equipamento e formação específica dos veterinários, acompanhamento rigoroso dos cios da reprodutora, rapidez do transporte). Esta técnica convém portanto para parceiros que estariam separados por uma distância média relativa (entre os estados brasileiros).
Os resultados são comparáveis àqueles observados nos cruzamentos naturais, embora as sucessivas manipulações criem o risco de diminuir a vitalidade dos espermatozóides.

A inseminação com sêmen congelado

O sêmen é coletado por uma técnica idêntica às precedentes. A qualidade e o número de espermatozóides são em seguida rigorosamente controlados para evitar congelar um sêmen que teria menos de 150 milhões de espermatozóides móveis ou mais de 30% de formas anormais.
É em seguida diluído num crioprotetor, acondicionado em palhetas identificadas e conservado em recipientes mergulhados em nitrogênio líquido a – 196°C por um período de tempo ilimitado. O Centro de Estudos em Reprodução Assistida (CERCA) da Escola Veterinária de Alfort ainda tem palhetas congeladas há mais de treze anos!
Estas palhetas não podem ser utilizadas sem o consentimento do proprietário do reprodutor que pode combinar com o proprietário da fêmea um preço de venda dependendo da oferta e da demanda. Nessas transações, o banco de sêmen é portanto apenas um prestador de serviços.
Embora atualmente na França o sêmen de cães só possa ser congelado por um estabelecimento autorizado, em compensação as inseminações podem ser realizadas por todos os veterinários inseminadores que tenham seguido uma formação específica para esta técnica. O esperma pode então lhes ser enviado em recipientes especiais para que possam realizar a inseminação após descongelamento no momento oportuno.

Apenas os cães de raça inscritos no LOF e confirmados podem ter acesso a esta técnica.
É preferível aproveitar o período de vitalidade máxi-

ma do reprodutor para congelar o seu sêmen e não esperar pela senilidade, a ameaça de uma doença ou de uma castração terapêutica para fazer o pedido.
Esta técnica apresenta várias aplicações zootécnicas.

• Torna possível as trocas genéticas entre dois países separados por uma barreira sanitária ou um afastamento significativo. A título de exemplo, é impossível enviar uma fêmea à Inglaterra para um cruzamento sem que ela tenha que passar por uma quarentena de seis meses, mas é possível receber o sêmen congelado do macho pretendido.

• Permite conservar o patrimônio genético de um bom reprodutor de forma ilimitada e utilizar o seu sêmen mesmo em caso de indisponibilidade ou de morte.

• Permite retornos quando as técnicas de seleção adotadas por um clube de raça resultam em impasses genéticos. A título de exemplo, os hipertipos de focinho esmagado, freqüentemente obtidos hoje em dia nas raças Bulldog, poderiam tirar proveito de uma nova mistura com o sêmen dos reprodutores menos braquicéfalos de antigamente para diminuir a freqüência das distocias.

• Permite salvar certas raças em via de extinção e as recombinar nas raças com poucos indivíduos.

A gestação

O *diagnóstico de gestação*

A fecundação de um óvulo por um espermatozóide resulta na formação de um ovo que deve migrar e sofrer algumas divisões antes de se implantar na mucosa uterina. Esta nidação na cadela só intervém em média 17 dias depois da fecundação e resulta na formação de vesículas embrionárias que só podem ser detectadas por ecografia a partir da terceira semana (no mínimo ao 18º dia).
A partir da terceira semana, uma palpação transabdominal minuciosa pode às vezes detectar um útero em rosário, desde que a cadela não esteja muito gorda e que a alça abdominal esteja distendida. Entre a quinta e a sexta semana de gestação, o diâmetro do útero atinge um tamanho de uma alça intestinal. Torna-se portanto difícil durante este período distinguir por este método um útero grávido de uma alça intestinal contendo fezes endurecidas.
A radiografia só se torna interessante no final da gestação quando o esqueleto dos fetos estão calcificados e portanto rádio-opaco aos raios-X (a partir do 45º dia).
As outras técnicas que pesquisam as mudanças de comportamento, os batimentos cardíacos dos fetos por auscultação (audíveis em algumas cadelas nas duas últimas semanas), as modificações sanguíneas (velocidade de sedimentação, hematócrito) ou ainda o desenvolvimento mamário são muito tardias ou muito aleatórias para serem utilizadas de forma confiável.
Atualmente, o diagnóstico da gestação mais precoce é portanto o da ecografia. Esta permite enviar o certificado de cruzamento à SC no prazo de quatro semanas com a certeza quanto à gestação.

O *desenvolvimento da gestação*

A duração da gestação na cadela pode variar de 58 a 68 dias (em média 63 dias), estando as variações observadas entre as cadelas associadas à diferença entre a data de cruzamento e a data real de fecundação. Com efeito, os espermatozóides podem subsistir até cinco dias nas vias genitais femininas antes que os óvulos sejam fecundados.
Após a fecundação, os ovos se transformam em embriões que migram dos ovidutos em direção ao útero e se espalham uniformemente nos dois cornos uterinos. A nidação, ou seja, a implantação do embrião na mucosa uterina, só se efetua entre o 17º e o 19º dia depois da fecundação, sendo impossível um diagnóstico de gestação por esta técnica antes dessa data.
A transformação do embrião em feto e depois o crescimento fetal, são permitidos pelo fornecimento de nutri-

Declaração de cruzamento

Independente de técnica utilizada no acasalamento ou inseminação, para que uma ninhada seja inscrita na sociedade central canina (S.C.C) no livro das origens fancês (LOF), é indispensável:

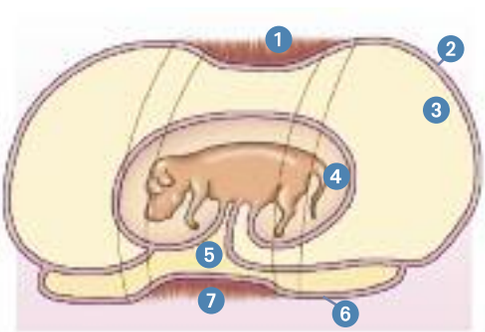
- Assegurar, previamente, que os próprios genitores estão registrados definitivamente no LOF após o exame de confirmação (registro atestado pelo seu pedigree)?

- Que o dono da cadela tenha enviado à S.C.C o certificado de cruzamento nas semanas após o acasamento ou a inseminação.

Cronologia das observações pré-natais

Técnica para datar a gestação	*Número de dias depois da fecundacão*	*Observações (raça de tamanho médio)*
Ecografia	*18*	*Vesículas embrionarias*
	22	*Embrioes visíveis*
	28	*Batimentos cardiacos*
	30 a 35	*diferenciação cabeça e tronco*
	43	*Vértébras*
	47	*Crânio e costelas*
	45	*Inicio da minerilisaçao dos ossos (crânio, culuna vertebral e costelas)*
Radiografia	*50*	*Úmero, fêmur*
	54	*Radio, tíbia*
	56	*Bacia*

Anexos fetais da cadela



1- Córion viloso
2 -Córion liso
3 - Alantóide
4 - Amnio
5 - Vesícula umbilical
6 - Borda da placenta
7 - Placenta zonar de tipo endotéliocorial

DISTÚRBIOS DE FERTILIDADE DA CADELA

	ORIGEM	SINTOMAS	CONSEQÜÊNCIAS PRÁTICAS
	Distúrbios hormonais durante o crescimento Tratamentos contra cios antes da puberdade	Primeiros cios tardios às vezes acompanhado de anomalias do desenvolvimento da estatura e da genitália	Excluir da reprodução
	Obesidade real	Ausência ou cios brandos	Começar emagrecimento
	Distúrbios hormonais do adulto	Perda de pêlos sem crescimento, pele pigmentada, obesidade apatia, sede em excesso	Explorações hormonais (tireóide, supra-renais, ovários), eventual tratamento
ANOMALIAS DA PRODUÇÃO DOS ÓVULOS	Administração de alguns medicamentos (andrógenos, progestativos, cortisona, anabolizantes)	Sintomas pouco aparentes- (às vezes, hipertrofia do clitóris com os andrógenos)	Dosar corretamente as indicações e os riscos dos tratamentos hormonais (distúrbios, geralmente irreversíveis)
	Envelhecimento Cisto Tumor	Baixa da prolificidade Cios anormais (prolongados, ninfo-maníaco)	Inatividade Ecografia dos ovários dosagens da hormonais, eventual cirurgia
	Afecção ovariana Insuficiência hormonal	Ausência de cios ou ou ciclo sem ovulação ou ovulação tardia	Esfregaços vaginais , dosagens progesterona estimulação da maturação e da ovulação
ANOMALIAS DO ACASALAMENTO	Lesão da vulva ou da vagina, Dor genital ou da articulação Predisposição racial Agressividade da fêmea Indiferença Falta de habilidade Desproporção macho/fêmea	Recusa de cópula	Assistência ao acasalamento ou à inseminação artificial
ANOMALIAS DA FECUNDAÇÃO	Má sincronicidade Ovulação/acasalamento	Acasalamento não fecundado	Acompanhamento rigoroso dos cios, ou inseminações repetidas, ou indução artificial da ovulação
	Obstáculo à fecundação (infecção)	Acasalamento não fecundado	Verificar a permeabilidade das vias e ausência de infecção

(ânion e alantóide) que envolvem e protegem o feto. O crescimento dos fetos só se torna externamente visível durante a segunda metade da gestação.

As causas da infertilidade na cadela

Em todas as espécies, a fertilidade de uma população nunca atinge 100%. A fertilidade máxima nas criações caninas em que as condições de reprodução são ótimas não ultrapassa os 85%. É inclusive aconselhado, para cada reprodutora, deixar passar no mínimo um período de cio a cada dois anos sem utilização na reprodução.
Portanto é preciso esperar que uma cadela fique vazia depois de dois períodos de cio consecutivos antes de suspeitar de infertilidade. Sem ter que esperar tanto tempo, o veterinário pode tentar, desde o primeiro fracasso, localizar mais precisamente a causa da infertilidade.
Será inicialmente fácil eliminar as causas ligadas ao reprodutor controlando o seu sêmen (realização de vários espermogramas) e a sua descendência recente. Se a infertilidade está objetivamente associada ao macho, existem geralmente poucas chances de recuperação e é então melhor mudar de reprodutor.

Uma vez realizada esta verificação, as causas de infertilidade associadas à fêmea são muito numerosas. Um inquérito aprofundado incluindo o estudo do seu passado (ciclos precedentes), os tratamentos que podem

ter sido realizados (particularmente hormonais), a data do cruzamento, a forma como ocorreu o cruzamento, a natureza das perdas vulvares, etc., permitirá identificar a causa da infertilidade: perturbações da fecundação, da nidação ou da gestação.

As anomalias da produção de óvulos

Essas anomalias podem:
- estar ligadas a uma ausência ou a um atraso de desenvolvimento dos ovócitos no ovário (perturbação da maturação dos ovócitos). Traduzem-se então por uma ausência de cios, cios discretos (silencioso) ou irregulares;
- ser devido a um bloqueio da liberação dos ovócitos traduzindo-se por vezes por ninfomania (cio permanente ou prolongado);
- ser provocadas por um episódio infeccioso (herpes, viroses etc...) ou, mais raramente, por uma perturbação do comportamento alimentar (déficit do balanço energético);
- associadas à persistência do corpo lúteo precedente que continua a secretar progesterona inibindo assim o desenvolvimento dos folículos seguintes (fenômeno raro na cadela);
- ser conseqüência de tratamentos hormonais (anabolizantes, progestógenos, corticóides) ou de um treinamento esportivo excessivo (excesso de secreção de hormônios masculinos nas cadelas de esporte);
- ser a conseqüência de uma disfunção hormonal (perturbações da tiróide, supra-renais, obesidade).

Sendo a origem destas perturbações na espécie canina essencialmente hormonal, o veterinário deverá completar o seu diagnóstico por dosagens hormonais. É evidente que o tratamento destas perturbações da fertilidade depende da sua origem.
A título de exemplo, não se vai tratar de forma idêntica um impuberismo (ausência de puberdade e uma impregnação androgênica, embora os problemas a serem resolvidos sejam essencialmente idênticos (ausência de maturação folicular).
Os tratamentos utilizam hormônios, seja para estimular as glândulas deficientes, seja para substituir os hormônios insuficientes. O veterinário os utilizará sempre com prudência. A sua administração apresenta o risco de causar a interrupção temporária ou definitiva do funcionamento das glândulas responsáveis pela sua produção natural. A título de exemplo, a utilização de progestógenos numa cadela impúbere, para retardar o aparecimento do seu primeiro cio, pode provocar em seguida um atraso do crescimento e um bloqueio transitório ou completo dos seus ciclos.
Vale então reter que é imperativo se abster de qualquer utilização preventiva ou curativa dos hormônios sem a certeza de um diagnóstico preciso da causa da infertilidade e de só os utilizar depois de ter obtido insucesso com as outras possibilidades de tratamento.

As anomalias da fecundação

A maioria dos fracassos da fecundação é devido a uma má escolha da data do acasalamento ou de inseminação. Depois da exclusão desta causa, o veterinário procurará os eventuais obstáculos ao encontro dos gametas. Uma infecção vaginal, uterina, urinária ou mesmo prostática pode provocar a destruição dos espermatozóides ou perturbar o seu encaminhamento antes da fecundação. Da mesma forma, uma obstrução dos ovidutos (trompas) consecutiva a uma salpingite (inflamação das trompas por exemplo) pode impedir a progressão dos óvulos.

As anomalias da nidação

Uma vez fecundados os óvulos, os ovos sofrem várias divisões mas ficam livres nos cornos uterinos antes de se implantarem na mucosa uterina. Esta deve estar pronta para recebê-los para permitir a formação de placentas e portanto do fornecimento nutritivo necessário ao desenvolvimento dos embriões.
Vários obstáculos (infecção, hiperplasia glandular e cística, etc.) podem perturbar esta etapa. Da mesma forma, o útero de cadelas que têm cios muito próximos uns dos outros não dispõe de um tempo suficiente para retomar a sua forma inicial e não está portanto apto a receber os embriões. Um tratamento com progesterona permite então impor ao útero destas cadelas um descanso de compensação necessário à sua maturação.
Algumas carências alimentares (vitaminas A e E) poderiam intervir nesta etapa, mas geralmente provocam anteriormente sintomas muito mais aparentes e evocadores de má nutrição.

As anomalias da gestação

Os primeiros dias do desenvolvimento dos filhotes constituem a embriogênese e correspondem à diferen-ciação dos seus tecidos. Compreende-se que, durante este período, os fetos sejam especialmente sensíveis a todas as doenças ou a todas as intoxicações que pode-riam afetar sua mãe.
Para diminuir estes riscos de mortalidade (reabsorção embrionária, aborto) ou de má formações (teratogênese) é aconselhável se abster de qualquer tratamento medicamentoso durante os vinte primeiros dias de gestação.
Várias outras causas podem igualmente estar na origem de uma interrupção da gestação:

- incompatibilidade genética entre o macho e a fêmea que possuem ambos uma tara recessiva letal tornando os embriões homozigotos não viáveis;
- certas anomalias cromossômicas;
- uns cem números de germes considerados abortivos ou teratogênicos:
  - vírus: herpes, vírus da cinomose,
  - parasitas: toxoplasmas,
  - bactérias: salmonelas, pasteurelas,
  - alguns deles assumem proporções epizoóticas tais como a brucelose canina nos Estados Unidos;
- todos os traumatismos, sejam eles físicos ou psicológicos, podem às vezes provocar abortos completos ou parciais (expulsão de uma parte da ninhada e prosseguimento da gestação a termo);
- involução do corpo lúteo que secreta a progesterona, indispensável à cadela durante toda a gestação.

Alimentação da cadela gestante

Para um mesmo número de fetos, a gestação se mostra muito mais penosa para uma cadela de raça pequena do que para uma de raça grande. Para nos con-vencermos disto, basta comparar o peso ao nasci-mento de um filhote com o da sua mãe. Esta relação é quatro vezes mais elevada na raça Yorkshire do que no São Bernardo!
O peso de um recém-nascido é um bom indicador das trocas feto-maternas durante a gestação. Assim, na espécie humana, os atrasos de crescimento intra-uterino estão essencialmente associados a causas maternas como a hipertensão ou a má nutrição.
Da mesma forma, um estudo realizado em 1848 em leitões na estação experimental de Guernévez (Gaugant e Guéblez, 1994) mostrou que a viabilidade dos leitões antes do desmame está significativamente associada ao seu peso ao nascimento.
Na espécie canina, as observações são comparáveis e os filhotes que sofrem de um atraso de crescimento são freqüentemente deixados pela mãe.
O regime alimentar da cadela gestante consistirá em adaptar qualitativa- e quantitativamente o alimento materno às necessidades fisiológicas da gestação, que são elas próprias estimadas a partir do número de filhotes em gestação e do seu ganho de peso diário.

Alimentação e infertilidade

Embora a alimentação aja pouco sobre a fecundidade, prolificidade e início da gestação na cadela, ela se torna um fator preponderante da saúde dos filhotes no final da gestação e principalmente após, durante a lactação.
Assim, na espécie canina, em cadelas aparentemente

Característica nutricional do alimento destinado à uma cadela no final da gestação (em relação à matéria seca)

Proteínas	**25 a 35%**
Gorduras	**10 a 30%**
Celulose bruta	**1 a 4%**
Cálcio	**1.1 a 1.2%**
Fósforo	**0.8 a 0.9%**
Vitamina A	**5,000 a 10,000 IU/kg**
Energia	**4,000 a 5,000 kCal/kg**
Relação Proteína/Energia	**65 a 70 g/1,000 kCal**

em boa saúde nenhum caso de infertilidade pôde ser atribuído diretamente a uma deficiência nutricional.
A técnica de "flushing", que consiste em aumentar o fornecimento energético da dieta de fêmeas durante o período pré-ovulatório para estimular a liberação dos ovócitos, é um método muito difundido nos animais de produção (ovinos, bovinos) mas cuja eficácia nunca foi ainda demonstrada na espécie canina.
No entanto durante este período é aconselhável adaptar o fornecimento alimentar às modificações hormonais que caracterizam este estágio do ciclo sexual (colesterol, iodo, vitamina A, vitamina E, zinco). Os alimentos industrializados são geralmente bem providos destes elementos.
Por outro lado, não é raro observar perturbações da fertilidade em cadelas visivelmente magras ou, inversamente, muito obesas. Nestes casos é importante aproveitar o período de anestro para ajustar os forneci-mentos alimentares e permitir assim à cadela retornar ao seu peso ideal antes de entrar em reprodução. Na prática, faz-se uma superalimentação de aproximadamente 10% para uma cadela muito magra nos meses que precedem o estro e uma diminuição de 10% no caso inverso considerando-se o teor energético (valor calórico) do alimento.

Alimentação energética

Mesmo que o apetite de uma cadela tende a aumentar a partir da terceira semana de gestação, as suas exi-gências nutricionais permanecem relativamente está-veis durante as cinco primeiras semanas, tanto no plano qualitativo quanto quantitativo. Na realidade, o crescimento dos fetos ainda é pequeno, a mineralização do seu esqueleto ainda não começou e o seu desenvolvimento ainda não comprime o volume gástrico da reprodutora.
Por volta da quinta semana não é raro observar uma queda transitória do apetite, sendo que esta modificação é freqüentemente uma confirmação da gestação.
Nesta fase o desenvolvimento ponderal e esquelético dos fetos começa a assumir uma proporção exponencial e leva a um aumento progressivo das necessidades protéicas e energéticas (e, em menor escala, de minerais) da reprodutora, quando é justamente nesse momento que as sua capacidade gástrica tende a diminuir.
Portanto a contribuição energética do alimento deve essencialmente levar em conta a redução da capacidade gástrica da fêmea em final de gestação e permitir a constituição de reservas glicogênicas dos filhotes, porém sem favorecer o depósito de gorduras na área pélvica da mãe. A constituição das reservas glicogênicas no fígado dos fetos em final de gestação requer um fornecimento de glicídeos na alimentação materna para não expor os filhotes ao risco de uma hipoglicemia ao nascimento. Com efeito, embora seja teoricamente possível alimentar um cão com dietas desprovidas de glicídeos (não indispensáveis nos carnívoros, que podem sintetizá-los a partir de lipídeos ou de proteínas), tais regimes impostos a cadelas em gestação levaram experimentalmente a um aumento da mortalidade nos filhotes por hipoglicemia nos dias que se seguiram ao seu nascimento.

As necessidades energéticas totais da cadela em gestação representam uma somatória das suas próprias necessidades de manutenção com as necessidades de crescimento e de manutenção dos fetos. A título de exemplo, uma cadela de tamanho médio, como uma Cocker de 12 kg, com 12 filhotes em gestação terá sua necessidade energética aumentada em aproximadamente 4 a 5 vezes no final da gestação.
Neste período a cadela deverá então ser alimentada com uma dieta altamente palatável (para compensar a sua perda de apetite), de alta densidade energética e de boa digestibilidade, que será oferecida preferencialmente em várias e pequenas refeições durante o dia. Uma alimentação à vontade é recomendada apenas para cadelas muito magras.

Ajuste protéico

A análise média da composição dos fetos de cães revela 82% de água, 13 a 15% de proteínas (ou seja 80% de proteínas em relação à matéria seca), 1,5% de gorduras e aproximadamente 2% de minerais.

Considerando o alto teor protéico dos filhotes, a gestação necessita de um depósito de proteínas e portanto uma reformulação das quantidades para mais, no que se refere ao fornecimento de proteínas à mãe (aproximadamente 2,8 vezes as necessidades de manutenção, no exemplo anterior para uma cadela Cocker).
Embora a responsabilidade de um eventual excesso protéico na alimentação materna no aparecimento da síndrome do cão nadador nas raças predispostas já tenha sido sugerido por alguns autores, esta hipótese está longe de ser confirmada. Na verdade, é comum observar apenas um filhote afetado numa mesma ninhada.

Além disso, em patologia comparada, a alimentação materna já não é apontada como causa para o splay-leg-disease em leitões, que é uma afecção comparável à síndrome do cão nadador na espécie canina.

Minerais e vitaminas

Deve-se atribuir uma atenção especial ao nível de vitamina A na alimentação materna, uma vez que esta vitamina se difunde através da barreira placentária permitindo assim uma boa proteção dos epitélios nos filhotes desde o seu nascimento.

Por esta razão, o nível de incorporação de vitamina A pode se aproximar das 10 000 UI/kg (ou seja, o dobro do nível aconselhado para um alimento de manutenção). No entanto é necessário ter cautela com os excessos (mais de quatro vezes esta dosagem) que podem induzir fissuras palatinas, deformações da cauda, das orelhas e da coluna, mumificações fetais e uma mortalidade neonatal, sendo que o período de suscetibilidade máxima situa-se entre o 17º e o 22º dia de gestação.

Os excessos de vitamina D predispõem a calcificações dos tecidos moles, estenoses das válvulas cardíacas e a um fechamento prematuro das fontanelas.

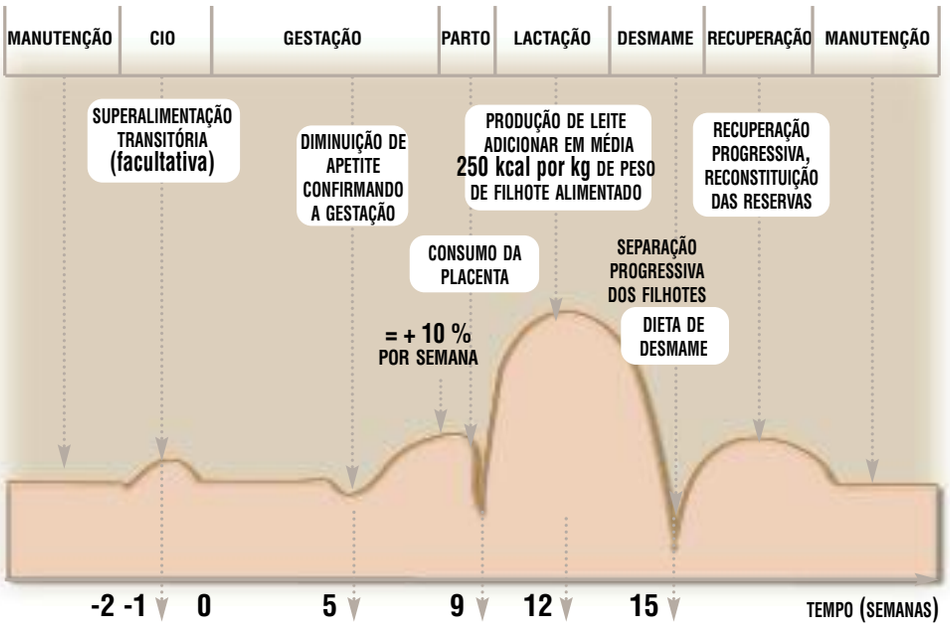
Alimentação caseira modelo para uma fêmea em gestação

Formula (em gramas) para 1040 kcal

Carne magra	300
Arroz cozido	400
Vagem	100
Cenoura	300
Farelo de osso	20

Composição em relaçao à matéria seca

Proteínas brutas	24.5%
Gorduras	14%
Cálcio	1.6%
Fósforo	1%



EVOLUÇÃO DA QUANTIDADE DE ALIMENTOS NECESSÁRIOS PARA A CADELA NO CICLO DE REPRODUÇÃO

Quanto ao cálcio, uma suplementação excessiva e precoce durante a gestação pode predispor às eclâmpsias pré ou pós-parto, responsáveis respectivamente por partos prematuros e por esmagamento acidental dos filhotes.

Em resumo, para alimentar uma cadela em gestação, deve-se ter em mente os seguintes elementos:

- o aumento das necessidades alimentares da cadela em aproximadamente 10 % por semana a partir da quinta semana de gestação requer a utilização de uma ali-mentação seca (as rações caseiras ou em conserva con-têm mais de 80% de água e portanto "sobrecarregam" um estômago de capacidade reduzida duas a três vezes mais do que os alimentos secos);

- a densidade energética desse alimento deverá ser elevada (energia metabolizável compreendida entre 3 800 e 4 300 kcal/kg de alimento em função do estado corporal, da atividade e do temperamento da cadela) e poderá ser facilmente avaliada pelo volume e consistência das fezes obtidas;

- o nível protéico deve ser aumentado (entre 25 e 36% de proteínas/kg de alimento em função do número de filhotes esperados) porque a "matéria seca" dos filhotes ao nascimento é composta por 70 a 80 % de proteínas;

- a mineralização do esqueleto dos fetos em final de gestação requer um aumento do fornecimento em minerais que o constituem (principalmente cálcio e fósforo). O fornecimento de cálcio deve ser calculado em função da densidade energética do alimento, que determina a quantidade a ser ingerida pela cadela. Esta não deve ultrapassar 4 gramas de cálcio por 1 000 quilocalorias a fim de diminuir o risco de interrupção do funcionamento das glândulas paratireóides, o que predispõe às eclâmpsias (crises de tetania) no parto ou durante a lactação.

O nível de fósforo é geralmente calculado de forma que a relação cálcio/fósforo fique entre 1,2 e 1,4, ou seja uma proporção fisiológica para os componentes do osso;
- o peso da fêmea no final da gestação não deve ultrapassar 120 % do seu peso de manutenção (110 % nas raças gigantes, 130 % nas raças miniaturas) para diminuir - os riscos de dificuldades no parto devido à obs-trução por excesso de gordura na área pélvica.

Patologia da reprodução

Pseudogestação e lactação nervosa

Estas afecções não são consideradas patológicas já que são observadas com maior freqüência no estado selvagem do que nas fêmeas domésticas, nas quais ela retrocede espontaneamente em algumas semanas em ausência de tratamento sem deixar geralmente nenhuma seqüela.

As cadelas afetadas por "gravidez nervosa" apresentam todos os sintomas e as variações hormonais que acompanham uma gestação verdadeira sem no entanto estarem grávidas. Isto complica ainda mais o diagnóstico de gestação na cadela, pois se torna impossível basear-se nas mudanças de comportamento (tendência a juntar diversos objetos para construir o seu ninho), de corpulência ou até mesmo de aparecimento de leite para afirmar que uma cadela está em gestação ou em pseudogestação.

Ainda não se conhece a causa exata destas perturbações que tendem a recidivar a cada ciclo sexual.
Elas raramente afetam as cadelas de criação e atingindo preferencialmente as cadelas de particulares, que apresentam uma submissão e um apego excessivo aos seus donos freqüente. Contudo, a pseudogestação não parece ser um desejo insatisfeito de gestação, uma vez que uma gestação não impede as recidivas.
Mais do que a pseudogestação, é freqüentemente a lactação nervosa que leva a consultas em consultórios veterinários. A cadela está excitada e lambe constantemente as suas mamas cheias de leite. Esta lambedura mantém a lactação por um mecanismo neurohormonal idêntico ao reflexo de amamentação.

O tratamento destas lactações de pseudogestação consiste na administração de medicamentos anti-prolactina complementada pela aplicação local de pomadas adstringentes nas mamas. No momento desta aplicação, o proprietário não deve massagear as mamas e também deve tentar impedir que a sua cadela se lamba (uso de colar de Elisabeth) para evitar manter o "círculo vicioso" de estimulação da lactação.
A ovarioectomia (retirada dos ovários) representa a única prevenção definitiva das recidivas.

As metrites

As metrites são infecções uterinas que geralmente só afetam as cadelas durante um período bem preciso do seu ciclo sexual. A contaminação do útero pela ascensão de um germe patogênico é mais freqüênte quando o colo está aberto, seja durante o estro ou depois do parto. Algumas metrites aparecem dentro de um a dois meses depois de um tratamento hormonal estrogênico visando impedir a nidação depois de uma gestação mal sucedida.

Quando ocorre fechamento do colo do útero e impregnação por progesterona (proestro), estas metrites podem se agravar pelo acúmulo de pus no útero, chamado "piometra".

A laparoscopia nos carnívoros domésticos

Por definição a laparoscopia corresponde à exploração da cavidade abdominal por endoscopia.
Durante muito tempo, a única aplicação da laparoscopia esteve limitada à simples observação das vísceras abdominais. Progressivamente surgiu a possibilidade de realizar biópsias de órgãos e depois intervenções cirúrgicas. Hoje em dia o ato cirúrgico sob endoscopia é praticado rotineiramente no ser humano e uma de suas indicações mais freqüentes é a ablação da vesícula biliar ou colecistectomia. O veterinário pode aproveitar amplamente dos avanços tecnológicos em material endoscópico sendo a cirurgia do aparelho reprodutor do cão a primeira a ser beneficiada.
A ovariectomia da cadela, a vasectomia do cão ou ainda a ablação de um testículo ectópico em posição abdominal podem ser realizados sob laparoscopia. O desenvolvimento de técnicas operatórias pelo serviço de reprodução animal da Escola Nacional Veterinária de Alfort, ditas de abordagem única, permite considerar de forma concreta a laparoscopia na prática comum nos carnívoros domésticos.

Prof. Nicolas Nudelmann
Serviço de reprodução
Escola Nacional Veterinária de Alfort, França

A piometra

Os sintomas da piometra podem ser discretos se não aparecer nenhum corrimento purulento na vulva (piometra fechada). Estas piometras são as mais graves, uma vez que não têm tendência a drenar espontaneamente devido a principalmente três motivos:

- o colo do útero está fechado,
- a impregnação por progesterona mantém o relaxamento do útero como se estivesse grávido,
- a posição horizontal dos cornos uterinos não facilita a drenagem espontânea.

No plano clínico, as piometras provocam freqüentemente uma letargia acompanhada de um aumento da sede e da emissão de urina (poliuria-polidipsia), e este quadro pode se agravar por uma afecção renal pelas toxinas secretadas. O veterinário pode confirmar esta suspeita através de um esfregaço vaginal, palpação abdominal, exames hematológicos, radiológicos ou ecográficos.
A quantidade de pus acumulado pode ser considerável (vários litros!)

O tratamento médico utiliza determinados antibióticos e hormônios (prostaglandinas) que aumentam a contratibilidade do útero e do colo do útero para facilitar a drenagem. Infelizmente as indicações deste tratamento estão reservadas às cadelas capazes de suportá-lo (segundo o grau de gravidade da piometra) e para as quais o proprietário pretende conservar um futuro na reprodução. Nos outros casos, o tratamento cirúrgico (ablação do útero e do pus que contém) geralmente é a solução mais indicada para que se possa esperar uma cura rápida e definitiva.

Os tumores ovarianos e testiculares

Em termos médicos, um tumor designa simplesmente uma massa de tecidos, não havendo nenhuma indicação neste termo da natureza do tumor, que pode ser benigno ou maligno (canceroso). Entretanto, este termo exclui os quistos ou os abscessos de natureza líquida ou gordurosa.
Nas cadelas os tumores cancerígenos raramente atingem o ovário (aproximadamente 1% dos cânceres nesta espécie) mas são mais difíceis de serem diagnosticados do que os tumores testiculares, que são mais visíveis externamente.

A maioria dos tumores ovarianos secreta hormônios que perturbam os ciclos sexuais da cadela e provocam perdas de pêlos simétricas e bilaterais atingindo os flancos ou as coxas. Em seguida este quadro clínico pode se complicar com distensão abdominal devido a ascite (acúmulo de líquidos na cavidade abdominal). O diagnóstico pode ser realizado por coloscopia ou por exame citológico de uma punção do líquido de ascite. Quase sempre a visualização destes tumores por radiografia ou ecografia é muito tardia, uma vez que eles estão inicialmente escondidos pela bolsa ovariana.
Na ausência de metástases peritoniais prefere-se a ovariectomia a qualquer outro tipo de terapia anticancerosa.
Os tumores testiculares no macho também não são muito freqüentes. Mesmo na ausência de dor ou de inchaço testicular, deve-se suspeitar desta doença em cães idosos que apresentam perturbações hormonais (síndrome de feminilização), hipertrofia prostática, infertilidade ou perda de pêlos de localização particular. A persistência de um ou dos dois testículos na posição intra-abdominal predispõe classicamente a este tipo de tumor em cães idosos.

Mono e criptorquidia

No início da vida fetal, os testículos e os ovários se situam na mesma posição abdominal, atrás dos rins. Ao contrário dos ovários que ficarão na mesma posição, os testículos normalmente efetuam, sob a influência de hormônios e a tração de um cordão (gubernaculum testis), uma migração em direção ao escroto (bolsa escrotal) passando pelo anel inguinal. Após a puberdade a posição externa dos testículos será necessária para a produção dos espermatozóides, que precisam de uma temperatura inferior à do corpo.

Contudo esta migração deve ter sido completa nos dias que se seguem ao nascimento, pois do contrário o anel inguinal pode se restringir e ficar então muito estreito para os deixar passar!

A ectopia (mau posicionamento) testicular resultante é chamada de monorquidia quando afeta apenas um testículo e criptorquidia quando se refere aos dois. A título de exemplo, uma criptorquidia inguinal designa uma ectopia dupla dos testículos que permanecem contudo palpáveis pelo veterinário na região inguinal.

Entretanto, a estabilização definitiva dos testículos nas bolsas só é adquirida mais tarde (em média aos 6 meses) e às vezes os testículos podem voltar a subir transitoriamente durante este período para a posição supra-inguinal quando de uma exposição ao frio ou quando o filhote se coloca de costas. O veterinário deve pesquisar esta anomalia sistematicamente na visita de aquisição do filhote para poder redigir precocemente um certificado de suspeita, caso esta não tenha sido notificada no certificado de aquisição do filhote.
Os tratamentos médicos destinados a estimular a migração testicular geralmente são decepcionantes, principalmente quando são administrados tardiamente (após seis semanas).

A ectopia testicular é encontrada com tal freqüência na espécie canina, de modo que foi inscrita na lista dos vícios ditos "redibitórios", podendo levar a uma anulação da venda quando esta anomalia é confirmada aos 6 meses de idade. Embora os monorquídicos sejam perfeitamente capazes de reproduzir normalmente (ao contrário dos criptorquídicos), não é aconselhável deixá-los cruzar porque são suscetíveis de transmitir este problema a seus descendentes e, além disso, são julgados inaptos a receberem o cerfiticado.

Enfim, para diminuir os riscos de aparecimento de tumores ou dos testículos ectópicos, é aconselhável esterilizar cirurgicamente os animais em média antes dos 6 anos de idade.

As doenças infecciosas

Várias doenças infecciosas, sejam elas de origem bacteriana ou viral, podem afetar a reprodução e são responsáveis por casos de infertilidade, metrites, abortos ou de mortalidade neonatal.
A maioria das doenças bacterianas que atingem o aparelho genital são dificilmente diagnosticadas com segurança porque, embora seja banal isolar germes nas coletas (swab vaginal ou prepucial por exemplo), por outro lado é muito mais difícil provar a sua responsabilidade nos sintomas observados. A sua presença pode resultar de uma contaminação da coleta pela urina, pelo muco vaginal na fêmea e pelo líquido prostático no macho.

Em todo caso, corrimentos anormalmente abundantes ao nível da vulva ou do prepúcio devem ser analisados pelo veterinário que os irá tratar com anti-sépticos ou antibióticos apropriados.
Entretanto, estes medicamentos são inativos contra infecções virais comuns, tais como o herpes canino.

Alguns elementos de genética

Sem querer aqui chegar aos complexos métodos de seleção genética reservados ao âmbito da criação, parece útil para todos poder dispor de dados básicos que permitam entender esta ciência tão complexa que é a genética, a fim de ao menos poder responder à pergunta: "Como se transmitem os caracteres genéticos?" Em genética, um caractere representa a expressão visível ou quantificável de um ou de vários genes? A cor da pelagem, a aptidão de um cão em encontrar a caça, a altura da cernelha e a displasia da anca são exemplos de "caracteres genéticos" no sentido mais amplo da palavra.

Suporte genético dos caracteres

Um gene representa uma unidade de programa situada num local preciso ("lócus") de um cromossomo. Se o gene fosse uma nota musical, o cromossomo seria o suporte material, ou seja a partitura. Todas as células de um cão contêm no seu interior 39 pares de cromossomos, exceto as células que não têm núcleo (glóbulos vermelhos por exemplo) e células sexuais (espermatozóides e óvulos) que possuem os 39 cromossomos em apenas um exemplar.

O conjunto dos cromossomos contendo os genes constitui aquilo que se chama patrimônio genético ou genoma do indivíduo, ou seja, o conjunto do programa que condicionará a sua morfologia e uma boa parte do seu comportamento.
Os cromossomos estão presentes em exemplares duplos, sob a forma de pares, porque a metade deles é herdada do pai e a outra metade da mãe (fala-se então em alelos). Ocorre que estas duas "vozes" pensam da mesma forma e nesse caso dão à célula a mesma ordem: neste caso o indivíduo é chamado de homozigoto para o caractere considerado. A título de exemplo, o alelo "b" (para "brown") codificará uma pelagem marrom no filhote se estiver presente simultaneamente nos dois cromossomos herdados. O filhote é então denominado "homozigoto b/b".

Inversamente, se o cromossomo herdado do pai tem o gene "B" para "black" (preto em português) e aquele herdado da mãe tem o gene "b", o cão será dito "heterozigoto B/b", e o sua pelagem será tão preta quanto a do pai. Neste caso, o gene "B" (maiúscula) é chamado de dominante em relação ao gene "b" (minúscula), que é chamado de recessivo. A homozigose é portanto a condição sine qua non para a expressão morfológica de um gene recessivo.

Transmissão dos caracteres

As células sexuais são formadas a partir de um processo complexo denominado "meiose", através do qual os 39 pares de cromossomos da célula original vão ser dissociados, misturados e redistribuidos, semelhante ao que se faria com um baralho de cartas, resultando no final em uma nova combinação de 39 cromossomos em cada gameta.
A diversidade genética dos gametas garante assim a variação genética dentro de cada raça de cães. A união de um espermatozóide e de um óvulo (fecundação) resulta na formação do ovo (zigoto) no qual os cro-mossomos herdados dos dois pais se reúnem novamente por pares homólogos.
A natureza opera portanto em dois níveis de seleção involuntária e incontrolada:

- um primeiro nível durante a meiose, visto que uma informação genética diferente é dispensada a cada gameta;
- um segundo nível durante a fecundação, pois é impossível predizer qual espermatozóide irá fecundar o óvulo e qual óvulo será fecundado.

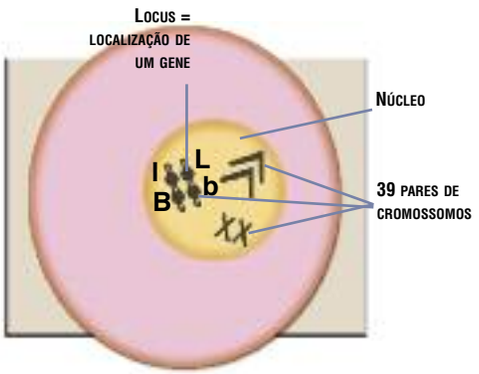
Podemos acrescentar que alguns genes podem sofrer mutação, modificando assim o caractere que codificam: no momento da sua concepção cada indivíduo tem aproximadamente uma chance em dez para que um dos seus genes sofra mutação.

As novas perspectivas do melhoramento genético canino

O cão faz parte das espécies de animais domésticos que não foram atingidas pela revolução dos métodos e técnicas de melhoramento genético. Deve-se dizer que o estatuto social do cão, afetivamente muito próximo ao do homem, não o predispõe a uma abordagem científica eminentemente racional da sua seleção. Isto constitui uma verdadeira originalidade nos animais domésticos.
Sob um ponto de vista fenotípico e genético, o cão se caracteriza de um lado por uma notável diversificação morfológica e psicológica motivada e por aspirações estéticas e por outro por preocupações utilitaristas. Embora os métodos de seleção tradicionais tenham fornecido belos resultados com várias raças, atualmente eles devem ser auxiliados ou complementados por procedimentos mais eficazes e também mais complexos. Isto pode ser rapidamente realizado explorando e transpondo os conhecimentos adquiridos junto às outras espécies.
O objetivo é obter para cada cão uma estimativa do seu valor genético, chamado índice genético. Este índice indica o nível do potencial intrínseco do animal, potencial que ele irá transmitir à sua descendência. O cálculo e a utilização dos índices genéticos em breve estarão efetivos para o pastor alemão malinois. Isto será uma grande novidade que somente mais tarde deverá ser generalizada. Ela representa um verdadeiro desafio para os meios cinófilos: aceitar este desafio implica que ele só pode ser concebido no âmbito de uma colaboração exemplar entre criadores, competidores, responsáveis de raças e da sociedade central canina e cientistas.

Prof. Jean-François Courreau
Chefe do Serviço de zootecnia
Escola nacional veterinária de Alfort, França.

Representação esquemática de uma célula de cão (antes da divisão)

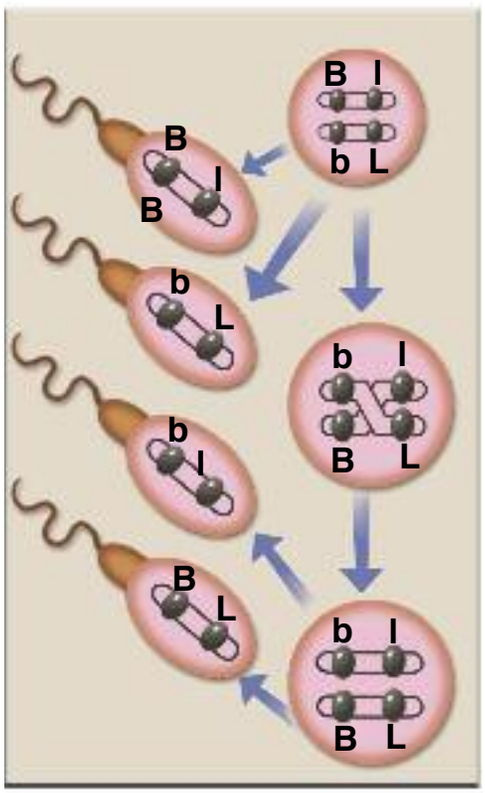


A aparência é reflexo dos genes?

Como vimos, existem portanto caracteres dominantes e caracteres recessivos: como no exemplo da cor preta (B) que no caso da pelagem domina o marrom (b). Para um cão de cor marrom, é fácil adivinhar o seu genótipo, que só pode ser b/b, uma vez que o caráter recessivo marrom só pode se expressar no estado homozigoto: portanto, no caso de genes recessivos o fenótipo (aquilo que se vê) é um bom reflexo do genótipo

Por outro lado o fenótipo "pelagem preta" pode corresponder a dois genótipos diferentes, B/b (heterozigoto) e B/B (homozigoto): no primeiro caso, o cão é preto mas portador de um alelo marrom, que poderá ser transmitido aos seus descendentes; no segundo caso o cão preto homozigoto transmitirá obrigatoriamente um dos seus dois alelos B aos seus descendentes, que serão portanto uniformemente pretos na primeira geração, quaisquer que sejam os alelos presentes no seu patrimônio genético.

Ao lado, exemplo de transmissão aleatória de dois caracteres durante a gênese dos espermatozóides (meiose)



As doenças de origem genética no cão

Hoje em dia, conhecem-se pelo menos 250 doenças (chamadas no cão de doenças/taras hereditárias ou taras genéticas) que afetam a espécie canina e que admitem um determinismo genético; dentre elas sabemos que aproximadamente 90 são devidas a um gene recessivo, 15 a um gene dominante e 45 a vários genes agindo em conjunto.
As doenças ligadas a um gene recessivo só se manifestam se o gene estiver presente em dois exemplares (vindos do pai e da mãe).

Portanto um indivíduo heterozigoto não vai expressar a sua doença, mas por outro lado poderá transmiti-la à sua descendência. É chamado de "portador são". As medidas de prevenção destas doenças passam pelo conhecimento aprofundado da genealogia do candidato à reprodução, tendo como objetivo final tender à sua erradicação (caso da anomalia ocular do Collie).

No caso de doenças devidas a um gene dominante não pode existir portador são e então é fácil combater a propagação da doença pela simples exclusão dos indivíduos doentes da reprodução
No entanto, determinadas afecções, tais como a atrofia progressiva da retina, podem se expressar tardiamente na vida do cão, às vezes depois da reprodução, o que explica a persistência da doença em algumas raças. Outras, como as anomalias ligadas ao gene "melro" (surdez, entre outras) podem não se expressar em alguns indivíduos resistentes, que vão então transmitir a doença sem que seja possível sabê-lo.

Finalmente, outras afecções são devidas a vários genes concomitantes, sendo que cada um deles deve se expressar fracamente para poder desencadear a doença. É a ação sinérgica e cumulativa da combinação de genes desfavoráveis e dos erros no modo de vida do cão (desequilíbrio alimentar, excesso de exercício) que vai permitir a manifestação física da tara. A displasia coxofemural, a criptorquidia ou as anomalias dentárias ilustram este determinismo, o qual, como se pode bem compreender, é muito difícil combater. Um rasteio precoce será muito eficaz.

Todos estes exemplos demonstram quanto é complexa a genética do cão e é o seu perfeito conhecimento que permite aos bons criadores fornecer às pessoas filhotes de qualidade!

Consangüinidade e cruzamento?

	VANTAGENS	*INCONVENIENTES*
Consangüinidade	Seleção de indivíduos geneticamente conhecidos Resultados rápidos e visíveis Exteriorização de taras recessivas Fixação de uma característica	Impasse genético Eliminaçao das taras e dos portadores Baixa da prolificidade
Cruzamento	Permite o retorno Enriquecimento genético	Evolução lenta Estimação subjetiva do valor genético

O parto

A vigilância durante o período pré-natal começa pela visita ao veterinário, que é indispensável para as primíparas ou para as fêmeas à risco. Esta deverá ser realizada na oitava semana de gestação.

- Um exame ginecológico da cadela permite detectar eventuais obstáculos no parto. A apresentação de dobras vaginais nas primíparas (cadelas grávidas pela primeira vez) pode perturbar a expulsão dos filhotes.

- Uma ou mais radiografias abdominais durante este período possibilita fazer a contagem dos fetos com mais precisão do que por ecografia. Este exame permite além disso detectar eventuais anomalias que são freqüentemente causas de distocias, tais como estreitamento da bacia, mumificações fetais (imagens de densidade gasosa, deslocamentos dos ossos) ou ainda desproporções feto-maternas. Entratanto nota-se que a determinação das posições dos fetos por radiografia não é um bom sinal precursor de distocias, pois às vezes elas podem se alterar no último momento (rotação de 180º).

- Uma ecografia uterina pode eventualmente auxiliar na avaliação da vitalidade dos filhotes através da visualização dos seus batimentos cardíacos.

Os sinais precursores do parto

A semana que precede o parto é geralmente acompanhada por uma modificação do comportamento da cadela: ela se apropria de vários objetos para fazer o seu ninho, procura um lugar tranqüilo ou, pelo contrário, procura a companhia do seu dono. Diminuição do apetite, constipação e desenvolvimento mamário são sinais inconstantes, principalmente nas primíparas, nas quais às vezes a subida do leite ocorre somente no próprio dia do parto ou até mesmo nos dias que se seguem ao nascimento.
Nos três dias que precedem o parto a vulva incha e relaxa sob o efeito da impregnação de estrógenos, provocando às vezes manifestações de falso cio.
A temperatura retal cai de 1ºC nas 24 horas pré-parto. É possível utilizar este indicador desde que se tome a temperatura da parturiente de manhã e à noite nos quatro dias que precedem a possível data do parto. Uma queda de 1ºC em relação à média dos quatro dias precedentes assinala então a iminência do parto.
Esta hipotermia transitória é concomitante com a queda da progesterona. Estes dois exames são sinais da maturidade dos fetos e indicam que o seu nascimento deverá ocorrer naturalmente ou por cesariana sem maiores riscos para os recém-nascidos; com relação ao parto, deve-se assinalar que na espécie canina a indução médica do parto é perigosa.
Finalmente, o corrimento do tampão mucoso que provém do colo do útero alerta sobre a eminência do parto e ocorre algumas horas (24 a 36 no máximo) antes das primeiras contrações.

O parto normal

A menos que a visita pré-natal tenha detectado riscos particulares, geralmente não é necessário intervir durante o parto.

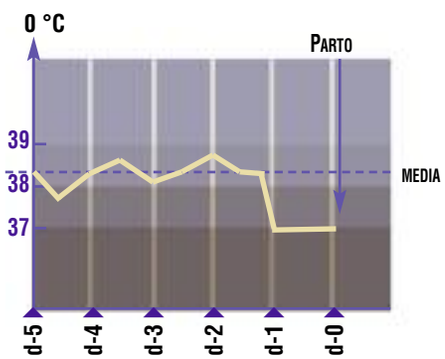
Os primeiros sinais do parto aparecem em média 63 dias após a fecundação. Aos 65 dias de gestação começa-se a suspeitar de algum problema. Aos 70 dias esta se torna francamente anormal!

As primeiras contrações dizem respeito ao útero e em geral só são detectáveis externamente pelo nervosismo da cadela, que observa freqüentemente os seus flancos e geralmente procura um lugar tranqüilo para se isolar e preparar um ninho confortável, quando ela ainda não o tem. A anorexia (perda de apetite) durante esta fase é banal e às vezes provoca o vômito. Esta fase preparatória dura em média de 6 a 12 horas, podendo ser de até 36 horas numa primípara. Se o proprietário estiver preocupado, ele pode neste estágio avaliar a dilatação vaginal com a ajuda de um ou dois dedos com luvas e aproveitar esta manipulação para detectar a eventual presença e a posição de um filhote inserido

A inserção do primeiro filhote no sulco pélvico provoca contrações visíveis da musculatura abdominal (reflexo de Ferguson) que vêm completar os esforços de expulsão do útero e devem ter resultado num prazo inferior a três horas depois da ruptura da primeira bolsa de águas (alantóide). A segunda bolsa das águas (ou bolsa amniótica) que envolve o filhote pode então aparecer na vulva (no máximo doze horas depois da perda das águas). Se a membrana amniótica não foi rasgada na passagem do filhote, a mãe geralmente se encarrega disso no minuto seguinte à expulsão; ela secciona o cordão umbilical e lambe o tórax do recém-nascido, estimulando assim os seus primeiros movimentos respiratórios. Neste estágio só é necessário intervir em caso de apresentações posteriores (aproximadamente 40% das apresentações, que demoram mais para serem expulsas) ajudando a mãe por meio de leves trações sincronizadas com as contrações abdominais, ou se o filhote permanece inerte apesar das estimulações maternas. Então é necessário verificar a ausência de obstruções das vias aéreas superiores (freqüentes nas apresentações posteriores), libertá-las eventualmente com a ajuda de uma pêra de lavagem ou através de movimentos centrífugos que favorecem igualmente o fluxo de sangue ao cérebro. Se estas manobras se mostram ineficazes, é necessário utilizar água fria ou estímulos respiratórios.

Tamanho	Número de filhotes
Raça pequena (menos de 10 kg)	1 a 3
Raça média (10 a 25 kg)	4 a 6
Raça grande (25 a 45 kg)	8 a 10
Raça gigantes (45 a 90 kg)	8 a 12

EXEMPLO DE ACOMPANHAMENTO DA TEMPERATURA RETAL NA PREVISÃO DA DATA DO PARTO



VIGILÂNCIA DO PARTO DA CADELA

Cronologia	Acompanhamento	Conseqüências práticas
Exame pré-natal		
	Exame ginecológico	Detectar eventuais obstáculos ao parto (sobretudo nas primiparas)
8ª semana de gestação	Radiografias abdominais	Contar os fetos, detectar sinais de morte fetal desproporções feto-maternais, anomalias de posição
	Ecografia uterina	Apreciação da vitalidade dos filhotes
Sinais precursores		
d (-7) a d(0)	Produção de leite (mais tardia nas primíparas)	planejar do parto
d (-2)	Relaxamento vulvar	Isolar a parturiente Preparar o ambiente
d (4) a d (10)	Queda de 1°c da temperatura retal	
d (4) a d (10) Antes desta data, os prematuros geralmente são afetados de insuficiência respiratória	Queda da progesterona < 2ng/ml	Programar uma eventual Cesariana
1 (0)	Corrimento da membrana Mucosa	Parto iminente
Parto iminente		
De 6 a 12 horas (até 30 horas nas primíparas)	Fase preparatória Nervosismo, contrações uterinas	Verificar a dilatação vaginal
De alguns minutos a 3 horas depois das primeiras contrações	Contrações abdominais expulsão do primeiro filhote rompimento da bolsa rompimento da bolsa	Intervir se os prazos forem anormais ou as contrações improdutivas. em caso de apresentação posterior, a expulsão durará mais tempo
de alguns minutos a 4 horas entre duas expulsões	Repouso expulsão e ingestão da placenta	intervir durante o cansaço uterino sem obstáculo (freqüente nas cadelas obesas, idosas ou nervosas e nas raças de risco)

A DECLARAÇÃO DE NASCIMENTO

O formulário de declaração de nascimento dirigido pela S.C.C. ao criador a partir da recepção do certificado de cruzamento deve ser devolvido preenchido à S.C.C. nas duas semanas que se seguem ao nascimento. Assim que os filhotes estiverem identificados (por tatuagem ou por chip eletrônico), o criador enviará também a este organismo, a título provisório, um pedido de inscrição da ninhada no LOF, que só será transformado em inscrição definitiva se os cães forem confirmados na idade adulta.

Os anexos são expulsos aproximadamente 15 minutos depois do nascimento de cada filhote, são na maioria das vezes ingeridos pela mãe. As expulsões dos filhotes seguintes sucede então em intervalos de alguns minutos a cerca de meia hora. Entretanto, um período de tempo superior a duas horas entre duas expulsões assinala uma anomalia, que pode ser uma inércia uterina primária (associada a uma fadiga, hipoglicemia ou hipocalcemia), ou secundária a um obstáculo (apresentação transversa, inserção simultânea de dois fetos, obstrução do canal pélvico). Neste caso é necessária uma intervenção médica ou cirúrgica.

As intervenções médicas

A utilização sistemática da ocitocina (hormônio que estimula as contrações uterinas) que é liberada naturalmente pela pós-hipófise para induzir o parto é formalmente desaconselhada. Na verdade, a utilização deste hormônio na ausência de um diagnóstico preciso pode:

- provocar dilacerações uterinas se a inércia é secundária a um obstáculo,
- favorecer a asfixia de todos os filhotes em espera por constrição prematura dos vasos aferentes do cordão,
- ser completamente ineficaz no útero que apresenta naturalmente um período refratário à ocitocina durante os períodos de repouso uterino (aproximadamente uma meia hora depois de cada expulsão) e portanto agir unicamente pelos seus efeitos secundários (particularmente diarréia),
- levar à inativação da pós-hipófise perturbando conseqüentemente a excreção de leite,
- levar a eclâmpsias secundárias.

Algumas raças são predispostas à inércia uterina primária (ou seja sem obstáculos anatômicos):

- as cadelas pequenas (Yorkshires, Poodles anões, pequenos Galgos) ou ao contrário, cadela de raças gigantes (Bullmastiff, Dogue de Bordeaux).
- as fêmeas muito calmas (Basset Hound) ou, pelo contrário, nervosas (Cocker) durante o trabalho de parto,
- as cadelas obesas ou idosas,
- as mães de ninhadas numerosas.

Nestes casos, o fornecimento de gluconato de cálcio em perfusão, sob controle do ritmo cardíaco, geralmente é suficiente para permitir uma retomada das contrações uterinas. A massagem das mamas provoca como reflexo uma descarga de ocitocina endógena, que é preferível à administração externa.

As intervenções cirúrgicas

Sendo as manipulações obstétricas muito limitadas na espécie canina, a utilização da episiotomia (incisão da comissura vulvar superior) ou da cesariana devem ser feitas quando há insuficiência dos tratamentos médicos ou uma obstrução evidente das vias maternas. As desproporções feto-maternas represen-

tam a principal indicação da cesariana. Elas são freqüentemente encontradas.

- nas raças braquicéfalas: as cabeças largas e achatadas têm dificuldade para se inserir na bacia e são freqüentemente causa de uma apresentação lateral, cabeça dobrada sobre o pescoço.
- quando a gravidez ultrapassa o tempo previsto ou quando a ninhada contém apenas um ou dois fetos: o tamanho destes fetos se torna então excessivo em relação ao diâmetro do canal pélvico.
- nas raças "miniaturas".
- quando a fêmea foi cruzada com um macho de tamanho muito superior.

A viabilidade dos filhotes dependerá da sua maturidade (que pode ser verificada pela dosagem da progesterona), da duração das contrações improdutivas (levando a um sofrimento e uma anóxia do filhote inserido mas também dos fetos em espera), da rapidez da intervenção e do tipo de anestesia utilizada.

Os cuidados pós-natais

Uma precaução importante consiste em dirigir cada recém-nascido para uma teta quando a mãe não o faz espontaneamente para que ele possa mamar o colostro (primeiro leite); os anticorpos protetores que ele contém fornecem ao filhote uma imunidade dita passiva por oposição à imunização ativa obtida após vacinação ou infeção.

Quando o número de recém-nascidos é inferior às previsões radiológicas, uma nova radiografia abdominal permite localizar o(s) filhote(s) que falta(m) e evita uma cesariana inútil caso sejam encontrados filhotes no estômago da mãe. Não é raro que uma reprodutora ingira os natimortos ao mesmo tempo do que as placentas.

Alguns produtos fitohomeopáticos favorecem o esvaziamento e a involução uterina. Precauções de higiene simples permitem prevenir as infecções ascendentes do útero durante a expulsão dos lóquios (perdas esverdeadas durante os três dias após o parto). A utilização sistemática de antibióticos é uma aberração nos planos econômico, médico e sanitário. Apresentam o risco não só de passarem para o leite e intoxicarem os filhotes (malformações do esmalte dentário para alguns) mas também de selecionarem germes resistentes contra os quais o antibiótico não poderá agir futuramente.

O ALEITAMENTO

O final do metaestro (período correspondente à gestação ou a pseudogestação) se caracteriza no plano hormonal por uma queda da progesterona sangüínea, uma elevação transitória dos estrógenos, permitindo a dilatação do colo do útero e um aumento da prolactina, hormônio que permite a subida do colostro e depois do leite.

Estas variações hormonais são comparáveis numa cadela gestante e numa cadela não gestante, o que explica a freqüência de "lactações nervosas" também chamadas "lactações de pseudogestação". Este fenômeno é observado no estado natural nas matilhas de cães selvagens e se refere essencialmente às cadelas de posição hierárquica inferior que podem então servir de amas de leite em caso de problemas de lactação nas cadelas dominantes. Assim como em muitas outras espécies de mamíferos a pseudogestação ressalta de forma evidente a importância do psiquismo no desencadeamento da lactação.

A lactação na cadela

Assim uma cadela que não se sente à vontade na sua maternidade, contrariada pela escolha do seu ninho ou até anestesiada por uma cesariana, apresenta um atraso na subida do leite.
Este problema pode ser tratado modificando as condições ambientais, através de produtos fito-homeopáticos ou ainda pela administração de determinados medicamentos antivômito, que têm uma ação estimuladora da secreção de prolactina ao nível do sistema nervoso central.

Uma vez expulsos os primeiros filhotes, a excreção do leite se auto-mantém por um mecanismo reflexo neuro-hormonal, a mamada ou a massagem das mamas, que estimulam a secreção de um outro hormônio, a ocitocina, que por sua vez lança o leite nos canais galactóforos. Este mecanismo é proporcional ao número de filhotes amamentados e permite que a produção de leite se adapte ao apetite dos filhotes; estes se tornam de certa forma prioritários em relação à saúde da mãe.

Produção de leite

O primeiro leite, chamado colostro, é secretado pela mãe nos dois primeiros dias após o parto. Não tem nem o aspeto nem a composição do leite clássico. Na verdade, ele é amarelado e translúcido a ponto de poder ser confundido com pus.
O colostro é muito mais rico em proteínas do que o leite: além das suas qualidades nutritivas, ele permite estimular a primeira defecação dos filhotes e lhes fornece 95% dos anticorpos (imunoglobulinas) necessários para a sua proteção contra as infecções. Assim, a mãe transmite passivamente por este meio a sua "memória imunológica" aos seus filhotes por um período de cinco a sete semanas enquanto eles se tornam por si próprios capazes de se defender das infecções.

COMPOSIÇÃO MÉDIA DO LEITE DA CADELA (segundo Cloche, 1987)

Matéria seca (g/kg)	220 a 250
Proteínas (g)	55 a 80
Gorduras (g)	50 a 90
Lactose (g)	30 a 40
Energia (kcal)	1200 a 1500
Matérias minerais (g)	9 a 13
incluindo cálcio (g)	1.5 a 3
e fósforo (g)	1 a 2.5

COMPARAÇAO LEITE DE VACA / LEITE DE CADELA

Principais componentes	*Leite de vaca inteiro*		*Leite de cadela*		*Diferença leite de cadela/ leite de vaca*
	(em % do produto bruto)	(em % matéria seca)	(em %do produto bruto)	(em % matéria seca)	(em relação a matéria seca)
Umidade	85.5	0	78	0	
matéria seca	12.5	100	22	100	
Proteínas	3.33	26.64	7.5	34	- 7.4
Gorduras	3.78	30.24	9	41	+ 11
Minerais	0.75	6	1.2	5.45	- 0.55
Lactose	4.54	36.32	4	18.2	- 18.12
Cálcio	0.12	0.96	0.25	1.14	+ 0.18
Fósforo	0.092	0.74	0.19	0.86	+ 0.12
Sódio	0.048	0.38	0.05	0.23	- 0.15
Pótassio	0.157	1.26	0.10	0.45	- 0.81
Magnésio	0.012	0.10	0.012 – 0.02	0.05 – 0.09	- 0.02
Zinco	0.38*	3.04*	0.9*	4.1*	+ 1

Acidos aminados	(em % do produto bruto)	(em % matéria seca)	(em % do produto bruto)	(em % matéria seca)	*Diferença leite de cadela/ leite de vaca* (em relação a matéria proteica)
Lisine	0.26	7.81	0.35	4.38	- 3.43
Histidina	0.089	2.67	0.20	2.5	- 0.17
Arginina	0.12	6.01	0.44	5.5	- 0.5
Treonina	0.15	4.5	0.32	4	- 0.5
Cistina	0.026	0.78	0.11	1.38	+ 0.6
Valina	0.23	6.91	0.38	4.75	- 2.16
Metionina	0.084	2.52	0.14	1.75	- 0.77
Isoleucina	0.21	6.31	0.335	4.19	- 2.12
Leucina	0.35	10.51	0.93	11.63	+ 1.12
Tirosina	0.17	5.11	0.27	3.38	- 1.73
Fenilalanina	0.17	5.11	0.33	4.13	- 0.98
Meti. + Cistina	0.11	3.3	0.35	4.38	+ 1.08

* in mg/100 g

PRODUÇÃO TOTAL DE LEITE (EM KG) =P. [C + 0,1. (N - 4)]

P = peso da cadela (em kg)
C = 1,6 para as cadelas de raças pequenas cujo peso adulto é inferior a 8 kg (ex.: Teckel), 1,8 para as cadelas de raças médias com peso adulto compreendido entre 10 e 25 kg (ex.: Épagneul bretão), 2 para as cadelas de raças grandes e gigantes cujo peso adulto é superior a 25 kg (ex.: Dogue alemão)
N = número de filhotes em amamentação

Os filhotes serão capazes de absorver estas "defesas maternas" durante um período que não vai além das 48 horas pós-parto. Depois disso estes anticorpos seriam destruídos pelo estômago antes da sua absorção e perderiam portanto toda a sua eficácia. Esses filhotes estariam então protegidos apenas pelos anticorpos que atravessam a barreira placentária durante a gestação (não mais de 5%).
Em alguns dias o colostro é substituído por leite, cuja composição depende do tamanho da raça (as raças grandes têm um leite mais rico em proteínas), das aptidões genéticas individuais e da teta em questão (sendo as tetas posteriores mais produtivas).

A lactação dura em média seis semanas depois do parto com um pico de produção máxima dentro de três semanas.

Nas semanas que se seguem, o decréscimo da produção de leite incita a mãe e regurgitar alimentos para complementar as mamadas dos filhotes, que começam a se interessar espontaneamente pelo alimento materno. Este período assinala o início de um desmame progressivo, que terminará por volta da sexta semana com a passagem para o alimento de crescimento.

A quantidade de leite produzido por uma cadela pode ser avaliada pesando-se regularmente os filhotes antes e depois da mamada. Estas medidas permitiram estabelecer um gráfico de lactação em função dos parâmetros que o influenciam diretamente (peso e condição corporal da mãe, número de filhotes amamentados) e propor uma equação para estimar a produção de leite.

Desta forma, podemos estimar que uma cadela Labrador de 32 kg amamentando oito filhotes produzirá 2,4 vezes o seu próprio peso em leite para criar a sua ninhada !
No entanto é muita presunção querer limitar a produção de leite a uma equação que deveria, em termos absolutos, considerar também parâmetros como a temperatura na maternidade, o consumo de água pela mãe, o tipo de ninhada e seu nível de stress, para citar apenas os principais.

Porém esta equação permite avaliar com uma precisão relativa a quantidade de leite produzido no pico da lactação a 4% da produção total. Assim esta mesma cadela produzirá aproximadamente três litros de leite por dia no apogeu da sua lactação, o que impõe naturalmente um ajuste nutricional considerável para evitar que ela emagreça muito durante este período, considerado como o mais penoso e o mais exigente do seu ciclo sexual.

Alimentação da cadela em lactação

Ao contrário da gestação, a lactação provoca um aumento considerável das exigências nutricionais da mãe considerando a excepcional riqueza do leite (cálcio, energia, proteínas) que ela fornece à sua ninhada (1 200 a 1 500 kcal por kg de leite em função da raça e do dia da lactação).

Considerando um valor energético médio de 1 350 kcal /kg de leite e um rendimento de 80 %, o aumento das necessidades energéticas da cadela pode ser estimado a 3 x 1350/0,8 = 5 000 quilocalorias suplementares por dia no pico da lactação.

O objetivo prioritário deste período é o de fornecer à mãe uma alimentação qualitativa- e quantitativamente satisfatória para que ela possa suprir as necessidades de crescimento da sua ninhada sem se enfraquecer ela própria. Para isso é preciso controlar a adequação da oferta (lactação) e da demanda (desenvolvimentos dos filhotes).

Em alguns casos, nas raças muito prolíficas como o Setter irlandês, é muito difícil equilibrar a ingestão e a demanda, que pode ser de até quatro vezes as necessidades alimentares de manutenção!
Durante a lactação é importante fornecer à reprodutora um alimento muito palatável, cuja densidade energética elevada lhe permitirá suprir as suas necessidades energéticas sem representar um volume indigesto: é difícil imaginar uma cadela acostumada a consumir 1 kg de alimentação caseira na manutenção ter que ingerir 4 kg deste mesmo alimento no período de aleitamento.

Para atingir este objetivo deve-se utilizar para a maioria das cadelas em aleitamento um alimento hiperdigestivo, que forneça no mínimo 30% de proteínas, 25% de gorduras (em relação à matéria seca) e aproximadamente 4 500 kcal/kg. É também aconselhável deixar este alimento em livre consumo durante a lactação, desde que não haja riscos de alteração ou de poluição por excrementos.

Composição nutricional de um alimento destinado a uma cadela em lactação (em relação à matéria seca):

Proteínas 30 a 35% - Gorduras 20 a 30% - Celulose bruta 1 a 2% - Cálcio 1,5 a 2% - Fósforo 0,9 a 1% - vitamina A 10 000 UI/kg – Energia 4 200 a 5 000 kcal/kg – Relação proteínas/energia 75 a 85 g/1 000 kcal.

Em resumo, na escolha de um alimento de "lactação" deve-se considerar os seguintes critérios:

- a palatabilidade do alimento: dependendo particularmente da qualidade e da quantidade das gorduras e das proteínas de origem animal,
- a alta digestibilidade, que permite uma boa assimilação num volume razoável (ausência de dilatações abdominais depois das refeições, fezes reduzidas e de boa consistência),
- o valor energético elevado, que orienta a escolha para uma alimentação seca,
- a qualidade e a quantidade das proteínas indispensáveis para o desenvolvimento esquelético e muscular dos filhotes,
- níveis de cálcio, magnésio e vitamina D suficientes para diminuir os riscos de eclâmpsias (crises convulsivas durante a lactação), principalmente nas cadelas de raças pequenas com ninhadas numerosas.

O crescimento harmonioso da ninhada representa naturalmente uma fonte de informação indireta sobre a qualidade da lactação e portanto sobre a saúde da mãe.
Lembremos que é essencialmente o equilíbrio da formulação que deverá ser procurado, pois a adição de qualquer agente corretor a um alimento visando compensar uma eventual deficiência pode perturbar a absorção simultânea dos outros componentes. As carências em zinco consecutivas ao uso indiscriminado de cálcio ou as tetanias de lactação associadas a suplementações em cálcio anárquicas, são os exemplos mais freqüentes neste campo da criação de cães.
Quaisquer que sejam as qualidades do alimento distribuído, a perda de peso da reprodutora em relação ao seu "peso ideal" não deve exceder 10% após um mês de lactação. Este emagrecimento muitas vezes não pode ser combatido e deverá ser recuperado no mês seguinte ao desmame dos filhotes.

Aleitamento Artificial Complementar

Quando a produção de leite das três primeiras semanas for insuficiente para garantir as necessidades de cada filhote (freqüente nas primíparas), é aconselhável fornecer um complemento artificial a toda a ninhada em vez de retirar um ou dois indivíduos para os alimentar exclusivamente com um leite artificial.

Aleitamento artificial

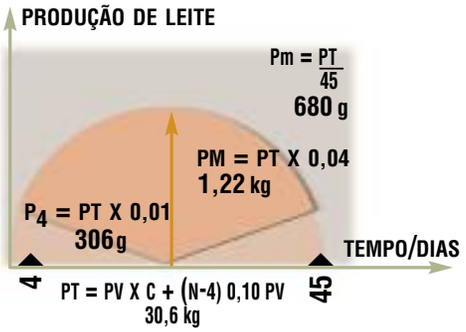
Quando toda a ninhada se encontra privada de leite materno em caso de morte da mãe, ou ainda caso a sua produção seja nula (agalactia), insuficiente (hipogalactia) ou tóxica (mamite), geralmente a utilização de um leite de substituição adaptado à espécie canina permite garantir a sobrevivência dos filhotes; neste caso pode haver um ligeiro atraso de crescimento em relação à média da sua raça (menos de 10%), que pode ser freqüentemente recuperado a seguir pelo consumo espontâneo de uma alimentação de desmame. Como os filhotes mamam espontaneamente mais de vinte vezes por dia, será difícil para o proprietário manter este ritmo de aleitamento. É suficiente alimentá-los a cada três horas na primeira semana adotando um ritmo regular e respeitando imperativamente os tempos de sono (mais de 90% do tempo na primeira semana) indispensáveis aos fenômenos de ligação e de impregnação.

Embora seja possível para um proprietário "maternizar" o leite de vaca, a fim de adaptá-lo às necessidades dos filhotes, a utilização de um substituto do leite materno em pó se mostra muito mais adaptada, principalmente graças ao seu fornecimento controlado em lactose.

Além da economia e do ganho de tempo trazidos pelos substitutos do leite materno, sua apresentação seca diminui os riscos de diarréias nos filhotes, cuja acidez gástrica ainda é insuficiente para esterilizar o bolo alimentar de modo eficaz.

Depois de reconstituição e do aquecimento a 37 ºC, este leite é administrado, seja na mamadeira ou por sonda (tipo sonda urinária) em caso de recusa de

Modelo gráfico de lactação da cadela (ex.: Cadela 17 kg = 4 filhotes)



PT = produção total
PM = produção máxima
P4 = produção 4º dia

Alimentação caseira modelo para uma fêmea em lactação

Formula (em g) para 1220 kcal

Carne magra	450
Arroz cozido	400
Cenouras	150
Vagem	50
Farelo de osso	20

Composição em relação à matéria seca

Proteínas brutas	31%
Gorduras	20%
Cálcio	1.5%
Fósforo	1%

Como fazer voçê mesmo o leite de substituição

Exemplo de receita caseira que permite substituir transitoriamente a ausência do leite materno

Creme de leite	270 g
Creme de leite fresco	70 g
9 ovos sem casca	450 g
1 ovo com casca	56 g
Água mineral	154 g
Total	**1000 g**

mamar. Quando o leite é administrado por via oral com a ajuda de uma seringa, ele deve ter uma consistência de papa mais espessa para estimular o reflexo de deglutição e diminuir assim os riscos de "falsa via" (passagem para a árvore respiratória responsável por traqueopneumonia).

Alguns conceitos permitem avaliar de forma simples a quantidade do substituto do leite materno a ser fornecido aos filhotes:
- o valor energético de um quilo de leite de cadela é de aproximadamente 1 350 kcal,
- um filhote precisa de 3 a 4 ml deste leite por grama de ganho de peso,
- as necessidades calóricas dos filhotes com a mãe são mais de duas vezes e meio superiores às necessidades de manutenção de um cão adulto de peso semelhante.

Considerando um filhote de um mês pesando 3 kg (peso adulto 22 kg), o seu ganho de peso médio diário é de aproximadamente 6 gramas por kg de peso adulto estimado, ou seja 130 gramas por dia.

Para permitir este ganho de peso este filhote deverá consumir 4 x 130 = 520 g de leite por dia, ou seja aproximadamente 0,52 x 1 350 = 600 kcal.

Adoção por uma fêmea em aleitamento

Para evitar a utilização do aleitamento artificial, caso se disponha de uma cadela em aleitamento no mesmo estágio da lactação (ou até em lactação nervosa), é preferível propor-lhe um filhote em adoção.

Deve-se esfregar o filhote nos filhotes da mãe adotiva para impregná-lo com um odor que parece favorecer sua aceitação pela cadela. Se por um lado durante os dois primeiros dias após o parto o cão ainda não está especialmente ligado à mãe, esta, por outro lado, sabe muito bem reconhecer os seus filhotes.

A partir da terceira semana pode-se oferecer de forma muito progressiva aos filhotes um alimento de crescimento sob a forma de papa morna em complemento ao leite materno, cuja produção começa a diminuir. Aliás alguns filhotes se dirigem espontaneamente para a gamela da sua mãe e começam a lamber e imitar o seu comportamento alimentar.
Assim como no caso dos passarinhos, neste período os filhotes podem solicitar regurgitações maternas.
O conjunto destas manifestações indica que o desmame pode começar.

O desmame

Como em qualquer transição alimentar, o desmame é uma operação progressiva que possibilita uma transição lenta da dieta láctea a um alimento de crescimento. É a alimentação que deve se adaptar à evolução da capacidade digestiva do filhote e não o inverso.

Evolução da capacidade digestiva do filhote

Durante o desenvolvimento do filhote ocorrem progressivamente várias mudanças e a sua capacidade digestiva evolui. Citando apenas um exemplo, a quantidade de enzimas digestivas capazes de digerir a lactose diminui progressivamente enquanto a aptidão em digerir o amido cozido se desenvolve muito mais lentamente. Estas variações explicam porque alguns filhotes não toleram o leite de vaca (três vezes mais rico em lactose do que o leite de cadela) e que às vezes basta diminuir a sua quantidade para interromper uma diarréia desencadeada por uma saturação da capacidade digestiva.

Esta evolução é determinada principalmente pela genética e depende pouco dos hábitos alimentares impostos aos filhotes.

O desmame

O começo do desmame é imposto naturalmente pela diminuição da produção de leite e pode ser comparado e uma renúncia da mãe que, tendo atingido o seu nível máximo de produção, se torna incapaz de satisfazer as necessidades crescentes dos filhotes

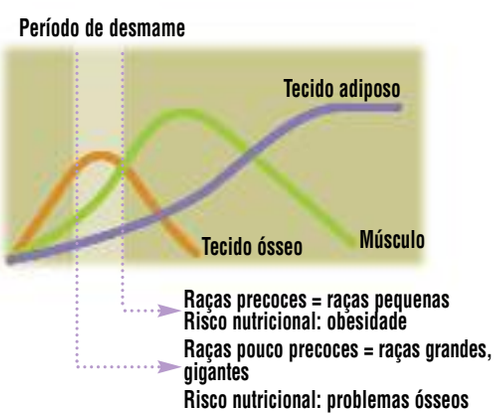
Nos cães de raças pequenas a lactação supre o período mais intenso do crescimento dos filhotes, correspondendo assim às suas necessidades máximas.

Em compensação, os filhotes de raças médias e grandes serão "abandonados" pelo leite materno em um momento crítico do seu crescimento.

Embora o período de lactação se mostre mais penoso nas cadelas de raças pequenas do que de raças gigantes, o mesmo não ocorre para os filhotes, para quem os risco é inverso.

Qualquer que seja a tecnologia de aleitamento, o desmame será conduzido como uma transição alimentar progressiva que pode começar por volta de três semanas de idade para terminar em torno de 7 a 8 semanas, período no qual a mãe começa a se tornar menos solidária com os filhotes, afirmando inclusive a sua precedência alimentar.
É preferível não separar completamente os filhotes da sua mãe antes desta data para evitar mais uma fonte de estresse a um período já sensível a qualquer variação brutal da dieta.
Pode-se, por exemplo, isolar progressivamente os filhotes durante o dia para confiá-los à mãe durante a noite.
As exigências nutricionais dos filhotes em desmame são qualitativamente comparáveis às da mãe no final da lactação (durante o período em que ela recompõe suas reservas), o que facilita consideravelmente a tarefa do proprietário.
Com efeito, ele poderá colocar à disposição dos filhotes alguns croquetes para cães (tipo crescimento) mis-

Crescimento diferencial do filhote e risco patológico (segundo Paragon e Grandjean 1993)



turados com água morna ou leite de substituição. Em seguida este alimento será cada vez menos diluído de modo que no fim do desmame seja fornecida aos filhotes sem modificações.
Deve-se ressaltar que a utilização de uma alimentação caseira requer obrigatoriamente uma suplementação sistemática em minerais, sob a forma de complementos comerciais, casca de ovo esmagada ou farinha de ossos, sob pena de impedir a mineralização do esqueleto.
O reajuste diário que esta operação implica torna esta prática excepcional nos dias de hoje.
Inversamente, o acréscimo de um mineral a uma diéta já equilibrada (industrial) apresenta o risco, mesmo nas grandes raças, de levar a calcificações precoces e irreversíveis comprometendo gravemente o futuro crescimento dos filhotes.
As necessidades de cálcio são avaliadas em função do peso dos filhotes: de 400 mg/kg no começo do crescimento, atingem em final de crescimento as necessidades do adulto estimadas em 200 mg/kg.
A título de exemplo, um filhote de 30 kg em crescimento terá portanto necessidades de cálcio seis vezes superiores às de um filhote de 5 kg no mesmo estágio de desenvolvimento. Em compensação, as suas necessidades energéticas serão apenas quatro vezes superiores. É por este motivo que é importante alimentar cada filhote com um alimento cuja relação cálcio/energia está adaptada ao seu potencial de crescimento.
A alimentação da ninhada com uma diéta seca ad libitum evita habitualmente a concorrência alimentar entre os filhotes e portanto as diarréias de consumo excessivo. Desde o início do desmame, para evitar o aparecimento de uma obesidade, é no entanto aconselhável apresentar entre três a quatro refeições aos filhotes durante um tempo limitado (15 minutos).
Depois do desmame, um ritmo de duas refeições por dia convém à maioria dos cães.
A obesidade que surgiria em pleno período de multiplicação das células de gordura (obesidade dita hiperplásica) seria muito mais difícil de tratar do que uma sobrecarga de gordura surgida na idade adulta (obesidade dita hipertrófica).

Em período de crescimento, qualquer desequilíbrio nutricional se repercute nos tecidos em formação.
Assim, os filhotes de raças pequenas sendo desmamados em pleno período de constituição do tecido adiposo estarão predispostos à obesidade em caso de consumo excessivo. Nos cães, uma ligeira subalimentação é por isso menos prejudicial do que um excesso, porque um pequeno atraso ponderal pode ser compensado posteriormente enquanto que uma obesidade ocorrida durante o crescimento será dificilmente reversível na idade adulta.
Nos filhotes de raças grandes, pelo contrário, o desmame ocorre durante a fase de crescimento esquelético. Uma insuficiência alimentar em proteínas ou em cálcio poderá então afetar a construção do arcabouço ósseo (osteofibrose). Inversamente, um excesso de ingestão energética favorece uma aceleração do crescimento que expõe o filhote a numerosas per-turbações como a osteodistrofia hipertrófica ou ainda a displasias articulares.

As primeiras etapas do desenvolvimento do filhote

Desenvolvimento físico do filhote

O crescimento dos filhotes é permitido pela construção e pela maturação de vários tecidos.
Esses tecidos de natureza diferente não se elaboram todos ao mesmo tempo nem à mesma velocidade, o que explica a variação das necessidades alimentares dos filhotes tanto no plano qualitativo quanto quantitativo.
Poderíamos comparar o desenvolvimento físico a uma construção. Esta começa por um projeto (o sistema nervoso) e prossegue pela instalação de máquinas (o esqueleto).
Para fazer funcionar essas ferramentas, serão então necessários operários (os músculos) que irão reivindicar em seguida uma proteção social (a gordura).
Esta imagem, demasiado simplista visto que estas etapas são naturalmente progressivas e simultâneas, apresenta contudo o interesse de sublinhar os riscos associados a cada estágio de maturação do filhote.
Ilustra em especial:
- a insuficiência de reserva energética no filhote ao nascimento visto que a gordura só se deposita tardiamente e que ela representa a principal forma de armazenamento da energia. O filhote só pode contar com as suas fracas reservas em glicogênio (fígado e músculos), que cobrem as necessidades de umas doze horas depois do nascimento e ficará portanto dependente das condições térmicas exteriores até o aparecimento do reflexo do calafrio (depois do 6º dia), o aparecimento do tecido adiposo (final da terceira semana) e dos mecanismos de regulação térmica.
- a variação das necessidades alimentares de uma raça a outra e, para um mesmo indivíduo, durante as diferentes fases do seu desenvolvimento. Com efeito, a composição do corpo evolui durante o crescimento no sentido de uma diminuição do seu teor em água e em proteínas em favor de uma aumento de gorduras e de minerais.

- A obesidade, que ameaça as raças pequenas de forma muito mais precoce do que as grandes.
A maioria dos clubes de raças dispõem de gráficos de crescimento médios dos machos e das fêmeas que permitem verificar o desenvolvimento ponderal de um

EVOLUÇÃO DA TEMPERATURA CORPORAL MÍNIMA DO FILHOTE

Nascimento	35.5°C ± 0.5°C
Primeira semana	37°C
Terceira semana	36 to 38°C
Quarta semana	38.5°C (= temperatura do adulto)

filhote do seu nascimento até à idade adulta. Conforme a raça e o sexo, o peso de um filhote pode variar de 70 a 700 gramas ao nascimento. Depois de uma perda de peso fisiológica que não deve exceder 10% no primeiro dia, o peso dos filhotes aumenta normalmente muito rapidamente de 5 a 10% por dia durante as primeiras semanas. Uma pesagem cotidiana dos filhotes em hora fixa permite controlar o seu crescimento. Os filhotes de raças grandes, que multiplicam o seu peso por 100 para atingir a idade adulta, merecem uma atenção e uma vigilância bem especiais.

De forma geral, um filhote que não ganha peso durante dois dias consecutivos deve ser especialmente vigiado. Deve-se rapidamente procurar a origem de qualquer atraso de crescimento . Pode com efeito estar ligado à mãe, se o conjunto da ninhada apresenta problemas (leite insuficiente ou tóxico), ou a fatores individuais se apenas alguns filhotes apresentam esse atraso (fenda palatina, competição alimentar).
A escuta dos gemidos, a observação das mamadas e do comportamento materno, a apreciação da vitalidade, da temperatura retal e do estado de hidratação dos filhotes também representam outros parâmetros a controlar regularmente durante este período em que a morbidade e a mortalidade podem aparecer muito brutalmente.

Desenvolvimento do comportamento dos filhotes

Antes do desmame dos filhotes, a mãe assume, muito mais do que o pai, uma parte ativa no seu desenvolvimento físico e comportamental, parte que se mostrará determinante para o seu equilíbrio e a sua integração posterior no seu novo meio social.
Sem estudar aqui o conjunto das etapas do desenvolvi-mento do filhote, já que a sua cronologia difere substancialmente de uma raça a outra (as raças pequenas são mais precoces), um bom número de erros ou de inconvenientes pode ser facilmente evitado pelo simples conhecimento dos períodos propícios à aprendizagem ou sensíveis à aversão.
O desenvolvimento nervoso do filhote está inacabado ao nascimento.
Com efeito, ele nasce surdo, cego, dotado de muito pouco olfato e de um sistema nervoso desmielinizado, ou seja incapaz de conduzir rapidamente os fluxos. O conhecimento das etapas do seu desenvolvimento motor, psicológico e sensorial será utilizado para o diagnóstico precoce de certas anomalias mas principalmente para estimular o despertar do filhote no sentido desejado para a sua utilização ulterior.
Assim, é possível proceder ao diagnóstico precoce da surdez nas raças predispostas (Dálmata, Dogue argentino, cães de pelagem melro ou que apresentam uma deficiência) a partir da quarta semana.
Durante as duas primeiras semanas, basta geralmente estar seguro do instinto materno da reprodutora (especialmente a limpeza dos cães indispensável para os seus reflexos de defecação e de micção) e vigiar as mamadas colocando eventualmente os filhotes menos vigorosos ou os mais dominados nas tetas que produzem um leite mais rico. Às vezes é necessário controlar as unhas dos filhotes que podem traumatizar as tetas e levar a uma recusa de aleitamento.
Os etologistas têm por hábito dividir o período de maturação do filhote em quatro etapas sucessivas

O período ante-natal

Os fetos no meio uterino não estão totalmente isolados do meio externo. O desenvolvimento das técnicas de ecografia permitiu com efeito observar as suas reações à palpação trans-abdominal da mãe a partir da quarta semana de gestação. O seu sentido do tato se desenvolve portanto muito cedo e nada impede pensar que seriam sensíveis às festas feitas à mãe durante a gestação. Da mesma forma, o stress da mãe pode

QUANTIDADES POR REFEIÇÃO EM FUNÇÃO DA IDADE E DO TAMANHO

(ml de leite reconstituído/filhote/refeição)

	Número de refeições / dia	Raças pequenas (<10 kg)	Raças médias (10-25 kg)	Raças grandes e gigantes (>25 kg)
1ª semana	8	10-20 ml	20-30 ml	25-40 ml
2ª semana	7	30 ml	50 ml	70 ml
3ª semana	6	50 ml	70 ml	120 ml
4ª semana	5	60 ml	70 ml	120 ml

aparentemente ser sentido pelos filhotes e levar a abortos, atrasos de crescimento intra-uterino, dificuldades de aprendizagem depois do nascimento ou até a deficiências imunológicas.

Finalmente, embora o olfato só se desenvolva depois do nascimento, a gustação aparece mais precocemente: parece com efeito que a alimentação consumida pela mãe durante a sua gestação possa orientar em seguida as preferências alimentares dos seus filhotes.

O período neonatal

O período neonatal começa ao nascimento e termina com a abertura das pálpebras. Foi freqüentemente chamado fase vegetativa porque exteriormente o essencial da vida dos filhotes parece então estar dominado pelo sono e por algumas atividades reflexas. O filhote só reage aos estímulos táteis e se orienta em direção às fontes de calor rastejando. Este tipo de movimento é possível pelo desenvolvimento do sistema nervoso central que adquire mielina da frente para trás permitindo assim a motricidade dos anteriores antes dos posteriores.

Além disso, se excluirmos os fenômenos reflexos, a percepção dolorosa é a última a aparecer no desenvolvimento neurológico, o que explica que algumas pequenas intervenções cirúrgicas podem ser realizadas sem anestesia durante este período.
Durante o período neonatal basta confinar a mãe e a sua ninhada numa maternidade quente e acolhedora. Se o instinto materno da mãe parece falho, ou em caso de ninhada pequena, é possível completar os estímulos táteis dos filhotes explorando a normalidade dos seus reflexos (reflexos de micção, de defecação, de mamar, educação gustativa). Os outros estímulos (música, brinquedos, cores, etc.) que às vezes são vistos nos canis ainda são inúteis nesta idade e apenas perturbam o sono da ninhada.

Período de transição

Ainda chamada "fase de despertar", o período de transição começa com a abertura das pálpebras (por volta de 10 a 15 dias) para terminar assim que o filhote começa a ouvir, ou seja a reagir aos ruídos (na quarta semana). Mesmo que a visão ainda não esteja perfeita neste estágio, a persistência de comportamentos tais como o enterramento ou as explorações táteis permitem suspeitar de perturbações da visão.

Período de socialização

Como o seu nome indica, o período de socialização representa para os filhotes uma fase de aprendizagem da vida social que começa por um período de atração (não têm medo de nada) e prossegue geralmente por um período de aversão (medo de tudo o que é novo). Os filhotes se tornam progressivamente capazes de comunicar e adquirem assim o sentido da hierarquia interpretando as represálias maternas, os sinais olfativos ou posturais.

Com efeito, se, por falta de tempo ou de observação, não se aproveita o período de atração do filhote (geralmente 3 a 9 semanas) para o acostumar ao seu futuro ambiente, será muito mais difícil em seguida retificar maus hábitos adquiridos.

Este período extremamente sensível e maleável pode ser utilmente explorado para:

- favorecer os contatos com os futuros proprietários (em especial com as crianças) caso se trate de um animal destinado à companhia, e com os indivíduos com os quais deverá conviver em paz (carteiros, gatos, ovelhas).

- Habituar o filhote aos estímulos que encontrará (barulhos, odores de uma roupa, tiros para um futuro cão de caça como o Setter ou o Perdigueiro, carro, helicóptero).

- Reforçar a aprendizagem da hierarquia lhe impondo, se necessário, posturas de submissão (segurado pelas costas ou pela pele do pescoço). Pelo mesmo método, é possível reforçar os comportamentos desejados e reprimir as atividades que incomodam,
- Multiplicar as atividades lúdicas entre filhotes e sancionar aqueles que ainda não controlam bem a intensidade da sua mordida,

- Observar o comportamento dos filhotes para poder orientar a escolha dos futuros proprietários em função do caráter de cada um. As tendências à dominância podem ser adivinhadas a partir desta época através dos jogos, as imitações sexuais e os comportamentos alimentares. Em algumas raças (Cocker, Golden), a agressividade já se tornou inclusive uma razão de não confirmação.

Muitas atitudes ditas "naturais" podem ser adquiridas durante este período, principalmente se a mãe já está habituada a estes estímulos e pode então desempenhar um papel calmante na sua ninhada.

É por isso que se aconselha classicamente dois períodos propícios à venda dos filhotes:
- a partida precoce, pela 7ª semana, se o proprietário entende de educação canina precoce e deseja adquirir um filhote "maleável";
- a partida tardia, no final do período de aversão (pela 12ª semana), se o cliente neófito procura um filhote "pronto" que já terá sido socializado e iniciado ao trabalho por um profissional.

Em todos os casos, será sempre útil orientar a escolha do futuro proprietário para um filhote adaptado à sua demanda (ver testes de comportamento de Campbell) e de lhe dar conselhos de socialização que deverão ser reforçados pelo apoio do veterinário durante a consulta de compra. Para evitar uma ligação muito forte do cão ao seu dono (que frequentemente se traduz em danos ao ambiente quando o cão é deixado sozinho), será bom lembrar o fenômeno natural do desligamento que se opera espontaneamente antes da puberdade quando o filhote é deixado com a sua mãe.

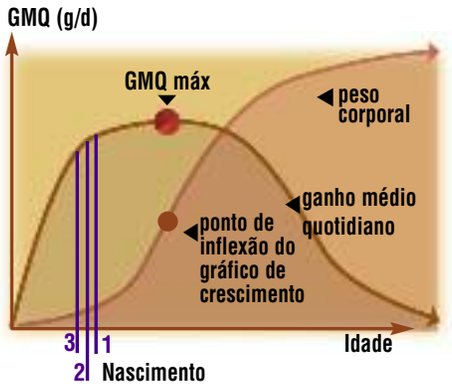
O crescimento do cão

O crescimento, como todos concordam em afirmar, constitui o período mais crítico da vida do cão, tanto ela condiciona o seu desenvolvimento ótimo como também se sucedem fases de alto risco patológico, em especial na fase de crescimento que se segue ao desmame e que é a mais intensa. Com efeito nesse momentos aborda-se uma fase excessivamente delicada porque corresponde àquela durante a qual se sucedem muitas exigências (nutricionais, de medicina preventiva com as primeiras vacinações, de desenvolvimento dos comportamentos) e condiciona:

- o próprio crescimento (ganho de peso determinando o peso na idade adulta) e a velocidade de crescimento (ganho de peso por unidade de tempo);

- o desenvolvimento (aquisição da conformação e das diferentes características do adulto) em relação com a precocidade do filhote (ou velocidade de desenvolvimento permitindo atingir mais ou menos depressa o estágio adulto fisiologicamente). O começo deste período é também o momento em que se adquire o filhote, separando-o da sua mãe, levando frequentemente a diversas perturbações do modo de alimentação, do âmbito de vida, ligações afetivas

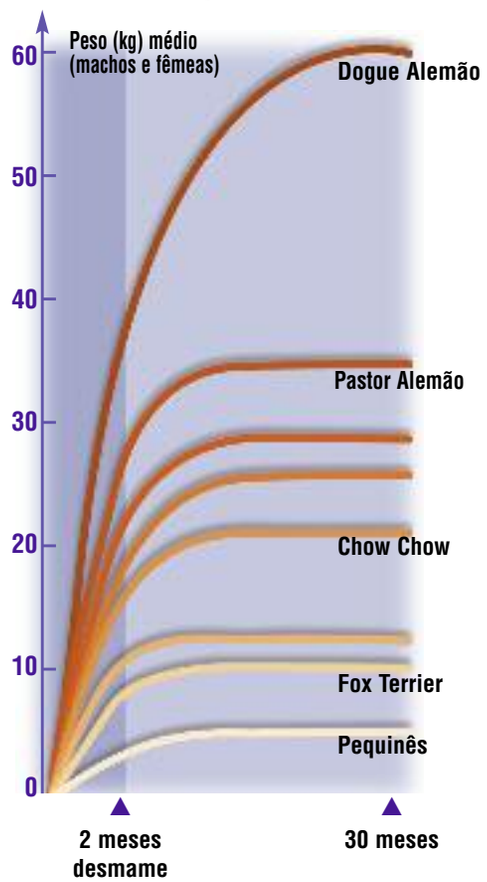
Evolução do "ganho médio cotidiano" ganho de peso cotidiano pelo filhote ou GMQ depois do desmame, para três raças de tamanho diferente: 1 – Beagle 2 – Braco 3 – Doberman



GMQ no desmame *	
1 ▸ Raça pequena	20 g/d ↔ 6 g/kg adulto
2 ▸ Raça média	60 g/d ↔ 5 g/kg adulto
3 ▸ Raça grande	150 g/d ↔ 4 g/kg adulto
4 ▸ Raça gigantes	160 g/d ↔ 3 g/kg adulto

* Estimativa do GMQ no desmame em função do peso adulto. Por exemplo, para um filhote Beagle, o GMQ em pós-desmame será de 5 g x 12 (peso adulto previsível = 60g/d)

Gráficos de crescimento ponderal de diversas raças de cães



Pequenos, médios, grandes, ou gigantes, na idade adulta nem todos os filhotes têm o mesmo crescimento

O crescimento de um filhote não é linear com o tempo: em outros termos o seu ganho de peso cotidiano evolui com este. Assim, o ganho de peso cotidiano cresce depois do nascimento para alcançar um patamar de duração variável, depois diminuir à medida que o animal se aproxima da sua maturidade (idade e peso adultos). No plano estritamente matemático, a evolução desta velocidade de crescimento (fala-se em GMQ, ou ganho médio quotidiano) corresponde a esta derivada da função sigmóide que representa o gráfico de crescimento (evolução do peso em função do tempo).
O exame dos gráficos de referência para várias raças mostra que os indivíduos de raça pequena, aliando velocidade de crescimento e grande precocidade são, do nascimento ao desmame, já bastante pesados em relação àquele que será o seu peso adulto. Em outros termos poderíamos colocar esta constatação em imagens dizendo que um filhote de raça pequena nasce "melhor acabado" do que um filhote de raça média e ainda mais do que um filhote de raça grande. Estes, ao contrário, têm um peso ao nascimento relativamente baixo e capacidades de crescimento fortes e prolongadas.

Estas diferenças de precocidade e de comportamento biológico no crescimento são importantes a entender, porque explicam em especial o interesse que existe para o cão em adaptar a sua alimentação não apenas à sua idade mas também ao seu porte.
Para ser mais concreto, as diferenças entre as raças de cães são observáveis desde o nascimento: uma cadela Poodle, por exemplo, dá à luz três filhotes pesando cada um de 150 a 200 gramas, enquanto o peso de crescimento de filhotes de Terra Nova (oito a dez filhotes) oscila entre 600 e 700 gramas. Mesmo que um cão adulto de raça gigante pese 25 vezes mais do que um cão de raça pequena, a relação dos pesos ao nascimento é da ordem de 1 para 6. O caminho a ser percorrido durante o crescimento é portanto muito diferente conforme as raças, sendo a amplitude e a duração deste crescimento na verdade proporcional ao peso final do cão:
- a metade do peso adulto é atingida os 3 meses de idade para um cão de raça pequena mas apenas aos 5 a 6 meses para um filhote de raça grande;
- um Poodle atinge o seu peso adulto por volta dos 8 meses; ele então multiplicou o seu peso ao nascimento por 20. Um Terra Nova cresce ainda até á idade de 18 a 24 meses, até que tenha multiplicado o seu peso ao nascimento por aproximadamente 100!

Especificidades nutricionais do filhote em função do seu porte

De forma geral, a alimentação de um filhote deve levar em conta:

- a diversidade das raças e dos gráficos de crescimento

- a aptidão que expressa em digerir convenientemente os alimentos, podendo às vezes apresentar intolerância a dietas perfeitamentes equilibradas

Assim sendo, qualquer que seja a raça ou o tipo, um filhote tem necessidades energéticas em relação ao quilograma de peso corporal, muito mais importantes do que um adulto. Com efeito ele precisa de energia ao mesmo tempo para se manter mas também para constituir os tecidos novos que o fazem crescer e engordar. As suas necessidades em proteínas, minerais e vitaminas são também notavelmente mais elevadas do que as do adulto; é por isso que se tenta fornecer ao filhote um teor protéico forte (mais de 30% da matéria seca do alimento para as pequenas raças, 37 a 38% para as grandes), controlando a alta qualidade dessas proteínas. Com efeito, o cão jovem é muito mais sensível que o adulto a qualquer carência protéica, que pode levar a

A CURVA DE CRESCIMENTO DO FILHOTE

O crescimento é uma etapa chave da vida do cão. Fixa ao mesmo tempo o caráter do futuro adulto e também a sua morfologia e a harmonia da sua silhueta. Assim, um animal que tenha tido um "mau crescimento" poderá ser de tamanho e de peso anormal para a sua raça, enquanto o mesmo filhote, em condições ótimas, teria um tamanho e um peso em acordo com o seu padrão.
Para tentar determinar se o crescimento de um filhote é normal ou não, o seu veterinário dispõe de ferramentas muito úteis, os gráficos de crescimento. Existem dois tipos de curvas de crescimento: os gráficos de crescimento ponderal, facilmente disponíveis em diversas obras sobre os cães e as curvas de crescimento de estatura, muito mais difíceis de encontrar. Comparando as medidas de um filhote com um gráfico padrão, podemos facilmente saber se ele corresponde aos indivíduos da sua raça e determinar antecipadamente qual será o seu peso e o seu tamanho adultos. Assim um filhote de Pastor Alemão pesando, aos 4 meses de idade, 14 kg e medindo 45 cm na cernelha pesará 40 kg quando adulto e medirá 70 cm na cernelha. Depois de duas consultas ao veterinário, e após os três meses de idade (por exemplo uma consulta aos 3 meses e uma aos 5 meses), é possível determinar o peso e o tamanho adulto de qualquer filhote. Estes controles são muito importantes porque permitem acompanhar da melhor forma o desenvolvimento do filhote e detectar rapidamente anomalias porventura existentes.

Prof. Lucile Martin
Laboratório de Nutrição
Escola Nacional Veterinária de Nantes, França

PREVISÃO DO CRESCIMENTO DE FILHOTES DE DIFERENTES PORTES (VÉTALIM ND)

O peso ao longo dos meses lê-se horizontalmente, começando pelo peso do filhote aos 3 meses
(exemplo: um filhote pesa 4 kg aos 3 meses, pesará 5,3 aos 4 meses, 6,4 aos 5 meses...e 9,2 kg, ou seja o seu peso adulto, aos 12 meses.)

Idade em meses	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
Peso em kg	**1**	1.3	1.6	1.8	1.9	2.0	2.1	2.2	2.2	2.2							
	2	2.6	3.2	3.6	3.9	4.1	4.2	4.4	4.4	4.5	Peso adulto						
	3	4.0	4.8	5.4	5.9	6.2	6.4	6.6	6.7	6.8							
	4	5.3	6.4	7.2	7.9	8.4	8.7	8.9	9.1	9.2							
	5	6.6	8.0	9.1	9.9	10.6	11.0	11.3	11.5	11.7	11.8	11.8	Peso adulto				
	6	7.9	9.6	11.0	12.0	12.8	13.3	13.7	14.0	14.2	14.3	14.4					
	7	9.3	11.3	12.9	14.1	15.1	15.7	16.2	16.6	16.8	17.0	17.1	17.2	17.3			
	8	10.6	12.9	14.8	16.3	17.4	18.2	18.8	19.2	19.5	19.7	19.9	20.0	20.1			
	9	11.9	14.5	16.7	18.4	19.7	20.7	21.4	21.9	22.3	22.5	22.7	22.9	23.0	Peso adulto		
	10	13.2	16.2	18.6	20.6	22.1	23.2	24.1	24.7	25.1	25.4	25.7	25.8	25.9			
	11	14.6	17.8	20.5	22.7	24.5	25.8	26.8	27.5	28.0	28.4	28.7	28.9	29.0			
	12	15.9	19.4	22.4	24.9	26.8	28.4	29.5	30.3	31.0	31.4	31.8	32.0	32.2			
	13	17.2	21.0	24.3	27.0	29.2	30.9	32.2	33.2	34.0	34.5	34.9	35.2	35.4	35.6	35.7	35.8
	14	18.4	22.5	26.2	29.2	31.6	33.5	35.0	36.2	37.0	37.7	38.1	38.5	38.8	39.0	39.1	39.2
	15	19.7	24.1	28.0	31.2	33.9	36.1	37.8	39.1	40.1	40.8	41.4	41.8	42.1	42.4	42.6	42.7
	16	20.9	25.6	29.7	33.3	36.2	38.6	40.5	42.0	43.1	44.0	44.7	45.2	45.6	45.9	46.1	46.2
	17	22.1	27.0	31.4	35.2	38.4	41.0	43.2	44.8	46.1	47.1	47.9	48.5	49.0	49.4	49.6	49.8
	18	23.3	28.4	33.0	37.1	40.5	43.4	45.7	47.6	49.1	50.3	51.2	51.9	52.4	52.9	53.2	53.4
	19	24.5	29.7	34.6	38.9	42.6	45.6	48.2	50.3	51.9	53.3	54.3	55.2	55.8	56.3	56.7	57.0
	20	25.6	31.0	36.0	40.5	44.4	47.8	50.5	52.8	55.0	56.2	57.4	58.3	59.1	59.7	60.2	60.6

PLANO DE DIETA CASEIRA, EM CRESCIMENTO E EM MANUTENÇÃO, PARA 3 DIETAS DE PORTES DIFERENTES, DOS 3 MESES DE IDADE À IDADE ADULTA

YORKSHIRE TERRIER

	2/3 do crescimento										Dieta de manutenção
Idade	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	depois
Peso (IR, em kg)	1	1.31	1.57	1.77	1.92	2.03	2.1	2.15	2.18	2.2	2.2
Quantidade (g/dia)	286	296	295	290	284	279	275	272	271	269	264
Óleo de soja	1.6	1.6	1.6	1.6	1.6	1.5	1.5	1.5	1.5	1.5	1.5
Feijão verde	87	90	89	88	86	84	83	83	82	82	80
Carne moída (10% MG)	80	83	77	75	74	72	72	71	70	70	69
Arroz ou massa muito cozido(a)	97	101	109	107	105	103	102	101	100	100	98
CMV	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.
RPC (g proteinas/Mcal EM)	71	71	67	67	67	67	67	67	67	67	67
BEE	156	187	211	228	241	250	256	260	262	264	264

BRACO

	2/3 do crescimento														Dieta de manutenção
Idade	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	depois
Peso (IR, kg)	11.0	14.6	17.8		20.5	22.7	24.5	25.8	26.8	27.5	28.0	28.4	28.7	28.9	29.0
Quantidade (g/dia)	1529	1627	1656	1649	1627	1601	1576	1556	1541	1528	1519	1513	1508	1504	1475
Óleo de soja	8.5	9.0	9.2	9.2	9.0	8.9	8.8	8.6	8.6	8.5	8.4	8.4	8.4	8.4	8.2
Feijão verde	463	493	502	500	493	485	478	472	467	463	460	458	457	456	447
Carne moída (10% MG)	459	488	497	462	455	448	441	436	431	428	425	424	422	361	354
Arroz ou massa muito cozido(a)	610	649	661	700	691	680	669	661	654	649	645	642	640	715	701
CMV	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p..
RPC proteinas/Mcal EM)	76	76	76	73	73	73	73	73	73	73	73	73	73	73	66
BEE	772	931	1064	1170	1253	1316	1363	1397	1422	1440	1453	1463	1470	1475	1475

BULMASTIFE

	2/3 do crescimento																	Dieta de manutenção
Idade	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	depois
Peso (IR, kg)	20	26	31	36	41	44	48	51	53	55	56	57	58	59	60	60	61	61
Quantidade (g/dia)	2400	2578	2676	2716	2719	2700	2672	2640	2609	2577	2557	2537	2520	2506	2495	2486	2479	2409
Óleo de soja	13.3	14.3	14.9	15.1	15.1	15.0	14.8	14.7	14.5	14.3	14.2	14.1	14.0	13.9	13.9	13.8	13.8	13.4
Feijão verde	727	781	811	823	824	818	810	800	791	781	775	769	764	759	756	753	751	730
Carne moída (10% MG)	768	825	856	869	816	810	801	792	783	773	767	761	756	752	749	746	744	626
Arroz ou massa muito cozido(a)	897	963	1000	1015	1085	1078	1066	1054	1042	1029	1021	1013	1006	1000	996	992	990	1084
CMV	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.	q.s.p.
RPC (g proteinas/Mcal EM)	79	79	79	79	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	69
BEE	1151	1355	1541	1703	1842	1959	2056	2135	2199	2258	2291	2324	2350	2386	2399	2409	2409	2409

BE crescimento = necessidade energética do filhote;
CMV = complemento mineral e vitamínico;
RPC Razão proteínas-calorias real da ração
BEE = necessidade energética de manutenção para o peso P;
qsp = quantidade suficiente para

um atraso de crescimento, uma afecção irreversível da conformação, uma anemia, uma queda das proteínas no sangue, uma insuficiência de anticorpos levando a uma maior sensibilidade às doenças. Os fornecimentos de cálcio e fósforo devem ser bem controlados para evitar uma grave doença óssea (a osteofibrose) que corresponde a uma não mineralização do esqueleto, afecção clássica do filhote alimentado exclusivamente com carne ou com uma dieta caseira sem complemento mineral. É por isso que o teor em fósforo e cálcio de um alimento deverá se situar, conforme a concentração energética do alimento e o porte do filhote, entre 1,3 e 1,6% de cálcio e 1 a 1,3% de fósforo em relação à matéria seca.

A composição dos alimentos para filhotes vai portanto apresentar um determinado número de características comuns a todos os filhotes: densidade energética elevada, grande concentração de todos os nutrientes essenciais e limitação do nível de amido no alimento. Em compensação, o tamanho da raça pede adaptações especiais.

Aos três meses, um filhote de Terrier pesa 2 a 3 kg enquanto um filhote de raça gigante pesa uns vinte: existe portanto entre eles uma diferença evidente de tamanho das mandíbulas! Sendo o alimento seco, sem dúvida alguma, como veremos adiante, o melhor alimento adaptado ao filhote, um croquete de tamanho médio irá gerar dificuldades de apreensão para o primeiro e desperdício para o segundo. Parece portanto mais sensato escolher croquetes com tamanhos específicos adaptados aos filhotes de tamanhos pequeno, médio e grande

Um filhote de raça grande é mais exigente do que um filhote de raça pequena no que diz respeito ao fornecimento de cálcio. Mas um filhote de 20 kg come apenas 1,5 vezes mais (em energia) do que um filhote de 10 kg da mesma idade. Se consumirem o mesmo alimento, o primeiro pode sofrer de um déficit em cálcio. É portanto preciso aumentar a concentração de cálcio num alimento para um filhote de raça pequena.

Finalmente, a duração de utilização de um alimento de crescimento irá variar em função da raça: 8 a 10 meses para as pequenas, 10 a 14 meses para as médias e 14 a 20 meses para as grandes, e 16 a 24 meses para as gigantes.

Alimentar bem um filhote

Obter um crescimento harmonioso e prevenir os problemas patológicos requer que o filhote seja per-feitamente alimentado, repetindo este conceito fundamental. Um filhote não deve comer nem de menos nem de mais e não deve em hipótese alguma ser "empanturrado" só para lhe agradar. É por isso que, além do seu equilíbrio nutricional menos preciso, os alimentos úmidos ou caseiros, muito apetitosos, não são aconselháveis. Os melhores resultados são obtidos com croquetes e sopas: o filhote regula assim melhor o seu consumo diário e o proprietário pode ser mais preciso na sua dosagem. O número de refeições deverá evoluir com a idade, começando com quatro por dia nas semanas depois do desmame para passar

A alimentação dos cães de raças grandes durante o crescimento

Um cão de raça grande (mais de 25 kg à idade adulta) multiplica o seu peso ao nascimento por mais de 80 com um ano de idade e o seu crescimento pode durar até dois anos. Um cão de raça pequena (peso adulto inferior a 10 kg) multiplicará o seu peso ao nascimento por apenas 20 e o seu crescimento estará terminado por volta dos 10 meses. Estas diferenças explicam que os problemas de malformação do esqueleto se encontram quase exclusivamente nos cães de raças grandes e confirmam a importância da alimentação no seu crescimento.

A hereditariedade é outro fator principal das doenças ósteo-articulares dos cães grandes como a displasia coxo-femural ou osteocondrose. Os criadores conscenciosos eliminam da reprodução todos os indivíduos que são portadores de genes desfavoráveis. Esta seleção é contudo dificultada porque os genes não se expressam de forma consistente. Em outros termos, um cão portador dos genes que induzem uma displasia coxo-femural não irá necessariamente sofrer de displasia, e não transmitirá a doença a todos os seus descendentes. A alimentação e o exercício podem também modular a expressão destes genes desfavoráveis.

Os proprietários de cães grandes e alguns criadores acreditam muitas vezes que quanto mais alimentarem o seu cão maior este ficará. Nada disso! O cão simplesmente atingirá a sua idade adulta mais cedo. Este crescimento acelerado não é contudo favorável porque submete o esqueleto imaturo desses cães a um trabalho excessivo que pode levar a malformações dos ossos e das articulações. Por isso é que os veterinários recomendam aos proprietários de cães grandes limitar as quantidades de alimentos fornecidos e utilizar alimentos menos densos em calorias e portanto menos ricos em gorduras durante o crescimento. Tais práticas permitem controlar melhor o crescimento e garantir o desenvolvimento harmonioso do esqueleto.

Não é raro os proprietários de cães grandes suplementarem o regime do seu cão com complementos ricos em cálcio. Esta prática não só é justificada se o cão recebe um regime caseiro, ou seja especialmente preparado para ele a base de carnes, legumes e outros feculentos. Se o filhote recebe um alimento comercial para o crescimento, esta prática é não somente inútil mas também perigosa. Pesquisas sobre as necessidades em cálcio dos cães de grande porte durante o crescimento estabeleceram claramente que os excessos de cálcio podem inibir o crescimento e levar a malformações dos ossos e das articulações. A complementação dos alimentos comerciais deve portanto ser proscrita.

Os alimentos para filhotes são frequentemente ricos em proteínas para garantir um desenvolvimento harmonioso dos músculos e do organismo, bem como para a beleza da pelagem. Ao contrário do que geralmente se pensa, níveis elevados de proteínas nesses alimentos não têm nenhum efeito desfavorável nem sobre o crescimento nem sobre os rins. Estes altos níveis permitem, pelo contrário, tornar os alimentos mais saboros para os filhotes e reduzir os níveis de amido (açucares lentos presentes nos cereais e nas batatas), nem sempre muito bem tolerados pelos filhotes. Suplementos em vitamina C são não somente inúteis mas os excessos podem além disso ter consequências desfavoráveis no desenvolvimento do esqueleto.

Um programa de exercício equilibrado é também muito importante para o desenvolvimento harmonioso dos filhotes de grandes raças. As carências (box demasiado pequeno por exemplo) e os excessos (por exemplo, treino intensivo em indivíduos demasiado jovens, jogos violentos entre eles) podem impedir um desenvolvimento harmonioso do esqueleto e provocar feridas sérias.

Em conclusão, visto que a hereditariedade é um fator importante nos problemas de crescimento de cães de raças grandes, escolha os seus filhotes em criadores reconhecidos. Utilize um alimento completo e equilibrado especialmente formulado para os filhotes de raças grandes e evite fornecer quantidades excessivas. Não dê suplementos de cálcio e garanta um programa de exercício equilibrado. Não hesite em consultar o seu veterinário para aconselhamento.

Vincent Biourge
Médico Veterinário
Centro de Pesquisa Royal Canin

PRINCIPAIS RAÇAS SUJEITAS A MÁS-FORMAÇÕES DO ESQUELETO DURANTE O SEU CRESCIMENTO

Pastor alemão,
Pastor Maremmano Abruzzi,
Pastor da Picardia,
Boiadeiro bernês,
Boiadeiro de Appenzell,
Pastor de Brie,
Bulmastife,
Chow-Chow,
Dogue alemão,
Dogue de Bordeaux,
Labrador Retriever,
Leonberger,
Mastife,
Mastim napolitano,
Cão dos Pireneus,
Rottweiler,
São Bernardo,
Setter Gordon,
Shar Pei,
Terra-Nova.

DURAÇÃO DO CRESCIMENTO

Raça pequena	***aprox. 8 meses***
Raça média	***aprox. 12 meses***
Raça grande	***aprox. 14 a 20 meses***
Raça gigantes	***aprox. 16 a 24 meses***

depois a dois na metade do crescimento. Idealmente, as quantidades de alimento a distribuir devem se basear nos gráficos dos diferentes tipos de cães. O filhote é então regularmente pesado afim de detectar o mais rápido possível qualquer anomalia.
No final do crescimento, recomenda-se passar os filhotes a um regime para cão adulto, e para a maioria deles a um regime dito de "manutenção" ou de "conservação". Estes regimes de manutenção são menos densos em energia, gorduras e proteínas do que os alimentos para filhotes. Devem também integrar o porte do cão

As doenças específicas

Durante o seu crescimento, o filhote é na verdade confrontado a doenças específicas do crescimento, algumas delas de origem nutricional. Vale a pena insistir: o período de crescimento é no cão o período fisiológico mais difícil da sua vida, sendo rápido e intenso em termos de acréscimo de tecidos, e pede a aplicação de uma medicina veterinária preventiva integrando campos de competência muito variados. Dentre eles figura a nutrição que, quando se torna desequilibrada, pode favorecer ou induzir diretamente um certo número de afecções específicas, podendo ser de surgimento clínico rápido ou ao longo do tempo. Tendo como origens carências ou excessos nutricionais, ou até erros no modo de alimentação, estas afecções são essencialmente ósseas ou articulares.

Afecções ósseas

O osso em crescimento está constantemente em movimento e em remanejamento: constrói não só osso novo, graças a células que têm essa função, mas também destrói incessantemente para renovar o osso antigo. Um equilíbrio hormonal muito estrito permite proteger a integridade óssea e garantir a homeostase.

Nanismo e atraso de crescimento

O crescimento de um filhote pode ser perturbado de forma definitiva num certo número de casos:

- malnutrição crônica,
- parasitismo intestinal,
- disfunção hormonal (nanismo harmonioso tendo como origem a hipófise ou nanismo desarmonioso associado a um hipotiroidismo),
- anomalias genéticas na síntese das cartilagens ou dos ossos.

Na prática, um atraso de crescimento num filhote deverá resultar num balanço veterinário rápido a fim de determinar a origem do problema e tratar o mais rápido possível.

Raquitismo

Ocorre no cão o mesmo que no homem, e é preciso constatar que ao longo do tempo e da aquisição dos conhecimentos científicos, as afecções ósseas tendo como origem uma carência nutricional, como o raquitismo, praticamente desapareceram. O raquitismo, que se caracteriza por uma falha na mineralização do tecido osseo, é a conseqüência de uma carência alimentar em vitamina D. Somente alguns casos foram assinalados nos últimos dez anos.

Carência em cálcio

A carência em cálcio leva o filhote a uma doença óssea freqüente denominada "osteofibrose juvenil". É a mais comum das doenças carenciais associada erradamente a um regime alimentar considerado como ideal, muito rico em carne e não complementado por minerais (necessidade de um complemento fornecendo duas vezes mais cálcio que fósforo), ou até pior, unicamente corrigido por um fornecimento de vitamina D. O fornecimento limitado em cálcio, indutor daquilo que os veterinários chamam o "síndrome só carne", faz baixar o cálcio sanguíneo, levando o organismo a reagir buscando cálcio no ossos, e portanto a uma desmineralização deste.

Clinicamente, esta doença associa perturbações ósseas e afecções dos ligamentos. O filhote apresenta deformações do seu esqueleto, dolorosas à palpação-pressão, um afundamento ao nível dos joelhos e dos jarretes, com um andar cada vez mais plantígrado. O osso fragilizado pode finalmente se quebrar sem causa aparente originando fraturas ditas "em madeira verde" muito difíceis a tratar.
O tratamento deste processo de osteofibrose no filhote é dos mais simples quando é realizado rapidamente: é constituído por um simples reequilíbrio de fósforo e cálcio da dieta; fornecer a um filhote alimento completo formulado para o seu porte mostra-se suficiente para um retorno à normalidade desde que, no caso de uma raça grande, ele não tenha ultrapassado os 6 a 7 meses de idade.

Outras carências nutricionais

Alguns nutrientes exercem papéis diversos no crescimento ósseo podendo pela sua carência gerar desordens duráveis. Assim, a vitamina A é essencial ao desenvolvimento do esqueleto durante o crescimento. A sua carência leva a encolhimentos ou a deformações ósseas. Inversamente, embora acusada por alguns criadores, a vitamina C não tem nenhum interesse preventivo nas afecções ósseas de crescimento dos filhotes.

O excesso de vitamina D

Também neste caso muito frequente no filhote (em nutrição, o mais é frequentemente inimigo do bom), o excesso de fornecimento de vitamina D induz uma doença chamada "osteopatia hipertrófica": o desenvolvimento dos ossos se torna anárquico, os ossos "incham" e o filhote manca fortemente. A administração de doses excessivas de cálcio e de vitamina D é infelizmente ainda demasiado freqüente, especialmente para os filhotes de raças grandes e convém saber que esta afecção é praticamente irreversível.

O excesso de vitamina A

Este risco é muito mais freqüente no cão do que no gato por causa de alguns hábitos nefastos em relação a ele (consumo muito frequente de fígado). No cão, a hipervitaminose A é na verdade mais freqüente devido a uma administração cotidiana de óleo de fígado de bacalhau, que contém aproximadamente
2 000 unidades internacionais (UI) de vitamina A por grama! O excesso de vitamina A bloqueia a ossificação e induz a um encolhimento dos ossos compridos e a deformações ósseas. Este processo é geralmente irreversível.

Afecções articulares

Sob o termo geral de osteocondrose agrupam-se diversas perturbações osteoarticulares que ocorrem no filhote em crescimento. As afecções atingem principalmente os filhotes de raças grandes e se traduzem por hipertrofias das cartilagens articulares que geram dores, deformações articulares, radius curvus, etc. Algumas manqueiras crônicas muito dolorosas levam a cartilagem da articulação a se fissurar (caso clássico do ombro do Labrador).

Neste caso, além dos excessos muito elevados de cálcio, é o excesso global de alimento, indutor de uma aumento ponderal precoce, que constitui para o animal um fator agravante primordial. Um alimento perfeitamente equilibrado mas administrado em quantidade excessiva conduz rapidamente a um excesso de peso que não tarda a manifestar os seus efeitos mecânicos em estruturas articulares e cartilaginosas ainda em elaboração. Este liberalismo alimentar pode aliás ser involuntário por parte do proprietário:

- visto que o alimento é muito apetitoso e que o filhote não pára de o pedir (caso sistemático do alimento industrial úmido e de forma geral dos alimentos muito gordurosos);

- quando a concentração energética do alimento é mal avaliada: com a introdução no mercado de alimentos secos super prêmium hiperdigeríveis, o clássico modelo de previsão "3,5-3,5-8,5" (3,5 quilocalorias de energia metabolizáveis por grama de proteínas e de amido e 8,5 quilocalorias por grama de lipídeos) torna-se do tipo "4-4-9", sendo os nutrientes melhor valorizados pelo organismo. Pode levar um filhote de 20 kg na metade do seu crescimento a depositar 20 a 50 gramas por dia de gorduras corporais inúteis e nocivas.

Neste caso, e independentemente dos tratamentos cirúrgicos eventualmente necessários, o plano de alimentação do filhote deve ser revisto. A revisão é inicialmente qualitativa e trata do equilíbrio nutricional específico tal como já definido. A valorização de alimentos completos secos adaptados na sua formulação a um determinado porte parece ser, de longe, a solução mais eficaz. No plano das quantidades, um programa muito estrito deve ser seguido respeitando as seguintes etapas:

- respeitar perfeitamente o plano de racionamento prescrito pelo veterinário ou pelo fabricante, e se o filhote está gordo demais para a sua idade, dar 75 % dessas quantidades durante três a quatro semanas;
- não dar nada a mais do que a dieta diária.

A obesidade do filhote

Se o filhote de grande porte é predisposto aos problemas ósseos e articulares que acabam de ser considerados, o filhote de raça pequena está mais frequentemente submetido ao risco de obesidade precoce, a hiperplasia adipocitária juvenil. Esquematicamente, um filhote de pequeno porte que come demais vai, num primeiro tempo, multiplicar o número das suas células adiposas, espécie de pequenos balões que vão em seguida se encher de gordura ao longo do tempo caso o excesso alimentar persista. O proprietário de um cão de pequeno porte situa-se muito freqüentemente num relacionamento muito afetivo em relação ao seu cão, e portanto bastante antropomórfico. Assim sendo, e isto de maneira inconsciente, este proprietário (e os seus filhos) vai facilmente ceder aos pedidos de alimento que existem sempre num filhote: as guloseimas são maiores que as festas, o "roubo" na mesa é sinal de inteligência do filhote e, de forma geral como muitos dizem "é melhor que este cachorrinho dê inveja do que pena". No cão adulto, a obesidade resulta em sinais visíveis a olho nu. Mas no filhote, estes passam desapercebidos porque é mesmo uma coisa fofa. Mais uma vez, encontramos nas causas que provocam esta obesidade, que será muito difícil fazer desaparecer quando o animal for adulto, o excesso alimentar freqüentemente associado à utilização de alimentos muito apetitosos (conservas), administrados sem discernimento.

No total, entende-se bem que uma má nutrição constitui a causa principal das doenças específicas do crescimento no filhote. As perturbações osteoarticulares são freqüentemente inexistentes nas raças pequenas. Estas serão em compensação freqüentemente vítimas de problemas de obesidade precoce que são nocivos à sua esperança de vida

O envelhecimento e as suas conseqüências

O envelhecimento é um processo biológico progressivo que na verdade começa a existir desde o nascimento do cão e se torna perene se amplificando até à sua morte. É, qualquer que seja a espécie, responsável por modificações celulares, metabólicas e orgânicas cuja importância começa a ser melhor entendida no cão.

Dentre essas modificações, a mais importante é sem dúvida o aumento da variabilidade dentro de uma população canina já bem heterogênea, sendo neste caso o tamanho primordial. Daí resulta a necessidade de ter uma abordagem crítica em relação às tendências gerais baseadas em médias, porque mesmo que a abordagem clínica ponha em evidência uma desaceleração de numerosos processos biológicos no cão idoso, algumas afecções patológicas podem também se mostrar responsáveis por estas variações. Além disso, a emergência de novas teorias fisiológicas que têm os seus fundamentos naquilo que se chama a "dinâmica caótica" pode por em causa aquilo que a sensatez médica atribui classicamente ao envelhecimento, a saber que este seria apenas a conseqüência da desregulagem de um sistema vivo ordenado e automático. Resultaria o aparecimento de efeitos aleatórios que modificariam os ritmos periódicos normais do organismo. Mas paradoxalmente, um coração jovem e sadio pode ter um comportamento bem mais caótico do que um coração velho: um funcionamento mais regular acompanha por vezes, sem que isto seja evidentemente a norma, o envelhecimento.

Mas antes de envelhecer o cão se torna maduro, a tal ponto que podemos considerar que existem no plano biológico verdadeiramente duas fases sucessivas na idade adulta do cão, a segunda precedendo a fase de envelhecimento.

Antes da velhice: a maturidade

Anterior à velhice, existe no cão a fase de maturidade, espécie de segundo período da sua idade adulta (poderíamos para simplificar até falar em fase adulta 1 – entre o final do crescimento e a maturidade – e fase adulta 2 – período que precede a velhice).
A maturidade é um período de realização do cão, durante a qual se instalam modificações celulares, ainda invisíveis a olho nu, que são o preâmbulo da idade avançada.

Consequências do envelhecimento no organismo

Embora seja verdade que o envelhecimento é irreversível e as suas teorias diversas, algumas das suas repercussões ao nível celular, orgânico, comportamental e sensorial são agora melhor entendidas. O melhor conhecimento destas últimas deve permitir ao proprietário do cão melhorar o seu âmbito higiênico global, no qual uma alimentação adaptada é essencial e vai reduzir as conseqüências dos fatores que agravam os processos normais do envelhecimento. Falar de um cão idoso significa na verdade considerar um período que começa a uma idade diferente conforme o seu porte: 8 anos para um cão pequeno, 7 anos para um cão médio, 6 anos para um cão de tamanho grande. As modificações que aparecem então vão aumentar gradualmente a sensibilidade do cão à doença e ao estresse. Por isso se considera que a partir dessas idades o risco de morte duplica a cada ano ou a cada dois anos. Com a idade, a queda do potencial fisiológico se objetiva e torna o animal mais vulnerável a todo o tipo de stress e ao mesmo tempo a sua proteção imunológica em relação às doenças diminui.

No que diz respeito à **composição global do organismo**, nota-se no cão velho:

- um aumento dos depósitos adiposos, sendo o animal mais gordo e metabolizando menos os seus lipídeos;
- uma diminuição da hidratação do organismo, espécie de desidratação crônica que é nociva ao seu bom funcionamento.

Algumas **funções não digestivas** estão alteradas:

- redução da proteção imunológica,
- diminuição da resistência ao frio, das capacidades de luta contra o calor,
- afecção progressiva da função renal,
- desmineralização do esqueleto,
- destruição das membranas das células sob o efeito daquilo que se chama o "estresse oxidativo membranário",
- aumento dos casos de insuficiências hepáticas ou cardíacas,
- aumento evidente da freqüência dos tumores, cancerosos ou não, o pêlo se torna branco e a pele flexível.

As **funções digestivas** também são atingidas:

- depois da idade anteriormente citada, a dentição pode em primeiro lugar se tornar um problema para o animal, com a formação de tártaro contra o qual é preciso lutar. Este é a causa de inflamações e de infecções das gengivas que podem levar à perda dos dentes;
- a saliva é produzida em menor quantidade visto que o cão engorda e que o tecido adiposo invade as suas glândulas salivares;
- o trânsito digestivo (progressão dos alimentos no tubo digestivo) é mais lento, em relação a uma menor tonicidade muscular intestinal, expondo o cão a fases de constipação às quais se seguem freqüentemente episódios de diarréias;
- o intestino se torna cada vez menos capaz de se adaptar a uma modificação do alimento (que deve imperativamente permanecer constante), ao mesmo tempo que determinados fenômenos de absorção são menos eficazes, condicionando o necessário recurso a um alimento hipergigerível.

Finalmente, **os sentidos e o comportamento** do cão são modificados:

- queda da acuidade visual e perda da visão são freqüentes,
- pode ocorrer degradação do olfato,
- o animal se torna apático, menos forte e menos resistente, o que deve levar a fornecer-lhe uma quantidade reduzida de energia no seu alimento.

Um cão velho será muito mais sensível ao número cotidiano de contatos humanos e procurará a companhia do seu dono. As horas das refeições adquirem assim um maior valor para ele.

Mas como quer que seja, para que fique em forma por mais tempo e aproveite toda a sua esperança de vida, a **alimentação** deste cão deve lhe permitir compensar uma maior sensibilidade associada à sua idade. Sabe-se que qualquer erro alimentar, qualquer que seja a idade do cão, pode acelerar o processo de envelhecimento. Assim sendo, a dieta do cão idoso deverá obedecer às seguintes regras:

- diminuição quantitativa global de 10 a 20% para responder a uma atividade física reduzida e prevenir o risco de obesidade;

- ligeiro aumento ou pelo menos manutenção da concentração em proteínas do alimento (pelo menos 25%) para manter o equilíbrio ideal e lhe permitir lutar melhor contra o estresse e manter o seu estado imunológico **(alguns preconizam uma redução do fornecimento de proteínas no cão idoso, mas isto é altamente nefasto e não se justifica de forma alguma como prevenção de uma insuficiência renal crônica);**

- aumento do teor em fibras alimentares que surge como uma necessidade visto que garante uma boa higiene digestiva, previne os fenômenos frequentes de constipação e permite reduzir o fornecimento energético do alimento sem ter que reduzir o volume das refeições; aumento do fornecimento de vitaminas e oligoelementos especialmente em vitaminas antioxidantes (vitamina E e neste caso vitamina C) a fim de ajudar as células a lutar contra aquilo que se chama "estresse oxidativo membranário", processo associado ao envelhecimento que destrói as suas membranas protetoras.

Por todos estes motivos citados, será portanto preferível no cão em envelhecimento escolher um alimento completo seco (croquetes ou sopa reidratada) na medida em que este terá sido especialmente concebido para este caso. Desta forma, é evidentemente possível adaptar a ração conforme o tipo de alimentação escolhida.

Assim sendo, uma alimentação caseira equilibrada deverá conter (por quilograma de alimento).

- carne de boi magra	270 gramas
- fígado	80 gramas
- arroz cozido	400 gramas
- farelo de trigo	160 gramas
- ovo cozido inteiro	80 gramas

- 1 colher de café de óleo de girassol
- 1 colher de café de vegetalina de coco
- 2 cápsulas de óleo de peixe
- complementação mineral e vitamínica

A consideração do porte do cão como pode ser encontrada em alguns alimentos completos secos é, mais

uma vez, interessante para o cão: a adaptação do tamanho dos croquetes, por exemplo, ajuda o animal a comer numa idade em que os seus dentes estão cada vez mais frágeis e uma digestibilidade muito elevada das matérias primas irá prevenir as fases de diarréia enquanto um menor fornecimento de fósforo ajudará a fragilizar menos os rins.

Ao fato que os cães de diferentes portes não envelhecem da mesma forma, acrescenta-se portanto a necessidade no plano nutricional de respeitar uma abordagem por 2 faixas etárias", levando a alimentos adaptados que se podem qualificar como "adulto 1" (o cão está em plena posse dos seus meios), "adulto 2" (cão maduro) e "sênior" (o cão está em envelhecimento e vê as suas capacidades físicas declinar progressivamente).

As doenças específicas do cão idoso

Graças aos progressos da medicina veterinária, a esperança de vida do cão, bem como a do gato, aumentou significativamente durante estes últimos anos, especialmente em relação a uma melhor alimentação e uma melhoria da higiene de vida destes animais. Assim se desenvolveu na medicina veterinária um ramo novo, a geriatria, para melhor responder ao conjunto dos problemas específicos colocados. As modificações mencionadas, associadas ao envelhecimento do organismo, fazem com que este venha a estar sujeito a doenças bastante específicas dentre as quais as mais importantes serão consideradas, bem como a aquisição de comportamentos por vezes anormais

Perturbações do comportamento

Para os especialistas do comportamento, existem três perturbações principais que podem aparecer com a idade.
Em primeiro lugar a **hiper-agressividade do cão idoso** na qual o cão, sem motivo aparente se torna cada vez mais agressivo: rapidamente acaba por morder, inclusive crianças e filhotes e se torna bulímico em aproximadamente 75% dos casos. O tratamento só pode ser medicamentoso, mesmo que exercícios de obediência ou de agilidade se mostrem úteis.

Na **depressão de involução,** o cão perde progressivamente todos os seus conhecimentos sociais, se torna sujo, não responde às ordens ou consome tudo aquilo que lhe passa pela frente (gerando o risco cirúrgico de ingestão de corpos estranhos); sofre de perturbações do sono ou começa a uivar sem motivo. Mais uma vez, existem atualmente tratamentos medicamentos às vezes eficazes.

Finalmente, existe um doença que se qualifica de **distimia do cão idoso**, na qual o cão tem por exemplo problemas em avaliar a relação entre a sua própria largura e o caminho por onde resolveu andar. O cão idoso distímico terá tendência a querer forçar a passagem e poderá assim ficar preso durante horas, rosnando e gemendo. Um único medicamento parece atualmente dar bons resultados nesta afecção.

Afecções cardíacas

No cão idoso, fala-se frequentemente em insuficiência cardíaca, doença na verdade associada a afecções das válvulas do coração, por vezes com dilatação deste órgão.

Este grupo de afeções ligadas à idade se traduz no animal por uma rápida falta de ar e, no último estágio de evolução, por um acúmulo de edemas de descompensação (freqüentemente pulmonares conforme o local cardíaco atingido). Embora o diagnóstico (através de ecografia) e o tratamento (com o que se chama inibidores da enzima de conversão) tenham progredido muito nestes últimos anos, é importante para o proprietário prestar atenção mais cedo possível.

Insuficiência renal crônica

A insuficiência renal crônica pode ser definida como sendo a perda progressiva e irreversível das funções renais do cão: função de excreção e função hormonal. Esta afecção se manifesta quando mais de 75% dos néfrons (unidades individuais que constituem o rim) desapareceram. Tendo o rim diversas funções no organismo, dentre as quais evidentemente a filtração dos restos metabólicos através da urina, os sintomas clínicos associados a esta doença crônica são muito variados, indo daquilo que se chama uma poliúria-polidipsia (o cão bebe e urina muito) a uma anemia, passando por uma diarréia crônica, uma queda significativa do apetite ou uma desmineralização dos ossos (o rim e o fígado são os dois órgãos que tornam a vitamina D ativa). A estes sinais visíveis estão associados diversas modificações sanguíneas, evidenciadas por exames complementares necessários (uréia, creatinina, proteínas, onograma, fosfatos, cálcio, colesterol).

Assim sendo, se a observação de uma insuficiência renal crônica é freqüente nos indivíduos idosos, uma detecção precoce e um tratamento rigoroso podem permitir retardar a evolução inexorável para o estágio terminal.

Mas no âmbito da insuficiência renal crônica, a **dieta** desempenha um papel e ajuda em muito a eficácia do tratamento médico. Assim, graças às pesquisas e à experiência adquirida em vários anos, uma certa restrição protéica (com um teor ótimo do alimento de 17 a 18% de proteínas em relação à matéria seca), permite melhorar os sinais clínicos e fazer baixar os níveis de uréia no sangue. A restrição em fósforo é na verdade a medida dietética mais importante para lutar contra os efeitos perversos nos ossos desta doença renal (o alimento deverá ter apenas 0,4% de fósforo). Uma ligeira restrição em sódio e a presença de ácidos graxos da série ômega 3 também são elementos a levar em conta dieta, e assim, compreende-se melhor que os veterinários dos cães insuficientes renais crônicos se voltem para alimentos completos concebidos com este objetivo dietético de tratamento da doença.

Doenças do tubo digestivo

Tártaros e doença periodontal. Com a idade, o cão tem tendência a apresentar depósitos de tártaro nos seus dentes, que favorecem o desenvolvimento de inflamações ou de infecções das gengivas com mau hálito e depois perda dos dentes (doença parodontal). Mas as consequências desta afecção banal podem ser na verdade mais nefastas para o animal, as "portas de entrada" criadas pelos germes patogênicos podem levar a afecções pulmonares, cardíacas, renais ou articulares. O alimento industrial foi durante muito tempo incriminado sem razão, tendo vários estudos destruído este mito e demonstrado que os alimentos secos preveniam melhor a placa dentária do que os alimentos úmidos em conserva: as partículas alimentares moles têm mais tendência em se aglomerar em torno do bordo da gengiva, enquanto os croquetes têm no dente um efeito abrasivo e de limpeza. O alimento seco, associado a uma escovação regular dos dentes (vários produtos se encontram agora disponíveis nos veterinários), constituem portanto uma boa prevenção do problema. Algumas guloseimas para mastigar (cauda de boi, bastonetes de colágeno) podem também ajudar na higiene buco-dental do cão. O tratamento será de uma eliminação do tártaro com ultra-sons no veterinário, freqüentemente associado a uma terapia específica com antibióticos.

A constipação. Sem ser realmente uma doença, a constipação é freqüente no cão idoso pela preguiça dos seus intestinos. O recurso a uma alimentação bem concebida citada anteriormente previne este problema. A utilização de óleo de parafina ou de laxativos por via retal poderá ser indicada pelo veterinário.

Outras afecções

Diversas outras doenças vêm a sua freqüência aumentar com a idade no cão, desde afecções oftalmológicas ou dermatológicas ao desenvolvimento de tumores benignos ou de câncer. São consideradas em outro espaço e não necessitam nenhuma modificação no contexto geriátrico.

Em todo, como podemos ver, o cão idoso merece uma abordagem específica, tanto no plano preventivo (tomando um cuidado especial com a alimentação e a higiene de vida) quanto num plano curativo (necessidade de check-ups geriátricos veterinários regulares). A detecção precoce de uma determinada doença é a garantia de uma esperança de vida mais longa para o cão.

8ª parte

A nutrição do cão

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 554

Nutrição e alimentação

Proteínas, lipídios, glicídios, vitaminas, minerais, oligoelementos...

Todos os nutrientes da dieta têm um papel que lhe é próprio. Tanto os excessos quanto as carências são nocivos para a saúde do cão e assim, é conveniente que se tenha bom conhecimento qualitativo e quantitativo das necessidades, que são bem diferentes entre os homens e os cães. Ao contrário do que se pode pensar, o cão não tem necessidade biológica de "variedade", possui um paladar até mesmo "pobre" e escolhe seus alimentos principalmente graças a um olfato muito desenvolvido. Isso quer dizer que certas rações que se apresentam como sendo com gosto de "carneiro", de "frango"... podem tranqüilizar seu dono, mas estão, às vezes, longe de atender as verdadeiras necessidades nutricionais do cão. Às vezes são cometidos involuntariamente alguns erros quando da preparação de alimentação caseira e estes podem ter conseqüências patológicas graves. Em primeiro lugar, um nutricionista falará das necessidades específicas (lactação, gestação, crescimento, manutenção, envelhecimento, esterilização) com explicações em termos de nutrientes e de seu valor biológico, de digestibilidade, de desempenho nutricional e de prevenção, de adaptação às diferenças de tamanho/peso, antes de falar em termos de ingredientes (frango, carneiro, peixe, fígado...). Igualmente, determinadas doenças, as quais é preciso cuidar e, melhor ainda, prevenir, estão relacionadas a uma dieta específica. Mas o melhor alimento do mundo não serve para nada se não for consumido: portanto, o fato do alimento ser apetitoso é decisivo. Nos dias de hoje, os alimentos preparados, principalmente os alimentos secos de alta qualidade (chamados "nutricionais") respondem a essas diferentes cláusulas e condições.

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 555

As bases da nutrição do cão

O cão não é um ser humano e não é bom para ele comer "como seus donos"; o mesmo se pode dizer de seu comportamento alimentar. Proteínas (carne, peixes, ovos), lastro (legumes verdes), gorduras (vegetais e animais), minerais e vitaminas devem compor a dieta ideal, mas a distribuição em seus diferentes elementos deve considerar:

– o tamanho do cão: pode-se imaginar nutrir do mesmo modo um Chihuahua de 2 kg e um São Bernardo de 80 kg?

– seu estado fisiológico: crescimento, gestação, aleitamento, esporte e velhice são alguns dos estágios que modificam a necessidade alimentar;

– seu estado de saúde: em vários casos o regime se transformou numa parte considerável do tratamento médico das doenças.

Quer se compre alimentos preparados (grãos, conservas...) ou que o próprio dono componha a mistura para seus cães, é essencial que haja rigor na escolha do alimento industrializado ou nas proporções das matérias primas domésticas. Ao contrário de uma idéia bastante propagada, a troca freqüente de alimento deve ser evitada pois pode-se perturbar a flora intestinal do cão, que é mais frágil do que a dos seres humanos. A alimentação do cão deve suprir todas as suas necessidades, sem carências nem excessos, para lhe garantir boa condição física e vitalidade... durante toda sua vida!

50 nutrientes essenciais e sua função

Do mesmo modo que os seres humanos, o cão é uma criatura que vive graças às centenas de milhões de células que constituem seu organismo e que são mesmo minúsculas fornalhas de combustão que lhe fornecem sua energia vital. Estas fornalhas de combustão são indispensáveis para a vida. Elas necessitam permanentemente de carburantes energéticos (os alimentos) e um comburente (o oxigênio) para produzir calor e energia. Dessa forma mantém-se a temperatura corporal constante e o organismo pode se construir, se edificar e portanto viver, sem jamais parar de se renovar.
Para alimentar bem seu cão, é preciso entender bem o papel da nutrição composta pelo conjunto de fenômenos de troca entre o organismo e o meio, permitindo a assimilação pelo ser vivo de substâncias que lhe sejam estranhas e da produção de sua energia vital.

• *A função dos nutrientes*

Um nutriente é um elemento simples que deve entrar na composição da dieta alimentar do cão em proporções que permitam mantê-lo com boa saúde. Portanto, todos os dias o cão deve consumir cada um desses 50 nutrientes essenciais, pois ele não pode sintetizá-los por si mesmo, e cada um deles exerce um papel no organismo.

• *A água: o elemento mais essencial*

Lembrar da água como nutriente pode parecer inútil... Mas é preciso se convencer de que se um organismo pode ficar semanas sem comer, não pode ficar mais do que três dias sem beber. Dois terços do cão são formados por água e todos os seus tecidos são banhados por ela: 80% do peso de um músculo são constituídos por água! Se o organismo de um cão pode perder todas as suas gorduras e a metade de suas proteínas e permanecer vivo, a perda de somente 10% da água da constituição corporal vai provocar a morte. As funções da água são tantas e tão importantes que ela é o mais essencial, tanto para o cão quanto para todos os seres vivos. As necessidades diárias do cão encontram-se em torno de 60 ml por quilo de peso corporal (com variações às vezes significativas quando em situações mais exigentes: calor ambiente, esporte, gestação, lactação, por exemplo).

• *Proteínas para a construção*

Embora possam nutrir, as proteínas servem sobretudo para a construção, permitindo a síntese dos ossos, dos músculos, das estruturas nervosas... em resumo, de tudo aquilo que faz o cão viver. Uma proteína é uma molécula constituída por aquilo que denominamos de aminoácidos, uma espécie de trem formado por vagões (aminoácidos dispensáveis) e por locomotivas (aminoácidos indispensáveis). Assim

BOA NUTRIÇÃO

Impulsionados pelas pesquisas veterinária e científica, estamos em via de ultrapassar o conceito tradicional de nutrição, quer dizer, construir e sustentar o organismo e lhe fornecer energia para integrar sua dimensão preventiva. É o nascimento da nutrição/saúde.

A nutrição têm três objetivos:

1 – Construir e sustentar: é a função das proteínas, dos minerais e dos oligoelementos e das vitaminas.

2 – Fornecer energia: é a função dos lipídios e dos glicídios.

3 – Nutrir é também prevenir: é a manifestação do conhecimento e sua aplicação de maneira pontual sobre determinados nutrientes na dieta. Por exemplo, eles irão prevenir os riscos de afecções renais, problemas digestivos e/ou ósseos, e combater os mecanismos de envelhecimento.
Responsável pela domesticação do cão, o homem tem o dever de nutri-lo de acordo com suas verdadeiras necessidades específicas e não em função de suas projeções humanas.

É a primeira regra
de verdadeiro respeito ao animal.

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 556

sendo, existem diferenças de valor nutricional entre as proteínas, em especial no caso da digestão, entre uma proteína "boa" (carne vermelha ou branca, peixe, ovo…) e uma proteína "má" (tendão, aponeurose) que não será digerida e poderá ser encontrada nos excrementos. Uma proteína bem digerida (e, portanto, absorvida sob a forma de aminoácidos) não será inevitavelmente bem utilizada (metabolizada) pelo organismo. Ela pode não conter determinados aminoácidos indispensáveis sem os quais o cão não poderá sintetizar suas próprias proteínas. Fala-se, assim, do "valor biológico" de uma proteína e se pode comparar os aminoácidos indispensáveis a pedaços de tecidos azuis, brancos ou vermelhos: se todas as cores estiverem disponíveis em quantidade suficiente, é possível fabricar bandeiras tricolores mas, se uma das cores vier a faltar, essa fabricação não será possível. No caso das proteínas, a síntese protéica é interrompida e os aminoácidos restantes são desperdiçados.

Trata-se, pois, de lembrar que o forte teor de proteínas de um alimento não é sinônimo de qualidade e que é importante considerar a própria natureza das proteínas utilizadas (seu equilíbrio em aminoácidos indispensáveis).

Finalmente, qualquer carência nutricional em energia pode levar o organismo a "queimar" suas proteínas em vez de poupá-las para a construção. Portanto, o equilíbrio energia/proteínas de um alimento é essencial.

• *Matérias graxas: não são apenas fontes de energia*

O papel principal das gorduras alimentares é o fornecimento de energia. O cão as digere muito bem, muito melhor do que o homem, e aprecia verdadeiramente seu odor e gosto (o que pode significar um consumo excessivo se não for feita uma rígida distribuição das refeições). Mas se as matérias graxas são "apetitosas" essa palatabilidade não deve de forma alguma levar vantagem sobre o equilíbrio nutricional da dieta. Assim, nos Estados Unidos aproximadamente 50% dos cães são obesos (a obesidade nos cães é definida por pelo menos 20% de peso em excesso), comparados a de 25% a 30% na França. Quimicamente, os lipídios alimentares são ésteres de ácidos graxos e de glicerol, de cadeia mais ou menos longa e mais ou menos saturada. Para um alimento, a determinação de sua concentração energética resulta, com poucas exceções, do nível das matérias graxas encontrado nele. Na realidade a substituição glicídio-proteína é quase isocalórica no cão, tanto que um ponto de gordura suplementar representa, por substituição, uma contribuição de 50 quilocalorias a mais por quilograma. A elevação na densidade energética e na taxa de gordura é acompanhada por aumento na palatabilidade. Assim, para reforçar a palatabilidade, a saída mais fácil para determinados alimentos domésticos e industriais será, pois, uma superdosagem em lipídios. O superconsumo que pode se seguir obrigará a uma grande vigilância quanto à distribuição do alimento.

Se o cão suportar bem os níveis elevados de matérias graxas em seu alimento, este deve ser reservado para os cães ativos ou que tenham necessidades energéticas muito elevadas, como por exemplo os cães em fase de lactação.

De acordo com sua origem, as matérias graxas apresentam composições muito diferentes em ácidos graxos e portanto não possuem o mesmo interesse nutricional. De fato, esses ácidos graxos têm uma dupla vocação:

– ***não específica,*** em primeiro lugar, tratando-se simplesmente de fornecedores de energia. O conjunto de ácidos graxos faz parte delas, mas apenas as gorduras ditas saturadas, de sebos (gorduras de ruminantes) ou de banhas (gorduras de porco) têm esse papel;

– ***específica,*** igualmente, uma vez que os ácidos graxos tem função estrutural, entrando na composição das membranas de todas as células, e função funcional, sendo as precursoras dos mediadores das células ou dos hormônios. Essas últimas funções pertencem aos ácidos graxos poliinsaturados ditos "essenciais" pois os cães não podem sintetizá-los e por isso devem obtê-los a partir da alimentação. Existem duas famílias de ácidos graxos essenciais (ainda chamados de ácidos graxos poliinsaturados essenciais), com as quais convêm se familiarizar apesar de seus nomes estranhos:

– ***a série "ômega 6",*** encontrada mais naturalmente nos óleos vegetais do que nas gorduras animais, com exceção das gorduras das aves. Sua deficiência provoca secura da pele, descamações, alopecia (perda dos pêlos) e pelo delicado. É um dos principais nutrientes para a beleza do pêlo.

– ***a série "ômega 3"***,encontrada essencialmente nas gorduras dos peixes e desempenham um papel muito importante na integridade das membranas celulares, no funcionamento do sistema nervoso e do sistema imunológico. Esses ácidos graxos também são utilizados atualmente devido a suas propriedades anti-

OS NUTRIENTES E SUAS FONTES

Nutrientes	Fontes alimentares
Proteínas	carne (crua ou pouco cozida) peixe cozido, ovos cozidos, leite (se o cão tolerar), queijo **a evitar**: resíduos muito ricos em tendões, ovos crus, peixe cru
Amido	cereais (arroz, massas, milho, trigo) bem cozidos **a evitar:** batatas, pão, cereais crus
Lastro	legumes (vagens, cenouras, sala da cozida) farelo (em quanti dade bem pequena) **a evitar**: repolho, cebola, nabo
Gorduras	gorduras animais (sebo, banha/aves), óleos vegetais (soja, milho, borragem) **a evitar:** gorduras rançosas ou cozidas
Minerais	farinha de osso, carbonato de cálcio
Vitaminas	complementos minerais, levedura (vitaminas) produtos lácteos (cálcio) **a evitar:** todos os excessos de complementação

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 557

inflamatórias (tratamento de vários casos de pruridos cutâneos) e "oxigenadoras" (elas melhoram a passagem do oxigênio pelas células e a deformação dos glóbulos vermelhos, propriedades interessantes para o cão de esportes e o cão idoso). As gorduras, quaisquer que elas sejam, são matérias primas especialmente frágeis e que podem se degradar rapidamente. As conseqüências ligadas a essa rancificação são, em primeiro lugar, uma diminuição da palatabilidade do alimento, mas principalmente e em seguida os problemas fisiológicos para o cão: intolerância digestiva, problemas pancreáticos, distúrbios hepáticos… Para evitar a rancificação, torna-se, pois, necessário proteger as gorduras alimentares dos alimentos industrializados com antioxidantes ou, no caso de alimentação caseira, não utilizar gorduras cozidas

• *Os glicídios*

São nutrientes quase que exclusivamente vegetais e os ingredientes alimentares de origem animal praticamente não os contêm. Os elementos de base dos glicídios são aqueles chamados de oses, açúcares simples: o mais disseminado é a glicose, que constitui a base do amido e da celulose. Outros glicídios, como as pectinas ou as gomas, são moléculas mais complexas formadas por ácidos urônicos produzidos pela oxidação das oses. Alguns desses glicídios são digeríveis e assimiláveis pelo organismo do cão (é o caso dos amidos e dos açúcares); a parte não digerível dos glicídios (também chamada de fibra ou celulose) constitui o lastro estimulante e regulador do trânsito intestinal. Como todos os animais, o cão tem necessidade metabólica de glicose. Esta última é uma fonte de energia privilegiada para determinados órgãos como, por exemplo, o cérebro, e também uma base indispensável para a síntese de várias moléculas biológicas. Todavia, assim como raríssimas outras espécies animais, o cão apresenta uma particularidade fundamental: ele pode manter sua glicemia (taxa de glicose no sangue) sem dispor de qualquer aporte glicídico em sua alimentação. Neste caso, tratam-se de aminoácidos específicos encontrados nas proteínas e que permitem a síntese da glicose. Assim, os riscos da carência em glicose são inexistentes no cão.

– Os glicídios digestíveis. Entre eles, a lactose se reveste de uma certa importância no filhote: o leite da cadela contém duas vezes menos **lactose** (o açúcar do leite) que o leite de vaca. Se o filhote jovem utilizar essa lactose, sua capacidade de digeri-la fica limitada e o excesso sempre acarretará problemas digestivos. O leite de substituição deverá obrigatoriamente considerar essa particularidade e não conter lactose em excesso. Quando adultos, os cães têm uma dificuldade ainda maior de digerir a lactose e o consumo desse leite pode provocar diarréias.

– O amido corresponde a um complexo de polímeros de glicose mais ou menos ramificados, conforme sua origem botânica, e fechado como uma pelota que se denomina grânulo de amido. Para digeri-lo o cão requer enzimas presentes no pâncreas, as amilases.

A digestibilidade do amido é claramente melhorada pelo cozimento, que o gelatiniza. Presente nos cereais (trigo, milho, arroz…) e na batata, os amidos fornecem ao organismo uma energia rapidamente disponível, desde que sejam muito bem cozidos. O arroz deve estar "grudado" em uma dieta doméstica para ser bem digerido e não provocar diarréia. Para os alimentos completos secos, podem ser utilizados dois procedimentos de cozimento: o cozimento, extrusão (croquetes) e a floculação (alimentos multicompostos chamados de "jantares"); eles asseguram um cozimento perfeito do amido tornando-o assim muito digestível.

– As fibras alimentares. Embora não possam ser assimiladas pelo organismo, pode-se considerar que o cão têm uma necessidade real de fibras alimentares. Elas são constituídas pelo conjunto de glicídios que não são digeridos à saída do intestino delgado: celulose, hemiceluloses, lignina, matérias pécticas… Essas fibras têm efeito regulador sobre o trânsito digestivo, tornando-o mais lento se estiver acelerado e acelerando-o se estiver lento. Como a motricidade intestinal é dependente do nível de estresse ou de atividade do cão, a contribuição das fibras alimentares deverá estar quantitativamente adaptada à finalidade do alimento. As fibras também são um substrato de fermentação para a flora bacteriana do intestino grosso e contribuem para o seu equilíbrio; é por este motivo que uma mudança brusca na fonte das fibras pode provocar um desequilíbrio passageiro, com fermentações não-controladas, flatulência e diarréias. Embora as fibras sejam necessárias para a higiene digestiva, elas apresentam alguns inconvenientes. Elas apresentam um efeito depressor sobre a digestibilidade do alimento e podem, com a intermediação de substâncias complexas denominadas fitatos, diminuir

A NUTRIÇÃO CANINA: UMA ESPECIALIDADE COM DIREITOS E DEVERES

Em 1995 nasceu a "European Society of Veterinarian and Comparative Nutrition" (Sociedade européia de nutrição veterinária e comparada), estrutura científica dedicada à melhoria do conhecimento relacionado à nutrição de animais domésticos. Ela reúne veterinários nutricionistas provenientes de toda a Europa e dos Estados Unidos. Seus principais pólos de interesse e de desenvolvimento referem-se às espécies animais ou os temas que não são abordados pela agronomia ou a nutrição humana. O cão figura em primeiro plano nas suas preocupações, que neste caso compreendem desde a alimentação do atleta canino ao suprimento da necessidade alimentar em período crítico (após uma intervenção cirúrgica grave, por exemplo).

A ESVCN está afiliada à sociedade européia de medicina veterinária interna, o que demonstra como a dietética atualmente é parte integrante do tratamento médico de numerosas doenças do cão. Todos os anos ela organiza um congresso internacional, agrupando diversas centenas de veterinários provenientes de todo o mundo.

Professor Elen Kienzle,
doutor veterinário
Universidade de Munique (Alemanha)

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 558

a disponibilidade digestiva de determinados minerais. Ao contrário, o efeito depressor da digestibilidade pode ser explorado nos alimentos para o cão pouco ativo ou nos alimentos hipocalóricos para o cão obeso que precisa emagrecer. Pesquisamos, assim, uma queda na assimilação e um efeito de diluente alimentar que permite não restringir muito o bolo alimentar. A seleção de determinadas fibras otimiza esse efeito com a limitação dos inconvenientes. Assim, é necessário compensar a contribuição de determinados nutrientes para considerar a digestibilidade.

• *Os minerais: várias interferências*

Os minerais representam apenas uma proporção mínima do peso do cão; entretanto o papel de cada um deles é essencial e sua ingestão alimentar deve estar sob forte vigilância. Além disso, todos eles são podem interferir uns com os outros ao nível digestivo ou metabólico, o que faz com que seja necessário não só assegurar a ingestão de todos eles mas também evitar qualquer desequilíbrio que poderá se revelar mais nefasto para o organismo do que a simples carência.

Em nutrição, esses minerais são divididos em dois grupos:

– *os macroelementos*, as necessidades diárias de cada um deles são quantificadas em gramas para um cão padrão, representados pelo cálcio, fósforo, magnésio, sódio, potássio e cloro;

– *os oligoelementos*, para os quais as necessidades são expressas em miligramas por dia (até menos) e entre os quais se encontra o ferro, o cobre, o manganês, o zinco, o iodo, o selênio, o flúor, o cobalto e o molibdênio.

Quantitativamente, o cálcio e o fósforo são os principais elementos minerais, constituintes fundamentais do esqueleto. Eles também têm outras funções metabólicas importantes como, por exemplo, o papel do fósforo em todas as transferências de energia no interior da célula. O esqueleto representa uma reserva tampão muito importante à qual o organismo recorre em caso de deficiência, o que explica o aparecimento de doenças ósseas quando a ingestão fosfocálcica da ração é desequilibrada. O magnésio também intervém no metabolismo ósseo, mas ele, juntamente com o potássio, é um elemento do líquido intracelular fundamental para um grande número de alimentos.
De modo geral, os oligoelementos são indispensáveis tanto para a constituição dos glóbulos vermelhos quanto para o transporte de oxigênio, a pigmentação da pele e sua integridade, o funcionamento dos sistemas enzimáticos e a síntese dos hormônios tireoideano.
Todos eles preenchem um ou diversos papéis para esta ou aquela função do organismo.

• *As vitaminas: nem muito nem pouco*

Entre o conjunto de constituintes nutritivos essenciais à vida, todos conhecem o termo "vitamina", que de fato agrupa um conjunto de substâncias muito variadas. Se alguma delas faltar, no todo ou em parte, imediatamente aparecerão sintomas clínicos de carências que poderão a longo prazo levar ao aparecimento de doenças graves.

Como grupo as vitaminas se distinguem por duas características:
– a necessidade diária de um cão de cada uma das vitaminas é expressa em miligramas, até em microgramas;
– as vitaminas são substâncias orgânicas, diferentemente dos oligoelementos, como o ferro,

OS MINERAIS: FUNÇÕES E PRINCIPAIS FONTES

Minerais	Função no organismo	Fontes
Cálcio (Ca)	constituição do esqueleto, transmissão de impulso nervoso	pó de osso, carbonato de cálcio, fosfato de cálcio
Fósforo (P)	constituição do esqueleto constituição das membranas celulares metabolismo energético	pó de osso, fosfatos
Sódio (Na) Potássio (K)	equilíbrio celular, regulação do equilíbrio hídrico, metabolismo energético	sal de cozinha, sais de potássio
Magnésio (Mg)	constituição do esqueleto, sistema nervoso, metabolismo energético	pó de osso, magnésio, sais de magnésio
Ferro (Fe)	constituição dos glóbulos vermelhos, respiração celular, enzimas	carne, sais de ferro
Cobre (Cu)	formação da hemoglobina, formação dos ossos, oxidações celulares	pó de osso, sais de cobre, carne
Cobalto (Co)	formação da hemoglobina, multiplicação das hemáceas	pó de osso, leveduras
Manganês (Mn)	ativações enzimáticas, formação de cartilagem	sais de manganês
Iodo (I)	síntese dos hormônios tiroideanos	sal do mar,
Zinco (Zn)	sistemas enzimáticos, integridade da pele, reprodução	peixe sais de zinco

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 559

As vitaminas: funções e principais fontes

Vitaminas	Funções	Fontes
Vitamina A (retinol)	Visão, crescimento, resistência às doenças	óleo de fígado de peixe, fígado, ovos
Vitamina D (calciferol)	equilíbrio do metabolismo fosfocálcico melhora da absorção do cálcio	sol (UV), ovos óleo de fígado de peixe
Vitamina E (tocopherol)	antioxidante, prevenção de patologia muscular (esforço)	leite, germes de cereais ovos
Vitamina K	produção de fatores de coagulação	Peixe, fígado, grãos
Vitamina B1 (tiamina)	metabolismo energético (glicidios), boa função nervosa	Cereais, Farelo levedura
Vitamina B2 (riboflavina)	metabolismo dos aminoácidos e das gorduras	Cereais, leite, levedura
Vitamina B6 (piridoxina)	metabolismo das proteínas, gorduras, glicídios e ferro	Cereais, leite
Vitamina PP (ácido nicotínico)	integridade dos tecidos (pele)	Cereais, levedura, Peixe, ovos
Ácido fólico	Metabolismo das proteínas, síntese da hemoglobina	Levedura, Fígado
Vitamina B12 (cianocobalamina)	Metabolismo das proteínas síntese da hemoglobina	Ferro, peixe, produtos de laticínios
Vitamina H (biotina)	integridade da pele, metabolismo dos glicídios, lipídios e proteínas	leveduras, ingredientes naturais
Vitamina B4 (colina)	Metabolismo das gorduras, proteção do fígado	ingredientes naturais

o iodo e o zinco, porém igualmente essenciais. Elas são encontradas nos alimentos e podem ser lipossolúveis (dissolvem-se nas gorduras) ou hidrossolúveis (solúveis na água) dependendo do caso. São treze as vitaminas necessárias para o cão. Cada uma delas tem seu (ou seus) papel a executar, tanto para manter a integridade da pele quanto para favorecer uma boa visão, um crescimento normal, um bom uso das gorduras pelo organismo e a conservação em bom estado dos vasos sangüíneos e do tecido nervoso.
É preciso saber também que os excessos ali-mentares de determinadas vitaminas podem ser muito perigosos (em particular as vitaminas A e D): as vitaminas são necessárias e úteis em determinas doses, mas outras, como as vitaminas A e D, tornam-se tóxicas em quantidades muito elevadas. Ao contrário, a vitamina E será muito bem tolerada mesmo em doses elevadas, pois ela pode ter propriedades curativas e preventivas para a membrana celular. Até o momento não foi observado nenhum caso de hipervitaminose e dosagens superiores às necessidades fisiológicas, no que se refere a esta vitamina, podem portanto contribuir para melhor garantia de qualidade do alimento.

Finalmente, deve-se lembrar que a levedura de cerveja são uma fonte natural privilegiada de vitaminas do complexo B e que sua utilização pode ser muito útil para melhorar o aspecto do pêlo.

Os FOS (ou prebióticos) na alimentação canina

Os fruto-oligossacarídeos ou FOS são açúcares especiais que se classificam na categoria de fibras fermentáveis. Não digeridos, mas sim rapidamente fermentados pela flora bacteriana do intestino, eles são a origem da produção de ácidos graxos voláteis (acetato, propionato e butirato), necessários para a manutenção e o crescimento das células que revestem as paredes do intestino grosso.
OS FOS favorecem a instalação de uma flora bacteriana benéfica (bifidobactérias e lactobacilos), cujos efeitos positivos sobre a saúde do tubo digestivo são reconhecidos:
– inibição do crescimento de bactérias patogênicas
– estimulação do sistema imunológico
– efeito favorável sobre a digestão e a absorção de nutrientes
– síntese de vitaminas indispensáveis ao metabolismo (exemplo: ácido fólico).

Modo de ação dos fruto-oligossacarídeos

Estimulação do crescimento das bifidobactérias e dos lactobacilos

↓

Produção de lactato (39%), acetato (36%), propionato (19%) e butirato (6%)

↓

Acidificação do meio intestinal

↓

Limitação da proliferação das bactérias potencialmente perigosas
(Clostridia, Escherichia coli, Salmonelas...)

↓

Proteção do tubo digestivo:
"efeito barreira"

(Segundo Reinhardt)

Um excesso de FOS favorece a produção de fezes moles, até mesmo líquidas. Isto se explica por sua quase total degradação no intestino grosso, associada ao fato de que eles estimulam a proliferação bacteriana. Para não prejudicarem a qualidade fezes, os FOS devem acompanhar uma outra fonte de fibras menos degradável pela flora como por exemplo a polpa de beterraba.

Referência bibliográfica
REINHART G.A. – Prebiotics in pets nutrition. 7th Annual Congress ESVIM, Lyon 1997, 56-58

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 560

EXEMPLOS DAS VARIAÇÕES DAS NECESSIDADES ENERGÉTICAS DO CÃO (em múltiplos de necessidade energética de manutenção)

Manutenção	1
Trabalho: 1 hora	1.1
Greyhound: treinamento	1.2
Final do crescimento	1.25
Trabalho: 1 dia	1.4
Manutenção a 0°C	1.5
Metade da fase de crescimento	1.6
Final de gestação	1.4
Início do crescimento	2
Filhote não desmamado	2.5
Lactação	2 a 4
Cão de trenó	2 a 4
Hospitalização	0.8 a 0.9

RECOMENDAÇÕES ENERGÉTICAS PARA O CÃO IDOSO
(kcal de energia metabolizável/dia)

Peso KG	Cão muito calmo	Cão "normal"	Cão nervoso
2	140	165	190
4	240	280	320
6	325	380	430
8	400	470	530
10	475	555	630
12	545	640	725
14	610	720	810
16	675	790	900
18	740	870	980
20	800	940	1060
22	860	1005	1140
24	920	1080	1220
26	980	1140	1290
28	1030	1200	1360
30	1080	1270	1440
32	1140	1330	1510
34	1190	1390	1580
36	1240	1450	1650
38	1290	1515	1720
40	1350	1575	1785
50	1590	1860	2110

A necessidade nutricional básica: manutenção do cão em bom estado

A necessidade "de cuidados" ou "de manutenção" significa a necessidade nutricional mínima de um cão adulto de atividade "normal" sob temperatura em torno de 20°C, sem dispêndios excepcionais devidos à doença ou a um estado fisiológico particular (gestação/lactação/crescimento…). Na verdade trata-se da necessidade nutricional padrão de um cão de tamanho médio (10 a 25 kg), que serve de referência a todas as outras necessidades do cão, maior atividade, gestação, envelhecimento ou doença crônica.
Um cão raramente tem a atividade física reduzida a um mínimo necessário; assim, alimentar convenientemente o cão sob seus cuidados não significa simplesmente prover o seu sustento, mas sim manter um estado ótimo de saúde, evitando qualquer tendência à obesidade, que é tão freqüente no cão.

O alimento de "manutenção"

Suas principais características serão de:

– manter o peso do corpo do animal por meio de uma excelente digestibilidade dos alimentos sem a ingestão excessiva de gorduras;
– favorecer a beleza da pele e do pêlo com o enriquecimento suficiente em ácidos graxos essenciais, em aminoácidos indispensáveis bem como em vitaminas do complexo B.

MODIFICAÇÕES SAZONAIS DA NECESSIDADE ENERGÉTICA DE MANUTENÇÃO DO CÃO QUE VIVE EM AMBIENTES EXTERNOS

Aumento (%) ingestão calórica	Clima continental (Estrasburgo)	Clima oceânico (Nantes)	Clima mediterrâneo (Montpellier)
Janeiro	100	60	30
Fevereiro	100	60	30
Março	70	30	15
Abril	40	15	10
Maio	10	5	0
Outubro	10	5	0
Novembro	40	15	10
Dezembro	70	30	15

Esse alimento deverá ser formulado de modo a respeitar o equilíbrio nutricional ótimo para um cão adulto de tamanho médio, a seguir:

– 25% de proteínas,
– 12% de matérias graxas,
– 5% a 7% de fibras alimentares,
– 1,1% de cálcio,
– 0,8% a 0,9% de fósforo.

Deste modo, uma vez adulto, o cão tem necessidade de uma certa quantidade de energia para manter seu peso. Porém quanto mais seu peso (em relação com o tamanho) aumenta, menor sua necessidade energética por quilograma de peso: seu valor de base é de 132 quilocalorias de energia metabolizável por quilograma de peso corporal elevado à potência 0,75. Conseqüentemente, um cão de raça pequena deve receber um alimento mais concentrado em energia, portanto em gorduras, que um cão de raça média. E essa elevação da concentração energética também implica no aumento da concentração em proteínas, minerais e vitaminas do alimento. Da mesma forma, entre os cães de raças é preciso considerar o modo de vida e as características anatômicas de seu tubo digestivo. Entre eles, o aumento da concentração energética permite diminuir o volume de alimento minimizando assim o risco de má digestão, e até mesmo da dilatação-torção gástrica.

DIFERENÇAS FUNDAMENTAIS ENTRE CÃES PEQUENOS E GRANDES, GIGANTES

Diferença	*Mini (Chihuahua)*	*Fator de variação*	*Maxi (São Bernardo)*
Duração do crescimento	8 meses	3 vezes maior	24 meses
Amplitude do crescimento	peso de nascimento x 20	5 vezes maior	peso de nascimento x 100
Tamanho dos dentes	Comprimento de um canino: 4-5 mm	3 vezes maiores	comprimento: 5 –16 mm
Necessidade energética	132 kcal/kg do peso corporal	3 vezes mais por kg	45 kcal/ kg do peso corporal
Peso relativo do aparelho digestivo	7% do peso corporal	mais de 2 vezes maior	2.8% do peso corporal
Esperança de vida	>12 anos	quase 2 vezes menor	7 anos

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 561

A alimentação deve ser adaptada ao tamanho e à idade do cão

A duração e a amplitude do crescimento, o tamanho dos dentes, a necessidade energética, o peso relativo do tubo digestivo e a esperança de vida média também são elementos que dependem do tamanho do cão, que se deverá ser considerado na ali-mentação. Para corresponder da melhor maneira possível às exigências do cão e favo-recer sua manutenção com boa saúde, também serão necessários ajustes a cada está-gio de sua vida.
Assim, para uma melhor compreensão dos pontos-chave desta alimentação, para que esta esteja sob medida, basta conferir os elementos seguintes.

Especificidades nutricionais do filhote em função de seu tamanho

As diferenças entre as raças são observáveis desde o nascimento: por exemplo, uma cadela Poodle dá à luz de 1 a 3 filhotes, pesando cada um 150 a 200 g, enquanto que o peso ao nascimento dos oito a doze filhotes de uma ninhada de Terra Nova oscila entre 600 e 700 g. Mesmo que um cão adulto de raça gigante pese 25 vezes mais do que um cão de raça pequena, a relação de peso ao nascimento será de somente 1 a 6. Portanto, o caminho a ser percorrido durante o crescimento é muito diferente conforme as raças. A amplitude e a duração do crescimento são proporcionais ao peso final do cão.

– Por volta dos 3 meses, um filhote de raça pequena pesa a metade do que terá na idade adulta. Para um filhote de raça grande isso ocorrerá em torno dos 5-6 meses.

– Um Poodle que atinge seu peso adulto por volta dos 8 meses terá, em conseqüência, multiplicado seu peso ao nascimento por vinte. Um Terra Nova crescerá até os 18-24 meses e terá multiplicado seu peso ao nascimento por cerca de cem.

Qualquer que seja a raça, um filhote tem necessidades energéticas em proteínas, minerais e vitaminas muito maiores do que um cão adulto. Ele não digere o amido tão bem quanto um cão adulto. Desta forma a composição dos alimentos para filhotes apresenta algumas características comuns: elevada densidade energética, grande concentração de todos os nutrientes essenciais e nível máximo de amido no alimento. Por outro lado, o tamanho da raça implica em adaptações particulares.

– Aos 3 meses, um filhote Terrier pesa de 2 a 3 kg e um filhote de raça gigante 18 a 20 kg: há entre eles uma diferença evidente de tamanho das mandíbulas! Um grão de tamanho médio provoca dificuldades de preensão para o primeiro e desperdício por parte do segundo. Portanto, é mais prudente propor croquetes de tamanho específico aos filhotes de tamanho pequeno, médio ou grande.

– Os filhotes de raça grande estão especialmente sujeitos a problemas de crescimento: problemas de aprumo, deformações ósseas e lesões articulares. O aparecimento desses problemas é favorecido, em grande parte, por um consumo energético muito elevado, que conduz a um ganho de peso muito rápido. Através da diminuição da densidade energética do alimento destinado aos filhotes de raças grandes, além de uma distribuição da quantidade diária correta de alimento, pode-se controlar melhor a velocidade do crescimento e, portanto, minimizar os riscos a ele associados.

– Um filhote de raça grande é mais exigente que um de raça pequena em relação ao plano de ingestão de cálcio. Um filhote de 20 kg come somente 1,5 vez mais que um filhote de 10 kg de mesma idade. Se consumirem o mesmo alimento, o primeiro corre o risco de sofrer com uma deficiência de cálcio. Portanto, para os filhotes de raça grande é preciso aumentar a concentração de cálcio em um alimento.

– A duração do uso de um alimento para o crescimento varia em função da raça: 8 a 10 meses para os pequenos, 10 a 14 meses para os médios e 14 a 24 meses para os grandes.

Especificidades nutricionais do cão adulto em função do seu tamanho

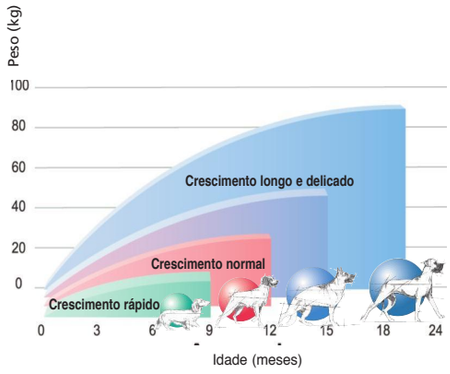
Ao atingir a idade adulta, o cão precisa de uma certa quantidade de energia para manter seu peso: quanto maior o peso, menor a necessidade energética por quilograma. Em conseqüência disso, um cão de raça pequena deve receber um alimento mais concentrado em energia e

A DURAÇÃO E A AMPLITUDE DOS CRESCIMENTOS SÃO DIFERENTES

Curva de crescimento no tempo

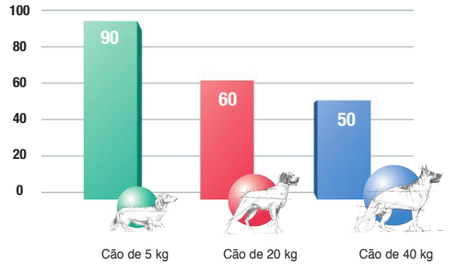
\+ **Duração do crescimento:**
Cão pequeno: 8 a 10 meses
Cão médio: 12 meses
Cão grande, gigantes: 18 a 24 meses

\+ **Amplitude do crescimento**
(*multiplicação do peso no nascimento no final do crescimento)*
Cão pequeno: x 20 a 40
Cão médio: x 40 a 60
Cão grande: x 40 a 60



NECESSIDADES ENERGÉTICAS DIFERENTES

Necessidades energéticas (kcal/kg/dia)



\+ ***Por kg de peso vivo, um cão pequeno tem necessidades energéticas duas vezes maiores às de um cão grande***

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 562

RAÇAS PEQUENAS, MÉDIAS E GRANDES

O alcance da escala de pesos e de tamanhos entre as diferentes raças caninas é um dos mais amplos do reino animal. Pode-se distinguir três grupos de cães na idade adulta: as raças pequenas com menos de 10 kg, as raças médias de 11 a 25 kg, as raças grandes com 25 a 80 kg e mais.
Essa amplitude conduz a diferenças morfológicas, fisiológicas, metabólicas e comportamentais entre as diferentes raças.
Assim, pode-se observar que:

A duração média de vida é de 15 anos para as raças pequenas, 13 anos para as médias e de 10-11 anos para as raças grandes.

A amplitude e a duração do crescimento: um filhote de raça pequena na idade adulta terá multiplicado seu peso ao nascimento por 20 em comparação a cerca de 50 para um filhote de raça média e 80 ou mais para outro de raça grande.
Um cão de raça pequena se torna adulto com 8 meses de idade enquanto que para um cão de raça grande isto ocorre entre 18 e 24 meses.

O peso e o número de filhotes no nascimento são diferentes: uma cadela de raça pequena irá gerar de um a três filhotes, cada um deles com peso 5% ao seu, enquanto uma cadela de raça grande terá ninhadas de oito a doze filhotes, cada um deles com peso aproximado de 1% ao da mãe.
O tamanho de determinados órgãos é proporcionalmente diferente: assim, por exemplo, o peso do tubo digestivo dos cães de raça grande é duas vezes menor que o dos cães de raça pequena.

As necessidades energéticas de um cão de 50 kg são 3,3 vezes maiores do que as de um cão de 10 kg, e não 5 vezes. Portanto eles apresentam metabolismo diferente conforme seu peso.

O temperamento difere também com o tamanho: os cães de raças grandes em geral são mais calmos do que os de raças pequenas mas, diferentemente desses últimos, eles precisam de mais espaço vital.

Determinadas doenças, como a displasia da quadril, atingem especialmente os cães de raças grandes.

Essas diferenças entre raças pequenas, médias e grandes têm conseqüências maiores no que se refere à saúde, alimentação e às relações de harmonia que devem prevalecer entre o homem e o cão.

portanto em gorduras do que um cão de raça média.

O aumento da concentração energética implica no aumento da concentração em proteínas, minerais e vitaminas.

A maior incorporação de gorduras aumenta a palatabilidade do produto. A palatabilidade é um fator essencial para os cães pequenos, freqüentemente de apetite caprichoso, pois os proprietários cedem facilmente a seus caprichos. Os cães pequenos consomem mais facilmente croquetes de tamanho menor.
Entre os cães de raças grandes, o aumento da densidade energética permite diminuir levemente o volume das refeições e, portanto, minimizar o risco de má digestão. Essa precaução também faz parte do contexto das medidas preventivas de um acidente bastante freqüente entre os cães de raças grandes, a torção gástrica. A apresentação do alimento também é importante: grãos grandes e pouco densos podem tornar a ingestão levemente mais lenta.

Raças pequenas, médias grandes. A idade madura não é a velhice

Como para o homem, a maturidade adulta no cão não significa velhice, do mesmo modo que a terceira idade não significa sinal de senes-cência, mas sim a evolução normal de um período que pode ser classificado como "início do envelhecimento".
Para manter o cão com boa saúde, é preciso lhe assegurar uma boa qualidade de vida. Através de uma atividade física regular o cão mantém sua musculatura e combate o excesso de peso. A vigilância do estado dos dentes e da pelagem também é importante.

Exames regulares são indispensáveis. Eles têm como finalidade diagnosticar o mais cedo possível eventuais deficiências do organismo ao nível renal, cardiorrespiratório, articular. O envelhecimento é um fenômeno insidioso: o cão pode se manter em boas condições de saúde até uma idade avançada; no entanto seu organismo se degrada pouco a pouco de modo invisível.

Os cães envelhecem mais ou menos rápido, de acordo com seu tamanho. Um cão grande tende a envelhecer muito mais rapidamente do que um cão pequeno.

A idade equivalente a 50/55 anos de idade no homem é atingida por volta de:

– 8 a 9 anos no cão de raça pequena. Sob sua aparência por vezes sofisticada, os cães pequenos são em geral muito mais resistentes e de uma longevidade superior à média.

– 7 anos em um cão de raça média. Em sua maioria esses cães são rústicos, de caça, pastores… Selecionados conforme as aptidões físicas (rapidez, resistência…) eles têm, em princípio, poucos problemas de saúde até idade avançada.

IDADE HUMANA/IDADE CANINA

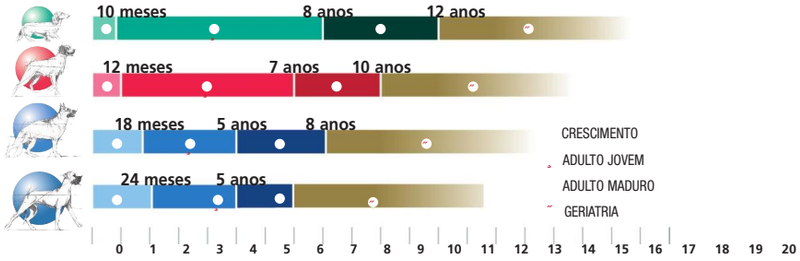
Idade do cão	A idade humana corresponde a:		
	Raças pequenas (menos de 10 kg)	Raças médias (11 a 25 kg)	Raças grandes (mais de25 kg)
6 meses	17 anos	12 anos	6 anos
12 meses	22 anos	20anos	12 anos
18 meses	25 anos	23 anos	16 anos
2 anos	27 anos	25 anos	22 anos
4 anos	29 anos	39 anos	40 anos
6 anos	36 anos	51 anos	55 anos
8 anos	46 anos	63 anos	75 anos
10 anos	55 anos	75 anos	94 anos
12 anos	62 anos	85 anos	
14 anos	68 anos	95 anos	
16 anos	76 anos		
18 anos	87 anos		
20 anos	99anos		

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 563

– 5/6 anos em um cão de raça grande. Os cães de raça grande têm uma duração de vida bem curta: em geral inferior a 10 anos, sobretudo entre os cães de raças gigantes.
Para ser eficaz, a modificação da dieta deve ser feita a partir de 5 anos no cão de raça grande, 7 anos em cães de raça média e 8 anos em cães de raça pequena.
Um alimento adaptado para esse período de idade madura deve ser:
– especialmente enriquecido em vitaminas C e E, a fim de proteger as células do organismo contra os efeitos nocivos do "estresse oxidativo" ligado ao envelhecimento,
– melhorado qualitativamente em proteínas. Contrariamente a uma idéia disseminada, e que por muito tempo foi ensinada, é inútil diminuir a ingestão de proteínas à medida em que o cão envelhece; como os cães de idade madura não utilizam tão bem as proteínas alimentares como os jovens, torna-se necessário, simplesmente, melhorar a qualidade. Só se justifica a restrição do fósforo alimentar, a fim de tentar tornar mais lenta a degradação progressiva do funcionamento renal,
– rica em oligoelementos (ferro, cobre, zinco, manganês) a fim de manter a boa qualidade da pele e da pelagem. Sua incorporação no alimento sob uma forma particular (oligoelementos quelatados) permite favorecer a utilização metabólica pelos animais cuja eficiência digestiva diminui,
– enriquecida em ácidos graxos não saturados (óleo de soja ou de borragem) a fim de manter uma boa qualidade da pelagem, mesmo no caso de deficiência fisiológica. Esses ácidos graxos, normalmente sintetizados pelo animal, podem fazer falta no caso de deficiência fisiológica,
– levemente aumentada em fibras a fim de fornecer um pouco mais de "astro". Esse aumento no nível das fibras permite lutar contra o risco de constipação que acompanha a diminuição da atividade física do cão.
O emprego de um regime "mais leve" não é obrigatório a não ser que o cão apresente excesso de peso evidente, o que é o caso de apenas uma minoria deles.
Para os cães de idade madura, a densidade energética respeita as mesmas regras que para os cães adultos: aumento do nível energético para as raças pequenas devido ao aumento de suas necessidades e, igualmente, aumento para as raças grandes a fim de compensar sua capacidade digestiva limitada. Com a idade, aumenta a freqüência de problemas buco-dentais entre os cães. Para que eles possam continuar a consumir normalmente, é preciso facilitar-lhes a preensão alimentar, graças a grãos mais tenros, sempre adaptados ao tamanho do cão.

O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO VARIA EM FUNÇÃO DO TAMANHO

As diferentes fases de envelhecimento



\+ ***O envelhecimento é mais precoce na medida em que o tamanho do cão aumenta. Com uma expectativa de vida curta, os cães grandes atingem a maturidade precocemente, já a partir da idade de 5 anos.***

A DIGESTIBILIDADE DE UM ALIMENTO

A digestibilidade de um alimento, caracterizada pelo que chamamos de coeficiente de utilização digestiva (CUD), é um dado muito concreto que reflete a forma pela qual o alimento é valorizado pelo cão ao nível do tubo digestivo. Mas se a digestibilidade pode ser percebida como um critério fundamental da qualidade nutricional de um alimento, tanto pelo veterinário nutricionista quanto pelo proprietário, a abordagem prática que eles têm é diferente.
Para o nutricionista a digestibilidade do alimento corresponde à relação entre aquilo que o animal reteve (digeriu) do alimento e o que ele consumiu.
Para o proprietário a digestibilidade do alimento é avaliada pela quantidade, freqüência da emissão e qualidade das fezes (excrementos) do cão.
Dois parâmetros condicionam o aspecto global das fezes de um cão, reflexo de sua boa nutrição e de seu estado físico:

- a digestibilidade da matéria seca (MS) do alimento

$$\text{CUD. MS} = \frac{\text{MS ingerido} - \text{MS excretado}}{\text{MS ingerido}}$$

Portanto, para um cão que consome 100 gramas de matéria seca (aquilo que é encontrado no alimento quando a água é retirada) e elimina 20 gramas de matéria seca em seus excrementos, a digestibilidade do alimento é de 80%. Se esse cão retivesse 86 gramas de alimento ao invés de 80, a digestibilidade seria melhorada em cinco pontos, o que representaria uma diminuição da matéria seca excretada nas fezes de 5/20, ou seja 25%! Vê-se que uma ligeira melhora na digestibilidade de um alimento (5%) apresentará como resultado uma diminuição significativa da quantidade diária de fezes (um quarto), o que explica os esforços dos bons fabricantes na pesquisa visando caminhar neste sentido.

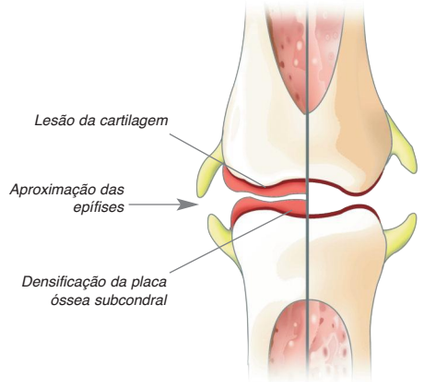
– A umidade das fezes também é importante, pois elas contêm 65% a 75% de água. A queda do teor de água reduz o volume das fezes de modo significativo e melhora sua "textura".

Portanto, vários parâmetros podem modificar o valor da digestibilidade de um alimento, a começar pelo próprio cão: comparado a um Beagle, por exemplo, um Fox-Terrier digere melhor o mesmo alimento, com uma variação de digestibilidade em torno de cinco pontos. A quantidade de alimento consumida também pode influenciar este parâmetro: um aumento na quantidade consumida por um cão em uma única refeição se traduz por uma menor digestibilidade, o que com freqüência leva o veterinário a aconselhar o fracionamento das refeições durante o dia para os cães com tubo digestivo sensível ou que tenham grandes necessidades nutricionais (esporte, aleitamento...).

Em resumo, esta é uma noção importante, que condiciona em grande parte a diferença entre um bom e um mau alimento.

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 564

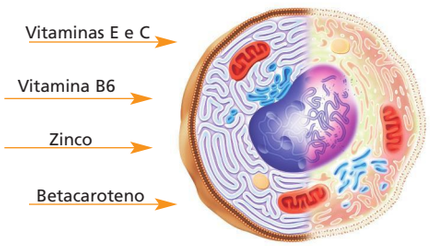
Combate ao desenvolvimento da artrose



+ O sulfato de condroitina e a glicosamina favorecem a mobilidade articular do cão idoso.

O sulfato de condroitina detém a degradação enzimática das cartilagens. A glicosamina estimula a síntese das cartilagens (regeneração celular).

Reforço das defesas imunológicas

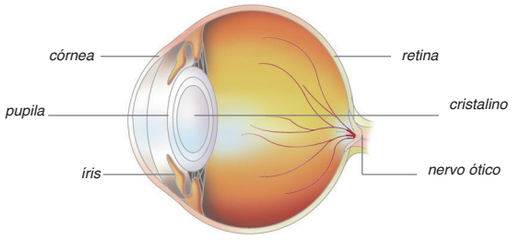


Célula danificada por oxidação devido aos radicais livres.

+ As vitaminas E, C e B6, o zinco e o betacaroteno sustentam e estimulam o sistema imunológico enfraquecido do cão idoso

Proteção do sistema neuro-sensorial

Olho – Vista em corte



A vitamina E participa na prevenção das doenças degenerativas do sistema nervoso. Juntamente com a vitamina C e o betacaroteno ela auxilia na prevenção da catarata (opacificação do cristalino).

+ A vitamina B6 é indicada nas deficiências neuro-musculares do cão idoso.

A alimentação do cão que envelhece

Um cão pode ser considerado verdadeiramente idoso se já tiver atingido de 75% a 80% de sua esperança de vida. Os sinais de envelhecimento tornam-se cada vez mais evidentes e fáceis de reconhecer a partir de:

12 anos em um cão pequeno
10 anos em um cão de tamanho médio
8 anos em um cão grande

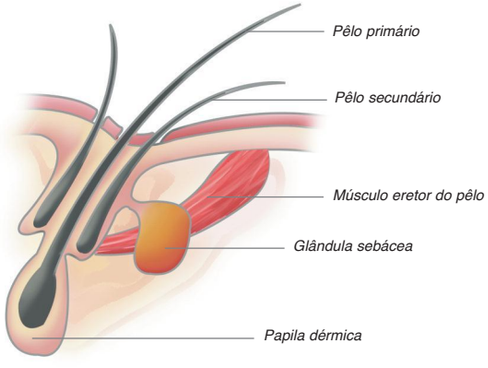
Assim que um cão atinge o período "geriátrico", as medidas nutricionais de combate ao envelhecimento devem ser intensificadas, tendo em vista ajudá-lo a conservar uma boa saúde o maior tempo possível. Deve-se insistir sobretudo nos seguintes pontos:

Objetivo	*Ingestões nutricionais correspondentes*
Embelezar a pele e a pelagem	*ácidos graxos essenciais: óleos de peixe e de borragem; zinco*
Combater o envelhecimento celular	*antioxidantes: vitaminas E and C, beta-caroteno*
Atenuar as conseqüências do fenômeno da artrose	*glucosamina e condroitina sulfato, ácidos graxos essenciais*
Melhorar a condição imunológica do animal e aumentar sua resistência às infecções	*vitaminas E, C, betacaroteno zinco, vitamina B6*
Combater o desenvolvimento de catarata, das doenças degenerativas, de tumores…	*vitamina E, C e betacaroteno*

Os cães idosos não são um grupo homogêneo. É preciso diferenciar a alimentação do animal idoso em boa saúde da do animal idoso doente. É indispensável a realização de exames regulares. Eles têm por finalidade detectar o mais cedo possível eventuais deficiências do organismo ao nível renal, cardíaco… Em muitos casos, doenças crônicas acompanham o envelhecimento e neste caso a nutrição pode ter um papel preventivo ou permitir a diminuição da expressão de sintomas clínicos. Para aqueles que sofrem de afecções particulares, o veterinário saberá aconselhar qual o alimento mais apropriado.

Melhoria da pele e da pelagem

+ A saúde e a beleza da pele e do pêlo dependem da ingestão satisfatória e regular de compostos específicos.



O óleo de borragem *tem efeito positivo sobre o brilho do pêlo e a flexibilidade da pele.*
O zinco (quelado para melhor assimilação) *é recomendado para os cães idosos cuja pelagem está em mau estado*

A alta segurança digestiva: medidas nutricionais de prevenção

Em média, uma em cinco consultas veterinárias caninas é motivada por problemas digestivos. Em vários casos medidas dietéticas adequadas poderiam ser suficientes para fazer os sintomas retrocederem. O veterinário é quem tem melhores condições para prescrever um alimento que leve em consideração estas medidas.

– Proteger a mucosa intestinal graças ao emprego de argilas
As argilas possuem 2 propriedades que as tornam muito interessantes:
• poder de revestimento: elas reforçam o poder protetor do muco parietal;
• poder de adsorção que permite a fixação de substâncias que podem se tornar tóxicas para a mucosa.

– Combater os agentes infecciosos pela sustentação da flora intestinal
A ingestão de nutrientes pode favorecer o crescimento de populações bacterianas favoráveis ao bom funcionamento do tubo digestivo (exemplo: fruto-oligossacarídeos ou FOS favorecem a multiplicação de lactobacilos).

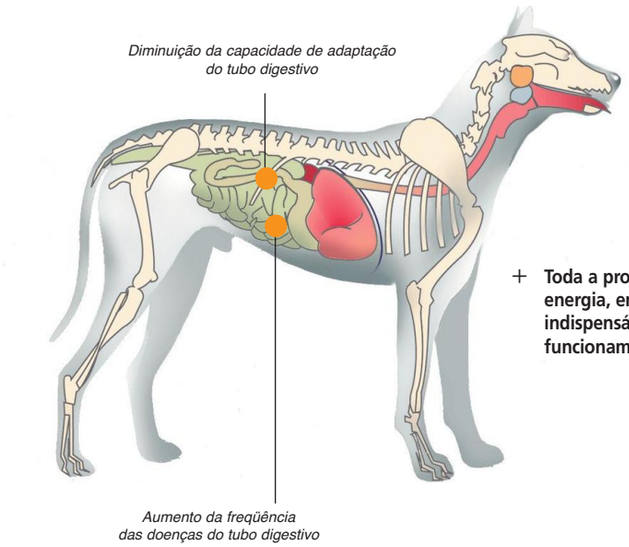
– Regularizar o trânsito intestinal graças a uma ingestão equilibrada em fibras
A polpa de beterraba é uma fonte interessante de fibras no caso de sensibilidade digestiva. Ela torna o trânsito digestivo ligeiramente mais lento sem no entanto contribuir para a digestibilidade. Por outro lado, seu nível moderado de fermentação permite-lhe escapar a uma degradação total no intestino contribuindo portanto para a regulação motriz através do fornecimento de um "lastro" indispensável ao trânsito digestivo.

– Diminuir as fermentações protéicas
A escolha das fontes de proteínas influencia claramente a tolerância digestiva. A caseína é uma proteína de referência, como a farinha de peixe.

– Facilitar a digestão do amido
Entre os diferentes cereais utilizados na alimentação canina, o arroz é o mais digestivo. Mesmo que o amido contido no alimento seja extremamente digestivo e bem cozido, é preciso definir o nível total máximo de incorporação abaixo de 25% de amido em relação à matéria seca.

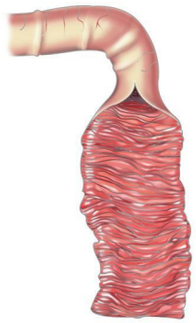
– Evitar a sobrecarga alimentar
É preciso adaptar a concentração energética da alimentação às necessidades do animal de acordo com a sua idade e também seu tamanho. O tamanho do cão é um dos fatores que influenciam na escolha da concentração energética da dieta.

A sensibilidade digestiva aumenta com a idade



+ **Toda a provisão do organismo em energia, em água e em nutrientes indispensáveis dependem do bom funcionamento do sistema digestivo.**

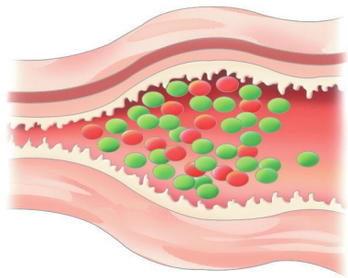
Proteger a mucosa digestiva para diminuir os problemas digestivos



Os ácidos graxos voláteis originários do uso de fibras nutrem as células intestinais e favorecem a sua renovação.

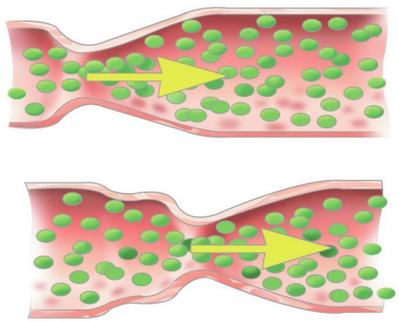
+ **A integridade da mucosa repousa sobre o fornecimento regular de nutrientes indispensáveis fornecidos pela alimentação.**

As fibras favorecem a digestão



As 500 espécies que compõem a flora bacteriana do tubo digestivo devem viver em harmonia.

+ **Altamente fermentáveis, os fruto-oligossacarídeos (FOS) mantêm o equilíbrio da flora intestinal.**



O trânsito intestinal deve ser bastante lento para permitir a absorção dos nutrientes, porém rápido o bastante para evitar a constipação

+ **Para efeito de "lastro", a polpa de beterraba (moderadamente fermentável) atua como reguladora do trânsito intestinal**

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 566

AS NECESSIDADES NUTRICIONAIS DO CÃO DE ESPORTE E DE TRABALHO: PONTOS-CHAVE

1. A alimentação permite melhorar o desempenho físico de um cão na mesma proporção que a seleção genética e o treinamento.

2. Para manter um cão ativo em boa condição física é preciso adaptar a densidade energética do alimento às suas necessidades. Um cão de trenó em percurso de longa duração pode multiplicar sua necessidade energética de manutenção por 8,5!

3. Um alimento rico em gorduras melhora o desempenho dos cães tanto em corridas de curta distância quanto nas provas de resistência. Se forem privilegiadas as matérias graxas como carburantes, o cão economiza o glicogênio de seus músculos retardando o aparecimento da fadiga. Porém é necessário um mês de condicionamento alimentar antes do treinamento a fim de preparar o organismo e os músculos do cão para uma melhor utilização das gorduras.

4. Determinadas gorduras devem ser privilegiadas na alimentação de um cão ativo:
– o óleo de coco fornece ácidos graxos utilizados muito rapidamente pelos músculos;
– o óleo de peixe fornece ácidos graxos que limitam os fenômenos inflamatórios favorecidos pelo estresse e o esforço físico.

5. A ingestão de L-carnitina favorece a boa utilização das gorduras e economiza as reservas do organismo. Um suplemento de vitaminas E e C ajuda a proteger o organismo do cão contra uma produção crescente de radicais livres em virtude do esforço.

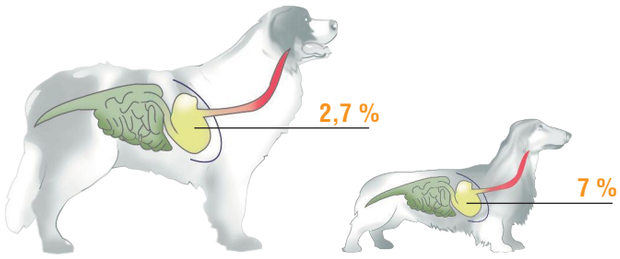
6. A atividade física intensa e o estresse associado aumentam as necessidades de proteína do cão. Um alimento mais rico em proteínas melhora os desempenhos, favorecendo a oxigenação muscular e reduz o risco de lesões.

7. O alimento de "alta energia" não é exclusivo do cão de esporte ou de trabalho e encontra grandes números de aplicações: cães ao ar livre no inverno, cadela em lactação, preparação para exposições, cães difíceis ou sensíveis no plano digestivo, convalescência…

Raças grandes: os homens as desejaram mas a natureza respondeu mal... A alimentação deve compensar

Naquilo que se refere aos cães de tamanho grande, é preciso reconhecer que, embora esses cães sejam, em geral, magníficos, o fato de que eles correspondam em todos os aspectos a uma criação do homem pela seleção faz com que, freqüentemente, a natureza tenha sofrido influência da velocidade e seu organismo apresenta algumas fragilidades.
Assim, esses cães apresentam um crescimento muito longo e muito intenso, combinados a uma frágil precocidade, um tubo digestivo proporcionalmente menor que o dos outros cães, se nos referirmos ao seu tamanho, uma esperança de vida mais reduzida que implica em envelhecimento mais precoce.

CAPACIDADE DIGESTIVA DIFERENTE



O tubo digestivo de um cão grande está subproporcionado em comparação com o de um cão pequeno: portanto, o cão grande apresenta uma menor capacidade digestiva do que um cão pequeno.

Uma alimentação específica

Essa seleção que melhora o desempenho e a aparência, mas torna o organismo mais frágil e sensível, é de outro modo bem conhecida em outras espécies animais, como a vaca e o porco, por exemplo. Sem querer comparar o cão a uma máquina, o seu organismo é como um "fórmula 1", um projeto demorado, robusto e de bom desempenho, mas que não pode mais funcionar devido a uma peça muito pequena ou, sobretudo, por um carburador de má qualidade. Se a comparação é exagerada, nem por isso ela não é significativa, pois se a fórmula 1 tem necessidade de um carburador muito estudado e muito específico para funcionar, o mesmo ocorre com o cão de grande porte para o qual é essencial uma alimentação muito estudada e muito específica.
Assim sendo:

– é preciso vigiar o ritmo de crescimento de um filhote de raça grande para lutar contra o desenvolvimento de problemas osteoarticulares, até problemas de displasia da anca. Um alimento não muito rico em matérias graxas, bem distribuído, ajuda a limitar o ganho de peso cotidiano. Em compensação, o nível protéico não tem influência sobre a velocidade de crescimento. A suplementação anárquica em cálcio é particularmente perigosa para os filhotes.

– Um cão adulto de raça grande tem tolerância digestiva relativamente baixa. Ele necessita de alimentação particularmente digerível e suficientemente energética para evitar refeições muito volumosas.

– A escolha de um alimento altamente digerível, denso em energia, encontra-se entre as medidas que têm por fim prevenir a torsão do estômago.

– A adição de antioxidantes naturais (vitaminas E e C) no alimento e a diminuição do fósforo (que permite prevenir os problemas renais do envelhecimento) são as primeiras medidas a serem tomadas para ajudar o cão a enfrentar a fase de maturidade nas melhores condições.

– A partir dos 6 anos, os cães grandes tornam-se mais frágeis. Para ajudá-los a conservar uma boa saúde é necessário lhes oferecer um regime bem apetitoso, equilibrado, composto de ingredientes de alta qualidade: proteínas de leite, de ovo e de peixe, óleo de borragem, oligoelementos quelatados, etc.

Esse tipo de alimentação, associado a exames veterinários regulares, permite-lhes melhorar a qualidade de vida e aumentar a longevidade.

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 567

O comportamento alimentar do cão

Conhecer os elementos que condicionam o comportamento alimentar normal de um cão permite identificar melhor qualquer problema durante a ingestão de alimento e, portanto, deduzir se este problema está relacionado ao próprio animal (se ele está doente, por exemplo), ao alimento que lhe é fornecido ou a um fator ambiental.

Alguns fundamentos

Se por um lado a cor do alimento impressiona mais o proprietário do que o próprio cão (para o cão o alimento é o mesmo que "pedaços" de carne ou outros "pequenos"), o mesmo não ocorre em se tratando do odor. De fato, todas as pessoas já tiveram a tranqüilidade de observar seu cão cheirar a vasilha antes de engolir avidamente o seu conteúdo. Como sua capacidade olfativa é nitidamente mais desenvolvida do que as dos seres humanos (de cerca de 1000 vezes maior), o olfato exerce nessas opções alimentares um papel preponderante. Uma simples obstrução das cavidades nasais devido a uma leve rinite, por exemplo, é suficiente para provocar uma clara diminuição da ingestão alimentar.
Dois exemplos práticos permitem uma melhor compreensão da influência do olfato sobre o comportamento alimentar do cão.

– A alimentação da mãe influi sobre a preferência olfativa de seus filhotes. De fato, alguns componentes do gosto do alimento da cadela são encontrados no leite que ela produz e influenciam por sua vez o comportamento "gustativo" posterior dos filhotes. A partir do quarto dia de vida, os odores liberados da vasilha também participam da impressão gustativa da ninhada, que, em seguida, irá preferir espontaneamente, os alimentos que liberam odores comparáveis. Pode-se, desta forma, desde cedo condicionar os filhotes ao alimento que lhes será fornecido após o desmame.

– No caso de eventualmente um cão recusar um alimento, o que às vezes acontece com um alimento seco, a adição de água morna ressalta os aromas. Desta forma, a água morna age como um ativador de gosto simples, econômico e eficaz.

Enquanto mastiga (na verdade muito pouco) e deglute, o cão bloqueia sua respiração; assim ele não é capaz de sentir o alimento por uma segunda vez e, uma vez em sua cavidade bucal, poucos irão considerar o gosto, a textura e a temperatura do alimento. A apreciação pelo cão dos quatro sabores de base (ácido, amargo, salgado, açucarado) parece equivalente à dos humanos. Mas, superdotado no domínio da capacidade olfativa, naturalmente ele irá solicitar muito mais a ajuda das papilas gustativas. Em resumo, o cão inala, sente, depois engole; entretanto deve-se lembrar de que o cão é capaz de acumular em sua memória cerca de 4.000 odores diferentes.

Problemas mais freqüentes com o comportamento alimentar

• *O cão não come*

As causas de anorexia do cão são várias. As mais freqüentes são febre, excitação sexual para um macho na presença de uma cadela no cio ou ainda uma concorrência alimentar quando um cão dominador interdita o acesso de seu congênere à vasilha. As alterações causadas pela má conservação dos alimentos também são causas freqüentes de inapetência. Exceto nestas situações, não há outra solução quando um cão não se alimenta senão levá-lo a um veterinário.

• *O cão come muito*

Neste caso diz-se que o cão é bulímico, situação que pode estar ligada a medo que o alimento vá faltar (concorrência alimentar entre cães), a distúrbios neuro-hormonais, a desgosto, a uma ração pobre em energia ou a um problema de assimilação digestiva. Em um primeiro momento, a medida das entradas (aquilo que o cão come), das saídas (seus excrementos), das variações de peso e a observação precisa do comportamento do animal permitem ao proprietário auxiliar o veterinário na orientação do diagnóstico na direção de uma ou outra dessas hipóteses

• *O cão come qualquer coisa*

O fato de um cão consumir substâncias não comestíveis é qualificada de "pica". A simples ingestão ocasional de grama, seguida sistematicamente de vômitos não está relacionada a nenhum problema psicológico ou à carência alimentar e, mesmo que se costume dizer que o cão se "purga", isso não tem nenhum

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 568

outro significado que não a brincadeira. Quando este comportamento fica mais acentuado, ele indica, ao contrário, um início de gastrite (inflamação da mucosa do estômago). Na maioria das vezes o ato do cão lamber as paredes e o chão ou de ingerir terra corresponde à expressão de uma síndrome "depressiva". Nesse caso o cão precisará de cuidados e suas condições de alojamento devem ser revisadas prioritariamente, conforme o caso

• *O cão come excrementos*

Coprofagia é a ingestão de excrementos pelo cão, sejam estes seus próprios excrementos ou os de seus congêneres. Com exceção das mães que lambem naturalmente as matérias fecais de seus filhotes para limpá-los, em geral este comportamento do cão está associado ao fato dos excrementos que eles consomem conterem os nutrientes não digeridos, tendo, portanto, ainda uma certa palatabilidade residual. Neste caso, é preciso primeiramente pesquisar o problema de assimilação digestiva do cão que expeliu os excrementos consumidos (freqüentemente os seus, antes de mais nada) através da análise das fezes, pesquisando a presença de gorduras ou amidos não digeridos ou ainda de eventuais parasitas. Além do mais, este fenômeno pode ser seguido por uma diminuição no consumo de alimentos responsáveis pela queda na digestibilidade, pela transferência da capacidade digestiva e aceleração do trânsito intestinal. Nesse caso, um simples diminuição da quantidade de alimento diária é suficiente para normalizar a situação. Notemos, finalmente, que determinadas linhagens de cães são pre-dispostas à coprofagia, como é o caso dos cães de raça grande como os Pastores alemães, que freqüentemente são vítimas de insuficiência pancreática.

As falsas idéias em matéria de alimentação

Ainda com grande freqüência, o proprietário do cão se deixa guiar por um conjunto de crenças ou de idéias propagadas de um indivíduo para outro e que precisam ser combatidas.

• *Um cão precisa jejuar uma vez por semana*

Um hábito certamente cômodo para o dono, mas sem nenhuma relação com a boa saúde do cão.

• *Um cão trabalha melhor se estiver em jejum*

Trata-se de uma idéia muito persistente em determinados meios e mesmo que ainda continue a ser reconhecida apenas em atividades de resistência (caça, corrida de trenó…) é altamente preferível fornecer-lhe uma refeição leve pelo menos duas horas antes do esforço.

• *Meu cão come como eu*

Muitos proprietários ainda apresentam este comportamento antropomórfico, que deseja que o cão se transforme em um ser humano. Eles ignoram, ou fingem que ignoram, que o cão não tem nossos hábitos alimentares. Trata-se de um carnívoro não-rigoroso e não de um onívoro; ele é capaz de digerir bem as proteínas vegetais desde que elas sejam de qualidade tão boa quanto as proteínas animais, mas, diferentemente de nós, pode assimilar grandes quantidades de gordura. O cão tolera o amido como fonte de energia somente se ele estiver perfeitamente cozido e numa proporção que respeite essas restrições fisiológicas. Enfim, suas necessidades de minerais e vitaminas também são muito diferentes das dos homens (por exemplo, um filhote tem uma necessidade de vitamina D bem inferior à de uma criança – cerca de 400% de desvio!)

• *O cão tem necessidade de variar sua alimentação*

O ideal para um cão é receber o mesmo alimento todos os dias, na mesma hora e no mesmo local, na mesma vasilha. Em resumo, totalmente o oposto do que busca o ser humano! Além dos aspectos comportamentais que condicionam o bem-estar do animal, as alterações muito freqüentes na alimentação expõem o cão a problemas digestivos: a flora microbiana intestinal se adapta a um determinado tipo de alimentação e modificações bruscas não dão tempo a esta flora intestinal "sob mira" de se readaptar e de se restabelecer em função desse novo alimento; portanto, estas modificações podem provocar a produção crescente de determinados metabólitos maltolerados ou de toxinas. Por exemplo, a ingestão de carne de má qualidade acelera a ação da flora proteolítica, que se traduz por uma

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 569

OS DEZ MANDAMENTOS
PARA UMA ALIMENTAÇÃO RACIONAL DO CÃO

Foi em 1985 que o professor R. Wolter, da Escola Nacional Veterinária de Alfort editou seus "dez mandamentos" da alimentação canina. Essas dez regras principais, retomadas em parte a seguir, permitirão que todos os proprietários evitem os principais erros relacionados com a distribuição prática da alimentação de seu cão.

1. O fornecimento de água deve ser suficiente

Água potável, fresca e renovada deve ser colocada à vontade para o cão, sabendo-se que seu consumo médio é de 60 ml por quilograma de peso corporal e por dia, sendo maior para o filhote, a cadela que amamenta, sob clima quente e em período de trabalho.

2. Respeitar as transições nutricionais

Toda modificação nutricional deve ser feita progressivamente no período de uma semana, a fim de que o cão se adapte sob os aspectos gustativo, digestivo e metabólico e para dar tempo para que a sua microflora intestinal, diferentemente do que ocorre com o homem, que está muito mais adaptada àquilo que o cão ingere, se reconstitua especificamente para digerir o novo alimento.

3. Assegurar ao cão refeições regulares

O cão só fica feliz se receber todos os dias à mesma hora, no mesmo local, na mesma vasilha, o mesmo alimento. O número de refeições deve estar adaptado ao estado fisiológico do cão, que será pesado regularmente.

4. Controlar as quantidades de alimentos distribuídos

Calculadas em função da necessidade energética diária do cão e do teor calórico dos alimentos, as quantidades diárias distribuídas serão pesadas regularmente a fim de evitar qualquer desvio lento para a obesidade. Elas serão adaptadas de acordo com a evolução do peso do cão.

5. Distribuir uma dieta equilibrada para o cão

Seja caseira ou industrializada, o alimento deve conter todos os nutrientes de que o cão necessita, ingeridos em quantidades satisfatórias e em proporções adaptadas a seu tamanho (cão pequeno, médio ou grande), a seu estado fisiológico (manutenção, reprodução, esporte), à sua idade (filhote, adulto maduro, cão idoso), e até mesmo a seu estado psicológico.

6. Escolher bem o alimento de um cão

A opção de alimentar o cão com este ou aquele alimento não é uma decisão paliativa, devendo, antes de mais nada prevalecer os critérios de equilíbrio nutricional. Três critérios fundamentais intervêm na escolha do bom alimento: sua idade (filhote, adulto, adulto maduro ou envelhecimento), seu nível de atividade física ou fisiológica (ativo, esportivo, reprodutor) e seu tamanho (pequeno, médio, grande).

7. Utilizar o alimento de modo racional

De fato, o modo de fornecer o alimento é tão importante quanto aquilo que lhe é dado. Assim, no caso da utilização de alimentos industriais, é essencial seguir convenientemente o modo de utilização recomendado pelo fabricante. Na alimentação caseira, certas expressões devem ser banidas, pois são nulas e não-válidas para o cão: "eu o alimento como a mim mesmo", "ele come o que quiser", "ele só quer isso". Enfim, sobras de refeições, guloseimas, açúcares, bolo e chocolate não devem fazer parte da alimentação de um cão.

8. A higiene do cão deve ser satisfatória

Os alimentos industrializados oferecem as melhores garantias de salubridade higiênica e, quando bem utilizados, não apresentarão nenhum risco de intoxicação alimentar. As conservas após abertas e alimentos frescos ou descongelados devem ser conservados refrigerados enquanto que os grãos deverão ser conservados em sua embalagem, desde que esta permaneça fechada e guardada em local seco. Se o cão não terminar a refeição, os restos devem ser eliminados e a vasilha limpa diariamente.

9. Controlar os resultados individuais

A eficácia da distribuição das rações e sua adaptação devem ser controladas baseado em elementos tão simples quanto a evolução de seu peso, a qualidade de seu pelo e de seus excrementos ou, ainda, seu apetite e seu comportamento no cotidiano.

10. Não hesitar em recorrer ao veterinário

Por sua formação, o veterinário é também o "nutricionista" do cão, tanto na vida cotidiana quanto em casos de doença: decorrentes de falta de apetite ou bulimia prolongadas, emagrecimento ou aumento de peso anormais, diarréias ou constipações persistentes, problemas físicos ou comportamentais preocupantes e para todas as variações notáveis na sede ou no apetite que podem representar sinais precursores de uma doença geral que envolve exame aprofundado.

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 570

alcalinização do pH e pelo aparecimento de flatulências e de diarréias de gravidade variável.A variedade não é tolerável para o cão, a não ser por uma determinada linha de alimentos próximos de sua composição alimentar. De outro modo, ao alterar a alimentação do cão, deve-se sempre respeitar um período de transição progressiva de uma semana.

• *É preciso acrescentar carne aos alimentos completos*

Muitos criadores e proprietários ficam inquietos por não poderem identificar as matérias primas derivadas da carne em um alimento completo industrial. Mesmo que determinados alimentos preparados tendam a disfarçar este inconveniente com o emprego de denominações ("de frango", "de carne", "de carneiro"), ainda é difícil admitir que estas matérias primas realmente se encontram na base da formulação e principalmente que sejam de melhor qualidade que a "carne para animais" adquirida no açougue. Além do mais, no caso de um alimento completo, como é o caso das linhas de alimentos secos em grãos, ter sido estudado e formulado para corresponder perfeitamente ao equilíbrio nutricional deste ou daquele estado fisiológico (crescimento, reprodução, esporte…) ou de tamanho (cão pequeno, médio ou grande), todo acréscimo alimentar apenas romperá esse equilí-brio em detrimento da boa saúde do cão.

• *As proteínas sobrecarregam os rins*

A exploração abusiva de trabalhos de pesquisa em ratos levou à propagação da idéia totalmente errônea de que taxas elevadas de proteínas alimentares podem conduzir, a longo prazo, a um envelhecimento prematuro dos rins e à perda de sua função de depuração, resultando naquilo que denominamos insuficiência renal crônica. Atualmente, várias pesquisas realizadas na França desde 1975 (trabalhos de Paquin e Pibot realizados pela sociedade Royal Canin em colaboração com a Escola Veterinária de Alfort publicados em 1979 e 1986) e nos Estados Unidos nos últimos 15 anos (estudos de Chuchill realizados em colaboração com a sociedade Hill's e publicados em 1997) deixaram bem claro que essa afirmação é falsa, apesar de persistirem no espírito de determinadas pessoas. De fato, a uréia produzida pelo catabolismo das proteínas é eliminada passivamente pelos rins e a perda de função desses órgãos está normalmente relacionada à idade ou anormalmente a uma doença específica ou intercorrente. A restrição precoce e grave da ingestão de proteínas alimentares, como preconizada por alguns, poderá enfraquecer as defesas imunológicas do cão enfraquecendo portanto seu organismo. Desde 1997 há uma unanimidade total no mundo científico: o caráter nocivo das proteínas alimentares para o rim se transformou em lenda!

• *O cálcio corrige as orelhas do filhote*

Nas raças com orelhas eretas (Pastor alemão, em particular) observa-se com freqüência entre os 4 e 6 meses, no momento da substituição dos dentes de leite, uma queda nas orelhas e uma ligeira deformação no aprumo. Neste momento, é comum o proprietário se apressar em fornecer complementos nutricionais ricos em cálcio e em vitaminas, constatando que a situação volta ao normal no final de algumas semanas. Na realidade, o cálcio e as vitaminas suple-mentares de nada servem, pois as orelhas são compostas apenas por cartilagem, que certa-mente não fixa o cálcio, senão ela se transfor-maria em osso. Nenhum dado científico jamais demonstrou que a alimentação pudesse ter influência na correção das orelhas e essa práti-ca injustificável é somente nociva ao filhote, uma vez que sua alimentação estará desequili-brada.

• *É nos legumes que são encontradas todas as vitaminas*

Os legumes não são fontes privilegiadas de vitaminas para o cão. As vitaminas lipossolúveis (A, D, E, K), ao contrário, estão armazenadas nas gorduras animais ou em determinados órgãos de reserva: o fígado, por exemplo, contém muita vitamina A a ponto do consumo diário ser perigoso para o animal. As vitaminas hidrossolúveis (complexo B) estão presentes tanto nas matérias primas animais quanto nas vegetais. Assim, encontra-se a vitamina B1 tanto no leite em pó quanto nas vagens. Os alimentos preparados contêm todos os tipos de vitaminas, acrescentadas separadamente para equilibrar a ingestão de matérias primas. Os legumes desidratados presentes em determinados alimentos secos com componentes múltiplos não se constituem em uma fonte significativa de vitaminas.

• *É preciso acrescentar vitamina D na alimentação dos filhotes*

As necessidades de vitamina D são relativamente pequenas para o filhote e portanto facilmente supridas através de uma alimentação equilibrada; os excessos induzidos por uma suplementação nutricional desnecessária ou excessiva são perigosos e podem causar problemas ósseos graves.

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 571

Alimento industrial – alimentação caseira

A modificação da condição do cão nas sociedades e a passagem, na maioria das vezes, do papel utilitário para um papel social contribuiu para o desenvolvimento de um mercado que lhe é próprio: o da sua alimentação. Com o surgimento dos alimentos industriais nasceu um conflito entre os partidários das refeições "tradicionais" e os adeptos da "modernidade".

Mas a oposição de modo um tanto artificial entre estas duas escolas nada significa e o raciocínio deve se fundamentar em termos de qualidade nutricional da refeição fornecida ao animal, pois essa simplificação excessiva oculta na realidade os critérios qualitativos de base, comuns aos dois tipos de alimentação: conhecimento das necessidades reais do animal, escolha dos ingredientes, tratamento e cozimento adaptados aos alimentos que entram na composição da ração. Como conseqüência, desde que respeitem esses parâmetros, tanto a alimentação doméstica como a industrial devem ser reconhecidas apenas pelo seu valor nutricional.

Definido isso, todos concordam em reconhecer que a alimentação doméstica sempre trará consigo uma grande incerteza quanto à análise do alimento em virtude das matérias primas, cuja composição será variável e aleatória e do equilíbrio nutricional, cuja realização é por si só bastante difícil, pois estão presentes uma meia centena de nutrientes essenciais de dosagem sutil. Uma vez bem escolhido, deve-se reconhecer que o alimento industrial está freqüentemente bem próximo de um equilíbrio nutricional perfeito no que se refere aos conhecimentos científicos adquiridos nesse domínio.

Através do intermédio dos centros de pesquisa ou de colaborações com universidades, a indústria tem meios de propor aos proprietários linhas de alimentos adaptados aos diferentes tamanhos de cães, a todas as situações fisiológicas e também a determinadas situações patológicas com uma qualidade que se mantém constante todo o tempo.

Histórico da alimentação do cão

Após sua domesticação, o cão foi progressivamente afastado da alimentação carnívora de seus ancestrais selvagens para adotar a alimentação que o homem lhe propôs. De acordo com a época e a função particular que o cão exercia, as condições de vida de seu meio foram dife-rentes, assim como a sua alimentação.

Até o século XIX os cães de caça eram com freqüência alimentados essencialmente com pão feito de diversos cereais (cevada, trigo, centeio); a carne (na realidade, os miúdos) era distribuída apenas excepcionalmente em situações de restabelecimento a doenças ou para fortalecer transitoriamente alguns cães (enfraquecidos).

Os cães de pastoreio das regiões geográficas pobres (os pastores da Anatólia, parte da Turquia asiática, por exemplo) também se contentavam com uma alimentação à base de cereais e de laticínios sem que sua aptidão para o trabalho fosse muito alterada… mas com uma expectativa de vida curta.

Além de algumas exceções (cães de caça graúda com galgos e a cavalo e cães de guerra recebiam de bom grado carne, que se acreditava trazer "vigor"; cães de trenó historicamente alimentados à base de carne de foca, de morsa ou bolinhos de carne seca); durante muito tempo a carne foi considerada como gênero alimentício "facultativo" para o cão. Portanto podemos supor que o modo de vida mais ou menos autônomo dos cães no meio rural lhes permitia suplementar sua alimentação diária à base de pão umedecido com presas diversas e variadas…
Com a elevação do nível de vida de nossas sociedades, a carne foi incorporada de modo crescente na alimentação do cão em substituição ao pão e aos cereais, um pouco à imagem do homem que cessa de "ganhar seu pão" para "ganhar seu bife"!

Transformada em símbolo de uma alimentação rica, a carne foi considerada no século XIX como a panacéia nutricional para o cão, redefinido para o homem como um carnívoro exclusivo. Esta simplificação exagerada fez com que os hábitos ancestrais do cão, perfeitamente apto a valorizar outros alimentos que não os de origem animal), caíssem no esquecimento.

Essa evolução está inscrita na grande mutação da condição do cão nesse período: de um papel exclusivamente funcional (caça, guarda e defesa) o cão passou para um papel mais social, até mesmo sociológico, com sua integração pura e

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 572

A INFORMÁTICA A SERVIÇO DA NUTRIÇÃO DO CÃO

Vetalim® é um software que funciona em ambiente MS DOS, destinado ao controle e à elaboração de dietas para carnívoros, em cálculo individual ou em plano de distribuição de rações. Todas as normas utilizadas para o cálculo estão acessíveis para o usuário e são modificáveis em função das especificidades do animal ou da evolução do conhecimento. O programa está montado em torno de três módulos – animal, alimento, cálculo – e a qualquer momento o usuário pode alterar o módulo.

Esse programa está voltado tanto ao criador não especializado em alimentação, que utilizará os valores padrão fornecidos pelo programa, quanto ao usuário cuidadoso, especializado em alimentação, que poderá se assenhorear tanto do número de variáveis quanto de seus valores.

O módulo animal leva em conta:

- a identidade do animal e do proprietário,
- a lista das espécies, os diversos estados fisiológicos (crescimento, manutenção, gestação, lactação, esforço…) e patológicos (insuficiência renal, cardíaca, hepática, digestiva…),
- as características do animal (peso, idade…),
- as variáveis nutricionais de cada tipo de animal.

O módulo alimento fundamenta-se em:

- uma lista de alimentos domésticos que é possível misturar, adquirir, modificar,
- uma lista aberta de alimentos industriais que cada usuário poderá preencher à sua vontade,
- o valor nutricional dos alimentos, modificável para cada um de seus componentes,
- a possibilidade de utilizar as variáveis de incorporação e de preço.

O módulo cálculo conduz a:

- uma alimentação diária modificável,
- um quadro de variáveis calculadas a partir deste alimento e que permite uma comparação com as variáveis teóricas que devem ser respeitadas.

Professor B.-M. Paragon,
Responsável pela orientação
de dietética clínica,
Escola Nacional Veterinária de Alfort

simples na família, que não o vê mais sob um ângulo utilitário, mas como um objeto vivo de amor e de prestígio.

A alimentação industrial apareceu no início do século XIX fundamentando-se no reconhecimento afetivo concedido ao cão para construir um mercado bem específico. Ela se adaptou e se diversificou acompanhando a urbanização crescente, a evolução dos modos de vida, a expectativa dos proprietários e as diferentes orientações das empresas, conforme se quisesse considerar o cão como um membro da família apelando, coisa fácil, para o lado afetivo dos proprietários. Essa segmentação pode parecer um pouco rígida; entretanto, ela reflete duas atitudes fundamentalmente opostas do proprietário do cão, para quem o fato de alimentar seu animal pode representar um ritual diário que transmite uma forte carga afetiva ou, ao contrário, de maneira mais racional, consistir em nutri-lo o melhor possível conforme seu interesse biológico. Desde então, além dos debates científicos, o problema essencial ligado ao alimento industrial, em particular os croquetes, consiste em vencer a resistência psicológica de vários proprietários de cães que têm aversão a ceder àquilo que eles qualificam de "facilidade", a fim de dar ao seu cão um alimento industrial. A alimentação doméstica, que demanda mais tempo, concretiza para muitos (em particular as pessoas idosas) o amor que elas têm por seu animal. O fato de "encurtar" o cerimonial da refeição é a origem de uma culpabilidade que induz à recusa de uma alimentação racional. Essa reação é, de longe, muito mais nítida na França, país de grande tradição culinária, enquanto os países anglo-saxãos (Grã-Bretanha, Estados Unidos, Holanda, Escandinávia) apresentam uma reação oposta.

A alimentação caseira

Sob o termo "alimentação caseira" está agrupado um conjunto heterogêneo de modos de alimentação, desde a utilização exclusiva de sobras de refeições até a elaboração de alimentações sofisticadas, mas preparadas pelo proprietário, e que levam em conta todos os dados dietéticos nutricionais indispensáveis ao equilíbrio nutricional. Os veterinários dispõem até mesmo de softwares muito completos, elaborados por professores pesquisadores das escolas de veterinária de Alfort e de Toulose, que lhes permite prescrever a seus pacientes caninos dietas perfeitamente adaptadas a todos os tipos de porte.

Do modo como é utilizada classicamente, a ração doméstica se compõe de uma mistura "carne-arroz-cenoura" à qual deve sempre ser acrescentado um complemento mineral e vitamínico específico. É evidente que podem ser utilizados ingredientes diferentes como substitutos, desde que seu valor nutritivo seja equivalente. Mas será necessário conhecê-los bem a fim de não cometer erros.

No caso mais simples de manutenção, a associação "produtos de carne + fontes de amido + legumes + complementos" pode se concretizar de maneira extremamente diferente conforme as matérias primas escolhidas e respeitadas as proporções.

No plano prático, os conselhos clássicos do tipo:

- um terço de carne, um terço de arroz não cozido, um terço de legumes, associados a um complemento mineral e vitamínico (modelo "1/3-1/3-1/3");
- quatro partes de carne, três partes de arroz não cozido, duas partes de legumes, uma parte de um complemento composto por um terço de levedura dietética, um terço de pó de osso, um terço de azeite (modelo "4-3-2-1") são muito simplistas e devem ser questionados, pois não levam em conta, por exemplo, as variabilidades de tamanho das diferentes raças de cães.

Por outro lado, substituindo a carne gorda por carne magra, o valor energético de uma ração como a definida acima passará de cerca de 2000 kcal para aproximadamente 1250 kcal/kg de ração!

A relação "proteína/caloria" expressa em gramas de proteínas por megacaloria de energia,

O MERCADO DE ALIMENTAÇÃO DOS 36 MILHÕES DE CÃES EUROPEUS:

	VOLUME (toneladas)	CÃES *ALIMENTADOS (milhares de animais)*	*PARCELA DO MERCADO*
ALIMENTOS DE CÃES	–	36,000	
úmido	1,200	3,044	8.5%
seco	1,360	11,362	31.6%
alimento caseiro	–	21,594	59.9%

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 573

Composição de quatro tipos de alimentação caseira de 1 kg (por ordem crescente de custo)

Elementos que entram na composição da ração (em g)	*Ração 1 (1 330 kcal EM por kg*	*Ração 2 (1,700 kcal EM por kg)*	*Ração 3 (1,950 kcal EM por kg)*	*Ração 4 (2,120 kcal EM por kg)*
carne magra	310		450	
carne gorda		420		500
arroz cru			230	100
arroz cozido	470	250		
legumes verdes	160	250	230	300
Complemento mineral e vitamínico*	60	30	90	100

* 1/3 de levedura de cerveja. 1/3 de óleo de girassol. 1/3 de mistura de carbonato de cálcio – fosfato bicálcio.

Alimentação caseira: quantidades/dia (composição abaixo)

Peso do cão (em kg)	*Ração 1 (em g)*	*Ração 2 (em g)*	*Ração 3 (em g)*	*Ração 4 (em g)*
5	330	250	230	210
6	380	290	260	240
7	430	320	290	270
8	470	360	320	300
9	510	390	350	320
10	560	420	380	350
11	600	450	410	380
12	640	480	440	400
13	680	510	460	430
14	720	540	490	450
15	760	570	510	470
16	790	600	540	500
17	830	630	570	520
18	870	650	590	540
19	900	680	620	570
20	940	710	640	590
21	970	730	660	610
22	1010	760	690	630
23	1040	790	710	650
24	1080	810	730	670
25	1110	840	760	700
26	1140	860	780	720
27	1170	890	800	740
28	1210	910	820	760
29	1240	940	840	780
30	1270	960	870	800
31	1300	980	890	820
32	1330	1010	910	840
33	1370	1030	930	860
34	1400	1060	950	880
35	1430	1080	970	890

A ração mais barata por quilo de alimento não é obrigatoriamente a mais rentável. Portanto, é preciso calcular o custo da ração de acordo com a quantidade distribuída.

Alimentos preparados: quantidades/dia (em g)

Peso do cão (em kg)	*Alimento úmido (conserva)*	*Alimento semi úmido*	*Alimento seco (croquete)*
5	400	160	88
6	460	180	128
7	520	200	144
8	570	220	160
9	620	240	168
10	670	260	184
11	720	280	200
12	770	300	208
13	820	320	224
14	870	340	240
15	910	360	248
16	960	380	264
17	1000	390	272
18	1050	410	288
19	1090	430	296
20	1130	440	312
21	1180	460	320
22	1220	480	336
23	1260	490	344
24	1300	510	360
25	1340	530	368
26	1380	540	376
27	1420	560	392
28	1460	570	400
29	1500	590	408
30	1540	600	424
31	1580	620	432
32	1610	630	440
33	1630	650	456
34	1690	660	464
35	1730	680	472

Alimento úmido (conserva), valor energético médio: 1 100 kcal EM/kg de alimento.
Alimento semi-úmido (embalagem leve), valor energético médio: 2 800 kcal EM/kg de alimento.
Alimento seco (croquetes), valor energético médio: 3 850 kcal EM/kg de alimento.

O equilíbrio nutricional e a distribuição quantitativa de alimento são as duas noções essenciais que devem ser respeitadas para alimentar convenientemente um cão; as tabelas ao lado fornecem todos os dados numéricos necessários. As quantidades são indicadas apenas a título indicativo, uma vez que elas podem ser alteradas em função da temperatura externa, do grau de nervosismo da raça ou do ambiente cotidiano. O mesmo se aplica para os alimentos industrializados, para os quais é necessário seguir as recomendações do fabricante.

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 574

OS ALIMENTOS INDUSTRIAIS E SEU MODO DE DISTRIBUIÇÃO

Alimentos fisiológicos com a função de nutrir o animal.

Os alimentos standard
Esta classe agrupa todos os alimentos que suprem as necessidades médias de manutenção do cão, sem objetivo particular de corresponder às necessidades específicas. Em determinados casos, sua digestibilidade pode ser boa (80%) e sua palatabilidade satisfatória.

Os alimentos nutricionais (às vezes chamados "premium")
Alimentos completos de alta qualidade que satisfazem perfeitamente às necessidades específicas do cão de acordo com seu tamanho, peso, idade e atividade.
Em resposta aos critérios de alta digestibilidade (85/87%), eles oferecem um suprimento ideal das necessidades nutricionais específicas e palatabilidade máxima. São fabricados a partir de matérias primas selecionadas de alta qualidade e exigem conhecimento perfeito dos procedimentos de fabricação. Sua embalagem é elaborada e contém sistemas de conservação natural. O conjunto oferece garantia da estabilidade do alimento.

Alimentos dietéticos: fator de cuidado e de saúde
Prescritos e/ou vendidos por veterinários, essas linhas de alimentos completos permitem cuidados corretivos nos casos de doenças como obesidade, diabetes mellitus, diarréias crônicas e insuficiência renal. Sua palatabilidade é reforçada para seduzir os animais cujos problemas de saúde tornaram difíceis. Sua digestibilidade varia em função da patologia em questão. Eles constituem um meio de prevenir o aparecimento de determinados problemas clínicos e melhorar a eficácia de um tratamento médico.

A distribuição
Na França, os alimentos fisiológicos estão presentes nas grandes lojas de gêneros alimentícios (hiper- e supermercados), prevalecendo os alimentos úmidos padrão, e em lojas especializadas (lojas de produtos para animais, para jardinagem, para pequenos consertos domésticos e auto-serviços agrícolas), prevalecendo os alimentos secos nutricionais.
Os alimentos dietéticos se encontram à venda exclusivamente por veterinários. Na França os veterinários também estão autorizados a vender alimentos fisiológicos. Mais de 80% do volume total (cão e gato) vendido por veterinários são de alimentos secos premium *(fonte Royal Canin).*

tão importante a ser respeitada para o cão, depende estreitamente da fonte de carne utilizada: peixe magro ou gordo, tipo de carne.
Assim, o conteúdo em lipídios da carne pode variar de 0,5% a 35%, seu conteúdo em proteínas de 10% a 20% e em água de 45% a 80%! Na alimentação caseira também é importante determinar se as fontes de amido a serem utilizadas estão cruas ou cozidas nas proporções utilizadas, pois o arroz absorve até três vezes seu peso em água durante o cozimento. Enfim, nesse contexto de alimentação tradicional, é evidente que o complemento vitamínico-mineral incorporado não pode levar em conta as ingestões vitamínicas e minerais específicas para cada tipo de dieta e a imprecisão da dosagem ponderal pode perturbar o equilíbrio nutricional global da mistura. Caso seja adotada esta solução, o proprietário deverá utilizar um complemento no qual a relação Ca/P (relação dos conteúdos em cálcio e em fósforo) seja obrigatoriamente igual a dois.
As exigências fisiológicas particulares (crescimento, gestação, aleitamento, atividade intensa, envelhecimento) devem impor o respeito a características nutricionais ainda mais específicas do que aquelas relacionadas à simples manutenção:
- aumento da quantidade de proteínas durante o crescimento ou a reprodução,
- diminuição da concentração energética do alimento para um cão com sobrecarga ponderal ou para um filhote de raça grande durante a fase de crescimento.

Portanto, não se pode mais admitir um grau de imprecisão tolerável em uma ração de manutenção: é fundamental definir o mais precisamente possível os diferentes ingredientes utilizados e sua taxa de incorporação. Essa etapa, que se fundamenta em bases científicas precisas, exige, para sua aplicação, cálculos longos e enfadonhos e, sobretudo, um arquivo completo de valores nutricionais de todas as matérias primas. Nos dias de hoje, este trabalho pode ser economizado graças à informática e a softwares muito evoluídos à disposição dos veterinários.

A alimentação industrial

Derivados das indústrias agro-alimentícias humana e dos animais de produção, os alimentos industriais são classificados em função de seu conteúdo de água:

Alimentos úmidos (70% a 85% de umidade)
- alimentos enlatados, carnes e legumes frescos
- carnes cozidas para conservação a frio.

Alimentos semi-úmidos (20% a 60% de umidade)
- alimentos cozidos e estabilizados graças à presença de conservantes e mantidos sob refrigeração.

Alimentos secos (menos de 12% umidade)
- croquetes, biscoitos, flocos de cereais, massas.

Os diferentes alimentos podem ser "completos" e "complementares", estes últimos devendo ser associados a outros para assegurar o suprimento da necessidade fisiológica.

• *As técnicas de fabricação*

As conservas
As conservas são alimentos esterilizados por meio de enlatamento (1 hora e 30, dos quais 55 minutos a 30ºC) e condicionados em reci-pientes vedados a líquidos, gases e microorga-nismos. Os produtos são constituídos princi-palmente por carnes e miúdos derivados daqui-lo que chamamos de "5º quarto do abatedou-ro" (alimentos não consumidos pelo homem), tratados sob a forma fresca ou congelada.
A indústria de alimentos em conserva surgiu em 1923 nos Estados Unidos e teve seu maior desenvolvimento a partir dos anos 50.

Alimentos semi-úmidos
Esses produtos não são esterilizados mas são:
- estabilizados com a ajuda de açúcar, sal ou aditivos químicos (ex.: propilenoglicol),
- ou conservados sob refrigeração.

Eles são apresentados sob a forma de salsichões para cães ou tipos de croquetes bem macios. Embora existam há trinta anos, estes produtos estão em posição bem minoritária no mercado mundial.

Alimentos secos (croquetes)
As tecnologias empregadas são originadas diretamente das utilizadas na alimentação humana:
- as massas são preparadas a partir da sêmola de trigo duro, triturada a vácuo, comprimida e depois cozida a vapor;
- os biscoitos, que apareceram pela primeira vez na Grã Bretanha em 1885 e na França em 1920, são feitos de farinha passada na amassadeira mecânica e, em seguida, cozida em forno tubular a vapor após o corte;
- os cereais em flocos são preparados como os destinados aos humanos para o café da manhã, por cozimento a vapor, trituração e secagem.

Massas, biscoitos e flocos são alimentos complementares destinados a serem misturados a uma fonte de carne.
- os croquetes são alimentos "extrudados": o efeito conjugado da pressão na extrusora e da temperatura (90 a 150ºC) durante um tempo muito curto (20 a 30 segundos), que atua sobre

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 575

a mistura de matérias primas, permite a obtenção, após a secagem, de um produto homogêneo, em seguida envolvido em gordura de acordo com o objetivo fisiológico.

Essa última categoria de produtos domina de modo humilhante o mercado americano, de longe o mais evoluído na atualidade (80% de alimentos secos, 66% de grãos extrusados), e se impõe progressivamente em todos os lugares, devido a suas qualidades nutricionais reconhecidas em todos os testes efetuados pelas organizações de consumidores e suas qualidades de custo e praticidade (alimentos geralmente utilizados pelos profissionais, ou seja, os criadores ou preconizadas por aqueles que prescrevem, que são os veterinários).

• *As matérias primas utilizadas*

O papel da indústria de "pet food" (termo inglês que significa "alimento para o animal de companhia") consiste essencialmente na valorização de alimentos ou de matérias primas de excelente qualidade nutricional, com freqüência valorizados pela indústria alimentícia humana. Com toda certeza eles só são utilizados se corresponderem a variáveis e a uma regulamentação muito rígidas:

- **garantia de controle bacteriológico**: os controles são sistemáticos por parte dos serviços veterinários e das próprias empresas;
- **homogeneidade de composição,** pois a formulação de um alimento (definição da mistura de matérias primas a serem utilizada) só é confiável dentro de determinadas condições. Isso implica pois, por parte dos fabricantes, em um controle sistemático e permanente de todas as matérias primas utilizadas;
- **disponibilidade dos alimentos,** a fim de poder garantir fórmulas fixas e assegurar uma produção constante durante todo o ano. Os fabricantes diversificam seus fornecedores a fim de não terem problemas de quebra de estoque.

Vantagens e inconvenientes dos diferentes modos de alimentação

• *Escolha de matérias primas*

Caso das proteínas

Mais do que a alimentação industrial, a ali-mentação doméstica é refém da qualidade dos seus componentes. Tanto no caso das sobras de refeições como dos alimentos industrializados, a qualidade continua a ser muito desigual, com exceção dos proprietários que adquirem peixes ou carnes de qualidade "humana" para o seu animal. Mas a tradicional "carne para animais" dos açougueiros faz parte daquilo que chamamos de "banha de tábua de açougueiro" considerada como uma matéria prima de baixa qualidade para a indústria. Observemos que determinados alimentos industriais introduzem leveduras de cerveja e ovos em suas matérias primas protéicas, incluindo assim os componentes tradicionais da alimentação doméstica.

Caso dos lipídios

A qualidade das gorduras na alimentação é primordial para a saúde dos cães: funcionamento hepático, beleza do pêlo, reprodução, etc. Portanto, os alimentos industriais e os domésticos devem conter gorduras preservadas da oxidação (rancificação), sobretudo naquilo que se refere aos ácidos graxos essenciais, cujo teor mínimo é uma variável nutricional importante. Embora o teor de gorduras de um alimento deva ser reduzido para combater a tendência à obesidade, torna-se relativamente dispendioso compor uma ração tradicional nesta situação: a carne para animais, muito gordurosa, deve ser substituída por carne magra, peixe, queijo branco de baixa caloria… Em compensação, é fácil

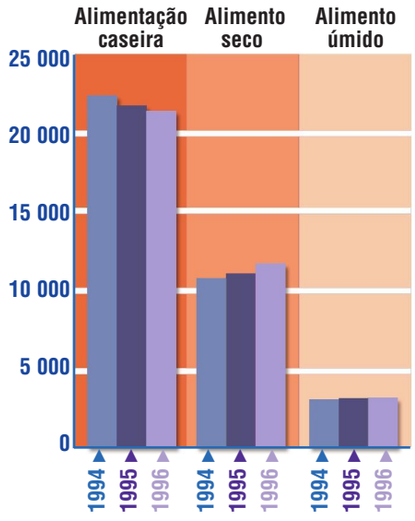
Alimento seco para cães de raças pequenas (menos de 10 kg). De cima para baixo, para o cão adulto, para o cão maduro e para o filhote.

Alimento seco para cães de raças médias (de 10 kg a 25 kg). De cima para baixo, para o cão adulto, para o cão maduro e para o filhote.

Alimento seco para cães de raças grandes (de 25 kg a 45 kg). De cima para baixo, para o cão adulto, para o cão maduro e para o filhote

Alimento seco para cães de raças gigantes (de 45 kg a 90 kg). De cima para baixo, para o cão adulto, para o cão maduro e para o filhote

Evolução do modo de alimentação dos cães na Europa



BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 576

Alimentos secos (em gramas/dia de croquetes)

Peso do cão	*Vida interior*	*Vida exterior Exercício >1 h/d*	*Vida exterior Exercício >2 h/d*
Alimentos raças pequenas (4 120 kcal/kg)			
1	30	30	35
2	50	55	60
3	65	70	80
4	80	90	95
5	95	105	115
6	105	120	130
7	120	135	145
8	130	145	160
9	145	160	175
10	155	170	190
Alimentos raças médias (3 920 kcal/kg)			
11	175	195	215
12	185	205	225
13	195	220	240
14	210	230	255
15	220	245	265
16	230	255	280
17	240	265	295
18	250	280	305
19	260	290	320
20	270	300	330
21	280	310	340
22	290	320	355
23	300	330	365
24	310	345	375
25	320	355	390
Alimentos raças grandes (4 140 kcal/kg)			
26	310	345	380
27	320	355	390
28	325	365	400
29	335	370	410
30	345	380	420
31	350	390	430
32	360	400	440
33	370	410	450
34	375	420	460
35	385	425	470
36	395	435	480
37	400	445	490
38	410	455	500
39	415	460	510
40	425	470	520
41	430	480	530
42	440	490	535
43	445	495	545
44	455	505	555
45	460	515	565
Alimentos raças gigantes (4/40 kcal/kg)			
46	470	520	575
47	475	530	585
48	485	540	590
49	490	545	600
50	500	555	610
55	535	595	655
60	570	635	695
65	605	670	740
70	640	710	780
75	670	745	820
80	705	780	860
85	735	815	900
90	765	850	935
95	795	885	975
100	830	920	1010

encontrar um elemento de baixa concentração energética entre os alimentos secos completos.

Caso dos glicídios

A principal limitação para a incorporação de amido na alimentação caseira é a necessidade de um cozimento completo, dificilmente realizável com outros cereais ou derivados que não sejam o arroz ou as massas: sem a "gelatinização" do amido, surgem as intolerâncias digestivas.

Os procedimentos industriais de cocção (extrusão, floculação, enlatamento…) permitem satisfazer a esta exigência e os cereais anteriormente triturados e umidificados tornam-se muito digestíveis para o cão após uma cocção específica. O papel de lastro desempenhado pelos legumes em uma alimentação tradicional, nos alimentos secos é assumido pelas fibras vegetais de origens variadas: farelos de cereais ou polpa de beterraba. A substituição dos legumes por outros compostos não afeta o valor nutricional do alimento. É o teor em celulose que tem importância para facilitar o trânsito digestivo. Mas a imagem dos legumes é tão positiva no espírito de vários proprietários que determinados fabricantes procuram recriá-los por meio de seus alimentos, secos ou úmidos ("pastéis de legumes", "sopas de legumes", "massas de legumes"). Os legumes não têm nenhuma interferência no teor vitamínico do produto, como acredita o público, que está assegurado (com os teores apropriados dos pricipais minerais e de oligoelementos) pelo acréscimo de uma prémistura que os contêm. Por outro lado, os teores em vitaminas são adaptados à idade, estágio fisiológico e tamanho da raça do cão ao qual o alimento completo será destinado.

• *Os elementos comparativos*

Se a qualidade das matérias primas, confiabilidade e equilíbrio nutricionais são elementos favoráveis ao alimento industrial (certamente

Os alimentos no mercado

A maioria dos alimentos no mercado são destinados a todo tipo de cão, independente do tamanho. As variedades mais completas se baseiam exclusivamente nas diferentes idades da vida. No entanto, a seleção criada pelo homem, gerou cães muito diferentes quanto à sua morfologia e ao seu modo de vida. A fim de respeitar estas diferenças , é preciso manter à disposição dos proprietários produtos realmente adaptados aos seus cães. Uma alimentação que atenda da melhor maneira possível às necessidades do cão ou aquelas associadas a uma atividade física regular e aos controles veterinários, contribui para o melhoramento do bem-estar e do tempo de vida do cão.

BRA 554-577_rg3833_Miolo_152-175 27/01/12 08:42 Page 577

OS ALIMENTOS PREPARADOS: VANTAGENS E INCONVENIENTES

Tipo de alimento	*Vantagens*	*Inconvenientes*
seco (croquetes)	sem alteração após a abertura mais nutritivo por unidade de peso mais econômico do que os alimentos ricos em água	necessária a ingestão de água alteração se conservado em local úmido
semi-úmido	muito apetitoso embalagem prática em ração diária	necessita com freqüência de refrigerador ou congelador alteração após a abertura da embalagem alteração se conservado em local úmido forma de intolerância digestiva para certos cães, contém aditivos
úmido (conserva)	embalagem durável muito apetitoso	forma dispendiosa de conservação: presença de água (75% a 82%) torna-se caro pesado para transportar e armazenar Alimentos ricos em gorduras, podendo induzir a superconsumo energético alteração após a abertura

na medida em que esse é escolhido entre os nutricionais de "alta qualidade"), será sempre possível compor uma alimentação caseira perfeitamente adaptada a cada situação
Porém, neste último caso, a ajuda e o conselho dos veterinários serão indispensáveis. O proprietário deverá manter uma postura crítica frente a um alimento industrial, principalmente perante determinados termos comerciais que não têm nenhum significado: "visivelmente equilibrado", "com pedaços de carne", "com camarões"... Para a escolha deste ou daquele alimento industrializado, o proprietário deverá pesar os prós e os contras entre alimento seco, semi-úmido e úmido e não se deixar enganar por propagandas muito antropomórficas que encerram o cão no papel de cliente de dono de restaurante Pois o verdadeiro juiz de uma boa alimentação será o próprio cão. A eficácia da distribuição do alimento e sua adaptação a cada indivíduo poderão ser apreciadas por controles de rotina simples, apelando antes de mais nada para o bom senso, bem como ao espírito de observação e baseando-se principalmente em:

- **o apetite do animal,** que traduz seu bom estado de saúde e as qualidades organolépticas (odor, gosto, consistência) do alimento;
- **a qualidade dos excrementos,** nos quais o volume, consistência, umidade, cor e odor estão relacionados à digestibilidade do alimento e à boa digestão, principalmente ao nível de intestino grosso;
- **a evolução do peso do animal,** graças a pesagens regulares, semanais nos indivíduos jovens e mensais nos adultos, a fim de conseguir que o cão atinja ou mantenha o peso ideal proporcional à seu tamanho, sem magreza ou excesso de gordura;

- **a integridade da pele e a beleza do pêlo**, verdadeiros "espelhos da saúde", exprimem os desequilíbrios alimentares ou uma debilidade no estado geral de saúde;

- **o comportamento do cão,** que deve ser alegre e vivo, em função de seus hábitos.

QUADRO COMPARATIVO DO CUSTO DIÁRIO DA ALIMENTAÇÃO DO CÃO

Ração alimentar cotidiana (em g)	*Preço médio T.T.C. de venda a varejo (Euro/kg)*	*Orçamento diário por (Euro)*	*Custo comparativo úmido/seco*
Úmido (conserva) 1080	1,31	1,42	x 0,44
Seco 330 (croquetes)	1,51	0,50	

CUSTO EM FUNÇÃO DO PRODUTO PARA UM CÃO DE 20 KG

Exemplo de categorias de produtos	*Preço médio T.T. por kg**	*Custo anual da alimentação seca*	*úmida*
O mais barato	entre 0,61 e 0,91 Euro	- de 91,47 Euro	320,14 Euro
Padrão	entre 1,22 e 1,52 Euro	182,94 Euro	533,57 Euro
Alta qualidade	+ 2,74 Euro	304,90 Euro	1739,29 Euro

Para um cão de 20 kg, os cálculos foram feitos a partir das fontes Nielsen.
* Os preços médios por kg são sensivelmente equivalentes para o alimento seco e o úmido para uma mesma categoria de produtos.

9ª parte

A Medicina do Cão

Ao lado: fratura do metacarpo

A Medicina Preventiva

As afecções parasitárias

As afecções parasitárias externas atingem essencialmente a pele e a pelagem. Elas podem causar eczemas, pruridos ou queda de pêlo acentuada. Quanto às afecções parasitárias internas, elas se referem essencialmente ao aparelho digestivo (esôfago, estômago, intestinos).

Varios tipos de parasitas externos ou ectoparasitas de origem animal, como pulgas, piolhos, carrapatos ou de origem vegetal como tinhas e sarnas, podem alterar profundamente o pêlo e a pelagem do cão. As infecções internas causadas na maioria das vezes pelas pulgas, carrapatos ou mosquitos, podem afetar gravemente a saúde do cão e desenvolver doenças contagiosas nas quais algumas atualmente se beneficiam de profilaxia atravéz de vacinas.Vigilância e boa higiene podem evitar doenças, às vezes, fatais.

Os ectoparasitas

As pulgas

São insetos desprovidos de asas cujo corpo é achatado lateralmente. As pulgas do cão pertencem ao gênero Ctenocephalides canis ou Ctenocephalides felis, dos quais somente os adultos são parasitas. Eles são encontrados principalmente nos lugares freqüentados pelo cão: estima-se que num determinado momento apenas 10 % das pulgas estão presentes na pelagem. As pulgas são muito prolíferas: as fêmeas põe inúmeros ovos (às vezes mil ou dois mil) em alguns meses. Como estes ovos não aderem à pelagem, caem no solo e acumulam-se nos tapetes, no chão, etc. Os ovos eclodem liberando larvas que sofrem metamorfoses, realizam mudas e se transformam em ninfas e depois, em condições favoráveis, o adulto formado sai do casulo e pode ir parasitar um cão, chamado hospedeiro definitivo. A pulga adulta perfura então a pele do cão utilizando suas peças bucais e então aspira sangue graças à sua tromba, após haver inoculado saliva anticoagulante. A presença de pulgas é revelada pelos seus excrementos: tratam-se de pequenos grãos pretos que se encontram na pele do animal, especialmente na região dorso-lombar. Eles correspondem ao sangue absorvido e depois digerido pelas pulgas.

• As pulgas causam várias patologias no cão. Em primeiro lugar elas possuem um papel patogênico direto, em geral pouco incomodativo, que se limita às coceiras. No entanto, o cão pode desenvolver uma **dermatite por hipersensibilidade às picadas de pulgas** (DHPP) que se traduz por um prurido intenso, acarretando em queda de pêlo ou até mesmo feridas ao coçar, localizadas na parte superior do corpo (preferencialmente na região lombar). Esta infecção é mais rara na estação fria, quando a atividade das pulgas é menor. O seu papel patogênico indireto consiste na transmissão de agentes patogênicos: bactérias (das quais aquela responsável pela peste humana) e parasitas do tubo digestivo (transmissão por ingestão de pulgas adultas).

Os carrapatos

Os carrapatos são ácaros de grandes dimensões (de 2 a 10 mm) da família dos Ixodídeos. Existe um grande dimorfismo sexual relacionado ao fato do abdômen das fêmeas ser fortemente dilatável, ao con-trário do que acontece com os machos. O seu corpo, de cor vermelho acastanhado, é achatado, exceto após ele se alimentar novamente do sangue do hospedeiro, quando se torna globuloso. São parasitas intermitentes, estritamente hemotófagos, exceto para os machos de algumas espécies que não se alimentam. Os carrapatos parasitas do cão são principalmente do gênero Rhipicephalus sanguineus. Estes são muito específicos do cão, visto que procuram fixar-se neste hospedeiro (e apenas nele), qualquer que seja o seu estado evolutivo (larva, ninfa ou adulto). O carrapato fixa-se à pele do cão, de preferência onde esta é mais fina. Então ele introduz suas peças bucais na pele e inocula uma saliva especial que se solidifica formando uma área de fixação muito resistente. O carrapato pode então fazer se alimentar de sangue, o que é facilitado pela injeção de uma saliva com propriedades anticoagulantes e vasodilatadoras. Esta refeição é parcial para as larvas e as ninfas bem como para as fêmeas não fecundadas, mas torna-se muito significativa (até alguns mililitros) para as fêmeas fecundadas. As larvas, ninfas e adultos fazem apenas um repasto sanguíneo, ao contrário dos machos, que se alimentam em pequenas quantidades e várias vezes. O carrapato pode se liber-

tar no final do repasto sanguíneo graças a uma outra saliva, que dissolve a primeira. A este período de vida parasitária sucede uma fase de vida livre, dependendo das condições do meio ambiente.
No ciclo evolutivo do carrapato, o período de vida livre é consideravelmente mais longo do que o de vida parasitária. O carrapato do cão se reproduz geralmente sobre o seu hospedeiro, depois a fêmea se enche de sangue e cai ao solo. Após várias semanas, a fêmea põe alguns milhares de ovos e morre. Conforme as condições do meio ambiente, os ovos incubam durante um período mais ou menos longo de algumas semanas, depois eclodem. De cada ovo surge uma larva, que aguarda sobre as folhagens a passagem do seu futuro hospedeiro, o cão. Ela pode então fixar-se a ele e fazer a sua refeição de sangue, que dura alguns dias e depois deixa-se cair novamente ao solo. Após algum tempo no chão, a larva faz a muda e transforma-se em ninfa. O processo se repete; a ninfa alimenta-se, cai novamente ao solo e faz a muda para adulto macho ou fêmea. O ciclo completo é longo tendo em vista que requer a fixação do carrapato em três hospedeiros; se as condições não forem ideais ele pode durar até quatro anos. Além disso, nem todos os ovos chegam ao estado adulto porque podem ser ingeridos em diferentes estágios do seu desenvolvimento por vários animais, principalmente durante a sua vida livre.
Os carrapatos possuem um papel patogênico direto importante, em primeiro lugar pela irritação provocada pela penetração do carrapato e sua saliva. Depois que o carrapato se desprende do hospedeiro, a pele do cão fica fragilizada. A lesão provocada pela fixação pode se tornar um foco de penetração de bactérias, levando a mais infeções. O repasto sanguíneo constitui uma espoliação sanguínea mais ou menos intensa para o cão, podendo causar uma anemia severa em caso de infestação maciça. Finalmente, a presença de carrapatos no cão pode provocar uma reação tóxica, tanto local quanto generalizada. Conhecem-se por exemplo paralisias por carrapatos na Austrália causadas por Ixodes holocyclus; sem tratamento, elas levam à morte por paralisia dos músculos respiratórios.

A presença de carrapatos também tem influência sobre a imunidade do cão. Quando ocorre uma nova infestação, surge uma hipersensibilidade que se manifesta por reações violentas (prurido) no ponto de fixação, e aos poucos o número de carrapatos fixados diminui. Observa-se o aparecimento de uma imunidade adquirida. Os carrapatos também podem transmitir vários agentes causadores de doenças, seja uma fêmea à sua descendência, seja de um estado de desenvolvimento a outro, seja pela combinação dos dois. Os carrapatos são responsáveis pela transmissão de:

- *Babesia canis*, agente da **babesiose** (também chamada **piroplasmose**), transmitida por Dermatocenter reticulatus e por Rhipicephalus sanguineus,

- *Hepatozoon canis*, responsável da **hepatozoonose**, transmitida por Rhipicephalus sanguineus, quando da ingestão deste carrapato.

- *Ehrlichia canis*, agente da **erliquiose,** transmitida por Rhipicephalus sanguineus, nas áreas tropicais e temperadas.

- **Zoonoses,** (doenças transmissíveis aos seres humanos) tais como a febre escaro-nodular da Ásia, da África e da Europa meridional, devida a *Rikettsia conori*, transmitida por *Rhipicephalus sanguineus*.

Os carrapatos desempenham um papel acessório na transmissão de **doenças bacterianas e de viroses,** bem com de **helmintoses.**

Pulga e larva de pulga de cão

Carrapato na pele de um cão

PORQUE E COMO COMBATER AS PULGAS DO CÃO E DO GATO

Para combater um parasita é preciso conhecer o seu desenvolvimento para poder agir nas suas diferentes etapas.
A larva desloca-se para se abrigar da luz (numa casa: nos tapetes, as almofadas, os rodapés, nas frestas do piso, nos cantos). Depois de uma vida de 1 a 2 semanas, a larva transforma-se em casulo que é muito resistente ao tratamento e pode sobreviver cinco meses. A eclosão do adulto a partir do casulo deve-se à presença de animais ou de seres humanos. Em uma casa desabitada durante vários meses a eclosão de vários casulos pode ser simultânea, levando a uma invasão de pulgas em algumas horas. Na maioria das vezes o adulto ataca um gato ou um cão e pica-o para se alimentar de sangue. As fêmeas são as mais vorazes: ingerem aproximadamente 15 vezes o seu próprio peso em sangue (70 fêmeas ingerem 1 ml de sangue por dia!). Durante os repastos sanguíneos, as fêmeas "defecam à mesa!" e podem ser encontrados excrementos de pulga na pelagem, como pequenos pontos pretos que se tornam vermelhos em contato com um papel úmido.
Além da espoliação sanguínea, as pulgas são freqüentemente responsáveis por alergias e também podem transmitir aos cães e aos gatos um verme achatado, muitas vezes visto nos carnívoros adultos.

A maioria dos tratamentos anti-pulgas aplicados aos animais (coleira, spray, pós...) diminui o número de pulgas, mas esses tratamentos geralmente não são suficientes para eliminar todas as pulgas porque muitas vezes estas ficam no meio ambiente. Por isso recomenda-se geralmente associar dois tratamentos. O primeiro, à base de inseticida, visa matar todas as pulgas adultas nos cães e nos gatos que vivem no local a ser tratado. Para tanto, utilizam-se produtos anti-parasitas (piretróides) sob a forma de spray ou "spot-on", nos quais são depositadas na pele do cão algumas gotas de uma solução muito concentrada contendo o mesmo produto que o spray. Esta solução difunde-se então por todo o corpo do animal e permite matar todas as pulgas quando estas se alimentam. Este tratamento deve ser renovado todos os meses como manutenção. Existe um outro método que visa esterilizar as pulgas durante o seu repasto sanguíneo, que se realiza administrando ao cão um comprimido uma vez por mês. O segundo visa matar as pulgas (com um inseticida) ou bloquear o seu desenvolvimento (com um regulador de crescimento de inseto, IGR para Insect Growth Regulator) no meio ambiente.

Os reguladores de crescimento de insetos têm a vantagem de serem moléculas totalmente atóxicas para o animal doméstico e para o ser humano. Antes de aplicar este tratamento, deve-se retirar o pó e limpar completamente o meio ambiente (lembrar da bolsa e do local onde se guarda o aspirador que podem tornar-se verdadeiros "ninhos de pulgas"), em seguida tratar as superfícies com um inseticida e/ou regulador de crescimento de insetos. Às vezes é necessário tratar o jardim no Verão, mas somente as áreas sombreadas onde os cães e os gatos vão deitar (os produtos utilizados devem ser resistentes aos raios UV). Muitos inseticidas e reguladores de crescimento de insetos eficazes estão disponíveis no mercado, cada um deles com as suas vantagens e as suas limitações.
Os resultados obtidos são geralmente bons, mas dependem principalmente da maneira como os tratamentos são aplicados e da sua regularidade.

Bruno Polack
Serviço de Parasitologia,
micologia e doenças parasitárias e fúngicas
Escola Nacional Veterinária de Alfort

A DESTRUIÇÃO DOS CARRAPATOS

Se o cão estiver pouco infestado é possível extrair os carrapatos um a um com o auxílio de uma pinça, de preferência após ter jogado um pouco de éter sobre o carrapato ou depois de passar um papel absorvente embebido em cipermetrina. Existe também um pequeno gancho, desenvolvido por um veterinário, que permite extrair facilmente o carrapato sem romper o rostrum. Na verdade, é essencial que ele seja retirado, sob pena de ocorrer a formação de um abcesso no local de implantação do parasita.

Se a infestação for muito intensa, deve-se então proceder a lavagens utilizando por exemplo piretróides ou então amitraz, substâncias carrapaticidas. É aconselhável cimentar o solo e as paredes dos canis e pulverizar um inseticida adequado afim de prevenir as infestações a outros grupos de animais. Existe também uma vacina, cuja duração é de seis meses, que visa prevenir as parasitoses quando o cão deve freqüentemente ir a locais onde a população de carrapatos é grande, como nas flo-restas ou fazendas.

Parasitas internos, essencialmente digestivos

Esôfago e estômago

Tratam-se principalmente de espirocercoses, causadas na espécie canina por Spirocerca lupi, um nematóide presente na parede do esôfago, ou mais raramente do estômago, às vezes até mesmo na parede da artéria aorta. Estes parasitas causam uma doença grave, presente essencialmente nos países tropicais, na África do Norte e na Europa meridional. Os cães se infestam ingerindo os hospedeiros intermediários, a saber coleópteros, mas principalmente pequenos vertebrados.

Os animais atingidos apresentam sintomas esofágicos (regurgitações, às vezes impossibilidade de deglutir) e gástricos (vômitos recorrentes, aumento da sede). Podem ser observadas dificuldades respiratórias quando o parasita se encontra na parede da aorta. O tratamento é muito difícil e baseia-se em antihelmínticos sob forma injetável, como a ivermectina. Dada a diversidade de hospedeiros intermediários (vetores do parasita) responsáveis pela infestação do cão, é praticamente impossível considerar a possibilidade de qualquer profilaxia.

Estômago e intestinos

Estes parasitas são estrongiloses, principalmente a Uncinaria stenocephala, o mais freqüente na França, a Ancylostoma caninum, nas regiões quentes e a Ancylostoma braziliense, nos países tropicais. Eles acometem principalmente aos animais que vivem em coletividade – fala-se frequentemente de anemia de cães de matilha – mas outros cães também podem ser infestados. As larvas dos estrongilos do gênero Ancylostoma penetram através da pele ou são ingeridas pelos filhotes ao mesmo tempo que o leite materno. A infestação desenvolve-se em várias fases, correspondentes às migrações das larvas no organismo. Ela se inicia com uma fase cutânea durante a qual surgem pequenas borbulhas no abdômen do cão, que desaparecem espontaneamente após cerca de dez dias. Em seguida, o desenvolvimento dos adultos no intestino delgado é acompanhado por sintomas digestivos tais como a alternância diarréia/prisão de ventre e depois uma diarréia persistente de odor fétido. Finalmente, o estado geral do cão se degrada por causa da anemia que se instala. Nas formas graves, a evolução pode resultar na morte do cão, enquanto que nas formas benignas é possível uma cura espontânea.

Os parasitas exercem uma ação de espoliação sanguínea: os adultos estão fixados à mucosa intestinal; absorvem um pouco de sangue e tem uma efeito de sangria. É provável que exerçam também uma ação tóxica e uma ação no sistema imunológico, tendo como consequência uma reação cutânea mais pronunciada em caso de reinfestação, impedindo a migração das larvas. Por isso, o cão torna-se mais ou menos resistente a estes estrongilos.

As medidas de prevenção nos grupos consistem primeiramente em uma limpeza com desinfetante do local. As fêmeas gestantes podem ser tratadas preventivamente com fembendazole, que destrói as larvas. Os filhotes com 10 a 45 dias de idade também podem ser tratados uma vez por semana, e em seguida na 8ª e 12ª semanas nas áreas fortemente atingidas por estes parasitas.

Intestino delgado

Trata-se de nematóides da família dos Ascarídeos (Toxocara leonina) e Toxocarídeos (Toxocara canis), sendo estes últimos transmissíveis aos seres humanos. Esta parasitose afeta principalmente os cães jovens pelas ingestão de ovos embrionados, presentes na água ou nos alimentos, pela trans-missão "in utero" da mãe aos seus filhos, ou atra-vés do leite materno quando este contém larvas. Os animais em mau estado geral são mais recepti-vos, bem como aqueles que apresentam determi-nadas carências alimentares. Uma infestação maciça é responsável por sintomas gerais tais como atraso no crescimento, emagrecimento, mortali-dade significativa nos filhotes de 3 a 7 semanas de idade que foram maciçamente infestados antes do nascimento. Evidentemente, estes filhotes apre-sentam sintomas digestivos: diarréia alternada por períodos de constipação, vômitos levando à elimi-nação de parte dos parasitas bem como um incha-ço abdominal mais ou menos importante. Isto pode se complicar com uma obstrução intestinal (por uma bola de vermes), ou até mesmo por uma per-furação intestinal que leva a uma hemorragia ou a uma peritonite. Além destes sintomas, os parasitas retiram sangue e conteúdo intestinal, que contêm ambos elementos essenciais ao crescimento do filhote. O diagnóstico é geralmente fácil: o cão está em mau estado geral, o seu abdômen está disten-dido e ele elimina os parasitas nas fezes ou nos vômi-tos. Às vezes um exame coprológico pode ajudar no diagnóstico. Podem ser utilizados vários agen-tes antiparasitários, sendo os mais freqüentes o pamoato de pirantel, o nitroscanato e a ivermec-tina. A prevenção consiste em tratar sistematica-mente os cães jovens e destruir os vermes adultos presentes nas mães. A destruição dos ovos no meio ambiente é extremamente difícil, tendo em vista a sua grande resistência.

Cestódeos também parasitam esta parte do tubo digestivo. Tratam-se de tênias, como o Dippylidium caninum, transmitido quando da ingestão de pulgas. Este parasita atinge cães de todas as idades, provocando neles um prurido anal intenso. O cão esfrega o seu posterior no chão. Os sintomas digestivos estão associados, como a eliminação de anéis de parasitas – com a forma de grãos de arroz – nas fezes, que podem ter um aspeto mais ou menos diar-

réico. As reinfestações são freqüentes e favorecidas pelo fato que os ovos podem se colar aos pêlos e serem assim ingeridos pelo cão. A ação de espoliação é extremamente fraca, os parasitas exercem principalmente uma ação irritante e de inchaço das glândulas anais.

A profilaxia consiste em primeiro lugar na eliminação dos hospedeiros intermediários, as pulgas e, em menor grau, os piolhos. Nos animais parasitados aconselha-se a utilização de cestocidas específicos, tais como o praziquantel ou de antihelmínticos polivalentes como o nitroscanato.

Intestino grosso

Os principais parasitas desta parte do tubo digestivo, mais exatamente do ceco e do cólon, são nematóides do gênero Trichuris. Os cães infestam-se pela ingestão dos ovos, presentes na rua, sendo que os adultos aparentemente são mais afetados.

Quando existe uma infestação maciça, observa-se uma diarréia, que pode ser hemorrágica, anemia, emagrecimento, etc. Os tricuros são hematófagos, exercendo por isso uma ação espoliadora, mas, pelas lesões que causam, também podem permitir o desenvolvimento de bactérias. O diagnóstico baseia-se no exame coprológico, revelando a presença dos ovos dos parasitas nas fezes do cão. O tratamento consiste na administração de flubendazole durante três dias consecutivos ou de febantel durante o mesmo intervalo de tempo. Contudo, as reinfestações permanecem freqüentes. Portanto, é fundamental cuidar da higiene dos locais e dos alimentos.

As doenças infecto-contagiosas

São causadas por bactérias, vírus, e às vezes endoparasitas. A maioria delas são objeto de vacinação. São frequentemente fatais.

As leptospiroses

São doenças contagiosas devidas a micróbios do gênero Leptospira; envolvem diversas espécies e são transmissíveis ao ser humano. No cão, dois grupos chamados sorotipos, têm uma grande importância: são denominados Leptospira icterohaemorragiae e Leptospira canicola. Estas doenças ocorrem no mundo inteiro, com uma predileção pelas regiões úmidas e os agrupamentos de cães.

As leptospiroses se manifestam sob diferentes formas clínicas, conforme o sorotipo envolvido. Em primeiro lugar, o cão pode apresentar uma gastroenterite sob uma forma aguda: depois de cinco dias de incubação, o cão torna-se abatido, prostrado, anoréxico, com polidipsia (aumento da sede). Apresenta uma hipertermia significativa durante dois a três dias, ocorrendo depois uma hipotermia. A palpação abdominal é muito dolorosa. Em seguida, começa o período crítico, com uma duração de cinco a seis dias, durante a qual aparecem sinais digestivos (vômitos que se tornam sangüinolentos, diarréias hemorrágicas), bem como hemorragias nas mucosas e na pele, uma inflamação da mucosa bucal que exala um odor fortemente desagradável e uma insuficiência renal aguda (diminuição da quantidade de urina excretada, podendo estas estar manchadas de sangue). Também podem ser observadas complicações nervosas, oculares, cardíacas e pulmonares. Instala-se então uma fase de coma que evolui para a morte.

Esta gastroenterite também pode existir sob uma forma subaguda: a doença evolui para a morte em 48 horas, depois de um período de hipotermia acompanhada por vômitos e diarréia, antes que o cão entre em coma.

Existe uma forma superaguda, com uma duração aproximada de duas semanas, que pode resultar na cura do cão após a fase de gastroenterite.

Existe uma segunda forma, devida neste caso unicamente a Leptospira icterohaemorragiae. Trata-se da icterícia por leptospirose. A incubação dura de cinco a oito dias, depois o cão apresenta febre durante dois dias que é substituída em seguida por hipotermia, abatimento, dores abdominais. O cão se torna anoréxico. Ocorre então a fase crítica, em que as mucosas assumem uma coloração vermelho alaranjado, característica da icterícia. A ela estão associados sintomas digestivos, diarréia e vômitos. Esta forma evolui para a morte em cinco a quinze dias.

A terceira forma existente deve-se a Leptospira canicola. Trata-se da nefrite por leptospira. Esta doença pode evoluir conforme duas modalidades: rápida, com predominância de uma gastroenterite ou lenta. Neste último caso a doença só pode ser diagnosticada em sua fase terminal, a uremia (forte aumento do teor de uréia no sangue). O cão vem a óbito no final de uma fase de coma urémico.

O diagnóstico da leptospirose baseia-se no exame do animal, sendo os sintomas relativamente característicos. Os exames de laboratório permitem evidenciar as leptospiras no sangue antes do oitavo dia e na urina depois desse prazo. O diagnóstico baseado na pesquisa de anticorpos só é possível a partir do décimo dia.

Os cães podem se contaminar diretamente por mordidas, lambidas ou pelo simples contato com um cadáver. A água dos açudes, rios ou os objetos contaminados por urina podem levar a uma contaminação. As leptospiras penetram pelas muco-

Os vermifugos

A título preventivo os filhotes podem ser vermifugados a partir das duas semanas de idade. Utiliza-se um vermífugo polivalente – geralmente uma associação de vários antihelmínticos, o que permite obter um espectro de ação muito amplo – cuja dose é adaptada ao peso do cão. Em seguida trata-se o cão uma vez por mês até à idade de 6 meses, depois duas a três vezes por ano, dependendo se o cão sai muito ou não.
Também é possível proceder a um exame coprológico de ovos de helmintos e ser assim mais específico utilizando o antihelmíntico melhor adaptado ao caso observado. Além disso, deve-se considerar a personalidade do cão para adaptar a forma do vermífugo. Alguns estão disponíveis sob a forma de comprimidos, outros sob a forma de pasta ou de líquido; eles são administrados em uma única ou em várias vezes, o que pode também influenciar a escolha do vermífugo.
De qualquer forma, é essencial vermifugar regularmente o seu cão, especialmente nos casos em que vários cães vivem juntos e principalmente porque existe um risco de transmissão aos seres humanos.

sas ou por via cutânea, por intermédio de uma ferida. As excreções e secreções dos animais doentes são fontes de germes, o sangue também no início da infecção e a urina depois do oitavo dia, durante alguns meses. É possível tratar os cães afetados pelas formas subagudas e crônicas graças a determinados antibióticos. Pode ser adotada uma profilaxia sanitária, que consiste em evitar a contaminação das águas, destruir os vetores que são os roedores, bem como desinfetar os locais. Existem vacinas, que conferem aos cães uma imunidade relativamente boa. A duração máxima do efeito é de seis meses e deve ser utilizada nos lugares em que o risco é maior.

O cão pode espalhar leptospiras, perigosas para o ser humano, que pode então desenvolver uma icterícia similar àquela observada no cão.

A piroplasmose

É uma doença causada por um parasita da família dos Protozoários (seres formados por uma única célula), chamado piroplasma e mais particularmente Babesia canis. Durante seu ciclo, este parasita requer a passagem por um hospedeiro vetor de forma a garantir a transmissão da doença de um cão a outro. Esse vetor é o carrapato fêmea.

O desenvolvimento do parasita no cão inclui vários estágios correspondentes às modificações do parasita. Trata-se em primeiro lugar de um ele-mento mais ou menos circular, muito simples, cha-mado trofozoíta. Ele se aloja nos glóbulos verme-lhos e se alimenta do seu conteúdo, a hemoglobi-na, a qual ele digere. Este trofozoíta sofre um fenô-meno de reprodução assexuada, que consiste em simples divisões. O núcleo da célula divide-se em primeiro lugar, seguido depois pela membrana e pelo citoplasma (líquido contido na membrana). Obtêm-se então duas células ditas células filhas ou merozoítos, em forma de gota de água, sempre loca-lizadas no interior dos glóbulos vermelhos. Na maioria dos casos, os glóbulos vermelhos são des-truídos depois da divisão e os merozoítos são liberados no sangue. Cada merozoíto se fixa rapida-mente num novo glóbulo vermelho, nele se intro-duz e forma assim um trofozoíto. Alguns piroplas-mas param de se dividir nos glóbulos vermelhos: são chamados gamontes.

O carrapato, hospedeiro intermediário, alimenta-se em um cão infestado. Os glóbulos vermelhos que ele ingeriu são destruídos no seu intestino bem como os trofozoítas e os merozoítas. Restam apenas os gamontes que se transformam em gametas na parede do intestino. Da fusão de dois gametas forma-se um ovo, denominado zigoto. Neste zigoto forma-se um elemento que deixa o intestino do carrapato para penetrar numa outra célula e especialmente nos ovos do carrapato fêmea. Este elemento, o cisto, multiplica-se e dá à luz os esporocisto. Se um carrapato fêmea da geração seguinte, ou seja, oriunda de um ovo contendo esporocistos, se alimentar de um cão, os esporocistos migram nas suas glândulas salivares. Cada esporocisto se torna muito volumoso: chama-se então um esporonte. No seu interior formam-se milhares de esporozoítos que podem infestar o cão. Cada esporozoíto penetra num glóbulo vermelho para dar um trofozoíta. O ciclo está então terminado.

A piroplasmose é freqüente principalmente nos países quentes e temperados e em todos os locais em que os carrapatos são abundantes. É mais comum durante os períodos de atividade dos carrapatos. O aparecimento de uma piroplasmose é favorecido pelo modo de vida, por exemplo nos cães que caçam. As raças selecionadas são mais sensíveis do que as outras, especialmente os Cockers, Perdigueiros, Yorkshires e os Dobermans. Além disso, os filhotes são mais receptivos do que os adultos.

A incubação, correspondente ao período de multiplicação dos parasitas no organismo do cão dura de dois dias a duas semanas aproximadamente. Durante esta fase não se encontra nenhum piroplasma no sangue. Ao término desta fase os parasitas vão para o sangue e os sintomas aparecem quase simultaneamente. Na forma aguda da doença o cão apresenta uma hipertermia muito pronunciada acompanhada por abatimento; a crise febril dura em média seis a dez dias. Observa-se ao mesmo tempo uma anemia (descoloração das mucosas), causada pela destruição dos glóbulos vermelhos quando da multiplicação dos parasitas no seu interior. Depois de alguns dias de doença, ocorre uma hemoglobinúria: a urina colore-se de sangue. Existem sinais clínicos atípicos, que podem ser manifestações de ordem nervosa, respiratória, digestiva, cutânea ou ainda ocular. A evolução é curta, de no máximo uma semana. Na ausência de tratamento o estado do cão se agrava e evolui para o coma e depois a morte. Existe uma forma crônica que afeta principalmente os adultos, podendo seguir-se à forma aguda. A febre é menos pronunciada e às vezes ausente e na maioria das vezes o estado geral permanece bom. A anemia está sempre presente e é bem nítida. A evolução desta forma da piroplasmose é lenta e existem possibilidades de complicações. Esta forma pode evoluir durante várias semanas e resultar na morte do cão.

O diagnóstico baseia-se na observação da febre e da anemia. É necessário considerar as circunstâncias nas quais o cão vive. Um diagnóstico que permite identificar com certeza a presença de piroplasmose consiste em um exame microscópico de um pouco de sangue periférico, geralmente da orelha e depois procura-se a presença da Babesia nos glóbulos vermelhos. Nas formas crônicas da doença esta pesquisa é realmente difícil, visto que os parasitas são mais raros no sangue.
Existem tratamentos específicos da piroplasmose chamados piroplasmacidas. O mais utilizado é o imidocarbe. Às vezes é necessário realizar duas injeções com 48 horas de intervalo porque há risco de recaída. Além disso, a este tratamento específico pode ser associado um tratamento dos sintomas ligados à doença e mais particularmente da anemia (anti-anêmicos ou transfusão de sangue nos casos mais graves).

A prevenção é ainda o melhor meio de combate à doença. Ela consiste em uma destruição dos carrapatos o mais cedo possível, em associação a um tratamento anti-carrapaticida.

Existe uma vacina contra a piroplasmose, mas que apresenta uma duração máxima de seis meses. Além disso, ela só é eficaz em aproximadamente 70% dos casos e pode dificultar o diagnóstico, por exemplo no caso de uma piroplasmose crônica. O protocolo associado a esta vacinação é o seguinte: duas injeções com três semanas de intervalo. O cão deve ter sido submetido a um jejum de 12 horas e deve estar em boas condições de saúde.

A traqueobronquite infecciosa canina ou tosse do canil

Esta doença, designada pelo nome de tosse de canil, é uma infecção respiratória contagiosa, caracterizada por uma tosse que pode durar várias semanas. Esta síndrome se deve à ação de um conjunto de microrganismos (bactérias e vírus). É encontrada essencialmente nos grupos em que estão reunidos cães de diversas origens, mas às vezes também em animais isolados, como após uma exposição de cães, por exemplo. A principal bactéria responsável é a Bordetella bronchiseptica. Ela intervém com freqüência em paralelo a uma infecção viral. O estado geral do cão não se encontra debilitado: depois de aproximadamente três dias de incubação o animal apresenta tosse e um fluxo nasal de aspecto mais ou menos purulento. Vários vírus também podem ser responsáveis por uma parte dos sintomas. O vírus da Parainfluenza pode provocar uma ligeira inflamação da região rinofaríngea, bem como uma tosse de alguns dias. Este vírus é muito contagioso. A doença é transmitida aos cães presentes ao redor. Finalmente, micoplasmas podem potencializar a ação dos outros microrganismos, sem no entanto serem responsáveis pelo aparecimento dos sintomas quando agem isoladamente.
A forma clínica mais freqüente da tosse de canil é uma forma simples caracterizada por uma traqueobronquite. Esta se traduz por uma tosse seca, em ataques, não produtiva e persistente. Estes sintomas podem desaparecer em menos de uma semana ou persistir durante algumas semanas nas formas mais graves. Inflamações das conjuntivas, dos seios, das amígdalas e da faringe estão freqüentemente associadas a esta tosse, mas na maioria das vezes o estado geral do cão não é afetado.
Mais raramente, alguns cães cujas defesas imunológicas se encontram diminuídas, podem desenvolver uma forma mais grave da doença, que se traduz pelo aparecimento de uma pneumonia associada a uma infecção do estado geral (abatimento, anorexia e febre). A evolução é relativamente longa, de algumas semanas. O diagnóstico é mais facilmente realizado em um grupo de cães do que para um animal isolado. Pensa-se em um síndrome de tosse de canil quando se está na presença de uma tosse contagiosa, correspondente à descrição anterior. Neste caso, o diagnóstico labo-

ratorial pode ser utilizado com o objetivo de evidenciar os agentes responsáveis e assim poder adaptar o tratamento de forma ideal. Pode-se colher uma amostra de secreções nasais para a pesquisa de vírus e bactérias. Pelo contrário, quando se encontra um caso isolado, é necessário pesquisar a presença eventual de outras infecções que podem levar aos mesmos sintomas antes de concluir pelo diagnóstico da síndrome da tosse de canil. A utilização de exames laboratoriais tem apenas um interesse limitado para a concretização de um tratamento. O tratamento médico utiliza uma terapia por antibióticos sob a forma de aerossóis, a única eficaz. Se os sintomas do surgimento da infecção foram percebidos em menos de 48 horas pode-se cogitar a aplicação de soros específicos para combater os principais agentes responsáveis pelo síndrome. Para melhorar o conforto do cão também se utilizam antitussígenos. A implementação de medidas profiláticas diminui o risco do aparecimento deste síndroma. A organização dos locais desempenha um papel importante neste campo; os cães devem dispor de uma área externa e de um local cuja temperatura seja constante. Além disso, a limpeza dos locais com desinfetante deve ser facilmente realizada. As medidas de quarentena permitem controlar o estado de saúde dos animais que se deseja introduzir no grupo, e pode-se adotar medidas de vacinação. Existem várias vacinas, mas sua eficácia é relativamente variável.

A hepatite contagiosa canina

Também denominada hepatite de Rubarth, é uma doença infecciosa específica dos carnívoros causada por um vírus isolado em 1933 no cão. Esta doença atinge essencialmente o norte e o centro da Europa e os Estados Unidos. Ela afeta principalmente os animais de três a doze meses de idade, mas às vezes também os adultos.

O vírus responsável pela doença é denominado CAV 1: é um adenovírus canino do tipo 1. Ele pode resistir durante aproximadamente dez dias no meio ambiente, mas é destruído pelo calor e pelos raios ultravioleta. A doença pode existir em uma forma hiperaguda, aguda ou subaguda.

A primeira forma diz respeito aos filhotes: eles morrem em algumas horas sem sintomas particulares. A forma aguda compreende uma fase de invasão durante a qual o cão está apático e apresenta febre durante aproximadamente 48 horas; uma fase crítica durante a qual se nota o aparecimento de sintomas digestivos (diarréia, vômitos, gastroenterite, anorexia e aumento da sede), um aumento do tamanho de certos gânglios e sintomas oculares (conjuntivite e opacidade da córnea, que adquire um tom azulado). O cão cura-se geralmente em seis a dez dias. Mais raramente, a evolução da doença leva à morte do cão depois de uma fase de coma.

A forma subaguda traduz-se globalmente pelos mesmos sintomas, porém atenuados em relação à forma aguda. A cura ocorre em três a quatro semanas. Na maioria dos casos o prognóstico é favorável, exceto no caso da forma hiperaguda. No entanto, em alguns casos a opacidade da córnea pode persistir.

A contaminação pode ser obtida por simples contato entre um animal doente e um cão sadio ou por contato indireto, por intermédio de objetos contaminados ou pelos alimentos. A cadela que amamenta também pode transmitir o vírus aos seus filhotes, desencadeando a forma hiperaguda da doença. O vírus penetra principalmente por via digestiva ou acessoriamente por via aérea. Apenas o cão e a raposa são sensíveis a este vírus. Durante toda a duração da doença eles podem propagar o vírus no meio ambiente através do sangue e de todos os seus produtos de excreção. A urina pode ser responsável pelo contágio durante vários meses após a cura. No organismo o vírus se multiplica primeiramente nas amígdalas e em diversos gânglios e depois pode ou não se disseminar. O fato deste vírus poder permanecer localizado em certas regiões explica o grande número de formas não aparentes. Uma terceira fase consiste na multiplicação da partícula viral nos órgãos-alvo, que são o fígado, os rins, o tubo digestivo e o olho, responsáveis pelos sintomas anteriormente descritos.

Existem tratamentos para esta doença: um tratamento específico da hepatite de Rubarth consiste em uma soroterapia, que é eficaz quando administrada durante as primeira 48 horas de infeção. A segunda parte do tratamento visa suprimir os principais sintomas: vômitos, diarréia, opacidade da córnea. A profilaxia sanitária (não aplicada na França) consiste no isolamento de animais introduzidos num grupo, com pesquisa dos anticorpos dirigidos contra o vírus. Por outro lado, existem vacinas, preparadas a partir da cepa CAV 2, próxima da família CAV 1, mas que não é responsável por uma hepatite contagiosa.

A cinomose

Trata-se de uma doença muito contagiosa que afeta o cão e os carnívoros selvagens e é causada por um vírus da família dos Paramyxoviridae. Desde 1960, ou seja, desde a implementação de uma vacina contra esta doença, a cinomose é muito rara na França, apesar de ressurgir regularmente. Por outro lado no Brasil trata-se de uma doença endêmica. A cinomose (também conhecida como doença de Carré) ataca o cão em qualquer idade e a sensibilidade à infecção varia de um indivíduo a outro. Os cães se contaminam na maioria dos casos de forma direta, sendo que o vírus inalado atravessa as vias respiratórias. Depois da penetração do vírus no organismo, este se multiplica nas amígdalas e nos brônquios, disseminando-se a seguir por todo o organismo em aproximadamente oito dias. A partir desse momento, existem três modalidades de evolução. Na metade dos cães a resposta imunológica desenvolvida depois da infecção é suficiente e o vírus desaparece. Os animais se curam após terem apresentado alguns sintomas relativamente discretos. Entretanto, em outros animais a imunidade é deficiente e estes cães apresentam os sintomas característicos da doença. Finalmente, uma minoria parece curar-se mais está sujeita a sintomas nervosos após um mês.

A forma mais clássica do doença ocorre comosegue: a incubação dura de três a sete dias; durante esta fase, o cão não apresenta nenhuma manifestação da infeção. Depois o vírus se dissemina pelo organismo e observa-se uma hipertermia (40ºC), um escorrimento de líquido localizado nos olhos e no focinho e às vezes o aparecimento de pequenas pústulas no abdômen. Esta etapa, que dura dois a três dias, é seguida por uma fase durante a qual o cão parece voltar ao estado normal, exceto pela persistência de uma conjuntivite. Em seguida vem a fase crítica, durante a qual se observa o maior número de sintomas que evocam um ataque pelo vírus de Carré. A temperatura permanece elevada (aproximadamente 39,5ºC), as mucosas estão inflamadas, depois observa-se um escorrimento nasal e ocular, diarréia e uma inflamação traqueobronqueal que se traduz em tosse. O vírus pode se localizar em diferentes locais: quando ocorrem complicações devido à presença de bactérias, estaremos em presença de uma rinite e de uma conjuntivite, de uma broncopneumonia (que se traduz por tosse e dificuldades respiratórias), de uma gastroenterite (provocando diarréia e vômitos) e de uma queratite (inflamação da córnea) podendo ocorrer complicações pelo aparecimento de úlceras. Mais tarde, após a reação do sistema imunológico, o cão apresenta sintomas nervosos que evoluem segundo duas modalidades. Os sintomas podem aparecer rapidamente e observam-se então dificuldades de coordenação locomotora, paralisias, convulsões e contrações musculares involuntárias. Quando o aparecimento destes sintomas é mais demorado (até alguns meses), o cão também tem dificuldades em coordenar os seus movimentos e esta ataxia evolui progressivamente para a paralisia; além disso o cão apresenta contrações musculares involuntárias e perturbações da visão. Existem diferentes modos de evolução: o cão pode se curar sem seqüelas e sem ter passado pela fase crítica; ele pode se curar, porém com seqüelas da doença, que podem ser nervosas, respiratórias ou dentárias.

Existem formas diferentes da doença, que são chamadas de formas atípicas. Uma variação é conhecida como uma forma cutâneo-nervosa, que se traduz por um espessamento da trufa, e das almofadas plantares, escorrimento nasal e ocular e uma hipertermia persistente. A evolução é lenta: em algumas semanas surge uma encefalite que evolui para a morte. Existe também uma outra forma de encefalite que se instala progressivamente nos cães idosos.

O diagnóstico é baseado na reunião de pelo menos quatro dos seis critérios seguintes: escorrimento nasal e ocular, sintomas digestivos, sintomas respiratórios, sintomas nervosos, elevação persistente da temperatura e pouca idade do cão. Podem ser associados diagnósticos de laboratório ao diagnóstico clínico afim de o confirmar.

O contágio se faz diretamente por contato direto entre um animal sadio e um animal doente: geralmente o vírus é inalado. As secreções de todo o tipo contêm partículas virais. Existem tratamentos que devem ser considerados: um tratamento específico, que consiste na administração de doses significativas de soro e um tratamento que permite ao organismo combater as possíveis infeções suplementares, bem como os sintomas digestivos e respiratórios. O meio mais eficaz de proteger os cães contra esta doença infecciosa é a implementação de medidas profiláticas. Nos grupos é preferível colocar em quarentena os animais que se quer introduzir. Por outro lado existem vacinas que podem ser utilizadas a partir das 8 semanas de idade que visam imunizar os cães o mais cedo possível.

A raiva

Esta doença infecciosa, inoculável, é causada por um vírus da família dos Rhabdoviridae. Este vírus é sensível ao calor e inativado pela luz e pelos raios ultravioleta. Ele é conservado pelo frio. O vírus rábico possui uma afinidade muito acentuada pelos tecidos nervosos. A sua virulência depende da proteína G, molécula situada no envelope do vírus. Na maioria dos casos este vírus é inoculado no cão quando ocorre um traumatismo (mordida, arranhão) e se multiplica localmente. Depois de haver sofrido uma multiplicação no músculo, o vírus se difunde em todo o organismo e penetra nos nervos. Os sintomas que se seguem à infecção pelo vírus são de origem nervosa, levando sempre à morte do cão. Várias evoluções são possíveis após um contato com o vírus. Pode-se observar uma contaminação sem sintoma ou até mesmo, em casos muito raros, uma infecção que se traduz por sintomas, mas tendo como resultado a cura, com ou sem sequelas e finalmente, em praticamente 100% dos casos, uma infecção normal levando a uma evolução para a morte.

A evolução da raiva compreende várias fases: a incubação, com uma duração aproximada de quinze a sessenta dias, ao final da qual o cão excreta o vírus na sua saliva – em média durante três a dez dias; depois os sintomas aparecem e o cão acaba por morrer depois de um curto período de evolução (de dois a dez dias). Os sintomas podem ser divididos em duas categorias, chamados raiva furiosa e raiva paralítica.

Durante a primeira parte da evolução da doença, o cão apresenta simplesmente uma mudança de caráter. Ele se torna inquieto e em atividade incessante. Acaba por procurar lugares em que possa estar tranquilo; depois sucedem-se períodos de apatia e de excitação. O estado geral do cão deixa de parecer inquietador.
Depois a evolução prossegue com uma agitação intensa aparecendo simultaneamente as perturbações gerais, particularmente uma dificuldade na mastigação dos alimentos. O cão torna-se então furioso e ataca tudo em sua volta. Finalmente, instala-se progressivamente uma paralisia, evoluindo inexoravelmente para a morte em 4 a 5 dias, em média. Existe uma outra forma clínica, denominada raiva paralítica ou muda, porque os primeiros sintomas que podem ser observados são paralisias das mandíbulas. A primeira fase da evolução é quase unicamente constituída por tristeza. A paralisia que afeta a cabeça torna a nutrição espontânea impossível e o cão não tenta morder. Esta paralisia estende-se ao restante do organismo e leva à morte do cão em dois a três dias.
Os animais perigosos são aqueles que se encontram na última fase da incubação, quando o vírus é eliminado pela saliva, bem como os animais que mostram sinais clínicos da doença. Vários tecidos e órgãos representam fontes do vírus rábico. Alguns deles contêm o vírus que permanece no organismo, enquanto outros são responsáveis pela excreção do vírus sendo conseqüentemente perigosos para os outros cães. Trata-se principalmente da saliva; nela, a concentração em vírus é muito elevada, o que explica o perigo das mordidas para os outros animais. Os cadáveres dos animais mortos com raiva também são perigosos, uma vez que o vírus permanece muito mais tempo neles de que no meio ambiente ou do em objetos contaminados por um animal raivoso. O contágio está essencialmente associado à mordidas, mas nem todas elas são necessariamente contagiantes.
Na realidade, tudo depende da profundidade da mordida e da região afetada (as áreas anatômicas ricas em estruturas nervosas as são as mais perigosas). Existem outros modos de contaminação, embora a sua importância seja menor em relação àquela das mordidas. O contato com mucosas pode ser contaminante quando existem lesões pouco aparentes. Os objetos contaminados, nos quais o contato com a saliva de um animal raivoso tenha ocorrido há pouco tempo, também podem ser contagiosos. Além disso há alguns casos raros de contaminação pelo vírus rábico por inalação ou ingestão, bem como transmissões de uma fêmea gestante aos seus filhotes.

O diagnóstico clínico da raiva é muito difícil e apenas uma coleta realizada num cadáver permite estabelecer o caráter raivoso de um cão. Suspeita-se de raiva quando um cão altera seu comportamento ou quando ele apresenta um outro sintoma evocador; isto é válido particularmente para os locais onde a raiva ainda existe. O contexto de vida do cão também pode informar sobre uma maior ou menor probabilidade deste ter estado em contato com um animal raivoso (raposa, gato, outro cão). Não existe nenhum tratamento para a raiva, doença que continua sendo fatal na quase totalidade dos casos.
Foram implementadas medidas de profilaxia afim de evitar a contaminação dos cães e outros carnívoros domésticos. Estas consistem primeiramente em não permitir que animais provenientes de um país onde a raiva não é endêmica entrem em um território eventualmente infetados pelo vírus rábico. Estas medidas podem ir desde a proibição de entrada até a apresentação de um certificado de boa saúde, fazendo o cão passar pelo período de quarentena. Além disso, sabendo-se que os animais selvagens, em particular a raposa, são vetores da raiva, foram adotadas medidas de vacinação.
Além disso, medidas individuais visam evitar a contaminação de um cão por outro. Com este fim foram implementados sistemas de vigilância sanitária referentes aos cães suspeitos de raiva e aos cães que mordem. Foram definidas várias categorias legais. Primeiramente, há os animais sob suspeita clínica que apresentam sintomas de raiva. Também foram distinguidos os suspeitos que mordem: são os cães que morderam uma pessoa ou que morderam outro animal sem razão aparente, e isto numa região em que existe a raiva. Finalmente, existem os cães que mordem não suspeitos, que morderam sem razão aparente em área sem raiva. Os cães suspeitos são colocados sob vigilância num consultório veterinário pelo tempo necessário à confirmação do diagnóstico de raiva. Os animais que mordem são colocados sob vigilância dita "mordedor". Esta consiste num período de quinze dias durante o qual o cão será examinado três vezes pelo veterinário. A primeira consulta deve ocorrer nas 24 horas que se seguem à mordida; a segunda, no sétimo dia e a terceira no décimo quinto dia depois da mordida. Em cada uma destas consultas, o veterinário estabelece – sob reserva que o cão esteja em boa saúde – um certificado definindo que, no dia da consulta, o cão não apresenta nenhum sintoma evocador da raiva. Durante este período de vigilância é proibido realizar um reforço de vacinação anti-rábica. O cão está obviamente autorizado a ficar com o seu proprietário. No caso em que o cão apresente, a qualquer momento da vigilância "mordedor", sintomas evocadores da raiva, ele é imediatamente colocado sob vigilância do veterinário, como se faria com um cão suspeito. A vigilância "mordedor" é então interrompida.

Um cão que teria estado em contato com um animal declarado raivoso (depois de diagnóstico laboratorial), ou então que teria sido mordido ou arranhado por tal animal, deveria ser sacrificado no menor prazo possível, exceto se este cão contaminado for colocado sob vigilância "mordedor". É sempre possível obter uma derrogação para os cães tatuados e vacinados, com a condição de que sejam submetidos a um tratamento veterinário.
Afim de proteger um cão da melhor forma possível contra a raiva, é sempre melhor vaciná-lo. Existem diferentes tipos de vacinas. Há vacinas fabricadas a partir do vírus inativado ou ainda a partir do vírus vivo, que são as utilizadas com maior freqüência. A primeira vacinação só pode ser realizado se o cão tiver três meses completos de idade e se estiver em boa saúde. Em geral compreende apenas uma única administração. Os reforços posteriores são anuais.

Finalmente, não se deve esquecer de que a raiva é transmissível por mordida ou arranhão ao ser humano e que para ela também se trata de uma doença fatal na ausência de um tratamento médico adotado o mais precocemente possível.

A parvovirose

A parvovirose é uma doença contagiosa, surgida nos Estados Unidos e na Austrália em 1978 e que atualmente existe no mundo inteiro. É causada por um vírus da família dos Parvoviridae, muito resistente no meio ambiente. As espécies sensíveis são exclusivamente os Canídeos.
Em geral esta doença se traduz por uma gastro-

enterite hemorrágica. Depois de três ou quatro dias de incubação começa a fase crítica. Durante esta fase o cão está inicilamente prostrado e anoréxico. Surgem então vômitos que precedem o aparecimento da diarréia de aspeto hemorrágico. Depois de quatro a cinco dias de evolução, as fezes assumem um aspecto rosa-acinzentado, característico desta doença infecciosa.

A evolução pode ser hiperaguda, na qual o cão se desidrata de forma muito significativa e morre em dois ou três dias e aguda, com diminuição do volume sanguíneo ocasionada pela diarréia e os vômitos. Neste caso as infecções bacterianas suplementares levam o animal à morte em cinco a seis dias. Os animais que não morrem no quinto dia ficam curados.

A mortalidade mais significativa que se observa é a dos filhotes de pouca idade com seis a doze semanas, ou seja no momento em que a proteção conferida pelos anticorpos de origem materna desaparece. Existe também uma forma cardíaca, muito rara, que afeta exclusivamente os filhotes de 1 a 2 meses de idade que não receberam imunidade da sua mãe. Após um curto período de dificuldades respiratórias a doença evolui geralmente para a morte. Os filhotes que sobrevivem conservam seqüelas cardíacas. Finalmente, vários cães podem estar infectados sem apresentarem sintomas.

O contágio de um cão a outro pode ser direto, por contato entre os dois animais, ou indireto, por intermédio dos objetos contaminados pelas fezes de um animal contaminado. O vírus penetra por via oral ou nasal, depois se multiplica nos gânglios, antes de se disseminar pela circulação sangüínea entre o segundo e o quinto dia. Ele é eliminado nas fezes do quarto ao nono dia. Depois da disseminação do vírus por via sanguínea ocorre uma infecção intestinal devido à destruição das células do tubo digestivo após a multiplicação do vírus nestas.

O vírus é excretado em grande parte pelas matérias fecais e, secundariamente, pela urina e saliva. Os cães jovens e os idosos são os mais susceptíveis à infeção. O diagnóstico é praticamente impossível de ser estabelecido com segurança num animal isolado, mas é relativamente fácil num grupo. Neste caso, estamos em presença de uma doença muito contagiosa, que atinge cães de seis a doze semanas de idade, cuja mortalidade é de 50%. Além disso alguns animais apresentam uma gastroenterite hemorrágica e aqueles que conseguem ir além do quinto dia se curam rapidamente. Os exames de laboratório podem ser utilizados para confirmar o diagnóstico, seja evidenciando o vírus nas fezes ou através da identificação de anticorpos específicos desta doença no sangue (estando estes anticorpos presentes a partir do aparecimento da diarréia). É possível implementar um tratamento sintomático com a finalidade de fazer cessar os vômitos e a diarréia, reidratar o cão durante aproximadamente quatro dias e evitar as infecções bacterianas suplementares nas lesões ocasionadas pela multiplicação das partículas virais nas células do tubo digestivo.

Nas criações de cães, a implementação de uma profilaxia sanitária é fortemente aconselhável. Deve-se desinfetar os locais contaminados com água sanitária e colocar os animais introduzidos no grupo em quarentena (o interesse desta medida é limitado pela grande resistência do vírus no meio ambiente, particularmente na pelagem). Além disso, existem vacinas que protegem os filhotes contra a parvovirose a partir de oito semanas de idade

As vacinações

As vacinações permitem evitar a ocorrência de doenças infecto-contagiosas fatais. Algumas são obrigatórias. Só podem ser eficazes se forem feitas em tempos certos, ou seja, respeitando um calendário preciso.

Imunidade do cão

O filhote recebe uma primeira imunidade da mãe: são os anticorpos presentes no colostro. Estes são transmitidos pelo leite durante as primeiras horas de vida do filhote (24 horas no máximo) e caso a mãe possua uma boa imunidade. Esses anticorpos desaparecem entre a quarta e a quinta semana. Então, o filhote já não está protegido na ausência de medidas de vacinação. Além disso, deve-se saber que o sistema imnunológico do cão não está inteiramente formado ao nascimento e só estará maduro pela sexta semana. Nas primeiras semanas de vida o filhote só pode combater as infecções através dos anticorpos fornecidos pela mãe.

Ao vacinar o cão pela primeira vez deve-se tomar cuidado para não interferir com os anticorpos maternos, fenômeno que pode persistir até às 10 a 12 semanas de idade. Portanto pode-se começar a implementar protocolos de vacinação a partir das 8 a 10 semanas de idade.

É preferível que o cão seja vacinado contra todas as doenças infecciosas que poderiam lhe ser fatais. Além da vacinação anti-rábica, legalmente obrigatória, o filhote deve ser vacinado contra: cinomose, hepatite contagiosa, leptospirose e parvovirose.

Os diferentes tipos de vacinas

A administração de uma vacina a um cão baseia-se na inoculação a este animal de microrganismos patogênicos para ele ou de frações destes, de forma tal que ele possa produzir uma imunidade contra esses vírus ou bactérias.

Algumas vacinas são ditas "de agentes vivos", o que significa que os microrganismos ainda podem se multiplicar no organismo do cão, sem no entanto possuírem caráter patogênico. Dentre estas distinguem-se:

• As vacinas de agentes atenuados. Tratam-se de microrganismos – vírus ou bactérias – cujo poder patogênico está diminuído após mutações obtidas para os vírus por meio de passagens sucessivas em cultivos de células pertencentes a animais de outras espécies (galinha, porco-da-índia). A capacidade do vírus em provocar uma reação no cão é então atenuada progressivamente. No que diz respeito às bactérias são utilizados outros procedimentos visando obter esses mesmos efeitos.

As vacinas são ditas homólogas se a fonte com a qual se pratica a vacinação é a mesma que aquela que é responsável pela doença. São denominadas heterólogas quando se utiliza um microrganismo diferente, menos virulento do que o primeiro, mais próximo do agente patogênico selvagem.

• Outras vacinas, cujos agentes patogênicos foram modificados geneticamente, de forma que perderam a sua virulência.

Também existem vacinas com agentes inertes incapazes de se multiplicar no hospedeiro. São elas:

• Vacinas com agentes inativados, nas quais o agente patogênico foi morto por ações químicas.

• Vacinas sub-unitárias, que contêm unicamente a parte do microrganismo responsável pelo aparecimento da doença.

Estas vacinas de agentes inativados possuem uma maior inocuidade do que as vacinas vivas, mas uma eficácia menor. Por este motivo, são frequentemente associadas a um adjuvante com a função de prolongar o contato com o organismo. No caso da vacina anti-rábica, a presença de uma adjuvante dispensa uma segunda injeção após a primeira vacinação.

A fim de evitar a aplicação de muitas injeções, utilizam-se com freqüência várias valências, ou seja o cão é vacinado contra várias doenças infecciosas ao mesmo tempo. No entanto é necessário tomar o cuidado de não misturar vacinas provenientes de diferentes fabricantes.

A raiva

A raiva é uma doença fatal, causada por um vírus e é transmitida pelo contato com um animal portador deste rabdovírus. A vacina anti-rábica mais freqüentemente utilizada contém o rabdovírus inativado. A primeira vacinação é realizada em animais de pelo menos três meses de idade, numa única injeção para as vacinas com adjuvantes. Os reforços ulteriores são anuais.

A cinomose

É causada por um vírus que afeta os cães qualquer que seja a sua idade. A mortalidade é de 50% e a metade daqueles que sobrevivem guardam seqüelas nervosas graves.

A vacina é constituída de vírus vivo atenuado e que portanto já não é patogênico. São realizadas duas injeções em um intervalo de um mês, sendo a primeira por volta das 8 semanas de idade. Se o filhote tiver mais de três meses, é necessária uma única injeção. Os reforços ulteriores devem ser feitos um ano após a primeira vacinação e em seguida a cada dois anos.

A hepatite contagiosa

Devido a um vírus da família dos Adenovírus (família CAV1), a hepatite de Rubarth diz respeito principalmente aos animais jovens entre os 3 e os 12 meses de idade. Os filhotes podem ser vacinados a partir da 8ª semana, com uma vacina contendo uma família próxima da família patogênica, atenuada (CAV2), em duas injeções a um mês de intervalo. Uma única injeção é necessária se o cão tiver mais de três meses. Depois, o cão recebe uma injeção de reforço no primeiro ano e em seguida uma injeção a cada dois anos.

A parvovirose

As vacinas contra a parvovirose contêm o vírus responsável por esta doença, mas sob a forma atenuada. Os filhotes com menos de 3 meses de idade recebem duas injeções: uma com 6-8 semanas, a outra com 12 semanas de idade. Após a idade de 3 meses a primeira vacinação é feita em uma única injeção. O primeiro reforço deve ser feito um ano depois da primeira vacinação e em seguida a cada dois anos. Os reprodutores dos canis contaminados são vacinados todos os anos.

A leptospirose

Ao contrário das doenças infecciosas anteriores, esta – também chamada tifo do cão , é causada por bactérias do gênero Lepstospira.

A destruição dos roedores e a limpeza com desinfetante dos locais constitui uma ajuda preciosa na erradicação da doença. Os cães também podem ser vacinados com antígenos inativados das leptospiras responsáveis pela infeção. Eles recebem duas injeções com 3 ou 5 semanas de intervalo e isto a partir das 7 semanas de idade. O reforço geralmente é anual, exceto nas regiões em que a doença existe, sendo neste caso realizada duas vezes por ano.

As outras vacinas

Para o conforto do cão e quando existem riscos realmente grandes pode-se considerar a vacinação contra o tétano, a piroplasmose e a tosse do canil.

• Tétano. A toxina tetânica, secretada pelo bacilo tetânico, age sobre os centros nervosos. É secretada no local de entrada da bactéria, geralmente uma ferida minúscula. O tétano é caracterizado por contrações musculares involuntárias que se estendem progressivamente por todo o corpo do animal. Vacinam-se essencialmente os cães de trabalho ou aqueles que freqüentam locais onde podem se ferir com facilidade (ruínas, obras). Não existe vacina contra o tétano específica para o cão; utiliza-se então a vacina destinada aos cavalos, que contêm a toxina tetânica purificada. A primeira vacinação é realizada em duas injeções com intervalos de duas semanas. Os reforços devem ser feitos um ano mais tarde, depois a cada três anos e em caso de um traumatismo.

• Piroplasmose ou babesiose. Os cães que passeiam freqüentemente pela floresta ou que freqüentam lugares onde há muitos carrapatos estão muito expostos a esta doença. A atividade máxima dos carrapatos ocorre na Primavera e no Outono. Os cães podem ser vacinados com uma vacina contendo proteínas parasitárias, cuja atividade é de aproximadamente seis meses. A primeira vacinação é realizada em duas injeções com três a quatro semanas de intervalo, com um reforço a cada seis meses (de preferência no Verão e no Inverno).

• Tosse de canil. A vacinação é realizada em animais que vivem em canil ou que freqüentam exposições. A quarentena antes de introduzir um novo animal em uma coletividade previne eventuais contágios.

Existem diferentes tipos de vacinas no mercado: vacinas compostas por vírus e bactérias inativadas (Parainfluenza, Bordetella bronchiseptica), injetáveis, mas de eficácia aleatória. A primeira vacinação é realizada em duas injeções com 3 semanas de intervalo e depois o reforço é anual. Um outro protocolo, mais recente, parece dar melhores resultados: trata-se de uma vacina viva atenuada, administrada por via intra-nasal.

O PLANEJAMENTO DE VACINAÇÃO DO CÃO

Primeiras vacinações

Entre 7 e 9 semanas	Cinomose, hepatite contagiosa, parvovirose [vacinação 1]
Entre 11 e 13 semanas	Cinomose, hepatite contagiosa, parvovirose [vacinação 2]
	Leptospirose [vacinação 1]
	Raiva [vacinação 1]
Entre 15 e 17 semanas	Leptospirose [vacinação 2]

Reforços

Raiva: obrigatoriamente anual
Leptospirose: obrigatoriamente anual ou até mesmo semestral em áreas de risco
Cinomose, hepatite contagiosa, parvovirose: um ano depois da primeira vacinação, depois a cada dois anos.

Outras vacinações possíveis

Tosse de canil: duas vacinações e depois reforço anual.
Piroplasmose: 2 vacinações e depois reforço anual.

PORQUE E COMO VACINAR?

VACINAÇÃO CONTRA A PIROPLASMOSE:

Resposta às perguntas mais freqüentes

- Existem precauções especiais a serem tomadas antes da vacinação?

É importante que o cão a ser vacinado esteja na melhor forma física possível e que não tenha feito uma grande refeição nas doze horas que precedem a injeção. O veterinário também deve ser informado no caso do cão ter tido algum problema nos meses precedentes à vacinação.
A vacinação é um ato médico que deve ser realizado em animais em boa saúde. Portanto é preciso realizar um exame médico aprofundado. Serão pesquisados especialmente os seguintes critérios: hipertermia, anorexia, abatimento, anemia. Caso necessário, um esfregaço sanguíneo permitirá verificar a ausência do início de uma babesiose.

- A vacinação é eficaz?

Não existe vacina capaz de proteger 100% dos indivíduos. Com efeito, alguns são incapazes de produzir um nível suficiente de anticorpos por razões muito diversas (idade, estado de saúde, doenças infecciosas interferentes, estado fisiológico, origem, alguns tratamentos, piroplasmose recidivante, etc.).
Embora não seja contra-indicada, a vacinação destes cães contra a piroplasmose é desaconselhável.

- A partir de que período depois da vacinação pode-se considerar que o cão está protegido?

Como a primeira vacinação requer duas injeções, a proteção só ocorre nos dias que se seguem à segunda injeção. Entre as duas injeções o animal permanece inteiramente receptivo à doença. Portanto ele deve ser vigiado com mais cuidado durante este período.

- A partir de que idade pode-se realizar a vacinação?

Os filhotes com menos de 3 meses de idade não podem ser vacinados corretamente em razão da sua imaturidade imunológica em relação à babesiose. Esta maturidade imunológica está situada por volta do quinto mês.

- Como é feita a vacinação?

A primeira vacinação requer duas injeções por via subcutânea com 3 a 4 semanas de intervalo. Este intervalo nunca deve ser inferior a 15 dias nem superior a 6 semanas. Depois disso os reforços são realizados anualmente.

- Existe um período do ano mais favorável à vacinação?

A existência da piroplasmose canina está associada à biologia do artrópode vetor, o carrapato. Classicamente, os carrapatos são menos ativos durante os invernos frios e secos do que durante o Verão. Mas, em determinadas regiões e conforme o clima do local, podem ser observados casos de babesiose canina durante todos os meses do ano. O seu veterinário, que conhece bem a epidemiologia regional da doença, poderá lhe aconselhar de forma útil sobre este assunto.

- Existem conseqüências adversas da vacinação?

Em casos raros, pode ser observada uma fadiga passageira (24 horas) e eventualmente o aparecimento de um pequeno edema no ponto de injeção que desaparece em alguns dias. Na grande maioria dos casos, a injeção vacinal é perfeitamente bem tolerada pelo cão.
Contudo, é recomendado deixar o cão em descanso durante as 24 horas que se seguem à vacinação e evitar maiores esforços (dia de caça, longos passeios, adestramento, etc.).

- A vacina de piroplasmose pode provocar a doença no meu cão?

Isto é totalmente impossível visto que se trata de uma vacina morta fabricada a partir de proteínas da membrana do parasita. Mas pode acontecer que no momento da injeção o cão esteja em período de incubação da piroplasmose e que a doença se manifeste nos dias seguintes. É por isso que o seu veterinário irá realizar um exame clínico detalhado para evitar essa possibilidade.

- Posso vacinar o meu cão no mesmo dia contra a babesiose e as outras doenças?

Atualmente é possível vacinar contra a raiva e contra a leptospirose ao mesmo tempo do que contra a piroplasmose.

- O meu cão já teve várias piroplasmoses. Posso vaciná-lo?

Embora não seja contra-indicada, a vacinação desses cães não é recomendada. Com efeito, esses animais parecem incapazes de se proteger contra essa doença.

- O meu cão acaba de ter babesiose. Quando é que o posso vaciná-lo?

É preciso esperar oito semanas após o tratamento antes de proceder à primeira vacinação.

(Direção científica, Laboratoires Merial)

VACINAÇÃO ANTIRÁBICA

A primeira vacinação deve incluir duas injeções para as vacinas contendo a valência Rabiff (Leptorab, Pentadog, Rabiffa) separadas por um intervalo de no mínimo 15 dias e no máximo 30 dias ou uma única injeção com Rabisin, Hexadog ou Leptorabisin a partir dos 3 meses de idade.

Para ser válida, a dose de reforço (Rabiffa ou Rabisin) deve ser realizada menos de um ano depois da primeira injeção ou da injeção de reforço precedente.

Após este prazo, a nova vacinação deve ser considerada como se fosse novamente feita pela primeira vez.
(Para ser válido, o certificado deve estar assinado pelo veterinário).

PRIMEIRA VACINAÇÃO CONTRA CINOMOSE, HEPATITE CONTAGIOSA (ADENOVÍRUS TIPO 2) E PARVOVIROSE

1ª vacinação:
entre 7 e 9 semanas de idade.

2ª vacinação:
entre 11 e 13 semanas de idade.

PRIMEIRA VACINAÇÃO CONTRA AS LEPTOSPIROSES

Duas doses com um mês de intervalo. A primeira dose pode ser realizada por volta da sétima semana de idade no caso de um ambiente contaminado e por volta da 10ª ou 12ª semana num ambiente sadio.

REFORÇOS DE VACINAÇÃO

O primeiro reforço contra a cinomose, a hepatite e a parvovirose deve ser realizado um ano após a primeira vacinação.

Em seguida os reforços serão feitos a cada dois anos.

Atualmente a legislação obriga um reforço anual contra a raiva. A proteção contra as leptospiroses também implica em um reforço anual ou até mesmo semestral nas áreas especialmente infectadas.

A associação de vacinas facilita muito a prática dos reforços anuais.

RECOMENDAÇÕES IMPORTANTES

1º. É preferível não vacinar os cães em más condições de saúde, especialmente aqueles que estejam fortemente infestados por ectoparasitas ou endoparasitas. Neste caso é preferível tratar o cão contra os parasitas.

2ª Se o calendário não pôde ser seguido desde a 7ª ou 9ª semana, ele deverá ser retomado na sua totalidade o mais rapidamente possível, qualquer que seja a idade do cão, com o mesmo ritmo de espaçamento das vacinações.

As doenças do cão

As principais afecções do cão

As afecções descritas a seguir constituem, essencialmente, a pele e o sistema piloso, o coração e a circulação sangüínea, a respiração e os pulmões, os olhos e a visão e tudo que se refere ao aparelho locomotor.

Segundo raça e tamanho do cão, idade e função, ele pode apresentar diferentes traumatismos ou afecções. As informações dadas neste capítulo permitem ao dono apreender melhor o diagnóstico dos veterinários e acompanhar melhor a saúde do animal

As afecções da pele

Alergias cutâneas

São os fenômenos de hipersensibilidade cutânea que aparecem nos animais previamente sensibilizados.O alérgeno pode penetrar no organismo através de quatro vias: inalação (podendo provocar uma atopia urticária), ingestão (levando a uma alergia alimentar, medicamentosa, urticária), via percutânea (provocando uma alergia de contato) ou por via parenteral (como o caso das dermatites causadas pela alergia à picada de pulgas – daap - , das injeções de medicamentos ou da urticária).

Alopécias

São definidas como sendo uma perda anormal de pêlos que deixam transparecer a pele. Podem ser: locais, regionais, gerais, bilaterais e simétricas, não simétricas. Existem vários tipos de alopécia, de acordo com a origem:

• **Alopécias reversíveis** - Podem ser: de origem endócrina não ligada ao sexo (hipotireoidismo, síndrome de cushing, síndrome de cushing iatrogênico, nanismo hipofisário), ligada ao sexo (disendócrino de origem ovariana ou testicular: sertolinone, síndrome que afeminimiza os machos) ; devidos a uma infecção bacteriana (piodermite) e fúngica ; resultado de afecções parasitárias: sarna (sarcóptica), demodécica, queileitielose, trombiculose, pulicose , dapp, leishmaniose ; ou de origem não muito conhecida: acantose pigmentar, seborréias, dermatites piotraumáticas.

• **Alopécias irreversíveis** -Podem ser hereditárias: Alopécia congênita do cão, alopécia dos mutantes de cor (doberman, setter, chow-chow) ; ligadas a um processo necrosante: agente físico e químico, piodermite profunda, micose profunda, lúpus eritematoso disseminado ou disciforme, doença de lyell ; de tipo neoplásico.

Astenia cutânea

Trata-se de uma doença hereditária caracterizada por uma distensão da pele que se enruga rompendo-se facilmente.
- **Sintomas:** rompimento da pele causando grandes feridas abertas e hematomas hipodérmicos nos traumatismos. É possível curar após alguns pontos de sutura, caso contrário se formará uma cicatriz.
- Tratamento: incurável. Épreciso evitar feridas e acidentes.

Acantose pigmentar canina

É uma afecção crônica, de forma peculiar da melanodermia que provoca hiperpigmentação, espessamento e liquenificação muitas vezes associada a uma alopécia na região axilar, nas patas, nos flancos e no peito. Existe principalmente no teckel.
- **Sintomas:** aparecimento, aos 6 meses, de manchas marrons nas duas axilas, passando, em seguida, a preta, a pele fica mais espessa e coberta por uma camada de seborréia (odor nauseabundo) nas patas, no peito, nos flancos, no pescoço, no nível das pregas acarretando um cheiro desagradável. A obesidade é um fator agravante.

- tratamento: uma alimentação correta permite lutar contra a obesidade assim como um exercício adaptado. Uma boa higiene é necessária para diminuir a seborréia. Um veterinário deve ser consultado também: ele irá providenciar um tratamento médico.

Calosidades

São placas de hiperqueratose (redondas ou ovais) que se desenvolvem na pele ao nível dos pontos de apoio.
- Sintomas: lesão com rachaduras, acinzentada, alopécica. Principalmente no cotovelo e na ponta do tornozelo. Nos teckels, Pinschers, Dobermans e Pointers, existem também na região esternal. São principalmente as grandes raças que estão expostas se o cão dorme sobre um solo duro.
- Tratamento: cirúrgico quando as lesões são volumosas ou infectadas.

Dermatoses nutricionais

Muito raras na França, provêm de uma carência em ácidos graxos essenciais, e proteínas, em determinados minerais (zinco, cobre) ou em vitamina A (carência ou excesso), B e E. A carência em ácidos graxos existe às vezes nos animais domésticos alimentados exclusivamente com latas mal conservadas. A rancificação destrói os ácidos graxos, as vitaminas D e E e a biotina. Observam-se os mesmos sintomas nos animais que têm uma má absorção intestinal, uma insuficiência pancreática ou uma hepatite crônica.
- Sintomas: no início, o pêlo é baço e seco, a pela se espessa e aparecem escamas. Ocorre então depois uma seborréia (pêlo gorduroso) levando a uma piodermite. Aparecem principalmente nos espaços interdigitais.
-Tratamento: um fornecimento de gorduras de origem vegetal ou animal de forma não excessiva para evitar a obesidade. Uma melhoria é visível em um ou dois meses.

Dermatite atópica do cão

Trata-se de uma dermite pruriginosa alérgica, de predisposição hereditária, devida a alérgenos inalados (pólen, poeiras, escamas). Manifesta-se em animais de 1 a 3 anos de idade nas raças Terriers, Dálmatas, Setter irlandês, Pequineses. Apresenta um caráter sazonal.
- Sintomas: prurido significativo e eritema acompanhados de pápulas, complicadas por crostas e alopécia. São freqüentemente atingidos: a face, o ânus, os espaços interdigitais e os membros.
- Tratamento: difícil. Pode-se tentar uma hiposensibilização, mas é demorada (aproximadamente dois anos).

Dermatite de contato

É uma reação inflamatória do pêlo ao contato direto com uma substância irritante (sabão, detergente, solo, inseticidas, ácidos, alcatrão, gasolina) ou alergisante depois de contatos repetidos, ocorre o aparecimento local de uma dermatite nas regiões de contato. Ex: vegetais, lã, tapetes sintéticos, plástico, coleira inseticida, cobertores,).
- Sintomas: de início, eritema com pápulas e prurido podendo levar a lesões supuradas.
- Tratamento: pesquisa da substância em causa e sua eliminação no habitat do cão.

Dermatite de lambida das extremidades

Lambedura da face anterior de uma pata na parte baixa devido ao tédio. É típica das grandes raças, muito ativas, que ficam sós durante o dia.
- Sintomas: de início alopécia, depois ulceração com formação de uma placa nodular característica.
-Tratamento: principalmente psicológico.

Demodiciose canina

É uma dermatose parasitária mais ou menos inflamatória provocada pela infecção dos folículos pilosos por um ácaro microscópico com a forma de verme (Demodex canis).
- Sintomas: alopécia circunscrita ou difusa e escamação significativa com possibilidade de infecções bacterianas oportunistas (piodemodécia). Atinge preferencialmente os cães jovens porque ocorre contaminação durante os primeiros meses de vida (contato filhotes-mãe) durante o aleitamento. Muitos filhotes são portadores (aproximadamente 85 %) mas apenas alguns desenvolvem uma demodécica. Doença freqüentemente entre os 3 e os 12 meses de idade. A umidade da pele e as más condições de criação favorecem o aparecimento da demodécia.

• **Demodécica seca**
- Forma localizada: lesões numulares, circunscritas em pequeno número freqüentemente na face (em volta dos olhos: óculos) e os membros.
- Forma disseminada: o prognóstico é menos favorável. Depilações irregulares mais ou menos ovais, queda dos pêlos incompleta, depois irregularidade da pele aumentam a seborréia, que provoca um nauseabundo.
- Tratamento: longo, por Amitraz administrado pelo veterinário.

• Piodemodécica. Infecção bacteriana.
A epiderme apresenta hiperqueratose com a presença de crostas na pele gordurosa. O cão emagrece. A morte pode ocorrer em algumas semanas se não houver tratamento.

Dermite por alergia às picadas de pulgas (DAPP)

É provocada pela presença de pulgas na pelagem e cuja picada leva a uma hipersensibilização do tegumento do animal à saliva do inseto. As regiões do pescoço, dorso-lombar, abdominal e a cauda são atingidas preferencialmente.
- Sintomas: principalmente um prurido intenso e contínuo. Inicialmente, ocorre aparecimento de um eritema difuso, depois, prurido, aparecimento de crostas e exsudação cutânea e depilações mais ou menos amplas nas regiões atingidas.
- Forma aguda de aparecimento mais ou menos sazonal.
- Forma crônica depois de vários meses de evolução caracterizada por um espessamento da pele mais ou menos pregueada e uma diminuição do prurido.
- Tratamento: supressão das pulgas nos animais e tratamento indispensável do ambiente do cão.

Dermatite solar

Manifesta-se por uma dermite nasal por radiação solar intensa principalmente no focinho e no canal nasal. As raças predispostas são os Collies, os Shetland e os seus cruzamentos.
- Sintomas: nas regiões desprovidas de uma pigmentação suficiente (desde o nascimento), desenvolvimento de um eritema com alopécia em crostas e ulcerativa. Aparecimento das lesões quando a insolação é muito forte. Se colocar à sombra basta, são substituídas por epitélio rosa frágil desprovido de pêlos.
- Tratamento: o cão deve ficar na sombra entre às 10 e às 16 horas. Aplicação de um filtro total, ou até de uma tatuagem para pigmentar a pele.

Sarna sarcóptica

É uma dermatose parasitária muito contagiosa para o homem e pruriginosa.
- Sintomas: pele com vermelhidão puntiforme nos membros e nas partes inferiores do corpo, pescoço, axilas e orelhas. Lesões na borda das orelhas e na ponta do cotovelo são as mais precoces. Prurido (coçar) intenso levando a uma alopécia e uma difusão das lesões com crostas cobrindo as úlceras.
- Tratamento: isolamento e tratamento anti-parasitário.
- No homem: pequenas pápulas vermelhas como picadas nos braços, na cintura. Prurido muito intenso à noite (calor da cama).

Ictiose

- Sintomas: nenhuma predisposição particular, aparecimento brutal de sinais gerais e cutâneos (febre, anorexia, abatimento). A pele está coberta de lesões vesiculares e bulbosas dando úlceras. Atinge freqüentemente a mucosa bucal, junções cutâneo-mucosas, almofadas plantares. As lesões são dolorosas mas não pruriginosas. A etiologia é pouco precisa.
- Tratamento: procurar a causa. A doença parece uma queimadura grande de segundo grau. Prognóstico reservado.

Doença auto-imune de expressão cutânea

Relativamente raras, correspondem à imunização de um organismo contra os seus próprios "componentes".
• **Doença bulbosa:** os anticorpos são dirigidos especificamente contra as células da pele. Raras, as lesões erosivas e ulcerativas interessam principalmente as mucosas, as junções cutâneo-mucosas e a pele.
• **Doença não bulbosa:** os anticorpos são dirigidos contra os elementos do núcleo de qualquer célula, especialmente da pele. O lúpus discóide faz parte. É a mais freqüente das doenças auto-imunes de expressão cutânea. Só diz respeito à face, com ocorrências simétricas no canal nasal, regiões periorbitais e orelhas.
- Sintomas: despigmentação, eritema, alopécia e crostas. Doença fotosensível.
- Tratamento: longo, com produtos muito ativos com efeitos secundários importantes.

Ptiriose

Trata-se da infestação por piolhos que são malófagos. O piolho é um parasita permanente de hospedeiro específico. Exerce uma ação muito irritante provocando uma dermite pruriginosa com escamas. As lêndeas coladas à base dos pêlos são muito visíveis.
- Sintomas: principalmente na cabeça (orelhas) e no pescoço. As raças mais receptivas são aquelas de pêlo comprido (Cocker, Spaniels). Os filhotes são os mais sensíveis.
- Tratamento: com um inseticida específico.

Prurido "sine matera"

É uma neurodermatose, ou seja uma dermatose pruriginosa sem lesão cutânea específica.
- Sintomas: o prurido é o único sintoma aparente, frequentemente violento, generalizado ou localizado. É encontrado em cães hipernervosos (raças anãs, terriers) e conforme determinadas condições de vida (instabilidade, confinamento, tédio).
- Tratamento: antipruriginosos e sedação por tranquilizantes.

Pseudo-sarnas

• **Queileitielose:** dermite muito pruriginosa devida a um ácaro microscópico.
- Sintomas: escamação muito significativa na região superior dorso-lombar. Prurido intenso e incessante. Reflexo otopodal positivo (o animal mexe a sua pata anterior quando se lhe coça a orelha). Depilações nas áreas em que se coça. Muito contagiosa num canil, transmissível ao homem (prurido com pápulas nos braços e no tronco).
- Tratamento: utilização de um acaricida.

• **Trombiculose:**
Provocada por larvas de um ácaro microscópico chamado trombídio. Localizada na cabeça e nas extremidades dos membros.
- Sintomas: volume de aspecto poeirento, cor laranja (açafrão). Irritação da pele: dermite muito pruriginosa.
- Tratamento: acaricida.

Seborréia

Manifesta-se sob a forma de uma afecção cutânea caracterizada por uma produção anormal de sebo pelas glândulas sebáceas dos folículos pilosos e escamação exagerada. É muitas vezes secundária a uma dermatose (demodécia, sarna). Pode ser primária nos Cockers, Spaniels, Terriers ingleses, Pastores alemães. Existe freqüentemente um desequilíbrio hormonal (freqüentemente genital na fêmea) que é a causa determinante.
- Sintomas: aspecto gorduroso e escamoso da pele. Odor nauseabundo característico. Prurido ausente a moderado. Evolução freqüentemente crônica podendo se complicar por uma infecção bacteriana ou parasitária.
- Tratamento: depende da causa e deve ser específico a esta.

Tinhas

São micoses (desenvolvimento de um fungo) cutâneas da pela e das falanges.
- Sintomas: depilações localizadas regulares ou difusas. Eritema e escamação mais ou menos intensas. Ausência de prurido, não afeta o estado geral do cão mas é muito contagiosa para o cão e o homem. O contágio se faz de um animal a outro ou pelo solo.
• **Tinha seca**
Freqüentemente localizada: tinha abundante. As lesões de alopécia são bem regulares (ao acaso). O tegumento está eritematoso principalmente na periferia que se cobre de escamas acinzentadas dando um aspecto poeirento. Lesões em todo o corpo e nas regiões superiores e anteriores.

• **Tinha supurada**
Forma localizada ou difusa.
- Tratamento: higiene com tratamento local e generalizado específicos e muito demorados.

Urticária

É uma dermatose alérgica depois da ingestão ou injeção de uma substância alergizante localizada principalmente na cabeça, o pescoço, os membros, a linha superior. Mais freqüente nos cães jovens.
- Sintomas: edema cutâneo provocando um inchaço muito visível nos animais de pêlos curtos.
- Tratamento: o de uma alergia.

As afecções cardíacas

Excluindo-se as más-formações congênitas, as afecções cardíacas afetam mais os animais idosos. O seu agravamento pode ser uma causa de mortalidade significativa. Apenas a principais afecções serão aqui desenvolvidas.

A cardiomiopatia dilatada

As cardiomiopatias dizem respeito às afecções do miocárdio (músculo cardíaco) e são freqüentemente de origem desconhecida. A cardiomiopatia dilatada é caracterizada por uma dilatação dos ventrículos, agravada por uma diminuição das capacidades contráteis do coração que levam a uma falha na ejeção do sangue. Encontra-se principalmente nos cães adultos de grande porte, especialmente nas raças Doberman, Boxer e Cocker.
- Principais sintomas: de surgimento rápido nos cães relativamente jovens (aproximadamente 5 anos), pode ser suspeitada quando há aparecimento de uma tosse principalmente noturna cada vez mais forte, dificuldades respiratórias (aumento da freqüência respiratória, discordância: não sincronismo dos movimentos respiratórios torácicos e abdominais), uma cianose (a língua fica azul) e um emagrecimento.
- O que fazer? Todos estes sinais são graves e é imperativo consultar um veterinário. Enquanto isso, é absolutamente necessário deixar o cão em repouso e calmo; privilegiar as saídas com trela sem o deixar correr.

A insuficiência mitral

Faz parte das insuficiências cardíacas que dizem respeito ao coração esquerdo. A insuficiência cardíaca se define como uma diminuição da função de bombeamento do coração provocando o aparecimento de efeitos secundários graves. Quando ocorre insuficiência mitral, é a válvula mitral entre a aurícula e o ventrículo esquerdo que se encontra lesada.
- Principais sintomas: o refluxo de sangue na aurícula esquerda provoca a criação de um edema pulmonar. Conforme a sua importância, este se caracteriza por uma tosse principalmente noturna cada vez mais forte, dificuldades respiratórias visíveis durante o esforço e depois espontaneamente, crises significativas de asfixia significando um edema pulmonar agudo, uma cianose durante o esforço e, no pior dos casos, uma síncope.
- O que fazer? Conforme a gravidade, os exercícios do cão deverão ser encurtados ou limitadas para fins de higiene. Se esta afecção é diagnosticada desde o início o tratamento instaurado pelo veterinário pode retardar o agravamento dos sintomas.

As afecções respiratórias

A broncopneumonia

É uma inflamação purulenta dos bronquíolos e dos alvéolos pulmonares adjacentes. Leva à produção de toxinas e a uma impossibilidade de drenagem pelos bronquíolos que são destruídos.

- **Principais sintomas:** dificuldades respiratórias com aumento da freqüência respiratória; sopro labial (os beiços se levantam quando o cão expira); pequena tosse curta, dolorosa e violenta, febre com hipertermia irregular e abatimento marcado eventualmente afecção cardíaca.
- **O que fazer?** O estado geral do cão necessita uma consulta ao veterinário. É melhor evitar as atmosferas secas e as mudanças bruscas de temperatura que agravam as dificuldades respiratórias. Da mesma forma, seria melhor fracionar a alimentação do cão, ou seja aumentar o número de refeições diminuindo as quantidades. Isto permitirá melhorar o estado geral. Se o cão fica muito tempo deitado, é preciso virá-lo de vez em quando para evitar a estagnação dos líquidos no mesmo lado nos pulmões.

A paralisia da laringe

É uma diminuição da luz da laringe provocando dificuldades respiratórias e uma respiração barulhenta. A intensidade dos sintomas varia conforme a paralisia atinge um lado da laringe (cão de guarda preso, cirurgia) ou os dois (Bouviers, Bull-Terriers, animais idosos braquicéfalos, origem neurológica).
- **O que fazer?** Apenas uma intervenção cirúrgica dá resultados em alguns casos.

As afecções oculares

O olho pode ser atingido seja por taras congênitas ou adquiridas, seja por afecções mais pontuais.

A atrofia retiniana (tara congênita)

Corresponde à afecção da retina com o desaparecimento dos vasos e/ou das células pigmentadas e pode ser generalizada – encontra-se nos Caniches anões e miniaturas (3 a 5 anos de idade) e os Cockers (1 a 3 anos de idade) – ou central: afeta mais o cão de trabalho (Labrador, Briard, Pastores) a partir da idade de alguns meses a 2 anos.
- **Principais sintomas**: quando da atrofia generalizada, é preciso notar em primeiro lugar uma queda da visão crepuscular e noturna. Tardiamente aparecem uma midríase (a pupila fica dilatada) com um reflexo fotomotor muito fraco (a pupila já não se contrai à luz) depois uma perda total da visão. Uma catarata pode às vezes se desenvolver paralelamente no início. A atrofia central é caracterizada por uma visão periférica conservada com uma má visão dos objetos próximos.
- **O que fazer?** Consultar um veterinário que irá instaurar, depois da confirmação dos sintomas, um tratamento com fins vasculares ou circulatórios.

O ectrópio e o entrópio (tara congênita)

O ectrópio é a extrusão da pálpepra, estando o bordo livre separado da pálpebra. O olho está assim constantemente exposto ao ar. Encontra-se freqüentemente no São Bernardo, os Cockers ingleses e americanos e as raças de beiços pesados e pendentes. O entrópio é o enrolamento do bordo livre da pálpebra em direção à córnea. As raças atingidas são o Chow-Chow, o São Bernardo, os pequenos Caniche, o Dogue alemão, o Shar-pei.
- **Principais sintomas:** no entrópio, a irritação local e a inflamação da córnea e da conjuntiva provocam uma vermelhidão da conjuntivas, um corrimento transparente que se pode tornar mucopurulento. O incômodo e a dor levam a um fechamento das pálpebras, e um coçar que agrava os sintomas clínicos. Tardiamente, pode se observar uma erosão da córnea. Os sinais clínicos do ectrópio são uma congestão das conjuntivas com um corrimento que se pode infetar e tornar mucopurulento. As complicações são nitidamente menos graves do que aquelas do ectrópio.
- **O que fazer?** Apenas uma cirurgia pode ser benéfica. Enquanto isso, é perfeitamente possível limpar regularmente (várias vezes por dia) os olhos do cão com uma solução ocular anti-séptica.

Catarata (Tara adquirida)

Trata-se da opacificação de uma ou de todas as estruturas do cristalino, que impede os raios luminosos de atingir a retina.
- **Principais sintomas:** a brancura do cristalino e a diminuição da visão são os únicos sinais da catarata. Conforme a sua origem, pode ser acompanhada por outros sintomas.
- **O que fazer?** Só a consulta no veterinário pode melhorar a evolução da catarata. Segundo a sua importância, um tratamento médico ou cirúrgico será instaurado.

Glaucoma (tara adquirida)

Trata-se de um conjunto de afecções tendo em comum uma pressão intra-ocular aumentada, colocando em risco a visão e o futuro do olho.
- **Principais sintomas:** o olho aparece grande, como saindo da cavidade ocular: uma midríase total (pupila muito dilatada) com perda do reflexo fotomotor (a pupila não se contrai sob o efeito da luz); uma congestão significativa da vascularização das conjuntivas (o olho está muito vermelho, os vasos grandes e sinuosos).
- **O que fazer?** Consultar rapidamente o veterinário, o futuro da visão e do olho estão em jogo.

As conjuntivites

São afecções inflamatórias das conjuntivas e da membrana nictante. As causas podem ser alérgicas, infecciosas ou parasitárias.
- **Principais sintomas:** olhos vermelhos, edema (às vezes), picotamento e incômodo, corrimento ocular que pode ser fluido, mucoso ou mucopurulento.
- **O que fazer?** Uma boa higiene do olho com a utilização de um colírio de limpeza irá acalmar a inflamação. Contudo, as causas só são realmente eliminadas depois de um tratamento recomendado pelo veterinário.

As úlceras córneas

São perdas de substância córnea podendo afetar as diferentes camadas da córnea. As suas origens podem ser diversas.
- **Principais sintomas:** a dor predomina (coçar ou esfregar o olho no solo). Acompanha-se por um fechamento do olho e um corrimento fluido de aspecto mucopurulento. A córnea perdeu o seu aspecto brilhante e está menos transparente.
- **O que fazer?** Limpar o olho com uma solução ocular levemente anti-séptica que irá acalmar a inflamação. Sobretudo, não utilizar colírio ou pomada a base de corticóides: agravam a úlcera. É melhor consultar um veterinário que saberá diagnosticar com precisão e instaurar um tratamento.

As uveítes anteriores

Trata-se da inflamação da íris e dos corpos ciliares. As causas ainda não estão elucidadas; sabe-se contudo que as grandes doenças virais e infecciosas do cão se acompanham de uveítes (cinomose, hapatite de Rubarth, tuberculose)
- **Principais sintomas:** dor (e, portanto fricções, coceiras, pálpebras fechadas); inflamação conjuntival visível pela vermelhidão das conjuntivas e da membrana nictante; corrimento fluido e miose (contração constante da pupila). Tardiamente, aparecem modificações da íris: edematosa, congestionada, de aspecto sujo e baço; muda de cor e pode se pigmentar fortemente.
- **O que fazer?** A consulta no veterinário deve ser feita rapidamente porque as seqüelas que as uveites causam podem ser fatais para a visão do cão.

As queratites

São inflamações das diferentes camadas da córnea. As causas podem ser alérgicas, imunológicas, microbianas, viral ou fúngica. Podem ser acompanhadas por ulcerações.
- **Principais sintomas:** inflamação da córnea com neovascularização (aparecimento de vasos sanguíneos na córnea); opacidade da córnea; dor; coceira e fricções, pálpebras fechadas; conjuntivite.

No Pastor alemão, fala-se em queratite crônica superficial ou queratite pigmentar. As lesões começam no ângulo externo do olho com uma neovascularização significativa e uma brancura da córnea. Mais tarde, surgem os pigmentos de melanina. Um segundo tipo, a queratite pontual superficial, atinge mais freqüentemente o Teckel de pêlo longo. O olho está principalmente doloroso, acompanhado por um fechamento das pálpebras.
- **O que fazer?** Apenas os tratamentos adequados podem trazer uma melhoria dos sintomas.

As afecções do aparelho locomotor

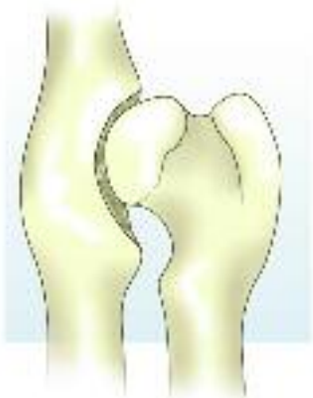
Serão aqui tratadas apenas aquelas que não são conseqüência de um traumatismo.

A artrose

Afecção das articulações caracterizada pela destruição progressiva da cartilagem articular associada à formação de osteófitos (pequenos ossos) e de modificações do osso subcondral e da membrana sinovial. É a

Nenhum sinal de displasia: anca normal.

Início de displasia.



Displasia grave

Displasia muito grave: luxação da articulação.

evolução sistemática de uma articulação que sofre.
- Principais sintomas: dor exacerbada pela umidade e pelo frio. Melhora com o exercício moderado mas se agrava se o exercício é muito violento. Estes sintomas representam o estágio 1. O estágio 2 é caracterizado por episódios agudos: gritos, supressão de apoios. Evolui para o bloqueio total da articulação acompanhado por uma diminuição da dor (estágio 3)
- O que fazer? Em início da evolução, é preciso continuar a fazer com que o cão se exercite para evitar a anquilose. Conforme o estágio, o veterinário irá instaurar um tratamento antálgico, anti-inflamatório, medicamentoso (glicosaminasglicanas) ou pode propor uma cirurgia.

As artrites

São inflamações da articulação. Podem ter diferentes origens: sépticas, com a presença de um germe infeccioso na articulação (a inoculação do germe na articulação pode por exemplo ser efetuada quando da mordida), ou estéreis, podendo ser imunológicas (poliartrites, as mais frequentes) ou não.
- Principais sintomas: a artrite séptica é caracterizada por uma inflamação (vermelhão, calor, tumefação, dor) com inchaço nítido e eventualmente supressão de apoios. Pode atingir uma ou várias articulações, geralmente, as grandes articulações ou as articulações intervertebrais. As poliartrites apresentam os mesmos sintomas, sendo algumas no entanto mais específicas a uma raça.
- O que fazer? O veterinário, depois de exames complementares, poderá diagnosticar uma artrite séptica ou asséptica, e portanto instaurar um tratamento adequado.

A displasia coxofemural

Afecção congênita, de componente hereditário contestado, caracterizada por um desenvolvimento anormal da articulação coxofemural, que tem como conseqüência uma má imbricação do fêmur na cavidade articular da anca. É freqüente nos cães grandes e tem desenvolvimento rápido (Terra-Nova, Labrador, Pirinéus, Pastor Alemão).
- Principais sintomas: a primeira fase, dominada pela dor, é observada nos cães em final de crescimento. Pode ser suspeitada nos seguintes casos: andar anormal "desengonçado" dos posteriores, posição em "X" dos posteriores visto por trás, recusa em trotar; galope de lebre: o cão não desenvolve o movimento de flexão-extensão característico; opõe-se a saltar; manca constantemente; dor à manipulação forçada em flexão-extensão. A segunda fase ocorre pelos 3 anos de idade: existem os mesmos sintomas, exacerbados pela artrose.
- O que fazer? Um exame radiológico pode confirmar a displasia da anca. Este exame será feito no final do crescimento do filhote (aos 12 a 18 meses segundo as raças); outros exames, mais precoces, estão em estudo. No mundo inteiro, um programa de erradicação foi instaurado para fazer desaparecer esta anomalia.

A osteocondrose

É uma perturbação nutricional localizada nas cartilagens articulares ou de crescimento. A causa desencadeante é o excesso de peso, quando o animal recebe quantidades de alimento em abundância durante o seu crescimento (o risco é diminuído pela utilização de alimentos completos). Fragmentos de cartilagem podem se destacar de certas áreas e se localizar na articulação. É observada em determinadas raças de crescimento rápido e aparece pelos 5-7 meses de idade. As articulações mais atingidas são o ombro, o cotovelo, o joelho e a articulação tibio-tarsiana.
- Principais sintomas: observa-se que o cão manca, numa das articulações já citadas. As manipulações forçadas provocam dor.
- O que fazer? A maioria das osteocondroses desaparece graças a um exercício significativo (os fragmentos de cartilagem são reabsorvidos), havendo então desaparecimento dos sintomas. Convém freqüentemente rever a alimentação a fim de diminuir o excesso de peso. É no entanto possível que a dor persista: neste caso será necessário prever uma cirurgia para retirar os fragmentos cartilaginosos.

A patologia do aparelho digestivo

O aparelho digestivo compreende o conjunto dos tecidos e dos órgãos encarregados do destino dos alimentos no organismo. Cada um desses elementos pode ser objeto de perturbações ou de lesões cujas repercussões podem ser tanto locais como gerais.

A cavidade bucal

Ao nascer, o filhote possui 32 dentes que são substituídos por uma dentição definitiva de 42 dentes, por volta dos quatro meses de idade. Os dentes do adulto se desgastam mais ou menos rapidamente. Tudo depende dos hábitos alimentares do cão e de suas brincadeiras. É por isso que se deve evitar lhe dar pedras ou brinquedos em materiais duros. Durante o seu crescimento, os dentes do cão podem ser afetados por diferentes anomalias. Em primeiro lugar, é freqüente que os primeiros dentes não caiam, principalmente nas raças pequenas. Estes dentes supranumerários deverão ser extraídos se o cão manifesta dor durante a alimentação. Inversamente, pode haver falta de alguns dentes sem que isto cause problemas para o comportamento alimentar do cão. Observam-se também anomalias de posicionamento que incomodam, entre outros, o bom fechamento da boca. Alguns dentes podem apresentar anomalias de constituição com, por exemplo, um defeito na qualidade do esmalte.

O cão sofre também freqüentemente de abcessos ou fístulas. Também pode, embora isto seja excepcional, sofrer de cáries como os humanos. De qualquer maneira, só o veterinário poderá determinar se deve ser feita uma extração ou um tratamento dentário. Mas a afecção mais comum encontrada no cão ainda é o aparecimento de **tártaro.** A boca do animal emite então um odor nauseabundo característico denominado halitose. Além disso, o tártaro provoca lesões graves, nos dentes e nas gengivas, que podem levar a uma perda dos dentes. A afecção pode evoluir para um piorréia da gengiva e parondotose. O animal sofre muito e não pode então se alimentar. Neste estágio, só a extração de alguns dentes, ou até de todos eles, irá aliviar o cão. É por isso que é necessário verificar o estado dos dentes e mandar fazer, se necessário, eliminações de tártaro regulares.
O exame da cavidade bucal também pode revelar a

presença de estomatites e de pequenas **úlceras**. Estas lesões inflamatórias são devido a uma afecção localizada ou conseqüências de uma afecção generalizada. São geralmente benignas e provocam apenas uma salivação mais abundante e uma dificuldade na apreensão dos alimentos.

Dentre as lesões mais freqüentes, encontramos as infecções glandulares. Trata-se da formação de uma bolsa de saliva entre o maxilar e o lábio. Forma-se atendendo a uma obstrução dos canais das glândulas salivares. Conforme a natureza da obstrução e o tamanho da retenção de líquido, o veterinário decidirá ou não praticar a exérese das glândulas salivares. Observam-se às vezes estas lesões ao nível do pescoço, sinais de uma obstrução alta no trajeto salivar.

Os cães têm freqüentemente o hábito de brincar com qualquer coisa, e é preciso ser especialmente vigilante com os pedaços de madeira que às vezes podem perfurar o palato. Fala-se então em fendas palatinas traumáticas. Observam-se por vezes fendas palatinas congênitas. Põem em comunicação as cavidades nasal e bucal provocando então regurgitações, e depois perturbações respiratórias. Finalmente, algumas raças de cães de nariz muito curto, como os Boxers e os Pequineses, podem sofrer de uma anomalia do comprimento do palato. Além do ronco que ocasiona, leva a dificuldade respiratória, principalmente evidente durante o esforço.

Finalmente, a cavidade bucal é freqüentemente traumatizada por acidentes de trânsito ou quedas. O maxilar inferior pode se fraturar sob o choque, o que gera uma dor insuportável. Estas fraturas em geral se reparam de forma satisfatória.

O *esôfago*

Três categorias de perturbações podem afetar este tecido mole. Em primeiro lugar, uma dilatação do esôfago, se for generalizada, ela corresponde a um megaesôfago. Se for localizada em divertículo, constitui um papo esogágico. O megaesôfago pode ser congênito ou adquirido. A sua origem precisa ainda é mal conhecida. O papo esofágico indica a existência de um obstáculo no trajeto do esôfago. Conforme a idade do animal, pode ser uma má-formação congênita, ou um corpo estranho, ou um tumor. Os sintomas observados são dificuldades de deglutição, regurgitações do bolo alimentar. Progressivamente, o cão emagrece e enfraquece. O diagnóstico desta afecção utiliza um exame radiológico que permitirá entre outros precisar o prognóstico.

O segundo tipo de afecção do esôfago corresponde aos estados inflamatórios. As esofagites têm duas origens principais: a ingestão de produtos cáusticos e o refluxo de sucos gástricos. Alguns corpos estranhos contundentes também podem ser responsáveis. O cão manifesta uma hipersalivação, dificuldades em deglutir e recusa se alimentar. A esofagite é uma perturbação secundária, é importante determinar a sua causa através de exames adequados.
Finalmente, o esôfago pode ser perfurado por um corpo estranho, sobretudo ossos de frango ou de coelho. Conforme a sua localização, as conseqüências são variáveis indo da simples ferida à perfuração de um pulmão. Em geral, o cão manifesta um incômodo e dor. Tenta vomitar e tossir de maneira contínua.

O *estômago*

O sintoma característico de uma afecção gástrica é o vômito que ocorre nos minutos ou horas depois da refeição. Entre as afecções mais clássica, estão as lesões da mucosa gástrica, as anomalias de funcionamento e os tumores do estômago. A primeira categoria agrupa as gastrites agudas ou crônicas e as **úlceras**. As **gastrites** agudas têm origens variadas. Alimentos não adaptados, substâncias tóxicas, corpos estranhos, afecções parasitárias ou infecciosas ou ainda anomalias hormonais, todas são causas possíveis. As gastrites crônicas que se caracterizam por uma persistência dos vômitos freqüentemente refratários aos tratamentos clássicos, fazem parte de um síndrome complexo. Fenômenos inflamatórios, alérgicos ou ainda metabólicos são freqüentemente a causa. O estado geral do cão é mais ou menos rapidamente afetado. Quanto às úlceras gástricas, elas se caracterizam por vômitos sanguinolentos, um mau estado geral e dores abdominais. São às vezes a conseqüência de uma gastrite aguda. Mas, na maioria das vezes, os agentes responsáveis são medicamentosos como a aspirina, tóxicos, e raramente infecciosos ou parasitários. Não se conhece úlcera de origem psíquica no cão.

As anomalias de funcionamento do estômago levam a refluxos do bolo alimentar no esôfago, ou a retenções alimentares que se traduzem por vômitos de alimentos pouco digeridos várias horas depois da refeição. O cão emagrece então muito depressa. A sua origem reside numa estenose do piloro ou numa anomalia nervosa da motricidade gástrica. Um tratamento de ordem cirúrgica é então às necessário.

Finalmente, não é possível falar de patologia gástrica sem evocar o síndrome da torção gástrica. Esta afecção particular atinge os cães de raças grandes. Caracteriza-se pelo inchaço do abdômen, episódios de vômitos mais ou menos violentos mas improdutivos e um estado geral rapidamente diminuído. O cão entra em fase de choque e morre se não for rapidamente praticada uma intervenção cirúrgica. Para evitar a ocorrência deste síndrome mortal, algumas regras elementares devem ser respeitadas: o cão não deve brincar depois da refeição, dar alimentos digeríveis, de preferência em duas refeições cotidianas.

MEDIDAS PRÁTICAS VISANDO IMPEDIR O SÍNDROME DA-TORÇÃO GÁSTRICAO.

- Alimentar o cão isoladamente e calmamente
- Dividir a alimentação diária em 2 refeições por dia
- Escolher um alimento muito digerível
- Respeitar um período de descanso depois da refeição

Os *intestinos*

A patologia intestinal é dominada por **enterites**. Estas inflamações mais ou menos agudas severas da mucosa intestinal têm diferentes origens: agente infeccioso, alimento não adaptado, parasitas, corpos estranhos. Conforme a sua duração, fala-se em enterites crônica ou aguda. Os sintomas são muito variáveis indo da constipação à diarréia, da hipertermia ao abatimento. Estão às vezes associadas a uma patologia gástrica e fala-se então de gastroenterite. Pelas perturbações metabólicas que geram, podem levar a um grave estado de desidratação às vezes mortal para os animais mais fracos.

As oclusões e **obstruções intestinais** fazem parte das causas de intervenção cirúrgica mais freqüentes. São geralmente conseqüência da ingestão de corpos estranhos como pedaços de barbante ou brinquedos de plástico.

Deve ser dada um atenção especial ao **parasitismo intestinal.** O cão pode estar infestado por vermes redondos (ascaris, ticuros, ancilostómos) e (ou vermes chatos (tenia dipilidium, equinococos). Eles os ingerem raspando o solo ou por intermédio de vetores como as pulgas. Estes parasitas provocam emagrecimento, vômitos e diarréias. O cão manifesta o seu incômodo arrastando o traseiro pelo chão. Os animais de qualquer idade são infestados com uma predileção pelos filhotes. Um programa de vermifigação deve ser estabelecido a cada ano com o veterinário.
O intestino grosso ou cólon é a sede de uma inflamação crônica dita **colite crônica**. A sua origem é

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA CONDIÇÃO CORPORAL DO CÃO

Parâmetros	*Magro* (déficit de 10-20%)	*Peso ideal* (excesso de 10-20%)	*Excesso de peso*
Costelas, vértebras ossos da bacia	Visíveis	Não visíveis mas facilmente palpáveis	Palpáveis com dificuldade
Cobertura adiposa	Ausência de gordura palpável nas costelas	Fina camada de tecido adiposo palpável	Maciça no tórax e na cauda

mais uma vez muito diversa: de ordem alimentar ou alérgica, parasitária ou metabólica, inflamatória ou simplesmente desconhecida. Manifesta-se por fezes mucosas, com dor na defecação e episódios de diarréia maios ou menos severa.

O *pâncreas*

Além das inflamações e das afecções tumorais, o pâncreas pode ser objeto de anomalias de funcionamento levando a um estado de insuficiência pancreática. É observado nos cães jovens sob a forma de um emagrecimento severo acompanhado de polifagia. Episódios de diarréia se alternam com constipação. Na verdade, o pâncreas é incapaz de secretar as enzimas necessárias ao funcionamento digestivo. O cão não assimila portanto corretamente os alimentos que ingere. Uma complementação enzimática e uma alimentação adaptada hiperdigerível permitem tratar esta afecção patológica.

O pâncreas é também a sede da síntese da insulina e, como nos humanos, um disfuncionamento desta síntese provoca a diabete. É tratado por injeções de insulina cotidianas em horas fixas.

O *fígado*

As hepatites derivam de doenças infecciosas, como a hepatite de Rubarth no filhote, ou de intoxicações. O fígado fica congestionado e o seu volume aumentado. Podem levar a estados cirróticos irreversíveis e mortais. Os sintomas são episódios de diarréias com fezes claras em alternância com constipação. O abdômen fica doloroso e o cão abatido.

A insuficiência hepática crônica evolui mais lentamente mas de forma igualmente perigosa. Provoca um emagrecimento do cão com um mau estado geral acompanhado por perturbações digestivas. Exames complementares devem ser realizados pelo veterinário a fim de determinar a sua causa.

As hérnias

As **hérnias umbilicais** congênitas são muito freqüentes no filhote. Correspondem a um não fechamento do anel umbilical depois do nascimento. Observa-se a formação de uma pequena excrescência que é reabsorvida quando se exerce uma pressão nela. Sem verdadeiro perigo para o animal, são geralmente corrigidas por uma intervenção cirúrgica. As **hérnias diafragmáticas** devem-se a um traumatismo do diafragma que deixa então passar uma parte das vísceras abdominais na cavidade torácica. Provocam então perturbações respiratórias e digestivas necessitando uma intervenção cirúrgica.

As fístulas perianais

Esta afecção é encontrada em algumas raças de cães como o Pastor Alemão. Manifesta-se pela formação em volta do ânus de fístulas múltiplas convergindo numa massa circular, ulcerada ou não. Dela escorre um pus malcheiroso que provoca lambimentos constantes e dificuldade em defecar. Estas lesões nunca se reabsorvem e necessitam tratamento cirúrgico.

Além de todas estas afecções, o tubo digestivo é freqüentemente a sede de um processo tumoral benigno ou canceroso. Com a idade, é preciso estar atento ao menor sinal de perturbação digestiva.

Os vômitos

Na natureza, os carnívoros são predadores temíveis perfeitamente adaptados à caça. Têm a faculdade de ingerir quantidades de carne fenomenais numa única refeição. Ao seu retorno, podem regurgitar esta comida para alimentar os filhotes e isto sem o menor esforço. Esta faculdade necessita não apenas um estômago capaz de se dilatar em proporções significativas mas também um mecanismo reflexo facilitador da regurgitação doa alimentos e portanto o vômito.
O cão, carnívoro doméstico por excelência, não perdeu nada desta faculdade. Com efeito, quantos proprietários não viram um animal regurgitar depois de uma refeição muito abundante? No maioria das vezes, não há nada de alarmante neste comportamento, contudo, às vezes o vômito aparece como um dos primeiros sinais de uma patologia subjacente.

As etapas do vômito
Geralmente, um episódio de vômito é precedido por um estado de náuseas em que o cão manifesta um incômodo, anda às voltas e, às vezes, tenta comer grama. Daí a expressão do cão que se "purga" que não reflete verdadeiramente a realidade. O vômito propriamente dito vem depois deste estado. Observam-se então movimentos violentos do flanco e do tórax. O cão tem a cabeça baixa e parece sorrir. Depois de um último esforço, o conteúdo estomacal é rejeitado. Levando em conta a violência do fenômeno e da fadiga muscular que acarreta, são às vezes necessários alguns instantes para que o animal se recomponha desta crise. No caso de uma regurgitação apenas do conteúdo esofágico, não se observa esforço longo. Os alimentos são facilmente expelidos para o exterior por simples reflexo.

O mecanismo fisiológico do vômito
Como todo ato reflexo, o vômito faz intervir mecanismos nervosos. A sua origem pode ser central: significa que são diretamente oriundos do cérebro (uma perturbação do funcionamento normal do sistema nervoso central, a chegada de substâncias especiais no sangue, ou até um estímulo olfativo, fazem reagir o centro do vômito) ou periférica, envolvendo então receptores situados nos órgãos abdominais ou torácicos. Por um sistema de ligações nervosas, as informações assim coletadas são veiculadas até o centro do vômito no cérebro. Nos dois casos, este centro provoca como resposta a ativação das ações musculares que vão levar ao vômito.

As causas do vômito
Na maioria das vezes, o vômito é a expressão de uma inflamação ou de uma distensão excessiva dos órgãos incluindo os do tubo digestivo: esôfago, estômago, intestino, fígado. As causas destas afecções são várias, as mais clássicas incluem: os envenenamentos, as gastrites, as úlceras, as gastroenterites, os corpos estranhos, as obstruções intestinais, as torções do estômago ou ainda uma alimentação incorreta. Os vômitos podem também fazer parte dos sintomas de uma doença infecciosa ou viral (cinomose, parvovirose, leptospirose, para as mais célebres mas também infecção uterina, peritonite). A absorção de comida em quantidade excessiva, a presença de corpos estranhos ou de substâncias que impedem o esvaziamento do estômago no intestino delgado provocam a distensão gástrica e portanto os vômitos. Finalmente, os vômitos podem traduzir doenças que afetam outros órgãos, especialmente as insuficiências renais e hepáticas ou mesmo o sistema nervoso, como nos casos de enjôo de viagens.

Evolução
Podem-se observar dois modos de evolução em caso de vômito. São agudos ou crônicos. No primeiro caso, os vômitos aparecem brutalmente e de forma passageira. No segundo, se instalam progressivamente e recidivam durante mais de um mês. São mais freqüentes durante o dia, associados ou não às refeições.

Conseqüências
Os vômitos levam a uma **desidratação** e a uma **desnutrição** mais ou menos severas bem como a perturbações do equilíbrio sangüíneo. Cedo ou tarde, vão ter repercussões no estado geral do cão. É por isso que devem ser rapidamente tratados, principalmente nos animais jovens.
A fim de ajudar o veterinário a estabelecer o seu diagnóstico, é importante notar a freqüência dos vômitos, o momento em que aparecem (depois da refeição ou não) bem como o seu aspecto. Todos estes elementos permitirão orientar o veterinário sobre a sua origem e sobre o tratamento a efetuar.

As diarréias

O termo diarréia designa um aumento da freqüência de emissão de fezes que são também mais ou menos fluidas e abundantes. É uma das perturbações mais freqüentes no cão. É preciso saber que o estado das fezes varia muito conforme a qualidade e a quantidade da alimentação dada ao cão. O erro alimentar é portanto uma causa principal do aparecimento das diarréias. Como para os vômitos, distinguem-se diarréias agudas e crônicas. A sua origem bem como as suas manifestações são diferentes. Podem afetar o intestino delgado ou o cólon.

Diarréia aguda
É de aparecimento recente e brutal. Em geral, tem repercussões significativas no estado geral do cão. A origem das diarréias é múltipla.
Evidentemente, o erro alimentar é a causa mais freqüente (modificações da ração sem transição, responsável pela destruição da microflora intestinal

muito frágil do cão). Em seguida, as diarréias podem ser sinal de uma infecção viral como na cinomose e na parvovirose, de uma infecção bacteriana na qual os germes se multiplicam sobre e dentro da mucosa intestinal. Os parasitas intestinais dentre os quais os vermes e os fungos também geram freqüentemente sintomas de diarréia, bem como as substâncias tóxicas ou alérgicas. Finalmente, um certo número de afecções patológicas metabólicas completam este quadro.

O mecanismo de aparecimento das diarréias agudas fez intervir uma perturbação nas trocas de água nos intestinos. Assim uma alimentação não adaptada provoca uma entrada de água que torna evidentemente as fezes mais líquidas. Mas a perda de água pode também ser devida a uma destruição mais ou menos significativa das células da mucosa intestinal encarregadas de garantir a absorção das substâncias nutritivas para o sangue. São os agentes anteriormente citados que são responsáveis por este tipo de lesões. Finalmente, as diarréias podem resultar de uma modificação do trânsito digestivo como é o caso das diarréias de estresse.

As diarréias agudas são acompanhadas por diferentes sinais que podem ser observados pelo dono. Inicialmente, o animal fica abatido, apresenta, às vezes, febre, recusa comer e emagrece. O abdômen fica freqüentemente doloroso. Às vezes, a diarréia é acompanhada por vômitos. Depois, tendo em conta as perdas de água ocasionadas durante a emissão de fezes, o animal se desidrata mais ou menos rapidamente. De fato, é necessário intervir rapidamente para evitar que se instale um estado de choque especialmente nos animais jovens e nos idosos.

Diarréia crônica
Caracteriza-se por uma duração de mais de um mês e uma tendência à recidiva. As causas do aparecimento são um pouco diferentes da forma aguda. Encontram-se inflamações da mucosa intestinal de origem parasitária ou alérgica e auto-imune, às quais se juntam perturbações na secreção de enzimas digestivas ou nos mecanismos de assimilação das substâncias nutritivas pelas células intestinais. É por isso que uma diarréia aguda, que levou a uma destruição significativa da mucosa digestiva, pode evoluir para um estado crônico. Às vezes, as diarréias crônicas assinalam a presença de tumores no organismo. Finalmente, como no caso precedente, a diarréia pode aparecer de forma intermitente por ocasião de um estresse especial e repetitivo.

Na diarréia crônica, o estado geral do animal se degrada lentamente. O cão emagrece progressivamente e em proporções mais significativas do que numa diarréia aguda. Por outro lado, a desidratação ocorre mais tardiamente e a dor abdominal é freqüentemente menos viva. Como para os vômitos, é importante consultar rapidamente um veterinário. Com efeito, a saúde do cão pode se deteriorar rapidamente e isto principalmente nos indivíduos jovens ou idosos. A fim de ajudar da melhor forma o médico a estabelecer um diagnóstico, o dono deve registrar a data de aparecimento dos sintomas, a freqüência das fezes, constância, cor (por exemplo, pode haver sangue). Existem parasitas ou alimentos não digeridos nas fezes? O cão manifesta sentir dores?

Cada um destes elementos permite ao veterinário precisar a origem exata do problema, prever os exames que deverão ser realizados e estabelecer um tratamento.

Recomendamos uma dieta ao cão, a partir do aparecimento da diarréia, e em seguida, ir consultar o veterinário, o mais rápido possível.

As afecções neo-natais

Os filhotes nascem cegos e surdos mas a sua imaturidade não se limita aos órgãos dos sentidos já que diz também respeito à regulação térmica, à imunidade, à hidratação e ao metabolismo, além de uma ausência de reservas hepáticas e gordurosas. Todas estas deficiências predispõem a várias afecções de origens tão diversas quanto os traumatismos, as infecções, a hipoglicemia ou o frio.

Fatores de risco de origem materna

Idade da mãe

A mortalidade e a morbidade neo-natais aumentam com o número ordem das ninhadas das reprodutoras. Este fenômeno está provavelmente associado à freqüência de seqüelas de anoxia (falta de oxigênio levando a uma má irrigação cerebral) como conseqüência das inércias uterinas primárias, tão freqüentes nas reprodutoras de mais idade.

Consangüinidade

O aumento da incidência das má-formações (fenda palatina, megaesôfago, má-formações cardíacas) num grupo deve fazer com que se pesquise entre os ascendentes um excesso de consangüinidade. Com efeito, sendo a maioria destas taras geneticamente recessiva, a sua ocorrência significa a expressão simultânea de dois genes portadores da doença, um proveniente da mãe e outro do pai. Uma consangüinidade excessiva (freqüentemente para além de quatro gerações) aumenta assim os riscos de revelação das taras recessivas. Paralelamente, assiste-se geralmente a uma diminuição da prolificidade.

Alimentação da mãe

A alimentação da mãe em gestação é abordada no capítulo sobre a nutrição. Assinalemos unicamente que uma superalimentação neste período favorece a deposição de gordura no canal do parto aumentando assim os riscos de distocias (partos anormais). Estes riscos são aumentados por um episódio de constipação ocorrido no final da gestação. Com efeito, estando o reto da cadela anatomicamente situado acima da vagina, um estado de repleção reduz ainda mais o espaço disponível para a passagem dos filhotes. É por isso que é aconselhado verificar se o reto se encontra vazio no dia que precede o parto e dar um laxativo à reprodutora por via oral ou retal em caso de constipação.

Distocia

A distocia é um fator que favorece a mortalidade neonatal, como se pode facilmente supor, é preferível deixar de usar em reprodução as reprodutoras que tenham apresentado uma distocia, a menos que esta seja devida a uma causa excepcional evidente (obesidade transitória, imaturidade do canal do parto, etc.).

Medicamentos administrados durante a gestação

O período mais sensível à ação teratogênica (levando a má-formações) de certos medicamentos é naturalmente a fase de embriogênese que corresponde à diferenciação dos tecidos (17 a 21 dias). Contudo, o feto também pode ser exposto mais tarde aos riscos de má-formação de alguns órgãos de diferenciação tardia como o palato, o cerebelo ou ainda o aparelho urinário.
A lista dos produtos teratogênicos, das suas dosagens e do período de suscetibilidade máxima é hoje em dia bem conhecida pelos veterinários na maioria das espécies.
A precaução mais simples consiste, quando isso é possível, em diferir qualquer tratamento medicamentoso, anestésico, hormonal, antiparasitário externo ou até mesmo vacinal durante o período de gestação na cadela a menos que o seu estado o exija e que o veterinário domine totalmente a inocuidade do tratamento.

Perturbações da lactação

Embora a gestação e o parto representem o ponto mais difícil a ultrapassar para as raças pequenas, é em compensação a lactação que apresenta o risco de enfraquecer as reprodutoras grandes e, conseqüentemente, prejudicar o crescimento rápido da ninhada
Na espécie canina, as mamites são freqüentemente devido a um traumatismo associado às unhas dos filhotes ou a uma infecção ascendente transmitida por lambimento, pela cama ou após uma infecção cutânea (piodermite).

Além da presença de germes patogênicos no leite, responsáveis pelo "síndrome do leite tóxico" (na maioria das vezes colibacilo, estreptococo hemolítico ou estafilococo), estas mamites são freqüentemente acompanhadas por uma diluição do leite que altera o fornecimento de nutrientes, sendo mais grave quando ocorre no pico da lactação. A prevenção, teoricamente simples, consiste em identificar o germe incriminado para poder eliminar a sua fonte. Embora a higiene na maternidade é mais ou menos fácil de ser controlada, o mesmo não ocorre com a infecção cutânea por estafilococos da mãe, que necessita freqüentemente uma terapia de antibióticos de longa duração.

A observação e a palpação minuciosa das mamas permitem às vezes identificar má-formações das tetas que favorecem as infecções ascendentes. Estas predisposições anatômicas podem às vezes justificar uma retirada da mãe da reprodução, o aleitamento artificial dos filhotes ou a adoção por uma outra cadela
.
Embora a aptidão de produção de leite seja um caráter julgado como "bastante hereditário", a hipogalactia (falta de leite), a agalactia (ausência de leite) ou o atraso da subida do leite são geralmente difíceis de prever e portanto de prevenir, especialmente nas primíparas. São freqüentemente acompanhadas por perturbações do comportamento, associadas a uma má socialização ou a um desconforto.

Como a imunização passiva dos filhotes pelos anticorpos (imunoglobulinas G) é quase exclusivamente permitida pela ingestão precoce do colostro, alguns criadores conservam, por precaução, colostro congelado proveniente de uma cadela doadora ou soro da mãe, que oferecem aos filhotes para compensar a ausência de colostro.

Nos dias seguintes, o leite materno garante, pelo seu fornecimento de imunoglobulinas A, proteção do epitélio intestinal, limitando, naturalmente, a incidência de diarréias infecciosas.
A estimulação da subida do leite pode ser obtida por diferentes meios terapêuticos, dentre os quais:

- A massagem das mamas ou a injeção de ocitocina, que apenas estimulam a ejeção do leite, sem ação real sobre a sua produção (indicados unicamente nos fenômenos de "retenção de leite").
- A fitoterapia (galega, malte, funcho, cominho), freqüentemente utilizada empiricamente, sem atividade específica atualmente demonstrada!
- Determinados medicamentos contra o vômito pelo seu efeito estimulante sobre a secreção de prolactina.

Assinalemos também, que inversamente, as hiperproduções de leite podem levar a um consumo excessivo e a uma saturação das capacidades de digestão do leite dos filhotes e, conseqüentemente, a diarréias osmóticas. Estas ocorrem geralmente no pico da lactação, mas são raramente responsáveis por mortalidade quando se toma a precaução de separar várias vezes ao dia os filhotes mais gulosos das tetas da sua mãe. Esta manobra parece preferível a uma interrupção médica da lactação, exceto quando a saúde da mãe o exige.

Infecções virais maternas

A virose canina por herpes (CHV) representa uma causa de mortalidade dos filhotes na primeira semana de vida e está se tornando atualmente muito preocupante na espécie canina.

Com efeito, na França, por volta de 50 % dos criadores confrontados com uma queda do índice de fecundidade das reprodutoras e um aumento da mortalidade neonatal, albergam, sem o saberem, reprodutores atingidos por herpes canino.

A infecção por herpes vírus é freqüentemente muito discreta nos adultos. Este vírus se desenvolve nas mucosas que são habitualmente mais frias do que a temperatura corporal (mucosa genital, ocular e respiratória) por ocasião de um estresse, uma infecção concomitante, uma imunodepressão ou um período de atividade sexual.

No macho como na fêmea, este vírus provoca às vezes o aparecimento nas mucosas genitais de pápulas difíceis de evidenciar sem um exame atento (exteriorização completa dos bulbos eréteis no macho, espéculo vaginal na fêmea), mas que são, às vezes responsáveis pela recusa do cruzamento.
A contaminação se faz essencialmente por via venérea, num cruzamento natural efetuado por um reprodutor estérno com reativação viral.

Infecções bacterianas

Os germes incriminados na maioria das septicemias neo-natais ou no síndrome do leite tóxico são geralmente encontrados na flora vaginal de qualquer fêmea sadia.
A simples anti-sepsia vaginal antes do parto é aconselhada.

Parasitas digestivos

Os parasitas encontrados mais freqüentemente nos filhotes são os helmintos (ascaris, tricuros, anquilostómos, tênia) e os protozoários (giardia e coccídeos). O período de atividade sexual das cadelas é um fator que aumenta o risco de parasitismo helmíntico dos filhotes, porque ela se torna propícia à multiplicação, e não apenas à sobrevivências, de parasitas, tais como o Toxocara canis, Uncinaria stenocephala e, em menor grau, Ankylostoma caninum. A modificação do estado hormonal (e em especial das variações da impregnação por progesterona) da reprodutora favorecem o despertar das larvas em hipobiose (espécie de hibernação) e a sua migração para o útero e as mamas. Durante este período, quaisquer que sejam os esforços de vermifugação realizados, os fetos, e depois os filhotes em geral, não podem escapar à infestação.
O objetivo consistirá, portanto, em tentar reduzir a pressão parasitária tanto nas mães quanto nos filhotes e no ambiente.

Afecções buco-dentárias

O controle dos incisivos da mãe raramente é efetivo antes do parto, quando na verdade convém não negligenciar o seu papel no corte do cordão umbilical após o nascimento dos filhotes. A qualidade de fechamento das arcadas dentárias é tão importante quanto a presença de tártaro e/ou gengivite. As mães braquicéfalas ou prognatas encontram naturalmente mais dificuldades em realizar esta tarefa e expõem os seus filhotes a hemorragias (internas ou externas) do cordão umbilical que podem se complicar em hérnia umbilical, abcesso da parede, peritonite ou até mesmo septicemia neo-natal. Para limitar estes riscos de infecção, é possível utilizar, aparentemente com sucesso, pastilhas auto-adesivas de clorhexidina durante o período próximo ao parto.

Fatores de risco associados ao filhote

Um estudo recente demonstrou que a mortalidade dos filhotes antes do desmame era de 17,4 % mas caia para 4 % depois do desmame. As perdas mais importantes ocorrem durante a primeira semana (55,6 %). O desmame induz um novo pico de mortalidade que acaba a partir da 12ª semana. Estes resultados mostram que o esforço de prevenção deve se concentrar essencialmente na primeira semana.

Hipóxia

O parto e os primeiros movimentos respiratórios do filhote constituem incontestavelmente o período mais crítico para o recém-nascido.
Para prevenir a hipóxia neo-natal do primeiro dia, os veterinários dispõem agora de várias ferramentas:
- Estimativa da maturidade pulmonar dos filhotes pela dosagem de progesterona, sendo a queda da progesterona sangüínea materna concomitante com a aplicação de um surfactante lipoprotéico indispensável para a abertura dos alvéolos pulmonares. Esta ferramenta diminuiu consideravelmente a mortalidade neo-natal consequente das cesarianas muito precoces, especialmente nas raças braquicéfalas.
- Ajuda manual ao parto em caso de parto demorado (principalmente em apresentações posteriores que são um fator de risco suplementar de mortalidade no nascimento pelo aumento do tempo de expulsão) ou ajuda mecânica precoce, para reduzir o período de risco de inspiração do líquido amniótico, sabendo que o principal fator estimulador não parece ser a libertação da placenta, mas sim a depressão torácica que segue a compressão pélvica (aumento da pressão de CO2 nos vasos umbilicais).
- Domínio da anestesia e do despertar em caso de cesariana.
- Desobstrução do conjunto das vias aéreas superiores dos filhotes por aspiração do líquido amniótico com a ajuda de um tubo de lavagem.
- Manobras (aquecimento, esfregar, etc) e tratamentos de reanimação clássicos dos filhotes (especial-

mente estimulantes respiratórios bulbares e máscara de oxigênio).

Hipoglicemia

Assim como o leitão, o cachorrinho ao nascer não dispõe de tecido adiposo marrom que autorize a termogênese sem arrepios. As suas reservas glicogênicas musculares e hepáticas são muito limitadas (autonomia de algumas horas depois do nascimento) e dificilmente utilizáveis, o que o predispõe classicamente à hipoglicemia durante os 15 primeiros dias. O aparecimento de crises de hipoglicemia (convulsões seguidas de apatia) depende essencialmente da rapidez da tomada de colostro e da temperatura ambiente.
A prevenção da mortalidade por hipoglicemia nas primeiras horas passa portanto, em primeiro lugar pelo aquecimento, depois pela amamentação precoce (fornecimento de glicose por hidrólise da galactose) e finalmente, se as manobras anteriores são insuficientes, pela injeção de soro glicosado isotônico.

Hipotermia

Ao nascimento, a evaporação do líquido amniótico leva, segundo o princípio do ar condicionado, a um esfriamento proporcional à superfície corporal do filhote. Este fenômeno explica porque os filhotes de raças pequenas estão mais expostos à hipotermia do que aqueles de raças grandes da mesma idade.
Como para a hipoglicemia, a temperatura do filhote está intimamente ligada à precocidade da primeira mamada e à quantidade de colostro ingerida.

Nenhum instrumento de prevenção da hipoglicemia é ideal:
- as lâmpadas infravermelhas são às vezes responsáveis por desidratação nos filhotes (especialmente quando a higrometria é baixa > 55 %) ou por queimaduras na mãe quando estão dispostas muito baixas.
- Os tapetes aquecidos e os aquecimentos pelo solo apresentam o inconveniente de aquecer a mãe tanto quanto os filhotes, o que pode ser prejudicial à lactação.

Quando são necessárias temperaturas extremas e especialmente no caso de infeções por CHV, as incubadoras necessitam a separação da mãe e dos filhotes.

Quais são portanto as precauções necessárias?

- testar bem antes do parto a aptidão da mãe em suportar temperaturas elevadas na maternidade (a aceleração da freqüência respiratória é um bom sinal da saturação das suas capacidades de regulação térmica),
- não separar a mãe do conjunto da sua ninhada mas colocar os filhotes alternadamente numa incubadora quando ocorrer hipotermia,
- deixar à mãe a possibilidade de ver o seu filhote através do vidro da incubadora,
- aquecer os filhotes muito progressivamente para evitar uma falha cardio-respiratória,
- vigiar em especial as ninhadas pequenas cujos cães podem dificilmente se aquecer juntos,
- garantir aos filhotes e à mãe um gradiente térmico dentro do qual cada um poderá encontrar a temperatura que lhe convém.

Desidratação

Os fatores de risco de desidratação no filhote durante os 15 primeiros dias são função da relação peso/superfície (mais baixa nos filhotes de raça pequena), da imaturidade da filtração renal, da temperatura e da higrometria ambiente, do bom aleitamento e de eventuais diarréias que ainda passam desapercebidas por causa das lambidas maternas (é freqüente ver as "caudas molhadas").
A prevenção da mortalidade por desidratação passa em primeiro lugar pelo seu diagnóstico (sinal da dobra de pele, pesagens regulares nos primeiros dias), pelo domínio dos parâmetros anteriormente citados (utilidade dos umidificadores) e, caso necessário, por uma reidratação por via oral ou parenteral. Inversamente, os riscos de desidratação não são negligenciáveis no filhote enquanto ele não for capaz de regular a sua filtração renal.

Falta de cuidados ao nascimento

Sem relembrar os clássicos princípios de reanimação bem conhecidos (ajuda no parto, ruptura da bolsa amniótica, aspiração das mucosidades, estimulação dos primeiros movimentos respiratórios, etc.), convém insistir aqui especialmente na utilidade da antissepsia regular do cordão umbilical antes da sua cicatrização completa, lembrando que a cavidade bucal da mãe (por lambimento de lóquios e da região perianal dos filhotes) e a cama são as principais fontes de contaminação do cordão.

Outras causas de mortalidade neo-natal

As causas de mortalidade neo-natal no filhote são muitas e variadas, mencionemos contudo:

• **O síndrome hemorrágico** que, quando está associado à má conservação do alimento materno, pode ser eficazmente prevenido pela administração prolongada de vitamina K à mãe e aos filhotes.

• **O síndrome hemolítico** que, se for muito freqüente numa ninhada, justificaria a tipagem sangüínea dos pais antes do seu cruzamento ou, pelo menos, antes de qualquer transfusão praticada na mãe.

• **O síndrome do cão nadador** (membros posteriores em rã), que, nos casos menos graves, pode-se esperar uma aceleração da recuperação por qualquer estimulação sensorial das almofadas plantares posteriores (com uma escova de dentes por exemplo), uma solidarização provisória dos membros posteriores por "algemas" elásticas e, naturalmente, pela instalação do filhote num solo mais rugoso. Os tratamentos a base de vitamina E e selênio não deram resultados significativamente diferentes em relação às recuperações espontâneas às vezes observadas.

• **A mortalidade neo-natal iatrogênica** (ou seja provocada por ou pelo menos precipitada por tratamentos médicos cuja escolha e posologia não levam em conta a sensibilidade e a farmacocinética diferentes das do adulto). As principais contra-indicações e posologias medicamentosas são agora suficientemente bem conhecidas pelos veterinários para as consultas antes de qualquer decisão terapêutica em relação à mãe ou aos filhotes.

• **As diarréias do filhote** que são geralmente objeto de uma medicação sistemática, quando bastaria, na maioria das vezes, adaptar a quantidade, a qualidade ou a freqüência de ingestão do alimento (leite materno, leite de substituição ou alimento de desmame) a fim de adequar a lenta maturação do equipamento enzimático digestivo dos filhotes (lactase e amilase em especial).

• **As infecções virais** cuja prevenção, quando é possível, passa pela imunização passiva (colostro, soroterapia) ou ativa (vacinação).

As infecções bacterianas

Várias bactérias responsáveis por septicemias ou diarréias neo-natais no filhote podem ser igualmente encontradas nos animais clinicamente sadios. O aparecimento dos sintomas nos filhotes dependerá geralmente do número de bactérias em questão, da proteção imunológica do animal e do estado imunitário da mãe, da absorção de colostro, da idade do filhote, da flora microbiana ambiente, do estresse e de vários fatores individuais.
Compreende-se portanto que é difícil incriminar uma bactéria sob pretexto que foi evidenciada por um único exame bacteriológico das fezes.
Assim, as bactérias mais freqüentemente patogênicas nos filhotes são:

• **Os germes responsáveis de mamites na mãe** (síndrome do leite "tóxico") que podem levar a gastroenterites especialmente graves que se traduzem por uma rápida desidratação e um ânus violáceo e protuberante dito "em couve-flor". A retirada dos filhotes e o aleitamento artificial permitem então evitar à ninhada o risco de êmbolo dos germes intestinais (septicemia).

A presença de abcessos cutâneos (estafilococos) na mãe pode também levar a septicemias neo-natais nos filhotes. Estas podem igualmente provir de infecções umbilicais, especialmente quando a mãe tem prognatismo, porque esta oclusão deficiente causa algumas dificuldades para cortar os cordões.

• **os colibacilos** transmitidos pelas fezes, leite ou pela pelagem da mãe.

A endocrinologia

A endocrinologia é a ciência dos hormônios: estuda a sua fisiologia e a sua patologia. Os hormônios são secretados por glândulas endócrinas e constituem os mensageiros do organismo transmitindo uma informação à distância do seu local de origem. Desempenham portanto um papel importante no funcionamento do organismo. Assim, qualquer patologia que afete o sistema endócrino se traduz por perturbações gerais e variadas que vão de simples problemas cutâneos a anomalias do funcionamento cardíaco.

Simplificando, podemos distinguir dois tipos de patologia que afetam o sistema endócrino: um hiperfuncionamento que se traduz por uma superprodução hormonal, como é freqüentemente o caso de um tumor numa glândula endócrina ou, ao contrário, um hipofuncionamento secundário devido a uma diminuição da secreção de hormônio, ou ao aparecimento de uma resistência do organismo à sua ação. Por exemplo, para a glândula tireóide, fala-se em hipotitoridismo ou hipertiroidismo.

Para cada glândula endócrina, depois de uma breve exposição do seu papel, serão detalhadas as doenças que lhe estão relacionadas insistindo nos sintomas clínicos, especialmente naqueles que devem chamar a atenção do dono. Em seguida, após uma rápida sobre os tratamentos, terminaremos com a definição das raças predispostas. Este capítulo tem por objetivo dar uma idéia das principais afecções endócrinas do cão, mas não constitui uma revisão exaustiva.

O pâncreas

O pâncreas é o órgão que permite regular a glicemia, isto é, o nível de açúcar no sangue graças, em especial, a um hormônio importante: a insulina. A insulina, secretada pelo pâncreas depois das refeições, permite a entrada da glicose sangüínea nas células para que seja utilizada no seu funcionamento. Um déficit de insulina vai se traduzir por um estado de hiperglicemia crônica, que se qualifica de diabete, enquanto que ao contrário, uma secreção excessiva de insulina vai levar a um estado de hipoglicemia.

O diabete

O diabete é uma doença muito freqüente no cão, principalmente nos animais com mais de 5 anos de idade e não atinge, ao contrário do que se pensa, apenas os animais obesos ou que comem açúcar. Pode ser devido a uma falha na secreção de insulina, mas é, mais freqüentemente, secundário a uma falha da atividade deste hormônio.

Os sintomas são muito significativos e passam raramente despercebidos: poliúria (aumento do volume de urina); polidipsia (aumento da ingestão de líquidos); polifagia (aumento da ingestão de alimentos) e emagrecimento.

O dono se encontra diante de um cão que pede incessantemente comida e água e que emagrece rapidamente. Associados a estes sintomas quase constantes, outros sinais podem completar este quadro clínico: uma catarata de aparecimento rápido provocando cegueira brutal, perturbações digestivas (vômitos, diarréia), ou ainda infecções diversas (por exemplo, urinárias, como as cistites) que não se curam ou recidivam apesar dos tratamentos anti-infecciosos clássicos.

O diagnóstico se faz por dosagem do nível de glicose no sangue e na urina.

Distinguem-se dois estágios de diabete, o diabete não ácido-cetósico, que é de prognóstico bom depois do tratamento, e o diabete ácido-cetósico, que exige a hospitalização de urgência do cão e que, não tratado rapidamente, pode levar ao coma do animal e à morte.

O tratamento baseia-se na administração de insulina por via subcutânea.

O começo do tratamento necessita a hospitalização do animal para se realizar a curva de glicemia em 24 horas e ajustar a dose de insulina necessária. O ciclo estral da fêmea perturba consideravelmente o equilíbrio do diabete; é portanto imperativo castrar as fêmeas diabéticas. Em seguida, o tratamento de um cão diabético necessita, por parte do dono, muito acompanhamento e rigor (injeção cotidiana de insulina, regime alimentar especial, refeições em horas certas e vigilância quanto ao reaparecimento dos sintomas de diabete). O prognóstico depende do estado do animal no momento do diagnóstico. Um diabete não ácido-cetósico pode permitir uma duração de vida superior a dois anos.

Hipoglicemia do adulto

Fenômeno inverso do diabete, resulta de uma hipersecreção de insulina, secundária, em 80 % dos casos, a um tumor secretor de insulina do pâncreas. Isto se traduz clinicamente por crises convulsivas (de tipo epiléptico) geralmente entre duas a seis horas depois das refeições, crises que são rapidamente melhoradas pela administração de açúcares rápidos ao cão. Além destas crises, o cão é normal ou pode apresentar sintomas de fadiga ou de intolerância ao esforço.

O diagnóstico se baseia, como para o diabete, na dosagem da glicose sangüínea, mas é necessário fazer a coleta de sangue no momento da crise, que mostra uma glicemia inferior a 0,7g/l.

Também se pode realizar uma dosagem da insulina sangüínea.

O tratamento se baseia na administração de medicamentos que provocam hiperglicemia e principalmente na cirurgia do tumor. O prognóstico é muito reservado já que, na maioria dos casos, é um tumor canceroso e que freqüentemente, no momento do diagnóstico, já existem metástases. A cirurgia do pâncreas é também extremamente delicada.

As glândulas supra-renais

São responsáveis pela secreção (área fasciculada e área reticulada da medula supra-renal) de hormônios esteróides: os glucocorticóides. Os glucocorticóides são moléculas que apresentam várias ações no organismo, moléculas sintéticas com uma atividade freqüentemente superior à dos hormônios naturais são amplamente utilizadas em medicina humana e veterinária. Citemos, entre as suas propriedades mais importantes: uma atividade anti-alérgica; uma manutenção da pressão venosa central, um papel anti-choque, uma diminuição da utilização periférica do excesso de glicose (resistência à insulina), uma transformação do excesso de glicose em lipídeos e uma redistribuição das massas de gordura.A secreção de glicocorticóides é regulada pelo eixo hipotálamo-hipofisário: o hipotálamo produz uma um hormônio chamado CRH que estimula a síntese e a libertação pela hipófise de uma hormônio chamado ACTH que vai estimular a produção de glicocorticóides pela supra-renal. Um excesso de estimulação das supra-renais pelo ACTH se traduz, entre outros, por um hipertrofia das glândulas supra-renais. Além dos glicocorticóides, as supra-renais (área glomerular) sintetizam um outro hormônio que tem uma ação importante sobre o fun-

cionamento do rim. A aldosterona estimula a reabsorção de água e de íons sódio e potássio pelo rim, contribuindo assim a manter o estado de hidratação do animal.

Hipoadrenocorticismo

Este síndrome de inúmeras conseqüências clínicas é freqüentemente encontrado no cão. Corresponde a um conjunto de sintomas ligados à presença em excesso no organismo de glucocorticóides endógenos ou exógenos (de origem medicamentosa).

Distinguem-se:

- o síndrome de Cushing primário, devido a um excesso de secreção supra-renal pela hipófise (85 % dos casos);
- o síndrome de Cushing iatrogênico, secundário a uma administração crônica de corticóides exógenos;

Encontra-se a doença de Cushing geralmente nos cães com mais de 6 anos de idade e em determinadas raças, como: os Poodles, os Teckels e os Boxers. Os sintomas clínicos aparecem progressivamente e, quando estão presentes em grande número, constituem um quadro muito evocador:

- poliúria-polidipsia (aumento da ingestão de líquidos e aumento do volume de urina): o cão pode beber mais de 100 ml por kg e por 24 horas.
- Polifagia: o cão pede comida em permanência.
- Distensão abdominal (aspecto característico em tonel).
- sinais cutâneos: depilação difusa dos flancos e do abdômen, pele muito fina como pergaminho, vários pontos pretos e infecções dérmicas (piodermites).
- fraqueza muscular com anomalias ligamentosas levando a uma luxação da patela, ruptura da corda do tornozelo ou, ao contrário nos Poodles, aparecimento de uma hipertonia marcada dos músculos dos membros.

O diagnóstico deve ser de laboratório baseado na evidenciação de um nível sangüíneo de cortisol muito elevado e necessita a realização de um teste de estimulação das supra-renais pelo ACTH. O diagnóstico etiológico pode ser feito graças a scanner ou ecografia que permitem visualizar um eventual tumor.

O tratamento depende do diagnóstico etiológico:
- cirúrgico em caso de tumor supra-renal,
- quimioterapia que vai destruir as supra-renais em caso de Doença de Cushing. O medicamento utilizado é o o,p-DDD (Mitotane ND). A instauração do tratamento necessita uma vigilância rigorosa do cão porque não é raro que seja perigoso. Outras moléculas podem ser utilizadas como o cetoconazol (que antagoniza os efeitos dos corticóides sem destruir as supra-renais) ou a selegilina (Deprenil ND) que diminui a secreção de ACTH pela hipófise e portanto diminui a estimulação das supra-renais, mas o seu efeito é menos significativo do que o do Mitotane.
- A radioterapia pode ser interessante quando há tumor hipofisário.

O prognóstico é variável e a duração de vida dos animais varia de alguns dias a sete anos (média 2 anos); as recidivas da doença são freqüentes, e é preciso estar bem consciente que o cão vai estar sob tratamento pelo resto da vida.

Hipocorticismo

O hipocorticismo, ou síndrome de Addison, resulta de um déficit em mineralocorticóides e glucocorticóides devida a uma destruição das glândulas supra-renais (hipocorlicismo primário) ou a um déficit de estimulação pelo ACTH (hipocoribismo secundário). Pode ser de origem espontânea (tumor por exemplo), ou iatrogênico (secundário à tomada de corticóides ou de o,p-DDD).

Os sintomas não são específicos desta doença e podem ser encontrados num grande número de outras afecções patológicas o que torna o diagnóstico difícil. Observa-se: anorexia, vômitos, fraqueza, letargia, diarréia, perda de peso, poliurodipsia, calafrios, tremores, dor abdominal, desidratação, bradicardia.

O diagnóstico baseia-se essencialmente nos exames complementares, em especial no ionograma que mostra uma hipercalemia e nas dosagens hormonais (realiza-se o mesmo teste de estimulação por ACTH quando se suspeita de hipocorticismo).

O prognóstico, durante a crise aguda, deve ser reservado. Uma vez a crise passada ele se torna excelente. O tratamento baseia-se na administração dos hormônios deficitários: glicocorticóides (Prednisolona, Solumedrol e Cortancil ND), mineralocorticóides (Syncortyl e Fludrocortisona ND), e a reanimação médica (perfusão) durante a crise

Não foram descritas raças predispostas.

A tireóide

É a sede da produção de hormônios tireóidianos T3 e T4. Assim como para as supra-renais, a atividade da tireóide é regulada por um controle central: o hipotálamo por intermédio da TRH estimula a produção de TSH pela hipófise, que estimula a tireóide. Os hormônios da tiróide exercem um retrocontrole negativo sobre o hipotálamo e a hipófise (um índice elevado de hormônios da tireóide leva a uma diminuição da produção de TRHe de TSH). O papel destes hormônios da tireóide é essencialmente um papel de ativação do metabolismo. Assim, em nível normal, eles desempenham um papel na termogênese (produção de calor pelo organismo a fim de manter uma temperatura constante) e no anabolismo protéico. Em doses excessivas, eles desenvolvem um atividade catabólica associada a um desperdício de energia.

Hipertireoidismo

É muito raro no cão, contrariamente ao gato no qual corresponde a uma doença freqüente da velhice. Ao inverso do gato, resulta em mais de 90 % dos casos de um tumor da tireóide (adenocarcinoma).

Os sintomas clínicos são essencialmente uma perda de peso, polifagia acompanhada ou não de poliúria-polidipsia, sintomas digestivos como diarréia, perturbações do comportamento com um estado de hiperexcitação, aumento da freqüência cardíaca e, principalmente, uma massa palpável na região da tireóide.

O diagnóstico baseia-se na palpação desta massa anormal na região da tireóide, a dosagem de hormônio tireoidiano (T4) e uma eventual cintilografia.

O prognóstico é reservado, na medida em que as metástases são freqüentes.

Hipotireoidsmo

Esta patologia é muito mais frequente no cão. Corresponde, em 95 % dos casos, a uma destruição da glândula tireóide (hipotireoidia primária, de origem imnunológica, idiopática ou tumoral) mas pode também ser devida a uma insuficiência de secreção de TSH levando a uma atrofia da glândula (hipotireoidia secundária, por exemplo em casos de tumor hipofisário).
As raças mais atingidas por esta doença são: Golden Retriever, Doberman, Pinscher, Teckel, Seter Irlandês, Schnauzer anão, Dogue Alemão, Poodle, Boxer e Pastor Alemão.

Os sintomas são de aparecimento insidioso e passam freqüentemente desapercebidos no início da evolução. Observa-se: um aumento de peso sem aumento da quantidade de alimento, uma sensibilidade ao frio (o cão procura lugares quentes), perturbações cutâneas em 70 % dos casos (alopécia difusa, pele seca, hiper queratose, mixedema, piodermites, seborréia seca ou gordurosa), perturbações da reprodução (infertilidade), perturbações cardíacas (bradicardia, ou seja diminuição da frequência cardíaca), perturbações neuromusculares com fadiga.

O diagnóstico baseia-se na dosagem do hormônio toreoidiano T4 antes e depois da estimulação indireta da tireóide pelo TRH.

O tratamento consiste na administração de hormônios da tireóide; este tratamento, a partir do momento em que o diagnóstico foi estabelecido, deve ser seguido por toda a vida, mas necessita contudo controles regulares para evitar qualquer superdosagem.

Oncologia no cão

Trata-se aqui de fazer uma síntese sobre o estado dos conhecimentos sobre o câncer no cão, especialmente ao nível epidemiológico, sobre os principais tipos de tumor encontrados em função das raças de cães na França, e sublinhar as particularidades da abordagem de diagnóstico do câncer no cão e terminar evocando as possibilidades terapêuticas e o prognóstico.

Epidemiologia do câncer no cão

Depois de um desenvolvimento significativo da medicina veterinária canina e principalmente dos meios de investigação (scanner, ecografia), os conhecimentos em oncologia animal progrediram muito neste últimos dez anos para chegarem a um grau equivalente ao da medicina humana. Particularmente, do ponto de vista anatomopatológico, as técnicas de diagnóstico se afinaram e o laboratório é capaz de definir o caráter histológico preciso de um tumor e o seu grau de agressividade ("grading") o que permite adaptar a escolha das terapias e principalmente dar um prognóstico ao problema.

A idade média de aparecimento do câncer no cão na França se situa entre os 6 e os 10 anos. Observa-se um maior número de fêmeas atingidas (praticamente o dobro), o que se explica facilmente pela incidência muito grande dos tumores mamários na cadela, tendo em vista também que são os tumores mais fáceis de operar e a cirurgia se tornou comum.

Várias raças são predispostas: Poodle, Pastor Alemão, Boxer, Cocker, Teckel e em seguida Spaniel bretão, Seter, Yorkshire e Fox-Terrier. A percentagem de tumores benignos de qualquer tipo é significativamente mais elevada nos cães de menos de 3 anos, estando este resultado invertido depois dos 7 anos de idade.

No que diz respeito ao tipo de tumor, os tumores mamários são amplamente predominantes, depois vêm os tumores cutâneos, os tumores dos tecidos mesênquimatosos e por fim os tumores do aparelho genital masculino, da boca e do sistema hemolinfopoiético.

Finalmente, algumas raças são predispostas a determinados tipos de tumores, é o caso das raças dolicocéfalas (predisposição aos tumores das cavidades nasais), das raças de grande porte (predisposição aos tumores do esqueleto), dos Boxers (predisposição aos tumores cutâneos, em especial aos mastocitomas) e das raças com mucosas pigmentadas (Chow-Chow, Scottish), predispostas aos tumores da cavidade bucal e melanoma.

A abordagem diagnóstica em cancerologia veterinária

A identificação do câncer pode ser muito fácil (este é o caso quando se está diante de um tumor cutâneo bem visível) ou necessitar exames complementares sofisticados quando o processo tumoral não é identificável imediatamente.

De qualquer forma, diante de qualquer processo canceroso, convém: localizar o processo tumoral, realizar um balanço da extensão do câncer e identificar a natureza histológica do tumor e o seu grau de agressividade, a fim de propor um tratamento perfeitamente adaptado e principalmente um prognóstico, permitindo quantificar, se possível, a esperança de vida do cão.

Deve-se pensar em câncer diante do aparecimento de lesões ou de massas cutâneas que evoluem rapidamente, sintomas gerais que resistem à terapêutica clássica (vômitos, diarréia), um emagrecimento rápido sem razão aparente ou assim que se observam modificações de forma ou de tamanho de determinadas estruturas.

Em função dos sintomas observados, o veterinário vai se orientar para um certo tipo de investigação (radiografias pulmonares, em caso de anomalias respiratórias, ecografia abdominal quando de palpações de uma massa abdominal, coleta de sangue para explorar perturbações metabólicas).

Uma vez localizado o processo canceroso, a etapa seguinte consiste em realizar um balanço da extensão local do tumor (relação com os tecidos e as estruturas que o envolvem), a sua extensão regional (afetação dos gânglios que drenam a região em questão) e a sua extensão geral à distância (metástases). A aquisição e o desenvolvimento de novas técnicas de imagens, como o scanner ou a cintilografia por exemplo, permitem realizar um balanço da extensão extremamente preciso. Pode-se assim chegar a uma classificação clínica dos tumores idêntica àquela utilizada para o homem.

O último estágio da abordagem antes de considerar a terapêutica consiste em conhecer a natureza histológica do tumor. Para tanto, pode-se realizar uma punção com agulha do tumor (quando não se pode realizar uma exérese cirúrgica) a fim de realizar um exame citológico, ou praticar uma biópsia, até mesmo retirar cirurgicamente o tumor a fim de realizar um exame histológico.

Tratamento

Uma vez estabelecido o diagnóstico de câncer, a decisão de tratar é tomada com o dono em função do prognóstico e do conforto da vida do animal. O objetivo é o de ser curativo na medida do possível, e paliativo caso se deseje simplesmente prolongar a vida do animal em boas condições.

O tratamento do câncer do cão pode ser: cirurgia, radioterapia, quimioterapia. A escolha destas terapêuticas depende da natureza histológica do tumor e da sua localização (por exemplo será proposta a radioterapia para certos tumores cerebrais não operáveis, a quimioterapia para câncer sistêmico como o linfossarcoma).

A quimioterapia consiste na administração de substâncias que alteram a multiplicação e o funcionamento da células e vão portanto agir diretamente no tumor, mas essas substâncias vão ter efeitos secundários nas células em replicação no organismo (como a medula óssea produtora de glóbulos vermelhos, por exemplo) e levar a um síndrome anêmico.
A radioterapia utiliza os efeitos físicos da radiação na matéria, esses efeitos físicos levam a efeitos biológicos resultando na morte celular. O objetivo de uma radiação é duplo: a morte das células cancerosas e a proteção das células em torno.
Podemos ser levados a combinar diferentes tratamentos para uma maior eficácia.

Contrariamente ao que geralmente se pensa, a quimioterapia não faz com que o cão perca todos os seus pêlos e não o torna sistematicamente doente, é até melhor suportada pelo cão do que pelo homem.
A medicina veterinária não se encontra desarmada diante do câncer no cão, e de fato, medicina humana e veterinária trabalham em colaboração em centros especializados a fim de desenvolver novos tratamentos.

A neurologia no cão

O conjunto dos principais sintomas de origem neurológica é aqui rapidamente descrito com as indicações de tratamento ou de intervenção para o proprietário.

Acidente vascular cerebral

Assiste-se ao aparecimento brusco de um síndroma neurológico provocado por uma hemorragia, uma obstrução ou um espasmo vascular ao nível do território cerebral.
- **Sintomas:** de início brutal, pode se observar uma perda de consciência breve ou um início de coma: uma dilatação da pupila do olho; um aumento da frequência cardíaca; crises convulsivas. A paralisia resultante será de localização e de extensão variáveis.
- **Evolução:** observa-se uma melhoria progressiva, às vezes com sequelas tais como a cabeça ficando desviada, uma queda da acuidade visual.
- **Tratamento:** administrado pelo veterinário. É preciso lutar contra o edema cerebral, manter as vias respiratórias livres e administrar um vasodilatador cerebral.

Artrose vertebral

Trata-se de uma afeção degenerativa da coluna vertebral levando à formação de extensões ósseas em forma de "bico de papagaio" podendo soldar vários corpos cervicais entre si. Isolada, pode resultar numa síndrome medular, mas também pode levar a uma anquilose e a uma síndrome dolorosa.
- **Tratamento:** consultar imperativamente um veterinário.

Ataxia

Descoordenação dos movimentos voluntários e perturbações do equilíbrio em pé ou andando.
- **Classificação:** ataxia medular (lesão dos cordões nervosos dorsais da medula espinhal correspondentes à sensibilidade profunda); ataxia cerebelar (afecção degenerativa ou inflamatória do cerebelo ou afecção devida a uma má-formação congênita); ataxia vestibular devido a uma lesão periférica (otite, tumor) ou central (infeção, tumor, intoxicação ao nível cerebral) dos centros do equilíbrio.
- **Tratamento:** consultar um veterinário.

Compressão cerebral

Aumento da pressão intracraniana por uma massa (tumor, abcesso), um aumento do volume cerebral (edema) ou um acúmulo anormal de líquido (hemorragia, hidrocefalia).
- **Sintomas:** o cão tem um posicionamento anormal da cabeça, caminha em círculo, muda de comportamento, tem crises convulsivas, perturbações visuais, um déficit dos nervos cranianos e uma ataxia ou uma paresia.
- **Tratamento:** administrado por um veterinário, consiste em baixar a pressão intracraniana, associado a uma cirurgia caso necessário.

Convulsão (síndrome convulsiva, epilepsia)

Manifestação neurológica de sofrimento cerebral associada a uma diminuição da consciência, uma perturbação sensorial e do tônus muscular, assim como salivação, micção e defecação.
- **Causas:** várias possibilidades: má-formação (hidrocefalia), encefalite, perturbações metabólicas, intoxicação, traumatismos ou ainda tumor cerebral.
- **Tratamento:** administrado por um veterinário, consiste em diminuir a freqüência, a duração e a gravidade das crises.

Insolação (congestão cerebral)

É um edema cerebral devido a uma falha dos mecanismos de termorregulação. É mais freqüente nos braquicéfalos quando o clima é quente e úmido com uma má ventilação.
- **Sintomas:** constata-se uma hipertermia (mais de 4° C), um aumento da freqüência respiratória, uma cianose (mucosas azuladas), tremores, convulsões e uma queda do estado de vigília.
- **Tratamento:** é preciso baixar a temperatura por imersão em água muito fria e combater o edema cerebral.

Embolia fibrocartilaginosa

Necrose aguda da medula espinhal devido a uma obstrução das arteríolas por material fibrocartilaginoso, cuja origem poderia ser o disco intervertebral traumatizado. Este fenômeno é mais freqüente na região lombar.
- **Sintomas:** observa-se uma paralisia uni ou bilateral de instalação rápida mas nenhuma dor na coluna vertebral (contrariamente a uma hérnia discal).
- **Tratamento:** consultar um veterinário.

Encefalite/Encefalomielite

Afecção de origem viral, bacteriana, parasitária ou imunológica caracterizada por lesões múltiplas nas diferentes partes do sistema nervoso central.
- **Sintomas:** são muito variados porque dependem da localização das lesões.
- **Evolução:** demora vários dias depois de um início progressivo.
- **Diagnóstico:** é dado pela análise do líquido cefalorraquidiano.
- **Tratamento:** consultar um veterinário, não existe tratamento eficaz contra as encefalomielites virais.

Encefalose hepática

Trata-se de uma síndrome neurológica complexa, de origem metabólica, que ocorre quando o fígado não garante a desintoxicação de elementos de origem intestinal, dentre os quais o amoníaco.
- **Sintomas:** a afecção neurológica se torna nítida 1 a 3 horas depois da refeição com ataxia, alteração da consciência e convulsões. A isto se somam alguns sintomas variáveis conforme a natureza da afecção hepática original.
- **Tratamento:** complexo e administrado por um veterinário.

Hematomielia

Complicação dos traumatismos da medula espinhal, principalmente depois de uma hérnia discal aguda, trata-se de uma necrose e de uma hemorragia da substância cinzenta levando à destruição de um segmento completo da medula.
- **Tratamento:** nenhum.

Hérnia discal

• **Tipo 1 de Hensen:** nas raças condrodistróficas, trata-se de uma metaplasia cartilaginosa do núcleo do disco vertebral com fragilização do seu anel, favorecendo a passagem do material discal no canal raquidiano podendo comprimir a medula de forma aguda.

• **Tipo 2 de Hensen:** nas raças não condrodistróficas, trata-se de uma metaplasia fibrosa do núcleo sem fragilização do anel que se deforma progressivamente sem passagem do material discal; a compressão da medula é então lenta.

As hérnias são classificadas segundo a sua gravidade: (Cf. Tabela abaixo)

Hidrocefalia

Observa-se um aumento de volume dos ventrículos

Grau	*Sintomas*	*Prognóstico*	*Tratamento*
1	dor	bom	médico, exceto em caso de uma hérnia cervical
2	perda da propriocepção	bastante bom	médico
3	paralisia	reservado	médico e cirúrgico
4	perda da sensibilidade dolorosa profunda	ruim, se > 48 horas muito mau	médico e cirúrgico de urgência

cerebrais devido a um excesso de secreção, dificuldades de reabsorção ou a um obstáculo na circulação do líquido cefalorraquidiano. Esta doença pode ser congênita (principalmente nas raças miniatura) ou adquirida.
- **Sintomas:** quando é congênita, a hidrocefalia se declara entre as 5 semanas e os 6 anos de idade (70 % antes de um ano de idade). No animal jovem: nota-se uma deformação da caixa craniana, um crescimento retardado, uma prostração da agressividade, crises convulsivas e um déficit visual. No adulto: predominam as crises convulsivas, uma queda do estado de vigília, uma prostração e a cabeça mantida em posição baixa.
- **Tratamento:** possível para a hidrocefalia congênita, mas o prognóstico é mau se a doença é adquirida.

Instabilidade das vértebras cervicais

É uma anomalia das vértebras cervicais ou das suas articulações levando e uma estenose do canal raquidiano e a uma compressão da medula espinhal.
- **Raças predispostas:** Dogue, Doberman, Basset Hound.
- ***Sintomas:*** nota-se uma ataxia dos membros posteriores podendo ir até à paresia. Nas formas mais adiantadas, os membros anteriores são igualmente atingidos. Não existe dor ao nível das cervicais.
- **Tratamento:** médico e cirúrgico.

Mielopatia degenerativa

Afecção degenerativa da medula começando na região tronco-lombar levando então a uma paresia e a uma ataxia.
- **Raças predispostas:** Pastor Alemão, cães pastores a partir dos 7 anos de idade.
- **Tratamento:** administrado por um veterinário.

Paralisia facial

É a conseqüência de uma inflamação do nervo facial, devido a uma otite média ou a uma idiopatia.
- **Sintomas**: nota-se um desvio da face do lado são, um relaxamento do focinho e uma hipersalivação no lado lesado.
- **Prognóstico:** cura em três a quatro semanas.
- **Tratamento:** administrado unicamente por um veterinário.

Paralisia da mandíbula

Conseqüência de uma inflamação do nervo trigêmeo.
- **Sintomas:** de instalação rápida, nota-se uma paralisia da mandíbula, ficando a boca entreaberta. A ingestão de alimentos se torna então impossível e o cão apresenta algumas dificuldades em beber e em deglutir.
- **Prognóstico:** cura em duas a três semanas.
- **Tratamento:** administrado pelo veterinário.

Paralisia do nervo radial

Perda da motricidade dos músculos extensores do ombro, do punho e dos dedos, bem como da sensibilidade da face dorsal do membro anterior devido a uma lesão no trajeto do nervo.
- **Sintomas:** nota-se uma paresia do membro anterior, um desgaste anormal das unhas por fricção no solo da face dorsal da pata.
- **Tratamento:** longo, administrado por um veterinário, necessita às vezes uma cirurgia.

Espondilodiscite

Trata-se de uma infecção do disco intervertebral e das vértebras situadas em ambos os lados. Pode ser uma complicação de uma infecção urinária, prostática ou da migração de uma corpo estranho (épillet por exemplo).
- **Sintomas gerais:** febre e anorexia; nervoso: paresia ou paralisia, dor ao nível da lesão.
- **Tratamento:** cirúrgico.

Sub-luxação atlantocervical

Compressão medular cervical devida a uma sub-luxação discreta do atlas no canal vertebral. Existe uma certa predisposição nas raças anãs.
- **Sintomas:** se a compressão é aguda, observa-se um tetraplégico; se é crônica, existe dor cervical, paresia dos quatro membros e ataxia. Sistematicamente nota-se uma dor à flexão do pescoço.
- **Tratamento:** administrado pelo veterinário.

Síndroma da cauda de cavalo

Compressão dos nervos da cauda de cavalo (terminação da medula espinhal), situada entre a última vértebra lombar e a primeira vértebra sacra, devido a uma artrose. É descrita principalmente no Pastor Alemão.
- **Sintomas:** nota-se uma dor na região lombar, um levantar difícil, uma paresia ou uma ataxia dos membros posteriores e às vezes uma incontinência urinária e fecal.
- **Tratamento:** administrado pelo veterinário, com a possibilidade de uma cirurgia se necessário.

As medicinas alternativas e o cão

Alguns acreditavam... outros não. De qualquer maneira, as medicinas suaves são praticadas no cão como no homem, às vezes com êxito segundo dizem os especialistas. Excluí-las teria portanto parecido injusto ou pelo menos subjetivo. Os veterinários interessados e especializados nestes diferentes campos estão agrupados em estruturas nacionais e internacionais que dispensam as formações idôneas.

A homeopatia

O princípio básico da medicina homeopática ("similis similibus curandi") é bem conhecido e reside no tratamento do mal pelo mal: um produto ou uma substância responsável por uma determinada doença é diluído até atingir uma dosagem infinitesimal que permite então combatê-la. Na verdade, este conceito de "terapêutica hahemiana", nome do seu criador, já se ampliou um pouco, e mesmo que as moléculas ou as substâncias em causa estejam sempre diluídas várias centenas de vezes, nem sempre estão envolvidas na doença tratada. Os medicamentos homeopáticos são apresentados sob a forma de grânulos, diluídos de forma centesimal (CH) ou decimal (DH). São normalmente administrados fora das refeições e várias vezes ao dia, e existem agora vários níveis destes remédios homeopáticos que são utilizáveis pelo veterinário canino.

A fitoterapia

Embora pouco desenvolvida em medicina canina, a fitoterapia encontra o seu lugar entre as medicinas suaves já que é verdade que certas plantas apresentam reais qualidades medicinais. Algumas formas de charlatanismo, desenvolvidas ou promovidas por personalidades conhecidas do mundo do mídia ou artístico, puderam fazer esquecer que a maioria dos remédios alopáticos tem como origem o reino vegetal. Nada mais normal, desde que se mantenha uma abordagem científica rigorosa e que não se parta do princípio que as plantas podem curar tudo, valorizar as propriedades curativas de determinadas plantas. Esta podem ser utilizadas na sua globalidade (fala-se em "simples"), sob a forma de extratos de óleos essenciais ("aromaterapia") ou pelo intermédio de certas partes da planta mais concentradas em princípio ativo (brotos, raízes, rebentos, fala-se também em "germinoterapia").

(A utilização de certas argilas como a smectita no tratamento de diarréias procede da mesma lógica de terapêutica natural).

A acupuntura

Derivada diretamente da medicina tradicional chinesa, a acupuntura, que utiliza o manuseio de agulhas espetadas em pontos anatômicos perfeitamente definidos, é também utilizada no cão. Mais uma vez, alguns veterinários se especializaram neste campo, com bons resultados, especialmente no campo de determinados problemas de manqueiras crônicas. A Universidade Veterinária de Pequim dispensa aliás aos seus estudantes uma formação completa neste campo, sendo algumas cirurgias realizadas unicamente sob acupuntura.

A osteopatia

O termo osteopatia não é com certeza o termo mais adaptado para designar uma prática médica cuja eficácia não pode ser negada por ninguém, desde que praticada por uma pessoa com uma real formação biológica e médica, um veterinário no caso do cão. A coluna vertebral constitui o verdadeiro arcabouço do organismo vivo: é dela que partem todos os nervos que irradiam em seguida para todos os pontos do corpo. A manipulação inteligente das vértebras, e às vezes dos membros, vai permitir em vários casos (dores, manqueiras, nevralgias) restabelecer a boa ordem das coisas quando tratamentos mais clássicos falharam.

Todas estas técnicas, qualificadas com ou sem razão de "medicinas suaves", só terão interesse desde que sejam praticadas:

- por uma pessoa formada (veterinário), excluindo qualquer charlatão sem formação científica,

- num campo de perfeita complementaridade com as técnicas médicas e cirúrgicas mais clássicas,

- em perfeita honestidade quanto aos seus limites (traumatologia, cancerologia ou doenças infecciosas não podem se contentar com medicinas suaves).

Interesse da patologia animal comparada com o estudo das miopatias humanas

Os estudos sobre as doenças animais mostraram que algumas delas são muito semelhantes às doenças humanas tanto pelos seus sintomas e lesões quanto pelas suas causas. Assim a patologia muscular canina compreende determinadas doenças homólogas das miopatias humanas. Esta constatação permite esperar que o estudo aprofundado das doenças animais seja fonte de progresso do conhecimento dos mecanismos íntimos das miopatias humanas e permita o desenvolvimento de tratamentos eficazes, tanto que a espécie canina tem tamanho suficiente para facilmente permitir a utilização ulterior de tratamentos no homem, enquanto que a transposição a partir de espécies pequenas, como o camundongo, é sempre muito mais difícil. Dois exemplos permitirão entender melhor o interesse da patologia comparada para fazer progredir os conhecimentos das miopatias humanas.

A miopatia de Duchenne é uma doença hereditária, bastante freqüente já que afeta um rapaz em cada 3.500, dramática porque leva, a partir dos 4 a 5 anos de idade, a uma perda progressiva da força muscular devido a uma deterioração de todos os músculos condenando os jovens doentes à cadeira de rodas e terminando pela morte geralmente antes dos 21 anos de idade.

Esta doença transmitida por um cromossoma ligado ao sexo é devido a um gene defeituoso que normalmente dirige a formação de uma proteína, a distrofina, indispensável à estabilidade das membranas das células e portanto à reparação dos meios intra e extracelulares do músculo. Esta doença complexa ainda não se encontra totalmente elucidada nem é tratada eficazmente. Conhece-se, no cão, uma miopatia devido a uma insuficiência em distrofina ligada ao sexo e com um caráter recessivo. Trata-se portanto de uma doença muito próxima à doença humana cujo estudo permite entender melhor a doença humana. Testes terapêuticos sistematizados podem ser elaborados na espécie canina, seja pela utilização de determinados medicamentos, seja pela utilização da terapia genética, que poderia consistir na transferência de genes capazes de corrigir o déficit em distrofina, portanto de restabelecer uma permeabilidade de membrana normal nas células do músculo.

Uma outra doença muito interessante é a miastenia (Myasthénia gravis) caracterizada tanto na espécie humana como na espécie canina pela impossibilidade de uma transmissão correta do fluxo nervoso à função neuromuscular em razão da insuficiência ou da destruição dos receptores nos quais se fixa a acetilcolina, ou seja, o neurotransmissor capaz de transmitir o fluxo motor do nervo ao músculo. A doença do cão pode, como a doença humana, ser congênita ou adquirida. Mais uma vez, os testes clínicos realizados na espécie canina podem fornecer informações valiosas sobre o tratamento da doença humana.

Estes exemplos tomados no campo da miopatologia poderiam ser encontrados na maioria das outras disciplinas médicas. A patologia espontânea é portanto uma fonte muito importante de modelos animais suscetíveis de favorecer o progresso médico. Não há dúvida que os progressos da medicina veterinária beneficiam a medicina humana que, ela própria, favorece o melhoramento dos nossos conhecimentos das doenças animais.

Professor Robert Moraillon
Responsável do Departamento de Criação e Patologia dos Equídeos e Carnívoros,
Escola Nacional Veterinária de Alfort, França

Dietas alimentares em caso de doença: noções de dieta paliativa

Para um cão como para o homem, um organismo em boa saúde depende essencialmente da sua alimentação para manter intactas as suas capacidade físicas e a sua resistência diante das agressões do ambiente. Evitar qualquer carência ou qualquer excesso nutricional (tanto quantitativo quanto qualitativo) é portanto um meio elementar e eficaz para prevenir várias doenças. O papel da nutrição não se limita portanto a garantir um crescimento harmonioso do filhote ou de forma mais geral a permitir o desenvolvimento e a manutenção do cão; a instauração de um regime adaptado, em caso de doença crônica ou de acidente, pode retardar o seu desenvolvimento clínico e contribuir muito eficazmente ao seu tratamento. Neste ponto, a nutrição é sem dúvida nenhuma a primeira das medicinas suaves ainda muito negligenciada por todos.

A magreza

Se nos referirmos aos estudos clínicos existentes, a magreza só se refere a 2 a 3 % da população canina, o que faz dela uma afecção bastante rara. Pode ter várias origens:

- **a má nutrição**, recebendo o cão um regime insuficiente, inapetente, indigerível ou de qualidade muito ruim;
- **a anorexia** (falta total de apetite), que pode estar ligada à evolução de uma doença (febre, sofrimento físico, câncer) ou a um problema psíquico de comportamento (hipernervosismo, insegurança, melancolia);
- **o hipermetabolismo,** estando o cão numa situação crítica, depois de um traumatismo grave ou uma intervenção cirúrgica pesada;
- **a perda de peso** apesar de um **apetite voraz**, que pode estar relacionada com uma manifestação parasitária maciça ou um déficit de absorção digestiva (insuficiência pancreática exócrina, inflamação intestinal crônica).

Diante sa um cão que emagrece, é essencial num primeiro tempo fazer com que a causa deste emagrecimento seja diagnosticada pelo veterinário. Isto feito, o proprietário irá instaurar um regime de "engorda", ração concentrada com alto teor energético para a qual serão selecionadas as matérias-primas altamente digeríveis. O nível de celulose (fibras vegetais fornecidas pelos legumes) será limitado, os excessos de minerais serão evitados, os teores em proteínas e gorduras serão aumentados. Na prática, o ideal será utilizar um alimento completo seco hiperdigerível formulado para as situações de estresse, contendo mais de 35 % de proteínas e aproximadamente 25 % de gordura. Nos casos extremos, será também possível alimentar o cão com um alimento líquido especializado como aqueles que se encontram no veterinário, sendo que este pode usar uma sonda no tubo digestivo.

A obesidade

A obesidade pode ser definida como um excesso de corpulência, que corresponde a um excesso ponderal superior a 15 % ou mais do peso normal de um cão adulto.

Composição de uma dieta de regime de 1 kg

Dieta de manutenção (em g)

carne de boi magra	420
Arroz cozido	430
Cenouras	130
Óleo de girassol	20

Dieta em caso de obesidade (em g)

Carne branca ou peixe de carne branca	330
Arroz cozido	300
Cenouras	180
Farelo de trigo	180
Óleo de girassol	10

Comparações das dieta para cães normais e cães obesos

Cães normais em manutenção e cães apresentando uma obesidade de 20 %

Alimentos	*Quantidade (em g por dia) segundo o peso do cão em Kg: F = peso normal. 0 = peso do obeso*											
	F	**O**	**F**	**0**	**F**	**0**	**F**	**0**	**F**	**0**	**F**	**0**
Peso do cão (em kg)	5	6	10	12	20	24	30	36	40	48	50	60
Carne de boi magra	120		210		350		480		590		700	
Carne branca ou peixe de carne magra		70		110		180		250		310		370
Arroz muito cozido	130	60	220	100	370	170	500	230	620	290	730	340
Cenoura	30	30	50	60	90	100	120	130	150	160	180	190
Farelo de trigo		30		60		90		130		160		190
Água *		120		240		360		500		600		700
Óleo de girassol	10	5	10	10	15	10	20	10	30	10	30	10
Complemento mineral vitaminado	10	10	15	15	20	20	30	30	40	35	50	40

**** A água faz inchar o farelo que ocupa sete vezes o seu volume e assim enche o estômago.***

Segundo as pesquisas, 25 a 35 % dos cães são clinicamente obesos, doença aliás que muitas vezes atinge também o dono: porque com efeito existe freqüentemente uma incompreensão notória dos proprietários de cães em relação à obesidade, que consideram apenas como "alguns quilos a mais" que não prejudicam o animal: não é "melhor causar inveja do que pena"? Na verdade a obesidade é realmente uma doença, e verdadeiramente inquietadora porque:
- causa ou agrava outras afecções (diabete, insuficiências cardio-respiratórias),
- aumenta os riscos cirúrgicos (a anestesia é mais difícil e mais perigosa num cão obeso),
- favorece o aparecimento de carências nutricionais,
- provoca problemas significativos de locomoção (artorse, hérnia discal),
- diminui as capacidades de reprodução (diminuição da libido e da qualidade do esperma no macho),
- gera problemas de pele significativos.

• De onde vem a obesidade?
A principal origem da obesidade no cão é evidentemente um consumo de calorias muito superior às suas necessidades. Esta doença evolui aliás em duas fases:

- na fase inicial, qualificada de dinâmica, a ingestão energética é excessiva e o animal ganha peso.

- na segunda fase, dita estática ou de estabilização, o cão reduz por si mesmo a sua ração e o seu peso permanece constante (diz-se que "o obeso come menos").

Dentre as causas determinantes da obesidade, a alimentação é sem dúvida preponderante, freqüentemente associada a uma falta de exercício, em especial no meio urbano. Mas algumas raças são geneticamente predispostas: Cocker, Labrador, Collie por exemplo. Neste estágio, a alimentação do filhote durante o seu crescimento é fundamental porque o aumento da quantidade de tecido adiposo no obeso resulta do crescimento em tamanho das células de gordura (adipócitos), mas principalmente do aumento do seu número. O filhote super alimentado vai produzir muitas células adiposas que, como pequenos balões, apenas terão que se encher de gordura na idade adulta. É preciso portanto alimentar da melhor forma os filhotes em crescimento evitando os alimentos muito apetitosos em benefício de alimentos completos secos especializados.
Além disso, excitar a gulodice de um cão lhe oferecendo muitos doces e bolos é um fator não desprezível do desenvolvimento da obesidade. Finalmente, a obesidade está freqüentemente associada a doenças endócrinas mais graves (hipotiroidismo, doença de Cushing), ou é às vezes um dos "resultados " da doença, razão pela qual um check-up completo deve sempre ser realizado num cão excessivamente gordo.

• O que fazer em caso de obesidade?
Uma vez estabelecido o diagnóstico e determinado o grau de obesidade do cão, o sucesso do tratamento depende fundamentalmente da tomada de consciência e da determinação do dono em fazer o cão respeitar o regime imposto. Será então necessário:

- seguir a e evolução do peso do cão pesando-o a cada semana, a fim de controlar a perda de peso prescrita pelo veterinário,
- suprimir de forma imperativa qualquer guloseima rica em açúcar, em amido ou em gorduras: é possível substitui-las vantajosamente, quando o cão as pede, por cascas de batata por exemplo,
- diminuir para menos a quantidade de alimento fornecida (que poderá cobrir apenas 60 % da necessidade energética do cão como correspondente ao peso desejado),
- reduzir a proporção de gorduras na ração,
- enriquecer levemente o alimento em proteínas, minerais e vitaminas.

Em seguida, reduzir a quantidade de alimento consumido cotidianamente pelo cão pode ser um problema, já que este aceita mal ver o seu volume alimentar ser restringido. O objetivo de um alimento bem concebido será portanto o de manter o volume do bolo alimentar concentrando-o ao mesmo tempo em nutrientes essenciais; a melhor solução prática será mais uma vez o alimento especializado, que irá garantir a cobertura das necessidades específicas (sendo o ideal o alimento hipocalórico completo seco ou em sopa a reidratar em venda na maioria dos veterinários). Para quem prefere preparar a dieta do seu cão, é também possível seguir um plano de alimentação caseira.
Seguindo estes preceitos, é razoável esperar fazer com que o cão perca 4 a 5% do seu peso a cada mês, dando-lhe assim progressivamente mais saúde, vitalidade e esperança de vida.

O diabete

O diabete dito "doce" é caracterizado por um aumento da concentração de glicose ("açúcar") no sangue e pela sua presença na urina do cão. No plano clínico, o cão diabético aumenta muito nitidamente a ingestão de líquidos, urina em grande quantidade, come muito e sofre às vezes de uma catarata a nível ocular. Quando a doença evolui, o cão fica muito magro e a urina adquire um odor característico de maçã. Na ausência de tratamento, acaba por cair em coma e morrer. Um simples exame de sangue permite detectar esta doença.
As causas da doença são ao mesmo tempo genéticas e exteriores ao animal e são devidas principalmente a uma menor secreção de insulina (o hormônio hipoglicemiante) pelo pâncreas. Existe uma forma juvenil do diabete que acomete preferencialmente algumas raças (Pinscher, Pastor Alemão, Poodle) e que não representa mais do que 1 a 2 % do conjunto dos diabetes, que aparecem portanto preferencialmente no adulto. Esta doença crônica grave é favorecida pelos elementos externos:
- raça do cão (Pastor Alemão, Collie, Pequinês, Boxer),
- idade (surgida entre os 5 e os 12 anos de idade)
- sexo (o diabete atinge duas vezes mais as fêmeas do que os machos),
- obesidade associada.

Sem entrar em detalhes de uma classificação médica complexa, notemos que existem no cão adulto dois grandes tipos de diabetes doces, o segundo resultando aliás da evolução do primeiro: fala-se de diabete não insulino dependente (para o qual o regime por si só permite combater a doença) e de diabete insulino dependente (neste caso o animal deve receber diariamente uma ou várias injeções de insulina e o regime – em especial a hora das refeições – adapta-se a ela(s)).

No caso mais simples (no plano do regime mas não no plano médico) do diabete dependente de insulina, um regime tradicional, sem excesso de lipídeos, é suficiente: pode ser utilizado com sucesso um alimento hiperdigerível, úmido ou seco, o que permite distribuir melhor no tempo a absorção de glucídeos. Os açúcares de rápida absorção (sacarose) não são recomendados; é imperativo respeitar perfeitamente as horas das refeições prescritas pelo veterinário em função do tipo de insulina utilizada e nunca mudar a alimentação uma vez estabilizado o diabete.

Para o diabete não insulino dependente, o cão conserva uma certa capacidade em regular a sua glicemia e torna-se importante fazer com que esta aumente o menos possível depois de uma refeição, a fim de não solicitar demasiadamente o pâncreas pedindo-lhe que produza grandes quantidades de insulina. Para tanto, pode-se utilizar um alimento dietético completo hipocalórico em croquetes ou alimento para reidratar, ou ainda fazer uma alimentação caseira composta por:
- glucídeos lentos (arroz, massas),
- proteínas de excelente qualidade (carnes magras

EXEMPLO DE ALIMENTAÇÃO CASEIRA PARA UM CÃO DIABÉTICO

Para 1 Kg de alimento

Carne branca e fígado	250 g
Arroz cozido	250 g
Legumes verdes	420 g
Farelo da trigo	50 g
Óleo de girassol	10 g
Complemento especial diabete	20 g

Eventualmente uma maçã como sobremesa sem risco de fornecer muito açúcar.

brancas ou vermelhas),
- fibras (alface, feijão verde, farelo, evitando as cenouras que são bastante doces).
O ideal será neste caso fracionar ao máximo a ingestão de alimentos, dando cada dia três a quatro refeições distribuídas no tempo afim de limitar ao máximo aquilo que se chama "pico hiperglicêmico pós-refeição" (aumento da glicose sanguínea observado depois da refeição).

As diarréias

A alimentação pode intervir a dois níveis num problema de diarréia:

- pelo seu papel indutor se estiver mal concebida.
- pelo seu papel paliativo, se ajudar no tratamento da diarréia em causa.

Desta forma, a alimentação pode desencadear uma diarréia quando:

- o regime do cão é bruscamente alterado, de um dia para outro, sem respeitar a necessária transição alimentar de uma semana;
- a quantidade de alimento fornecida é excessiva, levando a ultrapassar as capacidades de digestão do cão;
- a ração contém em excesso glucídeos pouco digeríveis, o que leva a uma diarréia de odor azedo; é este o caso em determinados sujeitos que não suportam o leite ou que já não estão adaptados a ele, ou quando o amido do arroz ou das massas está insuficientemente cozido, especialmente nos cães frágeis neste aspecto que são as raças próximas das origens selvagens (cães nórdicos, Pastores alemães);
- a ração é rica em proteínas pouco digeríveis (carnes de má qualidade, tendões, aponeuroses, restos crus, carnes super-aquecidas) que, ao chegarem ao intestino grosso, vão "fermentar" e provocar a produção de diversas substâncias tóxicas geradoras de uma diarréia de odor pútrido.

No entanto a alimentação pode igualmente ajudar a prevenir ou a tratar certas diarréias desde que seja convenientemente utilizada. Assim, no caso de uma diarréia aguda, as seguintes medidas se impõem:

- dieta hídrica de 24 horas (nada para comer mas líquidos à vontade), a fim de prevenir qualquer desidratação e colocar o intestino em repouso;
- fracionamento dos fornecimentos de alimento (tantas pequenas refeições quanto possível assim que cessar a dieta permitindo fazer "arrancar de novo" sem sobressalto o sistema digestivo).
- Fornecimento de uma alimento hiperdigerível de grande qualidade.

Os casos de diarréias crônicas (com uma duração de várias semanas) são mais complicados avaliar pois, conforme os casos, a adaptação da ração será diferente; uma diarréia tendo por origem o intestino delgado pede uma alimentação hiperdigerível, enquanto uma diarréia proveniente do intestino grosso necessitará a introdução de fibras celulósicas em maior quantidade para aproveitar os seus efeitos higiênicos. Na verdade toda a arte do "nutricionista veterinário" pode se manifestar no tratamento alimentar de uma diarréia crônica.

As perturbações urinárias

Como o caso de insuficiência renal crônica, muitas vezes associado à velhice, foi considerado em outro segmento, pode ser útil expor as **urolitíases caninas,** também chamadas **cálculos urinários.** Os cálculos são cristais que se formam e precipitam na bexiga, podendo causar a sua obstrução mas freqüentemente associados a uma inflamação da bexiga (cistite): trata-se do caso da cadela que se abaixa a cada dez metros para fazer algumas gotas ou do cão que levanta a pata em vão durante todo o seu passeio, ou até de gotas de urina perdidas sem razão pelo apartamento e muitas vezes associadas a sangue. Estima-se atualmente que mais de 21 % dos cães apresentados aos veterinários estão afetados, sendo algumas raças mais atingidas do que outras: Chihuahua, Yorkshire, Poodle, Teckel e principalmente Dálmata. Esta raça é na verdade geneticamente predisposta a determinados cálculos. Assim sendo, as coisas seriam relativamente simples no plano dietético se existisse apenas um único e mesmo tipo de cálculo no cão, mas este não é infelizmente o caso: cálculos de estruvita (fosfato de amoníaco e magnésio), oxalatos, uratos (no Dálmata), cisteína (caso do Teckel), silicatos, carbonatos... podem estar em causa e necessitam portanto que o diagnóstico do veterinário vá até à análise do tipo de cálculo em questão antes que possa ser associada ao tratamento uma dieta específica. Em todos os casos, esta terá como objetivos minimizar o fornecimento daquilo que, na ração, pode servir para que o cálculo se forme (menos magnésio no caso de estruvite por exemplo) mas também gerar na bexiga, através da urina, condições de pH impedindo a precipitação desses cálculos. É assim que se tentará acidificar a urina de um cão sofrendo de estruvita, mas que inversamente será preciso alcalinizar a urina caso se trate de cristais de cisteína ou de oxalatos.
Será portanto essencial para o dono dispor de um diagnóstico preciso, com análise por um laboratório especializado, antes de considerar com o seu veterinário, e em função desses resultados, as recomendações nutricionais melhor adaptadas e consequentemente as mais eficazes.

EXEMPLO DE EQUILÍBRIO ALIMENTAR PARA INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA

Para 1 Kg de alimento	
Carne branca	250 g
Cenouras	300 g
Amido de tapioca	380 g
Óleo de girassol	65 g
Óleo de salmão purificado	5 g

Complemento mineral e vitamínico.
Alimentos completos hipoprotéicos secos ou úmidos permitindo o acompanhamento a longo prazo de uma insuficiência renal estão também disponíveis nos veterinários.

As outras afecções necessitando um regime especial

Várias outras doenças podem necessitar uma adaptação do alimento a fim de ajudar na cura do cão.

A constipação pode ser curada aumentando o teor em fibras (pelo introdução de farelo de trigo por exemplo) ou a escolha de uma alimento hipocalórico completo seco. **As doenças de pele,** tão freqüentes no cão, podem estar relacionadas com uma má alimentação e, muito raramente até com problemas de alergia, mas sabemos atualmente que determinados suplementos nutricionais constituem elementos importantes de um tratamento dermatológico (vitamina B, aminoácidos sulfurosos, ácidos graxos essenciais), os ácidos graxos essenciais da série omega 3 (óleo de peixe purificado) tendo inclusive um efeito antipruriginoso (desaparecimento do ato de coçar).

O período que se segue a uma **intervenção cirúrgica** poderá necessitar uma alimentação especial:

- líquida e eventualmente dada por sonda no caso de uma cirurgia digestiva,
- hiperenergética e muito concentrada em nutrientes durante a fase de convalescência,
- enriquecida em proteínas nos períodos de estresse (hospitalização médica).

Todos estes exemplos terão demonstrado a importância hoje em dia atribuída pelo aspecto dietético da medicina veterinária no tratamento médico ou cirúrgico de uma doença. A escolha de um alimento ou a composição de uma alimentação caseira é de responsabilidade do veterinário, a administração é de responsabilidade do dono, que só trabalhará de forma conveniente e contínua no interesse do seu cão se estiver convencido do seu próprio papel.

Localização das principais afeções hereditárias e congênitas raciais

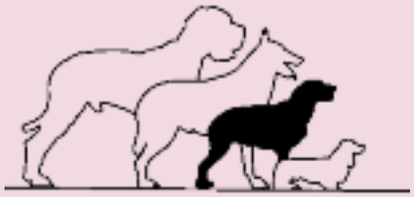
(Predisposições raciais – Exceto displasia coxo-femural)

A partir dos dados mais recentes sobre as doenças hereditárias e congênitas do cão, aqui está uma recapitulação sobre os pontos fracos e as taras presumivelmente hereditárias das principais raças (grandes, médias e pequenas) do cão. Também são fornecidas algumas definições de afecções ou anomalias do cão, em complemento àquelas mencionadas nos capítulos sobre as doenças dos cães. A displasia - coxo-femural não é mencionada nesta tabela. Atinge muitas raças e praticamente todos os tamanhos, com uma incidência mais significativa nas grandes raças. Consulte o capítulo sobre as afecções do aparelho locomotor.

Raças pequenas (menos de 10 kg)

Pontos fracos/raças	Taras presumivelmente hereditárias
Affenpinscher	
- Face	- Lábio leporino
Bedlington Terrier	
- Fígado	- Hepatite por acúmulo de cobre
- Olho	- Displasia da retina
Bichon Frisé	
- Aparelho locomotor	- Luxação da patela
- Sistema nervoso	- Epilepsia
Boston Terrier	
- Rim	- Diabete insípido renal
- Olho	- Microftalmia
- Coluna vertebral	- Hemivértebra
Cairn Terrier	
- Sistema nervoso	- Paralisia ligada a um déficit enzimático
- Rim	- Nefropatia juvenil
- Mandíbulas	- Osteopatia crânio mandibular
Poodle anão	
- Rim	- Diabete insípido
- Coração	- Persistência do canal arterial Má-formação das pálpebras
	- Miotonia
Carlin	
- Sistema nervoso central	- Perda de equilíbrio
- Olho	- Catarata congênita, extrópio, Má-formação das pálpebras
- Músculo	- Miotonia
Cavalier King Charles	
- Olho	- Microftalmia
Fox Terrier de pêlo duro	
- Sistema nervoso central	- Perda de equilíbrio
- Olho	- Luxação do cristalino
- Tubo digestivo	- Megaesôfago
Fox Terrier de pêlo liso	
- Aparelho locomotor	- Miastenia, ataxia
Fox Terrier de pêlo raso	
- Olho	- Luxação do cristalino
- Coração	- Estenose pulmonar
Lhassa Apso	
- Rim	- Diabete insípido renal, nefropatia juvenil
- Olho	- Ectóprio, atrofia retiniana
Loulou de Poméranie	
- Olho	- Má-formação das pálpebras
Pastor de Shetland	
- Olho	- Muitas afecções
- Face	- Fenda palatina

Pontos fracos/raças	Taras presumivelmente/ hereditárias
Pequinês	
- Língua	- Macroglossia
- Olho	- Ectrópio, luxação do globo ocular
Schnauzer anão	
- Olho	- Atrofia retiniana progressiva
Sealyham Terrier	
- Olho	- Luxação do cristalino
Shih-Tzu	
- Rim	- Diabete insípido renal, nefropatia juvenil
- Olho	- Ectrópio
Spaniel Mariposa	
- Olho	- Entrópio
- Orelha	- Surdez
Teckel de pêlo duro	
- Olho	- Queratite pontuada
- Coluna vertebral	- Hérnia discal
Teckel de pêlo longo	
- Olho	- Queratite pontuada
- Coluna vertebral	- Hérnia discal Eye
Terrier	
- Coração	- Comunicação interventricular
- Mandíbulas	- Osteopatia crânio mandibular
- Sistema imunológico	- Várias alergias
Terrier branco das terras altas	
- Sangue	- Anemia por perturbações enzimáticas
Terrier du Reverendo Jack Russel	
- Olho	- Luxação do cristalino
- Sistema locomotor	- Ataxia, miastenia
Terrier escoçês	
- Músculo	- Câibra
Terrier Tibetano	
- Olho	- Luxação do cristalino
- sistema nervoso	- Lipofucsinose
Yorkshire Terrier	
- Olho	- Microftalmia, queratina seca
- Coração	- Persistência do canal arterial
- Coluna vertebral	- Hemivértebra
- Aparelho locomotor	- Necrose da cabeça do fêmur



Raças médias (de 10 a 25 kg)

Pontos fracos/raças	Taras presumivelmente/ hereditárias
Basenji	
- Rim	- Nefropatia juvenil
- Olho	- Afecção do nervo ótico, persistência da membrana pupilar
- Intestino	- Enterite imunológica
- Sangue	- Anemia por déficit enzimático
Basset Hound	
- Sistema imunológico	- Déficit imunológico
- Olho	- Eversão da terceira pálpebra
Beagle	
- Rim	- Nefropatia juvenil
- Olho	- Microftalmia, catarata
- Coagulação	- Hemofilia A
- Coração	- Estenose pulmonar
- Face	- Fenda palatina
Border Collie	
- sistema nervoso	- Perturbações do comportamento ligadas ao acúmulo de pigmentos (lipofucsina) no sistema nervoso
Bull dog francês	
- Olho	- Entrópio
Bull Dog inglês	
- Coração	- Estenose pulmonar, comunicação interventricular
- Olho	- Entrópio
Bulterrier	
- Rim	- Nefropatia policística juvenil
- Extremidades	- Acrodermatite letal (dedos, mandíbula, focinho)
- Olho	- Má-formação das pálpebras
Cocker Spaniel americano	
-Olho	- Várias afecções oculares das quais entrópio
Cocker Spaniel inglês	
- Rim	- Nefropatia juvenil
- Comportamento	- Agressividade
- Olho	- Numerosas afecções oculares das quais microftalmia, ectrópio
- Face	- Fenda palatina
Collie cinza	
- Olho	- Várias afecções oculares
- Medula óssea	- Hematopoiese cíclica
Collie	
- Olho	- Anomalia do olho do collie, microftalmia
Dálmata	
- sistema nervoso	- Surdez, déficits enzimáticos
- Rim	- Nefropatia juvenil, cálculos de urato

Pontos fracos/raças	Taras presumivelmente/ hereditárias
Husky Siberiano	
- Aparelho urinário	- Ectopia dos ureteres
- Coração	- Comunicação interventricular
- Olho	- Várias afecções oculares
- Pele	- Dermatite melhorada pelo zinco
- Laringe	- Paralisia laríngea
Kerry Blue Terrier	
- Olho	- Má-formação das pálpebras
- Sistema nervoso	- Degenerescência do cerebelo
Pointer	
- Olho	- Catarata, atrofia retiniana
- Sistema nervoso	- Degenerescência do cerebelo
Poodle	
- Rim	- Nefropatia juvenil
- Olho	- Catarata, defeito na implantação dos cílios
Seter Gordon	
- sistema nervoso	- Perturbações do comportamento
Seter Inglês	
- Olho	- Entrópio
- Comportamento	- Lipofucsinose
Seter Irlandês	
- Sistema nervoso	- Perturbações do equilíbrio
- Olho	- Amiloidose renal
- Coagulação	- Hemofilia
- Digestão	- Intolerância ao glúten
Shar Pei	
- Pele	- Mastocitoma cutâneo
- Rim	- Amiloidose renal
- Olho	- Numerosas afeções
- Sistema endócrino	- Hipotiroidismo
Spaniel	
- Coração	- Comunicação interventricular
- Músculo	- Miastenia
- Pelea	- Frouxidão da pele
Spaniel bretão	
- Músculo	- Distrofias musculares
Spitz alemão	
- Coração	- Comunicação interventricular
Springer Spaniel inglês	
- Olho	- Várias afecções oculares
Welsh Corgi	
- Olho	- Catarata
- Aparelho urinário	- Cálculos de cisteína

Vocabulário

Acrodermatite letal
Filhotes de pelagem mais clara ao nascimento, perturbações do crescimento, dificuldades de mastigação e de deglutição, afastamento dos dedos, infecções da pele, otites, diarréia, corrimento, etc. Afecção geralmente mortal.

Alopécia dos mutantes de cor
Perda de pêlos que só afeta determinadas regiões coloridas do corpo.

Amiloidose
Depósito nos órgãos de uma substância amorfa chamada amilóide que contraria o seu funcionamento.

Anomalia do olho de Collie
Conjunto de lesões retinianas podendo levar à cegueira, afetando o Collie e as raças vizinhas.

Atresia dos canais lacrimais
Ausência congênita dos canais lacrimais.

Atrofia retiniana progressiva
Defeito da visão durante a noite, depois durante o dia, levando à cegueira completa. Pupilas dilatadas, atrofia dos vasos retinianos. Vários tipos distintos são reconhecidos. Este termo designa a degenerescência de vários tipos de fotoreceptores da retina.

Comunicação interventricular
Comunicação anormal entre os dois ventrículos cardíacos.

Criptorquidia
Ausência da descida dos testículos na bolsa escrotal.

Distiquíase
Existência anormal de uma segunda fileira completa ou de alguns cílios.

Displasia da retina
Anomalia congênita da retina consistindo numa diferenciação e uma proliferação anormais de algumas das suas camadas.

Distrofia da córnea
Perturbação da nutrição da córnea.

Ectrópio
Pálpebra voltada para fora.

Raças grandes e gigantes (de 25 a 90 kg)

Entrópio
Pálpebra voltada para dentro.

Glaucoma
Aumento da pressão intra-ocular. Pode levar à cegueira.

Hemofilia A
Doença do sangue que se traduz por sangramentos prolongados e hemorragias espontâneas.

Hidrocefalia
Acúmulo de líquido nos ventrículos cerebrais.

Hipoplasia cerebelar
Desenvolvimento insuficiente do cerebelo que se traduz por uma ataxia (perturbações do equilíbrio) e uma hipermetria (movimentos exagerados).

Hipoplasia da traquéia
Anomalias do desenvolvimento da traquéia que se traduzem por uma tosse crônica, uma dispnéia, uma intolerância ao exercício.

Hipoplasia do processo odontóide
Má-formação vertebral podendo provocar diversos sintomas, da dor à quadriplegia.

Hipoplasia renal
Rins muito pequenos.

Hipoplasia renal cortical
Defeito de formação da camada externa do rim, levando a polidipsia e poliúria (o cão bebe e urina muito).

Hipospadias
Mal posicionamento da uretra ao nível do pênis.

Hipotiroidismo
Insuficiência de secreção de hormônios da tiróide.

Insuficiência pancreática
Anomalia das secreções pancreáticas resultando num emagrecimento e na emissão de fezes margosas.

Lipofucsinose
Acúmulo de certos pigmentos chamados lipofucsinas no sistema nervoso, podendo levar a perturbações do comportamento.

Doença de Legg Perthes ou necrose asséptica da cabeça do fêmur
Anomalia freqüente nas pequenas raças que se traduz por manqueiras e uma destruição da cabeça do fêmur.

Pontos fracos/raças	Taras presumivelmente hereditárias
Akita inú	
- Olho	- Afecções da retina
Boiadeiro bernês	
- Olho	- Entrópio
Boiadeiro de Flandres	
- Laringe	- Paralisia da laringe
Borzói	
- Olho	- Afecções do globo ocular, da retina ou do nervo ótico
Bóxer	
- Coração	- Várias má-formações cardíacas (estenose aórtica, estenose pulmonar, comunicação inter-auricular)
Buhund Norueguês	
- Olho	- Catarata
Bulmastife	
- Olho	- Entrópio
- Sistema nervoso central	- Degenerescência do cerebelo
Cão de Santo Humberto	
- Olho	- Má-formações das pálpebras
Doberman	
- Rim	- Nefropatia juvenil
- Olho	- Várias afecções oculares das quais microftalmia
- Pele	- Alopécia dos mantos mais diluídos
- Sistema nervoso	- Tremores, dores cervicais, surdez
- Metabolismo	- Hipertermia maligna
- Crânio	- Osteopatia crâniomandibular
- Coração	- Cardiomiopatia dilatada
Dogue Alemão	
- Olho	Várias afecções oculares das quais ectrópio
Dogue de Bordeaux	
- Olho	- Entrópio
Dogue do Tibete	
- Olho	- Entrópio
Elkhound norueguês cinza	
- Olho	- Entrópio
Galgo Afegã	
- Medula espinhal	- Mielopatia necrosante

Pontos fracos/raças	Taras presumivelmente hereditárias
Golden Retriever	
- Coração	- Estenose aórtica
- Olho	- Várias afecções oculares das quais microftalmia e estrabismo
- Sistema nervoso	- Miopatia distrófica
Grande Spitz alemão	
- Coração	- Comunicação interventricular
Greyhound	
- Metabolismo	- Hipertermia maligna
Groenandael	
- Músculo	- Distrofia muscular
- Tubo digestivo	- Câncer do estômago
Labrador Retriever	
- Aparelho urinário	- Ectopia dos ureteres
- Olho	- Várias afecções oculares das quais atrofia retiniana central e disfasia retiniana
- Músculo	- Miopatias
- Sistema nervoso central	- Epilepsia essencial
Malamute do Alaska	
- Olho	- Distrofia da córnea
- Coagulação	- Hemofilia A
- Cartilagem	- Condrodisplasia
Mastife	
- Olho	- Microftalmia, persistência da membrana pupilar
Mastim de Pirenéus	
- Olho	- Entrópio, catarata, distiquíase
- Coagulação	- Hemofilia
Old English sheepdog	
- Olho	- Microftalmia
Pastor alemão	
- Coração	- Estenose aórtica - Diabete
- Rim	- Insípido nefrogênico
- Coagulação	
Pastor da Picardia	
- Aparelho genital feminino	- Má-formação da vulva
- Olho	- Displasia dos fotorreceptores

Pontos fracos/raças	Taras presumivelmente hereditárias
Pastor de Beauce	
- Pele	- Dermatite bulbosa necrosante
Pastor de Brie	
- Aparelho urinário	- Ectopia dos ureteres
Rotweiller	
- Músculo	- Distrofia muscular
Samoíeda	
- Coagulação	- Hemofilia
- Rim	- Nefropatia juvenil
- Coração	- Comunicação inter-auricular
- Músculo	- Distrofia muscular
São Bernardo	
- Olho	- Várias afecções oculares
- Coagulation	- Hemofilia
- Coagulação	- Cardiomiopatia
Schnauzer	
- Rim	- Diabete insípido renal
- Olho	- Microftalmia
- Face	- Fenda palatina
Terra Nova	
- Coração	- Estenose aórtica
- Aparelho urinário	- Cálculos de cisteína
- Olho	- Ectrópio
Tervueren	
- Sistema nervoso	- Epilepsia
Weimaraner	
- Diafragma	- Hérnia diafragmática
- Músculo	- Miotonia
- Olho	- Ectrópio

Doença discal
Anomalias de posicionamento dos discos intervertebrais levando inclusive a uma compressão da medula espinhal e conseqüente uma menteparesia e depois paralisia.

Mastocitoma
Tumor de células cutâneas e sanguíneas chamadas mastócitos. Vários graus de malignidade são reconhecidos.

Megaesôfago
Anomalia do esôfago levando a perturbações da deglutição e a falsas vias.

Microftalmia
Anomalia de desenvolvimento dos olhos (muito pequenos)

Miastenia gravis
Anomalia dos músculos que se traduz por uma fraqueza muscular

Miolepatia necrosante
Afecção da medula que se destrói, levando a perturbações nervosas e locomotoras.

Osteopatia craniomandibular
Doença óssea que se traduz por uma proliferação irregular do osso da mandíbula e da bula timpânica. Ocasiona um incômodo durante a ingestão de alimentos e uma febre intermitente. Por vezes resolve-se espontaneamente.

Pênfigo foliáceo
Doença do sistema imunológico levando essencialmente a sintomas cutâneos (perdas de pêlos, lesões das almofadas plantares).

Persistência da membrana pupilar
Anomalia congênita consistindo na persistência de uma membrana fetal proveniente da íris. Traduz-se pela existência de finas membranas ligando a íris à córnea e a íris ao cristalino, levando a opacidades a estes dois níveis.

Persistência do canal arterial
Não fechamento de uma artéria entre a aorta e a artéria pulmonar.

Persistência do vítreo primitivo
Anomalia congênita devida à persistência do vítreo primitivo apresentando-se como uma massa opaca na face posterior do cristalino.

Polineuropatia hereditária
Afecção dos nervos levando a manqueiras e a uma fraqueza muscular progressiva.

Shunt portosistêmico
Anomalia do desenvolvimento de determinados vasos, principalmente hepáticos, podendo provocar sinais nervosos por "intoxicação" do sangue.

Estenose pulmonar
Encolhimento da artéria pulmonar no seu início.

Síndrome de Ehler Danlos
Anomalia dos tecidos conjuntivos subcutâneos. A pele é flácida e observa-se também um hiperrelaxamento dos ligamentos.

Síndroma de Cushing
Anomalia de funcionamento das glândulas supra-renais, traduzindo-se inclusive por depilações e um abdômen pendular. Pode estar ligada a um disfuncionamento das próprias glândulas supra-renais ou a injeções de anti-inflamatórios esteróides (cortisona).

Tetralogia de Fallot
Anomalia cardíaca complexa associando comunicação interventricular, estenose pulmonar, mal posicionamento da aorta e hipertrofia do ventrículo direito.

Ureter ectópico
Anomalia de posicionamento do ureter, canal que liga o rim à bexiga.

10ª parte

O ambiente do mundo canino

O veterinário e as suas múltiplas funções

História da medicina veterinária

Desde a sua origem, a medicina veterinária e a medicina humana evoluíram lado a lado.

Os médicos das duas disciplinas eram originalmente os mesmos.

Dos papiros egípcios aos trabalhos de Hipócrates

Na Antiguidade, a medicina se baseava em conhecimentos empíricos e em botânica, tudo isso envolto por poderes místicos. Nenhuma distinção de método era realmente feita para tratar os males dos homens e os dos animais. No entanto, encontram-se alguns traços de uma ciência especificamente veterinária nos Egípcios com um papiro datando de 1750 a.C. que trata de oftalmologia animal. As paredes das tumbas mostram por vezes pin-turas representando partos e cuidados dos médicos aos bovinos. Parece até que uma casta especial tenha unido os médicos aos animais. Evidentemente, os animais sagrados beneficiavam prioritariamente dos conhe-ci-mentos mais avançados da época.

Os Gregos, em primeiro lugar, fizeram progredir a ciência médica de forma significativa. Por volta de 400 a.C., Hipócrates desenvolveu a medicina pragmática com o interrogatório e o exame sistemático do doente. Também lhe são atribuídas as primeiras prescrições de medicamentos. Será seguido por Platão, Herófilo e Galeno. Cada um deles quis descrever as doenças humanas e as animais. Assim, Hipócrates se interessou pelas perturbações cerebrais dos bovinos e ovinos. Mas é com Aristóteles que aparece um estudo sistemático da patologia animal. Ele descreveu as doenças mais célebres: raiva, eritema do porco, cólicas do cavalo. Até o elefante fazia parte das suas preocupações. Os seus ensinamentos foram retomados pela célebre escola de medicina de Alexandria.

Em toda a Antiquidade, o desejo de melhor conhecer a medicina dos animais era ditado principalmente pela importância da cavalaria militar, instrumento necessário às grandes conquistas da época. A isto se soma a frequência de epidemias que dizimavam os rebanhos. Encontram-se textos que falam da peste bovina na Grécia e no Império Bizantino.
Na Idade Média, as ciências conheceram um verdadeiro declínio e a medicina veterinária não foi exceção à regra. Os instrumentos e as técnicas ficaram praticamente inalterados.
Eram preconizados sangrias, lavagens, cauterizações, trocartes, vinagre e sal. Apenas os Árabes continuaram a fazer evoluir os seus conhecimentos baseando-se nos trabalhos de Hipócrates e Galeno. Desenvolveram diferentes tipos de bisturis cirúrgicos e os métodos de contenção dos cavalos.

O cavalo, objeto de todos os cuidados

De qualquer maneira, uma atenção especial era dada aos cavalos de guerra, que tinham um papel preponderante. As cruzadas, as guerras internas e os torneios de cavalaria solicitavam os animais e não era raro que depois dos combates os cavalos fossem levados aos cirurgiões e outros aprendizes médicos. Aliás, nessa época, a arte médica era praticada apenas pelos religiosos. Mas rapidamente as altas instâncias eclesiásticas proibiram os monges de estudar anatomia, e os

escritos médicos da Antiguidade foram colocados à parte. A Idade Média, mais do que qualquer outra época, foi dizimada pelas epidemias. As superstições e o poder religioso impediram os intelectuais de se interessar por elas. Para a Igreja, eram apenas um símbolo de um castigo divino. Esses tempos obscuros presenciaram o aparecimento de práticas satânicas nos animais, e não era bem visto tratar dos gatos e dos pássaros.

Depois a razão prevaleceu e, a partir de século XII, as primeiras faculdades de medicina abriram as suas portas. A patologia animal, a sua anatomia e a sua fisiologia nelas eram abordadas frequentemente em paralelo com os conhecimentos relativos ao homem. A medicina veterinária dividia-se então em medicina pastoral e equestre. O italiano Giordano Rufo deixou-nos os primeiros escritos relativos aos cuidados e à medicina do cavalo e à sua cirurgia em 1250 depois de Cristo.

Um novo passo foi realizado no Renascimento. O estudo da anatomia parecia uma obsessão. Os maiores cientistas se interessavam por ela, liderados por Leonardo da Vinci. Evidentemente, foi mais uma vez o cavalo que se beneficiou dos estudos mais aprofundados. Foram desenvolvidos instrumentos de dissecação que seriam utilizados até ao século XIX.

Em 1650, Marcello Malpighi inventou o microscópio moderno e o estudo das células e dos tecidos permitiu aprofundar a ciência médica. Na mesma época, um cavaleiro de Malta, Ludwig Melzo, redigiu o primeiro livro descrevendo todas as doenças dos cavalos. Nele se pode ver, entre outros, ilustrações dos instrumentos necessários ao tratamento: seringas, unha-de-cavalo e pinças. Esta obra seria uma referência durante várias décadas. Nota-se, mais uma vez, o lugar preponderante do cavalo em relação à outras espécies animais.

Com o Século das Luzes, o pensamento científico vai aumentar a sua difusão e durante o século XVIII a idéia de criar uma verdadeira escola de medicina veterinária começa a surgir. É na França que será concretizada.

A primeira escola veterinária

Em 1761, Claude Bourgelat, um dos melhores cavaleiros da Europa, dirige há vinte anos a Academia do Rei estabelecida em Lyon. Nela se ensina a equitação, as armas, a música e a matemática. Mas o seu interesse pela anatomia e pela patologia equinas leva Bourgelat a refletir sobre as bases de um ensino veterinário capaz de preservar e melhorar a espécie equina e de proteger o gado das epidemias que o dizimam. Consegue convencer Bertin, fiscal geral das finanças, de lhe atribuir uma subvenção para criar o primeiro estabelecimento veterinário em Lyon. Em 1762 que é criada a Escola da Guillotière.

Ao contrário do ensino universitário da época, o ensino veterinário foi então a reflexão e a observação, a habilidade manual e a memória visual. Desde o início, os estudantes assumem consultas e hospitalizações de animais. Muito rapidamente, esta primeira escola atrai alunos estrangeiros e se torna a referência em matéria de medicina veterinária. Torna-se Escola Real Veterinária em 1764.

Em 1765, Bourgelat inaugura a Escola Veterinária de Alfort que é a mais antiga do mundo visto que até hoje existe no local de sua fundação. Depois dela, muitas escolas vão surgir pela Europa: Torino em 1769, Viena em 1777, Hanover em 1778, Dresden em 1780 e Londres em 1792. São os discípulos e os alunos de Bourgelat que assumem o seu desenvolvimento.

O ensino veterinário evoluiu juntamente com as descobertas científicas. A sua missão de formação se expandiu para o campo da pesquisa. As colaborações entre médicos e veterinários permitiram vencer muitas doenças. Podemos citar os trabalhos do veterinário Henry Bouley e de Pasteur sobre a vacinação contra o carbúnculo, Camille Guérin e o médico Albert Calmette desenvolveram o B.C.G. contra a tuberculose e Auguste Ramon descobriu as anatoxinas antitetânicas e anti-diftéricas.

A medicina veterinária atual beneficia das melhores técnicas médicas e cirúrgicas. Ecografia e endoscopia fazem parte da prática cotidiana e por vezes os animais até beneficiam do scanner. As pesquisas atuais tendem a melhorar os cuidados dados aos animais e contribuem assim ao progresso da medicina humana.

Os veterinários caninos

Qualquer veterinário é confrontado às patologias caninas mesmo que exerça em meio rural: 43% dos cães pertencem ao meio rural, enquanto que 19% vivem em apartamento, 69% em casas individuais (das quais 65% com jardim) e 12% numa fazenda. Isto levou portanto alguns veterinários a tratar apenas cães e gatos, seja em consultas gerais ou especializadas.

Os generalistas

É no ramo canino onde está o maior numero de veterinários "generalistas". A sua clientela se limita frequentemente a proprietários individuais, ou alguns pequenos criadores. O seu papel, como no caso dos médicos humanos, é o de garantir a boa saúde dos animais qualquer que seja o seu habitat. Este papel pode ser:

- **preventivo:** vacinações anuais ou bianuais, vermifugação, tratamentos antiparasitários, ou ainda xampú e alimentação. Este campo pode incluir alguns atos cirúrgicos, tais como a retirada de tártaro (antes da caída dos dentes), ovariectomias de conveniência (ablação dos ovários para evitar os cios e os cruza-mentos). Também se podem incluir os diagnósticos e acompanhamentos de gestação para garantir um parto nas melhores condições possíveis.
- **curativo:** trata-se de todos os atos cirúrgicos associados a uma patologia, por exemplo as piometras (infeções do útero), as castrações de cães monoquírdicos, os tratamentos (fraturas, mordidas, feridas graves). A isto se somam os cuidados e tratamentos médicos para vômitos, diarréias, infeções.

- **aconselhamento:** cada vez mais, os veterinários são chamados para recomendações de educação, de alimentação, de escolha de raças. Frequentemente o proprietário procura um interlocutor para o seu cão, sendo primordial a preocupação com o bem estar do animal. Como podemos ver, o campo do veterinário generalista é muito vasto. É por isso que trabalha raramente sozinho e forma no seu consultório uma pequena equipe com ajudantes (secretárias, assistentes para os cuidados) e por vezes associados.

Os veterinários de criações

Atualmente, muitas grandes explorações de cães aparecem. O veterinário é então levado a garantir os cuidados, evidentemente, mas terá que gerir igualmente todos os parâmetros da criação com um cuidado especial. Trata-se de tratar das instalações e da sua higiene (arejamento, nível de nitrogênio, superfície por animal), da distribuição da alimentação aos diferentes grupos de animais (reprodutores, cadelas em lactação ou em gestação, filhotes).

Afim de obter os melhores resultados possíveis para a criação, o veterinário vai ele mesmo aos locais, realiza relatórios precisos sobre a evolução da criação e pode assim dar indicações ao criador sobre os procedimentos a adotar para os seus animais.

Os veterinários especialistas

Assim como para a medicina humana, alguns campos de aplicação se desenvolveram com a pesquisa e o progresso. É por isso que alguns profissionais – professores ou veterinários – se dedicam mais especialmente a uma campo.

Cardiologia

Trata-se de colocar em evidência uma ou várias anomalias cardíacas graças ao exame clínico do cão, mas também à utilização de materiais sofisticados: radiologia, ecografia, eletrocardiologia.

Neurologia

O veterinário irá se interessar principalmente pelos problemas não musculares e pelas afecções dos centros nervosos (medula espinhal, cérebro). Mais uma vez, a radiografia poderá ser uma ajuda ao diagnóstico (para as hérnias de disco por exemplo) mas também as eletromiografias.

Dermatologia/Parasitologia

Trata-se essencialmente de tratar as doenças da pele graças ao exame do cão, acompanhado de raspados que serão corados e estudados ao microscópio. Algu-

mas doenças podem ser diagnosticadas imediatamente, outras exigem exames em laboratório.

Oftalmologia

Como no caso humano, o cão pode ter necessidade de cuidados oftálmicos em caso de arranhões por exemplo. Mas esta especialidade engloba também a cirurgia ocular em caso de catarata ou de deslocação do cristalino.

Cirurgia óssea

Em caso de acidente, não é raro que um cão frature algo. Conforme a gravidade da fratura, a cirurgia será mais ou menos longa e os cuidados mais ou menos consequentes. Entram neste campo de aplicação as operações de displasia e dos defeitos de crescimento de um osso.

Para a maioria destas especialidades, o material necessário é muito caro. É por isso que os veterinários generalistas podem não possuir todo esse material e, quando um cão requer cuidados específicos, eles o orientam para um colega especialista.

Os veterinários itinerantes

Estes veterinários percorrem as estradas do mundo para acompanhar os cães de expedições, as corridas de trenós por exemplo. Controlam a boa condição física dos cães que lhe permite continuar na corrida. Trata-se na maioria dos casos de cuidados musculares (alongamentos, torcicolos, cãibras) ou tendinosos (entorses). Verificam igualmente o fornecimento de alimentos que deve estar adaptado às condições de exercício dos cães. Os veterinários não participam das corridas, ficam em pontos de passagem obrigatória para os controles.

Os auxiliares de veterinários especializados

Os auxiliares de veterinários especializados repre-sentam uma ajuda valiosa para os veterinários de pro-fissão liberal. Participam da imagem que os clientes têm do consultório pelas suas competências e a qua-lidade de seu atendimento. Este deve ser feito em fun-ção do caráter de cada cliente; conforme ele seja expansivo ou reservado, apressado ou não, o auxiliar deve saber se adaptar a todas as situações. Deve além disso desempenhar o papel de "filtro" entre o veteri-nário e o cliente, gerir as chamadas telefônicas, seja um simples pedido de informação ou uma chamada de emergência. É também ele que trata do arquivo de clientes; pode preencher os livros de vacinação, enviar cartas para lembrar os reforços de vacinação. Controla também o estoque de medicamentos disponíveis no consultório, redige as encomendas e as classifica segundo as instruções do veterinário. O auxiliar é também uma ajuda valiosa durante as consultas, quando a contenção do animal é difícil, em caso de ato médico a ser praticado. Sem ser um empegado de limpeza, o auxiliar participa da manutenção dos locais e da sua desinfecção, o que implica que deve conhecer os riscos eventuais de contaminação. O veterinário lhe confia geralmente a vigilância do canil de hospitalização; executa então os cuidados comuns sob a responsabilidade do veterinário. É também encarregado de prevenir o veterinário em caso de problema para que este possa intervir de urgência.

E em cirurgia

O auxiliar geralmente ajuda na cirurgia, mais precisamente no pré e no pós operatório. Esteriliza o material cirúrgico e o prepara para as intervenções. Ele se encarrega da preparação dos animais que vão ser operados, o que consiste em uma depilação ampla da área a ser operada, uma limpeza com sabões e soluções, e a colocação do animal na mesa. Durante a operação, o auxiliar fica encarregado de controlar a anestesia e pode eventualmente fornecer os instrumentos de que o cirurgião precisa. Vigia em seguida o despertar do animal, e pratica os cuidados na ferida cirúrgica colocando, se necessário, um penso. Em caso de necessidade, cuida da perfusão de que o animal pode precisar. Além destes cuidados, está apto a auxiliar o veterinário na realização de exames biológicos e paraclínicos. Deve conhecer a técnica radiológica para poder efetuar radiografias sozinho. Pode também realizar diferentes coletas, tais como coletas de sangue, ou amostras de urina, de raspados cutâneos, etc.

Um papel de aconselhamento

Ao aceitar um cliente, deve se informar sobre o motivo da consulta. Caso se trate de um pedido de informação ou da compra de alimentos ou de remédios, é necessário evitar fazer o cliente esperar inutilmente. Pode dar conselhos práticos aos clientes sobre os protocolos de vacinação dos animais de companhia, a vermifugação, a alimentação ou ainda a higiene. A venda de medicamentos se limita àqueles que podem ser obtidos sem receita, bem como aos produtos antiparasitários. Pode renovar uma receita no caso de um tratamento a vida, por exemplo. O auxiliar está também encarregado dos cuidados com a sala de espera, do espaço de venda dos alimentos e dos medicamentos. A sala de espera determina com efeito a idéia que os clientes têm do consultório veterinário.

Formação dos auxiliare na França…

A formação dos auxiliares ocorre em centros especializados sob tutela ministerial. Compreende duas partes: uma teórica, administrada no centro, e outra prática, sob a forma de estágios. A parte teórica representa apenas 25% da formação, sendo portanto esta em grande parte uma formação "de campo", dependendo das exigências do veterinário em que ocorre o estágio. A contratação no consultório não é sistemática, mas é contudo o objetivo deste tipo de formação. Durante a formação no centro, o ensino é dividido em duas partes. A primeira consiste na aprendizagem da ajuda na gestão da clientela e do consultório: recepção e comunicação, relações comerciais, secretariado e informática, contabilidade, bem como aulas de inglês. Numa segunda parte, os futuros auxiliares recebem um ensino sobre a manutenção, a gestão do animal e os seus cuidados. Aprendem portanto tudo aquilo que diz respeito à higiene dos locais, biologia animal, anatomia, fisiologia, reprodução e alimentação dos animais de companhia, à identificação e abordagem do animal, a reconhecer as raças, a etologia, a contenção, a tatuagem. Recebem ensino sobre propedêutica médica, ou seja os elementos básicos de cirurgia, as diferentes técnicas de cuidados e exames e finalmente a farmácia e a legislação veterinárias. O primeiro plano de formação foi instaurado em 1979. Em 1987, foi criado o primeiro centro CNFA (Centro Nacional de Formação de ASV), no qual já se praticava uma formação em alternância.

… e em outros países

Em todo o mundo, existem centros de formação desse tipo. Na Grã-Bretanha, por exemplo, a formação levando ao diploma de "nurse" já existe há aproximadamente trinta anos. Antes de receber o ensino administrado nessas escolas, as futuras nurses trabalham num consultório veterinário. A formação dura dois anos, e é sancionada por um diploma de Estado.

Na Dinamarca, os estudos duram três anos, e dependem não de uma escola, mas sim de uma associação. Uns trinta estudantes são formados a cada ano. As formações são similares às da Inglaterra ou da Holanda.

Nos Estados Unidos, os "técnicos veterinários" seguem um curso de dois anos numa escola associada a uma faculdade de veterinária. Um estágio junto aos clientes permite depois aplicar os conhecimentos adquiridos durante a formação. O fim da escolaridade é sancionado por um certificado nacional e um certificado do Estado no qual o diploma foi obtido. Em alguns Estados, a formação contínua é até obrigatória.

Ser veterinário na França

A imagem ainda bem presente do veterinário médico dos animais seduz muitos jovens e esta vocação aparece muito cedo para alguns. Mas para entrar na carreira de veterinário, o candidato deve ultrapassar dois obstáculos principais.

Dois obstáculos a ultrapassar

O primeiro consiste em ser admitido em uma das classes preparatórias ao concurso de admissão nas Escolas Veterinárias. Esta admissão é reservada aos secundaristas da área de ciências depois de um exame do seu dossiê escolar. Uma vez admitido, cada um prepara o concurso de entrada em um ou dois anos.
Este segundo obstáculo ocorre em dois tempos: uma prova escrita que condiciona a admissão às provas orais. O postulante é julgado em matérias muito diferentes compreendendo biologia, física, matemática mas também línguas e francês. Aproximadamente um quarto dos candidatos são admitidos cada ano no concurso e são depois distribuídos nas quatro Escolas

Nacionais Francesas. A cada ano uma determinada quota de lugares está reservada aos estudantes com um DEUG universitário ou um BTSA.O primeiro ano de ensino da medicina veterinária constitui, na verdade, o segundo ano do primeiro ciclo universitário cujo primeiro ano corresponde à classe preparatória. Os três anos seguintes formam o segundo ciclo de estudos e administram uma formação inicial comum. Os estudantes abordam diferentes matérias da medicina veterinária. Ao fim destes quatro anos, os estudantes obtêm um diploma de fim de estudos fundamentais veterinários seguidos da elaboração de uma tese em um ano que conduz à obtenção do título de doutor veterinário e à autorização para exercer.
Aqueles que desejam podem então entrar num terceiro ciclo de especialização conduzindo a uma tese de doutorado em três anos.
Pela sua formação, o médico veterinário é um médico polivalente. É ao mesmo tempo generalista, cirurgião, dentista, oftalmologista, dermatologista ou ainda etólogo. É neste ponto que ele difere do seu colega humano que se especializa geralmente num determinado campo.

Estudantes com aulas práticas

Uma das particularidades do ensino veterinário francês reside no fato que, paralelamente ao ensino teórico, os estudantes assumem consultas, participam em cirurgias e garantem o acompanhamento dos animais hospitalizados qualquer que seja a sua espécie. São evidentemente dirigidos pelos professores e têm os seus aconselhamentos. Os estudantes trabalham em binômio: o mais antigo ensina ao mais novo. Este sistema de apadrinhamento permite uma abordagem essencial.

Em outros países da Europa, a medicina veterinária é administrada em faculdades ou Universidades onde o ensino é feito de forma magistral na sua maior parte. A prática é adquirida no estágio com os veterinários praticantes.

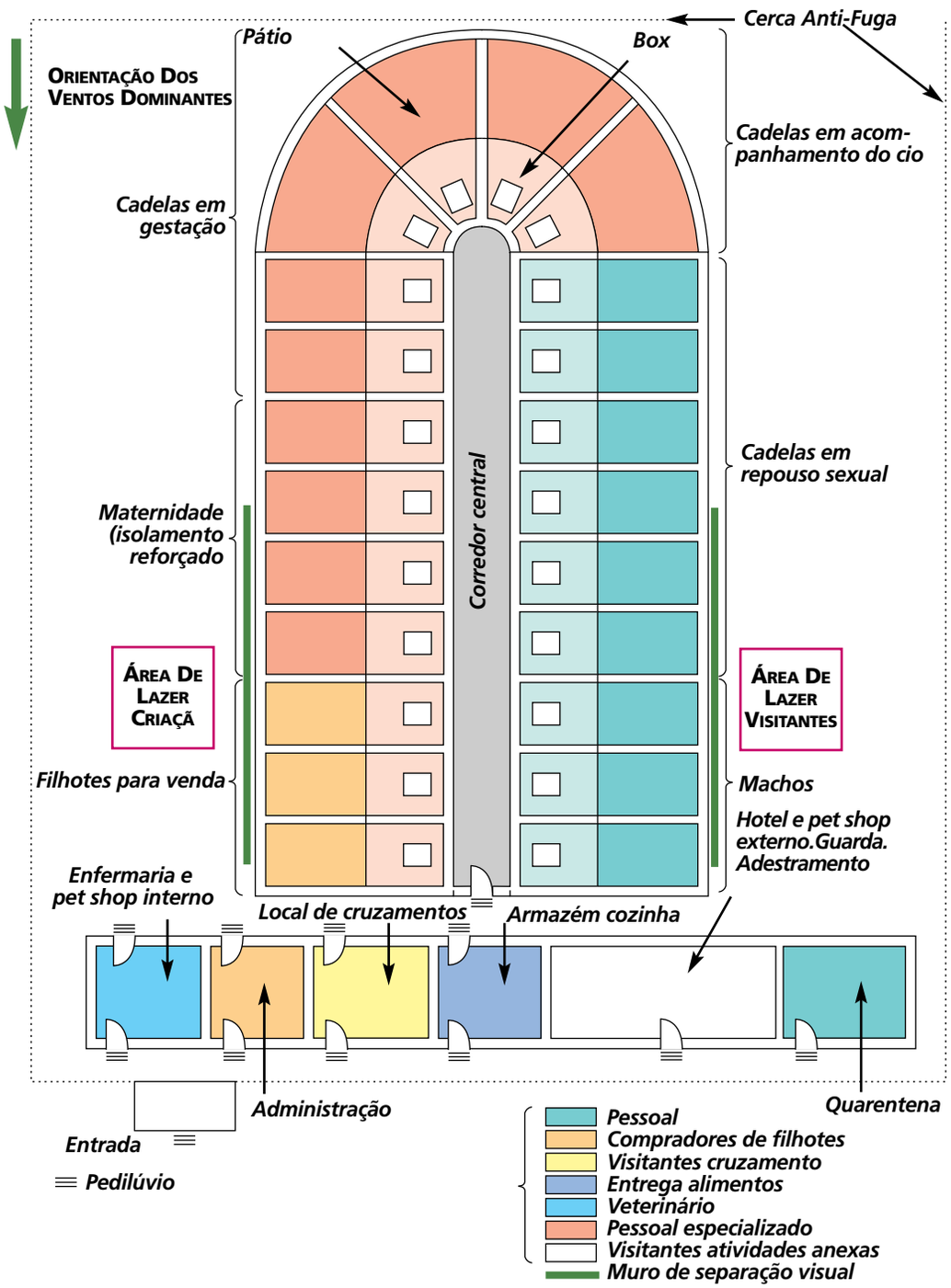
Nos Estados Unidos e no Canadá, o sistema é similar ao francês e deixa uma grande parte à iniciativa pessoal.

Finalmente, ser veterinário hoje em dia já não significa apenas ser médico dos animais. Os veterinários intervêm nos laboratórios científicos, outros se orientam para o setor agro-alimentar ou para a função pública e a saúde do consumidor. Alguns se especializam em campos específicos tais como o cão esportivo ou os animais selvagens mas são poucos, tendo em vista que há poucas possibilidades de trabalho efetivo. Finalmente outros abraçam uma carreira militar e se tornam por exemplo veterinários bombeiros socorrendo os animais em dificuldade.

A profissão de veterinário evoluiu muito nas últimas décadas. Por um lado, porque a própria relação do homem com o animal mudou, mas também porque as suas competências lhe abrem as portas de campos muito diversificados.

CONCEPÇÃO DE UM CANIL

EXEMPLO DE CONCEPÇÃO ARQUITETÔNICA RACIONAL



Arquitetura de conjunto

A concepção arquitetônica de um canil deve considerar não apenas as imposições legais mas também as restrições ligadas à gestão de um grupo de animais e do seu funcionamento diário:

- Previsões de circulação do pessoal mas também dos cães, fornecedores, do veterinário e dos visitantes, de forma a diminuir os riscos de contaminação entre os diferentes setores;
- A capacidade de reação frente ao aparecimento de uma eventual contaminação (parasitário, infeccioso);
- A orientação dos ventos dominantes;
- A facilidade e custo da manutenção (resistência dos materiais);
- O domínio das perturbações;
- Eventuais atividades anexas (hotel, adestramento, pet shop);
- Possibilidade de extensão da criação em função da demanda;
- Possibilidade de evacuação rápida em caso de incêndio.

De certa forma será necessário imaginar o dia-a-dia da criação antes de planejar as instalações. É o que se chama concepção dinâmica, sendo o objetivo prioritário e diário o de barrar a entrada a contaminações, evitando a proximidade de locais incompatíveis (maternidade e enfermaria, por exemplo). É preciso prever locais adaptados aos diferentes estágios fisiológicos (nascimento, crescimento, manutenção, gestação, lactação, cães idosos) e distribui-los de forma lógica. Assim:

- Os locais suscetíveis à contaminação por pessoas ou por cães vindos do exterior (setores chamados "sujos" recebem, por exemplo, cães em observação, em hospedagem, em treinamento ou na estética) serão situados numa área isolada com entradas independentes;
- Os locais reservados à criação (setor chamado "limpo") serão separados dos precedentes e distribuídos como se segue:
- A cozinha em posição central para permitir uma distribuição rápida das refeições, diminuindo assim os latidos;
- Locais de hospedagem dispostos em função dos riscos infeciosos dos animais hospedados.

A título de exemplo, durante o parto e o cio as fêmeas têm o colo do útero aberto e estão portanto especialmente expostas às infeções uterinas ascendentes.
Da mesma forma, o sistema imunológico dos filhotes ao nascimento ainda está imaturo e eles não deverão ser expostos ao germes recentemente introduzidos na criação.

A localização dos setores deverá considerar o circuito de limpeza, que deverá começar pelos locais "de riscos" (maternidade) e terminar nas áreas suspeitas de contaminação (enfermaria, quarentena), passando pelos locais onde ficam os adultos.
É o que se chama "princípio do andar para a frente". Os cães mais sensíveis (fêmeas em reprodução,

filhotes) são mantidos na periferia e os vetores potenciais (cães em quarentena, externos) encontram naturalmente o seu lugar sob os ventos dominantes da criação.

Da mesma forma, para diminuir os riscos de contaminação, é prudente prever duas áreas de lazer distintas, uma para os cães vindos do exterior ("externos" ou hospedados) e a outra para os cães do canil ("internos").

Assim, cada setor, local ou aposento representa um pedaço do quebra-cabeças que encontra naturalmente o seu lugar em resposta às seguintes perguntas:

- É preciso atravessar o canil para mostrar a um cliente os filhotes à venda?
- Os ventos dominantes podem levar os germes dos visitantes para a área de criação?
- Aonde será evacuado o lixo?
- Que trajetos repetitivos (limpeza, distribuição de alimentos, etc.) deverá ser percorrido diariamente?
- Como se vão propagar os odores e os ruídos?
- Está prevista a possibilidade de uma vigilância panorâmica?

Escolha dos materiais

A escolha dos materiais utilizados para a construção ou reforma de um canil deve considerar vários parâmetros, tais como custo, resistência ao desgaste, à ferrugem, ao fogo, às desinfecções repetidas e aos animais nocivos (especialmente roedores), ausência de risco para os animais por lambedura, contato ou traumatismo, poder de isolamento térmico, impermeabilidade e facilidade de desmontagem.

Os pequenos pátios

Piso dos pátios

O piso dos pátios deve ser suficientemente imper-meável para não reter a urina e as águas de lavagem. Ele não deve ser escorregadio, deve ser resistente aos detergentes, decapagens e às limpezas diárias e apresentar o mínimo possível de irregularidades.
Devido à sua poeira de superfície, o cimento bruto pode causar alergias cutâneas ao nível de todos os pontos de contato com o solo (almofadas plantares, cotovelos, jarrete, testículos, esterno).
Portanto, deve-se utilizar preferencialmente concreto armado vibrado (mais refratário à umidade, menos friável e menos alergizante) ou concreto armado alisado com nervuras (sendo estas dirigidas para os canais de escoamento).
A impermeabilização do piso com resina epoxi facilita a sua limpeza.

Muros de separação entre dois pátios

Estes muros devem ser obrigatoriamente opacos e laváveis a uma altura, no mínimo, igual à de um cão sobre as patas traseiras para impedir qualquer contato direto entre dois cães vizinhos (riscos de transmissão de tosse do canil, papilomatose bucal, etc).
Em conformidade ao regulamento sanitário local, os pontos de contato com o solo deverão ser arredondados. As calhas nunca poderão atravessar os pátios, uma vez que a manutenção das canalizações às vezes requer a utilização de produtos tóxicos que devem permanecer fora do alcance dos cães!
Os paraventos são desaconselhados para esta utilização porque retêm a umidade e favorecem o aparecimento de fungos nas suas partes baixas.
É possível utilizar concreto armado alisado, eventualmente recoberto por uma tinta de vinil ou borracha clorada, que garantem a impermeabilização. A mistura de cal e de cimento branco também garante uma boa proteção do revestimento. Os muros podem ser completados em altura por cercas de malha soldada (mais fáceis de desinfetar do que as cercas em nó) ou, melhor ainda, por barras verticais de inox ou de aço galvanizado.
Sem levar em conta o custo às vezes muito elevado, o ideal seria dispor de grandes painéis em vidro espesso inquebráveis, que facilitam a manutenção e a vigilância e permitem o contato visual com os cães sem causar riscos sanitários.
As separações constituídas por cercas ou barras em toda a sua altura só são aceitáveis se houver um espaço entre dois pátios vizinhos impedindo qualquer contato direto e diminuindo as projeções de aerossóis. No entanto elas são menos eficazes no bloqueio das contaminações aéreas e expõem os animais ao frio e às cor-rentes de ar. Note-se que, na ausência de vento, uma tosse ou um simples espirro pode ser suficiente para projetar as secreções oro-faríngeas a mais de 1,5 m!

Lado externo

O lado do pátio que dá para o exterior pode ser constituído por um painel em barras de inox ou aço galvanizado incluindo uma porta de comunicação com o exterior, que serve para a saída de cães na área de lazer e para a entrada do criador para a limpeza do pátio. Estas barras, embora mais caras, podem dar uma impressão de "prisão" aos visitantes não informados, mas elas dificultam mais as mordidas ou arranhões do que uma cerca, evitando assim um grande número de traumatismos.

Teto

A lei obriga a existência de um teto acima de uma parte do pátio para garantir aos animais uma área de sombra e abrigo contra as intempéries. Ele também permite manter seca a área de transição entre o box e o pátio.

É possível escolher entre:
- persianas retráteis (caros)
- chapas de alumínio de estética duvidosa, mas que apresentam a vantagem de refletirem, no verão, uma parte da luz e do calor;
- placas de Eternit, mais isolantes, mais baratas e mais estéticas, mas que podem se deteriorar a longo prazo pelo contato com a água;
- placas de fibra de vidro ou de plástico.

Os boxes

O boxes serão parte integrante do corredor central para poderem se beneficiar de um aquecimento centralizado. Por este motivo, devem ser bem isolados.

Piso do boxes

A utilização de concreto armado celular ou cavernoso (coeficiente de transmissão térmica K = 0,8) melhora ligeiramente o isolamento térmico do solo em relação ao subsolo. O coeficiente de transmissão térmica é indicado pelo fabricante: quanto mais baixo for o K, mais isolante será o material.
Também se pode reforçar esta característica colocando a chapa de concreto armado sobre uma camada de areia compactada. Este dispositivo permite considerar um aquecimento pelo solo, diminuindo a perda de calor pelo subsolo.

Teto

A integração dos boxes a um corredor central termicamente isolado torna a sua cobertura com um teto facultativa, permitindo desta forma o controle dos cães a partir do corredor.
No caso contrário, os painéis "sanduíche" com um isolante irão funcionar como teto e diminuirão de maneira eficaz as perdas térmicas associadas à ascensão de ar quente.

EXEMPLO DE CLIMATIZAÇÃO IMPROVISADA EM CASO DE CALOR FORTE

Como a lã de vidro pode atrair roedores e reter a umidade e a condensação, é preferível utilizar isolantes como o poliestireno expandido, a espuma de poliuretano ou uma combinação de filmes termorefletores e de mantas termo-isolantes utilizadas na indústria aeronáutica.

Paredes

A parede de separação entre o box e o pátio não só deve garantir o isolamento térmico como também desempenhar um papel de isolante sonoro para diminuir a propagação dos distúrbios sonoros. Os painéis sanduíche contendo cortiça são os mais indicados.
Da mesma forma, a abertura de comunicação com o pátio deverá ser a mais estreita possível para diminuir a perda de calor. Uma porta equipada com uma armação em aço galvanizado evita as depredações por mordidas. Como serão lavadas e desinfetadas freqüentemente, as paredes deverão ser protegidas por um revestimento impermeável. A incorporação de um painel de papel kraft anti-umidade a estas paredes diminui os fenômenos de condensação.

Área de descanso

As camas descartáveis devem ser macias, absorventes, isolantes e não devem apresentar o risco de provocarem oclusões intestinais por absorção.
A cama de palha pode causar alergias por inalação, acarioses (ácaros) ou invasão por insetos (bichos da farinha que se reproduzem quando a temperatura ultrapassa os 18ºC ou larvas de pulgas). Além disso o seu armazenamento aumenta os riscos de incêndio. Portanto é preferível utilizar folhas de jornal descartáveis que têm a vantagem de facilitar a coleta dos dejetos e de reduzir a utilização de água, mesmo que possam sujar as pelagens claras.
A serragem de madeira apresenta um bom poder isolante, permite lustrar a pelagem dos cães de pêlo longo e pode ser facilmente incinerada.
No entanto, as prateleiras de borracha constituem uma alternativa melhor, tanto sob o aspecto da higiene (facilidade de desinfeção) quanto do ponto de vista econômico.

Casinha

A casinha deverá ser inteiramente desmontável para facilitar a sua limpeza. Apesar do seu poder isolante, é desaconselhável a utilização de madeira não tratada devido à sua duração ser geralmente curta (de aproximadamente três anos).

Segurança contra incêndios

Algumas regras são obrigatórias para todos os estabelecimentos destinados a receber público (presença de um extintor de acordo com as normas em vigor, que deverá ser revisado anualmente e verificação da instalação elétrica por um técnico autorizado pela inspeção do trabalho). Outras dependem do bom senso e serão avaliadas pelo criador em colaboração com os serviços de prevenção do seu centro de atendimento (particularmente no que se refere à localização dos pontos de água).
Quando se constrói o canil, o criador e o arquiteto devem considerar a resistência dos materiais utilizados ao fogo e investigar as suas características (inflamável, combustível, estável ao fogo, à prova do fogo).

Elaboração dos alojamentos

Uma vez estabelecido o plano de conjunto e respeitadas as condições legais, os alojamentos devem ser construídos em função:

- das regras sanitárias e ambientais;
- das facilidades de manutenção, aquecimento, vigilância e distribuição das refeições.

Conformidade às normas legais

Obrigações relativas a todos os profissionais caninos

A lei francesa relativa à construção e ao funcionamento dos locais de criação para a venda, comercialização, estética, trânsito ou guarda de animais de companhia requer normas mínimas aplicáveis a cada uma destas profissões e estabelece igualmente as normas de funcionamento relativas à alimentação, fornecimento de água, cuidados e manutenção dos animais.

O regulamento francês se aplica a todos os estabelecimentos nos quais existem de 10 a 50 animais adultos.

O sistema box duplo/pátio e corredor central

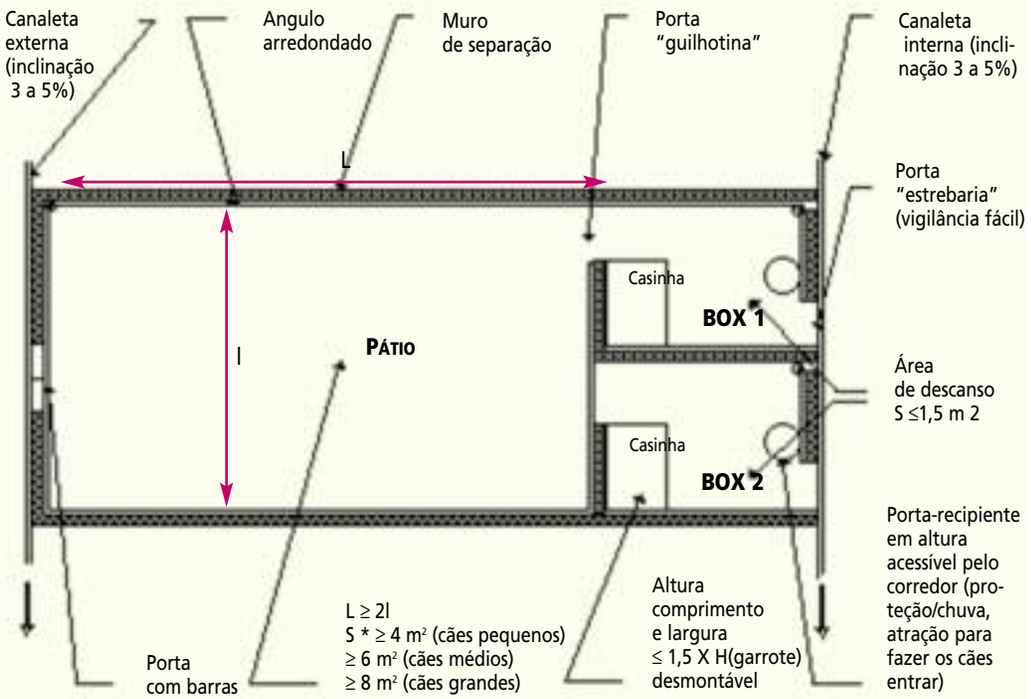
Atualmente, a combinação de um box interior e de um pátio exterior é o sistema que fornece os melhores resultados (exceto para cães de matilha). Ele é concebido para alojar dois cães hierarquicamente compatíveis.
Quando sozinhos no seu pátio, os cães se aborrecem e podem desenvolver tiques e manias, adotar comportamentos estereotipados (vai-e-vem permanente no pátio, lambimento do carpo, pequenas mordidas, automutilação) prejudiciais não só à sua própria saúde mas também à sua produtividade (queda da fertilidade, emagrecimento).
Por outro lado, quanto maior o número de cães em um mesmo alojamento, maiores serão os riscos de contaminação e de conflitos hierárquicos e menor será o direito de acesso à reprodução dos machos e das fêmeas dominadas.
O meio termo ideal geralmente está situado em dois cães por pátio.
A superfície ideal dos pátios deu origem a muitas controvérsias. As normas de Andersen (3 m^2 para cada 2,5 cm no garrote) mostram-se de difícil aplicação em uma criação de cães: elas correspondem a 70 m^2 para um cão de porte médio!
Além disso, a maioria dos cães não utiliza essa superfície e desenvolve comportamentos de inibição por falta de contato com o criador e com os outros cães.
Na verdade, o espaço vital depende do temperamento de cada cão, visto que este é função da sua distância de fuga (distância para além da qual o cão fugirá frente a um estranho) e da sua área crítica (distância para além da qual o cão se sentirá obrigado a atacar ou a se submeter).
Assim sendo, é possível aumentar a superfície do pátio desde que se forneça ao cão uma área de intimidade (box e casinha) na qual ele poderá encontrar refúgio, fugir aos olhares e se sentir em segurança ao abrigo de qualquer agressão. As casinhas modernas consideram este parâmetros essencial para o conforto do cão.
Geralmente, o comprimento do pátio deve ser pelo menos igual ao dobro da sua largura.
A sua superfície mínima chega a 4 m^2 para as pequenas raças, 6 m^2 para as médias e 8 m^2 para os cães de raças grandes.

Respeito pelo conforto dos cães

A maioria dos cães gosta de ficar sob o teto da sua casinha quando esta é horizontal. Desta forma, ela constitui um posto de observação para satisfazer a sua curiosidade e enganar o tédio.
Por este mesmo motivo, é preferível deixar alguns brinquedos e aparelhos facilmente desinfetáveis à disposição dos animais, principalmente se eles não têm acesso regular a uma área de lazer ou a um terreno de exercício.
No caso de calor intenso, um teto de abrir pode propiciar uma área de sombra e refletir uma parte dos raios solares.
A superfície do solo dos boxes deve ultrapassar os 1,5 m^2 para as raças pequenas e o dobro para as grandes. Como o ar quente tende em geral a subir por efeito chaminé, a maioria das perdas de calor passa pelo teto. Portanto, é recomendável prever uma entrada de ar fresco nos boxes (bocas de ventilação) e uma abertura de saída do ar quente poluído para cima dos boxes e do corredor comum (bocas de extração).
As casinhas têm como finalidade proteger os cães contra as variações climáticas (calor, frio, chuva, gelo, vento). A entrada deve ser desprovida de ângulos salientes e envolta com aço inoxidável para evitar as mordidas. Elas devem estar isoladas, tanto do solo (20 a 30 cm) quanto das paredes, para facilitar a limpeza e evitar as perdas térmicas por condução.

Conforto do criador

A instalação de "portas de estrebaria" entre os boxes e o corredor central permite, pela simples abertura dos batentes superiores, controlar os cães e distribuir alimento e água sem ter que entrar nos boxes. O sistema das portas "guilhotina" permite liberar os cães para o pátio pela manhã acionando a abertura das portas a



Mais de dois: risco de briga
Cão isolado: riscos de tiques causados pelo tédio

VISTA AÉREA DE UMA ALOJAMENTO TIPO BOX-PÁTIO PARA DOIS CÃES

L = comprimento
l = altura
h = altura no garrote
S = superfície ≥ superior ou igual a
(*) As normas de Andersen
(3 m²/2,5 cm no garrote)
não são aplicáveis na prática

partir do corredor. Ao contrário, a distribuição dos alimentos permite atrair os cães para os seus boxes e depois fechar a porta à noite. Este sistema da abertura também facilita uma rápida evacuação dos animais em caso de incêndio.
Para facilitar a limpeza, é aconselhável investir desde o início em materiais resistentes à corrosão, aos desinfetantes ácidos e alcalinos, ao gelo, ao calor e às fortes pressões (bombas de alta pressão do tipo Karcher). Geralmente uma inclinação de 2 a 4% dirigida para ambos os lados das canaletas coletoras é suficiente para facilitar a drenagem da urina, da água da chuva e dos produtos de limpeza.
Este dispositivo permite limpar alternativamente o pátio, quando os cães estão dentro e a parte box, quando os cães estão fora.
A tranqüilidade de espírito do criador passa pela possibilidade de observar freqüentemente o comportamento e o estado de saúde de todos os seus animais sem os incomodar.
Para isso, é aconselhável prever uma área de observação panorâmica que, de um só olhar, permite detectar eventuais incompatibilidades entre cães, comportamentos anormais, etc.

Controle do ambiente nos boxes

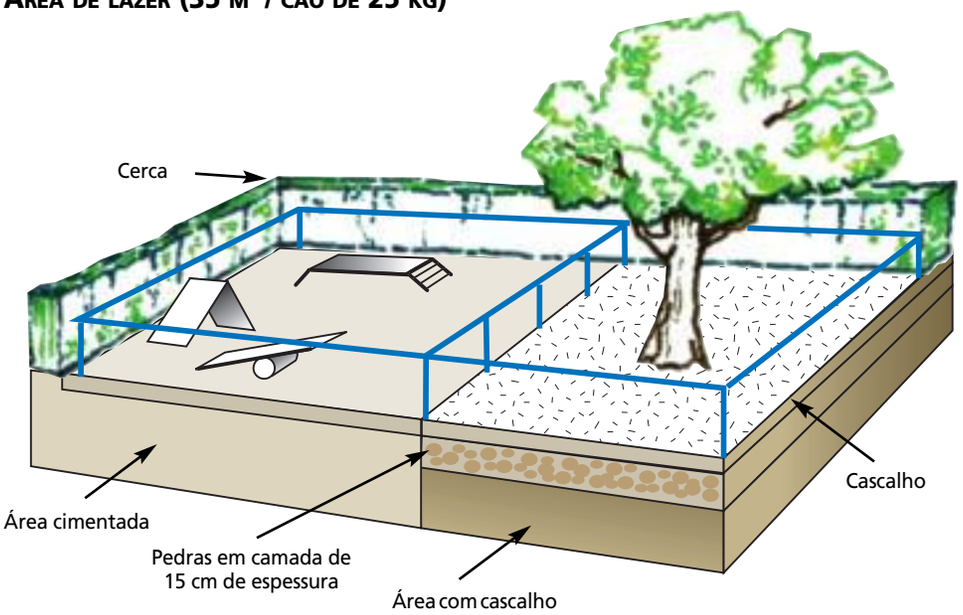
A ventilação

O controle da ventilação permite controlar a qualidade do ar ambiente evitando o acúmulo de gases irritantes ou mal-cheirosos, diminuir os riscos de contaminação por via aérea e influenciar a temperatura ambiente.
Os gases se deslocam em função da sua temperatura e de sua densidade em relação ao ar. Assim, o amoníaco (produzido pela fermentação dos excrementos), mais leve do que o ar, tende a se acumular nas partes altas, enquanto que o gás carbônico (aproximadamente 15 litros por hora, produzidos pela expiração pulmonar de um cão com 20 kg), mais pesado do que o ar, permanece nas camadas inferiores. Desta forma, o odor ambiente permite obter informações sobre as falhas de ventilação e sua localização, sendo o ideal em uma criação não sentir nenhum cheiro nem corrente de ar. Os níveis máximos de gás carbônico e de amoníaco suportáveis pelos cães são de 3,500 ppm (3,5 l/m³) e 15 ppm, respectivamente.
Para tanto, a ventilação deve garantir aproximadamente cinco renovações de ar por hora no inverno e até trinta renovações de ar por hora no verão para permitir a saída dos odores.
A velocidade do ar pode ser avaliada muito simplesmente pelo método da vela. Introduzindo uma vela acesa num box, a chama deve vacilar sem se inclinar excessivamente, o que corresponde a uma velocidade do ar inferior a 30 cm por segundo, ou seja, menos de 1 km por hora.
Na ausência de animais, a circulação de ar pode ser materializada pelo método dos fumígenos, que permite visualizar as entradas e as saídas de ar para controlar as bocas de ventilação e o sistema de aquecimento.
Sem a necessidade de técnicas caras, tais como a ventilação mecânica, o controle da ventilação nos boxes passa, em primeiro lugar, por uma boa orientação em relação aos ventos dominantes, pela vedação das juntas e finalmente pela regulagem dos pontos de ventilação e de extração.

A umidade

Em uma criação, é raro medir uma higrometria muito baixa, isto porque o ar exalado pelos cães já contém vapor de água. A umidade ideal para um canil se situa em aproximadamente 65%.
No entanto, este parâmetros é difícil ser controlado, pois ele depende essencialmente das condições climáticas.
Entretanto, se a temperatura se mantiver em torno dos 15 a 20º C, ele tem pouca influência na saúde e na regulação térmica dos cães.
Se a temperatura for mais elevada, uma umidade excessiva diminui a eficácia da respiração pulmonar dos cães, principal fator de regulação da sua temperatura interna. Inversamente, se a temperatura for muito baixa, a umidade excessiva aumenta as perdas térmicas.
Quando não se dispõe de um higrômetro, ao menos a ausência de odores e de condensação nas paredes e nos vidros pode ser facilmente verificada. A presença de gotículas de água nestes pontos revelaria uma umidade excessiva, favorecendo o desenvolvimento de mofos e de determinadas doenças respiratórias e cutâneas (micoses, pododermatites).
Além disso as micro-gotículas de água que constituem o nevoeiro formam o principal suporte dos odores. A

Área de lazer (35 m² / cão de 25 kg)



utilização rotineira muito freqüente da bomba de alta pressão pode ser a causa.
Para reduzir estes inconvenientes, é preciso restringir a utilização de água de limpeza (coletando ou aspirando previamente os dejetos maiores), evitar molhar os materiais porosos ou permeáveis responsáveis por uma liberação progressiva da umidade e lavar os pátios durante períodos de sol.

Temperatura

Depois do seu nascimento, os filhotes adquirem a capacidade de regular a sua temperatura interna (homeotermia) muito progressivamente (em três semanas), o que lhes permitirá combater o frio ou o excesso de calor através de um gasto energético suplementar. A cada cão corresponde uma área de neutralidade térmica em função da sua idade e da sua raça, ou seja, um intervalo de temperatura ambiente no qual o animal não terá que fornecer nenhum gasto energético para regular a sua própria temperatura interna. Assim, para otimizar o desempenho dos cães e evitar gastos energéticos inúteis, o objetivo na criação será de lhes proporcionar nos boxes uma boa temperatura média, compreendida entre 15 e 20ºC, diminuindo se possível as diferenças diárias a menos de 2ºC. Entretanto, este intervalo de temperatura deverá ser modulado em função dos seguintes aspetos:
- a espécie canina, com capacidade de transpiração muito diminuída, está melhor equipada para combater o frio do que o calor. A respiração ofegante é um dos sinais de calor excessivo.
- Algumas raças, como os cães nórdicos, devido à sua pelagem isolante, à sua conformação (relação peso/superfície), o seu comportamento ou o seu rendimento energético, estão naturalmente melhor adaptados do que outros para combater o frio.
- Mais do que a própria temperatura, são as variações bruscas de temperatura as principais responsáveis por perturbações respiratórias no cão. O aquecimento deverá ser ligado e desligado progressivamente para minimizar as oscilações térmicas.
- A temperatura dos boxes não se mede exclusivamente pelos termômetros, mas também pode ser avaliada em função da higrometria e da circulação de ar. Lembremos que uma higrometria elevada (forte umidade) agrava os efeitos de um calor ou frio excessivos. Um aumento da velocidade do vento irá temperar os efeitos do calor, mas irá agravar as conseqüências do frio: uma aceleração de 10 cm/s ou seja 0,4 km/h equivale a uma queda de temperatura de aproximadamente 1ºC.

Assim, e ao contrário das normas editadas pelas autoridades competentes, não existe temperatura ideal que convenha a todos os indivíduos. Portanto, é preciso sempre deixar a possibilidade aos cães de fugirem à ação do frio ou do calor.

Iluminação

A influência da alternância do dia e da noite (ritmo nictemeral) sobre o aparecimento e a sincronização do cio em determinadas fêmeas (gatas, éguas, ovelhas, etc) ou sobre o psiquismo e o estado de espírito (humanos) já não precisa ser demonstrada. Na espécie canina, nenhum trabalho trouxe resultados conclusivos neste campo. Por extrapolação, tudo leva a crer que são necessárias, no mínimo, de 12 a 14 horas de iluminação por dia para o equilíbrio sexual e psíquico dos cães.
Devemos também insistir no papel essencial da iluminação no desenvolvimento da visão dos filhotes; uma obscuridade total e prolongada durante a fase de abertura das pálpebras pode tornar os cães definitivamente cegos. A obscuridade também favorece a proliferação de vários agentes nocivos (micróbios, fungos, a maioria dos insetos e dos roedores). Assim é reco-mendável durante o inverno completar a duração da iluminação natural através de uma iluminação elétri-ca no box, algumas horas após o crepúsculo.

O estresse

Os cães precisam de um ambiente rico e variado para manter o seu estado alerta.
Uma ausência de estímulos pode levar ao tédio e a perturbações do comportamento, levando ao aparecimento de dermatites por lambedura (que começam mais freqüentemente ao nível do carpo esquerdo), bulimia ("tique da fome") ou potomania ("tique da sede").
Inversamente, uma estimulação excessiva dos sentidos sem que possam evitar levaria a perturbações, tais como emagrecimento, diarréias do cólon, alterações do comportamento e da reprodução, má socialização, etc.
Portanto, será necessário encontrar um compromisso entre a ausência total de estímulos, o que leva às "doenças do ócio" e uma solicitação excessiva, responsável pelo "stress de esgotamento".
Este equilíbrio pode ser encontrado na regularidade das refeições, das visitas, dos momentos de relaxamento e de manutenção dos locais, mas também na escolha dos estímulos auditivos ou visuais.
Embora no cão a percepção dos sons (65 a 15 000 MHz) não se sobreponha à do homem, a difusão de emissões de rádio terá pelo menos o mérito de participar na socialização dos filhotes, de atenuar os ruídos externos e de acalmar o stress do pessoal. Evoquemos, sob reserva, o resultado das pesquisas do Doutor Diottalevi (veterinário italiano), que mostram que a maioria dos cães prefere a ópera e a música folclórica ritmada! O conhecimento da percepção das cores no cão permite orientar a escolha dos quadros. Mesmo estando atualmente estabelecido que os cães percebem melhor do que o homem as cores azul ou verde em relação à luz vermelha e que eles enxergam melhor do que nós na penumbra, não está demonstrado que a cor dos revestimentos tenha qualquer influência sobre o seu comportamento no canil.

Controle dos problemas na criação

Os canis submetidos à declaração ou à autorização são instalações classificadas, ou seja, fontes potenciais de problemas e de poluição para o seu ambiente. Desta forma, suas explorações devem diminuir o impacto sobre a vizinhança da melhor maneira possível.
Neste campo, o interesse do criador caminha freqüentemente lado-a-lado com o meio ambiente.
- Um bom isolamento sonoro preserva ao mesmo tempo a tranqüilidade da vizinhança e dos cães, reduzindo os fatores que desencadeiam os latidos (passagem, buzinas, latidos de outros cães, etc.).
- Uma higiene rigorosa diminui a poluição do ambiente e a atração de insetos e roedores, prejudiciais à criação.

O barulho

Representa a fonte de litígios mais freqüente na criação canina. Os latidos são a causa de aproximadamente 20% das queixas em relação aos problemas com a vizinhança.
Estes litígios podem não somente opor o criador aos seus vizinhos, mas também os funcionários ao patrão, caso a exposição sonora diária ultrapasse os 90 decibéis conforme estipula a lei francesa.
Desde o momento de sua elaboração, a implantação e a orientação do canil devem considerar a propagação dos latidos.
Assim, um canil implantado em altitude, longe de qualquer habitação, estrada ou via férrea permitirá prevenir a maioria dos latidos de forma eficaz.
Além disso, uma boa educação permite evitar alguns latidos úteis pelos cães (guarda, caça, busca).

Para tanto é necessário:

- habituar os cães a um ritmo regular para a manu-tenção do canil, distribuição das refeições e os horá-rios de visitas dos clientes;
- sempre fazer com que os visitantes sejam acompanhados por um funcionário, com quem os cães estão acostumados;
- diminuir os estímulos visuais, sonoros ou olfativos vindos do exterior e do interior (odores e barulhos da preparação das refeições na cozinha); para tanto, aconselha-se instalar uma vedação opaca na periferia do canil;
- evitar que os cães em um box possam ver outros cães na área de lazer (separação por uma cerca de arbustos ou plantas);
- alojar os cães por casais compatíveis e separá-los em caso de conflitos repetidos;
- distribuir as refeições individualmente, em quantidade suficiente para evitar a competição alimentar e em prioridade aos cães mais barulhentos, que conseqüentemente serão alojados próximo à cozinha;
- diminuir a preparação e a distribuição das refeições ao mínimo necessário (alimentos secos, distribuição com um carrinho);
- à noite deixar os cães num box cego, com a abertura da casinha voltada para o corredor central.

Se, apesar de todas estas precauções, persistem alguns latidos que incomodam, é possível recorrer ao treinamento de descondicionamento. Hoje em dia existem soluções para interromper um comportamento indesejável:
- a dor (estímulo doloroso);
- o efeito de surpresa (estímulo chamado "desrruptivo").

Estes dois princípios se baseiam em diferentes tipos de coleiras anti-latido que utilizam ultrassom, impulsos elétricos ou a vaporização de erva-cidreira. Convém ter cuidado com os dispositivos que utilizam exclusivamente a eletricidade ou ultrassom porque nestes casos o patamar de punição está muito próximo ao patamar de dor. Eles apresentam uma eficácia medíocre (30 a 50% de redução dos latidos) e também diversas contra-indicações, que justificam a sua proibição em um número cada vez maior de países (Suíça, Escandinávia, Itália), pois podem agravar uma agressividade ou uma ansiedade já existentes.
- As coleiras anti-latido à base de vaporização de ervacidreira sancionam as vocalizações pela liberação de um cheiro desagradável para os cães. Esta descarga súbita também se mostra surpreendente para o cão no plano auditivo (ultrassom). Em uma primeira fase ele deverá correlacionar o latido e as sensações de incômodo e, em uma segunda fase, entre a presença da coleira e a proibição de ladrar. Para um cão de aptidão média este processo leva apenas alguns dias…
A eficácia demonstrada está próxima dos 80%. Os casos de insucesso se referem a cães com problemas de comportamento. Então será conveniente tratar a causa (agressividade em relação aos congêneres, ansiedade de separação) antes das conseqüências. Os cães refratários a este tipo de coleira podem desenvolver atividades de automutilação caso se insista em punir os seus latidos sem suprimir a sua causa.
Estas coleiras não devem ser usadas em permanência e serão naturalmente colocadas nos cães "líderes".
- Alguns criadores engenhosos inventaram um sistema automático composto por um captador de latido (microfone) e uma eletroválvula que deixa cair do céu uma punição (aspersão de água ou qualquer outro "castigo" surpreendente!) sobre cada infrator. Uma vez obtido o descondicionamento, basta substituir todos estes sistemas por equipamentos fictícios (coleira sem carga, válvula inativa) para eternizar os resultados desta aprendizagem.

Os odores

Os odores são veiculados por finas gotículas de umidade, evaporam pela ação do calor e são dispersos pelos ventos. Portanto, o controle dos mau cheiro na criação passa pelo respeito de uma higrometria, temperatura e ventilação adaptadas, diminuindo evidentemente suas fontes, agindo sobre a alimentação e a higiene.

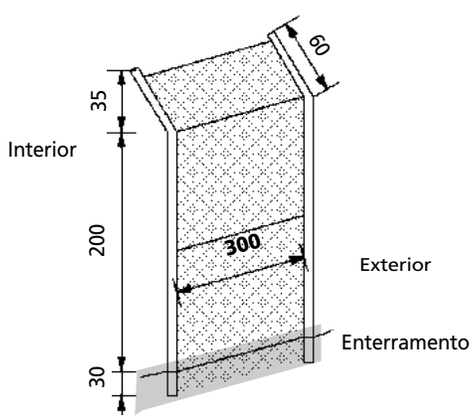
Prevenção do mau cheiro

- A utilização de alimentos bem digestíveis diminui a quantidade de excrementos e facilita a sua eliminação. Não é raro que a passagem para um alimento hiperdigestível (chamado "premium") reduza pela metade a quantidade de excrementos.
Para ficar convencido, basta observar a consistência das fezes e pesá-las: com um alimento adaptado, são excretadas de 45 a 65 g de fezes para cada 100 gramas de alimento ingerido.
- Recolher ou aspirar a maior parte dos dejetos antes de limpar diminui a quantidade de água utilizada e evita assim a evaporação do mau cheiro.
- A impermeabilização dos materiais diminui as infiltrações responsáveis pelo reaparecimento contínuo da umidade.
- Se possível, aproveitar o sol nos pátios para acelerar a sua secagem, visto que os raios solares, além disso, apresentam virtudes higiênicas não desprezíveis pela ação dos raios ultravioleta. Por este motivo é melhor posicionar os pátios orientados para sul.
- Utilizar uma bomba de vapor de água aquecida de alta pressão para desincrustrar em profundidade as matérias orgânicas residuais. Este tipo de bomba destrói a maior parte dos agentes infecciosos nos menores recantos (incluindo os ovos dos parasitas e os esporos bacterianos) e deixa as superfícies praticamente secas.
- Limpar os pátios uma ou duas horas depois da distribuição das refeições, visto que os cães geralmente têm um reflexo de defecação na hora seguinte à refeição.
- Aumentar a freqüência das limpezas quando em tempo úmido ou de trovoada (estagnação dos odores).
- Prever uma fossa com capacidade suficiente (fossa pré-fabricada de cimento coberto e enterrado de aproximadamente 3 000 litros para 40 cães) separada do circuito de coleta das águas residuais e esvaziada regularmente por uma firma especializada.
- Controlar o bom funcionamento do sistema de extração nas partes abrigadas da criação (box, corredor central), visto que o mau cheiro (amoníaco, metano, gases pútridos) tende a se evacuar para cima.

Combater o mau cheiro

Os desodorantes são freqüentemente sprays, que pulverizam gotas pesadas que capturam os cheiros quando eles caem. Portanto, sua eficácia é muito transitória.
É melhor dispor de um termonebulizador que, devido ao pequeno diâmetro das micro-gotículas (1 a 5 micrometros) e ao seu aquecimento, irá difundir partículas anti-sépticas e suspensões em maiores alturas e de maneira mais eficiente.
A utilização de óleos essenciais neste tipo de aparelhagem contribui ainda mais para a prevenção das infecções respiratórias e para o afastamento dos insetos (poder inseticida dos terpenos). A título de exemplo, uma emulsão de óleos essenciais a 1% à razão de 1 ml/m^3 é adequada para uma desodorização aérea sumária em presença dos animais.
Este aparelho também pode ser utilizado para a desinfeção dos locais herméticos (maternidade, quarentena, enfermaria) quando se fazem vazios sanitários e, por razões econômicas, pode até mesmo ser utilizado por vários criadores em conjunto.

CERCA ANTI-EVASÃO



As fugas

A instalação de uma cerca no perímetro ao redor do canil permite impedir as fugas e a entrada de roedores, desde que sejam respeitadas as normas de enterramento e de dimensão das malhas.
Exceto em casos de detenção prisional, o dispositivo anti-fuga (declive no topo da cerca) não é indispensável. Ele seria até provavelmente mais útil se voltado para o exterior para impedir a entrada de intrusos no canil!

Insetos e ácaros

As populações atraídas pela presença dos cães, estoques de alimentos, águas estagnadas ou dejetos e cujo ciclo de vida está intimamente associado à temperatura ambiente, provocam prejuízos significativos ao mesmo tempo:

- para o ambiente (moscas, transmissão de zoonoses);
- para a criação pelo seu papel patogênico direto, sua intervenção como vetor de parasitas ou devido a seu próprio poder de destruição (invasão dos materiais de isolamento térmico pelos ácaros, galerias nas madeiras).

As aberturas voltadas para o corredor central, maternidade, quarentena, enfermaria e cozinha devem estar, na medida do possível, protegidas por mosquiteiros cujas malhas não ultrapassem 2 mm e as portas estejam protegidas por cortinas de fitas.
É preciso evitar manter desnecessariamente áreas propícias ao desenvolvimento de insetos ou ácaros, tais como:
- fontes de água estagnada (charcos, recipientes abandonados, etc.);
- áreas quentes e úmidas: nos insetos transcorrem em média 100 a 150 dias entre a postura dos ovos e o aparecimento das formas adultas a uma temperatura constante de 20° C. Se esta temperatura for aumentada em 10° C, o ciclo passa a ser de 21 dias! Em compensação, abaixo de 12° C a maioria dos ciclos é bloqueada sob uma forma de resistência, que espera por dias melhores para retomar o seu desenvolvimento;
- palha;
- sótãos e tetos falsos;
- reservas de alimento muito abundantes, guardadas por tempo excessivo, a não ser que estejam protegidas em recipientes herméticos. Na medida do possível, é preciso separar o local de armazenamento dos alimentos do local de preparação das refeições e evitar conservar nele os objetos inúteis para esta função (cestos, instrumentos de limpeza). É importante respeitar uma rotação dos estoques conforme o clássico método "o primeiro a entrar será o primeiro a sair";
- lixos, que devem ser tão pequenos quanto possível para obrigar a uma renovação freqüente.

As lâmpadas actínicas com uma resistência elétrica que eliminam os insetos são perfeitamente adequadas para os locais fechados. Entretanto, elas são insuficientes em ambientes externos, onde é quase sempre necessário recorrer a agentes químicos.
A escolha dos inseticidas irá se orientar para produtos de alto poder residual e não-tóxicos para os cães por lambedura ou por contato. Algumas substâncias, tais como os piretróides ou os carbamatos, apresentam uma grande segurança de utilização para os animais de sangue quente. Entretanto, é preciso ser prudente e evitar todo e qualquer contato com as fêmeas em gestação (riscos de más formações fetais com o carbaril).
Eles também podem ser utilizados de forma preventiva (antes da época dos insetos ou durante os vazios sanitários) ou curativa durante o verão, de acordo com o seu poder residual.
O inseticida deve ser pulverizado na ausência de animais, começando pelos tetos, depois as paredes e finalmente os solos. É importante insistir especialmente:
- nas partes em madeira quando estão com carunchos;
- nos tetos duplos ou solos duplos, cuja escuridão é propícia ao desenvolvimento das larvas;
- nas estantes com tubos ocos que são verdadeiros ninhos de insetos. Os cadáveres de insetos serão eliminados por aspiração antes da primeira desinfeção e a bolsa regularmente esvaziada, a não ser que nela se coloque um pedaço de coleira inseticida como fazem muitos criadores, com sucesso.

Os produtos mais utilizados nos locais de criação são compostos à base de tintas, que afastam e matam os insetos. Estas tintas, misturadas com caulim (que aumenta o poder residual e pinta os locais em branco) e com uma cola (que evita que o pêlo dos cães fique branco quando eles se esfregam nela) são aplicadas com pincel ou com rolo, devendo-se insistir especialmente ao redor das aberturas e das fontes de luz.
É interessante variar os produtos utilizados para antecipar futuras resistências desenvolvidas pelos insetos.
Como todos os inseticidas autorizados são biodegradáveis, eles não serão eficazes por muito tempo no tratamento das fossas. Para esta finalidade, a adição de óleo de motor a cada dois meses (meio litro de óleo para 10 m^3 de dejetos) geralmente é suficiente para prevenir o desenvolvimento de ovos e de larvas, sem poluir excessivamente o ambiente.
Caso estas medidas se mostrem insuficientes, pode-se completar sua ação com armadilhas adesivas para insetos ou de fabricação caseira, como a clássica fita matamoscas.
Barras tratadas com inseticidas podem ser colocadas debaixo das portas para diminuir as invasões de insetos rastejantes.
A distribuição geográfica de algumas doenças acompanha exatamente as áreas de proliferação dos seus vetores (biótopo).
Em área de enzooses, deve-se tomar algumas precauções básicas adaptadas aos fatores de risco regionais:
- Evitar as cores escuras que atraem e camuflam os insetos.
- Colocar os cães nos boxes ao crepúsculo (hora de saída dos pernilongos vetores).
- Preferir instalações em maiores altitudes (os flebótomos, que são os vetores da leishmaniose, voam a menos de um metro de altitude).
- Redobrar a vigilância durante a estação de proliferação dos vetores.
- Proteger os cães contra as picadas, especialmente em torno do chanfro, visto que os colares inseticidas raramente conseguem proteger o corpo todo, principalmente nas raças grandes. Em compensação, algumas coleiras acaricidas se mostram muito eficazes contra carrapatos, sarnas e trombídeos.
- Como último recurso, não desprezar as possibilidades de vacinação antiparasitária (babesiose, leshmaniose, dirofilariose) embora estas ainda sejam pesadas, caras e de eficácia transitória na criação canina.

Os roedores

Os roedores são vetores de doenças em potencial, através de mordidas, de seus dejetos, urina, pulgas e até mesmo através de sua carne.
Dentre essas doenças, apenas a leptospirose em cães ainda preocupa na França.
Os prejuízos causados pelos roedores se referem, na verdade, essencialmente às depredações:
- aos materiais de isolamento térmico (sotão);
- às instalações elétricas (riscos de incêndio);
- às paredes (fissuras).

Além disso, as perdas de alimentos estão longe de serem desprezíveis, visto que um rato consome em média o seu próprio peso em alimentos por dia!
A limpeza dos locais e a ausência de alimentos expostos constituem naturalmente a primeira etapa incontornável de uma boa prevenção.
Em seguida é necessário identificar as espécies locais (rato de esgoto, rato de celeiro, camundongo) a fim de adaptar as barreiras ao seu modo de vida.
A profundidade de enterramento e o tamanho das malhas da cerca ao redor do canil, assim como as proximidades dos locais de armazenamento de estocagem dos alimentos devem estar adaptados às capacidades de escavação de túneis e ao tamanho dos roedores.
Degraus de pelo menos 30 cm poderão proteger a entrada da cozinha de modo eficiente.
A vedação ou proteção de todas as aberturas por uma cerca (malhas metálicas inferiores a 15 mm, canalizações, ondulações do telhado) poderá ser útil.
Além disso é preciso evitar as plantas trepadeiras nas paredes, que podem servir como escadas para os roedores e atrair insetos e pássaros.
Assinalemos por fim a possibilidade de assinar um "contrato sanitário" com firmas especializadas, que se encarregam de identificar os animais prejudiciais e de instalar armadilhas nas suas áreas de passagem potenciais.
O melhor e mais barato meio ainda é, quando possível, o combate biológico, com o auxílio de gatos, com alguns inevitáveis problemas de promiscuidade com os cães!
Os produtos raticidas geralmente são venenos anti-coagulantes, que levam a hemorragias internas fatais. O seu efeito retardado (às vezes mais de três dias), utilizado para enganar a desconfiança habitual dos roedores, explica porque é raro encontrar os seus cadáveres próximo às iscas. Como estes venenos são apetitosos e tóxicos para a maioria das espécies (incluindo as crianças!) eles devem ser utilizados com muita precaução. Eles também são indiretamente tóxicos para os gatos, que se alimentam de ratos envenenados. Desta forma, estes venenos não devem ser utilizados quando

também são utilizados gatos para a desratização.
Antes de empregar este método, convém também adotar as seguintes pecauções:

• Identificar a(s) espécie(s) alvo(s): o suporte da isca varia em função dos hábitos alimentares do roedor a ser destruído:
- trigo para o rato preto de celeiro;
- aveia descascada para o camundongo, que só consome a parte interna dos grãos;
• Seguir escrupulosamente as indicações do fabricante.
• Não manipular os produtos sem luvas para evitar deixar odores suspeitos.
• Reabastecer os postos a cada 2 ou 3 dias.
• Alternar os produtos (riscos de resistência ao produto).
• Colocar as iscas em lugares escuros (produtos instáveis à luz).

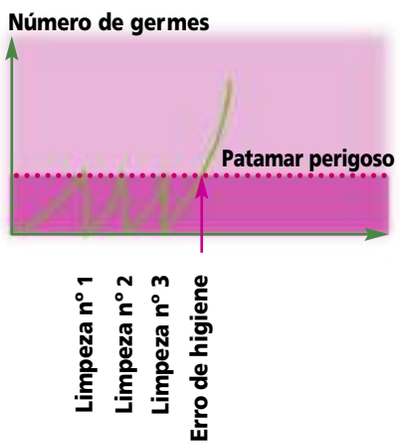
Note-se finalmente que, a cada ano, médicos e veterinários devem tratar casos de intoxicação com raticidas e que, por razões de segurança evidentes, a destruição destes animais é severamente regulamentada pela lei francesa. Para evitar qualquer erro, é melhor utilizar os serviços de uma empresa especializada.

Higiene e salubridade

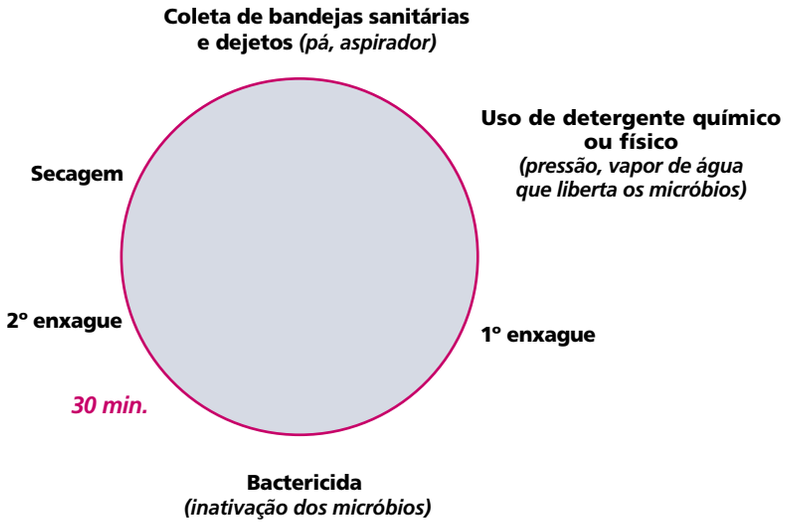
O respeito às regras básicas de higiene é a melhor prevenção à maioria dos animais prejudiciais.
Porém, antes de mais nada é preciso dominar os princípios gerais da limpeza e de salubridade e, em uma segunda fase, saber escolher os produtos mais eficazes para a utilização desejada.

Princípios gerais da higiene

A manutenção sanitária do canil é um combate permanente contra inimigos (bactérias, vírus, fungos, parasitas) que ameaçam os cães, os alimentos, a água de beber ou as construções.
Estes elementos prejudiciais são transportados por vetores (excrementos, botas, vento, insetos, roedores).
É possível combatê-los com meios físicos (calor, raios ultravioleta, alta pressão) ou químicos (detergentes, desinfetantes), preventivos ou curativos.
Existem portanto vários meios de bloquear a entrada à contaminação.



As etapas da higiene



Naturalmente não se trata de manter as estruturas permanentemente estéreis (ausência total de germes), mas apenas de chegar a um equilíbrio entre a carga microbiana ambiente e a capacidade de defesa dos cães, cuidando para manter um meio desfavorável ao desenvolvimento de agentes patogênicos. Quando o meio lhes é favorável, as bactérias se fixam nas superfícies (fatores de adesão) e se multiplicam muito rapidamente, de maneira exponencial (a cada geração, cada bactéria de divide em duas).
A limpeza consistirá em desincrustrar as matérias orgânicas com a ajuda de um detergente e da força dos braços.
Segue-se então a etapa com o desinfetante, que visa combater o desenvolvimento dos germes restantes (efeitos bacteriostático, vírustatico) ou a destruição da maioria dos germes sensíveis (efeitos bactericida, viricida).
Um desinfetante bem escolhido deve ter um espectro de ação que cobre os germes em causa, ou seja, que destruirá por exemplo 99% dos inimigos na primeira utilização e 99% do 1% restante na segunda utilização, antes que eles possam se reproduzir.
O simples fato de omitir uma seqüência de limpeza (descanso do final de semana por exemplo) pode permitir um desenvolvimento perigoso de germes patogênicos.
O conhecimento dos seguintes princípios pode ajudar o leitor a conceber melhor a higiene da sua criação.

• "Prevenir é sempre melhor do que remediar": a seringa não substitui a higiene da criação.
• Uma superfície aparentemente lisa pode esconder nos seus riscos ou nas suas anfractuosidades uma superfície real bem mais significativa.
Isto explica porque materiais como o inox ou os azulejos são mais fáceis de desinfetar do que um metal enferrujado ou uma tábua de madeira que oferecem aos germes maiores oportunidades de abrigo e de adesão.
• Alguns fatores físicos, tais como a temperatura (tanto o frio como o calor), a higrometria ou as radiações (UV) são capazes de inibir a proliferação bacteriana.

Recorde-se que, de maneira geral, as temperaturas mornas, a falta de insolação e a umidade são fatores desfavoráveis a uma boa higiene.
Portanto, será conveniente reforçar a atividade da maioria dos desinfetantes diluindo-os em água quente e usando-os durante o período de insolação dos pátios.

• É sempre preferível uma boa limpeza sem desinfetante a um desinfetante sem limpeza. Ao tornar a água mais "molhante", a utilização de um detergente (sabão por exemplo) permite eliminar as matérias orgânicas para depois expor os micróbios à ação dos desinfetantes.
Além disso, muitos desinfetantes perdem a sua eficácia na presença de matérias orgânicas (excrementos, sujeira).
Estas formam, por contato, uma crosta que as abriga e protege contra a ação do desinfetante.
Por esta razão é conveniente proceder em três etapas separadas (detergente, enxagüe, desinfetante) ao invés de utilizar produtos mistos que, embora permitam ganhar tempo, nunca atingem uma eficácia comparável. Assim, mergulhar instrumentos sujos num balde com água sanitária dá uma falsa segurança visto que a água sanitária é pouco ativa na presença de matérias orgânicas.
Seria mais aconselhável a retirada mecânica da sujeira ou deixá-la mergulhada em um produto detergente.
A queima das matérias orgânicas (com o lança-chamas por exemplo) provoca efeitos comparáveis à retirada das crostas por coagulação das proteínas de superfície. Portanto, ela só é aconselhável após ter retirado toda sujeira da superfície.
Em resumo, mesmo que pareça paradoxal, "só se podem desinfetar corretamente superfícies já limpas".

• Cada produto desinfetante possui um espectro de ação, ou seja uma lista de micróbios contra os quais normalmente ele é eficaz.
Os germes geralmente mais resistentes são os esporos bacterianos (forma de resistência de determinadas bactérias frente a um meio que se tornou desfavorável),

os ovos de parasitas e os fungos.
Como vimos anteriormente para os insetos, a utilização repetitiva de um mesmo desinfetante pode levar à seleção de germes resistentes, que se desenvolvem então em total impunidade. Uma higiene eficaz passa portanto pela alternância dos produtos utilizados.
Evidentemente, esta alternância não significa mistura, porque alguns desinfetantes são incompatíveis entre si.
Recomenda-se utilizar um desinfetante alcalino 6 vezes em 7 dias (ativo contra as sujeiras orgânicas) e completar a sua ação com um desinfetante ácido (ativo contra a maioria das sujeiras minerais).

• Alguns produtos, como os sais de amônia quaternária, são pouco ativos em água calcárea.
O criador pode mandar verificar a qualidade da sua água ou instalar um retificador de dureza da água, que também irá preservar as canalizações e a bomba de alta pressão de um acúmulo de tártaro, prejudicial à sua duração de vida e ao seu funcionamento.
Outros desinfetantes, tais como a água sanitária, são utilizados em diferentes diluições em função dos objetivos desejados.

• A maioria dos desinfetantes é mais ativa em água quente. Portanto, será necessário considerar este fator na escolha dos produtos expostos ao frio (pedilúvios). Geralmente, quanto mais baixa a temperatura, maior deverá ser a duração do tempo de aplicação do produto.
Além disso, alguns desinfetantes modernos apresentam a vantagem de perderem a sua coloração ao perderem sua atividade (controle visual).

• Os desinfetantes têm freqüentemente um poder residual muito fraco (menos de seis horas), que depende essencialmente do excipiente.

• Outros são instáveis à luz. Portanto é preciso verificar sua data de fabricação e evitar fazer falsas economias guardando-os por um tempo excessivo(mesmo em vasilhames de plástico, a água sanitária fica menos ativa depois de apenas três meses de armazenamento).

Escolha dos produtos

Ao contrário dos desinfetantes, o criador poderá escolher um ou dois detergentes e evitar mudanças se as qualidades mecânicas forem satisfatórias.
Se as águas de lavagem escorrem para uma fossa séptica, é preciso utilizar detergentes biodegradáveis e não os associar a outros produtos bacteriostáticos que perturbariam a decomposição natural da fossa.
Todos estes parâmetros devem ser considerados na escolha de um detergente. Na prática, a maioria dos detergentes podem ser utilizados na criação de cães.
Os critérios de escolha dos desinfetantes consideram várias características do produto (espectro de atividade, ausência de toxicidade, custo, atividade na presença de matéria orgânica), do suporte (resistência à corrosão) e dos objetivos que o criador almeja (desinfecção da atmosfera ou de um solo, por exemplo).
Infelizmente não existe desinfetante universal capaz de destruir todos os germes patogênicos (especialmente as formas de resistência).
Da mesma forma que não existem bons ou maus anti-sépticos para serem aplicados a uma ferida, não existem bons ou maus desinfetantes para tratar uma superfície.
Existem apenas más indicações (produto mal escolhido em função dos objetivos) ou erros de utilização quando o produto é utilizado sob uma forma muito concentrada, muito frio, ou em desacordo com suas indicações.
Fora de um contexto infeccioso, é difícil para um criador verificar por si mesmo a eficácia de um produto, visto que a ação ocorre ao nível microscópico.
Na França, uma estrutura especializada (INRA de Fougères) trabalha neste campo sob a égide do Ministério da Agricultura para atribuir homologações aos produtos novos que pretendem entrar no mercado.
A sua independência comercial torna-a de confiança e portanto capaz de escolher desinfetantes que tenham um número de homologação, um acordo do INRA e se possível, uma ação viricida comprovada.
Atualmente, das 314 especialidades desinfetantes homologadas para os tratamentos bactericidas nos locais de criação, apenas 76 estão autorizadas para os tratamentos contra os vírus.

Higiene alimentar

Embora os cães estejam pouco expostos às intoxicações alimentares (poucas bactérias resistem à forte acidez do seu estômago), são necessárias algumas precauções de higiene alimentar para o armazenamento, preparação e distribuição dos alimentos.
- Os alimentos devem ser conservados nas suas embalagens originais, ao abrigo da luz, umidade e do ar. Portanto, é preciso fechar hermeticamente as embalagens para evitar a oxidação e a formação de ranço nas gorduras ou transferir o seu conteúdo para recipientes herméticos, de aço inoxidável ou plástico. Os sacos de alimentos devem ser armazenados em locais altos, isolados do solo e das paredes e distante dos locais de água onde se lavam as vasilhas de alimentos (riscos de projeção). A duração do armazenamento deve ser diminuída para garantir o bom gosto (associado especialmente ao estado de conservação das gorduras) e a qualidade nutricional e vitamínica dos alimentos.
- O acesso ao local de armazenamento terá um pedilúvio (o entregador provém de uma outra criação) e um degrau contra os insetos rastejantes e os roedores.
- As janelas estarão protegidas por mosquiteiros, as paredes recobertas com uma tinta que afasta os insetos e o local equipado com uma lâmpada actínica na estação quente.
- As grandes peças congeladas não devem ser descongeladas à temperatura ambiente, visto que uma descongelação muito lenta permite uma proliferação bacteriana. Da mesma forma, os restos das refeições devem ser retirados rapidamente, principalmente quando o tempo está quente ou de trovoada.

O vazio sanitário

Esta técnica muito utilizada na criação de animais de produção consiste em tirar proveito da não-ocupação transitória de um local para desinfecção do local, o mais completamente possível. Entretanto, os produtos que podem ser utilizados para este fim podem ser tóxicos na presença dos animais. O vazio sanitário dura no mínimo oito dias para um local pequeno e quinze dias para uma construção inteira, partindo do princípio que os germes que sobrevivem à desinfeção morrerão por dessecação, por falta de suporte orgânico ou simplesmente de velhice. A título de exemplo, segue-se uma das técnicas aplicáveis na maternidade ou no local de quarentena de um canil:

1. Desmontagem e retirada de todos os acessórios e utensílios (casinhas, vasilhas)
2. Coleta ou aspiração de todos os detritos.
3. Limpeza dos solos e das paredes com bomba de alta pressão (80 a 150 kg/cm^3 correspondendo a um débito de aproximadamente 800 litros por hora) ou, melhor ainda, com jato de vapor em caso de problemas parasitários na criação.
4. Decapagem mecânica com uma escova e um detergente.
5. Primeira limpeza com desinfetante.
6. Primeiro combate aos insetos durante uma noite (separar bem da etapa precedente por razões de compatibilidade entre desinfetante e inseticida).
7. Aspiração dos cadáveres dos insetos.
8. Branqueamento das paredes e dos tetos com uma tinta inseticida adicionada de cola e de caulim.
9. No outro dia, limpeza da atmosfera com um desinfetante nebulizável a quente.
10. Repetir a aplicação de formol 48 horas antes da reintrodução dos animais.
É desejável repetir todas estas operações duas a três vezes por ano.

QUALIDADE DA ÁGUA NECESSÁRIA PARA A CRIAÇÃO CANINA (EXCETO BACTERIOLOGIA)

pH (medida da acidez)	6.5 < pH > 8.5
Dureza (nível de calcáreo)	< 30°F
Nitratos	< 50 mg/l
Ferro	< 0.2 mg/l

EXEMPLOS DA UTILIZAÇÃO DA ÁGUA SANITÁRIA A 12 GRAUS CLOROMÉTRICOS

Utilização	Diluição	Tempo de contato
Um alimento	2 gotas por litro de água	5 minutos
Louça	2 cL por balde de água	5 minutos
Superfícies lisas	20 cL por balde	5 minutos
Superfícies rugosas	1 L por balde	15 minutos
Canalizações	Pura	15 minutos.
Herbicida	Pura	aspersão

Declaração universal dos direitos dos animais

Preâmbulo

Considerando que todo animal possui direitos,

Considerando que o desconhecimento e o desprezo destes direitos levaram e continuam a levar o ser humano a cometer crimes em relação à natureza e aos animais,

Considerando que o reconhecimento pela espécie humana do direito à existência de outras espécies animais constitui o fundamento da coexistência das espécies no mundo,

Considerando que os genocídios são perpetrados pelo ser humano e podem ser repetidos,

Considerando que o respeito dos animais pelo ser humano está ligado ao respeito dos seres humanos entre si,

Considerando que a educação deve ensinar desde a infância a observar, compreender, respeitar e amar os animais,

Proclama-se que:

Artigo 1

Todos os animais nascem iguais perante a vida e têm os mesmos direitos à existência.

Artigo 2

1) Todo animal tem direito ao respeito.
2) O ser humano, como espécie animal, não se pode atribuir o direito de exterminar outros animais, ou de os explorar violando este direito: ele tem o dever de colocar os seus conhecimentos ao serviço dos animais.
3) Todo animal tem direito à atenção, aos cuidados e à proteção do ser humano.

Artigo 3

1) Nenhum animal será submetido a maus tratos nem a atos cruéis.
2) Se o sacrifício de um animal é necessário, será instantâneo, indolor e não gerador de angústia.

Artigo 4

1) Todo animal pertencente a uma espécie silvestre tem o direito de viver no seu próprio ambiente natural, terrestre, aéreo ou aquático e tem o direito de se reproduzir.
2) Qualquer privação de liberdade, mesmo que tenha finalidades educativas, é contrária a este direito.

Artigo 5

1) Todo animal pertencente a uma espécie vivendo tradicionalmente no ambiente do ser humano tem o direito de viver e de crescer ao ritmo e nas condições de vida e de liberdade que são próprias à sua espécie.
2) Qualquer modificação deste ritmo ou destas condições que seria imposta pelo ser humano para fins comerciais é contrário e este direito.

Artigo 6

1) Qualquer animal que o ser humano escolheu como companheiro tem o direito a uma duração de vida conforme sua longevidade natural.
2) O abandono de um animal é um ato cruel e degradante.

Artigo 7

Qualquer animal tem direito a uma limitação razoável da duração e da intensidade do trabalho, a uma alimentação reparadora e ao repouso.

Artigo 8

1) A experimentação animal implicando em sofrimento físico ou psicológico é incompatível com os direitos do animal, quer seja uma experimentação médica, comercial ou qualquer outra forma de experimentação.
2) Técnicas de substituição devem ser utilizadas e desenvolvidas.

Article 9

Quando a animal é criado para a alimentação, deve ser alimentado, alojado, transportado e abatido sem que disso resulte para ele ansiedade ou dor.

Artigo 10

1) Nenhum animal deve ser explorado para o divertimento do ser humano.
2) As exibições de animais e os espetáculos utilizando animais são incompatíveis com a dignidade dos animais

Article 11

1) Qualquer ato implicando no sacrifício do animal sem necessidade é um biocídio, ou seja, um crime contra a espécie.
2) A poluição e a destruição da ambiente natural conduzem ao genocídio.

Artigo 12

1) O animal deve ser tratado com respeito.
2) As cenas de violência das quais os animais são vítimas devem ser proibidas no cinema e na televisão, exceto quando têm como objetivo demonstrar uma infração dos direitos do animal.

Artigo 13

1) Os organismos de proteção e de defesa dos animais devem estar representados ao nível dos governos.
2) Os direitos do animal devem ser defendidos pela lei, como os direitos humanos.

Guia prático das saídas, transportes e viagens com o seu cão

Se o dono quer que o seu cão o acompanhe o mais freqüentemente possível, ele deverá acostumá-lo a todos os seus deslocamentos desde muito jovem e se informar sobre as possibilidades de aceitação do cão em todos os lugares onde vai. Eis aqui alguns conselhos para evitar surpresas desagradáveis.

Antes de sair de férias

- Um mês antes, certificar-se de que as vacinas estão em dia e, caso necessário, aplicar as doses de reforço pelo veterinário. Além das vacinas clássicas (cinomose, parvovirose, leptospirose, hepatite de Rubarth, raiva) é possível vacinar seu cão contra a babesiose, doença transmissível por alguns carrapatos e que se impõe conforme os destinos. O uso de coleiras antiparasitárias específicas permite reduzir a infestação pelos carrapatos e por outros parasitas externos.
- Se o cão não está habituado a terrenos ásperos, passar loções a base de ácido pícrico nas almofadas plantares para as endurecer.
- Pelo menos duas semanas antes:
Vermifugar o animal e preparar uma bolsa médica de urgência. Para uma estadia no exterior providenciar um certificado de saúde pelo veterinário.

Na véspera da partida

Dar uma refeição leve aproximadamente 10 horas antes de partir; depois deixar o cão em jejum durante todo o tempo de viagem para diminuir o risco de vômito, exceto se a viagem durar mais de 12 horas.
Preparar o material indispensável para os cuidados do cão: vasilhas de água e alimento, tapete para dormir, escova (e/ou pente).

No dia da viagem

Se o animal se torna doente ou angustiado com facilidade, administrar um medicamento contra náuseas ou um calmante prescrito pelo veterinário, que irá diminuir sua agitação. Mas cuidado! Um animal tranqüilizado às vezes tem dificuldades para caminhar: é preciso considerar isto, especialmente para os cães com um certo peso. Para acalmá-lo ligeiramente, bastam algumas gotas de um xarope antitussígeno à base de anti-histamínicos.
Antes de partir, levar o cão para passear. Providenciar plásticos e bolsas de papel para recolher as fezes nos locais de paradas durante a viagem.

A alimentação durante a viagem

É inútil impor ao animal um estresse adicional alterando também a sua alimentação. Se esta mudança for necessária, a transição deverá ser feita pelo menos três semanas antes da viagem.
Durante as férias, manter os mesmos horários habituais de refeições: uma a duas refeições por dia, conforme o caso. Pode acontecer de o cão se recusar a comer no começo da estadia. Não é preciso inquietar-se e não ceder oferecendo guloseimas: ele entenderia muito rapidamente a maneira de ser regularmente mimado. As quantidades deverão ser modificadas se acordo com a atividade do cão. Oferecer água freqüentemente.

O cão no hotel

No hotel, as bases da vida em sociedade se traduzem por regras de comportamento simples:
- prevenir a gerência da presença do cão quando se faz a reserva;
- não deixar o cão sozinho no quarto e levá-lo para passear pelo menos três vezes por dia;
- dentro do hotel, manter o cão na guia;
- evitar que ele ladre;
- respeitar os móveis, providenciar um canto para ele dormir, que não seja a cama ou o sofá.

O cão no restaurante

O melhor é fazer com que o cão coma antes, para evitar que peça à mesa. Caso se trate do restaurante do hotel em que se está hospedado, o melhor é prevenir o cozinheiro antecipadamente sobre o cardápio desejado para o cão, caso ele esteja acostumado com uma alimentação tradicional "carne-arroz-legumes".
Solicitar uma mesa um pouco afastada para respeitar a tranqüilidade do cão e a das outras pessoas.

O cão no carro

Isto não constitui nenhum problema para o cão se ele estiver acostumado a viajar de carro desde jovem, mas para prevenir os problemas da melhor maneira possível (nervosismo, agitação, latidos, vômitos), deve-se tomar o cuidado de:
- não alimentar o animal durante as dez horas que precedem a viagem, mas dar-lhe água; administrar um medicamento anti-hemético ou até mesmo um sedativo prescrito por um veterinário;
- não deixar o cão colocar a cabeça para fora da janela, para evitar uma irritação dos olhos e da orelha.
Em caso de trajeto longo, convém parar a cada duas horas para permitir ao animal descansar as patas e fazer as suas necessidades.
Cuidado! Nunca deixar um cão fechado dentro do carro estacionado ao sol, sob risco de que ele apanhe uma "insolação" (o interior de um carro pode chegar aos 70ºC!). Finalmente, em caso de acidente rodoviário, os ferimentos sofridos pelo animal são geralmente cobertos pelo seguro.
Uma longa distância a ser percorrida requer uma segurança máxima. O lugar do cão dentro do veículo é no banco de trás.
No interior do veículo, fica em sua companhia. Num carro maior, preparar um lugar confortável na parte de trás.
- Na parte de trás, é desaconselhável colocar um animal no bagageiro e formalmente proibido fechar completamente: as emanações do escape podem asfixiá-lo. Os dispositivos de abertura para a ventilação devem ser adaptados de acordo com as normas de segurança (a lei francesa proíbe fechar um animal num bagageiro que não tenha determinados critérios de ventilação).
- Se, mesmo assim, você optar por colocá-lo no bagageiro, saiba que existem equipamentos especialmente concebidos para este efeito.

O cão no trem

É o mais apreciado pelos nossos companheiros. A viagem de trem geralmente não traz nenhum problema para o cão; se tiver alguns receios, é preferível não o alimentar durante as dez horas que precedem a partida. Na França, a regulamentação da SNCF (Compagnia de Transportes Ferroviários) é muito precisa: o modo de transporte de cão depende do seu peso.

Para os outros países (Alemanha, Áustria, Bélgica, Holanda, Itália, Portugal e Suíça) as regras em vigor são as mesmas: com a guia, focinheira, meia-passagem, com exceção da Espanha e da Grã-Bretanha, onde os animais não são admitidos nos vagões de passageiros. Eles são colocados no furgão do comboio mediante o pagamento de uma taxa.

O cão no avião

A fim de permitir ao animal viajar confortavelmente e sem problemas de estresse ou de vômito, deve-se tomar o cuidado de:
- não o alimentar nas dez horas que precedem a partida,
- administrar um medicamento anti-hemético trinta minutos antes do embarque ou um sedativo prescrito pelo veterinário para os animais muito nervosos,
- deixar com que ele faça as suas necessidades antes de o colocar na caixa.
Feito isto tudo irá correr bem!
Ele pode ir na cabine ou deve viajar no porão? É sempre o peso do cão que determina o seu conforto e o seu lugar. Nos dois casos, você deverá avisar a companhia da sua presença no momento em que fizer as reservas.

De barco

Para todos aqueles que consideram a possibilidade de um cruzeiro, a única preocupação das companhias marítimas é de lhe oferecer a mais ampla variedade de prazeres e de divertimento a bordo. Contudo, você terá que renunciar fazer a "volta ao mundo" com o seu cão. A legislação internacional proíbe o embarque de animais domésticos.

Nos transportes urbanos

Além das fronteiras, no conjunto dos países europeus vizinhos, os cães são em grande parte "tolerados". As regras em uso são as mesmas: mantidos na guia, com focinheira e deverá pagar o valor de meia-passagem.
Antes de resolver se deslocar com o seu cão, assegure-se assim mesmo destas regras.
Quanto aos táxis, a cão só pode viajar com o acordo do motorista.

Nos parques e jardins

Os cães são proibidos nos jardins públicos por razões de higiene e de segurança.
Alguns parques os toleram com a guia ou em liberdade.
Nas florestas há condições que devem ser respeitadas, especialmente no que se refere à liberdade do animal.
Na maioria das vezes os parques nacionais e reservas são proibidos aos cães, mesmo com guia.
As praias são freqüentemente autorizadas aos cães com guia, sob reserva que o proprietário recolha os eventuais dejetos de seu cão e respeite a tranqüilidade de todos: nada de escavações intempestivas na areia, nem de incomodar os banhistas.
Os cães de auxílio às pessoas deficientes constituem uma exceção às regras anteriormente citadas, estando autorizadas a acompanhar sempre o seu dono.

Nos locais públicos

Os cães não são freqüentemente tolerados nos hospitais, exceto naqueles equipados com locais destinados a receber animais com um objetivo psicológico e curativo.
Alguns lares de idosos aceitam os animais familiares.
Evidentemente, os animais devem ser calmos, limpos e mantidos na guia, ou até mesmo com focinheira, caso seja necessário ou exigido.

No hotel para cães

Existem de vários tipos, com muitos animais, em casinhas ou em boxes. O essencial é visitar o estabelecimento antes para ter a certeza de que é homologado, são e em um ambiente agradável. Os cães se adaptam muito bem à vida de canil, mesmo que nunca tenham vivido em um antes. As queixas da separação não devem causar no proprietário um sentimento de culpa. Qualquer que seja a solução considerada, é necessário informar o responsável sobre o estado de saúde do animal, deixar a carteira de vacinação com ele com as coordenadas do veterinário habitual. Também convém informar sobre a alimentação e "hábitos" do animal para evitar perturbações inúteis. Também podem ser deixados alguns objetos pessoais do animal (cobertores, brinquedos). Em caso de ansiedade de separação muito pronunciada, falar com o veterinário, que poderá dar conselhos para que a partida do dono ocorra em boas condições.

Os reflexos administrativos

Seguro

Antes de partir, verificar no seu contrato, "chefe de família" ou "multiriscos residência" que a presença do seu cão se encontra mencionada.
O seguro "responsabilidade civil" obrigatório lhe garante contra os danos que o seu companheiro pode ocasionar às outras pessoas: desde o acidente que provocou, aos danos no material do hotel durante a sua ausência, às mordidas, etc.
- Ler cuidadosamente o contrato: alguns riscos não são necessariamente cobertos, podendo haver exclusões importantes.
- Subscrever (pelo menos na França) um seguro "cão". Ele tem a vantagem de cobrir não somente aquele que subscreve mas também qualquer pessoa a quem o cão seja confiado – uma pessoa que garante a guarda apenas a título gratuito.

Assistência

Contratar uma assistência de socorro internacional e fazer com que seja especificado que o seu cão será cuidado em caso de repatriamento sanitário.
- Sempre deixar endereço ou telefone de parente ou amigo para entrar em contato em caso de necessidade.
- Para os animais perdidos ou encontrados: alertar imediatamente a delegacia e o veterinário mais próximos.
Se perder os papéis do seu cão durante a viagem: isto só pode ser grave para os papéis obrigatórios como o certificado anti-rábico ou o certificado de saúde. Para evitar qualquer problema, fazer um xerox de todos os documentos antes de sair de férias; contatar o mais rapidamente possível o veterinário que fez as vacinações para lhe pedir que envie uma duplicata do certificado e assinalar à polícia para obter um atestado de extravio. Para o certificado de saúde, ir ao veterinário mais próximo para fazer outro

As formalidades alfandegárias

Para o trânsito de animais domésticos, a legislação dos países membros da União Européia não é modificada desde 1993. Serão exigidos dois certificados obrigatórios:
- O certificado de saúde
É estabelecido por um veterinário menos de uma semana antes da sua partida, devendo-se contar entre três e cinco dias antes de atravessar a fronteira.
Solicitar um certificado sanitário internacional. É um formulário redigido em quatro línguas (para a Europa por exemplo, a Alemanha exige o certificado traduzido).
- Para a entrada na alfândega francesa, o certificado de saúde não pode datar de mais de dez dias. Se estiver fora por um tempo mais longo, pense no retorno do seu cão, e solicite um novo certificado no local.
- O certificado de vacinação anti-rábica.
O cão só poderá atravessar a fronteira se a última vacinação datar de no mínimo trinta dias e no máximo um ano (o prazo de trinta dias não se aplica no caso de um reforço).
O mesmo também é exigido no caso de um retorno à França.

A quarentena

Ainda se encontra em vigor nos países insulares, que exigem seis meses de quarentena. Os custos de alojamento ficam evidentemente a cargo do proprietário.

O único conselho que podemos lhe dar é que considere a possibilidade de levar o seu cão apenas em estadias prolongadas!

Qualquer que seja o meio de transporte utilizado, é preciso respeitar algumas regras: cuidar para que a temperatura ambiente não seja muito alta, se necessário fazer uma corrente de ar ou molhar a sua cabeça com um pano úmido; o excesso de calor é um acidente muito grave que requer a intervenção urgente do veterinário.
Fazer paradas e oferecer-lhe água com frequência, pelo menos a cada duas horas em caso de calor intenso.

Primeiros socorros

A febre e a temperatura

Com excessiva frequência, os proprietários de animais de companhia acreditam que, quando o nariz do seu cão está quente, isto significa que ele tem febre. Esta idéia não tem fundamento, mesmo que seja parcialmente verdadeira.

O que ocorre na realidade?
Várias noções são importantes:

1. A hipertermia (aumento da temperatura corporal)
Pode ter várias causas.
*** Externa:**
Essencialmente calor excessivo no cão que ficou dentro de um carro ao sol.
*** Interna e fisiológica**
Esta hipertermia é normal e está associada a um esforço, uma emoção ou uma excitação (é o caso do cão que arfa fortemente quando o tempo está muito quente). Neste caso, o aumento da temperatura não será acompanhado por uma alteração do estado geral.
***Interna e patológica**
Em todos os casos de doença (infecciosa, viral, parasitária). Nestes casos, nota-se uma modificação do estado geral: fadiga, abatimento e perda de apetite.

2. O calafrio
Se o cão tem um calafrio, é um sinal de hipertermia?
- Nem sempre, porque o calafrio pode ser fisiológico, como por exemplo no caso em que o cão tem frio (o que não é muito frequente), quando tem medo ou quando está ansioso (no veterinário, por exemplo).
- Pode ser patológico. No caso de doença acompanhada por um forte aumento ou até uma diminuição da temperatura corporal.

Voltemos à excitação dita febril.
*** Fisiológico:**
Cada esforço ou excitação é acompanhado por um aumento da temperatura, com aceleração da respiração e o cão fica com a boca aberta.
Todas as mucosas se congestionam (língua, olhos, nariz). O cão, que praticamente só transpira pela boca, arfa para regular o aumento da temperatura: ele "transpira".
*** Patológico:**
Algumas doenças graves podem ser a causa de uma excitação febril (intoxicação por venenos, afecção cerebral, algumas doenças virais como cinomose, raiva ou hipocalcemias da cadela em lactação) e se manifestam por convulsões.

Tomada de temperatura:
Quando se toma a temperatura do animal é preciso considerar tudo aquilo que foi relatado acima.
A temperatura corporal normal do cão e do gato é de 38,5 a 39ºC, ou seja, 1ºC em média superior à do ser humano. Entretanto, 40ºC são, para o cão, tão grave quanto para o ser humano, sendo a margem reduzida.
Se o dono estiver inquieto é melhor verificar a temperatura do seu animal quando ele estiver calmo e em repouso, antes de consultar o veterinário, nunca depois de uma corrida de uma hora a uma temperatura ambiente de 35ºC.

Nota sobre a temperatura corporal:
As pulgas do cão e do gato raramente picam seres humanos quando podem escolher entre os humanos e o cão da casa, simplesmente porque preferem se alimentar de sangue a 39ºC, pois o sangue a 37º C absolutamente não lhes convém.

Três maneiras para segurar corretamente o cão ferido.

TRAUMATISMOS GRAVES

A diversidade de lesões do tipo feridas, contusões, hemorragias e queimaduras é vasta, tanto em quantidade quanto em grau de gravidade. Eis as mais graves.

FERIDA COM HEMORRAGIA PROFUSA: ***a hemorragia pode ser venosa (sangue escuro que escorre em charco) ou arterial (sangue vermelho claro que escorre em repuxos). Em todos os casos é necessário comprimir a área hemorrágica com compressas limpas. Para uma hemorragia arterial é preciso comprimir a artéria com a ajuda do dedo ou do punho (o garrote é desaconselhado). É necessária uma consulta ao veterinário***

TRAUMATISMOS CRANIANOS E OCULARES: ***estão freqüentemente relacionados a um acidente rodoviário ou de caça. O animal deve ser levado o mais depressa possível ao veterinário, evitando que balance demais.***

TRAUMATISMO DA MEDULA: ***também se deve ir ao veterinário o mais depressa possível, transportando o animal de uma maneira que respeite o alinhamento cabeça-tronco-bacia.***

FRATURAS EXPOSTAS E CONTUSAS: ***embora só raramente constituam uma urgência vital, o risco de infecção e a dor presente fazem delas urgências relativamente graves. Convém imobilizar a fratura com os meios disponíveis (pedaço de madeira) cobrindo as superfícies lesadas com compressas úmidas antes de ir para o veterinário.***

MORDIDAS DE COBRAS: ***qualquer que seja a cobra, em primeiro lugar é preciso evitar manipular a ferida (sucção, sangramento) e se possível colocar uma bolsa de gelo sobre a mordida e levar o animal ao veterinário com a maior calma possível.***

As frieiras

São observadas principalmente no cão de trenó ou em montanhas altas, nas áreas do corpo mais expostas, tais como testículos, pênis e tetas. As consequências são idênticas às das queimaduras. A particularidade é que é preciso aquecer (em água a 30° C) lentamente as áreas geladas só quando se tem a certeza que não irão congelar de novo (caso o cão tenha que ir novamente para o exterior, por exemplo). Caso não se tenha certeza, é melhor procurar manter a frieira.

A dificuldade respiratória

Está presente quando ocorre perda dos reflexos respiratórios (com parte da consciência) ou obstrução das vias respiratórias. Esta obstrução pode ser de origem externa (corpo estranho na garganta, afogamento) ou interna (colapso traqueal, hemorragia pulmonar). É preciso levar o animal com urgência ao veterinário. Em caso de obstrução de origem externa pode-se tentar evacuar o corpo estranho pegando o cão pelas patas traseiras e sacudindo-o para baixo. O "boca a focinho" pode ser realizado soprando ar no nariz do cão de boca fechada ao ritmo de uma insuflação a cada 5 segundos aproximadamente.
Convém verificar, colocando a mão contra o tórax por trás do cotovelo esquerdo, se o animal também não apresenta uma falha cardíaca. Se for este o caso, é preciso associar o "boca a focinho" com a massagem cardíaca. Para tanto, o animal é colocado sobre o lado direito e estimula-se o coração pressionando com força na parte baixa do tórax entre a terceira e a quinta costela, ao ritmo de cinco pressões entre cada insuflação.
Neste caso, a sobrevivência do cão é realmente aleatória e o tempo de salvamento é contado em minutos.

A síndrome da torção gástrica

É uma lesão própria dos cães de raças grandes e gigantes. O estômago se dilata e gira sobre o seu eixo comprimindo órgãos importantes (baço, diafragma) e a circulação sangüínea. Quando se tem um cão "de risco" o melhor a fazer é prevenir (subdividir a quantidade de alimento em várias refeições e evitar qualquer exercício após as refeições) e saber reconhecer os sintomas precocemente.

Em um primeiro instante, o animal saliva, o seu abdômen se torna duro e doloroso (neste estágio, não necessariamente muito inchado) e ele tenta vomitar constantemente. Na fase seguinte, ele se deita, começa a inchar muito rapidamente e apresenta dificuldades respiratórias. Neste estágio, se nada for feito, o animal morre muito rapidamente.

É preciso levar o cão com urgência ao veterinário mantendo-o aquecido, sem o impedir de vomitar, em uma posição que lhe permita respirar facilmente. Mesmo que a intervenção seja rápida, as complicações digestivas e cardíacas que freqüentemente acompanham a torção fazem com que a sobrevivência do cão seja hipotética durante pelo menos 48 horas.

As queimaduras graves

São extensas e/ou profundas, freqüentemente fatais se ultrapassam 2/3 da superfície corporal. Os casos mais freqüentes são três.

AS QUEIMADURAS POR ELETROCUSSÃO: ***são comuns nos filhotes que têm tendência a morder tudo, incluindo fios elétricos. Antes de mais nada convém cortar a corrente elétrica se o cão ficou em contato antes de o manipular e tentar reanimá-lo, se necessário. Se estiver fora de perigo, colocar água fria corrente em abundância (20 minutos) antes de consultar o veterinário.***

AS QUEIMADURAS POR CÁUSTICO: ***é preciso lavar de forma idêntica a área lesada. Se o animal ingeriu o produto tóxico não tentar fazer com que vomite nem com que engula nada. Ele deve ser levado com urgência ao veterinário.***

AS QUEIMADURAS POR CHAMA E HIPERTERMIA: ***as queimaduras graves (3º e 4º graus) são indolores no momento, depois aparece uma vala ao redor da área lesada e o centro se necrosa. O animal corre o risco de morrer por desidratação associada à perda de substancia ou a infeções secundárias. O animal deve evidentemente ser tratado imediatamente, também se pode deixar escorrer água abundantemente sobre a área lesada***

Aplicacação de uma injecão subcutânea

1- Segurar firmemente a pele situada atrás do, pescoço e entre as omoplatas a fim de fazer uma prega; desinfetar com algodão embebido de álcool.

2- Aplicar a agulha de modo a atravessar a pele onde foi formada a prega.

3- Aplicar a injeção mantendo a seringa perpendicular a prega da pele.

Bolsa de primeiros socorros

- Álcool
- Água oxigenada
- Gel desinfetante a base de derivados iodados
- Gel protetor gastro
- Argila anti-diarréia (smectite)
- Creme acidos graxos hiperoxidados
- Vermífugo polivalente
- Spray anti-pulgas
- Anti-náuseas
- Xarope contra tosse
- Aspirina 375 mg
- Produtos de higiene para o ouvido
- Spray para as almofadas plantares
- Pinça de epilação
- Tesouras de pontas arredondadas
- Termômetro
- Algodão
- Compressas
- Ataduras
- Faixas para imobilização
- Escova para os pêlos

Sub-luxação.
Ligeira deformação do membro.
Ligeiro deslocamento sem retorno à posição inicial.

Luxação.
Grande deformação do membro.
Grande deslocamento sem retorno à posição inicial.

Fraturas

Os diferentes tipos de fratura

Osso normal **Fissura** **Fratura parcial**

Fratura completa **Fratura exposta**

Perguntas/Respostas

O meu cão está com o coração acelerado:

O que se deve fazer:
Um cão cujo coração bate depressa sofre de taquicardia. Além do estresse, emoção e esforço, um aumento anormal da freqüência cardíaca sempre está relacionado a uma afecção grave. Portanto é preciso consultar o veterinário sem demora.

O que não se deve fazer:
Confundir os efeitos de uma simples emoção com um problema crônico.

Consulta veterinária?
Obrigatória, considerando a gravidade dos problemas cardíacos

O meu cão manca:

O que se deve fazer:
- Identificar a pata que manca e examinar detalhadamente as almofadas plantares e os dedos (corte, corpo estranho).
- Verificar se as articulações estão quentes e inchadas.
- Não procurar imobilizar o membro que o cão já não apoia.

O que não se deve fazer:
- Fazer o cão andar.
- Colocar uma tala sem um diagnóstico preciso.

Consulta veterinária?
Sim, visto que o cão parece sofrer e que não se trata de um simples problema de corpo estranho entre os dedos.
Se uma manqueira não se resolve em 48 horas é imprescindível uma consulta ao veterinário.

O meu cão tem dores de ouvidos:

O que se deve fazer:
- Limpar regularmente as orelhas.
- Depilar os pêlos das orelhas
- Verificar se não há algum objeto no conduto auditivo

O que não se deve fazer:
Limpar as orelhas com um cotonete.

Consulta veterinária?
Os riscos de uma otite mais ou menos grave ou de lesões internas devido aos corpos estranhos tornam a consulta veterinária altamente recomendada

O meu cão tem convulsões:

O que se deve fazer:
Colocar o cão sobre um cobertor e em lugar calmo para que não se machuque.

O que não se deve fazer:
- Tentar abrir a boca.
- Manipular o cão durante uma crise.
- Fazer com que ele beba água.

O meu cão se cortou:

O que se deve fazer:
- Comprimir a ferida para parar a hemorragia.
- Limpar a ferida com compressas e gaze depois de ter raspado os pêlos em volta da ferida.

O que não se deve fazer:
Fazer um garrote.

Consulta veterinária?
Não é necessária se o corte for pequeno (menos de um centímetro). Caso contrário, o veterinário terá que suturar.

O meu cão está com a pata quebrada:

O que se deve fazer:
Colocá-lo no seu cesto, deixá-lo tranqüilo e levá-lo urgentemente ao veterinário, evitando movimentos bruscos.

O que não se deve fazer:
Manipular muito o animal e tentar fazer uma tala.

Consulta veterinária?
Obrigatória e com urgência, em todos os casos.

O meu cão está paralisado:

O que se deve fazer:
Observar se ele mexe a cauda e as patas e se as suas extremidades têm sensibilidade.
Se estiver completamente paralisado, colocá-lo no seu cesto enrolado em um cobertor e chamar o veterinário.

O que não se deve fazer:
Manipular o cão ou tentar fazê-lo andar.

Consulta veterinária?
Obrigatória para diagnóstico e tratamento.

O meu cão perdeu os sentidos:

O que se deve fazer:
Se o coma ocorre depois de forte calor, é preciso esfriar o animal com um banho ou lençóis molhados. Não hesitar em fazer "respiração boca a focinho". Massagear as extremidades para fazer o sangue circular.

O que não se deve fazer:
- Alimentar ou dar água ao cão.
- Deixar o cão em um lugar quente.

Consulta veterinária
Obrigatória em todos os casos.

O meu cão tem dor nos olhos

O que se deve fazer:
Limpar os olhos com uma solução fisiológica ou lágrima artificial.

O que não se deve fazer:
Utilizar um colírio "polivalente".

Consulta veterinária?
É preciso consultar um veterinário quando os primeiros sintomas se prolongam por mais de 24 horas. Atualmente existem veterinários especializados em oftalmologia.

O meu cão se coça:

O que se deve fazer:
- Procurar parasitas externos ou pulgas (embora estas não fiquem constantemente no cão).
- Procurar feridas.
- Caso se trate de pulgas, é preciso tratar o cão e o seu ambiente.
- As feridas de coçar são freqüentemente recidivantes

O que não se deve fazer:
- Utilizar medicamentos apresentados como sendo "contra o eczema".
- Lavar o cão, pois algumas doenças localizadas poderiam então se alastrar.

Consulta veterinária?
Em caso de infecção parasitária o tratamento poderá ser suficiente. Mas algumas perturbações têm outra origem e uma consulta é sempre útil.

O meu cão se queimou:

O que se deve fazer:
- Limpar as feridas com uma solução de tipo Cetalon a 0,05% e aplicar um curativo esterilizado.
- Renovar o curativo duas vezes por dia e dar ao cão um calmante analgésico.

O que não se deve fazer:
- Desinfetar a ferida com um anti-séptico puro.
- Aplicar diretamente um curativo seco.
- Utilizar material não-esterilizado.

Consulta veterinária?
É necessária se as queimaduras forem extensas, porque as complicações médicas de uma queimadura são numerosas e graves.

O meu cão ingeriu um produto tóxico:

O que se deve fazer:
- Tentar encontrar o produto ou a planta tóxica em questão.
- Contatar imediatamente um veterinário.

O que não se deve fazer:

- Dar água, leite, ou qualquer outra coisa para beber.

- Fazer vomitar.

- Dar um laxativo.

- Limpar ou lavar a pelagem.

Consulta veterinária?
Consultar com urgência um veterinário.

O meu cão foi picado por uma abelha:

O que se deve fazer:
- Tentar retirar o ferrão com um alfinete.
- Desinfetar.

O que não se deve fazer:
- Dar um anti-histamínico ou outro medicamento.

Consulta veterinária?
Em caso de edema volumoso ou de picada no focinho, procurar urgentemente um veterinário.

O meu cão foi picado por uma cobra:

O que se deve fazer:
- Desinfetar a ferida.
- Manter o cão o mais calmo possível.
- Esfriar o local da picada (gelo).

O que não se deve fazer:
-- Fazer um garrote.
- Incisar e chupar a ferida.

Consulta veterinária?
Se possível, na hora que segue a picada e principalmente sem excitar o cão, carregando-o para não acelerar o seu ritmo cardíaco e conseqüentemente a difusão do veneno.

O meu cão urina muito:

O que se deve fazer
- Medir o volume de água que ele ingere durante o dia.
- Observar o seu apetite (normal, aumentado, menor).
- Verificar nas cadelas se não há pus na vulva.
- Pesar o animal.

O que não se deve fazer:

Diminuir o fornecimento de água.

Consulta veterinária?
Em todos os casos, porque há várias doenças graves que se iniciam como um quadro de diabetes e induzem uma poliúria.

O meu cão urina pus:

O que se deve fazer:
Caso se trate de uma infeção da vulva ou do prepúcio, simplesmente desinfetar duas ou três vezes ao dia com um desinfetante ginecológico.

O que não se deve fazer:

Desinfetar o local com substâncias irritantes.

Consulta veterinária?
Sempre, porque pode-se tratar de uma metrite (infeção do útero) ou de um abcesso da próstata.

O meu cão urina sangue:

O que se deve fazer:
No caso de uma cadela, verificar que não esteja simplesmente no cio.
Verificar a pelagem para procurar carrapatos se a urina apresentar uma coloração semelhante à coca-cola.

O que não se deve fazer:
Dar um antibiótico ou um antisséptico urinário.

Consulta veterinária?
Sim, em todos os casos, porque a presença de urina escura sempre está associada a uma doença grave.

O meu cão urina anormalmente:

O que se deve fazer:
Observar atentamente a maneira como o cão urina (freqüentemente em pequenas quantidades, involuntariamente).

O que não se deve fazer:
Tentar um tratamento sem consultar anteriormente um veterinário.

Consulta veterinária?
Sim, em todos os casos, dada a gravidade das infecções em questão.

Muitas infecções do cão requerem a intervenção de um veterinário o mais breve possível. Também existem situações especiais em que qualquer cuidado é impossível e situações de urgência, nas quais as funções vitais do cão estão afetadas. Gestos precisos e, principalmente, a rapidez da intervenção são fatores valiosos para preservar a vida do cão. Três regras devem ser observadas: ser o mais rápido possível, proteger o cão e proteger a si mesmo porque um animal ferido é imprevisível. Caso ele esteja consciente é preciso colocar a focinheira, exceto quando há risco de vômito. Não se deve colocar a focinheira em um animal inconsciente e deve-se tomar muito cuidado.

Insolação

É bastante comum vermos muitas vezes cães deixados sozinhos dentro de um veículo em pleno sol, ou mesmo na sombra com uma janela generosamente aberta…5 cm. Na maioria dos casos esta atitude é irresponsável. É preciso saber que, ao contrário do ser humano, o cão não transpira pela pele.
A transpiração ou sudação é um excelente sistema que permite ao ser humano efetuar trocas de calor com o exterior e impedir assim que a temperatura corporal suba muito depressa em casos de calor intenso.
Este sistema também é utilizado de forma artificial pelo gato que, se lambendo, deposita saliva sobre seu pêlo, permitindo assim a realização destas trocas térmicas.
Por outro lado, mesmo que a pele do cão não produza suor, necessário às trocas térmicas, o ar circulante num espaço aberto lhe permite refrescar-se por radiação e por condução.

Portanto o cão faz mais do que respirar pela boca, ele transpira.
O que se passa no mecanismo da insolação?

Num veículo quase fechado, submetido a uma forte temperatura externa, o cão começa a respirar fortemente para transpirar e fazer baixar a temperatura corporal, que aumenta.
Além disso, ele se encontra privado da possibilidade de fazer baixar a sua temperatura pela pele, visto que não dispõe de ar circulante (veículo fechado).
A temperatura corporal aumenta portanto perigosamente. Além disso, o cão que arfa esgota muito rapidamente o volume de ar são disponível no veículo e acaba por respirar ar já expirado, carregado de gás carbônico e pobre em oxigênio. A conjugação desses fatores faz com que o cão se torne muito rapidamente sensível ao surgimento de uma síncope.
O aparecimento é brutal, o cão está muitas vezes de pé, como atordoado, os membros afastados, com falta de ar, respirando depressa. Muitas vezes estas perturbações são acompanhadas por tremores ou até mesmo por convulsões.
A temperatura sobe até mais de 42°C, ele começa a vomitar e finalmente entra em estado de choque, que pode ser rapidamente irreversível.

Na medida do possível, é preciso agir muito rapidamente:
É preciso que a temperatura caia o mais rapidamente possível, mergulhando o cão em água morna progressivamente esfriada ou em água fresca num local ventilado.
Controlar a sua temperatura e o seu estado geral.
Levar o cão o mais rapidamente possível ao veterinário.

Quais são os animais de maior risco?
* Quanto maior o cão, mais depressa o ar do veículo irá saturar.
* Os cães cardíacos ou com dificuldades respiratórias correm o risco de ter muito rapidamente uma insolação, estando as trocas gasosas nos pulmões fortemente diminuídas.
* As raças de face curta (Boxer, Pequinês) têm maiores dificuldades para respirar do que as outras.
* Os animais estressados por natureza também poderão ser mais sensíveis à insolação.
* Os animais obesos, sendo a gordura um bom isolante.

Prevenção:
* Nunca deixar um cão num veículo ao sol sob calor forte.
* Nunca esquecer que, caso se deixe o carro à sombra, este pode vir a ficar ao sol em poucas horas.
* Deixar as janelas sempre suficientemente abertas.
*Nunca deixar um filhote, um animal idoso ou cardíaco num veículo ao calor, mesmo à sombra.

Doutor Marc Habib
Veterinário Paris (França)

Esta enciclopédia representa um avanço fundamental para o conhecimento do cão, na medida em que ela integra, pela primeira vez, as diferenças induzidas pela extrema diversidade de "tamanhos/pesos" da espécie canina.

Conforme o tamanho/peso, constata-se, de fato, algumas diferenças entre raças pequenas (menos de 10 kg), médias (10 a 25 kg), grandes (25 a 45 kg) e gigantes (45 a 90kg)

Aqui estão algumas das mais significativas:

- O peso e o número de filhotes no nascimento são diferentes: uma cadela de raça pequena trará ao mundo de 1 a 3 filhotes, cada um pesando cerca de 5% do peso desta, enquanto que uma cadela de raça grande terá ninhadas de 8 a 12 filhotes, pesando no máximo 1% do peso da mãe.

- O peso do tubo digestivo de um cão de raça grande representa apenas 2,7% de seu peso total, contra 7% para um cão de raça pequena, o que provoca uma grande disparidade em seus desempenhos digestivos (capacidade e sensibilidade).

- A amplitude e a duração do crescimento: na idade adulta, o filhote de raça pequena terá multiplicado por 20 o seu peso do nascimento, comparados a cerca de 50 para um filhote de raça média e 80 para a raça grande.

O cão de raça pequena atinge a idade adulta aos 8 meses, enquanto o de raça grande precisa esperar entre 18 e 24 meses.

- A duração média de vida varia de 15 anos para as raças pequenas, 13 anos para as médias e 10/11 anos para as raças grandes.

- Seu metabolismo é diferente. Assim, por exemplo, as necessidades energéticas de um cão de 50 kg não são 5 vezes, mas 3,3 vezes mais elevadas do que um cão de 10 kg.

- O temperamento difere também com o tamanho: os cães de raças grandes são, em geral, mais calmos do que os de raças pequenas, mas diferentemente deles precisam de mais espaço vital.

Essas diferenças entre raças pequenas, médias e grandes têm conseqüências no que se refere à saúde, alimentação e natureza das relações homem/cão.

Elaborada sob a direção do Professor Dominique GRANDJEAN e do Doutor Jean-Pierre VAISSAIRE, é fruto de uma estreita colaboração de vários especialistas, pesquisadores de escolas veterinárias européias e americanas e de nutricionistas do Centro de Pesquisa ROYAL CANIN de Saint-Nolff (França).

ANIWA.COM